Universidad de Huelva

Departamento Historia, Geografía y Antropología



Nuno Fernandes de Ataíde, o “nunca esta quedo” – A acção do capitão de Safim no apogeu da presença militar portuguesa em Marrocos

Memoria para optar al grado de doctor
presentada por:

Fernando José Matos Pessanha

Fecha de lectura: 15 de septiembre de 2023

Bajo la dirección de los doctores:

Antonio Sánchez González

Vitor Luis Gaspar Rodrigues

Huelva, 2023

CC BY NC ND

TESIS DOCTORAL

Programa de Doctorado Patrimonio

NUNO FERNANDES DE ATAÍDE, o "*nunca esta quedo*": A ACÇÃO DO CAPITÃO DE SAFIM NO APOGEU DA PRESENÇA MILITAR PORTUGUESA EM MARROCOS

Tesis presentada para optar al
grado de Doctor en el programa de
Doctorado en Patrimonio de la
Universidad de Huelva

Presentada por: Fernando José Matos Pessanha

<u>Dirección:</u>

Antonio Sánchez González

Vítor Luís Gaspar Rodrigues



Universidad de Huelva
2023

Declaração de autoria do trabalho

Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Copyright

A Universidade de Huelva tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objectivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Agradecimentos

Para a elaboração da presente tese de doutoramento foi fundamental a colaboração de um conjunto de pessoas sem as quais o resultado final seria, certamente, mais pobre. Agradeço, em primeiro lugar, aos meus orientadores, o Professor Doutor Antonio Sánchez González, da Universidade de Huelva, e ao Professor Doutor Vítor Gaspar Rodrigues, da Universidade de Lisboa, por terem partilhado comigo alguns dos seus vastos conhecimentos e por se terem mostrado sempre disponíveis, manifestando o maior interesse em me acompanhar na elaboração desta investigação.

De igual modo, cumpre-me recordar e aqui deixar registadas algumas palavras de reconhecimento a alguns académicos que muito admiro e que, em diferentes momentos da elaboração do presente trabalho, me agraciaram com os seus avisados conselhos. Antes de mais, ao Professor Doutor Luís Filipe Oliveira, da Universidade do Algarve, que sugeriu o tema da minha dissertação de mestrado, tendo sido durante a realização da mesma que me deparei com a figura de Nuno Fernandes de Ataíde. Refira-se, aliás, que a escolha para co-orientação portuguesa da presente tese de doutoramento deve-se à sábia recomendação deste mesmo docente.

Ao Professor Doutor Ahmed Tahiri, das Universidades Hassan II de Mohammedia e Abdel Malik Essaadi de Tetuão, e ao Arq. Frederico Mendes Paula, pelas várias impressões trocadas acerca da realidade norte-africana dos séculos XV e XVI, e que sempre tiveram para comigo palavras de ânimo e motivação com vista à conclusão deste trabalho. Ao Prof. Doutor João Gouveia Monteiro, da Universidade de Coimbra, agradeço a atenção de ter partilhado comigo alguns dos seus vastos conhecimentos no domínio da História Militar Medieval sempre que lhe foi solicitado. Aos Professores Doutores Manuel Fernández Chaves, da Universidade de Sevilha, Maria Augusta Lima Cruz e André Teixeira, ambos da Universidade Nova de Lisboa, pelas sugestões bibliográficas, conselhos, e pela pertinência das suas observações.

Por fim, mas não menos relevante, o meu agradecimento ao meu amigo e colega Dr. João Pereira, pelas múltiplas revisões ao texto que agora apresentamos; aos meus pais pela confiança em mim depositada; e à minha companheira Adela Mora Sevilla, não só pelo auxílio a nível do tratamento de mapas e tradução da conclusão, como também pelo seu infindável apoio anímico.

A todos vós a minha profunda gratidão.

Resumo

A presente tese de doutoramento tem como objecto de estudo a acção de Nuno Fernandes de Ataíde no Norte de África entre 1510, ano em que foi nomeado capitão de Safim, e 1516, ano da sua morte. Conhecido pelos seus contemporâneos como "*nunca esta quedo*", foi uma figura temida e respeitada por muçulmanos, judeus e cristãos, sendo responsável pela criação de um protectorado de "*mouros de pazes*" no sul marroquino e correspondendo a sua capitania ao apogeu da presença militar portuguesa em Marrocos, quando uma série de campanhas vitoriosas levou as armas lusas até às portas de Marraquexe e ao Grande Atlas. É nesse sentido que se torna imprescindível analisar a actuação de Nuno Fernandes de Ataíde no contexto do projecto imperial manuelino; a acção de um dos mais valorosos capitães da História da Expansão Portuguesa.

Palavras-chave: Nobreza, Algarve, Expansão Portuguesa, Norte de África.

Resumen

La presente tesis doctoral tiene como objetivo de estudio la acción de Nuno Fernandes de Ataíde en el Norte de África entre 1510, año en que fue nombrado capitán de Safim, y 1516, año de su muerte. Conocido por sus contemporáneos como el "el que nunca está quieto", fue una figura temida y respetada por musulmanes, judíos y cristianos, siendo responsable de la creación de un protectorado de moros vasallos de la corona portuguesa en el sur marroquí, y correspondiendo a su capitanía el apogeo de la presencia militar portuguesa en Marruecos, cuando una serie de campañas victoriosas llevó las armas lusas hasta las puertas de Marraquexe y el Gran Atlas. En ese sentido, resulta imprescindible analizar la actuación de Nuno Fernandes de Ataíde en el contexto del proyecto imperial manuelino; la acción de uno de los capitanes más valerosos de la Historia de la Expansión Portuguesa.

Palabras clave: Nobleza, Algarve, Expansión Portuguesa, Norte de África.

Índice

ABREVIATURAS 9

INTRODUÇÃO 11

- Justificação do tema 11

- Objectivos 13

- Fontes primárias 14

- Crónicas 16

- Genealogias 25

- O Estado da Questão 26

PARTE I 65

Capítulo 1 67

- INSERÇÃO SOCIO-FAMILIAR DE .....

NUNO FERNANDES DE ATAÍDE 67

1.1 - A família na transição da Idade Média para a Idade Moderna 67

1.2 - Ligações familiares do fidalgo 69

Capítulo 2 97

- DE ALCAIDE DE ALVOR A CAPITÃO DE SAFIM: ESRATÉGIAS DE ASCENÇÃO SOCIAL DE UM "NOBRE DE FUNÇÃO" 97

2.1 – O Património familiar 97

2.2 - O casamento e a descendência: estratégias de engrandecimento da sua casa e de perpetuação do seu nome. 107

2.3 - A rede clientelar 114

2.4 – O fronteiro 122

PARTE II 131

Capítulo 3 133

- A DUQUELA E SAFIM: SUA IMPORTÂNCIA NO QUADRO DA .....

EXPANSÃO PORTUGUESA EM MARROCOS 133

3.1 - A Expansão no Norte de África e a região da Duquela 133

3.2 - Safim: contextualização histórico/geográfica 173

Capítulo 4 209

- DA CONQUISTA PORTUGUESA À CAPITANIA DE.....

NUNO FERNANDES DE ATAÍDE 209

4.1 - O governo de Diogo de Azambuja 209

4.2 - O governo de Pedro de Azevedo 223

PARTE III 233

Capítulo 5 235

- A CAPITANIA NUNO FERNANDES DE ATAÍDE EM SAFIM: AFIRMAÇÃO DO SEU PODER NA REGIÃO (1510-1513) 235

5.1 – Estabelecimento em Safim 236

5.2 – O ataque inaugural: o castelo do "*mouro sancto*" 239

5.3 - A prova de fogo: o grande cerco de 1510 242

5.4 – Almedina e Conte: amadurecimento nas primeiras entradas 273

5.5 - A política punitiva: Xiátma/Regraga e Almedina 296

5.6 – Serra de Benimagra: o primeiro desbarato do rei de Marraquexe 314

5.7 - Campos de Aguz: o segundo desbarato do rei de Marraquexe 332

Capítulo 6 347

- CONSOLIDAÇÃO DO SEU PODER EM TORNO DE SAFIM E .....

EXPANSÃO PARA O INTERIOR MARROQUINO (1513-1516) 347

6.1 – Conflitos de competências entre Nuno Fernandes de Ataíde e Bentafufa: o apoio do monarca 347

6.2 – O ataque a Aleborge 364

6.3 - A conquista de Tednest: rivalidades entre Nuno Fernandes de Ataíde e D. João de Meneses 382

6.4 – A Batalha dos Alcaides 400

6.5 – A primeira aproximação a Marraquexe 420

6.6 – A guerra contra o xerife: o desbarato de Muley Ahmed Aláreje e as expedições contra Amagor, Agaballo e Algel 432

6.7 – O Ataque a Marraquexe 469

6.8 – O falecimento do capitão 534

CONCLUSIONES 565

GLOSSÁRIO 577

FONTES E BIBLIOGRAFIA 583

ANEXOS 671

ABREVIATURAS

A.G.I.: Archivo General de Indias

A.G.S.: Archivo General de Simancas

A.N.T.T.: Arquivo Nacional da Torre do Tombo

A.R.C.V.: Archivo de la Real Chancillería de Valladolid

B.L.: British Library

B.N.E.: Biblioteca Nacional de España

B.N.F.: Bibliothèque Nationale de France

B.N.P.: Biblioteca Nacional de Portugal

S.D.R.: Standford Digital Repository

INTRODUÇÃO

- Justificação do tema

Decorria o ano de 2010 quando, ao iniciarmos o estudo que haveria de dar origem à nossa dissertação de mestrado intitulada *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém-mar*[1], apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, constatámos, com alguma surpresa, não existir até ao momento qualquer dissertação ou tese subordinada à acção do célebre capitão de Safim Nuno Fernandes de Ataíde, apesar da abundante informação que podemos encontrar na cronística quinhentista e na documentação à guarda do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, nomeadamente, em colecções como *Chancelaria de D. Manuel I*, *Corpo Cronológico* ou *Cartas dos Governadores de África*. Mas célebre capitão porquê? Diz-nos Damião Góis, na sua *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, que Nuno Fernandes era tão astuto e incansável nos negócios da guerra portuguesa em Marrocos que tanto cristãos como mouros lhe chamavam o "*nunca esta quedo*"[2]. Note-se que o próprio cronista Diogo do Couto, ainda que manifestamente contrário às guerras portuguesas no Norte de África, não se coibiu em registar com admiração as qualidades deste capitão, que teve a audácia de dar com as "*lanças nas portas de "Marrocos*"[3]. Por outro lado, já na primeira metade do

[1] Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém-mar*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, Faro, 2012.

[2] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte IV, Capítulo VI, p. 455.

[3] O próprio Diogo do Couto, ainda que contrário às guerras portuguesas no Norte de África, assinala este feito com admiração. Veja-se Diogo do Couto, *O Soldado Prático*, Segunda Parte, Cena IV, p. 135. Sobre esta obra veja-se António Coimbra Martins, "«O Primeiro Soldado Prático» de Diogo do Couto", in *História e Antologia da Literatura Portuguesa – Século XVI*, pp. 19-24.

século XX, o grande historiador David Lopes, ao referir-se à capitania de Nuno Fernandes, designou-a de "*a página mais assombrosa da história luso-marroquina*"[4].

De facto, Nuno Fernandes de Ataíde foi uma figura da Expansão Portuguesa temida e respeitada por cristãos, muçulmanos e judeus. Responsável pela constituição de um protectorado de "*mouros de pazes*" no sul marroquino, quatrocentos anos antes da instituição dos protectorados espanhol e francês em Marrocos, a sua capitania corresponde ao apogeu da presença militar portuguesa no Norte de África, quando numa série de campanhas vitoriosas, Ataíde levou as armas lusas até às portas de Marraquexe e ao Grande Atlas. Tal como João Gouveia Monteiro bem observou, em artigo dado à estampa em 1992, *"é imenso aquilo que a guerra nos pode dizer sobre uma determinada sociedade. É que a guerra liga-se infimamente à economia, à política, à cultura e à própria mentalidade*"[5]. Foi nesse sentido que, ao contactarmos com a capitania desde *bellator* do expansionismo português de Quinhentos e de modo a colmatar o que nos pareceu uma grave lacuna a nível da História Expansão, concebemos analisar a acção deste capitão de Safim no apogeu da presença militar portuguesa em Marrocos. Análise, sublinhe-se, que consideramos incontornável para a compreensão do que, efectivamente, foi o projecto imperial manuelino para o Norte de África.

De modo geral, podemos considerar que a acção de Nuno Fernandes de Ataíde movimenta-se em três grandes domínios historiográficos: a história da presença portuguesa no Norte de África; a estratégia militar do reinado de D. Manuel no teatro de operações magrebino e, por último, as relações da baixa nobreza com a Expansão. As próximas páginas pretendem, portanto, fazer uma avaliação dos contributos dos investigadores nestes domínios, identificando as novidades e as maiores lacunas. Neste contexto, referir-se-ão os obstáculos com que a presente tese se deparou, mas também as novidades com que pretende contribuir para a construção do conhecimento. Para tal, apresentaremos as fontes históricas identificadas, assim como o levantamento da bibliografia publicada sobre o nosso objecto de estudo, nomeadamente, para a centúria quinhentista, século em que teve lugar a capitania de Nuno Fernandes em Safim.

---

[4] David Lopes, *A Expansão em Marrocos*, p. 31 e "A Expansão em Marrocos", in *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Vol. I, p. 158.

[5] João Gouveia Monteiro, "Cavalaria montada, cavalaria desmontada e infantaria – Para uma compreensão global do problema militar nas vésperas da expansão portuguesa", in *Revista de História das Ideias*, Nº 14, p. 143.

- Objectivos

Tratando-se de uma tese académica com vista à obtenção do grau de doutor em Património, entende-se que, uma vez justificada a escolha do objecto de estudo, torna-se pertinente identificarmos os objectivos a que nos propomos. É nesse sentido que, conscientes de que seria metodologicamente incoerente realizarmos uma apreciação crítica à capitania do "nunca esta quedo" sem antes analisarmos as suas origens sociais e familiares, seguiremos uma metodologia de trabalho que parta do geral para o particular, ou seja: clarificar, num primeiro momento, o que se deve compreender por "família" na transição da Idade Média para a Idade Moderna, analisando de seguida o quadro familiar e social deste fidalgo que viveu na transição do século XV para o século XVI. É, portanto, nesse contexto que, reconstituída a genealogia de Ataíde através do cruzamento de informação entre as fontes primárias, a cronística e os estudos genealógicos, procuraremos caracterizar o seu património familiar e perceber em que medida o seu casamento, a sua descendência, a sua rede clientelar e os seus serviços como fronteiro no Norte de África constituíram plataformas de engrandecimento da sua casa e da perpetuação do seu nome.

Analizado o contexto social e familiar de Nuno Fernandes até à sua nomeação para a capitania de Safim, importa, por uma questão de coerência metodológica, continuarmos a seguir o critério do geral para o particular, contextualizando histórica e geograficamente a região da Duquela no quadro da Expansão Portuguesa para o Norte de África e concentrando-nos depois na contextualização histórica e geográfica de Safim. É nesse sentido que, contextualizada esta praça norte-africana até ao momento da conquista lusa pelas armas, em 1508, procuraremos caracterizar a ocupação portuguesa até 1510, ano em que Nuno Fernandes toma posse como capitão da cidade.

Por fim, mas não menos relevante, trataremos de analisar o labor político, militar e administrativo de Nuno Fernandes de Ataíde através da reconstituição das acções militares por ele concebidas. Para tal, utilizaremos uma metodologia de trabalho baseada na análise, problematização e cruzamento das informações facultadas pelas fontes primárias e pela cronística, com as informações facultadas pela geografia, e pelos estudos no âmbito da arqueologia e da arquitectura. Nesse contexto, procuraremos identificar e corrigir os erros perpetuados pela cronística e pela historiografia contemporânea, assim como realizar uma apreciação crítica às opções tácticas e

estratégicas de Nuno Fernandes de Ataíde e que correspondem ao apogeu da presença militar portuguesa em Marrocos.

- Fontes primárias

Com efeito, a recompilação de fontes primárias relativas ao Norte de África e posterior publicação remonta a uma linha de investigação que começou em Portugal nos últimos anos do século XIX e primeiras décadas do século XX. É certo que Frei João de Sousa, ainda no último quartel do séc. XVIII, publicou *Documentos Arabicos para a Historia Portugueza copiados dos Originais da Torre do Tombo*[6], repositório onde podemos encontrar documentação relativa ao Norte de África transcrita e publicada. Porém, foi só em finais do século XIX que esta prática passou a constituir uma efectiva tradição historiográfica.

De facto, decorria o ano de 1897 quando David Lopes publicou *Textos de Aljamía portuguesa: Documentos para a História do Domínio Português em Safim Extrahidos dos Originaes da Torre do Tombo*[7], obra em que o autor nos apresenta um conjunto de fontes de grande riqueza histórica, indispensáveis à compreensão da posição muçulmana face ao domínio português em Safim. A recompilação e publicação de fontes primárias relativas ao Norte de África continuaram na primeira década do século XX, muito em virtude do labor de investigadores como Anselmo Braamcamp Freire, que entre 1903 e 1916 publicou documentação da chancelaria de D. Afonso V, de D. João II ou cartas de quitação de D. Manuel no *Archivo Historico Portuguez*[8]. Pedro de Azevedo, que também publicou documentação no supracitado *Archivo Historico Portuguez*, tratou igualmente informação sobre o Norte de África, publicando em 1915 o primeiro volume dos *Documentos das Chancelarias Reais anteriores a 1531 Relativos a Marrocos*[9].

---

[6] Frei João de Sousa, *Documentos Arabicos para a Historia Portugueza copiados dos Originais da Torre do Tombo*, MDCCXC.

[7] David Lopes, *Textos de Aljamía portuguesa: Documentos para a História do Domínio Português em Safim Extrahidos dos Originaes da Torre do Tombo*, 1897.

[8] Anselmo Braamcamp Freire (Dir.), *Archivo Historico Portuguez*, 11 Vols., 1903-1916.

[9] Pedro Azevedo (Dir.), *Documentos das Chancelarias Reais anteriores a 1531 Relativos a Marrocos*, 2 Vols., 1915-1934.

Dez anos depois, em 1925, António Baião coordenou a publicação dos *Documentos do Corpo Cronologico relativos a Marrocos (1488 a 1514)*[10] e, já em 1934, foi a vez de Pedro de Azevedo publicar o segundo volume da supracitada obra dedicada aos documentos das Chancelarias Reais relativas ao Norte de África, anteriores a 1531. Também em 1934 Pierre de Cenival, lançou o primeiro tomo da compendiosa colectânea *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, publicando documentação acondicionada nos arquivos e bibliotecas de Portugal para a balizagem cronológica compreendida entre 1486 e 1516, período correspondente à capitania de Nuno Fernandes de Ataíde. De resto, David Lopes e Robert Ricard acabaram por juntar-se a Pierre de Cenival, lançando mais quatro tomos de *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, entre 1939 e 1953, para a balizagem cronológica compreendida entre 1516 e 1580[11]. Laranjo Coelho, por seu lado, concentrou-se na chancelaria de D. João II, publicando em 1943, *Documentos Inéditos de Marrocos: Chancelaria de D: João II*[12].

A segunda metade do século XX assistiu igualmente à recompilação de fontes e posterior publicação. O V centenário da morte do Infante D. Henrique, em 1960, lançou o mote para a publicação do primeiro volume da *Monumenta Henricina*, colectânea constituída por quinze volumes, sendo o último já publicado em 1974[13], e onde é possível encontrar várias referências ao Algarve e aos algarvios no projecto expansionista português. Simultaneamente, o Centro de Estudos Históricos Ultramarinos também publicou, entre 1960 e 1977, os doze volumes que constituem *As Gavetas da Torre do Tombo*[14], colectânea documental dedicada à História de Portugal e da presença portuguesa no mundo e onde é possível encontrar documentação relativa a Marrocos e à capitania de Nuno Fernandes de Ataíde. Em 1970, Maria Augusta Lima Cruz publicou "Documentos inéditos para a história dos portugueses em Azamor"[15] e, já

---

[10] António Baião, *Documentos do Corpo Cronologico relativos a Marrocos (1488 a 1514)*, 1925.

[11] *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomos I-II, 1934-1953.

[12] Laranjo Coelho, *Documentos Inéditos de Marrocos: Chancelaria de D: João II*, 1943.

[13] *Monumenta Henricina*, 15 Vols., 1960-1974.

[14] *As Gavetas da Torre do Tombo*, 12 Vols., 1960-1977. Sobre esta colecção documental veja-se o artigo de Robert Ricard e António Dias Farinha, "Les Documents sur le Maroc dans le Volume IV de "As Gavetas da Torre do Tombo»", in *Stvdia*, Nº 16, pp. 167-177.

[15] Maria Augusta Lima Cruz, "Documentos inéditos para a história dos portugueses em Azamor", in *Arquivos do Centro Cultural Português*, pp. 104-179.

em 2021, é lançado *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII)*[16], obra em que se encontram publicados seis códices do Núcleo Antigo à guarda do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

- Crónicas

Para além das fontes primárias recompiladas em colectâneas documentais, também as crónicas facultam informações extremamente pertinentes quanto à Expansão em Marrocos, nomeadamente, as crónicas régias e as crónicas sobre o Norte de África. Como não podia deixar de ser, as primeiras referências à gesta marroquina nas crónicas régias surgem com a expedição militar contra Ceuta, em 1415, a que Gomes Eanes de Zurara[17] se refere na *Chronica de El-Rei D. JoãoI*[18].Também as crónicas de Rui de Pina[19] se revestem de grande importância para o nosso conhecimento sobre a expansão quatrocentista portuguesa em Marrocos, na medida em que a *Chronica D'el Rey D. Duarte*[20] apresenta-se como fonte imprescindível para o estudo da malograda expedição contra Tânger, em 1437, tal como a *Chronica de El-Rei D. Afonso V*[21] nos dá conta das conquistas de Alcácer Ceguer, em 1458, e das tomadas de Arzila e Tânger, em 1471. Ainda que a *Chronica do Principe Dom Joam*[22] ou a *Crónica de D. João II*[23] nos

---

[16] Maria Augusta Lima Cruz & André Teixeira (coords), *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. II - Documentos, 2021.

[17] Sobre Gomes Eanes de Zurara vejam-se os seguintes resumos: António José Saraiva, "Zurara", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. VI, pp. 358-359; Joaquim Pintasilgo, "Zurara, Gomes Eanes de", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, pp. 1096-1097.

[18] Gomes Eanes de Zurara, *Chronica de El-Rei D. João I*, 3 Vols., 1897-1899.

[19] Sobre Rui de Pina vejam-se os seguintes resumos: Carmen Radulet, "Pina, Rui de", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, pp. 903-904.

[20] Rui de Pina, *Chronica D'el Rey D. Duarte*, 1914.

[21] Rui de Pina, *Chronica de El-Rei D. Afonso V*, 3 Vols., 1901-1903. Sobre Rui de Pina e a Crónica de D. Afonso V veja-se António Martins Costa, "A Guerra aos Olhos de um Cronista Tardo-Medieval: Rui de Pina e a Cronica de D. Afonso V", in *Revista Portuguesa de História Militar - Dossier: Da Fundação à Expansão, Séculos XII-XVI*, Ano II, Nº 2, 2022, (Em linha) https://doi.org/10.56092/JHHF9692

[22] Damião de Góis, *Chronica do Principe Dom Joam*, 1724.

[23] Rui de Pina, *Crónica de D. João II*, 1989. Veja-se também Garcia de Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Biografias da História de Portugal, Volume XXIX, 2004. Sobre Garcia de Resende vejam-se

facultem importantes informações quanto à tentativa da construção da Graciosa e para a compreensão do que foi a política marroquina do "Principe Perfeito", é a *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*[24], de Damião de Góis[25], a destacar-se não só como valiosa obra da cronística da Expansão[26], mas também como uma das obras mais marcantes da historiografia portuguesa do século XVI, reveladora do que foi o projecto imperial manuelino face a Marrocos e fonte indispensável para o estudo de marcos incontornáveis da Expansão para o Norte de África, como as construções dos castelos de Santa Cruz do Cabo de Gué, Mogador, Mazagão ou conquista de Safim, em 1508, e de Azamor, em 1513. De facto, a *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel* apresenta-se como a principal fonte para o estudo de acontecimentos excepcionais, de que é exemplo paradigmático o célebre ataque a Marraquexe comandado por Nuno Fernandes de Ataíde, em 1515, entre outros. Com efeito, a crónica de Damião de Góis, redigida entre 1558 e 1566 ou 1567[27], dedica setenta e um capítulos à guerra em Marrocos, ou seja: 22% do total de uma obra que descreve a acção dos portugueses na generalidade do Império[28], sendo que parte considerável destes setenta e um capítulos são dedicados à acção de Nuno Fernandes em terras do Norte de África[29]. Assim sendo, um contributo incontornável para o nosso objecto de estudo.

---

os seguintes resumos: M. Ângela Montenegro Miguel, "Resende, Garcia de", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. V, p. 306; Alfredo Pinheiro Marques, "Resende, Garcia de", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, pp. 943-944.

[24] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, 1749.

[25] Sobre Damião de Góis vejam-se os seguintes resumos: Joaquim Veríssimo Serrão, "Góis, Damião de", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. III, pp. 123-125; Marília Simões Lopes, "Góis, Damião de", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, pp. 464-467.

[26] Sobre Damião de Góis enquanto cronista da Expansão veja-se Ana Paula Avelar, "Damião de Góis e os cronistas da Expansão: esboços de uma presença", in *Damião de Góis na Europa do Renascimento - Actas do Congresso Internacional*, pp. 295-306.

[27] Fernando Alberto Torres Moreira, "Góis e Osório, cronistas de D. Manuel I", in *Damião de Góis na Europa do Renascimento - Actas do Congresso Internacional*, p. 420.

[28] Joaquim Romero de Magalhães, "Em torno da crónica de D. João III por Francisco de Andrade", in *D. João III e o Império - Actas do Congresso Internacional comemorativo do seu nascimento*, pp. 140-141.

[29] É tal a atenção que esta crónica dedicou ao Norte de África que Robert Ricard, em 1937, publicou *Les Portugais au Maroc de 1495 à 1521 extraits de la «Chronique du roi D. Manuel de Portugal»*, de Damião de Góis.

Também outras crónicas impressas do século XVI, ainda que algo mais tardias, dedicam particular atenção ao Norte de África e à acção de Nuno Fernandes de Ataíde, nomeadamente, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*[30], obra capital de D. Jerónimo Osório**,** eloquente Bispo do Algarve e um dos espíritos mais esclarecidos da sua época[31]. De facto, e ainda que Osório siga de perto a crónica de Damião de Góis (de quem terá recebido um exemplar da sua obra), regista os mesmos acontecimentos sem tanto pormenor e num estilo bem mais romanceado[32], tal como o faz o *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal com os seus retratos, e noticias dos nossos, reinos, e conquistas, e vários sucessos do mundo*[33], de Pedro de Mariz[34], ainda que de forma bastante mais resumida[35].

Outras crónicas quinhentistas, como a *Choronica de D. João III*[36], de Francisco de Andrada[37], ou os *Annaes de El Rei Dom João Terceiro*[38], de Frei Luís de Sousa[39], já

---

[30] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Biografias da História de Portugal, Volume XXVII, 2004.

[31] Sobre D. Jerónimo Osório vejam-se os seguintes resumos: João Ferreira, "Ósório, Jerónimo", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. IV, pp. 487-488; Alessandra Mauro, "Ósório, Jerónimo", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, pp. 839-840. Sobre D. Jerónimo Osório veja-se ainda Sebastião Tavares de Pinho, "D. Jerónimo Osório, «o Cícero Português» e bispo do Algarve", in *O Algarve da Antiguidade aos nossos dias: elementos para a sua história*, pp. 219-223.

[32] Fernando Alberto Torres Moreira, "Góis e Osório, cronistas de D. Manuel I", in *Damião de Góis na Europa do Renascimento - Actas do Congresso Internacional*, pp. 419-430. Veja-se também António Guimarães Pinto, "Damião de Góis e D. Jerónimo Osório: a Crónica de D. Manuel e o De rebus Emmanuelis gestis", in *Damião de Góis na Europa do Renascimento - Actas do Congresso Internacional*, pp. 307-348.

[33] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal com os seus retratos, e noticias dos nossos, reinos, e conquistas, e vários sucessos do mundo*, Tomo I, MDCCCVI.

[34] Sobre Pedro de Mariz vejam-se José Pedro Machado, "Mariz, Pedro de", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. IV, p. 201.

[35] Sobre a obra de Pedro de Mariz vejam-se Meyrelles do Souto, "Pedro de Mariz - qual o seu valor historiográfico?", in *Anais da Academia Portuguesa da História*, Série II, Vol. 15, pp. 252-286; Isabel Barros Dias, "Os primórdios do reino de Portugal. Argumentação e Política no «Diálogo Segundo», de Pedro de Mariz", in *Limite: Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía*, Vol. 10.2, pp. 77-107.

[36] Francisco de Andrada, *Choronica de D. João III*, 1796.

ultrapassam a balizagem cronológica correspondente à capitania de Nuno Fernandes de Ataíde em Safim. Ainda assim, apresentam-se como fontes importantes para a compreensão do *modus vivendi* e do *modus operandi* das praças norte-africanas até à reformulação da estratégia norte-africana, que culminou com o abandono de Safim e Azamor, em 1541, e de Alcácer Ceguer e Arzila, em 1550. De resto, outras crónicas quinhentistas, como *Portugal, cuidadoso, e lastimado, com a vida, e perda do senhor rei Dom Sebastião, o desejado de saudosa memoria*[40], de José Pereira Baião[41], já registam acontecimentos posteriores à reformulação da estratégia norte-africana de D. João III, como o grande cerco a Mazagão de 1562[42]. Refira-se também, no que se refere aos reinados compreendidos entre D. João I e D. Afonso V, que consultámos ainda trabalhos de outros cronistas, ainda que manifestamente mais tardios. Foi o caso das obras de Duarte Nunes de Leão[43], cronista com obra produzida no séc. XVII[44], e de José Soares da Silva[45], que publicou já no séc. XVIII[46].

---

[37] Sobre Francisco de Andrada vejam-se os seguintes resumos: Alberto Martins de Carvalho, "Andrade, Francisco de", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. I, p. 150; Rui Amendoeira, "Andrade, Francisco de", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, p. 66.

[38] Frei Luís de Sousa, *Annaes de El Rei Dom João Terceiro*, 1844.

[39] Sobre Frei Luís de Sousa veja-se Ruy d' Abreu Torres, "Sousa, Frei Luís de", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. VI, pp. 73-75.

[40] José Pereira Baião, *Portugal, cuidadoso, e lastimado, com a vida, e perda do senhor rei Dom Sebastião, o desejado de saudosa memoria*, MDCCXXXV.

[41] Sobre José Pereira Baião veja-se o resumo de: Carlos Frederico Montenegro de Sousa Miguel, "Baião, José Pereira", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. I, p. 273.

[42] Sobre o grande cerco a Mazagão de 1562 veja-se Agostinho de Gavy de Mendonça, *Historia do famoso cerco qve o xarife pos a fortaleza de Mazagam deffendido pello valeroso Capitam Mor della Aluaro de Carualho governãdo neste Reyno a Serenísima Rainha Dona Catherina, no anno de 1562*, 1601. Vejam-se também Augusto Ferreira do Amaral, *História de Mazagão*, pp. 114-128 e *Mazagão, A Epopeia Portuguesa em Marrocos*, pp. 253-270; Fernando Pessanha, "1562 – O Triunfo Português no Grande Cerco a Mazagão", in *Jornal Barlavento*, Nº 1807, 10 de Maio de 2012, p. 20 e *Subsídios para a História do Baixo Guadiana e dos Algarves Daquém e Dalém-mar*, pp. 47-49.

[43] Duarte Nunes de Leão, *Cronicas Del Rey Dom João o de Gloriosa memória, o I, deste nome, dos reys de Portugal X., D. Duarte e D. Afonso o V*, MDCCLXXX; *Chronicas e vidas dos Reys de Portugal D. Duarte, undécimo, e D. Affonso o V, duodécimo*, Tomo II, MDCCLXXX; "Cronica, e Vida Del Rey D. Duarte", in *Crónicas, e vidas dos Reis de Portugal*, pp. 735-780; "Cronica, e Vida Del Rey Dom Affonso V", in *Crónicas, e vidas dos Reis de Portugal*, pp. 781-1001.

Para além das crónicas régias, são de manifesta importância as crónicas portuguesas relativas ao Norte de África. Como é de conhecimento geral, a produção de obras sobre a presença portuguesa em Marrocos é claramente inferior ao volume de publicações dedicadas ao Império Português no Oriente. A este respeito devemoss salientar que Marrocos e a Índia foram os únicos espaços da Expansão Portuguesa sobre os quais foram produzidas crónicas específicas, já que funcionaram como espaços em que predominou a conquista pelas armas. Assim sendo, não existem crónicas, no sentido clássico do termo, sobre a acção militar portuguesa na África Negra ou nas Américas[47]. Com efeito, se exceptuarmos a atenção cronística dedicada à Índia, foi sobre o Norte de

---

[44] Sobre Duarte Nunes de Leão veja-se João Pedro Machado, "Leão, Duarte Nunes de", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. III, pp. 443-444.

[45] Sobre José Soares da Silva veja-se Ruy d' Abreu Torres, "Silva, José Soares da", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. V, p. 580.

[46] José Soares da Silva, *Memórias para a Historia de Portugal, que compreendem o governo Del Rey D. João I*, MDCC XXXII.

[47] Sobre a cronística do século XV veja-se Joaquim Veríssimo Serrão, *Cronistas do século XV posteriores a Fernão Lopes*, 1989; André Bertoli, *O Cronista e o Cruzado: a revivescência do Ideal Cavaleiresco no Outono da Idade Média Portuguesa (Século XV)*, dissertação de mestrado em História apresentada à Universidade Universidade Federal do Paraná, 2009. Deste autor vejam-se também "A natureza narrativa da Crónica da Tomada de Ceuta", in *Revista Cantareira – Revista Electrónica de História*, Vol. 3, Nº 2, 2007; "Uma Leitura Possível da Crônica da Tomada de Ceuta, levando em conta a Representação do Infante D. Henrique nessa obra de Zurara", in *Sociedade em Estudos*, V. 2, Nº 2, pp. 89-102; "Modelos de acção bélica na Crónica de D. Duarte de Meneses - Texto, Contexto e Representação", in *Mirabilia*, Nº 15, pp. 171-201, URL: http://www.revistamirabilia.com/nova/images/numeros/2012_15/09.pdf; "Guerra, Legitimação e Poder no norte da África. As fontes portuguesas (1415-1471) / War, Legitimation and Power in North Africa. The Portuguese documents (1415-1471)", in *Actas del I Congreso de Jóvenes Medievalistas Ciudad de Cáceres, Roda da Fortuna - Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo*, Vol. 2, Nº 1-1 (número especial), pp. 335-353. Sobre o predomínio dos feitos militares nas crónicas ver Maria Augusta Lima Cruz, "Os cronistas do império: da gesta das armas aos heróis do mar", in *Outro mundo novo vimos*, pp. 51-59. Sobre a questão do relato dos feitos de armas e a violência em Marrocos nas crónicas, veja-se também Paulo Vicente, *A violência na cronística sobre Marrocos nos séculos XV e XVI*, 2009. Do mesmo autor ver também "Falar de Violência em Marrocos nos Séculos XV-XVI. A Perspectiva dos Cronistas Portugueses", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, pp. 347-352; "«muito fermosas e tanto damas»: mulheres e violência nos *Anais de Arzila* de Bernardo Rodrigues", in *D' Aquém, D' Além e D' Ultramar. Homenagem a António Dias Farinha*, Vol. I, pp. 589-605.

África que as narrativas mais se debruçaram quando comparado com o restante espaço do Império.

Exemplo paradigmático são as crónicas de Gomes Eanes de Zurara, nomeadamente, a *Crónica da Tomada de Ceuta*[48], que inaugura uma tendência cronística que irá manter-se ao longo da presença portuguesa em Marrocos[49]. De facto, Zurara assume posição de destaque como um dos grandes cronistas da Expansão, já que é igualmente o autor da *Chronica do Conde D. Pedro de Menezes*[50] e da *Chronica do Conde D. Duarte de Menezes*[51], obras incontornáveis para a compreensão da presença portuguesa no Norte de Marrocos até meados do séc. XV. No que respeita à praça de Ceuta, cidade onde serviram os supracitados D. Pedro de Meneses e D. Duarte de Meneses, destacam-se outras crónicas, como o *Livro da Guerra de Ceuta*[52], de Mateus de Pisano[53], a *Historia de la Ciudad de Ceuta*[54], de Jerónimo de Mascarenhas ou *Historia de la mui noble y fidelíssima ciudad de Ceuta*[55], de Alejandro Correa de

---

[48] Gomes Eanes de Zurara, *Crónica da Tomada de Ceuta*, 1992; Sobre esta crónica de Zurara veja-se André Bertoli, "A natureza narrativa da Crónica da Tomada de Ceuta", in *Revista Cantareira – Revista Electrónica de História*, Vol. 3, Nº 2, Ano 4, 2007. Do mesmo autor veja-se também "Uma Leitura Possível da Crônica da Tomada de Ceuta, levando em conta a Representação do Infante D. Henrique nessa obra de Zurara", in *Sociedade em Estudos*, V. 2, Nº 2, pp. 89-102.

[49] Miguel Aguiar, *Ideologia Cavaleiresca em Portugal no Século XV*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2016 e "As crónicas de Zurara: a corte, a aristocracia e a ideologia cavaleiresca em Portugal no século XV / The chronicles of Zurara: royal court, aristocracy and chivalry in fifteenth-century Portugal", in *Medievalista*, Nº 23, (Em linha) (Consultado em 11 de Agosto de 2022). Disponível em: http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA23/aguiar2304.html

[50] Gomes Eanes de Zurara, "Chronica do Conde D. Pedro de Menezes", in *Collecção de livros inéditos de Historia Portugueza, dos reinados de D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, e D. João II*, Tomo II, pp. 205-626.

[51] Gomes Eanes de Zurara, "Chronica do Conde D. Duarte de Menezes", in *Collecção de livros inéditos de Historia Portugueza, dos reinados de D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, e D. João II*, Tomo III, pp. 7-385. Sobre esta crónica veja-se André Luiz Bertoli, "Modelos de acção bélica na Crónica de D. Duarte de Meneses – Texto, Contexto e Representação", in *Mirabilia*, Nº 15, pp. 171-201.

[52] Mateus de Pisano, *Livro da Guerra de Ceuta*, 1915.

[53] Sobre Mateus de Pisano veja-se Josette Silva, "Pisano, Mateus de", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. V, p. 102.

[54] Jerónimo de Mascarenhas, *Historia de la Ciudad de Ceuta*, 1918.

[55] Alejandro Correa de Franca, *Historia de la mui noble y fidelíssima ciudad de Ceuta*, 1999.

Franca. No que se refere à praça de Tânger, destaca-se, desde logo, a *História de Tânger que compreende as noticias desde a sua primeira conquista ate a sua ruina*[56], de D. Fernando de Meneses, conde da Ericeira. Outra obra incontornável é a obra de Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*[57], militar e escritor natural daquela praça e que testemunhou muitos dos acontecimentos narrados para a balizagem cronológica compreendida entre 1508 e 1535. Do mesmo modo, no âmbito cronológico do presente trabalho, também outras fontes impressas são incontornáveis, nomeadamente, a crónica sobre Santa Cruz do Cabo de Gué, escrita por um cavaleiro que aí serviu a Coroa, o qual seguiu com especial atenção as acções dos capitães da praça, desde D. Francisco de Castro a D. Guterres de Monroy[58]. Por fim, não podemos passar sem referir *Africa Portuguesa*[59], de Manuel de Faria e Sousa, obra seiscentista que, não se concentrando em nenhuma praça em particular, resume em traços gerais os episódios mais marcantes da presença lusa no Norte de África, seguindo de perto a narrativa de Damião de Góis.

Para o século XVI temos ainda a referir algumas fontes da maior importância para o conhecimento da geografia norte-africana durante a primeira década do século XVI: a *Descripçam de Ceuta por sua Costa de Mauritania e Ethiopia pellos Nomes*

---

[56] D. Fernando de Meneses, *História de Tânger que compreende as noticias desde a sua primeira conquista ate a sua ruina*, 1732.

[57] Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, 2 tomos, 1915-1919. Em 2007, os *Anais de Arzila* foram traduzidos para árabe por Ahmed Boucharb ("Hawliyat Assila"), tendo o trabalho ganho um prémio, em Marrocos (*Prix du Maroc du livre*, édition 2007,catégorie Traduction). O mesmo autor publicou alguns trabalhos baseados na leitura atenta desta fonte, como "La vision des marocains dans les «Anais de Arzila» de B. Rodrigues", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, pp. 165-177 ou "L'ouverture d'une factorerie à Asilah (1520), d'aprés le témoignage de Bernardo Rodrigues. The opening of a factory in Asilah (1520), according to the testimony of Bernardo Rodrigues", in *A Península Ibérica e o Norte de África (séculos XV a XVII). História e Património The Iberian Peninsula and North Africa (15th to 17th centuries). History and Heritage*, pp. 139-150.

[58] A crónica foi alvo de várias publicações, a primeira data de 1934 e nasceu por iniciativa do francês Pierre de Cénival, *Chronique de Santa Cruz du Cap de Gué, Agadir: texte portugais du XVIe siécle*, Paris, Paul Geuthner. Nos anos quarenta do século XX, Joaquim Figanier deu à estampa a primeira edição em português, *História de Santa Cruz do Cabo de Gué (Agadir) 1505-1541*, 1945. Mais recentemente, em 2007, uma equipa de investigadores da Universidade de Coimbra publicou uma versão bilingue, em português e árabe. João Marinho dos Santos; Mohammed Nadir; José Manuel Azevedo e Silva, *Santa Cruz do Cabo Gué D'Agoa e Narba: Estudo e Crónica*, 2007.

[59] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, 1681.

Modernos Prosseguindo as Vezes Algũas Cousas do Sartão da Terra Firme, de Valentim Fernandes[60], produzida entre 1505 e 1507[61], e o *Esmeraldo de Situ Orbis*, de Duarte Pacheco Pereira[62], redigido em 1506[63]. Obras que, apesar de não terem sido

---

[60] Sobre Valentim Fernandes veja-se Joaquim Pintasilgo, "Fernandes, Valentim", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, pp. 411-412.

[61] Valentim Fernandes, *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénegal par Valentim Fernandes (1506/1507). (A Descripçam de Ceuta por sua Costa de Mauritania e Ethiopia pellos Nomes Modernos Prosseguindo as Vezes Algũas Cousas do Sartão da Terra Firme).* A primeira publicação do manuscrito de Valentim Fernandes foi realizada por Pierre Cénival e Th. Monod (trad.), *Description de la Côte d'Afrique de Ceuta au Sénégal,* 1938. Dois anos mais tarde, António Baião publicou o manuscrito em português. *O Manuscrito* "*Valentim* Fernandes*", oferecido à academia por Joaquim Bensaúde,* António Baião (ed.), Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1940 (Especificamente sobre as praças marroquinas vejam-se as páginas 33-39). Para o presente trabalho optámos por usar a primeira publicação, de 1938. Sobre o códice de Valentim Fernandes veja-se Helga Maria Justen, *Valentim Fernandes e a Literatura de Viagens*, dissertação de mestrado em Estudos Portugueses apresentada à Universidade Aberta, Lisboa, 1999 e Maria Isabel Tavares Rodrigues, *O Códice de Valentim Fernandes: um texto de discursos marcados pela modernidade*, dissertação de mestrado em Estudos Portugueses apresentada à Universidade Aberta, 2000.

[62] Sobre o navegador e cosmógrafo Duarte Pacheco Pereira vejam-se Duarte Leite, *História dos Descobrimentos*, Vol. I, Livro II, pp. 487-505; Avelino Teixeira da Mota, "Duarte Pacheco Pereira, capitão e governador de S. Jorge da Mina", in *Mare Liberum*, Vol. I, pp. 1-27; Luís de Albuquerque, "Pereira, Duarte Pacheco", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, pp. 880-883; Francisco Contente Domingues, "Passando além a grandeza do mar oceano: a viagem de Duarte Pacheco Pereira em 1498", in *Stvdia*, Vols. 58-59, pp. 113-130; Carlos Manuel Valentim, "Duarte Pacheco Pereira. Saber e experiência", in *Revista da Armada*, Nº 365, pp. 12-15; João Cosme, "Os homens de ciência", in *História de Portugal*, Vol. V, pp. 91-97; Francisco Contente Domingues, *A Travessia do Mar Oceano: A Viagem de Duarte Pacheco Pereira ao Brasil em 1498*, 2012; Andreia Martins de Carvalho & Pedro Pinto, "Da caça de Mondragón à guarda do Estreito de Gibraltar (1508-1513): os guardiões da memória de Duarte Pacheco Pereira e a economia da mercê nos séculos XVI-XVII", in *Anais de História de Além-mar*", Vol. XIII, pp. 221-332.

[63] Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de Situ Orbis*, 1954. Sobre o *Esmeraldo de Situ Orbis* vejam-se veja-se Rafael Eduardo de Azevedo Basto (ed.), *Esmeraldo de Situ orbis por Duarte Pacheco Pereira*, 1892; Ilídio do Amaral, "Do «Esmeraldo de situ orbis» de Duarte Pacheco Pereira, segundo Joaquim Barradas de Carvalho", in *Finisterra*, Vol. 18, Nº 36, pp. 393-402; Paulo Jorge Pinto, "O *Esmeraldo de Situ Orbis*, de Duarte Pacheco Pereira – uma abordagem económica", in *Vértice*, Nº 9, II série, pp. 35-40; Suzanne Daveau, "A propósito das "pinturas" do litoral marroquino incluído no Esmeraldo de Situ Orbis", in *Mare Liberum*, Vols. 18-19, pp. 79-132; Elby Aguiar Marinho, *Imaginário e experiência no*

publicadas no seu tempo e pouco terem circulado em manuscrito, facultam informações extremamente pertinentes quanto a aspectos não só geográficos, como também urbanísticos e culturais para o extremo noroeste africano no dealbar da centúria quinhentista[64]. Do mesmo modo, também a *Descripción General del África*, de Leão-o-Africano[65] - testemunha excepcional do seu tempo e viajante incansável[66] - oferece-nos informações extremamente pertinentes quanto ao Marrocos ocupado por Portugal. De referir que esta fonte primordial de informação sobre o Norte de África quinhentista foi traduzida para castelhano por Serafin Fanjul, com a colaboração de Nadia Consolani, numa edição que apresenta novos mapas com um estudo preliminar e interessantes notas e índices. Tal como esta obra, também a *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, de Luis del Mármol Carvajal[67], faculta informações do maior interesse, ainda que mais tardia, claramente inspirada na obra de Leão-o-Africano[68] e baseada em trabalhos de outros autores quinhentistas, como Damião de Góis. Do mesmo modo, e tal como a obra de Luis del Mármol Carvajal é baseada em autores como Leão-o-Africano e Damião de

---

Esmeraldo de Situ Orbis de Duarte Pacheco Pereira (séculos XV-XVI), dissertação de mestrado em História apresentada à Universidade Federal de Goiás, 2008.

[64] Após analisarmos ambos os documentos, verificámos que as descrições de Duarte Pacheco Pereira são muito mais precisas, quando comparadas com as de Valentim Fernandes. Seja como for, ambos os relatos dão-nos conta da localização e descrição das cidades, assim como notícias sobre as produções locais, informações náuticas, político-militares (notícias sobre o governo e os recursos bélicos) e informações tributárias.

[65] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, s/d.

[66] Sobre Leão-o-Africano veja-se João Luís Lisboa, "Africano, Leão", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, p. 30.

[67] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, 1573. Sobre a vida e a obra deste autor veja-se Laura Lara Martínez e María Lara Martínez, "Descripción general de África y origen del nombre del continente según León el Africano y Luis del Mármol Carvajal", in *Archivo de la Frontera: Banco de recursos históricos*, (On line), Disponível em http://www.archivodelafrontera.com/clasicos-minimos/descripcion-general-de-africa-y-origen-del-nombre-del-continente-segun-leon-el-africano-y-luis-del-marmol-carvajal/ (Consultado em 10 de Abril de 2020). Veja-se também Javier Castillo Fernández, *Entre Granada y el Magreb. Vida y obra del cronista Luis del Mármol Carvajal (1524-1600)*, 2016.

[68] Veja-se, a título de exemplo, María Dolores Rodríguez Gómez, "La influencia de León el Africano (ss. XV-XVI) en la obra de Luis del Mármol (s. XVI): Descripción de los núcleos de población costeros del Rif", in *En el epílogo del islam andalusí: la Granada del siglo XV*, pp. 359-396.

Góis, também a *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, obra de Diego de Torres publicada em 1586[69], te como base os escritos de Luis del Mármol Carvajal sobre o Norte de África, o que também sucede com a obra *Africa Portuguesa*, de Manuel de Faria e Sousa, publicada em 1681 e que segue de perto a crónica de Damião de Góis.

Finalmente, mas não menos relevante, a descrição de Marrocos de 1596, de um anónimo português, intitulada *Copia do emperio e reinos dos xarifes na Berberia em Africa, & de algumas terras de negros, comessando na emperial sidade de Marrocos, cabessa do dito emperio, e sua comarca*[70], apresenta-se como uma fonte importante para o conhecimento da geografia no noroeste africano da centúria quinhentista.

- Genealogias

Para além das colecções documentais e das crónicas que facultam informações de grande interesse sobre o Norte de África, temos ainda a destacar os estudos genealógicos produzidos ao longo da Idade Moderna e Contemporânea e que nos permitem aferir as relações familiares dos indivíduos que, tal como Nuno Fernandes de Ataíde, serviram no teatro de operações que constituiu a cruzada portuguesa em Marrocos. É nesse sentido que aqui destacamos o *Livro de Linhagens do século XVI*, publicado por António Machado de Faria em 1956[71], a *Pedatura Lusitana*, obra de Alão de Morais produzida no séc. XVII e editada em 1943-1948[72], a *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, de António Caetano de Sousa, produzida e publicada no séc.

---

[69] Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, 1586. Sobre Diego de Torres e a sua obra vejam-se a edição, estudo e apontamentos de Mercedes García-Arenal (publ.), *Diego de Torres. Relación del origen y suceso de los xarifes y del estado de los reinos de Marruecos, Fez y Tarudante*, 1980.

[70] *Descrição de Marrocos – Copia do emperio e reinos dos xarifes na Berberia em Africa, & de algumas terras de negros, comessando na emperial sidade de Marrocos, cabessa do dito emperio, e sua comarca*, in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliotèques de France, Vol. II, Doc. LXXXVII, pp. 242-313.

[71] António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, 1956.

[72] Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, 1943-1948.

XVIII[73], o *Nobiliário das Famílias de Portugal*, de Felgueiras Gayo, obra produzida nos séculos XVIII e XIX e publicada já no século XX[74] e os *Brasões da Sala de Sintra*, de Anselmo Braamcamp Freire, obra publicada já no século XX[75].

- O Estado da Questão

Identificadas as colectâneas documentais, as crónicas e os estudos genealógicos, importa debruçarmo-nos sobre as obras relativas à Expansão para o Norte de África nos domínios da História, da História da Arte, da Arquitectura e da Arqueologia. É nesse sentido que nos propomos, de seguida, em fazer uma breve revisão aos contributos dos investigadores nestas áreas do conhecimento, destacando as aportações mais significativas e identificando também as maiores lacunas. Seguindo esta lógica, partiremos do geral para o particular, revisitando, em traços gerais as obras dedicadas à História da Expansão portuguesa para, posteriormente, nos concentrarmos nos estudos que, de forma directa ou indirecta, vão ao encontro do nosso objecto de estudo. Neste sentido, daremos particular atenção à região de Safim e à região da Duquela, enquanto espaço central da acção de Nuno Fernandes no sul marroquino.

Antes de mais, convém referir a manifesta discrepância entre as obras dedicadas à Expansão no Norte de África e as obras dedicadas à Expansão no Oriente. Note-se, aliás, que a publicação de obras de carácter generalista sobre a História da Expansão nem sempre abordam a presença portuguesa no Magrebe. Veja-se, a título de exemplo, o caso de *Expansión y descubrimientos portugueses: problemática y líneas deinvestigación*, artigo de 1998 onde Catarina Madeira Santos faz um resumo dos contributos da historiografia nacional a nível da Expansão Portuguesa na África Negra,

---

[73] António Caetano de Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, Tomos I-XII, MDCCXXXV-MDCCXLVIII. Do mesmo autor vejam-se também *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza,* Tomos I-VI, MDCCXXXIX-MDCCXLVIII e *Memórias históricas, e genealógicas dos grandes de Portugal, que contém a origem, e antiguidade de suas famílias: os estados, e os nomes dos que actualmente vivem, suas árvores de costado, as alianças das casas, e os escudos de armas, que lhes competem, até o ano de 1754*, MDCCLV.

[74] Felgueiras Gayo, *Nobiliário das famílias de Portugal*, Tomos I - XXXIII, 1938.

[75] Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra*, 3 Vols., 1921-1930.

no Oriente e nas Américas, sem fazer referência ao Norte de África[76]. Dois anos depois, foi Ângela Barreto Xavier a publicar uma reflexão acerca das *Tendências na historiografia da Expansão portuguesa*, analisando as questões subordinadas à História Social sem, no entanto, considerar o teatro de operações magrebino[77]. Posteriormente, em 2006, foi Jorge Flores a escrever sobre *Expansão portuguesa, expansões europeias e mundos não-europeus na época moderna*, sem mais uma vez referir os estudos acerca da presença portuguesa em Marrocos[78]. Comprova-se, portanto, que a gesta norte-africana não se tem destacado como um tema central no âmbito das investigações acerca da História da Expansão Portuguesa nos séculos XV e XVI.

Como é sabido, a historiografia do século XX prestou particular atenção ao século XV. Exemplo disso são os vários trabalhos dedicados a marcos da História da Expansão, como a conquista de Ceuta de 1415, o desastre de Tânger de 1437 ou os vários trabalhos desenvolvidos em torno da figura do infante D. Henrique. Neste sentido, é incontornável a vasta obra de Vitorino Magalhães Godinho, nomeadamente, a *Expansão Quatrocentista Portuguesa*[79]. Ainda assim, as últimas décadas têm assistido a progressos consistentes quanto ao estudo do século XVI, impulsionados, em parte, por um interesse crescente pelo reinado de D. Manuel. Do mesmo modo, também o reinado de D. João III - que constitui um período de viragem na política portuguesa face ao Norte de África – tem vindo a suscitar algum interesse por parte da comunidade académica[80].

---

[76] Catarina Madeira Santos, "Expansión y descubrimientos portugueses: problemática y líneas de investigación", in *Cuadernos de Historia Moderna*, Nº 20, pp. 111-128.

[77] Ângela Barreto Xavier, "Tendências na Historiografia da Expansão Portuguesa. Reflexões sobre os destinos da história social", in *Penélope*, Nº 22, pp. 141-179.

[78] Jorge Flores, "Expansão portuguesa, expansões europeias e mundos não-europeus na época moderna", in *Ler História*, Nº 50, pp. 23-43.

[79] Vitorino Magalhães Godinho, *A Expansão Quatrocentista Portuguesa*, 2008.

[80] Vejam-se, a título de exemplo, Robert Ricard, "L'évacuation des places portugaises du Maroc sous Jean III", in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo IV, pp. 335-349; Meyrelles do Souto, "O abandono das Praças do Norte de África", in *Stvdia,* Nº 33, pp. 251-339; Maria Leonor Garcia da Cruz, "Resumo da tese de doutoramento em Letras / História Moderna: A Governação de D. João III: a Fazenda Real e os seus Vedores", in *Clio – Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Nº 4, pp. 179-183. Da mesma autora vejam-se também "Portugal no jogo de poderes do Norte de África no segundo quartel do século XVI", in *Cadernos Históricos*, Nº IV, pp. 113-128; *A Governação de D. João III: a fazenda real e os seus vedores*, 2001; "Tavira no processo de

De modo geral, podemos afirmar que as sínteses acerca da presença portuguesa no Norte de África, nomeadamente, as obras gerais dedicadas à História da Expansão Portuguesa, foram elaboradas por investigadores como David Lopes[81] - que adiante trataremos de forma mais pormenorizada – Clara Junqueira[82], António Dias Farinha[83]

---

abandono de praças de praças portuguesas do Norte de África no século XVI – abertura de um estudo", in *Espirito e Poder – Tavira nos Tempos da Modernidade*, pp. 21-45; "As controvérsias ao tempo de D. João III sobre a política portuguesa no Norte de África", in *Mare Liberum*, Nº 13, pp. 123-199; "As controvérsias ao tempo de D. João III sobre a política portuguesa no Norte de África. Les controverses au temps de D. João III sur la politique portugaise en Afrique du Nord", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, pp. 205-268; Otília Rodrigues Fontoura, *Portugal em Marrocos na Época de D. João III - Abandono ou Permanência?*, 1998; João Paulo Oliveira e Costa, "O Império em meados do século XVI", in *Anais de História de Além-Mar*, Vol. III, pp. 87-121; Roberto Carneiro & Artur Teodoro de Matos (Dirs.) *D. João III e o Império. Actas do Congresso Internacional comemorativo do seu nascimento*, 2004.

[81] Vejam-se David Lopes, *História de Arzila durante o domínio português (1471-1550 e 1577-1589)*, 1924; "Os Portugueses em Marrocos: Ceuta e Tânger", in *História de Portugal*, pp. 385-432; "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Afonso V e de D. João II", in *História de Portugal*, pp. 433-452; "Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, pp. 453-544; "A Expansão em Marrocos", in *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Vol. I, pp. 131-192; "Les Portugais au Maroc", in *Revue d'Histoire Moderne*, Tomo XIV, Nº 29, pp. 337-368; "Cousas Luso-Marroquinas – Notas filológicas sobre particularidades vocabulares do português das praças de África", in *Boletim de Filologia*, Vol. VII, pp. 245-259; *A Expansão em Marrocos*, 1989.

[82] Clara Junqueira, "Marrocos na política da expansão portuguesa (1481-1578)", in *História de Portugal*, José Hermano Saraiva (Dir.), pp. 93-126.

[83] António Dias Farinha, "História de Mazagão Durante o Período Filipino", in *Stvdia*, Nº 26, pp. 179-343; "O Interesse pelo Norte de África", in *Portugal no Mundo*, Vol. I, pp. 101-112; "Características da presença portuguesa em Marrocos", pp. 113-124; "O Declínio da Política Africana: de Alcácer Quibir ao Abandono de Mazagão", pp. 125-136; "A Madeira e o Norte de África nos Séculos XV e XVI", in *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, Vol. I, pp. 360-377; *Portugal e Marrocos no século XV*, dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1990; "O conceito de «Império Português»", in *História de Portugal – Os Descobrimentos (II)*, Vol. V, pp. 445-457; "O Norte de África", in *História da Expansão Portuguesa*, Vol. I, pp. 118-133; *Os Portugueses em Marrocos*, 2002; "Prólogo", in *A Guerra Naval no Norte de África (séculos XV – XIX)*, pp. 9-12; "As Relações Luso-Marroquinas - Identidade e História", in *Revista Camões*, Nº17/18, Lisboa, 2004, pp. 8-16.

ou Paulo Drumond Braga[84]. De resto, investigadores estrangeiros e portugueses abordaram o tema no seu conjunto, produzindo obras de carácter generalista e de onde se destacam Henri Terrasse[85], Robert Ricard[86], Bernard Rosenberger[87], Maria Augusta Lima Cruz[88], entre outros[89].

---

[84] Paulo Drumond Braga, "A Expansão no Norte de África", in *Nova História da Expansão Portuguesa - Vol. II - A Expansão Quatrocentista*, pp. 237-337.

[85] Henri Terrasse, *Histoire du Maroc: des origines à l'établissement du protectorat français*, 2 Vols., 1949-1950.

[86] Robert Ricard, "Les dernières publications portugaises sur l'Histoire du Maroc", in *Hesperis*, Tomo VII, pp. 33-51; "La côte atlantique du Maroc au début du XVI siècle, d'aprés des instructions nautiques portugaises", in *Hesperis*, Tomo VII, pp. 229-265; "Les portugais et le Sahara atlantique", in *Hesperis*, Tomo XI, pp. 97-110; "Notes de bibliographie Luso-Marocaine", in *Hesperis*, Tomo XVII, pp. 149-152; "Le transport ao Brésil de la viile portugaise de Mazagan", in *Hesperis*, Tomo XXIV, pp. 139-142; *Les Portugais au Maroc de 1495 à 1521 extraits de la Chronique du roi D. Manuel de Portugal, de Damião de Góis*, Tome XXXI, 1937; "Les Portugais et l'Afrique du Nord sous le Règne de Jean III (1521-1557) d'après la Chronique de Francisco de Andrade", in *Hesperis*, Tomo XXIV, pp. 259-345; *Les Portugais et l'Afrique du Nord de 1521 à 1557. Extraits des* "*Annales de Jean III*" *de Luís de Sousa*, 1940; "Sur les facteurs portugais d'Andalousie", in *Melages d'études luso-marocains dédiés à la mémoire de David Lopes et Pierre Cénival*, pp. 391-400; "Les Facteurs Portugais d'Andalousie (1509-1588)", in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Tomo II, seconde partie, pp. 564-573; "Les Places Luso-Marocaines et les Iles Portugaises de l'Atlantique", in *Anais da Academia Portuguesa da História*, Vol. 2, pp. 401-410; "L'évacuation des places portugaises du Maroc sous Jean III", in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Tomo IV, pp. 335-349; "Bastião Vargas agent de Jean III de Portugal au Maroc et le project d"alliance entre le Portugal et le Royaume de Fés (1539-1541)", in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Tomo III, Archives et Bibliothèques de Portugal, pp. 176-102; *Notes Luso-Marocains*, Tomo XXIII, 1961.

[87] Vejam-se, a título de exemplo, Bernard Rosenberger, "Le Portugal et l'Islam maghrébin (XV-XVI siècle)", in *Histoire Européenne. Actes du Colloque*, pp. 59-83; "Aspects du commerce portugais avec le Maroc (XV-XVI siècle)", in *Aquém e Além da Taprobana. Estudos Luso-Orientais à Memória de Jean Aubin e Denys Lombard*, pp. 71-84; *Le Maroc au XVIème siècle. Au seuil de la modernité*, Casablanca, Fondation des Trois Cultures, 2008; "O pão, préoccupation constante dans les places portugaises du Maroc pendant le règne de D. Manuel", in *D' Aquém, D' Além e D' Ultramar. Homenagem a António Dias Farinha*, Vol. I, pp. 75-94; "O Suz na História de Marrocos (finais do século XV – inícios do século XVI). Le Sous dans l'Histoire du Maroc (fin du XVe – début du XVIe siècle)", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I, pp. 27-97.

[88] Vejam-se, a título de exemplo, Maria Augusta Lima Cruz, "Os Portugueses em Marrocos nos séculos XV e XVI", in *História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa*, pp. 55-125; "A propósito da

As reflexões de Luís Filipe Thomaz acerca dos motivos que impulsionaram a Expansão Portuguesa acabaram, inevitavelmente, por passar pela história dos portugueses em Marrocos, ainda que num plano muito mais global. Neste sentido, os seus contributos resultam imprescindíveis para a compreensão do projecto norte-africano, nomeadamente, em trabalhos como *Expansão portuguesa e expansão europeia – reflexão em torno da génese dos descobrimentos*[90], *A evolução da política expansionista portuguesa na primeira metade de quatrocentos*[91] ou *O Projecto Imperial Joanino. Tentativa de interpretação global da política ultramarina de D. João II*[92], para além de *A Expansão Portuguesa – um prisma de muitas faces*[93], publicado já em 2021.

A História Económica da Expansão portuguesa, principalmente no que se refere aos recursos naturais do Magrebe, ao comércio, contrabando e resgate de cativos foi investigada por Vitorino Magalhães Godinho[94], para além dos contributos de

---

conquista de Azamour: do discurso eufórico à realidade. À propos de la conquête d'Azemmour: du discours euphorique à la réalité", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I, pp. 456-483; "Os moradores de Azamor. Les moradores d'Azemmour", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I, pp. 595-649; "Marrocos", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, pp. 694-702.

[89] Vejam-se também as seguintes obras: Durval Pires de Lima, *Portugal em África*, 1931; Vasco de Carvalho, *La Domination Portugaise au Maroc 1415-1769*, 1934; Torquato de Sousa Soares, "Algumas observações sobre a política Marroquina da Monarquia Portuguesa", in *Revista Portuguesa de História*, Tomo X, pp. 509-555; Elaine Sanceau, *Os portugueses em Marrocos*, 1964; Alfredo Coelho de Magalhães, "O Norte de África", in *História de Portugal, Vol. 3 – No Alvorecer da Modernidade*, p. 48; Maria de Fátima Reis, *Campanhas do Norte de África*, 2006; João Figuerôa-Rêgo, *O Algarve e as Praças Marroquinas – nos Livros das Portarias e de Matrícula da Casa Real (séculos XVI – XVIII)*, 2007, etc

[90] Luís Filipe Thomaz, "Expansão portuguesa e expansão europeia – reflexão em torno da génese dos descobrimentos", in *De Ceuta a Timor*, pp. 1-41.

[91] Luís Filipe Thomaz, "A evolução da política expansionista portuguesa na primeira metade de quatrocentos", in *De Ceuta a Timor*, pp. 43-147.

[92] Luís Filipe Thomaz, "O Projecto Imperial Joanino. Tentativa de interpretação global da política ultramarina de D. João II", in *De Ceuta a Timor*, pp. 149-167.

[93] Luís Filipe Thomaz, *A Expansão Portuguesa – um prisma de muitas faces*, 2021.

[94] Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, 1947. Do mesmo autor vejam-se também *Sobre as Sociedades e Economias do Noroeste Africano*, 1947; *"Mediterrâneo" Saariano e as Caravanas do Ouro – Geografia Económica e Social do Saara Ocidental e Central do XI*

investigadores como Robert Ricard[95], Bernard Rosenberger[96], Ahmed Boucharb[97], Yassir Benhima[98] ou Edite Alberto[99], entre outros[100]. De salientar que, nesta linha de

---

ao XVI Século, 1956 e "A Tradição do Ouro e as Caravanas Saarianas", in *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, Vol. I, pp. 65-94;

[95] Robert Ricard, "Le Commerce de Berbérie et l'Organisation économique de l'Empire Portugais aux XVe e XVIe siècles (avec une note annexe de P. Ricard sur les "hanbels" nord-africains), in *A. I. E. O. – F. L. U. A*., 1936. Do mesmo autor ver também "Contribution à l'étude du Commerce génois au Maroc durant la période portugaise (1415-1550)", in *A. I. E. O. – F. L. U. A*., 1937; "La Factorerie portugaise d'Oran (1483-1487), in *A. I. E. O. – F. L. U. A*., 1939-1941.

[96] Veja-se, a título de exemplo, Bernard Rosenberger, "Aspects du commerce portugais avec le Maroc (XV-XVI siècle)", in *Aquém e Além da Taprobana. Estudos Luso-Orientais à Memória de Jean Aubin e Denys Lombard*, pp. 71-84.

[97] Veja-se, a título de exemplo, Ahmed Boucharb, "Le contrebande portugaise le long de la côte atlantique marocaine au XVIe siècle d'après le procès de l'inquisition de Lisbonne", in *Actas do Colóquio Internacional: Portugal, Espanha e Marrocos, O Mediterrâneo e o Atlântico*, pp. 225-235.

[98] Yassir Benhima, "Activités pastorales et produits de l'elévage dans l'économie des places portugaises du sud du Maroc (première moitié du XVIe siègle), in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, pp. 101-108. Do mesmo autor veja-se também "Tafadna: Histoire d'un Port de la Région de Haha au début du XVI siègle", in *Études et Documents Berbéres*, Nº 43, pp. 49-66.

[99] Edite Maria da Conceição Martins Alberto, "Resgatar cristãos em terras no Norte de África – O ofício de Alfaqueque no século XV", in *Estudos de História LusoMarroquina*, pp. 41-50. Da mesma autora veja-se também *Um Negócio Piedoso: o Resgate de Cativos em Portugal na Época Moderna*, dissertação de doutoramento em Historia - Área do conhecimento de Idade Moderna - apresentada à Universidade do Minho, 2010; "No contexto de um resgate geral de cativos: Diogo Correia da Mota – Embaixador de D. João V na corte de Marrocos (1728-1729", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, pp. 311-319; "Nas fronteiras entre o mundo cristão e muçulmano. O Convento da Trindade de Ceuta. On the borders between the christian and the muslin worlds. The Trinity Convento f Ceuta", in *A Península Ibérica e o Norte de África (séculos XV a XVII). História e Património. The Iberian Peninsula and North Africa (15th to 17th centuries). History and Heritage*, pp. 175-190; "Mazagão e os resgates gerais de cativos de 1689, 1718 e 1729. Mazagan et les rachats collectifs de captifs de 1689, 1718 et 1729", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, pp. 323-357.

[100] Isaías da Rosa Pereira, "Achegas para a História do comércio entre Lisboa e o Norte de África nos meados do século XVI", in *Presença de Portugal no Mundo (Actas do Colóquio)*, 1982; Margarida Seixas, "Cativos e resgate em Portugal – Do Direito Medieval ao Direito Moderno. Algumas notas", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, pp. 293-310; Fernando

investigação, a historiografia prestou particular atenção à feitoria portuguesa na Andaluzia, de onde resultaram trabalhos como *A Feitoria Portuguesa na Andaluzia (1500-1532),* de Manuel Henrique Corte-Real[101], e de outros investigadores, com contributos pertinentes e significativos para a compreensão do abastecimento e do envio de socorros para as praças norte-africanas a partir da Andaluzia[102], como também a partir do reino[103]. Quanto ao domínio inter-regional, particularmente entre o Magrebe e as ilhas Atlânticas, alguns estudos procuraram explorar as relações estabelecidas entre o Norte de África e os Açores[104] e a Madeira[105], quer a nível do abastecimento, como a nível do envio de socorros militares.

Pessanha, "A venda de escravos mouriscos/berberiscos em Arenilha, na foz do Guadiana. Século XVI", in *La esclavitud en el sur de la península Ibérica. Siglos XV al XVII*, pp. 264-282.

[101] Manuel Henrique Corte-Real, *A Feitoria Portuguesa na Andaluzia (1500-1532)*, 1967.

[102] Tomás Garcia Figueras & Hipólito Sancho, *Dos Expedientes de abastecimiento de Mazagán, Tánger y Ceuta, por factores portugueses del Puerto de Santa Maria, (1563-1567),* 1939; Francisco Bejarano Robles, *Documentos para el estúdio del abastecimento y auxilio de las plazas portuguesas en Marruecos desde el sur de España – Aportación del concejo y la ciudad de Málaga esta empresa a instancia de los factores portugueses, durante el siglo XVI (1513-1574),* 1941; Hipólito Sancho, *La colonia Portuguesa del Puerto de Santa Maria. Siglo XVI*, s/d.; Hipólito Sancho, "Un foco de cooperación Española a la Obra Portuguesa en África: Jerez de la Frontera y el Puerto de Santa Maria, 1500-1550", separata de *Mauritania*, XXI, 1943; Robert Ricard, "Les Facteurs Portugais d'Andalousie (1509-1588)", in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo II, pp. 564-573 e "Sur les facteurs portugais d'Andalousie" in *Melages d'études luso-marocains dédiés à la mémoire de David Lopes et Pierre Cénival*, pp. 391-400; Vitorino Magalhães Godinho, "Les Présides Portugais au Maroc", in *Homenaje a Jaime Vicens Vives*, Vol. II, pp. 183-198; Antonio Carmona Portillo, "Un contencioso entre Málaga y el Reino de Portugal en el contexto del abastecimiento de las plazas portuguesas del Norte de África desde el puerto de Málaga", in *Isla de Arriarán*, XX, pp. 23-40; Fernando Pessanha, Do mesmo autor vejam-se também "Ayamonte na Expansão Portuguesa para o Norte de África", in *Jornadas de História de la muy noble y leal ciudad de Ayamonte*, Vol. XXI, pp. 111-179 e "A Andaluzia na Expansão Portuguesa em Marrocos: Espaço de mobilidade e oportunidade nos alvores da Idade Moderna", in *Movilidad, interacciones y espacios de oportunidade entre castilla y Portugal en la Edad Moderna*, pp. 209-229; Rafael M, Pérez García, *El tráfico de personas entre Ceuta y la Península Ibérica en el siglo XVI: esclavos africanos y cautivos europeos*, 2022.

[103] Maria Teresa Rabaça Gaspar, *A Circulação de Cereais entre Portugal e o Norte de África no século XV*, dissertação de mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1997.

[104] Maria Augusta Lima Cruz, "O Trigo açoriano em Marrocos no século XVI", in *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, Vol. XLI, pp. 625-650; José Damião Rodrigues & Maria de Fátima Galama,

Os intervenientes directos na Expansão Portuguesa para o Norte de África viram-se na necessidade de se relacionarem com outros grupos étnicos, nomeadamente, com as lideranças locais/regionais muçulmanas[106], e com um conjunto de tribos muçulmanas que se sujeitaram à soberania de Portugal e cuja acção foi fundamental para o domínio luso em Marrocos, principalmente, na região da Duquela[107]. Nesse sentido assume particular importância o artigo de Bernard Rosenberger intitulado *Yahya U Ta"fuft (1506.1518). Des ambitions déçues*[108], publicado em 1993, assim como o artigo de Mathew T. Racine, *Service and Honor in sixteenth-century portuguese North Africa: Yahya-u-Tafuft and portuguese noble culture*[109], publicado em 2001, ou o de

---

"Os açorianos em Marrocos no século XVI: o testemunho de Gaspar Frutuoso", in *Portugal e o Magrebe. Astas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, pp. 109-116; José Damião Rodrigues,"O abastecimento de Mazagão no século XVIII: o papel do Açores", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, pp. 257-264. Do mesmo autor veja-se também "O eixo insular. Açores e Marrocos: relações sociais e económicas (séculos XV-XVIII). L'axe insulaire. Açores et Maroc: relations sociales et économiques (XVe-XVIIIe siècles)", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, pp. 169-190. Sobre o abastecimento das praças norte-africanas a partir dos Açores veja-se também Robert Ricard, "Les Places Luso-Marocaines et les Iles Portugaises de l'Atlantique", in *Anais da Academia Portuguesa da História*, Vol. 2, pp. 401-410.

[105] Alberto Artur Sarmento, *A Madeira e as Praças de África*, 1932; António Dias Farinha, "A Madeira e o Norte de África nos Séculos XV e XVI", in *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, Vol. I, pp. 360-377. Sobre o abastecimento das praças norte-africanas a partir da Madeira veja-se também Robert Ricard, "Les Places Luso-Marocaines et les Iles Portugaises de l'Atlantique", in *Anais da Academia Portuguesa da História*, Vol. 2, pp. 401-410.

[106] António Dias Farinha, "Os Xarifes de Marrocos (Notas sobre a Expansão Portuguesa no Norte de África)", in *Estudos de História de Portugal – Homenagem a A. H. de Oliveira Marques*, Vol. II, pp. 57-68; Bernard Rosenberger, "Relations entre portugais et musulmanes au Maroc au XVI siècle", in *O Rosto feminino da Expansão portuguesa. Congresso Internacional realizado em Lisboa, Portugal, 21-25 de Novembro de 1994. Actas. Vol. I*, pp. 375-386.

[107] Joseph Goulven, *La Politique indigène du Roi Manuel Ier dans le Sud Marocain*, s/d.

[108] Bernard Rosenberger, "Yahya U Ta"fuft (1506.1518). Des ambitions déçues", in *Hespéris Tamuda*, Vol. XXXI, pp. 21-59.

[109] Mathew T. Racine, "Service and Honor in sixteenth-century portuguese North Africa: Yahya-u-Tafuft and portuguese noble culture", in *The Sixteenth Century Journal*, Nº 32, pp. 67-90.

Maria Augusta Lima Cruz intitulado *Mouro para os cristãos e cristão para os mouros: o caso Bentafufa*[110], publicado em 2002.

Para além do contacto com os poderes locais/regionais muçulmanos, e das tribos que se sujeitaram à soberania de Portugal, temos ainda a referir o contacto que os portugueses tiveram com as comunidades judias, sendo que *Os Judeus na Expansão Portuguesa em Marrocos durante o século XVI – origens e actividade de uma comunidade*, de José Alberto Rodrigues da Silva Tavim, apresenta-se como um dos estudos mais completos nesta linha de investigação[111]. Em Portugal e nas possessões de além-mar, os mouriscos desempenharam papéis variados, desde escravos convertidos ao cristianismo e provenientes das cidades portuguesas do Norte de África, a refugiados políticos ou a militares ao serviço da Coroa portuguesa[112]. Do mesmo modo, também os intérpretes mouriscos, fundamentais para a condução da política portuguesa em

---

[110] Maria Augusta Lima Cruz, "Mouro para os cristãos e cristão para os mouros: o caso Bentafufa", in *Anais de História de Além-Mar*, Vol. III, pp. 39-63.

[111] José Alberto Rodrigues da Silva Tavim, *Os Judeus na Expansão Portuguesa em Marrocos durante o século XVI – origens e actividade de uma comunidade*, 1997. Do mesmo autor ver também "Judeus entre Portugal e Marrocos nos séculos XVI e XVII. Páginas de controvérsias e entendimentos", in *Revista Camões*, Nº17/18, pp. 149-165; "Fortunas Judaicas de Salé. Contribuição para o estudo dos negócios da «nação portuguesa» (século XVII)", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, pp. 117-128; "Judeus de Marrocos em viagem pela Europa, Oriente e Novo Mundo (séculos XVI-XVII): O exemplo de Mazagão como «porto de passagem». Les juifs du Maroc en voyage à travers l'Europe, l'Orient et le Nouveau Monde (XVIe-XVIIe siècles): L'exemple de Mazagan comme «port de passage»", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, pp. 295-322; "Judeus de Azamor e Mazagão: um diálogo permanente. Juifs d'Azemmour et de Mazagan: un dialogue permanente", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, pp. 651-671. Ver também Maria José Ferro Tavares, "Judeus de sinal em Portugal no século XVI", in *Cultura – História e Filosofia*, Vol. V, Lisboa, INIC/Centro de História e Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 1986, pp. 339-363.

[112] Fernando Pessanha, "Os mouriscos nos Algarves portugueses – uma perspectiva generalista sobre uma minoria étnica", in *Congreso Internacional Los Descendientes Andalusíes "Moriscos" en Marruecos, España y Portugal*, pp. 245-254; Rogério de Oliveira Ribas "Mouriscos cavaleiros e mouriscos de bens no império português", in *D' Aquém, D' Além e D' Ultramar. Homenagem a António Dias Farinha*, Vol. I, pp. 607-615.

Marrocos, assumem particular importância[113]. Com efeito, as investigações em torno dos mouriscos têm captado algum interesse por parte dos historiadores. Destacam-se nesta linha de investigação obras como *Mouriscos et Elches: conversions au Maroc au début du XVIe siècle*, de Bernard Rosenberger[114], *Os Pseudo-Mouriscos de Portugal no Século XVI*, de Ahmed Boucharb[115], ou *Mouriscos e Cristãos no Portugal Quinhentista,* de Isabel Drumond Braga[116]. Ainda assim, seria desejável que houvesse maior investimento neste domínio.

Também outras áreas de investigação, no quadro dos estudos relativos à História da Expansão, carecem de maior desenvolvimento, como o papel da Igreja no Norte de África. É nesse contexto que o *Tratado da vida e martyrio dos cinco Martires de Marocos…*[117], que narra o martírio dos cinco franciscanos que procuraram evangelizar os muçulmanos do Norte de África, se assume como a obra quinhentista que melhor ilustra a estreita relação entre o culto dos mártires cristãos canonizados em 1481 e os interesses da Coroa portuguesa na gesta marroquina. Porém, não obstante os vários estudos publicados acerca do supracitado tratado[118], não se pode considerar a existência

---

[113] António Dias Farinha, "Os Marabutos e a Presença Portuguesa em Marrocos (Nótulas)" in *Colectânea de Estudos em Honra do Prof. Doutor Damião Peres*, pp. 299-308; Rogério de Oliveira Ribas, "«Cide Abdella»: um marabuto na corte de D. João III" in *D. João III e o Império. Actas do Congresso Internacional comemorativo do seu nascimento*, pp. 621-626.

[114] Bernard Rosenberger, "Mouriscos et Elches: conversions au Maroc au début du XVIe siècle", in *Relaciones de la Península Ibérica com el Magreb (siglos XIII-XVI)*, pp. 621-664.

[115] Ahmed Boucharb, *Os Pseudo-Mouriscos de Portugal no Século XVI – estudo de uma especificidade a partir das fontes inquisitoriais*, 2004.

[116] Isabel Drumond Braga, *Mouriscos e Cristãos no Portugal Quinhentista – duas culturas e duas concepções religiosas em choque*, 1999. Note-se que esta autora também publicou outros trabalhos sobre a presença portuguesa no Norte de África. Vejam-se, a título de exemplo, *Entre a Cristandade e o Islão (séculos XV-XVII) – Cativos e Renegados nas Franjas de duas Sociedades em Confronto*, 1998; "As viagens de Frei João de Sousa ao Magrebe no século XVIII: percursos, alojamentos e práticas alimentares", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, pp. 277-289. Veja-se também, em co-autoria com Paulo Drumond Braga, *Ceuta Portuguesa (1415 – 1656)*, 1998.

[117] João Álvares (impr.), *Tratado da vida e martyrio dos cinco Martires de Marocos enviados per São Francisco*, 1568.

[118] Vejam-se, a título de exemplo, António Gomes da Rocha Madahil (intr. e notas), *Tratado da vida e martírio dos Cinco Mártires de Marrocos*, 1928; Milton Pedro Dias Pacheco, "Os proto-mártires de Marrocos da Ordem de São Francisco «muy suave odor de sancto martyrio»", in *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Ano VIII, Nº 15, pp. 85-108; Isabel Dias, "D. Pedro Sanches e a lenda dos cinco

de uma linha de investigação dedicada à importância da Igreja no Marrocos português. De facto, à excepção de trabalhos como *Os Mártires de Marrocos e Raimundo Lulo e a evangelização portuguesa no Norte de África até ao século XVI*[119], publicado por João Francisco Marques em 1989, ou *Mazagão no Tribunal do Santo Ofício*, publicado por Paulo Drumond Braga em 2011[120], a grande maioria de publicações acerca do papel da Igreja no Norte de África datam essencialmente do final do século XIX e primeira metade do século XX[121]. Com efeito, ainda que Marrocos não tenha sido sujeito a um processo evangelizador como o que ocorreu no Brasil, na África Negra ou na Índia, a Igreja não deixou de exercer alguma influência na gesta portuguesa no Norte de África[122], onde o papel das Ordens Militares não tem sido devidamente considerado[123].

Também a História da Arte, a História da Arquitectura, a Arqueologia e os estudos relativos à organização e estratégia militar têm dado significativo contributo à História da Expansão Portuguesa para o Norte de África. De facto, no que se refere à

---

mártires de Marrocos", in *O Imaginário Medieval*, pp. 123-131; Maria Filomena Andrade, "Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marocos enviados per São Francisco. Coimbra: por João Alvarez, 7 de Fevereiro de 1568", in *Anões às costas dos grandes gigantes do passado. Poder mitos e memórias na sociedade medieval. Contributos de Luís Krus*, p. 34. Sobre os Mártires de Marrocos vejam-se também Duarte Nunes de Leão, *Descripção do Reino de Portugal*, Capitvlo LXII, pp. 99-101; Maria de Lurdes Rosa, "Do «santo conde» ao mourisco mártir: usos da santidade no contexto da guerra norte-africana (1415-1521)", Discurso proferido no simpósio internacional «Novos Mundos – Neue Welten. Portugal e a Época dos Descobrimentos» no Deutsches Historisches Museum, em Berlim, 23 a 25 de Novembro de 2006, pp. 8-10.

[119] João Francisco Marques, "Os Mártires de Marrocos e Raimundo Lulo e a evangelização portuguesa no Norte de África até ao século XVI", in *Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a sua época – Vol. V – Espiritualidade e Evangelização*, pp. 343-368.

[120] Paulo Drumond Braga, "Mazagão no Tribunal do Santo Ofício", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, pp. 237-244.

[121] Vejam-se, a título de exemplo, Visconde de Paiva Manso, *História Eclesiástica Ultramarina. África Setentrional: Bispado de Ceuta, Tânger, Safim e Marrocos*, 1872; Domingos Maurício Gomes dos Santos, "A entrada dos Jesuítas em Marrocos no século XVI", in *Melanges d'études luso-marocaines dédiés à la mémoire de David Lopes et Pierre Cénival*, pp. 225-282; Georges S. Colin, "Des juifs nomades retrouves dans le sahara marocain au XVIe siecle", in *Melages d'études luso-marocains dédiés à la mémoire de David Lopes et Pierre Cénival*, pp. 51-66; Robert Ricard, "L'Évêché de Safi", in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo III, pp. 75-82.

[122] António Dias Farinha, "Marrocos", in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, pp. 174-178.

[123] J. Vieira Guimarães, *Marrocos e Três Mestres da Ordem de Cristo*, 1916.

publicação de bibliografia relativa ao património português em Marrocos, evidencia-se uma tendência progressiva que remonta à primeira metade do séc. XX, com a publicação de obras como *Lugares Dalém, Azamor, Mazagão, Safim*, obra de Vergílio Correia publicada em 1923, *Promenade a travers l'histoire et les vestiges de la domination portugaise au Maroc*[124] e *Maroc Lusitanien 1415-1769*[125], publicadas por Marise Périale, em 1938, ou *L'Architecture Portugaise au Maroc el le Style Manuelin*, publicado por Paul-Antoine Evin, em 1942[126]. Porém, é a partir da segunda metade do séc. XX que se começa a evidenciar uma linha de investigação mais consistente a nível da História da Arte Portuguesa no Norte de África, destacando-se, desde logo, os trabalhos desenvolvidos por Rafael Moreira, de entre os quais se assume particular importência *Portugal no Mundo: História das fortificações Portuguesas no Mundo*[127], assim como os de Pedro Dias, nomeadamente, *A Arquitectura dos Portugueses em Marrocos 1415 – 1769*[128] ou *História da Arte Portuguesa no Mundo – O Espaço Atlântico (séculos XV – XIX)*[129]. Já em 2012, foi a vez de Romeo Carabelli publicar um resumo do património português em Marrocos em *L'héritage Portugais ao Maroc – un patrimoine d'actualité*[130].

Mais recentemente, também os estudos sobre a Arquitectura Militar portuguesa em Marrocos têm vindo a afirmar-se como uma linha de investigação em manifesta ascensão. Para tal, muito tem contribuído o labor de Jorge Correia, autor de *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África - Da tomada de Ceuta a meados*

---

[124] Marise Périale, *Promenade a travers l'histoire et les vestiges de la domination portugaise au Maroc*, 1938.

[125] Marise Périale, *Maroc Lusitanien 1415-1769*, 1938.

[126] Paul-Antoine Evin, *L'Architecture Portugaise au Maroc el le Style Manuelin*, 1942.

[127] Rafael Moreira (Dir.), *Portugal no Mundo: História das fortificações Portuguesas no Mundo*, 1989. Do mesmo autor vejam-se também *A Construção de Mazagão. Cartas inéditas 1541-1542, 2001*; "O tesouro de Mazagão. Le trésor de Mazagan", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, pp. 323-357.

[128] Pedro Dias, *A Arquitectura dos Portugueses em Marrocos 1415 – 1769*, 2000.

[129] Pedro Dias, *História da Arte Portuguesa no Mundo – O Espaço Atlântico (séculos XV – XIX)*, 2008. Do mesmo autor ver também "As Construções Portuguesas na Cidade Magrebina de Azamor", in *Revista Camões*, Nº17/18, pp. 125-134.

[130] Romeo Carabelli, *L'héritage Portugais ao Maroc – un patrimoine d'actualité*, 2012.

do Séc. XVI[131], e de outros trabalhos da sua autoria[132] ou por si orientados na Escola de Arquitectura da Universidade do Minho[133]. De resto, o estudo da Arquitectura Militar Portuguesa no Norte de África tem vindo a contar com os notórios contributos de outros investigadores, como João Barros Matos, que se tem dedicado ao estudo de Mazagão[134],

---

[131] Jorge Correia, *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África- Da tomada de Ceuta a meados do Séc. XVI*, 2008.

[132] Do mesmo autor veja-se ainda os seguintes trabalhos: "Urban models and concepts in Portuguese Tangier (1471-1661)", in *Planning History. Bulletin of the International Planning History Society*, s/l., IPHS. 26: 3, 2004, pp. 11-16; "Mazagão: A última praça Portuguesa no Norte de África", in *Revista de História da Arte*, Nº 4, 2007, pp. 184-211; "Dimensões da castelogia portuguesa no Norte de África entre Quatrocentos e meados de Quinhentos", in *Anais de História de Além-Mar*, Vol. IX, pp. 9-36; "Portuguese cities unveiled: interpreting the present medina in the Maghreb", in *Proceedings of 12th International Conference on Urban History: Cities in Europe, Cities in the World*, 2014 (On line). Do mesmo autor vejam-se ainda os trabalhos publicados com a co-autoria de outros investigadores: Jorge Correia & Ana Lopes, "L'espace Urbain d'Azemmour pendant la domination portugaise: bilan de la première mission", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, 2011, pp. 199-212; "Azemmour, Morocco: early sixteenth-century portuguese defences", in *FORT Journal*, Nº 42, 2014, pp. 3-29; "Azamor entre 1513 e 1541: arquitectura e urbanismo. Azemmour entre 1513 et 1541: architecture et urbanisme", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, pp. 485-537; André Teixeira; Ana Lopes; Jorge Correia; Azzeddine Karra, "As fortificações portuguesas de Azamor: contributo para a actualização do seu conhecimento", in *Fortificações e território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*, Vol. II, 2013, pp. 627-638; Jorge Correia & Indira Peixoto, "Da arquitectura militar do período português em Arzila, Marrocos. Momentos, intervenientes, significados", in *A Península Ibérica e o Norte de África (séculos XV a XVII). História e Património. The Iberian Peninsula and North Africa (15th to 17th centuries). History and Heritage*, 2019, pp. 107-138.

[133] Vejam-se, a título de exemplo, Ana Catarina Gonçalves Lopes, *(A)cerca de Azamor. Estruturas Militares ao Manuelino*, dissertação de mestrado em História da Arquitectura apresentada à Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, 2009; João Sérgio Sequeira Rodrigues Braga da Cruz, *O castelo português de Alcácer Ceguer: transformações morfológicas nos sécs. XV e XVI*, dissertação de mestrado em História da Arquitectura apresentada à Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, 2015; Ana Carolina Rocha Mendes, *O castelo novo de Tânger: resgate da arquitectura militar portuguesa entre os séculos XV e XVII*, dissertação de mestrado em História da Arquitectura apresentada à Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, 2017; Cândida Sofia de Matos Carvalho, *O castelo de cima de Tânger, entre quatrocentos e seiscentos: de paço a cidadela*, dissertação de mestrado em História da Arquitectura apresentada à Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, 2018.

[134] João Manuel Barros Matos, *A Fortaleza de Mazagão. Bases para uma proposta de recuperação e valorização*, dissertação de mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico

entre outros[135], publicados em obras como *Estudos de História Luso-Marroquina*, em 2010[136], *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina,* em 2011[137], *A Península Ibérica e o Norte de África (séculos XV a XVII). História e Património*[138], em 2019, ou *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII)*, publicado já em 2022[139].

---

apresentado à Universidade de Évora, 2001. Do mesmo autor veja-se também "A fortaleza de Mazagão e a porta do mar", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, 2011, pp. 221-228; *Do mar contra terra. Mazagão, Ceuta e Diu, primeiras fortalezas abaluartadas da expansão portuguesa. Estudo arquitectónico*, dissertação de doutoramento em Teoría y Práctica de la Rehabilitacíon Arquitectónica y Urbana apresentada à Escuela Técnica Superior de Arquitectura da Universidad de Sevilla, 2012; "As fortalezas abaluartadas de Mazagão, Ceuta e Diu. Implantação e relação com o território", in *XVII Jornadas de Historia de Ceuta – Portugal y el Norte de África. Historias d'aquem e d'alem-mar*, pp. 45-53.

[135] Veja-se também, a título de exemplo, Mário Jorge Barroca, "Tempos de Resistência e de Inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manuel I (1495 - 1521)", in *Portvgalia*, Vol. XXIV, pp. 95-112; Rui Carita, "A Arquitectura Abaluartada de Origem Portuguesa", in *Revista Camões*, Nº17/18, pp. 135-148; Vânia Oliveira; Marta Mota Prego; Joana Rocha Silva, "Mazagão: cidade quase ideal", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, pp. 229-234.

[136] Maria Augusta Lima Cruz & Rui Manuel Loureiro (coord.), *Estudos de História Luso-Marroquina*, 2010.

[137] AAVV, *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, 2011.

[138] Jorge Correia & André Teixeira (coord.), *A Península Ibérica e o Norte de África (séculos XV a XVII). História e Património. The Iberian Peninsula and North Africa (15th to 17th centuries). History and Heritage*, 2019.

[139] Maria Augusta Lima Cruz & André Teixeira (coords), *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I - Estudos, 2021. Refira-se que a mesma atenção tem sido prestada à Arquitectura Militar Portuguesa ao Oriente. Vejam-se, a título de exemplo, Augusto Pereira Brandão, "O Oriente", in *Portugal no Mundo: História das fortificações Portuguesas no Mundo*, pp. 159-187; João dos Santos de Sousa Campos, *Arquitectura Militar Portuguesa no Golfo Pérsico – Ormuz, Keshm e Larak*, dissertação de doutoramento na área da História, especialidade de História da Arte, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2008; Pedro de Aboim Inglez Cid, "As fortalezas manuelinas do Índico: características e antecedentes", in *Anais de História de Além-Mar*, Vol. XII, pp. 9-42; Ana Lopes & Jorge Correia, "Mascate, cidade ou território: para uma interpretação da sua defesa ao tempo português", in *Revista de História da Arte – Cidade (In)Defesa / Defence(less) city*, Nº 13, pp. 68-89; Vítor Luís Gaspar Rodrigues, "A fortaleza de Cranganor (Kodungallor) sob domínio Português (1507?-1662)", in *Promontoria – Revista de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, Nº 13, pp. 189-206.

Simultaneamente, também a investigação arqueológica sobre o património português em Marrocos tem vindo a ganhar novo fôlego. De facto, aos trabalhos chefiados por Charles L. Redman, em Alcácer Ceguer, e ao labor desenvolvido pelo Centre d'Études et de Recherches sur le Patrimoine Maroco-Lusitanien[140], sediado em El Jadida, juntaram-se nos últimos anos os notáveis trabalhos de arqueólogos portugueses, marroquinos e espanhóis, de onde se destacam, desde logo, os significativos contritutos de André Teixeira[141], Azzeddine Karra[142], Fernando Villada Paredes[143] e muitos outros[144].

---

[140] Aboulkacem Chebri, *O Património Arquitectónico Luso-Marroquino*, s/d.

[141] Vejam-se, a título de exemplo, André Teixeira; Abdelatif El-Boudjat; Gonçalo C. Lopes, Joana Bento Torres, Cristóvão Fonseca, "A ribeira de Alcácer Ceguer. Estruturas militares e vida marítima nos séculos XIV-XVI. The ribeira of Ksar Seguir. Military structures and maritime life in the 14th to 16th centuries", in *A Península Ibérica e o Norte de África (séculos XV a XVII). História e Património. The Iberian Peninsula and North Africa (15th to 17th centuries). History and Heritage*, pp. 9-36; André Teixeira, Azzedinne Karra, Patrícia Carvalho, Joana Bento Torres, "Azamor medieval: uma aproximação arqueológica. Azemmour médiévale: une approche archéologique", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, pp. 379-463.

[142] Vejam-se, a título de exemplo, Azzedine Karra, *Cidade Portuguesa de Mazagão – El Jadida*, 2005; "A Cidade Portuguesa de Mazagão – Medidas de Protecção e Gestão", in *Reunião Internacional Sobre Património Mundial de origem Portuguesa*, s/p. Azzeddine Karra & André Teixeira, "Fouilles archéologiques à Azemmour (2008): Questions historiques et premières constatations", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, pp. 177-198.

[143] Vejam-se, a título de exemplo, J. M. Hita Ruiz y Fernando Villada Paredes, "Entre el Islam y la Cristiandad: cerámicas del siglo XV en Ceuta. Avance preliminar", in *Cerámicas islámicas y cristianas a fines de la Edad Media. Influencias e intercambios*, pp. 367-405; Fernando Villada Paredes; Jose M. Hita Ruiz; José Suárez Padilla, "Vestigios arqueológicos del periodo português (1415-1668) en Ceuta", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, pp. 131-151; Fernando Villada Paredes, "Excavaciones arqueológicas en la Muralla Real de Ceuta. Persistencias y rupturas (1415-1668), in *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna / Old and New Worlds. Studies on Early Modern Archaeology*, pp. 375-384; André Teixeira; Fernando Villada Paredes; Rodrigo Banha da Silva (coord.), *Lisboa 1415 Ceuta. Historia de dos ciudades – história de duas cidades*, 2015; Fernando Villada Paredes; C. Fernández Gallego; J. M. Hita Ruiz; "Por quamto hua das principaes cousas que som necesarias pera prouymento dos que estam en Ceuta asy he louca... The Supply of Pottery to Ceuta during the Portuguese period (1415-1668), in *Proceedings of the first international conference of portuguese faiance (16th-19th centuries)*, 2016, pp. 355-364; Fernando Villada Paredes, "Construyendo la ciudad portuguesa en el Norte de África (siglos XV-XVI). El caso de Ceuta. Building the portuguese

Com efeito, os avanços na Arquitectura Militar nos alvores do século XVI foram determinados pelos desenvolvimentos no domínio da artilharia. É nesse sentido que também têm vindo a surgir alguns estudos sobre a artilharia e os bombardeiros não só na Península Ibérica[145], como também no espaço imperial português[146] e de onde destacamos *Saint Barbara's Legion: Portuguese Artillery In the Struggle For Morocco, 1415-1578*[147], *Contributo Para o Estudo da Artilharia no Norte de África. Séculos XV-XVI*[148], ou *A coabitação das armas de propulsão neurobalística e das armas de fogo na primeira fase do processo expansionista português em Marrocos (1415-1458)*[149].

---

city in North Africa (15th-16th centuries). The case of Ceuta", in *A Península Ibérica e o Norte de África (séculos XV a XVII). História e Património. The Iberian Peninsula and North Africa (15th to 17th centuries). History and Heritage*, pp. 37-76; "Desvelar la Ceuta medieval. La aportación de la arqueologia", in *Hespéris-Tamuda*, Nº LVI (2), pp. 377-414.

[144] Veja-se, a título de exemplo, Rute Correia Chaves, *Cerâmicas Medievais e Modernas de Azamor (Marrocos) – Análise textural, mineralógica e química*, dissertação de mestrado em Ciências da Conservação apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, 2015.

[145] Veja-se, a título de exemplo, Luis Miguel Duarte, "1449-1495: o triunfo da pólvora", in *Nova História Militar de Portugal*, Vol. I, pp. 347-301; Juan Luis Carriazo Rubio (ed.), *El triunfo de la pólvora – Artilhería y fortificaciones a finales da la Edade Media*, 2020.

[146] Miguel Sanches de Baêna, "A artilharia moderna", in *Portugal no Mundo: História das fortificações Portuguesas no Mundo*, pp. 73-90; Fernando Pedrosa, "A Artilharia Naval Portuguesa no Séc. XVI", in *Actas do XXIV Congresso Internacional de História Militar*, pp. 329-334; Paulo Drumond Braga, "Bombardeiros alemães do Portugal de D. Manuel I", in *Portugal-Alemanha-2Brasil: Actas do VI Encontro Luso Alemão*, pp. 49-56; Franz Halbartschlager, "«Bombardeiros e Comerciantes» Dois exemplos pela colaboração dos alemães na expansão portuguesa no ultramar durante a época de D. João III", in *D. João III e o Império - Actas do Congresso Internacional comemorativo do seu nascimento*, pp. 661-682; Tiago Machado de Castro, *Bombardeiros na Índia. Os homens e as artes da artilharia portuguesa (1498-1557)*, dissertação de mestrado em História Marítima apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011.

[147] John Vogt, *Saint Barbara's Legion: Portuguese Artillery In the Struggle For Morocco, 1415-1578*, in *Military Affairs*, Vol. 41, Nº 4, pp. 176-182.

[148] Vasco Jorge Rosa da Silva, *Contributo Para o Estudo da Artilharia no Norte de África. Séculos XV-XVI*, 2009.

[149] Vitor Gaspar Rodrigues, "A coabitação das armas de propulsão neurobalística e das armas de fogo na primeira fase do processo expansionista português em Marrocos (1415-1458)", in *e-Strategica - Revista da Associação Ibérica de História militar (séculos IV-XVI). Revista de la Asociación Ibérica de Historia Militar (siglos IV-XVI)*, Nº 1, pp. 39-61.

Também as temáticas subordinadas às práticas de guerra e à organização militar dos portugueses no contexto da Expansão têm vindo a ser desenvolvidas nos últimos anos. Nessa linha de investigação destacam-se os trabalhos de André Bertoli, de entre os quais *Guerra, Violência e Cavalaria em Portugal, 1367-1481*,[150] ou os já referidos trabalhos de Paulo Vicente [151]. Note-se que as investigações dedicadas às práticas de guerra e à organização militar dos portugueses no contexto da Expansão têm privilegiado o Oriente. Para tal, muito têm contribuído os estudos de Vítor Gaspar Rodrigues relativos à Índia[152]. No que se refere a Marrocos destacam-se os trabalhos

---

[150] André Bertoli, *Guerra, Violência e Cavalaria em Portugal, 1367 – 1481*,tese de doutoramento em História Medieval apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2016. Do mesmo autor vejam-se também "A natureza narrativa da Crónica da Tomada de Ceuta", in *Revista Cantareira – Revista Electrónica de História*, Vol. 3, Nº 2, 2007; "Uma Leitura Possível da Crônica da Tomada de Ceuta, levando em conta a Representação do Infante D. Henrique nessa obra de Zurara", in *Sociedade em Estudos*, V. 2, Nº 2, pp. 89-102; *O Cronista e o Cruzado: a revivescência do Ideal Cavaleiresco no Outono da Idade Média Portuguesa (Século XV)*, dissertação de mestrado em História apresentada à Universidade Universidade Federal do Paraná, 2009; "Modelos de acção bélica na Crónica de D. Duarte de Meneses - Texto, Contexto e Representação", in *Mirabilia*, Nº 15, pp. 171-201, URL: http://www.revistamirabilia.com/nova/images/numeros/2012_15/09.pdf; "Guerra, Legitimação e Poder no norte da África. As fontes portuguesas (1415-1471) / War, Legitimation and Power in North Africa. The Portuguese documents (1415-1471)", in *Actas del I Congreso de Jóvenes Medievalistas Ciudad de Cáceres, Roda da Fortuna - Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo*, Vol. 2, Nº 1-1 (número especial), pp. 335-353.

[151] Paulo Vicente, *A violência na cronística sobre Marrocos nos séculos XV e XVI*, 2009. Do mesmo autor ver também "Falar de Violência em Marrocos nos Séculos XV-XVI. A Perspectiva dos Cronistas Portugueses", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, pp. 347-352; "«muito fermosas e tanto damas»: mulheres e violência nos *Anais de Arzila* de Bernardo Rodrigues", in *D' Aquém, D' Além e D' Ultramar. Homenagem a António Dias Farinha*, Vol. I, pp. 589-605.

[152] Veja-se, por exemplo, Vitor Gaspar Rodrigues, "O «grupo de Cochim» e a oposição a Afonso de Albuquerque", in *Stvdia*, Nº 51, pp. 119-144; "Sebastião Lopes Lobato: de soldado anónimo a Ouvidor-Geral da Índia", in *Mare Liberum*, Nº 5, pp. 93-100; "As companhias de Ordenança no Estado Português da Índia 1510 – 1580 – Ensaios de criação, razões do insucesso", in *Indo-portuguesmente*, Nº 19, pp. 212-218; "A organização militar da «Província do Norte» durante o séc. XVI e princípios do séc. XVII", in *Mare Liberum*, Nº 9, pp. 147-265; "A acção reformadora dos Filipes no seio da estrutura militar do Estado da Índia: A persistência do modelo tradicional de organização dos homens de armas (1584-1622)", in *Actas do IX Colóquio Os Militares na Sociedade Portuguesa*, pp. 65-74; "Da Goa de Albuquerque à Goa Seiscentista: aspectos da organização militar da capital do «Estado da Índia»", in *Revista Militar*,

desenvolvidos pelo mesmo autor, especialmente, as inovações e adaptações das técnicas e práticas militares dos portugueses no cenário bélico norte-africano[153], os aspectos relativos à importância deste modelo para a Expansão Portuguesa no Oriente[154] ou o estudo das companhias de ordenanças em Marrocos nos reinados de D. Manuel e D. João III[155]. Ainda no que se refere à acção das ordenanças durante os mesmos reinados, refira-se o estudo de Luís Costa e Sousa[156] ou de Gonçalo Couceiro Feio[157].

Vol. 51, pp. 59-93; "Portugueses Militar and Naval Innovation in Asia (16º Century)", in *Refletions on 500 Years of the Thai-Portuguese Relations*, pp. 32-42.

[153] Vítor Luís Gaspar Rodrigues, "Techniques et pratiques militaires portugaises au Maroc: adaptations et innovautées", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, pp. 75-82.

[154] Vítor Luís Gaspar Rodrigues, "Organização militar e práticas de guerra dos portugueses em Marrocos no século XV, princípios do século XVI: a sua importância como modelo referencial para a expansão portuguesa no oriente", in *Anais de História de Além-Mar*, Nº 2, pp. 157-168.

[155] Vítor Luís Gaspar Rodrigues, "As Companhias de Ordenanças em Marrocos nos reinados de D. Manuel e D. João III", in *D. João III e o Império. Actas do Congresso Internacional comemorativo do seu nascimento*, pp. 185-195; "Organização militar e práticas de guerra dos portugueses em Azamor. L'organisation militaire et les pratiques de guerre des portugais à Azemmour", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, pp. 539-572. Do mesmo autor, em parceria com João Paulo Oliveira e Costa, *A Batalha dos Alcaides – 1514. No Apogeu da Presença Portuguesa em Marrocos*, 2007.

[156] Este autor fez um apanhado da acção das ordenanças de D. Manuel I e de D. João III, nomeadamente, no Norte de África, mas centrou-se, sobretudo, no desenvolvimento em Portugal da doutrina militar renascentista, a organização das ordenanças implementadas por D. Sebastião e a campanha de Alcácer Quibir. Ver Luís Costa e Sousa, *A Arte na Guerra. A Arquitectura dos Campos de Batalha no Portugal de Quinhentos*, 2008. De resto, este autor tem-se concentrado essencialmente na segunda metade do séc. XVI, nomeadamente, na Batalha de Alcácer Quibir. Vejam-se, a título de exemplo, *Construir e desconstruir a guerra em Portugal 1568-1598*, 2015; "Da teoria militar à prática do campo de batalha: o exército de D. Sebastião na segunda jornada a África de 1578", in *D' Aquém, D' Além e D' Ultramar. Homenagem a António Dias Farinha*, Vol. I, pp. 413-428; "Revisitar a Batalha de Alcácer Quibir", in *e-Strategica - Revista da Associação Ibérica de História militar (séculos IV-XVI). Revista de la Asociación Ibérica de Historia Militar (siglos IV-XVI)*, Nº 1, pp. 111-159; "O caminho de Alcácer Quibir: Plano, marcha e batalha, ou a dinâmica da forma militar", in *e-Strategica - Revista da Associação Ibérica de História militar (séculos IV-XVI). Revista de la Asociación Ibérica de Historia Militar (siglos IV-XVI)*, Nº 2, pp. 49-61; "Na outra margem de Alcácer Quibir. A guerra dos sádidas, 1546-1613. On the opposite bank of Ksar El-Kebir. The saadi wars, 1546-1613", in *A Península Ibérica e o Norte de África (séculos XV a XVII). História e Património. The Iberian Peninsula and North Africa (15th to 17th centuries). History and Heritage*, pp. 215-242; "A mobilização, recrutamento e guerra durante a monarquia dual

Relativamente a outras questões de âmbito militar no Norte de África, apresentam-se como incontornáveis o primeiro e o segundo volumes da *Nova História Militar de Portugal*, dirigida por Manuel Themudo Barata e Nuno Severino Teixeira, e com a coordenação de António Manuel Hespanha[158]. Desta compendiosa obra, que trata sobre temas tão pertinentes para a compreensão do que é a arte da guerra na transição da Idade Média para a Idade Moderna, destacamos, desde logo, os capítulos dedicados à guerra em Marrocos, de Luís Miguel Duarte[159] e de Francisco Contente Domingues[160]. Refira-se que este último autor, juntamente com Jorge Semedo de Matos, coordenaram *A Guerra Naval no Norte de África (séculos XV – XIX)*, obra da maior importância para a compreensão da estratégia lusa relativamente aos combates navais e à guerra de corso nos mares de Marrocos nos alvores do século XVI, e de onde destacamos os contributos de investigadores como Vasco Resende[161], Abel dos Santos Cruz[162], José Vergílio Amaro Pissarra[163], Jorge Afonso[164], entre outros. De resto, foi no seguimento desta linha de investigação que, em 2011, Ahmed Boucharb e Vasco Resende publicaram trabalhos

---

(1581-1640), in *O recrutamento no exército português, do Condado Portucalense ao século XXI*, pp. 151-187.

[157] Gonçalo Couceiro Feio, *A Guerra no Renascimento. O ensino e a aprendizagem militares em Portugal e no Império - de D. Manuel I a Felipe II*, 2018.

[158] Manuel Themudo Barata e Nuno Severino Teixeira (Dir.), *Nova História Militar de Portugal*, Vols. I-II, António Manuel Hespanha (coord.), 2004.

[159] Luís Miguel Duarte, "África", in *Nova História Militar de Portugal*, Vol. I, pp. 392-441.

[160] Francisco Contente Domingues, "A Guerra em Marrocos", in *Nova História Militar de Portugal*, Vol. II, pp. 224-230.

[161] Vasco Resende, "Os Portugueses em Marrocos e a guerra no mar no princípio do século XVI", in *A Guerra Naval no Norte de África (séculos XV – XIX)*, pp. 101-116.

[162] Abel dos Santos Cruz, "A guerra de corso e a pirataria no Mediterrâneo Ocidental ao tempo do conde D. Pedro de Meneses (1415-1437)", in *A Guerra Naval no Norte de África (séculos XV – XIX)*, pp. 57-99.

[163] José Vergílio Amaro Pissarra, "Vasco Fernandes César, capitão da Armada do Estreito", in *A Guerra Naval no Norte de África (séculos XV – XIX)*, pp. 139-156.

[164] Jorge Afonso, "A Marinha de Guerra Portuguesa e o Magrebe: os cativos, o corso e a importância do poder naval na definição da política externa do reino", in *A Guerra Naval no Norte de África (séculos XV – XIX)*, pp. 187-227. Do mesmo autor veja-se também outros trabalhos sobre a temática do corso, como "Os negócios dos ahl Al-Kitãb. O caso especídico dos judeus magrebinos", in *Anais de História de Além-Mar*, Vol. XIV, pp. 249-273; "Hamidou Ibn Ali: a jihad, o fim do corso e o equilíbrio naval nas Águas do Estreito", in *D' Aquém, D' Além e D' Ultramar. Homenagem a António Dias Farinha*, Vol. I, pp. 301-317.

relativos à actividade corsária em Marrocos em *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*[165] e que, já em 2022, publicámos *O corso e a pirataria no golfo luso-hispano-marroquino: da conquista de Ceuta (1415) à morte de D. Manuel (1521)*[166], para além de outros trabalhos igualmente dedicados à actividade do corso e da pirataria nas costas do Mar das Éguas[167].

Identificadas as principais fontes e bibliografia dedicadas à História da Expansão Portuguesa**,** compete-nos agora debruçarmo-nos sobre Safim e o seu capitão Nuno Fernandes de Ataíde. Para tal, daremos particular atenção ao território onde se insere esta praça norte-africana e ao seu entorno, enquanto espaço central da acção de Nuno Fernandes no sul marroquino. Para o efeito, seguiremos o mesmo critério usado aquando da explanação sobre as principais aportações dedicadas à História da Expansão Portuguesa, ou seja, identificaremos os contributos mais significativos para a História de Safim e do seu território, considerando igualmente os estudos mais destacados a nível da História da Arte, da Arquitectura, da Arqueologia e centrando-nos, por fim, na figura de Nuno Fernandes de Ataíde.

Tal como o restante património de origem portuguesa no Norte de África, foi durante as primeiras décadas do século XX que começaram a ser publicados estudos

---

[165] Vejam-se, respectivamente, Ahmed Boucharb, "La course au Maroc pendant la première moitié du XVIe Siècle: une autre forme de résistance?", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, pp. 353-357 e Vasco Resende, "Barberousse et les portugais: la course barbaresque vue des places luso-marocaines et d'ailleurs", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, pp. 359-365.

[166] Fernando Pessanha, "O corso e a pirataria no golfo luso-hispano-marroquino: da conquista de Ceuta (1415) à morte de D. Manuel (1521)", in *Revista Portuguesa de História Militar – Dossier: Da fundação à Expansão (séculos XII-XVI)*, Nº 2, Ano II, (On line) Disponível em: https://doi.org/10.56092/WPEY6057

[167] Fernando Pessanha, "Ataques da pirataria à foz do Guadiana e a acção de António Leite, alcaide-mor de Arenilha", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XL, pp. 63-94. Do mesmo autor veja-se também "Cristóvão de Mendonça, navegador no oriente e capitão de Ormuz – um desconhecido comendador de Arenilha", in *e-Strategica - Revista da Associação Ibérica de História militar (séculos IV-XVI). Revista de la Asociación Ibérica de Historia Militar (siglos IV-XVI),* Nº 2, pp. 165-203; "A Pirataria na foz do Guadiana na primeira metade do séc. XVI", in *Jornadas de Historia de la muy noble y leal ciudad de Ayamonte*, Vol. XXIII, pp. 72-93; "A Pirataria no extremo sudeste algarvio, nos alvores da Idade Moderna", in *Academia de Marinha. Memórias 2019*, Vol. XLIX, pp. 445-472; "O corso francês no Mar das Éguas: o caso dos ataques aos mareantes de Faro, em 1538", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLIV, pp. 175-208.

sobre a região meridional do Marrocos português, como o já mencionado *Lugares Dalém, Azamor, Mazagão, Safim*[168], publicado por Vergílio Correia em 1923, ou *La cathédral portugaise de Safi*[169], publicado pelo historiador francês Pierre de Cenival em 1929. Em 1989, Rafael Moreira publica *A época manuelina*[170], trabalho em que refere a campanha de fortificação realizada em Safim durante o tempo de Nuno Fernandes de Ataíde, nomeadamente, após o grande cerco de Safim de 1510, assim como no período posterior à sua capitania. Com efeito, foi durante esta segunda metade do século XX que a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses publicou várias obras de grande interesse e de onde destacamos, desde logo *As fortificações portuguesas na cidade magrebina de Safi*[171], trabalho de Pedro Dias, de 1996, que retoma o estudo do património português em Safim. De resto, é este historiador de arte que, em 2000, publica *A Arquitectura dos Portugueses em Marrocos 1415 – 1769*, dedicando um capítulo inteiro ao património português nesta cidade norte-africana[172], e que em 2008 volta a abordar Safim em *História da Arte Portuguesa no Mundo – O Espaço Atlântico (séculos XV –XIX)*[173].

Tal como em Portugal, também em Marrocos começou a surgir o interesse pela História e Património desta cidade magrebina, principalmente, ao darmos entrada no século XXI. Exemplo paradigmático são os estudos de Yassir Benhima, a partir da publicação de *Fortifications et formes de l'habitat: deux exemples de la région de Safi*[174], publicado em 2000. Três anos depois, em 2003, este investigador apresenta à Universidade de Lyon *Espace et société rurale au Maroc médiéval: stratégies territoriales et structures de l'habitat, l'exemple de la région de Safi*[175], tese de

---

[168] Vergílio Correia, *Lugares Dalém, Azamor, Mazagão, Safim*, 1923.

[169] Pierre de Cenival, "La cathédral portugaise de Safi", in *Hespéris*, Tomo IX, pp. 1-27.

[170] Rafael Moreira, "A época manuelina", in *Portugal no Mundo: História das fortificações Portuguesas no Mundo*, pp. 91-142.

[171] Pedro Dias, "As fortificações portuguesas na cidade magrebina de Safi", in *Oceanos*, Nº 28, pp. 10-22.

[172] Pedro Dias, *A Arquitectura dos Portugueses em Marrocos 1415 – 1769*, pp. 165-187.

[173] Pedro Dias, *História da Arte Portuguesa no Mundo – O Espaço Atlântico (séculos XV –XIX)*, pp. 44-49.

[174] Yassir Benhima, "Fortifications et formes de l'habitat: deux exemples de la région de Safi", in *Ruralia* III, pp. 106-119.

[175] Yassir Benhima, *Espace et société rurale au Maroc médiéval: stratégies territoriales et structures de l'habitat, l'exemple de la région de Safi*, tese de doutoramento apresentada à Université de Lyon, 2003.

doutoramento a partir da qual foram desenvolvidas temáticas de investigação publicadas nos anos seguintes, como as práticas a nível da gestão do território por parte das tribos da região de Safim entre os séculos XII e XVI[176], publicada em 2004, ou as consequências da ocupação portuguesa a nível do povoamento da região de Safim, publicada no mesmo ano[177]. Do mesmo modo, a supracitada tese de doutoramento deu origem à publicação de *Safi et son territoire. Une ville dans son espace au Maroc (11ème – 16ème siècle)*[178], já em 2008. Para além dos trabalhos deste investigador, Safim e a sua região também têm vindo a constituir objecto de estudo por parte de outros autores no domínio da História Económica e Social. Nessa linha de investigação apresenta-se incontornável a já mencionada *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*[179], publicada por Vitorino Magalhães Godinho em 1947, obra de referência da historiografia do século XX e da maior importância para a compreensão da geografia e dos recursos económicos de Safim, da região da Duquela, e dos territórios sujeitos à acção militar de Nuno Fernandes. Refiram-se igualmente contributos como *A importância de Safi no império comercial português*[180], publicado por Ahmed Boucharb em 1994 e, já em 2007, *A feitoria de Safim: subsídios para a História de um entreposto comercial no Magreb (1421-1521)*[181], de Ana Madalena Trigo de Sousa.

No campo da Arquitectura Militar Portuguesa, há a destacar, desde logo, que esta praça norte-africana foi objecto de estudo de Jorge Correia em *Early 16th century*

---

[176] Yassir Benhima, "Pratiques de l'espace et gestion des territoires des tribus arabes au Maroc (12e–16e siècle): l'exemple de la région de Safi", in *La tribu dans le monde arabo-islamique: état de la question et nouvelles perspectives*, pp. 221-241.

[177] Yassir Benhima, "Conséquences de l'occupation portugaise sur le peuplement de la région de Safi", in *Du Nord au Sud du Sahara. Cinquante ans d'archéologie française*, pp. 239-245.

[178] Yassir Benhima, *Safi et son territoire. Une ville dans son espace au Maroc (11ème – 16ème siècle)*, 2008.

[179] Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, 1947.

[180] Ahmed boucharb, "A importância de Safi no império comercial português", in *Mare Liberum*, Nº 7, pp. 193-201. Do mesmo autor veja-se também "A relevância da Duquela no império comercial português a partir das «cartas de quitação de D. Manuel I». La place de Doukkala dans l'empire commercial portugais à partir des « cartas de quitação de D. Manuel I»", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I, pp. 99-111.

[181] Ana Madalena Trigo de Sousa, "A feitoria de Safim: subsídios para a História de um entreposto comercial no Magreb (1421-1521)", in *Islenha*, Nº 40, pp. 139-161.

mercantile structures in Northern Africa: the portuguese city of Safim[182], de 2007. De igual modo, também a sua tese de doutoramento *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África - Da tomada de Ceuta a meados do Séc. XVI,* publicada em 2008[183], faculta informações do maior interesse quanto à apropriação das fortificações islâmicas e às campanhas de obras portuguesas a nível da fortificação da cidade. Paralelamente, também os últimos anos têm vindo a assistir à publicação de vários estudos arqueológicos sobre Safim, e de onde se destacam *Castello Novo de Safi dit Château de mer portugais, étude archéologique et perspective de salvaguarde*, publicado em 2002 por Said Chemsi[184], assim como *Castello Novo, approche historique & architecturale*, publicado em 2011 pelo mesmo autor[185]. De salientar que, nos últimos anos, a História da Expansão beneficiou do labor de vários investigadores sob a égide de um projecto financiado pela FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia), *Portugal e o Sul de Marrocos. Contactos e Confrontos, séculos XV a XVIII*[186], com coordenação científica de Maria Augusta Lima Cruz e de André Teixeira. É nesse sentido que devemos destacar algumas iniciativas de grande interesse, como a transcrição paleográfica de fontes inéditas, a criação de uma base de dados de referenciação documental, ou a digitalização de fontes impressas, como as já referidas *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc,* imprescindíveis para a presente investigação. Por outro lado, foi ao abrigo deste projecto que se têm vindo a realizar sondagens arqueológicas na região da Duquela. É neste contexto que, em 2010 e 2011, também foram realizadas sondagens arqueológicas em Safim, nomeadamente, na antiga catedral portuguesa, cujo estudo deu origem a *Note sur les ruines de la cathédral portugaise de Safi*[187], publicado por Azzeddine Karra em 2010, assim como as sondagens arqueológicas no interior do

---

[182] Jorge Correia, "Early 16th century mercantile structures in Northern Africa: the portuguese city of Safim", in *Society of Architectural Historians Annual Meeting*, Nº 60, 2007.

[183] Jorge Correia, *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África…*, pp. 259-292.

[184] Said Chemsi, *Castello Novo de Safi dit Château de mer portugais, étude archéologique et perspective de salvaguarde*, 2002.

[185] Said Chemsi, "Castello Novo, approche historique & architecturale", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, pp. 165-176.

[186] O projecto nasceu de uma parceria entre o Centro de História de Além-Mar e a Universidade do Minho.

[187] Azzeddine Karra, "Note sur les ruines de la cathédral Portugaise de Safi", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, pp. 85-96.

Castelo do Mar, um dos principais elementos do dispositivo defensivo da cidade em época portuguesa. De resto, foi igualmente ao abrigo do projecto *Portugal e o Sul de Marrocos. Contactos e Confrontos, séculos XV a XVIII* que o mesmo arqueólogo publicou *A intervenção portuguesa na zona rural de Duquela (Marrocos): o caso de algumas aldeias fortificadas*[188], já em 2021. Refira-se, por fim, a publicação de *L'appropriation portugaise des villes marocaines atlantiques à la fin du Moyen Âge: Fortification et espace urbain à Safi et à Azemmour*, publicada por André Teixeira, Azzeddine Karra, e Luís Gil, também em 2021[189].

Identificados alguns dos contributos mais significativos nos domínios da História da Arte, da Arquitectura, da História Económica e Social e da Arqueologia, concentremo-nos, por fim, na bibliografia relativa à Safim comandada por Nuno Fernandes de Ataíde. Com efeito, desde os séculos XVIII e XIX que a historiografia tem vindo a prestar alguma atenção à praça norte-africana comandada pelo "*nunca esta quedo*". Como anteriormente referimos, estávamos em 1790 quando Frei João de Sousa publicou *Documentos Arabicos para a Historia Portugueza copiados dos Originais da Torre do Tombo*[190] e, em 1897, David Lopes publicou os *Textos de Aljamía portuguesa: Documentos para a História do Domínio Português em Safim Extrahidos dos Originaes da Torre do Tombo*[191], obras em que os autores nos apresentam um conjunto de fontes de grande riqueza histórica, indispensáveis à compreensão da posição muçulmana face ao domínio português em Safim. Note-se que o mesmo David Lopes, em 1924, publicou *História de Arzila durante o domínio português (1471-1550 e 1577-1589)*[192], obra que acabaria por dar novo impulso ao interesse sobre a História da Expansão. Foi, portanto, na senda do labor desenvolvido por David Lopes que, em 1930, Durval Pires de Lima

---

[188] Azzeddine Karra, "A intervenção portuguesa na zona rural de Duquela (Marrocos): o caso de algumas aldeias fortificadas", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, pp. 113-123.

[189] André Teixeira; Luís Gil; Azzeddine Karra, "L'appropriation portugaise des villes marocaines atlantiques à la fin du Moyen Âge: Fortification et espace urbain à Safi et à Azemmour", in *Hespéris-Tamuda*, Nº LVI (2), pp. 177-205.

[190] Frei João de Sousa, *Documentos Arabicos para a Historia Portugueza copiados dos Originais da Torre do Tombo*, MDCCXC.

[191] David Lopes, *Textos de Aljamía portuguesa: Documentos para a História do Domínio Português em Safim Extrahidos dos Originaes da Torre do Tombo*, 1897.

[192] David Lopes, *História de Arzila durante o domínio português (1471-1550 e 1577-1589)*,1924.

publicou *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*[193], um estudo precioso para o conhecimento do que foi esta praça durante o período português e que ressuscitou a tradição de obras como *História de Tânger que compreende as noticias desde a sua primeira conquista ate a sua ruina*, de D. Fernando de Meneses, ou *Historia de la Ciudad de Ceuta*, de Jerónimo de Mascarenhas - obras seiscentistas que procuraram reconstituir a História das cidades norte-africanas durante o período português. De salientar que também a *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, acabou por dar novo impulso à História da Expansão, surgindo posteriormente obras como a já referida *História de Santa Cruz do Cabo de Gué*, de Joaquim Figanier. De resto, a *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)* revela-se do maior interesse para o nosso objecto de estudo, na medida em que Pires de Lima dedica todo o capítulo terceiro deste trabalho à capitania de Nuno Fernandes em Safim, entre 1510 e 1516, o ano da sua morte.

Do mesmo modo, também aqui devemos destacar "Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel", de David Lopes, que podemos encontrar no terceiro volume da *História de Portugal* dirigida por Damião Peres e publicada em 1932[194]. Um enorme contributo que, não obstante tratar a presença de Portugal na generalidade das praças norte-africanas até à morte do "Venturoso", destaca a figura de Nuno Fernandes e a importância da sua acção na política expansionista de Portugal em Marrocos. Para a mesma década temos ainda a referir a breve resenha que Marise Périale dedicou a Safim em *Maroc Lusitanien 1415-1769*[195], em 1938, o artigo *Les Portugais au Maroc*, publicado por David Lopes em 1939[196], para além de "La conquete de Safi", publicada por Pierre Cénival no primeiro volume de *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc* (Archives et Bibliothèques de Portugal), em 1934[197], ou "Mort de Nuno Fernandes de Ataíde (mai 1516)", publicado por David Lopes e Robert Ricard no segundo volume de *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc* (Archives et Bibliothèques de Portugal), em

---

[193] Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*,1930.

[194] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, pp. 453-544.

[195] Marise Périale, *Maroc Lusitanien 1415-1769*, pp. 45-46.

[196] David Lopes, "Les Portugais au Maroc", in *Revue d'Histoire Moderne*, Tomo XIV, Nº 29, pp. 337-368.

[197] Pierre Cénival, "La conquete de Safi", in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Tomo I, première partie, Archives et Bibliothèques de Portugal, pp. 151-161.

1939[198]. Refira-se ainda, no que respeita à década de trinta, a publicação de *Safi – au Vieux Temps des Portugais*, de Joseph Goulven, publicado em 1938, aquando do I Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo[199].

Em 1966 foi a vez de Otília Rodrigues Fontoura apresentar a monografia de licenciatura em História, *Portugal em Marrocos na Época de D. João III – Abandono ou Permanência?*[200], um trabalho de grande mérito que também regista o *modus operandi* dos portugueses no cenário norte-africano e que faz referência às entradas protagonizadas por Ataíde e os seus homens durante o reinado de D. Manuel. De resto, a restante bibliografia publicada na segunda metade do século XX e relativa a Safim e à acção de Nuno Fernandes resume-se a pequenas referências, como as que podemos encontrar em *A Expansão em Marrocos*, do já referido David Lopes, publicada em 1989[201], a entrada "Safim" que Luís de Albuquerque publicou no *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*[202], em 1994, ou *Os Portugueses em Marrocos*, de António Dias Farinha, publicado já em 2002[203]. Nesse sentido, a única e honrosa excepção recai no notável artigo de André Teixeira intitulado *Nuno Fernandes de Ataíde, o nunca esta quedo capitão de Safim*, publicado em 2000[204]. De resto, trata-se do trabalho que, até à data, aborda em maior profundidade a figura e a acção de Ataíde no Norte de África.

O século XXI encarregar-se-ia de trazer a lume alguns contributos relacionados com a figura de Nuno Fernandes e com o sul marroquino. É o caso dos de Mathew T. Racine, que em em 2001 publicou *Service and Honor in sixteenth-century portuguese*

---

[198] David Lopes & Robert Ricard, "Mort de Nuno Fernandes de Ataíde (mai 1516)", in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Tomo II, Archives et Bibliothèques de Portugal, pp. 1-5.

[199] Joseph Goulven, *Safi – au Vieux Temps des Portugais,* 1938. Joseph Goulven é igualmente o autor de *La Place de Mazagan sous la Domination Portugaise (1502-1769),* 1917.

[200] Otília Rodrigues Fontoura, *Portugal em Marrocos na Época de D. João III…*, 1998.

[201] David Lopes, *A Expansão em Marrocos*, 1989.

[202] Luís de Albuquerque, "Safim", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, pp. 959-960. Veja-se também Robert Ricard, "Safim", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. V, p. 413.

[203] António Dias Farinha, *Os Portugueses em Marrocos*, 2002.

[204] André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão Portuguesa*. *Estudos Biográficos*, pp. 161-205.

North Africa: Yahya-u-Tafuft and portuguese noble culture[205] e que em 2003 publicou *A most opulent Iliad. The Portuguese occupation of Southern Morocco (1505-1542): the fortune of a frontier society*[206]. No ano seguinte, em 2004, foi a vez de João Cosme lançar *A Guarnição de Safim em 1511*[207]. Com efeito, o documento intitulado *Rol dos mantimentos, de direitos e soldos e tenças de derradeiro quartel de 1511 que há-de pagar Estevão d'Aguiar, feitor de Çafim* e que serve de mote ao estudo publicado por João Cosme, dá-nos conta da composição da guarnição comandada por Ataíde no final do supracitado ano – informação do maior interesse se tivermos em consideração que as escolhas estratégicas deste capitão eram incontornavelmente determinadas em função dos recursos militares disponíveis nesta praça.

Em 2007 é a vez de João Paulo Oliveira e Costa e Vítor Luís Gaspar Rodrigues publicarem *A Batalha dos Alcaides – 1514. No Apogeu da Presença Portuguesa em Marrocos*[208]. Trata-se de um trabalho de grande relevância, na medida em que nos dá conta da participação de Nuno Fernandes e da cavalaria de Safim na grande batalha que teve lugar em Boulaouane, onde os portugueses, sob o comando de D. João de Meneses, derrotaram o exército dos alcaides enviados pelo rei de Fez contra Azamor. No ano seguinte, em 2008, António Maria Falcão Pestana de Vasconcelos, apresentou a tese de doutoramento intitulada *Nobreza e Ordens Militares. Relações Sociais e de Poder (séculos XIV a XVI)*[209] onde, a partir de uma reconstituição genealógica, faz referência à ascendência de Nuno Fernandes, ainda que de forma muito breve.

Já em 2010, André Teixeira publicou "Nuno Fernandes de Ataíde et l'intervention portugaise à l'interieur des terres du Maroc", em *Estudos de História*

---

[205] Mathew T. Racine, "Service and Honor in sixteenth-century portuguese North Africa: Yahya-u-Tafuft and portuguese noble culture", in *The Sixteenth Century Journal*, Nº 32, pp. 67-90.

[206] Mathew T. Racine, *A most opulent Iliad. The Portuguese occupation of Southern Morocco (1505-1542): the fortune of a frontier society*, 2003.

[207] João Cosme, *A Guarnição de Safim em 1511*, 2004.

[208] João Paulo Oliveira e Costa & Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaides – 1514. No Apogeu da Presença Portuguesa em Marrocos*, 2007.

[209] António Maria Falcão Pestana de Vasconcelos, *Nobreza e Ordens Militares. Relações Sociais e de Poder (séculos XIV a XVI)*, dissertação de doutoramento em História Medieval e do Renascimento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008.

Luso-Marroquina[210], o primeiro artigo exclusivamente dedicado à acção militar de Ataíde no interior marroquino. Ainda no mesmo ano, surge o "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", publicado por Pedro Pinto nos *Anais da História de Além-Mar*[211]. Com efeito, a maioria destes documentos datam do reinado de D. Manuel, sendo possível encontrar nestes sumários vária correspondência relativa a Nuno Fernandes.

No ano seguinte, em 2011, Bernard Rosenberger revisitou a conquista de Safim em *Retour sur la conquête de Safi par le Portugal en 1508*[212] e, em 2012, apresentámos à Universidade do Algarve a dissertação de mestrado intitulada *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém Mar*, estudo em que tivemos oportunidade de quantificar os recursos humanos disponíveis em Safim durante a capitania de Nuno Fernandes, assim como algumas das suas ofensivas militares[213]. Desde então, se exceptuarmos *The Crown, the Court, and the Casa da Índia. Political centralization in Portugal 1479-1521*[214], publicado por Susannah Humble Ferreira em 2015, as restantes referências a este capitão de Safim resumem-se a artigos por nós publicados em órgãos de comunicação regionais por altura dos quinhentos anos do ataque português a Marraquexe, comandado pelo próprio Nuno Fernandes[215], e ao artigo

---

[210] André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde et l'intervention portugaise à l'interieur des terres du Maroc", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, pp. 97-116.

[211] Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, pp. 249-380.

[212] Bernard Rosenberger, "Retour sur la conquête de Safi par le Portugal en 1508", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, pp. 83-97. Já em 2021 o mesmo autor publicou "O Suz na História de Marrocos (finais do século XV – inícios do século XVI). Le Sous dans l'Histoire du Maroc (fin du XVe – début du XVIe siècle)", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, pp. 27-97.

[213] Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém-mar*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, 2012.

[214] Susannah Humble Ferreira, *The Crown, the Court, and the Casa da Índia. Political centralization in Portugal 1479-1521*, 2015.

[215] Fernando Pessanha, "23 de Abril de 1515 – O Ataque dos Portugueses a Marraquexe", in *Jornal do Algarve*, Nº2873, 19 de Abril de 2012, p. 19. Do mesmo autor vejam-se também "Nuno Fernandes de Ataíde – Alcaide-mor de Alvor e capitão de Safim", in *Jornal do Baixo Guadiana*, Nº 178, Abril de 2015,

intitulado *Nuno Fernandes de Ataíde, "o que nunca está quedo" - De alcaide de Alvor a capitão e governador de Safim*[216]. Verifica-se, portanto, não existir até ao momento qualquer livro, dissertação ou tese que aborde em profundidade a acção militar deste cavaleiro dos Algarves de Aquém e de Além-mar[217].

Tal como anteriormente referimos, a acção de Nuno Fernandes de Ataíde movimenta-se em vários domínios historiográficos: a história da presença portuguesa no Norte de África; a estratégia militar do reinado de D. Manuel no teatro de operações magrebino e, por último, as relações da baixa nobreza com a Expansão, nomeadamente, no quadro das relações da baixa nobreza com a Coroa e com a política expansionista. É nesse sentido que as próximas páginas serão dedicadas a este último ponto.

De acordo com Ângela Barreto Xavier, em *Tendências na Historiografia da Expansão Portuguesa. Reflexões sobre os destinos da história social*[218], a nova História Social tende a contrapor-se à frequentemente designada História Social clássica, na demanda por recuperar a relevância do sujeito na História. É nesse contexto que a biografia[219] e a micro-história[220] se converteram em ferramentas altamente pertinentes para o novo estudo da análise consignada ao plano social. A tese de doutoramento que agora se apresenta pretende, desde logo, recorrer a estas ferramentas, não com o intuito de problematizar o papel do sujeito isolado no processo histórico, mas antes com a intenção de testar concepções sobre o sujeito, sobre a nobreza e sobre as relações de

---

p. 21; "Os 500 anos do ataque português a Marraquexe e a acção do capitão Nuno Fernandes de Ataíde", in *Jornal do Algarve*, Nº 3030, 23 de Abril de 2015, p. 21; "Nuno Fernandes de Ataíde, Alcaide-mor de Alvor e Capitão de Safim, comandou o ataque português a Marraquexe, há exactamente 500 anos", in *Jornal Barlavento*, Nº 1955, 23 de Abril de 2015, p. 12.

[216] Fernando Pessanha, "Nuno Fernandes de Ataíde, «*o que nunca está quedo*» - De alcaide de Alvor a capitão e governador de Safim", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XXXIX, pp. 47-59.

[217] Como bem observou António Dias Farinha: "*em Marrocos, o título de «rei do Algarve dalém mar em África» podia designar as novas conquistas de Safim, Azamor e outras, pressupondo apenas, uma extensão do conceito geográfico do Algarve dalém*". Ver António Dias Farinha, "O conceito de «Império Português»", in *História de Portugal – Os Descobrimentos (II)*, Vol. V, p. 451.

[218] Ângela Barreto Xavier, "Tendências na Historiografia da Expansão Portuguesa. Reflexões sobre os destinos da história social", in *Penélope*, Nº 22, pp. 141-179.

[219] Veja-se, a título de exemplo, Magda Pinheiro, "A biografia em Portugal – uma agenda", in *Ler História*, Nº 50, pp. 67-80.

[220] Veja-se a recolha de textos seleccionada por Carlo Ginzburg para a colecção «memória e Sociedade». Carlo Ginzburg, *A Micro-História e Outros Ensaios*, 1991.

carácter social e familiar. Através do estudo do percurso de Nuno Fernandes, pretende-se, antes de mais, perceber o contexto social em que este indivíduo se enquadrava e onde se movia.

Convém referir que este estudo sobre Nuno Fernandes de Ataíde contrapõe-se à frequente propensão para biografar as grandes personalidades da História de Portugal, tendência que, frequentemente, continua a subsistir nas escolhas dos investigadores. De salientar que a produção e edição de obras biográficas relativas à monarquia portuguesa, entre outros trabalhos[221], tem vindo a dar um importante contributo no sentido de restituir à biografia o carácter de ferramenta historiográfica. Aliás, para a elaboração do presente trabalho vimo-nos na necessidade de consultar as biografias dos monarcas que reinaram durante a vida de Nuno Fernandes, nomeadamente, as obras *D. Afonso V*, de Saul António Gomes[222], *D. João II*, de Luís Adão da Fonseca[223], e *D. Manuel I*, de João Paulo Oliveira e Costa[224]. Note-se, no entanto, que a biografia enquanto ferramenta historiográfica tem sido pouco considerada pela História Social clássica, sendo que, em Portugal, nunca foi alvo de particular atenção.

A relativa escassez de investigações sobre indivíduos de menor *status* social no seio da nobreza poderá, desde logo, explicar-se pela problemática inerente à falta de informação imediata e ao silêncio intermitente das fontes. Limitações que, claro está, condicionam a realização de um trabalho desta natureza. É nesse sentido que, para se reconstituir o perfil de Nuno Fernandes de Ataíde, se torna necessário recorrer à prosopografia[225], reunindo dados referentes ao capitão de Safim, aos seus familiares e a outros indivíduos que com ele privaram. De facto, a análise da acção de Nuno Fernandes só se torna compreensível quando comparada com o *modus operandi* dos capitães seus contemporâneos, nomeadamente, os que detinham a capitania das praças meridionais de Marrocos nos alvores do século XVI. Por outras palavras, a micro-

---

[221] Veja-se, a título de exemplo, as seguintes biografias: João Paulo Oliveira e Costa, *Henrique, o Infante*, 2009; Ana Isabel Buescu, *Catarina de Áustria (1507-1578). Infanta de Tordesilhas, Rainha de Portugal*, 2007 e D. João III, 2005.

[222] Saul António Gomes, *D. Afonso V*, 2009.

[223] Luís Adão da Fonseca, *D. João II*, 2005.

[224] João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I*, 2001.

[225] Sobre os estudos desenvolvidos na área da prosopografia veja-se o Seminário de Metodologias *Prosopografia bases de dados, e análise de redes: pressupostos teórico-metodológicos*, projecto financiado pela FCT e realizado no IICT de Lisboa, em 15, 16, 18 e 19 de Outubro de 2007.

memória deste indivíduo só faz sentido quando devidamente contextualizada no tempo e no espaço, tornando-se ainda necessária a recolha de fragmentos resultantes das informações avançadas por estudo comparativo.

Vitorino Magalhães Godinho, num artigo publicado em 1986 e intitulado "Redescobrir os Descobrimentos e a Expansão Portuguesa", chamou a atenção para ainda não se ter examinado o papel da nobreza na Expansão, a relação entre as casas senhoriais e os réditos marítimos e ultramarinos[226]. Porém, têm surgido nos últimos anos equipas de investigação que têm vindo a trabalhar no sentido de rectificar a lacuna identificada por Vitorino Magalhães Godinho. Ainda assim, essas novas aportações encontram-se pautadas por uma enorme discrepância entre os estudos relativos ao Oriente e os restantes territórios do espaço imperial português[227]. De realçar que, também nos últimos anos, têm sido publicados vários trabalhos sobre a nobreza do

[226] Vitorino Magalhães Godinho, "Redescobrir os Descobrimentos e a Expansão Portuguesa", in *Guia de História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa*, p. 13.

[227] Veja-se, a título de exemplo, a realização dos congressos *A Alta Nobreza e a Fundação do Estado da Índia*, organizado pelo Centro de História da Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, entre 16 e 20 de Outubro de 2001; *A Governação da Índia - Concepções e Práticas no Reinado de D. Manuel I*, organizado pelo Centro de História da Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade Nova de Lisboa & Fundação Oriente, realizado no Convento da Arrábida, em 23 e 24 de Março de 2001; o curso livre *A Nobreza e a Formação do Império*, realizado na Sala do Conselho Supremo do Palácio da Independência, de 15 e Março a 10 de Maio de 2006. Veja-se também a publicação resultante do projecto de investigação OPTIMA PARS - As elites da sociedade portuguesa do antigo regime. Nuno Gonçalo Monteiro, Pedro Cardim, Mafalda Soares da Cunha, *Optima Pars: elites ibero-americanas do Antigo Regime*, Lisboa, ICS, 2005; o projecto *A Nobreza no Estado da Índia no Século XVI*, de onde se destaca a produção das genealogias dos governadores e vice-reis da Índia da primeira metade do século XVI, assim como a construção de uma base de dados intitulada *Nobres e Oficiais no Estado da Índia no século XVI*. http://cham.fcsh.unl.pt/nobreza.htm. Veja-se ainda o projecto *Pequena Nobreza e "Nobreza da Terra" na Construção do Império*. *Os Arquipélagos Atlânticos*. Projecto que pretende desenvolver novas interpretações históricas a partir de uma base de dados prosopográfica. Entre as suas actividades destaca-se o Congresso Internacional *Pequena Nobreza nos Impérios de Antigo Regime*, realizado em Lisboa, entre os dias 18 a 21 de Maio de 2011; assim como o Ciclo de Conferências e Debates, intitulado *Império Português de Antigo Regime: Características Estruturantes e Papel da Pequena Nobreza*. Por fim, temos ainda a referir o curso *Os portugueses na Ásia na segunda metade do séc. XVI*, realizado na Fundação Oriente de 5 de Outubro a 25 de Novembro de 2017.

século XVI no Brasil e no Oriente. Foram estudados os vice-reis e governadores[228], assim como os capitães[229] e capitães-mores da Carreira da Índia[230] e das viagens ao Japão[231]. Do mesmo modo, também foram publicados trabalhos sobre os homens que participaram na armada que descobriu o Brasil[232], foi avaliado o papel da alta nobreza no projecto ultramarino[233], e foram biografados indivíduos cujo percurso passou pelo espaço ultramarino[234].

A participação dos indivíduos pertencentes aos mais baixos escalões da nobreza nos Descobrimentos e na Expansão também já mereceu alguma atenção por parte dos investigadores. Destaca-se, neste contexto, o trabalho de Luís Filipe Oliveira publicado em 1985, onde identifica o estatuto social dos capitães das caravelas que se aventuraram na exploração do Atlântico durante o período henriquino, concluindo ter sido a nobreza a constituir o suporte social desta linha da expansão[235]. Já na década seguinte, o estudo de Oliveira Marques sobre o Atlântico vem demonstrar que os principais intervenientes nessa linha dos Descobrimentos foram, efectivamente, os criados da Casa do infante D. Henrique, ou seja, membros da baixa nobreza[236]. E, mais uma vez, foi com indivíduos

---

[228] Mafalda Soares da Cunha & Nuno Monteiro, "Vice-reis, governadores e conselheiros de governo do Estado da Índia (1505-1834). Recrutamento e caracterização social", in *Penélope*, Nº 15, pp. 91-120.

[229] Teresa Lacerda, *Os Capitães das Armadas da Índia no reinado de D. Manuel I – Uma análise Social*, dissertação de mestrado em História e Arqueologia da Expansão e dos Descobrimentos Portugueses apresentada à Universidade Nova de Lisboa, 2006. Andreia Martins de Carvalho, *Nuno da Cunha e os Capitães da Índia* (1529-1538), dissertação de mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (séculos XV-XVIII), apresentada à Universidade Nova de Lisboa, 2006.

[230] João Paulo Oliveira e Costa, "Os Capitães-mores das Armadas da Índia no Reinado de D. João III" in *A Carreira da Índia, V Simpósio de História Marítima*, pp. 213-231.

[231] Vítor Luís Gaspar Rodrigues, "Os capitães-mores da carreira do Japão: o esboço de caracterização sócio-económica", in *Arquipélago*, Nº 1, 2.º Série, Vol. I, pp. 141-159.

[232] João Paulo Oliveira e Costa (coord.), *Descobridores do Brasil – Exploradores do Atlântico e Construtores do Estado da Índia*, 2000.

[233] João Paulo Oliveira Costa & Vítor Gaspar Rodrigues (coords.), *A Alta Nobreza e a Fundação do Estado da Índia. Actas do Colóquio Internacional*, 2004.

[234] João Paulo Oliveira e Costa (coord.), *A Nobreza e a Expansão – Estudos Biográficos*, 2000.

[235] Luís Filipe Oliveira, "A expansão quatrocentista portuguesa: um processo de recomposição social da nobreza", in *1383-1385 e a Crise Geral dos Séculos XIV-XV – Actas das Jornadas de História Medieval*, p. 200.

[236] Cf. A. H. Oliveira Marques, "A Expansão no Atlântico", in *Nova História da Expansão Portuguesa - Vol. II - A Expansão Quatrocentista*, p. 203.

pertencentes ao mesmo grupo social que João Paulo Oliveira e Costa se deparou ao estudar a administração ultramarina do século XV, nomeadamente, o núcleo central instalado em Lisboa, as ilhas Atlânticas e a costa ocidental de África[237]. De resto, investigadores como Alexandra Pelúcia e Andreia Martins de Carvalho prosseguiram com os estudos relativos ao papel da baixa nobreza na exploração da costa Atlântica, analisando a origem social dos agentes da Coroa portuguesa, nomeadamente, na costa da Guiné, já nos reinados de D. Afonso V e D. João II[238].

Porém, não são abundantes os estudos relativos ao papel da baixa nobreza na Expansão para o Norte de África. A tradição nesta linha de investigação tem beneficiado, antes de mais, o papel da alta nobreza na gesta marroquina. Esta tendência poderá justificar-se, em parte, pela relação que este grupo social teve com o território norte-africano. Considerado como espaço de prossecução da conquista cristã, apresentava-se como pertinente para o exercício da função guerreira da nobreza, dada a proximidade geográfica e domínio do território por parte do Islão. Por outras palavras, a via natural para a obtenção de títulos, rendas e mercês fundamentais para a manutenção ou ascensão do *status* social da alta nobreza. Note-se, aliás, que ao longo de todo o século XV e primeira metade do século XVI, a nobreza titulada não desenvolveu a mesma relação de proximidade com nenhum outro espaço do Império Português. Até mesmo o Estado da Índia, que sempre povoou o imaginário europeu, só começou a receber sistematicamente governadores e vice-reis titulares a partir de 1561[239], ou seja, já depois da reformulação da estratégia norte-africana de D. João III. Seja como for, é inegável o empenho que a nobreza do reino empregou na gesta marroquina. Uma publicação sobre o processo de titulação na primeira metade do século XV[240], nomeadamente, entre os reinados de D. João I e D. Afonso V, veio demonstrar como a guerra no Norte de África fazia parte do currículo de um nobre com pretensões a um título. A este respeito diz-nos Armindo de Sousa: "*Depois de 1415 era sabido: fidalgo*

---

[237] Cf. João Paulo Oliveira e Costa, "A formação do aparelho central da administração ultramarina no século XV", in *Anais de História de Além-Mar*, Nº 2, pp. 87-102.

[238] Cf. Andreia Martins de Carvalho & Alexandra Pelúcia, "Os Primeiros Fidalgos na Costa da Guiné", in *Anais de História de Além-Mar*, Nº 2, pp. 127-138.

[239] Nesta data foi nomeado vice-rei da Índia, D. Francisco Coutinho, conde do Redondo.

[240] Cf. Luís Filipe Oliveira & Miguel Jasmim Rodrigues, "Um processo de reestruturação do domínio social da nobreza. A titulação da 2.ª dinastia" in *Revista de História Económica e Social*, Nº 22, pp. 77-114.

ia a Marrocos, dava à espada contra mouros e trazia diploma"[241]. É nesse sentido que os Meneses, de Vila Real[242], os Coutinhos, de Borba[243] ou os Meneses, de Tarouca[244], foram famílias que ascenderam socialmente através dos serviços prestados em praças como Ceuta, Arzila e Tânger.

A relação da participação da nobreza portuguesa no território marroquino foi realizada por Abel Santos Cruz, na dissertação de mestrado intitulada *A Nobreza Portuguesa em Marrocos no século XV (1415-1464)*[245], trabalho em que o autor discrimina os fidalgos que participaram nas campanhas norte-africanas que tiveram lugar entre o reinado de D. João I e D. Afonso V. A partir dos resultados apresentados nesta dissertação, André Teixeira e Teresa Lacerda desenvolveram, *à posteriori*, os reinados de D. João II, D. Manuel e D. João III em *La Noblesse Titulaire et le Nord de*

---

[241] Armindo de Sousa, "A sociedade (estruturas, grupos e motivações)", in *História de Portugal, Vol. 2 – A Monarquia Feudal*, José Mattoso (Dir.), p. 448.

[242] Baltazar Osório, *Ceuta e a Capitania de D. Pedro de Meneses, 1415-1437*, 1933; André Teixeira, "Uma Linhagem ao Serviço da «Ideia Imperial Manuelina»: Noronhas e Meneses de Vila Real em Marrocos e na Índia", in *A Alta Nobreza e a Fundação do Estado da Índia. Actas do Colóquio Internacional*, pp. 109-174; Nuno Silva Campos, *D. Pedro de Meneses e a Construção da Casa de Vila Real (1415-1437)*, 2004. Do mesmo autor veja-se também *D. Pedro de Menezes. O primeiro capitão de Ceuta*, 2008; *Don Pedro de Meneses y la fundación de la casa de Vila Real, Ceuta*, 2011; Madalena Ribeiro, "O conde D. Henrique de Meneses, capitão de Alcácer Ceguer e Arzila", in *A Nobreza e a Expansão – Estudos Biográficos*, pp. 145-58; António Martins Costa, "D. Duarte de Meneses (1414-1464): o sangue e as armas no final da Idade Média", in *e-Strategica - Revista da Associação Ibérica de História militar (séculos IV-XVI). Revista de la Asociación Ibérica de Historia Militar (siglos IV-XVI)*, Nº 2, pp. 25-47; Fernando Pessanha, "D. Fernando de Meneses, capitão de Ceuta e 1º Conde de Alcoutim: exemplo da relação entre os serviços no Norte de África e a atribuição de títulos nobiliárquicos", in *XIX Jornadas de Historia de Ceuta – La dimensión humana. Biografías en Ceuta, el Norte de África y el Estrecho de Gibraltar*, pp. 27-62. Do mesmo autor veja-se também *D. Fernando de Meneses – Capitão de Ceuta, 1º Conde de Alcoutim e 2º Marquês de Vila Real*, 2019.

[243] Vítor Luís Gaspar Rodrigues, "As Linhagens Secundárias dos Coutinhos e a Construção do Império Manuelino", in *A Alta Nobreza e a Fundação do Estado da Índia. Actas do Colóquio Internacional*, pp. 177-80; Luís Filipe Oliveira, *A Casa dos Coutinhos: Linhagem, Espaço e Poder (1360-1452)*, 1999.

[244] Susannah Charlton Humble, "O fardo do patrocínio real: o caso do conde de Tarouca, mordomo-mor da Casa Real", in *A Alta Nobreza e a Fundação do Estado da Índia. Actas do Colóquio Internacional*, pp. 101-108.

[245] Abel Santos Cruz, *A Nobreza Portuguesa em Marrocos no século XV (1415-1464)*, dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Porto, 1995.

l'Afrique, publicada em 2009. A dilatação da balizagem cronológica permitiu comparar a acção dos intervenientes no Norte de África com os intervenientes na Índia[246]. Já em 2017, Ana Maria dos Santos voltou a rever o papel da nobreza portuguesa em Ceuta, em *A Nobreza e a Expansão no Norte de África (o caso de Ceuta)*[247] e, no ano seguinte, Maria de Lurdes Rosa e Miguel Aguiar voltaram a abordar a nobreza portuguesa em *La noblesse dans la frontière nord-africaine (Portugal, 1415-1515): guerre, chevalerie, croisade*[248].

De resto, o estudo das semelhanças e diferenças entre a Berbéria e o Oriente, enquanto espaços da Expansão Portuguesa, já tinha anteriormente captado a atenção dos investigadores. Em 2001, Vítor Luís Gaspar Rodrigues procurou determinar de que modo a guerra no Norte de África influenciou a acção militar dos portugueses no Oriente[249]. Poucos anos depois, mais precisamente em 2006, Vasco Resende prosseguiu com esta ideia, analisando a acção de nobres que serviram nestes dois espaços da Expansão Portuguesa[250]. O valor dos serviços prestados em Marrocos e na Índia, no contexto da obtenção de um hábito, foi abordado por Fernanda Olival num artigo apresentado em 2005, no *IV Encontro sobre Ordens Militares*[251], onde analisa como a

---

[246] André Teixeira & Teresa Lacerda, "La Noblesse Titulaire et le Nord de l'Afrique", in *La présence portugaise au Maroc et les relations actuelles entre les deux pays*, pp. 23-44.

[247] Ana Maria dos Santos, "A Nobreza e a Expansão no Norte de África (o caso de Ceuta)", in *Omni Tempore. Encontros da Primavera 2014-2015*, pp. 124-152.

[248] Maria de Lurdes Rosa & Miguel Aguiar, "La noblesse dans la frontière nord-africaine (Portugal, 1415-1515): guerre, chevalerie, croisade", in *e-Spania* (en ligne), 31 | Octobre 2018, mis en ligne le 15 octobre 2018, consulté le 28 juin 2022. URL : http://journals.openedition.org/e-spania/28615 ; DOI : https://doi.org/10.4000/e-spania.28615

[249] Vítor Luís Gaspar Rodrigues, "Organização militar e práticas de guerra dos Portugueses em Marrocos no séc. XV, princípios do XVI: sua importância como modelo referencial para a expansão portuguesa no oriente", in *Anais de História de Além-Mar*, Vol. 2, pp. 157-168.

[250] Vasco Resende, *A Sociedade da Expansão na época de D. Manuel I: mobilidade, hierarquia e poder entre o Reino, o Norte de África e o Oriente*, 2006. Este trabalho, como salientou o autor, incorpora-se num projecto de investigação levado a cabo pelo Centro de História da Universidade de Lisboa, intitulado *Tecido Social e Redes de Poder: os Portugueses e o Magrebe dos séculos XV a XIX (estudo prosopográfico).*

[251] Fernanda Olival, "Norte de África ou Índia? Ordens Militares e serviços (século XVI)", in *As Ordens Militares e as Ordens de Cavalaria na construção do Mundo Ocidental - Actas do IV Encontro sobre Ordens Militares*, pp. 769-795.

nobreza da Idade Moderna entendia a Berbéria e o Oriente, privilegiando, até meados da centúria quinhentista, o Norte de África enquanto espaço de maior prestígio.

Outros contributos têm surgido, ainda que menos abundantes, quando comparados com estudos relativos ao Oriente. No que se refere ao Norte de África, as biografias de intermediários ou de figuras do poder local são especialmente bem-vindas, na medida que permitem enquadrar o papel dos portugueses na região. Nesta área sublinhe-se o artigo de Robert Ricard intitulado *Bastião Vargas agent de Jean III de Portugal au Maroc et le project d'alliance entre le Portugal et le Royaume de Fés (1539-1541)*[252], de 1946, ou os trabalhos de Maria Leonor Garcia da Cruz sobre o militar, diplomata e conselheiro de Estado Lourenço Pires de Távora[253].

Nos últimos anos também foram produzidos alguns estudos biográficos sobre indivíduos que serviram em Marrocos. Vejam-se, a título de exemplo, os artigos sobre D. Fernando, Conde de Arraiolos e capitão de Ceuta[254]; D. Duarte de Meneses, capitão de Alcácer Ceguer[255], D. Henrique de Meneses, capitão de Alcácer Ceguer e Arzila[256], António Leite, capitão de Azamor e Mazagão[257], D. Fernando de Meneses, capitão de

---

[252] Robert Ricard, "Bastião Vargas agent de Jean III de Portugal au Maroc et le project d"alliance entre le Portugal et le Royaume de Fés (1539-1541)", in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo III, pp. 176-102.

[253] Maria Leonor Garcia da Cruz, "Portugal e o Norte de África no Séc. XVI – a intervenção de Lourenço Pires de Távora, diplomata e homem de guerra, no problema da manutenção ou abandono das praças portuguesas", in *Actas das 1ªs Jornadas de História Moderna*, Vol. II, pp. 1061-1073. Da mesma autora vejam-se também *Lourenço Pires de Távora e a política portuguesa no Norte de África no século de quinhentos*, dissertação de mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1989; "Lourenço Pires de Távora, militar, diplomata e conselheiro de Estado, na Índia e em Marrocos", in *Retratos do Império. Trajetórias individuais no mundo português nos séculos XVI a XIX*, 2006, pp. 357-373.

[254] Maria Dávila, "O Conde de Arraiolos e a política expansionista em Marrocos", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, pp. 69-74.

[255] António Martins Costa, "D. Duarte de Meneses (1414-1464): o sangue e as armas no final da Idade Média", in *e-Strategica - Revista da Associação Ibérica de História militar (séculos IV-XVI). Revista de la Asociación Ibérica de Historia Militar (siglos IV-XVI)*, Nº 2, pp. 25-47.

[256] Madalena Ribeiro, "O conde D. Henrique de Meneses, capitão de Alcácer Ceguer e Arzila", in *A Nobreza e a Expansão – Estudos Biográficos*, pp. 145-58.

[257] Rui Jorge Ferreira Henriques, *"Quão grande trabalho é viver!" António Leite – circuitos da nobreza portuguesa no sul de Marrocos (1513-1549)*, dissertação de mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos apresentada à Universidade Nova de Lisboa, 2012. Refira-se que este é igualmente o

Ceuta[258], para além de outras micro biografias por nós publicadas em artigos informativos dados à estampa no Jornal do Algarve Magazine[259].

No que se prende directamente com o nosso objecto de estudo, apresentam-se como incontornáveis alguns trabalhos sobre indivíduos que privaram de perto com Nuno Fernandes de Ataíde. Estes contributos não só traçam com maior precisão o perfil da nobreza portuguesa e a sua acção em terras magrebinas, como ainda servem os propósitos da prosopografia, na medida em que nos facultam dados extremamente pertinentes relativamente à figura de Nuno Fernandes. São eles o artigo de Maria Augusta Lima Cruz sobre o muçulmano Bentafufa que, como alcaide dos "mouros de pazes"[260], privou de perto com Nuno Fernandes de Ataíde e que exerceu uma acção determinante na criação de um protectorado português na região da Duquela[261]; o artigo de Teresa Lacerda sobre D. João de Meneses, o capitão de campo de Azamor que tantos desentendimentos teve com Ataíde e com quem disputou a fidelidade dos mouros da

---

autor de "Os capitães de Azamor e Mazagão (1513-1541). Les capitaines d'Azemmour et de Mazagan (1513-1541)", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I, pp. 573-594.

[258] Fernando Pessanha, "D. Fernando de Meneses, capitão de Ceuta e 1º Conde de Alcoutim: exemplo da relação entre os serviços no Norte de África e a atribuição de títulos nobiliárquicos", in *XIX Jornadas de Historia de Ceuta – La dimensión humana. Biografías en Ceuta, el Norte de África y el Estrecho de Gibraltar*, pp. 27-62. Do mesmo autor veja-se também *D. Fernando de Meneses – Capitão de Ceuta, 1º Conde de Alcoutim e 2º Marquês de Vila Real*, 2019.

[259] Vejam-se, a título de exemplo, Fernando Pessanha, "O adail Lopo Barriga e a expedição contra o castelo de Amagor", in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3366, 30 de Setembro de 2021, p. 6; "Garcia de Melo - *Bellator* da Expansão Portuguesa nos Algarves de Aquém e de Além-mar", in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3392, 30 de Março de 2022, p. 13; "D. Fernando de Noronha: 2.º capitão da Ceuta portuguesa", in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3400, 26 de Maio de 2022, p. 7; "O cavaleiro D. Garcia de Eça, «chamarãolhe de alcunha o Suleima, servio em Affrica…»", in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3409, 28 de Julho de 2022, p. 3; "Álvaro de Ataíde, guerreiro do século XV e alcaide-mor de Alvor", in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3413, 25 de Agosto de 2022, p. 9; "O cavaleiro D. Rodrigo de Noronha: «o aravia» de Safim, nos Algarves de Além-mar, in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3445, 6 de Abril de 2023, p. 7.

[260] Sobre os "Mouros de Pazes"veja-se o resumo de Robert Ricard, "Mouros de Pazes", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. IV, p. 354.

[261] Maria Augusta Lima Cruz, "Mouro para os cristãos e cristão para os mouros: o caso Bentafufa", in *Anais de História de Além-Mar*, Vol. III, pp. 39-63.

Duquela[262]; e o nosso artigo sobre o capitão de Azamor Rui Barreto, que igualmente manteve um relacionamento tenso com o "*nunca esta quedo*", chegando mesmo a recusar-se a entregar-lhe os tributos dos mouros de pazes da Xerquia[263].

Resumidamente, o estudo das elites das sociedades ultramarinas, de que Nuno Fernandes de Ataíde foi um notável representante, constitui uma temática que, paulatinamente, tem chamado a atenção dos investigadores que se têm debruçado sobre a História da Expansão e dos Descobrimentos Portugueses. É certo que a presente tese teria sido beneficiada caso esta linha de investigação investisse mais no Norte de África. É nesse sentido, portanto, que se torna necessária uma análise social mais profunda sobre a presença portuguesa no teatro de operações magrebino, nomeadamente, no sul de Marrocos. Como anteriormente referimos, o Norte de África representou para a nobreza portuguesa uma escola prática de guerra que serviu os interesses consignados à promoção social, tornando-o excepcional no contexto do Império Português. Neste sentido, o estudo da acção de capitães como Nuno Fernandes de Ataíde, o seu *modus operandi* e o modo como aplicava o seu poder bélico e a sua influência política, torna-se fulcral para a compreensão da gesta marroquina no contexto global do Império.

[262] Teresa Lacerda, "D. João de Meneses, um retrato da nobreza portuguesa em Marrocos", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, pp. 117-140.

[263] Fernando Pessanha, "Rui Barreto: a capitania do alcaide-mor de Faro em Azamor", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLI, pp. 63-44.

PARTE I

Capítulo 1

- INSERÇÃO SOCIO-FAMILIAR DE NUNO FERNANDES DE ATAÍDE

1.1 - A família na transição da Idade Média para a Idade Moderna

Antes de avançarmos no presente capítulo, torna-se pertinente referir como era entendido o conceito de família nos fins da Idade Média e inícios da Idade Moderna. Com efeito, o pensamento da cristandade medieva - dominada pela teologia aristotélica - considerava que o mundo era explicável mediante uma causa final, isto é: de acordo com a filosofia cristã medieval existia uma ordem universal que orientava todas as criaturas para um objectivo final. Cada parte do todo participava de forma diversa, segundo as suas funções, para a realização desse destino universal, que era o encontro com Deus. De resto, este princípio aplicado à sociedade manteve-se intacto na sociedade ocidental durante a Época Moderna[264].

É nesse sentido que durante o século XV e parte do XVI, a sociedade não foi considerada enquanto um conjunto de indivíduos, mas antes como um *corpus* constituído por uma combinação de elementos: as designadas ordens sociais, possuidoras de estatutos desiguais e que participavam com tarefas distintas no destino do universo. Era, portanto, uma sociedade complexa, repleta de peculiaridades e desigualdades salvaguardadas pelo Direito, onde o estatuto de cada indivíduo era determinado pelo *corpus* social onde estava inserido familiarmente. Assim sendo, no centro desta sociedade corporativa estava a família, o núcleo natural do sistema social, a

[264] Cf. António Hespanha, *História de Portugal Moderno, Político e Institucional*, pp. 29-30.

medula da existência individual[265]. Por outras palavras, o estatuto de cada individuo era, *à priori*, determinado pelo estatuto da sua família.

Na Idade Moderna, o conceito de família tinha um sentido lato. Com efeito, desde o feudalismo que a ascendência tinha um peso considerável[266], na medida em que tinha o poder de aproximar e unificar ramos familiares que a sociedade contemporânea consideraria como "distantes" ou "afastados". Deste modo, abrangia não só os parentes relacionados por laços de sangue, como também por afinidades resultantes de ligações matrimoniais. Assim sendo, os privilégios individuais atingiam não só os parentes ligados por geração, como também por afinidade, sendo essa realidade verificável no uso do nome e de brasões. Uma ofensa individual era extensível a toda a família, sendo a generalidade dos seus elementos responsável pelo seu resgate[267]. Esta moral exigia, pelo princípio da "tutela legítima", a defesa de todos os sujeitos do agregado que não o pudessem fazer por si[268]. Desto modo, o dever da reciprocidade de auxílio e o zelo pela honra da família, de que dependia o seu estatuto, eram assim primados da existência familiar, nos quais todos os membros tinham de participar.

Esta concepção de família era extensível não só a parentes relacionados por consanguinidade ou afinidade, mas também à restante casa, ou seja: criados, dependentes e escravos subordinados a um *pater*, podendo mesmo alargar-se aos amigos. Relativamente aos criados, deve referir-se que estes "*eram, tradicionalmente,*

---

[265] Sobre a concepção corporativa da sociedade veja-se: António Hespanha, *História de Portugal Moderno, Político e Institucional*, pp. 29-34; João Cordeiro Pereira, "A estrutura social e o seu devir", in *Nova Historia de Portugal - Vol. V - Portugal do Renascimento à Crise Dinástica*, pp. 277-283.

[266] A propósito da importância da ascendência no seio da nobreza nos finais da Idade Média veja-se Armindo de Sousa, "A sociedade (estruturas, grupos e motivações)", in *História de Portugal, Vol. 2 – A Monarquia Feudal*, José Mattoso (Dir.), pp. 440-443.

[267] Veja-se, a título de exemplo, o célebre conflito entre Melos e Pessanhas. Ver João Mascarenhas de Mello, *O Combate da Campina entre Melos e Pessanhas – Cenas da vida algarvia do século XVI. Genealogias*, 1942.

[268] Cf. António Manuel Hespanha, "Carne de uma só Carne. Para uma Compreensão dos Fundamentos Histórico-Antropológicos da Família na Época Moderna", in *Análise Social*, Vol. XXVIII, Nº 123-124, pp. 957-958. Sobre a família na Idade Moderna vejam-se também: António Manuel Hespanha, "A família", in *História de Portugal Moderno, Político e Institucional*, pp. 99-119; Do mesmo autor ver também "Fundamentos antropológicos da família de Antigo Regime: os sentimentos familiares", in *História de Portugal - Vol. IV – O Antigo Regime (1620-1807)*, pp. 273-279; Nuno G. Monteiro, "Os sistemas familiares", in *História de Portugal - Vol. IV - O Antigo Regime (1620-1807)*, pp. 279-285.

aqueles que viviam com o senhor (…) pelo comer e dormir"[269]. Deste modo, os criados e os servidores eram abrangidos por algumas isenções dos seus senhores, pertencentes à nobreza, e que frequentemente intercediam por estes junto do monarca.

Numa outra dimensão, os indivíduos interceptavam-se nas redes clientelares que trespassavam o tecido social do Antigo Regime. As relações patrono-clientelares eram ligações interpessoais entre sujeitos de poderes diferentes que, numa lógica de reciprocidade, tinham em vista vantagens mútuas a nível político, económico e simbólico. O patrono, como dominante, tinha obrigação de dar protecção e o cliente, como subalterno, tinha o dever de lhe prestar serviços. Estas relações eram organizadas em sistemas de rede que interligavam pessoas numa cadeia de lealdades. Assim sendo, um patrono poderia ser cliente de um sujeito mais poderoso, ao mesmo tempo que os seus clientes poderiam ser patronos de outros, pertencentes a escalões inferiores da hierarquia social[270]. Constata-se que paralelamente à família, a rede clientelar onde um indivíduo se inseria determinava o seu posicionamento social. Contudo, como os sujeitos eram atidos à família, as redes clientelares onde se inseriam envolviam não só a sua parentela como também, usando as palavras de Diogo Ramada Curto, a "*casa, amigos, feitura, bando, facção, etc*"[271]. Conclui-se, portanto, que o quadro familiar era, na sociedade de Antigo Regime, o grande determinante do percurso social dos seus elementos.

1.2 - Ligações familiares do fidalgo

Cientes de que seria um erro metodológico analisar a capitania de Nuno Fernandes de Ataíde no apogeu da presença militar portuguesa em Marrocos sem a apresentação do seu contexto sociofamiliar, ou seja, do *corpus* social onde estava inserido e da sua realidade familiar, procurámos recuar no tempo até ao século XIV, centúria em que se torna possível identificar com alguma segurança dois ramos da

[269] António Manuel Hespanha, "Carne de uma só Carne. Para uma Compreensão dos Fundamentos Histórico-Antropológicos da Família na Época Moderna", in *Análise Social*, Vol. XXVIII, Nº 123-124, p. 968.

[270] Ângela Barreto Xavier & António Manuel Hespanha, "As redes clientelares", in *História de Portugal - Vol. IV - O Antigo Regime (1620-1807)*, pp. 381-393.

[271] Diogo Ramada Curto, "Clientelas", in *História de Portugal, Vol. 3 – No Alvorecer da Modernidade*, José Mattoso (Dir.), p. 134.

linhagem dos Ataídes: o de Martim Gonçalves de Ataíde, ramo sobre o qual veio a recair o condado de Atouguia, concedido em 1448[272], o condado de Castanheira, atribuído em 1523[273]; e o ramo de Gonçalo Viegas de Ataíde, bisavô de Nuno Fernandes de Ataíde[274].

Com a crise de 1383-1385, estes ramos parecem ter optado por diferentes partidos. Martim Gonçalves de Ataíde, por exemplo, que era alcaide de Chaves e partidário do rei de Castela, negou-se a entregar a vila, apenas capitulando depois do cerco que lhe puseram no final do ano de 1385[275]. Em contrapartida, encontramos Nuno Gonçalves de Ataíde, filho de Gonçalo Viegas de Ataíde e tio-avô de Nuno Fernandes de Ataíde, a combater pelo mestre de Avis na batalha de Aljubarrota, integrado na companhia da Madressilva[276].

Com o fim da guerra de 1383-1385 e a entrada no século XV os Ataídes crescem em honra e proveito à sombra dos primeiros monarcas de Avis, nomeadamente, quando se tornam detentores dos já referidos títulos nobiliárquicos, ou seja, o condado de Atouguia e o condado de Castanheira. Com efeito, esta linhagem titulada parece ter granjeado grande prestígio por nela ter recaído o governo das casas dos infantes D.

---

[272] Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo IV, Vol. II, pp. 7-13; António Caetano Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, Tomo III, p. 24; Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra*, Vol. I, pp. 80-84 e Vol. III, pp. 274-276; Sobre o nascimento da casa de Atouguia veja-se ainda Nuno Vila-Santa, "Uma linhagem, duas casas: em torno dos Ataídes e das origens das casas de Atouguia e da Castanheira (séculos XV-XVI)", in *Fragmenta Historica – Revista do Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa*, Nº 4, pp. 18-26.

[273] Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo IV, Vol. II, pp. 13-24; António Caetano Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, Tomo III, p. 495; Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra*, Vol. III, pp. 395-396.

[274] António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, pp. 218-220; Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo IV, Vol. II, pp. 25-27; António Caetano Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, Tomo XI, p. 511.

[275] Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo IV, Vol. II, p. 9; Duarte Nunes de Leão, *Cronicas Del Rey Dom João o de Gloriosa memória, o I, deste nome, dos reys de Portugal X., D. Duarte e D. Afonso o V*, Capítulo LXV, pp. 292-293; Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra*, Vol. I, pp. 75-80; Nuno Vila-Santa, "Uma linhagem, duas casas: em torno dos Ataídes e das origens das casas de Atouguia e da Castanheira (séculos XV-XVI)", in *Fragmenta Historica – Revista do Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa*, Nº 4, pp. 17-18.

[276] Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo IV, Vol. II, p. 25.

Pedro, D. Henrique e D. Fernando, assim como o exercício de alguns cargos palatinos. É nesse sentido que, se voltarmos a debruçar-nos sobre o ramo de Martim Gonçalves de Ataíde, alcaide-mor de Chaves, encontramos o seu filho Álvaro Gonçalves de Ataíde, primeiro conde de Atouguia, como governador da casa do infante D. Pedro[277]. Do mesmo modo, também outro dos seus filhos, Vasco Fernandes de Ataíde, aparece referido como governador da casa do infante D. Henrique, cargo que exerceu até à sua morte[278] e que depois passou para o seu cunhado D. Fernando de Castro, genro de Martim Gonçalves de Ataíde[279].

Refira-se que tanto Vasco Fernandes de Ataíde como Álvaro Gonçalves de Ataíde acompanharam os infantes D. Pedro e D. Henrique na conquista de Ceuta, enquanto "*principais que iam com el-Rei*"[280]. Foi, aliás, este Vasco Fernandes de Ataíde um dos protagonistas do desembarque de 21 de Agosto de 1415, tendo falecido ao ir em

---

[277] *Monumenta Henricina*, Vol. I, Doc. 122; *Monumenta Henricina*, Vol. VIII, Doc. 221, p. 340, nota 10; Gomes Eanes de Zurara, *Crónica da Tomada de Ceuta*, Capítulo L, p. 178; António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, pp. 213-214; Duarte Nunes de Leão, *Cronicas Del Rey Dom João o de Gloriosa memória, o I, deste nome, dos reys de Portugal X., D. Duarte e D. Afonso o V*, Capítulo LXXXVII, p. 423; Jerónimo de Mascarenhas, *Historia de la Ciudad de Ceuta*, Capitulo 19, p. 79; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portvgvesa*, Capítulo II, p. 20; Joseph Soares da Sylva, *Memórias para a Historia de Portugal, que compreendem o governo Del Rey D. João I*, Tomo III, Capítulo CCC, p. 1456; Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra*, Vol. III, p. 274; Humberto Baquero Moreno, *A Batalha de Alfarrobeira - Antecedentes e Significado Histórico*, Vol. II, pp. 720-726. Sobre Álvaro Gonçalves de Ataíde veja-se o resumo de João Pedro Rosa Ferreira, "Ataíde, D. Álvaro Gonçalves de (1.º Conde de Atouguia", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, pp. 95-96.

[278] Gomes Eanes de Zurara, *Crónica da Tomada de Ceuta*, Capítulo L, p. 178; Duarte Nunes de Leão, *Cronicas Del Rey Dom João o de Gloriosa memória, o I, deste nome, dos reys de Portugal X., D. Duarte e D. Afonso o V*, Capítulo LXXXVI, p. 415 e Capítulo LXXXVII, p. 423; Jerónimo de Mascarenhas, *Historia de la Ciudad de Ceuta*, Capitulo 19, p. 79; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portvgvesa*, Capítulo II, p. 20; Joseph Soares da Sylva, *Memórias para a Historia de Portugal, que compreendem o governo Del Rey D. João I*, Tomo III, Capítulo CCXCVIII, p. 1445 e Capítulo CCC, p. 1456; Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra*, Vol. I, p. 84 e 515.

[279] Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo II, Vol. II, p.110 e Tomo IV, Vol. II, p. 9.

[280] Gomes Eanes de Zurara, *Crónica da Tomada de Ceuta*, Capítulo L, p. 177. Refira-se que alguns anos depois, em 1428, Álvaro Gonçalves de Ataíde foi uma das testemunhas do contrato de casamento entre D. Duarte e Dª Leonor de Aragão. Veja-se "*Contrato de casamento do rei D. Duarte, sendo infante, com a infante D. Leonor de Aragão, aprovado, ratificado e confirmado pelo rei D. João I*", em 4 de Novembro de Novembro de 1428. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 17, maço 7, Nº 19.

socorro do infante D. Henrique, quando este se encontrava a combater no decurso do segundo embate. Pagou com a vida o feito de armas e foi uma das vítimas mais ilustres da conquista da praça africana. É o próprio Gomes Eanes de Zurara que no-lo diz:

"*E em aquele segundo cometimento que o infante fez aos mouros, quando assim foi chamado da parte de seu irmão, Vasco Fernandes de Ataíde houve novas como seu senhor andava em aquele trabalho e trabalhou-se de o ir buscar. E, quando chegou àquele lugar, onde o infante estivera primeiramente com os mouros, que era acerca da porta, lançaram os inimigos de cima uma pedra, a qual era tão grande e por tamanha força lançada, que tanto lhe deu sobre a barreta vasco Fernandes caiu morto em terra. E este só cavaleiro foi aquele que, por seu sangue, pagou toda a desaventura daquele feito*"[281].

Se é certo que o ramo de Martim Gonçalves de Ataíde, alcaide-mor de Chaves, granjeou prestígio por nele ter recaído o governo das casas dos infantes D. Pedro e D. Henrique, também é certo que sobre o ramo de Gonçalo Viegas de Ataíde, bisavô de Nuno Fernandes de Ataíde, recaiu o governo da casa do infante D. Fernando, assim como o exercício de alguns cargos palatinos. Com efeito, Nuno Gonçalves de Ataíde, tio-avô de Nuno Fernandes de Ataíde, deteve o cargo de governador da casa do "Infante Santo"[282], tendo João de Ataíde, avô de Nuno Fernandes de Ataíde, exercido o cargo de camareiro-mor do infante D. Pedro[283].

---

[281] Gomes Eanes de Zurara, *Crónica da Tomada de Ceuta*, Capítulo LXXXIV, p. 249. Ver também Duarte Nunes de Leão, *Cronicas Del Rey Dom João o de Gloriosa memória, o I, deste nome, dos reys de Portugal X., D. Duarte e D. Afonso o V*, Capítulo XVII, p. 451; Jerónimo de Mascarenhas, *Historia de la Ciudad de Ceuta*, Capitulo 23, p. 92; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portvgvesa*, Capítulo II, pp. 27, 31 e 32; Joseph Soares da Sylva, *Memórias para a Historia de Portugal, que compreendem o governo Del Rey D. João I*, Tomo III, Capítulo CCCIV, p. 1488.

[282] António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, p. 218; Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo IV, Vol. II, p. 25; Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo III, p. 68. Encontramos Nuno Gonçalves de Ataíde por entre os moradores da *Caza del rey D. João I*. Ver Joseph Soares da Sylva, *Memórias para a Historia de Portugal, que compreendem o governo Del Rey D. João I*, Tomo IV, p. 215. Refira-se que D. Pedro de Ataíde, filho deste Nuno Gonçalves de Ataíde, foi um dos cavaleiros que ficou cativo em Arzila, juntamente com o infante D. Fernando. Acabou por morrer em Marrocos, vitimado pela peste. Ver *Monumenta Henricina*, Vol. VI, Doc. 64, p. 211; Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo IV, Vol. II, p. 25; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*,

Aliás, se seguirmos a *Crónica da Tomada de Ceuta* ou as *Cronicas Del Rey Dom João o de Gloriosa Memória, o I*.... (esta última bastante mais tardia), depressa nos apercebemos que, para além dos já referidos Vasco Fernandes de Ataíde e Álvaro Gonçalves de Ataíde, também João de Ataíde participou na conquista da praça norte-africana[284], tendo sido armado cavaleiro logo após tomada da cidade[285]. Filho de Gonçalo Viegas de Ataíde e de Beatriz Nunes de Goes, foi através do casamento com Maria Nunes de Cordovellos, filha de Nuno Fernandes de Cordovelos, que João de

---

Capítulo III, p. 45; D. Fernando de Meneses, *História de Tânger que compreende as noticias desde a sua primeira conquista ate a sua ruina*, Livro I, p. 23; Joseph Soares da Sylva, *Memórias para a Historia de Portugal, que compreendem o governo Del Rey D. João I*, Tomo I, Capítulo LXXV, p. 385 e Capítulo XCV, p. 490.

[283] António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, p. 219; Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo IV, Vol. II, p. 26; António Caetano Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, Tomo II, p. 79; Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo III, p. 72; Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra*, Vol. I, p. 227, nota 4; Susannah Humble Ferreira, *The Crown, the Court, and the Casa da Índia. Political centralization in Portugal 1479-1521*, p. 145.

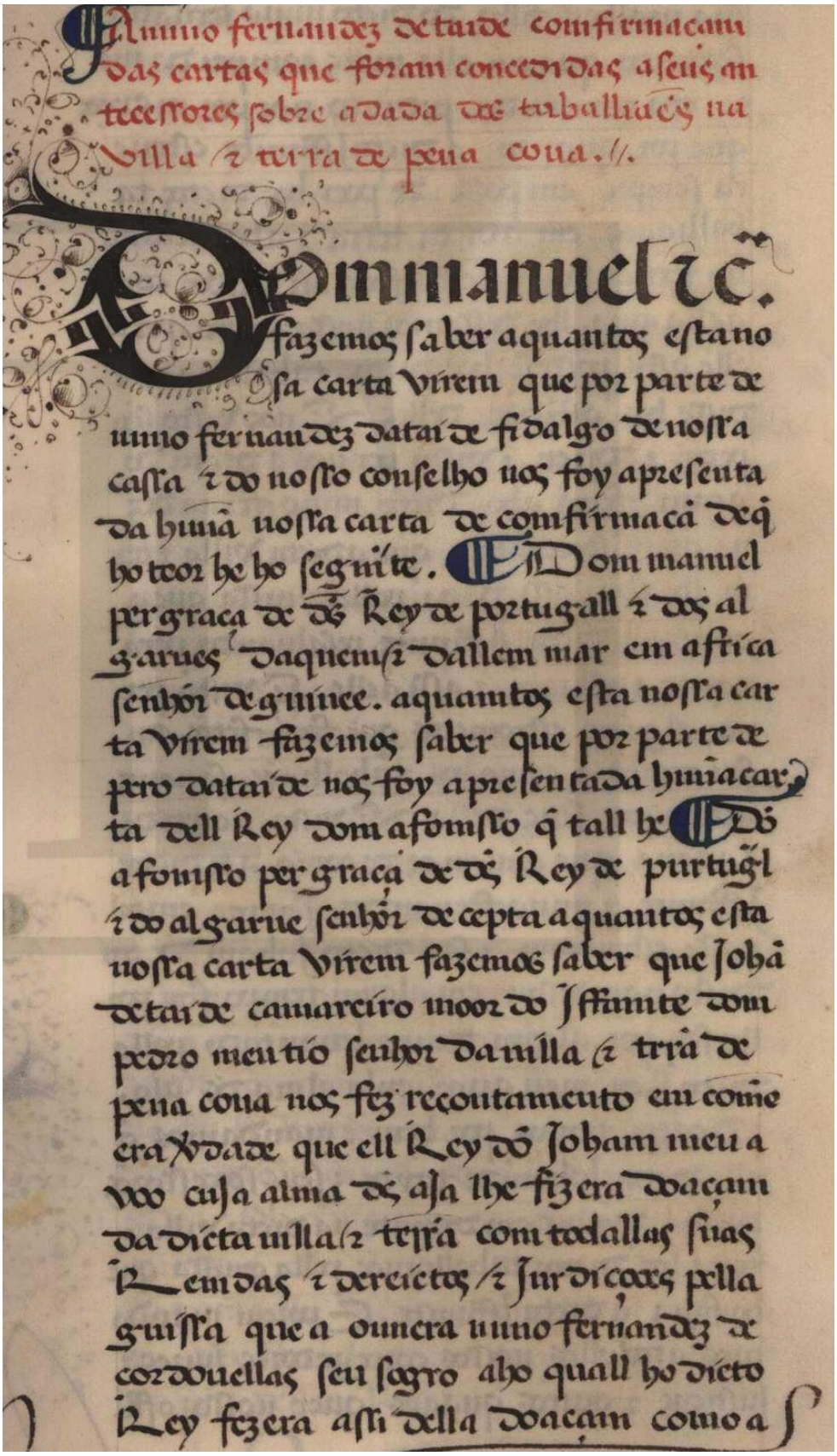
[284] Gomes Eanes de Zurara, *Crónica da Tomada de Ceuta*, Capítulo L, p. 178; Duarte Nunes de Leão, *Cronicas Del Rey Dom João o de Gloriosa memória, o I, deste nome, dos reys de Portugal X., D. Duarte e D. Afonso o V*, Capítulo LXXXVII, p. 423; Jerónimo de Mascarenhas, *Historia de la Ciudad de Ceuta*, Capitulo 19, p. 79; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portvgvesa*, Capítulo II, p. 20; Joseph Soares da Sylva, *Memórias para a Historia de Portugal, que compreendem o governo Del Rey D. João I*, Tomo III, Capítulo CCC, p. 1456 e Capítulo CCCV, p. 1493. Também Abel dos Santos Cruz refere João de Ataíde no conjunto dos nobres que participaram na conquista de Ceuta. Ver Abel dos Santos Cruz, *A Nobreza Portuguesa em Marrocos no século XV (1515-1464)*, dissertação de mestrado em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 48; Susannah Humble Ferreira, *The Crown, the Court, and the Casa da Índia. Political centralization in Portugal 1479-1521*, p. 145. Ana Maria dos Santos menciona igualmente a participação dos Ataídes na conquista de Ceuta. Veja-se Ana Maria dos Santos, "A Nobreza e a Expansão no Norte de África (o caso de Ceuta)", in *Omni Tempore. Encontros da Primavera 2014-2015*, p. 132.

[285] Gomes Eanes de Zurara, *Crónica da Tomada de Ceuta*, Capítulo XCVI, p. 277; Duarte Nunes de Leão, *Cronicas Del Rey Dom João o de Gloriosa memória, o I, deste nome, dos reys de Portugal X., D. Duarte e D. Afonso o V*, Capítulo XCV, p. 463; Jerónimo de Mascarenhas, *Historia de la Ciudad de Ceuta*, Capitulo 24, p. 97; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portvgvesa*, Capítulo II, p. 33; Joseph Soares da Sylva, *Memórias para a Historia de Portugal, que compreendem o governo Del Rey D. João I*, Tomo III, Capítulo CCCVII, p. 1507; Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo III, p. 72.

Ataíde se tornou senhor de Penacova[286]. De resto, este matrimónio será anterior a 20 de Abril de 1440, já que nessa data é permitido a João de Ataíde colocar tabeliães em Penacova[287].

[286] A.N.T.T., *Chancelaria de D. João III*, liv. 72, fl. 169v; Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo IV, Vol. II, p. 26; Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo III, p. 72; António Caetano Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, Tomo XI, p. 511. Do mesmo genealogista ver também *Agiologio Lusitano, dos Santos, e Varões Illustres em Virtude do Reino de Portugal, e suas Conquistas*, Tomo IV, p. 16. São várias as fontes que referem João de Ataíde como senhor de Penacova. Veja-se, a título de exemplo, *Monumenta Henricina*, Vol. VII, p. XIII; Joseph Soares da Sylva, *Memórias para a Historia de Portugal, que compreendem o governo Del Rey D. João I*, Tomo II, Capítulo CLXXIII, p. 864; Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra*, Vol. I, p. 227, nota 4. O senhorio de Penacova tinha sido originalmente atribuído por D. João I ao bisavô de Nuno Fernandes de Ataíde, Nuno Fernandes de Cordovelos. Ver A.N.T.T., *Chancelaria de D. João III*, liv. 72, fls. 170v-172.

[287] A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro 3 da Beira, fls. 10-10v; A.N.T.T., *Chancelaria de D. João III*, liv. 72, fl. 170-172v.


Almno fernandez de taide comfirmacam
das cartas que foram concedidas aseus an
tecessores sobre adada de taballiaes na
villa e terra de pena coua.//.

Dom manuel &c.
fazemos saber aquantos estano
sa carta virem que por parte de
nuno fernandez dataí de fidalgo de nossa
casa e do nosso conselho nos foy apresenta
da hũa nossa carta de comfirmacã deq
ho teor he ho seguinte. Dom manuel
per graça de dos Rey de portugall e dos al
garues daquem e dallem mar em africa
senhor de guinee. aquantos esta nossa car
ta virem fazemos saber que por parte de
pero dataí de nos foy apresentada hũa car
ta dell Rey dom afomsso q̃ tall he Dõ
afomsso per graça de dos Rey de purtugl
e do algarue senhor de cepta aquantos esta
nossa carta virem fazemos saber que soha
de taide camarceiro moor do sfimte dom
pedro meu tio senhor da villa e terra de
pena coua nos fez recontamento em come
eraçam dade que ell Rey dõ soham meu a
vo cuja alma de asa lhe fizera doaçam
da dicta villa e terra com todallas suas
Remdas e dereitos e jurdiçoes pella
guisa que a ouuera nuno fernandez de
cordouellas seu sogro aho quall ho dicto
Rey fezera assi della doaçam como a

Fig. 1 - A Nuno Fernandes de Ataíde, confirmação das cartas que foram concedidas a seus antecessores sobre a dada de tabeliães na vila e terra de Penacova.
A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro 3 da Beira, fls. 10-10v.

De referir que a relação deste avô de Nuno Fernandes de Ataíde com o Norte de África não se resumiu à sua participação na conquista de Ceuta. Voltámos a encontrar João de Ataíde em Ceuta, em 1425[288] e em 1440, numa expedição chefiada pelo já referido D. Fernando de Castro, governador da casa do infante D. Henrique, e que tinha como objectivo proceder à devolução de Ceuta em troca da libertação do infante D. Fernando[289], o que acabou por não vir a acontecer**,** já que a frota em que seguia D. Fernando de Castro, foi atacada ao largo do Cabo de São Vicente por uma armada genovesa, provocando a sua morte[290]. Refira-se, a este respeito, que este ataque da armada genovesa ao largo do Cabo de São Vicente reflecte bem a necessidade da

---

[288] Gomes Eanes de Zurara, "Chronica do Conde D. Pedro de Menezes", in *Collecção de livros inéditos de Historia Portugueza, dos reinados de D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, e D. João II*, Tomo II, Capitulo XIV, p. 529; Joseph Soares da Sylva, *Memórias para a Historia de Portugal, que compreendem o governo Del Rey D. João I*, Tomo II, Capítulo CLXXIII, p. 864; Sousa Viterbo, "Uma expedição portuguesa às Canárias em 1440", in *Archivo Historico Portuguez*, Vol. I, p. 343. Também Abel dos Santos Cruz regista a passagem de João de Ataíde pela guarnição de Ceuta entre 1415 e 1437. Ver Abel dos Santos Cruz, *A Nobreza Portuguesa em Marrocos no século XV (1515-1464)*, dissertação de mestrado em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 83.

[289] O facto de o capitão de Ceuta, D. Fernando de Noronha, ser contrário à entrega da cidade colocou graves problemas nas negociações entre o regente D. Pedro e os embaixadores do reino de Fez. Foi, por isso, acordado que o governador da casa do infante D. Henrique, D. Fernando de Castro, e o seu filho, D. Álvaro, iriam para Ceuta, onde tomariam a chave da cidade das mãos de D. Fernando de Noronha e a entregariam aos mouros quando o infante D. Fernando já se encontrasse em Arzila. Ver *Monumenta Henricina*, Vol. VII, Doc. 111, p. 176, nota 1; *Monumenta Henricina*, Vol. VII, Doc. 143, pp. 224-226; Abel dos Santos Cruz, *A Nobreza Portuguesa em Marrocos no século XV (1515-1464)*, dissertação de mestrado em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 132, nota 14; Fernando Pessanha, "D. Fernando de Noronha: 2.º capitão da Ceuta portuguesa", in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3400, 26 de Maio de 2022, p. 7.

[290] Rui de Pina, *Chronica de El-Rei D. Afonso V*, Vol. I, Capítulo LIV, pp. 108-113; Paulo Drumond Braga, "A Expansão no Norte de África", in *Nova História da Expansão Portuguesa - Vol. II - A Expansão Quatrocentista*, p. 267; Marco Oliveira Borges, "D. Álvaro de Castro (1.º conde de Monsanto) perante os desafios da Expansão Portuguesa do século XV", in *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, Nº 14, pp. 97-98. Já em Ceuta, D. Álvaro de Castro escreveu ao infante D. Pedro a contar o sucedido. A missão, porém, não foi coroada de êxito, já que os mouros exigiram em primeiro lugar a entrega de Ceuta e só depois a libertação do infante, pelo que D. Pedro ordenou que D. Álvaro de Castro regressasse ao Reino para se discutir outra forma que permitisse a libertação de D. Fernando.

manutenção de Ceuta em função da sua localização geo-estratégica, fundamental à segurança da navegação entre o Atlântico e o Mediterrâneo[291].

A ligação de João de Ataíde à casa do infante D. Pedro terá levado a que, certamente impelido por questões de fidelidade ao seu senhor, optasse por tomar o seu partido aquando da Batalha de Alfarrobeira. Um documento posterior à batalha revela-nos que João de Ataíde foi privado de seus bens "*por ficar em Cojmbra em nosso deseruiço*"[292]. A sua ausência do campo de batalha, onde marcou presença o seu filho primogénito Pedro de Ataíde, talvez se explique devido à sua idade ou à necessidade de defender Coimbra, caso fosse atacada pelas forças do rei[293]. Seja como for, sabemos que já era falecido em 4 de Outubro de 1452, data em que o rei confirmou à viúva a posse da vila de Penacova[294]. As genealogias conhecidas coincidem quanto à descendência de João de Ataíde: Pedro de Ataíde e Álvaro de Ataíde (de que trataremos de seguida),

[291] Cf. Abel dos Santos Cruz, "A guerra de corso e a pirataria no Mediterrâneo Ocidental ao tempo do conde D. Pedro de Meneses (1415-1437)", in *A Guerra Naval no Norte de África (séculos XV-XIX*), pp. 57-99.

[292] Humberto Baquero Moreno, *A Batalha de Alfarrobeira - Antecedentes e Significado Histórico*, Vol. II, p. 1010.

[293] A.N.T.T., *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 12, fl. 110; Humberto Baquero Moreno, *A Batalha de Alfarrobeira - Antecedentes e Significado Histórico*, Vol. II, pp. 1010-1011.

[294] A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 29, fl. 51v. Este documento faz referência à doação da vila e termo de Penacova a Maria Nunes de Cordonelos, mulher de João de Ataíde de Penacova, para si e para os seus herdeiros.

Filipa (Brites) de Ataíde[295] e Branca de Ataíde[296]. Teve ainda Álvaro de Ataíde, como filho ilegítimo[297].

Filho primogénito de João de Ataíde e Maria Nunes de Cordovellos, Pedro de Ataíde acompanhou o infante D. Pedro na Batalha de Alfarrobeira[298], não obstante ser fidalgo da casa do infante D. Henrique. Por esse motivo, incorreu na pena de infâmia e perda de todos os bens móveis e de raiz. No entanto, D. Afonso V, atendendo a um pedido feito pelo seu tio, o infante D. Henrique, concedeu-lhe uma carta de perdão, em 5 de Dezembro de 1451, ficando assim isento das penalidades em que tinha incorrido[299]. Casou, em 28 de Dezembro de 1457, com D. Inês da Cunha [300] e, em 1462, D. Afonso V confirmou-lhe a posse da terra de Penacova, que anteriormente tinha pertencido a seu

[295] António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, p. 219; Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo IV, Vol. II, p. 26; Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo III, p. 72. Filipa (Brites) de Ataíde casou com Nuno Vaz de Castelo Branco, almirante, monteiro-mor de D. Afonso V e alcaide-mor de Moura. Sobre Nuno Vaz de Castelo Branco veja-se António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, pp. 278-279.

[296] António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, p. 219. Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo IV, Vol. II, p. 26; Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo III, p. 72; Branca de Ataíde casou com João de Sousa, capitão de ginetes do infante D. Fernando e comendador de Ferreira, Alvalade e Represa da Ordem de Santiago. Por sua vez, João de Sousa foi o filho último de Martim Afonso de Sousa, 2º Senhor de Mortágua e de Violante Lopes de Távora. Ver António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, pp. 17-45.

[297] Este tio de Nuno Fernandes de Ataíde casou com Guiomar Costa. Ver Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo IV, Vol. II, p. 27. Como adiante veremos, Álvaro de Ataíde tornou-se num dos militares mais destacados da Safim comandada por Nuno Fernandes de Ataíde.

[298] Rui de Pina, *Crónica do Senhor Rey D. Afonso V*, Vol. II, Capítulo CXVII, p. 89.

[299] Carta de perdão de D. Afonso V a Pedro de Ataíde por este ter estado na Batalha de Alfarrobeira a favor do infante D. Pedro. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 2, maço 2, Nº 30. Documento sumariado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. I, p. 241; A.N.T.T., *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 2, fl. 121v. Este documento encontra-.se publicado em *Monumenta Henricina*, Vol. XI, Doc. 102, p. 125.

[300] António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, p. 219; Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo IV, Vol. II, p. 27; Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo III, p. 72. D. Inês da Cunha era filha de João Álvares da Cunha e neta de Álvaro da Cunha, o 3º senhor de Pombeiro, filho bastardo da rainha Leonor Teles de Meneses. Ver António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, pp. 150-151.

pai[301]. É elevado à categoria de membro do conselho de D. Afonso V[302] e, em 9 de Agosto de 1465, o monarca determina que os vassalos da terra de Penacova fossem obrigados a pagar ao seu senhor "*a jugada, oitava e outras obrigações dos moradores de Penacova e seu termo*"[303], assim como lhe é confirmado o privilégio que lhe confere o direito a nomear os tabeliães da vila de Penacova e do seu termo, deixando ao rei o direito de apelação[304]. Tal como João de Ataíde, também Pedro esteve em África, onde participou numa expedição até às portas de Tânger[305].

Em 1475, em virtude de não ter descendência que herdasse os seus bens, Pedro de Ataíde recorreu ao rei, em favor de sua esposa. D. Afonso V anuiu, tendo em consideração as despesas a que Pedro teve de fazer face ao serviço do monarca, em Portugal, Castela e África. Deste modo, determinou o rei que, por morte de Pedro de Ataíde, Inês da Cunha herdasse a vila de Penacova, usufruindo de todos os seus direitos e possuindo jurisdição civil e criminal[306]. Segundo Humberto Baquero Moreno decorria

---

[301] A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 29, fl. 25v-52. Mais tarde, no reinado de D. Manuel I, são-lhe confirmados os bens da vila de Penacova que D. João I deu a seu pai, D. João de Ataíde. Ver A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 30, fl. 25v.

[302] Sobre o conselho do rei veja-se Armindo de Sousa, "A sociedade (estruturas, grupos e motivações)", in *História de Portugal, Vol. 2 – A Monarquia Feudal*, José Mattoso (Dir.), p. 515.

[303] A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 30, fl. 37v.

[304] A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 30, fl. 37v. Trata-se de uma mercê concedida por D. João I a D. João de Ataíde e seus sucessores. Faz parte da carta de confirmação de D. Afonso V, de 20 de Abril de 1440. Veja-se, a título de exemplo, a nomeação de Pedro Lourenço, criado de Pedro de Ataíde, para tabelião do cível e crime da vila da Lousã. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 34, fl. 1.

[305] Gomes Eanes de Zurara, "Chronica do Conde D. Duarte de Menezes", in *Collecção de livros inéditos de Historia Portugueza, dos reinados de D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, e D. João II*, Tomo III, Capítulo CVII, p. 242.

[306] A.N.T.T., *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 26, fl. 179. Tal privilégio constituía uma excepção à Lei Mental, o que acabou por ser recorrente durante o reinado de D. Afonso V. O referido artigo estabelece: *"... e nom hauendo hi filho, ou neto baram lidimo per linha masculina descendente, em tal caso seja loguo a dita Terra ou Terras tornadas aa Coroa dos Reynos, sem outro nenhum embarguo, entreguando-se primeiro a dita molher per as nouidades da Terra, como dito he. E se no caso que o dito matrimonio for separado e ouuer tantos bens partimoniaes, per que se possa paguar a dita dote e arras, Mandamos que per eles seja entregue e o que falecer que o possa a dita molher auer pelas rendas das Terras da Coroa dos Reynos, se per Auctoridade nossa forem a ello obriguados; porque nossa tençam he, que primeiramente se haja, e pague a dita dote, e arras, pelos bens patrimoniaes e a ninguoa deles se ajam, e paguem pelas nouidades das Terras da Coroa dos Reynos*". Ver *Monumenta Henricina*, Vol. V, Doc. 24,

o ano de 1483 quando D. João II encarregou Pedro de Ataíde de participar no julgamento que haveria de condenar o duque de Bragança[307]. De resto, sabemos que Pedro de Ataíde faleceu em 1495, uma vez que D. Manuel doa Penacova e Paço de Aboboreira ao seu irmão Álvaro de Ataíde, em 29 de Dezembro desse ano, por "*falecimento de Pero de Ataíde que Deus tem*"[308]. O privilégio de 5 de Maio de 1497 em que D. Manuel concede a Pedro de Ataíde que escudeiros, homens de pé e outras pessoas que vivam nas suas terras possam servir com ele na guerra será, portanto, relativo a um homónimo[309].

Tal como João de Ataíde e Pedro de Ataíde, também Álvaro de Ataíde, filho segundo de João de Ataíde, serviu em África. De acordo com o que conseguimos apurar, encontrava-se em Ceuta, em 1454, juntamente com sete escudeiros, seis homens de pé e seis besteiros à sua conta[310]. Participou, juntamente com o seu irmão, na já

---

p. 60; Humberto Baquero Moreno, *A Batalha de Alfarrobeira - Antecedentes e Significado Histórico*, Vol. II, p. 1013.

[307] Humberto Baquero Moreno, *A Batalha de Alfarrobeira - Antecedentes e Significado Histórico*, Vol. II, p. 1013.

[308] Ver "*Doação de Pena Cova e Paço de Aboboreira de juro a Álvaro de Ataíde, por falecimento de Pero de Ataíde que Deus tem*". A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 32, fl. 82.

[309] "*A Pedro de Ataíde é confirmado o privilégio que lhe concede que, escudeiros, homens de pé e outras pessoas que vivam em suas terras possam servir com ele na guerra, e seus bens fiquem com ele*", em 5 de Maio de 1497. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 30, fl. 38.

[310] Sabemos, a este respeito, que Álvaro de Ataíde recebeu, em 1454, dinheiro e mantimentos para servir em Ceuta com sete escudeiros, seis homens de pé e seis besteiros. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 1, fl. 82. Documento publicado por Pedro de Azevedo, *Documentos das Chancelarias Reais anteriores a 1531 relativas a Marrocos*, Tomo II, Doc. 19, pp. 695 e 703-704. Ver também Abel dos Santos Cruz, *A Nobreza Portuguesa em Marrocos no século XV (1515-1464)*, dissertação de mestrado em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 140, nota 18. Note-se que os besteiros eram por então considerados tropas de elite, "*sujeitas a treino contínuo, que combatiam com uma arma de tiro à distância extremamente mortífera e certeira*". Veja-se Armindo de Sousa, "Realizações", in *História de Portugal, Vol. 2 – A Monarquia Feudal*, José Mattoso (Dir.), p. 526. A propósito dos besteiros enquanto força de elite vejam-se também Leandro Ferreira, *De homens-comuns a força de elite: os besteiros do conto em Portugal na Idade Média (1385-1438)*, dissertação de mestrado em Estudos Medievais apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2015; "Os besteiros do conto em Portugal na Idade Média (1385-1438): contextualização historiográfica, metodologia e objectivos de uma dissertação de mestrado", in *Incipit 4. Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto*, pp. 21-30.

referida expedição até às portas de Tânger, em 1461[311]. Não sabemos exactamente quanto tempo terá passado no Norte de África, porém, um documento de 1488 refere "*os muitos e estremados serviços de dom Álvaro de Ataíde, assim no reino como em África*"[312]. Casou com Dª Maria da Silva, filha de Pedro Gonçalves de Malafaia, que além de vedor da fazenda de D. João I foi embaixador em Castela[313], e de Dª Isabel Gomes da Silva. Refira-se que o casamento entre Álvaro de Ataíde e Dª Maria da Silva representou a ligação desta família aos influentes Almeida, uma vez que esta dama era irmã de Dª Brites da Silva, camareira da rainha Dona Leonor e mulher de D. Lopo de Almeida, do Conselho Régio e 1º conde de Abrantes[314].

Em 1461, Álvaro de Ataíde recebeu os direitos e rendas da Coroa em Alvor, que tinham pertencido ao infante D. Henrique, falecido em 13 de Novembro 1460. É D. Afonso V que lhe faz a mercê da

"*Carta de doação vitalícia de D. Afonso V a Álvaro de Ataíde, fidalgo régio, a dízima velha do pescado, a portagem de mar e terra, os foros das chantas, o serviço novo e velho dos judeus, fornos, moinhos, casas, barca da passagem, salinas e sal do lugar de Alvor, bem como 10 muios de trigo, ou o que o reguendo do castelo do moinho render para além dos 10 moios, a partir do ano de 1463*"[315].

Voltamos a encontrar Álvaro de Ataíde em Marrocos, em 1464, aquando do ataque de D. Afonso V à serra de Benacofu, em que D. Duarte de Meneses, o capitão de

---

[311] Gomes Eanes de Zurara, "Chronica do Conde D. Duarte de Menezes", in *Collecção de livros inéditos de Historia Portugueza, dos reinados de D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, e D. João II*, Tomo III, Capítulo CVII, p. 242.

[312] A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 40, fl. 6v.

[313] Ver António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, pp. 219-220; Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo IV, Vol. II, p. 27; Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo III, p. 72 e Tomo XVIII, pp. 33-36.

[314] Desde os inícios da dinastia de Avis que os Almeida vinham adquirindo prestígio, ocupando cargos da vedoria da Fazenda Real deste D. João I até D. João II. Deste modo, obtiveram bens patrimoniais na vila de Abrantes, da qual se tornaram condes em 1471, entre outras mercês. António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, pp. 285-292; Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo II, pp. 72-74.

[315] A.N.T.T., *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 9, fl. 119.

Alcácer Ceguer, deu a vida para proteger o monarca português. Foi, aliás, D. Henrique de Meneses, filho de D. Duarte de Meneses, a livrar Álvaro de Ataíde da morte, quando já se encontrava com um braço partido. É Gomes Eanes de Zurara que no-lo diz:

"*Dom Henrrique filho do Conde de Viana affi como era homem de grande coraçom, afi pellejou em aquelle dia muy afinadamente, livrando Alvaro Dataide de morte, matando per fi mefmo hum daquelles que o tinhaõ quafi prefo, e ferindo outros muitos, e aleijando ataa que lhe quebraraõ hum braço com huma pedra, tendo já aquelle Alvaro Dataide outro per femelhante maneira quebrado*"[316].

Em 1475, Álvaro de Ataíde, que entretanto começa a aparecer na documentação como pertencente ao *conselho d'el-Rei*, integrou o exército real que invadiu Castela, no mesmo ano em que D. Afonso V reconhece que "*o lugar de Alvor era vila sobre si e não termo de Silves*", fazendo mercê dela, de "*livre vontade e poder absoluto a Álvaro de Ataíde, e a um seu filho, após a sua morte, com todos os direitos, foros e tributos, ressalvando as sisas gerais e alfândega*"[317]. De resto, é nesse ano que "*o Africano*" autoriza a construção de casas dentro do castelo de Alvor, "*quais e quantas lhe aprouvesse para nelas morar*"[318], o poder para Álvaro de Ataíde recrutar homens de guerra quando o monarca ou o príncipe "*quisessem servir-se dos moradores de Alvor e seu termo, por mar ou por terra*"[319], e confirma-lhe a doação dos direitos de Alvor e do

---

[316] Gomes Eanes de Zurara, "Chronica do Conde D. Duarte de Menezes", in *Collecção de livros inéditos de Historia Portugueza, dos reinados de D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, e D. João II*, Tomo III, Capítulo CLIV, p. 364.

[317] "*A dom Álvaro de Ataíde, do conselho del-rei, carta de D. João II, na qual, ressalvando a correição e alçada, confirmava um alvará de D. Afonso V, dado em Aerevolo, nos seus reinos de Castela, em 1475, e escrito por Brás Luís*", em 13 de Outubro de 1488. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 40, fl. 6v.

[318] "*A Álvaro de Ataíde, do conselho de D. João II, confirmação de um alvará de D. Afonso V, dada em Samora, a 1 de Outubro de 1475, e escrita por Pero Brás, no qual lhe dava licença e lugar para poder fazer casas dentro do castelo de Alvor, quais e quantas lhe aprouvesse para nelas morar, vender ou fazer delas o que que por bem tivesse como de cousa sua própria*", em 13 de Outubro de 1488. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 40, fl. 6.

[319] "*Neste tinha por bem que, quando ele ou o Príncipe seu filho quisessem servir-se dos moradores de Alvor e seu termo, por mar ou por terra, não fossem servir com outra pessoa, em semelhante serviço, senão com Álvaro de Ataíde, fidalgo de sua casa, ao qual dava lugar e poder para quando quer que os mandassem servir, ele pudesse constranger e apenas aqueles que lhe bem parecesse, tirando alguns*

seu termo[320]. Será, aliás, esta proximidade de Álvaro de Ataíde a D. Afonso V que lhe terá valido uma resolução favorável, em Fevereiro de 1476, na disputa que manteve com o seu irmão, Pedro de Ataíde, pela herança pelo senhorio de Penacova e Paço de Aboboreira. Ora, como anteriormente referimos, Pedro de Ataíde pretendeu deixar os seus bens à sua esposa, em virtude de não ter descendência[321]. No entanto, Álvaro de Ataíde protestou junto do monarca, alegando que os bens do seu pai e irmão deveriam permanecer na família, relembrando as diversas confirmações régias aos seus ascendentes. O rei determinou então que, caso Pedro de Ataíde falecesse sem deixar filho varão legítimo, os seus bens fossem herdados por Álvaro de Ataíde, em função dos "*muitos e grandes serviços que do dito Aluaro de Taide tenho por muitas vezes recebidos asi nas partes de Africa como nestes nossos reinos de castelã e de Portugal*"[322]. De resto, é esta determinação que evidencia a proximidade de Álvaro de Ataíde ao rei nas guerras do Norte de África e em Castela e que explica por que motivo Nuno Fernandes de Ataíde veio mais tarde a herdar o senhorio de Penacova[323].

Os Ataídes continuaram a estar próximos da Coroa durante o reinado de D. João II, não obstante alguns dos seus elementos terem participado na conjura contra o "*Príncipe Perfeito*", nomeadamente, Álvaro de Ataíde e o seu filho Pedro de Ataíde,

---

criados ou apaniguados e obrigados a outros cavaleiros, porque os tais serviriam com eles e não com Álvaro de Ataíde. E precisava, após o sinal del-rei, em regras escritas por sua própria mão, que tal alvará se cumprisse e houvesse efeito quando Álvaro de Ataíde houvesse de servir e fosse em pessoa. Fernão de Pina a fez", em 14 de Outubro de 1488. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 40, fl. 6v.

[320] "*A Álvaro de Ataíde, do Conselho del-rei D. João II, confirmação de uma carta de D. Afonso V, dada em Arevalo a 12 de Outubro de 1475, na qual, em atenção a seus serviços lhe fazia doação e mercê, e a seu filho, Nuno Fernandes de Ataíde, dos direitos de Alvor e seu termo, e da judiaria de Lagos, a qual ele, Álvaro de Ataíde, já tinha*". A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 32, fl. 10v. Veja-se também a confirmação da doação da casa e renda do sal de Lagos, concedida a Álvaro de Ataíde em 12 de Fevereiro de 1477. Ver A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 41, fl. 110v.

[321] A.N.T.T., *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 26, fl. 179.

[322] A.N.T.T., *Chancelaria de D. João III*, liv. 72, fls. 170v-172. André Teixeira"Nuno Fernandes de Ataíde, *o nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão Portuguesa. Estudos Biográficos*, p. 168.

[323] Mais tarde, em 29 de Dezembro de 1495, D. Manuel I doa Penacova e Paço de Aboboreira a Álvaro de Ataíde, por motivo de falecimento do seu irmão Pero de Ataíde. Ver "*Doação de Pena Cova e Paço de Aboboreira de juro a Álvaro de Ataíde, por falecimento de Pero de Ataíde que Deus tem*". A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 32, fl. 82.

descendentes da linhagem de Martim Gonçalves de Ataíde. Refira-se, a este respeito, que foram ambos condenados à morte, por sentenças de 9 de Setembro de 1484[324] e de 9 de Agosto de 1485[325]. Note-se ainda que, não obstante a sentença deste Álvaro de Ataíde nunca ter sido aplicada[326], o seu filho Pedro de Ataíde acabou por ser degolado em Setúbal[327].

Toda esta situação parece não ter afectado a estima de D. João II pelo pai de Nuno Fernandes de Ataíde. Aliás, o monarca irá confirmar todas as doações a Álvaro de Ataíde e ao seu filho nos anos seguintes, começando pela confirmação da doação de Alvor, em 13 de Outubro de 1488:

"*Neste, dados os muitos e estremados serviços de dom Álvaro de Ataíde, assim no reino como em África, lhe aprazia, sendo achado e julgado por sentença que o lugar de Alvor era vila sobre si e não termo de Silves, fazer dela mercê, de próprio moto e livre vontade e poder absoluto a Álvaro de Ataíde, e a um seu filho, após a sua morte, com todos os direitos, foros e tributos, ressalvando as sisas gerais e alfândega. E D. João II ressalvava ainda a Correição e Alçada, e com estas limitações o confirmava Fernão de Pina a fez*"[328].

---

[324] A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 2, maço 1, Nº 16. Documento sumariado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. I, p. 33. Documento publicado por Anselmo Braamcamp Freire in *Archivo Historico Portuguez*, Vol. II, pp. 29-31.

[325] A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 2, maço 2, Nº 3. Documento sumariado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. I, p. 181. Documento publicado por Anselmo Braamcamp Freire in *Archivo Historico Portuguez*, Vol. II, pp. 276-278.

[326] Álvaro de Ataíde fugiu para Castela. Mais tarde, o rei D. Manuel acabou por convidá-lo a regressar ao reino, restituindo os seus bens. Vejam-se Rui de Pina, *Crónica de D. João II*, Capítulo XVIII, pp. 46-47; Garcia de Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Cap. LIV, pp. 50-51; Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra*, Vol. I, p. 418.

[327] Rui de Pina, *Crónica de D. João II*, Capítulo XVIII, p. 46; Garcia de Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Capítulos LII a Capítulo LIV, pp. 46-50; António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, p. 216; Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra*, Vol. I, p. 418.

[328] "*A dom Álvaro de Ataíde, do conselho del-rei, carta de D. João II, na qual, ressalvando a correição e alçada, confirmava um alvará de D. Afonso V, dado em Aerevolo, nos seus reinos de Castela, em 1475, e escrito por Brás Luís*", em 13 de Outubro de 1488. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 40, fl. 6v.

Logo nos dias seguintes, D. João II confirmou a licença para se construírem casas dentro do castelo de Alvor[329], o poder para recrutar homens de guerra quando o monarca ou o príncipe "*quisessem servir-se dos moradores de Alvor e seu termo, por mar ou por terra*"[330], assim como a confirmação de um conjunto de privilégios que, como anteriormente referimos, D. Afonso V tinha atribuído a Álvaro de Ataíde em 18 de Dezembro de 1461:

"Lhe fazia mercê desde o 1.º de Janeiro de 1468, a dízima velha do pescado de Alvor e a portagem do mar e da terra e dos foros das azenhas e serviço novo e velho dos judeus, e fornos e moinhos, casas e vinhas, e a barca de passagem, e as sainhas (salinas) do sal e o sal delas que havia no dito lugar. E quanto é ao Reguengo do castelo de (Alvor) e termo dele em que Vicente Simões havia 10 moios de trigo, morrendo primeiro, que ficassem a Álvaro de Ataíde, em sua vida. E aqui não entrariam a alcaidaria e mordomado pois o havia João do Rego, por carta del-rei, em sua vida. E em uma adição, assinada por D. Afonso V, se precisava que tivesse esse direito tão inteiramente como os houvera o Infante D. Henrique"[331].

No ano seguinte, em 28 de Janeiro de 1489, o monarca volta a confirmar os direitos de Álvaro de Ataíde e do seu primogénito sobre Alvor e o seu termo, os direitos

---

[329] "*A Álvaro de Ataíde, do conselho de D. João II, confirmação de um alvará de D. Afonso V, dada em Samora, a 1 de Outubro de 1475, e escrita por Pero Brás, no qual lhe dava licença e lugar para poder fazer casas dentro do castelo de Alvor, quais e quantas lhe aprouvesse para nelas morar, vender ou fazer delas o que que por bem tivesse como de cousa sua própria*", em 14 de Outubro de 1488. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 40, fl. 6v; A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro1 de Odiana, fl. 67v.

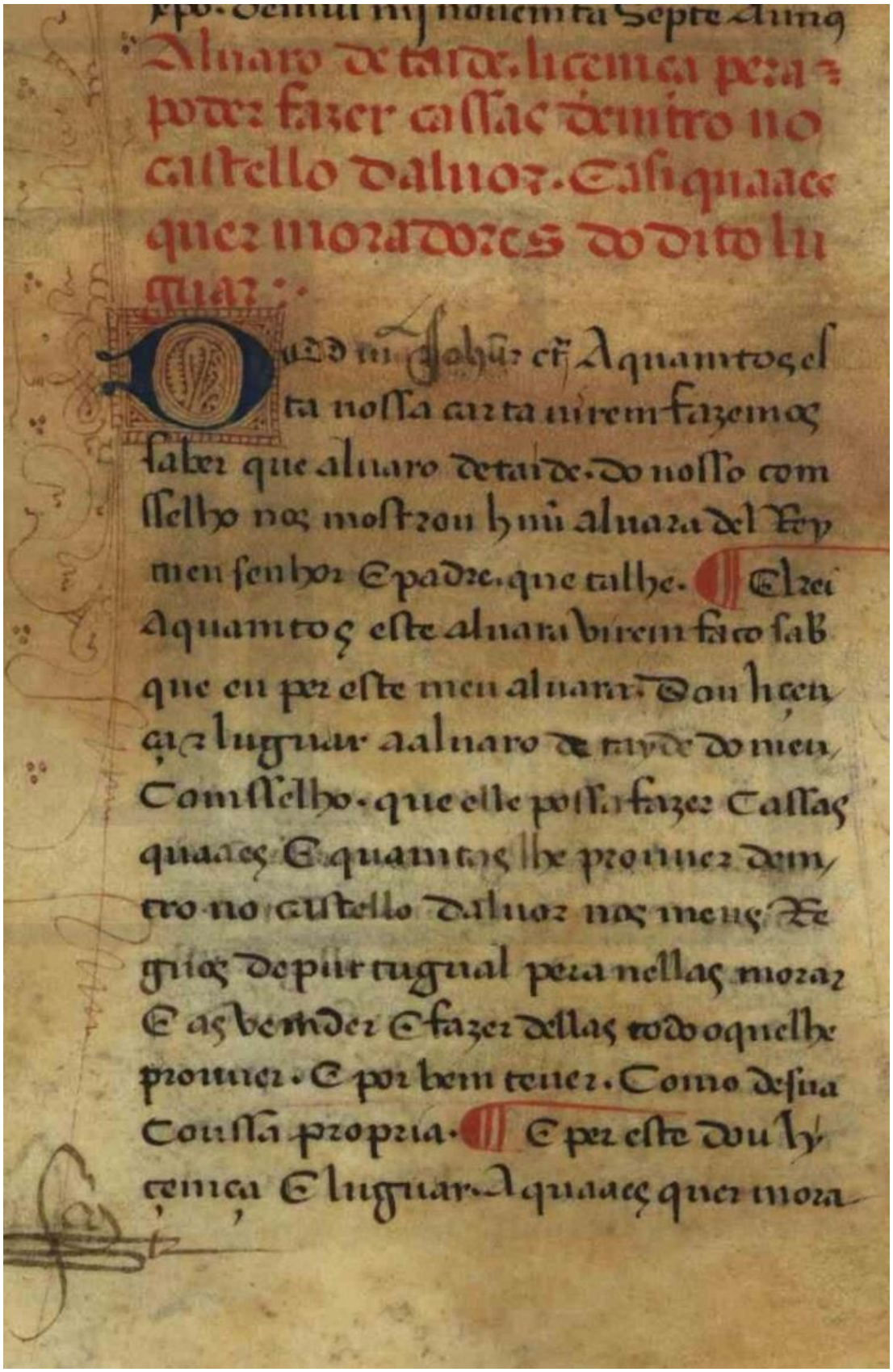
[330] "*A Álvaro de Ataíde, do conselho del-rei, carta de D. João II em confirmação de um alvará de D. Afonso V, dado em Samora, a 22 de Outubro de 1475 e escrito por Gonçalo Roiz*", em 14 de Outubro de 1488. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 40, fl. 6v.

[331] "*A Álvaro de Ataíde, do Conselho del-rei D. João II, confirmação de uma carta de D. Afonso V, dada em Torres Novas, a 18 de Dezembro de 1461 e escrita por Antão Cardoso, na qual, em atenção a seus serviços dhe fazia mercê desde o 1.º de Janeiro de 1468, a dízima velha do pescado de Alvor*", em 16 de Outubro de 1488. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 32, fl. 10v; Ver também A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 31, fl. 77; A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro 1 de Odiana, fl. 94v.

que já tinha sobre a judiaria de Lagos[332], assim como a doação da casa do sal desta vila[333].

[332] "*A Álvaro de Ataíde, do Conselho del-rei D. João II, confirmação de uma carta de D. Afonso V, dada em Arevalo a 12 de Outubro de 1475, na qual, em atenção a seus serviços lhe fazia doação e mercê, e a seu filho, Nuno Fernandes de Ataíde, dos direitos de Alvor e seu termo, e da judiaria de Lagos, a qual ele, Álvaro de Ataíde, já tinha*", em 28 de Janeiro de 1489. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 32, fl. 10v.

[333] A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro 5 de Odiana, fl. 252v.


Alvaro de taide. licença pera
poder fazer cassas demtro no
castello dalvor. E asi quaac
quer moradores do dito lu
guar

Quando nos Joham etc Aquamtos es
ta nossa carta virem fazemos
saber que alvaro detaide. do nosso com
selho nos mostrou hũ alvara del Rey
meu senhor e padre. que talhe. E diz
Aquamtos este alvara virem faz saber
que eu per este meu alvara. Dou licen
ça e lugar a alvaro de taide do meu
Comselho. que elle possa fazer Cassas
quaaes E quamtos lhe prouuer dem
tro no castello dalvor nos meus Re
gnos depur tugual pera nellas morar
E as vender e fazer dellas todo oquelhe
prouuer. E por bem teuer. Como desua
Cousa propria. E per este vos hy
çemça E lugar. A quaaes quer mora

Fig. 2 - *Álvaro de Ataíde, licença pera se poder fazer cassas demtro no castello dalvor. E asi quaacequer moradores do dito luguar*.
A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro 1 de Odiana, fl. 67v.

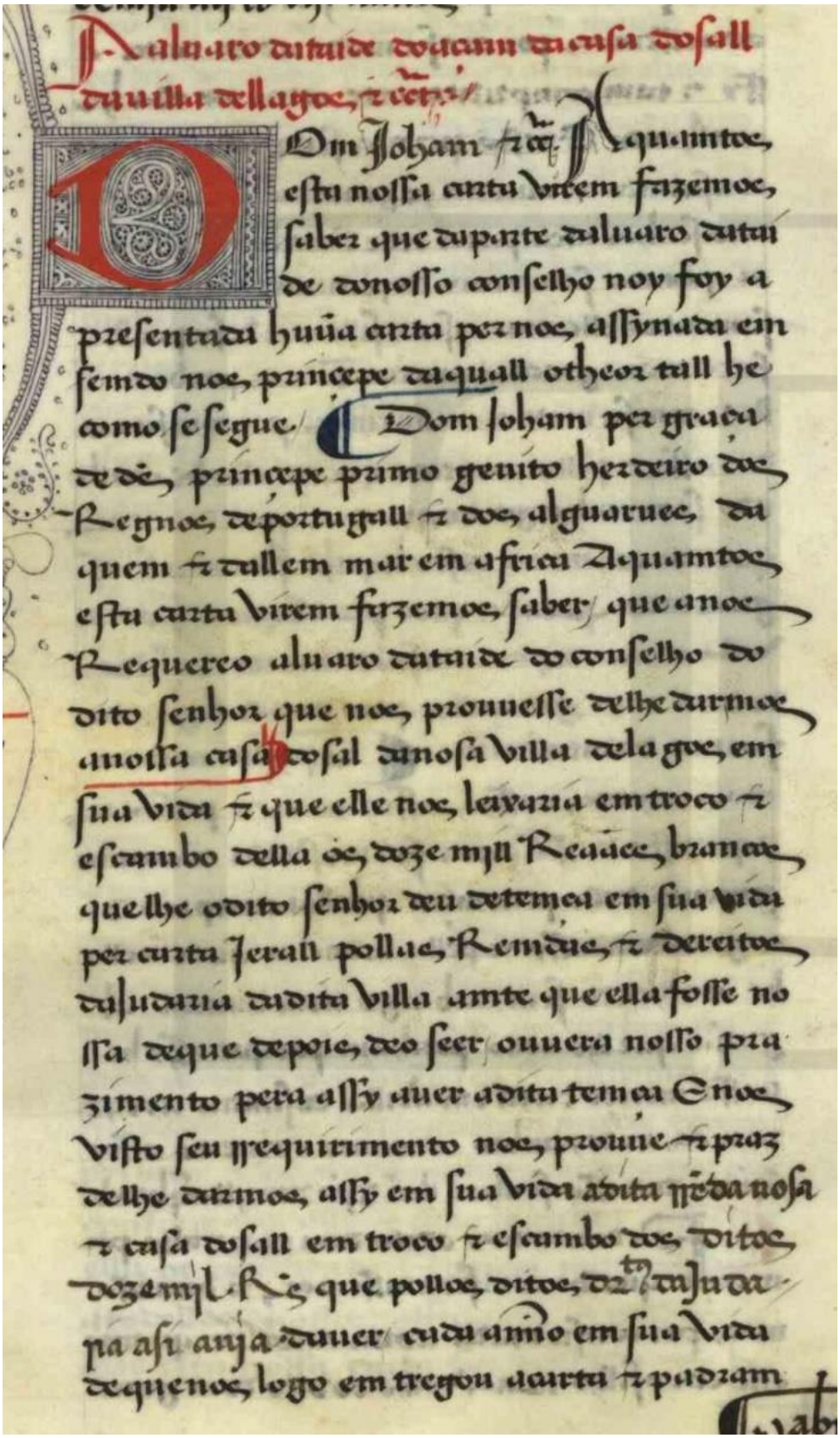


Fig. 3 - A Álvaro de Ataíde doação da casa do sal da vila de Lagos.
A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro 5 de Odiana, fl. 252v.

Refira-se ainda que quando o rei adoeceu, em 1495, procurou a cura nas águas termais de Monchique. Usando as palavras de Rui de Pina, foi o rei "*dormir a Alvor (...) e pousou nas casas de Álvaro de Ataíde*"[334], onde acabou por perecer. Referência, aliás, replicada pela "Corografia do Reino do Algarve, de Frei João de São José[335], ou pela "História do Reino do Algarve", de Henrique Fernandes Sarrão[336]. Athaíde Oliveira, curiosamente, refere que em 1497, por desistência de Diogo Moniz, a alcaidaria-mor de Alvor recaiu no seu sogro Álvaro de Ataíde: "*vê-se que na occasião da morte de D. João era Alcaide-mór de Alvor, o genro de Álvaro de Athaide, Diogo Moniz, e que D. Álvaro, por desistência do genro, foi investido naquelle cargo*"[337]. Esta estranha referência levou-nos, desde logo, a procurar clarificar a eventual relação entre Diogo Moniz e a alcaidaria de Alvor, aquando da morte do "*Príncipe Perfeito*".

Com efeito, Diogo Moniz era filho de Henrique Moniz, alcaide-mor de Silves, e de Isabel da Costa, filha de Vasco Eanes Corte-Real[338]. Pela via paterna, Diogo Moniz era neto de Vasco Martns Moniz, que participou na conquista de Ceuta, foi vedor da Casa do Infante D. Henrique e alcaide-mor de Silves[339]. Em 3 de Fevereiro de 1486, Diogo Moniz recebe a doação da portagem de Silves[340], a quitação de foro da herdade de Silves[341] e a doação direitos reais da judiaria de Silves[342]. Quatro anos depois, em 1490, recebe o aforamento de moinhos em Silves[343] e o aforamento de azenha no rio Avante-Silves[344]. Não sabemos quando casou Diogo Moniz. Sabe-se, no entanto, que

---

[334] Rui de Pina, *Crónica de D. João II*, Capítulo LXXIX, p. 148. Veja-se também Garcia de Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Capítulo CCX, pp. 149-151. Sobre a morte do "*Príncipe Perfeito*" veja-se também Luís Adão da Fonseca, *D. João II*, pp. 239-241.

[335] Frei João de São José, "Corografia do Reino do Algarve (1577)", in *Duas Descrições do Algarve do Século XVI*, p. 42.

[336] Henrique Fernandes Sarrão, "História do Reino do Algarve", in *Duas Descrições do Algarve do Século XVI*, p. 151.

[337] Francisco X. d' Athaíde Oliveira, *A Monografia de Alvôr*, p. 223.

[338] Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo I, Vol. II, pp. 705-707.

[339] Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo I, Vol. II, p. 705; Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra*, Vol. III, p. 49.

[340] A.N.T.T., *Chancelaria de D. João II*, liv. 8, fl. 166.

[341] A.N.T.T., *Chancelaria de D. João II*, liv. 8, fl. 166.

[342] A.N.T.T., *Chancelaria de D. João II*, liv. 8, fl. 167.

[343] A.N.T.T., *Chancelaria de D. João II*, liv. 16, fl. 12.

[344] A.N.T.T., *Chancelaria de D. João II*, liv. 16, fl. 41.

desposou Dª Maria de Melo, filha de Martim de Melo, em primeiras núpcias, e que desposou depois Dª Margarida, filha de "*Alvaro de Ataíde Acaide mór de Alvor*"[345]. Em 17 de Fevereiro de 1497, D. Manuel doou "*a alcaidaria-mor de Silves e de todas as suas rendas e direitos a Diogo Moniz, fidalgo da nossa casa, do nosso conselho e alcaide-mor do castelo de Silves, e por sua morte passe para o seu filho maior*"[346]. Doação, aliás, à qual se seguiu, dois dias depois, a "*mercê a Diogo Moniz, do nosso conselho e alcaide-mor de Silves, pelos bons serviços prestados, tenha em sua vida a renda dos direitos que tem da cidade de Silves e seu termo, e por sua morte passe para o seu filho maior*"[347]. Note-se, de resto, que D. Manuel doou a alcaidaria-mor de Alvor a Álvaro de Ataíde dias depois de doar a alcaidaria-mor de Silves a Diogo Moniz. Resumidamente, à excepção de um documento que confirma a Diogo Moniz uma carta de D. Afonso V, de 11 de Junho de 1469, que regista que *"a el-rei aprazia que ele pudesse fazer um forno (…) de cozer pão em Alagoa, termo da cidade de Silves (…) guardando se neles a maneira que se tinha em Estombar e Alvor*"[348], não encontrámos na documentação qualquer relação entre Diogo Moniz e a alcaidaria de Alvor.

---

[345] Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo I, Vol. II, p. 706 e Tomo IV, Vol. II, p. 27. António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, p. 220; Veja-se, a título de exemplo, "*A dona Margarida da Silva, mulher de Diogo Moniz, fidalgo da casa del-rei, porquanto João de Melo trespassara nela uma tença de 8*". A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 13, fl. 35v.

[346] "*Doação da alcaidaria-mor de Silves e de todas as suas rendas e direitos a Diogo Moniz, fidalgo da nossa casa, do nosso conselho e alcaide-mor do castelo de Silves, e por sua morte passe para o seu filho maior*", em 17 de Fevereiro de 1497. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 31, fl. 61.

[347] A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 31, fl. 61v. Vejam-se também "*A Diogo Moniz, fidalgo da casa del-rei, confirmação de uma carta del-rei D. João II, dada em Santarém*", em 28 de Fevereiro de 1497. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 13, fl. 9; "*A Diogo Moniz, do Conselho del-rei e alcaide-mor de Silves, porquanto era filho maior de Henrique Moniz e seu sucessor, confirmação de uma carta de D. João II, dada em Santarém, a 3 de Fevereiro de 148 6 e escrita por Cristóvão de Barros, na qual Diogo Moniz, fidalgo de sua casa e alcaide-mor de Silves, apresentara para confirmação uma carta de D. Afonso V, datada de Lisboa, 11 de Junho de 1469 e escrita por Pero Bentes*", em 1 de Março de 1497. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 13, fl. 31; "*Mercê a Diogo Moniz, do nosso conselho e alcaide-mor da cidade de Silves, do padrão de 12 mil reais*", em 27 de Março de 1498. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 31, fl. 120v.

[348] "*A Diogo Moniz, do Conselho del-rei e alcaide-mor de Silves, porquanto era filho maior de Henrique Moniz e seu sucessor, confirmação de uma carta de D. João II, dada em Santarém, a 3 de Fevereiro de 1486 e escrita por Cristóvão de Barros, na qual Diogo Moniz, fidalgo de sua casa e alcaide-mor de Silves, apresentara para confirmação uma carta de D. Afonso V, datada de Lisboa, 11 de Junho de 1469*



Fig. 4 - Painel toponímico alusivo ao paço de Álvaro de Ataíde, em Alvor.
Fotografia: Fernando Pessanha, 2015.

Após o falecimento de D. João II, os Ataídes continuaram a merecer os favores da Coroa e, logo em 1495, D. Manuel confirmou que D. Álvaro de Ataíde sucedesse o seu irmão na posse do senhorio de Penacova e do Paço da Aboboreira, "*por falecimento de Pero de Ataíde que Deus tem*"[349]. No ano seguinte, em em 29 de Dezembro de 1496, Álvaro de Ataíde recebeu a mercê da alcaidaria-mor da fortaleza que se mandava fazer para defesa da vila de Alvor[350]. Usando as palavras do livro 1 de Odiana, "*nos praz de lhe fazermos mercee dalcaidaria moor da dita forteleza que alli no dito cortijo dalvor mandamos fazer*"[351]. Em 28 de Fevereiro de 1497, D. Manuel voltava a confirmar a

---

e escrita por Pero Bentes. Nesta, Henrique Moniz, do Conselho del-rei, apresentara um alvará no qual se continha que a el-rei aprazia que ele pudesse fazer um forno - ou dois - de cozer pão em Alagoa, termo da cidade de Silves, onde todos os moradores que não tivessem fornalha cozessem seu pão, guardando se neles a maneira que se tinha em Estombar e Alvor. E sobre isso andara em demanda com o concelho desse lugar, até que se deu sentença, na Casa da Suplicação, que os ditos fornos pertenciam a el-rei em virtude do foral da cidade de Silves. E, a pedido de Henrique Moniz, el-rei lhe dera os ditos fornos e renda deles, em sua vida e de um filho maior, nos quais todos os moradores cozessem, sem terem nenhum outro forno nem fornalha, somente nos que assim fizesse o dito Henrique Moniz. Gaspar Rodrigues a fez", em 1 de Março de 1497. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 13, fl. 31.

[349] "*Carta de Doação de Penacova e Paço de Aboboreira de juro a Álvaro de Ataíde, por falecimento de Pedro de Ataíde que Deus tem*", em 29 de Dezembro de 1495. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 32, fl. 82.

[350] "*A Álvaro de Ataíde, do conselho del-rei, mercê da alcaidaria-mor da fortaleza que mandava fazer para defensão da vila de Alvor*", em 9 de Janeiro de 1496. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 32, fl. 113v.

[351] A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro 1 de Odiana, fl. 4v.

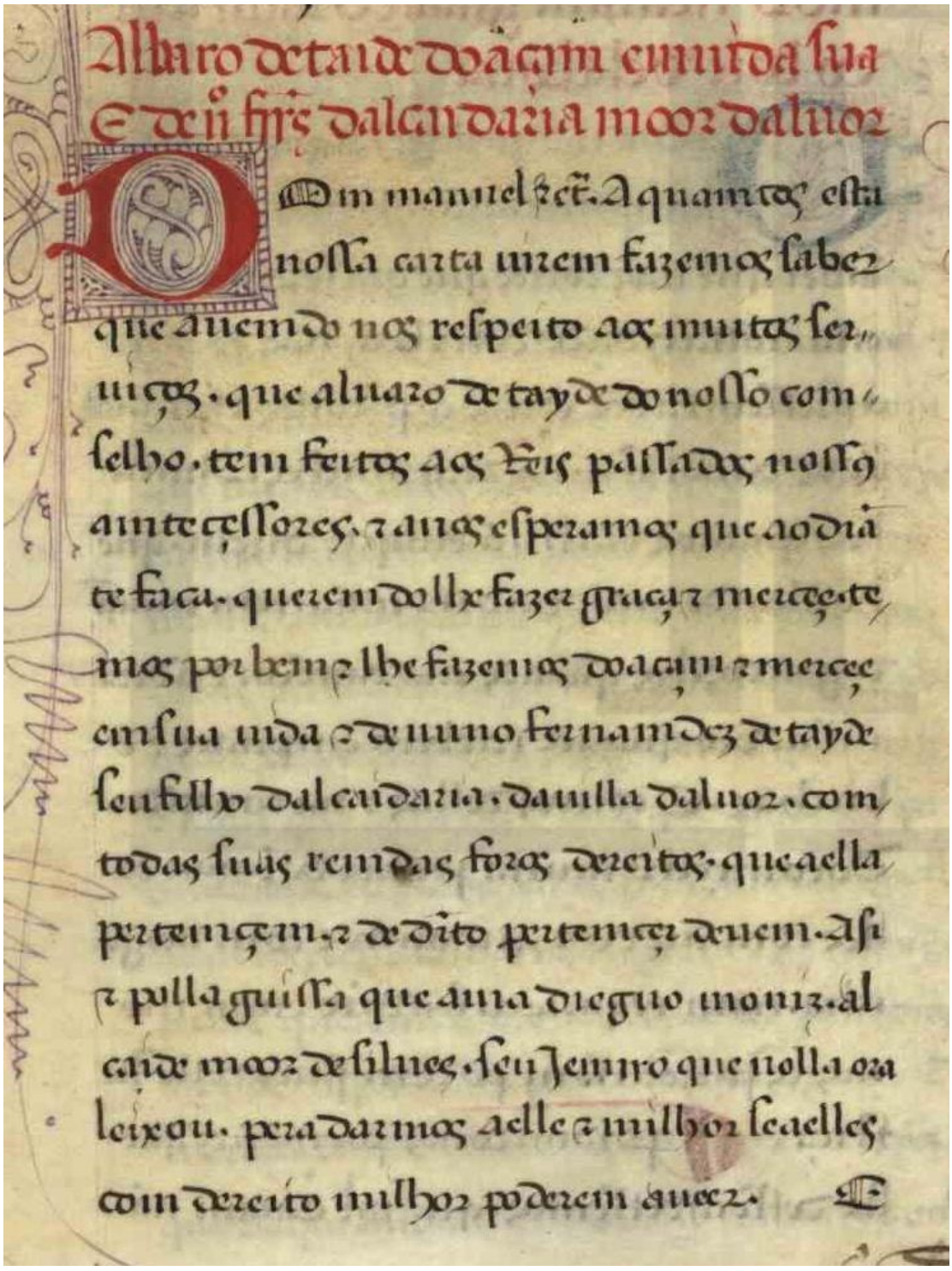
alcaidaria-mor da vila de Alvor a Álvaro de Ataíde, "*pelos bons serviços prestados*"[352] e, em 21 de Março de 1498, foi a vez de o "Venturoso" lhe confirmar a doação da dízima do pescado de Alvor, a portagem de mar e terra, os foros das azenhas, o serviço novo e velho dos judeus[353], um padrão de 4000 reais de tença[354] assim como a confirmação de todas as rendas e direitos[355].

[352] "*Doação a Álvaro de Ataíde, do nosso conselho, em sua vida, pelos bons serviços prestados, e a Nuno Fernandes de Ataíde, seu filho, da alcaidaria-mor de Alvor*", em 28 de Fevereiro de 1497. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 31, fl. 55. Veja-se também A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro 1 de Odiana, fl. 84v. Vejam-se ainda a confirmação da permissão para pôr tabeliães em Penacova. Veja-se, A.N.T.T., *Leitura Nova, Livro 3 da Beira*, fl. 10.

[353] "*Confirmação da doação a Álvaro de Ataíde, do nosso conselho, da dízima do pescado de Alvor, a portagem de mar e terra, os foros das azenhas, o serviço novo e velho dos judeus, entre outras cousas", em 21 de Março de 1498*". A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 31, fl. 77v.

[354] "*Mercê a Álvaro de Ataíde, do nosso conselho, do padrão de 4 mil reais de tença em compensação da renda do serviço novo e velho dos judeus da vilda de Alvor. Vicente Carneiro a fez*", em 21 de Março de 1498. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 31, fl. 76.

[355] "*Confirmação a Álvaro de Ataíde, do nosso conselho, de todas rendas e direitos, e si e a seu filho Nuno Fernandes de Ataíde*", em 21 de Março de 1498. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 31, fl. 76v.


Alluaro de taide doaçam em uida sua
e de ii fijs dalcaidaria moor dalnoz

Dom manuel &c. A quamtos esta
nossa carta uirem fazemos saber
que auendo nos respeito aos muitos ser-
uiços. que aluaro de tayde do nosso com-
selho. tem feitos aos Reis passados nosso
amtecessores. e aos esperamos que aodia
te faca. querendo lhe fazer graça e merçee
mos por bem. lhe fazemos doaçam e mercee
em sua uida e de nuno fernamdez de tayde
seu filho dalcaidaria. daquella dalnoz. com
todas suas rendas foros dereitos. que aella
pertençem. e de dito pertençer deuem. Asi
e pella guisa que anna diego moniz. al
cayde moor de silues. seu jemro que nolla ora
leixou. pera dar mos aelle e milhor seaelles
com dereito milhor poderem auer.

Fig. 5 - Álvaro de Ataíde doação em vida sua e de Nuno Fernandes da alcaidaria mor de Alvor. A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro 1 de Odiana, fl. 84v.

Não é conhecida a data de falecimento de Álvaro de Ataíde. Porém, é a Nuno Fernandes de Ataíde que, em 17 de Março de 1498, é confirmada a doação da casa e renda do sal de Lagos, "*tal como fora concedida a seu pai, Álvaro de Ataíde, do*

Conselho d'el-Rei"[356]. Por outro lado, é igualmente Nuno Fernandes de Ataíde que, em 1499, marca presença no juramento do príncipe D. Miguel[357]. É, portanto, legítimo pensar que Álvaro de Ataíde terá falecido em 1498, já que não mais volta a ser mencionado na documentação, sendo que a partir de então as mercês e as confirmações passam a ser dirigidas exclusivamente a Nuno Fernandes[358].

As genealogias conhecidas coincidem quanto à descendência de Álvaro de Ataíde: Nuno Fernandes de Ataíde, casado com D. Joana de Faria; D. Margarida de Ataíde, casada com Diogo Moniz, alcaide-mor de Silves; D. Catarina de Ataíde, casada com D. Vasco da Gama, conde da Vidigueira[359]. Teve ainda outros filhos ilegítimos: Álvaro de Ataíde, que morreu sem geração[360] e Tristão de Ataíde, capitão de Maluco, Cananor e Mazagão[361]. Por fim, o *Nobiliário de Famílias de Portugal*, de Felgueiras Gayo, refere ainda Isabel de Ataíde, casada com Diogo de Faria[362], ainda que genealogistas como Alão ou Morais e António Machado de Faria não o façam.

Identificado o quadro genealógico de Nuno Fernandes de Ataíde podemos concluir, em traços gerais, não ter pertencido a qualquer casa senhorial de relevo ou a alguma grande família da alta aristocracia fundiária. Com efeito, o perfil socio-familiar da genealogia de Nuno Fernandes remete-nos, desde logo, para a designada pequena nobreza de função que, pela sua proximidade à Coroa e à gesta ultramarina, viu serem-

---

[356] "*A Nuno Fernandes de Ataíde, fidalgo da casa d' el-rei, confirmação da doação da casa e renda do sal de Lagos, em troco e escambo da tença que tinha de 12*", em 17 de Março de 1498. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 41, fl. 110v.

[357] António Caetano de Sousa, *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, Tomo II, p. 396. Sobre o juramento do príncipe D. Miguel veja-se Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte I, Capítulo XXXIV, pp. 35-36; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro I, pp. 24-25.

[358] Fernando Pessanha, "Álvaro de Ataíde, guerreiro do século XV e alcaide-mor de Alvor", in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3413, 25 de Agosto de 2022, p. 9.

[359] De acordo com alguns autores, este matrimónio foi a forma de Vasco da Gama consolidar a sua fortuna e linhagem, sinal de que os Ataídes já teriam, por então, algum estatuto socio-económico. Veja-se, a título de exemplo, Sanjay Subrahmanyam, *A carreira e a lenda de Vasco da Gama*, pp. 210-211.

[360] António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, p. 220; Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo IV, Vol. II, p. 27.

[361] António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, p. 220; Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo IV, Vol. II, p. 27 e p. 28.

[362] Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo XIII, p. 106.

lhe concedidos pequenos senhorios, privilégios e cargos, como recompensa pelos serviços prestados. Tal como tivemos a oportunidade de comprovar, os diferentes ramos desta família, o de Martim Gonçalves de Ataíde e o de Gonçalo Viegas de Ataíde, têm em comum o facto de ambos se terem envolvido no projecto ultramarino desde o arranque da expansão quatrocentista portuguesa, em 1415. Naturalmente que o envolvimento desta linhagem na gesta ultramarina implicou, desde logo, a participação dos mesmos no teatro de operações norte-africano com homens e armas às suas custas, tal como vimos no caso de Álvaro de Ataíde, que em 1454 servia em Ceuta com sete escudeiros, seis homens de pé e seis besteiros à sua conta. Não é, portanto, de estranhar que o envolvimento dos Ataídes no projecto expansionista português, do qual retiraram a tão almejada honra e fama guerreira, tenha sido recompensado com a entrega de pequenos senhorios, como o de Penacova, ou a nomeação para cargos do domínio da pequena nobreza de função, como a alcaidaria-mor de Alvor. Na realidade, esta pequena nobreza de província acabou por se revelar um grupo social de importância vital, na medida em constituiu a base de sustentação da monarquia em busca da centralização do poder, processo impulsionado por D. João II e amplamente desenvolvido por D. Manuel. Note-se, de resto, que esta ligação da pequena nobreza aos monarcas acabou por ser particularmente evidente no processo expansionista, visto serem estes os executores por excelência das políticas régias.

Por outro lado, também aqui devemos referir os diferentes apoios dos dois ramos desta linhagem em momentos fracturantes do reino, como a guerra civil de 1383-1385, a crise que desembocou em Alfarrobeira ou a conspiração contra D. João II. De facto, é interessante notar que o ramo de Martim Gonçalves de Ataíde, sobre o qual veio a recair o condado de Atouguia e o condado de Castanheira, tomou o partido contrário ao do mestre de Avis e esteve envolvido na conspiração contra o "*Príncipe Perfeito*", facto que não os impediu de granjear maior prestígio social quando comparado com o ramo de Gonçalo Viegas de Ataíde. Note-se, ainda assim, que o ramo de Gonçalo Viegas de Ataíde nunca viu a sua fidelidade desacreditada perante os monarcas da dinastia de Avis, ainda que entre eles se encontrassem homens que, por motivos de lealdade para com o seu senhor, tivessem acompanhado o infante D. Pedro a Alfarrobeira. De resto, será esta lealdade à dinastia de Avis e o envolvimento deste ramo dos Ataídes na gesta expansionista que irão criar as bases de sustentação para que, alguns anos depois, Nuno Fernandes de Ataíde venha a ser nomeado capitão de Safim.

Capítulo 2

- DE ALCAIDE DE ALVOR A CAPITÃO DE SAFIM: ESRATÉGIAS DE ASCENÇÃO SOCIAL DE UM "NOBRE DE FUNÇÃO"

2.1 – O Património familiar

Como anteriormente referimos, Nuno Fernandes de Ataíde foi o filho primogénito de Álvaro de Ataíde e D. Maria da Silva[363]. É, portanto, na condição de herdeiro do seu pai que começa a aparecer na documentação desde muito jovem, como na confirmação de uma carta em que D. Afonso V atribui a dízima velha do pescado de Alvor a Álvaro de Ataíde a partir de 1 de Janeiro de 1468: "*E por falecimento de Álvaro de Ataíde a doação seria feita a Nuno Fernandes de Ataíde em sua vida*"[364]. Note-se que as referências a Nuno Fernandes, que aparece mencionado como moço fidalgo logo em 1484[365], são bastante recorrentes na epistolografia dirigida a seu pai. Tal acontece, por exemplo, em 12 de Outubro de 1475, quando D. Afonso V doa a Álvaro de Ataíde e

[363] António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, p. 220; Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo IV, Vol. II, p. 27; Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo III, p. 73.

[364] "*A Álvaro de Ataíde, do Conselho del-rei D. João II, confirmação de uma carta de D. Afonso V, dada em Torres Novas, a 18 de Dezembro de 1461 e escrita por Antão Cardoso, na qual, em atenção a seus serviços dhe fazia mercê desde o 1.º de Janeiro de 1468, a dízima velha do pescado de Alvor*", em 16 de Outubro de 1488. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 32, fl. 10v.

[365] Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra*, Vol. III, p. 1148; Susannah Humble Ferreira, *The Crown, the Court, and the Casa da Índia. Political centralization in Portugal 1479-1521*, p. 146.

ao seu filho, Nuno Fernandes de Ataíde, os direitos de Alvor, do seu termo e da judiaria de Lagos[366].

As doações e benesses com que Álvaro e Nuno Fernandes foram agraciados pelo "*Africano*" foram mais tarde confirmadas por D. João II. Exemplo disso é o que acontece em 28 de Janeiro de 1489, quando o "*Príncipe Perfeito*" confirma o supracitado documento de 1475 em que Álvaro de Ataíde e o seu filho recebem os direitos de Alvor, do seu termo e da judiaria de Lagos[367]. Vemos, portanto, que é sempre ao lado do seu pai que Nuno Fernandes aparece na documentação mais antiga, tal como é ao lado dele que surge nalguns dos principais momentos do reinado de D. João II, como os festejos de casamento do príncipe D. Afonso e D. Isabel de Castela, em 1490. De facto, Nuno Fernandes marca presença no cortejo de 23 de Dezembro, em Évora, onde "*fez el rey sua mostra com seus oitenta mantedores, e apos elles a fizerão todos os aventureiros, que passarão de cincoenta*", cada um com as suas "*cimeiras*" e "*letras*"[368]. Com efeito, diz-nos Garcia de Resende que entre estes 16 aventureiros encontrava-se "*Nuno Fernandes Dataide*", descrito como um dos "*moços de estribeiria vestidos de brocados de pêlo*" e que *"leuaua huns ramos de fetos, e dizia: en el comienço de aquestos comence, y en ellas acabe*"[369].

Tal como referimos no capítulo anterior, Álvaro e Nuno são ainda referidos quando o "*Príncipe Perfeito*", já doente, procurou a cura nas águas termais de Monchique, tendo ido "*dormir a Alvor (...) e pousou nas casas de Álvaro de Ataíde*"[370],

---

[366] "*A Álvaro de Ataíde, do Conselho del-rei D. João II, confirmação de uma carta de D. Afonso V, dada em Arevalo a 12 de Outubro de 1475, na qual, em atenção a seus serviços lhe fazia doação e mercê, e a seu filho, Nuno Fernandes de Ataíde, dos direitos de Alvor e seu termo, e da judiaria de Lagos, a qual ele, Álvaro de Ataíde, já tinha*", em 28 de Janeiro de 1489. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 32, fl. 10v.

[367] "*A Álvaro de Ataíde, do Conselho del-rei D. João II, confirmação de uma carta de D. Afonso V, dada em Arevalo a 12 de Outubro de 1475, na qual, em atenção a seus serviços lhe fazia doação e mercê, e a seu filho, Nuno Fernandes de Ataíde, dos direitos de Alvor e seu termo, e da judiaria de Lagos, a qual ele, Álvaro de Ataíde, já tinha*", em 28 de Janeiro de 1489. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 32, fl. 10v.

[368] Garcia de Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Capítulo CXXVIII, p. 101.

[369] Garcia de Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Capítulo CXXVIII, p. 105.

[370] Rui de Pina, *Crónica de D. João II*, Capítulo LXXIX, p. 148. Veja-se também Garcia de Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Capítulo CCX, pp. 149-150; Frei João de São José, "Corografia do Reino do Algarve (1577)", in *Duas Descrições do Algarve do Século XVI*, p. 42; Henrique Fernandes

sendo que aquando do passamento de D. João II estava presente "*Álvaro de Ataíde e Nuno Fernandes, seu filho*"[371]. Curiosamente, *A Monografia de Alvôr* de Francisco X. d' Athaíde Oliveira não o menciona no momento do passamento do monarca[372], no entanto, Rui de Pina e Garcia de Resende são muito claros ao referir que Nuno Fernandes, que na altura era um jovem, esteve presente aquando do falecimento de D. João II, acompanhando o pai e outras personalidades, como o bispo de Coimbra, o bispo de Tânger e o bispo do Algarve[373], facto que atesta uma ligação especial e de grande proximidade entre esta família e a Coroa.

Note-se, ainda assim, que o património de Nuno Fernandes e de seu pai não aumentou no reinado de D. João II, limitando-se o "*Príncipe Perfeito*" a confirmar as doações feitas por D. Afonso V. De facto, à excepção do acordo estabelecido entre Álvaro de Ataíde e Antão de Abranches, do qual resultou um acréscimo patrimonial para o pai de Nuno Fernandes, verifica-se um decréscimo quantitativo e qualitativo do património doado por este monarca, situação que, segundo André Teixeira, pode ser explicada pela menor participação desta família nas empresas militares que tiveram lugar durante este reinado[374].

Ao contrário de outros fiéis partidários de D. João II que apoiaram a sua pretensão de levar ao trono o seu filho bastardo, como os já referidos Almeida, cuja ascensão social foi travada pela subida de D. Manuel ao trono[375], tal não aconteceu com Nuno Fernandes de Ataíde e seu pai, que continuaram no círculo restrito que acompanhava o monarca. Aliás, é nesse sentido que encontramos o próprio Nuno Fernandes de Ataíde entre "*has pessoas principaes que hiaõ com el-Rey*"[376] na viagem

---

Sarrão, "História do Reino do Algarve", in *Duas Descrições do Algarve do Século XVI*, p. 151; Luís Adão da Fonseca, *D. João II*, pp. 239-241.

[371] Rui de Pina, *Crónica de D. João II*, Capítulo LXXXI, p. 152.

[372] Francisco X. d' Athaíde Oliveira, *A Monografia de Alvôr*, 1907.

[373] Rui de Pina, *Crónica de D. João II*, Capítulo LXXXI, p. 152. Ver também Garcia de Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Capítulo CCXIII, pp. 153-154.

[374] André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, pp. 173-174.

[375] Sobre o posicionamento social e político desta família veja-se Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo II, pp. 71-74.

[376] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte I, Capítulo XXVI, p. 28. Ver também António Caetano Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza,* Tomo III, pp. 226-227.

que D. Manuel realizou a Castela, em 1498, para ser jurado príncipe após o casamento com D. Isabel e a morte do príncipe herdeiro D. João[377].

De facto, foi durante o reinado de D. Manuel que Nuno Fernandes consolidou o seu património, obtendo do monarca várias benesses. Refira-se que o "*Venturoso*" foi aclamado em 27 de Outubro de 1495 e que logo em 9 de Janeiro do ano seguinte atribuiu a Álvaro de Ataíde a alcaidaria-mor da fortaleza destinada a defender Alvor, sendo que "*por seu falecimento, ficaria a Nuno Fernandes de Ataíde, seu filho. E lhe dava a guarda do cortijo, além da alcaidaria da dita fortaleza, em qualquer tempo que acontecesse haver dele ser guardada*"[378], para além de Nuno Fernandes, que entretanto começa a ser designado fidalgo da casa do rei, ver confirmada uma tença anual de 40.000 reais em satisfação de seus serviços, a partir de Janeiro de 1496[379].

[377] Outro dos fidalgos que acompanharam D. Manuel foi Nuno Manuel, pessoa muito próxima ao duque de Beja, mesmo antes de ser tornar rei, cujo filho D. Fradique Manuel se tornará genro de Nuno Fernandes de Ataíde, após o seu casamento com D. Maria de Ataíde.

[378] "*A Álvaro de Ataíde, do conselho del-rei, mercê da alcaidaria-mor da fortaleza que mandava fazer para defensão da vila de Alvor*", em 9 de Janeiro de 1496. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 32, fl. 113v. Ver também A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro 1 de Odiana, fl. 4v.

[379] "*A Nuno Fernandes de Ataíde, fidalgo da casa d' el-rei, é dada confirmação da tença de 40000 reais em satisfação de seus serviços, a partir de Janeiro de 96. Francisco de Matos a fez*", em 14 de Janeiro de 1496. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 33, fl. 86.

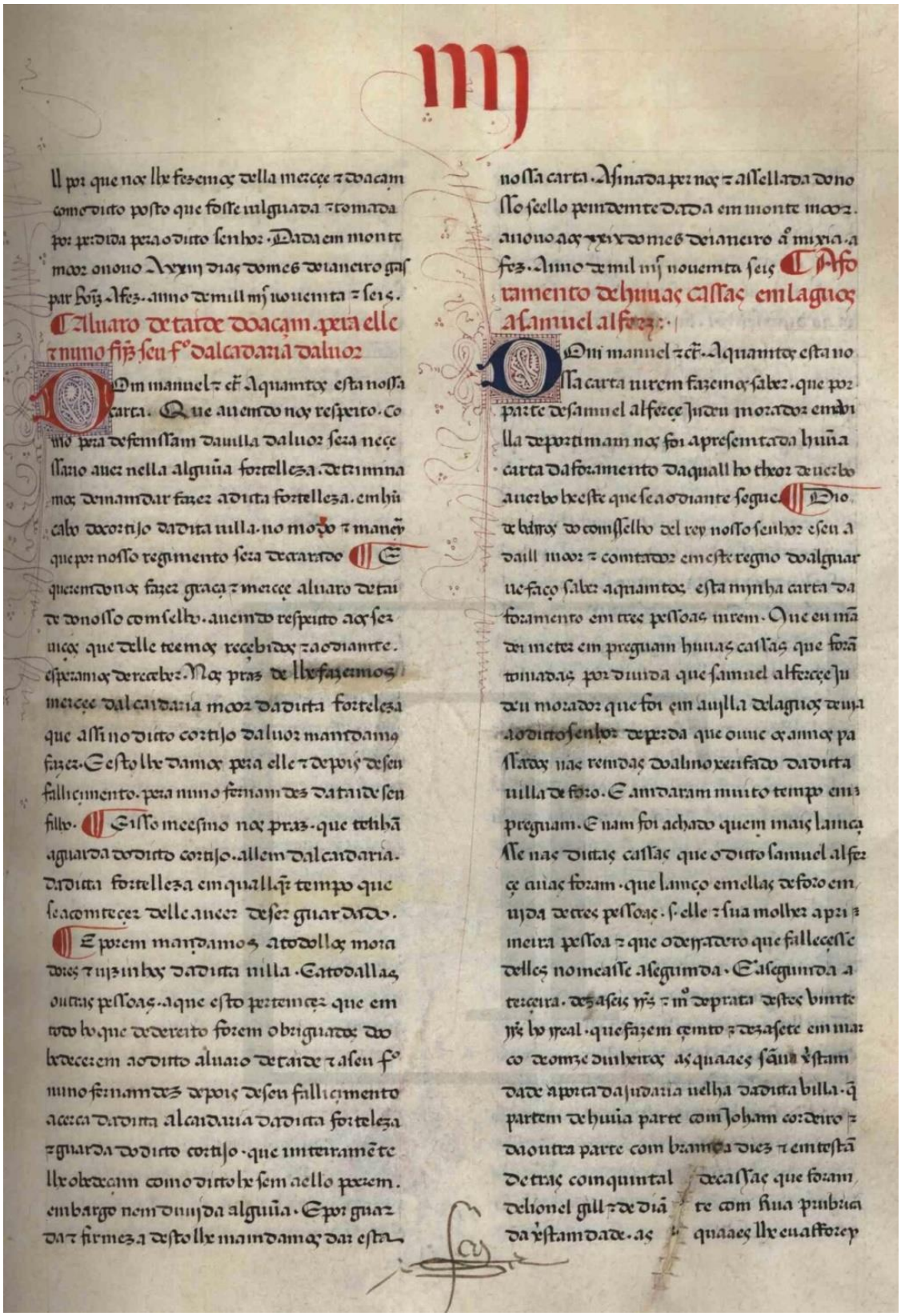


Fig. 6 – A Álvaro de Ataíde doação para ele e Nuno Fernandes seu filho da alcaidaria de Alvor. A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro 1 de Odiana, fl. 4v.

Em 1497, é-lhe confirmada a doação da alcaidaria-mor de Alvor[380], assim como a licença para fazer umas marinhas no sapal do rio dessa vila[381] e, logo no ano seguinte, a confirmação da doação dos direitos reais de Alvor[382] e da confirmação da doação da casa e renda do sal de Lagos[383]. Parece óbvio que, nessa altura Nuno Fernandes participava já activamente na gestão do património familiar, uma vez que se verificam doações que lhe são exclusivamente destinadas, como a já referida licença para fazer umas marinhas na ria de Alvor ou a doação da casa e renda do sal de Lagos.

De acordo com António Machado de Faria, "*Nuno Fernandez dAtayde, filho deste Aluaro dAtayde foy senhor de Penacova que herdou por morte de seu tyo Pero dAtaide*"[384]. Ora, tal como vimos no capítulo anterior, em 29 de Dezembro de 1495, D. Manuel doou Penacova e Paço de Aboboreira a Álvaro de Ataíde, por motivo de falecimento do seu irmão Pero de Ataíde[385]. D. Manuel ainda confirma a Álvaro de

---

[380] "*Doação a Álvaro de Ataíde, do nosso conselho, em sua vida, pelos bons serviços prestados, e a Nuno Fernandes de Ataíde, seu filho, da alcaidaria-mor de Alvor*", em 28 de Fevereiro de 1497. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 31, fl. 55; A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro 1 de Odiana, fl. 84v.

[381] "*A Nuno Fernandes de Ataíde, fidalgo da casa real, licença para fazer umas marinas no sapal do rio de Alvor da grandeza que quiser e que as possa ter em dias de sua vida*", em 6 de Novembro de 1497. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 28, fl. 112v; A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro 5 de Odiana, fl. 64v. Engana-se Francisco X. d' Athaíde Oliveira ao remeter este documento para 1437. Ver Francisco X. d' Athaíde Oliveira, *A Monografia de Alvôr*, p. 111. No entanto, o mesmo autor remete o mesmo documento para 6 de Novembro de 1497 noutros pontos da mesma obra. Ver Francisco X. d' Athaíde Oliveira, *A Monografia de Alvôr*, pp. 115, 117, 137.

[382] "*Confirmação a Álvaro de Ataíde, do nosso conselho, de todas as rendas e direitos, a si e a seu filho Nuno Fernandes de Ataíde*", em 21 de Março de 1498. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 31, fl. 77; A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro 1 de Odiana, fl. 94v.

[383] "*A Nuno Fernandes de Ataíde, fidalgo da casa d' el-rei, confirmação da doação da casa e renda do sal de Lagos, em troco e escambo da tença que tinha de 12*", em 17 de Março de 1498. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 41, fl. 110v; A.N.T.T., *Livro 4 Místicos*, fl. 89; Este é o documento que confirma a Nuno Fernandes a doação da casa do sal de Lagos feita a Álvaro de Ataíde, em 28 de Janeiro de 1489. Ver A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro 5 de Odiana, fl. 252v. Sobre a importância do sal na economia do processo expansionista veja-se Vitorino Magalhães Godinho,"A Pesca e o Sal", in *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, Vol. IV, pp. 119-149.

[384] António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, p. 220.

[385] Ver "*Doação de Pena Cova e Paço de Aboboreira de juro a Álvaro de Ataíde, por falecimento de Pero de Ataíde que Deus tem*". A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 32, fl. 82.

Ataíde todas as rendas e direitos em 21 de Março de 1498[386]. Porém, é a Nuno Fernandes de Ataíde que, em 17 de Março de 1498, é confirmada a doação da casa e renda do sal de Lagos, "*tal como fora concedida a seu pai, Álvaro de Ataíde, do Conselho d'el-Rei*"[387], sendo igualmente Nuno Fernandes de Ataíde a marcar presença no juramento do príncipe D. Miguel, em 1499[388]. É de supor, portanto, que o seu pai terá falecido em 1498, herdando Nuno Fernandes o senhorio de Penacova e a alcaidaria-mor de Alvor. Com efeito, é a partir de então que este passa a ser visado na epistolografia sem que se faça referência a seu pai. A documentação compreendida entre 1498 e 1510, ainda que não muito abundante, indica a actividade administrativa de Nuno Fernandes enquanto importante senhor do barlavento algarvio. Em 1501, por exemplo, D. Manuel privilegia Nuno Fernandes ao conceder-lhe o monopólio da venda de sal naquela região do barlavento algarvio[389] e, logo no ano seguinte, há registo da renegociação de uma licença para fazer umas marinas num sapal junto a Alvor[390], ano em que o "*Venturoso*" também confirma a Ataíde um privilégio de D. João II a vinte lavradores do Castelo de Vinho, "*que é junto a Alvor*"[391].

---

[386] A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 31, fl. 77.

[387] "*A Nuno Fernandes de Ataíde, fidalgo da casa d' el-rei, confirmação da doação da casa e renda do sal de Lagos, em troco e escambo da tença que tinha de 12*", em 17 de Março de 1498. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 41, fl. 110v.

[388] António Caetano de Sousa, *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, Tomo II, p. 396. Sobre o juramento do príncipe D. Miguel veja-se Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte I, Capítulo XXXIV, pp. 35-36; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro I, pp. 24-25.

[389] "*A Nuno Fernandes de Ataíde, fidalgo da Casa d'el-Rei, privilégio à sua Casa do Sal de Lagos, pelo qual todos os armadores que forem dos atuns das armações do Cabo Briche e dos limites e termo da vila de Sagres, não possam trazer o sal de nenhuma parte, nem o comprar e que o tomem da dita Casa*", em 4 de Maio de 1501. Ver *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 17, fl. 35.

[390] "*A Nuno Fernandes de Ataíde, fidalgo da Casa Real, aforamento de um sapal chamado Penina, que é sobre água salgada e marinhas, junto da vila de Alvor, com a obrigação de pagar duas galinhas de foro anualmente à fazenda régia*", em 17 de Fevereiro de 1502. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 6, fl. 23; A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro 1 de Odiana, fl. 261v.

[391] "*A Nuno Fernandes de Ataíde, fidalgo da Casa Real, confirmação do privilégio de D. João II (diploma inserido de 1488-Outubro-13, Setúbal), pelo qual vinte lavradores, que lavrarem e viverem no reguengo de Castelo de Vinho, que é junto a Alvor, sejam escusos, entre outras obrigações, dos encargos do concelho, tal como foi concedido aos lavradores do reguengo da Valada*", em 8 de Agosto de 1502.

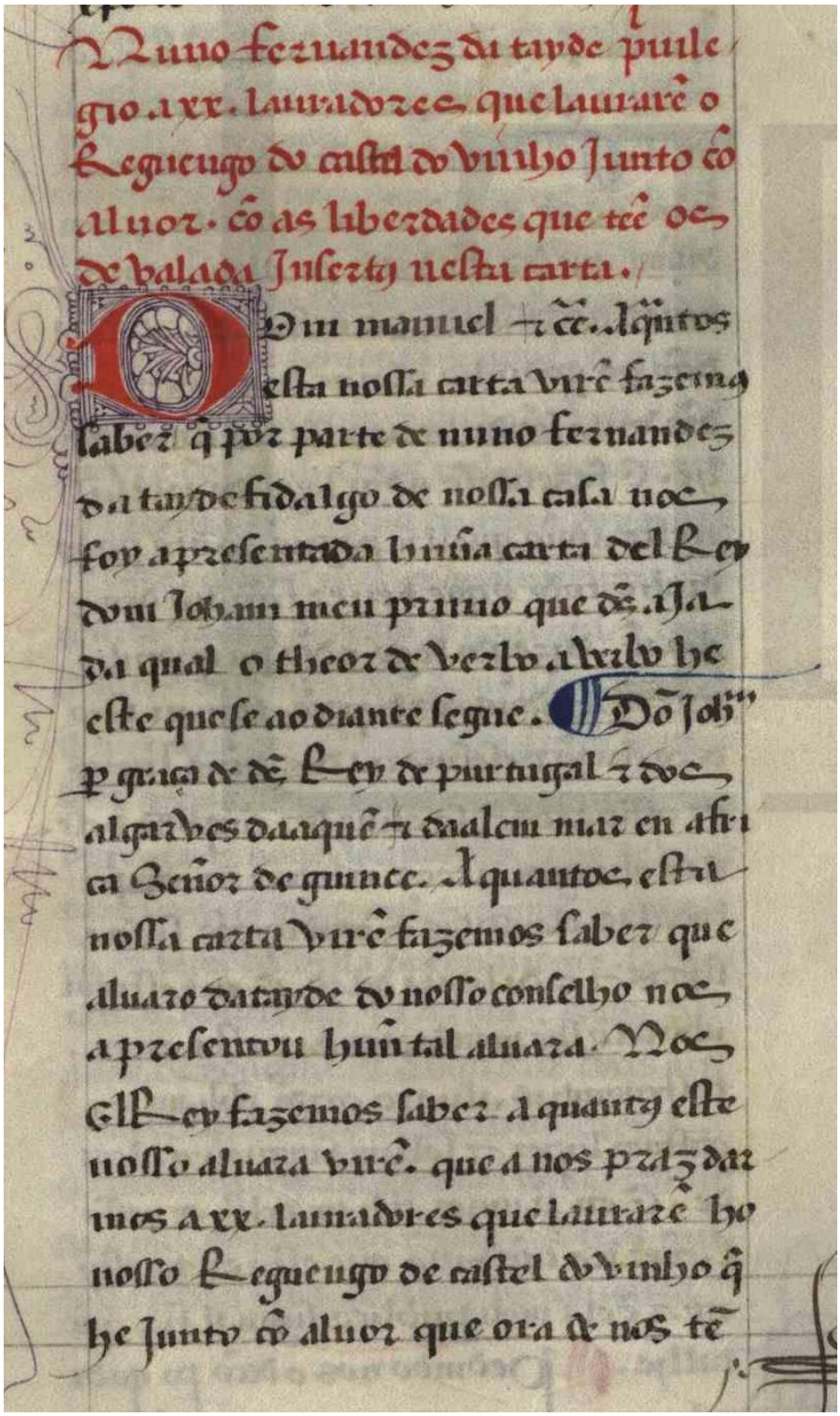


Fig. 7 - Nuno Fernandez de Ataíde privilégio a XX lavradores que lavrarem o regengo do castelo do Vinhojunto d'Alvor. A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro 1 de Odiana, fl. 288v.

Ver A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 6, fl. 93. Veja-se também A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro 1 de Odiana, fl. 288v.

Em 10 de Fevereiro de 1503, o alcaide-mor de Alvor recebeu uma tença 30.000 reais[392], valor que voltou a auferir em 17 de Maio de 1505[393] e que constitui, portanto, a sua tença anual. De resto, ano de 1505 ficou ainda marcado pela doação das marinhas velhas de Alvor a Nuno Fernandes "*e seus herdeiros*"[394].

[392] "*A Nuno Fernandes de Ataíde, fidalgo da casa del-rei, mercê da tença de 30.000 rs. brancos, desde o primeiro de Janeiro passado. Gaspar Rodrigues a fez*". A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 21, fl. 8.

[393] "*A Nuno Fernandes de Ataíde, do Conselho del-rei, mercê da tença de 30, em 17 de Maio de 1505000 rs., em cada ano, desde Janeiro de 1505 em diante, além de outra de igual importância, que já tinha. Gaspar Rodrigues a escreveu*". A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 20, fl. 10v.

[394] "*A Nuno Fernandes de Ataíde, do Conselho del-rei, mercê das marinhas velhas da vila de Alvor, com 187 talhos, as quais até então havia em sua vida, e lhas dava para ele e seus herdeiros*", em 22 de Maio de 1505. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 20, fl. 10v; A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro 7 de Odiana, fl. 12.

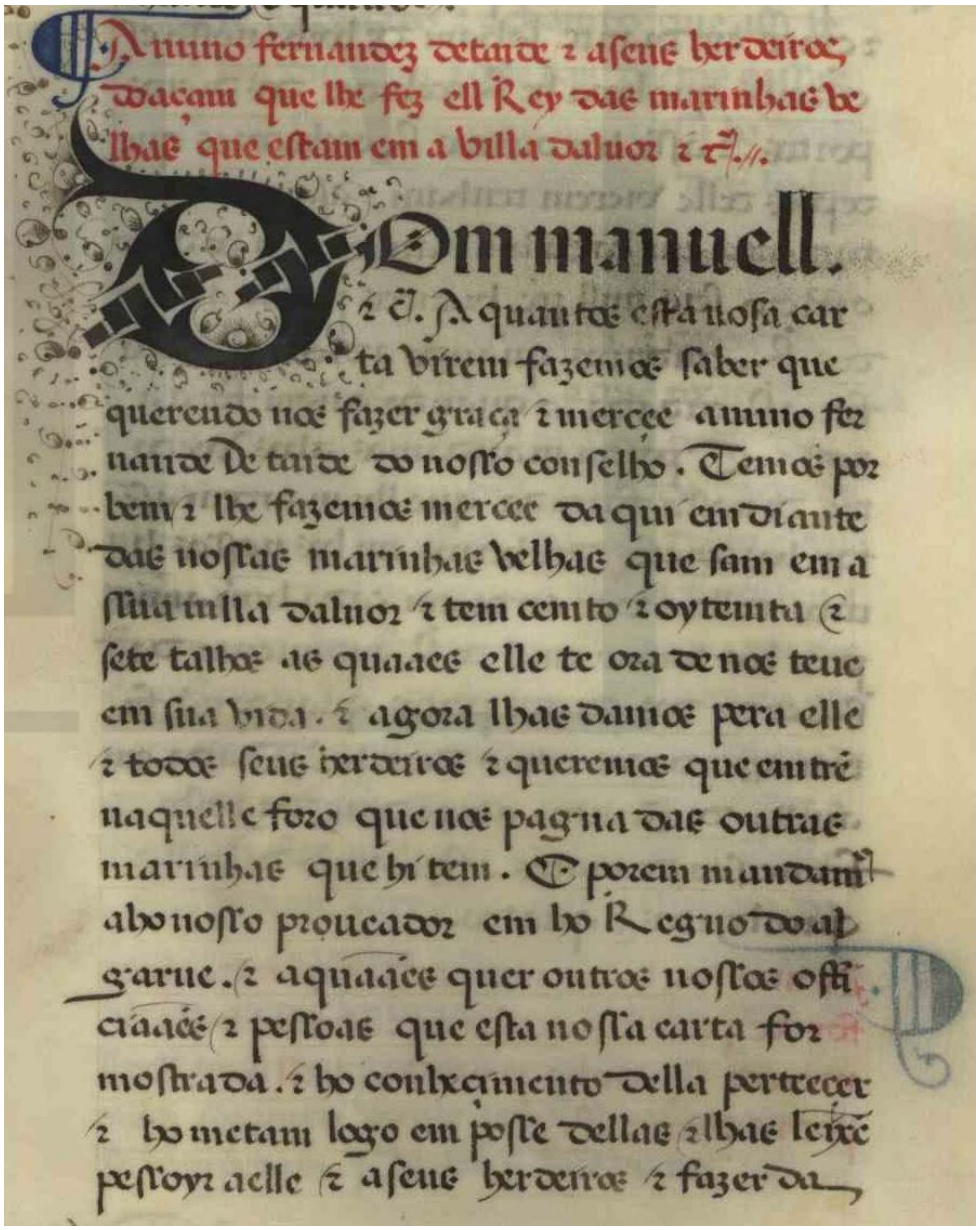

Nuno fernandez detaide e aseus herdeiros
doaçam que lhe fez ell Rey das marinhas be
lhas que estam em a villa dalvor e ⁊c.//.
Dom manuell.
⁊ ⁊c. A quantos esta nossa car
ta virem fazemos saber que
querendo nos fazer graça ⁊ mercee a nuno fer
nandez de taide do nosso conselho. Temos por
bem ⁊ lhe fazemos mercee da qui em diante
das nossas marinhas velhas que sam em a
villa dalvor ⁊ tem cento ⁊ oytenta ⁊
sete talhas as quaaes elle te ora de nos teue
em sua vida. ⁊ agora lhas damos pera elle
⁊ todos seus herdeiros ⁊ queremos que entre
naquelle foro que nos pagua das outras
marinhas que hi tem. E porem mandamos
alvo nosso procurador em ho Regno do al
garue. ⁊ aquaaes quer outros nossos offi
ciaaes ⁊ pessoas que esta nossa carta for
mostrada. ⁊ ho conhecimento della pertencer
⁊ ho metam logo em posse dellas ⁊ lhas leixe
pessoyr aelle ⁊ aseus herdeiros ⁊ fazer da

Fig. 8 - Nuno Fernandes de Ataíde e a seus herdeiros doação que lhe fez el rei das marinhas velhas que estão em a vila de Alvor.
A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro 7 de Odiana, fl. 12.

De modo geral, podemos concluir que, ainda antes de Nuno Fernandes de Ataíde ser agraciado com estas benesses régias, já tinha garantido uma confortável base patrimonial herdada da sua família, nomeadamente, o senhorio de Penacova e a alcaidaria-mor de Alvor, onde estava fixada a sua residência permanente até à partida para o Norte de África. Quer isto dizer que todas as doações com que Nuno Fernandes

foi agraciado só vieram reforçar a sua posição como relevante senhor do Algarve[395], ligando-o à extracção de sal, um produto de vital importância para a região, e absolutamente fundamental para o próprio processo de expansão ultramarina e para a economia do reino[396]. Refira-se, aliás, que Alvor e Lagos, juntamente com Castro Marim e Faro, apresentavam-se como os maiores polos de produção de sal do Algarve[397], a região que assegurava a defesa e o abastecimento das praças portuguesas no Norte de África e intrinsecamente ligada ao processo expansionista. Ora, se tivermos em consideração que, em Lagos, a prática da salga estava altamente favorecida pelo preço a que o sal era vendido nos inícios do século XVI[398], facilmente nos apercebemos de que a ligação de Nuno Fernandes de Ataíde à extracção do sal não só lhe permitiu consolidar o património herdado, como ainda lhe terá assegurado uma confortável estabilidade económica.

2.2 - O casamento e a descendência: estratégias de engrandecimento da sua casa e de perpetuação do seu nome.

Apresentado o contexto social, familiar e patrimonial de Nuno Fernandes, torna-se pertinente determo-nos brevemente sobre D. Joana de Faria, a dama com que veio a contrair matrimónio[399]. Não sabemos em que data se terá lado o enlace entre Nuno Fernandes de Ataíde e D. Joana de Faria. Pensamos, no entanto, que se terá dado

---

[395] Sobre as elites algarvias na Idade Moderna veja-se Miguel Maria Teles Moniz Côrte-Real, "Para o estudo das elites do Algarve no Antigo Regime, fidalgos, nobres e demais privilegiados no poder concelhio", in *Tabardo*, Nº 2, pp. 51-100.

[396] Vitorino Magalhães Godinho, "A Pesca e o Sal", in *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, Vol. IV, pp. 119-149.

[397] Cristina Marina Vieira Carvalho Micael, *O sal no estuário do Tejo. Plataformas de transporte e estrutura comercial (séculos XIV – XVI)*, dissertação de mestrado em História Marítima apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011, p. 47; Pedro Pires, "O sal e as pescas na economia da raia algarvia", in *Promontoria – Revista de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, Nº 13, pp. 91-116.

[398] Cf. Joaquim Romero de Magalhães, *O Algarve na Época Moderna. Miúnças: 2*, p. 32.

[399] António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, p. 220; Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo VI, Vol. II, p. 207; António Caetano de Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, Tomo XI, p. 511; Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo III, p. 72 e Tomo XIII, p. 106.

durante a década de noventa do século XV, uma vez que o contrato de casamento entre a filha do casal, D. Maria de Ataíde, e D. Afonso de Noronha teve lugar em 28 de Maio de 1513[400].

Quanto à esposa de Nuno Fernandes de Ataíde, D. Joana de Faria, era a 5ª filha de Antão de Faria, indivíduo muito ligado ao "*Príncipe Perfeito*", uma vez que era membro do conselho, camareiro, escrivão da puridade e testamenteiro do monarca, tendo-se deslocado a França, onde recebeu ordens de D. Afonso V para que o príncipe D. João fosse coroado rei. Para além disso, era senhor de Évora-Monte e alcaide-mor de Portel e de Palmela, senhor de "Genesis", sisas e judiarias de Santiago do Cacém, Sines, Beja, Mértola e de outros lugares do Campo de Ourique[401].

As genealogias conhecidas não nos facultam muitas informações quanto à família materna de D. Joana de Faria, sabendo-se apenas que a sua mãe era Leonor Gonçalves de Oliveira, filha de João Gonçalves de Oliveira. O mesmo não acontece, porém, quanto ao lado paterno, uma vez que se sabe que Antão de Faria era filho de Lourenço de Faria, indivíduo também próximo da família real, uma vez que foi alferes-mor do príncipe D. João na Batalha de Toro[402]. Recebeu, pela sua participação nas campanhas de D. Afonso V em Castela, o senhorio de Évora-Monte e a alcaidaria-mor de Portel, que herdou o seu filho Antão de Faria, nascido do casamento de Lourenço de Faria com D. Guiomar da Sylva [403]. É Felgueiras Gayo quem faculta informação mais detalhada sobre Lourenço de Faria, registando as suas empoladas virtudes de

---

[400] Cf. A.N.T.T.,*Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 42, fl. 53; A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro 5 de Místicos, fls. 91v-96v; André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, pp. 176-177, nota 85.

[401] António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, p. 220; Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo VI, Vol. II, p. 207; António Caetano de Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, Tomo XI, p. 511; Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo XIII, p. 102.

[402] António Carlos Martins Costa, *A Batalha de Toro e as relações entre Portugal e Castela – dimensões políticas e militares na segunda metade do século XV*, dissertação de mestrado em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, p. 119. Sobre a Batalha de Toro vejam-se também João Gouveia Monteiro, "A Batalha de Toro" in *História Militar de Portugal*, pp. 196-206; Marcelo Augusto Flores Reis da Encarnação, *A Batalha de Toro*, 2 Vols., dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011.

[403] Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo VI, Vol. II, p. 207; António Caetano de Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, Tomo XI, p. 511.

"*cavalheiro de Coração, e esforso na occazião de maior perigo*"[404]. António Caetano de Sousa e Felgueiras Gayo, por sua vez, dizem-nos que este Lourenço de Faria era filho de Álvaro de Faria, comendador do casal da Ordem de Avis que esteve presente nas Cortes de Coimbra de 1385, e de D. Isabel da Sylva[405].

Identificados os pais de D. Joana de Faria, assim como o seu avô e bisavô paternos, resta-nos identificar os seus irmãos, de modo a contextualizarmos, ainda que em traços algo gerais, o quadro sócio-familiar da esposa de Nuno Fernandes de Ataíde. É nesse sentido que nos deparamos com Francisco de Faria, o irmão mais velho de Joana de Faria, como alcaide-mor de Palmela, comendador de Alcácer do Sal, da Ordem de Santiago, e senhor de Évora-Monte[406], alcaidarias e senhorios herdados, desde logo, pela sua condição de filho primogénito. Já Simão de Faria, filho segundo de Antão de Faria, foi escrivão da puridade de D. João II e clérigo, tendo falecido em Roma, "*onde foi bem aceito do Pontifece, e obteve m.tos benefícios*"[407]. Outro dos irmãos de Joana de Faria foi Diogo de Faria, que combateu no Norte de África ao lado de D. João de Meneses, nomeadamente, na expedição contra Azamor que teve lugar em 1508[408]. Refira-se que este Diogo de Faria se tornou duplamente cunhado de Nuno Fernandes de Ataíde, uma vez que casou com Isabel de Ataíde, meia-irmã do capitão de Safim[409]. Por fim, temos ainda a assinalar outro irmão de Joana de Faria: Álvaro de Faria, que serviu em Safim, sob o comando do próprio cunhado Nuno Fernandes de Ataíde, tendo vindo a falecer com este, na malograda entrada que teve lugar em 1516[410].

---

[404] Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo XIII, p. 101.

[405] António Caetano de Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, Tomo XI, p. 511; Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo XIII, p. 101.

[406] Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo VI, Vol. II, p. 207; Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo XIII, p. 102.

[407] Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo VI, Vol. II, p. 210; Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo XIII, p. 107.

[408] Segundo Damião de Góis, foi Diogo de Faria que salvou Joam Rodriguez de Sá de Meneses, herdeiro da alcaidaria-mor do Porto e sobrinho de D. João de Meneses, matando o alcaide que o tinha derrubado do cavalo. Ver Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei Dom Manuel*, Parte II, Capítulo XXVII, p. 210.

[409] Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo XIII, p. 106.

[410] Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo VI, Vol. II, p. 207; Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo XIII, p. 106. Abordaremos a figura de Álvaro de Faria no presente capítulo, ao tratarmos a rede clientelar de Nuno Fernandes de Ataíde.

Identificado o quadro genealógico de D. Joana de Faria podemos concluir, em traços gerais, que a esposa de Nuno Fernandes de Ataíde não pertencia a nenhuma grande família da alta aristocracia fundiária, ainda que o seu pai e avô paternos tivessem desempenhado cargos palatinos e de proximidade à família real. De facto, o perfil socio-familiar da genealogia de Joana de Faria remete-nos, desde logo, para a designada pequena nobreza de função que, pela sua proximidade à Coroa, viu ser-lhe concedidos pequenos senhorios, privilégios e cargos como recompensa pelos serviços prestados, tal como aconteceu com a família de Nuno Fernandes de Ataíde. Não é, portanto, de estranhar que o alcaide-mor de Alvor tenha pretendido consolidar o estatuto social entretanto alcançado através do matrimónio com a descendente de uma família que, tal como os Ataíde, tinha alguma proximidade ao "*Africano*" e ao "*Príncipe Perfeito*", para além de serem detentores de cargos palatinos, alcaidarias e senhorios. Tratava-se, por outras palavras, da união entre duas famílias pertencentes a um grupo social em ascensão, visto serem os executores por excelência do projecto expansionista português e que representavam a base de sustentação da monarquia em busca da centralização do poder.

Por outro lado, torna-se claro que Nuno Fernandes procurou alicerçar a sua condição social através do matrimónio com D. Joana de Faria, tal como procurou assegurar a ascensão social da sua descendência, o que se tornou evidente ao casar a sua filha, D. Maria de Ataíde, com D. Afonso de Noronha (filho herdeiro de D. Sancho de Noronha, conde de Faro e de Odemira e primo de D. Jaime, duque de Bragança), tendo este recebido como dote o senhorio de Penacova[411]. De resto, este genro de Nuno Fernandes de Ataíde, para além de titular e de grande proprietário, tinha ligações à família real, pelo que terá sido o momento em que os Ataíde mais se aproximaram das altas esferas da sociedade portuguesa de inícios do século XVI. Refira-se que uma das

[411] A ratificação da doação de Penacova e Paço da Aboboreira a D. Maria de Ataíde foi feita em 21 de Junho de 1513, a pedido de Nuno Fernandes de Ataíde., "*de juro e de herdade pera todo o sempre pera ella e todos aquelles que della descenderem per linha dereita mascolina*", com as seguintes condições: se ela morrer sem descendente directo, o senhorio deveria voltar para o pai; caso tivesse um filho legítimo, quando ele completasse 16 anos e se o pai já tivesse morrido, poderia recuperar estes domínios, tendo para isso, que os pagar à irmã ou a seus descendentes. A.N.T.T., *Chancelaria de D. João III*, lv. 72, fl. 171v; António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, p. 220; Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo IV, Vol. II, p. 27; Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo III, p. 73; Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra*, Vol. I, p. 227, nota 4.

condições do contrato de casamento entre a filha de Nuno Fernandes, D. Maria de Ataíde, e D. Afonso de Noronha é a de que o herdeiro do casal viesse a usar os apelidos Noronha e Ataíde, o que demonstra que o "*nunca esta quedo*", ao não ter tido um filho varão, procurou manter o seu nome e a memória da sua família, ligando-a a uma das casas mais relevantes da nobreza portuguesa.

Tal como podemos comprovar no *Livro 5 de Místicos*, o contrato de casamento entre D. Maria de Ataíde e D. Afonso de Noronha, foi celebrado no paço de D. Jaime, duque de Bragança, em Lisboa, em 28 de Maio de 1513. Tendo como representantes de D. Sancho de Noronha o próprio D. Jaime (seu sobrinho) e, em representação de Nuno Fernandes de Ataíde, Álvaro da Costa, fidalgo da casa de D. Manuel, seu camareiro e armador-mor. Através das procurações de 10 de Maio e de 11 de Abril de 1513, enviadas das casas da feitoria de Safim e das casas de Nuno Fernandes em Alvor, respectivamente, o "nunca esta quedo" e a sua esposa autorizavam Álvaro da Costa a "*doar e dar em dote e obrigar e ypotecar e depoer dos bens villas lugares Remdas e temças e fazendas deles (...) pera que ho dicto casamento se faça*", como mostra do seu interesse e investimento neste casamento.

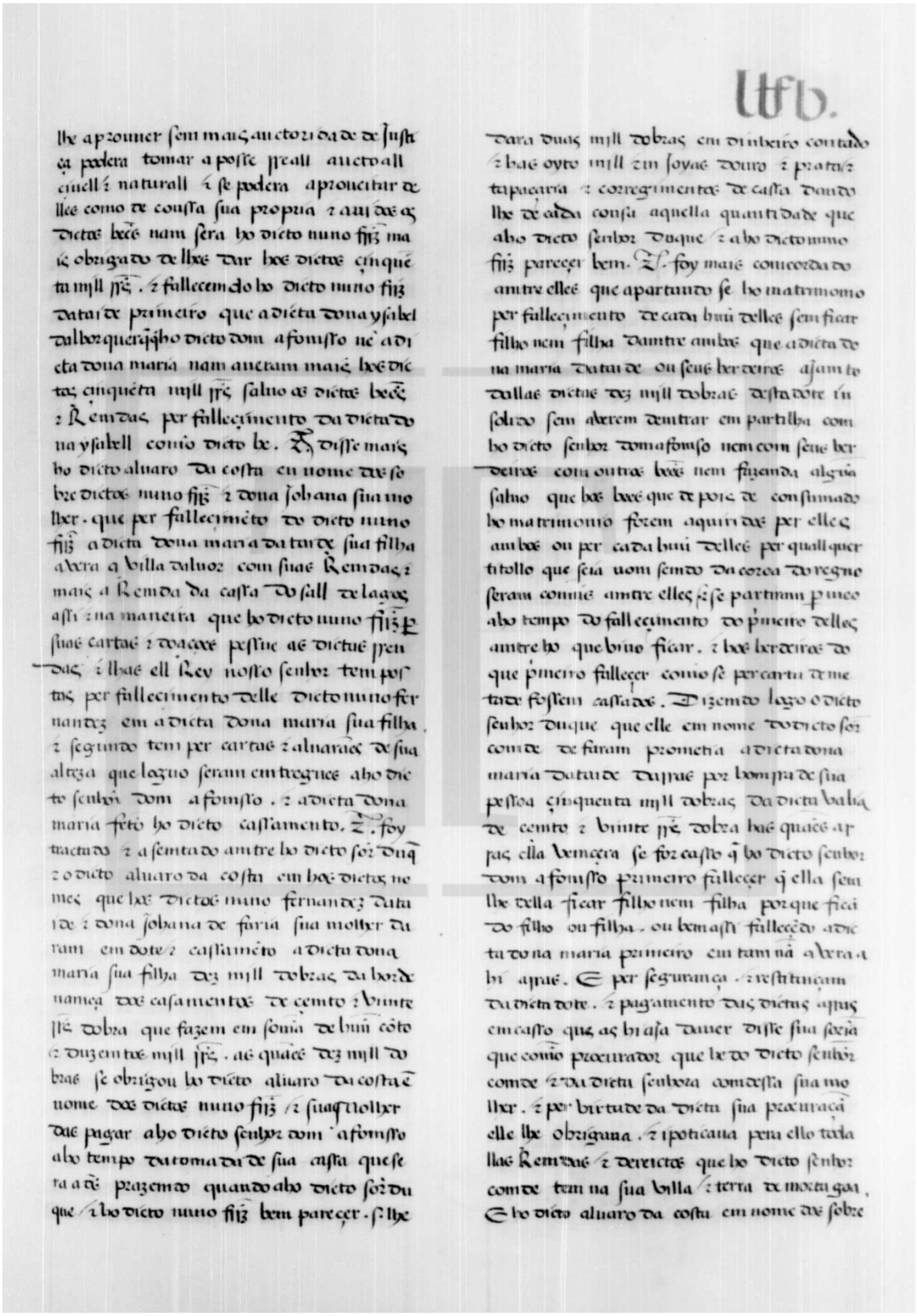


Fig. 9 - Fólio do contrato de casamento entre D. Maria de Ataíde, filha de Nuno Fernandes de Ataíde, e D. Afonso de Noronha. A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro 5 de Místicos, fl. 95.

No entanto, Nuno Fernandes e D. Joana de Faria discriminavam alguns bens que tentavam alienar e previam algumas cláusulas, que André Teixeira resumiu do seguinte modo:

"*colocavam o senhorio de Penacova nas mãos do rei; trespassavam os direitos que Nuno Fernandes detinha, nessa vila, após a morte de Dona Isabel de Albuquerque e, enquanto ele não falecesse, concediam ao casal cinquenta mil reais em cada ano; previam que, caso D. Joana de Faria morresse e Nuno Fernandes voltasse a casar, este daria a D. Afonso ou a seus herdeiros vinte mil reais de ouro*"[412].

No que se refere a D. Sancho de Noronha, por procuração de 19 de Março do mesmo ano, redigida nos seus paços de Évora, consente a D. Jaime, duque de Bragança, "*obrigar as suas remdas de mortagua aho dote e arras de dona maria d ataide*" e determina que tudo o que for assinado pelo seu representante será por si asseverado. Assumida a concordância de D. Maria em casar com D. Afonso, foi firmado o matrimónio, tendo sido contratualizado o discriminado pelos pais dos noivos como património a alienar, com mais algumas determinações, ou seja: que a vila de Alvor, das suas rendas e as da casa do sal de Lagos passariam para D. Maria após a morte de Nuno Fernandes[413]; que o pai da noiva ficava obrigado a dar de dote dez mil dobras, valendo cento e vinte reais cada dobra, o que se traduzia num conto e duzentos mil reais em ouro, e prata, dinheiro, jóias e "*corregimentos de casa*"; D. Sancho prometia a D. Maria cinquenta mil dobras de arras, valendo a mesma quantia, que ficariam para si, caso D. Afonso morresse primeiro e caso não houvessem tido filhos[414]; por fim, D. Sancho atribuía ao seu filho, duzentos mil reais por ano "*pera ajuda do gasto e despesa de sua*

---

[412] André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, pp. 167-168, nota 85.

[413] De facto, Nuno Fernandes atendeu a esta determinação logo em 20 de Junho de 1513. Veja-se a "*Doação da alcaidaria-mor da vila de Alvor e da casa do sal de Lagos, em caso de morte de D. Nuno Fernandes de Ataíde, seu pai*". A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 42, fl. 56v.

[414] Segundo Anselmo Braamcamp Freire, D. Maria de Ataíde foi mãe do 4º conde de Odemira, em cujos descendentes continuou o senhorio de Penacova. Ver Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra*, Vol. I, p. 227, nota 4.

casa". De resto, este contrato de matrimónio foi ratificado por D. Manuel em 21 de Junho de 1513[415].

Após a morte de D. Afonso de Noronha, que faleceu com Nuno Fernandes na malograda entrada que teve lugar em 1516[416], D. Maria voltou a casar com um fidalgo de certo estatuto social: D. Fradique Manuel[417], senhor de Salvaterra de Magos, Águias e Erra, terras que trocou por Tancos, Atalaia e Cinceira, pela alcaidaria-mor de Marvão e pelo casal de Santa Maria (arredores de Santarém) e cujos filhos, D. Francisco e Pedro Manuel, se tornaram, respectivamente, nos 1º e 2º conde de Atalaia. Para além de D. Maria de Ataíde, Nuno Fernandes e D. Joana de Faria tiveram ainda outra filha: D. Leonor de Ataíde, que casou com D. Diogo de Castro, capitão-mor de Évora e alcaide-mor de Alegrete[418].

2.3 - A rede clientelar

O casamento de Nuno Fernandes de Ataíde com D. Joana de Faria permitiu ainda ao futuro capitão de Safim fortalecer a rede de dependentes herdada com a alcaidaria-mor de Alvor[419] e que se veio a evidenciar alguns anos depois, durante o governo da sua capitania no Norte de África. De facto, para além dos naturais de Alvor[420], escudeiros[421] e homens de pé[422] que acompanharam Nuno Fernandes na gesta

---

[415] A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro 5 de Místicos, fls. 91v-96v.

[416] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei Dom Manuel*, Parte IV, Capítulo VI, p. 457.

[417] António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, p. 220; Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo IV, Vol. II, pp. 27-28; António Caetano de Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, Tomo XI, p. 511; Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo III, p. 73. D. Fradrique Manuel herdou os senhorios de seu pai, D. Nuno Manuel, que fora fidalgo da casa e almocaté-mor do duque de Beja D. Manuel e que, depois da sua coroação, acumulara aqueles cargos com o de guarda-mor do reino. Ver Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra*, Vol. III, pp. 29-30.

[418] António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, p. 220; Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo IV, Vol. II, p. 28; Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo XIII, p. 107.

[419] Veja-se, a título de exemplo, a isenção dos de Alvor irem à guerra, no reinado de Afonso V, e a confirmação desta isenção, já no reinado de D. João II. Ver A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I,*, liv. 40, fl. 6v.

[420] João Cosme, *A Guarnição de Safim em 1511*, pp. 144, 147, 148, 151.

marroquina - e que constituíram parte considerável da guarnição militar de Safim - encontramo-lo rodeado por um conjunto de outros fidalgos, ligados entre si, nalguns casos, por laços familiares e formando como que uma rede clientelar em que sobressaíam os Ataíde e os Faria. A problemática inerente à identificação da rede clientelar de Nuno Fernandes de Ataíde reside, porém, na destrinça entre aqueles que integram essa rede enquanto seus dependentes e aqueles que o fazem enquanto seus iguais, sendo que algumas vezes chegam mesmo a ser de condição social superior. É nesse sentido que, mesmo correndo o risco de se perder, por momentos, o sentido cronológico que desejamos atribuir a este trabalho, importa referir os indivíduos mais relevantes que constituíram a rede clientelar que serviu de suporte ao capitão de Safim.

É exactamente nesse contexto que encontramos Álvaro de Ataíde, tio de Nuno Fernandes[423], que esteve em Safim, pelo menos, desde as vésperas do grande cerco de 1510[424] e a entrada em que perdeu a vida juntamente com Nuno Fernandes, em 1516[425]. Este tio do capitão era um dos que seguia sempre na frente de combate capitaneando, por vezes, um sector do exército, como na entrada de Outubro de 1511[426], ou detendo a bandeira, como aconteceu aquando do ataque a Marraquexe, em 1515[427]. Na

---

[421] João Cosme, *A Guarnição de Safim em 1511*, p. 140.

[422] João Cosme, *A Guarnição de Safim em 1511*, p. 137.

[423] Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo IV, Vol. II, pp. 27 e 28.

[424] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 5 de Dezembro de 1510. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 5, Nº 12. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLIV, pp. 265-270 e em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 410-413. Ver também a carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511, na qual lhe conta tudo que passara no cerco de Safim. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, pp. 284-296 e em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 82-91; Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei Dom Manuel*, Parte III, Capítulo XXII, p. 287.

[425] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei Dom Manuel*, Parte IV, Capítulo VI, p. 458; Veja-se Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 49; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 137. Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506-1541)*, p. 66.

[426] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei Dom Manuel*, Parte III, Capítulo XXIII, p. 288; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 97.

[427] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei Dom Manuel*, Parte III, Capítulo LXXIV, pp. 424.

epistolografia de Nuno Fernandes dirigida ao monarca, Álvaro de Ataíde aparece descrito não só como um ajudante de campo, que acompanhava Nuno Fernandes em todas as tarefas militares, mas também como um dos mais destacados conselheiros do capitão[428]. Refira-se que, depois da sua morte, a sua mulher recebeu um padrão de 15.000 reais de tença, em 11 de Janeiro de 1516, pelos serviços prestados pelo marido no Norte de África[429].

D. Afonso de Noronha, genro de Nuno Fernandes de Ataíde, teve ainda mais destaque no contexto da rede clientelar que suportava o capitão de Safim do que Álvaro de Ataíde. Filho e herdeiro de D. Sancho de Noronha, conde de Faro e de Odemira, é D. Afonso de Noronha que, em função da sua superior condição social (e de que Ataíde se serviu para fortalecer a sua autoridade), irá assumir, por exemplo, o comando das forças de Safim juntamente com Nuno Fernandes na Batalha dos Alcaides, em Abril de 1514[430], ou que irá liderar entradas juntamente com o adail Lopo Barriga[431] e o alcaide

---

[428] Veja-se, a título de exemplo, os seguintes documentos: carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511, na qual lhe conta tudo que passara no cerco de Safim. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, pp. 284-296 e em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 82-91; Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a el-rei, em 27 de Agosto de 1515, a respeito da chegada de Cristóvão Nunes e das revoltas dos mouros. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61. Documento publicado in *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 306-307. Veja-se ainda a carta de Álvaro de Ataíde a D. Manuel I, em 25 de Janeiro de 1515. A.N.T.T., *Corpo Cronologico*, Parte 1, maço 17, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXXVI, pp. 678-679.

[429] "*A Guiomar casada, viúva de Álvaro de Ataíde, mercê da tença anual de 15000 reais, pagos a pertir de Janeiro de 1517*", em 11 de Janeiro de 1516. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 25, fl. 98v.

[430] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo L, p. 378. Ver também Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 198. Sobre esta batalha veja-se João Paulo Oliveira Costa & Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaides – 1514. No Apogeu da Presença Portuguesa em Marrocos*, pp. 52-76.

[431] Segundo João Gouveia Monteiro, o posto de adail remonta pelo menos ao século XII. Ver João Gouveia Monteiro, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, p. 226. Trata-se do cargo militar de maior importância operacional, a seguir ao capitão, pelo que lhe competia directamente o governo da gente da guerra. Este comandava a cavalaria, que tinha a maior importância nas situações de combate fora das muralhas das fortalezas. O seu posto era conferido por mérito depois de ter percorrido uma carreira exemplar na chefia de cavaleiros. Sobre este posto militar veja-se Otília Rodrigues Fontoura, *Portugal em Marrocos na Época de D. João III…*, p. 27; António Dias Farinha, "História de Mazagão durante o

dos mouros de pazes, Bentafufa, como a que se efectuaram nos Montes Claros, em Fevereiro de 1514[432], ou o ataque a Aleborge, também nos inícios do mesmo ano[433]. Refira-se que o genro e o tio de Ataíde sempre ocuparam os lugares de maior prestígio nas acções comandadas pelo capitão de Safim, tal como ocorreu no ataque a Marraquexe, em que Nuno Fernandes entregou "*o guião a seu genro dom Afonso, & a bandeira a Aluaro dataide*"[434]. Como adiante veremos, foi exactamente entre D. Afonso de Noronha e Álvaro de Ataíde que se disputou a liderança interina das forças portuguesas, após a morte de Nuno Fernandes de Ataíde, o que originou a fuga dos mouros de pazes para o campo do adversário e a morte de quase todos os portugueses[435]. Com efeito, poder-se-á estranhar a pretensão de comando de D. Afonso de Noronha ter sido contestada, dada a evidente superioridade do seu estatuto social. No entanto, a idade e a experiência de Álvaro de Ataíde, "*homem de dias, & bom caualeiro*"[436], terão dividido o espírito dos portugueses, dada a inexistência de uma hierarquia organizada e a juventude e falta de experiência militar de D. Afonso de Noronha. É, portanto, a inexperiência militar de D. Afonso de Noronha que, não

---

Período Filipino", in *Stvdia*, Nº 26, p. 252; Maria Augusta Lima Cruz, "Documentos inéditos para a história dos portugueses em Azamor", in *Arquivos do Centro Cultural Português*, p. 116; David Lopes, *A Expansão em Marrocos*, p. 41; João Cosme, *A Guarnição de Safim em 1511*, XVII; Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém-mar*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, pp. 98-99.

[432] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 15 de Fevereiro de 1514. B.N.L., MS Nº 7638, Nº 64, fl. 123. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. LXXXVIII, p. 481.

[433] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei Dom Manuel*, Parte III, Capítulo LXIX, p. 418. Ver também Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 211; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, pp. 121-122; Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, pp. 735-736.

[434] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei Dom Manuel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 424.

[435] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei Dom Manuel*, Parte IV, Capítulo VI, p. 458; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 223; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 49; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 137.

[436] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte IV, Capítulo VI, p. 457.

obstante a superioridade da sua condição social, explica a relutância dos homens de Nuno Fernandes na entrega do comando ao seu genro. Refira-se a este respeito que, não poucas vezes, as redes clientelares que acompanhavam os fronteiros de maior condição social, como D. Afonso de Noronha, representavam autênticos contrapoderes dentro das próprias praças de guerra, o que muitas vezes minava a autoridade do capitão e resultava na desnecessária perda de vidas humanas nos campos de batalha[437].

Como anteriormente referimos, o casamento de Nuno Fernandes de Ataíde com D. Joana de Faria permitiu reforçar a rede clientelar do capitão de Safim. É, portanto, nesse sentido que encontramos familiares da esposa de Nuno Fernandes a servir naquela cidade norte-africana, de entre os quais se destaca Álvaro de Faria, cunhado do capitão[438], com vários homens à sua conta[439]. Tal como Álvaro de Ataíde e D. Afonso de Noronha, também Álvaro de Faria assumiu posições de relevo, sendo possível encontrá-lo ao lado de Nuno Fernandes desde a sua chegada a Safim, em 1510. De facto, encontramo-lo em Safim pelo menos desde as vésperas do grande cerco de 1510, sendo que comandou uma das estâncias durante este assédio[440] e foi ainda responsável por uma estância quando a cidade se preparava para ser cercada pelo rei de Fez[441], em

---

[437] João Paulo Oliveira Costa & Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaides – 1514. No Apogeu da Presença Portuguesa em Marrocos*, p. 48.

[438] Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo VI, Vol. II, p. 207; Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo XIII, p. 106.

[439] Entre esses homens encontramos, por exemplo, Gaspar Fernandes, Tomé Fernandes, Figueiredo e Francisco. Ver João Cosme, *A Guarnição de Safim em 1511*, p. 141.

[440] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 5 de Dezembro de 1510. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 5, Nº 12. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLIV, pp. 265-270 e em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 410-413; Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 3 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 41. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLV, pp. 271-280 e em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 149-153; Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511, na qual lhe conta tudo que passara no cerco de Safim. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, pp. 284-296 e em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, p. 84. Veja-se também Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei Dom Manuel*, Parte III, Capítulo XXII, p. 285.

[441] Sobre o reino de Fez veja-se o resumo de Maria Piedade Taborda, "Fez", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, pp. 419-420.

Julho / Agosto de 1515[442]. De resto, encontramo-lo presente em inúmeras outras acções, como a entrada que teve lugar em Outubro de 1511[443] ou na entrada em que perdeu a vida juntamente com Nuno Fernandes, em 1516[444].

Outro caso interessante é o de Álvaro Mendes Cerveira, um sobrinho de Nuno Fernandes de Ataíde degredado em Marrocos que, depois de servir em Tânger e em Arzila[445], acompanhou o tio durante toda a sua capitania em Safim. De facto, encontramos Álvaro Mendes Cerveira desde as vésperas do grande cerco de 1510[446], tendo depois participado na sua defesa[447]. Homem de confiança do capitão de Safim[448],

---

[442] Trata-se de um cerco que não se veio a concretizar. Seja como for, Álvaro de Faria estava responsável pela defesa da muralha desde o "*baluarte Santa Catrina, da bamda do mar (…) tee ho balluarte de Ssamtiaguo, que he ho moor lamço que ha em toda esta cidade*".Ver Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Agosto de 1515. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXLIV, p. 722. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 307-309.

[443] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei Dom Manuel*, Parte III, Capítulo XXIII, pp. 288-289; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 98.

[444] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei Dom Manuel*, Parte IV, Capítulo VI, p. 458; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 49; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 137.

[445] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a el-rei a respeito de Álvaro Mendes Cerveira. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61. Documento publicado in *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, p. 305. Participou na entrada de Outubro de 1511. Ver Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei Dom Manuel*, Parte III, Capítulo XXIII, pp. 288-189.

[446] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 5 de Dezembro de 1510. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 5, Nº 12. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLIV, pp. 269. Documento igualmente publicdo em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 410-413.

[447] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511, na qual lhe conta tudo que passara no cerco de Safim. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, pp. 284-296 e em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, p. 84; Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei Dom Manuel*, Parte III, Capítulo XXII, p. 285.

[448] Em Outubro de 1514, por exemplo, Nuno Fernandes de Ataíde mandou o seu sobrinho "*Manuell Cyrveira a Xarquia a ver sse m'os pode ajuntar contra a parte das Ssalynas*". Ver Carta de Nuno

também foi responsável pela defesa do baluarte de Santiago, quando o rei de Fez entrou na Duquela, em 1515[449]. Participou igualmente em muitas entradas, como a que teve lugar em Outubro de 1511[450] ou no ataque a Amagor, em 1515[451]. Acabou por morrer com o tio, na fatídica entrada que teve lugar em 1516[452]. Estes familiares de Nuno Fernandes em Safim vêm, portanto, ao encontro da ideia anteriormente defendida por Vasco Resende quando à constituição de verdadeiras "*dinastias locais*" em que os parentes mais próximos acompanhavam o capitão durante o seu tempo de serviço[453].

Poderíamos ainda referir muitos outros indivíduos pertencentes ao grupo de dependentes ou acostados de Nuno Fernandes de Ataíde, como "*Jorge Mendes de Ataíde natural do Algarve*"[454], que também acompanhou o capitão de Safim durante toda a sua permanência no Norte de África, ou seja, desde o grande cerco de 1510[455] até à fatídica entrada de 1516[456]. Num documento datado de 1514, em que D. Manuel lhe

---

Fernandes de Ataíde a D. Manuel I, em 16 de Outubro de 1514. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CXXV, p. 648.

[449] Trata-se de um cerco que não se veio a concretizar. Seja como for, "*ho balluarte de Ssamtiaguo tinha Alvaro Mendez Cerveira*". Ver Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Agosto de 1515. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXLIV, p. 722. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 307-309.

[450] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei Dom Manuel*, Parte III, Capítulo XXIII, pp. 288-189.

[451] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei Dom Manuel*, Parte III, Capítulo LXXII, p. 421; Pedro de Mariz, *Dialogos de varia historia em que se referem as vidas dos Senhores Reyes de Portugal*, Diálogo IV, p. 737; Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506-1541)*, p. 62. Sobre a expedição contra Amagor veja-se Fernando Pessanha, "O adail Lopo Barriga e a expedição contra o castelo de Amagor", in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3366, 30 de Setembro de 2021, p. 6.

[452] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei Dom Manuel*, Parte IV, Capítulo VI, p. 458; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 137.

[453] Vasco Resende, *A Sociedade da Expansão na época de D. Manuel I: mobilidade, hierarquia e poder entre o Reino, o Norte de África e o Oriente*, p. 19, nota de rodapé 8.

[454] D. Jerónimo de Osório, *Da Vida e Feitos D' El Rei D. Manuel*, Tomo II, p. 221.

[455] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511, na qual lhe conta tudo que passara no cerco de Safim. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, pp. 284-296 e *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, p. 84.

[456] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei Dom Manuel*, Parte IV, Capítulo VI, p. 458.

faz mercê da saboaria da cidade de Safim, aparece referido como "*caualleiro da nossa cassa*"[457]. Participou ainda em acções dignas de registo, como o combate em que as forças do xerife foram desbaratadas[458], entre os fins de 1514 e inícios de 1515[459], o ousado ataque a Marraquexe, em 1515[460] ou a defesa de Safim aquando do cerco que se esperava por parte do rei de Fez, também em 1515[461]. Porém, não é intenção do presente trabalho fazer uma explanação exaustiva da totalidade dos homens que acompanharam o "*nunca esta quedo*" capitão de Safim na sua aventura norte-africana e, em última instância, na própria morte. Importa, no entanto, salientar que foi a rede de dependentes que Nuno Fernandes de Ataíde conseguiu granjear ao herdar a alcaidaria de Alvor (ex: Álvaro de Ataíde, Álvaro Mendes Cerveira, Jorge Mendes de Ataíde, etc…) e que consolidou ao casar com D. Joana de Faria (ex: Álvaro de Faria e seus homens), que lhe assegurou uma das bases de sustentação do seu poder em Safim. Isto, para além do apoio de outros fidalgos de condição social manifestamente superior ligados a Ataíde por laços familiares (ex: D. Álvaro de Noronha) e que consigo levavam os seus dependentes.

---

[457] A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fl. 138.

[458] Sobre a definição de "xerife ou "serife", veja-se David Lopes, "Cousas luso-marroquinas – notas filológicas sobre particularidades vocabulares do português das praças de África", in *Boletim de Filologia*, pp. 258-259. Sobre as influências de origem árabe na língua portuguesa veja-se, a título de exemplo, Miguel Nimer, *Influências Orientais na Língua Portuguesa: os vocábulos árabes, arabizados, persas e turcos: etimologia, aplicações analíticas*, 2005.

[459] Neste embate Jorge Mendes de Ataíde comandou uma das "Batalhas", tendo sido morto o xeque Bentagomim, um dos seus sobrinhos e mais de cem cavaleiros mouros. Ver Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei Dom Manuel*, Parte III, Capítulo LXXI, pp. 419-420.

[460] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei Dom Manuel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 426.

[461] "*balluarte que estaa ao pee d'ella, que e muy fraco e mui mail hordenado, estava Jorge Mendez d'Ataide*". Ver Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Agosto de 1515. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXLIV, p. 722. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 307-309.

2.4 – O fronteiro

"*Depois de 1415 era sabido: fidalgo ia a Marrocos, dava à espada contra mouros e trazia «diploma». Marrocos foi escola reconhecida, subterfúgio e cadinho. Nobreza de muitas nações (...) Autos de armar cavaleiros foram espectáculos correntes desde a retomada de Ceuta*"[462].

Como anteriormente vimos, foi este o caso do avô, tio e pai de Nuno Fernandes de Ataíde, que viram o seu património crescer em função dos serviços prestados à Coroa no Norte de África. De resto, também foi esse o destino de Nuno Fernandes, que iniciou o seu *cursus honorum* guerreiro na qualidade de fronteiro, em Marrocos. É nesse sentido que, antes de concluirmos o presente capítulo, convém esclarecermos o que devemos, efectivamente, entender como "fronteiro". De facto, esta designação, que remonta aos tempos da "Reconquista", aparece pela primeira vez, no contexto da expansão portuguesa, na *Crónica da Conquista de Ceuta*, aquando da reunião do conselho sobre a guarda da cidade[463]. Porém, e mais importante do que determinar o momento em que surge esta designação no quadro expansionista, importa compreender o perfil social dos fronteiros.

É do conhecimento comum que os nobres dos séculos XV e XVI conservavam fortes características herdadas da tradição medieval, na medida em que a honra militar e a honra nobiliárquica se apresentavam como praticamente indissociáveis[464]. Foi nesse contexto, aliás, que as Cortes de Évora de 1481 regulamentaram de que modo a nobreza devia cumprir o serviço militar, ficando determinado que todos os senhores e fidalgos que usufruíssem de tenças vitalícias ficavam obrigados a servir com determinado

---

[462] Armindo de Sousa, "A sociedade (estruturas, grupos e motivações)", in *História de Portugal, Vol. 2 – A Monarquia Feudal*, José Mattoso (Dir.), p. 448. Vejam-se também Renata Cristina de Sousa Nascimento, *Os privilégios e os abusos da nobreza em um período de transição: o reinado de D. Afonso V em Portugal (1448-1481)*, tese de doutoramento em História apresentada à Universidade Federal do Pananá, p. 64. Da mesma autora vejam-se também "Um perfil de fidalguia: Elementos para o estudo da estrutura nobiliárquica portuguesa no século XV", in *Notandum*, Nº 32, p. 136.

[463] Gomes Eanes de Zurara, *Cónica da Tomada de Ceuta*, Capítulo XCVIII, p. 280.

[464] Cf. Abel dos Santos Cruz, *A Nobreza Portuguesa em Marrocos no século XV (1515-1464)*, dissertação de mestrado em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 26-28.

número de lanças, em função das rendas auferidas[465]. Consolidava-se, assim, uma classe particular no seio da nobreza: uma efectiva fidalguia guerreira que, por motivos que se prendem com a proximidade geográfica, o contacto directo com o infiel ou as difíceis condições climatéricas, encontrava nas fonteiras portuguesas do Norte de África o teatro de operações ideal para se exercitarem no domínio das armas[466]

De modo geral, os denominados "fronteiros" eram fidalgos que, motivados por ideais de honra e fortuna, serviam voluntariamente nos territórios ultramarinos e que levavam, às suas custas, as suas redes clientelares, compostas por homens de armas e servidores[467]. Do mesmo modo, também os homens de armas que acompanhavam os seus senhores esperavam ver os seus serviços recompensados, o que fez com que o Norte de África servisse de catapulta para o surgimento de novas vagas de cavaleiros angariados para as casas senhoriais. Usando as palavras de Armindo de Sousa, "*o cavaleiro do século XV era um escalão social e que muitos iam às praças marroquinas no intuito de os atingir*"[468]. É, portanto, nesse sentido que as praças norte-africanas surgiam como terreno de eleição para jovens nobres desejosos de promoção social e ascensão na carreira das armas[469], já que eram os grandes feitos bélicos e o domínio da arte militar que funcionavam como veículo de diferenciação e promoção social[470].

---

[465] Fortunato de Almeida, *História de Portugal*, Vol. VII, p. 11.

[466] Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém Mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, pp. 105-108.

[467] Como anteriormente referimos, os fronteiros tinham, por vezes, um papel desestabilizador dentro das praças norte-africanas, uma vez que os seus homens dificilmente se submetiam às directrizes de outro comandante que não o seu senhor. Esta situação era agravada quando chegavam às praças grandes contingentes de fidalgos da maior nomeada e que acatavam mal as ordens dos capitães. Por este motivo os moradores e veteranos de guerra acabavam por olhar com alguma desconfiança para estes fidalgos, que podiam mesmo representar um perigo para as próprias fortalezas. Ver João Paulo Oliveira Costa & Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaides – 1514. No Apogeu da Presença Portuguesa em Marrocos*, p. 48.

[468] Armindo de Sousa, "A sociedade (estruturas, grupos e motivações)", in *História de Portugal, Vol. 2 – A Monarquia Feudal*, José Mattoso (Dir.), p. 448.

[469] Cf. Carlos Selvagem, *Portugal Militar – Compêndio de História Militar e Naval de Portugal*, pp. 257-258; David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos…", in *História de Portugal*, Vol. IV, p. 90.

[470] Cf. Francisco Bethencourt, "A Administração da Coroa", in *História da Expansão Portuguesa*, Vol. I, p. 401.

Deste modo, os fronteiros serviam por períodos que podiam chegar a três ou quarto anos, durante os quais desenvolviam as suas capacidades militares na escola prática de guerra que era a presença portuguesa em Marrocos[471]. Ao terminarem o seu serviço, podiam voltar a Portugal ou ingressavam nos quadros militares das praças[472], iniciando assim uma carreira que os poderia levar aos mais altos cargos das chefias militares. Como veremos, foi exactamente o que se passou com Nuno Fernandes de Ataíde. De facto, se seguirmos as crónicas do século XVI relativas à presença portuguesa no Norte de África, apercebemo-nos de que a Arzila chegaram grupos de fronteiros após o grande cerco de 1508, em que o rei de Fez quase tomou a vila, não fosse o socorro prestado por D. João de Meneses durante o regresso da infrutífera expedição contra Azamor. Ora, se seguirmos a crónica de Bernardo Rodrigues, verificamos que:

"*dos primeiros que neste tempo fôrão* (a Arzila) *foi Nuno Fernândez de Taide, que depois foi capitão de Çafim, com muita e boa jente do Algarve e bons cavalos e do conde de Borba foi muito honradamente recebido e tratado*"[473].

Aliás, segundo Damião de Góis, foi "*Nuno Fernandez dataide (...) o primeiro fronteiro que depois do cerco la foi com gente do Álgarue*"[474]. Porém, e mais importante do que a referência a ter sido o primeiro fronteiro a seguir para Arzila após o cerco de 1508, é a alusão à rede clientelar que com ele seguiu do Algarve. Lamentavelmente, não é conhecida documentação que nos permita saber mais sobre os

[471] De acordo com António Manuel Hespanha, os fortes do Norte de África desempenharam, durante o século XVI, a "*função de lugares de treino militar*". Ver António Manuel Hespanha, "Introdução", in *Nova História Militar de Portugal*, Vol. II, p. 18. Ver também Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém Mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, pp. 107-108 e 156-159.

[472] António Dias Farinha, "História de Mazagão durante o Período Filipino", in *Stvdia*, Nº 26, p. 228.

[473] Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, Vol. I, Capítulo VI, p. 29. Vejam-se também, a título de exemplo, as palavras de Pedro de Mariz: "*E o primeiro fronteiro foi Nuno Fernandes de Ataide, que logo mostrou áquelles barbaros o que depois muitos deles sentirão de seu esforço, é cavaleria*". Ver Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…,* Tomo I, p. 718.

[474] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo VIII, p. 273.

homens que acompanharam Nuno Fernandes na sua frontaria em Arzila. Manuel de Faria e Sousa, que redigiu *Africa Portuguesa* já no século XVII, chega a discriminar os fronteiros que então partiram para aquela praça norte-africana indicando, por vezes, o número de homens que os acompanhavam. É assim que sabemos, por exemplo, que D. Francisco de Portugal, futuro conde de Vimioso, levou vinte cavalos e oitenta infantes por sua conta ou que Rui Gonçalves da Câmara, capitão da ilha de São Miguel[475], levou consigo quarenta cavalos e cinquenta besteiros[476]. No entanto, tal não acontece em relação a Ataíde.

De facto, não são propriamente abundantes as referências ao alcaide de Alvor enquanto fronteiro em Arzila. Ainda que Susannah Humble Ferreira reduza a presença de Nuno Fernandes em Arzila a "*brief stint*"[477], António Caetano de Sousa, pelo contrário, diz-nos que Ataíde foi um dos mais célebres fronteiros que àquela praça assistiu[478]. Ainda assim, a sua frontaria ficou marcada por uma incursão nas terras do Azambujal de Alforraga, onde Nuno Fernandes se distinguiu pelo zelo para com os seus almogávares[479] e de onde resultou a morte de um alcaide, parente do rei de Fez, incumbido de atacar os portugueses. Para além de Damião de Góis e de Bernardo Rodrigues, que narrou este combate com algum pormenor, é o próprio bispo do Algarve, D. Jerónimo de Osório, a sintetizá-lo em breves mas elucidativas palavras:

"*Nuno Fernándes de Ataide sahindo de Arzilla com alguma gente foi accommetter Benguaneme Capitão de ElRei de Féz, e o venceo nesse combate, em que lhe matou alguns, captivou outros, e o Capitão mesmo alli acabou a vida*"[480].

---

[475] Rui Gonçalves da Câmara, Capitão da Ilha de São Miguel, era filho segundo de João Gonçalves Zarco, o descobridor oficial da Madeira. Ver Miguel Jasmins Rodrigues, "Zarco, João Gonçalves", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, p. 1092 e Miguel Jasmins Rodrigues, "Câmara, Rui Gonçalves da", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, p. 169.

[476] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portvgvesa*, Capítulo VII, p. 90.

[477] Susannah Humble Ferreira, *The Crown, the Court, and the Casa da Índia. Political centralization in Portugal 1479-1521*, p. 146.

[478] António Caetano de Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, Tomo X, p. 540.

[479] Sobre o posto de "almogávar" veja-se João Gouveia Monteiro, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, pp. 238-239.

[480] D. Jerónimo de Osório, *Da Vida e Feitos D' El Rei D. Manuel*, Tomo II, p. 193.

Desta incursão, onde apenas participaram oitenta combatentes a cavalo do lado português, resultou não só a morte do já referido alcaide, como também de doze mouros e captura de quinze cativos que foram levados para Arzila[481]. De resto, são os *Anais de Arzila* a documentar a glória de que então se cobriu o fronteiro oriundo de Alvor, que pouco depois foi chamado ao reino por D. Manuel. Aliás, segundo o escritor e militar natural daquela praça, "*O conde de Borba louvou muito este feito do Nuno Fernândez de Taide, por ser um dos maiores e milhores que em toda a Africa se fez*"[482].

Naturalmente que esta afirmação de Bernardo Rodrigues pode parecer exagerada, principalmente se tivermos em consideração que a presa e o número de mortos envolvidos em nada se aproximam dos trinta cativos e mil e seiscentas cabeças de gado que o conde de Borba capturou na entrada que se seguiu. No entanto, devemos ter em consideração que da entrada comandada por Nuno Fernandes resultou a morte do alcaide Bemguaneme, que tinha sido incumbido pelo rei de Fez de ir atacar Arzila logo após o cerco de 1508, em que os mouros quase conquistam Arzila. A morte deste terá, portanto, representado um alívio para os portugueses daquela praça norte-africana.

Note-se ainda que, de acordo com o arabista David Lopes, Bernardo Rodrigues teria uns nove anos aquando da frontaria de Nuno Fernandes em Arzila, pelo que o autor se terá servido da sua memória e dos testemunhos dos seus companheiros mais antigos para narrar estes e outros acontecimentos. É, portanto, de sublinhar o respeito que Ataíde granjeou entre os seus contemporâneos e que Rodrigues documentou ao dirigir as seguintes palavras ao então fronteiro em Arzila: "*tão excelente capitão como depois foi de Çafim, e seus grandes feitos deixo pêra os que dele mais conhecimento tivérão e milhor o sabem*"[483].

Refira-se, por fim, que foi durante a frontaria de Nuno Fernandes de Ataíde em Safim, em 1509, que foi publicado *O Livro do Armeiro-Mor*, obra onde João do Cró representa o brasão de armas dos Ataídes[484]. Este brasão de armas dos Ataídes voltaria a ser registado no *Livro da Nobreza e da perfeição das armas dos reis cristãos e nobres*

---

[481] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo VIII, p. 273; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portvgvesa*, Capítulo VII, p. 90.

[482] Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, Vol. I, Capítulo VI, p. 31.

[483] Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, Vol. I, Capítulo VI, p. 30.

[484] A.N.T.T., *Casa Real*, Cartório da Nobreza, liv. 19, *Livro do Armeiro-Mor*, fl. 49v. (On line), https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4162406 (Consultado em 1 de Abril de 2020). Ver também José Calvão Borges, *Livro do Armeiro-Mor*, p. 55.

linhagens dos reinos e senhorios de Portugal, de António Godinho, escrivão da Câmara de D. João III, já em 1521[485]. De resto, obras como *Armorial Português* ou a *Descripção Methodica dos Brasões d' Armas das Famílias Nobres de Portugal*… de G. L. Santos Ferreira, descrevem as armas dos Ataídes do seguinte modo:

"*Athaide – De azul com quatro bandas de prata.*
Timbre – Uma onça saltantebandada de nove peças de azul e de prata, lampassada de vermelho.
D'azur, à quatre bandes d'argent.
Cimier — Une once saillante, bandée de neuf pièces d'azur et d'argent, lampassée de gueules"[486].

[485] A.N.T.T. *Casa Real*, Cartório da Nobreza, liv. 20, *Livro da Nobreza e da perfeição das armas dos reis cristãos e nobres linhagens dos reinos e senhorios de Portugal*, fl. 12 (On line), https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4162407 (Consultado em 1 de Abril de 2020). Veja-se também Manuel de Santo António e Silva, *Tesouro da Nobreza de Portugal*. A.N.T.T., *Casa Real*, Cartório da Nobreza, liv. 16, fl. 26. (On line), https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4162404 (Consultado em 4 de Abril de 2023).

[486] G. L. Santos Ferreira, *Armorial Português*, I Parte, pp. 28-29. Do mesmo autor veja-se também *Descripção Methodica dos Brasões d' Armas das Famílias Nobres de Portugal*…, p. 18. Veja-se ainda Anselmo Braamcamp Freire, *Armaria Portuguesa*, pp. 42-43.



Fig. 10 - As armas dos Ataídes no *Livro do Armeiro-Mor*, de João do Cró, de 1509.
A.N.T.T., *Casa Real*, Cartório da Nobreza, liv. 19, fl. 49v.
(On line), https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4162406
(Consultado em 1 de Abril de 2020).



Fig. 11 - As armas dos Ataídes no *Livro da Nobreza e da perfeição das armas dos reis cristãos e nobres linhagens dos reinos e senhorios de Portugal*, de António Godinho, em 1521. A.N.T.T. *Casa Real*, Cartório da Nobreza, liv. 20, fl. 12. (On line), https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4162407 (Consultado em 1 de Abril de 2020).

PARTE II

Capítulo 3

- A DUQUELA E SAFIM: SUA IMPORTÂNCIA NO QUADRO DA EXPANSÃO PORTUGUESA EM MARROCOS

3.1 - A Expansão no Norte de África e a região da Duquela

Seria metodologicamente incoerente abordar a acção de Nuno Fernandes de Ataíde sem antes contextualizarmos a sua capitania no tempo e no espaço, ou seja: sem o enquadramento histórico, político e militar inerente ao projecto expansionista português no Norte de África e sem a devida contextualização histórico-geográfica da região da Duquela que abraça a cidade de Safim, onde o "*nunca esta quedo*" exerceu o seu comando.

Como é sabido, foi a conquista de Ceuta, em 1415, a marcar o "*acto inaugural da expansão*"[487] portuguesa. Devido à sua privilegiada localização geográfica, a célebre cidade de Ceuta apresentava-se como uma apetecível base naval que podia servir de apoio à defesa da costa algarvia, assim como à navegação entre a Península Itálica e Portugal, permitindo também reprimir e interceptar a pirataria magrebina nas costas do Atlântico[488].

---

[487] Luís Filipe Thomaz, *De Ceuta a Timor*, p. 21. Sobre Ceuta vejam-se os seguintes resumos: Maria Teresa Alvarez Nunes, "Ceuta", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, pp. 235-236; A. H. de Oliveira Marques, "Ceuta", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. II, pp. 46-47; Paulo Vicente, "Ceuta", in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. I, pp. 271-273. Sobre a realidade portuguesa anterior ao arranque da Expansão veja-se José Mattoso, "Antecedentes medievais da Expansão Portuguesa", in *História da Expansão Portuguesa* – Vol. I - A Formação do Império (1415 – 1570), pp. 12-25.

[488] Isabel M. R. Mendes Drumond Braga & Paulo Drumond Braga, *Ceuta Portuguesa (1415 – 1656)*, pp. 27-28; Abel dos Santos Cruz, "«Como El-Rey Emuiou Noteficar Ho Boom Aqueeçimento» Da Conquista



Fig. 12 - Gravura de Ceuta em inícios do séc. XVI. Gravura de Georg Braun, publicada no *Civitates Orbis Terrarum* (1572). (On line) Disponível em: http://historic-cities.huji.ac.il/spain/ceuta/maps/braun_hogenberg_I_56_3_b.jpg (Consultado em 2 de Abril de 2020).

---

de Ceuta", in *XII Colóquio "Laços Histórico Militares Luso Magrebinos. Perspectivas de Valorização"*, pp. 79-91. Do mesmo autor ver também "A Guerra naval no «Mediterrâneo Atlântico» (1415-1437): relatos do corso português no texto literário de Gomes Eanes de Zurara", in *Estudos em homenagem ao Prof. Doutor José Marques*, Vol. I, pp. 35-58 e "A guerra de corso e a pirataria no Mediterrâneo Ocidental ao tempo do conde D. Pedro de Meneses (1415-1437)", in *A Guerra Naval no Norte de África (séculos XV – XIX)*, pp. 57-99; João Marinho dos Santos, "Ceuta não foi conquista, mas começo dela", in *Revista Portuguesa de História*, Nº 46, pp. 35-46; Nuno Silva Campos, *D. Pedro de Meneses. O primeiro capitão de Ceuta*, p. 17. Do mesmo autor ver também *Don Pedro de Meneses y la fundación de la Casa de Vila Real*, pp. 101-109.

Concluídos os preparativos para tão ambiciosa empresa[489], a praça marroquina acabou por ser tomada, com relativa facilidade, por uma expedição organizada por D. João I e pelos infantes da Coroa portuguesa[490]. Contudo, os adversários muçulmanos não tardaram a desviar as rotas comerciais para outras cidades do Norte de África, tornando-se Ceuta uma cidade cristã isolada e constantemente atacada. Os enormes

[489] Sobre os preparativos para a expedição contra Ceuta vejam-se, a título de exemplo, Luís Miguel Duarte, "África", in *História Militar de Portugal*, Vol. I, pp. 397-398; Carlos Guardado da Silva, "La ciudad de Lisboa en la preparación de la conquista de Ceuta", in *XVII Jornadas de Historia de Ceuta – Portugal y el Norte de África. Historías d'aquem e d'alem-mar*, pp. 9-26; Amândio Barros, "A preparação das armadas no Portugal de finais da Idade Média", in *Revista da Faculdade de Letras. Historia*, 2ª Série, Nº VII, pp. 101-131; Edite Alberto, "A conquista de Ceuta: contexto e preparativos", in *Expedición a Ceuta – Expedição a Ceuta*, pp. 22-25.

[490] Segundo Zurara, a conquista da cidade deveu-se, alegadamente, ao desejo de os três filhos varões de D. João I, D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique quererem ser armados cavaleiros em palco mais honroso do que um simples torneio. Ver Gomes Eanes de Zurara, *Cónica da Tomada de Ceuta*, pp. 55-57. Para além de Zurara, fonte indispensável no que se refere à conquista de Ceuta, vejam-se também os outros cronistas que escreveram sobre esta conquista ao longo da Idade Moderna, nomeadamente, Duarte Nunes de Leão, *Cronicas Del Rey Dom João o de Gloriosa memória, o I*, Tomo I, de Capítulo LXXXII, p. 392 a Capítulo XCIII, p. 456; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portvgvesa*, Capítulo II, pp. 18-39; Joseph Soares da Sylva, *Memórias para a Historia de Portugal, que compreendem o governo Del Rey D. João I*, Tomo III, de Capítulo CCIXCIX, p. 1448 a Capítulo CCCIV, p. 1469. Sobre a campanha militar de Ceuta vejam-se, a título de exemplo, David Lopes, "Os portugueses em Marrocos: Ceuta e Tânger", in *História de Portugal*, Vol. III, pp. 385-392; António Dias Farinha, "O Norte de África", in *História da Expansão Portuguesa*, Vol. I, pp. 119-123; Paulo Drumond Braga, "A Expansão no Norte de África", in *Nova História da Expansão Portuguesa - Vol. II - A Expansão Quatrocentista*, pp. 237-246; Luís Miguel Duarte, "África", in *História Militar de Portugal*, Vol. I, pp. 392-409; João Gouveia Monteiro & António Martins Costa, *1415 – A Conquista de Ceuta*, 2015; João Gouveia Monteiro, "A Campanha Militar de Ceuta (1415) revisitada", in *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, Nº 17, pp. 63-78; Luís Miguel Duarte, *Ceuta 1415. Seiscentos anos depois*, 2015 e "Tudo aquilo que sempre quisemos saber e nunca ousámos perguntar", *in XVII Jornadas de Historia de Ceuta – Portugal y el Norte de África. Historias d'aquem e d'alem-mar*, pp. 75-88; Filipe Themudo Barata, "Ceuta: da organização de uma máquina de guerra à eficácia de um instrumento de política externa", in *XVII Jornadas de Historia de Ceuta – Portugal y el Norte de África. Historias d'aquem e d'alem-mar*, pp. 65-73; José Virgílio Amaro Pissarra, "A Conquista de Ceuta (1415)", in *Viagens e Operações Navais 1139-1499*, pp. 113-126; João José Brandão Ferreira, "A Conquista de Ceuta: Aspectos Políticos e Estratégicos", in *Revista Portuguesa de História Militar - Dossier: Da Fundação à Expansão, Séculos XII-XVI*, Ano II, Nº 2, (Em linha) https://doi.org/10.56092/SQJZ9787

recursos financeiros e militares[491] que implicavam a manutenção desta praça não tardaram a fazer-se sentir e, logo em 1426, escrevia o infante D. Pedro, de Bruges: *"emquanto asy estiver ordenada como agora esta que he muy bom somydoiro de gente de vossa terra e d'armas e de dinheiro*"[492]. Tornava-se então necessário traçar uma estratégia que permitisse continuar a manter esta possessão ultramarina sem gastos tão avultados. A metódica ocupação de Marrocos ou a progressão ao longo da costa Atlântica surgiram como as soluções inevitáveis a longo prazo; agradavam à nobreza que procurava a guerra como forma de obter honra, glória, novos cargos e títulos[493]; agradavam à burguesia, na medida em que o alegado comércio do "*ouro, das especiarias e dos escravos*"[494] ou mesmo dos cereais apresentava-se como uma rentável actividade económica[495], e agradavam ao clero por ser uma forma de combater o mouro inimigo da religião cristã e de conquistar os territórios anteriormente pertencentes à cristandade, ou seja: o prolongamento da conquista cristã em África[496]. De facto, os

---

[491] Vitorino Magalhães Godinho, *A Expansão Quatrocentista Portuguesa*, p. 184; Natália Maria Antónia, "Ceuta: muy bom sumydoiro de gente de uossa terra e darmas e de dinheiro", in *Cadernos do Arquivo Municipal*, 2ª Série Nº 4, pp. 125-152.

[492] Carta do infante D. Pedro a D. Duarte, em 1426. A.N.T.T., *Livro dos conselhos de D. Duarte*, Carta que o Infante D. Pedro mandou a el rei D. Duarte, de Bruges, fls. 38-39. Documento parcialmente publicado por António Dias Farinha, "O Norte de África", in *História da Expansão Portuguesa*, Vol. I, p. 123.

[493] António Dias Farinha, *Os Portugueses em Marrocos*, p. 12; Abel dos Santos Cruz, *A Nobreza Portuguesa em Marrocos no século XV (1515-1464)*, dissertação de mestrado em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 26-28; Ana Maria dos Santos, "A Nobreza e a Expansão no Norte de África (o caso de Ceuta)", in *Omni Tempore. Encontros da Primavera 2014-2015*, pp. 124-152.

[494] António Borges Coelho, *Raízes da Expansão Portuguesa*, p. 24.

[495] Os motivos de carácter económico defendidos por autores como António Borges Coelho, António Sérgio ou Vitorino Magalhães Godinho foram contrariados pelo arabista David Lopes, para quem a cidade nem era grande entreposto de mercadorias orientais nem sequer zona produtora de cereais, ao contrário das regiões da Duquela e da Enxovia, no sul marroquino. Ver David Lopes, *A Expansão em Marrocos*, pp. 5-10.

[496] Luís Filipe Reis Thomaz, *De Ceuta a Timor*, pp. 1-43; Maria Augusta Lima Cruz, "Os portugueses em Marrocos nos séculos XV e XVI", in *História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa*, p. 58; Paulo Drumond Braga, "A Expansão no Norte de África", in *Nova História da Expansão Portuguesa - Vol. II - A Expansão Quatrocentista*, p. 255; Luís Filipe Oliveira & Isabel Cristina Fernandes, "A

motivos que levaram D. João I a conquistar e conservar Ceuta têm dado origem a diversas interpretações de natureza política, religiosa, comercial ou geo-estratégica, sendo que, para historiadores como Luís Filipe Thomaz ou Bernardo Vasconcelos e Sousa, a sua conquista e manutenção se deva a um conjunto de factores variados e complementares.

Após a conquista de Ceuta, segue-se o desastre da tomada de Tânger[497], chefiada pelo Infante D. Henrique em 1437, tendo como resultado a derrota portuguesa[498]. O fracasso da expedição levou Portugal a ter que pactuar com Abdalaque[499], rei de Fez, tendo ficado o infante D. Fernando refém como penhor da entrega de Ceuta. O infante acabou por morrer em Fez, após a Coroa portuguesa ter negado a cedência da praça[500].

---

conquista de Ceuta e o caminho de Jerusalém: acerca de um horizonte perdido", in *XVII Jornadas de Historia de Ceuta – Portugal y el Norte de África. Historias d'aquem e d'alem-mar*, pp. 27-43.

[497] Sobre Tânger vejam-se os seguintes resumos: Maria Augusta Lima Cruz, "Tânger", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, pp. 1014-1017; António Dias Farinha, "Tânger", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. VI, pp. 11-116; Paulo Vicente, "Tânger", in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. II, pp. 971-973.

[498] A *Chronica D'el Rey D. Duarte*, de Rui de Pina, é a principal fonte para a malograda expedição a Tânger de 1437. Ver Rui de Pina, *Chronica D'el Rey D. Duarte*, de Capítulo XXI, p. 149 a Capítulo XXXIV, p. 187. Ver também Duarte Nunes de Leão, "Cronica, e Vida Del Rey D. Duarte", in *Crónicas, e vidas dos Reis de Portugal*, pp. 735-780; Tomo II, de Capítulo VIII, p. 20 a Capítulo XV, p. 61; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portvgvesa*, Capítulo III, pp. 37-49; D. Fernando de Meneses, *História de Tânger que compreende as noticias desde a sua primeira conquista ate a sua ruina*, Livro I, pp. 16-24. Sobre o desastre de Tânger de 1437 vejam-se ainda David Lopes, "Os portugueses em Marrocos: Ceuta e Tânger", in *História de Portugal*, Vol. III, pp. 407-421; Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal – Volume II – A Fundação do Estado Moderno (1415-1495)*, pp. 49-51; António Dias Farinha, "O Norte de África", in *História da Expansão Portuguesa*, Vol. I, pp. 123-124; Paulo Drumond Braga, "A Expansão no Norte de África", in *Nova História da Expansão Portuguesa - Vol. II - A Expansão Quatrocentista*, pp. 256-268; Luís Miguel Duarte, "África", in *História Militar de Portugal*, Vol. I, pp. 417-423; Hugo Daniel Rocha Gomes da Silva Moreira, *A Campanha Militar de Tânger (1433-1437)*, dissertação de mestrado em História Medieval e do Renascimento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2009; Paulo Vicente, "A Expedição a Tânger (1437), in *Viagens e Operações Navais 1139-1499*, pp. 143-153.

[499] Sobre Abdalaque veja-se o resumo de Joel Serrão: "*Abdalaque, ou Abde Alaque. Rei de Fez, em cujo reinado Portugal sofreu o revés de Tânger (1437) e conquistou Alcácer Ceguer (1468)*". Ver Joel Serrão, "Abdalaque, ou Abde Alaque", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. IV, p. 4.

[500] Sobre o infante D. Fernando vejam-se, a título de exemplo, Alfredo Coelho de Magalhães, "A tragédia do Infante Santo", in *Chronica d'El-Rei D. Duarte*, 1914, pp. 41-66; Domingos Maurício Gomes dos

Foi durante o reinado de D. Afonso V[501], em 1458, que com os meios disponibilizados para a cruzada contra os turcos, foi tomada Alcácer Ceguer[502], pequeno

---

Santos, "A Última Carta do Infante Santo e a Falência do Seu Resgate", in *Anais da Academia Portuguesa da História*, Série II, Vol. 7, pp. 9-32 e *D. Duarte e as Responsabilidades de Tânger: 1433-1438*, 1960; António Dias Dinis, "Carta do Infante Santo ao Regente D. Pedro Datada da Masmorra de Fez a 12 de Junho de 1441", in *Anais da Academia Portuguesa da História*, Série II, Vol. 15, pp. 149-174; António Manuel Ribeiro Rebelo, "O verdadeiro carácter de D. Fernando, o Infante Santo", in *Humanitas*, Nº 58, pp. 199-227; Maria Helena da Cruz Coelho, "Morrer Pela Fé e Pela Pátria: Um Modelo Hagiográfico", in *Revista Portuguesa de História*, Tomo XL, pp. 213-226; Clinio de Oliveira Amaral, "As discussões historiográficas em torno do Infante Santo", in *Medievalista online*, Nº 7, 2009 e *O culto ao infante Santo e o projecto político de Avis (1438-1481)*, tese de pós-graduação em História Social e das Ideias apresentada à Universidade Federal Fluminense, 2008; Renata Cristina de Sousa Nascimento, "O martírio do Infante Santo e a Expansão Portuguesa (século XV)", in *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, pp. 1-10; Fabiana dos Santos Arruda, *A representação do martírio do Infante Santo em Portugal nos séculos XV e XVII - um exercício reflexivo sobre a história comparada*, dissertação de mestrado em História apresentada ao Instituto de ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2016; Dina Amorim Fernandes, "E Depois de Tânger? O Cativeiro do Infante D. Fernando: A Construção da Imagem de um Santo", in *Omni Tempore. Encontros da Primavera 2014-2015*, pp. 8-32.

[501] Sobre este monarca e o seu reinado veja-se, a título de exemplo, Henrique Barrilaro Ruas, "D. Afonso V e o seu reinado", in *História de Portugal –Portugal Medieval (II) Os Descobrimentos (I)*, Vol. V, pp. 428-451.

[502] Ver Rui de Pina, *Chronica de El-Rey D. Affonso V*, Vol. II, Capítulo CXXXVIII, pp. 140-150; Damião de Góis, *Chronica do Principe Dom Joam*, de Capítulo X, p. 40 a Capítulo XIII, p.54; Duarte Nunes de Leão, "Cronica, e Vida Del Rey Dom Affonso V", in *Crónicas, e vidas dos Reis de Portugal*, Capítulos XXVII a Capítulo XXIX, pp. 864-868; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portvgvesa*, Capítulo IV, pp. 49-53. Sobre a conquista de Alcácer Ceguer vejam-se também David Lopes, "Os portugueses em Marrocos no tempo de D. Afonso V e de D. João II", in *História de Portugal*, Vol. III, pp. 433-436; Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal – Volume II – A Fundação do Estado Moderno (1415-1495)*, pp. 82-85; António Dias Farinha, "O Norte de África", in *História da Expansão Portuguesa*, Vol. I, pp. 125-126; Paulo Drumond Braga, "A Expansão no Norte de África", in *Nova História da Expansão Portuguesa - Vol. II - A Expansão Quatrocentista*, pp. 268-275; Luís Miguel Duarte, "África", in *História Militar de Portugal*, Vol. I, pp. 424-426. Sobre Alcácer Ceguer vejam-se os seguintes resumos: José Manuel Vargas, "Alcácer Ceguer", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, p. 41; Robert Ricard, "Alcácer Ceguer", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. I, p. 79; Paulo David Vicente, "Alcácer Ceguer", in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. I, pp. 48-49. Sobre as representações da partida para Alcácer Ceguer nas Tapeçarias de Pastrana presentes nas figs. 13 e 14 vejam-se Affonso de Dornelas, "Mais Tapeçarias de Pastrana referentes a Portugal. A Tomada de Alcacer

castelo que funcionava como complemento de Ceuta e base de frequentes ataques navais lançados contra as costas do Algarve[503]. Porém, a praça de Alcácer Ceguer sempre teve uma importância limitada dada a sua má localização. Damião de Góis conta que, quando D. Afonso V desembarcou em Ceuta, após a conquista de Alcácer Ceguer, ficou constrangido perante a grandeza desta e a pequenez da praça recém-conquistada[504]. Com efeito, a intenção inicial do monarca português era atacar Tânger, contudo, o capitão de Ceuta, D. Sancho de Noronha, rapidamente alertou o "Africano" da inviabilidade do projecto, pelo que o ataque acabou por ser dirigido a Alcácer.



Fig. 13 - Representação da Missa e beija-mão de D. Afonso V em Lagos, antes de embarcar para Alcácer Ceguer, nas Tapeçarias de Pastrana. Extraído de Margarita García Calvo, *Tapices de las conquistas africanas de Alfonso V de Portugal. Tapicerías de Pastrana*, p. 28.

Ceguer por D. Affonso V", in *Apontamentos de Affonso de Dornellas*, Vol. II, pp. 11-16; Margarita García Calvo, "Dos Tapices Flamencos «De Cruzadas» en la Iglesia Parroquial de Pastrana", in *Goya. Revista de Arte*, Nº 293, Março – Abril, 2003, pp. 81-90; Inês Filipa Meira Araújo, *As Tapeçarias de Pastrana. Uma Iconografia da Guerra*, dissertação para mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, p. 47, nota 128; p. 48, p. 54, nota 160.

[503] Damião de Góis, *Chronica do Principe Dom Joam*, Capítulo XI, p. 43.

[504] Damião de Góis, *Chronica do Principe Dom Joam*, Capítulo XVI, p. 63.



Fig. 14 - Representação de D. Afonso V e das suas tropas a embarcarem em Lagos para a conquista de Alcácer Ceguer, nas Tapeçarias de Pastrana. Extraído de Margarita García Calvo, *Tapices de las conquistas africanas de Alfonso V de Portugal. Tapicerías de Pastrana*, p. 29.

Também aqui se deve assinalar a conquista e destruição de Anafé (ou Anfa), actualmente Casablanca, pelo infante D. Fernando, irmão de D. Afonso V, em 1468. Para tal comandou o infante uma esquadra de cinquenta navios que puniu violentamente esta base de corsários, a qual fustigava as costas do Algarve. No entanto, e apesar de conquistada, a cidade acabou por não ser ocupada pelos portugueses, pois Anafé encontrava-se isolada em relação às outras possessões portuguesas (Ceuta e Alcácer). Perante a impossibilidade de deixar a cidade conquistada em estado de defesa, D. Fernando optou por saqueá-la e destruir as suas muralhas[505].

[505] Rui de Pina, *Chronica de El-Rey D. Affonso V*, Vol. III, Capítulo CLX, pp. 53-54; Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Capítulo III, pp. 211-212; Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Capítulo XVI, pp. 60-61; Damião de Góis, *Chronica do Principe Dom Joam*, Capítulo XVII, pp. 81-82; Duarte Nunes de Leão, "Cronica, e Vida Del Rey Dom Affonso V", in *Crónicas, e vidas dos Reis de Portugal*, Capítulo XXXVII, pp. 894-895; D. Fernando de Meneses, *História de Tânger que compreende as noticias desde a sua primeira conquista ate a sua ruina*, Parte I, p. 30. Sobre Anafé vejam-se Avelino de Jesus da Costa, "Anafé", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. I, p. 145; Paulo Vicente, "Anafé", in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. I, pp. 71-72. Sobre a conquista e destruição de Anafé veja-se Fernando Pessanha, "A conquista e destruição de Anafé (Casablanca) pelo Infante D. Fernando (1468) – Considerações sobre uma pouco conhecida operação anfíbia", in *Revista de História, Sociedade e Cultura*, Nº 19, pp. 113-115; Paulo Vicente "Actividades Navais e Descobrimentos no Reinado de D. Afonso V (1461-1480", in *Viagens e Operações Navais 1139-1499*, p. 202.



Fig. 15 - Representação da cidade de Anafé (Casablanca) em inícios do séc. XVI. Gravura de Georg Braun, publicada no *Civitates Orbis Terrarum* (1572). (On line) Disponível em: http://historic-cities.huji.ac.il/morocco/casablanca/maps/braun_hogenberg_I_57_1_b.jpg (Consultado em 2 de Abril de 2020).

A obsessão por Tânger fez com que D. Afonso V e o infante D. Fernando voltassem a empreender novos preparativos contra aquela cidade em 1463 e 1464, mas sem resultados favoráveis[506]. Porém, a instabilidade política que o norte marroquino conheceu em meados da década de 60 do séc. XV veio a determinar uma nova ofensiva portuguesa. D. Afonso V, sabendo que Fez se encontrava cercada pelo alcaide de Arzila, Muley Xeque[507], planeou lançar nova ofensiva militar sobre Tânger. Contudo,

[506] Sobre as campanhas contra Tânger de 1463 e 1464 vejam-se Rui de Pina, *Chronica de El-Rey D. Affonso V*, Vol. III, Capítulo CXLIX, pp. 26-27, Capítulo CLII, pp. 33-36 e Capítulo CLIII, pp. 36-42; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portvgvesa*, Capítulo VI, pp. 57-62. Curiosamente, a *História de Tânger que compreende as noticias desde a sua primeira conquista ate a sua ruina*, de D. Fernando de Meneses, não faz referência às acções contra Tânger comandadas pelo infante D. Fernando. Sobre estas campanhas de 1463 e 1464 vejam-se também Ver também David Lopes, "Os portugueses em Marrocos no tempo de D. Afonso V e de D. João II", in *História de Portugal*, Vol. III, pp. 437-439; Paulo Drumond Braga, "A Expansão no Norte de África", in *Nova História da Expansão Portuguesa - Vol. II - A Expansão Quatrocentista*, pp. 275-279; Luís Miguel Duarte, "África", in *História Militar de Portugal*, Vol. I, pp. 426-429 e "A Morte do Capitão (veteranos e "maçaricos" na guerra marroquina no séc. XV", in *XII Colóquio Laços Histórico Militares Luso Magrebinos. Perspectivas de Valorização*, Lisboa, pp. 103-107; Fernando Pessanha, "A conquista e destruição de Anafé (Casablanca) pelo Infante D. Fernando (1468) – Considerações sobre uma pouco conhecida operação anfíbia", in *Revista de História, Sociedade e Cultura*, Nº 19, pp. 105-106.

[507] Sobre Muley Xeque veja-se o resumo de Robert Ricard: "*Xeque, Moâmede Mulei (?-1505). Filho do regente uatássida Abu Zacaria, começou por ser senhor de Arzila, desde 1458 até à tomada desta cidade*

foi aconselhado a optar por Arzila[508], uma vez que a operação era menos custosa e que com a conquista desta cidade, Tânger acabaria por ficar isolada.



Fig. 16 - Representação do desembarque em Arzila nas Tapeçarias de Pastrana.
(On line) Disponível em:
https://es.wikipedia.org/wiki/Tapices_de_Pastrana#/media/Archivo:Desembarco_en_Arcila._Lana_y_seda._Siglo_XV._Tournai._368x1108cm._Serie_de_Tapices_de_Alfonso_V_de_Portugal._Museo_Parroquial_de_Tapices_de_Pastrana._Guadalajara,_Espa%C3%B1a.jpg
(Consultado em 1 de Abril de 2023).

pelos Portugueses, em 1471, no momento em que ele cercava Fez com o objectivo de se assenhorear do Poder. Teve de renunciar à tentativa de retomar Arzila e concluiu com D. Afonso V uma trégua de vinte anos, que lhe permitiu ocupar Fez em 1472 e fundar aí a dinastia dos Uatássidas (ramo dos Merinidas). Reinou em Fez até 1505, data da sua morte. Em 1489 obtivera a evacuação pelos Portugueses da fortaleza da Graciosa". Ver Robert Ricard, "Xeque, Moâmede Mulei", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. VI, p. 354.

[508] Sobre Arzila vejam-se os seguintes resumos: Rui Amendoeira, "Arzila", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, p. 93; Robert Ricard, "Arzila", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. I, p. 216; Paulo Vicente, "Arzila", in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. I, pp. 133-134 e "Actividades Navais e Descobrimentos no Reinado de D. Afonso V (1461-1480", in *Viagens e Operações Navais 1139-1499*, pp. 208-209. Sobre a representação de Arzila da autoria de Georg Braun presente na fig. 19 veja-se Lígia Grave; Pedro Baía; Sérgio Braga da Cruz, "Arzilla – A gravura incompleta de Georg Braun. Apontamentos para o entendimento do processo de ocupação portuguesa no século XVI", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, pp. 213-220.



Fig. 17 - Representação do cerco a Arzila nas Tapeçarias de Pastrana.
(On line) Disponível em:
https://es.wikipedia.org/wiki/Tapices_de_Pastrana#/media/Archivo:Cerco_de_Arcila._Lana_y_seda._Siglo_XV._Tournai._368x1108_cm._Serie_de_Tapices_de_Alfonso_V_de_Portugal._Museo_Parroquial_de_Tapices_de_Pastrana._Guadalajara,_Espa%C3%B1a.jpg
(Consultado em 1 de Abril de 2023).



Fig. 18 - Representação do assalto a Arzila nas Tapeçarias de Pastrana.
(On line) Disponível em:
https://es.wikipedia.org/wiki/Tapices_de_Pastrana#/media/Archivo:Asalto_de_Arcila._Lana_y_seda._Siglo_XV._Tournai._369x1099cm._Serie_de_Tapices_de_Alfonso_V_de_Portugal._Museo_Parroquial_de_Tapices_de_Pastrana._Guadalajara,_Espa%C3%B1a.jpg
(Consultado em 1 de Abril de 2023).



Fig. 19 - Representação de Arzila em inícios do séc. XVI. Gravura de Georg Braun, publicada no *Civitates Orbis Terrarum* (1572). (On line) Disponível em: http://historic-cities.huji.ac.il/morocco/asilah/maps/braun_hogenberg_I_56_4_b.jpg (Consultado em 2 de Abril de 2020).

Por outro lado, a conquista de Arzila permitia o domínio das planícies que se estendiam na direcção de Alcácer Quibir[509] e do interior de Marrocos. Tomada Arzila,

[509] Sobre Alcácer Quibir veja-se a descrição de Valentim Fernandes: "*Alcaçer Quyuir ci(dade) de que arriba fiz mençam no Alcaçar Ceguer. Alcaçar Quyuir quer dizer castello grande, porque em outro tempo foy hua cidade grande assy que tinha Xij Vezinhos. E agora terá mil vezinhos. E está qui huum alcayde d'el rey de Fez com sua gente de guarniçam. Este lugar está 8 legos d'Arzilla e xij d'Alarache no mesmo ryo que vem a Larache'*". Ver Valentim Fernandes, *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénegal par Valentim Fernandes (1506/1507). (A Descripçam de Ceuta por sua Costa de Mauritania e Ethiopia pellos Nomes Modernos Prosseguindo as Vezes Algũas Cousas do Sartão da Terra Firme)*, p. 34. Sobre Alcácer Quibir vejam-se os seguintes resumos: Robert Ricard, "Alcácer Quibir", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. I, pp. 79-80; João Cosme, "Alcácer Quibir", in *Dicionário de História dos*

em 1471[510], os habitantes de Tânger abandonaram a cidade convencidos que a conquista portuguesa era inevitável. Deste modo, a cidade foi ocupada pelos portugueses no mesmo ano de 1471[511].

Descobrimentos Portugueses, Vol. I, pp. 41-42; Luís Costa e Sousa, "Alcácer Quibir", in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. I, pp. 49-51.

[510] Rui de Pina, *Chronica de El-Rey D. Affonso V*, Vol. III, de Capítulo CLXII, p. 56 a Capítulo CLXV, p. 64; Damião de Góis, *Chronica do Principe Dom Joam*, de Capítulo XVIII, p. 85 a Capítulo XVIII, p. 119; Duarte Nunes de Leão, "Cronica, e Vida Del Rey D. Affonso V", in *Cronicas, e vidas dos Reys de Portugal*, Tomo II, de Capítulos XXXIX - XL, pp. 901-909; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portvgvesa*, Capítulo VI, pp. 62-65; D. Fernando de Meneses, *História de Tânger que compreende as noticias desde a sua primeira conquista ate a sua ruina*, Parte I, pp. 30-32. Sobre a conquista de Arzila vejam-se também David Lopes, "Os portugueses em Marrocos no tempo de D. Afonso V e de D. João II", in *História de Portugal*, Vol. III, pp. 440-446; António Dias Farinha, "O Norte de África", in *História da Expansão Portuguesa*, Vol. I, pp. 126-127; Paulo Drumond Braga, "A Expansão no Norte de África", in *Nova História da Expansão Portuguesa - Vol. II - A Expansão Quatrocentista*, pp. 279-283; Luís Miguel Duarte, "África", in *História Militar de Portugal*, Vol. I, pp. 429-431; Paulo Alexandre Mesquita Dias, *A conquista de Arzila pelos Portugueses – 1471*, dissertação de mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2015. Sobre as representações da conquista de Arzila nas Tapeçarias de Pastrana presentes das figs. 16, 17 e 18 vejam-se Margarita García Calvo, *Tapices de Pastrana*, tese de doutoramento apresentada à UNED de Madrid, 1995 e "Tapices de las conquistas africanas de Alfonso V de Portugal. Tapicerías de Pastrana", in De *Flandes a Extremadura. Humanismo y naturaleza en los tapices de Badajoz & Adenda*, pp.18-32; Inês Filipa Meira Araújo, *As Tapeçarias de Pastrana. Uma Iconografia da Guerra*, dissertação para mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 67-73 e "As representações da guerra medieval. As Tapeçarias de Pastrana como ponto de partida", in *Cadernos de História da Arte*, Nº I, pp. 43-56.

[511] Rui de Pina, *Chronica de El-Rey D. Affonso V*, Vol. III, Capítulo CLXII, pp. 66-68; Damião de Góis, *Chronica do Principe Dom Joam*, de Capítulo XXX, p.121 a Capítulo XXXI, p. 127; Duarte Nunes de Leão, "Cronica, e Vida Del Rey D. Affonso V", in *Cronicas, e vidas dos Reys de Portugal*, Tomo II, de Capítulo XL, pp. 905-909; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portvgvesa*, Capítulo VI, pp. 65-66; D. Fernando de Meneses, *História de Tânger que compreende as noticias desde a sua primeira conquista ate a sua ruina*,Parte I, pp. 33-34. Sobre a tomada de Tânger vejam-se também David Lopes, "Os portugueses em Marrocos no tempo de D. Afonso V e de D. João II", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 447; António Dias Farinha, "O Norte de África", in *História da Expansão Portuguesa*, Vol. I, p. 127; Paulo Drumond Braga, "A Expansão no Norte de África", in *Nova História da Expansão Portuguesa - Vol. II - A Expansão Quatrocentista*, pp. 283-285; Luís Miguel Duarte, "África", in *História Militar de Portugal*, Vol. I, p. 431; Paulo Alexandre Mesquita Dias, *A conquista de Arzila pelos Portugueses – 1471*, dissertação de mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos apresentada à Faculdade de



Fig. 20 - Representação da entrada em Tânger nas Tapeçarias de Pastrana.
(On line) Disponível em:
https://es.wikipedia.org/wiki/Tapices_de_Pastrana#/media/Archivo:Asalto_de_Arcila._Lana_y_seda._Siglo_XV._Tournai._404x1082cm._Serie_de_Tapices_de_Alfonso_V_de_Portugal._Museo_Parroquial_de_Tapices_de_Pastrana._Guadalajara,_Espa%C3%B1a.jpg
(Consultado em 1 de Abril de 2023).

Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, pp. 112-122; Paulo Vicente, "Actividades Navais e Descobrimentos no Reinado de D. Afonso V (1461-1480", in *Viagens e Operações Navais 1139-1499*, pp. 207-208; Sobre a representação da entrada em Tânger pelas tropas portuguesas nas Tapeçarias de Pastrana, presente na fig. 20 vejam-se Margarita García Calvo, *Tapices de Pastrana*, tese de doutoramento apresentada à UNED de Madrid, 1995 e "Tapices de las conquistas africanas de Alfonso V de Portugal. Tapicerías de Pastrana", in *De Flandes a Extremadura. Humanismo y naturaleza en los tapices de Badajoz & Adenda*, pp.18-32; Inês Filipa Meira Araújo, *As Tapeçarias de Pastrana. Uma Iconografia da Guerra*, dissertação para mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 74-75 e "As representações da guerra medieval. As Tapeçarias de Pastrana como ponto de partida", in *Cadernos de História da Arte*, Nº I, pp. 43-56.

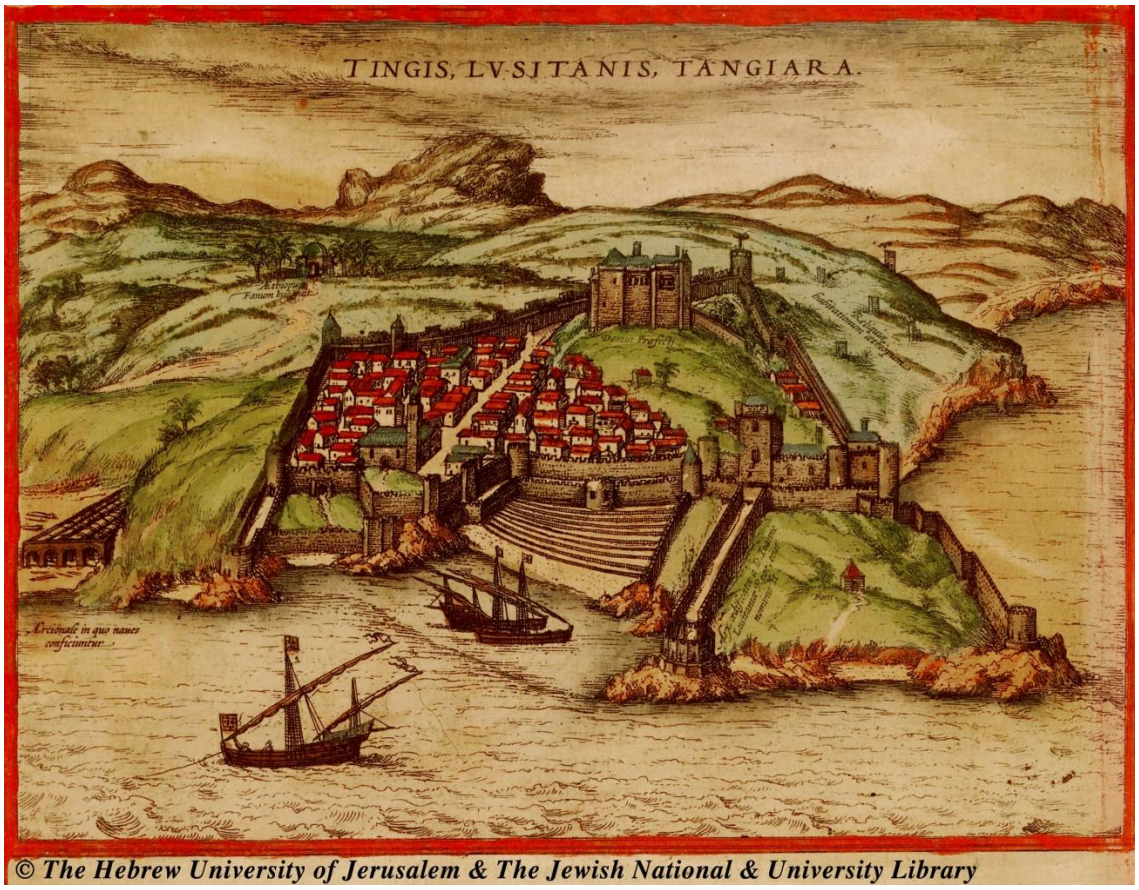


Fig. 21 - Gravura de Tânger em inícios do séc. XVI. Gravura de Georg Braun, publicada no *Civitates Orbis Terrarum* (1572). (On line) Disponível em: http://historic-cities.huji.ac.il/morocco/tanger/maps/braun_hogenberg_I_56_1_b.jpg (Consultado em 2 de Abril de 2020).

Fechava-se assim o ciclo de conquistas compreendido entre 1415 e 1471e que levou à instituição formal dos Algarves de Além-mar. Um ciclo, refira-se, pautado por um fervoroso espírito de cruzada[512], pelo desejo de controlar o Estreito de Gibraltar[513] e de suprimir a pirataria magrebina que tão frequentemente atacava as costas algarvias. Não será, portanto, inocente a tomada ou destruição de bases de corso e pirataria como

[512] Repare-se na crueldade manifestada na conquista de Ceuta e especialmente na conquista de Arzila, onde a população não foi poupada ao massacre. Segundo Damião Góis, os mortos eram tantos no assalto ao castelo de Arzila que "*por nenhum lugar do pateo se podia dar passo, senão sobre sangue e corpos vivos e mortos*". Ver Damião de Góis, *Chronica do Principe Dom Joam*, Capítulo XXVI, p. 111.

[513] Sobre o Estreito de Gibraltar veja-se Jorge Pedreira, "Gibraltar, Estreito de", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, pp. 461-463.

Anafé[514] ou Alcácer Ceguer, a vila de "*homens de guerra, principalmente no negócio do mar, no qual erao muy exercitados, e acostumados a fazer mal, e dano aos Christãos da Hespanha, e a outros que navegavam para aquelle Estreyto*"[515]. Estratégia, aliás, que como Luís Filipe Thomaz bem notou, remontava à Baixa Idade Média e de que é exemplo a expedição de Enrique de Castela contra Tetuão, em 1399[516].

Ainda que Joaquim Veríssimo Serrão – talvez induzido pela *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, de Vitorino Magalhães Godinho - encontre na conquista de Arzila razões de "*comércio por ser Arzila a capital económica do Garbe, terra fértil de cereais e fruta e o término da rota do ouro do Mali*"[517], devemos manter as devidas reservas. Recordamos que com as conquistas de Ceuta e de Alcácer Ceguer os mouros desviaram as rotas comerciais para outras cidades marroquinas, transformando-se as praças conquistadas em baluartes cristãos isolados, abastecidos pelo Algarve e Andaluzia e constantemente atacados[518]. Face ao encargo que Ceuta e Alcácer representavam para o erário da Coroa, não seria de prever que o mesmo acontecesse com Arzila?[519] Não é de considerar, portanto, que motivações de carácter económico-comercial tivessem sido muito determinantes nas conquistas compreendidas entre 1415 e 1471. Motivos de honra e prestígio militar se impunham. Se a tomada de Alcácer Ceguer pode ser justificada pela tentativa de erradicar a pirataria que assolava o Estreito, a conquista de Arzila só pode ser determinada em virtude da real incapacidade

---

[514] Fernando Pessanha, "A conquista e destruição de Anafé (Casablanca) pelo Infante D. Fernando (1468) – Considerações sobre uma pouco conhecida operação anfíbia", in *Revista de História, Sociedade e Cultura*, Nº 19, pp. 97-123.

[515] Damião de Góis, *Chronica do Principe Dom Joam*, Capítulo XI, p. 43.

[516] Luís Filipe Thomaz, *De Ceuta a Timor*, p. 45.

[517] Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal – Volume II – A Fundação do Estado Moderno (1415-1495)*, p. 87.

[518] Sobre os ataques a Ceuta e Alcácer Ceguer depois da conquista portuguesa vejam-se, respectivamente, Gomes Eanes de Zurara, "Chronica do Conde D. Pedro de Menezes", in *Collecção de livros inéditos de Historia Portugueza, dos reinados de D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, e D. João II*, Tomo II, pp. 213-635; Gomes Eanes de Zurara, "Chronica do Conde D. Duarte de Menezes", in *Collecção de livros inéditos de Historia Portugueza, dos reinados de D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, e D. João II*, Tomo III, pp. 7-385.

[519] Veja-se Fayad el Mostafa, *A Região de Arzila na Época da Expansão Portuguesa*, dissertação de mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1992.

de conquistar Tânger; o espinho cravado no orgulho bélico português e o símbolo do martírio do Infante Santo. Por quatro vezes tentaram os portugueses conquistar a cidade, mas sem sucesso. Recorde-se que antes da tomada de Alcácer Ceguer, pensou D. Afonso V dirigir o ataque a Tânger, o mesmo se passando antes da tomada de Arzila. Com a conquista de Arzila e a ocupação de Tânger fechava-se o ciclo que resultou no Tratado de Paz entre Muley Xeque e D. Afonso V[520], transformando-se o monarca luso em "*Rei de Portugal e dos Algarves Daquém e Dalém Mar em África*".

Efectivamente, a "Reconquista" tinha avançado para África, as fronteiras portuguesas tinham sido alargadas, e dignidade militar tinha sido restaurada. No entanto, as riquezas de Marrocos continuavam longe das ambições portuguesas. Das praças que compreendiam os Algarves de Além-mar não advinha riqueza. Pelo contrário. Os repetidos ataques dos mouros faziam com que estas se vissem impossibilitadas de se abastecerem a si próprias[521]. Foi neste contexto expansionista que o sul marroquino e a rica região da Duquela, "*terra de grande fertilidade de pão e carnes*"[522], e onde se localiza a cidade de Safim[523], entraram na esfera de interesses da Coroa portuguesa. De facto, a região da Duquela era tradicionalmente considerada uma das mais ricas regiões de Marrocos. Na actualidade, este território corresponde à região de Doukkala-abda, que faz fronteira com a região de Marrakesh-Tensift-El Haouz a sul, e a região de Grand Casablanca e Chaouia-Ouardigha a norte. São várias as fontes árabes que se referem a esta região. Segundo Ibn Khaldum, historiador árabe do séc. XIV, a Duquela

"*é o nome de uma tribu que ocupou o território para o poente, desde o sopé setentorial da montanha vizinha de Marrocos até ao Oceano. Aí se encontra o ribat e*

---

[520] Sobre o Tratado de Paz entre Muley Xeque e D. Afonso V veja-se Robert Ricard, "Fez, Paz de", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. II, p. 574.

[521] Esta situação levou o "Africano" a procurar obter de Castela vantagens económicas para poder abastecer as praças do Algarve de Além. Veja-se, por exemplo, a criação da feitoria portuguesa em Sevilha. Ver Otília Rodrigues Fontoura, *Portugal em Marrocos na Época de D. João III…*, pp. 20-25.

[522] Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Capítulo 17, p. 64.

[523] Sobre Safim vejam-se os seguintes resumos: Luís de Albuquerque, "Safim", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, pp. 959-960; Robert Ricard, "Safim", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. V, p. 413; Paulo Vicente, "Safim", in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. II, pp. 151-152.

asfi, porto fortificado que tem também o nome dos Beni Maguer, família de Dokkala. É difícil averiguar a sua origem, mas consideram-se alguns como descendentes de Masmodh, outros de Sanhadjin"[524].

Para além da descrição de Ibn Khaldum, é a célebre *Descrição de África*, de Leão-o-Africano[525], a fonte árabe mais importante para o nosso conhecimento da geografia de Marrocos e da região da Duquela nos inícios do século XVI. Segundo este autor:

"*Por el lado de poniente, la provincia de Duccala da comienzo en Tensift, concluyendo hacia el norte en la mar Océana, hacia médio-día en el río de Habid y a poniente en el Ummirabih. Tres jornadas se precisam para atrasesarla a lo largo y cerca de dos a lo ancho. Está muy poblada de gente maligna e ignorante, hallándose en ella no pocas ciudades amuralladas. Reseñaremos cuanto en sus lugares haya digno de ser contado*"[526].

Também as fontes cristãs do século XVI referem esta região. O grande cosmógrafo e navegador português Duarte Pacheco Pereira, por exemplo, descreveu os campos da Duquela, que se estendiam por quarenta léguas, como uma terra de grande fertilidade de pão e carnes[527], tal como Valentim Fernandes e Damião de Góis, que

---

[524] Ibn Khaldum, *História dos Berberes II*. Transcrito de Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 2.

[525] Sobre a vida e a obra de Leão-o-Africano veja-se Laura Lara Martínez, "Descripción general de África y origen del nombre del continente según León el Africano y Luis del Mármol Carvajal", in *Archivo de la Frontera: Banco de recursos históricos*, (On line), Disponível em http://www.archivodelafrontera.com/clasicos-minimos/descripcion-general-de-africa-y-origen-del-nombre-del-continente-segun-leon-el-africano-y-luis-del-marmol-carvajal/
(Consultado em 10 de Abril de 2020).

[526] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 179. Optámos pela tradução em castelhano de Serafin Fanjul, publicada em 2004 pela Fundación el Legado Andalusí, uma vez que considerámos que a tradução de Durval Pires de Lima, em *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 3, apresenta erros de interpretação.

[527] Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Capítulo 17, p. 64.

destacaram os lugares de Safim, Tite, Almedina e Azamor[528]. Já D. Jerónimo Osório, Bispo do Algarve e grande humanista português que viveu no séc. XVI, referiu-se que naquela "*parte de África (…) jaz uma província mui grossa e fértil, que os arábios intitulam Duecala*"[529]. Também a *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, de Luis del Mármol Carvajal, obra inspirada em Leão- o-Africano e inspirada em autores como Damião de Góis, refere a região da Duquela da seguinte forma:

"*La provincia de Duquela comiença a Poniéte dede el rio de Tácif en los confines de Heha: a Tramontana tiene el mar Oceano: al Medio dia la prouincia de tierra de Marruecos: y a leuante senesce enel rio Vmarabea q parte esta Prouincia de la de Temecena, y entra en el mar Oceano junto a los muros dela ciudad de Azamor. Tiene de Poniéte a Leuaté mas de treynta léguas y de Tramontana a Medio dia mas de veinte y quatro, es tierra rica e muy fértil y abundante de pan y ganados, y por la mayor parte es toda llana. Andan por ella muchos aduares de aquellos Alarabes q diximos, llamados Xarquia, Abda, y Garbia, y grandes Cobeylas de Beréberes Affricanos, que vnos viuen en los campos como Alarabes, y otros en las poblaciones de casas y lugares cercados que a yen ella*"[530].

Finalmente, *A descrição de Marrocos* de um anónimo português, de 1596, corrobora as informações avançadas pelos autores atrás referidos:

"*A Ducella lie hum campo fermoso e muito chão, sem arvore nem mouta; pera a parte de Safim, corre vimte e sinco legoas. Por sima da terra ha muitas pidrineiras*

---

[528] Valentim Fernandes, *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénegal par Valentim Fernandes (1506/1507). (A Descripçam de Ceuta por sua Costa de Mauritania e Ethiopia pellos Nomes Modernos Prosseguindo as Vezes Algũas Cousas do Sartão da Terra Firme)*, pp. 28-36. Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXVII, p. 370.

[529] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 192.

[530] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LII, fl.41. Segundo o arabista David Lopes, os "aduares" eram povoações de tendas dispostas em círculos com o gado no centro. Ver David Lopes, "Cousas luso-marroquinas – notas filológicas sobre particularidades vocabulares do português das praças de África", in *Boletim de Filologia*, pp. 246-247.

soltas, picenas. He campo de muito trigo, sevada, milho, senteo, & de muitas criaçôeys de gado vacum e miudo, & camelos (cavalos). He este campo muito povoado de Alcaimas e aduares"[531].

Das informações facultadas pelos cronistas podemos concluir, desde logo, que a Duquela se encontrava delimitada a norte pelo rio Morbeia, que passa nas proximidades da cidade de Azamor, e pelo rio Tensift, a sul.

[531] *Descrição de Marrocos – Copia do emperio e reinos dos xarifes na Berberia em Africa, & de algumas terras de negros, comessando na emperial sidade de Marrocos, cabessa do dito emperio, e sua comarca*, de um anónimo português em 1596. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliotèques de France, Vol. II, Doc. LXXXVII, pp. 245-246. Excerto igualmente transcrito por Otília Rodrigues Fontoura*, Portugal em Marrocos na Época de D. João III…*, p. 152. Sobre a região da Duquela veja-se ainda o resumo de Robert Ricard: "*Nome de uma confederação de tribos marroquinas de origem árabe (Xarquia ou Xerquia, Barbia ou Garabia e Abda ou Abida), cujo território, no século XVI, se situava principalmente em volta das praças portuguesas de Azamor, Mazagão e Safim. Este território compreendia uma estreita faixa de horticultura, uma grande região de planícies cerealíferas e uma região montanhosa de pastorícia. Aproximadamente de 1511 a 1518, e sob a direcção do capitão de Safim, Nuno Fernandes de Ataíde, constituiu uma zona de influência portuguesa, que se estendia pouco mais ou menos do rio de Azamor (Morbéa), ao norte, até Tencifte, ao sul, e da costa atlântica até aos arredores da cidade de Marráqueche. A mo Nuno Fernandes, em 1516, e a do chefe marroquino Bentafuf, aliados dos portugueses, em 1518, conduziram ao desaparecimento progressivo do sistema político do qual, apesar do seu desentendimento, eles tinham sido os principais obreiros. Para evitar qualquer confusão, lembramos que a situação actual das tribos nesta região não corresponde já de modo algum ao que era no século XVI*". Ver Robert Ricard, "Duquela", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. II, p. 344.



Fig. 22 - O rio Tensift. Vista no sentido Oeste-Este.
Fotografia: Fernando Pessanha, 2021.



Fig. 23 - O rio Tensift. Vista no sentido Este-Oeste. Fotografia:
Fernando Pessanha, 2021.

Os seus campos têm uma linha de costa compreendida entre as 30 e as 40 léguas, sendo a região muito rica a nível de água e de cavalos, frequentemente exportados do porto de Azamor e de Safim[532], tal como os alambéis que seguiam para as terras dos negros, nomeadamente, para as feitorias de Arguim[533] e da Mina[534].

---

[532] Carta de D. João II aos habitantes de Azamor, em 3 de Julho de 1486. A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fls. 49-50. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. I, pp. 4-8. Sobre Azamor vejam-se os seguintes resumos: Rui Amendoeira, "Azamor", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, pp. 105-106; Robert Ricard, "Azamor", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. I, pp. 262-263; Gonçalo Couceiro Feio, "Azamor", in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. I, pp. 151-152. Sobre a importância da região da Duquela para a economia imperial portuguesa veja-se Ahmed Boucharb, "A relevância da Duquela no império comercial português a partir das «cartas de quitação de D. Manuel I». La place de Doukkala dans l'empire commercial portugais à partir des « cartas de quitação de D. Manuel I»", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I, pp. 99-111.

[533] Valentim Fernandes, *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénegal par Valentim Fernandes (1506/1507). (A Descripçam de Ceuta por sua Costa de Mauritania e Ethiopia pellos Nomes Modernos Prosseguindo as Vezes Algũas Cousas do Sartão da Terra Firme)*, p. 28. Sobre a feitoria de Arguim veja-se Luís Filipe Thomaz, "Le Portugal et l' Afrique au XVème siècle: les débuts de l´expansion", in *Arquivos do Centro Cultural Português*, XXVI, pp. 161-256; Sobre a feitoria de Arguim veja-se os seguintes resumos: Rui Amendoeira, "Arguim, ilha de", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, pp. 83-84; Francisco Mendes da Luz, "Arguim", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. I, p. 182; João Cosme, "Arguim", in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. I, pp. 79-80; Paulo Vicente Paulo Vicente, "Descobrimentos Henriquinos a Sul do Bojador (1438-1460)", in *Viagens e Operações Navais 1139-1499*, pp. 182-183.

[534] Valentim Fernandes, *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénegal par Valentim Fernandes (1506/1507). (A Descripçam de Ceuta por sua Costa de Mauritania e Ethiopia pellos Nomes Modernos Prosseguindo as Vezes Algũas Cousas do Sartão da Terra Firme)*, p. 60. Sobre a feitoria da Mina vejam-se os seguintes resumos: Pedro Sottomayor, "Mina, feitoria e fortaleza da", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, pp. 738-740; A. Teixeira da Mota, "Mina, Castelo de S. Jorge da", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. IV, pp. 302-304; José Manuel Garcia, "Mina, São Jorge da", in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. 2, pp. 720-721; José António Rodrigues Pereira, "Actividades Marítimas no Reinado de D. João II", in Viagens e Operações Navais 1139-1499, pp. 226-228. Segundo Ahmed Boucharb na feitoria da Mina que "*os tecidos de lã eram a mercadoria principal e aquela que se vendia mais rapidamente e garantindo os melhores lucros* (…) *Estes tecidos vinham sob a forma de halks ou alquicies, hanbels, etc., que os documentos portugueses qualificavam de «tecidos de Arguim». Safi tornou-se rapidamente o principal centro de produção e de recolha deste produto*". Ver



Fig. 24 - A delimitação da região da Duquela, segundo *Estats et royaumes de Fez et Maroc, Dahra et Segelmesse tirés de Sanuto, de Marmol, etc*. Nicolas Sanson 1655. B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8044). (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8595420g/f1.item.zoom (Consultado em 20 de Novembro de 2019).

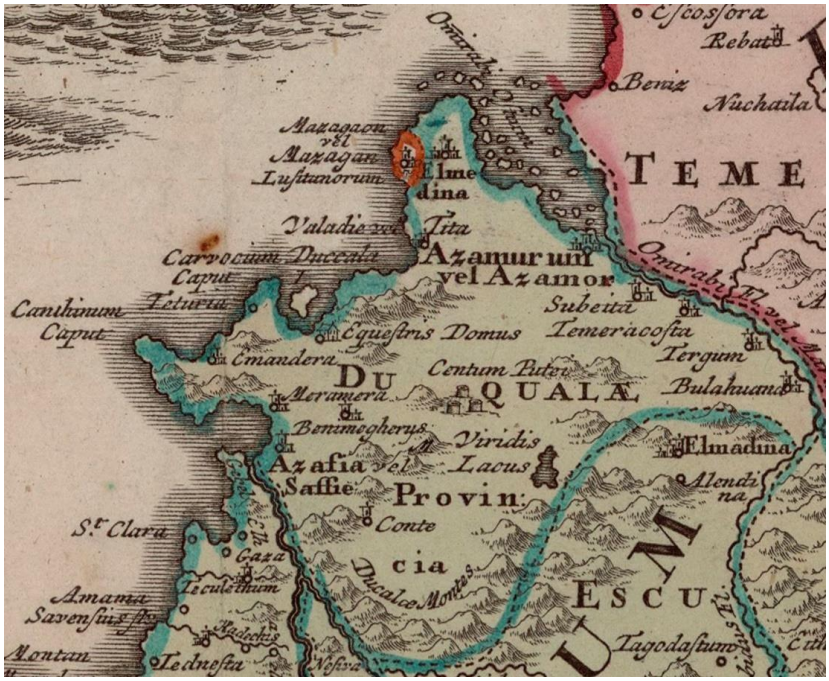


Fig. 25 - A delimitação da região da Duquela, segundo *Statuum Maroccanorum regnorum nempe Fessani, Maroccani, Tafiletani et Segelomessani...*, de Johann Christoph Homann (1664-1730). B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8045). (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8595421w/f1.item (Consultado em 20 de Novembro de 2019).

Ahmed boucharb, "A importância de Safi no império comercial português", in *Mare Liberum*, Nº 7, pp. 194 e 196.

Nesta região se cultivava trigo, cevada, milho e centeio, para além do cultivo da vinha e da fava e da criação de gado, cavalos e camelos. No solo da região, relativamente plano e a baixa altitude, eram frequentes as neblinas e orvalhos que ajudam a manter a vegetação. Ainda que densamente povoada, a Duquela não contava com elevado número de cidades nem de grandes povoações, à excepção das já referidas cidades de Azamor e de Safim, os dois grandes portos de escoamento de produtos da Duquela. A população, tal como na Enxovia, situada a norte, era essencialmente constituída pelos berberes, sedentários moradores nos lugares murados, e os designados alarves, mouros que se deslocavam constantemente no campo e, como guerreiros nómadas, senhoreiam os primeiros[535]. Os alarves eram constituídos por três grandes linhagens; do nordeste para sudoeste: Xerquia[536], Garbia[537] e Abda[538], sendo que cada

[535] Sobre as tribos da região da Duquela nos inícios do séc. XVI veja-se Yassir Benhima, "Pratiques de l'espace et gestion des territoires des tribus arabes au Maroc (12e–16e siècle): l'exemple de la région de Safi", in *La tribu dans le monde arabo-islamique: état de la question et nouvelles perspectives*, pp. 221-241.

[536] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXVII, p. 370; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 193. Sobre os Xerquia, vejam-se David Lopes, "Cousas luso-marroquinas – notas filológicas sobre particularidades vocabulares do português das praças de África", in *Boletim de Filologia*, pp. 246-247. Sobre os Xerquia veja-se ainda o resumo de Robert Ricard: "*Xerquia. Grupo de tribos que, em Marrocos, fazia parte da confederação dos Duquela. No século XVI, o território por ele ocupado estendia-se a nordeste de Safim e das tribos Garbia na direcção de Azamor, entre a costa atlântica e o rio Morbea (Um-er-Rebia). O seu nome, que significa «oriental», explica-se pela sua situação*". Ver Robert Ricard, "Xerquia", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. VI, p. 354.

[537] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXVII, p. 370; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 193. Sobre os Garbia veja-se David Lopes, "Cousas luso-marroquinas – notas filológicas sobre particularidades vocabulares do português das praças de África", in *Boletim de Filologia*, pp. 246-247. Sobre os Garbia veja-se ainda o resumo de Robert Ricard: "*Garbia. Na época da acção portuguesa em Marrocos, a tribo árabe de Garbia, ou Garabia, ocupava sobretudo a faixa costeira que se estende entre Safim e Mazagão. As suas localidades mais importantes eram Cernu, Conte e, principalmente, Almedina de Garbia. Com Abda e Xerquia, a tribo de Garbia formava o que se chama a confederação da Duquela. Esta designação significa «ocidental» porque o seu território se situava a oeste do de Xerquia. Garbia pertenceu à zona de influência que o capitão de Safim, Nuno Fernandes de Ataíde (1510-16), constituiu durante a ocupação portuguesa em torno dessa praça. Esteve submetida ao chefe indígena, aliado dos Portugueses, Bentafuf, de 1511 a 1514 e, depois, de 1516 a 1518, primeiro com Abda, depois com o conjunto de Duquela. Contava então cerca de 200 aduares e 4000 cavaleiros, pagava tributo, fornecia contingentes e a*

uma destas linhagens encontrava-se dividida em tribos ou cabildas, e estando as cabildas subdivididas em aduares, ou seja, aglomerados de cinquenta a cem tendas[539]. Os números apresentados por Damião de Góis para esta região foram sintetizados por Vitorino Magalhães Godinho no seguinte quadro[540]:

	Xerquia (compreende 6 tribos)	Garbia e Abda
Homens de cavalo	5000	4.000
Homens de pé	95.000	40.000
Aduares	490	200

Fig. 26 – Gráfico relativo às tribos da região da Duquela.

Duarte Pacheco Pereira e Leão-o-Africano referem um número incomparavelmente maior de homens de cavalo. Enquanto o cosmógrafo e navegador

---

nordeste protegia Safim. Em 1515 participou com 1000 lanças na expedição portuguesa contra Marráquexe (Marrocos). A sua submissão a Portugal, já abalada em 1516 pela morte de Nuno Fernandes, não sobreviveu ao assassinato de Bentafuf, em Fevereiro de 1518". Ver Robert Ricard, "Garbia", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. III, p. 104.

[538] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXVII, p. 370; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 193. Sobre os Abda veja-se David Lopes, "Cousas luso-marroquinas – notas filológicas sobre particularidades vocabulares do português das praças de África", in *Boletim de Filologia*, pp. 246-247. Sobre os Abda veja-se ainda o resumo de Joel Serrão: "*Abda. Confederação ou cabila de tribos marroquinas, vassalas de Portugal, que no século XVI abasteciam a nossa praça de Safim e nos ajudavam militarmente*". Ver Joel Serrão, "Abda", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. I, p. 4.

[539] Sobre as definições de aduar ou "adixar" veja-se David Lopes, "Cousas luso-marroquinas – notas filológicas sobre particularidades vocabulares do português das praças de África", in *Boletim de Filologia*, p. 247.

[540] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXVII, pp. 370-371; Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, p. 84.

português refere quarenta mil alarves da Xerquia[541], o viajante mourisco refere cinquenta mil alarves alarves da Duquela e Tadla, sem falar nos Asgeh, nas proximidades de Safim[542].

De modo geral, podemos inferir que as riquezas da região da Duquela eram bem conhecidas dos portugueses, que se começaram a interessar pelos mercados cerealíferos das planícies marroquinas, pelo menos, desde meados do séc. XV[543]. É nesse sentido que, em 1450, encontramos João Nunes e Luís Fernandes a comprar cereais em Safim e que, em 1455, encontramos João Nunes e João Álvares na mesma cidade, para adquirir o mesmo bem alimentar[544]. Se considerarmos a deficitária produção cerealífera portuguesa do séc. XV, as necessidades de abastecimento inerentes aos projectos expansionistas e o interesse português no mercado cerealífero da Duquela, somos impelidos a deduzir que Portugal terá começado a cobiçar as riquezas desta região desde muito cedo. Referira-se que, logo em 1456, pouco depois de os portugueses começarem a comprar trigo em Safim, foi enviada uma caravela àquela cidade, "*mais por os que nela iam verem o lugar como era fundado e as fortalezas dele e per onde se melhor poderia filhar*"[545], o que poderá, desde logo, denunciar a intenção de D. Afonso V em

---

[541] Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Capítulo 17, p. 64.

[542] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Primeira Parte, p. 104.

[543] Acerca do interesse dos portugueses nos cereais do noroeste africano, na centúria quatrocentista, veja-se Maria Teresa Rabaça Gaspar, *A Circulação de Cereais entre Portugal e o Norte de África no século XV*, dissertação de mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1997.

[544] Pedro de Azevedo, *Documentos das Chancelarias Reais anteriores a 1531 relativos a Marrocos*, Vol. II, pp. 106-107 e 250-251. Ver também outras transacções comerciais em Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, p. 92.

[545] *Carta de doação dos bens de David Malon, que avisou o alcaide de Çafim dos intentos de el-Rei sobre ela, a Vasco Esteves*, em 26 de Fevereiro de 1456. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 13, fl. 31. Documento publicado por Pedro Azevedo, *Documentos das chancelarias reais anteriores a 1531 relativos a Marrocos*, Vol. II, Doc. CCCX, p. 324; *Monumenta Henricina*, Vol. XII, p. 250; António Dias Farinha in *Portugal e Marrocos no século XV*, dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Vol. II, Doc. 68, p. 199. Quando tomou conhecimento desse facto, David Malom, judeu residente em Lagos e com contactos nesse porto africano, apressou-se a comunicá-lo, por carta, ao alcaide mouro. Porém, a sua acção foi descoberta e prontamente denunciada ao monarca. Ver Paulo Drumond Braga, "A Expansão no Norte de África", in *Nova História da Expansão Portuguesa - Vol. II - A Expansão Quatrocentista*, p. 270; João Cosme, *A Guarnição de Safim em 1511*, IV; Amândio Barros, "A preparação das armadas no Portugal de finais da Idade Média", in *Revista da*

dirigir um ataque àquela cidade da Duquela. Não será, portanto, de estranhar que o primeiro acordo conhecido entre Portugal e Safim remonte ao reinado de D. Afonso V, como foi referido na carta que D. João II enviou a Amadux, o alcaide da cidade em 1488[546]. Aliás, já dois anos antes, em 1486, tinha D. João II imposto a soberania portuguesa aos habitantes mouros de Azamor, ficando estes obrigados a pagar dez mil sáveis por ano ao rei português e a deixar que os portugueses comerciassem livremente no seu território[547]. A submissão destas cidades, sem recorrer à força ostensiva através da conquista pelas armas[548], resultou num novo ciclo caracterizado por uma soberania

---

Faculdade de Letras. Historia, 2ª Série, Nº VII, p. 105; Ahmed Boucharb, "A importância de Safi no império comercial português", in *Mare Liberum*, Nº 7, p. 194.

[546] Carta de D. João II ao alcaide e habitantes de Safim, em 16 de Outubro de 1488. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 1, Nº 43. Documento publicado in António Baião *Documentos do Corpo Cronológico relativos a Marrocos (1488 a 1514)*, pp. 5-9; *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. III, pp. 25-30; *Descobrimentos Portugueses*, Vol. III, Doc. 230, pp. 346-347. Vejam-se também Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 15; David Lopes, "Os portugueses em Marrocos no tempo de D. Afonso V e de D. João II", in *História de Portugal*, Vol. III, pp. 463; António Dias Farinha, *Os Portugueses em Marrocos*, p. 26.

[547] Carta de D. João II aos habitantes de Azamor, em 3 de Julho de 1486. A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fls. 49-50. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. I, pp. 4-8; *Descobrimentos Portugueses*, Vol. III, Doc. 210, pp. 322-323. Ver também a ratificação do tratado entre D. João II e os habitantes de Azamor, em 16 de Agosto de 1486. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 2, maço 1, Nº 7. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. II, pp. 9-24. Ver também Rui de Pina, *Crónica de D. João II*, Capítulo XXI, pp. 53-54; Garcia de Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Capítulo LX, p. 56. Segundo Valentim Fernandes, "*Dizem os Mouros que no tempo de sua prosperidade foy muy grande e poderosa e foy de doze mil vezinhos. Aqui resgatam booms cauallos e alquiçees e aljaruias e alambees que leuam pera negros*". Valentim Fernandes, *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénegal par Valentim Fernandes (1506/1507). (A Descripçam de Ceuta por sua Costa de Mauritania e Ethiopia pellos Nomes Modernos Prosseguindo as Vezes Algũas Cousas do Sartão da Terra Firme)*, p. 28.

[548] Ainda assim, e como Joaquim Romero de Magalhães bem observou, D. João II "*conseguiu salvaguardar pela força, quando necessário, o monopólio do trato africano*". Veja-se Joaquim Romero de Magalhães, "A Guerra: os Homens e as Armas", in *História de Portugal, Vol. 3 – No Alvorecer da Modernidade*, José Mattoso (Dir.), p. 105. Sobre D. João II e o seu reinado veja-se, a título de exemplo, Manuela Mendonça, "D. João II e o seu tempo", in *História de Portugal – Portugal Medieval (II) Os Descobrimentos (I)*, Vol. V, pp. 451- 477.

limitada no norte marroquino e que se alastrava a alguns protectorados sobre algumas zonas mais a sul, com as quais era mantida uma relação comercial. É nesse sentido que, na década de oitenta do século XV, o reino comprava pão na Casa do Cavaleiro, região que produzia muito trigo e cevada, frequentemente exportados[549]. Veja-se, a título de exemplo, que D. Afonso V autoriza à cidade de Lisboa a *"compra de pão na Casa do Cavaleiro e outras terras de mouros, podendo o pagamento ser feito com prata e quaisquer ouras mercadorias*"[550], em 18 de Setembro de 1484, ou que em 21 de Janeiro de 1486 autorizava a cidade de Lisboa a comprar *"mil moios de trigo na Casa do Cavaleiro com prata em pasta ou em moeda*"[551].

É no seguimento desta política marroquina que, em 1497, também D. Manuel acabou por estabelecer um contrato de suserania com os habitantes de Meça[552], na região do Suz[553], que recebia o tráfico transariano do ouro e dos escravos da Guiné[554].

---

[549] Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Capítulo 18, p. 65. Usando as palavras de Valentim Fernandes, "*Casa do Caualleyro, hua villa de Mouros donde vem muyto trigo*". Ver Valentim Fernandes, *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénegal par Valentim Fernandes (1506/1507). (A Descripçam de Ceuta por sua Costa de Mauritania e Ethiopia pellos Nomes Modernos Prosseguindo as Vezes Algũas Cousas do Sartão da Terra Firme)*, p. 28.

[550] "*Autorização régia concedida à cidade de Lisboa para compra de pão na Casa do Cavaleiro e outras terras de mouros, podendo o pagamento ser feito com prata e quaisquer ouras mercadorias, excepto as proibidas pelas ordenações*", em 18 de Setembro de 1484. Documento publicado por António Dias Farinha in *Portugal e Marrocos no século XV*, dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Vol. III, Doc. 100, p. 163;

[551] "*Alvara de licença a cidade de Lisboa para a compra de mil moios de trigo na Casa do Cavaleiro com prata em pasta ou em moeda*", em 21 de Janeiro de 1486. Documento publicado por António Dias Farinha in *Portugal e Marrocos no século XV*, dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Vol. III, Doc. 109, p. 173.

[552] Carta de D. Manuel aos habitantes de Meça, em 11 de Janeiro de 1497. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. IV, pp. 31-35. Ver também David Lopes, "Os portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, pp. 542-544. Sobre Meça vejam-se Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, pp. 156-157; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XXI, fls. 16-16v. Ainda sobre Meça veja-se ainda Robert Ricard, "Meça", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. IV, p. 237.

[553] Sobre a região do Suz veja-se Mohamed Nadir, *Santa Cruz do Cabo de Guer (Agadir) e a região de Sus. Presença Portuguesa (1505-1541)*, dissertação de mestrado em História da Expansão Portuguesa

Grosso modo, são acordos em que estas cidades e vilas se comprometiam a pagar tributos, conceder facilidades comerciais e permitir a construção de feitorias a troco de protecção. Por outras palavras, tentavam-se explorar as cobiçadas riquezas do sul marroquino através de uma política de intimidação. Note-se que em Agosto de 1487, pouco antes de Azamor se tornar tributária de D. João II, voltaram os portugueses a Anafé, onde mataram novecentos inimigos e cativaram quatrocentas pessoas, que trouxeram para o reino[555].

Simultaneamente, nunca deixaram os portugueses de consagrar esforços para dilatar o seu domínio no norte marroquino; logo em 1488 foi lançado um ataque a Alcácer Quibir do qual resultou 250 cativos mouros e muitas peças de gado, para além de ouro e prata[556]. No ano seguinte, depois de imposta a soberania portuguesa em Safim

---

apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2004; Bernard Rosenberger, "O Suz na História de Marrocos (finais do século XV – inícios do século XVI). Le Sous dans l'Histoire du Maroc (fin du XVe – début du XVIe siècle)", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, pp. 27-97.

[554] Cf. Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Capítulo 20, pp. 71-77. Usando as palavras de Valentim Fernandes, "*Meça, villa muy grande de Mouros, e jaz em huum ryo grande, porem nom entram nauios por ser baixo. Aqui há grande tracto de mercadoria de Barbaros e Alarbes; aqui estam Genoueses mercado(res). Por este rio abaixo vem muyto ouro, cera, corame de vacas e bodes, laccar e anyll"*. Ver Valentim Fernandes, *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénegal par Valentim Fernandes (1506/1507). (A Descripçam de Ceuta por sua Costa de Mauritania e Ethiopia pellos Nomes Modernos Prosseguindo as Vezes Algũas Cousas do Sartão da Terra Firme)*, p. 38. Ver também Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, pp. 118-126.

[555] Rui de Pina, *Crónica de D. João II*, Capítulo XXVII, pp. 58-59; Garcia de Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânia*, Capítulo LXVII, p. 58; Gomes Eanes de Zurara, "Chronica do Conde D. Pedro de Menezes", in *Collecção de livros inéditos de Historia Portugueza, dos reinados de D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, e D. João II*, Tomo II, Capitulo XXVII, pp. 76-77. Para além das supracitadas crónicas veja-se também também Fernando Pessanha, "A conquista e destruição de Anafé (Casablanca) pelo Infante D. Fernando (1468) – Considerações sobre uma pouco conhecida operação anfíbia", in *Revista de História, Sociedade e Cultura*, Nº 19, p. 115.

[556] Rui de Pina, *Crónica de D. João II*, Capítulo XXXVI, pp. 67-68; Gomes Eanes de Zurara, "Chronica do Conde D. Pedro de Menezes", in *Collecção de livros inéditos de Historia Portugueza, dos reinados de D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, e D. João II*, Tomo II, Capitulo XXXVI, pp. 87-88; D. Fernando de Meneses, *História de Tânger que compreende as noticias desde a sua primeira conquista ate a sua ruina*, Livro II, pp. 51-52. Ver também Paulo Drumond Braga, "A Expansão no Norte de África", in *Nova História da Expansão Portuguesa - Vol. II - A Expansão Quatrocentista*, pp. 290-291.

e Azamor, mandou D. João II construir a fortaleza da Graciosa, a quinze Km da foz no rio Lukkos e a caminho de Fez. Pretendia o monarca português alargar o seu domínio às planícies de Alcácer Quibir. Prontamente se apercebeu o monarca muçulmano da ameaça que isto constituía. Rapidamente se viram os portugueses cercados, pelo que acabaram por negociar a retirada levando consigo as armas, artilharia e cavalos[557]. De resto, o reinado de D. João II ficou ainda marcado pelas operações bélicas comandadas por D. Fernando de Meneses em 1490, nomeadamente, o ataque e destruição de Targa e de Samice[558].

Com D. Manuel, as atenções recaíram em força no sul marroquino, onde o monarca procurou manter os protectorados sobre Azamor, Safim e Meça. De facto, é notória a actividade comercial desenvolvida com estas e outras povoações da Duquela, como Almedina, onde o feitor de Safim, Lopo de Azevedo, comprou alambéis ricos e vários outros produtos entre 1495 e 1498[559] e onde várias famílias poderosas, como os Mechenzaya se submeteram ao "*Venturoso*" em 1502:

---

[557] Rui de Pina, *Crónica de D. João II*, Capítulo XXXVIII, pp. 74-78; Garcia de Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Capítulo LXXXI, pp. 68-70; Ver também David Lopes, "Os portugueses em Marrocos no tempo de D. Afonso V e de D. João II", in *História de Portugal*, Vol. III, pp. 450-452; Joaquim Romero de Magalhães, "A Guerra: os Homens e as Armas", in *História de Portugal, Vol. 3 – No Alvorecer da Modernidade*, José Mattoso (Dir.), p. 106; António Dias Farinha, "O Norte de África", in *História da Expansão Portuguesa*, Vol. I, pp. 127-128; Luís Miguel Duarte, "África", in *História Militar de Portugal*, Vol. I, pp. 437-439; Maria Augusta Lima Cruz & António Manuel Lázaro, "A política marroquina de D. João II a propósito da Graciosa", in *A Península Ibérica e o Norte de África (séculos XV a XVII). História e Património The Iberian Peninsula and North Africa (15th to 17th centuries). History and Heritage*, pp. 77-106; André Filipe Serra Ingrês, *O Projecto da Graciosa: Construção e Demonstração de um sonho expansionista no Norte de África*, dissertação de mestrado em História. Especialização em História Moderna e dos Descobrimentos, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2021.

[558] Rui de Pina, *Crónica de D. João II*, Capítulo XLI, pp. 80-82; Garcia de Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Capítulo CXI, pp. 80-82. Sobre os ataques a Targa e Samice vejam-se Fernando Pessanha, *D. Fernando de Meneses, capitão de Ceuta, conde de Alcoutim e 2º marquês de Vila Real*, pp. 41-54 e "D. Fernando de Meneses, capitão de Ceuta e 1º Conde de Alcoutim: exemplo da relação entre os serviços no Norte de África e a atribuição de títulos nobiliárquicos", in *XIX Jornadas de Historia de Ceuta – La dimensión humana. Biografías en Ceuta, el Norte de África y el Estrecho de Gibraltar*, pp. 34-41.

[559] Carta de quitação para Lopo de Azevedo, em 7 de Maio de 1499. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 16, fl. 60; A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fls. 63v-64v. Documento publicado in *Les*

"*E a nos apraz de vos dar a obediencia de esta cidade e de toda sua comarca; e vos mandarees vossas mercadorias e homeens a esta cidade, e nos faremos seempre todo o que mandardes, como vossos vassalos e naturaes; e isto vos pidimos todos que asy ho façaes e compraes*"[560].

Ainda assim, foi na exportação de cereais para Portugal que este comércio mais se notou. Sabe-se, a este respeito, da continuidade dos negócios portugueses com a Casa do Cavaleiro, entre 1489 e 1496, como podemos ver pela carta de quitação a Pedro Lopes, de 15 de Abril de 1499 ou pela carta de quitação a Pedro Brandão, de 17 de Fevereiro de 1500[561]. Também o comércio com Mazagão[562], activo porto de exportação dos cereais desta região meridional, é anterior a 1500, como podemos confirmar pela carta de quitação de 17 de Fevereiro desse ano, onde se fala do trigo preveniente desse lugar[563]. É nesse sentido que, por exemplo, encontramos referência a dois navios de Tavira que se deslocaram à baía de Mazagão para carregar trigo, em 1502[564] ou que em 1503 e 1504 foi enviado para Portugal trigo de Mazagão, como demonstra o alvará de 29 de Agosto de 1503[565] e a carta de quitação de 22 de Fevereiro de 1504[566]. De resto,

---

Sources Inédites de l'histoire du Maroc, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. VI, p. 45; António Dias Farinha, *Portugal e Marrocos no século XV*, dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Vol. II, Doc. 165, pp. 334-338.

[560] Carta dos xeques dos Mechenzaya a D. Manuel, em 4 de Novembro de 1502. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 15, Nº 139. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XIII, pp. 70-71.

[561] Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, p. 89.

[562] Sobre Mazagão vejam-se os seguintes resumos: Maria Lagarto, "Mazagão", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, pp. 716-718; António Dias Farinha, "Mazagão", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. IV, pp. 231-232; Paulo Vicente, "Mazagão", in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. II, pp. 699-702.

[563] Carta de quitação del Rei D. Manuel, Nº 516. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 3, fl. 6. Documento publicado in *Archivo Historico Portuguez*, Vol. V, p. 76.

[564] Carta de Bou Sba' et de Salem a D. Manuel, em 2 de Dezembro de 1502. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 6, Nº 149. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XV, pp. 74-75.

[565] António Baião, *Documentos do Corpo Cronológico relativos a Marrocos (1488 a 1514)*, p. 18; Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, pp. 87-88.

Duarte Pacheco Pereira, que redigiu o *Esmeraldo de Situ Orbis* por volta de 1506, corrobora estas informações ao escrever que "*nesta baía de Mazagão carregam muitas naus destes reinos, e assi de Castela, de trigo*"[567], ou mesmo Valentim Fernandes, ao referir que "*D'aqui leuam os nauios por seu resgate trigo que alli naçe*"[568].

Note-se, aliás, que o interesse dos mouros por este comércio fez com que um chefe local, Celeme Ibn Omar, chegasse a propor a construção de uma fortaleza no sítio de Mazagão ainda em 1502[569]. É neste contexto que, se considerarmos a deficitária produção cerealífera portuguesa do séc. XV, a necessidade de abastecer as praças dos Algarves de Além-mar e o crescente interesse português no mercado cerealífero da região da Duquela, somos impelidos a concluir que a intenção de um projecto expansionista português para o sul marroquino ter-se-á consolidado nos primeiros anos da centúria quinhentista, principalmente, a partir do momento em que o próprio rei de Marraquexe, D'En-Nacer Ben Yussuf[570], manifesta disponibilidade em receber os feitores e mercadores portugueses "*com suas mercadorias a tratar a esta nossa*

---

[566] Carta de quitação por compra de trigo em Mazagão. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 22, fl. 8. Documento publicado in *Archivo Historico Portuguez*, Vol. III, pp. 155-156.

[567] Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Capítulo 17, p. 64. De facto, e como Duarte Pacheco Pereira bem observou, a exportação de trigo a partir de Mazagão tinha como destino não somente Portugal como também Castela, como podemos comprovar por vária documentação à guarda do Archivo General de Simancas. Vejam-se, a título de exemplo, A.G.S., CCA,CED,6,147,10; A.G.S., CCA,CED,6,158,7; A.G.S., CCA,CED,6,129,2; A.G.S., CCA,CED,6,55,3; A.G.S., CCA,CED,6,171,5; A.G.S., CCA,CED,6,137,4; A.G.S., CCA,CED,7,43,4.

[568] Valentim Fernandes, *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénegal par Valentim Fernandes (1506/1507). (A Descripçam de Ceuta por sua Costa de Mauritania e Ethiopia pellos Nomes Modernos Prosseguindo as Vezes Algũas Cousas do Sartão da Terra Firme),* p. 28.

[569] Carta de Pêro Mendes a D. Manuel, em 6 de Dezembro de 1502. Documento publicado por António Baião in *Documentos do Corpo Cronológico Relativos a Marrocos1488-1514*, pp. 11-12.

[570] Diego de Torres refere que neste ano de 1502 reinava em Marraquexe "*Muley Nazar Bugentuf Elenteta*". Veja-se Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo I, p. 3 e Capitvlo II, p. 5. Segundo Mercedes García-Arenal, "*Muley Nacer Buxentuf (...) Muhammad ibn al-Nasir ibn Yusuf, apodado Abu Suntuf, de la familia Hintata, que en el siglo XV se había proclamado gobernante semiindependiente de Marruecos, vasalla de Fez. Gobernó desde 1520 hasta ser depuesto y muerto por los Xarifes en 1525*". Veja-se Mercedes García-Arenal (publ.), *Diego de Torres. Relación del origen y suceso de los xarifes y del estado de los reinos de Marruecos, Fez y Tarudante*, p. 37, nota 6.

cidade"[571] ou que chefes locais, como o já referido Celeme Ibn Omar, manifestam interesse na construção de fortificações destinadas a proteger um comércio que era do interesse de ambas as partes. Veja-se, a este propósito, a carta que o feitor de Safim, Pero Mendes, dirigiu a D. Manuel aquando da sua chegava ao porto de Mazagão, em 6 de Dezembro de 1502, e onde expõe a ideia de se passar a abastecer as praças portuguesas a partir daquele porto da costa marroquina:

"*achamos este porto hum pouco desvalyado. Porém, Deos seja louvado, concertamo-lo em maneyra que começamos a tomar trigo. E porque eles faziam suas sementeyras, nom se pode mais fazer que carregarmos esta nau que ora lla envyamos carregada de trygo. E agora, da feytura d'esta em diante, com ajuda de Deos, queremos caregar pera os nossos lugares d'allem como per regymento de V. S. traz Rui Gil*"[572].

Não obstante o comércio que a região mantinha com Portugal, a irregularidade no pagamento dos tributos[573], a actuação pouco correcta dos feitores portugueses[574] e a

---

[571] Carta de D'En-Nacer Ben Yussuf a D. Manuel, em 16 de Novembro de 1502. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 15, Nº 139. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XIV, p. 73.

[572] Carta de Pero Mendes a D. Manuel, em 6 de Dezembro de 1502. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 3, Nº 123. Documento publicado por António Baião in *Documentos do Corpo Cronológico relativos a Marrocos (1488 a 1514)*, pp. 11-12; Documento também publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XVII, pp. 79-82. Sobre este assunto veja-se também Bernard Rosenberger, "O pão, préoccupation constante dans les places portugaises du Maroc pendant le règne de D. Manuel", in *D' Aquém, D' Além e D' Ultramar. Homenagem a António Dias Farinha*, Vol. I, p. 77.

[573] Carta de D. Manuel I aos habitantes de Azamor, em 22 de Abril de 1504. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 8, Nº 67. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XX, pp. 92-94. Ver também Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, p.85; Maria Augusta Lima Cruz, "Documentos inéditos para a História dos Portugueses em Azamor", in *Arquivos do Centro Cultural Português*, Vol. II, p. 106; Paulo Drumond Braga, "A Expansão no Norte de África", in *Nova História da Expansão Portuguesa - Vol. II - A Expansão Quatrocentista*, pp. 287-288.

[574] Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal – Volume III – O Século de Ouro (1495-1580)*, p. 20.

lealdade intermitente das cidades da Duquela[575] dificultaram a fidelidade das populações locais para com a Coroa portuguesa. Note-se, a este respeito, que a lealdade dos habitantes de Azamor foi muito irregular a partir de 1502. Em 1504, por exemplo, procuraram submeter-se, enviando delegados a Portugal, pelo que D. Manuel mandou Sancho Tavares a Mazagão com a missão de restabelecer a aliança. O soberano português ordenou expressamente que as negociações fossem feitas em Mazagão[576].

[575] Veja-se, a título de exemplo, a carta de D. Manuel aos moradores de Azamor em idioma arábico, em 22 de Janeiro de 1504. A.N.T.T., *Colecção de cartas*, Núcleo Antigo 891, maço 2, Nº 1. Documento publicado in *Documentos Arabicos para a Historia Portugueza copiados dos Originais da Torre do Tombo*, Doc. III, pp. 6-11.

[576] Instruções para Sancho Tavares, em 22 de Abril de 1504. A.N.T.T., *Leis e Ordenações*, Leis, maço 2, Nº 7. Documento publicado in *Archivo Historico Portuguez*, Vol. VII, pp. 301-302 e em *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XIX, pp. 87-91.

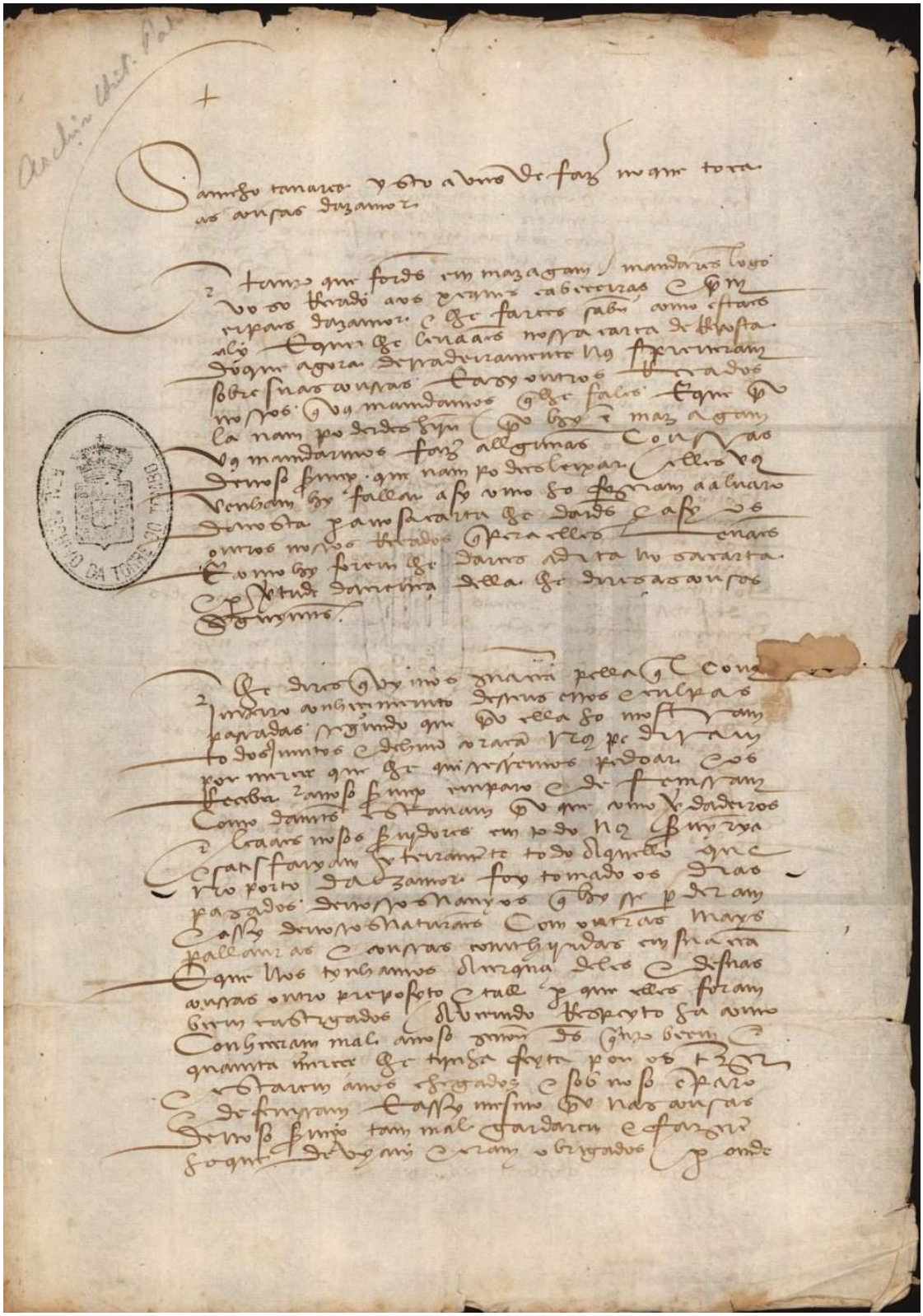


Fig. 27 – Instruções para Sancho Tavares, em 22 de Abril de 1504.
A.N.T.T., *Leis e Ordenações*, Leis, maço 2, Nº 7. fl. 1

É, portanto, neste contexto de aparente aproximação que, em1505, Jorge de Melo, "*fidalgo de nossa casa e capitão dos besteiros de cauallo*" pediu autorização a D. Manuel para construir um castelo em Mazagão. O monarca respondeu afirmativamente a este pedido, dando-lhe a capitania da futura fortaleza, desde que Jorge de Melo e os seus descendentes ficassem encarregues de defendê-la às suas próprias custas[577]. Porém, Jorge de Melo não logrou o intento para tão cobiçada empresa, tendo perecido num combate com os mouros da Duquela, hostis a novas ocupações portuguesas[578].

De facto, o interesse do "*Venturoso*" não se circunscreveu à região da Duquela. Foi, seguramente, com o objectivo de explorar os recursos provenientes da feitoria de Meça e de travar a tentativa castelhana de ocupar a costa marroquina frente às Canárias[579] que D. Manuel autorizou João Lopes Sequeira a construir o castelo de Santa Cruz do Cabo Gué, no território que actualmente corresponde à cidade de Agadir, na foz do rio Suz, também em 1505[580]. Também nos anos que se seguiram à construção do

---

[577] Carta Patente de D. Manuel I, de 21 de Maio de 1505. A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fls. -133v-135; A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 42, fl. 25. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXI, pp. 108-113.

[578] Segundo a Augusto Ferreira do Amaral, "*tendo começado a abrir alicerces e a formar muralhas foram atacados pelos mouros (...) que puseram fogo ao castelo que estava a ser construído. Terão perecido cerca de quatrocentos e cinquenta portugueses*". Ver Augusto Ferreira do Amaral, in *História de Mazagão*, p. 91. Do mesmo autor veja-se também *Mazagão, A Epopeia Portuguesa em Marrocos*, p. 229. O mesmo autor publicou outros trabalhos acerca de Mazagão. Vejam-se a título de exemplo, "O terramoto de 1755 em Mazagão", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, pp. 245-255; ou "Toponímia de Mazagão, in *D' Aquém, D' Além e D' Ultramar. Homenagem a António Dias Farinha*, Vol. I, pp. 35-74.

[579] David Lopes, "Os portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, pp. 453-454 e "A Expansão em Marrocos", in *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Vol. I, pp. 154-155; Joaquim Figanier, *História de Santa Cruz do Cabo de Gué (Agadir) 1505-1541*, pp. 25-29; António Dias Farinha, "O Norte de África", in *História da Expansão Portuguesa*, Vol. I, pp. 128-129; Fernando Pessanha, "Ayamonte na Expansão Portuguesa para o Norte de África", in *Jornadas de História de la muy noble y leal ciudad de Ayamonte*, Vol. XXI, pp. 111-179.

[580] Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Capítulo 20, pp. 71-72; Valentim Fernandes, *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénegal par Valentim Fernandes (1506/1507). (A Descripçam de Ceuta por sua Costa de Mauritania e Ethiopia pellos Nomes Modernos Prosseguindo as Vezes Algũas Cousas do Sartão da Terra Firme),* p. 38; Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte I, Capítulo XCIV, p. 128; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portvgvesa*, Capítulo VII, p. 75; Joaquim Figanier, *História de Santa Cruz do Cabo de Gué (Agadir) 1505-1541*, pp.

castelo de Santa Cruz do Cabo Gué foi construída a fortaleza satélite de Ben Mirao[581], uma pequena fortaleza que inaugurou uma estratégia de implantação no sul marroquino e que se consubstanciou através da construção de castelos satélites de apoio às cidades fortificadas. É exactamente nessa conjuntura de expansão lusa para as latitudes meridionais da esfera magrebina que, em 1506, D. Manuel incumbiu Diogo de Azambuja[582] da construção do Castelo Real do Mogador[583], na região da Xiátima, a sul da Duquela, e que em 1508 foi construído o castelo de Aguz, na foz do rio Tensift[584], a

---

29-32; David Lopes, "Os portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, pp. 453-455; Mohamed Nadir, *Santa Cruz do Cabo de Guer (Agadir) e a região de Sus. Presença Portuguesa (1505-1541)*, dissertação de mestrado em História da Expansão Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2004. Sobre Agadir veja-se o seguinte resumo: Paulo David Vicente, "Agadir", in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. I, pp. 38-39.

[581] Joaquim Figanier, *História de Santa Cruz do Cabo de Gué (Agadir) 1505-1541*, p. 32; Jorge Correia, *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África*, pp. 328-334.

[582] Sobre Diogo de Azambuja veja-se Luciano Cordeiro, *Diogo d' Azambuja*, 1892; Otávio Pais de Carvalho, "Azambuja, Diogo de", *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, p. 105; Francisco Fernandes Lopes,"Azambuja, Diogo de", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. I, pp. 261-262.

[583] Alvará de D. Manuel, de 5 de Setembro de 1506. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 5, Nº 12. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXIII, pp. 128-129. Vejam-se também as referências dos cronistas dos séculos XVI e XVII: Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Capítulo 19, p. 69; Valentim Fernandes, *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénegal par Valentim Fernandes (1506/1507). (A Descripçam de Ceuta por sua Costa de Mauritania e Ethiopia pellos Nomes Modernos Prosseguindo as Vezes Algũas Cousas do Sartão da Terra Firme),* pp. 37-38; Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte II, Capítulo XIII, p. 177; Pedro de Mariz, no entanto, remete a construção deste castelo para 1505. Ver Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 711; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portvgvesa*, Capítulo VII, p. 76.

[584] Duarte Pacheco Pereira e Valentim Fernandes não referem o forte de Aguz, certamente inexistente aquando da produção dos seus trabalhos. Sobre este castelo veja-se David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, pp. 540-542 e "A Expansão em Marrocos", in *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Vol. I, p. 156; Pedro Dias, *A Arquitectura dos Portugueses em Marrocos 1415 – 1769*, pp. 189-192 e *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415 – 1822)*, p. 49; Jorge Correia, *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África*, pp. 334-336; Fernando Pessanha, *As guarnições militares na região da Duquela, nos Algarves Dalém-mar*, dissertação

"*oito legoas de Çafim*"[585]. E, de facto, nesse mesmo ano de 1508, a cidade de Safim foi tomada pelas armas[586].

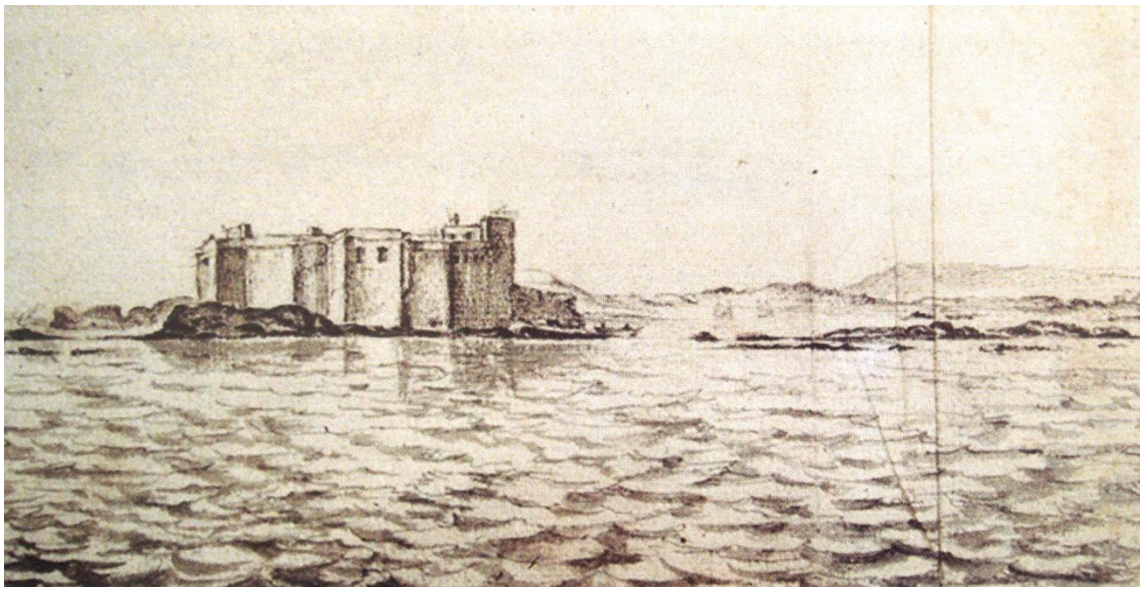


Fig. 28 - Representação do Castelo Real do Mogador, de Adriaen Matham (1641). Publicado por Lakhdar Omar in *Sur les traces de Castello Real a Amagdoul*, p. 66.
(On line) Disponível em: http://fortalezas.org/impressao_jpg.php?ct=fortaleza&id_fortaleza=540&muda_idioma=PT&id_midia=003470
(Consultado em 2 de Abril de 2020).

---

de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, pp. 41-43; Paulo Vicente, "Aguz", in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. I, p. 40.

[585] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, IV, Capítulo LXXXV, p. 601.

[586] Usando as palavras de Joaquim Romero de Magalhães, por então "*a ocupação da costa não sessara. De conquista em submissão, os portugueses foram-se instalando*" em cidades e em pequeno fortes que por vezes eram "*pouco mais que feitorias, que vão permitindo abastecer as praças e até participar em tráficos longínquos*". Veja-se Joaquim Romero de Magalhães "O Norte de África", in *História de Portugal, Vol. 3 – No Alvorecer da Modernidade*, José Mattoso (Dir.), p. 48.



Fig. 29 - *Combier, éditeur cim. Maroc. Mogador, la Scala*. (On line) Disponível em: https://maisondelaphotographie.ma/portfolio/combier-jean-combier-imprimerie-macon-cim/ (Consultado em 13 de Fevereiro de 2022).



Fig. 30 - O castelo de Aguz, já depois da empreitada realizada no reinado de D. João III. Vista do sentido Este-Oeste. Fotografia: Fernando Pessanha, 2021.



Fig. 31 - O castelo de Aguz, já depois da empreitada realizada no reinado de D. João III. Panos de muralha Este e Sul. Fotografia: Fernando Pessanha, 2021.



Fig. 32 - O castelo de Aguz, já depois da empreitada realizada no reinado de D. João III. Pano se muralha Oeste. Fotografia: Fernando Pessanha, 2021.

3.2 - Safim: contextualização histórico/geográfica

Tal como Azamor e Mazagão, também Safim está "*situada na costa do mar Oceano Atlantico, na provincia a que nos corruptamente chamamos Daduecala*"[587]. Encontra-se a cerca de 546 Km a sul da ponta de Sagres, 136 Km a sul de Azamor e a 126 Km a sul de Mazagão. Segundo o geógrafo árabe al-Idrici, do cabo de Mazagão a Safim, em linha recta, "*vão sessenta e nove milhas, e cento e trinta, seguindo o contorno da baia, no fundo da qual assenta a cidade*"[588]. O geógrafo Abu-l-Abbas Ahmad al-Qalqasandi, que descreveu Safim nos inícios do século XV[589], refere-a igualmente como

"*situada em una bahía, em terreno llano (...) Está situada em un terreno muy pedregoso y carece de agua que no sea de lluvia, porque el agua de sus manantiales no el dulce. Sus jardines se riegan com norias y sus viñas están a las puertas de la ciudad*"[590].

Safim foi, desde a sua fundação, uma cidade importante devido à sua localização geográfica. Funcionou como importante entreposto da navegação de cabotagem a partir do séc. X, como referiu al Bakri e al-Idrisi, e também como porto de mar de Marraquexe e da região da Duquela[591], sendo que a evolução de Safim e do seu território durante o período almóada foi objecto de estudo de Yassir Benhima[592]. Até ao

---

[587] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, II, Capítulo LVIII, p. 186.

[588] Al-Idrisi, *Description de l'Afrique et de l'Espagne*. Transcrito de Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 4.

[589] Segundo Luis Seco de Lucena, *al-Qalqasandi* faleceu em 1418, pelo que terá escrito parte da sua vasta obra uns dez anos antes. Veja-se Luis Seco de Lucena, *Marruecos a comienzos del siglo XV, según Abu-l-Abbas Ahmad al-Qalqasandi*, p. 123.

[590] Luis Seco de Lucena, *Marruecos a comienzos del siglo XV, según Abu-l-Abbas Ahmad al-Qalqasandi*, p. 39.

[591] Luis Seco de Lucena, *Marruecos a comienzos del siglo XV, según Abu-l-Abbas Ahmad al-Qalqasandi*, p. 39; Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, pp. 1-2; Jorge Correia, *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África*, p. 259.

[592] Yassir Benhima, "L'évolution du peuplement et l'organisation du territoire de la région de Safi à l'époque almohade", in *Los Almohades: problemas y perspectivas*, Vol. II, pp. 651-684.

século XII, Safim foi o extremo meridional da navegação[593]. Porém, no tempo de al-Idrisi, já os navios tinham progredido quatrocentas milhas em direcção ao sul[594], continuando essa progressão paulatinamente ao longo dos séculos XIII e XIV, como podemos ver pelo célebre Atlas Catalão de Abraão Cresques[595], de 1375, onde Safim se encontra representada[596].



Fig. 33 - O topónimo Safim (no documento "Saffe") no Atlas Catalão, de 1375. (On line) Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/44/Pizzigano.jpg?fbclid=IwAR3oQw_JxqDufCIuEAtmDlRY8a-zPt-wXCC59nizTHLP1e26anP9j6wWQgI (Consultado em 29 de Março de 2020).

---

[593] Veja-se, a título de exemplo, a viagem dos oito aventureiros que no séc. XII partiram de Lisboa, navegando o Atlântico para sul durante mais de um mês, visitando uma ilha deserta e uma habitada antes de regressarem por Safim, na costa africana. Ver José Mattoso, "Antecedentes medievais da Expansão Portuguesa", in *História da Expansão Portuguesa – Volume I - A Formação do Império (1415 – 1570)*, p. 19.

[594] Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, p. 91; João Cosme, *A Guarnição de Safim em 1511*, I.

[595] Sobre Abraão Cresques veja-se Luís de Albuquerque, "Cresques, Abraão", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, pp. 327-328.

[596] Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/44/Pizzigano.jpg?fbclid=IwAR3oQw_JxqDufCIuEAtmDlRY8a-zPt-wXCC59nizTHLP1e26anP9j6wWQgI (Consultado em 2 de Abril de 2020). Sobre o Atlas Catalão veja-se Vitorino Magalhães Godinho, *Mito e Mercadoria, Utopia e Prática de Navegar. Séculos XIII-XVIII*, pp. 66-67.

Refira-se, aliás, que a importância de Safim ao longo do século XV é atestada pela presença constante do seu topónimo nas cartas náuticas quatrocentistas, como na carta náutica de Zuane Pizzigano, de 1424[597], a carta marítima de Petrus Roselli, de 1466[598], a carta anónima de "Circa", de 1471[599], o portulano de Pedro Reinel, de 1485[600], portulano Albino Canepa, de 1489[601], ou na carta náutica de Jorge de Aguiar, de 1492[602], entre outras.

[597] Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/44/Pizzigano.jpg?fbclid=IwAR3oQw_JxqDufCIuEAtmDlRY8a-zPt-wXCC59nizTHLP1e26anP9j6wWQgI (Consultado em 29 de Março de 2020).

[598] Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b530748286/f1.item.r=marrakech.zoom (Consultado em 25 de Abril de 2022).

[599] Disponível em: https://nla.gov.au/nla.obj-233244836/view?fbclid=IwAR3X0-kzTwSwo_xpm0igXHK1Z2qUrxNevrPuYe_P8jjjN5ufvMV8-AlrlcY
(Consultado em 29 de Março de 2020).

[600] Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_Reinel#/media/Ficheiro:Pedro_Reinel_1485.png (Consultado em 29 de Março de 2020). Sobre o cartógrafo Pedro Reinel veja-se Alfredo Pinheiro Marques, "Reinel, Pedro e Jorge", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, pp. 940-941.

[601] Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7b/Portolan_chart_by_Albino_de_Canepa_1489.jpg?fbclid=IwAR0lpDlKRABNbM94eXjiR0AN2H5X6S7vF7kE-LNZP9ANHrGlT1Ii0_Y1JZI (Consultado em 29 de Março de 2020).

[602] Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/21/Jorge_Aguiar_1492_MR.jpg (Consultado em 29 de Março de 2020). Sobre o cartógrafo Jorge de Aguiar veja-se Paulo Nascimento, "Aguiar, Jorge de", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, pp. 30-31.



Fig. 34 - O topónimo Safim (no documento "Safi") na carta náutica de Zuane Pizzigano, de 1424.
(On line) Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/44/Pizzigano.jpg?fbclid=IwAR3oQw_JxqDufCIuEAtmDlRY8a-zPt-wXCC59nizTHLP1e26anP9j6wWQgI
(Consultado em 29 de Março de 2020).

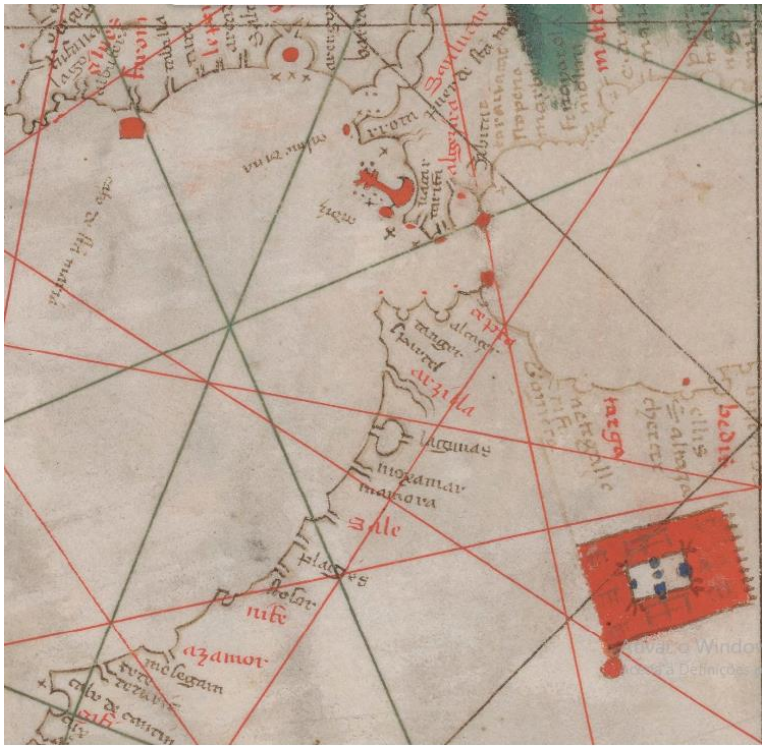


Fig. 35 - O topónimo Safim (no documento "Cafy") na *Carte marine de l'océan Atlantique Nord-Est et de la mer Méditerranée occidentale*, de Petrus Roselli, de 1466. B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE C-5096 (RES). (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b530748286/f1.item.r=marrakech.zoom
(Consultado em 29 de Março de 2020).



Fig. 36 - O topónimo Safim (no documento "Caffy") na carta anónima de "Circa", de 1471.
(On line) Disponível em:
https://nla.gov.au/nla.obj-233244836/view?fbclid=IwAR3X0-kzTwSwo_xpm0igXHK1Z2qUrxNevrPuYe_P8jjjN5ufvMV8-AlrlcY
(Consultado em 29 de Março de 2020).

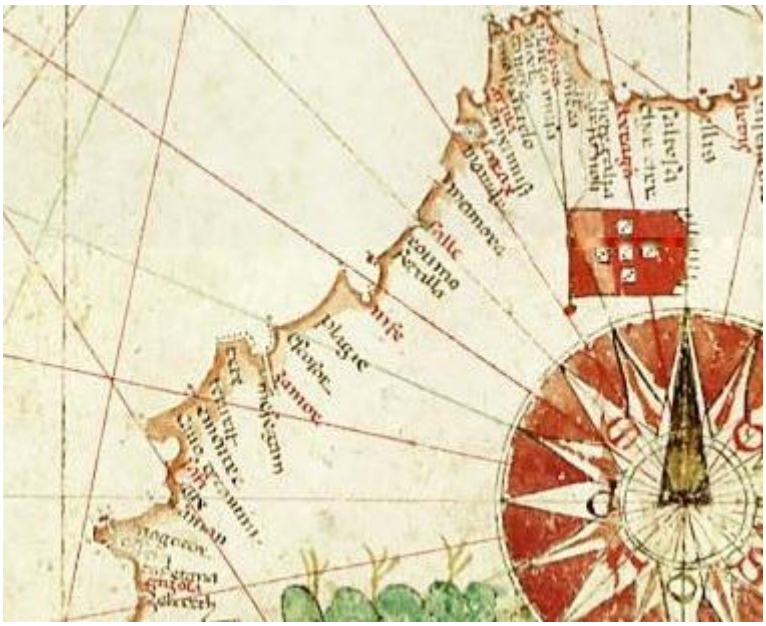


Fig. 37 - O topónimo Safim (no documento Safi) no portulano Albino Canepa, de 1489.
(On line) Disponível em:
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7b/Portolan_chart_by_Albino_de_Canepa_1489.jpg?fbclid=IwAR0lpDlKRABNbM94eXjiR0AN2H5X6S7vF7kE-LNZP9ANHrGlT1Ii0_Y1JZI
(Consultado em 29 de Março de 2020).



Fig. 38 - O topónimo Safim (no documento Çafim) na carta náutica de Jorge de Aguiar, de 1492.
(On line) Disponível em:
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/21/Jorge_Aguiar_1492_MR.jpg
(Consultado em 29 de Março de 2020).

As referências cartográficas a Safim até à conquista portuguesa podem ser encontradas noutras produções de íncios da centúria quinhentista, como o célebre Planisfério de Cantino, de 1502[603], ou a carta Atlântica de Pedro Reinel, de 1504[604], entre outros.

[603] Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Planisf%C3%A9rio_de_Cantino#/media/Ficheiro:Cantino_planisphere_(1502).jpg (Consultado em 2 de Abril de 2020). Sobre o Planisfério de Cantino veja-se Maria Teresa Amado, "Cantino, Planisfério de", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, pp. 191-192.

[604] Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/ba/Pedro_Reinel_1504.jpg (Consultado em 2 de Abril de 2020).



Fig. 39 - O topónimo de Safim (no documento Çaffi) no Planisfério de Cantino, de 1502. (On line) Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/21/Jorge_Aguiar_1492_MR.jpg (Consultado em 29 de Março de 2020).

De resto, Safim continua a aparecer na cartografia portuguesa e estrangeira durante o domínio português[605] e mesmo depois do abandono[606], tal como podemos ver

[605] Veja-se, a título de exemplo, a *Carta portulano del Mediterráneo y de las costas atlánticas de Europa y África*, de autor anónimo, datada de 1520. A.G.I., ES.41091.AGI//MP-EUROPA_AFRICA,125. (On line) Disponível em: http://pares.mcu.es/ParesBusquedas20/catalogo/show/18765 (Consultado em 25 de Janeiro de 2023).

[606] Sobre a cartografia portuguesa relativa ao noroeste africano veja-se A. Teixeira da Mota, "O Noroeste Africano na Cartografia Portuguesa Antiga", in *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, Nº 9, pp. 173-199; "Nota sobre os vestígios portugueses na Cartografia francesa do noroeste africano nos séculos XVII e XVIII", in *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, Nº 14, pp. 273-287. Sobre a cartografia portuguesa dos séculos XV e XVI veja-se Inácio Guerreiro, "A Cartografia Portuguesa dos séculos XV e XVI", in

pela carta náutica de Mateus Prunes, de 1563[607] ou pelo Atlas de Vaz Dourado[608], e pela cartografia estrangeira da Idade Moderna relativa ao noroeste africano de que nos serviremos ao longo do presente trabalho, como os mapas do Norte de África de Gerard Mercator (1512 - 1594)[609], o *Marochia*[610], de Livio Sanuto (1520-1576), os mapas *Fezzae et Marocchi regna Africae celebérrima*[611] e *Barbariae et biledvlgerid nova descriptio*[612], de Abraham Ortelius (1527-1598), o *Spieghel der Zeevaerdt vande navigatie*[613], de Lucas Jansz Waghenaer (1533-1606), o *Fessae et Marocchi regna*[614], de Jodocus Hondius (1563-1612), o *Estats et royaumes de Fez et Maroc, Dahra et Segelmesse tirés de Sanuto, de Marmol, etc*[615], de Nicolas Sanson (1600-1667), o *Statuum Maroccanorum regnorum nempe Fessani, Maroccani, Tafiletani et*

História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, pp. 237-265; Maria Fernanda Alegria; João Carlos Garcia; Francesc Relaño, "Cartografia e Viagens", in *História da Expansão Portuguesa – Volume I - A Formação do Império (1415 – 1570)*, pp. 27-61; Luís de Albuquerque, "Cartografia portuguesa (séculos XV-XVII)", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, pp. 213-217.

[607] Sobre Mateus Prunes veja-se Sandra Saenz-Lopez Perez, "La carta náutica de 1563 de Mateo Prunes" ("The 1563 Nautical Chart of Mateo Prunes"), in *Ros Togores*, pp. 176-192.

[608] Sobre Fernão Vaz Dourado veja-se Luís de Albuquerque, "Dourado, Fernão Vaz", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, pp. 359.

[609] Veja-se, a título de exemplo, o mapa do Norte de África publicado em *Atlas sive Cosmographicae meditationes de fabrica mundi et fabricati figura*. B.N.E., GMG/802. (On line) Disponível em: http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000001463&page=1 (Consultado em 25 de Janeiro de 2023).

[610] B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8079). (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b85954563 (Consultado em 20 de Novembro de 2019).

[611] S.D.R., (On line) Disponível em: https://exhibits.stanford.edu/renaissance-exploration/catalog/cf043dn8189 (Consultado em 20 de Novembro de 2019).

[612] B.N.P., *Cartografia*, C.A. 117 V. CFH11. (On line) Disponível em: https://purl.pt/24584/2/ (Consultado em 25 de Dezembro de 2021). Veja-se também B.N.E., GMG/795. (On line) Disponível em: http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000001402 (Consultado em 25 de Janeiro de 2023).

[613] B.N.P., Cartografia, C.A. 43 V. CFH11. (On line) Disponível em: https://purl.pt/27806/4/ca-43-v_PDF/ca-43-v_PDF_24-C-R0150/ca-43-v_0000_capa-capa_t24-C-R0150.pdf (Consultado em 25 de Dezembro de 2021). Veja-se também o *Speculum nauticum super navigatione maris Occidentalis confectum*. B.N.E., GMG/1025. (On line) Disponível em: http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000001642 (Consultado em 25 de Janeiro de 2023).

[614] B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE SH 18 PF 224 DIV 2 P 16/1 D, (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53142992f (Consultado em 20 de Novembro de 2019).

[615] B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8044), (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8595420g/f1.item.zoom (Consultado em 20 de Novembro de 2019).

Segelomessani...[616], de Johann Christoph Homann (1664-1730) ou o *Les Royaumes de Fez et de Maroc deux des plus célèbres de l'Afrique*[617], de Van Der Aa, Pieter (1659?-1733).

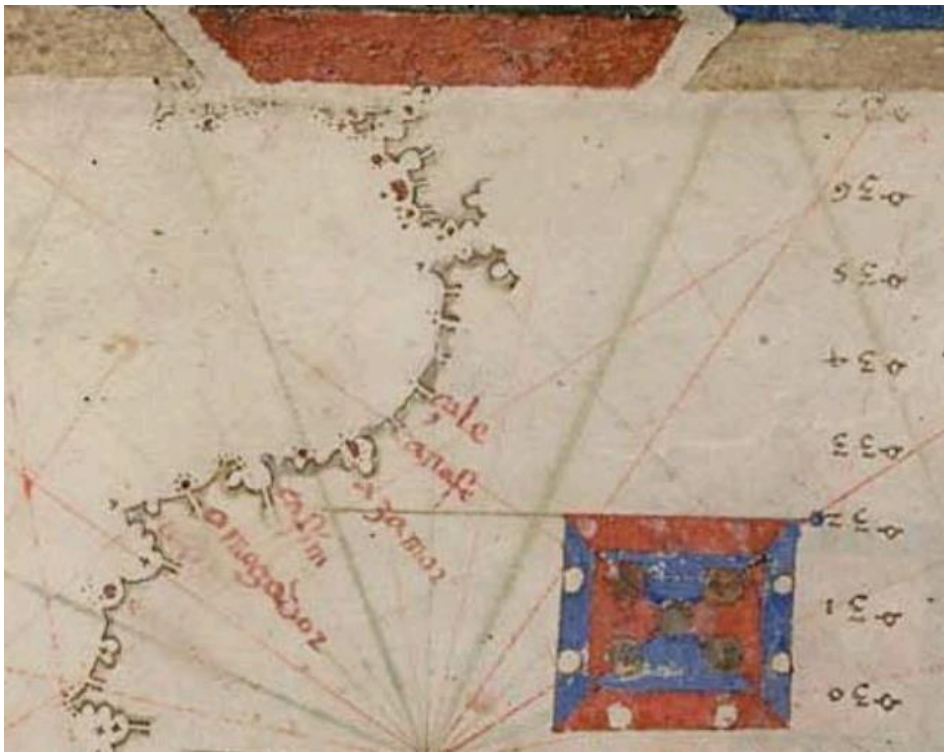


Fig. 40 - O topónimo de Safim (no documento Çafim) na *Carta portulano de la costa occidental de África*. A.R.C.V., ES.47186.ARCHV//PLANOS Y DIBUJOS,DESGLOSADOS,190. (On line) Disponível em: http://pares.mcu.es/ParesBusquedas20/catalogo/show/1592161?nm (Consultado em 26 de Janeiro de 2023).

[616] B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8045), (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8595421w/f1.item (Consultado em 20 de Novembro de 2019).

[617] B.N.F., *Département Cartes et plans*, GE DD-2987 (8043), (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8595419t?rk=236052;4#



Fig. 41 - O topónimo de Safim (no documento Çafim) no Atlas de Vaz Dourado, de 1576. B.N.P., *Manuscritos Reservados*, IL. 171 CFK. (On line) Disponível em: https://purl.pt/400/4/il-171_PDF/il-171_PDF_24-C-R0150/il-171_0000_capa-capa_t24-C-R0150.pdf
(Consultado em 25 de Dezembro de 2021).



Fig. 42 - O topónimo de Safim (no documento Asafiie) no *Spieghel der Zeevaerdt vande navigatie der Westersche Zee, Innehoudende alle de Custen van Vranckrijck Spaignen ende t'principaelste deel van Engelandt, in diversche Zee Caerten begrepen, met den gebruijcke van dien, nu met grooter naersticheijt bij een vergadert ende ghepractizeert*, de Lucas Jansz Waghenaer (1533-1606). B.N.P., *Cartografia*, C.A. 43 V. CFH11. (On line) Disponível em: https://purl.pt/27806/4/ca-43-v_PDF/ca-43-v_PDF_24-C-R0150/ca-43-v_0000_capa-capa_t24-C-R0150.pdf
(Consultado em 25 de Dezembro de 2021).

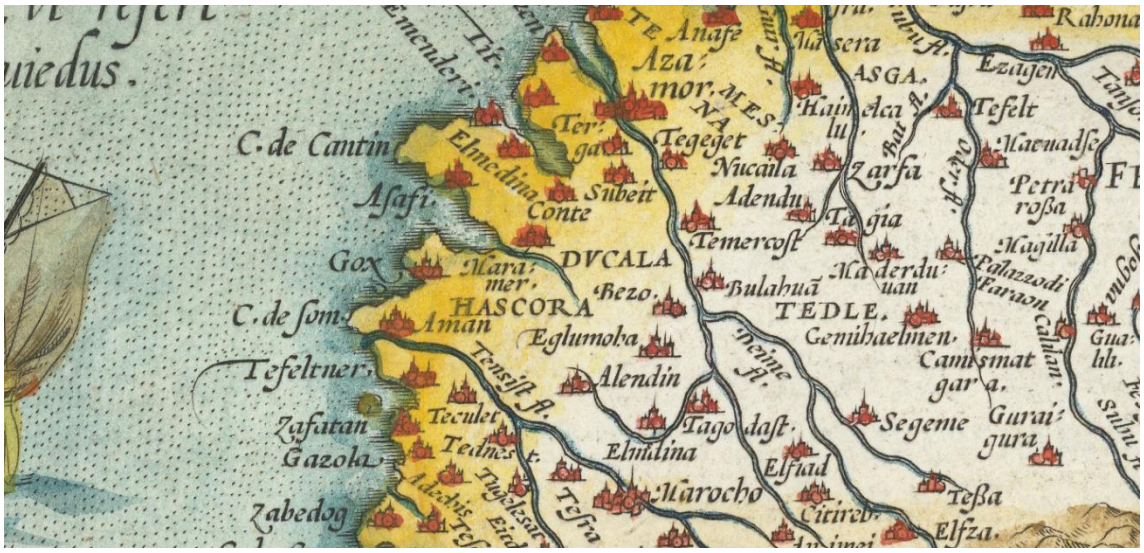


Fig. 43 - O topónimo de Safim (no documento Asafi) no mapa *Barbariae et biledvlgerid nova descriptio*, publicado no *Theatrum orbis terrarum*, de Abraham Ortelius (1527-1598). B.N.P., *Cartografia*, C.A. 117 V. CFH11. (On line) Disponível em: https://purl.pt/24584/2/ (Consultado em 25 de Dezembro de 2021).

Para além do já referido al-Idrisi, que viveu no séc. XII[618], também outras fontes árabes assumem especial importância para o nosso conhecimento sobre Safim antes da conquista portuguesa, nomeadamente, a *Descrição de África*, de Leão-o-Africano. De facto, diz-nos este viajante mourisco, que visitou Safim em 1500, que a cidade era por então composta por aproximadamente quatro mil fogos, sendo que cem destas casas pertenciam a judeus[619]. Nela vivia um elevado número de artesãos e tinha uma relação económica de grande dinamismo com Marraquexe, de quem dependeu politicamente até que a família Farhon se autonomizou[620]. Segundo Valentim Fernandes, a cidade contaria com uns três mil habitantes em 1507, qualificando-a de "*a melhor e a principal (cidade) q os Mouros tem em toda a costa d'este mar des ho estreyto pera Ethiopia*"[621]. Damião de Góis, que se baseou em Leão-o-Africano, diz-nos que

---

[618] Sobre al-Idrisi veja-se Ahmed Tahiri (coord.), *Itinerários e Reinos. Uma descoberta do mundo. O Gharb al-Andaluz na obra do Geográfo al-Idrisi*, 2011.

[619] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 179.

[620] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, II, Capítulo XVIII, p. 186; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro V, p. 107; Luciano Cordeiro, *Diogo d' Azambuja*, p. 43.

[621] Valentim Fernandes, *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénegal par Valentim Fernandes (1506/1507). (A Descripçam de Ceuta por sua Costa de Mauritania e Ethiopia pellos Nomes Modernos Prosseguindo as Vezes Algũas Cousas do Sartão da Terra Firme),* p. 34.

"*Çafim a que os mouros chamam Azaafi, he cidade muito antiga antrelles, edeficada pelos naturais da terra, segundo dizem os scriptores arábicos (…) antes que a ganhássemos senhoreava muitas aldeas & aduares, & entam era passante de quatro mil fogos, allem de quatro centas casas que nela havia de judeus*"[622].

Também Jerónimo Osório refere-se a Safim como cidade de

"*muita grandeza, muito opulenta em cabedais, e aonde de mui de vontade em razão dos ganhos acudiam de tôda a parte os mercadores. A região é mui fértil, e abunda em searas e rebanhos*"[623].

Informações, aliás, atestadas por autores como Pedro de Mariz, que seguiu de perto a crónica de Damião de Góis, e que se refere a Safim como cidade de "*natureza muito rica, e povoada de mais de quatro mil visinhos, e quatrocentas casas de Judeos, e senhoreava muitas Aldêas de Alabares*"[624], para além de Luis del Mármol Carvajal que, tendo escrito sobre Safim já depois do abandono português, também se refere à mesma antes de esta ser tomada pelas armas lusas:

"*El Pueblo es de quatro mil casas, y no es fuerte por que tiene muchos padrastros. Los campos al derredor son muy fertiles, donde se coge mucho pan, y se crian toda suerte de ganados, auque los moradores son tan para poco q solamente hacen caudal de vnos huertos que tienen cerca de la ciudad*"[625].

---

[622] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, II, Capítulo XVIII, p. 186. Ver anexo I, fig.11. Também Jerónimo Osório refere-se a Safim como cidade de "*muita grandeza, muito opulenta em cabedais, e aonde de mui de vontade em razão dos ganhos acudiam de tôda a parte os mercadores. A região é mui fértil, e abunda em searas e rebanhos*". Ver Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro V, p. 107; Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 711.

[623] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro V, p. 107.

[624] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 711.

[625] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte,

Todos estes testemunhos permitem afirmar que este aglomerado populacional se apresentava como o maior centro urbano da Duquela[626]. De resto, esta ideia tem vindo a ser claramente defendida pela historiografia contemporânea, nomeadamente, por investigadores como Vitorino Magalhães Godinho, que se refere a Safim como a cidade mais importante e próspera da Duquela[627], ou António Dias Farinha, para quem a cidade de Safim era, de facto, *"o centro populacional mais importante de Marrocos*"[628]. De facto, a importância e prosperidade evidenciada por esta cidade, e que se reflectiu na sua densidade demográfica, prende-se, desde logo, com o dinamismo do seu porto de mar, por onde eram escoadas as riquezas da região. De resto, investigadores como Ahmed Boucharb são lacónicos ao afirmar que "*esta cidade não tardou a tornar-se, após 1450, o mais activo dos portos de Marrocos*"[629]. Duarte Pacheco Pereira, que redigiu o *Esmeraldo de Situ Orbis* em 1506, já falava das riquezas com que se deparou aquando da sua passagem por Safim:

"*A cidade de Çafi (...) é muito fértil de pão, carnes, pescados e muitos e bons cavalos que hão dos Alarves, dos quais alguns se trazem pera estes reinos; e assi há*

Cap. LIII, fls. 41-42. Alguns anos mais tarde, o autor da *Descrição de Marrocos* de 1596 refere-se a Safim do seguinte modo: "*Safim he sidade picena e fraca; esta na costa do mar. Tem hum castello a que na aravia chamâo al Kassava; e nas portas delas estâo as armas reaeys de Purtugal. Na muralha da parte do mar tem alguma artelharia. Nâo tem el Rey nesta sidade guarnissam, mas esta sempre nela hum alcaide por el Rey com gente de caA'alo da mesma terra; e antre ela ha alguma de logo, cousa pouca*". Ver *Descrição de Marrocos – Copia do emperio e reinos dos xarifes na Berberia em Africa, & de algumas terras de negros, comessando na emperial sidade de Marrocos, cabessa do dito emperio, e sua comarca*. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliotèques de France, Vol. II, Doc. LXXXVII, p. 254.

[626] Note-se que Valentim Fernandes refere a existência de mil vizinhos em Azamor e de três mil vizinhos em Safim. Veja-se Valentim Fernandes, *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénegal par Valentim Fernandes (1506/1507). (A Descripçam de Ceuta por sua Costa de Mauritania e Ethiopia pellos Nomes Modernos Prosseguindo as Vezes Algũas Cousas do Sartão da Terra Firme)*, p. 28 e p. 34, respectivamente.

[627] Cf. Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, pp. 90-94.

[628] António Dias Farinha, "O Norte de África", in *História da Expansão Portuguesa*, Vol. I, p. 129.

[629] Ver Ahmed Boucharb, "A importância de Safi no império comercial português", in *Mare Liberum*, Nº 7, p. 194. Segundo este investigador, "*Safi era capaz de absorver toda a goma-laca importada da Índia e de satisfazer, por si só, todas as necessidades do comércio da Guiné em halks e hanbels*".

aqui ouro que os Alarves trazem por terra de Guiné, e muita courama de toda a sorte, e mel e cera, com outras mercadorias, em que se faz proveito"[630].

Esta informação facultada por Duarte Pacheco Pereira é, aliás, atestada por Valentim Fernandes, que refere ter esta terra "*muytos booms cauallos e muyto trigo e anyll que fazem no sartão, goma arábiga, alquiçes, bedéns, etc*"[631]. Não será exagerado afirmar que a produção cerealífera se apresentava, desde logo, como o bem mais valioso da cidade, ainda que Leão-o-Africano e Damião de Góis, embora reconhecendo a qualidade dos terrenos, se queixem da ignorância dos lavradores quanto ao cultivo da terra[632]. Ainda assim, a produção de cereais era de tal ordem que os portugueses começaram a negociar com Safim, pelo menos, desde meados da centúria quatrocentista, século em que a cidade começa a ser representada com regularidade na cartografia náutica portuguesa.

É, portanto, nesse contexto de comércio cerealífero que, como anteriormente referimos, encontramos João Nunes e Luís Fernandes a comprar cereais em Safim, em 1450[633], e que topamos com João Nunes e João Álvares na mesma cidade, para adquirir o mesmo bem alimentar, em 1455[634]. Mais uma vez, se considerarmos a deficitária produção cerealífera portuguesa do séc. XV, associada às necessidades de abastecimento impostas pela manutenção de Ceuta e aos novos interesses comerciais

---

[630] Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Capítulo 18, p. 66.

[631] Valentim Fernandes, *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénegal par Valentim Fernandes (1506/1507). (A Descripçam de Ceuta por sua Costa de Mauritania e Ethiopia pellos Nomes Modernos Prosseguindo as Vezes Algũas Cousas do Sartão da Terra Firme)*, p. 36.

[632] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 179; Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, II, Capítulo XVIII, p. 186.

[633] *Carta de perdão do degredo de Ceuta a Luis Fernandes*, em 16 de Fevereiro de 1452. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 12, fl. 24. Documento publicado por Pedro de Azevedo, *Documentos das Chancelarias Reais anteriores a 1531 relativos a Marrocos*, Vol. II, Doc. CIII, pp. 106-107.

[634] *Alvará a João Nunes e João Álvares para poderem negociar em Çafim, Çale e Anafé*, em 27 de Janeiro de 1455. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 15, fl. 30v. Documento publicado por Pedro de Azevedo, *Documentos das Chancelarias Reais anteriores a 1531 relativos a Marrocos*, Vol. II, Doc. CCXLI, pp. 250-251. Ver também outras transacções comerciais em Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, p. 92. Vê-se, desde modo, que Meyrelles do Souto se equivoca ao afirmar que somente "*pelo findar da v centúria* (Safim) *entrou em contacto connosco*". Ver Meyrelles do Souto, *Portugal e Marrocos (factos e notícias)*, p. 96.

resultantes do resgate de Arguim e da Guiné, somos impelidos a concluir que Portugal terá começado a cobiçar as riquezas de Safim a partir da década de cinquenta do séc. XV, ou seja, depois das explorações portuguesas na ilha de Arguim, em 1445[635], e de o infante D. Henrique, em 1455, ter dado ordem para a construção do castelo de Arguim, na actual Mauritânia, de forma a implementar condições de segurança para atrair um dos braços do comércio caravaneiro procedente da África a sul do deserto do Sara[636]. Deste modo, o castelo/feitoria de Arguim, que só viria a ficar concluído por volta de 1461, já depois da morte do infante D. Henrique, passava a receber caravelas que levavam tecidos, cereais e cavalos, que eram trocados por ouro e por escravos negros[637].

---

[635] Segundo Valentim Fernandes, "*Arguyn, ylha, per Gonçalo de Sintra foy descuberta no anno de 1445, ao qual os Mouros nesta viagem matarom em Naar ilha com outros sete homens*". Ver Valentim Fernandes, *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénegal par Valentim Fernandes (1506/1507). (A Descripçam de Ceuta por sua Costa de Mauritania e Ethiopia pellos Nomes Modernos Prosseguindo as Vezes Algũas Cousas do Sartão da Terra Firme)*, p. 48. De facto, foi em 1441 que Antão Gonçalves trouxe os primeiros escravos negros, capturados na costa norte da Mauritânia. Três anos depois, um grupo de algarvios dirigido pelo almoxarife de Lagos armou seis caravelas e alcançou a costa da Mauritânia, trazendo consigo duzentos e trinta e cinco escravos. A partir de então deu-se um substancial incremento do tráfego esclavagista, já que entre 1441 e 1448 deram entrada em Portugal um mínimo de mil escravos ou talvez mais. Ver Gomes Eanes de Zurara, *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné*, 1841; Fernando Pessanha, "O corso e a pirataria no golfo luso-hispano-marroquino: da conquista de Ceuta (1415) à morte de D. Manuel (1521)", in *Revista Portuguesa de História Militar – Dossier: Da fundação à Expansão (séculos XII-XVI)*, Nº 2, Ano II, (On line) Disponível em: https://doi.org/10.56092/WPEY6057

[636] Ver Arlindo Manuel Caldeira, "Da costa ocidental africana a Lisboa: o comércio de escravos nos séculos XV e XVI", in *Rossio: Revista de Estudos de Lisboa*, Vol. 7, pp. 63-64.

[637] De resto, o rentável comércio realizado em Arguim só começou a entrar em declínio a partir de 1530, quando os portugueses conseguiram estabelecer relações directas e consistentes com as populações negras subsarianas, o que permitiu aliviar os encargos com os intermediários mouros da Mauritana e evitar os assaltos por parte do corso sediado nas Canárias. Sobre o comércio negreiro oriundo de Arguim veja-se António de Almeida Mendes, "Portugal e o tráfego de escravos na primeira metade do séc. XVI", in *AFRICANA STUDIA*, Nº 7, pp. 19-21.

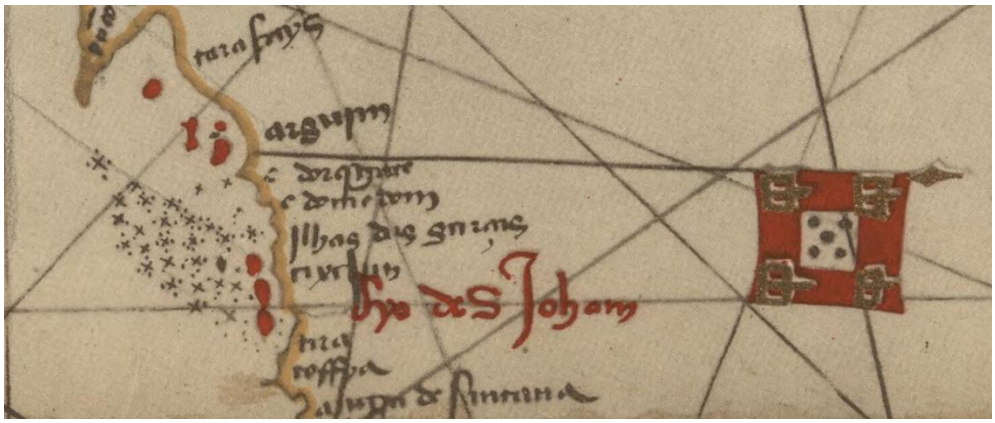


Fig. 44 - Localização do castelo/feitoria de Arguim na carta anónima de "Circa", de 1471.
(On line) Disponível em:
https://nla.gov.au/nla.obj-233244836/view?fbclid=IwAR3X0-kzTwSwo_xpm0igXHK1Z2qUrxNevrPuYe_P8jjjN5ufvMV8-AlrlcY
(Consultado em 29 de Março de 2020).

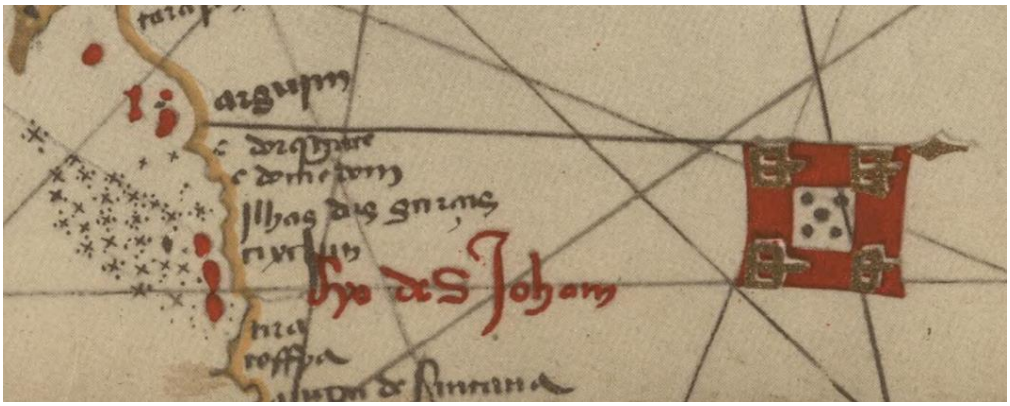


Fig. 45 - Localização do castelo/feitoria de Arguim na carta náutica de Albino Canepa, de 1489. São evidentes as semelhanças entre esta carta e a anónima de "Circa", de 1471.
(On line) Disponível em:
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7b/Portolan_chart_by_Albino_de_Canepa_1489.jpg?fbclid=IwAR0lpDlKRABNbM94eXjiR0AN2H5X6S7vF7kE-LNZP9ANHrGlT1Ii0_Y1JZI
(Consultado em 29 de Março de 2020).



Fig. 46 - Localização do castelo/feitoria de Arguim na carta náutica de Jorge Aguiar, de 1492.
(On line) Disponível em:
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/21/Jorge_Aguiar_1492_MR.jpg
(Consultado em 29 de Março de 2020).

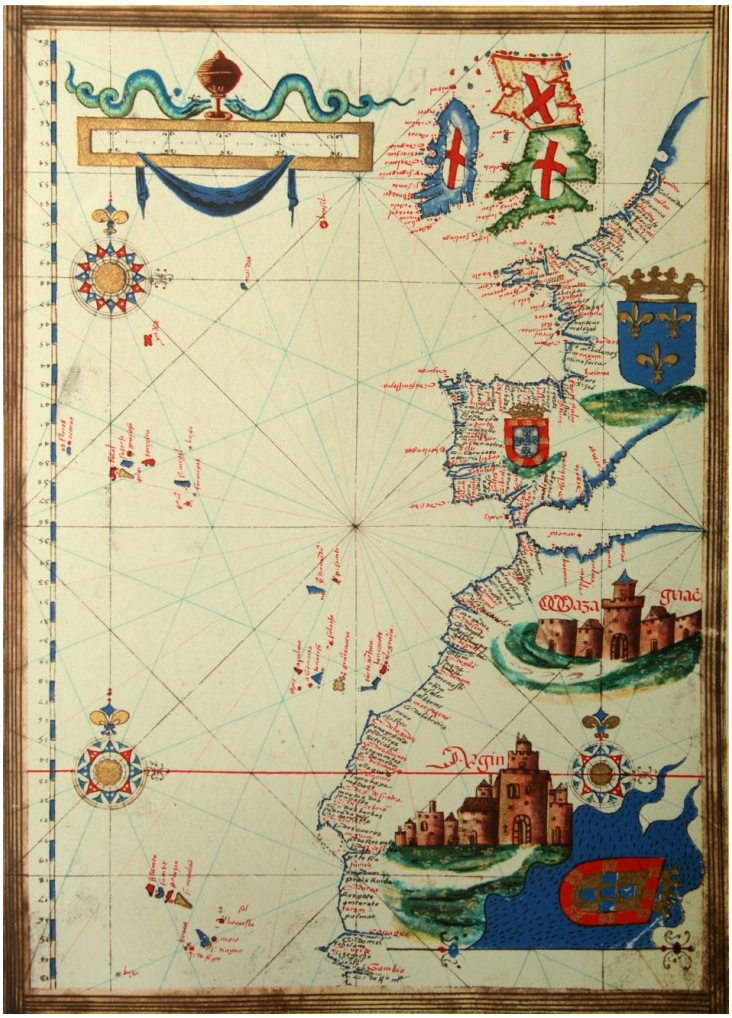


Fig. 47 - Representação do castelo/feitoria de Arguim numa Carta de Sebastião Lopes, de 1565.
(On line) Disponível em:
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/12/Sebasti%C3%A3o_Lopes_1575.jpg
(Consultado em 29 de Março de 2020).

Será nesse contexto que, logo em 1456, ainda antes da conquista de Alcácer Ceguer e pouco depois de os portugueses começarem a comprar trigo em Safim, foi enviada uma caravela àquela cidade, "*mais por os que nela iam verem o lugar como era fundado e as fortalezas dele e per onde se melhor poderia filhar*"[638], o que poderá, desde logo, denunciar a intenção de D. Afonso V em dirigir um ataque a Safim com os recursos disponibilizados para a cruzada contra os turcos invocada pelo papa Calisto III, após a queda de Constantinopla, em 1453[639]. Aliás, a ideia de um ataque a Safim por parte de D. Afonso V já anteriormente foi levantada por investigadores como Paulo Drumond Braga[640] ou João Cosme[641], para quem a carta de doação de David Malom, judeu morador em Lagos, a Vasco Esteves, pode presumir que já D. Afonso V tinha projectado tomar esta cidade do sul de Marrocos.

Como sabemos, os recursos disponibilizados por D. Afonso V para a cruzada contra os turcos acabaram por ser direccionados para Alcácer Ceguer, optando o monarca por um acordo entre Portugal e Safim. É nesse sentido que, em 1469, D. Afonso V concede uma autorização excepcional a Fernão Gomes, escudeiro da Casa Real, para enviar uma caravela com mercadorias a Safim[642], ou que em 1473 o mesmo

---

[638] *Carta de doação dos bens de David Malon, que avisou o alcaide de Çafim dos intentos de el-Rei sobre ela, a Vasco Esteves*. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 13, fl. 31. Documento publicado por Pedro Azevedo, *Documentos das chancelarias reais anteriores a 1531 relativos a Marrocos*, Vol. II, Doc. CCCX, p. 324; *Monumenta Henricina*, Vol. XII, p. 250; António Dias Farinha in *Portugal e Marrocos no século XV*, dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Vol. II, Doc. 68, p. 199.

[639] Rui de Pina, *Chronica de El-Rey D. Affonso V*, Vol. II, Capítulo CXXXV, p. 133 e Capítulo CXXXVIII, p. 140.

[640] Paulo Drumond Braga, "A Expansão no Norte de África", in *Nova História da Expansão Portuguesa - Vol. II - A Expansão Quatrocentista*, p. 270.

[641] João Cosme, *A Guarnição de Safim em 1511*, IV. Também os seguintes autores se referiram a David Malom: Amândio Barros, "A preparação das armadas no Portugal de finais da Idade Média", in *Revista da Faculdade de Letras. Historia*, 2ª Série, Nº VII, p.105. Ver também Ahmed Boucharb, "A importância de Safi no império comercial português", in *Mare Liberum*, Nº 7, p. 194.

[642] Veja-se, a título de exemplo, a *Licença régia a Fernão Gomes, escudeiro da Casa Real, para enviar uma caravela com mercadorias a Safim*, em 4 de Setembro de 1469. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 31, fl. 116. Documento publicado por João Martins da Silva Marques in *Descobrimentos Portugueses*, Vol. III, p. 67; António Dias Farinha in *Portugal e Marrocos no século XV*, dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Vol. II, Doc. 151, p. 371.

monarca autoriza outros comerciantes a comerciarem em terra de mouros exceptuando, no entanto, o "*trato com a cidade de Safim*"[643], o que sugere que a Coroa detinha, por então a exclusividade do trato comercial com a esta cidade[644]. De resto, esta relação particular com Safim até acaba por reflectir-se em situações como o perdão de D. Afonso V a "*Mafaruche Cuxeiro, mouro forro, morador em Faro*", a pedido de "*Alle Bem Farom, «servidor» de el-rei e sobrinho do alcaide de Safim*"[645], como foi referido na carta que D. João II enviou a Amadux, o alcaide da cidade em 1488[646]. Os moradores colocaram-se então sob a protecção do monarca português, que se obrigava a prestar-lhes auxílio militar. Em contrapartida, os habitantes de Safim comprometiam-se a pagar um tributo de trezentos meticais de ouro no mês de Setembro de cada ano, para além de permitirem a construção de uma feitoria que assegurasse a compra de produtos que

[643] Vejam-se, a título de exemplo, *Autorização régia aos mercadores Fernão Garcia e Jacome Rolão e ao bacharel Mendo Afonso, moradores em Lisboa, para comerciarem em terra de mouros, eles próprios ou seus feitores, exceptuando as mercadorias proibidas e o trato com a cidade de Safim*, em 15 de Julho de 1473. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 33, fl. 156. Documento publicado por António Dias Farinha in *Portugal e Marrocos no século XV*, dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Vol. III, Doc. 44, p. 79-80; *Carta régia de merce ao mercador Jerónimo Afonso, morador em Faro, para comerciar livremente na Berberia, durante dois anos, com excepção de Safim*, em 12 de Agosto de 1473. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 33, fl. 164. Documento publicado por António Dias Farinha in *Portugal e Marrocos no século XV*, dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Vol. III, Doc. 46, pp. 83.

[644] Note-se que também Castela tratava com Safim nessa década de setenta do séc. XVI, como podemos comprovar por documentos como o Salvoconducto al merceder genovés Pedro de las Calonias, em 13 de Setembro de 1478. Veja-se R.G.S.,LEG,147809,162.

[645] *Mafaruche Cuxeiro, mouro forro, morador em Faro, acusado de ferir Mafamede Bucarom, mouro forro, também morador em Faro, atendendo ao perdão da parte e ao pedido feito por Alle Bem Farom, "servidor" de el-rei e sobrinho do alcaide de Safim*, em 13 de Setembro de 1473. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 33, fl. 202v. Documento publicado por António Dias Farinha in *Portugal e Marrocos no século XV*, dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Vol. III, Doc. 55, pp. 93-94.

[646] Carta de D. João II ao alcaide e habitantes de Safim, em 16 de Outubro de 1488. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 1, Nº 43. Documento publicado in António Baião *Documentos do Corpo Cronológico relativos a Marrocos (1488 a 1514)*, pp. 5-9; *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. III, pp. 25-30. Vejam-se também David Lopes, "Os portugueses em Marrocos no tempo de D. Afonso V e de D. João II", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 463; Elaine Sanceau, *Os portugueses em Marrocos*, p. 132.

interessavam ao comércio com os negros, nomeadamente, com a feitoria de Arguim e de São Jorge da Mina[647]. Como símbolo da soberania e da protecção portuguesa, Amadux recebia uma bandeira real, sendo que o monarca português ainda concedia ao alcaide e aos moradores da cidade e da sua comarca o livre-trânsito e negócio nos seus domínios lusos de Aquém e de Além-mar.

Não sabemos se a feitoria portuguesa foi estabelecida em Safim imediatamente após a carta de mercê de 1488. Sabemos, no entanto, que a feitoria estava entregue a Rui Fernandes de Almada, cavaleiro da Casa Real, em 1491[648], altura em que os portugueses, nomeadamente os algarvios, negociavam com a cidade[649], como inclusivamente podemos verificar através de fontes primárias à guarda de arquivos espanhóis e de que são exemplos documentos como *Incitativa a las justicias del Puerto de Santa María sobre que a Bartolomé, genovés, vecino de Tavira, que es del reino de Portugal, le atacaron Ferrand Sánchez y consortes, que iban en una carabela de armada, tomándole las mercancías que llevaba a Azamór y a Çafi, ciudades de la Berbería, que están en amistad con el Rey de Portugal*, de 17 de Outubro de 1494[650].

---

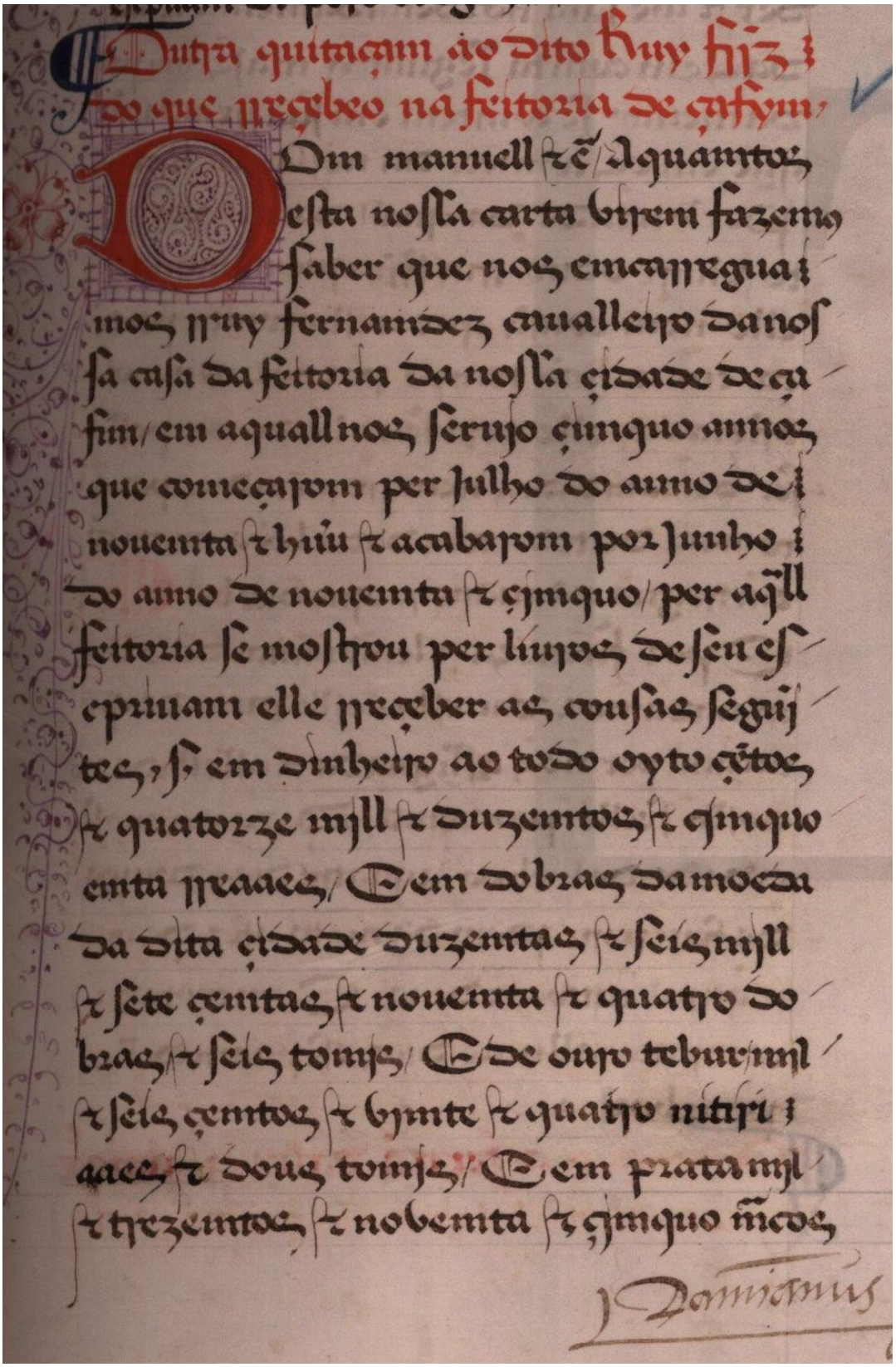
[647] Usando as palavras de Valentim Fernandes, "*Dom Joham 2º mandou fazer alli hua casa como castello, em a qual casa o dito rey tinha sempre huum feitor por respecto da mercadoria que compraua pera Guynee*". Ver Valentim Fernandes, *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénegal par Valentim Fernandes (1506/1507). (A Descripçam de Ceuta por sua Costa de Mauritania e Ethiopia pellos Nomes Modernos Prosseguindo as Vezes Algũas Cousas do Sartão da Terra Firme)*, p. 36. De resto, Safim veio a revelar-se vital para o resgate português na Guiné. Ver António Dias Farinha, "O Norte de África", in *História da Expansão Portuguesa*, Vol. I, p. 128.

[648] Carta de quitação a Rui Fernandes de Almada, feitor em Safim, do que recebeu e despendeu de Julho de 1491 a Junho de 1495, em 4 de Fevereiro de 1502. A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fls. 23-23v; A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 6, fl. 8v. Documento publicado por António Dias Farinha in *Portugal e Marrocos no século XV*, dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Vol. III, Doc. 171, pp. 388-391.

Ana Madalena Trigo de Sousa, "A feitoria de Safim: subsídios para a História de um entreposto comercial no Magreb (1421-1521)", in *Islenha*, Nº 40, p. 146.

[649] Luciano Cordeiro, *Diogo d' Azambuja*, p. 43; Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 16.

[650] A.G.S., RGS,LEG,149410,586.


Outra quitaçam ao dito Ruy fiz i
do que preçebeo na feitoria de çafym.

Dom manuell &c/ Aquantos
esta nossa carta virem fazemo
saber que nos encarregua i
mos Ruy fernamdez cavalleiro da nos
sa casa da feitoria da nossa çidade de ça
fim/ em aquall nos serujo çimquo annos
que começaram per julho do anno de i
nouenta & huu & acabaram por junho i
do anno de nouenta & çimquo/ per aq̃ll
feitoria se mostrou per liuros de seu es
crpuam elle preçeber as cousas seguj
tes, s. em dinheiro ao todo oyto çẽtos
& quatorze mill & duzentos & çimqu
enta reaaes/ E em obras da moeda
da dita çidade duzentas & seis mill
& sete çentas & nouenta & quatro o
bras & seis tomjs/ E de ouro tebur/ml
& seis çentos & bymte & quatro mitjs i
aaes & dous toinjs/ E em prata mil
& trezentos & nobemta & çimquo mjcos

Damianus

Segundo Fortunato de Almeida, Safim já tinha um bispo titular desde 1487[651], apesar de ainda não ser sede episcopal, e já tinham a sua capela, para onde foi enviada, em finais do séc. XV, "*um retabulo pintado de ymages; duas vestimentas, uma de chamalote preto e outra de cetim aveludado azur*"[652]. De resto, pouco se sabe sobre a vida religiosa na Safim de então. Já as cartas de quitação, por outro lado, facultam informações de interesse, sendo através das quais que tomamos conhecimento de alguns dos feitores e contadores anteriores à conquista portuguesa. É com base nessa documentação que sabemos que Lopo de Azevedo substituiu o feitor Rui Fernandes, em 1 de Junho de 1495[653], mandato em que o "*Venturoso*" confirmou a carta de mercê aos habitantes de Safim, em 12 de Abril de 1496[654]. Dois anos depois, em 15 de Fevereiro de 1498, o feitor Lopo de Azevedo foi substituído por Nuno de Freitas[655].

Foi durante o mandato de Nuno de Freitas que chegaram a Portugal notícias do que se ia passando em Safim. As narrativas dos cronistas quinhentistas Leão-o-Africano, Damião de Góis, D. Jerónimo Osório, Pedro de Mariz e Luis del Mármol Carvajal são silenciosas quanto ao auxílio então prestado pelos portugueses[656], motivo pelo qual a carta de Diogo de Borges à rainha viúva D. Leonor aparece como a principal fonte para o conhecimento dos factos. Ora, segundo esta carta de Diogo Borges à rainha D. Leonor, de 28 de Setembro de 1498, o alcaide Amadux era por então "*homem muito*

---

[651] Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, Vol. III, p. 51.

[652] Vergílio Correia, *Lugares Dalêm – Azemôr, Mazagão, Çafim*, p. 84.

[653] Carta de quitação para Lopo de Azevedo, de 7 de Maio de 1499. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 16, fl. 60; A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fls. 63v-64v. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. VI, p. 43.

[654] David Lopes, "Os portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 464.

[655] Cf. Carta de quitação para Lopo de Azevedo, de 7 de Maio de 1499. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 16, fl. 60; A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fls. 63v-64v. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. VI, p. 43. Outras cartas de quitação revelam a identidade de outros feitores de Safim anteriores à conquista portuguesa, como "*Nuno Fernandes que esteve por feitor em Çafim*". A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fls. 65v-66.

[656] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 179; Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, II, Capítulo XVIII, p. 186; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro V, p. 107.

velho, e já nada mandava"[657], motivo pelo qual o governo da cidade andava a ser disputado pelo partido do seu sobrinho Abderramão[658], que veio a Portugal pedir apoio, e pelos partidários de Castela chefiados por Aziate, o portador das cartas de Amadux a D. João II, em 1488, e que geria a cidade em nome do velho alcaide.

De Portugal partiu então uma armada, comandada pelo já referido Diogo Borges, e que levava Abderramão e instruções para auxiliar o partido português. Porém, ao chegarem a Safim, o velho Amadux mandou Abderramão para o desterro, o que constituiu motivo de descontentamento para os interesses dos portugueses. Diogo Borges concebeu então um plano: atrair Aziate à feitoria portuguesa para ser assassinado por Abderramão. O feitor português, porém, recusou a tal plano, pelo que Abderramão procurou sublevar as gentes da cidade, desde que os portugueses o protegessem e na feitoria pudesse encontrar refúgio. O jovem, acompanhado por três mouros e dois cristãos, bem procurou sublevar a população, mas em vão. A multidão, cautelosa, não tomou o partido de Abderramão, aparentemente permanecendo do lado de Aziate. Foi então que Abderramão, no calor de uma discussão com um familiar favorável a Aziate e aos castelhanos, trespassou o peito do próprio irmão com uma lança e, temendo pela sua segurança, se retirou para a feitoria portuguesa, onde encontrou refúgio.

Deste episódio ficou claro que a passividade da população, que não procurou vingar o partidário de Aziate, é bem representativa das simpatias que Abderramão granjeava entre as gentes da cidade que, cautelosos, não manifestavam o seu apoio por receio de sofrer represálias. Aliás, assim que os partidários dos castelhanos se ausentaram do referido confronto, a população correu para a feitoria, aclamando Abderramão como seu líder. Afastado Aziate, que foi desterrado de Safim, o velho alcaide Amadux percebeu que dali em diante seria Portugal a mandar na cidade, pelo que acabou por se reconciliar com Abderramão, dando instruções à população, numa cerimónia de grande solenidade, para obedecerem ao seu sobrinho.

---

[657] Ver Carta de Diogo Borges à rainha D. Leonor, de 28 de Setembro de 1498. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 2, Nº 123. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. V, p. 38.

[658] Sobre Abderramão veja-se o resumo de Joel Serrão: "*Abderramão. Alcaide mouro de Safim, nomeado por D. Manuel I. Chefiou uma revolta contra os seus e acabou por morrer assassinado, em 1506*". Ver Joel Serrão, "Abderramão", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. I, p. 4.

Segundo os cronistas Leão-o-Africano, Damião de Góis, D. Jerónimo Osório ou Luis del Mármol Carvajal, Abderramão assassinou o próprio tio[659], acabando por se manter no governo da cidade entre 1499 e 1506. Logo em 17 de Junho de 1499, o Papa Alexandre VI constituiu a diocese de Safim para que o bispo D. João Aranha exercesse a sua jurisdição sobre Azamor, Almedina, Tite, Mazagão e todos os lugares a elas adjacentes[660]. Quanto à feitoria portuguesa de Safim, continuou sob a administração de Nuno de Freitas até fins de Setembro de 1500, ano em que foi substituído por Nuno Fernandes, cavaleiro da Casa Real, como se vê pela carta de quitação de 20 de Agosto de 1501[661].

Não obstante o apoio prestado por Portugal a Abderramão[662], não tardaram os desentendimentos entre este e os portugueses, ao ponto de D. Manuel dar instruções a Ali Ben Ouachman para o alcaide mouro não se denominar senhor da cidade, uma vez que tal senhorio pertencia ao rei de Portugal:

"*nom se deve chamar senhor de Çafi nem querer que lho chamem, pois o senhorio he noso e a çidade esta per nossa; soomente deve aver por bem de se chamar*

---

[659] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 179; Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, II, Capítulo XVIII, p. 186; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro V, p. 107; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LII, fl. 41. Refira-se que Durval Pires de Lima e David Lopes não fazem qualquer referência a este alegado homicídio, ainda que tenham seguido de perto as narrativas destes cronistas.

[660] Bula de Alexandre VI, de 17 de Junho de 1499. A.N.T.T., *Bulas*, maço 16, Nº 21. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. VII, pp. 48-50. Ver também Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, Vol. III, p. 57; António Dias Farinha, "Marrocos", in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, p. 177.

[661] Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 18.

[662] Como bem observou José António Conceição de Sousa, "*na sequência de uma revolta, tornou-se ele alcaide de Safim ao serviço dos portugueses, tendo obtido a protecção da rainha D. Leonor, viúva de D. João II*". Veja-se José António Conceição de Sousa, *"Gente" na Expansão portuguesa: gestão de recursos humanos nos séculos XV e XVI*, dissertação de mestrado em História e Arqueologia da Expansão e dos Descobrimentos Portugueses apresentada à Universidade Nova de Lisboa, p. 79.

xeque e alcayde por nos da dycta çidade; e que asi lhe emcomendamos que o faça, porque o contrayro nem he rezom nem se deve fazer"[663].

Os desentendimentos entre Abderramão e os portugueses levaram a que estes procurassem outro indivíduo que favorecesse os seus interesses em Safim. Foi neste contexto que D. Manuel acedeu em receber o desterrado Aziate, quando este pediu um salvo-conduto para vir a Portugal apresentar uma proposta ao monarca português[664], alegando ser capaz de persuadir o rei de Marraquexe, Nacer Ben Yousuf, a pagar tributo[665]. O verdadeiro objectivo de Aziate era, claro está, persuadir o "*Venturoso*" a restituir-lhe o património que lhe tinha sido confiscado e substituí-lo por Abderramão na alcaidaria de Safim. Em troca, o novo alcaide comprometia-se a permitir a construção de uma fortaleza portuguesa na cidade, caso a proposta fosse do interesse de D. Manuel[666]. De resto, a carta de Pedro Mendes a D. Manuel, em 6 de Dezembro de 1502, é bem esclarecedora das intenções de Aziate[667].

As negociações devem ter sido proveitosas para ambas as partes já que, em 1505, no mesmo ano em que Jorge de Melo tentou construir uma fortaleza em

---

[663] Carta de D. Manuel para Ali Ben Ouachman, de 15 de Julho de 1500. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 15, maço 9, Nº 3. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. VIII, pp. 51-56 e *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, p. 204.

[664] Carta dos Xeques de Mechenzaya a D. Manuel, em 4 de Novembro de 1502. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 15, Nº 139. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XIII, pp. 70-71.

[665] Carta de D'En-Nacer Ben Yussuf a D. Manuel, em 16 de Novembro de 1502. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 15, Nº 139. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XIV, p. 72, nota 3 e *Documentos do Corpo Cronológico relativos a Marrocos (1488 a 1514)*, pp. 11-12.

[666] Carta de Yahya Aziate a D. Manuel, em Dezembro de 1502. A.N.T.T., *Corpo Cronologico*, Parte 2, maço 15, N° 139. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XVI, pp. 77-78.

[667] Carta de Pedro Mendes a D. Manuel, em 6 de Dezembro de 1502. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 3, Nº 123. Documento publicado por António Baião in *Documentos do Corpo Cronológico Relativos a Marrocos 1488-1514*, pp. 11-12 e em *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XVII, pp. 79-82.

Mazagão[668], partiu de Portugal uma armada com destino a Safim, comandada por Garcia de Melo[669], e na qual seguia Aziate. O objectivo da expedição era claro: persuadir os habitantes de Safim a tomarem por alcaide Aziate. As instruções de D. Manuel para Garcia de Melo[670] eram claras e demonstram a elaboração de um plano minucioso que, no entanto, não se veio a concretizar, já que era Abderramão a continuar como alcaide da cidade em 1506, ano em que acabou por ser assassinado.

A escassez de documentação leva-nos a ter de recorrer às narrativas de Leão-o-Africano e de Damião de Góis, que seguiu de perto a narrativa deste escritor mourisco, assim como as de D. Jerónimo Osório, Pedro de Mariz e Luis del Mármol Carvajal, algumas décadas mais tardias. Segundo estes cronistas, Abderramão tinha uma filha que se apaixonou por Aliadux, filho de Guiziman. Diz-nos Leão-o-Africano que este era um homem de baixa condição, ainda que líder de um grande partido[671]. Damião de Góis, por outro lado, diz tratar-se de um membro de uma família nobre, ainda que de condição inferior à do alcaide, "*eram com tudo, huma das boas famílias da cidade, poderosos, &*

---

[668] Carta Patente de D. Manuel, em 21 de Maio de 1505. A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fls. 133v-135; A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 42, fl. 25. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXI, pp. 108-113.

[669] Trata-se do anadel-mor dos besteiros e capitão da armada que então andava a patrulhar o Estreito. Note-se que já em 1504 tinha Garcia de Melo liderado um vitorioso ataque contra Larache, na altura um perigoso ninho de piratas. Ver Rui Landeiro Godinho, "A Armada do Estreito de Gibraltar no século XVI", in *A Guerra Naval no Norte de África (Séculos XV-XIX)*, p. 120; Fernando Pessanha, *Os 500 anos da Fundação de Arenilha*, p. 30 e "Ataques da pirataria à foz do Guadiana e a acção de António leite, alcaide-mor de Arenilha", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XL, p. 68, nota 25. Depois da conquista de Safim, Garcia de Melo foi nomeado alcaide-mor de Castro Marim e participou em inúmeras expedições ao Norte de África. Acabou por vir a ser capitão de Safim de 1526 a 1529. Vejam-se Luís Miguel Duarte, "Garcia de Melo em Castro Marim (a actuação de um alcaide mor no início do século XVI)", in *História: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, série II, Vol. 5, pp. 131-149; Fernando Pessanha, "A Pirataria no extremo sudeste algarvio, nos alvores da Idade Moderna", in *Academia de Marinha. Memórias 2019*, Vol. XLIX, pp. 445-472; Fernando Pessanha, "Garcia de Melo - Bellator da Expansão Portuguesa nos Algarves de Aquém e de Além-mar", in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3392, 30 de Março de 2022, p. 13.

[670] Instruções para Garcia de Melo, em 18 de Junho de 1505. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 5, Nº 28. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXII, pp. 114-119 e in *Documentos do Corpo Cronológico relativos a Marrocos (1488 a 1514)*, pp. 20-23.

[671] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 179.

de muitos parentes"[672]. Seja como for, Abderramão reprovou os sentimentos da filha, e mais se encolerizou ao saber que Aliadux, com a cumplicidade da sua própria mulher e de uma escrava, já há algum tempo mantinha relações intimas com a rapariga. Para se vingar desta afronta, Abderramão concebeu assassinar o jovem. Porém, Aliadux, prevenido das intenções do alcaide, antecipou-se a este, combinando com o seu amigo Bentafufa a morte de Abderramão. Quando o alcaide convidou Aliadux para irem cavalgar pelo campo depois da oração na mesquita, com o pretexto de conversarem de um assunto do interesse de ambos, o jovem bem viu o que o esperava. Combinado com Bentafufa e outros criados e familiares, foram então à mesquita, onde Aliadux apunhalou Abderramão pelas costas e Bentafufa lhe desferiu um golpe com a espada. Os guardas do alcaide assassinado nada puderam fazer ao perceber que os jovens estavam protegidos por criados e familiares armados. Após o alvoroço na mesquita, Aliadux justificou a morte do alcaide em praça pública e a população, saturada dos abusos de poder de Abderramão, acabou por aclamar os dois homicidas como governadores da cidade[673].

Havia, porém, a recear o contra-ataque dos partidários do alcaide assassinado, para além das desconfianças dos dois jovens, que começaram a disputar o poder entre si. Diogo de Azambuja, "*comendador da ordem d' Aviz*"[674] que estava como capitão no Castelo Real do Mogador[675] - que o autor da Descrição de Marrocos de 1596 localiza a

---

[672] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, II, Capítulo XVIII, p. 186.

[673] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 180; Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, II, Capítulo XVIII, p. 186; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro V, p. 107; Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 711-712; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fls. 41-42.

[674] Valentim Fernandes, *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénegal par Valentim Fernandes (1506/1507). (A Descripçam de Ceuta por sua Costa de Mauritania e Ethiopia pellos Nomes Modernos Prosseguindo as Vezes Algũas Cousas do Sartão da Terra Firme)*, p. 38.

[675] Carta patente de D. Manuel, em 27 de Junho de 1507. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXIV, pp. 130-132. Diogo de Azambuja tinha sido o construtor deste castelo. Veja-se o "*mandado régio para os almoxarifes ou recebedores da Ilha da Madeira satisfazerem todos os pedidos de Diogo de Azambuja, destinados às obras da fortaleza de Mogador*", em 5 de Outubro de 1506. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 5, Nº 112. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et

oito léguas de Safim[676] - soube entretanto do que se passava na cidade através de um grupo de castelhanos que se tinha evadido do cárcere, em Safim. Azambuja recebeu então a visita de Aliadux, que lhe pediu apoio para se defenderem dos parentes e amigos de Abderramão. O capitão do Castelo Real acedeu prontamente, partindo com doze portugueses para Safim. Através da carta dos moradores de Safim a D. Manuel, em 2 de Julho de 1509, sabemos que a sua entrada em Safim, de "*bengala na mão e hum ramo de manjaricão na boca*", foi bem acolhida pela população, que o "*receberão com muita alegria, e contentamento*"[677]. A estadia do velho capitão foi no entanto, muito breve, já que este tomou conhecimento que outros mouros, descontentes com a sua presença, o queriam assassinar. Face a este perigo, Bentafufa ficou a gerir a cidade[678] e Azambuja regressou ao Castelo Real levando consigo Aliadux e outros mouros principais, para levá-los como embaixadores a Portugal, de modo a se tornarem vassalos de D. Manuel.

Já em Portugal, Diogo de Azambuja recebeu instruções do monarca português para tomar a cidade. Para tal, o rei ordenou a Garcia de Melo, que então andava a

---

Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXIII, pp. 128-129 e em António Dias Farinha, "A Madeira e o Norte de África nos Séculos XV e XVI", in *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, Vol. I, p. 366. Vejam-se também a "*notícia da construção do Castelo Real que Diogo de Azambuja, por ordem d'el-rei fazia no Mogadoiro, nas partes da Berbérie*", em 7 de Outubro de 1507. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 38, fl. 54v; Carta patente de D. Manuel, em 25 de Agosto de 1508. A.N.T.T., *Leitura Nova*, liv. 2 de Reis, fls. 212v-213v. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXI, pp. 169-173.

[676] "*Oito legoas de Safim (…) esta a ilha de Mogodor*". Ver *Descrição de Marrocos – Copia do emperio e reinos dos xarifes na Berberia em Africa, & de algumas terras de negros, comessando na emperial sidade de Marrocos, cabessa do dito emperio, e sua comarca*. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliotèques de France, Vol. II, Doc. LXXXVII, p. 253.

[677] Carta dos moradores de Safim a D. Manuel, em 2 de Julho de 1509. A.N.T.T., *Colecção de cartas*, Núcleo Antigo 891, maço 2, Nº 48. Documento publicado in *Documentos Arabicos para a Historia Portugueza copiados dos Originais da Torre do Tombo*, Doc. IV, p. 13. O mesmo documento foi publicado em Luciano Cordeiro, *Diogo d' Azambuja*, pp. 73-79, para além de ter sido traduzido para francês e publicado por Pierre de Cenival in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXXIII, pp. 190-202.

[678] Como bem observou José António Conceição de Sousa, Bentafufa "*chegou a ser alcaide de Safim durante um curto período de tempo*". Veja-se José António Conceição de Sousa, *"Gente" na Expansão portuguesa: gestão de recursos humanos nos séculos XV e XVI*, dissertação de mestrado em História e Arqueologia da Expansão e dos Descobrimentos Portugueses apresentada à Universidade Nova de Lisboa, p. 79.

patrulhar o Estreito, para partir com a sua armada para Safim, de modo a auxiliar Azambuja. Segundo Damião de Góis, o velho capitão chegou a Safim com Aliadux em 6 de Agosto de 1507[679], encontrando a cidade dividida em dois partidos e com propósitos contrários aos dos embaixadores enviados a Portugal. Foi então que os portugueses, ao constatarem a resistência de Bentafufa e Aliadux aos planos de D. Manuel, delinearam uma estratégia: semear a discórdia entre eles, fazendo-os crer que cada um conspirava para assassinar o outro. Ambos os líderes solicitaram então a protecção dos portugueses, que aproveitaram para desembarcar, dissimuladamente, homens, armas e munições escondidas dentro de barris, como se tratassem de mercadorias e mantimentos[680]. Entretanto, os habitantes de Safim escreveram a D. Manuel em 13 de Agosto de 1507, queixando-se de Azambuja e acusando-o de não querer "*entender na povoação d'esta cidade, mas antes a quer vacar e despovoar, que, com a espada"*[681], obrigando-os a obedecerem e a estimarem Aliadux, o traidor, enganador e malicioso que Azambuja, aparentemente, tinha nomeado como regedor da cidade em substituição de Bentafufa, que era uma figura querida da população.

Enquanto grassava a desordem na cidade, com lutas internas entre as facções que disputavam o poder, o capitão português dava continuidade à construção da fortaleza, sem que os mouros se apercebessem. A epistolografia dá-nos pistas sobre a actividade de Diogo de Azambuja[682], sendo que a sua carta ao rei, de 13 de Dezembro de 1507, dá-nos conta do adiantamento da empreitada, dizendo que era necessário fazer uma das torres mais forte e uma cisterna, para além de manifestar a intenção de "*poer a*

---

[679] Luis del Mármol Carvajal engana-se claramente quando remete a chegada de Diogo de Azambuja para "*mil y quinientos y setenta años*". Ver Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 42 v.

[680] No dizer de Damião de Góis, "*meteram em arcas, pipas, & barris algumas armas, bestas e espingardas*" Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, II, Capítulo XVIII, p. 188.

[681] Carta dos habitantes de Safim a D. Manuel, em 13 de Agosto de 1507. B.N.P., MS. 7638, Nº 63. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXVI, pp. 136-138 e em *Textos em Aljamía Portuguesa*, Doc. I, pp. 82-83.

[682] Veja-se, a título de exemplo, "*Mandado de Francisco Álvares, juiz da alfândega do Funchal, Ilha da Madeira, para o recebedor da mesma alfândega comprar para o Castelo Real (Mogador), tudo o que lhe fora pedido por Diogo da Azambuja*", em 14 de Outubro de1507. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 13, Nº 97.

bandeyra em Marrocos"[683] (Marraquexe), para que um filho de D. Manuel viesse ali a ser rei. Alguns dias depois, em 25 de Dezembro, o feitor e o escrivão da feitoria também escreveram ao soberano acerca do estado de desordem e miséria da cidade, explicando que a população, receosa das lutas entre os partidos que os dividiam entre si, abandonavam a cidade por falta de segurança[684]. Face às solicitações de Azambuja, D. Manuel mandou para Safim quatro navios comandados por Gonçalo Mendes Sacoto, e onde seguiam Lopo Barriga, que viria a ser adail, Nuno Gato, que viria a ser contador, e outras pessoas nobres, para além de duzentos besteiros e espingardeiros[685]. Por outras palavras, os derradeiros reforços para Diogo de Azambuja e Garcia de Melo acabarem de conquistar a cidade.

O reforço da presença portuguesa permitiu que Azambuja nomeasse Bentafufa como único alcaide da cidade, afastando Aliadux. Porém, o mouro mostrava-se resistente à abertura de uma porta na muralha, que iria permitir que os portugueses abastecessem a feitoria portuguesa, entretanto reforçada, com armas e munições[686]. Azambuja ainda pretendeu aliciar Aliadux a assassinar Bentafufa, mas este, desconfiado de que o queriam matar, refugiou-se na feitoria, ignorando que era o próprio capitão português o mentor da conspiração. Bentafufa partiu então para Portugal, onde foi recebido por D. Manuel.

---

[683] Carta de Diogo de Azambuja a D. Manuel, em 13 de Dezembro de 1507. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 6, Nº 69. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXVII, p. 142.

[684] Carta de João Lopes de Alvim e de Cristóvão de Almeida a D. Manuel, em 25 de Dezembro de 1507. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 39. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXVIII, pp. 145-148. Pedro Pinto intitulou este documento de "*Carta de João Lopes de Alvim e Cristóvão de Almeida, respectivamente feitor e escrivão da feitoria de Safim, a D. Manuel I sobre as necessidades de que a terra padecia, sobretudo na justiça e povoamento*". Veja-se Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 261.

[685] Exagera claramente Leão-o-Africano quando ao afirmar serem cinco mil portugueses. Ver Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 181. Damião de Góis discrimina os nobres que participaram nesta expedição. Ver Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, II, Capítulo XVIII, p. 188.

[686] Usando as palavras de Luciano Cordeiro, "*em pipas e barris se esconderam as armas e munições necessárias*". Veja-se Luciano Cordeiro, *Diogo d' Azambuja*, p. 47.

Com a partida de Bentafufa, Aliadux ficou como alcaide de Safim. Porém, este mostrou-se ainda mais contrário à fortificação da feitoria cujas obras a tornavam praticamente inexpugnável, já que tinha comunicação directa com o mar e com a cidade e se encontrava armada com bombardas nos muros[687]. Uma rixa entre portugueses e mouros, narrada por Damião de Góis e seguida de perto por D. Jerónimo de Osório e Luis del Mármol Carvajal[688], foi o pretexto para estes, armados de bestas, espingardas e bombardas, atacarem a fortaleza[689]. Azambuja teve então o tão almejado pretexto para conquistar a cidade pela força das armas. No dia seguinte[690], depois da missa e do almoço, o capitão português montou um cavalo e irrompeu pela cidade com os seus homens. Os mouros refugiaram-se na mesquita, onde se deu violento combate, e na alcáçova, que abriu fogo contra a feitoria fortificada. O artilheiro mouro foi, porém, abatido, acabando os restantes por fugir e por se renderem. As chaves da cidade e da alcáçova foram, então, entregues a Diogo de Azambuja, que fez desfilar a bandeira real pela cidade, por entre aclamações a D. Manuel. Quanto a Aliadux, diz-nos Góis que se recolheu com toda a sua família à vila de Targa[691], situada a 30 milhas de Azamor, até que o rei de Fez o acolheu na capital do seu reino[692].

---

[687] Segundo Jorge Correia, a feitoria parece ser uma de duas estruturas sobradas, de planta rectangular, com lado maior paralelo à cortina marítima da muralha islâmica, na imagem gravada por Braun. Ver Jorge Correia, *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África*, p. 262.

[688] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, II, Capítulo XVIII, pp. 189-190; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro V, p. 109; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 44.

[689] Sobre a legitimidade da guerra veja-se Rui Bebiano, "A legitimidade da Guerra", in *Nova História Militar de Portugal*, Vol. II, pp. 52-62.

[690] Segundo Luciano Cordeiro, dia 7 de Julho de 1808. Veja-se Luciano Cordeiro, *Diogo d' Azambuja*, p. 47.

[691] Não confundir com a vila de Targa, situada na costa mediterrânica, que D. Fernando de Meneses conquistou e destruiu em 1490. Cf. Fernando Pessanha, *D. Fernando de Meneses, capitão de Ceuta, conde de Alcoutim e 2º marquês de Vila Real*, pp. 41-43; "D. Fernando de Meneses, capitão de Ceuta e 1º Conde de Alcoutim: exemplo da relação entre os serviços no Norte de África e a atribuição de títulos nobiliárquicos", in *XIX Jornadas de Historia de Ceuta – La dimensión humana. Biografías en Ceuta, el Norte de África y el Estrecho de Gibraltar*, pp. 37-41. Sobre a vila de Targa onde se refugiou Aliadux veja-se Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 183; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LXIIII, fls. 62-62v.

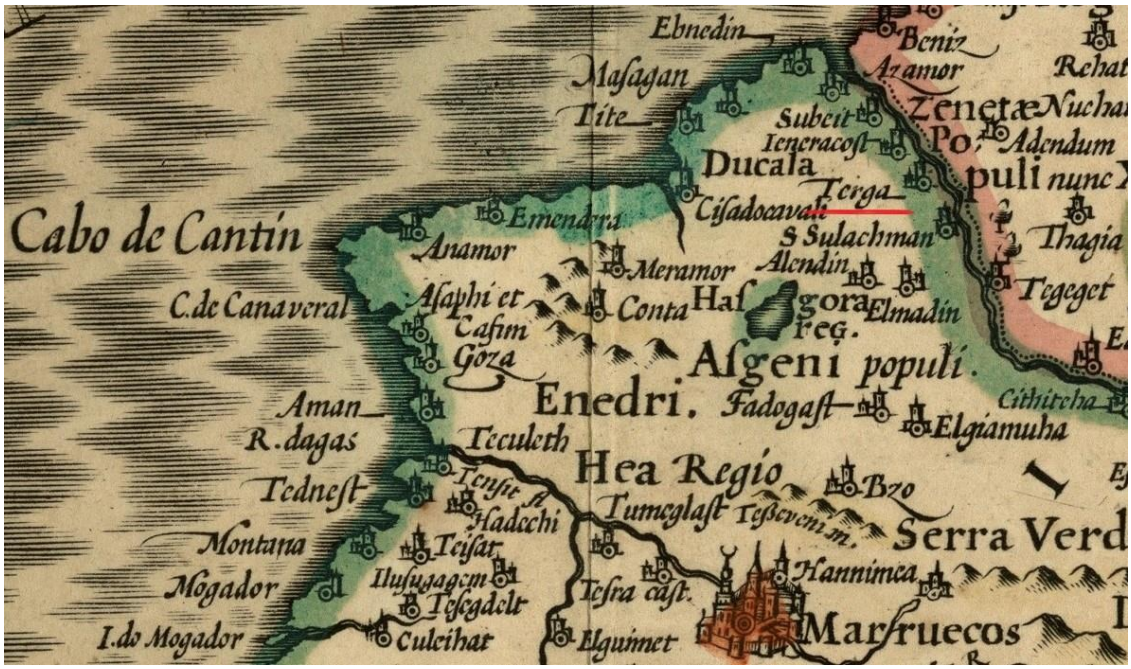


Fig. 49 - O topónimo de Targa (no mapa Terga) representado em *Fessae et Marocchi regna*, de Jodocus Hondius (1563-1612). B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE SH 18 PF 224 DIV 2 P 16/1 D.
(On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53142992f
(Consultado em 20 de Novembro de 2019).

Segundo carta de Rui Barreto a D. Manuel, Targa pagou tributo ao monarca português em 14 de Março de 1514. Ver A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, N° 39. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. XCIII, pp. 504-511; *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 144-147.

[692] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, II, Capítulo XVIII, p. 190; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro V, p. 110; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 44.

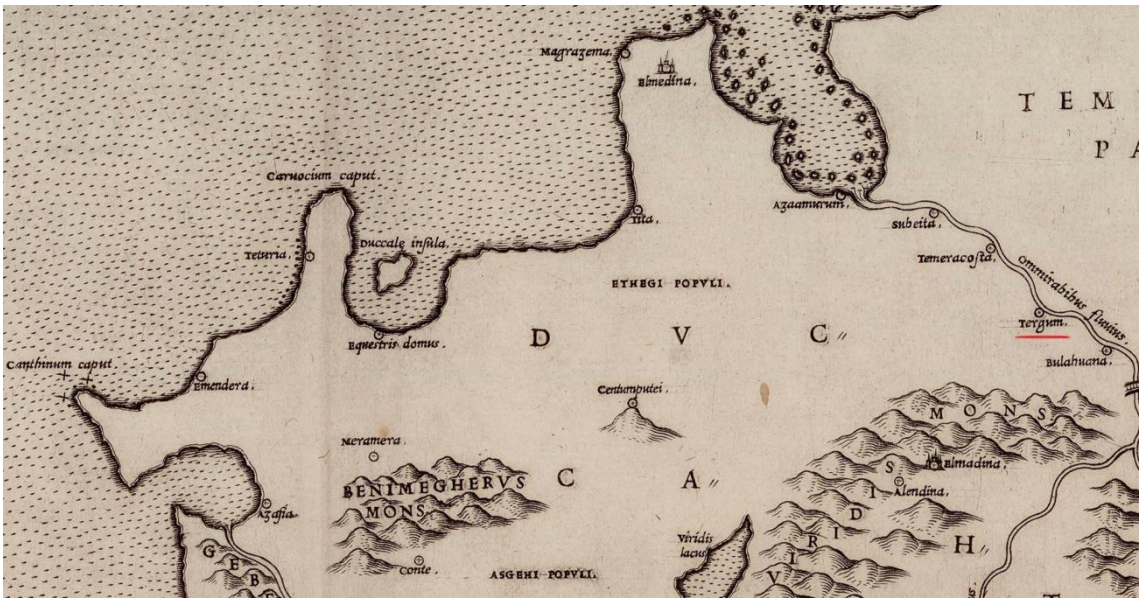


Fig. 50 - O topónimo de Targa (no mapa Tergum) representado no mapa *Marochia*, de Livio Sanuto (1520-1576). B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8079). (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b85954563
(Consultado em 20 de Novembro de 2019).



Fig. 51 - O topónimo de Targa (no mapa Tergum) representado no *Estats et royaumes de Fez et Maroc, Dahra et Segelmesse tirés de Sanuto, de Marmol, etc*, de Nicolas Sanson (1600-1667). B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8044). (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8595420g/f1.item.zoom
(Consultado em 20 de Novembro de 2019).



Fig. 52 - O topónimo de Targa (no mapa Terga) representado em *Fezzae et Marocchi regna Africae celebérrima*, de Abraham Ortelius e Jan Jansson, publicado em 1642. S.D.R., (On line) Disponível em: https://exhibits.stanford.edu/renaissance-exploration/catalog/cf043dn8189 (Consultado em 20 de Novembro de 2019).



Fig. 53 - O topónimo de Targa (no mapa Tergum) representado no *Statuum Maroccanorum regnorum nempe Fessani, Maroccani, Tafiletani et Segelomessani...*, de Johann Christoph Homann (1664-1730). B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8045). (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8595421w/f1.item (Consultado em 20 de Novembro de 2019).

Safim estava, por fim, conquistada, após tantas conspirações e intrigas políticas[693]. No dizer de Diego de Torres, os portugueses "*llegados a Çafi se dieron tal maña que después de muchos trances que con los Moros pasaron, se apoderaron de la ciudad y los Moros se hicieron vassallos del Rei*"[694]. Depois de Ceuta (1415), Alcácer Ceguer (1458), Arzila (1471), Tânger (1471), Santa Cruz do Cabo de Gué (1505) e

[693] Sobre a conquista de Safim vejam-se, para além dos cronistas atrás mencionados, Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, pp. 179-181. Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, pp. 711-713; Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo V, pp. 11-13; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portvgvesa*, Capítulo VII, pp. 77-80. Para além destes cronistas, destacamos ainda outros historiadores do séc. XX, nomeadamente, Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, pp. 28-29 e David Lopes, "Os portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, pp. 474-475.

[694] Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo V, p. 12.

Castelo Real do Mogador (1506), Safim transformava-se na sétima praça de guerra de Portugal em Marrocos, no ano de 1508.

Capítulo 4

- DA CONQUISTA PORTUGUESA À CAPITANIA DE NUNO FERNANDES DE ATAÍDE

4.1 - O governo de Diogo de Azambuja

Não sabemos a data concreta em que Azambuja e Garcia de Melo tomaram Safim pelas armas. Nem Leão-o-Africano, Damião de Góis ou os cronistas que se seguiram no-lo dizem[695]. Pierre de Cenival, baseando-se numa fonte que não inspira muita confiança, estima que terá sido entre Janeiro e Março de 1508[696]. Pensamos, no entanto, que terá sido entre a primavera e o início do verão de 1508, uma vez que, tal como David Lopes bem observou, a carta de nomeação de Diogo de Azambuja para a capitania de Safim e para o castelo de Aguz é de 25 de Agosto desse ano[697]. Identificámos, porém, outro documento datado de 1 de Julho de 1508 e que já refere Diogo de Azambuja como capitão da cidade[698], o que quer dizer que a conquista

[695] Pedro de Mariz, por exemplo, diz-nos simplesmente que "*acabou-se de concluir esta conquista, em o anno do Senhor, mil quinhentos e oito, ficando a Cidade nossa, e os moradores della tributários*". Ver Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 713.

[696] Pierre de Cenival, *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, p. 158.

[697] Carta patente de D. Manuel, em 25 de Agosto de 1508. A.N.T.T., *Leitura Nova*, liv. 2 de Reis, fls. 212v-213v. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXI, pp. 169-173.

[698] "*Carta de Diogo de Azambuja, capitão da cidade de Safim, para Antão Álvares, almoxarife de Machico, Ilha da Madeira, solicitando o pagamento dos fretes das viagens feitas por António Luís, mestre da caravela «Santo Espírito», da ilha a Mogador e deste castelo a Safim*", em 1 de Julho de 1808. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 15, Nº 2.

portuguesa terá, naturalmente, ocorrido poucos meses antes. De resto, terá sido o sucesso alcançado na conquista de Safim a motivar a expedição contra Azamor - cujas prospecções e respectivas acções de espionagem já vinham sendo realizadas desde 1507[699] - que partiu de Lisboa em 26 de Julho de 1508[700]. Refira-se, aliás, que Damião de Góis, D. Jerónimo Osório e Pedro de Mariz tiveram o cuidado de situar a conquista de Safim antes de narrar a já referida expedição contra Azamor, comandada por D. João de Meneses[701]. Todos estes elementos, assim como outros documentos relativos à segunda metade de 1508[702], permitem-nos, portanto, situar a tomada definitiva de Safim entre a primavera e inícios do verão de 1508.

---

[699] Recorde-se que já em 1507 tinha Duarte de Armas seguido na armada de D. João de Meneses, numa autêntica operação de espionagem no sentido de debuxar Azamor, Mamora, Larache e Salé, na costa atlântica de Marrocos, onde D. Manuel planeava novas ofensivas militares. Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte II, Capítulo XXVII, p. 208. Ver também Teresa Lacerda, "D. João de Meneses, um retrato da nobreza portuguesa em Marrocos", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, p. 126; Fernando Pessanha, "V centenário da fundação de Santo António de Arenilha e a sua relação com Ayamonte", in *Jornadas de Historia de la muy noble y leal ciudad de Ayamonte*, Vol. XVIII, p. 79, nota 2. Lamentavelmente, não é conhecido qualquer desenho produzido nesta missão. Sobre Duarte de Armas veja-se Dionísio David, "Armas, Duarte de", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, pp. 85-86.

[700] Cf. Relato do ataque a Azamor, em 10-12 de Agosto de 1508. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXX, p. 163.

[701] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte II, Capítulo XXVII, pp. 208-210; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro V, pp. 117-119; Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, pp. 713-714. Sobre a expedição contra Azamor de 1508 veja-se também Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LVII, fl. 53-53v.

[702] "*Certidão de Sebastião da Fonseca, feitor do Castelo Real (Mogador), de que António Luís, mestre da caravela «Santo Espírito», entregou os materiais que Diogo de Azambuja mandara buscar à Ilha da Madeira*", em 14 de Julho de 1508. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 14, Nº 144; "*Conhecimento de Pedro Gomes, mestre da caravela «Santa Helena», em como recebeu de Antão Álvares, almoxarife de Machico, Ilha da Madeira, cinquenta e uma dúzia de tabuado de vinhático e cento e onze «guieiros» para entregar aos feitores em Safim*". A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 15, Nº 37; "Conhecimento de Pedro Gomes, *mestre da caravela «Santa Helena», em como recebeu de Antão Álvares, almoxarife de Machico, Ilha da Madeira, 30.000 réis pelo frete da Madeira que levou a Safim e a Mogador",* em 1 de Setembro de 1508. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 15, Nº 55.

Independentemente da data em que se deu a conquista, importa referir que as estratégias de governo a adoptar pelos novos senhores da cidade não foram consensuais entre os comandantes. De facto, diz-nos Damião de Góis que, logo após a conquista de Safim, Garcia de Melo[703] regressou ao reino em virtude de "*algumas diferenças*"[704] tidas com Diogo de Azambuja, ficando na cidade Gonçalo Mendes Sacoto e os seus quatro navios com a incumbência da defesa marítima da praça recém-conquistada[705]. Desconhecemos quantos portugueses terão então permanecido em Safim. Terá Garcia de Melo levado consigo os cinquenta homens que com ele entraram na cidade no ano anterior? Terão ficado em Safim todos os duzentos homens que partiram com Gonçalo Mendes Sacoto, para além dos outros mercadores portugueses que lá se encontravam[706]?

---

[703] Após a conquista de Safim e posterior regresso ao reino, encontramos Garcia de Melo a recrutar largas dezenas de besteiros do monte já na segunda metade de 1508, nomeadamente, em Castro Marim. Ver Fernando Pessanha, *Os 500 anos da Fundação de Arenilha*, p. 46. Meses depois, estes besteiros acabariam por partir com Garcia de Melo para Arzila, onde passaram a acumular funções como pedreiros, nas obras de fortificação da cidade. Ver Rafael Moreira, "História – Histoire", in *Arzila, Torre de Menagem – Le Donjon d'Asilah*, p. 35. Ao regressar ao reino, em 1509, Garcia de Melo foi nomeado alcaide-mor de Castro Marim. Não sabemos exactamente em que mês foi investido com a alcaidaria de Castro Marim, contudo, uma carta de 1509 apresenta-o como alcaide-mor desta praça de guerra do Algarve. Ver A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 5, Nº 14. Documento sumariado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, p. 421; Luís Miguel Duarte, "Garcia de Melo em Castro Marim (a actuação de um alcaide mor no início do século XVI)", in *História: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, série II, Vol. 5, pp. 131-149; Damião de Góis e Bernardo Rodrigues voltam a referi-lo como alcaide-mor de Castro Marim em 1516. Ver Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, IV, Capítulo V, p. 455; Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, Tomo I, Capitulo XXV, p. 189. Sobre Garcia de Melo veja-se Fernando Pessanha, "A Pirataria no extremo sudeste algarvio, nos alvores da Idade Moderna", in *Academia de Marinha. Memórias 2019*, Vol. XLIX, pp. 460-461 e "Garcia de Melo - *Bellator* da Expansão Portuguesa nos Algarves de Aquém e de Além-mar", in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3392, 30 de Março de 2022, p. 13.

[704] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, II, Capítulo XVIII, p. 190; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro V, p. 110.

[705] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, II, Capítulo XVIII, p. 191.

[706] Fernando Pessanha, *As guarnições militares na região da Duquela, nos Algarves Dalém-mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, pp. 68-69.

Seja como for, foi com a "*pouca gente*" referida por D. Manuel[707], nomeadamente, com os cinquenta cavaleiros referidos por Góis[708], que os portugueses resistiram às três razias que os mouros lançaram à cidade nos dias que se seguiram à conquista e onde se distinguiu Lopo Barriga, que mais tarde viria a ser nomeado adail de Safim.

Noutro momento da *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, refere Damião de Góis que assim que Azambuja tomou a cidade, o capitão da ilha da Madeira Simão Gonçalves da Câmara[709], temendo que os mouros tentassem recuperar a cidade, enviou trezentos homens, vindo depois juntar-se-lhes com mais novecentos[710]. Quer isto dizer que, se contabilizarmos os mercadores portugueses, os homens de Garcia de Melo, de Gonçalo Mendes Sacoto e de Simão Gonçalves da Câmara, Safim deve ter contado com uma força militar composta, no máximo, por aproximadamente mil e quinhentos homens durante os três meses que se seguiram à conquista portuguesa[711].

Como anteriormente referimos, Garcia de Melo rapidamente regressou ao reino, em desacordo com a "*ordem que se poria no governo da cidade*". Com efeito, não é conhecido qualquer documento que clarifique os motivos que terão levado ao desentendimento entre Garcia de Melo e Diogo de Azambuja. Porém, as queixas dos

---

[707] Carta patente de D. Manuel, em 25 de Agosto de 1508. A.N.T.T., *Leitura Nova*, liv. 2 de Reis, fls. 212v-213v. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXXI, p. 170.

[708] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte II, Capítulo XVIII, p. 190.

[709] Simão Gonçalves da Câmara era filho de João Gonçalves da Câmara, o segundo capitão donatário do Funchal, que participou em várias campanhas norte-africanas, como a conquista de Arzila, em 1471, o descerco de Ceuta, em 1488, e o episódio de Larache, de 1489. Ver António Dias Farinha, "A Madeira e o Norte de África nos Séculos XV e XVI", in *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, Vol. I, p. 363; Miguel Jasmins Rodrigues, "Câmara, João Gonçalves da", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, pp. 168-169. Quanto a Simão Gonçalves da Câmara, o *Magnífico*, foi o terceiro capitão donatário do Funchal. Interviu várias vezes no Norte de África com significativo número de homens, como no cercos de Arzila de 1508 e 1516. Sobre Simão Gonçalves da Câmara vejam-se António Dias Farinha, "A Madeira e o Norte de África nos Séculos XV e XVI", in *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, Vol. I, p. 363; Miguel Jasmins Rodrigues, "Câmara, Simão Gonçalves da", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, pp. 169-170.

[710] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XII, p. 284.

[711] Fernando Pessanha, *As guarnições militares na região da Duquela, nos Algarves Dalém-mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, p. 69.

habitantes de Safim ao governo deste, patentes na já referida carta de 2 de Julho de 1509, poderão deixar antever os motivos que terão levado Garcia de Melo a distanciar-se do modelo de governação do então capitão de Safim. Neste documento, traduzido do árabe e publicado por Frei João de Sousa, queixam-se os moradores dos abusos de poder, injustiças e violências infligidas pelo capitão, que perseguia, matava, escravizava e roubava os moradores, motivos que levaram ao despovoamento da cidade e à consequente ruína do comércio. Aqui transcrevemos um curtíssimo excerto deste documento que, não obstante algum potencial exagero, vale a pena ser lido integral e atentamente, na obra que aqui citamos:

"*começárão logo a faquear os nosss beiis, e cazas, violentando as nossas mulheres, e filhas, e a ferro frio matarão alguns da nossa gente, não perdoando a grande, nem pequeno, a velho, decrepito, rico, pobre, e orfáo, e só Deos sabe o que nos fizerao; pois estamos vendo os nossos bens em seu poder, e nossos vestidos sobre eles sem lhes podermos ser bons, e o vosso Capitão Diogo d' Azambuja vendo, e consentindo tudo isto (...) foi a primeira falsidade que o vosso Capitao Diogo d' Azambuja usa com nosco* "[712].

[712] Carta dos moradores de Safim a D. Manuel, em 2 de Julho de 1509. A.N.T.T., *Colecção de cartas*, Núcleo Antigo 891, maço 2, Nº 48. Documento publicado in *Documentos Arabicos para a Historia Portugueza copiados dos Originais da Torre do Tombo*, Doc. IV, pp. 11-24 e em Luciano Cordeiro, *Diogo d' Azambuja*, pp. 73-79. O mesmo documento foi traduzido para francês e publicado por Pierre de Cenival in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXXIII, pp. 190-202.

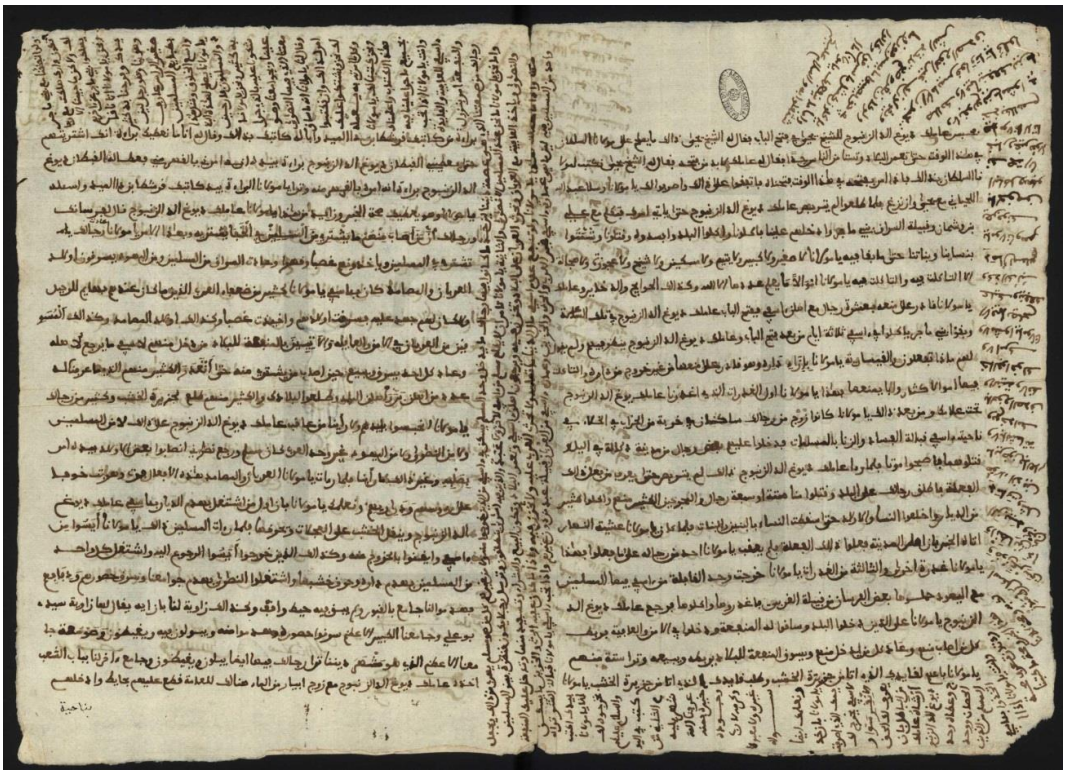


Fig. 54 - Carta dos moradores de Safim a D. Manuel, em 2 de Julho de 1509.
A.N.T.T., *Colecção de cartas*, Núcleo Antigo 891, maço 2, Nº 48.

Este breve excerto, que tivemos o cuidado de seleccionar, dá-nos conta de um ataque que a linhagem dos Garbia lançou sobre os moradores de Safim, após Azambuja ter mandado abrir uma porta nas muralhas da cidade contra as recomendações de Bentafufa. Essa situação fez com que a população acusasse Azambuja de ter permitido tais crimes, chegando mesmo a insinuar a sua cumplicidade, como se tivesse sido o próprio capitão a incitar os Garbia contra os moradores, como se tratasse de uma vingança por qualquer afronta dirigida à sua pessoa[713].

Não obstante as reprovações ao modelo governativo adoptado pelo capitão, Azambuja não deixou, no entanto, de trabalhar na administração da cidade, enquanto sufocava os protestos que se iam manifestando entre mouros e cristãos. Foi nesse sentido que, durante a capitania de Azambuja, Heitor Gonçalves foi nomeado feitor de

[713] David Lopes, "Os portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, pp. 476-477.

Safim[714], em substituição de João Lopes de Meca, e que Lopo Martins e Nuno Gato aparecem referidos como vedores[715], para além de João de Rebredo, que surge como provedor da Fazenda[716]. Refiram-se ainda outros "oficiais" como Bastião Lopes, nomeado para o almoxarifado dos mantimentos e almazém[717], o escrivão António Tinoco[718], o secretário Roque de Almeida[719] ou o cirurgião mestre Marcos[720]. Por outro

---

714 "*Mandado de Diogo de Azambuja para que Heitor Gonçalves pagar 47.600 réis, conteúdos na certidão do contador, a António Gonçalves por quanto lhe não foram pagos na Ilha para onde ia",* em 11 de Outubro de 1508. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 15, Nº 80; "*Mandado de Diogo de Azambuja, capitão da cidade de Safim, para que Heitor Gonçalves, feitor de Safim, pague a Isaac Benzamerro, mercador, 12.000 réis que emprestou*", em 28 de Outubro de 1508. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 15, Nº 108; "*Mandado de Diogo de Azambuja, capitão na cidade de Safim, para que Heitor Gonçalves, feitor na dita cidade, pague a Isaac Bezamerro, mercador, 10.160 réis de cem alqueires de trigo que se lhe compraram para fazer biscoito*", em 27 de Novembro de 1508. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 15, Nº 156; "*Mandado de Diogo de Azambuja, capitão na cidade de Safim, para que Heitor Gonçalves, feitor na dita cidade, pague a Isaac Bezamerro, mercador, 25.460 réis que lhe são devidos de duzentos e noventa e dois alqueires de milho à razão de 85 réis o alqueire"*, em 27 de Novembro de 1508. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 15, Nº 157.

715 Vejam-se, respectivamente "*Mandado de Diogo de Azambuja, capitão na cidade de Safim, para que Heitor Gonçalves, feitor, dê 12.000 réis, de qualquer dinheiro que tiver, a Lopo Martins, seu viador*", em 3 de Novembro de 1508. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 15, Nº 113; "*Mandado de Diogo de Azambuja, capitão-mor no Castelo Real da cidade de Safim dê a Lopo Martins, seu veador, 6.000 réis que tem cada mês para galinhas para a sua mesa*", em 13 de Novembro de 1508. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 15, Nº 137; Carta de Quitação del Rei D. Manuel, de 4 de Junho de 1510. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 3, fl. 21v. Documento publicado in *Archivo Historico Portuguez*, Vol. III, Nº 395, pp. 473-474.

716 "*Carta de João de Rebredo, provedor da fazenda em Safim, pedindo a Antão Álvares, almoxarife de Machico, Ilha da Madeira, para pagar a António Gonçalves 47.6000 réis, remanescente de uma dívida de vinte e uma pipas de vinho que Diogo de Azambuja, capitão da dita cidade, mandou comprar*", em 25 de Agosto de 1508. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 15, Nº 44.

717 A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fl. 195v. Documento publicado in *Archivo Historico Portuguez*, Vol. V, Nº 575, pp. 473-474.

718 Carta de Quitação del Rei D. Manuel, de 4 de Junho de 1510. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 3, fl. 21v. Documento publicado in *Archivo Historico Portuguez*, Vol. III, Nº 395, pp. 473-474.

719 Carta dos moradores de Safim a D. Manuel, em 2 de Julho de 1509. A.N.T.T., *Colecção de cartas*, Núcleo Antigo 891, maço 2, Nº 48. Documento publicado in *Documentos Arabicos para a Historia Portugueza copiados dos Originais da Torre do Tombo*, Doc. IV, p. 11. O mesmo documento foi publicado em Luciano Cordeiro, *Diogo d' Azambuja*, pp. 73-79, para além de ter sido traduzido para

lado verifica-se que, tal como aconteceu nas outras campanhas norte-africanas, também a conquista de Safim fez com que o então capitão recompensasse os homens que participaram na tomada definitiva da cidade armando-os cavaleiros, tal como aconteceu com Pero Fernandes, morador na cidade de Safim[721], ou Baltasar de Sequeira, morador em Tavira[722].

---

francês e publicado por Pierre de Cenival in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXXIII, pp. 190-202.

[720] "*Conhecimento por que consta que o mestre Marcos, cirurgião, recebera fo feitor de Safim quatro mil réis que lhe mandara dar Diogo de Azambuja, pela ordem inserta neste documento*", em 22 de Janeiro de 1509. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 16, Nº 65.

[721] "*A Pero Fernandes, morador na cidade de Safim, é confirmado o privilégio de cavaleiro, com os direitos e liberdades habituais inerentes ao título Outorga concedida a petição do beneficiário mediante a apresentação de uma certidão, pela qual certificava ter sido, por seus merecimentos, armado cavaleiro por Diogo de Azambuja, do Conselho d'el-rei. Não inserido o diploma confirmado. Henrique Homem a fez*", em 13 de Setembro de 1514. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 11, fl. 16. Outorga concedida a petição do beneficiário mediante a apresentação de uma certidão, pela qual certificava ter sido, por seus merecimentos, armado cavaleiro por Diogo de Azambuja.

[722] "*A Baltesar de Sequeira, morador em Tavira, confirmação de cavaleiro, pela apresentação de um alvará de Diogo de Azambuja, do Conselho d'el-Rei, capitão em Safim*", em 8 de Novembro de 1511. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 41, fl. 57. Vejam-se ainda, a título de exemplo, "*A Álvaro Gonçalves Reimundo, morador em Viana da Foz de Lima, é confirmado o privilégio de cavaleiro, com os direitos e liberdades habituais inerentes ao título*", em 8 de Março de 1510. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 11, fl. 67. Outorga concedida a petição do beneficiário mediante a apresentação de um alvará de Diogo de Azambuja, do Conselho d'el-rei e capitão da cidade de Safim, pelo qual, certificava ter sido armado cavaleiro; "*A Sebastião Afonso, morador no Porto, privilégio de cavaleiro, por ter servido em Safim 7 meses com armas e cavalo, segundo um alvará de Diogo da Azambuja, do conselho d' el-rei, então capitão nessa cidade*", em 28 de Junho de 1511. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 41, fl. 34v; "*A Mem Pires, morador em Castelo de Vide, é confirmado o privilégio de cavaleiro, com os direitos e liberdades habituais inerentes ao título*", em 22 de Maio de 1514. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 11, fl. 30. Outorga concedida a petição do beneficiário mediante a apresentação de um alvará de Diogo de Azambuja, capitão e governador que foi da cidade de Safim, pelo qual certificava ter sido armado cavaleiro; "*A Álvaro Fernandes, escudeiro, morador em Cabeço de Vide, criado de Francisco de Miranda, é confirmado o privilégio de cavaleiro, com os direitos e liberdades habituais inerentes ao título*", em 8 de Agosto de 1514. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 11, fl. 48v. Outorga concedida a petição do beneficiário mediante a apresentação de um alvará de Diogo de Azambuja, do Conselho d' el-rei, ao tempo capitão da cidade de Safim, o qual, por seus merecimentos, o armara cavaleiro. Acerca do *status* do cavaleiro na sociedade portuguesa de inícios de Quinhentos veja-se Manuela Mendonça, "O estatuto de cavaleiro no início do séc. XVI – Significado social da participação

Entretanto, enquanto Azambuja tentava organizar administrativamente a cidade, os mouros começavam os preparativos para reconquistar Safim aos cristãos invasores. Numa carta não datada de Diogo de Azambuja para o rei, que cremos ser de inícios de 1509, o capitão alertava o monarca português dos preparativos que o rei de Marraquexe fazia para atacar a cidade, motivo pelo qual lhe pedia cem ferreiros e espingardeiros para estar preparado, já que o rei de Marraquexe se encontrava a apenas dez léguas daquela praça.[723]. Não sabemos exactamente qual o motivo invocado, mas o certo é que D. Manuel acabou por substituir Diogo de Azambuja na capitania de Safim. O velho capitão, que por então rondaria a provecta idade de 77 anos, era um homem de confiança da Coroa. Era comendador da Ordem de Avis[724], membro do conselho do rei e sobre ele tinha recaído a vedoria de todas as "*artilharias, armazéns e tercenas do reino*", cargo para o qual foi nomeado por D. João II[725], para além de ter sido o célebre construtor do castelo da Mina, em 1482[726].

---

nos feitos bélicos no Norte de África", in *XII Colóquio "Laços Histórico Militares Luso Magrebinos. Perspectivas de Valorização"*, pp. 451-487.

[723] Carta de Diogo de Azambuja para o rei D. Manuel, na qual lhe fazia aviso que o rei de Marraquexe estava a juntar muita gente de alarves para atacar aquela cidade. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 101. Ver também Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 269.

[724] Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo III, p. 92.

[725] "*Diogo de Azambuja, do conselho do rei, é confirmado como vedor de todas as artilharias, armazéns e tercenas do reino, cargo para que foi nomeado por D. João II*", em 13 de Maio de 1497. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 30, fl. 51.

[726] Sobre Diogo de Azambuja e a construção do Castelo da Mina vejam-se Luciano Cordeiro, *Diogo d' Azambuja*, pp. 25-34; Carlos Antero Ferreira, *Castelo da Mina. Da fundação às representações iconográficas dos séculos XVI e XVII*, pp. 9-28. Veja-se o "*Acrescentamento de um castelo no escudo das suas armas, concedido a Diogo de Azambuja, em recompensa dos seus grandes serviços ao Rei no reino, nas guerras passadas e na construção do castelo de S. Jorge da Mina*", em 27 de Março de 1585. A.N.T.T., *Leitura Nova*, livro 3 de Místicos, fl. 241. Documento publicado in *Descobrimentos Portugueses*, Vol. III, Doc. 194, p. 291.



Fig. 55 - O Castelo da Mina, construído por Diogo de Azambuja em 1482, na carta náutica de Jorge Aguiar, de 1492. (On line) Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/21/Jorge_Aguiar_1492_MR.jpg (Consultado em 25 de Dezembro de 2021).



Fig. 56 - Representação do Castelo da Mina, construído por Diogo de Azambuja em 1482, no Planisfério de Cantino (1502).
(On line) Disponível em:
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9c/Cantino_planisphere_%281502%29.jpg
(Consultado em 25 de Dezembro de 2021).



Fig. 57- O Castelo da Mina, construído por Diogo de Azambuja em 1482. Ilustração de Jorge Reinel (1540). (On line) Disponível em:
https://metirtahome.files.wordpress.com/2019/03/mapa-1501-metirta.online.jpg
(Consultado em 15 de Agosto de 2021).

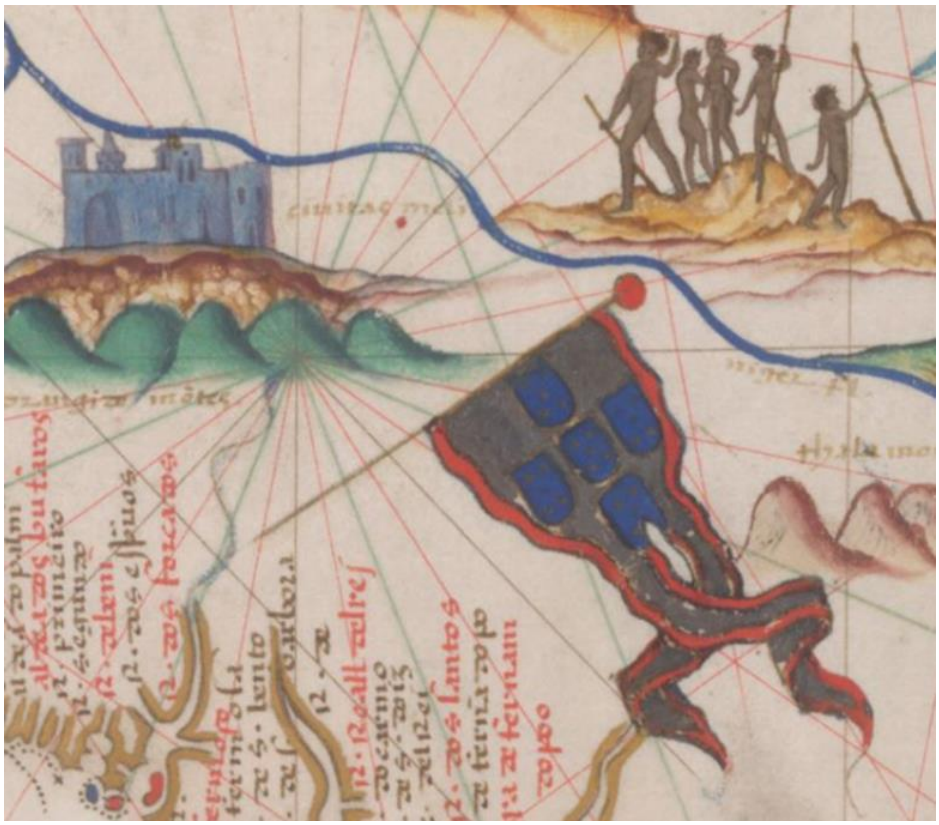


Fig. 58 - O Castelo da Mina, construído por Diogo de Azambuja em 1482, no *Queen Mary Atlas*, de Diogo Homem (1555-1559). B.L., *Catalogue of the Manuscript Maps, Charts, and Plans, and of the Topographical Drawings in the British Museum*, Add MS 5415 A. (On line) Disponível em: https://www.bl.uk/manuscripts/Viewer.aspx?ref=add_ms_5415_a_f001r (Consultado em 25 de Fevereiro de 2023).



Fig. 59 - O Castelo da Mina, construído por Diogo de Azambuja em 1482, na carta náutica de Lázaro Luís, de 1563. (On line) Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/50/L%C3%A1zaro_Luis_1563.jpg (Consultado em 25 de Dezembro de 2021).



Fig. 60 - O Castelo da Mina, construído por Diogo de Azambuja em 1482, no Atlas de Vaz Dourado, de 1576. B.N.P., *Manuscritos Reservados*, IL. 171 CFK. (On line) Disponível em: https://purl.pt/400/4/il-171_PDF/il-171_PDF_24-C-R0150/il-171_0000_capa-capa_t24-C-R0150.pdf
(Consultado em 25 de Dezembro de 2021).



Fig. 61 - O Castelo da Mina, construído por Diogo de Azambuja em 1482, no *Civitates Orbis Terrarum*, de Georg Braun (1572). (On line) Disponível em: http://historic-cities.huji.ac.il/ghana/elmina/maps/braun_hogenberg_I_54_4_b.jpg
(Consultado em 2 de Abril de 2020).

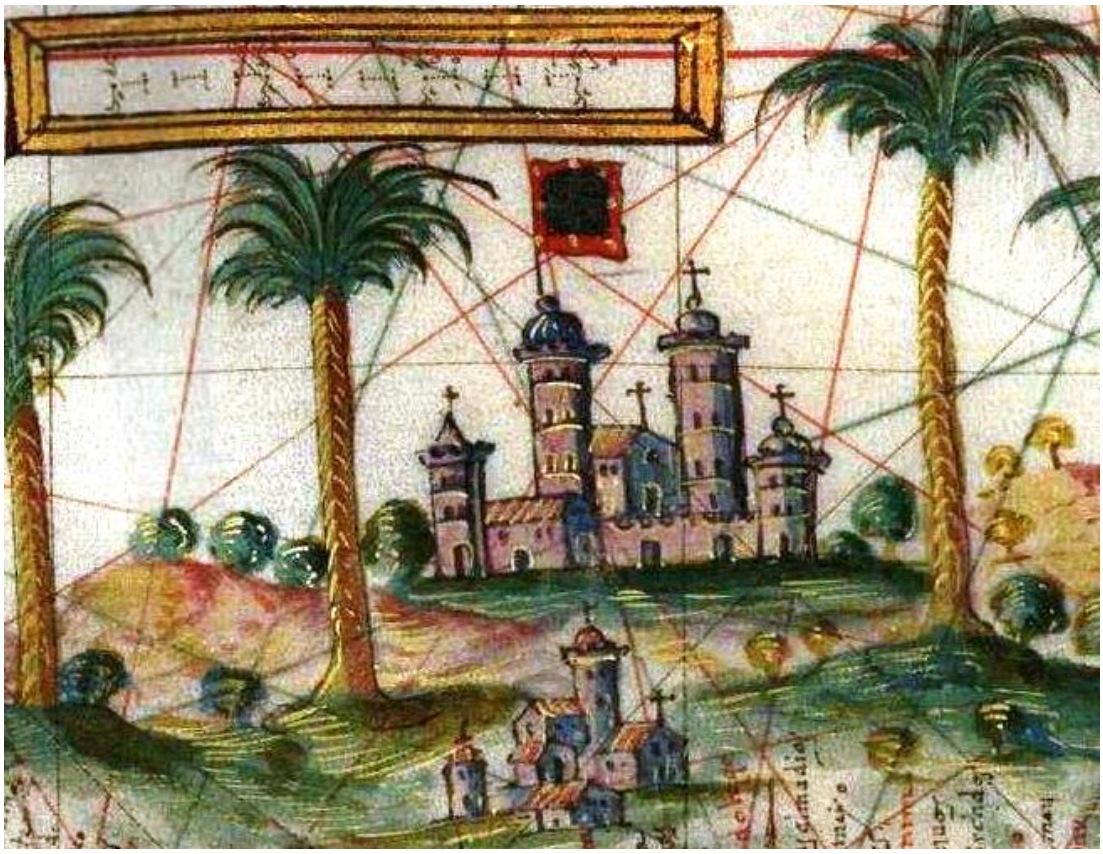


Fig. 62 - O Castelo da Mina, construído por Diogo de Azambuja em 1482, na Carta Náutica de João Teixeira Albernaz, produzida entre 1620 e 1640. A.N.T.T., *Colecção Cartográfica*, Nº 198. (On line) Disponível em: https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4162626 (Consultado em 27 de Janeiro de 2023).

Em 1506 foi incumbido por D. Manuel da construção do Castelo Real do Mogador[727] e, como anteriormente vimos, conseguiu conquistar Safim com o tal misto de "*heroicidade e (...) velhacaria, com que os nossos guerreiros quinhentistas*

[727] Para além das fontes e das crónicas anteriormente referidas, vejam-se também os seguintes autores contemporâneos: Luciano Cordeiro, *Diogo d' Azambuja*, pp. 40-41; David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, pp. 539-540 e "A Expansão em Marrocos", in *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Vol. I, p. 155; António Dias Farinha, "O Norte de África", in *História da Expansão Portuguesa*, Vol. I, p. 129; Pedro Dias, *História da Arte Portuguesa no Mundo – O Espaço Atlântico (séculos XV – XIX)*, p. 50; Jorge Correia, *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África*, pp. 328-334. Este castelo foi construído no território que hoje corresponde à cidade piscatória de Essauoira. Engana-se claramente o historiador espanhol León Vera y Galindo ao afirmar que o "*Castello-reale*", foi "*conocido después por Mazagán*". Ver León Vera y Galindo, *Las Posesiones Hispano-Africanas*, p. 84. Sobre o Castelo Real do Mogador vejam-se o seguinte resumo: António Dias Farinha, "Mogador", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. IV, p. 324.

procediam"[728], como humoristicamente observou Vergílio Correia. Porém, o velho capitão tinha granjeado muitas inimizades e as intrigas que tinha ajudado a urdir voltavam-se contra ele, transformando-o num personagem dificilmente confiável para mouros, judeus e cristãos. Face às circunstâncias, nomeadamente, ao clima de permanente suspeita e insegurança e à ameaça de um ataque por parte do rei de Marraquexe, é compreensível que o "*Venturoso*" tenha procurado substituir Azambuja por alguém mais jovem e cuja idoneidade e capacidade militar fosse incontestável.

4.2 - O governo de Pedro de Azevedo

Segundo David Lopes, a carta em que os habitantes de Safim se queixam do governo de Azambuja, de 2 de Julho de 1509, indica que por então já não seria este o capitão, caso contrário os moradores são se atreveriam a falar tão abertamente, por temerem vir a sofrer represálias[729]. De facto, Azambuja ainda aparece referido como capitão num documento de 12 de Março de 1509[730], não mais voltando a ser mencionado como tal[731]. De acordo com Susannah Humble Ferreira, Nuno Fernandes de Ataíde "*was dispatched to the newly conquered city of Safim in 1509, to become its new captain, replacing the famed Diogo de Azambuja*"[732]. Porém, as fontes contradizem tal afirmação. De acordo com a documentação, o velho capitão só foi oficialmente substituído na capitania de Safim por Nuno Fernandes de Ataíde, em 30 de Janeiro de 1510, "*para vir repousar e descansar dos trabalhos e serviços passados (...) havendo*

---

[728] Vergílio Correia, *Lugares Dalém, Azamor, Mazagão, Safim*, p. 75.

[729] David Lopes, "Os portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 479.

[730] "*Ordem de Diogo de Azambuja, governador de Safim, porque mandou ao feitor do rei desse a uns mouros e mouras uns barretes toucas e outras coisas constantes da dita ordem*", em 12 de Março de 1509. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 16, Nº 131.

[731] Segundo Mercedes García-Arenal, Diogo de Azambuja terá permanecido na capitania de Safim até Maio de 1509. Veja-se Mercedes García-Arenalm (publ.), *Diego de Torres. Relación del origen y suceso de los xarifes y del estado de los reinos de Marruecos, Fez y Tarudante*, p. 44, nota 29.

[732] Susannah Humble Ferreira, *The Crown, the Court, and the Casa da Índia. Political centralization in Portugal 1479-1521*, p. 146.

respeito à sua idade e disposição"[733], doando-lhe o rei, no entanto, a capitania de Aguz com cento e cinquenta mil reis de tença[734].

[733] Este documento foi confirmado por outro de 13 de Novembro de 1513, onde se pode ler: "*A Diogo da Azambuja, do Conselho del-rei, mercê de 213 000 rs. de tença em sua vida, pela construção do castelo real da cidade de Safim, que lá foi mandado fazer por carta datada de Almeirim, 10 de Janeiro de 1510, e a capitania de (Aguz - Agaz) A qual doação e mercê haveria de juro e herdade com 150.000 rs. de renda em sua vida, com tal entendimento que, se tal não rendesse, pudesse haver até cumprimento de 100.000 rs. na Alfândega da cidade de Safim, e por seu falecimento os houvessem seus herdeiros com a capitania, do rendimento da vila de Aguz-Agaz. E assim lhe fazia mercê da capitania da cidade de Safim com o ordenado anual de 113.000 rs. e 20 moios de trigo. Mas para descanso de seus trabalhos e serviços, havendo respeito à sua idade, lhe fazia honra e mercê que os 213.000 rs. e os 20 moios de trigo os houvesse em sua casa, em dias de sua vida, desde Janeiro de 1510. Os 20 moios nas jugadas de Santarém, e os 213.000 rs. lançados e pagos no almoxarifado de Coimbra, pelos rendimentos das sisas de Montemor-o-Velho e de Tavarede, aos quarteis, por inteiro e sem quebra. E bem assim lhe aprazia, por seu falecimento, dar e fazer mercê a seu filho maior, de 50.000 rs. deste dinheiro e o ofício de Vedor-mor da Artilharia, que tinha, isto em satisfação de deixar as capitanias de Safim e do castelo real, cujas cartas foram rotas ao assinar desta. E a tença de 20 moios de trigo, Diogo de Azambuja a vendera e trespassara a Nuno da Cunha, fidalgo da casa del-rei, e lhas dera em pagamento de 2.000 dobras que devia a seu genro, Martim da Silveira, sogro de Nuno da Cunha. Diogo Vaz a fez"*. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 15, fl. 55.

[734] A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fl. 127.

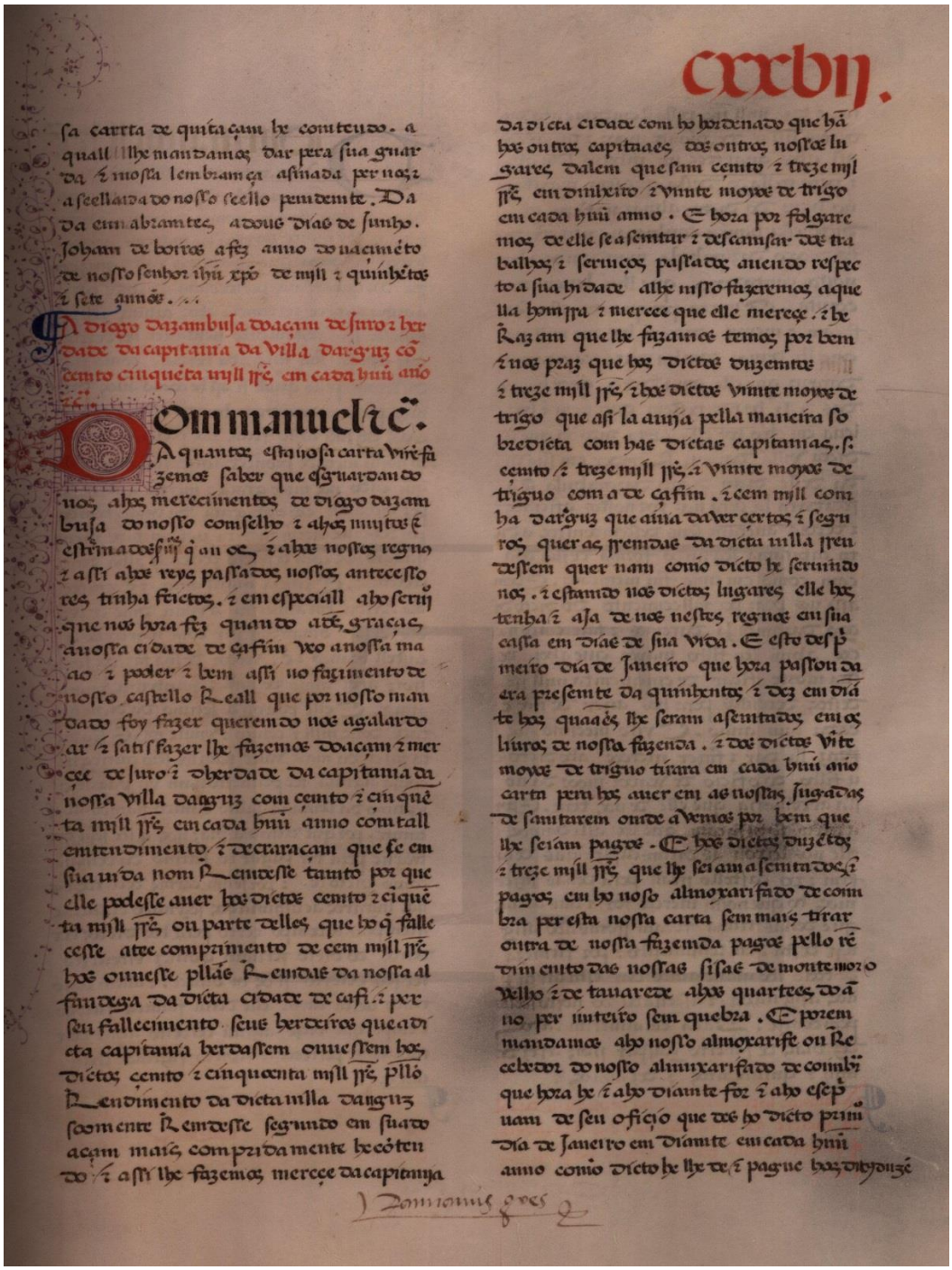


Fig. 63 - A Diogo de Azambuja doação de juro e herdade da capitania da vila de Aguz com cento e cinquenta mil réis em cada ano. A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fl. 127.

Quer isto dizer que entre 2 de Julho de 1509 e a chegada a Safim de Nuno Fernandes de Ataíde, no decurso de 1510, passaram alguns meses durante os quais houve um capitão interino, como tantas vezes acontecia nas praças norte-africanas. Quem foi esse capitão substituto? Nem David Lopes, em "Os Portugueses em Marrocos

no tempo de D. Manuel"[735], nem Durval Pires de Lima, em *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, o identificaram[736]. Porém, um documento datado de 6 de Dezembro de 1509 e publicado por Pierre de Cenival em *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc* indica que por então era Pedro de Azevedo, fidalgo da Casa Real, que assumia o comando da cidade[737]. Para além desta missiva, identificámos vários documentos anteriores a esta data e relativos à administração deste capitão interino, sendo que o mais antigo, o "*mandado de Francisco da Fonseca para Heitor Gonçalves, feitor na vila de Safim, a D. Pedro de Azevedo, capitão e governador da mesma vila, 15.400 réis de seu ordenado*", remete-nos para 10 de Agosto de 1509. Note-se, de resto, que se trata de um documento inédito e de particular interesse, na medida em que foi redigido no mesmo verão em que os moradores de Safim se queixaram a D. Manuel do governo de Azambuja, o que vem atestar a observação de David Lopes, ou seja, que nesse verão já não era Azambuja o capitão da cidade[738].

Ao contrário do que inicialmente se poderia pensar, a capitania interina de Pedro de Azevedo foi mais longa do que a do próprio Diogo de Azambuja. Segundo Pierre de Cenival, Pedro de Azevedo ser-se-á mantido na capitania de Safim entre 2 de Julho de 1509 e 29 de Dezembro do mesmo ano[739]. Porém, a identificação de outros documentos vem agora demonstrar que Azevedo ter-se-á mantido na capitania de Safim durante aproximadamente um ano, sou seja, pelo menos desde Julho de 1509 até Agosto de

---

[735] Note-se, porém, que David Lopes já o identifica em "A Expansão em Marrocos", in *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Vol. I, p. 158.

[736] André Teixeira também não faz referência a este capitão interino. Ver André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, p. 164.

[737] Ordem de Pedro de Azevedo, de 6 de Dezembro de 1509. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 19, Nº 114. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXXV, pp. 221-222. Note-se que também Jorge Correia e Ana Madalena Trigo de Sousa levaram este documento em consideração, incluindo Pedro de Azevedo entre os capitães e governadores de Safim. Ver Jorge Correia, *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África*, p. 73; Ana Madalena Trigo de Sousa, "A feitoria de Safim: subsídios para a História de um entreposto comercial no Magreb (1421-1521)", in *Islenha*, Nº 40, p. 144.

[738] David Lopes, "Os portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 479.

[739] Pierre de Cenival, *Les Sources Inédites de l'Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, p.159, nota 4.

1510, mês em que ainda aparece referido como capitão num documento em que manda o almoxarife da cidade pagar 1.200 réis a Diogo Caravela[740]. De resto, é exactamente durante o período correspondente à capitania de Pedro de Azevedo que se fazem esforços no sentido de normalizar relações e alianças com alguns líderes tribais.

Com efeito, não são abundantes as informações acerca da capitania interina de Pedro de Azevedo. Ainda assim, parece óbvio que as notícias relativas aos preparativos mouros para a reconquista de Safim foram tidas em consideração pelo capitão interino, que tomou as devidas providências, constituindo uma rede de informadores que o mantivessem actualizado quanto às intenções dos seus adversários e normalizando relações e alianças com alguns líderes tribais. É exactamente nesse sentido que, no mesmo mês de Setembro de 1509 em que manda o feitor pagar a soldados especializados as quantias que lhes eram devidas[741], manda igualmente pagar a "*Cajde Bença, primo de Boaida, 3 onças de prata e duas peças de figos por certas novas que trouxe do serviço do rei*"[742], ou seja, a remuneração pelas notícias relativas ao que se

---

[740] "*Mandado de D. Pedro de Azevedo, governador de Safim, para o almoxarife da dita cidade dar a Diogo Caravela 1.200 réis*", em 4 de Agosto de 1510. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 23, Nº 13.

[741] Veja-se, a título de exemplo, o "*mandado de D. Pedro de Azevedo, capitão e governador da cidade de Safim, para que o feitor da dita terra pague a Martim Vaz, espingardeiro, as quantias que constam dos mantimentos aqui juntos*". A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 18, Nº 127. Note-se que os espingardeiros eram soldados de muito proveito, ideais para escaramuças, polifacetados no campo de batalha e temíveis pelo poder ofensivo das suas armas, altamente tecnológicas para a altura. Sobre os espingardeiros na primeira metade do século XVI, na região da Duquela, veja-se Fernando Pessanha, *As guarnições militares na região da Duquela, nos Algarves Dalém-mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, pp. 103-105. Sobre os espingardeiros veja-se ainda Pedro Filipe Fernandes Sebastião, "O estudo de um corpo militar: os espingardeiros (c.1437- 1518). Metodologias, abordagens e hipóteses de um projeto de dissertação de mestrado", in *Incipit 7. Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto*, pp. 89-100. Do mesmo autor veja-se também *Os espingardeiros. Um corpo militar no alvor da modernidade (1437-1495)*, dissertação de mestrado em História, ramo de Idade Média, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2018.

[742] "*Mandado de D. Pedro de Azevedo, capitão e governador da cidade de Safim, para o feitor Gonçalves dar a Cajde Bença, primo de Boaida, 4 onças de prata e duas peças de figos por certas novas que trouxe do serviço do rei*", em 26 de Setembro de 1509. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 18, Nº 134.

passava nas terras dos mouros[743]. Aliás, de acordo com a já referida carta publicada por Pierre de Cenival em *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, de 6 de Dezembro de 1509, o capitão Pedro de Azevedo mandou o feitor de Safim, Heitor Gonçalves, pagar a

"*Açum, xeque d'Abida, dous myll e quatrocemtos XX reis, hos quos lhe mando dar por allguns avysos e cousas que comprem a sservyço de Sua Alteza. E assy lhe dareys mais pera convidar esses Mouros de Ule Dambram, camdo fyzerem a paz, dez peços de fygos, e quoarenta reis de pao, por quoanto Sua Alteza ho há assy por seu servyço*"[744].

Se seguirmos a documentação do *Corpo Cronológico* apercebemo-nos rapidamente que ainda nesse mês de Dezembro o mesmo Açum, xeque dos Abda, recebeu nove peças de figos "*que lhe mando dar por me parecer ser serviço do dito senhor*"[745] (o monarca português), para além de quatrocentos réis pagos a um mensageiro que trazia consigo cartas oriundas de Azamor. De resto, a carta de 6 de Dezembro de 1509 revela ainda a identidade de outros informadores que eram pagos pelo feitor de Safim a mando do capitão, como Meymam, morador em Almedina, e cyde Audarramão, alcaide de Sour el-Kdim[746].

---

[743] Sobre as ordens de Pedro de Azevedo vejam-se também "*Mandado de D. Pedro de Azevedo, fidalgo da Casa Real e Governador da cidade de Safim, em que mandou ao feitor dar a Mosse Dardeiro tudo o que se lhe devesse*", em 17 de Outubro de 1509. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 19, Nº 13; "*Mandado de D. Pedro de Azevedo, Governador de Safim, para se pagar 6.400 réis de tença a Mossi Dardeiro*", em 20 de Fevereiro de 1510. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 21, Nº 6;

[744] Ordem de Pedro de Azevedo, de 6 de Dezembro de 1509. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 19, Nº 114. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXXV, p. 221. O Arquivo Nacional da Torre do Tombo intitula este documento como "*Mandado de D. Pedro de Azevedo, fidalgo da Casa Real e Governador de Safim, para se darem a Açum, xeque de Abida, 2.420 réis e o mais que nele se declara*".

[745] "*Ordem de D. Pedro de Azevedo para que Heitor Gonçalves dê aos mouros da Beba, os fogos declarados na ordem e 400 réis a quem trouxe as cartas de Azamor*", em 29 de Dezembro de 1510. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 24, Nº 115.

[746] Ordem de Pedro de Azevedo, de 6 de Dezembro de 1509. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 19, Nº 114. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXXV, p. 222.

Ora, tal como anteriormente referimos, a população nómada da região da Duquela era constituída por três grandes linhagens: os Xerquia, os Garbia e os Abda[747], sendo que cada uma destas linhagens encontrava-se dividida em tribos ou cabildas, subdivididas em aduares compostos por cinquenta a cem tendas. A linhagem dos Xerquia, constituída por uma média de quatrocentos e noventa aduares, contaria com cinco mil homens de cavalo e noventa e cinco homens de pé, e a linhagem dos Garbia e Abda, que juntos perfaziam duzentos aduares, era composta por uma média de quatro mil homens de cavalo e quarenta mil homens de pé. Vemos, deste modo, que a aproximação de Pedro de Azevedo ao xeque dos Adda, nomeadamente, a remuneração pelos seus serviços e o suborno para este comprar o apoio de outros líderes tribais, poderia resultar na fidelidade (comprada) de um número razoável de homens. Número, refira-se, que apesar de ficar muito aquém dos números apontados por Damião de Góis para a população total da região da Duquela, fazia com que os portugueses não se vissem numa posição de completo isolamento.

Se tal aconteceu em relação ao xeque de Abda, que dizer das relações com os xeques de Garbia e Xerquia? Em relação aos de Garbia não dispomos de documentação conhecida para o período correspondente à capitania interina de Pedro de Azevedo. No entanto, é possível que as relações não fossem fáceis e que qualquer tentativa de entendimento com os portugueses fosse contestada pela população de Safim, já que, como vimos no documento de 2 de Julho de 1509, esta linhagem tinha atacado os moradores da cidade, face à aparente indiferença de Diogo de Azambuja.

O mesmo não acontece, porém, em relação aos líderes das cabilas de Xerquia, nomeadamente, no que se refere ao relacionamento com Celeme ibn Omar, o xeque da cabila de Xerquia que, em 1502, chegou a propor a construção de uma fortaleza no sítio de Mazagão, de modo a proteger o comércio com os portugueses[748]. De facto, é de 16 de Fevereiro de 1510, período que ainda corresponde à capitania interina de Pedro de

---

[747] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXVII, pp. 370-371; Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, p. 84.

[748] Carta de Pero Mendes a D. Manuel, em 6 de Dezembro de 1502. A.N.T.T., Parte I, maço 3, Nº 123. Documento publicado por António Baião in *Documentos do Corpo Cronológico Relativos a Marrocos 1488-1514*, pp. 11-12 e em *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XVII, pp. 79-82.

Azevedo[749], que os principais da província da Xerquia, como Celeme ibn Omar, Taly Beniça e e Bene Daud, escrevem a D. Manuel assumindo-se como fiéis e obedientes vassalos, queixando-se, no entanto, de que

"*o homem que lhes mandastes* (Azambuja) *não lhes agrada, e vede que vos prejudicou tanto, que não he facil o remediar-se. Elle não está bem visto dos Mouros, nem dos Christãos, e muito menos dos Judeos. Elle não le governa senão pela sua cabeça, e não dá attenção a quem o quer advertir, e desenganar: e sendo nós Senhores do paiz, e dizendo-lhe que fizesse o que convem ao serviço do Rei, e bem, dos vassallos, não faz caso do que lhe dizemos*"[750].

Por esse motivo, pediam ao monarca português que não lhes voltasse a mandar aquele sujeito, mas antes um homem (entenda-se capitão) sábio e prudente, como o tinham sido os feitores e cobradores de tributos como António Martins, Rodrigo ou João Pacheco. De resto, parece evidente que esta tentativa de normalização de relações entre os portugueses e os líderes das cabilas da Xerquia seria, alegadamente, do interesse de ambas as partes, seduzidas pelo restabelecimento do comércio de importação/exportação de produtos[751]. De facto, a agitação que Safim viveu nas vésperas da sua conquista, assim os meses atribulados que se seguiram, dificultaram a normalização das transacções comerciais, como testemunha o contador Nuno Gato, já em finais de 1510[752]. Esta quebra da actividade comercial está, aliás, bem representada

---

[749] De acordo com a documentação, Pedro de Avezedo continuava como capitão de Safim nesse mês de Fevereiro de 1510. Veja-se, a título de exemplo, o "*mandado de D. Pedro de Azevedo, governador de Safim, para se pagar 6.400 réis de tença a Mossi Dardeiro*", em 20 de Fevereiro de 1510. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 21, Nº 6.

[750] Carta dos principais da província de Xarquia a D. Manuel, em 16 de Fevereiro de 1510. Documento publicado in *Documentos Arabicos para a Historia Portugueza copiados dos Originais da Torre do Tombo*, Doc. VII, p. 31.

[751] Veja-se, a este respeito, a carta de Estêvão Vaz a D. Manuel, de 7 de Fevereiro de 1510, a propósito do projecto da venda de panos ingleses em Safim e na Berbéria. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 8, Nº 86. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXXVI, pp. 223-225.

[752] Ver carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 4 e 5 de Dezembro de 1510. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 5, Nº 38. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et

no quadro constituído por Ana Madalena Trigo de Sousa, relativo ao dinheiro e produtos recebidos pelos feitores de Safim entre 1508 e 1510[753].

Por outro lado, a normalização de relações com líderes das cabilas da Xerquia ultrapassava, seguramente, os motivos de natureza comercial, uma vez que a vassalagem das cabildas mais numerosas da região evitava uma condição de isolamento político e militar nocivo aos interesses estratégicos da Coroa naquela região meridional da Berbéria. Registe-se, a este respeito, que a falta de apoio das comunidades locais ao estabelecimento das guarnições portuguesas resultava muitas vezes em situações de tensão e de conflito, nomeadamente, nas fortalezas satélite mais desprotegidas, como a de Aguz, que servia de apoio a Safim. É nesse sentido que documentos como *mandado de D. Pedro de Azevedo, fidalgo da Casa Real e governador de Safim, para se dar 480 réis a quem trouxe os doentes que estavam em Aguz*, em 23 de Outubro de 1509[754], são representativos das tensões e hostilidades resultantes das políticas governativas de Diogo de Azambuja, para além de indicarem manifestas condições de falta de segurança para a convalescença dos soldados.

Vemos, deste modo, que o período correspondente à capitania interina de Pedro de Azevedo foi pautado por um esforço no sentido de tentar remediar os excessos cometidos durante a época de Azambuja, através da normalização das relações e do restabelecimento de alianças que muito interessavam aos portugueses, principalmente, num momento em que se sabia que forças adversárias se preparavam para reconquistar Safim. De resto, a decisão de D. Manuel estava tomada. Nuno Fernandes de Ataíde, o alcaide-mor de Alvor que se distinguiu aquando da sua frontaria em Arzila, era o escolhido para capitanear a cidade e enfrentar a ameaça que se adivinhava.

Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLIII, pp. 259-264. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 448-451.

[753] Ana Madalena Trigo de Sousa, "A feitoria de Safim: subsídios para a História de um entreposto comercial no Magreb (1421-1521)", in *Islenha*, Nº 40, p. 151.

[754] "M*andado de D. Pedro de Azevedo, fidalgo da Casa Real e governador de Safim, para se dar 480 réis a quem trouxe os doentes que estavam em Aguz"*, em 23 de Outubro de 1509. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 19, Nº 21.

PARTE III

Capítulo 5

- A CAPITANIA NUNO FERNANDES DE ATAÍDE EM SAFIM: AFIRMAÇÃO DO SEU PODER NA REGIÃO (1510-1513)

Segundo a *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Nuno Fernandes de Ataíde era:

"*tam astucioso, & tam incansauel nos negoçios da guerra*" e "*porq fazia ãtas entradas, & per caminhos tam desuiados, q em nenhu lugar ho tinhão certo (...), pelas muitas mudãças que fazia, sem poderê atinar hos caminhos q romaua, atte ser jutto ahos lugares que iha cometer*"[755].

Estas palavras de Góis são, sem dúvida, bem representativas do que foi a capitania de Nuno Fernandes em Safim, entre 1510 e 1516. Não é nossa intenção fazer uma explanação exaustiva de todas as acções militares comandadas por Ataíde ou que tiveram lugar no sul marroquino durante o seu governo. Recorde-se, aliás, que essa reconstituição cronológica foi realizada por cronistas como Damião de Góis, D. Jerónimo Osório, Pedro de Mariz ou Manuel de Faria e Sousa e, por fim, por historiadores do século XX, como Durval Pires de Lima ou David Lopes. Importa, no entanto, analisar e problematizar algumas destas ofensivas bélicas, de modo a tecermos algumas considerações sobre as tácticas e as motivações que terão estado na origem da acção do "*nunca esta quedo*", cognome revelador das suas características enquanto insigne comandante militar.

De modo geral, podemos considerar que a capitania de Nuno Fernandes pode ser dividida em duas fases principais: uma primeira fase, que trataremos no presente

[755] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte IV, Capítulo VI, pp. 455-156.

capítulo, compreendida entre 1510 e 1513 e caracterizada pela imposição da sua autoridade como principal chefe militar na região, e uma segunda fase, que trataremos no capítulo seguinte, compreendida entre 1513 e 1516 e caracterizada pela consolidação do seu poder e pela expansão do seu raio de acção para o interior marroquino. O presente capítulo pretende, portanto, analisar a capitania de Nuno Fernandes desde a sua chegada a Safim até ao momento em que D. Manuel, em reconhecimento pelas vitórias de Ataíde, lhe atribui definitivamente capitania e o governo da cidade de Safim com todos os poderes, jurisdição e alçada inerentes ao cargo.

5.1 – Estabelecimento em Safim

Decorria o ano 1510 quando D. Manuel nomeou Nuno Fernandes de Ataíde como capitão de Safim[756]. Não sabemos exactamente a data em que o novo capitão chegou àquela praça. As crónicas quinhentistas não no-lo dizem. Damião de Góis, por exemplo, diz-nos apenas que no ano de 1510 partiu

"*uma armada que el Rei mandou a çafim, que passaua de trinta velas, de que era Geral Nuno fernandez dataide, com muita gente nobre do regno, pera ficar por capitão, & gouernador da mesma cidade*"[757].

---

[756] Engana-se Pedro Dias quando refere que em "*1506 o Governador Nuno Fernandes de Ataíde contratou com o pedreiro Pêro Gomes (...) a feitura de um muro ao derredor da alfandega*". Ver Pedro Dias, "As fortificações portuguesas na cidade magrebina de Safi", in *Oceanos – Fortalezas da Expansão Portuguesa*, Nº 28, p. 14. Como vimos, Nuno Fernandes de Ataíde só foi nomeado para a capitania de Safim em 1510.

[757] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo X, p. 276. De facto, parte dos homens que integraram a guarnição militar de Safim, assim como a rede clientelar de Nuno Fernandes de Ataíde, era proveniente de Alvor. Ainda assim, não é conhecida qualquer referência documental que ateste a partida da armada constituída por trinta barcos a partir desta vila algarvia, tal como afirma Susannah Humble Ferreira ao escrever que Nuno Fernandes "*led a fleet os thirty ships from his home in the Algarvian town of Alvor*". Ver Susannah Humble Ferreira, *The Crown, the Court, and the Casa da Índia. Political centralization in Portugal 1479-1521*, p. 146. O mais certo é que os recursos provenientes de Alvor se tenham juntado em Faro aos restantes recursos provenientes do reino e das restantes terras algarvias, tal como aconteceu em 1513, quando a armada destinada à conquista de Azamor concentrou forças em Faro, onde se juntaram os recursos do Algarve. Ver Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XLVI, p. 369; Bernardo Rodrigues,

Segundo Durval Pires de Lima, esta armada partiu do reino em 16 de Março. Desconhecemos, porém, em que fonte se terá o autor baseado, já que não remete para qualquer documento que justifique tal afirmação[758]. Pierre de Cenival, por outro lado, defende que a capitania de Safim foi entregue a Nuno Fernandes de Ataíde antes de 17 de Abril de 1510, alegando ainda que as ordens de pagamento assinadas pelo próprio em 31 de Julho e 6 de Agosto provam que por então já se encontrava a desempenhar o cargo[759]. Porém, como anteriormente referimos, Pedro de Azevedo aparece na documentação como capitão de Safim até Agosto de 1510, mês em que manda o almoxarife da cidade pagar 1.200 réis a Diogo Caravela[760]. É, portanto, de supor que o capitão interino tenha continuado a resolver algumas questões relativas à sua administração antes de entregar a capitania a Nuno Fernandes. Refira-se, a este respeito, que por vezes decorriam meses entre a chegada de novos capitães às praças norte-africanas e a efectiva tomada de posse[761].

A chegada de Ataíde deve ter sido aguardada com expectativa por mouros e cristãos[762]. Os primeiros porque, efectivamente, não estavam satisfeitos com o domínio português. Aliás, nesse mesmo ano de 1510 os habitantes de Meça escreveram a D. Manuel expondo várias queixas contra os portugueses[763]. Por outro lado, não só reinava

---

Anais de Arzila, Tomo I, Liv. I, Capítulo XXVII, p. 91; Fernando Pessanha,"Rui Barreto: a capitania do alcaide-mor de Faro em Azamor", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLI, pp. 133-134.

[758] Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 34.

[759] Pierre de Cenival, *Les Sources Inédites de l'Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, p. 159.

[760] "*Mandado de D. Pedro de Azevedo, governador de Safim, para o almoxarife da dita cidade dar a Diogo Caravela 1.200 réis*", em 4 de Agosto de 1510. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 23, Nº 13.

[761] Veja-se, a título de exemplo, o que ocorreu em Azamor em 1514, nomeadamente, a relutância de Rui Barreto em entregar a capitania a João Soares. Ver Fernando Pessanha, "Rui Barreto: a capitania do alcaide-mor de Faro em Azamor", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLI, pp. 40-42.

[762] Fernando Pessanha, "Nuno Fernandes de Ataíde, «*o que nunca está quedo*» - De alcaide de Alvor a capitão e governador de Safim", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XXXIX, p. 50.

[763] Carta dos habitantes de Meça a D. Manuel, em 1 de Janeiro de 1510. A.N.T.T., *Colecção de cartas*, Núcleo Antigo 891, maço 2, Nº 43. Documento publicado por Frei João de Sousa in *Documentos Arabicos para a Historia Portugueza copiados dos Originais da Torre do Tombo*, Doc. VIII, pp. 32-41. Também Pierre de Cenival traduziu este documento para francês e publicou-o in *Les Sources Inédites de*

em Safim o descontentamento e se acumulavam as reclamações relativas à administração Diogo de Azambuja, como ainda proliferavam rivalidades entre os portugueses, nomeadamente, as que resultavam em queixas contra o adail Lopo Barriga e o almocadém Diogo Lopes[764], ambos vindos de Arzila[765]. Quer isto dizer que, logo de início, Nuno Fernandes teve a delicada tarefa de gerir as intrigas e invejas que minavam o relacionamento entre os portugueses de Safim. O mais certo é que nem sequer tenha dado muito crédito às queixas que então circulavam sobre Diogo Lopes e Lopo Barriga, dada a inexistência de documentos que atestem repercussões quanto às acusações de que eram alvo. Aliás, não só não é conhecida documentação que ateste as repercussões destas acusações, como Nuno Fernandes, que certamente os tinha em grande consideração desde a sua frontaria em Arzila, os manteve nos respectivos cargos, acabando estes por se transformarem nos seus homens de confiança. De resto, é provável que tenha sido por recomendação de Nuno Fernandes que D. Manuel atribuiu mercê a Lopo Barriga, em 1511[766], e que em 1515 foi feito "*fydalgo de cora d'armas*"[767].

---

l'histoire du Maroc, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXXIX, pp. 240-247. Note-se que a tradução de Frei João de Sousa remete este documento para 1 de Janeiro de 1510, enquanto a tradução de Pierre de Cenival remete o mesmo documento para 6 de Julho de 1510.

[764] Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 35. Sobre o posto de "almocadém" veja-se João Gouveia Monteiro, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, p. 239; Otília Rodrigues Fontoura*, Portugal em Marrocos na Época de D. João III…*, p. 26; António Dias Farinha, "História de Mazagão durante o Período Filipino", in *Stvdia*, Nº 26, p. 254; Augusto Ferreira do Amaral, *Mazagão, A Epopeia Portuguesa em Marrocos*, p. 226; Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém Mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, pp. 141-145.

[765] Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, Vol. I, Capítulo VIII, p. 41. Veja-se também Fernando Pessanha,"O adail Lopo Barriga e a expedição contra o castelo de Amagor", in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3366, 30 de Setembro de 2021, p. 6.

[766] A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 8, fl. 105v. Veja-se também Fernando Pessanha,"O adail Lopo Barriga e a expedição contra o castelo de Amagor", in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3366, 30 de Setembro de 2021, p. 6.

[767] Carta de nobreza para Lopo Barriga, de 7 de Abril de 1515. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 15, maço 18, N° 28. Documento publicado in Braamcamp Freire, *Armaria portuguesa*, pp. 65-66; *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXXVII, pp. 683-686 e *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. V, pp. 222-225. Ver também Afonso Eduardo Martins Zúquete,

Foi neste contexto de expectativa e tensão que o novo capitão chegou à cidade. Ataíde terá compreendido que a importância estratégica, política, comercial e militar de Safim, no quadro da política expansionista manuelina, não se coadunava com uma capitania passiva, que se circunscrevesse à organização interna da cidade. Os objectivos que tinham por base a afirmação da soberania lusa em Safim, nomeadamente, a exploração das relações comerciais com vista ao trato com Arguim e a Mina e o estabelecimento de uma área de influência que, em última instância, permitisse abrir caminho à conquista de Marraquexe, dificilmente seriam concretizáveis caso os portugueses não tivessem um capitão forte, um líder capaz de conciliar os portugueses sob a sua autoridade, unindo-os frente a um adversário comum. É a compreensão desta realidade que explica a estratégia delineada pelo capitão nos meses que se seguiram à sua chegada a Safim: se na cidade grassavam as intrigas, rivalidades e invejas que minavam o relacionamento entre os portugueses, havia que lançá-los para fora das muralhas, obrigando-os à união através do combate face a um inimigo comum, a que convinha mostrar o poder e a determinação do novo capitão[768].

5.2 – O ataque inaugural: o castelo do "*mouro sancto*"

De facto, os primeiros meses do governo de Ataíde estão mal documentados, pelo que apenas sabemos de alguns dos seus feitos através da crónica de Damião de Góis, de que D. Jerónimo Osório se serviu para escrever *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*. É, portanto, com base nas narrativas destes cronistas que sabemos que Ataíde se lançou numa série de entradas[769] coroadas de êxito, sendo que o primeiro ataque foi dirigido contra o castelo do "*mouro sancto*":

Armorial Lusitano – Genealogia e Heráldica, pp. 85-86; Fernando Pessanha,"O adail Lopo Barriga e a expedição contra o castelo de Amagor", in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3366, 30 de Setembro de 2021, p. 6.

[768] Fernando Pessanha, "Nuno Fernandes de Ataíde, «*o que nunca está quedo*» - De alcaide de Alvor a capitão e governador de Safim", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XXXIX, p. 50.

[769] Sobre a táctica ofensiva das entradas veja-se Ver Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém Mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, pp. 141-145. Segundo Maria Otília Fontoura, devemos distinguir as entradas das almogavarias. De acordo com esta autora, as entradas dos portugueses eram feitas pelos capitães ou pelos fronteiros ao serviço das

"*Depois da cidade de Çafim ser tomada pelo modo q atras fica dito, & Nuno Fernandez dataide capitão, & gouernador della ter feitas algumas entradas, das quaes a primeira foi huma em que tomou a casa, & castelo do Mouro Sancto*"[770].

Se seguirmos as crónicas de Damião de Góis e de D. Jerónimo Osório vemos que desta expedição resultou a captura do supracitado mouro, juntamente com mais cem cativos, para além da morte de muitos guerreiros de Azamor[771]. Porém, e mais importante do que a contabilização de mortos e cativos, é a compreensão da carga simbólica de que se revestiu este assalto. É certo que já vários investigadores fizeram referência a este ataque à casa do "*mouro sancto*". Foi o caso de Durval Pires de Lima[772] ou, mais recentemente, de André Teixeira[773]. No entanto, estas brevíssimas referências nunca tiveram em consideração que esta se tratou da primeira acção documentada dos ataques lançados pelos portugueses a partir de Safim. Note-se que, ainda que as escaramuças entre mouros e cristãos fossem consideradas frequentes no exterior das praças norte-africanas, não existe registo documental de qualquer entrada ou almogavaria lançada sobre os territórios vizinhos desta cidade durante as capitanias de Diogo de Azambuja ou Pedro de Azevedo. Recorde-se, aliás, que se a missão de Azambuja era a tomada definitiva de Safim, a de Pedro de Meneses passou pela normalização de relações com os mouros, o que tornava inviável qualquer iniciativa de natureza militar contra as tribos que se tentavam pacificar. Vemos, deste modo, que o empreendimento concebido por Ataíde contra o castelo do "*mouro sancto*" esteve longe

praças. Nestes casos, quando os capitães dirigiam as incursões, levavam um porta-bandeira (alferes) com o estandarte de Cristo. As almogavarias, pelo contrário, eram simples correrias ou razias que não apresentavam aquela particularidade. Ver Otília Rodrigues Fontoura, *Portugal em Marrocos na Época de D. João III…*, p. 28.

[770] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XII, p. 283.

[771] Curiosamente, Pedro de Mariz não faz qualquer referência a este empreendimento militar ao abordar o início da capitania de Nuno Fernandes de Ataíde. Ver Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, pp. 719-720.

[772] Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 35.

[773] André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, quadro 2, p. 201. Veja-se também Fernando Pessanha, "Nuno Fernandes de Ataíde, «*o que nunca está quedo*» - De alcaide de Alvor a capitão e governador de Safim", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XXXIX, pp. 50-51.

de ser um alvo escolhido aleatoriamente, já que constituiu o acto inaugural representativo do poder de que o novo capitão ia investido.

Qual a localização deste castelo? A que distância se encontrava de Safim? Torna-se difícil de precisar. Nem Damião de Góis nem D. Jerónimo de Osório no-lo dizem. O "cícero português" diz-nos apenas que se tratava do castelo de "*um mouro a quem toda a Mauritânia, pela sua santidade, rendia honras quási divinas*"[774]. Quer isto dizer que o "*mouro sancto*" era, naturalmente, um dos xeques sufis ou *walis* (santos) estabelecidos na região da Duquela e conhecidos por concederem conselhos e orientação espiritual aos muçulmanos que os procuravam. De facto, o *Attachaouf ilà Rijali Attasaoufe*, de Abou Yacoube Youssef Ben Yahya Ettadili, contabiliza um total de duzentos e setenta e nove xeques sufis na região das tribos Xerquia, Garbia e Abda, ainda no século XIII. Refira-se que, não obstante tratar-se de uma obra relativa ao século XIII, permite-nos perceber a veneração dos naturais da região da Duquela em relação aos *walis* e aos xeques sufis nos inícios da centúria quinhentista. É nesse sentido que se torna pertinente verificar que esta obra regista vinte e quatro xeques sufis da família Senhaja, espalhados na zona da Duquela, seis xeques da família Amghar em Tite, nove xeques da família Duqali na Duquela, e oito xeques da célebre família Regraga[775]. Ora, se tivermos em consideração que no ataque ao castelo do "*mouro sancto*" foram aprisionados e mortos muitos guerreiros de Azamor, podemos depreender que este *wali* seria, eventualmente, descendente da família Amghar estabelecida na região de Tite, ou seja, a sul de Azamor e a nordeste de Safim. De resto, David Lopes é assertivo ao afirmar que "*o Mouro Sancto de que Nuno Fernandes de Ataíde cativou no início da sua capitania, em 1510, era um morabito sem dúvida*"[776].

Vemos, deste modo, que apesar da pouca atenção que as crónicas quinhentistas prestaram a esta ofensiva, o castelo do "*mouro sancto*" não pode ter sido um alvo escolhido aleatoriamente pelo capitão. Pelo contrário. O facto de se tratar do castelo de um líder espiritual que "*pela sua santidade, rendia honras quási divinas*" e que, por

---

[774] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VII, p. 156.

[775] Mohamed el Attar, *Os portugueses na região meridional de Marrocos 1505-1541*, dissertação de mestrado em História, Especialidade História dos Descobrimentos e da Expansão, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 80-81.

[776] David Lopes, "Cousas luso-marroquinas – notas filológicas sobre particularidades vocabulares do português das praças de África", in *Boletim de Filologia*, pp. 256-257.

inerência, aconselhava e orientava os crentes muçulmanos, faziam dele um alvo simbólico cuja sujeição pelas armas lusas quebraria o ânimo dos mouros contrários aos interesses dos portugueses. Repare-se que, de acordo com os cronistas, Ataíde não assassinou o "*mouro sancto*", tendo-se limitado a aprisioná-lo. Quer isto dizer que o capitão teve o cuidado de não transformar este líder espiritual num mártir, o que poderia gerar uma insurreição generalizada das tribos da Duquela contra os portugueses. Aliás, o facto de "*os mais dos lugares, vezinhos, aduares & cabildas*"[777] terem posteriormente pedido a paz poderá, eventualmente, indicar que este "*mouro sancto*" ou outros xeques sufis terão incitado as populações autóctones a cooperarem com os portugueses, em vez de os defrontarem. Recorde-se que ainda em 1507, aquando dos primeiros contactos dos portugueses com os xeques sufis das cabildas de Regraga, estes declararam total obediência ao rei de Portugal, conjuntamente com as outras tribos de Duquela[778]. É nesse sentido que este ataque inaugural de Nuno Fernandes de Ataíde deve ser entendido não somente como representativo do poder de que ia investido, mas também como uma ofensiva simbólica, simultaneamente destinada a apurar fidelidades e cirurgicamente dirigida contra um líder espiritual capaz de influenciar as tribos da região. Foi, portanto, com este ataque inaugural que o capitão de Safim deu início às célebres cavalgadas que incutiriam o terror a todos os que contestassem a soberania de Portugal.

5.3 - A prova de fogo: o grande cerco de 1510

A estratégia de intimidação de Nuno Fernandes de Ataíde acabou por ter as suas consequências a curto prazo. Se seguirmos a *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel* apercebemo-nos de que, após as primeiras entradas do novo capitão, os mouros, "*induzidos per outros Mouros, com medo das ameazas que lhes faziam, ou per vontade, assentaram todos de vyrem cercar a cidade*"[779], situação que, como sabemos, se consubstanciou no grande cerco a Safim de 1510. De facto, os cronistas portugueses não

---

[777] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XII, p. 283.

[778] Carta dos habitantes de Safim a D. Manuel, em 13 de Agosto de 1507. B.N.P., MS. 7638, Nº 63. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXVI, pp. 136-138 e em *Textos em Aljamía Portuguesa*, Doc. I, pp. 82-83.

[779] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XII, p. 284.

referem o motivo que terá despoletado tão generalizada sublevação. Pedro de Mariz, por exemplo, diz-nos simplesmente que os mouros, "*induzidos por outros se ajuntárão todos, determinando tomar a Cidade á força de armas*"[780]. A resposta, porém, encontramo-la na epistolografia, nomeadamente, na carta do contador Nuno Gato ao rei, de 4 e 5 de Dezembro de 1510, quando este refere uma das ofensivas comandadas pelo capitão e dirigida contra os campos de Almedina[781], cidade que, de acordo com Leão-o-Africano, "*es casi la capital de la region*"[782]. Foi então que os mouros de Almedina, face à indecisão que constituía o pagamento do tributo ao rei de Portugal, procuram o conselho dos mouros de Azamor, que os incitaram a uma sublevação geral contra os portugueses[783]. Foi, portanto, neste contexto de resistência ao pagamento de tributos que, como bem observou o rabino Ibrahim ben Zamirou em carta a D. Manuel, "*los de Almedyna vynyeron a este cerco e fueron mucha causa del*"[784], ou seja, foram estes que, com o apoio dos mouros de Azamor, estiveram na origem do levantamento geral composto por todas as tribos mouras desde a Xiátima a Azamor e do Atlas ao oceano, para juntas expulsarem os portugueses de Safim. Segundo o cronista castelhano Luis del

---

[780] Ver Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 720.

[781] Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 4 e 5 de Dezembro de 1510. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 5, Nº 38. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc, Archives et Bibliothèques de Portugal*, Vol. I, Doc. CLIII, pp. 259-260 e em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 448-451.

[782] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p.182. Sobre a cidade de Almedina veja-se também Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571,* Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fls. 46-47; Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, p. 90.

[783] Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 4 e 5 de Dezembro de 1510. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 5, Nº 38. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc,* Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CLIII, pp. 259-264 e em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 448-451.

[784] Carta do rabino Ibrahim ben Zamirou a D. Manuel, em 5 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 21. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc,* Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVI, p. 281. Sobre este personagem veja-se José Alberto Rodrigues da Silva Tavim, "Abraão Benzamerro, 'Judeu de Sinal', sem sinal, entre o Norte de África e o Reino de Portugal", in *Mare Liberum*, Vol. 6, pp. 115-141. Sobre esta família veja-se ainda José Alberto Rodrigues da Silva Tavim, "Judeus entre Portugal e Marrocos nos séculos XVI e XVII. Páginas de controvérsias e entendimentos", in *Revista Camões*, Nº 17-18, pp. 149-165.

Mármol Carvajal, que já escreveu sobre este cerco décadas depois, os mouros revoltosos foram

"*induzidos por los alfaquies, que les dezian que por ninguna manera hauian de pagar tributo a rey Christiano enemigo de su ley, hizieron vna liga com los otros Moros comarcanos, y determinaró de alçarse y poner cerco sobre la ciudad*"[785].

Damião de Góis, que provavelmente teve acesso às cartas de Nuno Gato e de Nuno Fernandes de Ataíde (testemunhas presenciais deste cerco) discrimina deste modo as tribos principais:

"*Erão as Cabildas de Olledambram de cima, & debaixo, Olledeacob, Olledeboaziz, que sam os Arabios dazamor, Ollezozeth, Garabia, os Cebalis Olledeceia: os barbaros que a Dazamor ate Almedina, os de Almedina, os Barbaros & arabios do castello Real atte Aguz*"[786].

Não é nossa intenção apresentar uma descrição exaustiva deste cerco. De facto, já Durval Pires de Lima[787] e David Lopes[788] o fizeram anteriormente, seguindo de perto as narrativas dos cronistas quinhentistas e seiscentistas. No entanto, torna-se pertinente determo-nos nalguns pontos destes relatos confrontando-os com as informações documentadas pelas testemunhas presenciais. Isto, no sentido de apurarmos, tanto

---

[785] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 45.

[786] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XII, p. 284. Ver também Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 3 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 41. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLV, p. 278. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 149-153; Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, p. 285. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 82-91.

[787] Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, pp. 37-41.

[788] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, pp. 480-481.

quanto possível, a veracidade dos factos, de forma a percebermos em que medida as considerações estratégicas do capitão foram fundamentais para a vitória portuguesa.

Tal como podemos acompanhar na generalidade das fontes que se debruçam sobre este cerco, foi em 26 de Novembro de 1510 que tocou o primeiro rebate quando, ao pôr-do-sol, cem cavaleiros mouros vieram correr o campo de Safim para roubarem bois e asnos. Nuno Fernandes, Álvaro de Ataíde e Álvaro de Faria saíram então com cinquenta de cavalo, de modo a recuperar a presa. De resto, foi exactamente nesta escaramuça, que durou até à uma hora da noite, que Ataíde conseguiu confirmar a aproximação das tribos em direcção a Safim. De facto, a documentação de inícios de Dezembro de 1510 demonstra que o capitão estava informado, através rede de espiões que tinha entre os mouros, do grande cerco que se aproximava[789]. Foi nesse contexto que Ataíde, compreendendo a gravidade da situação, encetou as devidas diligências no sentido de se preparar para o assédio. As fontes não discriminam em pormenor os preparativos realizados pelo capitão. Porém, a prática corrente quanto à organização da defesa dos cercos nos séculos XIV e XV, sugere que os preparativos terão passado pela recolha de víveres, nomeadamente, pão, carne, vinho e água[790]. O que a epistolografia realmente regista são as missivas enviadas por Ataíde ao rei através do capitão de Santa Cruz do Cabo de Gué, bem como através dos mercadores portugueses de Azamor, para além ajuda solicitada ao Algarve e à ilha da Madeira[791]. As circunstâncias assim o

---

[789] Sabemos que o sistema de espionagem entre mouros e cristãos recorreria ao suborno. De facto, Nuno Fernandes de Ataíde dispunha de uma rede de espias que aliciavam os seus irmãos de raça e religião para, mediante um pagamento, revelarem ao capitão informações de interesse, como a localização de aduares, pastagens de gado, cultivos, etc. Ver Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém Mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, p. 145; Otília Rodrigues Fontoura, *Portugal em Marrocos na Época de D. João III*…, p. 38. Sobre a espionagem militar na baixa Idade Média veja-se Vítor Manuel da Silva Viana Pinto, *De Olhar atento e Ouvidos à escuta… A espionagem militar na cronística portuguesa de Quatrocentos: Fernão Lopes e Gomes Eanes de Zurara*, dissertação de mestrado em História Militar apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2015.

[790] João Gouveia Monteiro, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, pp. 342-343.

[791] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 5 de Dezembro de 1510. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 5, Nº 12. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLIV, pp. 265-270. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 410-413.

obrigavam. Os portugueses não só acabavam de perder o Castelo Real do Mogador, em circunstâncias que ainda hoje desconheçemos[792], como tinham conhecimento da aproximação massiva das tribos adversárias[793]. Era a prova de fogo de Ataíde. Refira-se que, até então, Nuno Fernandes tinha demonstrado as suas competências tácticas ofensivas a nível da denominada "guerra guerreada"[794], a prática militar usual em Marrocos, saindo vitorioso das incursões realizadas em território hostil. Impunha-se agora pôr à prova as suas capacidades a nível da táctica defensiva[795], sendo que a guerra de assédio se apresentava muito menos frequente no teatro de operações magrebino, quando comparada com a guerra de gaziva, ou guerra de guerrilha.

Segundo João Gouveia Monteiro, uma fortaleza da baixa Idade Média era potencialmente capaz de resistir ao assédio de um exército inimigo, caso reunisse as condições ideais, ou seja, uma guarnição minimamente numerosa e fiel, bons muros e as necessárias provisões a nível de armas e mantimentos[796]. Seria esse o caso da Safim

---

[792] Não são conhecidas as circunstâncias ou a data exacta em que se perdeu o Castelo Real do Mogador, seguramente em função da pressão exercida pelos Xiátma e pelos Regraga, hostis à ocupação portuguesa. Porém, sendo de 12 de Maio de 1510 a nomeação do seu último capitão, Nicolau de Sousa, "*fidalgo de nossa cassa*", é de supor que o castelo se terá perdido no decurso da segunda metade de 1510. A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fls. 129-129v. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXXVII, pp. 226-229. A carta Nuno Gato ao rei de 4 e 5 de Dezembro de 1510 é o único documento conhecido a referir a perda do Castelo Real. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 5, Nº 38. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CLIII, p. 261. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 448-451.

[793] Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 4 e 5 de Dezembro de 1510. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 5, Nº 38. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc,* Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CLIII, pp. 260-261 e em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 448-451.

[794] Sobre a designada "guerra guerreada" vejam-se João Gouveia Monteiro, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, pp. 373-378; Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém Mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, pp. 141-145; André Bertoli, *Guerra, Violência e Cavalaria em Portugal, 1367 – 1481*, tese de doutoramento em História Medieval apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, pp. 25-77.

[795] Fernando Pessanha, "Nuno Fernandes de Ataíde, «*o que nunca está quedo*»" - De alcaide de Alvor a capitão e governador de Safim", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XXXIX, p. 51.

[796] João Gouveia Monteiro, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, p. 338.

comandada por Nuno Fernandes? A epistolografia faculta-nos algumas pistas. No que concerne à guarnição e às muralhas, revela Ataíde em carta a D. Manuel datada de 5 de Dezembro de 1510, ter "*novecentos omeens de peleja*" para defender uma muralha "*mui grande de guardar e (...) mui roto*"[797]. Porém, e independentemente as palavras de Ataíde, quão grande era na realidade a muralha de Safim de 1510? Segundo Nuno Gato, a muralha desta praça era então constituída por 75 torres e 1117 braças de perímetro[798]. Já Damião de Góis sobredimensiona um pouco os números, registando com 87 torres e 1327 braças de perímetro amuralhado[799]. O número de torres referiro por Góis é, aliás, reproduzido por Pedro de Mariz, para quem "*a cerca della era de mais de meia légua*"[800], ou mesmo Luis del Mármol Carvajal[801]. As investigações no domínio da História da Arquitectura e da Arqueologia acabaram, no entanto, por fazer uma leitura algo mais aproximada dos registos de Nuno Gato, já que Pedro Dias refere, só do lado voltado para terra, 75 torres e um perímetro amuralhado que rondava os 2500 metros[802], enquanto Jorge Correia calcula um perímetro total da cidade na ordem dos 2383 metros[803]. Recorde-se, por outro lado, que após a conquista de Ceuta, em 1415, D. João

---

[797] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 5 de Dezembro de 1510. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 5, Nº 12. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLIV, pp. 265-270 e em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 410-413.

[798] Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 3 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 41. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLV, p. 275. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 149-153.

[799] Ver Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XII, p. 284.

[800] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 720.

[801] Ver Luís del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 41.

[802] Ver Pedro Dias, *A Arquitectura dos Portugueses em Marrocos*, p. 188. Do mesmo autor ver também *História da Arte Portuguesa no Mundo – O Espaço Atlântico (séculos XV – XIX)*, p. 47; "As fortificações portuguesas na cidade magrebina de Safi", in *Oceanos – Fortalezas da Expansão Portuguesa*, Nº 28, p. 14.

[803] Ver Jorge Correia, *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África*, p. 263.

I deixou 2700 homens a defender a praça recém-conquistada[804]. Por outras palavras, em 1510, Nuno Fernandes apenas contava com um terço desse número. Resumidamente, a cidade era enorme, as muralhas não cumpriam as condições necessárias para assegurar a defesa e os soldados eram poucos para as proteger[805].

Em 3 de Dezembro os mouros começaram a assentar arraiais em torno da cidade sendo que no dia 13 já o cerco se dispunha pelo sul. O capitão[806] e o contador discriminam de que forma as diferentes tribos se foram dispondo no terreno em derredor de Safim. O testemunho de Nuno Gato é um pouco mais detalhado:

"*E as cabilas da gente que veo ao cerco sam estas:*
C Ole de Anbram, de cima e de baixo.
C OledeAcob.
C E Ole de Bo Haziz, que sam os Alarves de Azamor.
C Ole Zobeth.
C Garabia.
C Os Celalins.
C Ole Ceja.

---

[804] Gomes Eanes de Zurara, *Crónica da Tomada de Ceuta*, Capítulo C, p. 284. Ver também Francisco Bethencourt, "As Capitanias", in *História da Expansão Portuguesa*, Vol. I, p. 344; Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal - A Fundação do Estado Moderno (1415-1495),* Vol. II, p. 24; António Borges Coelho, *História de Portugal – A Largada das Naus*, Vol. II, pp. 20-21; José Alberto Loureiro dos, *Ceuta 1415 – A Conquista*, p. 94. Outros autores, por outro lado, apontam para uma guarnição de 2500 homens. Ver David Lopes, *A Expansão em Marrocos*, p. 6; Isabel M. R. Mendes Drumond Braga & Paulo Drumond Braga, *Ceuta Portuguesa (1415 – 1656)*, p. 53.

[805] Sobre as condições necessárias para suportar com cerco nos finais da Idade Média veja-se João Gouveia Monteiro, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, pp. 342-346.

[806] "*aos oito dias do mez de dezenbro sse vieram pôr todos os aduares d'Oulle Dambram e de Ole Çubeta, e de Oulle de Acoob e Guarbia, e toda Xarquia, e os Alarves de Zamor, que ssam três quabilldas, a saber: Oulle de Bohazis e Gelalim, Çeja, e estes com todos sseus Barbaros de Zamor até qui; e destoutra parte, todolos os Barbaros de Castello Reall até Aguz; e quanto sse mais vinham cheguando a esta cidade, tanto mais recrecia a gente de todollas partes a eles*". Ver Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 5 de Dezembro de 1510. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 5, Nº 12. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLIV, p. 285. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 410-413.

C Os Barbaros que ha de Azamor até Almedina.
C Os de Almedina,
C Os Barbaros e Alarves do Castelo Real até Aguz.
E a repartiçam d'esta gente era esta: da porta dos Gafos até alcaçava, todolos de Almedina, com todolos Bárbaros de Azamor pera ca e parte de Ole Çobeth.
C Da outra parte d'alcaçava até o mar, pera Guarniz, Ole Danbram com Ole de Bo Haziz e com algüa parte de Ole Çobeth e com os Barbaros de Xeadema"[807].

Finalmente, no dia 23 o cerco ficou completo, rodeando a praça por terra. Se as fontes são unânimes quanto ao número de combatentes mouros a cavalo, não o são no que se refere aos combatentes a pé. Diz-nos Damião de Góis, com manifesto exagero, que os mouros eram "*mais de cinco mil de cauallo, a gente de pe era tanta que se estimou em mais de seis centas mil almas*"[808]. Esta referência de Damião de Góis parece-nos, portanto, baseada na carta de Nuno Gato ao monarca português datada de 3 de Janeiro de 1511, embora o contador de Safim registe menor número de combatentes mouros a pé:

"*poderiom bem ser ao menos cinco mil de cavalo e de hy pera cima; e os piães nom he rezam que nomee, porque nom tem conto e parecera a V. A. fabula; mas lançando o conto as quebilas, segundo dito dos que sabem a terra, dizem que podiam*

[807] Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 3 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 41. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLV, pp. 277-278. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 149-153.

[808] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XII, p. 284. Também outros cronistas se basearam nestes números de Góis, nomeadamente, para o número de combatentes a cavalo. Ver Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VII, p. 156; Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…,* Tomo I, p. 720; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 45; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 92.

ser bem seiscentas mil almas, de que podiam sair mais de duzentos mil homens de peleja"[809].

Finalmente, Luis del Mármol Carvajal, refere que "*erá mas de cinco mil de a cauallo y cien mil peones*"[810], número que parece mais razoável. Bem sabemos que a cronística dos séculos XV e XVI é pautada por uma preocupação em apresentar números aproximados de combatentes, feridos, mortos e cativos em cada combate com os mouros - condição iniciada com Zurara, nas suas crónicas relativas à Expansão para o Norte de África[811], e que teve repercussões em cronistas como Pina ou Resende[812]. Porém, um esforço quantitativo manifestamente condicionado pela natureza política de que se revestem as crónicas e pela tendência estilizada em exaltar os feitos de armas da nobreza. Em última instância, a afirmação da acção deste grupo social enquanto braço cumpridor da vontade régia[813].

---

[809] Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 3 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 41. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLV, p. 275. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 149-153.

[810] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 45; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo III, p. 45.

[811] Sobre a cronística de Zurara relativa a Marrocos vejam-se Miguel Aguiar, "As crónicas de Zurara: a corte, a aristocracia e a ideologia cavaleiresca em Portugal no século XV / The chronicles of Zurara: royal court, aristocracy and chivalry in fifteenth-century Portugal", in *Medievalista*, Nº 23. (On line) Disponível em: http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA23/aguiar2304.html (Consultado em 11 de Agosto de 2022); André Bertoli, "A natureza narrativa da Crónica da Tomada de Ceuta", in *Revista Cantareira – Revista Electrónica de História*, Vol. 3, Nº 2, Ano 4, 2007. Do mesmo autor veja-se também "Modelos de acção bélica na Crónica de D. Duarte de Meneses – Texto, Contexto e Representação", in *Mirabilia*, Nº 15, pp. 171-201.

[812] Joaquim Veríssimo Serrão, *Cronistas do século XV posteriores a Fernão Lopes*, 1989; Maria Augusta Lima Cruz, "Os cronistas do império: da gesta das armas aos heróis do mar", in *Outro mundo novo vimos*, pp. 51-59.

[813] Cf. Paulo David Vicente, "Falar de Violência em Marrocos nos Séculos XV-XVI. A Perspectiva dos Cronistas Portugueses", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História LusoMarroquina*, p. 347. Do mesmo autor veja-se também *A violência na cronística sobre Marrocos nos séculos XV e XVI*, 2009.

Face aos números apresentados pelas fontes, ainda que potencialmente empolados, que poderia Ataíde fazer? De acordo com a epistolografia, Nuno Fernandes fez uma surtida logo no dia 22 de Dezembro, levando consigo trezentos e setenta homens de cavalo, cem homens de pé, e quatro peças de artilharia, deixando a cidade à guarda de quatrocentos ou quinhentos portugueses, fora os judeus que voluntariamente se prontificaram na defesa da cidade[814]. Esta iniciativa, documentada por várias fontes, é narrada em pormenor pelo próprio Nuno Fernandes, que refere ter ocupado uma atalaia onde dispôs as tropas em formação de combate[815]. Segundo David Lopes, Ataíde desafiou então "*os mouros a combate em campo, mas eles não quiseram pelejar*"[816]. Esta visão romântica de David Lopes, em que o heróico Ataíde, não obstante a esmagadora desproporção numérica incita ao combate em campo aberto, não corresponde de todo à realidade. Pelo contrário. De acordo com o testemunho do próprio capitão, Ataíde não só não procurou o combate, como ainda aguentou a formação, refreando os ânimos dos que sugeriam atacar os peões mouros. Por outras palavras, o capitão compreendeu que um ataque à peonagem moura aparentemente desprotegida poderia perfeitamente conduzir a uma cilada, colocando a cavalaria portuguesa à mercê dos dois mil cavaleiros mouros que surgiam por detrás dos peões.

As fontes não o dizem, contudo, parece óbvio que a iniciativa de Ataíde em sair da cidade com esta força e ir tomar uma atalaia teve por objectivo principal fazer uma leitura clara dos recursos do adversário e do modo como se encontravam distribuídos pelo terreno, a partir de uma cota mais elevada. Note-se que, segundo Ataíde, esta força saiu "*polla porta d'alquaçava hum tiro de besta*"[817], tendo depois tomado um outeiro

---

[814] Note-se que a participação dos judeus na defesa de Safim foi referida por Maite Ojeda-Mata, "Jews under Islam in early modern Morocco in travel Chronicles", in *Jewish Culture and History*, Vol. 21, Nº 2, p. 119. (On line) Disponível em: https://doi.org/10.1080/1462169X.2020.1739888

[815] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, pp. 285-286. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 82-91.

[816] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 480.

[817] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et

onde os mouros tinham as suas vigias. Se confrontarmos a representação de Safim publicada no *Civitates Orbis Terrarum*, de Georg Braun, com as informações facultadas pelas fontes, rapidamente nos apercebemos de que o outeiro em questão será, com toda a probabilidade, o promontório meridional[818].

Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, p. 276. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 82-91.

[818] Sobre a datação desta gravura, Suzanne Daveau explorou a relação entre os desenhos originais de Duarte Pacheco Pereira e as gravuras de Georg Braun, defendendo-as, juntamente com os desenhos de Duarte de Armas, como a base para as vistas magrebinas publicadas no *Civitates Orbis Terrarum*, nos inícios de Quinhentos. No que se refere à representação de Safim publicada por Braun, sugere a autora que poderá estar baseada num desenho desta praça anterior a 1508, já que "*o imponente Castelo do Mar, mais tarde construído pelos Portugueses, não parece ainda existir*". Veja-se Suzanne Daveau, "A propósito das "pinturas" do litoral marroquino incluído no Esmeraldo de Situ Orbis", in *Mare Liberum*, Vols. 18-19, p. 107. Porém, como observou Jorge Correia, as obras do Castelo do Mar não começaram antes de 1517, já durante a capitania de D. Nuno de Mascarenhas. Veja-se Jorge Correia, *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África*, p. 275. Não é, portanto, de desconsiderar que a representação de Safim tenha sido produzida durante a capitania de Nuno Fernandes de Ataíde, já que o "nunca esta quedo" governou esta praça entre 1510 e 1516. Veja-se fig. 64.



Fig. 64 - Representação da cidade de Safim em inícios do século XVI. Gravura de Georg Braun, publicada no *Civitates Orbis Terrarum* (1572). (On line) Disponível em: http://historic-cities.huji.ac.il/morocco/safi/maps/braun_hogenberg_I_56_2_b.jpg (Consultado em 2 de Abril de 2020).

São vários os motivos que nos levam a sugeri-lo. Antes de mais, devemos ter em consideração que o outeiro setentrional mais próximo à alcáçova apresentava características dissuasoras: não só apresentava uma cota menos elevada em relação ao outeiro meridional, como também se encontrava voltado para os sitiadores de Azamor e Almedina que, como mouros urbanos mais "sofisticados", seguramente estariam melhor munidos a nível de artilharia e onde, como Nuno Gato bem observou, "*nos parecia que (…) avia de ser o mais forte combate, porque estavom mais magoados*"[819]. Por outro lado, o outeiro meridional próximo à alcáçova não só apresentava uma cota mais elevada (e que permitiria uma leitura mais clara da disposição dos sitiadores), como

[819] Cf. Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 3 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 41. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLV, p. 276. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 149-153. Recorde-se que este cerco foi colocado a Safim depois de Nuno Fernandes de Ataíde ter corrido o campo de Almedina e exigido o pagamento de tributo.

também se encontrava entre a bem apetrechada estância defendida por D. Rodrigo de Noronha[820], que protegia a retaguarda da força comandada por Ataíde, e as tribos de Ole Danbram e Ole de Bo Haziz[821], teoricamente menos perigosas que os mouros de Almedina, que tinham sido os autores da sublevação contra os portugueses. Refira-se, para além disso, que nem durante o trajecto de regresso à cidade o capitão autorizou a tradicional "volta" (ou "tornafuy") que consistia no ataque súbito ao adversário em perseguição[822].

Nuno Fernandes tinha a clara consciência dos parcos recursos de que dispunha face a um adversário tão numeroso, portanto, qualquer iniciativa que resultasse em inúteis perdas de vidas só contribuiria para fragilizar a situação dos portugueses durante o cerco. De resto, terá sido a vista privilegiada sobre a disposição das forças adversárias a determinar o modo como Ataíde, depois de regressar à cidade, acabou por dar as últimas instruções sobre como os fidalgos deveriam organizar as respectivas tropas,

---

[820] Tal como podemos verificar na fig. 65, esta era a maior estância, defendida por cavaleiros, escudeiros, besteiros, espingardeiros, um bombardeiro e todos os judeus que se prontificaram a participar na defesa. Ver Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, p. 288. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 82-91.Sobre D. Rodrigo de Noronha veja-se Fernando Pessanha, "O cavaleiro D. Rodrigo de Noronha: «o aravia» de Safim, nos Algarves de Além-mar, in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3445, 6 de Abril de 2023, p. 7.

[821] Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 3 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 41. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLV, p. 278. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 149-153.

[822] A denominada "volta" ou "tornafuy" era uma táctica recorrente na designada "guerra guerreada" que muçulmanos e cristãos praticavam desde os tempos da Reconquista, na Península Ibérica. Consistia, essencialmente, num contra-ataque de cavalaria rápido e inesperado, de maneira a provocar baixas nos perseguidores. Usando as palavras de João Gouveia Monteiro, "*uma fuga simulada, seguida de reagrupamento e de um novo ataque*". Ver João Gouveia Monteiro, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, p. 373. Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém Mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, p. 148. Sobre a designada "guerra guerreada" veja-se André Bertoli, *Guerra, Violência e Cavalaria em Portugal, 1367 – 1481*, tese de doutoramento em História Medieval apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, pp. 25-77.

distribuídas pelas várias estâncias. Deste breve mas pertinente episódio podemos concluir que, não obstante a fama granjeada pelo "*nunca esta quedo*", as suas opções estratégicas revelam uma lucidez na avaliação de riscos dificilmente conciliável com a tradicional imagem romântica de guerreiro temerário[823].

A faceta destemida de Nuno Fernandes acabaria, no entanto, por se revelar noutras situações de guerra durante o cerco e nem sempre consensuais entre os outros fidalgos. Exemplo disso foi a decisão de Ataíde em defender as muralhas de Safim contra as recomendações dos outros cavaleiros, que defendiam a concentração de forças na alcáçova[824]. Uma decisão arrojada, se tivermos em consideração de que apenas dispunha de "*novecentos omeens de peleja*"[825] para defender uma muralha que, segundo Nuno Gato, era constituída por 75 torres e 1117 braças de perímetro[826]. Aliás, a decisão de Nuno Fernandes parece ainda mais ousada se tivermos em consideração que apenas

---

[823] Sobre a tradicional imagem do cavaleiro tardo-medieval português veja-se Miguel Pereira Aguiar, *Ideologia Cavaleiresca em Portugal no século XV*, dissertação de mestrado em Estudos Medievais apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2016.

[824] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, p. 289. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 82-91.

[825] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 5 de Dezembro de 1510. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 5, Nº 12. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLIV, p. 266. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 410-413.

[826] Segundo Góis, a muralha contava com 87 torres e 1327 braças de perímetro amuralhado. Ver Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XII, p. 284. Pedro de Mariz, que repete o número de torres referidas por Góis, diz que "*a cerca della era de mais de meia légua*". Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 720. Também Luis del Mármol Carvajal repete a informação avançada por Damião de Góis. Ver Luís del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 41. De acordo com Jorge Correia, o perímetro total da cidade era na ordem dos 2383 metros. Ver Jorge Correia, *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África*, p. 263. Para Pedro Dias, o perímetro amuralhado, só do lado voltado para terra, rondava os 2500 metros, com 75 torres. Ver Pedro Dias, *A Arquitectura dos Portugueses em Marrocos*, p. 188. Do mesmo autor veja-se também *História da Arte Portuguesa no Mundo – O Espaço Atlântico (séculos XV – XIX)*, p. 47; "As fortificações portuguesas na cidade magrebina de Safi", in *Oceanos – Fortalezas da Expansão Portuguesa*, Nº 28, p. 14.

dois anos antes, durante o cerco a Arzila de 1508, os mouros conseguiram abrir brechas nas muralhas e tomar a vila, o que fez com que o capitão, o conde D. Vasco Coutinho, retirasse para a alcáçova com os seus últimos homens, até à chegada dos socorros de D. João de Meneses e do capitão castelhano D. Pedro Navarro[827].

Ao seguirmos a crónica de Damião de Góis, ficamos com a impressão de que os reforços chegaram a Safim no início do cerco. Porém, a leitura atenta da carta de Nuno Gato ao rei, em 3 de Janeiro de 1511, permite-nos perceber que tal não aconteceu. De facto, não só o relato de Nuno Gato como também o de Nuno Fernandes se revelam da maior importância para a compreensão do que foi a organização criteriosa do capitão na defesa da cidade e o modo inteligente como geriu os recursos disponíveis até à chegada dos reforços, que somente começaram a chegar a partir de dia 28 de Dezembro[828], depois da primeira grande investida.

De facto, o modo como Ataíde repartiu as forças portuguesas em várias estâncias é bastante semelhante nas três fontes, parecendo mesmo que Damião de Góis se terá baseado as narrativas de Nuno Fernandes e de Nuno Gato. Na seguinte planta, produzida a partir de uma reconstituição do perímetro islâmico de Safim, da autoria de Jorge Correia[829], procurámos explicar de que modo o capitão distribuiu as forças portuguesas por estâncias, colocando em cada uma delas capitães, auxiliados por besteiros, espingardeiros e bombardeiros[830].

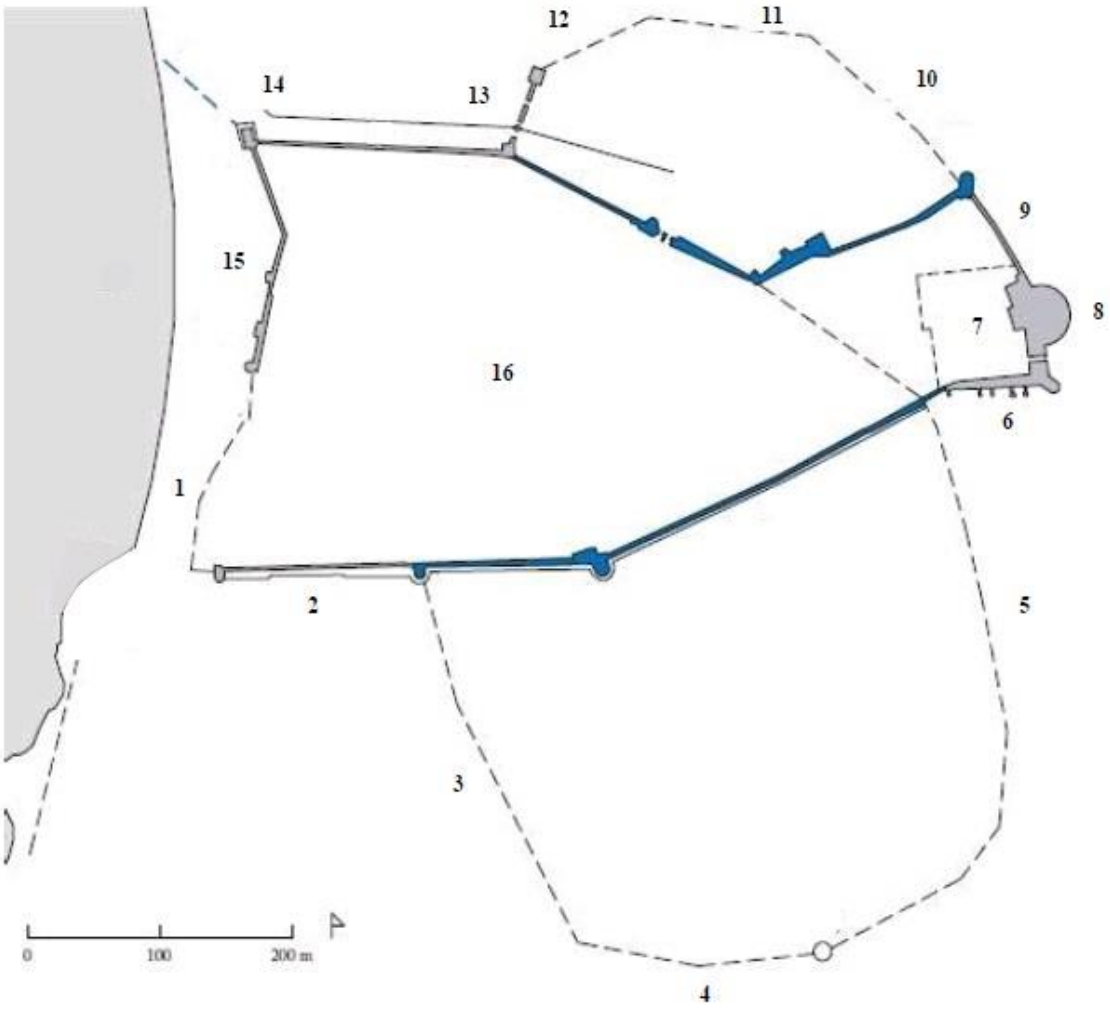
---

[827] Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, Vol. I, Capítulo III, pp. 11-26; Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte I, Capítulos XXVIII-XXIX, pp. 210-215; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VII, pp. 119-121.

[828] Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 3 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 41. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLV, pp. 271-280. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 149-153.

[829] Veja-se o mapa original em Jorge Correia, *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África*, p. 264.

[830] Uma vez que os socorros foram chegando ao longo do cerco, optámos por elaborar o mapa de acordo com os recursos humanos distribuídos pelas estâncias até às vésperas do grande ataque, que se deu no dia 30 de Dezembro.



1. Estância de Francisco de Abreu (Porta de Guerniz). 5 torres e 80 braças de muro. 20 homens, 12 besteiros, 6 espingardeiros e 1 bombarda.
2. Estância de Cristóvão Freire. 8 torres e 115 braças de muro. 10 homens, 12 besteiros, 6 espingardeiros e 1 bombarda.
3. Estância de João Esmeraldo. 9 torres e 135 braças de muro. 70 homens e 1 bombarda.
4. Estância de Luís de Atouguia. 9 torres e 103 braças de muro. 50 homens e 40 besteiros e espingardeiros.
5. Estância de D. Rodrigo de Noronha. 12 torres e 204 braças de muro. Todos os judeus, 8 cavaleiros e escudeiros, 12 besteiros, 6 espingardeiros e 1 bombarda.
6. Estância de João de Freitas e Antão de Freitas? Manuel Cabral?
7. Estância de Gonçalo Mendes Sacouto (Alcáçova). 50 homens e 25 besteiros e espingardeiros.
8. Estância de João Homem (Baluarte da Alcáçova). Bombardeiros, besteiros e espingardeiros. Equipado com artilharia grossa.
9. Estância de Gonçalo Martins Valente.
10. Estância de D. Bernardo. 12 torres e 147 braças de muro. 30 homens, 12 besteiros, 6 espingardeiros e 1 bombarda.
11. Estância de Pedro de Brito. 3 torres. 25 homens.
12. Estância de D. Garcia de Eça. 6 torres e 70 braças de muro. 34 homens, 12 besteiros, 6 espingardeiros e 2 bombardas.
13. Estância de Alvaro de Faria. 5 torres e 60 braças de muro. 30 homens, 12 besteiros, 6 espingardeiros e 2 bombardas.
14. Estância de Manuel Cerveira (Porta de Gafos). 5 torres e 70 braças de muro. 30 homens, 12 besteiros, 6 espingardeiros e 2 bombardeiros.
15. Estância de Nuno Vaz. 12 torres e 210 braças de muro. 6 homens.
16. Estância móvel de Nuno Fernandes de Ataíde.

Fig. 65 - Disposição das estâncias organizadas por Nuno Fernandes de Ataíde no grande cerco de 1510.

Ataíde sabia, através da sua rede de espias, que o adversário pretendia atacar a cidade logo na noite de dia 23, depois do cerco ficar concluído. Foi nesse sentido que, após distribuir as tropas pelas estâncias, mandou equipá-las com quinze panelas de pólvora cada, para além de fachas de cedro, alcatrão e azeite a ferver. Para além disso, mandou o capitão que se iluminassem as ameias, de modo a que os sitiados tivessem visibilidade sobre o campo[831]. O adversário, ao compreender o modo como os portugueses se tinham preparado para o assalto, adiaram o ataque, que só teve lugar no dia 27. Durante este compasso de tempo, Ataíde não parou de dar instruções no sentido de melhor fortificar a cidade, sempre acompanhado de Álvaro de Ataíde, Nuno Gato e de uma "estância móvel" a cavalo que rodava por todas as outras de modo a prestar assistência. Algumas casas foram demolidas, os muros reforçados e as torres artilhadas com bocas-de-fogo, onde também foram abertas seteiras. Ainda que as grandes obras de fortificação em Safim se tenham dado a partir do grande cerco de 1510, nomeadamente, durante o resto do reinado de D. Manuel e de D. João III[832], os registos fotográficos que fizemos do sistema defensivo da cidade poderão contribuir para termos uma ideia aproximada da configuração de algumas estruturas durante o presente assédio.

---

[831] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, p. 289. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 82-91. Veja-se também Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XII, pp. 285-286.

[832] Sobre as campanhas de obras em Safim vejam-se Ver Jorge Correia, *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África*, pp. 259-292; Pedro Dias, *A Arquitectura dos Portugueses em Marrocos*, pp. 165-189. Do mesmo autor ver também *História da Arte Portuguesa no Mundo – O Espaço Atlântico (séculos XV – XIX)*, pp. 44-49 e 67-68; "As fortificações portuguesas na cidade magrebina de Safi", in *Oceanos – Fortalezas da Expansão Portuguesa*, Nº 28, pp. 10-22.



Fig. 66 - Bordj Boulkecita, na actualidade. Localizado na muralha sul, encontra-se equipado com canhoneiras para a artilharia. Fotografia: Fernando Pessanha, 2019.



Fig. 67- Bordj Boulkecita, na actualidade. Localizado na muralha sul, encontra-se equipado com sateiras e canhoneiras para a artilharia. Fotografia: Fernando Pessanha, 2019.



Fig. 69 - Bordj el Khadir, na actualidade. Localizado na muralha norte, encontra-se equipado com seteiras e canhoneiras para a artilharia. Fotografia: Fernando Pessanha, 2019.



Fig. 68 - Bordj Khazenet el Baroud, na actualidade. Encontra-se equipado com seteiras e canhoneiras para a artilharia. Fotografia: Fernando Pessanha, 2019.

Diz-nos Nuno Gato que o "*Capitão, que de noite e de dia senpre andava sobre iso provendo*"[833]. E, de facto, Ataíde não descansou, acorrendo a todas as estâncias para animar os combatentes, que ali dormiam armados, provendo-os com biscoito, jarros de vinho e figos. Segundo o capitão,

"*afirmo a Vossalteza qu'elles e os que rroldavamos num tínhamos tempo de comer nem dormir, e sempre andar harmados, porque, como era manhãa, vinham loguo hos Mouros com suas batalhas carradas contra ho muro*"[834].

Finalmente, no dia 27 de Dezembro[835], os mouros lançaram o ataque. O alvo escolhido foi o pano de muralha norte, entre a porta de Almedina e a porta de Gafos[836], o que quer dizer que, de acordo com a disposição das forças adversárias relatada por Nuno Gato[837], foram os mouros de Almedina e de Azamor (os que estiveram na origem da sublevação) a tomar a iniciativa na primeira grande investida. De resto, também a porta de Guerniz[838] foi atacada pelas tribos posicionadas contra a muralha sul, entre a

---

[833] Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 3 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 41. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLV, p. 276. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 149-153.

[834] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, p. 290. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 82-91.

[835] D. Jerónimo Osório engana-se ao situar o ataque no dia 23 de Novembro. Ver Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VII, p. 156. Todas as outras fontes situam o ataque entre dia 27 e dia 28 de Dezembro.

[836] Veja-se fig. 70.

[837] Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 3 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 41. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLV, p. 278. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 149-153.

[838] Sobre "Guerniz" ou "Guarniz" veja-se David Lopes, "Cousas luso-marroquinas – notas filológicas sobre particularidades vocabulares do português das praças de África", in *Boletim de Filologia*, pp. 254-255.

alcáçova e o mar, nomeadamente, pelas tribos de Ole Danbram, Ole de Bo Haziz, Ole Çobeth e pelos mouros da Xiátma[839].



Fig. 70 - Pano da muralha norte, na actualidade. Localizado entre o Bordj Bordj el Khadir e o Bordj Rouah, foi atacado pelos mouros de Almedina e de Azamor no dia 27 de Dezembro de 1510. Fotografia: Fernando Pessanha, 2019.

[839] A planta onde aparecem distribuídas estâncias organizadas por Nuno Fernandes poderá ajudar-nos a perceber quais os pontos para onde foram dirigidos os ataques. Veja-se fig. 65.



Fig. 71 - Pano de muralha sul, na actualidade. Localizado entre o Bordj Boulkecita e o Bordj Naceur, foi atacado pelos mouros de Ole Danbram, Ole de Bo Haziz, Ole Çobeth e pelos mouros da Xiátma no dia 27 de Dezembro de 1510. Fotografia: Fernando Pessanha, 2019.

As fontes são unânimes quanto ao modo como os mouros tentaram tomar a cidade, no entanto, os relatos apresentam diferenças entre si. De acordo com Manuel de Faria e Sousa, os sitiadores "*llegaron a aquellas murallas con valerosa osadía, y con todas las maquinas, instrumentos y prevenciones con que se pica, y assalta una fuerça*"[840]. Do mesmo modo, também D. Jerónimo Osório diz que os inimigos "*encostavam escadas, aplicavam mantas com que, cobertos, arruinassem a muralha, e com chuveiros de setas e zagaias forcejavam para nos assoberbar*"[841].

Quem lê as palavras destes cronistas fica, desde logo, com a impressão de que se tratou de uma violenta investida em que o adversário muçulmano, ao conseguir chegar junto à muralha, trabalhou no sentido de a danificar, de modo a abrir uma brecha por onde os sitiadores pudessem entrar. No entanto, diz-nos Góis que neste dia 27 apenas "*chegaram ao muro alguns* deles *(...) trazendo escadas, mantas, alferces, picoens, &*

[840] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 93.

[841] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VII, p. 156.

officiaes pera fazerem entrada"[842], enquanto o próprio Nuno Gato, que realmente foi testemunha presencial, diz que "*nom ousarom chegar ao muro a picar, porem chegarom muito pertod'ele*"[843], versão corroborada pelo próprio Nuno Fernandes, quando refere:

"*Cheguaram-se os Mouros de pee muito a cidade sem chegarem ao muro, e parace-me que nam chegaram porque começaram loguo a matar nelles com espinguardas e bestas e bombardas, posto que todollos dias a hartelharia matava nelles*"[844].

Aliás, no que se refere ao presente assalto, Ataíde nem sequer menciona a utilização das panelas de pólvora, breu, alcatrão e azeite a ferver referidas pelos cronistas e cuja utilização seria perfeitamente normal, caso o adversário conseguisse, efectivamente, posicionar-se junto às muralhas, tal como aconteceu no cerco que teve lugar dois anos antes, em Arzila[845]. Vemos, deste modo, que as crónicas mais tardias (aparentemente tidas como fidedignas por David Lopes ou Durval Pires de Lima) parecem acompanhadas de um crescente exagero quanto comparadas com as narrativas contemporâneas, produzidas dias depois dos acontecimentos. De resto, este manifesto exagero encontra-se bem patente no número de vítimas mortais que resultaram deste primeiro assalto: mais de trinta, de acordo com o capitão[846], contra as mais de

---

[842] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XII, p. 286.

[843] Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 3 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 41. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLV, p. 276. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 149-153.

[844] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, p. 292. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 82-91.

[845] Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, Vol. I, Capítulo III, p. 11; Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte I, Capítulos XXVIII, p. 211; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VII, p. 119. Sobre o cerco de Arzila de 1508 veja-se também a análise de Gonçalo Couceiro Feio, *A Guerra no Renascimento*, pp. 206-211.

[846] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et

quatrocentas referidas por Damião de Góis[847], D. Jerónimo Osório[848] e Manuel de Faria e Sousa[849].

Findo este ataque, o capitão tomou a iniciativa. No dia seguinte, acompanhado por oito cavaleiros, saiu da cidade pela Porta de Almedina, com o objectivo de capturar algum mouro que lhe confessasse os planos dos sitiadores. Depois de matar dois, o que encolerizou o arraial, Nuno Fernandes acabou por recolher a Safim, onde começavam a chegar reforços. Já no dia anterior tinham chegado Pedro de Brito e D. Francisco de Noronha com quarenta homens, vindos da ilha da Madeira, seguindo-se Manuel de Noronha com setenta homens, o capitão castelhano Diogo Sanches[850], com cinquenta e um homens de soldo, entre besteiros e outros homens de armas e, já no último dia do cerco, o capitão Lopo Fernandez Merinho, com cem espingardeiros[851], entre outros que se lhes juntaram até ao fim do assédio.

Entretanto, o adversário preparava-se para o grande assalto. No dia 30 de Dezembro, atacaram a cidade pelo sul, direccionando a investida para a porta de Guerniz, defendida por Francisco de Abreu. Segundo Ataíde, tratava-se de um pano de muralha mais baixo[852], o que fez com que o assalto fosse de tal forma violento que,

---

Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, p. 292. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 82-91.

[847] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XII, p. 286.

[848] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VII, p. 156.

[849] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 93.

[850] Sobre a participação dos andaluzes na Expansão Portuguesa veja-se Fernando Pessanha, "A Andaluzia na Expansão Portuguesa em Marrocos: Espaço de mobilidade e oportunidade nos alvores da Idade Moderna", in *Movilidad, interacciones y espacios de oportunidade entre castilla y Portugal en la Edad Moderna*, pp. 209-229.

[851] Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 3 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 41. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLV, p. 277. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 149-153.

[852] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, p. 293. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 82-91.Veja-se figs. 71 e 72.

como metaforicamente referiu Nuno Gato, "*apertarom tam rijo que as pedras e azagaias que vinham per o ar tohiam a vista ao sol*"[853].



Fig. 72 - Pano de muralha sul, na actualidade. Localizado entre o Bordj Boulkecita e o Bordj Naceur, foi atacado pelos mouros de Ole Danbram, Ole de Bo Haziz, Ole Çobeth e pelos mouros da Xiátma, no dia 30 de Dezembro de 1510. Fotografia: Fernando Pessanha, 2019.

De acordo com as fontes, a pressão deste momento foi tanta que impediu os portugueses de conseguirem responder, levando-os a desamparar a estância, "*de medrosos*"[854]. Foi então que Nuno Fernandes, que acorria a todas as estâncias para

[853] Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 3 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 41. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLV, p. 279. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 149-153. Note-se que Damião de Góis utilizou uma descrição muito parecida: "*setas, pedras de fundas, & azagaias, de maneira que encobriam o sol*". Ver Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XII, p. 286.

[854] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VII, p. 156. Pedro de Mariz, por exemplo, é menos duro quando refere que "*alguns chegarão a desamparar as estancias, que lhe estavão*

animar os combatentes, foi com o adail, o contador e todos os que o acompanhavam em socorro da muralha voltada para a praia, tendo mesmo descido do cavalo para se juntar aos defensores num momento crítico, em que os adversários, colados ao muro com mantas e escadas, forcejavam para tomar uma torre. Finalmente, depois de quatro horas de encarniçado combate, os sitiadores recuaram, deixando no campo quatrocentos mortos, segundo Ataíde[855], ou seiscentos mortos, segundo os cronistas[856].

O insucesso do ataque acabou por quebrar o ânimo dos sitiadores, pelo que, no dia seguinte (31 de Dezembro), levantaram o cerco ao fim de dezassete dias. Segundo os cronistas, Ataíde ainda se lançou em perseguição dos mouros com quatrocentos de cavalo e cem peões, tendo morto e aprisionado alguns. Porém, perante tamanha multidão de mouros em debandada, optou por não se afastar demasiado da cidade, temendo um contra ataque que colocasse os portugueses numa posição desfavorável.

Vencida a provação, Ataíde "*conquistava glória e prestígio aos olhos de mouros e cristãos*"[857]. Contrariamente ao esperado pelo adversário, resistiu ao cerco posto por tão grande confederação de tribos mouras, não obstante a manifesta desproporção numérica. É certo que, como David Lopes bem observou, na guerra de então o número não era o factor principal para a obtenção da vitória. Note-se, aliás, que o elevado número de sitiadores poderá mesmo ter sido nocivo para os objectivos dos comandantes militares mouros, uma vez que ordenar tão elevado número de combatentes não só era tendencialmente moroso, como acabava por se traduzir em inevitáveis dificuldades logísticas. Refira-se, por outro lado que, ao contrário do que acontece com Nuno

---

encomendadas". Ver Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 720.

[855] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, p. 293. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 82-91.

[856] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XII, p. 286; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VII, p. 157; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 93. Luis del Mármol Carvajal parece confundir os números ao registar que dos dois combates resultaram seis mil mortes entre os mouros. Ver Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 45v.

[857] Fernando Pessanha, "Nuno Fernandes de Ataíde, «*o que nunca está quedo*» - De alcaide de Alvor a capitão e governador de Safim", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XXXIX, p. 53.

Fernandes de Ataíde, nenhuma das fontes conhecidas regista a identidade do principal comandante muçulmano[858], o que poderá, desde logo, denunciar uma potencial falta de unidade determinada pelas rivalidades existentes entre as várias tribos que compunham a massa humana que cercou Safim.

De facto, não será exagerado afirmar que aos comandantes mouros faltou a capacidade estratégica evidenciada por Ataíde, ou seja: um comando vigoroso e uma organização criteriosa na distribuição das tropas e de armamento adequado. Com efeito, se excluirmos a utilização de armas de fogo, todo o cerco a Safim de 1510 pode resumir-se a um assédio de características tipicamente medievais, isto é: o objectivo de tomar uma cidade protegida por altos panos de muralhas através da utilização de forças de infantaria equipadas com picões, escadas e mantas, com o objectivo de a tomar pelo método de escalada, e de que os assediados se defendiam através do disparo de setas e do arremesso de pedras, alcatrão e azeite a ferver.

É certo que as fontes referem a utilização de armas de fogo por parte dos sitiadores, nomeadamente, de espingardeiros. Note-se, no entanto, não existir qualquer referência a danos causados por estes, o que é perfeitamente natural, uma vez que a utilização das armas de fogo portáteis em inícios do século XVI, como arcabuzes ou mosquetes colocava os espingardeiros em campo aberto num alvo fácil de abater, em virtude da lenta cadência de tiro inerente à recarga destas armas. É exactamente nesse sentido que, no contexto desde cerco, os espingardeiros portugueses levaram manifesta vantagem sobre os mouros, já que as suas espingardas se tornavam altamente eficazes na defesa de posições fixas, como torres ou baluartes, onde os soldados que as manuseavam podiam proteger-se durante o processo de carregamento e de onde podiam facilmente fustigar o inimigo[859]. Refira-se, aliás, que estas armas eram frequentemente auxiliadas pelas tradicionais armas medievais, como as bestas, que continuaram a ser utilizadas tanto em Marrocos como no Oriente enquanto armas decisivas na defesa das praças, pelo menos até à década de 1530. Com efeito, a satisfatória cadência de tiro das bestas fez com que estas se tornassem bastante úteis durante o processo de recarregamento das armas de fogo, o que permitia uma utilização intermitente das

[858] Leão-o-Africano, por exemplo, nem sequer faz referência a este cerco ao escrever sobre Safim. Ver Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, pp. 179-181.

[859] António Manuel Hespanha, "Introdução", in *Nova História Militar de Portugal*, Vol. II, p. 12.

mesmas, tornando regular o tiro constante[860]. De resto, é precisamente com essa ideia que ficamos quando o capitão relata o modo como o "*contador co ha espingarda e Fernam Rodriguez co ha besta mataram alguns d' eles, que os fizeram desapegar da torre*"[861], durante o momento de maior aflição, na Porta de Guerniz. É, portanto, sem grande surpresa que constatamos que todas as estâncias organizadas por Ataíde contavam com um corpo defensivo constituído normalmente por seis espingardeiros e doze besteiros, o que quer dizer que a cadência de tiro constante, determinada pela eficácia do armamento, não só compensava o reduzido número de defensores, como também impunha consideráveis baixas aos sitiadores que procuravam aproximar-se das muralhas.

Também é certo que as fontes referem a utilização de alguma artilharia de ferro e metal por parte dos adversários[862], tal como aconteceu durante o ataque de 27 de Dezembro, em que os mouros fizeram tiro com "*hua bombarda*"[863] para o pano de muralha entre a porta de Almedina e a porta de Gafos[864]. No entanto, e tal como no caso das armas de fogo portáteis, não há notícia de danos causados pelos bombardeiros mouros, ao contrário das bocas-de-fogo dos portugueses que, criteriosamente divididas pelas várias estâncias, "*todollos dias hartelharia matava nelles*"[865]. Refira-se, a este

---

[860] Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém Mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, p. 130.

[861] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, p. 294. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 82-91.

[862] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VII, p. 156; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 45.

[863] Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 3 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 41. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLV, p. 276. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 149-153.

[864] Veja-se fig. 70.

[865] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et

respeito, que Nuno Fernandes teve a atenção instalar a artilharia grossa (as bombardas de maior alcance) no baluarte junto à alcáçova, "*qu' era mui baixo da parte de fora*"[866] ou, como referiu Damião de Góis, "*por ser o lugar onde mais seruia*"[867]. Quer isto dizer que o capitão, consciente dos estragos que o tiro rasante infligia nos sitiadores que procurassem atacar a alcáçova, optou por colocar a artilharia mais potente num baluarte baixo em altura, tal como viria a ser prática corrente décadas mais tarde, aquando da implementação dos novos sistemas abaluartados característicos da arquitectura militar da Idade Moderna. Note-se, para além disso, que este baluarte fortemente artilhado protegia a alcáçova, o derradeiro reduto (defendido por "*cem omeens, em que haveria xxb besteiros e espingardeiros*"[868]) em que os portugueses se poderiam refugiar, caso os sitiadores tomassem a vila. De resto, as opções estratégicas do capitão e o modo racional como soube gerir os recursos humanos e materiais face a um adversário muito superior em número, acostumado à guerra e que combatia em casa, permite-nos, desde logo, vislumbrar o notável vanguardismo de pensamento de Ataíde no modo de teorizar e praticar a guerra.

Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, p. 293. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 82-91.

[866] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, p. 292. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 82-91.

[867] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XII, p. 285.

[868] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, p. 288. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 82-91.



Fig. 73- A alcáçova na actualidade, com o Bordj Rouah à esquerda e o Bordj ed Dar à direita.
Fotografia: Fernando Pessanha, 2019.



Fig. 74 - Baluarte da alcáçova Bordj ed Dar, na actualidade.
Fotografia: Fernando Pessanha, 2019.



Fig. 75 - Baluarte da alcáçova Bordj ed Dar, na actualidade.
Fotografia: Fernando Pessanha, 2019.



Fig. 76 - As armas de Portugal no Baluarte da alcáçova Bordj ed Dar.
Fotografia: Fernando Pessanha, 2019.

Findo o cerco e ultrapassada a prova de fogo, Nuno Fernandes provava as suas capacidades a nível da táctica defensiva, conquistando a admiração dos soldados e o respeito de D. Manuel. Estava superado o primeiro grande desafio de Ataíde. Vale a pena recordar as laudatórias palavras que lhe dedicou António Caetano de Sousa, o grande genealogista do século XVIII, quando escreveu: "*no grande sitio, que no anno*

de 1510, sustentou com immortal gloria o insigne capitaõ Nuno Fernandes de Ataide"[869].

5.4 – Almedina e Conte: amadurecimento nas primeiras entradas

Segundo David Lopes, a capitania de Nuno Fernandes de Ataíde:

"*é a página mais assombrosa da história luso-marroquina; foram seis anos de vida trepidante de cavalgadas e combates; por isso ele foi alcunhado de «nunca esta quedo». O adversário era digno dele, corajoso como ele, e as suas vitórias são, pois, mais estrondosas. Ele e os seus companheiros foram os que fizeram do nome português sinónimo de bravura e lhe criaram essa auréola que ainda tem naquele país*"[870].

Não é nossa intenção fazer uma explanação exaustiva das acções militares que transformaram Nuno Fernandes numa figura singular no contexto do projecto imperial manuelino. No entanto, importa notar que as suas iniciativas foram sujeitas a um gradual processo de amadurecimento, verificável desde o fim do cerco de 1510. De facto, as entradas comandadas por Ataíde a partir de inícios de 1511 dão-nos conta de uma paulatina evolução táctica e estratégica no modo de teorizar e praticar a guerra, sendo estas evidentes na forma como foram conduzidas as duas grandes entradas que tiveram lugar nesse mesmo ano e a que de seguida faremos referência. Uma vez que não

---

[869] António Caetano de Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, Tomo XI, p. 398. Usando as palavras do historiador espanhol León Vera y Galindo, "*en la heróica defensa de Saffi, que por entonces hizo el Capitán Nuño Fernández de Ataide contra innumerable morisma*". Ver León Vera y Galindo, *Las Posesiones Hispano-Africanas*, p. 85.

[870] David Lopes, *A Expansão em Marrocos*, p. 31 e "A Expansão em Marrocos", in *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Vol. I, p. 158. Recordemos igualmente as palavras de Diego de Torres: "*Nuño Fernández de Ataide con gran número de gente de a pie y de a cavallo y muchas armas y artillería y municiones. El qual llegado a Safi començ luego a correr la tierra y hizo muchas entradas donde cativò muchos Moros y les tomò gran cantidad de ganados, y con esto vino a ser tan temido en Berberia que tuvieron por bien los Alárbes que bivían a seis leguas y más de Çafi, de pagar tributo al Rei y ser sus vasallos*". Veja-se Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo V, p. 12.

é conhecida epistolografia relativa a estes dois acometimentos[871], iremos basear-nos nas crónicas de Damião de Góis, D. Jerónimo Osório, Pedro de Mariz, Luis del Mármol Carvajal, Diego de Torres e Manuel de Faria e Sousa[872].

---

[871] Note-se que, para além da carta de 17 de Março em que Nuno Fernandes escreve ao rei sobre os problemas que enfrentava em Safim com a falta de mantimentos e dinheiro face aos preparativos dos mouros para a guerra, mais nenhum documento relativo a esse ano encontra-se publicado em *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc.* Archives et Bibliothèques de Portugal. De facto, nesta missiva "*revelava Nuno Fernandes de Ataíde que uma «parte da gente» tinha abandonado Safim pela falta de dinheiro que nela havia. Além disso, desconfiava que 200 lanças se preparavam para deixar a cidade em Abril e suplicava ao rei que não lhe retirasse os besteiros e espingardeiros enviados durante o cerco, caso contrário ficaria sem soldados para guardar a cidade e as obras do atalho*". Ver Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém-mar*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, p. 71. Sobre o documento em questão veja-se carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 17 de Março de 1511. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 60. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. XLVIII, pp. 297-299. Ver também Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 264. De resto, os receios de Nuno Fernandes de Ataíde confirmavam-se e os homens de armas abandonavam Safim. Em carta datada de 11 de Maio de 1511, revelava que a gente da dita cidade deixava a fortaleza, coisa que ele não podia impedir. Por isso, rogava a D. Manuel que lhe enviasse mais pessoas para fazer face à falta de gente na cidade. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 54. Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 264.

[872] Com efeito, a esmagadora maioria de documentos relativos a Safim para o ano de 1511 são confirmações de cavaleiros, pela apresentação de alvarás de Nuno Fernandes de Ataíde. Vejam-se, a título de exemplo, "*A Gabriel Formoso, morador em Caminha, confirmação de cavaleiro, pela apresentação de um alvará de Nuno Fernandes de Ataíde, do conselho d' el Rei, capitão em Safim*", em 2 de Maio de 1511; A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 41, fl. 21; "*A Álvaro Malheiro, morador na Covilhã, terra do Duque de Bragança, confirmação de cavaleiro, pela apresentação de um alvará de Nuno Fernandes de Ataíde, do conselho d' el Rei, capitão de Safim*", em 17 de Maio de 1511, A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 41, fl. 24; "*A António Teixeira, morador no Porto, confirmação do privilégio de cavaleiro, pela apresentação de um alvará de Nuno Fernandes de Ataíde, do conselho de d' el Rei e capitão de Safim*", em 4 de Junho, de 1511. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 41, fl. 31; "*A Rui Gonçalves, morador na vila de Barcelos, confirmação do privilégio de cavaleiro, pela apresentação de um alvará de Nuno Fernandes de Ataíde, do conselho d' el-Rei e capitão de Safim*", em 25 de Junho de 1511. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 41, fl. 36; "*A Sebastião de Morais, confirmação do privilégio de cavaleiro, pela apresentação de um alvará de certidão de Nuno Fernandes de Ataíde, do conselho d' el Rei, capitão e governador de Safim*", em 8 de Julho de 1511. A.N.T.T.,

Parece óbvio que a vitória portuguesa no grande cerco de 1510 terá, certamente, motivado Nuno Fernandes de Ataíde, não só pelo sucesso alcançado, como também por várias tribos mouras da região se terem então tornado vassalas e tributárias de Portugal. Tal não foi o caso dos mouros de Almedina e dos que viviam nos seus arredores. É nesse sentido que importa notar que, poucos dias depois do fim do cerco, logo em 22 de Janeiro de 1511[873], Nuno Fernandes mal deixou o adversário respirar, partindo com quatrocentas e trinta lanças e cem peões besteiros e espingardeiros para atacar uns aduares localizados nos arredores desta cidade. Posto isto, detenhamo-nos em três aspectos que bem merecem a nossa atenção: a localização e a importância de Almedina, o motivo que levou Ataíde a atacar os seus aduares após o fim do cerco e a utilização de um corpo de espingardeiros para este ataque.

Chancelaria de D. Manuel I, liv. 41, fl. 40; "*A Bartolomeu Favela, morador em Tavira, confirmação do privilégio de cavaleiro, pela apresentação de um alvará de Nuno Fernandes de Ataíde, do conselho d' el Rei, que foi capitão de Safim*", em 12 de Julho de 1511. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 41, fl. 35; "*A Cristóvão Gonçalves, que serve em Safim, confirmação de um alvará de Nuno Fernandes de Ataíde, do conselho do rei, e capitão nessa cidade, com os privilégios inerentes ao título*", em 31 de Julho de 1511. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 7, fl. 15; "*A Filipe Gil, confirmação do alvará de cavaleiro passado por Nuno Fernandes de Ataíde, capitão da cidade de Safim, atendendo aos serviços por ele prestados nessa cidade*", em 4 de Agosto de 1511. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 7, fl. 6v; "*A Diogo de Abreu, morador em Estremoz, confirmação de cavaleiro, pela apresentação de um alvará de Nuno Fernandes de Ataíde, do conselho d' el Rei e capitão de Safim*", em 6 de Agosto de 1511. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 41, fl. 61; "*A Diogo Tomás, morador na vila de Lagos, confirmação de cavaleiro, pela apresentação de um alvará de Nuno Fernandes de Ataíde, do conselho d' el Rei, capitão de Safim*", em 17 de Agosto de 1511. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 41, fl. 50v; "*A João de Leitão, que foi criado de Diogo da Silveira, falecido, confirmação de cavaleiro (…) foi feito cavaleiro por Nuno Fernandes de Ataíde, por ter servido na cidade de Safim*", em 20 de Dezembro de 1511. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 41, fl. 62. Acerca do *status* do cavaleiro na sociedade portuguesa de inícios de Quinhentos veja-se Manuela Mendonça, "O estatuto de cavaleiro no início do séc. XVI – Significado social da participação nos feitos bélicos no Norte de África", in *XII Colóquio "Laços Histórico Militares Luso Magrebinos. Perspectivas de Valorização"*, pp. 451-487.

[873] Engana-se D. Jerónimo Osório quando remete esta entrada para 2 de Janeiro de 1511. Ver Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VII, p. 157. De acordo com Góis, esta entrada teve lugar em 22 de Janeiro de 1511. Ver Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIII, p. 287.

No que respeita à sua localização, diz-nos D. Jerónimo de Osório que Almedina é uma "*praça forte oito léguas a norte de Safim*"[874], distância que corresponderia a aproximadamente quarenta ou quarenta e oito Km[875]. Luis del Mármol Carvajal, por seu lado, refere que Almedina se encontra "*diez léguas de la ciudad de Safi, entre ella y la ciudad de Azamor*"[876]. Já o autor da *Descrição de Marrocos* de 1596 regista que

"*De Safim mea jornada de hum homem de cavalo pera Marrocos, duas legoas aredada do mar, em hum campo razo, grande e fermozo, esta asemtada huma sidade mal povoada; dizem ser como a metade d'Evora; chaînasse Midinna". Tem pam, agoa, e criaçôeys de gado*"[877].

As informações presentes nos mapas do noroeste africano dos séculos XVI, XVII e mesmo XVIII poderiam, eventualmente, facultar-nos algumas pistas, como o mapa *Marochia*, de Livio Sanuto (1520-1576), os mapas *Fezzae et Marocchi regna Africae celebérrima* e *Barbariae et biledvlgerid nova descriptio*, de Abraham Ortelius (1527-1598), o *Fessae et Marocchi regna*, de Jodocus Hondius (1563-1612), o *Estats et royaumes de Fez et Maroc, Dahra et Segelmesse tirés de Sanuto, de Marmol, etc*, de Nicolas Sanson (1600-1667) ou o *Statuum Maroccanorum regnorum nempe Fessani, Maroccani, Tafiletani et Segelomessani...*, de Johann Christoph Homann (1664-1730).

Porém, e como adiante veremos, a localização avançada por estas fontes cartográficas levantam sérias dúvidas, já que esta cidade é sistematicamente posicionada entre Azamor e Mazagão, o que não vai ao encontro das informações facultadas pelo

---

[874] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VII, p. 157.

[875] Calculámos as distâncias tendo em consideração de que a designada légua poderia corresponder a cinco ou a seis Km no terreno.

[876] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LXI, fl. 61.

[877] Ver *Descrição de Marrocos – Copia do emperio e reinos dos xarifes na Berberia em Africa, & de algumas terras de negros, comessando na emperial sidade de Marrocos, cabessa do dito emperio, e sua comarca*. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliotèques de France, Vol. II, Doc. LXXXVII, p. 252.

Cícero Português, Luis del Mármol Carvajal, nem mesmo pela epistolografia[878]. O facto de este topónimo não aparecer registado na cartografia náutica do século XV e XVI a que anteriormente aludimos nem no capítulo XVII do *Esmeraldo de Situ Orbis*, que descreve a linha de costa entre Azamor e a vila de Tite, faz-nos duvidar seriamente da localização de Almedina avançada pelos cartógrafos atrás referidos.

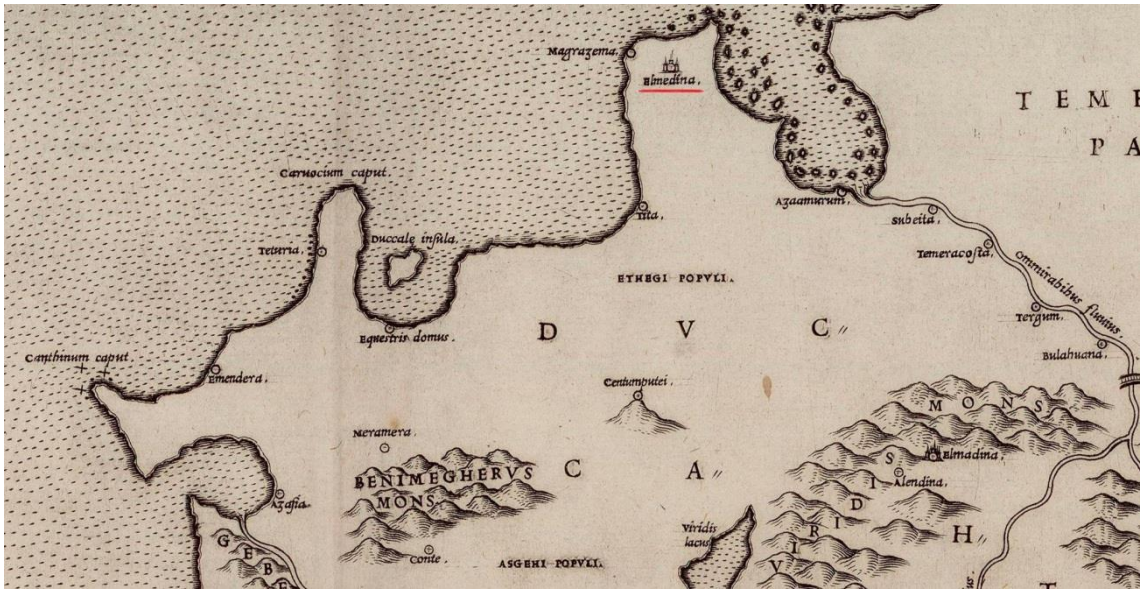


Fig. 77 - O topónimo de Almedina representado no mapa *Marochia*, de Livio Sanuto (1520-1576). B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8079).
(On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b85954563
(Consultado em 20 de Novembro de 2019).

[878] Veja-se, a título de exemplo, a carta do rabino Ibrahim ben Zamirou a D. Manuel, onde este refere a localização do castelo de Tarter, numa das cabildas de Almedina, a cinco léguas desta cidade e a quatro léguas da Casa do Cavaleiro que, tal como é referido por Duarte Pacheco Pereira, se encontrava a dez léguas de Mazagão. Ver Carta do rabino Ibrahim ben Zamirou a D. Manuel, em 5 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 21. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVI, p. 282; Cf. Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Capítulos 17-18, pp. 29 e 30.



Fig. 78 - O topónimo de Almedina representado em *Fezzae et Marocchi regna Africae celebérrima*, de Abraham Ortelius e Jan Jansson, publicado em 1642, aproximadamente. S.D.R. (On line) Disponível em: https://exhibits.stanford.edu/renaissance-exploration/catalog/cf043dn8189

(Consultado em 20 de Novembro de 2019).



Fig. 79 - O topónimo de Almedina representado em *Fessae et Marocchi regna*, de Jodocus Hondius (1563-1612). B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE SH 18 PF 224 DIV 2 P 16/1 D. (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53142992f
(Consultado em 20 de Novembro de 2019).



Fig. 80 - O topónimo de Almedina representado no *Estats et royaumes de Fez et Maroc, Dahra et Segelmesse tirés de Sanuto, de Marmol, etc*, de Nicolas Sanson (1600-1667). B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8044). (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8595420g/f1.item.zoom (Consultado em 20 de Novembro de 2019).



Fig. 81 - O topónimo de Almedina representado no *Statuum Maroccanorum regnorum nempe Fessani, Maroccani, Tafiletani et Segelomessani...*, de Johann Christoph Homann (1664-1730). B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8045). (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8595421w/f1.item (Consultado em 20 de Novembro de 2019).

De facto, Duarte Pacheco Pereira faz referência a Almedina mas já no final do Capítulo XVIII do *Esmeraldo de Situ Orbis*, quando escreve que "*ha doze e ha quinze leguoas de Çafy no Btaão contra Marrocos & tambem fora se seu caminho estam estes lugares .f. almedina (...)*"[879]. Será, portanto, tendo em consideração as informações facultadas por Pacheco Pereira, por D. Jerónimo de Osório e por Luis del Mármol Carvajal, que Vitorino Magalhães Godinho terá identificado a antiga Almedina com a actual El-Medina el-Gharbiya, alegadamente localizada quarenta e cinco Km a Noroeste de Safim[880]. Procurámos identificar esta povoação recorrendo à imagem de satélite, mas sem resultados satisfatórios. Seja como for, note-se que também André Teixeira identificou Almedina com a actual El-Medina el-Gharbiya situando-a a leste da localidade de Conte[881]. De resto, esta localização de Almedina parece ir ao encontro das informações facultadas pelas crónicas, nomeadamente, se tivermos em consideração as perseguições dos cavaleiros da cidade durante as expedições do capitão de Safim contra Almedina, em 22 de Janeiro de 1511, e contra Conte, em 23 de Outubro do mesmo ano.

Apresentada a localização aproximada de Almedina, debrucemo-nos agora sobre a importância desta cidade. Para tal, vale bem a pena transcrevermos o testemunho de Leão-o-Africano:

"*Es casi la capital de la region y la rodea una suerte de murallas que allí se usa, más burdas y deslucidas que outra cosa. El Pueblo, aunque ignorante, viste buenas lanas que en el lugar se elaboran, y las mujeres llevan mucho adorno de plata y cornalina. Los hombres, valientes, poseen gran cantidad de caballos. También estas gentes fueron mudadas por el rey de Fez a su territorio para que no se entregaran al de Portugal, pues aquél supo que cierto viejo, jefe político en Elmedina, les aconsejaba que rendiesen tributo al português. Vi llevar preso a esse anciano, arrastrando cadenas y descalzo, lo cual me inspiró una grande lástima ya que hizo aquello por necesidad,*

[879] Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Capítulo 18, p. 31.

[880] Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, p. 90. Na mesma obra ver ainda o mapa físico económico localizados entre as páginas 96 e 97. Veja-se também Mercedes García-Arenal (publ.), *Diego de Torres. Relación del origen y suceso de los xarifes y del estado de los reinos de Marruecos, Fez y Tarudante*, p. 44, nota 33.

[881] André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde et l'intervention portugaise à l'interieur des terres du Maroc", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, p. 105.

creyéndolo mejor que perder los bienes y la vida. Muchos hubo que intercedieron por su libertad ante el rey de Fez, quien al fin lo soltó después de pagar un rescate. La cuidad quedó despoblada en el año de novecientos veintiuno"[882].

Os testemunhos de Leão-o-Africano e Luis del Mármol Carvajal quanto à prosperidade de Almedina parecem ser corroborados pelas fontes portuguesas. De facto, desde antes da conquista de Safim que os feitores portugueses negociavam com esta cidade rica não só a nível da produção cerealífera e da criação de cavalos, como também a nível do fabrico de panos de lã, que constituía o essencial do vestuário dos seus habitantes[883]. Entre 1495 e 1498, por exemplo, o feitor Lopo de Azevedo comprou "*quimze lambees outros de rrecames rricos d'Almedina*"[884], seguramente para o resgate da Guiné. Será, portanto, ao abrigo dos interesses comerciais e da influência que os portugueses moviam em Safim que algumas famílias poderosas de Almedina, como os Mechenzaya, manifestaram a sua vontade em se submeterem ao rei de Portugal, ainda em 1502:

"*E a nos apraz de vos dar a obediencia de esta cidade e de toda sua comarca; e vos mandarees vossas mercadorias e homeens a esta cidade, e nos faremos seempre todo o que mandardes, como vossos vassalos e naturaes; e isto vos pidimos todos que asy ho façaes e compraes*"[885].

---

[882] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 182. Ver também a descrição de Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LXI, fl. 61. Não confundir com a cidade de Almedina situada na região de Hascora, também referida por Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, pp. 188-189 e por Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Caps. LXX-LXXI, fls. 65v-66. Ver igualmente a cartografia dos geógrafos anteriormente citados.

[883] Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, p. 90.

[884] Carta de quitação para Lopo de Azevedo, em 7 de Maio de 1499. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 16, fl. 60. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. VI, p. 45.

[885] Carta dos xeques dos Mechenzaya a D. Manuel, em 4 de Novembro de 1502. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 15, Nº 139. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XIII, p. 71.

A conquista de Safim pelas armas e as convulsões que tiveram lugar durante a atribulada capitania de Diogo de Azambuja acabaram, no entanto, por minar as relações com as tribos da região, nomeadamente, com os habitantes de Almedina, não obstante a rede de informadores que o capitão interino Pedro de Azevedo procurou manter com alguns moradores daquela cidade[886]. De facto, Almedina não foi poupada pela política intimidatória adoptada por Ataíde desde o início da sua capitania, tal como podemos confirmar pela carta de Nuno Gato ao rei, de 4 e 5 de Dezembro de 1510, em que o contador de Safim refere que o capitão foi correr os campos daquela cidade de modo a reclamar o tributo devido ao rei de Portugal[887]. Foi então que Almedina, face à indecisão que constituía o pagamento de tributo, procurou o conselho dos mouros de Azamor, que os incitaram a uma sublevação geral contra os portugueses e que se consubstanciou no grande cerco de 1510[888]. Vemos, deste modo, que o ataque concebido por Ataíde contra os aduares de Almedina, de 22 de Janeiro de 1511, tratou-se de uma clara acção de retaliação com o objectivo de castigar os mouros de Almedina e dos seus arredores que, como anteriormente vimos, estiveram na origem do levantamento geral que foi colocar cerco a Safim.

Tal como anteriormente referimos, Nuno Fernandes mal deixou o adversário respirar, partindo com quatrocentas e trinta lanças e cem peões besteiros e

---

[886] Veja-se, a título de exemplo, a ordem do capitão interino Pedro de Azevedo: "*dareys a Meymam, morador em Allmedyna, cynquo covodos de pano de Condado, d'esse que tendes na feytoryacento oy tenta reis covodo, por muytos avysos que a mym dá que ssam sservyço de S. A*". Ver Ordem de Pedro de Azevedo, de 6 de Dezembro de 1509. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 19, Nº 114. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXXV, pp. 221-222.

[887] Carta de Nuno Gato a D. Manuel I, em 4 e 5 de Dezembro de 1510. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 5, Nº 38. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CLIII, pp. 259-260 e em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 448-451.

[888] Carta de Nuno Gato a D. Manuel I, em 4 e 5 de Dezembro de 1510. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 5, Nº 38. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CLIII, pp. 259-264 e em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 448-451. Tal como observou o rabino Ibrahim ben Zamirou em carta a D. Manuel, "*los de Almedyna vynyeron a este cerco e fueron mucha causa del*". Ver Carta do rabino Ibrahim ben Zamirou a D. Manuel, em 5 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 21. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVI, p. 281. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 104-106.

espingardeiros para atacar uns aduares. A referência a este corpo de espingardeiros chamou, desde logo, a nossa atenção, na medida em que se trata da primeira vez em que a utilização de espingardeiros aparece de forma documentada numa entrada lançada no exterior pelos portugueses de Safim. De facto, as referências à permanência das armas de fogo portuguesas na cidade remontam, pelo menos, ao período anterior à conquista da cidade, quando desembarcadas dissimuladamente dentro de barris, como se tratassem de mercadorias e mantimentos[889]. Recorde-se, aliás, que pouco depois da conquista de Safim, Diogo de Azambuja pediu o envio de cem espingardeiros para defender a cidade[890] ou ainda a utilização das mesmas durante o grande cerco de 1510, onde se demonstraram altamente eficazes na defesa de posições fixas, como torres ou baluartes[891].

Vejamos: se a utilização das armas de fogo portáteis em inícios do século XVI colocava os espingardeiros em campo aberto num alvo fácil de abater, em virtude da lenta cadência de tiro inerente à recarga destas armas, porque motivo foram estes utilizados por Ataíde no ataque aos aduares localizados nas proximidades de Almedina? Antes de mais, devemos ter em consideração que esta desvantagem fazia-se sentir em situações onde os espingardeiros se encontravam vulneráveis, como em assédios contra alvos fortificados, onde os adversários protegidos por muros e baluartes podiam infligir-lhes danos, ou em batalhas campais, onde os espingardeiros se transformavam em alvos fáceis contra as cargas de cavalaria, como a que Nuno Fernandes de Ataíde comandou contra uma companhia de espingardeiros mouros na Batalha dos Alcaides, já em 1514.

---

[889] Segundo Damião de Góis, os portugueses "*meteram em arcas, pipas, & barris algumas armas, bestas e espingardas*", antes da conquista de Safim pelas armas. Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, II, Capítulo XVIII, p. 188.

[890] A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 101. Neste documento pedia Diogo de Azambuja que o rei lhe enviasse que 100 ferreiros e espingardeiros para estar preparado, já que o rei de Marrocos estava apenas a dez léguas da cidade. Ver também Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 290.

[891] Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 3 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 41. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLV, p. 277. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 149-153; Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, p. 288 e p. 294. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 82-91.

No entanto, os espingardeiros revelavam ser operacionais temíveis em contextos de escaramuças, já que o poder ofensivo das suas armas apresentava-se altamente eficaz em ataques rápidos e onde a cadência de tiro destas podia ser compensada pela utilização de besteiros. Refira-se que estas armas de fogo, apesar de pouco numerosas, adequavam-se perfeitamente aos teatros de operações de guerrilha, pois o número reduzido de efectivos que as manejavam era compensado pela eficiência do seu armamento pessoal. Assim sendo, estes espingardeiros tornavam-se manifestamente letais em entradas velozes e cirúrgicas, como ataques inesperados a aduares, não só por manejarem armas de fogo portáteis, como também por se revelarem extremamente letais em encontros de curta distância[892]. De resto, o facto de Ataíde ter lançado fora de Safim "*cem piaes besteiros, & espingardeiros*"[893] mostra claramente que Almedina não poderia localizar-se além das oito léguas referidas por D. Jerónimo de Osório, caso contrário seria manifestamente impossível uma força de infantaria ter tempo suficiente para partir de Safim de noite e chegar ao local *"sem decer (…) em amanhecendo a huma Torre, onde lhe o Mouro dixera que estauam os cinco aduares*"[894]. Vemos, mais uma vez, que a localização avançada pelas fontes cartográficas que localizam Almedina entre Azamor e Mazagão encontram-se em manifesto desacordo com as informações que nos são facultadas pela cronística quinhentista.

Refira-se, por fim, que esta entrada contra os aduares localizados nos arredores de Almedina acabou, no entanto, por se revelar mais problemática do que o previsto pelo capitão, já que representou um claro exemplo de como a conduta irreflectida de um

---

[892] Ver Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém Mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, pp. 103-105. Sobre a classe dos espingardeiros veja-se Pedro Filipe Fernandes Sebastião, *Os espingardeiros. Um corpo militar no alvor da Modernidade (1437-1495)*, dissertação de mestrado em História, ramo da Idade Média, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2018. Do mesmo autor veja-se ainda "O estudo de um corpo militar: os espingardeiros (c.1437- 1518). Metodologias, abordagens e hipóteses de um projecto de dissertação de mestrado", in *Incipit 7 Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto*, pp. 89-100.

[893] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIII, p. 287. Segundo o Bispo do Algarve, "*100 infantes armados de espingardas*". Ver Osório Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VII, p. 157.

[894] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIII, p. 287. Para o nosso cálculo baseámo-nos nos cinco Km hora que tradicionalmente correspondem ao passo médio de marcha.

jovem fronteiro podia ser desastrosa para o êxito de uma operação. Sendo o capitão alertado por um mouro da existência de cinco aduares localizados "*huma legoa atraues dalmedina*"[895], reuniu as suas forças e empreendeu jornada. Chegados ao local e não encontrando o alvo, determinou Ataíde seguirem avante meia légua, colocando na vanguarda uma força de cento e oitenta de cavalo comandada por Manuel de Noronha, o irmão do capitão da ilha da Madeira que tinha acorrido ao cerco de 1510 com setenta ou oitenta homens antes do derradeiro combate de 30 de Dezembro[896].

Porém, diz-nos Góis que "*Emanuel de noronha como era mancebo, & desejoso de ganhar honrra, se adiantou bem mea legoa de toda a outra companhia*"[897]. O capitão, ao aperceber-se do perigo que representava o afastamento desta força, enviou Manuel Cerveira com trinta homens ao seu encontro, mas por então já Manuel de Noronha tinha encontrado o adversário e atacado os aduares sem esperar pelo resto da companhia, o que resultou na morte do chanceler de entre Douro e Minho, Álvaro de Azevedo, e no ferimento de outros cavaleiros. Destroçados os aduares, de onde resultaram cem almas cativas e muito gado grosso e miúdo, os mouros de Almedina saíram subitamente ao encontro dos portugueses com mais de mil peões e quatrocentos de cavalo. Diz-nos Pedro de Mariz, ao escrever sobre esta entrada, que Nuno Fernandes "*chegou huma vez a largar huma grande preza, que da Cidade Almediva trazia, já quasi nas portas da Cidade Çafim*"[898]. De facto, a presa não foi largada às portas de Safim, mas sim durante o violento combate que então se deu entre os mouros de Almedina e os portugueses, depois que estes destroçaram os aduares. A peleja, aliás, foi de tal forma violenta que o capitão se viu forçado a abandonar a retaguarda e entrar na

---

[895] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIII, p. 287. Diego de Torres, por seu lado, localiza os aduares a "*dos legoas de la ciudad de Almedina*". Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo V, p. 12.

[896] "*E ao domingo ha tarde, chegou Manuel de Loronha com uma náo e co ha quaravella do Provedor; e ha náo de Manuel de Lhoronha trazeria setenta ou outenta homêes*". Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, p. 292. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 82-91.

[897] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIII, p. 287. Ver também Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 95.

[898] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 721.

batalha, enquanto incitava os portugueses ao combate. Deste segundo embate acabaram por resultar mais baixas, para além de muitos feridos. Como se pode perceber, só a muito custo Ataíde se conseguiu livrar deste ataque "*dando graças a Deos polo saluar daquele perigo*"[899]. Refira-se que mesmo depois de serem conduzidos contra uma arriba, onde os portugueses aproveitaram as condições do terreno para eliminar trezentos cavaleiros mouros, estes não se renderam, voltando a agrupar-se num esquadrão de oitocentos a cavalo para perseguirem os portugueses até légua e meia de Safim[900]. Ora, se a antiga cidade de Almedina estivesse efectivamente localizada entre Azamor e a baía de Mazagão, tal como é referido nas fontes cartográficas atrás mencionadas, isso implicaria que os cavaleiros de Almedina tivessem perseguido os portugueses durante aproximadamente cento e vinte Km pelo sertão marroquino até légua e meia de Safim, o que mais uma vez se apresenta como manifestamente inverosímil.

Em traços gerais, podemos concluir que a acção de represália lançada às imediações de Almedina foi um dos casos em que para além da experiência nada se ganhou, já que as mortes dos combatentes e dos cavalos[901] não compensaram o despojo que os portugueses se viram obrigados a largar durante a fuga. O único contentamento do orgulhoso Ataíde, que procurava a sua afirmação como principal comandante militar na região, mais não terá sido do que a chacina dos alegados trezentos mouros de Almedina, cidade que pouco antes tinha impelido as tribos da Duquela para colocar cerco a Safim. Refira-se, por fim, a prudência do capitão no comando deste combate no momento em que os cavaleiros mouros foram desbaratados, preferindo não lhes "*seguir*

---

[899] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIII, p. 288.

[900] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIII, pp. 287-289; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VII, p. 157; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 95. Esta entrada foi igualmente referida por Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 42; André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, p. 201; Fernando Pessanha, "O cavaleiro D. Rodrigo de Noronha: «o aravia» de Safim, nos Algarves de Além-mar, in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3445, 6 de Abril de 2023, p. 7.

[901] De acordo com os cronistas, pereceram nesta contenda treze portugueses e trezentos mouros, para além dos muitos cavalos que, exaustos, foram abatidos pelos portugueses, de modo a não serem recolhidos pelos adversários.

mais o alcance, contentandosse do que tinha feito"[902], seguramente por temer uma "volta" - manobra táctica muito utilizada pelos muçulmanos tanto na Península, como no norte de África e mesmo no Oriente - que colocasse os portugueses em desvantagem. Seja como for, registe-se que o erro de Ataíde em entregar o comando da força de vanguarda a um jovem audacioso e imprudente teve como consequência a divisão da companhia, que depois foi atacada de surpresa pelos mouros de Almedina. Ainda sobre este episódio, vale a pena recordar as laudatórias palavras de Manuel de Faria e Sousa:

"*No siempre ha de triunfar lo que se llama valentia: algunas vezes lo ha de hazer lo que se llama fortuna. Quanto más que a nuestro Capitan menos le faltó aqui la fortuna que la copia*"[903].

Se com esta acção pouco ou nada se ganhou, o mesmo não se pode dizer da entrada que teve lugar meses depois, em 23 de Outubro de 1511. Tal como na situação anterior, também foi através de um mouro que tinha a mulher e a filha cativas em Safim que Ataíde tomou conhecimento da existência de vinte e cinco aduares localizados a oito léguas da cidade e a três léguas de Conte[904], ou seja, a sensivelmente 21 Km desta localidade. Tal como fizemos em relação a Almedina, tentemos determinar a localização e a importância de Conte.

Ainda que Duarte Pacheco Pereira não registe esta localidade no *Esmeraldo de Situ Orbis*, Vitorino Magalhães Godinho arrisca a sua localização à mesma latitude do

---

[902] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIII, p. 288.

[903] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 96.

[904] Tal como anteriormente referimos, Nuno Fernandes de Ataíde dispunha de uma rede de espias que aliciavam os seus irmãos de raça e religião para, mediante um pagamento, revelarem ao capitão informações de interesse, como a localização de aduares, pastagens de gado, cultivos, etc. Então, durante a noite, saía o capitão com os seus cavaleiros em busca do alvo, matando e cativando os mouros e apoderando-se dos seus rebanhos. Ver Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém Mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, p. 145; Otília Rodrigues Fontoura, *Portugal em Marrocos na Época de D. João III…*, p. 38.

Cabo de Cantim, rumo ao interior[905]. Note-se que a hipótese de Magalhães Godinho parece fazer sentido, já que Valentim Fernandes, ao escrever sobre o cabo de Cantim, refere que:

"*Do cabo de Canty pella costa até o cabo Branco nom ha pouoraçam. Terra arenosa, branca e seca e terra baixa toda sem parecer hua parte mais alta que outra, sem aruores nem heruas (toda esta costa de muyto e boom peix*e"[906].

De resto, é Leão-o-Africano a dar-nos a distância, a partir da cidade de Safim:

"*Alejada de Azafi unas veinte millas y levantada por los godos cuando dominaron aquella ribera, hoy dio en la ruina y su território está sometido a algunos árabes de Duccala*"[907].

Se a *Descripción General del África* de Leão-o-Africano é parca quanto a informações relativas a Conte, o mesmo não podemos dizer da *Descripción General de África* de Luis del Mármol Carvajal, obra já escrita na segunda metade do século XVI e que nos esclarece quanto à História e natureza do sítio aquando do ataque de Ataíde:

"*Conte es vna ciudad q segun dizé los escriptores Africanos, fue edificada por los Godos quádo señoreauan la costa de la Tingitania, esta puesta sobre el mar Oceano Occidental, siete leguas a Leuvante de la ciudad de Safi. Solia estar muy poblada y auia mucha contratación de mercaderes en ella, destruyeran la los Alarbes, siendo gouernador de aquella prouincia Tarich el que passo a la conquista de España, y despues la acabaron de assolar los Portugueses. Aora se veen algunas reliquias de sus antíguos muros, y los Alarbes de Garbia que andan en la Prouincia de Duquela son señores de sus términos. Hazese no muy lexos vna punta de la mar, que Ptolomeu llamo*

[905] Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, pp. 89-90. Sobre o Cabo de Cantim veja-se Otávio Pais de Carvalho, "Cantim, Cabo de", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, p. 191.

[906] Valentim Fernandes, *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénegal par Valentim Fernandes (1506/1507). (A Descripçam de Ceuta por sua Costa de Mauritania e Ethiopia pellos Nomes Modernos Prosseguindo as Vezes Algũas Cousas do Sartão da Terra Firme),* p. 30.

[907] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 181.

Promontorio de Conte (y los modernos le llaman Cabo de Esparto) cuyo sitio pone en grados seys de longitud, y grados y treinta y cinco, y minutos cinquenta e seys de latitud. Algunos dizen que fue tambien de las ciudades, Libias, Fenicias, que Annone capitan cartagines edifico por su mandado el senado de Cartago"[908].

A cartografia dos séculos XVI e XVII não é coincidente quanto à localização de Conte. Se os mapas *Marochia*, de Livio Sanuto, *Estats et royaumes de Fez et Maroc, Dahra et Segelmesse tirés de Sanuto*, de Marmol, e *Statuum Maroccanorum regnorum nempe Fessani, Maroccani, Tafiletani et Segelomessani...*, de Johann Christoph Homann, situam Conte a sudeste deste cabo e da cidade de Safim, já *Fessae et Marocchi regna*, de Jodocus Hondius, situa Conte aproximadamente à mesma latitude, enquanto *Fezzae et Marocchi regna Africae celebérrima*, de Abraham Ortelius, situa Conte a norte de Safim[909].

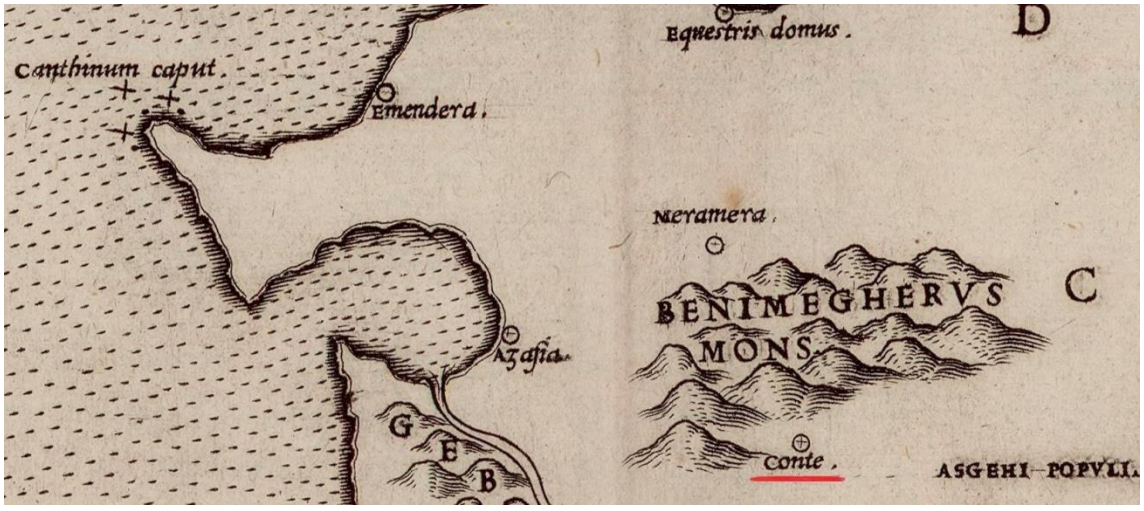


Fig. 82 - O topónimo de Conte representado em *Marochia*, de Livio Sanuto (1520-1576).
B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8079).
(On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b85954563
(Consultado em 20 de Novembro de 2019).

[908] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIIII, fl. 51.

[909] Tal como Abraham Ortelius, também André Teixeira situou Conte a norte de Safim. Ver André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde et l'intervention portugaise à l'interieur des terres du Maroc", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, p. 105.



Fig. 83 - O topónimo de Conte representado no *Estats et royaumes de Fez et Maroc, Dahra et Segelmesse tirés de Sanuto, de Marmol, etc*. Nicolas Sanson 1655. B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8044). (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8595420g/f1.item.zoom (Consultado em 20 de Novembro de 2019).



Fig. 84 - O topónimo de Conte representado no *Statuum Maroccanorum regnorum nempe Fessani, Maroccani, Tafiletani et Segelomessani...*, de Johann Christoph Homann (1664-1730). B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8045). (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8595421w/f1.item (Consultado em 20 de Novembro de 2019).



Fig. 85 - O topónimo de Conte representado em *Fessae et Marocchi regna*, de Jodocus Hondius (1563-1612). B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE SH 18 PF 224 DIV 2 P 16/1 D.
(On line) Disponível em:
https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53142992f
(Consultado em 20 de Novembro de 2019).



Fig. 86- O topónimo de Conte representado em *Fezzae et Marocchi regna Africae celebérrima*, de Abraham Ortelius e Jan Jansson, publicado em 1642. S.D.R.
(On line) Disponível em:
https://exhibits.stanford.edu/renaissance-exploration/catalog/cf043dn8189
(Consultado em 20 de Novembro de 2019).

Identificada a importância de Conte e a sua localização aproximada, a sensivelmente sete léguas a leste de Safim, debrucemo-nos agora sobre a campanha de Ataíde. Antes de mais, note-se que o capitão, não se fiando no mouro, mandou o almocadém Diogo Lopes e outros cavaleiros confirmarem tal informação no terreno. Reconhecido o campo e identificado o alvo, Nuno Fernandes deu ordem para se fecharem as portas de Safim, encerrando dentro da cidade todos os mercadores mouros e judeus, de modo a não haver fuga de informação quanto à identificação e localização dos aduares a atacar. Chegados a este ponto importa esclarecer que Diego de Torres, ao pretender escrever sobre o anterior ataque aos aduares de Almedina narrado por Damião de Góis[910], confunde estas ofensivas militares, acabando por misturá-las. De facto, a narrativa deste cronista sobre o ataque aos aduares de Almedina, presente no capítulo V de *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes...*[911] é, na realidade, relativa ao ataque aos vinte e cinco aduares localizados a três léguas de Conte, narrado por Damião de Góis no capítulo XIII (parte III) da *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*[912].

Retomando esta expedição, referira-se que Ataíde, no mesmo dia de vinte e três de Outubro em que recebeu a confirmação da localização dos aduares, partiu nessa mesma noite com quatrocentos e setenta de cavalo e quinhentos de pé, alcançando os adversários ao amanhecer. Note-se que, tal como na entrada de Janeiro, Nuno Fernandes dividiu as tropas portuguesas. Porém, desta vez o comando da força de vanguarda não foi entregue a qualquer mancebo fronteiro, mas antes a guerreiros experimentados e da máxima confiança do capitão: o seu tio Álvaro de Ataíde e o adail Lopo Barriga[913]. Foi assim que os aduares, atacados pela força de vanguarda e pela força comandada por

---

[910] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIII, pp. 287-189.

[911] Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo V, pp. 12-14.

[912] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIV, pp. 289-292.

[913] Engana-se Luis del Mármol Carvajal quando se refere ao adail Lopo Barriga como almocadém. Ver Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 46.

Ataíde, se viram rapidamente encurralados e com pouca capacidade de resistência[914]. A presa foi enorme. Diz-nos D. Jerónimo de Osório que "*matou mais de 300, cativou 507; a prêsa de gados foi tamanha que enchia uma légua de estrada*"[915]. Refira-se ainda que, tal como na entrada anterior, também desta vez os mouros de Almedina, que seriam por volta de trezentos de cavalo, vieram atacar os portugueses. Esta referência reveste-se de particular interesse, não só por dificultar ainda mais a hipótese de localização de Almedina entre Azamor e a baía de Mazagão avançada pelos cartógrafos dos séculos XVI e XVII, como ainda vem atestar a proximidade de Almedina a Conte referida por Luis del Mármol Carvajal[916] e sugerida por Vitorino Magalhães Godinho[917] e André Teixeira[918].

No entanto, e ainda que estas forças de Almedina fossem inferiores em número aos mais de mil peões e quatrocentos de cavalo que atacaram os portugueses em Janeiro, Ataíde organizou as tropas em vanguarda, retaguarda e alas, de modo a proteger a presa no centro da formação, pelo que os mouros não conseguiram mais do que ir

---

[914] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIV, p. 290; Luis del Mármol *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 46; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 97.

[915] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VII, p. 158. Segundo Damião de Góis, Luis del Mármol Carvajal, Pedro de Mariz e Diego de Torres, foram feitos quinhentos e setenta e sete cativos. Vejam-se Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIV, p. 290; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 46; Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 721; Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo V, p. 14.

[916] Luis del Mármol Carvajal refere que estes vinte e cinco aduares estavam localizados a apenas duas léguas de Almedina. Ver Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fls. 45v-46.

[917] Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, p. 90. Na mesma obra ver ainda o mapa físico económico localizados entre as páginas 96 e 97.

[918] André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde et l'intervention portugaise à l'interieur des terres du Maroc", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, p. 105.

"*ladrando*" atrás das tropas portuguesas[919] ou, usando as palavras de Pedro Mariz, com os "*Mouros detrás fazendo suas algazarras costumadas*"[920].

De resto, foi com a presa intacta que os portugueses deram entrada em Safim nessa mesma noite, apenas havendo a lamentar a morte de um sobrinho de Nuno Gato, vítima do modo imprudente como se colocou em combate, entre os mouros[921]. Refira-se ainda um facto altamente relevante: foi no regresso desta entrada que Nuno Fernandes conheceu Bentafufa, o caudilho mouro nomeado alcaide da Duquela por D. Manuel que, juntamente com Ataíde, foi o grande responsável pela formação de um protectorado português no sul de Marrocos. De facto, diz-nos Damião de Góis que Bentafufa, então regressado do reino, saiu ao encontro de Ataíde quando este passou por Conte, na viagem de regresso a Safim. De acordo com o cronista, o aliado mouro queixou-se a Ataíde de não ter contado com os seus serviços para a dita entrada, o que muito alegrou o capitão de Safim, que "*o abraçou, dandolhe suas excusas, que o mouro tomou, assi como as entendia*"[922].

De facto, as manifestas diferenças entre estas duas entradas denunciam, desde logo, um evidente amadurecimento de Ataíde a nível do planeamento e da organização. Se em Janeiro o capitão se aventurou em território inimigo sem antes mandar fazer um reconhecimento prévio, em Outubro já teve esse cuidado, enviando o seu almocadém juntamente com outros cavaleiros da sua confiança. Também o secretismo de que se revestiu a entrada de Outubro é notório, quando Ataíde manda fechar as portas de Safim de modo a evitar fugas de informação. Do mesmo modo, também a entrega do comando da força de vanguarda a cavaleiros experientes e o modelo de formação adoptado para o

---

[919] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIV, p. 290.

[920] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 721.

[921] Para além dos já citados Damião de Góis, D. Jerónimo Osório, Pedro de Mariz e Manuel de Faria e Sousa, esta expedição foi também referida por Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, pp. 42-43; André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, p. 201; Fernando Pessanha, "O cavaleiro D. Rodrigo de Noronha: «o aravia» de Safim, nos Algarves de Além-mar, in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3445, 6 de Abril de 2023, p. 7.

[922] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIV, p. 290. Como adiante veremos, Bentafufa irá ter um papel incontornável nos sucessos militares protagonizados por Ataíde, apesar das desconfianças do capitão e dos vários episódios de tensão entre ambos.

regresso a Safim revelam uma atenção estratégica não verificável aquando da entrada de Janeiro. Refira-se, aliás, a prudência do capitão ao libertar parte da "*prêsa de gados (…) que enchia uma légua de estrada*"[923], capturada aos mouros durante a batalha. Com efeito, não obstante os portugueses apreenderem monumental despojo compreendido em mais de cinco mil cabeças de gado miúdo, trezentos camelos, cavalos, asnos, etc, Nuno Fernandes optou por libertar parte da presa, de modo a não correr o risco de ser atacado, tal como no ataque aos aduares de Almedina, em Janeiro.

Vemos, deste modo, que Ataíde rapidamente corrigiu algumas insuficiências tácticas que condicionavam a sua afirmação como principal chefe militar na região da Duquela. Aliás, a resposta à eficácia demonstrada pelo comando de Ataíde aquando desta entrada de Outubro não tardou a revelar-se. De acordo com as crónicas, logo no dia seguinte o capitão recebeu em Safim Içabulbaquer[924] com outros cheques dos principais lugares, cabildas e aduares para lhe pagar tributo, ao mesmo tempo que pediam para serem considerados vassalos de Portugal. As submissões continuaram, pelo que desde o rio de Azamor até Mogador e desde a costa atlântica até ao Atlas, as tribos começaram gradualmente a sujeitar-se à Coroa de Portugal que, de acordo com a cronística, já recebia um avultado tributo ainda antes que "*se ganasse la ciudad de Azamor*"[925] repartido do seguinte modo:

"*Item. Primeiramente os de Abida pagauam mi cargas de camello, ametade em trigo, & ametade de ceuada, contanto dous de ceuada per hum de trigo, & quatro cauallos*

Item. Garabia & C,eja outros mil camellos de trigo, & ceuada, & quatro cavallos.

---

[923] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VII, p. 158.

[924] "*Iça Abu-Bacr*", segundo Mármol Carvajal, ou "*Hiça Bubaher*", no dizer de Diego de Torres. Vejam-se, respectivamente, Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 46v; Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo VI, p. 15.

[925] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 46v.

Item. Olleidambram Lithalli outros mil camellos de trigo, & ceuada, & quatro cavallos.

Item. Olledambrão Discauai outros mil camellos de trigo, & ceuada, & quatro cavallos.

Item. Xiatma outros mil camellos de trigo, & ceuada, & quatro cavallos.

Item. Os Arabios Dolidemete outros mil camellos de trigo, & ceuada, & quatro cavallos.

Item. Os de Dalmedina outros mil camellos de trigo, & ceuada, & quatro cavallos. Dauam estes Dalmedina, allem dos mil camelos, a renda do pão que os Arabes traziam da Vila que era uma grande somma, nos quaes camellos montauam três mil, quinhentos de trigo, a rezão de quarenta alqueires a camello de nossa medida, & três mil, & quinhentos de veuada a rezam de oitenta alqueires a camello.

Item. Os de Aguz, Acher e Namer que erao do conto destas cabildas e lugares, pagavam o que lhes montaua soldo a liura, & mais quatro falcoens girifaltes primas"[926].

Vencido o grande cerco de 1510 e espalhado o terror nas entradas de 1511, Nuno Fernandes começava a forçar a composição de uma confederação de mouros de pazes. Por outras palavras, as tribos que meses antes, em Dezembro de 1510, tinham colocado cerco a Safim, começavam a sujeitar-se à vontade obstinada de Ataíde, transformando-se em tributários da Coroa de Portugal.

5.5 - A política punitiva: Xiátma/Regraga e Almedina

Como anteriormente vimos, as entradas de 1511 fizeram com que várias tribos mouras se tornassem vassalas e tributárias de Portugal. Outras, no entanto, continuaram a subsistir à política de intimidação do capitão de Safim, vivendo sob a protecção dos

[926] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIV, pp. 291-292. Ver também Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 99; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 46v. Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo VI, pp. 15-17.

reis de Fez, de Marraquexe e dos xerifes do Suz, prosseguindo assim a guerra contra os mouros de pazes e contra a área de influência portuguesa. Para as castigar e impor a vassalagem à Coroa portuguesa, Nuno Fernandes concebeu novas ofensivas militares, dando continuidade à sua política de intimidação. Para tal, já em 1512, mandou o adail Lopo Barriga ao campo do rio de Aguz, a onze léguas a sul de Safim, nas proximidades da região da Xiátma[927], onde estavam as tendas do azemel de Bida, o líder das cabildas e aduares dos Abda, tributários de Portugal[928]. Esta tribo vassala de Portugal era, no entanto, hostilizada pelos numerosos mouros da Xiátma, que não aceitavam o domínio português e, como tal, "*faziam muitos agravos aos de Dabida*"[929]. Referimo-nos, portanto, aos "*Barbaros de Castello Reall até Aguz*"[930] que se foram assentar contra a porta de Guarniz no grande cerco de 1510 e que, como metaforicamente referiu Nuno Gato ao escrever sobre o combate de 30 de Dezembro, "*apertarom tam rijo que as pedras e azagaias que vinham per o ar tohiam a vista ao sol*"[931].

---

[927] A região da Xiátma abarca todo o território a sul de Safim compreendido desde o rio Tensift (ou rio de Aguz) até Mogador. Sobre esta região veja-se Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, pp. 95-97.

[928] Damião de Góis dá-nos a sua definição de azemel: "*local onde os capitãis das cabildas e aduares têm suas tendas, mulheres e filhos e família, e por mais nobre que lhe chamem e sua linguagem azemel, que quere dizer na nossa côrte ou cabeceira de toda a capitania de qualquer daqueles adiares ou cabildas*". Ver Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXII, p. 337. Sobre a definição de "Azemel" veja-se também David Lopes, "Cousas luso-marroquinas – notas filológicas sobre particularidades vocabulares do português das praças de África", in *Boletim de Filologia*, p. 251.

[929] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 178.

[930] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, p. 285. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 82-91.

[931] Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 3 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 41. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLV, p. 279. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 149-153.

Note-se que Damião de Góis utilizou uma descrição muito parecida: "*setas, pedras de fundas, & azagaias, de maneira que encobriam o sol*". Ver Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XII, p. 286.

Foi nesse sentido que Ataíde cumpriu com o que seria o esperado num assumido contexto de protectorado, ou seja, incumbiu Lopo Barriga de ir em auxílio da tribo em dificuldades para juntos castigarem os mouros da Xiátma, que tinham dado rijo combate durante do grande cerco de 1510. Nem Damião de Góis nem D. Jerónimo Osório referem o resultado da campanha comandada pelo adail contra os Xiátma, limitando-se simplesmente a registar a sua partida após o término da mesma. Pedro de Mariz, no entanto, estabelece a relação entre esta expedição de Lopo Barriga e a acção de retaliação dos Xiátma sobre Bentafufa, que então andava pelos castelos a recolher os tributos do rei de Portugal:

"*tratallos tão mal* (Xiátma)*, que elles, por se vingarem, forão depois sobre hum Mouro nosso confederado, e amigo, a que ElRei Dom Emanoel tinha visto em Lisboa, e lhe tinha dado o governo de certas Provincias tributarias, chamado Ihe A-ben Tafut*"[932].

De facto, encontrava-se Bentafufa no castelo de Miravel[933], com apenas cento e sessenta homens de cavalo[934], quando voltou a dar provas do seu valor realizando uma das suas proezas: desbaratou oitocentos cavaleiros dos Xiátma com a sua diminuta força e aprisionou dois dos seus xeques, que acabaram por ser trocados por um xeque de Abda, de nome Acum. Note-se que o xeque Acum, em carta a Nuno Fernandes de Ataíde datada de 16 de Novembro de 1511, tecia sérias intrigas contra Bentafufa, a quem chamava de traidor[935]. Porém, e não obstante as intrigas contra o líder mouro

---

[932] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 723.

[933] "*Mirabela*", segundo o Bispo do Algarve. Ver Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 178.

[934] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXII, p. 337; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 178. Já Pedro de Mariz, talvez com a intenção de tornar a vitória de Bentafufa mais expressiva, refere que o líder mouro contava com "*cento e cincoenta de cavallo somente*". Ver Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 723.

[935] Ver Carta de Acam Mobaty a Nuno Fernandes de Ataíde, em 16 de Novembro de 1511. A.N.T.T., *Colecção de cartas*, Núcleo Antigo 891, maço 2, Nº 51. Documento publicado por Frei João de Sousa in

aliado dos portugueses, Acum foi resgatado pelo próprio Bentafufa, que o trocou pelos xeques dos Xiátma por si capturados. Esta situação vem, portanto, demonstrar o sentido de lealdade Bentafufa, que não se absteve de colocar os interesses dos portugueses à frente de quezílias e desavenças pessoais. Após este confronto, os cavaleiros da Xiátma acabaram por fazer as pazes com o alcaide da Duquela, que "*lhes deo seu seguro da parte de Nuno fernandez*"[936], voltando a pagar os tributos que, como anteriormente vimos, compreendiam *"mil camellos de trigo, & ceuada, & quatro cavallos*"[937].

Poucos dias depois, não obstante as pazes feitas com Bentafufa, determinou Nuno Fernandes que Lopo Barriga e o alcaide da Duquela dessem continuidade às acções punitivas. Para tal, foram incumbidos pelo capitão de irem acometer a aldeia de Azeze, situada das fraldas da Serra de Ferro[938], a fim de castigarem uns mouros rebeldes. Posto isto perguntemo-nos: qual a localização desta serra? Que mouros rebeldes são estes? Nem Damião de Góis nem D. Jerónimo de Osório no-lo dizem. Leão-o-Africano, no entanto, refere este "*Monte del Hierro*", ou *Yabal al-Hadid*, na sua *Descripción General del África*:

"*No pertecece al Atlas; se alza en la orilla misma de la mar Océana hacia el norte y se extiende al sur hasta cerca del rio Tensift, dividiendo la región de Hea de las de Marruecos e Duccala. Habita este monte el pueblo llamado de los Regraga y hay el él bosques muy vastos, muchos manantiales, gran copia de manzanas y aceite decargán. De grano poseen poco; lo llevan de Duccala. Son pobres, honestos y devotos, y en las alturas viven muchos ermitaños y santones que se mantienen sólo com frutos de los árboles y con agua. Fieles y amigos de la paz, si alguien roba o causa qualquier*

Documentos Arabicos para a Historia Portugueza copiados dos Originais da Torre do Tombo, Doc. IX, pp. 42-43.

[936] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXII, p. 338; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 178.

[937] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIV, pp. 291-292.Ver também Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 46v.

[938] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXII, p. 338. O "Cícero Português" refere-se a esta serra enquanto "*Monte de Ferro*". Ver Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 178.

outro daño, es desterrado por un tiempo; y son tan simples que, cuando alguno de sus ermitaños hace una cura, tiénenla por cosa de milagro. Sus vecinos árabes los acosan a menudoy, para vivir en paz com ellos, habían de pagarles tributo. Mahomet, rey de Fez, declaro guerra a estos árabes, que huyeron a las montañas, donde los montanheses, sintiéndose fuertes com la ayuda del monarca, diezmaron en los pasos estrechos a los beduinos, que fueran descuartizados por ellos y por el ejército real, obteniendo el sultán como botín três mil y ochenta cavallos de los árabes muertos, y viéndose los de aquel monte liberados de tributos; yo servía entonces en esse ejército real, el año novecientos veintinuno. Júntanse en aquel monte hasta doce mil guerreros"[939].

A referência do viajante mourisco à localização da Serra de Ferro nas proximidades da costa atlântica e do rio Tensift, referido por Duarte Pacheco Pereira como "*rio dos Sáveis*", remete-nos, desde logo, para a referência do navegador e cosmógrafo português às designadas "*Ferrarias*":

"*Jaz Çafi e o rio dos Sáveis, norte e sul, e há na rota cinco léguas; e este rio é muito pequeno, que não podem nele entrar senão batéis (…) e da banda do sul, tem por conhecença ua serra alta que vai de leste pera aloeste, à qual chamam as Ferrarias*"[940].

Quer isto dizer que as "*Ferrarias*" referidas por Duarte Pacheco Pereira correspondem ao "*Monte del Hierro*" ou *Yabal al-Hadid* de Leão-o-Africano, serra localizada a leste da costa atlântica e a sul do rio Tensift, conhecido pelos portugueses como "*rio dos Sáveis*" ou rio de Aguz[941]. Localizada geograficamente a Serra de Ferro, importa determinar que mouros habitavam nela. Para além de Leão-o-Africado, a resposta é-nos dada pelo viajante Luis del Mármol Carvajal, que a visitou em 1542, pouco depois de os portugueses terem abandonado Safim:

---

[939] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, pp. 155-156.

[940] Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Capítulo 19, p. 68.

[941] Sobre o denominado "*rio dos Sáveis*" veja-se António Manuel Lázaro, "A presença portuguesa nas imediações do rio dos Sáveis: Aguz. La présence portugaise dans les environs du fleuve des Aloses: Agûz", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, pp. 125-168.

"*Givbel Hadid (quiere dezir la sierra de hierro) laqual, començando del mar Occeano occidétal, la parte de Tramontana desta prouincia, se estiéde hazia el Medio dia al largo del rio tancift: diuidiendo la primero de la Duquela y despues de la de Marruecos. Esta sierra (anque cae en la prouincia de Heha) no es de las del Athalante Mayor y esta poblada de vn linaje de beréberes antíguos del pueblo Muçamoda llamados Recrec. Por toda ella ay muchos, e espessos bosques de arboledas, y muchas fuentes de agua. Estas gentes tienen sus grangerias en miel y cera y en algun ganado cabrio, y en el azeyte de Erquen que hacen para comer, y para vender. Cogen muy poco pan, pero no les hace falta porque estan cerca de la prouincia de Duquela, que es la madre del trigo. Son gente pobre y que professan mucha religion, y entre ellos ay muchos que andan en la aspereza de la sierra hechos ermitaños, o por mejor dezir, salvajes, y com vna superticion diabolica, no comé otra cosa sino frutos siluestres, o yeruas del campo. Generalmente toda la gente de esta sierra es muy afable, y fácil a crer qualquer cosa que se les dize com buena razó. Estuuimos en ella en el año del señor de mil y quinientos y quarenta y dos y entendendo de aquellos bárbaros que holgauan saber cosas de religion, les contamos algunas reglas de religiosos Christianos, y tratando de la vida, abstinencia, y humildad del bien auenturado sant Franscico, se admirauan mucho della, y decian los Alfaquis q aql era vn gran sancto, y q ellos teniá por peccado dzir mal d vntal sieruo de Dios, y cierto no hallamos en quáto anduuimos por Africa geetémonos emperrada ensu secta q estos ni mas dociles. Iuntasé en esta sierra mas de doze mil hombres de pelea, y vn tiempo fueran tan molestados de los Alarues, vasallos del Rey de Portugal, que por vn cabo pagauan tributo al Rey de Fez porque los saluo resciesse, y por outro al Rey de Marruecos, y algunas vezes al Rey de Portugal, porque no los molestassen los Christianos. Aora viuen mas descansados, despues que Safi es de moros, y son vasallos de xerife. No ay otras sierras de que poder hazer mencion en toda esta prouincia*"[942].

[942] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XIX, fls. 15-15v.

Quer isto dizer que a aldeia de Azeze que o capitão de Safim mandava atacar pertencia ao numeroso povo dos Regraga[943] que habitava esta serra localizada nas terras dos Xiátma[944], o que nos leva a concluir que estes mouros terão participado nos "*muitos agravos aos de Dabida*"[945], aliados dos portugueses.

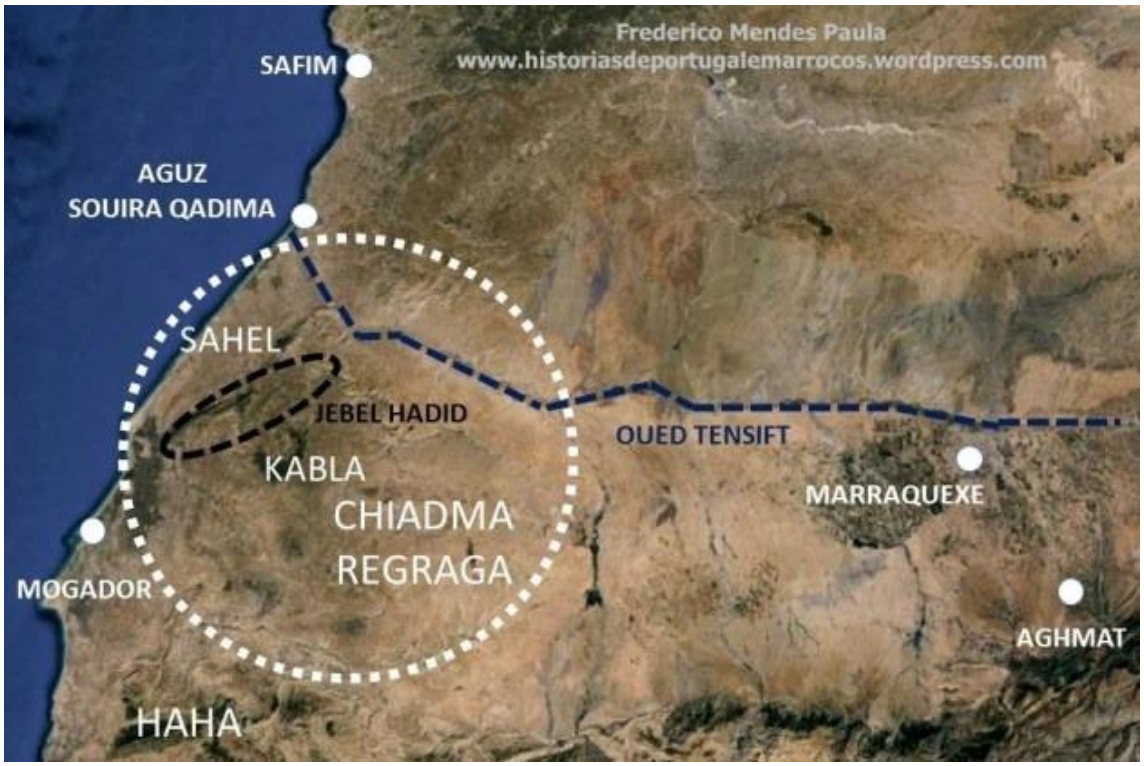


Fig. 87 - Localização geográfica da Serra de Ferro (*Yabal al-Hadid*), onde habitava a tribo dos Regraga, na região da Xiátma. Autoria: Frederico Mendes Paula.
(On line) Disponível em:
https://historiasdeportugalemarrocos.com/2015/04/26/o-castelo-de-aguz-no-pais-chiadma/?fbclid=IwAR2lEQBcvNwGNC0vx0oq9aLSz47OHg7QlrAa_XxoEVIFY2oLzM5cA4IcSDY
(Consultado em 9 de Maio de 2020).

Vemos, deste modo, que tal como no caso dos mouros da Xiátma atrás referidos, também esta teve como claro objectivo castigar aqueles que ousassem fazer guerra às tribos que integravam o protectorado português na região. De resto, a campanha

[943] Segundo Leão-o-Africano e Luis del Mármol Carvajal a Serra de Ferro contava com doze mil guerreiros. Ver Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 156; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XIX, fl. 15.

[944] Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, p. 95.

[945] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 178.

resultou na morte de alguns mouros e na captura de apenas seis, já que a população, aterrada, abandonou a aldeia e fugiu para a serra. Dos despojos resultaram, porém, "*caualgada de gado grosso, & meudo, & alguns cauallos, & camelos sem no caminho lhe sair ninguém*"[946]. Como retaliação, os mouros de Tazarot[947], amigos dos de Azeze, vieram correr os campos de Safim. Nuno Fernandes saiu então da cidade para lhes dar combate, tendo os portugueses eliminado onze cavaleiros mouros, "*dos quaes Lopo Barriga matou hum*"[948]. Da refrega, da qual os cavaleiros de Safim saíram ilesos, resultou um despojo de treze cavalos dos adversários, que os portugueses levaram para Safim. Terminava assim a campanha lançada contra os mouros da Xiátma que tinham hostilizado os Abda, aliados dos portugueses[949].

[946] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXII, p. 338.

[947] Luis del Mármol Carvajal localiza Tazarot cinco léguas a poente de Marraquexe. Não sabemos, portanto, se se tratará da mesma localidade. Ver Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XXXIIII, fl. 25.

[948] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXII, p. 338.

[949] Para além dos cronistas referenciados, estes empreendimentos militares foram também referidos, embora de forma manifestamente breve, por Durval Pires de Lima e André Teixeira. Ver Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 49; André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, quadro 2, p. 201.

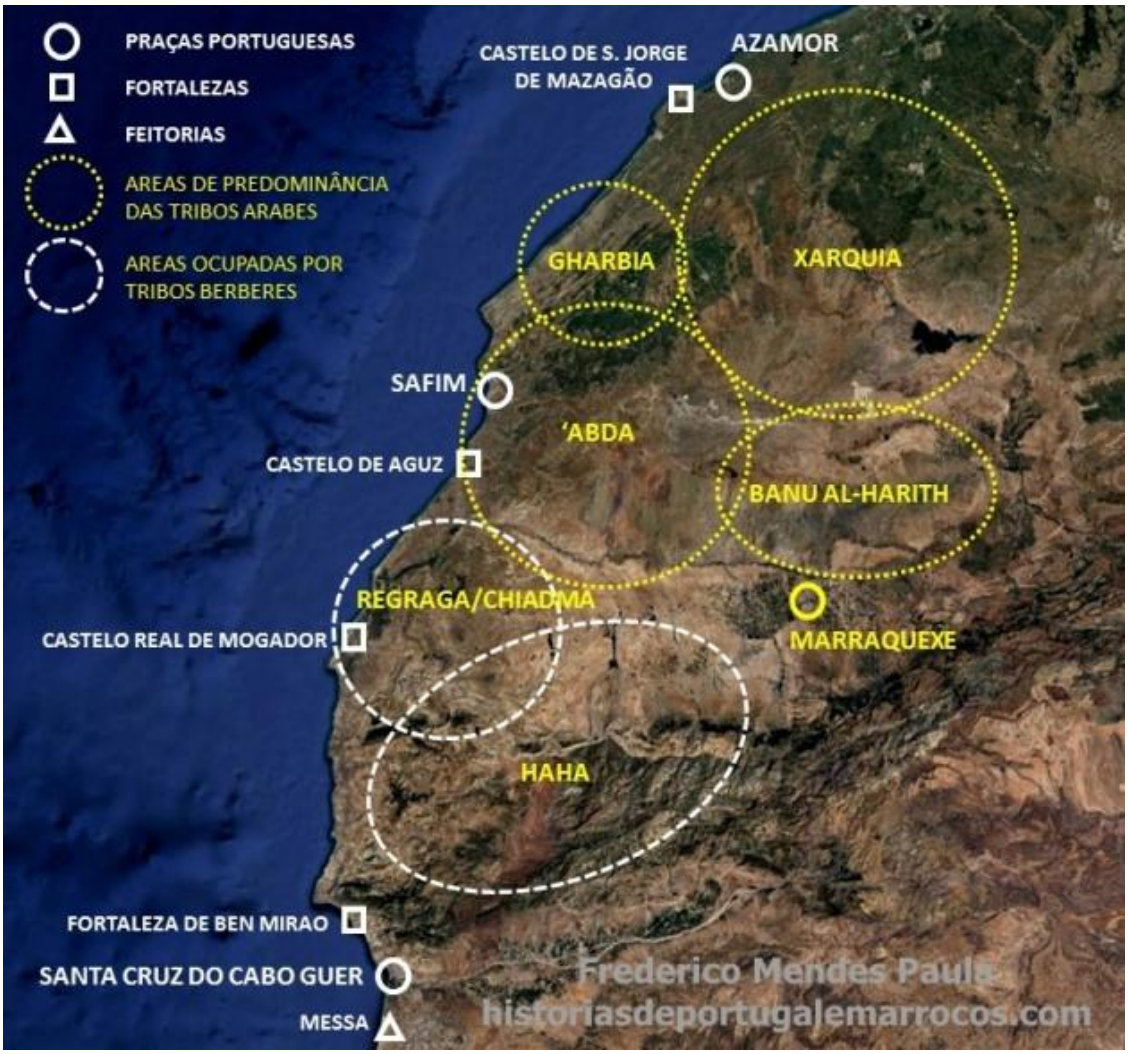


Fig. 88 - Localização geográfica da tribo dos Regraga e das diferentes tribos de mouros de pazes aliadas dos portugueses no sul de Marrocos. Autoria: Frederico Mendes Paula. (On line) Disponível em: https://historiasdeportugalemarrocos.com/2017/01/04/as-correrias-de-nuno-fernandes-de-ataide/ (Consultado em 9 de Maio de 2020).

Sendo que o ataque a Azeze já foi ordenado depois dos Xiátma terem feito as pazes com Bentafufa, tudo indica que os Regraga, contrariamente aos primeiros, se terão mantido contrários ao pagamento de tributo aos portugueses. De resto, esta resistência parece prender-se não apenas com o facto de os Regraga habitarem uma serra de difícil acesso, como a Serra de Ferro, mas principalmente pela alusão que Leão-o-Africano faz aos ermitas e homens santos que nela habitavam[950] ou, usando a

[950] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 156.

expressão de Luis del Mármol Carvajal, os "*alfaquis*"[951]. Quer isto dizer que a dimensão místico-devocional[952] do povo dos Regraga, que "*professan mucha religion*"[953], dificilmente seria conciliável com o pagamento de tributo aos cristãos invasores e inimigos da fé islâmica. Recorde-se que o já referido *Attachaouf ilà Rijali Attasaoufe*, obra de Abou Yacoube Youssef Ben Yahya Ettadili escrita no século XIII, regista oito xeques sufis do povo dos Regraga[954]. Ora, são estes xeques, apoiados nas doutrinas dos grandes teólogos muçulmanos, que reislamizaram as populações no sentido místico e, como observou Joaquim Figanier, "*procuravam fazer de cada muçulmano um novo morabito – um cavaleiro da guerra santa*"[955]. É, portanto, esta dimensão mística que nos permite ter uma noção da veneração dos naturais da Serra de Ferro, ou *Yabal al-Hadid*, em relação aos *walis* e aos xeques sufis em inícios da centúria quinhentista[956].

Seja como for, e ainda que a dimensão místico-devocional dos Regraga dificultasse o pagamento de tributo aos portugueses, estes mouros acabaram por submeter-se à vontade férrea de Ataíde, tal como refere Luis del Mármol Carvajal: "*pagauan tributo (...) algunas vezes al Rey de Portugal, porque no los molestassen los Christianos*"[957]. As pazes celebradas entre os Xiátma e Bentafufa permitiam, por fim,

---

[951] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XIX, fl. 15.

[952] Sobre a dimensão místico-devocional do sufismo veja-se Mateus Soares de Azevedo, "A hora e o lugar das Ordens Sufis na tradição islâmica", in *Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política, Humanidades y Relaciones Internacionales*, Nº 41, pp. 395-414.

[953] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XIX, fl. 15.

[954] Mohamed el Attar, *Os portugueses na região meridional de Marrocos 1505-1541*, dissertação de mestrado em História, Especialidade História dos Descobrimentos e da Expansão, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 80-81.

[955] Joaquim Figanier, *História de Santa Cruz do Cabo de Gué (Agadir) 1505-1541*, p. 39.

[956] Sobre a dimensão mística na resistência contra a ocupação portuguesa em Marrocos veja-se Mohammed Fatha, "Savant et mystiques face à la conquête portugaise", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, pp. 59-66.

[957] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XIX, fl. 15v.

alargar a área de influência de Nuno Fernandes de Ataíde para sul, praticamente até ao antigo Castelo Real de Mogador.

Decorria a política de Ataíde nestes moldes quando, nesse ano de 1512, chegaram a Safim D. Luís de Meneses, filho do conde de Tarouca, e D. Álvaro de Noronha, que depois foi capitão em Azamor[958], com cem lanças cada um e instruções do monarca português para servirem sob o comando de Nuno Fernandes de Ataíde[959]. A chegada destes reforços deve, desde logo, ter representado motivo de grande alívio para Ataíde, já que desde Março de 1511 que se queijava que "*uma «parte da gente» tinha abandonado Safim"*[960] e em Maio do mesmo ano revelava que a gente abandonava Safim, coisa que ele não podia impedir, pelo que rogava a D. Manuel que lhe enviasse mais pessoas para fazer face à falta de homens na cidade[961]. A chegada de D. Luís de Meneses e D. Álvaro de Noronha, ambos com cem lanças cada um deve, portanto, ter representado motivo de contentamento para um capitão que, por então, estaria obrigado a fazer uma gestão criteriosíssima dos recursos humanos existentes em Safim.

Como anteriormente referimos ao abordarmos a frontaria de Nuno Fernandes de Ataíde em Arzila, os jovens fronteiros, como D. Luís de Meneses ou D. Álvaro de Noronha, eram fidalgos que, motivados por ideais de honra e fortuna, serviam

---

[958] D. Álvaro de Noronha foi capitão de Azamor de 1517 a 1525, aproximadamente. Em colecções como *Corpo Cronológico*, *Chancelaria de D. Manuel I* ou *Cartas dos Governadores de África* é abundante a documentação relativa à sua capitania.

[959] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXII, p. 338; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 178; Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 723.

[960] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 17 de Março de 1511. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 60. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. XLVIII, pp. 297-299. Ver também Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 264. Segundo Nuno Gato, também em Março de 1512, "*parece-me, Senhor, que se vay toda a jente d'esta cidade. Acuda Vosa Alteza com a que ha de vyr cedo, porque, segundo se vay, parece-me que nam ficara aqy nynguem*". Ver Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 17 de Março de 1512. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 11, Nº 75. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. XLIX, p. 303.

[961] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 11 de Maio de 1511. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 54. Ver também Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 264.

voluntariamente nos territórios ultramarinos e que levavam, às suas custas, as suas redes clientelares, compostas por homens de armas e servidores. Porém, os fronteiros tinham, por vezes, um papel desestabilizador dentro das praças norte-africanas, uma vez que os seus homens dificilmente se submetiam às directrizes de outro comandante que não o seu senhor. Esta situação era agravada quando chegavam às praças grandes contingentes de fidalgos da maior nomeada e que acatavam mal as ordens dos capitães. Por este motivo os moradores e veteranos de guerra olhavam com alguma desconfiança para estes fidalgos, que podiam mesmo representar um perigo para os colectivos portugueses durante os combates[962], tal como aconteceu quando "*Emanuel de noronha como era mancebo, & desejoso de ganhar honrra, se adiantou bem mea legoa de toda a outra companhia*", aquando da expedição contra os aduares das proximidades de Almedina, em 22 de Janeiro de 1511[963]. É, portanto, de assinalar o modo como os cronistas referem o envio de D. Luís de Meneses e D. Álvaro de Noronha para Safim "*que em tudo fezessem o que lhes Nuno fernandez mandasse, sem saírem de sua ordenança*"[964], como escreveu Góis, ou "*que se não isentassem do governo de Nuno Fernandes de Ataíde, antes com muita actividade cumprissem com as suas ordens*"[965], no dizer de D. Jerónimo de Osório.

De facto, as praças de guerra como Safim surgiam para os fronteiros como terreno de eleição para os jovens fidalgos desejosos de promoção social e ascensão na carreira das armas[966] e, já que eram os grandes feitos bélicos e o domínio da arte militar que funcionavam como veículo de diferenciação e promoção social[967], Ataíde rapidamente concebeu um projecto para envolver D. Luís de Meneses e D. Álvaro de Noronha. De modo a tirar proveito das duzentas lanças e a facultar aos jovens fronteiros

---

[962] Ver João Paulo Oliveira Costa & Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaides – 1514. No Apogeu da Presença Portuguesa em Marrocos*, p. 48.

[963] "*Emanuel de noronha como era mancebo, & desejoso de ganhar honrra, se adiantou bem mea legoa de toda a outra companhia*", Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIII, p. 287. Ver também Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 95.

[964] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXII, p. 338.

[965] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 178.

[966] Cf. Carlos Selvagem, *Portugal Militar – Compêndio de História Militar e Naval de Portugal*, pp. 257-258; David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos…", in *História de Portugal*, Vol. IV, p. 90.

[967] Cf. Francisco Bethencourt, "A Administração da Coroa", in *História da Expansão Portuguesa*, Vol. I, p. 401.

uma formação prática do como se realizava a guerra em Marrocos, Nuno Fernandes concebeu voltar a atacar Almedina. A questão que agora se coloca é porque motivo projectou o capitão atacar pela terceira vez[968] a populosa cidade de Almedina que "*es casi la capital de la region*"[969]. Antes de mais devemos ter em consideração o monumental tributo que esta cidade devia pagar:

"*Os de Dalmedina outros mil camellos de trigo, & ceuada, & quatro cavallos. Dauam estes Dalmedina, allem dos mil camelos, a renda do pão que os Arabes traziam da Vila que era uma grande somma, nos quaes camellos montauam três mil, quinhentos de trigo, a rezão de quarenta alqueires a camello de nossa medida, & três mil, & quinhentos de veuada a rezam de oitenta alqueires a camelo*"[970].

Note-se que o tributo determinado para Almedina, já depois da expedição de Ataíde sobre Conte, em Outubro de 1511, ultrapassava largamente as condições de tributo impostas às tribos dos Abda, Garbia, Olleidambram Lithalli, Olledambrão Discauai, Xiátma, Arabios Dolidemete, que deviam pagar mil camelos de trigo e cevada, juntamente com quatro cavalos. É claro que podemos considerar que o acréscimo de tributo determinado para Almedina poderia justificar-se em função da sua profícua produção cerealífera, já que, como observou Luis del Mármol Carvajal, "*tiene la mejor tierra de pan*"[971]. No entanto, o facto de os mouros de Almedina terem sido os incitadores ao grande cerco de 1510 não pode nem deve ser desconsiderado face à

---

[968] Recorde-se que Ataíde já tinha corrido os campos de Almedina em 1510, portanto, antes do ataque que teve lugar em Janeiro de 1511. Ver Carta de Nuno Gato a D. Manuel I, em 4 e 5 de Dezembro de 1510. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 5, Nº 38. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CLIII, pp. 259-260. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 448-451.

[969] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 182.

[970] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIV, pp. 291-292.Ver também Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 99; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 46v.

[971] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LXI, fl. 61.

mentalidade punitiva de Ataíde, acabando o termos do tributo por resultarem em condições manifestamente vexatórias para uma cidade de "*hombres, valientes*"[972], "*cabeça de toda esta prouincia de Duquela*"[973]. Dadas as circunstâncias, parece natural que as opiniões dos mouros de Almedina se dividissem quanto à posição a adoptar face aos portugueses, o que acabava por se repercutir nas "*diferenças, & dificuldade no pagar do trebuto que erão obrigados a trazer a Çafim, segundo forma de seus contratos*"[974]. Com efeito, quer Damião de Góis quer D. Jerónimo Osório referem a existência de dois partidos na cidade: um grupo partidário de D. Manuel e outro partidário do rei de Fez, "*sendo todavia a todos comum o pagamento dos tributos ajustados*"[975]. Porém, o reforço de gente que o rei de Fez enviou à cidade fez com que os mouros se começassem a retrair quanto ao pagamento dos tributos, pelo que, como referiu Manuel de Faria e Sousa, "*resolvióse Nuño Férnandez en que su espada avia de ser el arbitro en estas discórdias*"[976], aproveitando para tal as duzentas lanças que acabavam de chegar a Safim.

Para este ataque, Ataíde reuniu quatrocentas lanças e alguma gente de pé, espingardeiros e besteiros[977], tendo chegado a Almedina, que D. Jerónimo de Osório e Luis del Mármol Carvajal situam a oito e a dez léguas[978], respectivamente, logo ao amanhecer. Note-se que, à chegada dos portugueses, já os mouros estavam ordenados para o combate, tomando posições de modo a defender as portas e os pontos mais

---

[972] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 182.

[973] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LXI, fl. 61.

[974] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXIII, p. 338.

[975] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 178.

[976] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 101.

[977] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXIII, p. 339; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 178; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 101.

[978] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VII, p. 157; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LXI, fl. 61.

vulneráveis das muralhas que, de acordo com Leão-o-Africado, não eram propriamente fortes.[979].

De acordo com as instruções de Ataíde, D. Álvaro de Noronha, juntamente com a sua gente e os homens que lhe deu o capitão, devia atacar a porta de Marraquexe, enquanto o próprio Nuno Fernandes e D. Luís de Meneses atacavam a alcáçova[980]. A primeira investida dos portugueses foi aguardada pelo adversário, que os esperavam de portas abertas com seiscentos mouros de cavalo. Registou Pedro de Mariz que "*os Mouros erão muitos, e muito grandes cavaleiros*"[981]. Na verdade, os números avançados pelos cronistas para os combatentes mouros a pé são manifestamente discrepantes: seis mil homens de pé, segundo Damião de Góis[982], o que parece um manifesto exagero, para mil homens de pé, referidos por D. Jerónimo Osório[983]. Seja como for, o adversário preparado e bem armado soube suster a investida portuguesa, mantendo-a em batalha, "*que foi per hum bom spaço*"[984], até os portugueses fazerem segunda investida, "*e dado que fosse muito tempo renhida, não se inclinava a vitória para nós nem para os mouros*"[985]. Face à incerteza do combate, Ataíde optou por retirar e os mouros por recolherem à cidade, resumindo-se o assalto a uma "*escaramuza en que no ubo vencedores ni vencidos*"[986].

O facto de estes não se terem lançado em perseguição dos portugueses vem demonstrar que terão ficado aliviados com o resultado do combate, já que uma "volta" inesperada em contexto de perseguição, onde não podiam contar com o apoio dos combatentes a pé, poderia colocá-los numa manifesta posição de desvantagem. Segundo

---

[979] Segundo Leão-o-Africano, "*la rodea una suerte de murallas que allí se usa, más burdas y deslucidas que outra cosa*". Ver Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 182.

[980] As muralhas de Almedina foram referidas por Leão-o-Africano. Ver Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 182.

[981] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 724.

[982] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXIII, p. 339. Também Manuel de Faria e Sousa reproduz os números referidos por Góis. Ver Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 102.

[983] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 178.

[984] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXIII, p. 339.

[985] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 178.

[986] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 102.

Pedro de Mariz, que procurou dignificar este acometimento destacando o modo como os portugueses se bateram face a um adversário muito superior em número,

"*houverão os nossos que fora hum grande feito em armas não serem vencidos, nem se retirarem com vergonha, porque os Mouros erão muitos, e muito grandes cavalleiros; mas com tudo ficárão bem sangrados do nosso ferro, e alguns mortos no campo*"[987].

Como resultado deste acometimento, registam os cronistas vinte cavaleiros mouros mortos e alguns homens de pé, para além dos muitos feridos. Do lado português, pereceram três de cavalo dos moradores de Safim, para além de outros feridos, como o adail Lopo Barriga[988]. Foi, portanto, com menos homens, alguns feridos e sem presa que Nuno Fernandes deu entrada em Safim. Face a esta evidência, terá o balanço desta expedição sido positivo ou negativo? A resposta a esta pergunta merece uma breve reflexão. Se Ataíde tinha utilizado quatrocentas e trinta lanças e cem peões besteiros e espingardeiros na entrada de 22 de Janeiro de 1511 contra uns aduares nas proximidades de Almedina[989], como explicar que tenha utilizado um número ainda inferior para atacar a própria cidade? Aliás, se Nuno Fernandes utilizou quatrocentos e setenta de cavalo e quinhentos de pé no ataque a Conte[990], menos populosa do que

[987] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 724.

[988] Para além dos cronistas anteriormente referidos, estes empreendimentos militares foram também mencionados, embora de forma bastante breve, por Durval Pires de Lima e André Teixeira. Ver Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 49; André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, quadro 2, p. 201.

[989] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIII, p. 287; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VII, p. 157.

[990] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIV, p. 290; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VII, p.158; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 46.

Almedina[991], como explicar que tenha utilizado menos recursos humanos para atacar a "*cabeça de toda esta prouincia de Duquela*"[992]? Face a estas evidências, parece claro que a intenção do capitão de Safim nunca foi outra senão escaramuçar com os mouros sem qualquer objectivo de conquistar a cidade. Por outras palavras, dar a entender que a resistência ao pagamento integral dos tributos à Coroa de Portugal teria sempre como resposta acções punitivas através do uso da força. Por outro lado, devemos igualmente ter em consideração que Marrocos funcionava como uma autêntica escola prática de guerra onde praças como Safim desempenhavam a "*função de lugares de treino militar*"[993], ou seja, um autêntico teatro de operações que, pela proximidade geográfica a Portugal e pelo contacto directo com o adversário, se apresentava aliciante para jovens fidalgos como D. Álvaro de Noronha e D. Luís de Meneses se exercitarem do domínio das armas e adquirirem o seu *cursus honorum*[994]. E, efectivamente, é o próprio Damião de Góis que, antes mesmo de começar a narrar esta entrada, refere claramente: "*Nuno fernandez dataide polos exercitar, fez duas entradas ate a villa Dalmedina*"[995].

No que respeita a esta outra entrada, diz-nos Durval Pires de Lima que a indecisão da pugna em Almedina espicaçou os brios do capitão de Safim, que "*aproveitou a estadia dum aduar perto da cidade para tirar uma ruidosa desforra*"[996]. Desconhecemos em que se terá baseado Pires de Lima para fazer tal afirmação. De facto, se seguirmos as crónicas de Damião de Góis, D. Jerónimo de Osório ou Manuel

---

[991] Cf. Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 181; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIIII, fl. 51.

[992] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LXI, fl. 61.

[993] António Manuel Hespanha, "Introdução", in *Nova História Militar de Portugal*, Vol. II, p. 18.

[994] Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém Mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, p. 107. Veja-se também as breves palavras de Maria Augusta Lima Cruz: "*Marrocos funcionava como uma escola de guerra por onde começava o treino militar dos jovens, nomeadamente dos membros da nobreza, que depois marchavam para a Índia*". Ver Maria Augusta Lima Cruz, "Os portugueses em Marrocos nos séculos XV e XVI" in *História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa*, p. 68.

[995] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXII, p. 338.

[996] Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 49.

de Faria e Sousa apercebemo-nos de que esta outra entrada contra uns aduares localizados nas proximidades de Almedina não só não foi objecto de qualquer "*ruidosa desforra*", como nem sequer se chegou a concretizar. Com efeito, o facto de os mouros terem tomado conhecimento da aproximação dos portugueses e de muitos mouros de pé e de cavalo terem saído da cidade para esperar os atacantes demoveu Ataíde do projecto, uma vez que se tinha perdido o factor surpresa[997], condição indispensável ao tipo de "guerra de guerrilha" que os portugueses praticavam no teatro de operações norte-africano. Por outras palavras, "*uma guerra que que o reconhecimento do terreno era feito com cautelas indígenas, seguindo os rastos até chegar próximo do inimigo, para então fazer um assalto caracterizado por movimentos desordenados, golpes de audácia e arrojadas iniciativas individuais*"[998].

Foi, no entanto, durante a viagem de regresso que Nuno Fernandes tomou conhecimento, através de um cavaleiro mouro que veio ao seu encontro, de que o rei de Marraquexe tinha entrado na Duquela com as suas forças e que "*vinha em pessoa com hua grossa companhia de gente a lhe tomar o caminho*"[999]. Ataíde, que recompensou o mouro pela informação facultada, pediu-lhe que fosse informar o rei de Marraquexe de que o esperaria naquele campo durante todo o dia para lhe dar batalha. Porém, o soberano muçulmano não apareceu:

"*ou já que el-rei quisesse evitar o encontro, ou que meditasse o seu engenho coisa de maior porte, ou também já que o arábio faiscasse a notícia – tomou êle outro caminho direito a Duecala, onde foi travar aliança com o príncipe da montanha para com unidas forças combaterem os lusitanos*"[1000].

Face à não comparência do rei de Marraquexe, Ataíde optou por regressar a Safim, onde entretanto chegou D. Nuno Mascarenhas - que viria a ser nomeado capitão

---

[997] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXIII, p. 339; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 178; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 102.

[998] Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém Mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, p. 147.

[999] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXIII, p. 339;

[1000] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 178.

de Safim após a morte de Nuno Fernandes[1001] - com cem lanças e instruções para que D. Luís de Meneses e D. Álvaro de Noronha regressassem ao reino deixando as suas lanças a Ataíde[1002]. O capitão de Safim ficava assim a contar com setecentos combatentes a cavalo, para além dos homens de pé. Estavam reunidos os meios humanos para fortalecer a autoridade de Ataíde e para se proceder à realização de um grande feito de armas.

5.6 – Serra de Benimagra: o primeiro desbarato do rei de Marraquexe

O estabelecimento de um protectorado português sobre as várias tribos de mouros de pazes e o alargamento da área de influência portuguesa para o interior de Marrocos representou um duro golpe para Muley Naçer, o rei de Marraquexe que, como anteriormente vimos, fez uma entrada na região da Duquela, em 1512, com o objectivo de sair ao encontro dos portugueses de Safim. É neste sentido que, ao chegarmos a este ponto, se torna pertinente debruçarmo-nos brevemente sobre a situação política e religiosa marroquina, nomeadamente, sobre Muley Naçer e a dinastia hintata, de forma a percebermos em que contexto o rei de Marraquexe optou por sair das muralhas da "cidade vermelha" e ir assentar arraiais na Duquela. Façamos, para tal, uma breve retrospectiva.

[1001] São vários os documentos que dão conta da capitania de D. Nuno de Mascarenhas em Safim. Veja-se, a título de exemplo, A.N.T.T., *Colecção de cartas, Núcleo Antigo* 891, maço 2, Nº 50; Documento publicado por Frei João de Sousa in *Documentos Arabicos para a Historia Portugueza copiados dos Originais da Torre do Tombo*, Doc. XVIII, pp. 74-75: A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 22, Nº 40; A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 22, Nº 46; A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 65, Nº 154; A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 66, Nº 71; A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 67, Nº 42; A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 68, Nº 134; A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 68, Nº 14; A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 69, Nº 2; A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 70, Nº 17; A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 73, Nº 71; A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 80, Nº 15; A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 82, Nº 103; A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 90, Nº 11; A.N.T.T., *Contos do Reino e Casa, Núcleo Antigo*, 618; A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 15, maço 16, Nº 2.

[1002] Sobre as oscilações no efectivo da guarnição militar e dos homens de guerra em de Safim veja-se Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém Mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, pp. 68-83.

Como anteriormente vimos, foi durante as dinastias dos merínidas e dos ouatácidas que Portugal e Castela conquistaram várias vilas e cidades nas costas atlântica e mediterrânica. De facto, o início da Expansão Portuguesa para o Norte de África coincide com a decadência da dinastia merínida[1003], que se começou a fazer sentir a partir de meados do século XIV, após o assassinato de Abou Inan, em 1358, o que conduziu ao enfraquecimento do poder central[1004]. Com a retoma da independência de reinos como o de Tlemecen, Tunis ou Marraquexe, o poder dos merínidas ficou reduzido ao reino de Fez, onde a crise no poder central conduziu à divisão do próprio reino em várias facções encabeçadas por famílias dominantes. Por outro lado, esta situação acabou por ser agravada pelas fortes discórdias entre berberes e árabes quando estes últimos começaram a ocupar cada vez mais as férteis planícies atlânticas marroquinas, tal como se veio a verificar na província da Duquela, onde se fixaram várias tribos de origem árabe. Deste modo, a resistência dos berberes acabou por se circunscrever ao Riff, no norte de Marrocos, bem como a algumas regiões do sul marroquino e a outras zonas do Atlas, sendo que foi a partir delas que emergiram os movimentos religiosos, como as confrarias[1005] ou o culto dos marabutos, os "homens santos" que mais tarde acabarão por se revelar como os grandes incitadores da guerra santa contra a ocupação portuguesa[1006]. Foi, portanto, nesse contexto político-social de decadência merínida que se iniciou, com a conquista de Ceuta, em 1415, a expansão portuguesa no Norte de África. Decadência, aliás, que acabaria por se agudizar com a

---

[1003] Sobre a dinastia merínida veja-se Luis Seco de Lucena, *Marruecos a comienzos del siglo XV, según Abu-l-Abbas Ahmad al-Qalqasandi*, pp. 89-100. Sobre a realidade marroquina anterior às conquistas portuguesas no Norte de África veja-se Mohammed Fatha, "Le Maroc avant la conquête portugaise: Structures et réalités" in *Estudos de História Luso-Marroquina*, pp.15-22.

[1004] Maria Augusta Lima Cruz, "Os portugueses em Marrocos nos séculos XV e XVI" in *História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa*, p. 81.

[1005] Segundo João Cosme, o sufismo contava já com mais de treze mil simpatizantes em Marrocos, entre 1460 e 1470. Ver João Cosme, "Tratado de Paz entre Portugal e o Reino de Fez", in *Arquipélago * História*, 2ª série, Vols. XIV – XV, p. 13.

[1006] António Dias Farinha, "Os Marabutos e a Presença Portuguesa em Marrocos (Nótulas)", in *Colectânea de Estudos em Honra do Prof. Doutor Damião Peres*, pp.299-307; Mohamed el Attar, *Os portugueses na região meridional de Marrocos 1505-1541*, dissertação de mestrado em História, Especialidade História dos Descobrimentos e da Expansão, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 75-97.

guerra de corso[1007] e com as cavalgadas lançadas pelos portugueses a partir daquela cidade do Estreito de Gibraltar[1008]. A fragilidade merínida tornou-se ainda mais patente com a conquista de Alcácer Ceguer, em 1458[1009], e a relativa facilidade com que os portugueses lançaram três ataques dirigidos contra Tânger, em 1463-1464[1010].

No ano seguinte, em 1465, a cidade de Fez assistiu a uma revolta que culminou na execução do rei merínida Abd al-Haqq, sendo aclamado um soberano de origem idríssida, Abdallah al-Jouti que viu, no entanto, a sua autoridade limitada à região de Fez. Porém, a instabilidade política que se viveu em Fez desde a aclamação idríssida, em 1465, fez com que uma outra dinastia, os ouatácidas, acabassem por tomar o poder em 1472[1011]. De facto, a conquista de Arzila por D. Afonso V, em 1471, foi realizada com relativa facilidade, uma vez que Muley Xeque, o alcaide da cidade, se encontrava a cercar Fez, ainda em poder dos Idríssidas. Conquistada Arzila e ocupada Tânger pelos portugueses, Muley Xeque optou por assinar um tratado de paz por vinte anos com D. Afonso V, reconhecendo a soberania portuguesa nas vilas e cidades de Ceuta, Alcácer Ceguer, Tânger e Arzila e seus respectivos termos[1012]. Deste modo, "*o Africano*"

[1007] Abel dos Santos Cruz, "A guerra de corso e a pirataria no Mediterrâneo Ocidental ao tempo do conde D. Pedro de Meneses (1415-1437)", in *A Guerra Naval no Norte de África (séculos XV – XIX)*, pp. 57-99.

[1008] Veja-se, a título de exemplo, o ataque de D. Duarte de Meneses a Tetuão, em 1437, e que resultou na sua destruição e despovoamento. Ver Rui de Pina, *Chronica D'el Rey D. Duarte*, Capítulo XXIII, p. 156. D. Afonso V ainda doou a vila e o seu termo a Vasco Fernandes Teixeira, provavelmente em 1471, e a Álvaro Pereira, em 1477. Porém, os portugueses nunca tomaram a iniciativa de povoá-la. Ver David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Afonso V e de D. João II", in *História de Portugal*, Vol. III, Damião Peres (Dir.), p. 538. Ver também Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Terceira Parte III, p. 303.

[1009] Ver Rui de Pina, *Chronica de El-Rey D. Affonso V*, Vol. II, Capítulo CXXXVIII, pp. 140-150; Damião de Góis, *Chronica do Principe Dom Joam*, de Capítulo X, p. 40 a Capítulo XIII, p. 54; Duarte Nunes de Leão, "Cronica, e Vida Del Rey D. Affonso V", in *Cronicas, e vidas dos Reys de Portugal*, Tomo II, de Capítulo XXVIII, p. 226 a Capítulo XXIX, p. 233.

[1010] Sobre as campanhas contra Tânger de 1463 e 1464 vejam-se Rui de Pina, *Chronica de El-Rey D. Affonso V*, Vol. III, Capítulo CXLIX, pp. 26-27, Capítulo CLII, pp. 33-36 e Capítulo CLIII, pp. 36-42.

[1011] Maria Augusta Lima Cruz, "Os portugueses em Marrocos nos séculos XV e XVI" in *História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa*, p. 105.

[1012] Como observou António Dias Farinha, "*na prática, ficava para Portugal uma região a norte de uma linha que passava perto das cidades despovoadas de Tetuão e Larache*". Ver António Dias Farinha, "O Norte de África", in *História da Expansão Portuguesa*, Vol. I, p.127. Sobre Tetuão veja-se Maria Margarida Lacerda Pinto Dias, "Tetuão", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*,

transformava-se em rei de "*Portugal e dos Algarves D'aquém e D'além-mar em África*" e Muley Xeque podia concentrar-se na conquista de Fez, acabando por se tornar no primeiro soberano da dinastia ouatácida logo no ano seguinte, em 1472[1013].

No entanto, o poder dos ouatácidas revelou-se tão frágil que teve de permitir uma certa autonomia a vários líderes que pregavam a guerra santa contra os portugueses, como Muley Ali Ibn Rachid, o célebre Barraxa das crónicas portuguesas[1014] ou Abul Hassan Ali al Mandari, o Almandarim das crónicas portuguesas[1015]. Mohamed "al Portugali", que adquiriu o seu cognome em função dos vários anos que passou como refém na Corte portuguesa, reinou em Fez depois de Muley Xeque. Conhecedor da língua e das aspirações portuguesas, "al Portugali" tentou durante o seu reinado a reconquista de Arzila e Tânger, sem nunca ser bem-sucedido. Deste modo, o seu reinado, assim como o dos outros reis ouatácidas, não só teve de

---

Vol. II, pp. 1028; Robert Ricard, "Tetuão", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. VI, pp. 167-168. Sobre Larache veja-se Fernando Rodrigues, "Larache", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, p. 585; Robert Ricard, "Larache", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. III, pp. 434-435.

[1013] Maria Augusta Lima Cruz, "Os portugueses em Marrocos nos séculos XV e XVI" in *História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa*, p.105; Bernard Lugan, *Histoire du Maroc*, pp. 124-125.

[1014] Foi este o fundador e primeiro alcaide de Xauen, cidade construída em 1471-1472, para combater os portugueses estabelecidos no norte de Marrocos e que Robert Ricar denomina de "emirato independente". Ver Robert Ricard,"Marrocos", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. IV, p. 205. Do mesmo autor veja-se também "Xexuão", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. VI, pp. 354-355. Graças à sua localização de difícil acesso, situada nas montanhas, Xauen serviu de base aos muitos ataques que Barraxa lançou contra as praças portuguesas no norte, quer sozinho, quer acompanhado pelos alcaides de Tetuão e Alcácer Quibir. Ver Fernando Pessanha, *D. Fernando de Meneses, Capitão de Ceuta, 1º Conde de Alcoutim e 2º Marquês de Vila Real*, p. 37. Sobre Xauen veja-se Fernando Rodrigues, "Xexuão", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, p. 1090.

[1015] Trata-se do alcaide granadino que, após a conquista de Granada, reconstruiu e repovoou a cidade de Tetuão, despovoada após o ataque de D. Duarte de Meneses, em 1437, e que chegou a ser genro de Barraxa. Ver Fernando Pessanha, "D. Fernando de Meneses, capitão de Ceuta e 1º Conde de Alcoutim: exemplo da relação entre os serviços no Norte de África e a atribuição de títulos nobiliárquicos", in *XIX Jornadas de Historia de Ceuta – La dimensión humana. Biografías en Ceuta, el Norte de África y el Estrecho de Gibraltar*, pp. 34-36. Do mesmo autor veja-se também *D. Fernando de Meneses, Capitão de Ceuta, 1º Conde de Alcoutim e 2º Marquês de Vila Real*, pp. 37-38. Sobre al Mandari veja-se ainda Guillermo Gozalbes Busto, "al-Mandari y al-Mandar al-Manziri y al-Manzar", in *MEAH, Sección Árabe-islam* Nº 45, pp. 75-96.

enfrentar a soberania portuguesa no norte de Marrocos como também a insubordinação dos líderes muçulmanos da linha da fronteira com os portugueses, tal como observou Bernard Lugan:

"*dans le Nord, les émirs de Tétouan et de Chéchaouen, étant en première ligne face aux Portugais, étaient devenus chefs de guerre sainte et avaient réussi à se rendre quasiment indépendants du sultan*"[1016].

Naturalmente que se a falta de autoridade dos ouatácidas se fazia sentir na região do Riff, no Marrocos setentrional, mais se fazia sentir no sul, onde os hintatas chegaram mesmo a reinar de forma independente em Marraquexe no século XV e inícios do século XVI. Estes hintatas, originalmente oriundos do Alto Atlas, ficaram historicamente conhecidos pela sua proximidade aos almóadas, a quem ajudaram a chegar ao poder[1017]. Deste modo, estiveram sempre muito próximos da autoridade almóada, exercendo a sua influência política na região de Marraquexe entre os séculos XII e XVI. Não é portanto de estranhar que, face à debilidade merínida e ouatácida, os hintatas tenham conseguido controlar a região de Marraquexe desde o Jbel Hintata, no Alto Atlas[1018], até à região de Marraquexe, onde chegaram a reinar de forma independente desde o século XV até 1524, quando Muley Ahmed Aláreje, um dos

[1016] Bernard Lugan, *Histoire du Maroc*, p. 125.

[1017] Pierre de Cenival, "Les émirs des Hintata, rois de Marrakech", in *Hespéris*, Vol. XXIV, p. 247.

[1018] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, pp. 176-177. Ver também Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XLIX, fl. 39v.

xerifes sádidas oriundos da região do Suz[1019], conquistou Marraquexe pondo fim ao emirato hintata[1020].

Como anteriormente referimos, com a construção do castelo de Arguim na actual Mauritânia, concluído por volta de 1461, e a construção do castelo de São Jorge da Mina no actual Gana, terminado em 1482, a fértil região da Duquela entrou definitivamente na esfera dos interesses da Coroa portuguesa, já que o trigo, os cavalos e os alambéis produzidos em Safim se tornavam necessários ao resgate de ouro e escravos que tinham lugar nestas feitorias africanas. Foi, portanto, a fragmentação política vigente em Marrocos na segunda metade do século XV e a falta de capacidade dos ouatácidas de Fez e dos hintatas de Marraquexe em controlar os grandes portos atlânticos de Safim e Azamor que permitiu que D. João II impusesse um protectorado sobre as mais importantes cidades costeiras da Duquela na década de oitenta da centúria quatrocentista, o que serviu amplamente os interesses comerciais portugueses no resgate da Guiné.

É neste contexto de incremento de actividade mercantil no sul marroquino, sem recorrer à força ostensiva através da conquista pelas armas, que o próprio rei de Marraquexe, Muley Naçer Ben Yussuf, manifestou disponibilidade em receber os feitores e mercadores portugueses "*com suas mercadorias a tratar a esta nossa*

[1019] Sobre a região do Suz veja-se Mohamed Nadir, *Santa Cruz do Cabo de Guer (Agadir) e a região de Sus. Presença Portuguesa (1505-1541)*, dissertação de mestrado em História da Expansão Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2004; Bernard Rosenberger, "O Suz na História de Marrocos (finais do século XV – inícios do século XVI). Le Sous dans l'Histoire du Maroc (fin du XVe – début du XVIe siècle)", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, pp. 27-97.

[1020] Sobre o modo como o xerife Muley Ahmed Aláreje conquistou Marraquexe veja-se Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XXVI, pp. 74-77. Vejam-se as seguintes referências sobre a conquista de Marraquexe: Joaquim Figanier, *História de Santa Cruz do Cabo de Gué (Agadir) 1505-1541*, p. 55; António Dias Farinha, *Os Portugueses em Marrocos*, pp. 40 e 62; Mohamed el Attar, *Os portugueses na região meridional de Marrocos 1505-1541*, dissertação de mestrado em História, Especialidade História dos Descobrimentos e da Expansão, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 92, 93, 148, 160.

cidade"[1021], ainda em 1502. Esta disponibilidade do rei de Marraquexe à abertura de relações comerciais com Portugal, acabaria, no entanto, por mudar radicalmente com a conquista de Safim pelas armas e com o modelo de capitania adoptado por Nuno Fernandes de Ataíde, um cabo-de-guerra cumpridor da vontade régia e acérrimo defensor do projecto imperial manuelino. De facto, a vitória portuguesa no grande cerco de Safim de 1510, os vários sucessos militares que Ataíde foi somando na região da Duquela e a sua capacidade de atrair para o lado português uma confederação de mouros de pazes vassalos e tributários da Coroa de Portugal, mais não fez do que enfraquecer o já frágil poder da dinastia hintata de Marraquexe, cada vez mais circunscrito às muralhas da "cidade vermelha". É nesse sentido que, face às circunstâncias, seria estrategicamente danoso para o então rei de Marraquexe, Muley Naçer, fechar-se dentro da sua cidade, enquanto o capitão de Safim continuava a somar vitórias e a disputar a submissão das tribos do sul marroquino.

É exactamente nesse contexto que o avanço do rei de Marraquexe para a região da Duquela, "*onde foi travar aliança com o príncipe da montanha para com unidas forças combaterem os lusitanos*"[1022], deve ser entendido, antes de mais, como uma estratégia que visava bloquear a acção de Ataíde[1023]. No entanto, a aproximação Muley Naçer não parece ter intimidado Nuno Fernandes que, alegadamente, o mandou desafiar para um combate assim que surgiram os primeiros rumores da sua aproximação, mas que "*per qualquer outro modo que fosse el Rei de Marrocos não veo*"[1024].

Certamente Ataíde terá compreendido que, mais do que uma ameaça, a presença de Muley Naçer na Duquela representava uma oportunidade que não se deveria desperdiçar, já que a sua permanência fora das muralhas de Marraquexe colocava-o, desde logo, numa posição mais vulnerável, caso os portugueses tivessem a necessária ousadia de atacá-lo em campo aberto. Compreendendo que a melhor maneira de defender a sua posição passava pela adopção de uma estratégia ofensiva, Ataíde optou por tomar a iniciativa nas acções de aproximação e reconhecimento dos recursos do

---

[1021] Carta de D'En-Nacer Ben Yussuf a D. Manuel, em 16 de Novembro de 1502. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 15, Nº 139. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XIV, p. 73.

[1022] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 178.

[1023] Cf. André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde et l'intervention portugaise à l'interieur des terres du Maroc", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, p. 106.

[1024] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXIII, p. 339.

adversário. É nesse sentido que, de seguida, iremos abordar de que modo o capitão de Safim concebeu e ordenou as duas acções de aproximação que antecederam o ataque e o desbarato de Muley Naçer.

Como é sabido, as acções de reconhecimento eram fundamentais para viabilizar qualquer empreendimento militar em condições de segurança, sendo as aproximações frequentemente feitas por autóctones ao serviço da Coroa ou por portugueses experientes e conhecedores da geografia local. Não é, portanto, de estranhar que, ao procurar-se determinar a localização do arraial de Muley Naçer, encontremos o experimentado adail Lopo Barriga acompanhado por trinta moradores de cavalo, "*peritos en la tierra*"[1025]. Conclusão: o arraial, onde Lopo Barriga matou seis mouros e capturou outros quatro, encontrava-se a apenas três léguas de Safim[1026].

Interrogados os mouros sobre os recursos do adversário, as intenções do rei de Marraquexe e a organização do seu acampamento, Ataíde não perdeu tempo e ordenou que se montasse uma cilada logo no dia seguinte. Para tal, mandou Lopo Barriga com cento e cinquenta de cavalo, logo seguido de D. Nuno Mascarenhas com cem, ficando o capitão na retaguarda com a força de socorro. É certo que o adail assaltou o arraial, capturando catorze mouros e imenso gado, de modo a provocar os mouros. Porém, a resposta do adversário foi mais feroz do que o planeado por Ataíde. Estes, indignados com o desplante de Lopo Barriga, lançaram-se em sua perseguição com (alegadamente) quatrocentos homens de cavalo, até que o adail os conduziu ao local onde estava emboscado D. Nuno Mascarenhas[1027]. De acordo com os cronistas, o combate que se seguiu foi de tal forma violento que "*depois que se tomou Safim, até àquele dia, peleja mais renhida ali fosse*"[1028].

Refira-se que o capitão posicionou as suas forças em formação de combate, no entanto, não atacou. Face à imprevista desproporção numérica (cento e cinquenta homens do adail e cem homens de D. Nuno Mascarenhas contra os alegados

---

[1025] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 102.

[1026] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 178.

[1027] Sobre a táctica da emboscada veja-se Ver Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém Mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, pp. 145-146.

[1028] Ver Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 179.

quatrocentos cavaleiros mouros) e ao cansaço evidenciado pelos combatentes[1029], Ataíde preferiu não alimentar a peleja, já que a sua força de reserva poderia revelar-se insuficiente para suster a eventual chegada de reforços provenientes do arraial de Muley Naçer. Face às circunstâncias, e depois de ter tido a oportunidade de avaliar os combatentes do rei de Marraquexe, Nuno Fernandes optou pela prudência, largando "*toda a cavalgada que trazia, que era* (alegadamente) *mais de vinte mil cabeças de gado meudo*"[1030], para deste modo reduzir o risco de ser interceptado pela cavalaria adversária que o perseguiu até uma légua de Safim[1031].

Finda esta primeira aproximação, Ataíde não tardou a conceber nova acção de reconhecimento e desgaste. Passados oito dias sobre o anterior assalto tomou conhecimento de que o rei de Marraquexe tinha transferido o seu acampamento para o Cabo de Cantim[1032], cuja localização, a norte da cidade de Safim, foi referida por Duarte Pacheco Pereira do seguinte modo:

"*jaz o cabo de canty de que atras fallamos com a ponta do canaueal (…) e nesta ponta do Canaueal esta huma muito boa fonte & por conhesensa tem em sima hum monte alto & a gente dos nauios thomom aly muitas uezes uguaa; mas quem neste lugar for em terra ponha sua atalaya por que como os halarues aly veem cristãos loguo*

[1029] Ainda que não se tenham verificado mortes, foram identificados alguns feridos, nomeadamente, Rui Mendes de Sá, João Vaz de Almada e Rui de Ataíde, tendo igualmente sido morto o cavalo de Álvaro de Faria. Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXIV, p. 340; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 103.

[1030] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXIV, p. 340.

[1031] Curiosamente, Durval Pires de Lima não refere este episódio em *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*. Para além dos cronistas anteriormente mencionados, esta situação de guerra é referida por André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, quadro 2, p. 201.

[1032] Segundo a *Descrição de Marrocos* de um anónimo português, em 1596, "*De Marrocos ao Cabo de Cantim, sam trinta e três legoas*". Ver *Descrição de Marrocos – Copia do emperio e reinos dos xarifes na Berberia em Africa, & de algumas terras de negros, comessando na emperial sidade de Marrocos, cabessa do dito emperio, e sua comarca*. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliotèques de France, Vol. II, Doc. LXXXVII, p. 307.

trabalham por os matar; & adiante desta ponta do canaueal pouco mais de mea leguoa estaa a Cidade de Çafy"[1033].

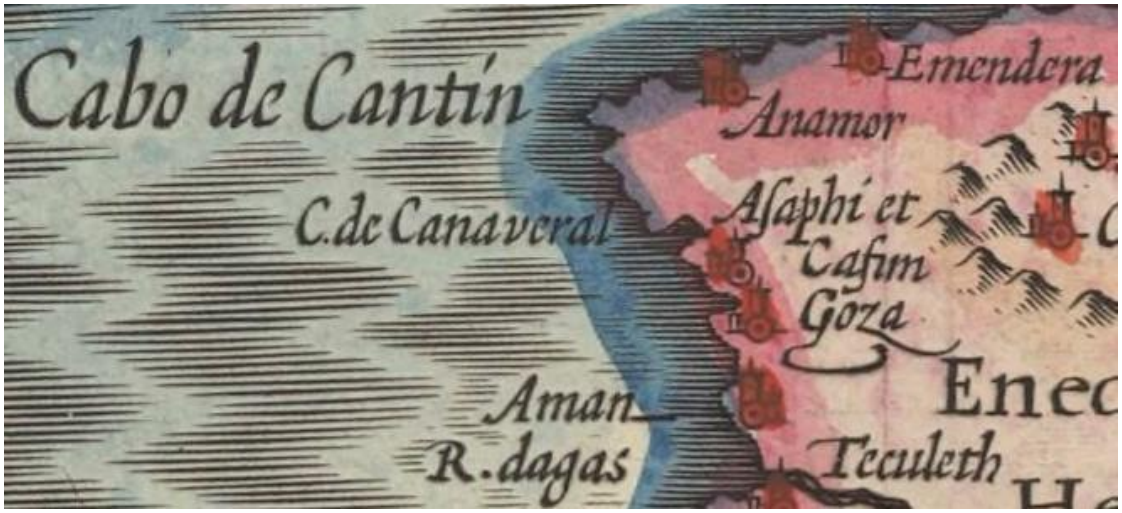


Fig. 89- Os topónimos de Cabo de Cantim e da ponta do Canaveal (no documento *Cabo de Cantín* e C. de Canaveral) representado em *Fessae et Marocchi regna*, de Jodocus Hondius (1563-1612). B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE SH 18 PF 224 DIV 2 P 16/1 D. (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53142992f (Consultado em 20 de Novembro de 2019).

Da referência de Duarte Pacheco Pereira podemos facilmente deduzir que a escolha do local para montar o arraial do rei de Marraquexe no Cabo de Cantim terá sido determinado não somente pela sua proximidade a Safim, como também pela existência da fonte de água que permitisse abastecer o acampamento. Mais uma vez, Ataíde não esperou que o adversário lhe viesse dar combate. Compreendendo que a melhor maneira de poupar a cidade e os seus campos adjacentes passava por atacar o inimigo no seu próprio terreno, o capitão voltou a tomar a iniciativa, desgastando a posição de Muley Naçer. Assaltou então dois dos seus aduares pela calada da noite, "*causando grande alvoroto o e susto pelo arraial*"[1034]. O assalto, do qual resultaram trezentos cativos mouros e muitos cavalos e camelos, ficou conhecido como o "*das pedradas*", uma vez que a retirada portuguesa foi acompanhada "*despingardadas*,

[1033] Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Capítulo 18, p. 66; Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, p. 89.

[1034] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 179.

setadas, & sobre tudo de pedradas"[1035]. No entanto, e não obstante a perseguição dos mouros ter durado até de manhã, Ataíde conseguiu recolher a Safim com enorme presa e sem perder um único homem[1036].

Depois de duasvezes assaltado por Ataíde, Muley Naçer transferiu o acampamento para a Serra de Benimagra, localizada a doze milhas de Safim, ao fim de sete ou oito dias. Identificámos a Serra de Benimagra referida por Damião de Góis[1037], com o Monte Benimenguer referido por Leão-o-Africano:

"*Dista de Azafi unas doce millas, vive allá gran cantidad de artesanos y toda su gente tenía antes casa en Azafi. Muy fértil en cereales y aceite, también estuvo dominado por el señor de aquella cuidad, a cuyos pobladores sirvió de refugio luego tomada Azafi, passando más tarde a tributar al rey de Portugal. Cuando el de Fez volvió a estas tierras, algunos tomaron a Azafi y otros, reticentes al yugo cristiano, fueron llevados a Fez por el monarca*"[1038].

Diz-nos Damião de Góis que o rei de Marraquexe assentou o seu arraial na entrada do campo de Idenart[1039]. D. Jerónimo Osório, que se referiu a esta Serra de Benimagra como montanha de Denar, diz tratar-se um sítio fortificado, "*que se empina no meio de umas largas campinas e abre uma estreita garganta de outeiros, que se dilata como rompe na planície*"[1040]. Mas nem aí Ataíde o deixou em paz. Depois de ter apurado os recursos do adversário e o modo como este dispunha o acampamento, reuniu número de combatentes suficiente para efectuar um ataque directo, ou seja, quinhentos

---

[1035] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXIV, p. 340. Ver também Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p.179; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 103.

[1036] Sobre esta entrada ver também Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 50; Fernando Pessanha, "Nuno Fernandes de Ataíde, «*o que nunca está quedo*» - De alcaide de Alvor e capitão e governador de Safim", in *Anais do Município de Faro*, Nº XXXIX, p. 53.

[1037] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXIV, p. 340. Também Manuel de Faria e Sousa utiliza a mesma designação. Ver Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 103.

[1038] Ver Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 186.

[1039] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXIV, p. 340.

[1040] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 179.

portugueses de cavalo e muitos dos combatentes de Bentafufa[1041], investindo contra o acampamento do rei de Marraquexe pela calada da noite.



Fig. 90 - Os topónimos de Cabo de Cantim e Benimagra (no documento *Canthinum caput* e *Benimeghervs mons*) representados no mapa *Marochia*, de Livio Sanuto (1520-1576). B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8079). (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b85954563 (Consultado em 20 de Novembro de 2019).

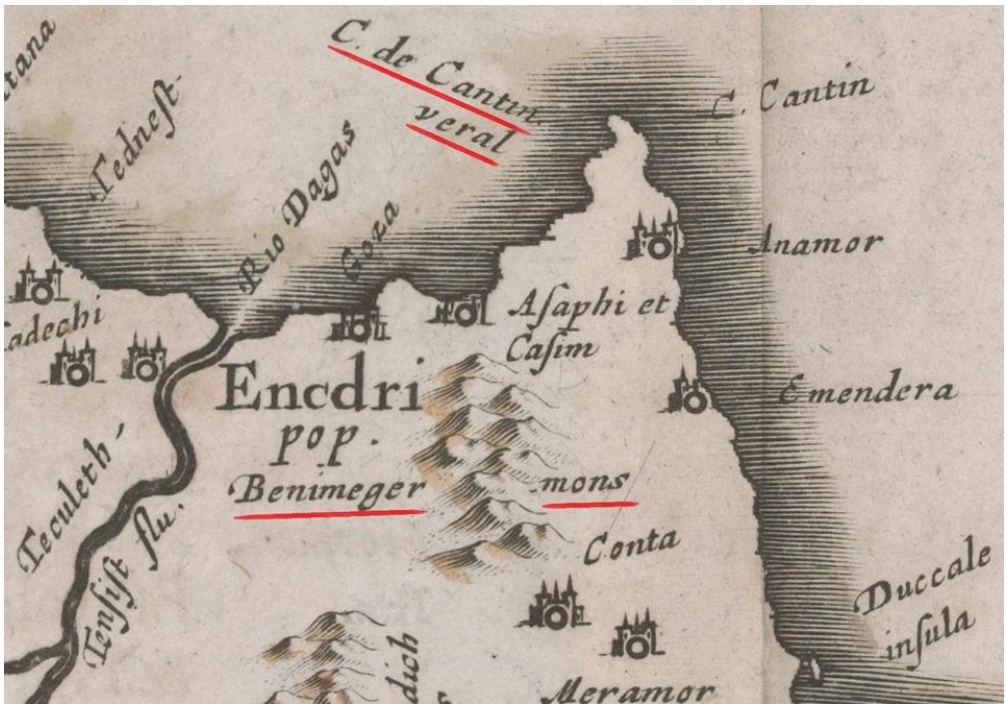


Fig. 91 - Os topónimos de Cabo de Cantim e Benimagra (no documento *C. Cantin* e *Benimeger*) representados em *Fezzae et Marocchi regna Africae celebérrima*, de Abraham Ortelius e Jan Jansson, publicado em 1642, aproximadamente. S.D.R. (On line) Disponível em: https://exhibits.stanford.edu/renaissance-exploration/catalog/cf043dn8189 (Consultado em 20 de Novembro de 2019).

[1041] Nenhuma das crónicas discrimina o número de homens comandados por Bentafufa.

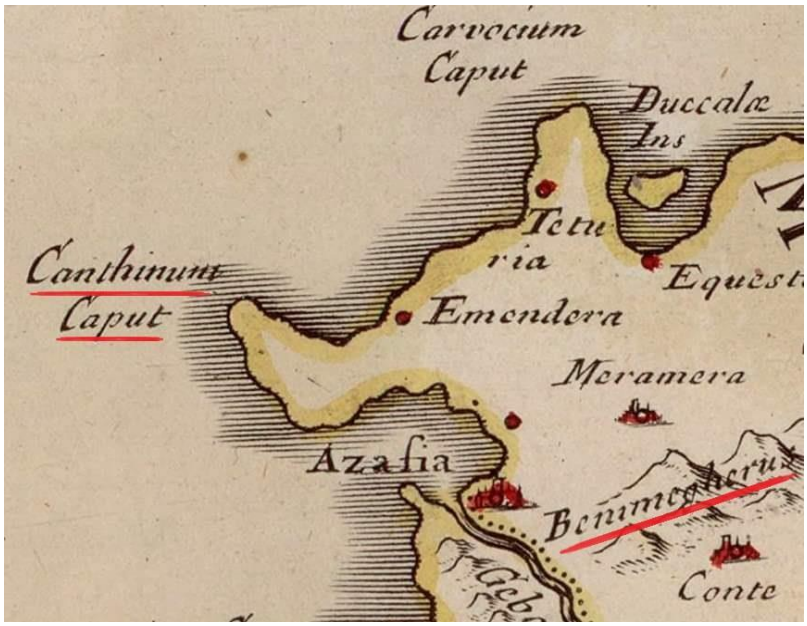


Fig. 92 - Os topónimos de Cabo de Cantim e Benimagra (no documento *Canthinum Caput* e *Benimegherus*) representados no *Estats et royaumes de Fez et Maroc, Dahra et Segelmesse tirés de Sanuto, de Marmol, etc*, de Nicolas Sanson (1600-1667).
B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8044), (On line). Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8595420g/f1.item.zoom
(Consultado em 20 de Novembro de 2019).



Fig. 93 - Os topónimos de Cabo de Cantim e Benimagra (no documento *Canthinum Caput* e *Benimegherus*) representados no *Statuum Maroccanorum regnorum nempe Fessani, Maroccani, Tafiletani et Segelomessani...*, de Johann Christoph Homann (1664-1730).
B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8045). (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8595421w/f1.item
(Consultado em 20 de Novembro de 2019).



Fig. 94 - O topónimo de Cabo de Cantim (no documento Cap *Cantin*) representado em *Carte des royaumes de Fez et de Maroc*, de Jacques-Nicolas Bellin (1703-1772).
B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8049).
(On line) Disponível em:
https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8595425j/f1.item.zoom
(Consultado em 2 de Abril de 2023).

As crónicas que referem este ataque dão conta de uma ofensiva rápida e onde o factor-surpresa parece ter sido determinante, já que o adversário parece não ter tido capacidade de resposta. Contrariamente a Damião de Góis, que relata o acontecimento de forma célere, directa e sem se deter em pormenores, D. Jerónimo Osório, no seu estilo mais literário, ainda regista algumas palavras quanto ao que terá sido a natureza do combate:

"*foi tal o terror e mêdo que os mouros cobraram da desorada visita que, pegando naquele desacôrdo alguns nas primeiras armas que se lhes depararam para a defesa, turva dos todos de pavor sobejo, romperam em desatada fuga para sair daquela batalha*"[1042].

[1042] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 179.

Foi tomada a tenda de Muley Naçer, assim como uma das suas "*mancebas principaes com muitas molheres nobres*"[1043], enquanto o próprio rei de Marraquexe escapou por um triz, montando "*o cavalo (…) primeiro que encontrou em osso saltou em cima, e súbito fugiu nêle*"[1044]. Para além de se tratar de uma ofensiva rápida e onde o factor-surpresa foi determinante, ao êxito deste ataque não deve ser alheio o facto de Ataíde, após ter avaliado em duas ocasiões os recursos do adversário e a sua maneira de organizar o acampamento, ter colocado em combate um número de guerreiros nunca antes mencionado pelas fontes. Recorde-se que no ataque aos aduares de Almedina, em 22 de Janeiro de 1522, Ataíde utilizou quatrocentas e trinta lanças e cem peões besteiros e espingardeiros[1045] e que no ataque a Conte, em 23 de Outubro de 1511, o capitão utilizou quatrocentos e setenta de cavalo e quinhentos de pé[1046]. Quer isto dizer que os quinhentos cavaleiros reunidos por Nuno Fernandes para o ataque ao acampamento do rei de Marraquexe assume-se como a maior força de cavalaria portuguesa utilizada até então no sul marroquino, para além dos muitos cavaleiros de Bentafufa que terão, pelo menos, duplicado o número de combatentes lançados contra o arraial de Muley Naçer. Ainda que tivessem ficado alguns portugueses feridos, entre os quais o próprio Nuno Fernandes de Ataíde maltratado no rosto, a audácia do feito cobriu de glória o capitão de Safim, para além de ter conseguido monumental despojo: aproximadamente quatrocentos cativos, mais gado, cavalos e camelos. Ainda sobre este acontecimento, comentou Manuel de Faria e Sousa, em língua castelhana: "*toda aquella maquina se quedó tan destroçada, toda aquella soberbia tan abatida, que no ubo quien a nuestro Capitan le alterase el passo*"[1047].

[1043] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXIV, p. 341.

[1044] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 179.

[1045] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIII, p. 287; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VII, p. 157.

[1046] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIV, p. 290; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VII, p. 158; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 46.

[1047] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 103. Sobre esta entrada ver também Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, pp. 724-725. Para além dos cronistas anteriormente mencionados, este episódio foi igualmente

Infelizmente, poucas são as fontes que referem esta vitória de Nuno Fernandes de Ataíde sobre o rei de Marraquexe. As crónicas de D. Jerónimo Osório, Pedro de Mariz e Manuel de Faria e Sousa seguem de perto o relato de Damião de Góis, muitas vezes a única fonte para o nosso conhecimento de situações como este desbarato de Muley Naçer. Como bem observou Pierre de Cenival, "*les lettres originales qui ont servi de sources à Góis ont malheureusement disparu*"[1048] e, ainda que investigadores como António José Saraiva ou Óscar Lopes incluam Góis no séquito dos historiadores dominados por um "*sentimento muito vivo da veracidade histórica*"[1049], não deixa de ser lamentável a impossibilidade de se confrontar a narrativa do grande humanista com outras fontes primárias[1050]. Seja como for, outras pistas encontradas na epistolografia parecem sustentar a narrativa de Damião de Góis. De facto, engana-se Durval Pires de Lima quando, a propósito da entrada contra os aduares de Almedina de 22 de Janeiro de 1511, refere que

"*a Nuno Fernandes de Ataíde mataram o cavalo, saindo êle tambem estropiado da peleja e demorando a sua cura muito, pois que, só em Junho, escreveu a D. Manuel dando-lhe parte que contava brevemente fazer nova entrada, estando quasi restabelecido das feridas*"[1051].

Com efeito, o documento que em Durval Pires de Lima se baseou é a *Carta de Nuno Fernandes de Ataíde, capitão-mor de Safim, para o rei D. Manuel I na qual lhe*

---

referido por Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 51; André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, quadro 2, p. 201; Fernando Pessanha, "Nuno Fernandes de Ataíde, «*o que nunca está quedo*» - De alcaide de Alvor e capitão e governador de Safim", in *Anais do Município de Faro*, Nº XXXIX, p. 55.

[1048] Pierre de Cenival, *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, p. 335, nota 1.

[1049] António José Saraiva; António Lopes, "A evolução da historiografia", in *História e Antologia da Literatura Portuguesa – Século XVI*, Vol. II, p. 11.

[1050] De acordo com Joaquim Romero de Magalhães, a qualidade de Damião de Góis nem se revela especialmente notada em *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*. Cf. Joaquim Romero de Magalhães, "Em torno da crónica de D. João III por Francisco de Andrade", in *D. João III e o Império - Actas do Congresso Internacional comemorativo do seu nascimento*, pp. 139-140.

[1051] Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 42.

dava conta da melhora do seu ferimento e que tencionava fazer uma entrada nas terras dos mouros, estando certo que o dito senhor ficaria com isso muito contente, e solicitava ainda que lhe enviasse mantimentos[1052], publicado por Pierre de Cenival, em 1934[1053]. Porém, e ainda que o ano não esteja discriminado no documento, o descritivo disponibilizado pelo Arquivo Nacional da Torre do Tombo, a datação avançada por Pierre de Cenival e pelo *Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo*[1054] remetem-no para 20 de Julho 1512, ano em que se deu o ataque de Ataíde ao acampamento do rei de Marraquexe e do qual saíram vários portugueses feridos, "*entre os quaes o foi Nuno fernandez no rosto*"[1055]. Vemos, deste modo, que pormenores da narrativa de Góis são confirmados na epistolografia coeva, tal como acontece com o próprio excerto da mercê da *Capitania e Governança da cidade de Safim* a Nuno Fernandes de Ataíde:

"*mui em especiall no desbarato que fez em ell rey de Marrocos, que em pessoa e com gramde poder de gemte vinham sobre a dieta nossa cidade de Çafim, ho quali nam soomente foy d'el todo vemcido e desbaratado e muita da sua gemte morta e cativa e tomadas suas temdas ë vamdeiras, mais ainda em sua propria pessoa foy ferido e se salvou soo, fogimdo em huum cavallo; nas quaaees coussas Nosso Senhor foy e he muito servido*"[1056].

[1052] A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 333.

[1053] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 20 de Julho de 1512. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LIX, pp. 335-336.

[1054] Pedro Pinto intitulou esta missiva de "*carta de 20 de Julho de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel I narrando-lhe a recuperação de suas feridas e como brevemente determinava fazer uma entrada nas terras dos mouros, pedindo-lhe mantimentos para a gente em Safim*". Ver Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 290.

[1055] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXIV, p. 341.

[1056] Carta Patente de D. Manuel, em 2 de Julho de 1513. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 42, fl. 78. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LXXIII, pp. 391-392. Este documento foi parcialmente transcrito e publicado por Durval Pires de Lima in *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 51.

Uma fonte, portanto, que vem indicar a existência de outro documento através do qual o monarca foi primeiramente informado do sucedido[1057] e onde são confirmados pormenores registados por Góis, como a própria fuga de Muley Naçer "*em hum cauallo em osso*"[1058].

Como seria de esperar num contexto de guerra, as represálias pela afronta ao rei de Marraquexe não tardaram. Alguns dias após o desbarato de Muley Naçer, vieram os mouros de Almedina correr os campos de Safim, resultando a escaramuça em quarenta e oito mortos mouros e três vítimas mortais entre os moradores portugueses, para além dos vários feridos. Volvidos vários dias, foi a vez de setecentos cavaleiros da Xerquia correrem Safim. Nuno Fernandes lançou contra eles Lopo Barriga com cento e sessenta de cavalo e, pela porta da alcáçova, Nuno Gato com outra esquadra de cavaleiros. De resto, o combate teve como resultado o desbarato dos cavaleiros da Xerquia e a morte do seu xeque Iahomazonde[1059]. Usando as palavras de Pedro de Mariz, "*hum Xeque dos principaes daquella terra; que era entre todos tão estimado*"[1060]. A sua cabeça foi espetada num pique, numa das portas da cidade, para servir de exemplo a quem se atrevesse a atacar Safim. Ainda que os mouros tivessem oferecido avultadas quantias, Nuno Fernandes recusou entregar o cadáver. Este apenas seria entregue em troca da paz, e assim foi. Em troca de tão ensanguentado despojo, toda a Xerquia se submeteu ao rei de Portugal, ficando Bentafufa por seu alcaide[1061]. Nuno Fernandes impunha a paz

---

[1057] Fernando Pessanha, "Nuno Fernandes de Ataíde, «*o que nunca está quedo*» - De alcaide de Alvor e capitão e governador de Safim", in *Anais do Município de Faro*, Nº XXXIX, p. 55.

[1058] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXIV, p. 341.

[1059] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXIV, p. 341; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 179; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 103.

[1060] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 725.

[1061] Para além dos cronistas anteriormente mencionados, este episódio foi igualmente referido por Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 51; André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, quadro 2, p. 201; Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém Mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, p. 144. Do mesmo autor veja-se também "Nuno Fernandes de Ataíde, «*o que nunca está quedo*» - De alcaide de Alvor e capitão e governador de Safim", in *Anais do Município de Faro*, Nº XXXIX, p. 55.

forçada através do terror e da força das armas. Deste modo, a Xerquia transitava da área de influência do desbaratado rei de Marraquexe para a confederação de mouros de pazes que formavam o protectorado português no sul de Marrocos. Usando as palavras de Manuel de Faria e Sousa, "*quedó entonces toda aquella Provincia com sossiego obediente, y tributaria a la Corona Portuguesa*"[1062].

5.7 - Campos de Aguz: o segundo desbarato do rei de Marraquexe

Ainda neste ano de 1512, depois de Nuno Fernandes mandar Lopo Barriga e Bentafufa contra nove aduares Doledemita nos campos de Alehanz (nas proximidades do Atlas), onde alegadamente mataram mais de mil mouros e cativaram cento e cinquenta e oito almas e muito gado[1063], foram os portugueses e os seus aliados fazer guerra aos mouros da Xiátma, "*onde no campo de Metreza deram em huns aduares, em que mataram alguma gente, & captiuaram cincoenta almas*"[1064]. Porém, o xerife Muley Ahmed Aláreje, filho do xerife do Suz Abu Abdalah, tinha nesse ano recebido o juramento de fidelidade das tribos do Suz, região localizada a sul da Xiátma. Na realidade, o xerife Muley Ahmed Aláreje aparece na documentação com o título de rei do Suz ainda antes de 5 de Novembro de 1510[1065], ainda antes de reconhecido como tal

---

[1062] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 104.

[1063] Segundo Góis, o embate deu-se no campo de *Alehanz*. Ver Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXV, p. 341. Já o "Cícero Português" regista o local como *Aleauz*. Ver Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 180; Manuel de Faria e Sousa, ainda que faça alusão a esta expedição, não refere o topónimo. Ver Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 104. Esta expedição foi também referida por Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 51; David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 486; André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, quadro 2, p. 201.

[1064] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXV, p. 342. Ver também Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 104. Note-se que D. Jerónimo Osório duplica o número de cativos, registando que "*trouxeram 100 captivos*". Ver Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 180.

[1065] "*O Xaryfe mandou chamar os dyas pasados seu filho rey de Sus*". Ver carta de Ignácio Martins a D. Manuel, em 5 de Novembro de 1510. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 9, Nº 96. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I,

pelas populações da região[1066]. Sabemos, através de Diego de Torres, que Muley Ahmed Aláreje e Muley Mohamed Xeque, filhos de xerife do Suz Abu Abdalah, estudaram numa madrassa, em Fez[1067]. O cronista refere mesmo que o velho xerife tinha mandado os filhos para Fez, em 1508, para servirem o rei ouatácida Mohamed "al Portugali"[1068]. Porém, estes príncipes sádias, regressados ao sul como lugares-tenentes de Mohamed "al Portugali" na luta contra os portugueses, rapidamente grangearam o apoio dos centros religiosos como o dos Regraga, na Xiátma, que pregavam a guerra santa contra os infiéis[1069]. Muley Ahmed Aláreje iniciou a sua expansão territorial em direcção ao Tensift, acabando de invadir pela primeira vez o território da Xiátma, com o objectivo de se assenhorar dele.

O embate entre as forças de Nuno Fernandes de Ataíde, que procurava estender o protectorado português para sul, e as forças do xerife, que procurava estender os seus domínios para norte, era portanto, mais que inevitável. Diz-nos Damião de Góis que logo no primeiro encontro se travou entre as duas partes cruel escaramuça, já que os adversários se apresentavam como "*homens cortesaõs, & bem ataviados, & armados*"[1070]. A narrativa de D. Jerónimo Osório, que se apresenta menos descritiva do que a de Damião de Góis[1071], que dá a entender que este primeiro encontro foi essencialmente caracterizado por dois embates: um primeiro, em que faleceram três

---

Doc. XLII, p. 256. Sobre os xerifes do Suz veja-se Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, 1586.

[1066] Joaquim Figanier, *História de Santa Cruz do Cabo de Gué (Agadir) 1505-1541*, p. 54.

[1067] Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo IV, p. 9.

[1068] Engana-se Diego de Torres ao afirmar que então reinava em Fez "*Mulei Hamet Elotaz Merine*". Veja-se Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo IV, p. 9. Tal como Mercedes García-Arenal bem observou, este soberano não reinou até 1526, pelo que então continuava a reinar Mohamed "al Portugali". Veja-se Mercedes García-Arenal (publ.), *Diego de Torres. Relación del origen y suceso de los xarifes y del estado de los reinos de Marruecos, Fez y Tarudante*, p. 41, nota 22.

[1069] Joaquim Figanier, *História de Santa Cruz do Cabo de Gué (Agadir) 1505-1541*, pp. 53-55.

[1070] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXV, p. 342. Note-se que as mesmas palavras são usadas por Pedro de Mariz. Ver Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 726.

[1071] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 180.

cristãos e alguns mouros de pazes; e um segundo choque, em que as forças comandadas por Lopo Barriga e Bentafufa mataram vinte e cinco combatentes do xerife, entre os quais um "*filho de Mezeara rei de Dara*"[1072].

Passados alguns dias, voltaram os portugueses e os seus aliados à mesma comarca da Xiátma, mais especificamente à cidade de Tanly, "*para nêle fazer estragos*"[1073]. Os moradores, porém, defenderam-se atirando colmeias de cima das ameias, o que fez com que os portugueses abandonassem o local "*sem leuarem outro despojo que muitas ferratoadas*"[1074] das abelhas e outros ferimentos infligidos pelos mouros, nomeadamente, o adail Lopo Barriga, que regressou a Safim com feridas graves[1075].

Entretanto, chegou a Safim Nuno da Cunha com cem lanças, onde devia servir como fronteiro sob o comando de Nuno Fernandes de Ataíde, e instruções para D. Nuno Mascarenhas regressar ao reino, deixando as suas cem lanças ao capitão. O rei de Marraquexe, por seu lado, não esqueceu a afronta sofrida às mãos do capitão de Safim, na Serra de Benimagra, pelo que não tardou em conceber a sua desforra. Para além de Damião de Góis e dos cronistas que se basearam nos seus escritos, como D. Jerónimo Osório ou Manuel de Faria e Sousa, também *a carta do rabino Ibrahim bem Zamirou*, de 12 de Outubro de 1512, testemunha esta ofensiva de Muley Naçer[1076]. Documento, aliás, em que Góis se terá baseado, ainda que, como veremos, o grande humanista não partilhe da opinião do rabino quanto à alegada deslealdade de Bentafufa. De facto,

---

[1072] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXV, p. 342. Diz-nos Góis que com a morte deste mouro, retiraram as forças do xerife para o seu arraial, deixando no campo trinta a seis cavalos, recolhidos pelos portugueses. Ver também Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 726; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 104.

[1073] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 180.

[1074] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXV, p. 342.

[1075] Para além dos cronistas atrás referidos, esta expedição foi brevemente referida por Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 51; André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, quadro 2, p. 201.

[1076] Curiosamente, este documento não tem sido considerado pelos historiadores que se têm debruçado sobre a história dos portugueses em Safim, como Durval Pires de Lima ou David Lopes.

decorria o mês de Setembro de 1512[1077] quando as forças comandadas por Lopo Barriga e Bentafufa se encontravam em Aguz, onde estava por capitão Francisco Mendes com cinquenta besteiros[1078], quando chegaram notícias de que

"*vinha el Rei de Marrocos sobrelles, com tanta gente de cauallo, que muitos mouros daquela prouincia seguiaõ o campo, pera verem a gazua que os del Rei de Marrocos, auiam de fazer nos mouros de pazes, & nos Christãos*"[1079].

Ao lermos esta referência de Damião de Góis ficamos com a impressão de que a massa humana que acompanhou o rei de Marraquexe era proveniente da "cidade vermelha". Porém, o testemunho de Ibrahim bem Zamirou discrimina a origem dos mouros que constituíam a força comandada por Muley Naçer, assim como o seu empenho no recrutamento dos recursos humanos que constituíam o seu exército.

"*el rey de Marrocos ajunto jentes de todas esas partydas dos montes Qraros e das terras do anill, que se chama terra de Dara, que he jumto com ho deserto, e veo pregoando algazu, que he gerra contra Cristãos, e veo-se por la fralda da serra dos montes Qraros, e apaño todos hos Moros Barbaros, asy jente de cavalo como jente de*

[1077] Carta do rabino Ibrahim bem Zamirou, em 12 de Outubro de 1512. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 69. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LXII, p. 358, nota 3. Engana-se Pedro Pinto ao intitular este documento como "Carta de Rabi Abraão sobre a proclamação de guerra do Rei de Marraquexe para tomar Abda, e das medidas tomadas por D. Garcia de Meneses e Nuno da Cunha para o suster, vencendo o Rei de Fez em batalha, tomando-lhe despojo". Ver Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 266. De facto, o desbaratado foi o rei de Marraquexe e não o rei de Fez, tal como intitulado por Pedro Pinto.

[1078] Sobre a guarnição militar de Aguz veja-se Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém Mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, pp. 84-89.

[1079] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXV, p. 342. Sobre a definição de "gazua" veja-se também David Lopes, "Cousas luso-marroquinas – notas filológicas sobre particularidades vocabulares do português das praças de África", in *Boletim de Filologia*, p. 254.

pé, e todos hos Alaraves que estam sobre Marrocos e seus derredores, asy os de Acara como os de Uled Matah, que som ynfynda gente"[1080].

Ao tomar conhecimento, Nuno Fernandes não tardou a enviar Nuno da Cunha com um reforço de duzentas lanças[1081]. Porém, rapidamente as desconfianças quanto à lealdade de Bentafufa começaram a assaltar o espírito inquieto de Ataíde. Segundo David Lopes, o capitão de Safim, dando crédito a intrigas tecidas pelos mouros, advertiu Lopo Barriga para não se fiar no alcaide da Duquela, dando-lhe instruções para regressar a Safim assim que a oportunidade o permitisse[1082]. Note-se, no entanto, que o historiador e arabista português nada nos diz sobre a natureza desta intriga, nem como chegou aos ouvidos do capitão de Safim. Porém, se seguirmos a narrativa de Damião de Góis, apercebemo-nos que dias depois de Nuno da Cunha chegar a Aguz com as duzentas lanças portuguesas, veio ter ao acampamento dos portugueses um grupo de ladrões provenientes do arraial do rei de Marraquexe, sendo que um deles foi aprisionado por Lopo Barriga e enviado a Nuno Fernandes, com o intuito de ser interrogado sobre quais as intenções de Muley Naçer. É interessante notar que, ao chegarmos a este momento da crónica, Góis diz simplesmente que passadas as informações a Ataíde, o ladrão regressou a Aguz na mesma noite, onde se devia encontrar secretamente com Nuno da Cunha e Lopo Barriga, de modo a transmitir-lhes as instruções do capitão. A narrativa de D. Jerónimo Osório, no entanto, é menos isenta quanto à opinião do seu autor relativamente à missão do ladrão:

[1080] Carta do rabino Ibrahim bem Zamirou, em 12 de Outubro de 1512. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 69. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LXII, pp. 357-358.

[1081] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXV, p. 342; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 180; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 104. Segundo Ibrahim bem Zamirou, foi Nuno da Cunha com cento e cinquenta homens e Manuel Cerveira com outros cinquenta homens. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LXII, p. 358; Carta do rabino Ibrahim bem Zamirou, em 12 de Outubro de 1512. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 69. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LXII, pp. 357-358.

[1082] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 487.

"*Mas o mouro, com astúcia púnica, tais sementes de perfídia lançou no engenho de Ataíde que, levado do que ouviu, entrou a suspeitar que Jabentafuf tinha pensamentos de entregar os nossos*"[1083].

De resto, as ordens de Ataíde para Lopo Barriga eram claras: todos os portugueses deveriam regressar a Safim à excepção do adail e de sessenta homens de cavalo, devendo estes também abandonar Bentafufa logo que a oportunidade o permitisse. E, de facto, tal veio a acontecer. D. Jerónimo Osório não o refere na sua crónica e Ibrahim bem Zamirou apenas refere "*certo desconcerto que la se ofreçou entre eles, veo-se Lopo Barriga com toda sua gente*"[1084]. Damião de Góis, no entanto, refere a escusa apresentada por Lopo Barriga para o abandono dos portugueses. De acordo com o humanista português, Lopo Barriga, depois de passar sete ou oito dias sem ter notícias do arraial do rei de Marraquexe, assaltou-o com alguns mouros de pazes, capturando alguns inimigos, sendo que foi a partilha deste despojo que serviu de pretexto para o adail criar um desentendimento com Bentafufa e regressar a Safim juntamente com os restantes portugueses. De acordo com as fontes conhecidas, apenas D. Rodrigo permaneceu no campo de Aguz juntamente com os seus criados. Segundo Góis e os cronistas em que nele se basearam, tratava-se de D. Rodrigo de Castro[1085]. No entanto, o facto de Ibrahim bem Zamirou se referir a este personagem apenas como D. Rodrigo leva-nos a concluir que Damião de Góis se terá enganado, confundindo D. Rodrigo de Castro, com D. Rodrigo de Noronha, "o Aravia", o cavaleiro português fluente em árabe que acompanhou Bentafufa em inúmeras acções militares e que sempre defendeu o alcaide da Duquela das intrigas de que foi acusado[1086].

[1083] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 180. Usando as palavras de Manuel de Faria e Sousa, Ataíde "*Se dexò engañar de aquel ladron*". Ver Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 105.

[1084] Carta do rabino Ibrahim bem Zamirou, em 12 de Outubro de 1512. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 69. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LXII, p. 358.

[1085] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXV, p. 343; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 180; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 105.

[1086] D. Rodrigo de Noronha, "o aravia", era filho primogénito do comendador de Sines da Ordem de Santiago. Casou com D. Joana, filha de Rui Penteado, almoxarife dos escravos da Guiné e comendador de

Arguim da Ordem de Cristo. Ver Maria Augusta Lima Cruz, "Mouro para os cristãos e cristão para os mouros: o caso Bentafufa", in *Anais de História de Além-Mar*, Vol. III, p. 54; João Paulo Oliveira Costa & Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaides – 1514. No Apogeu da Presença Portuguesa em Marrocos*, p. 45. Tal como podemos confirmar pela epistolografia, D. Rodrigo de Noronha foi o responsável pela defesa da maior estância no grande cerco a Safim de 1510, então defendida por cavaleiros, escudeiros, besteiros, espingardeiros, um bombardeiro e todos os judeus que se prontificaram a participar na defesa. Ver carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 3 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 41. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLV, p. 273. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 149-153. Ver também Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, p. 288. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 82-91. Encontramo-lo a servir em Safim mesmo após a entrada em que Nuno Fernandes de Ataíde pereceu juntamente com tantos outros cavaleiros portugueses, em 1516. Não sabemos se o "aravia" terá sido um dos poucos cavaleiros que escapou com vida aquando desta fatídica entrada ou se por então terá ficado a guardar Safim. O certo é que D. Rodrigo continua a aparecer nas fontes com uma posição de relevo durante a capitania de D. Nuno Mascarenhas, o capitão que substituiu Nuno Fernandes de Ataíde. Na realidade, a documentação indica que o "aravia" se revelou um relevante mediador entre os portugueses de Safim, sempre desconfiados da lealdade de Bentafufa, e o próprio alcaide dos mouros de pazes. De facto, quando houve a necessidade de castigar os mouros de Abda e da Garbia por se terem rebelado, foi a D. Rodrigo que o então capitão de Safim entregou o comando de setenta cavaleiros portugueses para, juntamente com Bentafufa, darem sobre os revoltosos. Veja-se Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte IV, Capítulo LVI, p. 551. Aliás, a importância do papel do "aravia" era reconhecida pelo próprio rei D. Manuel, como podemos comprovar através de documentos como a carta que o rei lhe dirige, "*na qual pedia que animasse Cid Hea do insucesso que tivera no dia de São João e lhe certificasse a certeza da sua lealdade*", em 23 de Julho de 1517. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 323 e A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 22, Nº 41. Documento publicado por David Lopes in *Textos em Aljamía Portuguesa*, Doc. XVIII, pp. 142-143. Documento igualmente publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. II, première partie, Doc. XXXIV, pp. 118-121. De resto, D. Rodrigo viria a ser um dos vários cavaleiros capturados pelos mouros na emboscada fatal que teve lugar na Duquela, em terras dos Abda, onde Bentafufa perdeu a vida, em 16 de Fevereiro de 1518. Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte IV, Capítulo LXIV, pp. 562-564; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fls. 39v-51; Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XXV, pp. 73-74; Sobre D. Rodrigo de Noronha veja-se Fernando Pessanha, "O

Face às circunstâncias, parece evidente que Muley Naçer pretendeu fomentar a intriga entre Ataíde e Bentafufa, já que a união das suas forças apresentava-se manifestamente prejudicial aos interesses do rei de Marraquexe no sul marroquino. A ser bem-sucedido, Muley Naçer poderia atacar os portugueses sem que estes pudessem contar com o apoio militar dos mouros de pazes, tal como poderia castigar o alcaide da Duquela e as tribos mouras que constituíam o protectorado português sem ter de se preocupar com os cavaleiros portugueses. Com efeito, Ibrahim bem Zamirou é muito claro ao referir que as tropas do rei de Marraquexe "*vynham com tençam de destruyr a Abeda, porque dezyam que, se dystruyesem a Abeda y Garbya, que logo poderyam com Çafy e com os Cristãos*"[1087]. Vemos, deste modo, que o objectivo de Muley Naçer passava claramente por primeiramente desbaratar os mouros de pazes, para depois se concentrar na luta contra os portugueses. Aliás, de acordo com o mesmo documento, Muley Naçer não se atreveu a atacar os mouros de pazes enquanto os portugueses permaneceram nos campos de Aguz: "*todo tempo que suberam estar so Cristãos ay, nom osarom achegar, por saber como estavam a bom recado*".

De acordo com os cronistas, Bentafufa ficou perplexo com a atitude dos portugueses. Estava ele com os seus mouros de pazes no campo de Aguz para combater pelos cristãos, quando estes os abandonaram, deixando-os na iminência de serem atacados pelo rei de Marraquexe. Sentindo-se ofendido e desconsiderado, o caudilho mouro escreveu a Ataíde, queixando-se do pouco que o capitão nele confiava e informando-o que atacaria o rei de Marraquexe somente com os seus homens, de maneira a que "*vencedor, ou vencido mostrasse naquele dia quao leal servidor era del Rei dom Manuel seu senhor*"[1088]. Ibrahim bem Zamirou, cujo objectivo da sua carta era prejudicar claramente a imagem de Bentafufa, não faz qualquer referência à sua acção de comando, alegando simplesmente que foram os mouros de pazes e não o alcaide da Duquela a escrever a Nuno Fernandes:

---

cavaleiro D. Rodrigo de Noronha: «o aravia» de Safim, nos Algarves de Além-mar, in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3445, 6 de Abril de 2023, p. 7.

[1087] Carta do rabino Ibrahim bem Zamirou, em 12 de Outubro de 1512. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 69. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LXII, p. 358.

[1088] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXV, p. 343.

"*logo esa noyte vyeron os Moros pedyr socorro; e, por ser de noyte, nom mando o Capytam senom doze de cavalo, besteros e espingardeyros, e com otros sete o oyto que la estavam con D. Rodrigo, seryam xxij Cristãos, que la se acharom, nom mais*"[1089].

Segundo Damião de Góis, a missiva de Bentafufa, que chegou a Safim através de um troteiro pouco tempo depois da chegada de Lopo Barriga, deve ter causado grande impressão a Ataíde que, arrependido, se apressou a mandar na mesma noite Henrique de Parada com os doze cavaleiros também referidos por Ibrahim bem Zamirou. Este mensageiro levava, portanto, instruções para apresentar as desculpas do capitão e a informação de que este mandaria no dia seguinte quinhentas lanças para, juntamente com os mouros de pazes, defrontarem o rei de Marraquexe. No entanto, quando Henrique de Parada chegou, já os três mil mouros a cavalo e alguma gente de pé combatiam com as forças de Muley Naçer. Nuno Fernandes, tal como tinha prometido, ainda enviou Lopo Barriga com duzentas lanças e Nuno da Cunha com trezentas, porém, quando estes chegaram, já Bentafufa e os mouros de pazes tinham imposto uma pesada derrota ao rei de Marraquexe:

"*Jabentafuf e mais os seus mouros obraram nela façanhas memoráveis; pois que não só desbaratou seus adversários, matou-lhes muita gente, mas despojou a el-rei de seus abarracamentos, e lhe foi no alcance destruindo a mor parte do seu exército. Foi avultada a prêsa, porque estavam os arraiais providos mui abundantemente*"[1090].

Note-se que este excerto da crónica de D. Jerónimo Osório refere as "*façanhas memoráveis*" realizadas pelos mouros de pazes nesta batalha sem, no entanto, facultar mais informações sobre as mesmas, tal como acontece nas narrativas de Damião de Góis e de Manuel de Faria e Sousa. De facto, todos os cronistas limitam-se a registar a vitória das tribos tributárias de Portugal sem facultar qualquer informação sobre o desenrolar da batalha. É através da carta de Ibrahim bem Zamirou que ficamos a saber que foi o exército de Mulei Naçer a tomar a iniciativa no combate e que as forças dos

---

[1089] Carta do rabino Ibrahim bem Zamirou, em 12 de Outubro de 1512. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 69. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LXII, pp. 358-359.

[1090] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 180.

mouros de pazes constituíam, alegadamente, um terço das forças do adversário[1091]. Se tivermos em consideração que, de acordo com Damião de Góis, os mouros de pazes compreendiam mais de três mil mouros de cavalo e alguma gente de pé[1092], rapidamente chegamos à conclusão que o exército do rei de Marraquexe seria constituído, alegadamente, por aproximadamente nove mil homens, número manifestamente sobredimensionado. É, portanto, de considerar que Ibrahim bem Zamirou tenha minguado o quantitativo de mouros de pazes no sentido de dar maior expressividade à sua vitória e que Damião de Góis tenha exagerado no número de mouros comandados por Bentafufa com o intuito de destacá-lo como grande líder militar. Seja como for, o testemunho de Ibrahim bem Zamirou faculta informações de grande interesse sobre a batalha:

"*chegarom aos nosos, quebrarom hua parte dos nosos, donde Yhya vinha, que se chama a Garbya; y os de Abeda bolverom sobre sy, e trabalharon como jente quey todo era por eles, e levaron-os de vencida, e mataron neles passante trezentos. E entam bolveron Garbya, que yvanja de quebra, y ajudaron bem, e juntamente todos desbarataron el-rey de Marrocos e toda sua famylla e prenderon bem quatrocentos e mataron mays de otros tantos, e a tenda d'el-Rey e otra de un seu primo que com ele vynha, e robarom muytas mulas e azemelas, e tomaron bey trezentos cavalos e muytos camelos, e muyto desbojo otro*"[1093].

Segundo os cronistas, Nuno Fernandes ficou abalado por não tido parte na glória do feito, já que então dispunha de novecentos homens de cavalo em Safim, entre os quais se encontravam muitos homens nobres que, aliás, não se coibiram de criticar o capitão por ter dado ouvidos a um mouro desconhecido, colocando em causa a lealdade

---

[1091] Carta do rabino Ibrahim bem Zamirou, em 12 de Outubro de 1512. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 69. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LXII, p. 359.

[1092] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXV, p. 343.

[1093] Carta do rabino Ibrahim bem Zamirou, em 12 de Outubro de 1512. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 69. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LXII, p. 359.

de Bentafufa[1094]. Ao arrependimento de Ataíde, dedicou Manuel de Faria e Sousa várias frases na sua *Africa Portuguesa*, como estas que agora transcrevemos:

"*El saber Nuño Fernandez desta victoria fué lo mismo que penetrarle por una parte las entrañas el agudissimo dolor de su arrepentimiento por lo que hizo con Cide Haya A-bentafut (...) Pero bastele aun Hombre tan grande como lo fue Nuño el arrepentirse de lo obrado, y el condolerse de lo perdido*"[1095].

Após a vitória de Bentafufa sobre Muley Naçer, Ataíde não tardou a organizar nova campanha, de modo a entreter as vozes que em Safim o criticavam por ter retirado aos nobres portugueses a glória de participar em tamanha vitória sobre o rei de Marraquexe. Para tal, o capitão entregou trezentas lanças a Nuno da Cunha para, juntamente com Lopo Barriga e alguns árabes de Bentafufa, atacarem um aduar localizado em terras da Xiátma, "*allem da serra de ferro*"[1096]. Os atacantes foram, no entanto, descobertos ao se aproximarem, motivo pelo qual se travou "*despiedada a peleja*"[1097] e da qual resultaram as mortes de Francisco Correia e D. Luís de Azevedo, entre outros. Por fim, e ainda que o factor surpresa se tivesse perdido, o aduar acabou por ser tomado, assim como alguns cativos e gado, que foram levados para Safim[1098].

[1094] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXV, p. 343; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 180.

[1095] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 106. Para além dos cronistas atrás referidos, esta vitória de Bentafufa sobre o rei de Marraquexe foi também referida por Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 53; David Lopes em "Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 487; André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, quadro 2, p. 202.

[1096] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXV, p. 343. Sobre a já referida Serra de Ferro, ou *Yabal al-Hadid*, vejam-se Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, pp. 155-156; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XIX, fls. 15-15v.

[1097] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 180.

[1098] Para além de Damião de Góis e D. Jerónimo Osório, esta entrada foi brevemente referida por Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 53; André Teixeira,

Como adiante veremos, a desconfiança denunciada por Ataíde em relação a Bentafufa irá ganhando forma com o passar do tempo, consubstanciando-se em desentendimentos entre o capitão de Safim e o alcaide da Duquela. Seja como for, o rei D. Manuel rejubilou com os feitos militares de Nuno Fernandes e de Bentafufa sobre o rei de Marraquexe. É nesse sentido que, em 2 de Julho de 1513, no mesmo mês em que D. Manuel faz mercê da alcaidaria-mor de Safim a Gonçalo de Sousa[1099], atribui, por fim, a mercê definitiva da capitania e governo da cidade de Safim a Nuno Fernandes, com os poderes, jurisdição e alçada inerentes ao cargo, atendendo ao

"desbarato que fez em El-Rey de Marroquos que em pesoa icom grande poder de geinte Vinham sobre a Dita nossa cidade de çafim o qual nom somente foy de todo Vencido e desbaratado Emuyta da sua gemte morta ecativa e tomadas suas tenadas e bandeiras mais ajuda em sua própria pessoa foy ferido e se saluou soo fogiindo em huum cauallo"[1100].

"Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, quadro 2, p. 201.

[1099] A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fls. 137-137v.

[1100] Carta Patente de D. Manuel, em 2 de Julho de 1513. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 42, fl. 78; A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fl. 136. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LXXIII, pp. 391-392. Documento parcialmente transcrito por Durval Pires de Lima in *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 51. Curiosamente, Meyrelles do Souto remete este documento para 20 de Julho de 1513. Veja-se Meyrelles do Souto, *Portugal e Marrocos (factos e notícias)*, p. 97.

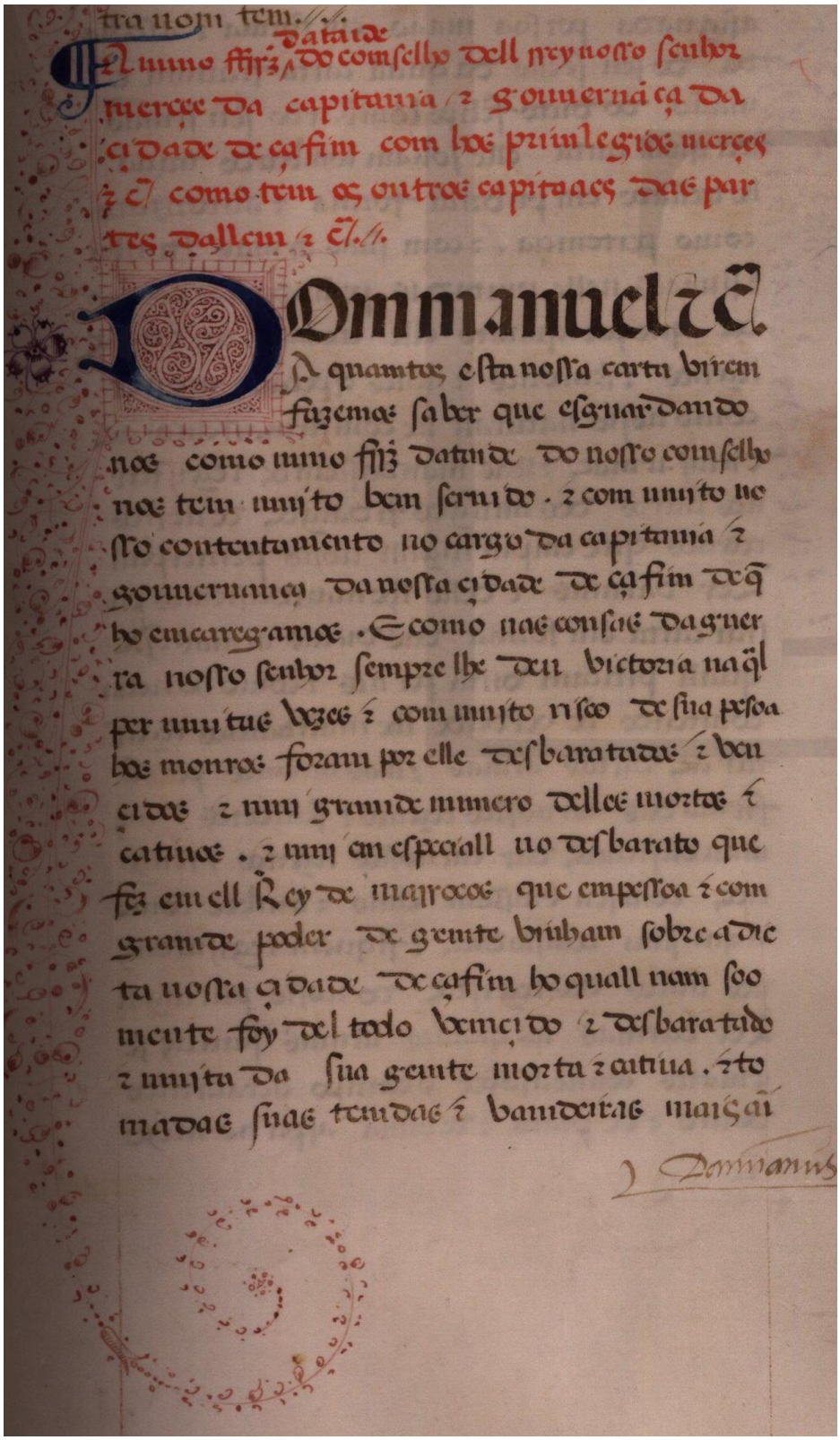


Fig. 95 - A Nuno Fernandes de Ataíde, do conselho del rei nosso senhor, mercê da capitania e governança da cidade de Safim com os privilégios, mercês e como têm os outros capitães das partes de além. A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fl. 136.

Deste modo, os serviços de Nuno Fernandes eram reconhecidos pelo rei português e o "*nunca esta quedo*" conseguia o governo e a capitania definitiva de Safim, afirmando-se como o principal líder militar de todo o sul marroquino. Fechava-se assim o período compreendido entre 1510, ano em que Ataíde foi nomeado capitão de Safim, e 1513, ano em que se deu a sua nomeação definitiva para a capitania desta praça norte-africana. De modo geral, podemos afirmar tratar-se de um período no qual teve lugar uma série de campanhas militares com vista à criação de um protectorado português no sul marroquino e à sujeição das tribos resistentes ao pagamento de tributos. De facto, a acção militar de Ataíde para a balizagem cronológica atrás mencionada, aliada à influência que o alcaide Bentafufa exercia no terreno, reveste-se de características singulares no contexto da política expansionista manuelina, já que retirou a Safim o papel de mais um enclave isolado em território hostil, transformando esta praça num polo centralizador que tutelava os territórios compreendidos desde as regiões da Garbia e da Xerquia, situadas a Norte, Oeste e Noroeste de Safim e as regiões da Abda e Xiátma, localizadas a Sul e Sudeste da praça. Com efeito, os anos de 1510 a 1513 revelam não somente a eficácia militar de Ataíde, como também uma peculiar habilidade política em atrair as tribos autóctones para a suserania portuguesa, com manifesto prejuízo para a área de influência dos reinos de Fez, de Marraquexe e dos xerifes do Suz. A partir deste momento, em que Ataíde viu ser-lhe confirmado governo e a capitania definitiva de Safim, dá-se início ao período mais assombroso da presença militar portuguesa em Marrocos, em que uma série de campanhas vitoriosas acabaram por levar as armas lusas até às portas de Marraquexe e ao Grande Atlas.

Capítulo 6

- CONSOLIDAÇÃO DO SEU PODER EM TORNO DE SAFIM E EXPANSÃO PARA O INTERIOR MARROQUINO (1513-1516)

6.1 – Conflitos de competências entre Nuno Fernandes de Ataíde e Bentafufa: o apoio do monarca

Tal como temos vindo a ver, não foram somente as vitórias de Nuno Fernandes de Ataíde a formar a vasta confederação de mouros de pazes aliadas dos portugueses. De facto, para a constituição da área de influência portuguesa foi fundamental a acção de Bentafufa, o líder mouro, aparentemente de origem berbere[1101]. O relacionamento entre o capitão de Safim e o caudilho mouro não foi, porém, pacífico, já que durante todo o período em que esteve ao serviço de Portugal teve se suportar as desconfianças, intrigas e acusações de que foi alvo por parte do capitão de Safim. De facto, não é verdade que, tal como Diego de Torres afirmou, "*el capitán africano vassallo del Rei que se dezía Cide Haya Abentafut*" era "*grande amigo de Nuño Fernández de Ataide que fue uno de los valerosos capitanes que uno en Africa en aquel tiempo*"[1102]. Aliás, as tensões e desconfianças contra Bentafufa não foram exclusivamente da parte de Nuno Fernandes de Ataíde, como também da parte de outros cristãos (sobretudo os fidalgos

[1101] Segundo Estêvão Rodrigues Bérrio, "*este Mourro he Barbarro e nom sse ffaz as vezes ho que elle mamda pêra isto*". É, portanto, de considerar que Bentafufa seria de origem berbere e não de origem árabe. Carta de Estêvão Rodrigues Bérrio a D. Manuel, em 19 de Maio de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 39. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CVI, p. 556.

[1102] Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XV, fl. 47.

que eram acusados pelo alcaide mouro de praticarem uma guerra meramente predatória), assim como de outros mouros e até de judeus.

Nada se sabe sobre da sua vida até 1506, pouco antes da conquista portuguesa. De facto, a primeira alusão a Bentafufa não o refere como co-governador de Safim, tal como afirma David Lopes[1103], mas é antes relativa ao momento em que Aliadux lhe pede ajuda para juntos assassinarem Abderramão, já que o próprio alcaide de Safim conspirava para assassinar Aliadux. Note-se que, nesse primeiro momento, Leão-o-Africano - que anos mais tarde viria a conhecer pessoalmente Bentafufa[1104] - não regista o seu nome, referindo-se a ele como "*temerario muchacho, jefe también de mucha gente*"[1105], tal como acontece no momento do assassinato, em que apenas diz "*el outro joven lo atravesaba y remataba com su espada*"[1106]. Porém, o desenrolar da narrativa acaba por referir a identidade de Bentafufa quando a cidade é conquistada pelos portugueses:

"*Después de entrar en Azafi, el almirante de la armada hizo conducir a su presencia a aquel jefe, llamado Iehia, y se lo mandó luego al monarca português que lo recompensó y dio veinte servidores, devolviéndolo luego a Azafi para que la gobernase, ya que el almirante português no conocía las costumbres de aquella gente ignorante ni cómo manejarla*"[1107].

Já Damião de Góis, que se baseou em Leão-o-Africano, não omite a identidade de Bentafufa no momento em que Aliadux lhe pede ajuda:

[1103] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 485.

[1104] Diz-nos Leão-o-Africano que ficou hospedado com Bentafufa em Tumeglast, terra da região de Marraquexe, quando este "*fue a recaudar los tributos en nombre del rei de Portugal, quien lo havia hecho capitán suyo en la campaña de Azafi*". Ver Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 164.

[1105] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 179.

[1106] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 180.

[1107] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 181.

"*deu conta do negocio a outro mancebo seu amigo, per nome Ieabentafuf com caualleiro, & muito aparentado, os quaes assentaram de matar Abdear Rahmaõ em qualquer luiugar ou tempo que pera isso achassem oportuno*"[1108].

Tal como vimos no capítulo dedicado à contextualização geográfica/histórica de Safim, a morte de Abderramão fez com que Aliadux e Bentafufa fossem aclamados alcaides da cidade, sendo que foi Bentafufa a ficar a governar a praça norte-africana quando Diogo de Azambuja levou Aliadux e outros mouros principais ao reino, de modo a tornarem-se vassalos de D. Manuel. Bentafufa, no entanto, mostrava-se resistente aos planos de Azambuja, nomeadamente, à abertura de uma porta na muralha da cidade, que iria permitir que os portugueses abastecessem a feitoria portuguesa com armas e munições. Bentafufa, que entretanto começou a desconfiar que conspiravam para o matar, pediu a Azambuja para ir ao reino, onde apresentou a D. Manuel as razões do seu procedimento e conquistou a confiança do monarca português. Foi, portanto, neste contexto de desconfianças e intrigas que caracterizaram a luta interna entre o partido de Bentafufa e o partido de Aliadux, durante o qual Azambuja chegou mesmo a tentar eliminar Bentafufa, que o mouro veio pela primeira vez a Portugal, onde teve de se defender das acusações de que era alvo por parte de Diogo de Azambuja. No entanto, foram tais as suas

"*desculpas a el Rei, que foram taes que o tornou a mandar a Çafim, com ordenado pera vinte homens de cauallo, & prouisões per que o fazia capitam de campo, por saber milhor hos costumes daquelle pouo*"[1109].

A sua permanência em Portugal parece ter sido longa, pelo menos desde 1507 até 1511, ano em que, como veremos, volta a aparecer na Duquela. De resto, a fluência em língua portuguesa evidenciada nas suas cartas demonstra uma aprendizagem que terá tido lugar durante esta permanência na Corte e aprofundada durante os outros períodos passados no reino. Note-se que, apesar da sua ausência em Portugal, a população de Safim não esqueceu Bentafufa, chegando mesmo a exigir a D. Manuel o

[1108] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte II, Capítulo XVIII, p. 186.

[1109] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte II, Capítulo XVIII, p. 189.

seu regresso em 1509, de modo a fazer face à instabilidade que então reinava na cidade[1110].

Não sabemos exactamente a data em que Bentafufa regressou do reino, tal como não sabemos quando tomou posse do cargo de alcaide da Duquela. Com efeito, as fontes relativas ao cerco de 1510 não fazem qualquer referência ao caudilho mouro. Por outro lado, se Bentafufa por então estivesse na região, muito dificilmente a generalidade das tribos entre Azamor e Mogador teriam ido cercar Safim, já que a sua figura conciliadora certamente teria tido um efeito dissuasor nas cabilas insurrectas.

Como anteriormente vimos, findo o cerco de 1510, Nuno Fernandes de Ataíde não tardou em procurar submeter as tribos mouras, começando por aquelas que estiveram na origem da sublevação geral contra os portugueses. É nesse sentido que as entradas de 22 de Janeiro e de 23 de Outubro de 1511 se apresentam como claras acções de retaliação com o objectivo de punir os mouros responsáveis pelo levantamento que foi colocar cerco a Safim. É exactamente na entrada de 23 de Novembro, dirigida contra vinte e cinco aduares localizados a oito léguas de Safim e a três léguas de Conte, que Bentafufa volta a surgir na documentação. De facto, diz-nos Damião de Góis que o líder mouro, então regressado do reino, saiu ao encontro de Ataíde quando este passou por Conte, na viagem de regresso a Safim. Segundo o cronista, o aliado mouro queixou-se de o capitão não ter contado com os seus serviços para a dita entrada, o que muito alegrou Nuno Fernandes, que "*o abraçou, dandolhe suas excusas, que o mouro tomou, assi como as entendia*"[1111]. Vemos, deste modo, que por então já Bentafufa exercia o cargo de alcaide de campo de Safim, o que quer dizer que o seu regresso ao sul marroquino ter-se-á dado durante o ano de 1511, muito provavelmente nos meses que se seguiram ao grande cerco de 1510, "*para trazer aquela mourama com a sua influência à paz*"[1112].

O contentamento manifestado por Ataíde ao conhecer Bentafufa acabaria, porém, por ser assombrado pelas intrigas que entretanto começaram a surgir contra o

---

[1110] Carta dos habitantes de Safim a D. Manuel, em 2 de Julho de 1509. A.N.T.T., *Colecção de cartas*, Núcleo Antigo 891, maço 2, Nº 48. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXXIII, pp. 190-202 e em Luciano Cordeiro, *Diogo d' Azambuja*, pp. 73-79.

[1111] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIV, p. 290.

[1112] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 486.

capitão de campo de Safim. Com efeito, logo no mês seguinte tecia o xeque Acum Mobaty sérias acusações contra Bentafufa, a quem chamava de traidor em carta dirigida a Nuno Fernandes de Ataíde, em 16 de Novembro de 1511.

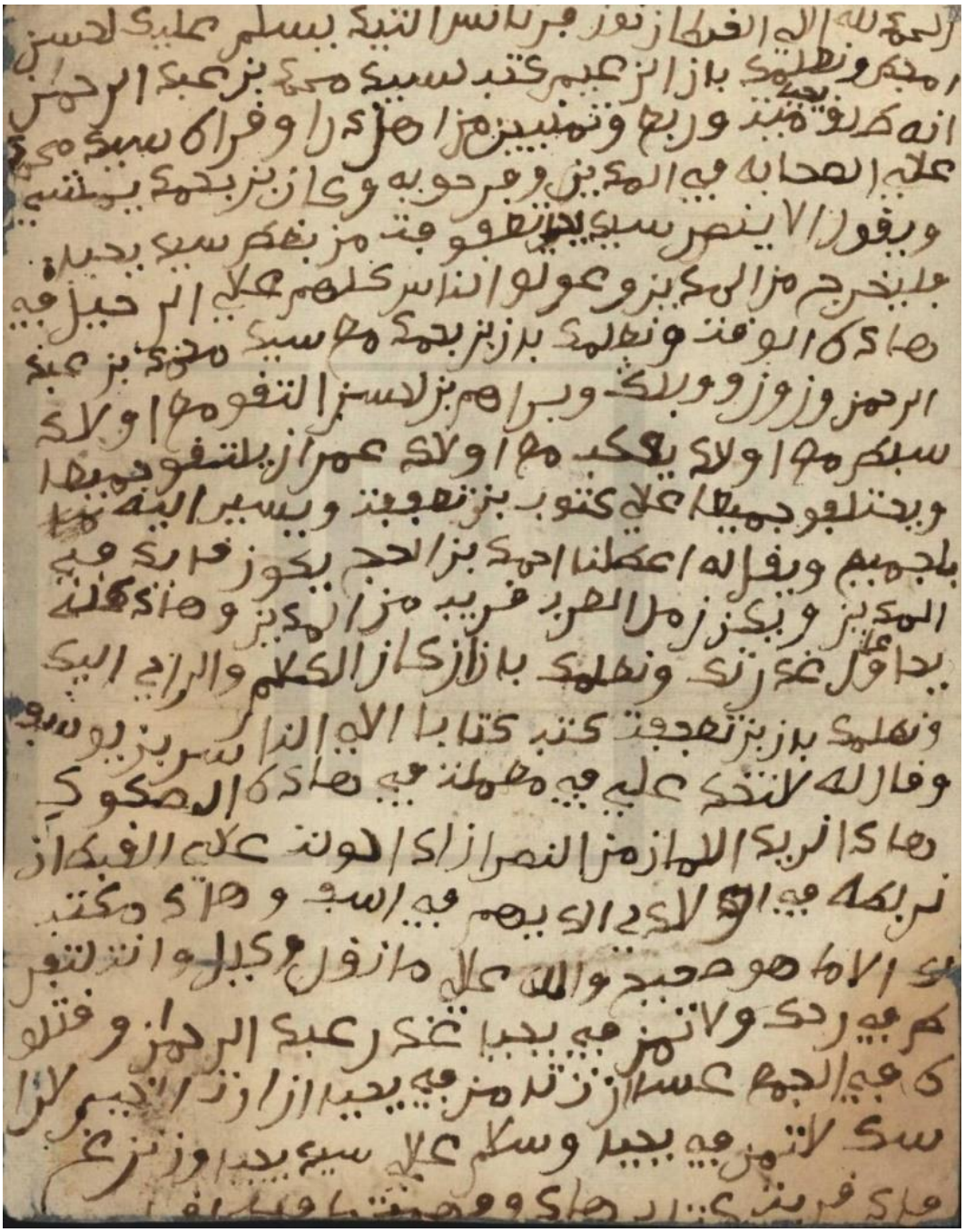


Fig. 96 - Carta de Acum Mobaty a Nuno Fernandes de Ataíde, em 16 de Novembro de 1511. A.N.T.T., *Colecção de cartas*, Núcleo Antigo 891, maço 2, Nº 51.

Na missiva, o xeque informava o capitão de que Bentafufa tinha soltado os cento e oitenta cativos feitos no aduar de Darcarat e de que na cidade, todos os dias, Mahomed

bem Amró bradava pelas ruas "*Deos exalte, faca victorioso meo Senhor Jaheya bem Tafufa*"[1113]. De facto, estes "*mexericos e maos raportes que lhe faziam mouros & Iudeus (…) mais por enueja das merces que recebia de el Rei que per razam que pera isso teuessem*"[1114], são bem representativos de como as intrigas contra Bentafufa foram uma constante desde o primeiro momento, como podemos ver por esta carta de Acum Mobaty. Com efeito, o facto de Bentafufa regressar à Duquela com poderes reforçados - como capitão de campo de Safim - depois de se ter deslocado ao reino para prestar contas das suas resistências às instruções de Azambuja, certamente despoletou a irritação e a inveja dos líderes tribais seus adversários, que assim passavam para uma posição de seus subordinados. De resto, a referência de Acum Mobaty ao *"traidor he Jaheya ben Tafufa quê matou Abderrahman na Mesquita*"[1115], pode perfeitamente indicar que este xeque seria um dos apoiantes de Abderramão, o que constituiria motivo de grande inimizade em relação ao novo alcaide de campo de Safim. Porém, e não obstante estas intrigas e acusações, o xeque Acum Mobaty acabou por ser resgatado pelo próprio Bentafufa, que o trocou pelos xeques dos Xiátma capturados no combate que teve lugar nas proximidades do castelo de Miravel, em 1512[1116]. Esta situação vem, portanto, demonstrar que Bentafufa, não obstante as intrigas e acusações tecidas por

[1113] Ver Carta de Acum Mobaty a Nuno Fernandes de Ataíde, em 16 de Novembro de 1511. A.N.T.T., *Colecção de cartas*, Núcleo Antigo 891, maço 2, Nº 51. Documento publicado por Frei João de Sousa in *Documentos Arabicos para a Historia Portugueza copiados dos Originais da Torre do Tombo*, Doc. IX, p. 42. Ver também Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 52.

[1114] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte IV, Capítulo LVI, p. 551. De facto, também os judeus parecem ter sido uma parte activa das vozes contra Bentafufa, conforme podemos ver pelas cartas do próprio dirigidas a D. Manuel. Veja-se, a título de exemplo, o *Tralado da carta de Cide Iáhia a elrei nosso senhor*. Documento publicado in David Lopes, *Textos em Aljamía Portuguesa*, pp. 73-77. Veja-se também José António Conceição de Sousa, *"Gente" na Expansão portuguesa: gestão de recursos humanos nos séculos XV e XVI*, dissertação de mestrado em História e Arqueologia da Expansão e dos Descobrimentos Portugueses apresentada à Universidade Nova de Lisboa, p. 57.

[1115] Ver Carta de Acum Mobaty a Nuno Fernandes de Ataíde, em 16 de Novembro de 1511. A.N.T.T., *Colecção de cartas*, Núcleo Antigo 891, maço 2, Nº 51. Documento publicado por Frei João de Sousa in *Documentos Arabicos para a Historia Portugueza copiados dos Originais da Torre do Tombo*, Doc. IX, p. 43.

[1116] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXII, p. 338; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 178.

Acum Mobaty, não se absteve de colocar os interesses dos portugueses à frente das quezílias e desavenças pessoais que eventualmente pudesse ter com outros mouros seus rivais.

De facto, este combate nas proximidades do castelo de Miravel, onde Bentafufa foi cobrar "*as páreas que erão obrigados pagar*"[1117], surge como um bom exemplo do que foi a vida do alcaide mouro nos anos que se seguiram ao seu regresso à Duquela. Por outras palavras, uma vida de inúmeras cavalgadas e de apoio a Nuno Fernandes de Ataíde e ao estabelecimento de uma confederação de mouros de pazes em torno de Safim e que se estendia ao longo de uma vasta área que ia deste o rio Morbeia, localizado a norte, até ao rio Tensift, localizado a sul. Refira-se, aliás, que a extensão máxima desta área de influência chegou mesmo até ao Castelo Real do Mogador, tal como aconteceu em 1512, quando os mouros da Xiátma fizeram as pazes com Bentafufa "*& assi tornaram a pagar as páreas acostumadas*"[1118]. É nesse sentido que, pouco depois de o rei de Marraquexe ter sido desbaratado e a Xerquia ter sido submetida, Damião de Góis refere que

"*todolos outros Arabes as renovaram com Nuno fernandez, com os mesmos pontos, & condicoens que dantes, dos quaes todos fez Cide Iheabentafuf Alcaide, e assi ficou por então toda a aquella Prouincia pacifica a Coroa destes regnos*"[1119].

O seu relacionamento com Ataíde, porém, ficou pautado por uma grande animosidade desce muito cedo. Esta tensão no relacionamento entre ambos era resultado, desde logo, dos vários conflitos de competências que foram surgindo entre o capitão de Safim, que não era homem para partilhar o poder e as glórias militares, e o alcaide da Duquela, que não era homem para se ficar, como pretendia Nuno Fernandes, na condição de mero cobrador de tributos e "*terceiro*" entre o capitão e os mouros[1120].

[1117] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXII, p. 337.

[1118] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXII, p. 338; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 178.

[1119] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIV, p. 341.

[1120] "*Carta de Nuno Fernandes de Athaíde a elRei dando conta de muitos factos que provam não ser Bem Tafufa servidor leal e fiel*", em 19 de Agosto de 1512. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 317. Documento publicado por David Lopes in *Textos em Aljamía Portuguesa*, Doc. XV, pp. 122-137.

De facto, as primeiras queixas de que há registo do capitão contra Bentafufa datam de Agosto de 1512, ou seja, pouco depois de Nuno Fernandes de Ataíde ter desbaratado o rei de Marraquexe na Serra de Benimagra[1121]. Terá o capitão aproveitado a vitória sobre Muley Naçer e o seu período de convalescença para tecer o seu rol de acusações contra Bentafufa[1122]?

De acordo com o processo que Nuno Fernandes de Ataíde enviou a D. Manuel, em 19 de Agosto de 1512, o alcaide da Duquela era acusado de exceder as suas competências e de constantemente desautorizar Ataíde, nomeando alcaides e almocadéns sem consultar o capitão. Para além disso, era igualmente acusado de estabelecer os tributos pagos pelas diferentes tribos, de desviar tributos e presentes destinados ao monarca português, de permitir que o intitulassem rei dos mouros ou de trocar correspondência com o rei de Marraquexe, a quem assegurava que era mouro e que só aceitava servir os cristãos para ganhar poder para os aniquilar[1123]. Face ao rol de acusações percebe-se a razão pela qual Ataíde, logo no mês seguinte, aquando iminente ataque do rei de Marraquexe, mandou as tropas portuguesas abandonarem os campos de

---

Documento também publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LX, pp. 337-353.

[1121] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXIV, pp. 340-341; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VII, p. 179; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 103; Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, pp. 724-725.

[1122] Recorde-se que, em Julho de 1512, estava Ataíde a recuperar de uma ferida recebida no decurso de um combate. Ver Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 20 de Julho de 1512. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 333. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LIX, pp. 335-336.

[1123] "Carta de Nuno Fernandes de Athaíde a elRei dando conta de muitos factos que provam não ser Bem Tafufa servidor leal e fiel", em 19 de Agosto de 1512. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 317. Documento publicado in David Lopes, *Textos em Aljamía Portuguesa*, Doc. XV, pp. 122-137. Documento também publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LX, pp. 337-353. Sobre estas acusações contra Bentafufa veja-se ainda também Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, pp. 52-53; Maria Augusta Lima Cruz, "Mouro para os cristãos e cristão para os mouros: o caso Bentafufa", in *Anais de História de Além-Mar*, Vol. III, p. 53.

Aguz onde Bentafufa se encontrava com os mouros de pazes, "*porque per algumas informações que tinha arreceaua, que lhe armasse iheabentafuf algua treiçam*"[1124].

No entanto, como anteriormente vimos, nem a vitória dos mouros de pazes de Bentafufa sobre o exército de Muley Naçer evitou o surgimento de novas intrigas, já que a carta do rabino Ibrahim bem Zamirou, de 12 de Outubro de 1512, não poupa o alcaide da Duquela, acusando-o de ter combinado com o rei de Marraquexe a destruição das forças dos mouros de pazes, para depois Muley Naçer atrair os portugueses para fora de Safim, de forma a destruí-los. De resto, a intenção desta missiva de Ibrahim bem Zamirou é denunciada pelo próprio: "*ser com que S.A. determine este Moro tyrar-lo d'esté mando en que esta*"[1125].

Sabemos que Bentafufa, ao sentir a desconfiança de Ataíde, escreveu a D. Manuel a queixar-se do pouco apoio que nele sentia. Sabemo-lo através da carta do monarca português ao alcaide mouro, primeiramente datada de 27 de Novembro de 1512 e depois alterada para Agosto de 1514:

"*vos fazeemos ssaber que vimos a carta que estes dias pasados nos emviastes acerqua do descomtemtamento que mostraees que teemdes de Nuno Fernandez da Tayde, do nosso comselho, capitam e governador da nosa cidade de Çafy, polias causas em vosa carta apomtadas*"[1126].

Segundo Maria Augusta Lima Cruz, D. Manuel terá pedido a Nuno Fernandes para fazer chegar esta carta a Bentafufa, coisa que o capitão não terá feito de

---

[1124] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXV, p. 343. Vejam-se também Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 180; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 105.

[1125] Carta do rabino Ibrahim bem Zamirou, em 12 de Outubro de 1512. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 69. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LXII, p. 359.

[1126] Carta de D. Manuel a Bentafufa, em 25 de Agosto de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 12, Nº 31. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXIV, p. 596. Documento igualmente publicado por David Lopes in *Textos em Aljamía Portuguesa*, Doc. VII, pp. 100-101.

imediato[1127]. O tom amigável da mesma, onde o monarca pede ao alcaide mouro para voltar ao reino, "*pêra nos fallardes vosas coussas e vos ouvirmos em tudo, com aquella booa vontade que senpre vos tevemos e temos*"[1128] não terá sido do agrado do capitão, que reteve a carta em seu poder até a entregar no momento que considerou oportuno.

Seja como for, e tal como já tinha acontecido aquando das queixas de Diogo de Azambuja, também neste caso o monarca português deu pouco crédito às acusações contra Bentafufa. De facto, e ainda que o processo acusatório se tenha desenvolvido até inícios de 1513[1129], D. Manuel optou por manter o alcaide da Duquela em funções, já que certamente estaria consciente da sua importância política e militar na região[1130]. Para além disso, o rei português terá igualmente tido em consideração os testemunhos de vários fidalgos portugueses como o já referido D. Rodrigo de Noronha, que Ataíde não se cansava de criticar por ser amigo do mouro[1131], ou o feitor Heitor Gonçalves que,

---

[1127] Maria Augusta Lima Cruz, "Mouro para os cristãos e cristão para os mouros: o caso Bentafufa", in *Anais de História de Além-Mar*, Vol. III, pp. 53-54.

[1128] Carta de D. Manuel a Bentafufa, em 25 de Agosto de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 18. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXIV, p. 596. Documento igualmente publicado por David Lopes in *Textos em Aljamía Portuguesa*, Doc. VII, pp. 100-101.

[1129] Depoimentos contra Bentafufa, em inícios de 1513. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 330 e A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 320. Documentos publicados in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Docs. LXVII e XVIII, pp. 378-380 e pp. 381-384. Ver Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, pp. 289-290. Ver também o depoimento de Ahmed el-Hadjdj, em 6 de Fevereiro de 1513. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 72. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LXIX, pp. 185-186. Veja-se também Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 266.

[1130] Maria Augusta Lima Cruz, "Mouro para os cristãos e cristão para os mouros: o caso Bentafufa", in *Anais de História de Além-Mar*, Vol. III, p. 53; João Paulo Oliveira Costa & Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaides – 1514. No Apogeu da Presença Portuguesa em Marrocos*, p. 45.

[1131] Segundo Nuno Fernandes de Ataíde, "*Dom Rodrigo he, Senhor, tão amigo de Ehea que não tenha nenhüa duvida a desculpar a ele e culpar a mym, ssendo eu Christão e hele Mouro e devendo mays a mym ca ele, e d'ysto he Vosalteza boa testemunha*". Ver Carta de Nuno Fernandes a D. Manuel, em 12 de Setembro de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 16, Nº 13. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXIII, p. 635. Documento igualmente publicado por David Lopes in *Textos em Aljamía Portuguesa*, Doc. VI, pp.

em 15 de Dezembro de 1512, escrevia ao rei "*Yhye Tafu (…) e he homem que faz qua as cousas de vosso serviço muyto enteiramente, porque lhe tem os Mouros muyto acatamento, porque he Mouro como eles*"[1132]. Testemunhos, aliás, aos quais Damião de Góis terá tido acesso para redigir a *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, já que o grande humanista português não poupa elogios ao alcaide mouro.

Segundo a epistolografia, a implicância de Nuno Fernandes de Ataíde em relação a Bentafufa parece ter atenuado entre inícios de 1513 e meados de 1514, período durante o qual tiveram lugar importantes acontecimentos, como a conquista de Azamor ou a Batalha dos Alcaides, entre outras situações de guerra que acabaram por clarificar a posição de D. Manuel em relação a Bentafufa. De facto, quer o desempenho militar do caudilho mouro na Batalha dos Alcaides, onde "*Cide Iheabentafuf com toda a sua gente*"[1133] formaram um dos cinco azes que compôs a força portuguesa, quer o seu

---

95-100. Note-se que a relação de amizade entre D. Rodrigo e Bentafufa está bem patente na carta que o rei D. Manuel lhe dirige, "*na qual pedia que animasse Cid Hea do insucesso que tivera no dia de São João e lhe certificasse a certeza da sua lealdade*", em 23 de Julho de 1517. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 323 e A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 22, Nº 41. Documento publicado por David Lopes in *Textos em Aljamía Portuguesa*, Doc. XVIII, pp. 142-143. Documento igualmente publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. II, première partie, Doc. XXXIV, pp. 118-121. Engana-se Pedro Pinto ao intitular este documento de "*Minuta de carta de D. Manuel I a D. Rodrigo de Noronha, governador de Safim, pedindo-lhe consolasse a Yahya Ou Ta'fouft do mau sucesso que tivera no Dia de São João, e lhe certificasse a certeza que tinha da sua lealdade*", uma vez que, por então, o capitão de Safim era D. Nuno Mascarenhas. Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 289. Sobre D. Rodrigo de Noronha veja-se Fernando Pessanha, "O cavaleiro D. Rodrigo de Noronha: «o aravia» de Safim, nos Algarves de Além-mar, in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3445, 6 de Abril de 2023, p. 7.

[1132] Carta de Heitor Fernandes a D. Manuel, em 15 de Dezembro de 1512. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 105. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LXIV, p. 368. Pedro Pinto intitulou este documento de "*Carta de Heitor Gonçalves a D. Manuel I sobre as despesas custeadas em Safim e outras novas*". Ver Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 270.

[1133] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo L, p. 378; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 198. Veja-se também João Paulo Oliveira Costa & Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaides – 1514. No Apogeu da Presença Portuguesa em Marrocos*, pp. 47-76.

desempenho no posterior ataque do irmão do rei de Fez à localidade de Cernu, onde "*Cide Ea, com alguuns Christãos de Çafim, lhe vieram dar na dianteyra de sua gente e lhe fezera huum grande desbarato*"[1134], fizeram com que D. Manuel, em 25 de Agosto de 1514, doasse a Bentafufa os rendimentos e direitos de Cernu:

"*seenpre teveemos imteira comfiança que aviamos de teer em vos mui fieel e verdadeiro vassalo e servidor, e teemos recebido muito prazer e de veermos que comrespomderã atee quy vosos serviços com a comfiança de que vos sempre teveemos, nos quaees nos teendes mostrado coraçã linpo e de muyto leall e verdadeiro vassalo (…) o grande e asynado serviço que nos fezestes, quando Molley Naçar os dias pasados emtrou na Duquella pelejamdo com sua geemte e com aquelles mouros que emtam o segiam, o desbarato que neles fizestes, foy pera nos de tam gramde contentamento (…) vos emviamos vosa carta de mercee e doaçã que vos fazeemos de Cernaum pera vos e voso filho com todas as remdas e direitos*"[1135].

[1134] Carta de António Correia a D. Manuel, em 10 de Maio de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 31. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CV, p. 550. Sobre o combate entre Bentafufa e Muley Naçer, vice-rei de Méknes, vejam-se também o testemunho de D. João de Meneses: "*Mouros de Tyte me espriveram que Gide Ahea ou vera hüa peleja ou esquaramuça com Moley Nacer sobre Gernu; em que morrera muita jente d'ambas as partes, e que Moley Nacer fycara no mesmo Cernu, que ssam quatro leguoas de Çafym, e Cyde Ahea se rrecolhera pêra junto de Çafym, homde ja tynha seu arrayal em hüa terra forte*". Ver Carta de D. João de Meneses a D. Manuel, em 6 de Maio de 1514. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 15, maço 1, Nº 52. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CIV, p. 546. Veja-se também o testemunho de Estêvão Rodrigues Bérrio: "*ffez a este Mourro muyta gerra e com muyta ssagydade, topymdo-lhe as agoas da Duquella pera homde vynha ho arraall pera homde ho arraall passava. Grram ffortuna a Gyde Haha Taffu deve Vossa Alteza de ho acrrecemtar e de lhe dar rremta por emxemprro e porque elle merresse tudo; porque, em a pelleja que ffez com Molle Nasserre, lhe matou sacemta de cavallo, em que morreo hum alcayde homrrado de Ffez*". Carta de Estêvão Rodrigues Bérrio a D. Manuel, em 19 de Maio de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 39. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CVI, p. 555.

[1135] Carta de mercê da cidade de Cernaum a Bentafufa, em 25 de Agosto de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 118. Documento publicado in David Lopes, *Textos em Aljamía Portuguesa*, Doc. II, pp. 83-85. Documento também publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXVI, pp. 601-602.

Certamente que os testemunhos que foram chegando ao reino terão sido determinantes para que o monarca português tivesse feito mercê a Bentafufa como reconhecimento pelos serviços prestados. É nesse sentido que, entre os vários testemunhos conhecidos, assume especial importância o de António Silva, incluído na carta de António Correia ao rei, em 10 de Maio de 1514, e que nos dá conta dos aliciamentos do irmão do rei de Fez ao alcaide da Duquela, propondo-lhe "*que se alevamtase das pazes e quisese ser com elle e que lhe perdoaria o mall que tinha feito aos Mouros e lhe faria muito bem*", proposta a que Bentafufa respondeu "*que lhe nom mandase mais tall requado, senam que mataria quem lho trouxese, porque elle nom avia de ser senam vasallo de Vosa Alteza*"[1136].

No entanto, nem o desempenho militar de Bentafufa, nem os testemunhos a seu favor, nem a mercê do monarca português demoveram Ataíde das suas acusações contra o alcaide mouro. Pelo contrário, apenas provocaram ainda mais o orgulho do capitão que se pretendia manter como o principal líder militar de toda a região. Foi nesse sentido que, fazendo uso da carta de D. Manuel para o alcaide mouro, originalmente datada de 1512 e deliberadamente alterada para 1514, Nuno Fernandes enviou Bentafufa para o reino ainda no final de Agosto de 1514[1137], alegando que este se preparava para o assassinar. Neste novo processo, para além de todas as acusações presentes no processo de 1512, destacavam-se ainda as acusações de ter assassinado o judeu Dardeiro, que desempenhava as funções de intérprete em Safim, de ser o responsável pelo levantamento de algumas tribos, aquando da conquista de Azamor,

[1136] Carta de António Correia a D. Manuel, em 10 de Maio de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 31. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CVI, p. 550. Veja-se também Maria Augusta Lima Cruz, "Mouro para os cristãos e cristão para os mouros: o caso Bentafufa", in *Anais de História de Além-Mar*, Vol. III, pp. 54-55.

[1137] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 31 de Agosto de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 131. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXVIII, p. 606; Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 31 de Agosto de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 100. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXIX, pp. 607-608.

assim como outras infracções de menor importância, como o despovoamento de Almedina[1138].

Bentafufa permaneceu no reino, onde continuou a receber a confiança de D. Manuel, deste finais de Agosto de 1514 até Junho de 1516[1139], tendo sido substituído pelo seu sobrinho Said (ou Çaide Tafuu), como alcaide dos Abda e dos Garbia, já que com a conquista de Azamor, outro alcaide foi designado para a Xerquia, em Setembro de 1514. Note-se, a este propósito, que já em 19 de Maio de 1514 sugeria Estêvão Rodrigues Bérrio[1140] que o rei português nomeasse um alcaide de campo para as terras de Azamor, seguindo o exemplo do que se conseguiu com Bentafufa:

"*Senhor, nesta Ducella, na parte d'Azamor e comarca, deve Vosa Allteza poor outrro allcayde d'arte de Cyde Haha Tafiu que mamde estes Allarves da prropya maneyra de Cyde Haha*"[1141]

Como adiante veremos, os dois anos em que o caudilho mouro passou em Portugal foram pautados por um manifesto investimento no projecto imperial de D. Manuel para Marrocos, nomeadamente, na ideia da conquista do emirato hintata de Marraquexe. Porém, fracassadas as negociações que visavam a submissão deste reino, começaram a circular rumores sobre o regresso de Bentafufa a Marrocos, o que

---

[1138] Memória do Rabino Ibrahim Ben Zamirou, em 11 de Setembro de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte III, maço 5, Nº 75. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXII, pp. 619-629. Veja-se também a Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em Setembro de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 16, Nº 13. Documento publicado in David Lopes, *Textos em Aljamía Portuguesa*, Doc. VI, pp. 95-100. Documento igualmente publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CXXIII, pp. 630-637.

[1139] Veja-se, a título de exemplo, as vestes finas e luxuosas oferecidas pelo rei português a Bentafufa, em Novembro de 1514. Ver Alvará de D. Manuel, em Novembro de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 16, Nº 99. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXVII, pp. 651-652.

[1140] Sobre Estêvão Rodrigues Bérrio veja-se "Bérrio, Estêvão Rodrigues", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, p. 132.

[1141] Carta de Estêvão Rodrigues Bérrio a D. Manuel, em 19 de Maio de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 39. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CVI, p. 556.

provocou a monumental indignação de Nuno Fernandes. De facto, nas várias manifestações de descontentamento presentes nas cartas de Ataíde ao rei apercebemo-nos de que o capitão sentia-se injustiçado e preterido em relação ao mouro. Porém, a causa da maior indignação de Nuno Fernandes foi o rumor de que Bentafufa, caso regressasse a Marrocos, desembarcaria em Azamor, de onde partiria com o capitão D. Pedro de Sousa para conquistar Marraquexe:

"*Eu sei outra que veyo d'alem, em que veo huum moço meu, ha vinte dias que veyo de Lixboa, em que me diz, e comcerta coa nova de Tavila, dyzendo que Vossalteza manda este Mouro pêra Azamor, porque o Mouro diz que vos há de dar Marrocos e tantos mill cruzados de rrenda e ai*"[1142].

Tal como podemos comprovar ao ler o resto desta missiva, a notícia do eventual regresso de Bentafufa com vista à conquista de Marraquexe destabilizou completamente o orgulhoso Ataíde que, para além desta carta, escreveu ao rei outras duas sobre o mesmo assunto, nomeadamente, as de 19 e 27 de Dezembro de 1514. Resumidamente, são documentos em que o capitão afirmava que todas as grandes conquistas feitas em África tinham sido feitas pelos portugueses e não por nenhum mouro; que ele próprio provaria pelas armas quão enganosa era a alegada valentia de Bentafufa; que apesar dos seus receios inerentes à ausência do alcaide mouro, a terra estava mais pacífica do que nunca; que se ele viesse para Marrocos o mataria; que caso o mouro regressasse não mais voltaria a sair de Safim, já que Bentafufa acabaria por assassiná-lo, entre muitas outras coisas[1143]. Vemos, deste modo, que Nuno Fernandes não admitia que nenhum outro chefe militar, como Bentafufa, se colocasse numa condição superior à sua, já que tinha a clara consciência de que o prestígio de um chefe militar era fundamental não só

[1142] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 12 de Dezembro de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 17, Nº 12. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CXXX, pp. 559-560.

[1143] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 19 de Dezembro de 1514; A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 17, Nº 26. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CXXXI, pp. 664- 666; Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 27 de Dezembro de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 19, Nº 58. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CXXXII, pp. 667-669.

para a confiança dos moradores de Safim, mas principalmente para manter a lealdade dos mouros de pazes que habitavam as imensas planícies em seu redor[1144].

Não obstante os rumores sobre o alegado regresso de Bentafufa a Marrocos, de modo a conquistar Marraquexe para o rei de Portugal, tal não se veio a concretizar. Como bem observou Maria Augusta Lima Cruz, é provável que tais boatos tivessem sido postos a circular por adversários do capitão, já que não parece verosímil que D. Manuel procurasse desautorizar Nuno Fernandes, o seu grande cabo-de-guerra no Norte de África[1145]. Como adiante veremos, o ataque realizado contra Marraquexe, em 1515, foi comandado por Ataíde e não por Bentafufa, que por então ainda se encontrava no reino. De facto, o caudilho mouro só regressaria a Marrocos acompanhado pelo novo capitão de Safim, D. Nuno Mascarenhas, dois meses após o falecimento de Nuno Fernandes, em 1516, tendo sido bem recebido por mouros e cristãos:

"*foram bem recebidos assim dos Christãos, como dos mouros de pazes, dos quais todos era Iheabentafuf desejado, por ser muito bom capitão, & auido por tão com caualleiro, que debaixo de sua bandeira querião todos pelejar*"[1146].

Este regresso a Marrocos era, portanto, a prova de que as acusações e os processos movidos por Nuno Fernandes de Ataíde não tinham abalado a confiança de D. Manuel em Bentafufa que, em Junho de 1516, voltava a ser nomeado alcaide de toda a Duquela. Deste modo, o líder mouro via-se no direito de arrecadar para si um quinto do despojo das cavalgadas, de administrar justiça segundo os usos e costumes dos povos da Duquela e de nomear outros mouros para cargos de importância, competência que lhe tinha causado tantos dissabores durante a capitania de Ataíde. De resto, e tal como já tinha sido recomendado por Estêvão Rodrigues Bérrio em carta ao rei de 19 de Maio de 1514, D. Manuel concedeu a Bentafufa uma guarda pessoal de cem mouros:

[1144] André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, p. 186.

[1145] Maria Augusta Lima Cruz, "Mouro para os cristãos e cristão para os mouros: o caso Bentafufa", in *Anais de História de Além-Mar*, Vol. III, pp. 57-58.

[1146] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte IV, Capítulo VII, p. 458.

"*he nessessarryo de lhe dar Vossa Allteza cemto de cavallo pera ssua guarda, porque Vossa Allteza sserra servydo e ho Mourro sserra estymado amtrre os Allarrves, e as coussas que comprrem a vosso servyço sserram ffeytas*"[1147].

Note-se que este reforço de poderes do alcaide da Duquela é ainda atestado pela troca directa de correspondência entre Bentafufa e o próprio D. Manuel, que passou a tomar as devidas precauções para que as cartas dirigidas ao mouro lhe fossem entregues em mão, sem que tivessem os capitães como intermediários. Deste modo, pretendia o monarca que se evitassem situações como a verificada em Novembro de 1512, quando Nuno Fernandes de Ataíde reteve a missiva do rei destinada a Bentafufa, apenas a entregando quando considerou oportuno, em Agosto de 1514[1148]. De resto, esta nova correspondência entre o rei e o alcaide da Duquela, sem ter o capitão como intermediário, deixou D. Nuno Mascarenhas manifestamente desconfortável, já que poderia ser interpretada como falta de confiança do rei na sua pessoa[1149].

Dadas as circunstâncias, bem podemos afirmar que Bentafufa, ainda que sob a dependência formal do capitão de Safim, emerge como o verdadeiro senhor do campo entre a morte de Nuno Fernandes e a sua própria morte, em 1518, como bem observou Maria Augusta Lima Cruz[1150]. De facto, se o período correspondente à capitania de

---

[1147] Carta de Estêvão Rodrigues Bérrio a D. Manuel, em 19 de Maio de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 39. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CVI, pp. 555-556.

[1148] Carta de D. Manuel a Bentafufa, em 25 de Agosto de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 18. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXIV, p. 596. Documento igualmente publicado por David Lopes in *Textos em Aljamía Portuguesa*, Doc. VII, pp. 100-101.

[1149] "*Carta de D. Nuno Mascarenhas, sobre negócios do seu governo, e Bem Tafufa*", em 11 de Março de 1517. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 309. Documento publicado por David Lopes in *Textos em Aljamía Portuguesa*, Doc. XVII, pp. 139-142. Documento igualmente publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. II, première partie, Doc. XVII, pp. 63-66. Pedro Pinto intitulou este documento de "*Carta de D. Nuno Mascarenhas a D. Manuel I sobre as instruções que recebera da parte do adail-mor*". Veja-se Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 287.

[1150] Maria Augusta Lima Cruz, "Mouro para os cristãos e cristão para os mouros: o caso Bentafufa", in *Anais de História de Além-Mar*, Vol. III, pp. 58-62.

Ataíde foi pautado por constantes tensões e conflitos de competências entre o capitão e o alcaide da Duquela, tal não se veio a verificar a partir da morte do "*nunca esta quedo*", já que o próprio rei frequentemente recordava a D. Nuno Mascarenhas que as suas competências se confinavam à defesa da cidade.

Esta nova realidade, baseada nas recentes directrizes de D. Manuel para a região, procurava incrementar relações de maior cordialidade com as populações locais, o que desde logo valeu a animosidade dos nobres habituados à política belicista de Ataíde, que assim se viam privados dos tão almejados proventos e honras resultantes das cavalgadas[1151]. Animosidade, aliás, manifestamente demonstrada na conspiração conduzida contra Bentafufa quando este, juntamente com outros guerreiros dos Garbia, pararam em Safim para dar conta ao capitão que pretendiam dirigir-se para sul, de modo a evitar que o xerife consumasse um acordo com os Abda. O facto de os guerreiros de Bentafufa terem entrado na cidade foi, portanto, o pretexto para que os seus adversários acusassem o mouro de querer tomar Safim, episódio em que mais uma vez D. Manuel tomou o partido do alcaide da Duquela, chegando mesmo a proibir D. Nuno Mascarenhas de lhe mover qualquer acção. Tal como anteriormente referimos, o poder granjeado por Bentafufa após o desaparecimento de Ataíde teve efémera duração, já que em Fevereiro de 1518 veio a morrer às mãos dos mouros, depois de as suas forças terem caído numa cilada, durante uma visita realizada à tribo dos Abda[1152].

6.2 – O ataque a Aleborge

Imposta a autoridade de Nuno Fernandes de Ataíde como principal chefe militar da Duquela e constituída a confederação de mouros de pazes que se estendia ao longo de uma vasta área que ia desde o rio Tensift, localizado a sul de Safim, ao rio Morbeia, localizado a norte daquela praça, o projecto imperial manuelino não tardou a ganhar novo impulso. Logo em Janeiro de 1513, ainda antes de D. Manuel atribuir

[1151] João Paulo Oliveira e Costa & Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaides – 1514. No Apogeu da Presença Portuguesa em Marrocos*, p. 46.

[1152] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte IV, Capítulo LXIV, pp. 562-564. Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fls. 39v-51; Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XXV, pp. 73-74.

definitivamente a *Capitania e Governança da cidade de Safim* a Ataíde[1153], o monarca português comprou o castelo de Santa Cruz do Cabo de Gué[1154], construído em 1505 por Diogo Lopes de Sequeira[1155], na província do Suz, em resposta às pretensões castelhanas no território situado à mesma latitude das Canárias, em terra "*muito fértil de pão, carnes, pescados mel e cera, courama e outras mercadorias em que se faz muito proveito; e há aqui ouro, que os Alarves trazem da Guiné, per terra*"[1156].

Porém, e apesar de reforçada a presença portuguesa no sul de Marrocos com a compra do castelo de Santa Cruz do Cabo de Gué, localizado a apenas oito léguas da antiga feitoria de Meça, assistia-se no reino a um autêntico "*ambiente de vibração patriótica*"[1157] para a conquista de Azamor, como podemos constatar no *Auto da Exortação da Guerra*, de Gil Vicente, bem ao gosto do espírito de cruzada em voga na Corte portuguesa[1158]. Com efeito, entre os vários fidalgos que aprovavam o projecto da conquista de Azamor, exercendo a sua influência junto do monarca português, encontrava-se o "*nunca esta quedo*" capitão de Safim. Com efeito, em 13 de Maio de

---

[1153] Carta Patente de D. Manuel, em 2 de Julho de 1513. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 42, fl. 78. A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fl. 136. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LXXIII, pp. 391-392. Documento parcialmente transcrito por Durval Pires de Lima in *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 51.

[1154] Sobre a compra do castelo de Santa Cruz do Cabo de Gué veja-se o alvará de D. Manuel de 25 de Janeiro de 1513. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 15, maço 5, Nº 18. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LXVI, pp. 374-377.

[1155] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte I, Capítulo XCIV, p. 128; Joaquim Figanier, *História de Santa Cruz do Cabo de Gué (Agadir) 1505-1541*, pp. 29-32. Sobre o castelo de Santa Cruz do Cabo de Gué vejam-se Pedro Dias, *História da Arte Portuguesa no Mundo – O Espaço Atlântico (séculos XV – XIX)*, pp. 68-69; Jorge Correia, *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África*, pp. 324-328.

[1156] Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Capítulo 20, p. 72.

[1157] Damião Peres, *Conquista de Azamor pelo Duque de Bragança D. Jaime em 1513*, p. 9. Do mesmo autor veja-se também *Conquista de Azamor pelo Duque de Bragança D. Jaime e 1513. Seguida duma nota Explicativa dos Três Painéis, que, Sobre o Assunto, Ornam a Escadaria do Paço Ducal de Vila Viçosa*, 1951.

[1158] "*A tragicomedia seguinte seu nome he «Exhortação da guerra». Foi representada ao muito alto e nobre Rei D. Manuel o primeiro deste nome, na sua cidade de Lisboa na partida para Azamor do illustre e mui magnifico Senhor D. Gemes Duque de Bragança e de Guimarães na era de 1513*". Veja-se Gil Vicente, "Auto da Exortação da Guerra", in *Autos e Farsas*, p. 69.

1513, escrevia Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel sobre o projecto da conquista de Azamor, persuadindo-o de que "*tomando Vossalteza este lugar, a Enxouvya he loguo vossa, ou a mor parte d'ela*"[1159], alertando ainda para a importância de se conservar a cidade e de guarnecê-la com forças capazes de a defender do rei de Fez. Numa outra carta, também datada de 13 de Maio de 1513, recomendava o capitão de Safim que o rei "*tome Azamor est'ano; porqu'eu espero em Deos que o tomares e com pouco trabalho; mas, de meu consselho, leve-sse muyta gente*"[1160].

E, de facto, o monarca português levou em consideração as recomendações de Nuno Fernandes e de outros fidalgos, uma vez que nesse mesmo ano D. Martinho de Castelo Branco, conde da Vila Nova de Portimão[1161], deu despacho a uma monumental armada em apenas quatro meses e meio[1162]. A maior armada, refira-se, organizada no reinado do "*Venturoso*", já que era composta por mais de 400 navios e cerca de 25000 homens, entre soldados, cavaleiros, infantes e muitos membros da grande fidalguia do reino, entre os quais o Duque de Bragança, o comandante da expedição encarregue da "*capiania moor e general de toda a dicta armada*"[1163], Rui Barreto, o alcaide-mor de Faro e vedor da fazenda do Algarve que deveria ficar como capitão da cidade[1164], e D.

[1159] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 13 de Maio de 1513. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 331. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LXX, p. 388. Pedro Pinto intitulou este documento como "*Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel I sobre a empresa de Azamor, encarecendo-lhe a importância da conservação da cidade, e o muito que convinha estar bem guarnecida de gente e de armada por respeito do Rei de Fez que podia vir a querer restaurá-la*". Ver Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 290.

[1160] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 13 de Maio de 1513. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 353. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LXXI, p. 389; Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 293.

[1161] Sobre D. Martinho de Castelo Branco veja-se Valdemar Coutinho, "O Condado de Vila Nova de Portimão", in *A Alta Nobreza e a Fundação do Estado da Índia – Actas do Colóquio Internacional*, pp. 229-233.

[1162] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXVI, p. 369.

[1163] A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fl. 137v.

[1164] Sobre Rui Barreto veja-se Fernando Pessanha, "Rui Barreto: a capitania do alcaide-mor de Faro em Azamor", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLI, pp. 117-150.

João de Menezes, que já tinha comandado a expedição contra Azamor de 1508[1165] e ia como capitão do campo de Azamor[1166].



Fig. 97 - Representação da cidade de Azamor em inícios do século XVI. Gravura de Georg Braun, publicada no *Civitates Orbis Terrarum* (1572). (On line) Disponível em: http://historic-cities.huji.ac.il/morocco/azemmour/maps/braun_hogenberg_I_57_2_b.jpg (Consultado em 20 de Novembro de 2019).

Com o desembarque do grosso das tropas na baía de Mazagão, em 28 de Agosto, os portugueses atacaram por terra e pelo rio no primeiro dia de Setembro. Os defensores de Azamor, impressionados com o poderio do exército português, acabaram por abandonar a cidade, procurando refúgio nas regiões vizinhas. Muitos líderes mouros pediram então a paz, alegando quererem ser vassalos e pagar tributo ao rei de Portugal.

[1165] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei Dom Manuel*, Parte II, Capítulo XXVII, p. 208; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro V, pp. 117-119; Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, pp. 713-714; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LVII, fl. 53-53v. Veja-se também o relato do ataque a Azamor, em 10-12 de Agosto de 1508. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXX, p. 163.

[1166] Sobre D. João de Menezes veja-se Teresa Lacerda, "D. João de Meneses. Um retrato da Nobreza Portuguesa em Marrocos", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, pp. 117-140; João Paulo Oliveira Costa & Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaides – 1514. No Apogeu da Presença Portuguesa em Marrocos*, pp. 37-38.

Finalmente, em 3 de Setembro, o Duque de Bragança entrava na cidade e D. Manuel I acrescentava mais uma praça marroquina ao império português[1167].

[1167] Sobre a conquista de Azamor veja-se Carta de Jorge Pires a Fernando de Castro, em 4 de Setembro de 1513. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 102. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. LXXIV, pp. 403-409; Carta do Duque de Bragança a D. Manuel, em 6 de Setembro de 1513. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. LXXV, pp. 410-429; Relato da conquista de Azamor, em 19 de Setembro de 1513. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 13, Nº 60. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. LXXVI, pp. 430-433. Ver também Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulos LXVI e LXVII pp. 367-370 e pp. 370-373; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, pp. 192-194; Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, Capitulo IX, pp. 727-729; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LV, fl. 54; Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlos VII e VIII, pp. 17-24; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, pp. 108-112. Sobre a conquista de Azamor vejam-se ainda os seguintes trabalhos: Durval Pires de Lima, *Azamor - os precedentes da conquista e a expedição do duque Dom Jaime*, 1931; Maria Augusta Lima Cruz, Maria Augusta Lima Cruz, "Documentos inéditos para a história dos portugueses em Azamor", in *Arquivos do Centro Cultural Português*, pp. 104-179; "A propósito da conquista de Azamour: do discurso eufórico à realidade. À propos de la conquête d'Azemmour: du discours euphorique à la réalité", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I, pp. 456-483; "Os moradores de Azamor. Les moradores d'Azemmour", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I, pp. 595-649.



Fig. 98 - Fresco "O Desembarque", alusivo à conquista de Azamor, no Palácio Ducal de Vila Viçosa.
(On line) Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Conquista_de_Azamor_(1513)_-_o_Desembarque.jpg
(Consultado em 27 de Dezembro de 2021).



Fig. 99 - Fresco "Preparativos do Cerco" alusivo à conquista de Azamor, no Palácio Ducal de Vila Viçosa. (On line) Disponível em:
http://i380.photobucket.com/albums/oo246/panzer18/Azamor.jpg
(Consultado em 26 de Fevereiro de 2011).



Fig. 100 - Fresco "Cerco da Praça", alusivo à conquista de Azamor, no Palácio Ducal de Vila Viçosa.
(On line) Disponível em: http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/uploads/frescos%5B1%5D.jpg
(Consultado em 26 de Fevereiro de 2010).



Fig. 101 - Frescos alusivos à conquista de Azamor, no Palácio Ducal de Vila Viçosa. (On line) Disponível em: http://descobrirvilavicosa.blogspot.com/2011/11/o-paco-ducal-de-vila-vicosa_5652.html
(Consultado em 27 de Dezembro de 2021).

A notícia da tomada de Azamor não tardou a correr por toda a Enxovia e Duquela, pelo que as povoações de Tide e Almedina acabaram por ser abandonadas[1168]. Face ao abandono, o Duque de Bragança mandou logo guarnecer Tite, tendo cabido a Nuno Fernandes de Ataíde

"*tomar Almedina, posto que naquele tempo pagaua páreas a El rei dom Emanuel, onde achou grande somma de trigo, & ceuada, & deu della a capitania a Cide Iheabentafuf, de que lhe tomou a menagem, em nome del Rei, & deu saluo conducto a todolos que della saíram, pera se tornarem, pagando seu tributo, como dantes*"[1169].

De acordo com a informação disponibilizada pela epistolografia, é de supor que Tite e Almedina se tenham despovoado logo nos dias seguintes à conquista de Azamor[1170], já que o Duque de Bragança, em carta a D. Manuel datada de 30 de Setembro, refere que "*tenho escrito a Nuno Fernandez que nos envie o pãao do concerto d'Almedina por terra*"[1171], solicitação a que Ataíde respondeu, já que em 29 de Outubro avisava o monarca de que

---

[1168] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LV, fls. 51-51v e Cap. LXI, fls. 61-61v.

[1169] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulos LXVII, p. 373. Recorde-se que, de acordo com Nuno Fernandes de Ataíde, Bentafufa foi o responsável pelo levantamento de algumas tribos, aquando da conquista de Azamor, e pelo despovoamento de Almedina. Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em de Setembro de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 16, Nº 13. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CXXIII, pp. 630-637.

[1170] Em carta ao monarca português, afirma Nuno Gato que "*ho dya que se despovoou Almedina, eu pasey por ella*" sem, no entanto, referir a data. Ver carta de Nuno Gato a D. Manuel em 5 de Dezembro de 1513. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 14, Nº 19. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. LXXXII, p. 454.

[1171] Carta do Duque de Bragança a D. Manuel, em 30 de Setembro de 1513. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 13, Nº 62. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. LXXVIII, p. 440.

"*apanhávamos o mais pam que podíamos d'Almidina, asy pera Azamor como pera qua (…) porque, aliem de ser muito voso serviço hir elle pera llaa, sey que leva o Duque disso muito contentamento, porque me mostra que tem d'elle muyta necessidade*"[1172].

Quanto a Bentafufa, entretanto nomeado alcaide de Almedina, optou por destruir parte das muralhas a que Leão-o-Africano anteriormente se tinha referido como "*burdas y deslucidas*"[1173], mandando derrubar os lanços dos muros do lado de Azamor e do lado de Safim[1174]. Deste modo, na eventualidade de os mouros de Almedina se revoltarem, não poderiam voltar a refugiar-se dentro do perímetro defensivo que protegia a cidade, tal como aconteceu em 1512, quando Nuno Fernandes atacou Almedina com os fronteiros D. Álvaro de Noronha e D. Luís de Meneses[1175].

No final desse ano de 1513 Portugal reforçava ainda a sua presença na região da Duquela com a construção de um castelo na baía de Mazagão. Este castelo passou, então, a funcionar como fortaleza satélite e porto de apoio a Azamor, sendo capitaneado por Martim Afonso de Melo[1176]. Era reforçada a presença militar portuguesa no sul

---

[1172] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 29 de Outubro de 1513. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 13, Nº 87. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. LXXIX, p. 444.

[1173] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 182.

[1174] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulos LXVII, p. 373; Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, Capitulo IX, p. 729; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LVII, fl. 56; Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo IX, fls.. 25-26; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 112. Note-se que D. Jerónimo Osório não refere a destruição dos muros de Almedina. Ver Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 194.

[1175] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXIII, pp. 338-339; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 178; Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, Capitulo VIII, p. 724; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, pp. 101-102.

[1176] A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fls. 141v-142; A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 15, fl. 118. Martim Afonso de Melo foi o protótipo do capitão que, depois de ter servido na guerra em África, foi destacado para outras regiões ou possessões do Império Português. No seu caso particular,

marroquino, pelo que a "*fé (...) em pôr bandeira em Marrocos*"[1177], que Diogo de Azambuja manifestou a D. Manuel ainda em Dezembro de 1507, começou a consolidar-se na mente dos capitães portugueses. Para tal, Nuno Fernandes de Ataíde foi preparando terreno. Com certa frequência, mandava Lopo Barriga e os seus homens de confiança visitar os mouros de pazes, solicitando aos seus xeques que estivessem preparados para um grande empreendimento do qual haveriam de tirar grande honra e proveito. Outras vezes era o próprio Nuno Fernandes que, com os cavaleiros de Safim e as forças dos mouros de pazes, procurava os aduares que se moviam pelo sul marroquino, a fim de lhes dar caça.

É nesse sentido que se torna pertinente abordarmos uma entrada digna de registo e cuja errada datação tem sido sistemática e ininterruptamente repetida pelos cronistas desde o séc. XVI, fazendo com que os investigadores mais recentes que se têm concentrado na História da Expansão continuem a persistir no mesmo erro. Referimo-nos especificamente ao ataque a Aleborge que teve lugar em inícios de 1514 e não em inícios de 1515, tal como tem vindo a ser referido pela historiografia nacional. É nesse contexto que primeiramente optaremos por abordar esta expedição militar, antes de nos debruçarmos sobre a problemática relativa ao seu tradicional erro de datação.

Com efeito, decorria o início de 1514 quando Bentafufa, ao tomar conhecimento da existência de alguns aduares localizados a apenas três léguas de Marraquexe em direcção a Safim, informou Ataíde, pedindo-lhe reforços para juntos realizarem um

---

depois de ter servido como capitão em Mazagão, partiu para a Índia e posteriormente para a China, onde D. Manuel lhe mandou construir uma fortaleza de que seria o primeiro capitão. Ver Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém-mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, p. 95. Ver também Francisco de Andrada, *Chronica de D. João III*, Parte I, Capítulos XXVIII – XXIX, pp. 67-72; João Paulo Oliveira Costa & Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaides – 1514. No Apogeu da Presença Portuguesa em Marrocos*, pp. 38-40. Segundo Luís Costa, Martim Afonso de Melo poderá ser o autor da obra de tratadística militar *O Regimento da Guerra*. Ver Luís Costa e Sousa, *A Arte na Guerra – A Arquitectura dos Campos de Batalha no Portugal de Quinhentos*, p. 64.

[1177] Carta de Diogo de Azambuja a D. Manuel, em 13 de Dezembro de 1507. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 6, Nº 69. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXVII, pp. 139-144.

ataque[1178]. O capitão, que por algum impedimento não pode acudir pessoalmente, não tardou a enviar o adail com cem homens de cavalo ao sítio das "*salinas*"[1179], de modo a juntar-se ao alcaide da Duquela e aos seus mil mouros[1180]. Porém, quando estes chegaram ao sítio onde deveriam estar os aduares, a três léguas de Marraquexe, já estes tinham partido para parte incerta, motivo pelo qual Lopo Barriga e Bentafufa, depois de os procurarem durante três dias, foram ter a Chiker, povoação situada sobre o rio Tensift, localizada a apenas sessenta e cinco Km de Marraquexe[1181]. Damião de Góis, num outro capítulo da *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, apresenta-nos uma brevíssima descrição desta localidade:

"*haueria emtam obra de vinte casas, em que morauam sacerdotes, que seruiam em hum alcoram que ali esta mui nomeado entre os mouros, onde vem muitos, & de remotas prouincias em romaria, por terem que Mafamede o mandou fazer*"[1182].

[1178] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXIX, p. 418. Engana-se André Teixeira ao remeter esta entrada para o capítulo XIX da *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*. Ver André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, p. 202.

[1179] O autor da *Descrição de Marrocos* de 1596 situa o "sítio das "salinas" a dezasseis léguas de Marrocos: "*Duas legoas de Mugidem, e dezasseis de Marrocos, eslam humas alagoas d'agoa de que fazem sal; chamâosse as Salinas*". Ver *Descrição de Marrocos – Copia do emperio e reinos dos xarifes na Berberia em Africa, & de algumas terras de negros, comessando na emperial sidade de Marrocos, cabessa do dito emperio, e sua comarca*. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliotèques de France, Vol. II, Doc. LXXXVII, p. 254.

[1180] Trata-se do mesmo sítio das salinas referido meses despois por Nuno Fernandes de Ataíde, ao mandar o seu sobrinho Manuel de Cerveira à Xerquia, onde esperava concentrar forças dos Abda e Garbia para alguma expedição contra Marraquexe. Ver Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 16 de Outubro de 1514. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 15, maço 16, Nº 32. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CXXV, p. 648 e *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. V, p. 45.

[1181] Usámos o Google maps. Segundo Damião de Góis, Chiker fica a menos de nove léguas de Marraquexe.

[1182] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XLIX, p. 376. Segundo Mohamed el Attar, realizam-se, ainda hoje, celebrações religiosas em torno a Sidi Chiker. Ver Mohamed el Attar, *Os portugueses na região meridional de Marrocos 1505-1541*, dissertação de mestrado em História, Especialidade História dos Descobrimentos e da Expansão, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, p. 81.

Foi, portanto, em Chiker que Bentafufa e Lopo Barriga tomaram conhecimento da existência de quarenta aduares em Aleborge, junto aos "*Montes Claros*", localidade que D. Jerónimo Osório situou "*no recôsto do monte Atlante*"[1183] e que, segundo Luis del Mármol Carvajal, "*esta en la falda de la sierra del Athalante Mayor*"[1184].

Qual a localização exacta de Aleborge? Segundo Damião de Góis e os cronistas que se lhe seguiram, esta localidade se encontrava situada a vinte e cinco léguas de Safim em direcção ao Atlas[1185], o que se poderá traduzir em aproximadamente entre cento e vinte cinco e cento e cinquenta Km, se considerarmos que cada légua equivale a cinco ou a seis Km. De facto, não conseguimos identificar este topónimo, que seguramente será um aportuguesamento de El Borj (a torre), nas descrições de África de Leão-o-Africano, Luis del Mármol Carvajal ou mesmo na cartografia quinhentista e seiscentista relativa ao noroeste africano. Problema, aliás, recorrente[1186], se tivermos em consideração de que muitas vezes os topónimos das fontes portuguesas dos séculos XV e XVI pouco se assemelham aos originais topónimos árabes/berberes[1187]. Do contacto estabelecido com o Prof. Doutor Ahmed Tahiri, catedrático de Historia Medieval das

---

[1183] Ver Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 210.

[1184] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 47.

[1185] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXIX, p. 418. Ver também Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 735; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 47; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 122.

[1186] Veja-se, a título de exemplo, a dificuldade sentida na identificação de Samice (entre Ceuta e Tetuão), povoação atacada por D. Fernando de Menezes em 1490. Veja-se Fernando Pessanha, "D. Fernando de Meneses, capitão de Ceuta e 1º Conde de Alcoutim: exemplo da relação entre os serviços no Norte de África e a atribuição de títulos nobiliárquicos", in *XIX Jornadas de Historia de Ceuta – La dimensión humana. Biografías en Ceuta, el Norte de África y el Estrecho de Gibraltar*, pp. 38-41. Do mesmo autor veja-se também *D. Fernando de Meneses – Capitão de Ceuta, 1º Conde de Alcoutim e 2º Marquês de Vila Real*, pp. 50-52.

[1187] Sobre a problemática da toponímia marroquina nas fontes portuguesas veja-se Hassan al Figuigui, "Toponymie des sites dans le Nord-Oest marocain d'aprés les sources portugaises", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, pp. 67-78.

universidades Hassan II, de Mohammedia e Abdel Malik Essaadi, de Tetuão, apercebemo-nos da existência de uma localidade que poderia, eventualmente, corresponder à Aleborge referida por Góis. Trata-se da povoação de Al Brouj[1188], na provincia de Casablanca-Settat, localizada a mais de duzentos e cinquenta Km a nordeste-este de Safim.

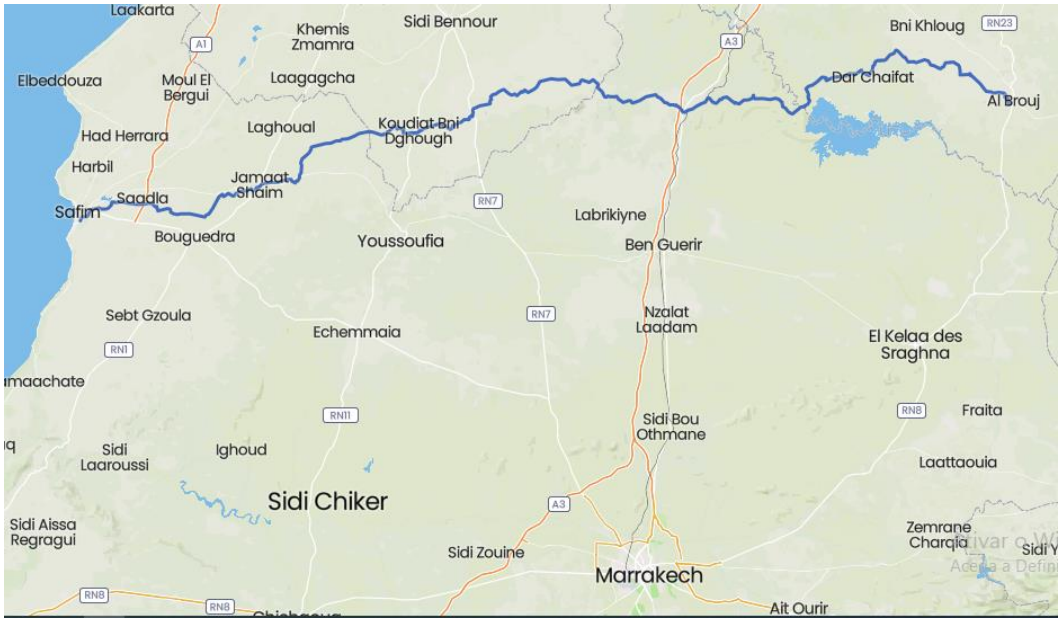


Fig. 102 - Percurso aproximado entre Safim e Al Brouj, segundo o Mapcarta.
(On line) Disponível em: https://mapcarta.com/pt/17446772/A_p%C3%A9
(Consultado em 18 de Agosto de 2021).

Porém, a localização desta Al Brouj não parece verosímil, não só por ultrapassar largamente as distâncias referidas pelas fontes, como também por não fazer qualquer sentido face às informações facultadas pelas crónicas. De facto, diz-nos Damião de Góis que Lopo Barriga, que então se encontrava em Chiker com Bentafufa, enviou mensagem a Nuno Fernandes, avisando-o de que seriam necessários reforços para atacar tamanho número de aduares. O capitão, que por algum motivo não pode acorrer pessoalmente, enviou D. Afonso de Noronha com mais duzentas lanças para juntar às cem de Lopo Barriga e às mil de Bentafufa[1189]. De facto, a carta de Nuno Fernandes de

[1188] Em árabe, Al-Buruj البروج (castelos), sendo a forma plural de Al-Burj (castelos) البرج

[1189] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXIX, p. 418; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 210; Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, Capitulo VIII, p. 735. Durval Pires de Lima engana-se claramente ao referir que D. Afonso de Noronha partiu de Safi com

Ataíde a D. Manuel de Fevereiro de 1514 atesta claramente a narrativa de Góis, ainda que se note uma clara intenção do capitão de Safim em dar notoriedade ao seu genro, calando a participação do adail e do alcaide mouro:

"*Eu dey licença a D. Affonsso, meu genrro, para fazer algüa cavalgada contra os Mouros. Saio d'esta cidade con trezentas lanças nossas e mil d'estes Mouros de pazes. Entrou vinte e seis legoas de través de Marrocos, ao pee dos montes Claros*[1190].

Tal como podemos ver por esta missiva, as trezentas lanças referidas por Ataíde compreendem, portanto, o conjunto das forças portuguesas utilizadas nesta entrada, sendo que as restantes mil de Bentafufa não saíram realmente de Safim, uma vez que já se encontravam em Chiker, onde aguardavam pelos reforços comandados por D. Afonso de Noronha. Vemos, portanto, que não faz qualquer sentido o envio de reforços para Chiker, que se encontra a aproximadamente cem Km a sudeste de Safim, caso o alvo fosse efectivamente a supracitada Al Brouj, que se encontra a mais de duzentos e cinquenta Km a nordeste-oeste de Safim. Com efeito, o envio de reforços para uma povoação situada sobre o rio Tensift, que separa a região da Duquela do sul marroquino, sugere que a Aleborge referida pelas fontes portuguesas se localizaria a sul desta fronteira natural, em território que escapava ao controlo de Nuno Fernandes de Ataíde. Refira-se, aliás, que na última grande entrada lançada a sul do Tensift, mais precisamente contra um aduar localizado em terras da Xiátma, "*allem da serra de ferro*"[1191], Nuno Fernandes disponibilizou o mesmo número de lanças portuguesas[1192].

---

apenas dezassete lanças. Ver Durval Pires de Lima in *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 59.

[1190] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em Fevereiro de 1514. B.N.P., MS 7638, Nº 64, fl. 123. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. LXXXVIII, p. 481.

[1191] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXV, p. 343. Sobre a já referida Serra de Ferro, ou *Yabal al-Hadid*, vejam-se Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, pp. 155-156; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción General de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XIX, fls. 15-15v.

[1192] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 180.

A concentração de forças na margem norte do rio Tensift assim como o número de forças reunidas sugerem, desde logo, que a Aleborge das fontes portuguesas estaria localizada a sul de Chiker. Foi, portanto, sem grande surpresa que, recorrendo a imagens de satélite, identificámos o topónimo de Al Borj a cento e sessenta e quatro Km a sul de Sidi Chiker e a duzentos e sete Km a sudeste de Safim. De resto, o resultado desta tentativa de localização acaba por ir ao encontro da proposta que André Teixeira sinalizou em mapa publicado em 2010[1193].

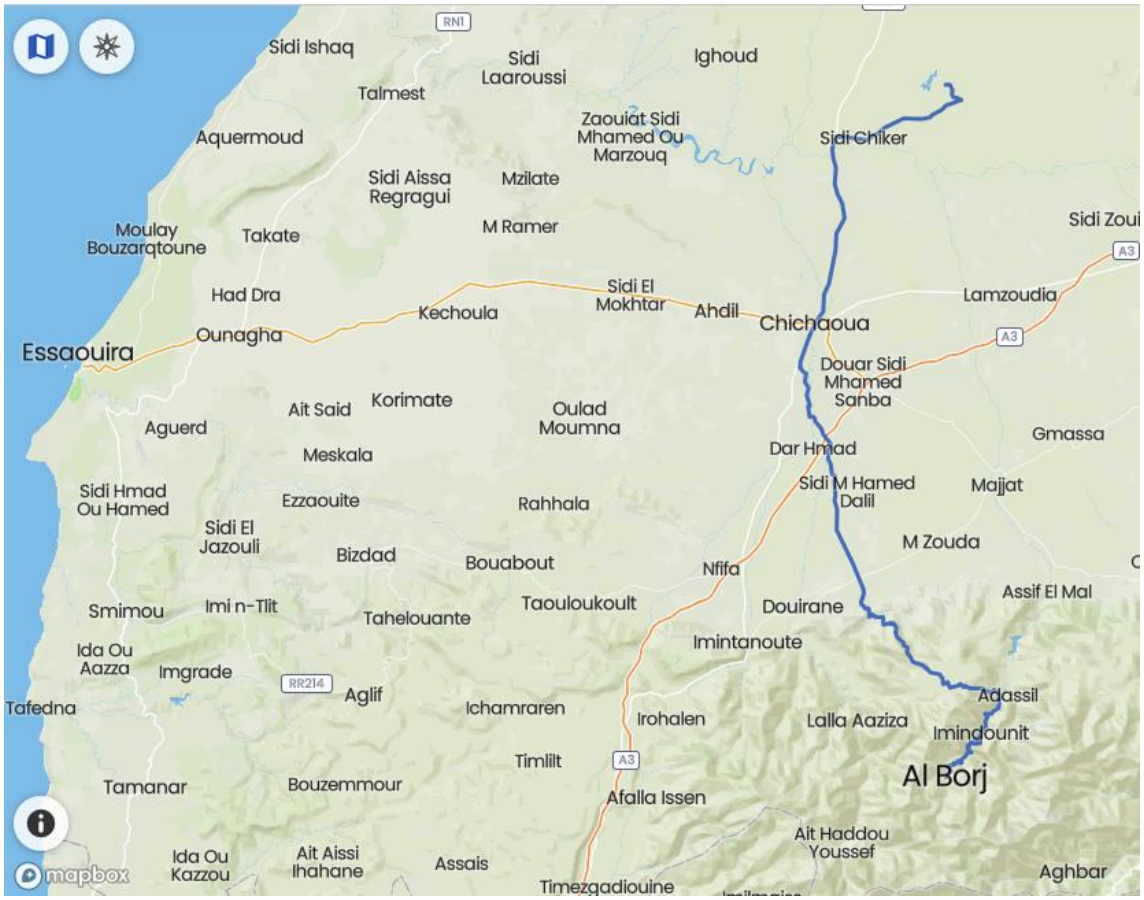


Fig. 103 - Percurso aproximado entre Sidi Chiker e Al Borj, segundo o Mapcarta.
(On line) Disponível em:
https://mapcarta.com/pt/17432658/A_p%C3%A9
(Consultado em 18 de Agosto de 2021).

[1193] André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde et l'intervention portugaise à l'interieur des terres du Maroc", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, p. 105.

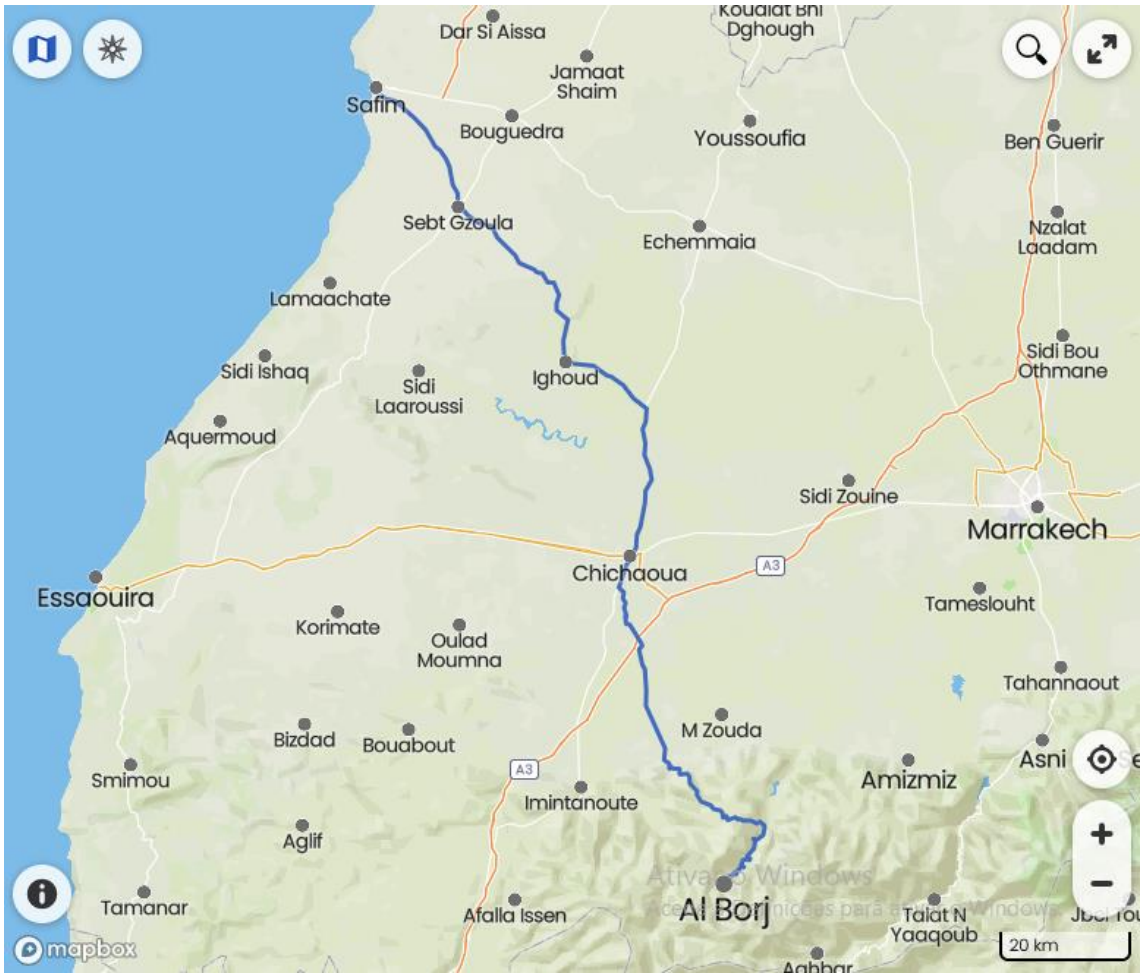


Fig. 104 - Percurso aproximado entre Safim e Al Borj, segundo o Mapcarta.
(On line) Disponível em:
https://mapcarta.com/pt/17432658/A_p%C3%A9
(Consultado em 18 de Agosto de 2021).

Apresentada a nossa proposta de localização de Aleborge, torna-se pertinente realçarmos um aspecto relativo a esta expedição militar que, desde logo, despertou a nossa atenção. De facto, torna-se importante notar que, ainda que Bentafufa fosse um guerreiro experiente e estivesse ao comando da esmagadora maioria de homens que constituíam esta força contra Aleborge, foi o pequeno esquadrão de cavalaria comandado por Lopo Barriga a assumir a força de vanguarda frente ao adversário, ficando o alcaide da Duquela e D. Afonso de Noronha a proteger a retaguarda. Ora, como anteriormente vimos, as desconfianças de Nuno Fernandes de Ataíde em relação a Bentatufa fez com que o capitão ordenasse a retiada das tropas portuguesas no supracitado combate contra o rei de Marraquexe, o que privou os cavaleiros portugueses da glória resultante da grande vitória do alcaide mouro sobre o soberano hintata. É nesse sentido que, face ao sucedido e às vozes de descontentamento que então criticaram a

decisão do capitão, parece ter havido um esforço por parte do cronista em dignificar o papel dos portugueses nas acções militares que se seguiram, como a entrada em que Lopo Barriga e o fronteiro Nuno da Cunha se lançaram sobre um aduar mouro de onde recolheram muito gado, ainda em finais de 1212, ou o protagonismo atribuído ao pequeno esquadrão de cavalaria comandado pelo adail de Safim nesta expedição contra os quarenta aduares localizados em Aleborge. De resto, do combate resultante deste ataque, "*que durou per hum bom spaço*", houve a registar a morte de três portugueses e de alguns mouros de pazes, sendo que os despojos contaram com quinhentos cativos mouros, quatrocentos camelos e mais de mil cabeças de gado[1194].

Apresentada esta expedição contra Aleborge, importa identificarmos o engano a nível da datação que, desde o século XVI, fez com que os cronistas e historiadores tenham perpetuado ininterruptamente o mesmo erro. Com efeito, é Damião de Góis que, ao abordar os acontecimentos relativos ao ano de 1515, narra este ataque advertindo, no entanto, que os referidos acontecimentos teriam tido lugar em 1524: "*Isto foi no começo do anno de Mil, & D. XXIIII, e se conta neste de mil, & quinhentos e XV, por as cousas dafrica enfiadas*"[1195]. Naturalmente que Damião de Góis erra ao remeter os acontecimentos para 1524, o que fez com que os cronistas que se lhe seguiram continuassem a errar no momento de situar esta expedição no tempo. É o caso de D. Jerónimo Osório[1196], Pedro de Mariz[1197] ou Manuel de Faria e Sousa[1198], que situam o ataque a Aleborge já depois da entrada do almocadém Diogo Lopes às portas de Marraquexe, em finais de 1514. De facto, o mesmo erro de datação continua com

---

[1194] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXIX, p. 418. Ver também Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 210; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, pp. 121-122. Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, pp. 735-736. Para além destes autores, este episódio é também referido por Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 59; André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, p. 202 e "Nuno Fernandes de Ataíde et l'intervention portugaise à l'interieur des terres du Maroc", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, p. 110. Curiosamente, David Lopes não faz qualquer referência a esta entrada.

[1195] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXIX, p. 418.

[1196] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 210.

[1197] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, pp. 735-736.

[1198] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, pp. 121-122.

Durval Pires de Lima que, ainda que situe este acontecimento antes da célebre entrada do almocadém Diogo Lopes, desculpa a sua falta de rigor alegando que "*a indicação de Damião de Goes é um pouco imprecisa*"[1199]. Resumidamente, o problema tem persistido até à actualidade, sendo que investigadores como André Teixeira continuam a ser induzidos em erro por Góis, situando esta expedição militar em 1515[1200].

Porém, a referência de Nuno Fernandes de Ataíde à data de "*segunda feira, vinte sete de fevereiro de quinhentos e quatorze*", não deixa margem para dúvidas quanto ao mês e ao ano em que teve lugar esta expedição militar, já que não há registo de nenhuma outra acção contra os Montes Claros em que D. Afonso de Noronha tenha participado, nomeadamente, com o mesmo número de lanças. Vemos, deste modo, que quando Damião de Góis escreveu "*Isto foi no começo do anno de Mil, & D. XXIIII*", queria realmente escrever "*Mil, & D. XIIII*", acrescentando um "X" por lapso.

Refira-se ainda um pormenor do maior interesse na carta de Ataíde: o momento em que refere que o genro "*deu em huns aduares de Mouros, que se hião ajuntar com o Xarife*". Quer isto dizer que esta expedição contra Aleborge não teve como objectivo atacar aduares leais a Muley Naçer, tal como estava inicialmente previsto, quando se projectou atacar os "*aduares Arabes de Marrocos*" localizados "*a três legoas daquela cidade*"[1201]. Pelo contrário, este ataque teve como objectivo interceptar um conjunto de aduares que se iam juntar às forças do xerife, após informações recolhidas aquando da passagem por Chiker. Recorde-se que algum tempo antes, em finais de 1512, o xerife tinha invadido pela primeira vez o território dos Xiátma com o objectivo de se assenhorar dele, o que conduziu ao primeiro confronto com os portugueses, em que as forças comandadas por Lopo Barriga e Bentafufa lhes mataram vinte e cinco combatentes, entre os quais um "*filho de Mezeara rei de Dara*"[1202]. É, portanto, esta expedição contra Aleborge e o desbarato destes quarenta aduares que nos permite

---

[1199] Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 59.

[1200] André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, p. 202.

[1201] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXIX, p. 418.

[1202] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXV, p. 342. Diz-nos Góis que com a morte deste mouro, retiraram as forças do xerife para o seu arraial, deixando no campo trinta a seis cavalos, recolhidos pelos portugueses. Ver também Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, Capitulo VIII, p. 726; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 104.

perceber porque motivo o capitão de Safim se prontificou a atacar em seguida a cidade de Tednest.

6.3 - A conquista de Tednest: rivalidades entre Nuno Fernandes de Ataíde e D. João de Meneses

Como anteriormente vimos, D. Manuel investiu no projecto imperial marroquino ao longo do ano de 1513, nomeadamente, com a compra do castelo de Santa Cruz do Cabo de Gué, a conquista de Azamor e a construção do castelo de Mazagão. Era, portanto, reforçada a presença militar portuguesa na costa meridional de Marrocos, pelo que a intenção da conquista de Marraquexe denunciada por Diogo de Azambuja, ainda em 1507, começou a consolidar-se na mente dos capitães portugueses. No entanto, a concretização de tal objectivo implicava mais do que a construção de uma rede de fortalezas costeiras no sul marroquino ou o envio de um exército. Implicava, desde logo, uma estreita cooperação entre comandantes militares, em que os interesses de Estado prevalecessem sobre os interesses, rivalidades e vaidades individuais. Como adiante veremos, tal não aconteceu. Aliás, assim que o duque de Bragança partiu para o reino, após a conquista de Azamor, começaram os desacordos entre Rui Barreto e D. João de Meneses[1203], aos quais se juntaram desentendimentos com Nuno Fernandes de Ataíde. Aliás, logo entre 1 e 9 de Dezembro de 1513 antevia D. João de Meneses dificuldades no relacionamento com Ataíde: "*parece-me que se podera mal comprir o que Vosa Alteza mamda, de me ajumtar com Nuno Fernamdez*"[1204].

De facto, tal veio a acontecer pouco depois da tomada de Azamor, quando Nuno Fernandes, depois de desbaratar os aduares de Aleborge que se iam juntar ao xerife, projectou atacar e tornar tributária a próspera cidade de Tednest, tendo para tal expedição convidado D. João de Meneses. Que sabemos desta cidade? Qual a sua localização? Qual o propósito da sua conquista? Segundo Duarte Pacheco Pereira, que

---

[1203] Sobre os desentendimentos entre Rui Barreto e D. João de Meneses veja-se Fernando Pessanha, "Rui Barreto: a capitania do alcaide-mor de Faro em Azamor", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLI, pp. 17-50.

[1204] Carta de D. João de Meneses a D. Manuel, entre 1 e 9 de Dezembro de 1513. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 14, Nº 4. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. LXXXIV, p. 467.

redigiu o *Esmeraldo de Situ Orbis* em 1506, "*Tednez, que antigamente foi grande e agora é depovoada*"[1205] localizava-se no sertão, a cerca de dezoito léguas a sul de Safim, ou seja, na província de Heha[1206]. A localização avançada pelas fontes cartográficas poderá facultar-nos algumas pistas.

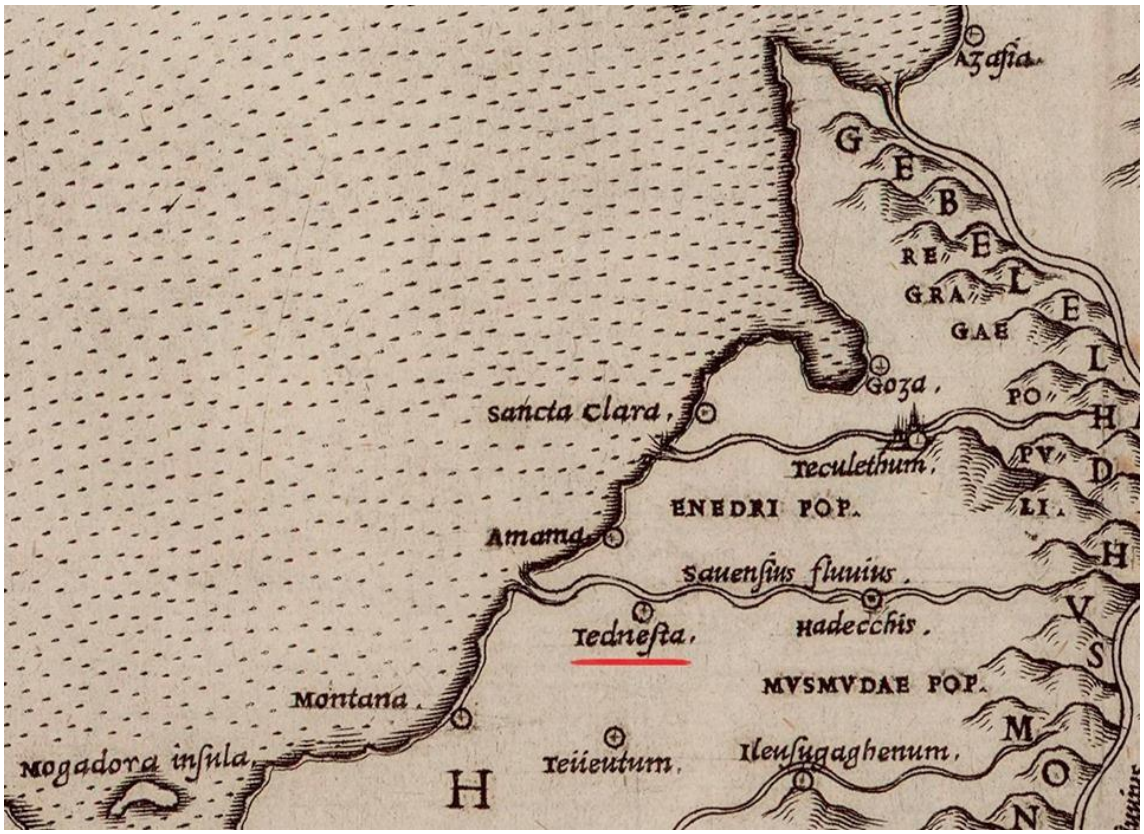


Fig. 105 - O topónimo de Tednest representado no mapa *Marochia*, de Livio Sanuto (1520-1576). B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8079). (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b85954563 (Consultado em 20 de Novembro de 2019).

[1205] Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Capítulo 18, p. 67.

[1206] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XLIX, p. 375; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 196; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. III, fl. 5; Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XV, p. 47; Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, Capitulo IX, p. 730; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 115.

Ver também Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, p. 96.

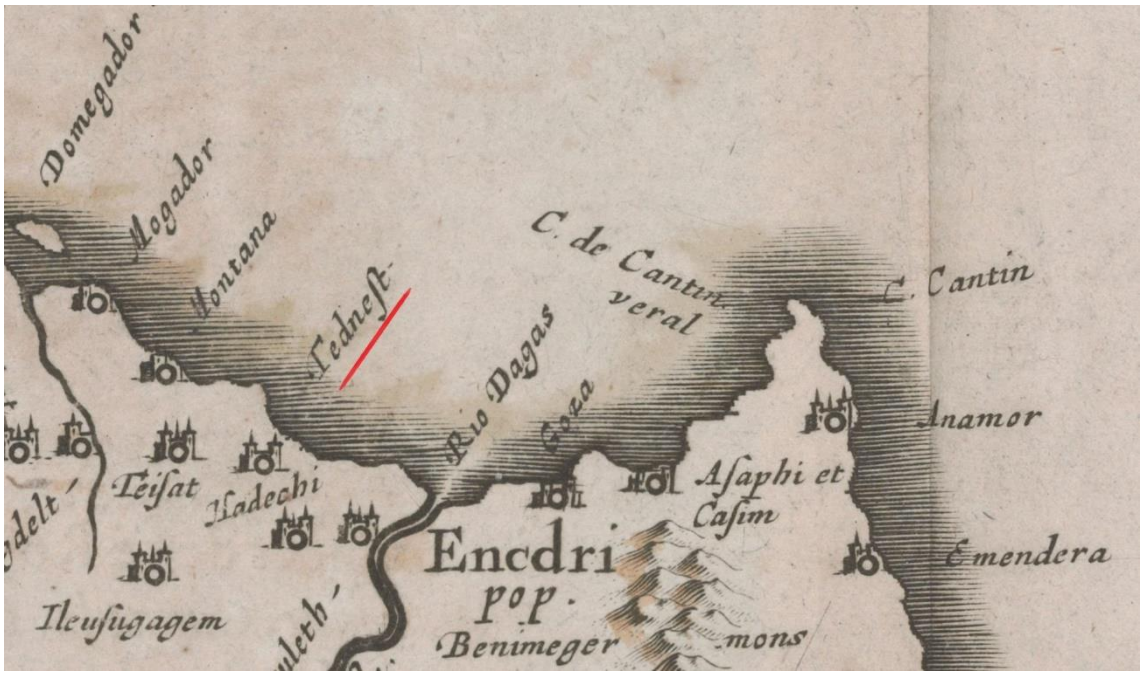


Fig. 106 - O topónimo de Tednest representado em *Fezzae et Marocchi regna Africae celebérrima*, de Abraham Ortelius e Jan Jansson, publicado em 1642, aproximadamente. S.D.R. (On line) Disponível em: https://exhibits.stanford.edu/renaissance-exploration/catalog/cf043dn8189 (Consultado em 20 de Novembro de 2019).

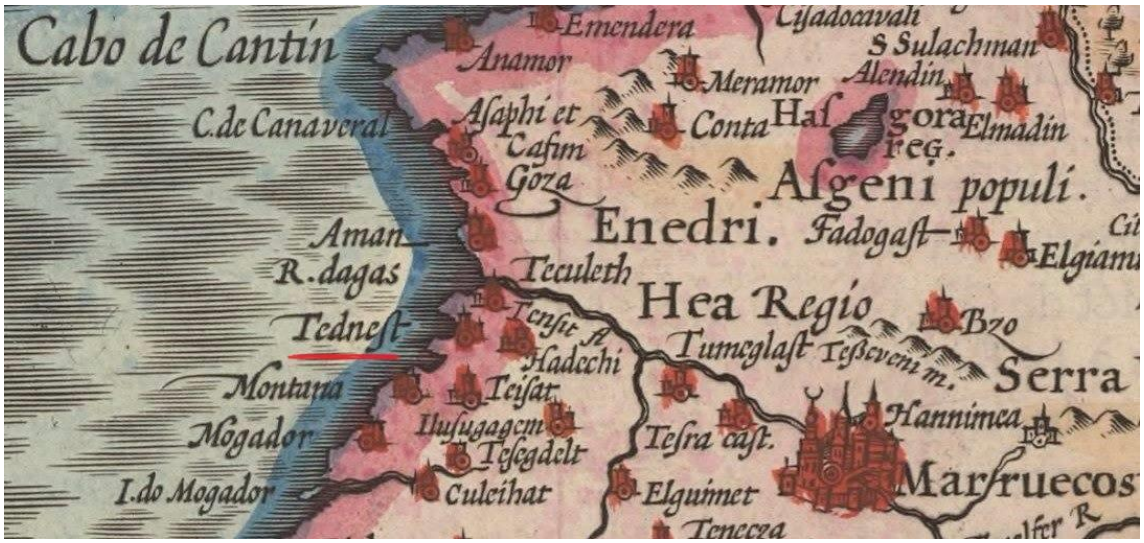


Fig. 107 - O topónimo de Tednest representado em *Fessae et Marocchi regna*, de Jodocus Hondius (1563-1612). B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE SH 18 PF 224 DIV 2 P 16/1 D. (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53142992f (Consultado em 20 de Novembro de 2019).

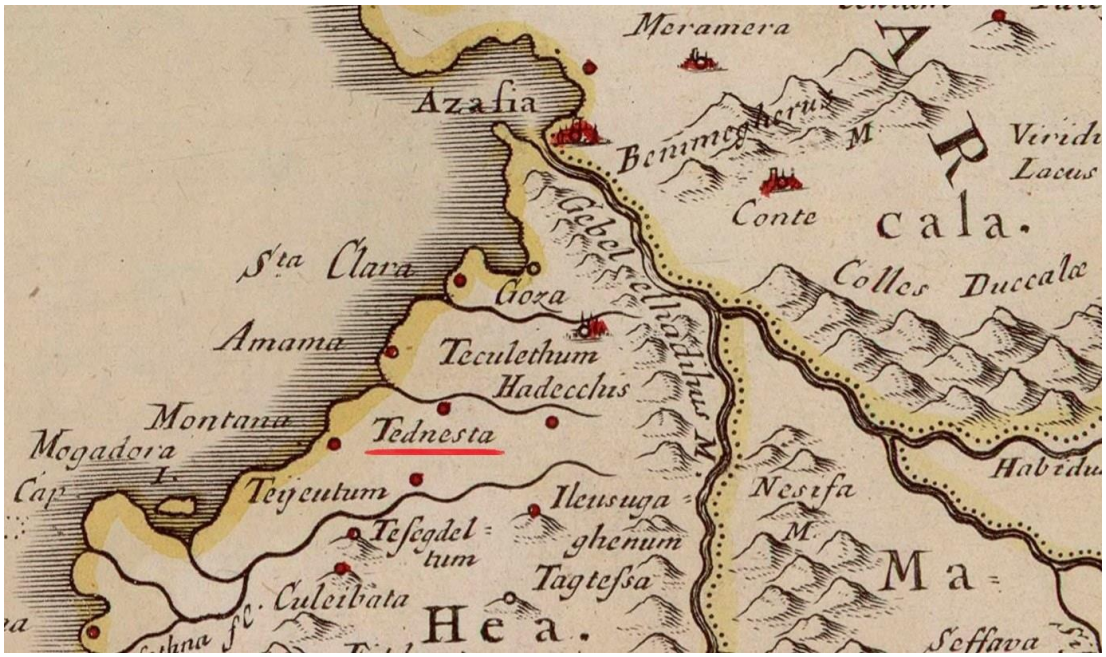


Fig. 108 - O topónimo de Tednest representado no *Estats et royaumes de Fez et Maroc, Dahra et Segelmesse tirés de Sanuto, de Marmol, etc*, de Nicolas Sanson (1600-1667). B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8044). (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8595420g/f1.item.zoom (Consultado em 20 de Novembro de 2019).



Fig. 109 - O topónimo de Tednest representado no *Statuum Maroccanorum regnorum nempe Fessani, Maroccani, Tafiletani et Segelomessani...*, de Johann Christoph Homann (1664-1730). B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8045). (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8595421w/f1.item (Consultado em 20 de Novembro de 2019).



Fig. 110 - O topónimo de Tednest representado em *Carte des royaumes de Fez et de Maroc*, de Jacques-Nicolas Bellin (1703-1772).
B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8049). (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8595425j/f1.item.zoom
(Consultado em 2 de Abril de 2023).

Se tivermos em consideração que Tednest se encontrava dezoito léguas a sul de Safim e que cada légua corresponde a cinco Km, vemos que o alvo a atacar se encontraria a aproximadamente noventa Km de distância, na direcção da região de Heha. Como adiante veremos, o capitão de Safim reuniu para esta expedição forças de cavalaria e de infantaria. Foi nesse sentido que, ao calcularmos o que seria uma marcha a pé de aproximadamente noventa Km a sul de Safim, identificámos a vila de Talmest, localizada na provincia de Essaouira (região de Marrakech-Tensift-Al Haouz) a aproximadamente oitenta e um Km, como a eventual Tednest das fontes quinhentistas, como podemos verificar pelas imagens de satélite disponibilizadas pelo Mapcarta.

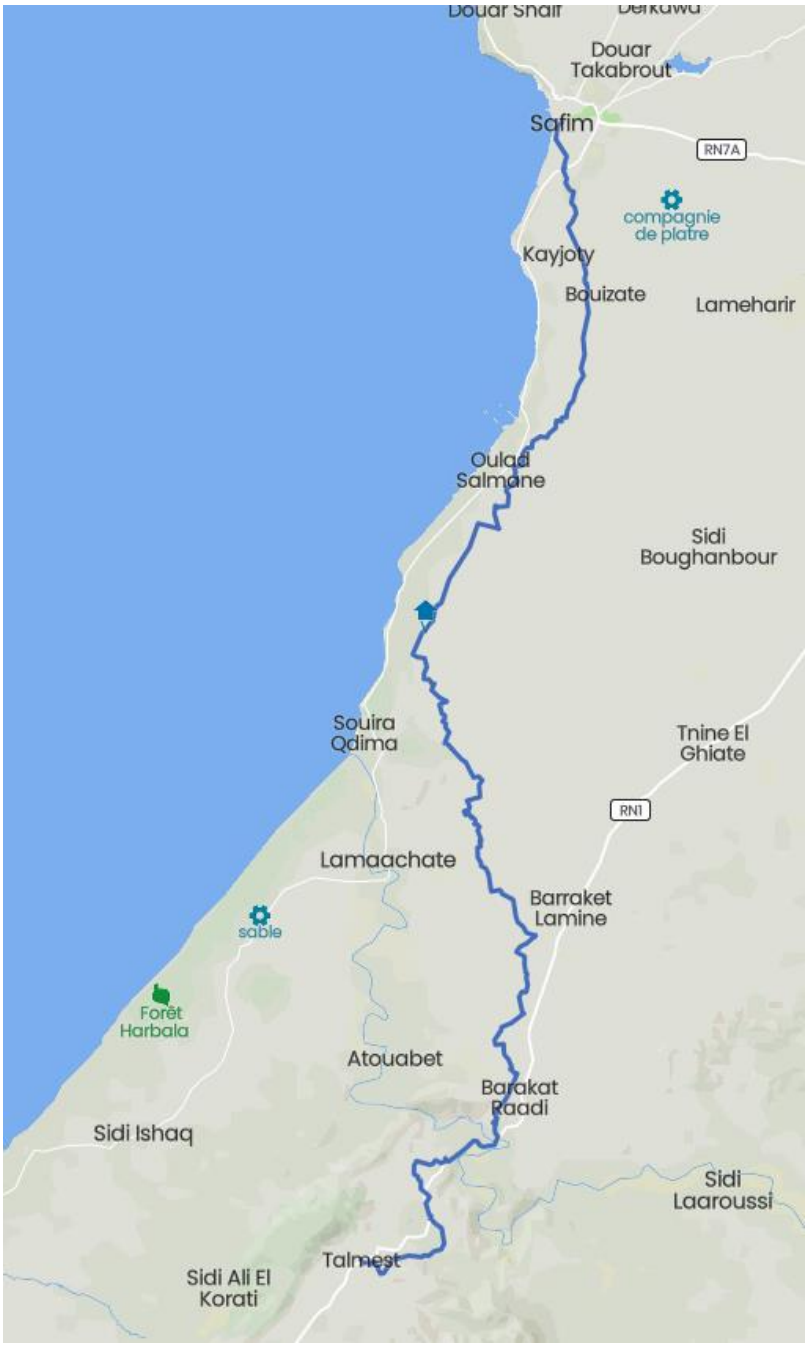


Fig. 111 - Rota pedestre entre Safim e Talmest, de acordo com o Mapcarta.
(On line) Disponível em: https://mapcarta.com/pt/A_p%C3%A9
(Consultado em 29 de Dezembro de 20212).

A referência de Duarte Pacheco Pereira ao despovoamento de Tednest deve ser relativizada, já que Leão-o-Africano, que visitou a cidade pouco depois da conquista portuguesa, diz que a cidade contava então com mil e quinhentos fogos[1207], "*alem dos*

[1207] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 145.

Iudeos que passauam de cento"[1208]. De facto, o testemunho do viajante mourisco apresenta-se como o mais pormenorizado e próximo da época em questão, quando comparado com o testemunho de Luis del Mármol Carvajal ou com as crónicas de Damião de Góis e dos cronistas que se lhe seguiram:

"*La antigua ciudad de Tednest, edificada por los africanos en una hermosa y vasta llanura, está rodeada de murallas de ladrillo y arcila, tras las cuales se alzan sus casas y comércios. Hay en ella más de mil y quinientos hogares, y cerca de sus muros corre un Riachuelo. No abundan las tendas de mercaderes, ni siquiera de las telas y paños que gastan, los quales vienen de Portugal; ni hay más artesanos que los zapateros, hereros, satres y tal cual orfebre judío. La ciudad carece de hosterías, baños públicos y barberías (...) En médio de la ciudad existe un templo muy grande hecho de piedra y argamasa antíguo, de la época en que señoreaba Tednest el rey de Marruecos, y hay en el centro del templo un gran aljibe, y muchos sacerdotes y hombres al cuidado del dicho templo. En la ciudad se alzan otras mesquitas y casas de oración, de buena fábrica y bien cuidadas. Cuéntanse unos cien negócios de judíos, que por lo común no pagan tributos ordinários, pero tienen la costumbre de hacer algunos presentes a los hombres que los favorecen. Por lo demás, casi toda la población es hebrea, y de ellos es la ceca, donde acuñan monedas de plata, obteniendo de una onza ciento sesenta piezas semejantes a las que usan los húngaros. En esta ciudad no se pagan gabelas, aduanas ni arbítrio alguno, pero cuando la necesidad aprieta y hay que afrontar algún gasto pesado, la comunidad se reúne y, según la calidad de cada cual, se divide el importe del gasto. Quedó arruinada la ciudad en el año novecientos dieciocho de la Hégira, huyendo sus pobladores a las montañas, y de ellas a Marruecos. Ello ocurrió*

[1208] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XLIX, p. 375. Engana-se Vitorino Magalhães Godinho quando refere dois mil e quinhentos fogos, alegadamente baseando-se em Damião de Góis. Ver Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, p. 97. De facto, Damião de Góis regista mil e quinhentos fogos e não dois mil e quinhentos, tal como Manuel de Faria e Sousa, que seguiu de perto a crónica do grande humanista português. Ver Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 115. Luis del Mármol Carvajal, que viajou pelo Norte de África décadas depois, refere "*mas de três mil vezinos*" na Tednest de então, sendo que duzentas das casas eram de judeus. Ver Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 5v.

por haber sabido los de Tednest que los beduinos del contorno se pusieron de acuerdo com un capitán del rey de Portugal, que estaba en Azafi, para entregar la ciudad a los cristianos. Yo conoci la ciudad luego de dicha ruina, en el novecientos veinte, con toda su muralla por el suelo y las casas hechas nido de cornejas y otras aves"[1209].

Como vemos pelo testemunho de Leão-o-Africano, Tednest não tinha alfândega, não impondo qualquer cargo de recebimento dos direitos senhoriais, sendo os homens mais abastados que entre si angariavam as somas necessárias para os encargos. A comunidade judaica batia moeda de prata e a indústria resumia-se à ferragem, ourivesaria e alfaiataria[1210]. Para além disso, há igualmente registo dos tecidos importados de Portugal. Porém, e como Vitorino Magalhães Godinho bem observou, o mais provável é que fossem tecidos produzidos em Safim, sendo que tal trato poderia mesmo ser anterior à conquista de Safim pelas armas[1211]. Junto à cidade corria um rio, "*com lagos de pescaria*"[1212], com cujas águas os moradores regavam os pomares e hortas, "*em que a muitas & boas fruitas, ortaliça, & eruas de cheiro*"[1213].

Note-se que Leão-o-Africano, ao referir-se à grande mesquita construída em pedra e argamassa, remete a sua construção para o tempo em que Tednest tinha sido domínio do rei de Marraquexe[1214]. Luis del Mármol Carvajal, aliás, remete-a especificamente para o reinado de Yacob ben Youssef, "*del linage de los Almorauidas*"[1215]. Porém, os cronistas são muito claros ao referir que aquando da

---

[1209] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, pp. 145-146. Ver também Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fls. 5v-6.

[1210] Note-se que a comunidade judaica de Tednest foi referida por Maite Ojeda-Mata, "Jews under Islam in early modern Morocco in travel Chronicles", in *Jewish Culture and History*, Vol. 21, Nº 2, pp. 104-130 (On line) Disponível em: https://doi.org/10.1080/1462169X.2020.1739888

[1211] Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, p. 97.

[1212] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 196.

[1213] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XLIX, p. 375.

[1214] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 146.

[1215] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 5v.

expedição concebida por Ataíde, o xerife tinha pouco antes conquistado a cidade[1216] e nela constituído "*amplos aposentos*"[1217], paços com muitos jardins e tanques de água[1218]. Por outras palavras, condições que faziam com que Tednest se destacasse como o "*regallo do Xarife senhor della*"[1219]. Luis del Mármol Carvajal, talvez com algum exagero, chega mesmo a afirmar:

"*y el viejo* (xerife) *auia hecho su morada en la ciudad de Tednest y edificado vn rico palacio en ella com muchos jardines, y estanques de agua. Y teniendo alli recogida la fuerça de su gente estaua como en frontera contra los Christianos de Safi, y Azamor*"[1220].

Estas referências indicam, portanto, que Tednest se tinha tornado num importante domínio dos xerifes do Suz, oriundos do sul de Marrocos[1221]. Recorde-se que algum tempo antes, em finais de 1512, o xerife tinha invadido pela primeira vez o território dos Xiátma com o objectivo de se assenhorar dele, o que conduziu ao primeiro confronto entre os portugueses e as forças do velho xerife, em que as forças

[1216] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XLIX, p. 375; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 196; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. III, fl. 5; Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, Capitulo IX, p. 730; Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XV, p. 47; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 115.

[1217] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 196.

[1218] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XLIX, p. 375.

[1219] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, Capitulo IX, p. 730.

[1220] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 5v.

[1221] Note-se que da breve prospecção realizada *in situ* não recolhemos elementos que nos permitam afirmar que a Talmest localizada na provincia de Essaouira (região de Marrakech-Tensift-Al Haouz) corresponde efectivamente à Tednest das fontes quinhentistas, pelo que a conjectura avançada para Talmest carece de sondagens arqueológicas indispensáveis à sustentação desta hipótese ou à constituição de outras hipóteses de localização.

comandadas por Lopo Barriga e Bentafufa lhes mataram vinte e cinco combatentes, entre os quais um "*filho de Mezeara rei de Dara*"[1222]. Ataíde, aliás, refere em carta a D. Manuel datada de 29 de Outubro de 1513 esta

"*pendença que qua temos com Xiatema e com ho Xaryfe , e ja co elles nos ouveramos de ver ou mandar ver poloos vosos Alarves d'Abida e de Garabia e com alguns Cristãaos*"[1223].

Vemos, deste modo, que o ataque concebido por Nuno Fernandes a Tednest, no seguimento do desbarato dos aduares de Aleborge que se iam juntar às forças dos xerifes, teve o claro objectivo de condicionar a expansão deste na terra dos Xiátma, onde Lopo Barriga e Bentafufa já tinham comandado outras expedições militares no sentido de subjugarem as tribos locais. Por outro lado, o facto de o xerife se encontrar em Tednest com os seus filhos e "*la fuerça de toda su gente*"[1224] no momento em que D. João de Meneses se encontrava no sul de Marrocos com o exército de Azamor apresentou-se, portanto, como o momento ideal para Ataíde desbaratar as forças que ameaçavam a fronteira sul da área de influência portuguesa.

Para esta expedição, o capitão de Safim reuniu quatrocentos portugueses de cavalo mais dois mil mouros de cavalo de Bentafufa, com setecentos peões dos Garbia e Abda[1225]. De acordo com as fontes, Nuno Fernandes escreveu a D. João de Meneses,

---

[1222] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXV, p. 342. Diz-nos Góis que com a morte deste mouro, retiraram as forças do xerife para o seu arraial, deixando no campo trinta a seis cavalos, recolhidos pelos portugueses. Ver também Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, Capitulo VIII, p. 726; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 104.

[1223] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 29 de Outubro de 1513. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 13, Nº 87. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. LXXIX, p. 445.

[1224] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 6. Veja-se também Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XV, pp. 47-49.

[1225] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XLIX, p. 375; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 196; Pedro de Mariz, *Dialogo de*

convidando-o para a expedição militar, sendo que para tal o esperaria em Almedina[1226]. D. João de Meneses, que não podia acorrer imediatamente, ainda enviou cento e vinte de cavalo, com o recado de que se juntaria a Ataíde com mais seiscentas lanças e mil homens de pé. No entanto, o capitão de Safim, pretendendo arrecadar para si toda a glória do feito, decidiu não esperar pelo capitão de campo de Azamor, partindo de Safim directamente para Aguz, onde se encontrava Bentafufa com as suas forças, e dali para Tednest. Ao se aproximarem da cidade veio o xerife recebê-los com quatro mil de cavalo a dezoito léguas de Safim[1227], mas Ataíde nem precisou de se mexer, ficando "*espectador da ferocíssima peleja, em que Jabentafuf desbaratou o xerife, que foi fugindo deixando muitos dos seus no campo mortos*"[1228].

Diego de Torres dá a entender que quando Ataíde chegou "*con la retaguardia*", já as forças de Bentafufa tinham "*roto los Xarifes y su gente*"[1229]. No entanto, este alegado atraso de Ataíde não é confirmado por Damião de Góis[1230]. Segundo Pedro de Mariz, Nuno Fernandes de Ataíde não combateu "*por dar honra a Ihe Aben Tafut, á sua*

---

varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…, Tomo I, Capitulo VIII, p. 730; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 115. Segundo Luis del Mármol Carvajal as forças dos mouros de pazes eram constituídas por três mil mouros de cavalo e oitocentos mouros de pé. Ver Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 6.

[1226] O pedido de Nuno Fernandes a D. João de Meneses é atestado pela carta do capitão do exército de Azamor a D. Manuel: "*E oje me deram hüa carta sua, que lhe mamdase até oitemta lamças pera emtrarem Xiatyma comtra o Xerife; e laa hera outra mynha em que lhe fazia saber que, ata quarta feira que vem, que seram xxij d'esté mes, parteria d'aquy camynho d'Almedyna, pera nos ajumtarmos a fazer em Marrocos ou em Xiatyma o que nos parecese serviço de Deos e de Vosa Alteza*". Ver carta de D. João de Meneses a D. Manuel, em 18 de Fevereiro de 1514. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 422. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. XC, pp. 487-488.

[1227] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XLIX, p. 375. Segundo Diego de Torres, a quatro léguas de Tednest. Veja-se Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XV, p. 48.

[1228] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 196.

[1229] Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XV, p. 48.

[1230] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XLIX, p. 375.

petição o deixou com o Xarife"[1231]. Os outros cronistas quinhentistas, porém, não fazem qualquer alusão a este pedido de Bentafufa. Não será, portanto, de desconsiderar que o presbítero e bacharel português tenha procurado limpar a imagem do capitão de Safim, justificando a ausência dos portugueses no combate, de modo a, alegadamente, honrar o alcaide dos mouros de pazes. Como anteriormente vimos, o capitão de Safim sempre teve sérias dúvidas quanto à lealdade de Bentafufa, que facilmente poderia sublevar os mouros de pazes contra os portugueses. Quer isto dizer que Ataíde, ao entregar a Bentafufa o ataque ao xerife, não só poupava as forças portuguesas, como ainda colocava à prova a lealdade do alcaide mouro. De resto, a vitória de Bentafufa foi manifestamente expressiva:

"*murieron este dia ocho cientos hombres de los del xerife y de los de Yhaya no mas q ciento y doze, y de los Christianos no vuo muerto ni herido ninguno (…) y el Xerife com sus hijos escapo huyendo a vña de cauallo*"[1232].

De acordo com as fontes, também o despojo foi monumental: para além dos mais de duzentos cativos, os cronistas referem mais de duzentas mil cabeças de gado grosso e miúdo e mais de três mil camelos e cavalos. Números que, ainda que manifestamente sobredimensionados, atestam a extraordinária riqueza de gado existente na comarca de Tednest[1233]. Quanto ao xerife, Damião de Góis refere apenas que foi "*desbaratado*"[1234], enquanto D. Jerónimo Osório diz que "*foi fugindo deixando muitos dos seus em campo mortos*"[1235]. Já Diego de Torres, que deu maior atenção aos xerifes na sua *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes…* refere que "*con sus hijos escapó huyendo a uña de cavallo y se fueron a bivir a Tazarote, en el entretanto que la obra de*

[1231] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, Capitulo IX, p. 730.

[1232] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 6v.

[1233] Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, p. 97.

[1234] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XLIX, p. 375.

[1235] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 196.

Tarudante se acabava"[1236]. O cronista refere-se, portanto, à cidade de Tarudante, onde os xerifes estebaleceram a sua capital nesse mesmo ano de "*novecientos veinte*"[1237] (1514) e de onde, anos mais tarde, partiram à conquista de Marraquexe[1238]. De resto, é através deste cronista que ficamos a saber que o velho xerife faleceu pouco depois "*de enfermedad y le llevaron a enterra a sua tierra com grandes sentimentos*"[1239].



Fig. 112 - Muralhas de Tarudante na actualidade. Fotografia: Fernando Pessanha, 2021.

Quando ocorreu a expedição militar contra Tednest? Curiosamente, Diego de Torres situa a conquista desta cidade já depois das expedições contra Amagor, Agaballo e Algel e do ataque a Marraquexe, o que é manifestamente contrariado por Damião de Góis. Note-se, aliás, que o próprio Damião de Góis engana-se claramente ao referir o ano em que se deu a conquista desta cidade quando refere que D. João de Meneses, ao chegar a Almedina, recebeu uma carta de Nuno Fernandes em 28 de Fevereiro de 1513, em que lhe dava conta do sucedido em Tednest[1240]. Erro aliás, reproduzido por André Teixeira, induzido em erro por Góis[1241]. Ora, tendo a conquista de Azamor ocorrido em

---

[1236] Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XV, p. 48.

[1237] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 159.

[1238] Sobre Tarudante vejam-se Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 159. Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XXIIII, fls. 17v-18. Para além destes cronistas veja-se, a título de exemplo, Samir Kafas, "Taroudant (al-Muḥammadiyya), capitale du Souss et ville fortifiée aux XVIème-XVIIème siècles", in *Hespéris-Tamuda*, Nº LVI (2), pp. 337-373.

[1239] Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XV, p. 48.

[1240] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XLIX, p. 376.

[1241] André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, p. 202.

Setembro de 1513, esta campanha não pode ter tido lugar em Fevereiro de 1513, mas sim em Fevereiro de 1514. Aliás, autores como Luis del Mármol Carvajal são taxativos ao situar esta expedição nesse ano[1242], do mesmo modo como os cronistas que se seguiram a Góis situam esta expedição no ano seguinte à conquista de Azamor.

Seguramente D. João de Meneses se terá sentido desconsiderado por ter sido excluído da expedição contra Tednest, principalmente depois de ter sido convidado pelo próprio Ataíde e de ter reunido para o efeito seiscentos homens a cavalo e mil peões. Esta situação acabaria por marcar o relacionamento entre os dois capitães, notoriamente pautado pela rivalidade, inveja e disputa, especialmente, quando ambos começaram a equacionar a ideia da conquista de Marraquexe. Diz-nos Damião de Góis que:

"*cada hum deles, & assi Nuno fernandez dataide, queriaõ antes perder a honrra de serem juntamente vencedores, que dar parte de qualquer victoria que lhes Deos desse a nenhum dos outros*"[1243].

De facto, após a acção militar contra Tednest, em que Nuno Fernandes se adiantou deliberadamente "*com cobiça de ser toda a honra sua*"[1244], D. João de Meneses "*llegó a Chiquer com intento de llegar a Marruecos sin Nuño Fernandez*"[1245]. O capitão do exército de Azamor ainda convidou Ataíde para se juntar a ele, mas o capitão de Safim conseguiu demovê-lo, orientando-o para outra expedição de menor importância, argumentando com a alegada necessidade em celebrar contratos com os novos mouros de pazes e que "*Marrocos demandava maiores posses para ser conquistada, e que a flor de tanta nobreza não era para arriscá-la em lance tal sem fruto algum*"[1246]. Note-se que é curiosa a referência de Góis, quando refere que D. João entendia as "*manhas que com elle usaua Nuno fernandez*"[1247]. No entanto, é possível

---

[1242] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 6.

[1243] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XLIX, pp. 375-376.

[1244] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XLIX, p. 375.

[1245] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 116.

[1246] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 196.

[1247] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XLIX, p. 376.

que D. João cedesse aos argumentos de Ataíde por sentir não ter condições para, sozinho, concretizar os seus projectos.

Os dois capitães, juntamente com Bentafufa e os oitocentos homens que acabavam de chegar a Safim com D. Afonso de Noronha, genro de Nuno Fernandes, deram então sobre um lugar forte que estava a três léguas de distância de Tednest, no cabeço de uma serra[1248]. Damião de Góis não regista o nome do lugar. Porém, as descrições que Leão-o-Africano e de Luis del Mármol Carvajal fazem desta província referem que Teculeth, que o primeiro situa a dezoito milhas a ocidente de Tednest, foi destruída pelos portugueses em 1514, sendo "*parte de su gente apresada, outra muerta, y outra, en fin, escapó*"[1249]. Finda a expedição, da qual resultaram cinquenta cativos, Ataíde voltou a recusar marchar contra Marraquexe, "*receoso de que o maior quinhão de glória coubesse a D. João de Meneses*"[1250]. Os argumentos de Nuno Fernandes de Ataíde, patentes na carta de 28 de Março de 1514[1251], deixaram D. João de Meneses

---

[1248] Esta expedição é brevemente referida por André Teixeira, ainda que se engane ao remetê-la para o ano de 1513. Ver André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, p. 202.

[1249] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 184. Sobre Teculeth veja-se igualmente Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fls. 8v-9. O topónimo de Teculeth encontra-se igualmente representado nos mapas *Marochia*, de Livio Sanuto. B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8079). (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b85954563 (Consultado em 20 de Novembro de 2019); *Fezzae et Marocchi regna Africae celebérrima*, de Abraham Ortelius e Jan Jansson. S.D.R. (On line) Disponível em: https://exhibits.stanford.edu/renaissance-exploration/catalog/cf043dn8189 (Consultado em 20 de Novembro de 2019); *Fessae et Marocchi regna*, de Jodocus Hondius. B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE SH 18 PF 224 DIV 2 P 16/1 D. (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53142992f (Consultado em 20 de Novembro de 2019); *Estats et royaumes de Fez et Maroc, Dahra et Segelmesse tirés de Sanuto, de Marmol, etc*, de Nicolas Sanson. B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8044). (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8595420g/f1.item.zoom (Consultado em 20 de Novembro de 2019); *Statuum Maroccanorum regnorum nempe Fessani, Maroccani, Tafiletani et Segelomessani...*, de Johann Christoph Homann. B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8045). (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8595421w/f1.item (Consultado em 20 de Novembro de 2019).

[1250] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 196.

[1251] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. João de Meneses, em 28 de Março de 1514, sobre a ida que determinava fazer pela terra dos mouros e do modo como devia praticar-se. A.N.T.T., *Cartas dos*

manifestamente irritado, por se ver impedido de utilizar os recursos humanos de que os portugueses então dispunham para concretizar um grande feito, como um ataque a Marraquexe. Aliás, o descontentamento de D. João de Meneses em relação à indisponibilidade de Ataíde está bem patente na carta que escreve ao rei, em 18 de Fevereiro de 1514:

"*e se nam tenho feito ataguora em Marrocos ou em Xyatyma algua cousa de muyto voso serviço he porque Nuno Fernandez nam quis, mas a mym me parece que se podia muy bem fazer. E muytas vezes lho tenho escryto, e sempre m'o desviou com rezoeis que já aguora confesa o contrario d'elas*"[1252].

É igualmente interessante notar que as resistências de Ataíde em cooperar com o capitão do exército de Azamor num ataque a Marraquexe foram criticadas por outros fidalgos, como Francisco de Pedrosa, o adail-mor do reino que, em carta ao rei, refere "*nam se fez, Senhor, ho que estava feyto e bem hordenado, e nam me leyxou de fazer por myngoa d'alguuns nossos capytãaes de vosa gente*"[1253], em manifesta referência à recusa do capitão de Safim. De facto, Francisco de Pedrosa culpava os dois capitães pelo facto de a conquista de Marraquexe não se ter efectuado, fracasso que atribuía às rivalidades e ciúmes entre eles "*os quais a queriam conquistar sozinhos*"[1254].

A posição de Ataíde revela, desde logo, o obstinado perfil psicológico do "*nunca esta quedo*", determinado em não permitir que outro líder militar lhe fizesse sombra, ainda que se tratasse de um fidalgo de condição social manifestamente superior, como

---

Governadores de África, Nº 98. Ver também Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 269.

[1252] Carta de D. João de Meneses a D. Manuel, em 18 de Fevereiro de 1514. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 422. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. XC, p. 487.

[1253] Carta de Francisco de Pedrosa a D. Manuel, em 30 de Março de 1514. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 337. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. XCVII, pp. 520-521. Ver também Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 291.

[1254] João Paulo Oliveira Costa & Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaides – 1514. No Apogeu da Presença Portuguesa em Marrocos*, p. 34.

D. João de Meneses. Por outro lado, a recusa de Ataíde vem demonstrar que o grande poder estava claramente em Safim e no seu capitão, uma vez que esta praça constituía o centro da confederação dos mouros de pazes que o apoiavam nas acções militares. É, portanto, o grande suporte facultado pelas tribos mouras que permitia que Ataíde se aventurasse a conceber expedições militares no interior marroquino[1255], tal como a que aconteceu nesse mesmo mês de Fevereiro de 1514, quando D. Afonso de Noronha, Lopo Barriga e Bentafufa foram atacar os aduares que se iam juntar ao xerife, localizados nas proximidades de Aleborge, a vinte e cinco léguas de Marraquexe, junto ao Grande Atlas[1256].

Vemos, desde modo, que é com base neste poder que o capitão de Safim se afirmava como "*a pessoa priçipal, & ficar nessa reputação entre os mouros*"[1257], o que lhe permitia colocar-se num plano superior face a qualquer outro chefe militar português na região. De resto, a posição alcançada por Ataíde permitiu-lhe, inclusivamente, dar mostras da sua arrogância para com D. João de Meneses em várias ocasiões. Uma delas ocorreu pouco tempo depois, quando, perante uma ameaça de um ataque por parte dos reis de Fez e Méknes, D. João de Meneses pediu reforços e mantimentos ao capitão de Safim, ao que Nuno Fernandes "*nam abastou lhe nam mandar nada, mas ainda se for pera Çafim com toda a gente*"[1258], alegando ter deixado a sua cidade desprotegida. Deste episódio percebe-se claramente que o capitão de Safim, face a uma situação em que teve de optar entre a preservação da sua posição e os interesses de Estado, deu prioridade à primeira, zelando antes de mais pelos seus interesses e os dos seus apaniguados.

[1255] Sobre as incursões concebidas por Ataíde para o interior do sul de Marrocos veja-se André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde et l'intervention portugaise à l'interieur des terres du Maroc", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, pp. 97-116.

[1256] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 15 de Fevereiro de 1514. B.N.L., MS Nº 7638, Nº 64, fl. 123. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. LXXXVIII, p. 481. Vejam-se também Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXIX, p. 418; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 210; Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, pp. 735-736; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, pp. 121-122.

[1257] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo L, p. 377.

[1258] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XLIX, p. 377.

Como anteriormente vimos, Ataíde tinha, por vezes, atitudes que chocavam os outros líderes militares que com ele privavam. A este respeito referimos a atitude do capitão de Safim quando, desconfiando de Bentafufa, retirou as tropas portuguesas deixando os mouros de pazes sozinhos a combater contra o exército do rei de Marraquexe, situação que deixou o alcaide mouro profundamente indignado. Do mesmo modo, também D. João de Meneses se sentiu desconsiderado quando Ataíde, que o tinha convidado para a expedição contra Tednest, decidiu não esperar pelo capitão de campo de Azamor, excluindo a sua participação nesta campanha militar. Se a isto juntarmos as resistências de Ataíde em atacar Marraquexe juntamente com D. João de Meneses e a recusa em enviar-lhe homens e mantimentos, bem podemos concluir que Ataíde, ávido de fama e proveito, sempre deu prioridade à preservação do seu poder pessoal, representando bem o tipo de fidalgo português na expansão em Marrocos, isto é, mais preocupado com a sua ascensão social através de feitos de armas do que em servir o rei numa acção articulada em prol dos interesses de Estado. De resto, esta tendência só viria a ser momentaneamente interrompida face a uma notícia alarmante e que punha em causa a sua própria sobrevivência política e simbólica: a iminência de um grande ataque por parte dos exércitos do rei de Fez e Méknes.



Fig. 113 - Vista estilizada de Méknes em *Statuum Maroccanorum regnorum nempe Fessani, Maroccani, Tafiletani et Segelomessani*, da autoria de Johann Christoph Homann, em 1728. B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8045). (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8595421w/f1.item (Consultado em 25 de Abril de 2022).

6.4 – A Batalha dos Alcaides

Desde a conquista de Azamor que corriam rumores sobre um grande contra-ataque por parte do rei de Fez. A epistolografia relativa ao sul de Marrocos compreendida entre Setembro de 1513 e Abril de 1514 mostra claramente uma gradual preocupação por parte dos portugueses face aos rumores que entretanto iam circulando. De facto, logo em 30 de Setembro de 1513 escrevia o Duque de Bragança a D. Manuel ao referir-se aos mouros da Enxoxia: "*Temos nova certa que sam muy requeridos de Muley Maffame de e Muley Nacere, offerecendo-sse-lhe que vira qua Muley Nacere*"[1259], o vice-rei de Méknes, irmão do rei de Fez, Mohamed "al Portugali". De facto, ainda Azamor não tinha sido conquistada e já Nuno Fernandes de Ataíde alertava D. Manuel para a necessidade de guarnecer bem a cidade, "*porque pode meter nisso mão el rey de Ffez*"[1260]. É, portanto, sem grande surpresa que no fim desse ano começaram a chegar ao reino missivas de Nuno Gato com a "*nova do cerquo*"[1261], de D. João de Meneses, a quem asseguravam os preparativos do rei de Fez e que "aos *sete dias depois d'esta Pascoa que ora passou* (Páscoa dos mouros), *ha de partir Moley Mafamede de Fez*"[1262] ou como a de Lopo Cabreira, que "*ia ficar em Azamor porque lhe tinham dito que Molei Mafamede iria atacar a dita cidade*"[1263].

[1259] Carta do Duque de Bragança a D. Manuel, em 30 de Setembro de 1513. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 13, Nº 62. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. LXXVIII, p. 439.

[1260] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 13 de Maio de 1513. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 331. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LXX, p. 388. Veja-se também Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 290.

[1261] Carta de Nuno Gato a D. Manuel em 5 de Dezembro de 1513. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 14, Nº 19. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. LXXXII, p. 455.

[1262] Carta de D. João de Meneses a D. Manuel, entre 1 e 9 de Dezembro de 1513. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 14, Nº 4. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. LXXXIV, pp. 462-463.

[1263] Carta de Lopo Cabreira para o rei, em 11 de Dezembro de 1513, dizendo-lhe que ia ficar em Azamor, porque lhe tinham dito de Muley Mafamede iria atacar a dita cidade. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 14, Nº 24.

Entretanto, e não obstante as notícias que iam chegando a Portugal, D. Manuel - de modo a aliviar os encargos inerentes à expedição a Azamor - fixava a guarnição militar que haveria de ficar a proteger a cidade nos inícios de 1514[1264], dando ordem para que todos os demais regressassem ao reino, alegando a D. João de Meneses que "*nos parece que Molley Mafamede nam vyraa demandar Azamor, ainda que tanto vol-lo afyrmem*"[1265]. O capitão de campo de Azamor, resignado, fazia a guerra aos mouros com os recursos de que dispunha, tal como aconteceu em Fevereiro de 1514 quando, juntamente com Rui Barreto, juntou novecentas lanças e mil peões e foi contra Beurugez e Tanfut, duas "*villas cercadas (...) e vivem sob a bamdeira d' el rei de Feez*"[1266].

[1264] Sobre a guarnição militar de Azamor veja-se Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém-mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, pp. 45-57.

[1265] Carta de D. Manuel a D. João de Meneses, em 5 de Janeiro de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 14, Nº 50. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. LXXXVII, p. 478.

[1266] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXVIII, p. 374. Veja-se também Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 184; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, pp. 195-196; Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, Capitulo VIII, p. 730; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LXVI, fl. 62v; Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo IX, pp. 24-25; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, pp. 113-114. Veja-se também a seguinte epistolografia: carta de D. João de Meneses a D. Manuel, em Fevereiro de 1514. B.N.P., MS 7638, Nº 65. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. LXXXIX, pp. 482-483; Carta de Rui Barreto a D. Manuel, em 21 de Fevereiro de 1514. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 114. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. XCI, p. 492. Tal como notámos em anterior publicação, "*é interessante notar as diferenças entre o relato de D. João de Meneses e o relato de Rui Barreto, onde deixa transparecer os vários conflitos mantidos com o capitão de campo*". Ver Fernando Pessanha, "Rui Barreto: a capitania do alcaide-mor de Faro em Azamor", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLI, p. 137.

Como anteriormente vimos, encontrava-se D. João de Meneses em Almedina[1267], em 28 de Fevereiro de 1513, quando recebeu a carta de Nuno Fernandes em que lhe dava conta do sucedido em Tednest, rumando depois o capitão do exército de Azamor para sul onde, juntamente com o capitão de Safim, deram sobre um lugar forte que estava a três léguas de distância de Tednest, no cabeço de uma serra. Foi então que, segundo Damião de Góis, D. João de Meneses foi avisado pelos mouros de pazes de Aberamboer de que "*Molei Mafamede Rei de Fez, & Moleinacer Rei de Mequinez vinhão cercar Azamor, com grão poder de gente*"[1268], já depois de se ter despedido de Ataíde. Informações, aliás, que lhe foram confirmadas por cartas de Rui Barreto, da mulher de Nuno Fernandes (que então se encontrava em Safim) e de Cide Alimeimam, alcaide de Almedina. Não é, portanto, de estranhar que pouco tempo depois, em 10 de Março de 1514, Rui Barreto escrevesse a D. Manuel, avisando-o "*de os Mouros terem por certo aver de vir sobre esta cidade*"[1269], sendo que quatro dias depois, em 14 de Março, já este capitão informava o monarca português da aproximação do rei de Fez, que se encontrava a uma jornada de Salé, e de Muley Nacer, que se encontrava a seis léguas de Azamor[1270]. É, portanto, nesse contexto que, em 8 de Abril, Nuno Fernandes de Ataíde solicitou a Simão Gonçalves da Câmara, capitão da Ilha da Madeira, duzentos besteiros e espingardeiros, mandando "*preparar-lhe mantimentos e embarcações sem curar do preço*"[1271].

[1267] D. João de Meneses deve ter chegado a Almedina no dia 22 ou 23 de Fevereiro, já que em carta ao mocarca de 18 de Fevereiro assegurava que "*ata quarta feira que vem, que seram xxij d'esté mes, parteria d'aquy camynho d'Almedyna, pera nos ajumtarmos a fazer em Marrocos ou em Xiatyma o que nos parecese serviço de Deos e de Vosa Alteza*". Ver carta de D. João de Meneses a D. Manuel, em 18 de Fevereiro de 1514. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 422. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. XC, pp. 487-488.

[1268] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XLIX, p. 376.

[1269] Carta de Rui Barreto ao rei D. Manuel em que lhe dava conta da vinda do rei de Fez e das obras daquela terra. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 89. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. XCII, pp. 502-503.

[1270] Carta de Rui Barreto a D. Manuel, em 14 de Março de 1514. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 39. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. XCIII, p. 507.

[1271] Gonçalo Couceiro Feio, *A Guerra no Renascimento*, p. 309, nota 24. Como anteriormente referimos, Simão Gonçalves da Câmara distinguiu-se pelas suas intervenções no Norte de África. Recorde-se que

As informações que iam chegando eram manifestamente preocupantes. Era normal. Face ao crescente poderio luso no sul marroquino, o rei de Fez não tinha outra alternativa senão tentar reverter a situação, enviando contra os portugueses um grande exército comandado pelos seus alcaides Latar e Lutete, e ao qual se deveria juntar o exército do seu irmão, Muley Nacer. Os capitães portugueses depressa compreenderam o grande perigo que representava um cerco a uma cidade conquistada há pouco tempo e onde ainda estavam em curso as obras de fortificação e construção do atalho[1272]. Foi então que D. João de Meneses, informado de que o exército de Fez tinha sido obrigado a ir em socorro dos alcaides de Alcácer Quibir e Larache[1273], decidiu interceptar as forças dos dois alcaides em Boulaouane, antes que o exército do vice rei de Méknes, que se encontrava em Casablanca, se juntasse ao exército do rei de Fez. Leão-o-Africano, que testemunhou a batalha a uma légua de distância, descreve Boulaouane do seguinte modo:

"*También de reducido caseiro y junto al Ommirabih, tiene casi quinientos hogares y fue asiento de muchos hombres nobles y generosos, a lo largo del río, a mitad del caminho entre Fez y Marruecos. Los de Bulahuan constryeron una casa com muchas habitaciones y una quadra muy grande, para albergar bien, a expensas del pueblo, a cuantos por él pasen, ya que es gente reca en cereal y ganados, poseyendo cada vecino unas cien yuntas de bueyes y cosechando algunos casi mil cargas de*

---

assim que Diogo de Azambuja tomou a Safim, este capitão da ilha da Madeira, temendo que os mouros tentassem a reconquistar a cidade, enviou trezentos homens, vindo depois juntar-se-lhes com mais novecentos. Veja-se Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XII, p. 284.

[1272] Sobre as obras de fortificação e a construção do atalho em Azamor vejam-se Pedro Dias, *A Arquitectura dos Portugueses em Marrocos 1415 – 1769*, pp. 117-133 e "As Construções Portuguesas na Cidade Magrebina de Azamor", in *Revista Camões*, Nº17/18, pp. 125-134. Vejam-se também Jorge Correia, *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África - Da tomada de Ceuta a meados do Séc. XVI*, pp. 294-303; Ana Catarina Gonçalves Lopes, *(A)cerca de Azamor. Estruturas Militares ao Manuelino*, dissertação de mestrado apresentada à Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, 2009, pp. 107-116.

[1273] Os alcaides de Alcácer Quibir e Larache, tendo atacado Tânger, acabavam de ser derrotados pelas forças portuguesas comandadas por D. João Coutinho, capitão de Arzila, e D. Duarte de Meneses, capitão de Tânger.

cereal, y otros hasta três mil. Los árabes son sus compradores y allí se abastecen para todo el año"[1274].

Também Luis del Mármol Carvajal, que escreve sobre Boulaouane fazendo referência à Batalha dos Alcaides, faculta algumas informações quanto à história e geografia da terra:

"*En la ribera del rio Vmarabea esta Bulaagua que es vna villa fuerte de firio cercada d muros ytores antíguas, edifico la Abdul Mumen Ibni Ali rey de Marruecos del linage de los Almohadas, tiene mas de quinientas casas, y esta poblada de gente rica porque esta en el caminho que va de Marruecos a Fez por el llano, y los moradores son todos labradores y gente del campo que tienen grandes labores y mucha cria de ganados, porque la tierra es muy apropriada para ello*"[1275].

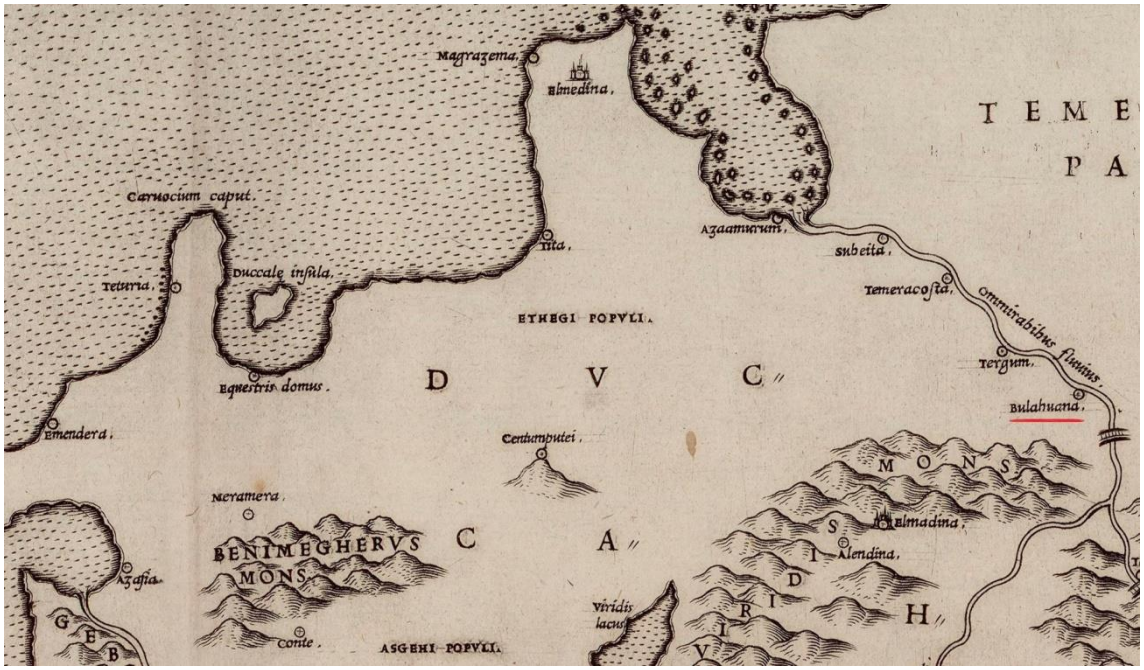


Fig. 114 - O topónimo de Boulaouane representado em Marochia, Sanuto, Livio (1520-1576). B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8079). (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b85954563 (Consultado em 20 de Novembro de 2019).

[1274] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 184. Ver também Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, p. 86.

[1275] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LXVI, fl. 62v.



Fig. 115 - O topónimo de Boulaouane representado em *Estats et royaumes de Fez et Maroc, Dahra et Segelmesse tirés de Sanuto, de Marmol, etc*. Nicolas Sanson 1655. B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8044). (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8595420g/f1.item.zoom (Consultado em 20 de Novembro de 2019).



Fig. 116 - O topónimo de Boulaouane representado no *Statuum Maroccanorum regnorum nempe Fessani, Maroccani, Tafiletani et Segelomessani...*, de Johann Christoph Homann (1664-1730).
B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8045). (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8595421w/f1.item (Consultado em 20 de Novembro de 2019).

Para interceptar o exército do rei de Fez, e numa acção até então sem precedentes, D. João de Meneses uniu forças com Nuno Fernandes de Ataíde, capitão de Safim, com Martim Afonso de Melo[1276], capitão de Mazagão, e com Bentafufa, o líder dos mouros de pazes aliados dos portugueses. Refira-se que o capitão de Safim não anuiu prontamente à convocatória do capitão do exército de Azamor, ainda que este lhe tivesse pedido que "*por seruiço de Deos, & del Rei se quisesse achar neste feito*"[1277]. Certamente que o orgulhoso Ataíde não se sentiria propriamente confortável a combater com as suas forças sob o comando de outro capitão. No entanto, a gravidade da situação, que punha em causa a sobrevivência da própria Safim, não se coadunava com rivalidades e jogos de vaidades entre capitães. Pelo menos é o que podemos depreender quando Nuno Fernandes, em carta ao rei de 13 de Maio de 1513 (ainda antes da conquista de Azamor), defende a importância de se tomar esta cidade e a necessidade de guarnecê-la devidamente, de modo a poder defender-se do rei de Fez, já que "*sse ele ali metesse o pé, o que ca temos ganhado quiça sse perderya*"[1278]. Foi, portanto, face aos interesses de Estado, em consonância com os seus interesses pessoais, que Ataíde e as suas forças participaram na batalha de Boulaouane, localidade situada a

---

[1276] Martim Afonso de Melo é o protótipo do capitão que, depois de ter servido na guerra em África, é destacado para outras regiões ou possessões do Império Português. No seu caso particular, depois de ter servido como capitão em Mazagão, partiu para a Índia e posteriormente para a China, onde D. Manuel lhe mandou construir uma fortaleza de que seria o primeiro capitão. Ver Francisco de Andrada, *Chronica de D. João III*, Parte I, Capítulos XXVIII – XXIX, pp. 67-72; Luís Costa e Sousa, *A Arte na Guerra – A Arquitectura dos Campos de Batalha no Portugal de Quinhentos*; João Paulo Oliveira Costa & Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaides – 1514. No Apogeu da Presença Portuguesa em Marrocos*, pp. 38-40; Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém-mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, p. 95.

[1277] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo L, p. 377. Usando as palavras de D. Jerónimo Osório, "*que se achasse na peleja, donde êle tiraria grande crédito e faria a Sua Alteza mui agradável serviço*". Ver Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 197; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 117.

[1278] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 13 de Maio de 1513. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 331. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. LXX, pp. 387-388. Veja-se também Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 290.

aproximadamente cento e setenta e três Km de Safim, como podemos observar pela imagem disponibilizada pelo Mapcarta.

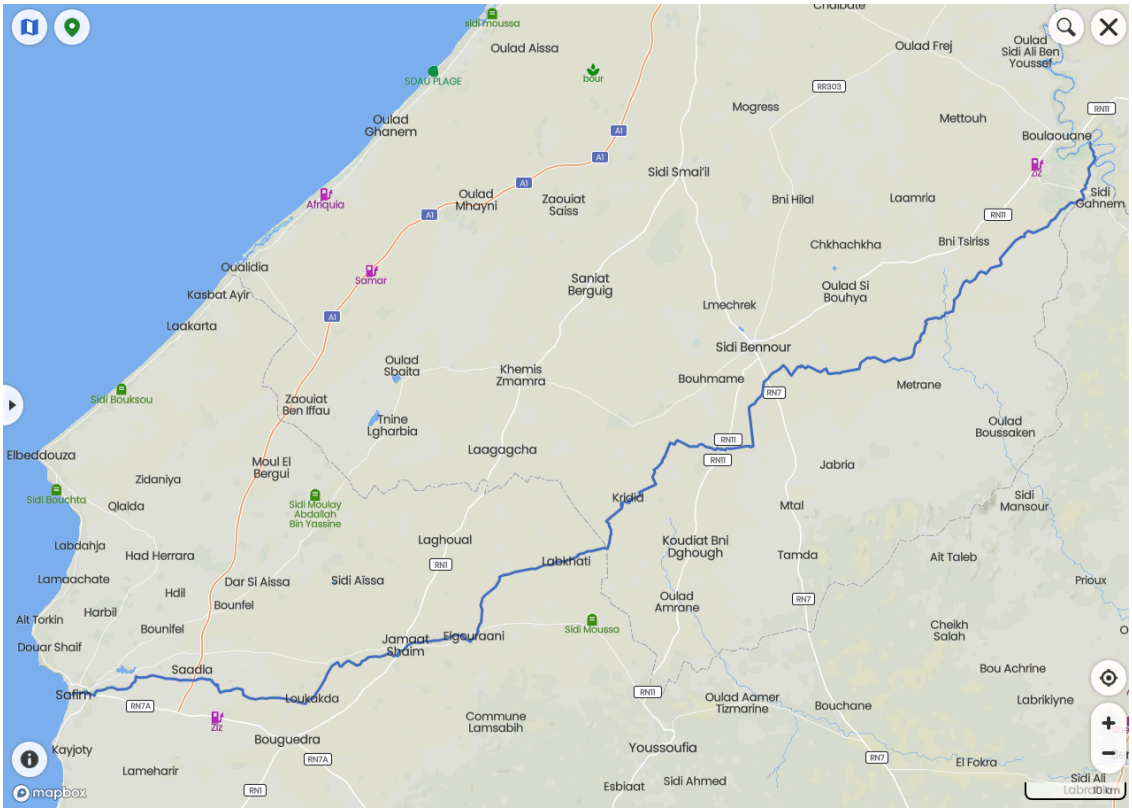


Fig. 117 - Rota pedestre entre Safim e Boulaouane, de acordo com o Mapcarta.
(On line) https://mapcarta.com/pt/A_p%C3%A9 (Consultado em 3 de Janeiro de 2023).

As fontes portuguesas são algo díspares quanto à constituição das hostes portuguesas na Batalha dos Alcaides. De acordo com Damião de Góis e D. Jerónimo Osório, D. João de Meneses saiu de Azamor com "*oitocentas lanças, & mil homens de pe, besteiros, espingardeiros, & de ordenança de que eram coroneis Pero de morais, & Ioam rodriguez*"[1279], aos quais se juntaram as mil e quinhentas lanças comandadas por Bentafufa. Note-se, no entanto, que estes cronistas não referem o quantitativo das forças comandadas por Ataíde, o que nos obrigou a recorrer a outras fontes que nos permitissem estimar números fiáveis para as forças comandadas pelo capitão de Safim na Batalha dos Alcaides. Estas informações encontrámo-las em Bernardo Rodrigues,

[1279] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo L, p. 377. Ver também Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 197; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 117.

Luis del Mármol Carvajal e Pedro de Mariz. Segundo o autor de *Os Anais de Arzila*, as forças portuguesas eram constituídas por:

"*mil e trezentos e cincoenta de cavalo, cristãos, convém a saber, quinhentos de Çafim, cujo capitão era aquele valeroso Nuno Fernândez de Taide ; Dom João de Meneses tirou dAzamor oitocentos de cavalo, cristãos, entre os quais avia muitos e mui honrados fidalgos, cujo adail era o noso Fernão Caldeira, d Arzila; Martim Afonso de Melo tirou de Mazagão perto de cincoenta de cavalo, de maneira que os cristãos erão mil e trezentos e cincoenta de cavalo*"[1280].

Já Luis del Mármol Carvajal, que se baseou em vários autores para redigir a sua *Descripción general de África…* refere os seguintes quantitativos:

"*Don Iuan hizo três esquadrones de la suya en que hauia ocho cientos cauallos (…) Nuño Fernandez com quinientos de Safi (…) y Cisi Yhaia AbeTafuf con mil y quinientos Alarbes de a Cauallo, los mil e dozientos de Garbia, y los trezientos de Abda*"[1281].

Pedro de Mariz, por seu lado, limita-se a registar "*Nuno Fernandes de Ataide com as suas quatrocentas lanças*"[1282]. Serão razoáveis as quinhentas lanças que, segundo Bernardo Rodrigues e Luis del Mármol Carvajal, partiram de Safim com Nuno Fernandes de Ataíde? D. João de Meneses, em carta ao rei de Abril de 1514, refere que "*nos ajuntamos, Nuno Fernandez de Ataide e eu, com mil lanças de Christãos e mil dos Mouros de pazes, e mil piões*"[1283]. Ora, sabendo nós que D. João de Meneses partiu de Azamor com oitocentas lanças, seria de supor que o total de mil lanças compreendessem duzentas lanças capitaneadas por Nuno Fernandes e não as quinhentas referidas por

---

[1280] Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, Vol. I, Livro II, Capítulo I, p. 113.

[1281] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LVII, fl. 57v.

[1282] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, Capitulo VIII, p. 731.

[1283] Carta de D. João de Meneses a D. Manuel, em Abril de 1514. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CII, p. 540.

Bernardo Rodrigues. Refira-se, no entanto, que os quantitativos de lanças de Safim referidas por Bernardo Rodrigues, Luis del Mármol Carvajal ou Pedro de Mariz aproximam-se efectivamente dos quantitativos que o capitão costumava utilizar nas acções militares em território hostil, tal como aconteceu em pouco antes em Tednest, onde usou quatrocentos portugueses de cavalo[1284], em Almedina, onde Ataíde reuniu quatrocentos e trinta portugueses de cavalo[1285], em Conte, onde foram utilizados quatrocentos e setenta de cavalo[1286] ou no célebre ataque ao acampamento do rei de Marraquexe, onde Ataíde utilizou igualmente quinhentos de cavalo[1287]. Ora, se o capitão de Safim utilizava estes quantitativos em expedições militares de alguma importância, nomeadamente, quando se tratava de algum combate com o rei de Marraquexe[1288], não será de considerar que também os utilizasse face à aproximação dos exércitos de Fez e

---

[1284] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XLIX, p. 375; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 196; Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, Capitulo VIII, p. 730; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 6; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 115.

[1285] Referimo-nos ao ataque de 22 de Janeiro de 1511. Ver Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIII, p. 287; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VII, p. 157; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 95.

[1286] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIV, p. 290; D. Jerónimo Osório refere nesta entrada quatrocentos de cavalo. Ver Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VII, p. 158. Segundo Luis del Mármol Carvajal foram quatrocentos e cinquenta de cavalo. Ver Luis del Mármol *Descripción General de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 46. Segundo Manuel de Faria e Sousa foram quatrocentos e sessenta de cavalo. Ver Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 97.

[1287] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXIV, p. 340; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 179; Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, pp. 724-725; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 103.

[1288] Refira-se que, ainda que as forças portuguesas não tenham chegado a participar no combate contra o rei de Marraquexe que teve lugar em Setembro/Outubro de 1512, Nuno Fernandes disponibilizou quinhentas lanças de Safim para o efeito. Ver Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXV, p. 343; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 180.

de Méknes que ameaçavam a sobrevivência de Azamor e Safim? É nesse sentido que, ainda que Ataíde tenha corrido o risco calculado de deixar Safim pouco guarnecida[1289], consideramos que os mil e trezentos e cinquenta homens de cavalo referidos por Bernardo Rodrigues e Luis del Mármol Carvajal não deverão andar longe da realidade, ao contrário dos números fantasiosos que Bernardo Rodrigues apresenta para o contingente de mouros de pazes: "*e os mouros de pazes que dAzamor e Çafim vínhão em companhia dos nossos pasárão de oito mil*"[1290]. De facto, as restantes fontes apontam para números mais aproximados dos apontados por Leão-o-Africano: dois mil homens de cavalo[1291], sendo que Damião de Góis e Luis del Mármol Carvajal referem mil e quinhentas lanças[1292] e D. João de Meneses apenas mil[1293], o que indica, como João Paulo Oliveira e Costa e Vítor Gaspar Rodrigues bem observaram, uma clara tentativa de reduzir a importância que este contingente de mouros de pazes teve na batalha[1294].

No que se refere aos quantitativos conhecidos para o exército dos alcaides do rei de Fez, é de assinalar as discrepâncias apresentadas pelas várias fontes. Se Leão-o-Africano refere terem combatido "*dos mil jinetes*[1295], já as fontes cristãs registam o

---

[1289] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. João de Meneses, em 28 de Março de 1514. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 2. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. XCVI, pp. 518-519.

[1290] Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, Vol. I, Livro II, Capítulo I, p. 113. Também Durval Pires de Lima, baseando-se unicamente na narrativa de Bernardo Rodrigues, refere o número de mouros de pazes em oito mil. Ver Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 55.

[1291] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 184.

[1292] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo L, p. 377; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LVII, fl. 57v.

[1293] Carta de D. João de Meneses a D. Manuel, em Abril de 1514. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CII, p. 540.

[1294] João Paulo Oliveira Costa & Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaides – 1514. No Apogeu da Presença Portuguesa em Marrocos*, pp. 40-50.

[1295] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 184.

dobro deste número: quatro mil cavaleiros segundo D. João de Meneses[1296], número reproduzido por Damião de Góis[1297] e pelos cronistas que se lhe seguiram, como D. Jerónimo Osório[1298], Luis del Mármol Carvajal[1299], Pedro de Mariz[1300] e Manuel de Faria e Sousa[1301], sendo que Bernardo Rodrigues registou o disparatado número de "*mais de quinze mil alarves*"[1302]. Do mesmo modo, também os números relativos aos besteiros e espingardeiros apresentam diferenças substanciais. É certo que Damião de Góis e os que nele se basearam referem que os mouros, ao formarem as posições de combate, colocaram os besteiros e os espingardeiros na dianteira. Porém, estes cronistas não fazem qualquer alusão a quantitativos. Esses números são, de resto, apresentados por Leão-o-Africano e Luis del Mármol Carvajal, que referem "*ochocientos ballesteros*"[1303], enquanto D. João de Meneses assinala novecentos espingardeiros[1304] e Bernardo Rodrigues menciona "*dous mil besteiros e espingardeiros*"[1305]. Vemos, desde modo, que o número de combatentes a cavalo e de espingardeiros mouros apresentados pelas fontes portuguesas está manifestamente sobredimensionado, principalmente no caso dos *Anais de Arzila*. No caso da já referida carta de D. João de Meneses a D. Manuel, parece óbvio que os quantitativos apresentados tiveram o claro objectivo de realçar junto do rei a importância da vitória alcançada, não só diminuindo o número de lanças portuguesas e de mouros de pazes, nomeadamente, no que se refere às forças

---

[1296] Carta de D. João de Meneses a D. Manuel, em Abril de 1514. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CII, p. 541.

[1297] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo L, p. 378.

[1298] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 197.

[1299] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LVII, fl. 57v.

[1300] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, Capitulo VIII, p. 731.

[1301] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 117.

[1302] Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, Vol. I, Livro II, Capítulo I, p. 114.

[1303] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p.184; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LVII, fl. 58.

[1304] Carta de D. João de Meneses a D. Manuel, em Abril de 1514. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CII, p. 541.

[1305] Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, Vol. I, Livro II, Capítulo I, p. 112.

comandadas por Nuno Fernandes de Ataíde e Bentafufa, como também exagerando o poder dos adversários, dotando-os de um potencial militar quer a nível de efectivo, quer a nível do armamento.



Fig. 118- A Kasba de Boulaouane, construída no século XVIII, foi erguida no cimo de um promontório, nas proximidades da zona onde duzentos anos antes se desferiu a Batalha dos Alcaides.
Fotografia: Fernando Pessanha, 2015.



Fig. 119 - Provável zona onde teve lugar a Batalha dos Alcaides, a oeste do rio Morbeia.
Fotografia: Fernando Pessanha, 2015.

Não nos iremos deter em grandes considerações tácticas e estratégicas sobre esta batalha, uma vez que estas já foram objecto de estudo em *A Batalha dos Alcaides – 1514. No Apogeu da Presença Portuguesa em Marrocos*, de João Paulo Oliveira e

Costa e Vítor Luís Gaspar Rodrigues[1306], ou mesmo em *A Guerra no Renascimento*, de Gonçalo Couceiro Feio[1307]. Interessa, no entanto, determinar em que sentido a participação de Nuno Fernandes de Ataíde contribuiu para a estrondosa vitória portuguesa. Segundo a carta de D. João de Meneses, as forças portuguesas foram agrupadas em "*três batalhas*"[1308]. Por outras palavras, três azes comandados por Rui Barreto, João Gonçalves da Câmara e pelo próprio D. João de Meneses. No entanto, as crónicas portuguesas dão-nos conta de cinco azes, sendo um deles comandado por Bentafufa e o outro por Nuno Fernandes de Ataíde, para além dos dois corpos de ordenanças anteriormente referidos. De facto, diz-nos Damião de Góis: "*ordenaram sua batalha em cinco azes (...) Nuno fernandez com dom Afonso de Faram seu genro na quarta, & Cide Iheabentafuf com toda a sua gente na quinta*"[1309]. Quer isto dizer que as "*três batalhas*" referidas por D. João de Meneses são relativas às tropas que ficaram em Azamor após a conquista da cidade e não ao total de azes que participaram na Batalha dos Alcaides. Vemos, deste modo, que a carta do capitão do exército de Azamor calou deliberadamente a participação das forças de Safim, nomeadamente, as forças de Bentafufa e de Nuno Fernandes de Ataíde. Bernardo Rodrigues, pelo contrário, dá outro protagonismo à participação de Ataíde, chegando mesmo a dizer que D. João de Meneses, pouco antes do ataque português que teve lugar no dia 14 de Abril de 1514,

"*mandou dizer a Nuno Fernândez se lhe parecia tempo pêra romper, que a ele lh'o parecia pêra dar com sua jente nas batalhas, pois os alarves todos érão mesturados. Nuno Fernândez, tanto que ouvio o recado de Dom João, respondeo: «Dizei ao senhor Dom João que já tarda, que me parece que deve de dar e logo, e que*

[1306] João Paulo Oliveira e Costa & Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaides – 1514. No Apogeu da Presença Portuguesa em Marrocos*, pp. 47-77.

[1307] Gonçalo Couceiro Feio, *A Guerra no Renascimento*, pp. 215-221.

[1308] Carta de D. João de Meneses a D. Manuel, em Abril de 1514. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CII, p. 541.

[1309] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo L, p. 378. Ver também Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 198; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LVII, fl. 57v.

me dê licença que eu darei pola outra parte, e que não é tempo de leixar pasar o dia»"[1310].

De acordo com os cronistas, os muçulmanos organizaram o seu exército em quatro batalhas, sendo que Nuno Fernandes tinha instruções para atacar uma delas. O ataque de Ataíde a este esquadrão de cavalaria acabou, porém, por não acontecer, já que este alvo mudou de posição de modo a socorrer o esquadrão mouro atacado por D. João de Meneses. O capitão de Safim optou então por atacar a infantaria moura, pelo que "*deu com a sua gente nos mouros de pe de que matou muitos*"[1311]. Note-se que Nuno Fernandes podia ter optado por perseguir o esquadrão da cavalaria moura que estava lhe estava destinado e que tinha mudado de posição, de modo a socorrer a batalha que estava a ser atacada por D. João de Meneses. Porém, o capitão de Safim, em vez de apoiar o foco de combate onde estava envolvido o comandante do exército de Azamor, optou por se lançar sobre a desprotegida peonagem moura de que se poderiam ter ocupado as ordenanças portuguesas[1312]. Por outras palavras, Ataíde preferiu a glória de destroçar a infantaria moura a apoiar a cavalaria portuguesa comandada por outro capitão e, de facto, "*nêles cometeu matança larga*"[1313]. Aliás, é o próprio Leão-o-Africano que, enquanto testemunha presencial da batalha, refere que os besteiros mouros (que combatiam a pé) foram:

"*pasados a cuchillo todos los ballesteros del rey de Fez, que estaban apostados en mitad de un llano, salvo diez o doce que escaparon al monte com el resto de sus fuerzas (…) yo estuve en aquella batalla y vi desde una milla de distancia el sangrento final de los ballesteos*"[1314].

[1310] Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila,* Vol. I, Livro II, Capítulo I, p. 114.

[1311] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo L, p. 378.

[1312] Sobre as movimentações dos dois exércitos durante esta batalha veja-se João Paulo Oliveira e Costa & Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaides – 1514. No Apogeu da Presença Portuguesa em Marrocos*, pp. 62-63.

[1313] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 197.

[1314] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p.184; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LVII, fl. 58.

É certo que o cronista mourisco não faz qualquer alusão directa a Nuno Fernandes. No entanto, as informações facultadas pelas restantes fontes indicam claramente que foi o capitão de Safim a liderar a carga de cavalaria que aniquilou o corpo de infantaria constituído pelos besteiros e espingardeiros mouros. Mais uma vez, é Bernardo Rodrigues a dar visibilidade à participação de Ataíde nesta batalha: "*Nuno Fernândez, posto que tãobem deu com sua jente nos do campo, lhe viérão cair os de pé nas balsas*[1315]*, donde polos de Çafim e alarves fôrão todos mortos*"[1316]. Note-se, aliás, que foi o próprio Ataíde a afirmar que "*nosoutros, os de Çaffym, matamos a mor parte da jente de Ffez*"[1317], ao referir-se a esta batalha, em carta ao rei datada de 12 de Dezembro de 1514.

Refira-se ainda que quando os azes de Rui Barreto e de João Gonçalves da Câmara perderam a formação ao se lançarem na perseguição do exército adversário em debandada, a batalha de Nuno Fernandes de Ataíde manteve-se devidamente formada, dando apoio à já minguada batalha de D. João de Meneses, o mesmo acontecendo com as forças de infantaria, bem organizadas na retaguarda[1318]. De resto, a formação criteriosa mantida pela batalha de Ataíde ficou a dever-se, certamente, à experiência da guerra de Marrocos dos homens de Safim, conscientes de que um contra-ataque súbito por parte do exército em fuga colocaria os perseguidores portugueses em manifesta desvantagem. E, de facto, foi exactamente o que aconteceu. Ainda que D. João de Meneses tivesse enviado o seu sobrinho, D. Garcia de Meneses, com instruções de fazer recolher os perseguidores em dispersão, os fidalgos mais exaltados não acataram a ordem, tornando-se vítimas do súbito contra ataque do adversário, que "*fizérão volta*

[1315] Deverá ler-se "lanças".

[1316] Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, Vol. I, Livro II, Capítulo I, p. 115.

[1317] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 12 de Dezembro de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 17, Nº 12. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXX, p. 663.

[1318] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo L, p. 378; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, pp. 197-198; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LVII, fl. 58-58v; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 118. Ver também João Paulo Oliveira e Costa & Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaides – 1514. No Apogeu da Presença Portuguesa em Marrocos*, p. 66.

sobre eles"[1319]. Os que sobreviveram à derradeira investida do adversário puderam, portanto, reagrupar nas batalhas de Nuno Fernandes de Ataíde e de D. João de Meneses, o que fez com que o adversário não se atravesse a atacá-las, assim terminando o combate que durava há três horas.

Como resultado da batalha contaram-se mais de cinquenta cavaleiros mortos do lado português, entre os quais D. Garcia de Meneses e D. Fernando de Meneses, sobrinhos de D. João de Meneses, para além de outros cem feridos. O número de vítimas entre os adversários foi, de acordo com as fontes, bastante mais expressivo: dois mil e seiscentos mortos, entre os quais um dos alcaides que comandava o exército, sendo que o outro se salvou largando a lança, a adarga e cavalo. Morreram ainda sete xeques, sendo que os feridos passaram de quatro mil. Entre os despojos ficaram duzentos e oitenta cativos, entre os quais várias mulheres e filhos dos alcaides que ficaram prisioneiros dos portugueses, sendo que o ouro, a prata e o gado que foram repartidos pelos homens de Bentafufa[1320].

Finda a batalha, os portugueses e os mouros de pazes foram dormir a uns aduares de Bentafufa, localizados a três léguas do campo onde se deu o combate. No dia seguinte, D. João de Meneses despediu-se de Nuno Fernandes e de Bentafufa, rumando depois a Azamor, onde foi recebido com grandes mostras de alegria. Ataíde, por seu lado, deixou Bentafufa em Almedina, antes de regressar a Safim, onde foi igualmente bem recebido, já que corriam rumores de que a maior parte dos portugueses tinham sido mortos ou cativos.

Terminada a Batalha dos Alcaides, em que a coluna do exército do rei de Fez foi desbaratada, torna-se pertinente clarificarmos o que aconteceu à coluna do exército do vice-rei de Méknes. Com efeito, só no dia seguinte, em 15 de Abril, é que as forças de Muley Naçer tomaram conhecimento da derrota do exército comandado pelos alcaides Latar e Lutete. Foi então que o vice-rei de Méknes, após ter passado o rio entre Alfermiz e Boulaouane, numa manobra que durou sete dias, optou por "*ir sobre a*

[1319] Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, Vol. I, Livro II, Capítulo I, p. 115.

[1320] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo L, p. 378; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 198; Ver Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, Capitulo VIII, p. 731; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 117; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LVII, fl. 58v.

comarca de Almedina, & destruir de todo a cidade e Cide Iheabentafuf"[1321], em vez de colocar cerco a Azamor, como estava inicialmente previsto. Depois que Bentafufa soube que o adversário se tinha vingado tomando Almedina com pouca resistência[1322], pediu auxílio militar a Ataíde que, com receio que Muley Naçer viesse colocar cerco a Safim, apenas lhe mandou D. Rodrigo de Noronha com vinte homens. Face às circunstâncias, Bentafufa mandou entupir com animais mortos todos os poços, de modo a matar à sede o exército adversário, e transferir a sua casa de Cernu para Safim, onde poderia assentar acampamento junto às muralhas da cidade. Note-se que, de acordo com *A Batalha dos Alcaides – 1514. No Apogeu da Presença Portuguesa em Marrocos*,

"*o que restava do exército de Muley Nacer sofreu um ataque demolidor das forças de Bentafufa em Cerno, tendo sido obrigado a recuar para próximo de Tazarote. Um último e decisivo ataque destes sobre o seu arraial desbaratou por completo o que restava do seu exército, obrigando-o a fugir para a serra*"[1323].

No entanto, a leitura atenta das crónicas mostra-nos que não foi Bentafufa a destruir o exército do vice-rei de Méknes, ainda que tenha ficado com tal fama. É certo que a carta de mercê de Cernu a Bentafufa, de 25 de Agosto de 1514, faz alusão ao grande serviço prestado pelo alcaide da Duquela quando desbaratou as forças de Muley Naçer[1324]. Documento, aliás, redigido de acordo com as informações que entretanto iam

---

[1321] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LI, p. 380.

[1322] Segundo Damião de Góis, Muley Naçer mandou cortar a cabeça a três dos principais da cidade. Ver Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LI, p. 380; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LVII, fl. 59. Já D. Jerónimo de Osório refere que "*deu a morte a todos os que ficaram de guarnição*". Ver Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 198.

[1323] João Paulo Oliveira e Costa & Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaides – 1514. No Apogeu da Presença Portuguesa em Marrocos*, pp. 70-71.

[1324] É o próprio monarca português a referir "*o grande e asynado serviço que nos fezestes, quando Molley Naçar os dias pasados emtrou na Duquella pelejamdo com sua geemte e com aquelles mouros que emtam o segiam, o desbarato que neles fizestes, foy pera nos de tam gramde contentamento*". A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 118. Documento publicado in David Lopes, *Textos em Aljamía Portuguesa*, Doc. II, pp. 83-85. Documento também publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXVI, pp. 601-602.

chegando ao reino, como a carta de António Correia, segundo a qual o objectivo de Muley Naçer,

"era ir destruir Cide Ea e huum lugua(r) seu que se chama Çernu; Cide Ea, com alguuns Christãos de Çafim, lhe vieram dar na dianteyra de sua gente e lhe fezera huum grande desbarato e se tornara a recolher"[1325].

Com efeito, deu-se efectivamente uma primeira batalha entre as forças do alcaide mouro e as forças de Muley Naçer, não em Cernu (como tradicionalmente é apontado), mas no caminho entre esta localidade e Safim, quando Bentafufa, interceptado pelo adversário, levava "*toda sua casa, & e gente de guerra bem ornenada*"[1326]. Vemos, portanto, que de acordo com Damião de Góis, que teve acesso a documentos hoje perdidos, Bentafufa não foi o atacante mas sim o atacado, ainda que lhe atribua nesta peleja "*feitos de tão estremado caualleiro, que pos espanto a todos que o virão*"[1327]. Note-se que a carta de D. João de Meneses a D. Manuel, em 6 de Maio de 1514, refere a "*peleja ou esquaramuça com Moley Nacer sobre Gernu; em que morrera muita jente d'ambas as partes*"[1328]. De facto, Damião de Góis regista entre os mortos alguns de cavalo de Benfafufa, entre os quais o xeque de Benamira, e mais de cinquenta de cavalo de Muley Naçer, entre os quais um xeque do rei de Fez[1329]. Porém, findo este

---

[1325] Carta de António Correia a D. Manuel, em 10 de Maio de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 31. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CV, p. 550.

[1326] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LI, p. 380.

[1327] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LI, p. 380. No dizer de D. Jerónimo Osório, Bentafufa "*manifestou nesta batalha tantos quilates de militar esforço, deixava a gente atónita*". Ver Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 198. Ver também Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LVII, fl. 59.

[1328] Carta de D. João de Meneses a D. Manuel, em 6 de Maio de 1514. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 15, maço 1, Nº 52. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CIV, p. 546.

[1329] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LI, p. 380; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p.198; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el*

combate, o rei de Méknes foi ocupar Cernu, onde o entupimento dos poços foi prejudicial ao seu exército, enquanto Bentafufa seguiu para Safim, onde foi assentar arraiais junto às muralhas da cidade, tal como inicialmente previsto.

De acordo com as crónicas, foi a sede provocada pelo entupimento dos poços e a notícia de que Bentafufa se preparava para atacar o arraial do adversário que fez com que o vice-rei de Méknes transferisse o acampamento para Tudela e depois para Tazarote, onde os mouros dos Xerquia desbarataram por completo o exército de Muley Naçer, obrigando-o a fugir:

"*vendo os Mouros da Xerquia, & o pouco que ganhara em todo seu caminho, & que alem de tudo lhes nam mantiuera nenhuma cousa das que lhe prometera, que eram cercar Azamor, & Safim, & tornar a cobrar estas duas cidades, do que induzidos quebrantar as pazes que tinham com el Rei dom Emanuel, mas conselhados do que lhes mais cumpria sendo já el Rei de Maquinez junto da vila de Tazarote, lhe deram no arraial, onde o desbarataram, & lhe captiuaram mais de mil homens, & tomaram oitocentos cauallos, & muito gado, com outro grande despojo, & elle por sauar sua pessoa se acolheu com alguns dos seus a serra, & dahi com muita perda e deshonrra, se tornou pera seu regno*"[1330].

Como anteriormente vimos, Muley Naçer conquistou Almedina durante a marcha do seu exército, antes de se dirigir contra Bentafufa. Foi, portanto, durante a deslocação do seu exército que o irmão do rei de Fez persuadiu os mouros da Xerquia a quebrarem as pazes com os portugueses e a unirem-se às suas forças, aliciando-os com os despojos resultantes do cerco a Safim ou a Azamor. Por outras palavras, foi o descontentamento com os resultados da campanha de Muley Naçer e o arrependimento por terem quebrado as pazes com D. Manuel a fazer com que os mouros da Xerquia, ambicionando algum proveito, optassem por trair o vice-rei de Méknes, desbaratando o

---

año 1571, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LVII, fl. 59v; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 119.

[1330] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LI, p. 381. Ver também Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 198; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LVII, fl. 59v; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 119.

seu exército e colocando-o em fuga. É, portanto, nesse sentido que Leão-o-Africano, após referir-se à Batalha dos Alcaides, afirma que "*el hermano del rei de Fez (...) traicionado por los árabes, hubo de volvera Fez*"[1331].

Terminava assim a campanha do rei de Fez e do vice-rei de Méknes contra os portugueses e os seus aliados. Quanto a Ataíde, não mais voltaria a ver D. João de Meneses desde que ambos se despediram, no dia seguinte à Batalha dos Alcaides. Ironicamente, foi preciso o orgulhoso Ataíde unir forças com D. João de Meneses para este falecer, pouco depois da batalha[1332]. Apesar da vitória portuguesa, D. João de Meneses ficou assaz desgostoso com as mortes dos seus sobrinhos, D. Garcia e D. Fernando de Meneses, vítimas do modo imprudente como perseguiram os mouros em retirada. D. João de Meneses voltou então para Azamor, porém, a doença e o desgosto acabaram por matá-lo. Vencidos os exércitos de Fez e de Méknes e falecido o comandante do exército de Azamor, deparava-se a Nuno Fernandes a oportunidade de alargar as conquistas lusas em direcção ao interior marroquino, sem a concorrência de outro capitão que lhe disputasse o protagonismo.

6.5 – A primeira aproximação a Marraquexe

Com a conquista de Azamor, a vitória sobre o exército do rei de Fez e os vários desbaratos sobre os xerifes e sobre o rei de Marraquexe, Portugal impôs-se como senhor incontestável de toda a costa atlântica deste o rio Morbeia até Santa Cruz do Cabo de Gué, com uma área de influência que, apoiada numa vasta confederação de mouros de pazes, se estendia por largas dezenas de Km pelo interior marroquino adentro, até às portas de Marraquexe. De facto, pareciam estar criadas as condições para se tomar a famosa "cidade vermelha", encurralada no sentido este-oeste entre os mouros de pazes tributários de Portugal e o Grande Atlas e ameaçada a norte e a sul pelo reino de Fez e pelo avanço dos xerifes. Foi neste contexto que, tal como escrevemos em anterior

[1331] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 184.

[1332] Sobre o falecimento de D. João de Meneses veja-se Teresa Lacerda, "D. João de Meneses, um retrato da nobreza portuguesa em Marrocos", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, pp. 129-130.

publicação, "*o reino de Marraquexe tremeu perante o crescente poderio luso e solicitou a vassalagem a Portugal através de carta enviada ao soberano português*"[1333].

Este temor do rei de Marraquexe pela crescente afirmação da presença portuguesa no sul marroquino é, aliás, atestado pelo facto de ter recusado ajuda ao vice-rei de Méknes, depois de este ser desbaratado pelos mouros dos Xerquia, a seguir à Batalha dos Alcaides. De facto, diz-nos Damião de Góis que Muley Naçer, "*por saluar sua pessoa se acolheu com alguns dos seus a serra, & dahi com muita perda e deshonrra, se tornou pera seu regno*"[1334]. No entanto, segundo o testemunho de D. João de Meneses, em carta a D. Manuel de 6 de Maio de 1514, "*Moley Nacer se hya na volta de Marroquos, e que lhe nam acudyra o Xaryfe, nem o mesmo rrey de Marroquos, nem a mais jente por que esperava*"[1335]. Já António Correia, em carta a D. Manuel, de 10 de Maio de 1514, informava de que Muley Naçer "*se hya caminho de Maroquos, pêra ser senhor de Maroquos e d'ahy senhorear toda a terra*"[1336]. Uma vez que o exército do vice-rei de Méknes acabava de ser desbaratado pelos mouros da Xerquia, seria altamente improvável que tentasse qualquer iniciativa militar contra Marraquexe, como sugere António Correia. Pelo contrário, e tal como referido por D. João de Meneses, o irmão do rei de Fez procurou o apoio do rei de Marraquexe e este, seguramente por temer represálias por parte dos portugueses, recusou o seu pedido. De resto, as palavras de Estêvão Rodrigues Bérrio, em carta a D. Manuel de 19 de Maio de 1514, são bastantes elucidativas:

[1333] Fernando Pessanha, "Os 500 anos do ataque português a Marraquexe e a acção do capitão Nuno Fernandes de Ataíde", in *Jornal do Algarve*, Nº 2873, 19 de Abril de 2015, p. 19.

[1334] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LI, p. 381. Ver também Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 198; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LVII, fl. 59v; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 119.

[1335] Carta de D. João de Meneses a D. Manuel, em 6 de Maio de 1514. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 15, maço 1, Nº 52. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CIV, p. 546.

[1336] Carta de António Correia a D. Manuel, em 10 de Maio de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 31. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CV, p. 550.

"*Ffaço a ssaber a Vossa Alteza que ho senhor de Marocos e ho senhor da Sserra nom quysserrom vyr a chamada do Molley Nasserre. Parresse-me que estam mays do bordo de Vossa Alltezaa querrerrem comssertassom mays que outrra coussa nenhüa*"[1337].

De facto, Estêvão Rodrigues Bérrio não se enganou, já que o hintata Muley Naçer[1338] não só recusou o auxílio ao irmão do rei de Fez, como pouco tempo depois procurou tornar-se vassalo do rei de Portugal através de uma missiva enviada para o reino e que teve como portador Fernão Dias[1339]. Sabemos da existência desse documento através da carta de D. Manuel ao rei de Marrocos, em 8 de Agosto de 1514:

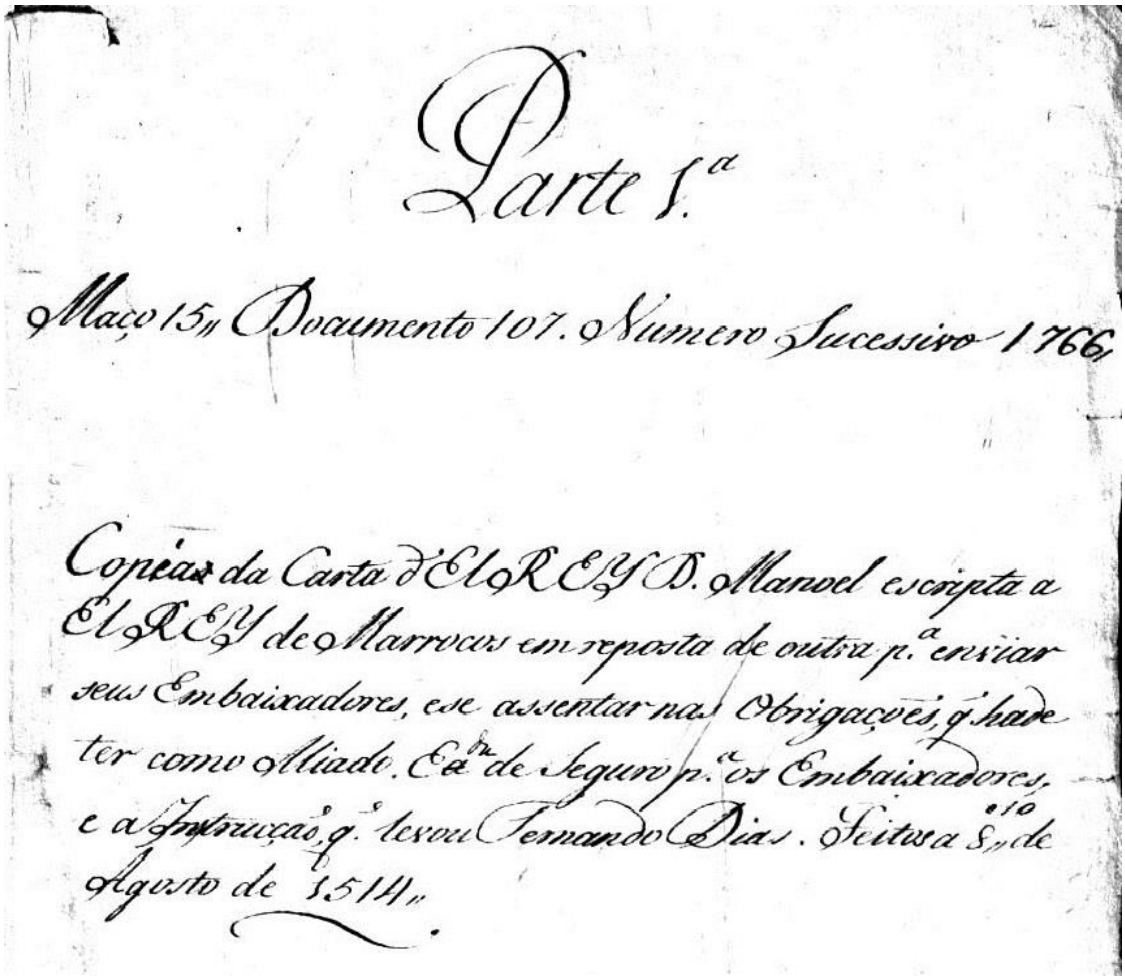
"*Muito honrrado amtre os Mouros rrey de Marocos, nos Dom Manuel, etc., vos fazeemos saber que vimos vosa carta, que nos emviastes per Fernam Diaz, noso cavaleiro, e ouvemos prazer de ver por ella vosa booa vomtade que temdes pera as cousas de noso serviço e as obras com que vos oferecees a nos servir, e tudo recebemos de vos em muyto serviço*"[1340].

[1337] Carta de Estêvão Rodrigues Bérrio a D. Manuel, em 19 de Maio de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 39. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CVI, p. 555.

[1338] Sobre a dinastia Hintata veja-se Pierre de Cenival (1937), "Les émirs des Hintāta, 'rois'de Marrakech", in *Hespéris*, XXIV-4, pp. 245-257.

[1339] Já em 20 de Junho de 1514 o capitão de Azamor Rui Barreto dava instruções para se dar a Fernão Dias Aravia dois mil réis para mantimento de sua mulher, enquanto ia a Marrocos chamar os mouros de pazes. Ver A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 48, Nº 80.

[1340] Carta de D. Manuel ao rei de Marraquexe, Moulay en-Naçer, em 8 de Agosto de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 107. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CXII, pp. 587-589.


Parte 1.ª

Maço 15. Documento 107. Numero Successivo 1766

Copias da Carta d'El R.ey D. Manoel escripta a El Rey de Marrocos em resposta de outra p.ª enviar seus Embaixadores, ese assentar nas Obrigaçoes q.e hade ter como Aliado. E a.ª de Seguro p.ª os Embaixadores, e a Instrucção q.e levou Fernando Dias. Feitas a 8.º de Agosto de 1514.

Fig. 120 - Frontispício de Cartas do rei em resposta de uma carta do rei de Marraquexe, que lhe disse que ia levar seus embaixadores, para se assentar nas obrigações, que devia ter, como aliado. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 107.

O monarca português não perdeu tempo a passar o salvo-conduto e a enviar Fernão Dias com as condições dessa vassalagem. É, portanto, através deste documento que sabemos que o rei de Marraquexe deveria receber a bandeira portuguesa e jurar cumprir os seus deveres como bom e leal vassalo. De resto, determinavam as condições que Muley Naçer se tornasse amigo dos amigos de Portugal e inimigo dos seus inimigos, devendo fazer-lhes guerra quando solicitado. As condições determinavam ainda o pagamento anual de uma onça de ouro por cada casa de mouro ou judeu da cidade, assim como o envio cinco cavalos. Por fim, o rei de Marraquexe deveria conceder todas as facilidades para a construção de uma fortaleza, para além de entregar um filho como refém e mais três ou quatro outros notáveis da cidade.

Refira-se que, para além destas condições, Fernão Dias levava outras instruções secretas, discriminadas num documento redigido pelo secretário do monarca português, entre 8 e 10 de Agosto[1341]. É através deste documento que ficamos a saber que o cavaleiro português estava incumbido de persuadir o rei de Marraquexe, mostrando-lhe as vantagens de se tornar vassalo de Portugal já que, tal como se acabava de verificar com a Batalha dos Alcaides ou com a expedição que os capitães de Tânger e Arzila acabavam de realizar contra Alcácer, o rei de Fez nada conseguia contra os portugueses. As instruções para Fernão Dias determinavam ainda que se Muley Naçer não aceitasse pagar uma onça de ouro por cada casa, o tributo poderia ser reduzido para metade, caso este concordasse com todas as outras condições. O enviado português deveria também apurar quantos filhos tinha o rei, assim como as suas idades e quais os preferidos, do mesmo modo que deveria identificar os seus conselheiros e os nomes dos seus filhos. Por fim, deveria informar-se sobre os recursos humanos (gente de cavalo e de pé) dentro e fora da cidade, assim como as suas fortificações, nomeadamente, sobre as torres, muralhas e alcáçova.

Desconhecemos o resultado destas negociações, ou se realmente chegaram a existir. É certo que investigadores como David Lopes e Durval Pires de Lima referem o documento que atesta a intenção do rei de Marraquexe em tornar-se vassalo de Portugal. De facto, David Lopes fá-lo de maneira mais aprofundada[1342], enquanto Durval Pires de Lima e outros autores limitam-se a fazer brevíssimas referências[1343]. No entanto, nenhum destes investigadores esclarece o envolvimento de Ataíde neste processo. De facto, a análise cuidada da epistolografia permite-nos perceber que já a carta do capitão de Safim a D. Manuel, em 29 de Junho de 1514, denunciava o estabelecimento de

---

[1341] Instruções para Fernão Dias, entre 8 e 10 de Agosto de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 107. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CXIII, pp. 590-595.

[1342] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p.50. Do mesmo autor veja-se também *A Expansão em Marrocos*, p. 31.

[1343] Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 60; David Lopes, *A Expansão em Marrocos*, p.31; João Paulo Oliveira e Costa & Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaides – 1514. No Apogeu da Presença Portuguesa em Marrocos*, p. 78; João Paulo Oliveira Costa, *D. Manuel I*, p. 243.

contactos com Muley Naçer para "*este ffeyto de Marrocos*", nomeadamente, através da acção de Yssaque Bem Zamerro, o médico e rabino dos judeus de Safim[1344]:

"*Eu, Senhor, ho escolhy per este negocio, porque he pessoa em qu'eu muito confyo nas coussas de vosso serviço, e tenho necessydade d'ele per estas coussas, e tem descryção pera ysto, e sabe bem as coussas de ca (...) e por estas coussas vera Vossalteza se tenho eu rrezão de conffyar d'ele este feyto de Marrocos*"[1345].

Vemos, deste modo, que Nuno Fernandes esteve na origem do contacto que desencadeou a solicitação de vassalagem a Portugal por parte do rei de Marraquexe. Aliás, dificilmente poderia ser de outra forma, já que Ataíde, após a Batalha dos Alcaides e a morte de D. João de Meneses, afirmou-se não só como "*a pessoa priçipal (...) entre os mouros*"[1346], mas também como o capitão mais destacado e poderoso de todo o conjunto das praças de Marrocos sob ocupação portuguesa, ainda que fosse de condição social inferior quando comparado a alguns dos outros capitães, como D. Pedro de Sousa, o então capitão de Azamor que mais tarde viria a ser titulado Conde do Prado[1347], ou o Conde de Alcoutim D. Pedro de Meneses, que por então era capitão de Ceuta[1348].

[1344] Sobre Yssaque Bem Zamerro veja-se, a título de exemplo, a Carta Patente de D. Manuel, de 4 de Maio de 1509. A.N.T.T., Leitura Nova, *Livro das Ilhas*, fls. 179-179v. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. XXXII, p. 175, nota 1. Como exemplo da correspondência que Ibrahim ben Zamirou mantinha com o monarca português veja-se a Carta do rabino Ibrahim ben Zamirou a D. Manuel, em 5 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 21. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVI, pp. 281-283.

[1345] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 29 de Junho de 1514. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 5, Nº 12. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Tomo I, Doc. CX, p. 573.

[1346] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo L, p. 377.

[1347] A nomeação de D. Pedro de Sousa para a capitania de Azamor encontra-se referida numa carta de D. Manuel a D. João de Meneses, em 24 de maio de 1514. Ver carta de D. Manuel a D. João de Meneses, em 24 de Maio de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 8, Nº 9. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CVII, pp. 559-560. Ver também Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LI, p. 381; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, pp. 198-199;

De facto, o poder de Ataíde permitiu-lhe inclusivamente intrometer-se em assuntos da responsabilidade dos capitães de outras praças, tal como aconteceu nesse mesmo ano de 1514, pouco depois de D. Pedro de Sousa, após o clima de tensão instalado entre Rui Barreto e João Soares[1349], ter chegado à capitania de Azamor. Com efeito, decorria o mês de Outubro quando Nuno Fernandes mandou o almocadém Diogo Lopes à Xerquia, então sob jurisdição de Azamor[1350], com ordens para que os mouros

---

Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, Capitulo VIII, p. 733; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 119. Tal como no caso de Nuno Fernandes de Ataíde, também Garcia de Resende regista a presença de D. Pedro de Sousa no célebre cortejo de 23 de Dezembro de 1490, em Évora, onde o fidalgo "*trazia um matador, e dizia: vuestra vida desbarata Mas do queste roba y mata*". Ver Garcia de Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Capítulo CXXVIII, p. 104. D. Pedro de Sousa acabaria por vir a ser titulado Conde do Prado, em 1526. Ver António Caetano de Sousa, *Historia Genalogica da Casa Real Portugueza*, Tomo XII, Parte II, Capitulo XXXI, p. 916; Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra*, Vol. III, p. 390.

[1348] Segundo Damião de Góis, D. Pedro de Meneses deu início à sua capitania em Ceuta em 1512, "*onde esteue por capitam, & Gouernador ca cidade cinco anos*". Ver Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XL, p.3 53. Seja como for, já em 1508 D. Manuel tinha escrito a D. Fernando de Meneses, o segundo Marquês de Vila Real, a pedir-lhe para colocar no governo de Ceuta o seu filho D. Pedro de Meneses, segundo Conde de Alcoutim, que nessa altura já tinha idade suficiente para o desempenho do cargo. Porém, de acordo com D. Jerónimo de Mascarenhas, o segundo Conde de Alcoutim não deve ter partido logo, uma vez que várias memórias de 1509 indicam continuar a governador por essa altura Pedro Barbas. Ver Jerónimo de Mascarenhas, *Historia de la Ciudad de Ceuta*, Capitulo 67, p. 261; Fernando Pessanha, *D. Fernando de Meneses – Capitão de Ceuta, 1º Conde de Alcoutim e 2º Marquês de Vila Real*, p. 62.

[1349] Sobre o clima de tensão instalado entre o oficialato de Azamor, em função da relutância de Rui Barreto em entregar a capitania provisória da cidade a João Soares, veja-se a carta de António Leite a D. Manuel, em 27 de Julho de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 97. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXI, pp. 575-588. A este respeito ver também a carta do Padre Gonçalo Ribeiro de Almeida, prior de Lagos e de Azamor, para D. Manuel, notificando a chegada de João Soares e a desobediência de Rui Barreto na recusa da entrega da capitania de Azamor. Documento publicado por Maria Augusta Lima Cruz, "Documentos inéditos para a história dos portugueses em Azamor ", in *Arquivos do Centro Cultural Português*, pp. 134-135. Sobre este assunto vejam-se também David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos…", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 526; Fernando Pessanha, "Rui Barreto: a capitania do alcaide-mor de Faro em Azamor", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLI, pp. 140-141.

[1350] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LIII, p. 383. Ver também Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 199; Manuel de Faria e

daquela região pagassem as páreas que eram devidas àquela praça[1351]. Deste episódio fica claro que Nuno Fernandes, não obstante D. Pedro de Sousa ser o capitão de Azamor (e de condição social manifestamente superior), assumia uma autoridade que ultrapassava largamente as suas responsabilidades, colocando-se num plano altivo relativamente aos demais capitães portugueses[1352], chegando mesmo a interceder por eles em várias situações. Aliás, é o próprio Damião de Góis a referir que estes mouros da Xerquia:

"*nam conheciam outro capitão em nome del rei dom Emanuel senam Nuno fernandez dataide, & que com elle contrataram & por amor delle se vieram viuer a Xerquia, que se lhe dom Pedro de sousa nam quisesse guardar suas liberdades, se tornariam pera terra de Marrocos donde vieram, por os elle tratar muito mal depois que era capitão de Azamor*"[1353].

Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, pp. 120-121; *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXX, p. 609, nota 2.

[1351] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LIV, p. 384. Ver também Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 199; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 121.

[1352] Veja-se, a título de exemplo, quando Nuno Fernandes escreveu ao rei a pedir-lhe para dar instruções a Diogo de Azambuja, que em Janeiro desse ano tinha sido nomeado capitão de Aguz, para não acolher nenhum homem no castelo sem o consentimento do capitão de Safim. Ver carta patente de D. Manuel de 18 de Janeiro de 1515. A.N.T.T., *Chancelaria de D. João III*, liv. 47, fl. 127. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CXXXIV, pp. 672-675; Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 3 de Maio de 1515. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 81. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CXXXVIII, pp. 693-694. Pedro Pinto intitulou este documento como "*carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel I sobre uma diferença mantida com D. Pedro de Sousa, pedindo ao Rei que Diogo de Azambuja não aceite nenhum homem em Aguz sem assinado seu*". Ver Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 267.

[1353] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LIV, p. 384. Segundo D. Jerónimo Osório, "*diziam eles que não conheciam D. Pedro de Sousa, mas sim a Nuno Fernandes de Ataíde, que com êste e não com o Sousa pactearam a trazida do trigo*". Ver Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 199. Ver também Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…,* Tomo I, p. 735; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 121.

De resto, foi este envio do almocadém Diogo Lopes à Xerquia, em Outubro de 1514, a estar na origem de um feito digno de registo e que encheu Nuno Fernandes de inveja: a primeira incursão lusa às portas de Marraquexe. De facto, estes mouros da Xerquia, oriundos do termo da "cidade vermelha", viviam debaixo da protecção portuguesa, em virtude do muito labor político e militar desenvolvido por Ataíde no decurso dos últimos anos[1354]. Foi, portanto, com a intenção de manter a fidelidade destas tribos que o almocadém Diogo Lopes os persuadiu a atacarem os aduares dos seus conterrâneos, aliciando-os com os despojos do combate. Foi assim que o almocadém, juntamente com vinte e seis portugueses, reuniu quatrocentos e vinte e sete mouros e atacaram este alvo localizado a mais de uma légua de Marraquexe[1355]. Dos despojos resultaram cinquenta e três prisioneiros, para além de muito gado grosso e miúdo. Refira-se que alguns dos mouros de pazes mais arrojados dirigiram-se às portas de Marraquexe e, dando com as "*lanças nas portas de "Marrocos*"[1356], bradaram vivas

[1354] Recorde-se que os mouros da Xerquia foram submetidos quando em 1512, depois de Ataíde ter desbaratado o rei de Marraquexe, os portugueses mataram o xeque Iahomazonde no decurso de um combate e espetaram a sua cabeça num pique, numa das portas da cidade, para servir de exemplo a quem se atrevesse a atacar Safim. Foi em troca do cadáver que toda a Xerquia se submeteu ao rei de Portugal, ficando Bentafufa por seu alcaide. Ver Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXIV, p. 341; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 179; Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 725; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 103.

[1355] Alertamos que, quando André Teixeira refere que Diogo Lopes instigou estes mouros "*a atacar esta cidade* (Marraquexe)", está a usar uma hipérbole, já que tal seria uma missão manifestamente suicida. Ver André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, p. 202 e "Nuno Fernandes de Ataíde et l'intervention portugaise à l'interieur des terres du Maroc", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, p. 111. Para sermos mais precisos, o alvo foram uns aduares "*assentados pouco mais de uma legoa de Marrocos*". Ver Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LIV, p. 384. Veja-se também Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 199; Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…,* Tomo I, p. 735; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 121.

[1356] O próprio Diogo do Couto, ainda que contrário às guerras portuguesas no Norte de África, assinala este feito com admiração. Veja-se Diogo do Couto, *O Soldado Prático*, Segunda Parte, Cena IV, p. 135. Para além dos autores atrás mencionados, este episódio é também referido por David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, pp. 500-501 e *A*

a D. Manuel. O rei de Marraquexe, afrontado com tal ousadia, "*que era a maior, que aquella grande Cidade tinha até então recebido*"[1357], ainda saiu da cidade para desbaratar os portugueses e os seus aliados. Porém, estes bateram em retirada, levando os cativos para Safim e o gado para a Xerquia. Este acontecimento, muito celebrado em Safim, cobriu de glória o almocadém, o que despertou a inveja do capitão Nuno Fernandes de Ataíde, que não lhe queria ficar atrás. A este respeito, vale bem a pena recordar as laudatórias palavras do "Cícero Português":

"*Pareceu façanha incrível um almocadém, um homem plebeu atrever-se tanto com tão ténue esquadra, ainda essa de gente pela muito mor parte suspeita, penetrar aonde o mui valente capitão Nuno Fernandes de Ataíde duvidou de entrar, ainda mesmo ajuntando-se com êle para a facção D. João de Meneses*"[1358].

Mas perguntemo-nos: quem era este "*plebeu*"? Se as informações facultadas pelas fontes são relativamente intermitentes quanto a personagens como Nuno Fernandes de Ataíde, mais o são quando a figuras de condição social inferior, como o almocadém Diogo Lopes. Certamente Ataíde tê-lo-á conhecido em Arzila, durante a sua frontaria naquela praça. De facto, Bernardo Rodrigues refere o "*adail Lopo Barriga (...) que tão bem foi adail, e de Diogo López Penteado, almocadem, os quais fôrão d'Arzila*"[1359]. Com efeito, encontramo-lo a prestar serviço em Arzila, pelo menos desde 1498, tal como podemos confirmar pelas ordens do conde de Borba para se prodecer ao pagamento de quem servia naquela praça naquele ano[1360]. De resto, apurámos que em

---

Expansão em Marrocos, p. 32; Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, pp. 59-60, João Paulo Oliveira Costa, *D. Manuel I*, p. 244, etc.

[1357] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…,* Tomo I, p. 735.

[1358] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 200.

[1359] Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, Vol. I, Livro I, Capítulo VIII, p. 41.

[1360] Vejam-se, a título de exemplo, "*Ordem do conde de Borba, capitão e governador de Arzila, ao almoxarife Aníbal Teixeira para pagar o mantimento devido aos que ali serviram em Julho de 1498*", em 31 de Julho de 1498. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 2, Nº 98. Documento publicado por António Dias Farinha in *Portugal e Marrocos no século XV*, dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Vol. III, Doc. 160, pp. 278-304; "*Ordem do conde de Borba, capitão e governador de Arzila, ao almoxarife Aníbal Teixeira para pagar o*

1509, Diogo Lopes Penteado, então referido como "*cavaleiro da Casa Real*"[1361], solicitou ao físico de Arzila, para recolher os seus soldos e pertences relativos ao tempo em que serviu nesta praça.

Refira-se, por outro lado, que quando Nuno Fernandes chegou a Safim proliferavam as intrigas e rivalidades entre os portugueses, nomeadamente, as que resultavam em queixas contra o adaíl Lopo Barriga e o almocadém Diogo Lopes[1362]. Porém, o capitão não terá dado crédito às queixas já que os conservou nos respectivos cargos[1363]. Vemos, deste modo, que Diogo Lopes era um homem da inteira confiança de Nuno Fernandes, já que na qualidade de almocadém, competia-lhe seguir na frente, guiando e encaminhando o capitão e demais exército durante as incursões militares[1364]. O reconhecimento pelos riscos inerente às suas funções é, de resto, evidente pelo soldo auferido, uma vez que a tença anual deste "*plebeu*" era superior à do próprio adail Lopo Barriga, tal como podemos confirmar pelo *Rol dos mantimentos, de direitos e soldos e tenças de derradeiro quartel de 1511 que há-de pagar Estevão d'Aguiar, feitor de Çafim*[1365]. Como é de conhecimento comum, o ofício de almocadém era frequentemente desempenhado por mouriscos ao serviço dos portugueses, uma vez que estes eram os

---

mantimento devido aos que ali serviam", em Dezembro de 1498. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 2, Nº 101. Documento publicado por António Dias Farinha in *Portugal e Marrocos no século XV*, dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Vol. III, Doc. 164, pp. 322-333.

[1361] "*Procuração de Diogo Lopes Penteado, cavaleiro da Casa Real, ao mestre António, físico na vila de Arzila, para arrecadar do almoxarife da mesma todos os soldos, mantimentos e outras coisas que lhe forem devidas, do tempo que serviu na mesma vila*", em 11 de Agosto de 1509. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 18, Nº 85.

[1362] Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 35.

[1363] Refira-se, aliás, que não são conhecidos quaisquer documentos que atestem repercussões quanto às acusações de que eram alvo.

[1364] Sobre as competências e responsabilidades inerentes a este ofício militar veja-se Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém-mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, pp. 99-100; António Dias Farinha, "História de Mazagão durante o Período Filipino", in *Stvdia*, Nº 26, p. 254; Otília Rodrigues Fontoura, *Portugal em Marrocos na Época de D. João III…*, p. 26; Augusto Ferreira do Amaral, *Mazagão, A Epopeia Portuguesa em Marrocos*, p. 226; João Cosme, *A Guarnição de Safim em 1511*, XVII; Otília Rodrigues Fontoura, *Portugal em Marrocos na Época de D. João III*, p. 27.

[1365] João Cosme, *A Guarnição de Safim em 1511*, p. 140.

melhores conhecedores das realidades geográficas[1366]. Seria Diogo Lopes mourisco? André Teixeira refere-se a ele enquanto português[1367]. Mohamed el Attar, por outro lado, baseia-se em David Lopes[1368], ao referir que este almocadém era natural de Safim e cristão-novo de mouros de pazes[1369]. Porém, e tal como anteriormente referimos, a referência mais antiga a Diogo Lopes remete-o para Arzila e não para Safim. Desconhecemos em que se terá baseado David Lopes para considerá-lo mourisco, já que as crónicas quinhentistas, ao contrário do que acontece com mouriscos como o almocadém de Arzila Gonçalo Vaz[1370], não fazem qualquer alusão a Diogo Lopes enquanto cristão-novo de origem magrebina. Refira-se, aliás, que o supracitado rol de pagamentos da guarnição de Safim relativa ao último quadrimestre de 1511 não refere este almocadém como "mouro", ao contrário do que acontece com outros magrebinos que também combatiam a cavalo, como Bulbacar, Ciba, Arraho ou Benamira[1371]. Note-se ainda que Damião de Góis, ao relatar o célebre ataque português a Marraquexe de 1515, refere que o capitão mandou

"*diante Diogo Lopez almocadém com dous mouros a descobrir e nas costas delles fernaõ Dominguez, com algus besteiros, & espingardeiros. O almocadém com os dous mouros entrou dentro da barreira ate chegar a hua mezquita (…)*"[1372].

[1366] Fernando Pessanha, "Os mouriscos nos Algarves Portugueses – Uma perspectiva generalista sobre uma minoria étnica", in congresso internacional *Los Descendientes Andalucíes «Moriscos» en Marruecos, España y Portugal*, pp. 249-250; Otília Rodrigues Fontoura, *Portugal em Marrocos na Época de D. João III…,* p. 27; António Dias Farinha, "História de Mazagão durante o Período Filipino", in *Stvdia*, Nº 26, p. 254; Augusto Ferreira do Amaral, *Mazagão, A Epopeia Portuguesa em Marrocos*, p. 226.

[1367] André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, p. 202.

[1368] David Lopes, *Les Portuguais au Maroc*, "Les Portugais au Maroc", in *Revue d'Histoire Moderne*, T. XIV, Nº 39, 1939.

[1369] Mohamed el Attar, *Os portugueses na região meridional de Marrocos 1505-1541*, dissertação de mestrado em História, Especialidade História dos Descobrimentos e da Expansão, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2016, p. 122.

[1370] Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, Vol. I, Livro II, Capítulo XXXVII, pp. 223-226.

[1371] João Cosme, *A Guarnição de Safim em 1511*, p. 144.

[1372] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 424.

Como podemos confirmar, Damião de Góis refere sempre o "*almocadém com dous mouros*", e não o almocadém acompanhado por "outros dois mouros", o que nos permitiria perceber se Diogo Lopes seria efectivamente de origem magrebina. Seja Como for, e independentemente da raça e etnia do célebre almocadém, esta "*cavalgada que agora sse ffez as partes de Marrocos*", foi referida pelo próprio Nuno Fernandes de Ataíde em carta ao rei de 16 de Outubro de 1514[1373]. De resto, esta acção acabou por ser bem representativa da atracção que Marraquexe representava no espírito inquieto dos portugueses e de quais as suas intenções face à "cidade vermelha". Estava feita a primeira aproximação.

6.6 – A guerra contra o xerife: o desbarato de Muley Ahmed Aláreje e as expedições contra Amagor, Agaballo e Algel

Realizada a expedição do almocadém Diogo Lopes às proximidades de Marraquexe, em Outubro de 1514, Ataíde não descurou de fazer guerra às terras da Xiátma, disputada pelos portugueses de Safim e pelas forças do xerife. De facto, diz-nos Nuno Gato, em carta ao rei de 14 de Novembro de 1514, que o capitão concentrou grande número de lanças em Sidi Chiker, a povoação sobre o rio Tensift localizada a apenas sessenta e cinco Km de Marraquexe[1374]. Entre cavaleiros de Safim, de Abda e de Garabia o "*nunca esta quedo*" juntou duas mil lanças "*que foy a mor coryda que eu nunca vym*"[1375], para dar caça a sete aduares localizados em Marame, a oito léguas de distância, em terras da Xiátma. No entanto, passados quatro dias a explorar o campo e sem encontrar os aduares, Ataíde acabou por regressar a Safim com as suas forças. No que se refere a Marame, tentámos identificar a sua localização. Foi nesse sentido que, a partir de Sidi Chiker, procurámos topónimos potencialmente correspondentes

[1373] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 16 de Outubro de 1514. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 15, maço 16, Nº 32. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXV, p. 646. Documento igualmente publicado in *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. V, pp. 42-45.

[1374] Trata-se da mesma povoação onde, em Fevereiro de 1514, Lopo Barriga e Bentafufa tomaram conhecimento dos aduares localizados nas proximidades de Alborge que se iam juntar às forças do xerife.

[1375] Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 14 de Novembro de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 16, Nº 111. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXIX, p. 656.

transformando as oito léguas referidas por Nuno Gato[1376] em quarenta e oito Km, mas sem resultados satisfatórios. Identificámos, no entanto, M´ramer[1377], pequeno município rural da província de Essaouira, na região Marrakech-Tensift-Al Haouz, não à distância referida por Nuno Gato, mas sim a aproximadamente setenta e sete Km a oeste-sudoeste de Sidi Chiker.



Fig. 121 - Rota pedestre entre Sidi Chiker e M' Ramer, de acordo com o Mapcarta. (On line) Disponível em: https://mapcarta.com/pt/17416138/A_p%C3%A9 (Consultado em 15 de Agosto de 2021).

De resto, se tivermos em consideração que o Castelo Real do Mogador (o forte português mais próximo de M´ramer) foi conquistado pelas tribos da Xiátma poucos

[1376] Também Durval Pires de Lima se referiu a esta entrada. Ver Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 60.

[1377] Não confundir com a Meramer situada a catorze milhas de Safim e referida por Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p.186 e por Luis del Mármol Carvajal, *Descripción General de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LVIII, fl. 60. Ver também Ortelius Abraham, *Fezzae et Marocchi regna Africae celebérrima* (1527-1598). S.D.R. (On line). Disponível em: https://exhibits.stanford.edu/renaissance-exploration/catalog/cf043dn8189 (Consultado em 20 de Novembro de 2019); Nicolas Sanson, *Estats et royaumes de Fez et Maroc, Dahra et Segelmesse tirés de Sanuto, de Marmol, etc*. (1655), B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8044). (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8595420g/f1.item.zoom (Consultado em 20 de Novembro de 2019).

anos antes, em 1510[1378], parece natural que os aduares que não pagavam tributo a Portugal circulassem com alguma tranquilidade pela Xiátma, principalmente depois de as forças do xerife terem chegado àquela região, em 1512. Pelo contrário, as tribos da Xiátma que pagavam tributo a Portugal estavam sujeitas à retaliação dos xerifes, o que fazia com que os mouros tributários se vissem na necessidade de pedir auxílio a Ataíde, tal como aconteceu em finais de 1514. De facto, diz-nos Diego de Torres que, depois da morte do velho xerife, os seus filhos

"*iuntando la más gente que pudieron, entraron por tierra de Uludxema haziendo grandes daños en los vassallos del Rei, los quales acudieron a Nuño Fernández de Ataide que les embiasse alguna gente com que poderlos resistir*"[1379].

Note-se, no entanto, que Diego de Torres, não obstanta facultar algumas informações pertinentes, comete bastantes erros a nível da datação dos acontecimentos, chegando mesmo a alterar, em diversos casos, a ordem cronológica das ocorrências resgistadas por Damião de Góis e pelas fontes epistolográficas. É o que acontece no presente caso, que o cronista situa já depois de episódios bélicos ocorridos em 1515, como as expedições contra o castelo de Amagor, Miatbir ou Marraquexe. Quanto a Damião de Góis, mais próximo dos acontecimentos, regista para a presente situação que

[1378] Não é conhecida a data exacta da perda do Castelo Real do Mogador. Porém, sendo de Maio de 1510 a nomeação do seu último capitão, Nicolau de Sousa, é de supor que o castelo se terá perdido no decurso da segunda metade de 1510. A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fls. 129-129v. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc,* Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXXVII, pp. 226-229. A carta Nuno Gato ao rei de 4 e 5 de Dezembro de 1510 é o único documento conhecido a referir a perda do Castelo Real. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 5, Nº 38. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CLIII, p. 261. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 448-451.

[1379] Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XVIII, pp. 55-56. Como observou Mercedes García-Arenal, a "*Uludxema*" referida por Diego de Torres corresponde à "*Awlád Siyádma*". Veja-se Mercedes García-Arenal (publ.), *Diego de Torres. Relación del origen y suceso de los xarifes y del estado de los reinos de Marruecos, Fez y Tarudante*, p. 74, nota 123.

"*Os de Xiatma, & com eles Side bugima se vieraõ a queixar a Nuno fernandez dataide que o Serife por serem vassallos del Rei dom Emanuel, os lançaua fora das suas terras, fazendo-lhe todo o danno que podia, pelo que lhe pediam que mandasse com eles Lopo barriga, com alguma gente pera os defender*"[1380].

Nuno Fernandes, sem aceitar o pedido de paz entretanto solicitado pelo xerife, enviou então Lopo Barriga com cinquenta lanças, tal como o refere em carta a D. Manuel datada de 27 de Dezembro de 1514:

"*oje parte o Adayll com cymquoenta de cavalo a favorecer ho azemell de Syatema, de que tem cargo Bujuma, os quaes lavram, Senhor, ao lomgo d'essa rybeyra d'Aguz, e por Aljuma ata Meramer, que sam bem cymquoenta aduares*"[1381].

Esta pequena força comandada pelo adail, depois de se juntar com os tributários da Xiátma, atravessou a serra de Farrobo, onde tomou conhecimento de que o xerife tinha acabado de atacar uns aduares. Segundo os cronistas, Lopo Barriga apressou-se a atacar a retaguarda, matando alguns adversários e capturando outros. Porém, não contente com o saque, e de modo a reduzir a desproporção numérica entre a sua pequena força e os homens do xerife, pediu reforços a Nuno Fernandes, que lhe mandou mais cinquenta lanças comandadas por Jorge Mendes de Ataíde, o natural do Algarve que, como anteriormente referimos, acompanhou Ataíde durante toda a sua permanência em Safim. Os portugueses e os seus aliados, cujos quantitativos desconhecemos para esta situação de guerra, foram então atacados por mil e seiscentos cavaleiros mouros, oito dias depois do último encontro. Porém, foi tal a forma como organizaram os seus azes e como combateram que "*o recontro foi muito porfiado e valorosamente de ambas as partes pelejado*"[1382]. De facto, este combate foi detalhadamente narrado por Damião de Góis, D. Jerónimo de Osório, Luis del Mármol Carvajal e Diego de Torres que, tal como Pedro de Mariz ou Manuel de Faria e Sousa, mais sucintos nas suas narrativas,

---

[1380] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXI, p. 420.

[1381] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 27 de Dezembro de 1515. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 19, Nº 58. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CXXXII, p. 669.

[1382] Jerónimo de Osório, *Da Vida e Feitos D' El Rei D. Manuel*, Tomo II, p. 221.

não pouparam elogios ao desempenho do adail Lopo Barriga, que excedia "*em valentia a muitos dos famosos de seu tempo*"[1383], tendo morto o xeque Bentagomim e um seu filho. De resto, a pugna teve como resultado a morte de mais de cem cavaleiros mouros, entre os quais Abdelquibir, primo do xerife, e o desbarato das forças mouras, que viraram as costas aos portugueses abandonando pendões e timbales[1384].

Não se pense que esta façanha de Lopo Barriga contra o xerife foi um acto isolado. Pelo contrário, e tal como podemos confirmar pela epistolografia e pela cronística, as acções comandadas pelo adail de Safim ganharam novo impulso neste ano de 1515, muito em virtude das ambições de Nuno Fernandes de Ataíde na conquista de Marraquexe, nomeadamente, depois da expedição do almocadém Diogo Lopes às portas da "cidade vermelha", em Outubro do ano anterior. De facto, era com alguma frequência que o capitão de Safim, de modo a ir preparando terreno, mandava Lopo Barriga e os seus homens de confiança visitarem os mouros de pazes, solicitando aos seus xeques que estivessem preparados para um grande empreendimento do qual haveriam de tirar grande honra e proveito. Ora, foi exactamente durante uma destas diligências que o adail de Safim tomou conhecimento de que o xerife[1385] se encontrava

---

[1383] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 737. Veja-se também Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXI, p. 420; D. Jerónimo de Osório, *Da Vida e Feitos D' El Rei D. Manuel*, Livro X, p. 221; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, pp. 122-123; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fls. 47-47v. Diego de Torres, ao referir-se às expedições comandas por Lopo Barriga, afirma que este "*fue uno de los ombres más valerosos y temidos que uvo en Africa en aquel tiempo, y fuelo tanto que hasta oi día dura la fama de sus lançadas entre los Moros. Y quando un moro echa a otro alguna maldición, o amenazan las madras a los hijos, es con decir Mazara quehenta Barriga, que quiere dezir, lançadas te den de Barriga*". Veja-se Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XIX, pp. 59-60.

[1384] Para além dos cronistas mencionados, este combate foi também referido, embora de forma bastante sucinta, por Durval Pires de Lima e André Teixeira. Ver Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 62; André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, quadro 2, p. 202.

[1385] Segundo Mercedes García-Arenal tratava-se do xerife "*Abu l-Abbas Ahmad al-A' Ray*", a que nos temos vindo a referir como "*Muley Ahmed Aláreje*", "*el mayor de los hermanos Xarifes, hijo de Muhammad al-Qa'im, que gobernó de 1518 a 1544, anõ en que fue depuesto por su hermano menos Muhammad al-Sayj y desterrado a Tafilete*". Veja-se Mercedes García-Arenal (publ.), *Diego de Torres.*

aquartelado no castelo de Amagor, "*descuidado de o poderem lá saltear*"[1386]. Posto isto, e de modo a compreendermos em que contexto se deu o episódio bélico a que de seguida aludiremos, torna-se pertinente determinarmos a localização do castelo segundo as fontes históricas. De acordo com D. Jerónimo Osório, que seguiu de perto a crónica de Damião de Góis,

"*O castelo de Amagor fica no pino da serra, forte pelo alcantil que a recama toda por dous rios que a rodeiam. As campinas que, em cêrco, das fraldas da serra se dilatam, são tão largas que sustêm acima de 100 aldeias*"[1387].

O próprio Damião de Góis, que certamente consultou a *Descrição Geral de África* de Leão-o-Africano, situa este castelo numa *"terra áspera, cercada de rochedo, com duas rebeiras que o cingem todo, onde o Serife estaua, a qual villa he mui forte, & de grande termo, em que auera mais de cento, & oitenta aldeas"*[1388].

Não conseguimos identificar este topónimo na *Descrição Geral de África*, de Leão-o-Africano. No entanto, a descrição de Luis del Mármol Carvajal, que se inspirou nas narrativas do viajante mourisco, apresenta-se mais completa quando comparada com as narrativas atrás referidas. Segundo o militar e escritor castelhano,

"*Amagor es vna ciudad de ochocientos vezinos, q fue edificada por los antiguos Africanos del pueblo de Muçamoda sobre vna montaña alta y muy fragosa, y esta rodeada de dos peñas tajadas muy altas, y de dos riberas grandes. Tiene vn castillo muy furte, por naturaleza de sitio, y muchas aldeas pobladas de Beréberes, de aquel pueblo, por q alcança grandes términos. Los moradores tienen mucho ganado cabrio, y cogen infinita ceuada, y crian algunos cauallos, mas son géte bestial, y sumple de muy poco entendimento. Esta fue de las primeras ciudades que los xefes truxeron a su*

Relación del origen y suceso de los xarifes y del estado de los reinos de Marruecos, Fez y Tarudante, p. 72, nota 118.

[1386] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXII, p. 420.

[1387] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 211.

[1388] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXII, p. 421.

voluntad por amonestaciones, y assi hicieron en ella algunos dias su morada, y en aquel tiempo la saquearon los Christianos, como diremos aora"[1389].

Tal como podemos constatar pelos testemunhos quinhentistas, a Amagor onde se encontrava refugiado o xerife apresentava-se como um castelo forte, construído no cimo de uma montanha rodeada por dois rios e por múltiplas aldeias de gente aguerrida. Foi nesse sentido que, ao confrontarmos o itinerário narrado por Damião de Góis com imagens de satélite, procurámos fazer uma reconstituição aproximada do trajecto percorrido pelos portugueses durante esta expedição militar, assim como a localização do castelo de Amagor. De facto, diz-nos Góis que ponderado o assalto, Lopo Barriga se aconselhou com os xeques dos mouros de pazes que tinha ido visitar, de modo a ouvir pareceres e a avaliar recursos para tão arrojado empreendimento. O efeito surpresa parecia favorecer os portugueses, pelo que o adail de Safim não tardou a escrever a Nuno Fernandes, colocando-o ao corrente da situação e solicitando o envio de reforços com a maior brevidade possível, nomeadamente, o envio de homens de cavalo, besteiros e espingardeiros.

O capitão de Safim seguramente percebeu a vantagem de se lançar um ataque inesperado contra o xerife, ainda que se tratasse de um alvo manifestamente difícil e a uma distância considerável. Porém, a brevidade com que o "*nunca esta quedo*" despachou o seu sobrinho Álvaro Mendes de Cerveira à frente de duzentos cavaleiros e de cinquenta besteiros e espingardeiros de pé, "*sem demora alguma*"[1390], indica que o plano terá espicaçado o belicoso espírito de Ataíde[1391]. Segundo D. Jerónimo Osório, os reforços que partiram de Safim juntaram-se às forças de Lopo Barriga ao fim de oito dias. O percurso seguido por Álvaro Mendes de Cerveira é, no entanto, referido por Damião de Góis, que regista a partida de Safim na segunda-feira, depois do domingo de Lázaro[1392]. De acordo com o grande humanista português, os reforços foram ter a

---

[1389] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XVI, fls. 12-13.

[1390] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 211.

[1391] Fernando Pessanha, "O adail Lopo Barriga e a expedição contra o castelo de Amagor", in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3366, 30 de Setembro de 2021, p. 6.

[1392] Também Luis del Mármol Carvajal, baseando-se na narrativa de Damião de Góis, regista o percurso seguido pelas tropas comandadas por Álvaro Mendes de Cerveira, ainda que se engane ao remeter esta

Tednest, cidade de onde o xerife tinha sido expulso pelas forças de Nuno Fernandes de Ataíde, em Fevereiro de 1514. No entanto, ainda que Álvaro Mendes de Cerveira e os seus homens tenham sido bem recebidos nesta cidade, acabaram por não repousar nela, optando por seguir rumo ao "*arraial dos Arabes, que estava assentado junto do castello dos Moradis*"[1393]. Por fim, o restante percurso até ao local onde o adail de Safim e os mouros de pazes da Xiátma se encontravam acampados foi conduzido por um guia mouro que advertiu Álvaro Mendes de Cerveira do perigo que corria caso tropeçassem nas forças do xerife.

Concentradas as forças portuguesas com os mil mouros de pazes da Xiátma comandadas por Side Bogima[1394], assentaram arraiais no dia seguinte em Tazamor, cidade localizada a duas léguas do local de onde partiram e que poderá corresponder à *Tesegdelt* a que Leão-o-Africano se referiu como "*ciudad bastante grande com ochocientos hogares situada en la cima de um monte alto y rodeado de abruptos*

---

expedição para 1516. Veja-se Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XVI, fl. 13. Erro de datação, aliás, igualmente cometido por Diego de Torres, que se baseou em Mármol Carvajal. Ver Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XVII, p. 52. Este erro de datação foi igualmente notado em Mercedes García-Arenal (publ.), *Diego de Torres. Relación del origen y suceso de los xarifes y del estado de los reinos de Marruecos, Fez y Tarudante*, p. 72, nota 117.

[1393] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXII, p. 421. Segundo Mercedes García-Arenal, o castello dos Moradis corresponde à "*Culeihat el-Muridin de León (…) es decir, Qulay 'at al-muridin, a unos kilómetros al S. de la Qasba de Abu 'Abbud, y con Culeyhat el-muhaydin, de Mármol (…) «que quiere decir el castillo de los precicadores»*". Veja-se Mercedes García-Arenal (publ.), *Diego de Torres. Relación del origen y suceso de los xarifes y del estado de los reinos de Marruecos, Fez y Tarudante*, p. 73, nota 120.

[1394] Note-se que Damião de Góis, D. Jerónimo Osório e Pedro de Mariz não fazem qualquer referência ao quantitativo que compunha a força de mouros de pazes, seguramente com a intenção de atribuir maior protagonismo às forças portuguesas. Este número é, no entanto, avançado por Luis del Mármol Carvajal, Diego de Torres e Manuel de Faria e Sousa. Vejam-se Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XVI, fl. 13; Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XVII, p. 53; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 124.

peñascos, de modo que no necessita de murallas"[1395]. No sábado (véspera de Ramos) de 1515, os portugueses e os seus aliados foram amanhecer uma légua além de Tafetana[1396], localidade representada nas cartas náuticas dos séculos XIV e XV[1397] e referida por autores como Leão-o-Africano[1398], Duarte Pacheco Pereira[1399], Luis del Mármol Carvajal[1400] ou mesmo Nuno Fernandes de Ataíde, que a situa "*alem do Castelo Reall très legoas e junto ao mar hum quarto de meia legoa*"[1401].

[1395] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 150. Vejam-se também Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. X, fl. 10; Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, p. 110. Refira-se que *Tesegdelt* foi registada por Jodocus Hondius em *Fessae et Marocchi regna*. Também Livio Sanuto regista o topónimo de *tesegdeltum* no mapa *Marochia*, assim como Nicolas Sanson, em *Estats et royaumes de Fez et Maroc, Dahra et Segelmesse tirés de Sanuto, de Marmol, etc* e Johann Christoph Homann, em *Statuum Maroccanorum regnorum nempe Fessani, Maroccani, Tafiletani et Segelomessani*...

[1396] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXII, p. 421.

[1397] Vejam-se, a título de exemplo, o Atlas Catalão, de 1375. (On line) Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/35/1375_Atlas_Catalan_Abraham_Cresques.jpg (Consultado em 08 de Agosto de 2021); a carta náutica de Zuane Pizzigano, de 1424. (On line) Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/44/Pizzigano.jpg?fbclid=IwAR3oQw_JxqDufCIuEAtmDlRY8a-zPt-wXCC59nizTHLP1e26anP9j6wWQgI (consultada em 08 de Agosto de 2021); o portulano Albino Canepa, de 1489. (On line) Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7b/Portolan_chart_by_Albino_de_Canepa_1489.jpg?fbclid=IwAR0lpDlKRABNbM94eXjiR0AN2H5X6S7vF7kE-LNZP9ANHrGlT1Ii0_Y1JZI (Consultado em 08 de Agosto de 2021) ou a carta náutica de Jorge Aguiar, de 1492. (On line) Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/21/Jorge_Aguiar_1492_MR.jpg (Consultada em 08 de Agosto de 2021).

[1398] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, pp. 153-154.

[1399] Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Capítulo 19, pp. 69-70.

[1400] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XV, fl. 12.

[1401] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 27 de Dezembro de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 19, Nº 58. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CXXXII, p. 669.



Fig. 122 - A localidade de piscatória de Tafedna na actualidade. Vista no sentido Norte-Sul. Fotografia: Fernando Pessanha, 2021.

Segundo Góis, a hoste deteve-se mais precisamente numas aldeias conhecidas por Alfecefiz[1402], próximas de Santa Cruz do Cabo de Gué (então capitaneada por D. Francisco de Castro[1403]), de onde partiu rumo ao castelo de Amagor, localizado a oito léguas de distância[1404].

[1402] Não conseguimos identificar este topónimo nas fontes cartográficas consultadas. Porém, o *Fessae et Marocchi regna*, de Jodocus Hondius (1563-1612), refere uma localidade designada de "Adechis", ligeiramente a sul de Tafetana, que poderá eventualmente corresponder à "Alfecefiz" referida por Damião de Góis. Ver *Fessae et Marocchi regna*, de Jodocus Hondius (1563-1612). B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE SH 18 PF 224 DIV 2 P 16/1 D. (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53142992f (Consultado em 20 de Novembro de 2019).

[1403] D. Francisco de Castro foi nomeado governador de Santa Cruz do Cabo de Gué em 6 de Outubro de 1514. Ver *A dom Francisco de Castro, fidalgo da casa del-rei, mercê da capitania do castelo de Santa Cruz de Água de Narba, com todos os poderes e alçada e jurisdição nos feitos crimes e cíveis, dos quais usaria como usavam os outros capitães dos lugares de além*. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 15, fl. 148. Documento publicado in Joaquim Figanier, *História de Santa Cruz do Cabo de Gué (Agadir)*



Fig. 123 - Cidades por onde passaram as forças que em 1515 saíram de Safim com destino a Amagor em *Fessae et Marocchi regna*, de Jodocus Hondius (1563-1612). B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE SH 18 PF 224 DIV 2 P 16/1 D. (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53142992f (Consultado em 20 de Novembro de 2019).

1505-1541, pp. 310-311. Sobre este capitão veja-se a mesma obra, pp. 65-87 e *Chronique de Santa-Cruz du Cap de Gué (Agadir)*, pp. 24, 25, 36, 39, 52.

[1404] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXII, p. 421.



Fig. 124 - Cidades por onde passaram as forças que em 1515 saíram de Safim com destino a Amagor representadas no *Estats et royaumes de Fez et Maroc, Dahra et Segelmesse tirés de Sanuto, de Marmol, etc*, de Nicolas Sanson (1600-1667).
B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8044).
(On line) Disponível em:
https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8595420g/f1.item.zoom
(Consultado em 20 de Novembro de 2019).

Ora, se tivermos em consideração que cada légua corresponde a cinco ou seis Km, rapidamente chegamos à conclusão que o castelo de Amagor referido pelas fontes quinhentistas se encontraria a aproximadamente cinquenta e cinco Km a sul de Tafetana. Posto isto, torna-se pertinente determinar a sua localização. Refira-se, a este propósito, que já em 1934 tinha Pierre de Cenival avançado com uma localização aproximada de Amagor, "*actuellement en territoire Haha, près de l'embouchure de l'oued Igezzoulen et du port de Tafetna*"[1405]. Em 1945 Joaquim Figanier procurou sinalizar Amagor num mapa publicado em *História de Santa Cruz do Cabo de*

[1405] Pierre de Cenival, *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, p. 685, nota de rodapé 2.

Gué…[1406], tal como Otília Rodrigues Fontoura o fez em 1966, na sua dissertação de licenciatura em História que acabaria por ser publicada em 1998 sob o título *Portugal em Marrocos na Época de D. João III . Abandono ou permanência?*[1407]. Em 2010 foi a vez de André Teixeira avançar com uma localização aproximada de Amagor em "Nuno Fernandes de Ataíde et l'intervention portugaise à l'interieur des terres du Maroc"[1408], seguindo-se Frederico Mendes Paula em *Histórias de Portugal em Marrocos*, já em 2019[1409]. Ora, do confronto entre as informações facultadas pelas fontes, as possibilidades avançadas pelos supracitados autores e as imagens de satélite, somos impelidos a arriscar que a Amagor das fontes quinhentistas poderá encontrar-se nas imediações do denominado *ridge* de Amagour, que se encontra a aproximadamente duzentos e sete Km a sul de Safim e a quarenta e cinco Km a sul da *Plage Tafedna*, tal como indicado pelo Mapcarta[1410]. De facto, durante a breve prospecção que realizámos no terreno, identificámos um sítio arqueológico cujas características parecem ir ao encontro das informações geográficas disponibilizadas pelas fontes[1411]. Seja como for, importa notar que a conjectura avançada para Amagor carece de sondagens arqueológicas indispensáveis à sustentação desta hipótese ou à constituição de outras hipóteses de localização.

[1406] Joaquim Figanier, *História de Santa Cruz do Cabo de Gué (Agadir) 1505-1541*, (ver mapa entre a página 32 e 33).

[1407] Otília Rodrigues Fontoura, *Portugal em Marrocos na Época de D. João III…*, p. 19.

[1408] André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde et l'intervention portugaise à l'interieur des terres du Maroc", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, (ver mapa na p. 105).

[1409] Frederico Mendes Paula, *Histórias de Portugal em Marrocos*, p. 95. Frederico Mendes Paula é igualmente o autor de *Portugal em Marrocos. Olhar sobre um património comum*, Lisboa, 2016.

[1410] De acordo com o Mapcarta, o "Ridge" de "Amagor" apresenta as seguintes coordenadas: 30° 47' 24,7" norte e 9° 44' 49,5" oeste.

[1411] Trata-se de uma antiga Kasbah localizada no cimo de um promontório (coordenadas: 30º 75'069" norte – 9º 70' 527" oeste) e ladeada por um vale íngreme, onde abunda arvoredo, e uma barragem (barrage Moulay Abdellah).

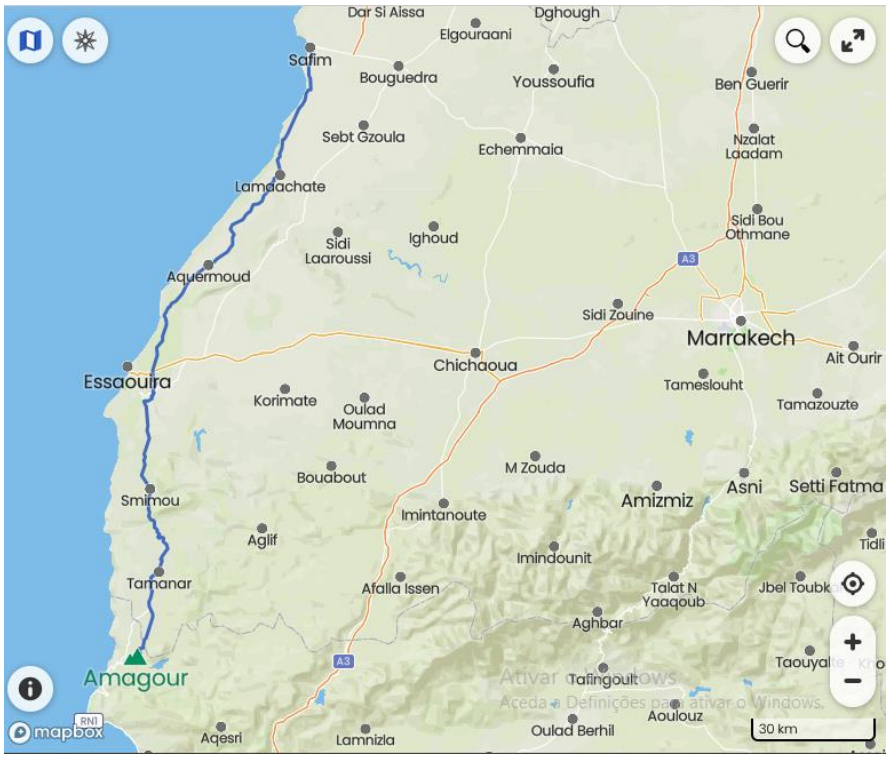


Fig. 125 - Rota pedestre entre Safim e o *ridge* de Amagour, segundo o Mapcarta. (On line) Disponível em: https://mapcarta.com/pt/33096760/A_p%C3%A9 (Consultado em 26 de Agosto de 2021).

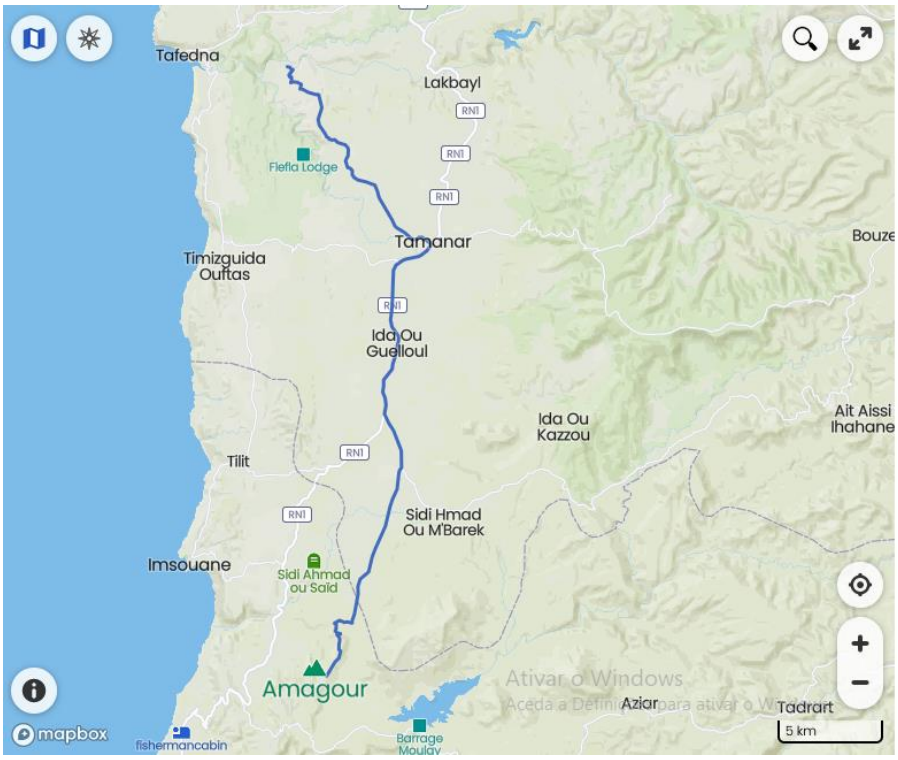


Fig. 126 - Rota a pé entre Tafedna e o *ridge* de Amagour. (On line) Disponível em: https://mapcarta.com/pt/33096760/A_p%C3%A9 (Consultado em 26 de Agosto de 2021).

Se seguirmos as crónicas, apercebemo-nos de que os portugueses e os seus aliados mouros chegaram a Amagor na segunda-feira santa[1412] duas horas antes do pôr do sol[1413], procedendo de imediato à montagem do acampamento. É a partir deste momento que a narrativa de D. Jerónimo Osório, que oculta o itinerário dos reforços que partiram de Safim, começa a seguir de perto o relato de Damião de Góis, tal como o fez Luis del Mármol Carvajal. De resto, são estes os cronistas a apresentar os relatos mais pormenorizados do combate de que de seguida trataremos.

Segundo Durval Pires de Lima, a escaramuça que abriu as hostilidades foi causava pelo "*papel de provocadores*"[1414] desempenhado pelos cavaleiros de Side Bogima. No entanto, a leitura das crónicas mostra que o ataque dos cavaleiros de Amagor deu-se assim que os sitiadores começaram a montar o arraial, pelo que "*saíram do castelo alguns cavaleiros*"[1415] a que os mouros de pazes de Side Bogima fizeram frente. De acordo com Damião de Góis, "*seriam setecentos de cauallo*"[1416], - número seguramente sobredimensionado - pelo que a escaramuça foi tal que Lopo Barriga e o xeque aliado se viram na necessidade de acudir com mais homens, de modo a fazerem retirar os adversários.

Uma vez que era tarde, os sitiadores determinaram que se esperasse pela manhã para se montar o cerco ao castelo, já que, "*el lugar, pareciendoles q por su aspereza, y gente, procuraria sustentarse, y defenderse*"[1417]. Porém, os acontecimentos acabaram por tomar outro rumo. Dizem-nos Luis del Mármol Carvajal e Diego de Torres que "*Era tãto el miedo q los Moros tenian en aquel tiempo a los Christianos, que de buena gana dexaran los moradores la ciudad,y se fueran a las sierras*"[1418]. Por outras

---

[1412] Note-se que Pierre de Cenival situa esta segunda-feira santa nos inícios de Abril de 1515: "*Au début d'avril, l'adail Lopo Barriga va piller le château d'Amgour*". Ver Pierre de Cenival, *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, p. 687.

[1413] Usando a expressão metafórica de D. Jerónimo Osório, "*quando o sol vergava todo sobre o oceano*". Veja-se Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 211.

[1414] Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 62.

[1415] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 211.

[1416] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXII, p. 421.

[1417] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 124.

[1418] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte,

palavras, referem estes cronistas que a súbita chegada dos sitiadores provocou tal pânico na população que esta procurou a fuga imediata. Ao chegarmos a este ponto note-se, porém, uma diferença substancial entre as crónicas de Damião de Góis ou D. Jerónimo Osório e as crónicas de Luis del Mármol Carvajal ou de Diego de Torres. De facto, as primeiras referem que o xerife fugiu ao constatar a sua vulnerabilidade. Diz-nos Góis que o "*serife se acolheo logo, & e tras elle se começou de despejar a villa*"[1419], enquanto D. Jerónimo Osório diz que "*teve o adaíl um repentino informe que o xerife era fugido*"[1420] ou Manuel de Faria e Sousa refere que "*el xarife se puso en huida, y a su exemplo los moradores*"[1421]. No entanto, Diego de Torres, que se limitou a copiar Luis del Mármol Carvajal, afirma que "*el Xerife pésando defenderla* (a vila)*, mádo q ninguno sacasse sus hijos, ni mugeres, ni hazienda, so pena de la vida*"[1422]. O que num primeiro momento poderia ser interpretado como uma eventual tentativa destes últimos cronistas em dignificar a imagem do xerife acaba, porém, por ter um impacto ainda mais negativo, uma vez que são estes mesmos autores a afirmar que, não obstante as instruções deixadas aos moradores para não abandonarem a vila sob pena de morte, "*llegado los criſtianos aquella noche, fe ſalio el Xarife co toda la gente de guerra, y la dexo desamparada*".

A notícia da fuga do xerife foi o quanto bastou para Side Bogima avisar Lopo Barriga e decidirem atacar o castelo pelo lado por onde escapavam os moradores. Isto é, usando as palavras do "Cícero português", "*conquistar o valo que cingia o castelo*"[1423]. Os cento e cinquenta homens de cavalo e duzentos de pé que o xerife deixou a defender Amagor opuseram forte resistência, obrigando os atacantes a recuar por duas vezes. Porém, o terceiro ataque foi de tal forma violento que os sitiadores romperam as defesas

---

Cap. XVI, fl. 13; Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XVII, p. 53.

[1419] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXII, p. 421.

[1420] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 211.

[1421] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 124.

[1422] Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XVII, p. 53. Veja-se também Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XVI, fl. 13.

[1423] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 211.

adversárias e entraram no castelo chacinando os adversários, sendo que entre os primeiros a penetrar no castelo encontravam-se Diego Rodrigues Raposo, António Vaz (mulato), Pedro Alvares, espingardeiro, e um escudeiro de Nuno Fernandes de Ataíde, morto em combate. Segundo os cronistas, foi tal o pavor provocado pela entrada dos portugueses no castelo que os moradores lançavam-se pelo

"*muro, & rochedos pera se saluarem, de que morreram a ferro duzentos, & dos que se lançaram pelo rochedo abaixo mais de mil almas, entre homens, mulheres, & mininos, deque, muitos morrerão espetados em aruores, que hauia no rochedo por onde se lançauam*"[1424].

O desespero da população foi tal que, convencidos de não poderem escapar, despedaçavam os seus próprios cavalos atirando-os do penhasco, de modo a não ficarem para os cristãos. Ainda assim, a presa contou com cento e oitenta e cinco cavalos[1425] e quatrocentos cativos, encontrando-se entre eles o alcaide de Amagor, que era tio do xerife. Quanto ao xerife, diz-nos Diego de Torres que alguns anos depois, já como rei de Marraquexe, confessou que nunca na vista se tinha visto em tamanho perigo e que

"*si los cristianos dejaran de entrar en la ciudad y le seguieran, fuera imposible poderse escapar de sus manos porque aviendo perdido el caminho se avía metido en un valle y embreñándose entre unas peñas donde avía andado más de quatro horas perdido. Y al fin avía tornado a salir forçosamente por do avía entrado a tiempo que algunos Moros de paz le pudieron seguir más de una légua, mas el cavallo en que iva era tal, que era por demás pensar alcançarle*"[1426].

[1424] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXII, p. 421.

[1425] Baseámo-nos em Damião de Góis. Segundo D. Jerónimo Osório eram cento e cinquenta cavalos. Ver Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 212. Curiosamente, Pedro de Mariz não refere cavalos mas sim "*cento e cincoenta camellos, ricamente ajaezados*". Ver Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 737.

[1426] Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XVII, p. 54.

Uma vez que este tinha proibido os moradores de fugirem com os seus bens, o despojo foi tanto que demorou três dias a reunir: móveis, trigo, cevada, mel, manteiga, galinhas, gado, etc. De resto, a presa encontrada em Amagor acaba por ser altamente representativa do tipo de géneros alimentares em que a região de Heha era abundante[1427].

Por fim, repartido o saque, os mouros comandados por Side Bogima retornaram à sua comarca, regressando os portugueses a Safim com os cativos, onde foram recebidos efusivamente e acompanhados por Nuno Fernandes de Ataíde em procissão até à Sé[1428]. Verifica-se, portanto, que contrariamente ao que é dado a entender pelo historiador espanhol León Vera y Galindo, não é "*el Gobernador Atayde*" que "*se apodera de la fortaleza de Amagor*"[1429], mas sim o seu adail Lopo Barriga. Refira-se, aliás, que foi tal o prestígio então granjeado pelo adail de Safim que pouco tempo depois, em 7 de Abril de 1515, o rei D. Manuel fê-lo "*fydalgo de cora d'armas*" (certamente por recomendação de Nuno Fernandes de Ataíde[1430]), aludindo a referida

---

[1427] Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, pp. 111-112. De facto, diz-nos o autor da *Descrição de Marrocos* de 1596 que a região de Heha é "*terra de muito pão, e criassâo de todo o gado e de camelos. Tem muita agoa, azeite, lenha*". Ver *Descrição de Marrocos – Copia do emperio e reinos dos xarifes na Berberia em Africa, & de algumas terras de negros, comessando na emperial sidade de Marrocos, cabessa do dito emperio, e sua comarca*. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliotèques de France, Vol. II, Doc. LXXXVII, pp. 254-255.

[1428] Para além dos cronistas mencionados, este combate foi também referido, embora de forma bastante sucinta, por Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 62; Joaquim Figanier, *História de Santa Cruz do Cabo de Gué (Agadir) 1505-1541*, p. 56; André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, quadro 2, p. 202. Do mesmo autor veja-se ainda "Nuno Fernandes de Ataíde et l'intervention portugaise à l'interieur des terres du Maroc", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, p. 112; Yassir Benhima, "Tafadna: Histoire d'un Port de la Région de Haha au début du XVI siègle", in *Études et Documents Berbéres*, Nº 43, p. 61; Fernando Pessanha, "O adail Lopo Barriga e a expedição contra o castelo de Amagor", in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3366, 30 de Setembro de 2021, p. 6.

[1429] León Vera y Galindo, *Las Posesiones Hispano-Africanas*, p. 110.

[1430] Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém-mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, p. 98. Do mesmo autor veja-se também "O adail Lopo Barriga e a expedição contra o castelo de Amagor", in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3366, 30 de Setembro de 2021, p. 6.

carta de nobreza à vitória alcançada na expedição contra o castelo de Amagor: "*por força d'armas, entrou e tomou hum castello em Xiatima, em que se o dito Xarife fazia forte, honde morreram e captivaram muitos Mouros*"[1431].

[1431] Carta de nobreza para Lopo Barriga, de 7 de Abril de 1515. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 15, maço 18, Nº 28. Documento publicado in Braamcamp Freire, *Armaria portuguesa*, pp. 65-66; *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXXVII, pp. 683-686 e *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. V, pp. 222-225. Ver também Afonso Eduardo Martins Zúquete, *Armorial Lusitano – Genealogia e Heráldica*, pp. 85-86. G. L. Santos Ferreira, descreve as armas dos Barriga do seuinte modo: "*Barriga - De vermelho, com um rochedo de prata sainte de um mar ondado do mesmo, aguado de azul e movente da ponta, o qual sustém um castello também de prata com tres torres, a do meio encimada por uma bandeira do mesmo carregada da cruz da Ordem de Christo, hasteada de oiro e movente da fresta da mesma torre. Timbre - O castello do escudo*". Veja-se G. L. Santos Ferreira, *Armorial Português*, I Parte, p. 45. Veja-se também Anselmo Braamcamp Freire, *Armaria Portuguesa*, pp. 64-65. Sobre a representação do brasão de armas dos Barrigas vejam-se *Tombo das armas dos reis e titulares e de todas as famílias nobres do reino de Portugal intitulado com o nome de Tesouro de nobreza*. A.N.T.T., *Casa Real*, Cartório da Nobreza, liv. 21, fl. 52. Veja-se também Manuel de Santo António e Silva, *Tesouro da Nobreza de Portugal*. A.N.T.T., *Casa Real*, Cartório da Nobreza, liv. 16, fl. 39. Note-se que, segundo o *Catálogo dos Cavaleiros da Ordem de Christo* existente num manuscrito da Geral da Universidade de Coimbra, Lopo Barriga foi investido nesta Ordem Militar em 14 de Agosto de 1514. Ver António Machado de Faria, "Cavaleiros da Ordem de Cristo no séc. XVI", in *Arqueologia e História*, Vol. VI, p. 55. Sobre esta Ordem Militar veja-se, a título de exemplo, Isabel L. Morgado de Sousa e Slva, *A Ordem de Cristo (1417-1521) - Revista Militarium Ordium Analecta*, Nº 6, 2002.



Fig. 127 - Brasão de armas dos Barrigas em *Tombo das armas dos reis e titulares e de todas as famílias nobres do reino de Portugal intitulado com o nome de Tesouro de nobreza,* de Francisco Coelho. A.N.T.T., *Casa Real*, Cartório da Nobreza, liv. 21, fl. 52. (On line) https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4162408 (Consultado em 4 de Abril de 2023)

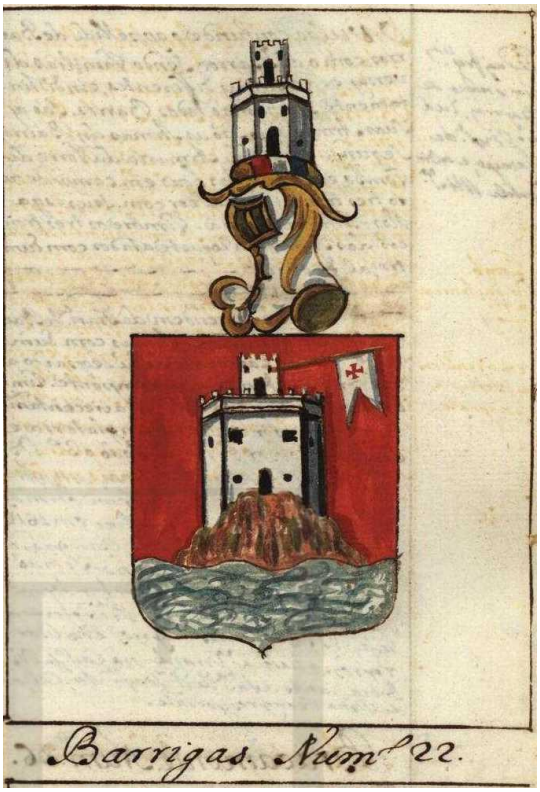


Fig. 128 - Brasão de armas dos Barrigas ee *Tesouro da Nobreza de Portugal*, de Manuel de Santo António e Silva. A.N.T.T., *Casa Real*, Cartório da Nobreza, liv. 16, fl. 39. (On line) https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4162404 (Consultado em 4 de Abril de 2023).

Não se pense que o desbarato do xerife e a vitoriosa expedição contra o castelo de Amagor foram os únicos grandes sucessos de Lopo Barriga, o braço direito de Nuno Fernandes de Ataíde. Se seguirmos as crónicas, verificamos que o adail pouco descansou após o seu regresso a Safim, já que alguns dias depois reuniu cento e vinte homens de cavalo e foi ter aos aduares de Bentafufa.

Antes de continuarmos, convém esclarecer um erro cometido pelos cronistas que se seguiram a Damião de Góis. De facto, diz-nos D. Jerónimo Osório que "*Dalli a não muitos dias o Adail Lopo Barriga ajudado de Jabentafuf, e dos seus Mouros tomou o Castello Algaballo, e fez assás rica preza*"[1432]. Manuel de Faria e Sousa, por seu lado, diz-nos que "*Algunos dias despues salió el Adail Lope Barriga a juntarse com Cide Haya Abentafutg y ambos dieron sobre el Castillo de Agabaloz*"[1433]. Ora, como é de conhecimento geral, estes cronistas seguiram de perto a *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, pelo que, ao lerem que "*o Adail Lopo Barriga (…) foi ter aos mesmos Aduares de Iheabentafuf, onde descansou hum dia, & ao outro foram todos sobre hum castello que se chama Agaballo*", depreenderam que Bentafufa terá participado nesta expedição. Erro, aliás, igualmente cometido por Durval Pires de Lima e André Teixeira, que registam a participação do alcaide mouro nesta expedição, ao lado do adail Lopo Barriga[1434]. Como anteriormente vimos no capítulo dedicado aos conflitos de poderes entre Nuno Fernandes de Ataíde e Bentafufa, o alcaide mouro regressou ao reino em 1514, onde permaneceu pelo menos desde finais de Agosto desse ano até Junho de 1516[1435]. Não se comprova, portanto, a participação de Bentafufa nesta expedição, mas sim a participação dos mouros de pazes pertencentes aos seus aduares.

De facto, nem Damião de Góis nem os cronistas que lhe seguiram discriminam de que aduares se tratavam. Porém, e como anteriormente referimos, a conquista de Azamor tornou necessária a nomeação de um alcaide para a Xerquia, em Setembro de

---

[1432] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 212.

[1433] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 125.

[1434] Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 62; André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, quadro 2, p. 202.

[1435] Maria Augusta Lima Cruz, "Mouro para os cristãos e cristão para os mouros: o caso Bentafufa", in *Anais de História de Além-Mar*, Vol. III, pp. 55-56.

1514[1436], ficando Bentafufa apenas como alcaide dos Abda e dos Garbia. Com a partida do alcaide mouro para o reino, o seu sobrinho Said substitui-o no cargo como alcaide dos Abda e dos Garbia[1437], pelo que os aduares a que Lopo Barriga se dirigiu nesse ano de 1515 seriam seguramente pertencentes aos Abda, localizados a sul de Safim e de onde se tornava estratégico lançar uma expedição contra o xerife.

Tal como anteriormente escrevemos, Lopo Barriga descansou um dia nestes aduares, e no dia seguinte "*foram todos sobre um castello que se chama Agaballo*"[1438]. Onde ficava situado este castelo? Mais uma vez o grande humanista português não o diz, assim como os outros cronistas portugueses que se lhe seguiram. Luis del Mármol Carvajal, porém, situa Agaballo na província de Heha, para além de nos facultar algumas informações de grande interesse:

"*es vna fuerte villa edificada por los naturales de la tierra, sobre vna alta sierra, y cercada de altos muros, la qual tiene trezentas e cincuenta casas, cuya fabrica es muy ruyn. Los moradores son Beréberes Africanos del pueblo de Muçamoda, y al pie de la sierra hay vn espacioso valle donde tienen las tierras para sembrar, y algunas huertas de arboledas, y de ortalizas, que se riegan com el agua de vn pequeño río que procede del las fuentes que bajan de la sierra. A seguido sempre esta villa la fortuna de la ciudad de Tednest. Y siendo posseyda por Muley Mahamet Xerife el viejo, que nunca se intitulo mas que principe de Heha*"[1439].

Note-se que embora Luis del Mármol Carvajal situe Agaballo na província de Heha, a sua localização não é conhecida. André Teixeira, que a identifica com

---

[1436] Trata-se de Audaramam, que tinha sido criado de Bentafufa. Ver Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LIII, p. 383.

[1437] Veja-se, a título de exemplo, a carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Agosto de 1515, em que refere ter mandado o adail visitar "*Çaide Tafuu*", o sobrinho de Bentatufa que o estava a substituir. Ver A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXLIV pp. 724-725. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 307-309.

[1438] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXII, p. 422.

[1439] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. IIII, fl. 7.

Aghbalou, não arrisca a sua localização no mapa publicado em "Nuno Fernandes de Ataíde et l'intervention portugaise à l'interieur des terres du Maroc"[1440]. Frederico Mendes Paula, que identifica Agaballo com Agobel, arrisca uma localização num mapa publicado em *Histórias de Portugal em Marrocos*[1441]. No entanto, a sua sugestão não nos parece verosímil, já que a situa bastante a norte da região de Heha. Contrariamente ao caso de Amagor, as nossas pesquisas no Mapcarta para a Agaballo das fontes portuguesas revelaram-se improdutivas, já que identificámos mais de quinze localidades denominadas "Aghbalou". Todavia, a referência de Luis del Mármol Carvajal a "*A seguido sempre esta villa la fortuna de la ciudad de Tednest*"[1442] leva-nos a depreender que Agaballo constituiria uma vila próxima de Tednest, pelo que a sua localização não poderia estar demasiado afastada da primeira.

É a partir deste ponto que a narrativa do escritor castelhano vai ao encontro da informação facultada pelas crónicas de Damião de Góis, D. Jerónimo Osório e Manuel de Faria e Sousa[1443]. De facto, diz-nos a *Descripción general de África…* que estávamos em 1515 quando Nuno Fernandes de Ataíde, já depois de ter conquistado Tednest, enviou Lopo Barriga sobre Agaballo com cento e vinte homens de cavalo cristãos e oitocentos mouros de pazes. É, portanto, através desta fonte que tomamos conhecimento dos quantitativos de portugueses e de mouros aliados utilizados numa expedição sobre a qual pouco se sabe, já que as fontes pouco nos dizem. Segundo Damião de Góis, os atacantes entraram à força, "*de que o primeiro que sobio foi Lopo barriga per huma lança*"[1444]. De resto, é o relato de Luis del Mármol Carvajal que se apresenta como a fonte mais cénica, narrando como o adail, depois de transpor os muros da vila, abriu caminho de espada em punho,

---

[1440] André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde et l'intervention portugaise à l'interieur des terres du Maroc", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, p. 112 e p. 105, respectivamente.

[1441] Frederico Mendes Paula, *Histórias de Portugal em Marrocos*, p. 95.

[1442] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. IIII, fl. 7.

[1443] Curiosamente, o *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, de Pedro de Mariz, não faz qualquer alusão à expedição contra Agaballo.

[1444] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXII, p. 422.

"matando y hiriendo muchos Moros, de los que acudian a defender la entrada. Y hizo tales cosas en armas que a los enemigos causo grandíssimo terror, y a los suyos admiración, y al fin por su gran valor y esfuerzo fueron los Moros vencidos, y saliendo se huiendo por la outra parte, entraron los Christianos dentro"[1445].

Das laudatórias palavras de Mármol Carvajal, que antes de mais destacam os atributos militares do adail Lopo Barriga, depreendemos que os adversários terão sido apanhados desprevenidos, pelo que não tiveram grande capacidade de resistência. Por outro lado, a restante narrativa permite-nos compreender que esta vila amuralhada, que os portugueses saquearam e incendiaram, era mais pequena do que a de Amagor, o que acaba por se traduzir no aprisionamento dos cento e vinte cativos que depois foram enviados para Safim.

Se seguirmos as crónicas apercebemo-nos que, juntamente com o despojo enviado para Safim, Lopo Barriga enviou uma mensagem a Nuno Fernandes, pedindo-lhe que fosse ao seu encontro, já que toda a terra estava despejada à excepção do castelo de Algel, onde o xerife se tinha refugiado depois de fugir de Amagor[1446]. Tal como o fizemos em relação a Amagor e Agaballo, e de modo a compreendermos em que contexto teve lugar a expedição a que de seguida aludiremos, determinemos o que era Algel e qual a sua localização segundo as fontes históricas. De acordo com Diego de Torres, foram os xerifes que, depois de terem perdido Tednest e Amagor para os portugueses,

"*determinaron de se vengar de los cristianos y de los moros sus aliados, y esto hazia mas por conservar su reputacion, que por la esperanza q tenian de cobrar lo perdido. Y para esto mandaron juntar la mas gente q pudieron de aquellas províncias, y determinarõ de cercar la villa de Alguel, que era de un Xeque llamado Cide Buxima,*

[1445] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. IIII, fl. 7. Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. IIII, fl. 7.

[1446] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXII, p. 422; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 212; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 125.

grãde amigo de los cristianos, y no siendo socorrida la tomaró por fuerça de armas, y la fortalecierõ, y pusierõ dentro gente de guerra"[1447].

Com efeito, a narrativa de Diego de Torres reveste-se de grande interesse, já que revela ser a única fonte por nós identificada a explicar o que aconteceu às forças do xerife depois de fugirem de Amagor. De facto, é através deste autor que ficamos a saber que enquanto os portugueses regressaram a Safim com a presa de Amagor e dirigiram outra expedição contra Agaballo, o xerife se refugiou em Xauxaba, de onde partiu para conquistar o castelo de Algel como retaliação contra o xeque *Cide Buxima* aliado dos portugueses, isto é, o Side Bogima da *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*[1448]. Qual a localização deste castelo? Mais uma vez Damião de Góis não o diz, assim como os outros cronistas portugueses que se lhe seguiram. Tal como como no caso de Amagor e Agaballo, é através de Luis del Mármol Carvajal, que ficamos a saber que:

"*La villa de Alguel es casi de la propria suerte que la de Agobel cercada tan bien de muros, y puesta en lo alto de vna sierra aspera que esta medida entre otras sierras fragosas, dizen los Affricanos que la edificaron los naturales de la tierra, que son Beréberes de el pueblo de Muçamoda. Al pie de la sierra donde esta la villa pasan dos pequeñas riberas de rios que baxan de las cercanas sierras, y en las tierras alrededor ay algunas arboleras de frutas como sõ higeras, y nogales, y parras. Los moradores son labradores y gente que andan de contino en el campo, y tienen infinitas cabras, que es su principal gangeria*"[1449].

[1447] Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XIX, pp. 58-59.

[1448] Curiosamente, D. Jerónimo Osório omite a participação de Side Bogima em *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, tal como Pedro de Mariz em *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…* Manuel de Faria e Sousa, que seguiu de perto a crónica de Damião de Góis, refere-o como Cide Buxima. Veja-se Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, pp. 124-125.

[1449] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. IIII, fl. 7.

É certo que a narrativa de Luis del Mármol Carvajal não refere a localização de Algel, ainda que o situe igualmente no interior da região de Heha. Refira-se, aliás, que a forma apressada como o xerife se viu obrigado a fugir de Amagor não lhe terá permitido refugiar-se demasiado longe, já que pouco tempo depois atacou este castelo, com "*la mas gente q pudieron de aquellas províncias*"[1450]. De resto, também Mármol Carvajal - em que Diego de Torres se baseou para escrever *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes…* - refere que a vila de Algel pertencia a "*Cidi Bugima*" quanto o xerife a tomou como represália pela perda de Tednest e Amagor. Pierre de Cenival, em 1934, refere que

"*Algel doit être identifié avec Aglgal, chez les Demsira, village situé sur la route de Marrakech au Sous par la montagne (…) C'est là qu'en 557 Moulay Mohammed ech-Cheikh fut assassiné par les Turcs de sa garde*"[1451].

Várias décadas depois, André Teixeira sugere uma possível localização de Algel, em mapa publicado em 2010[1452]. Tal como o fizemos em relação a Amagor e Agaballo, também procurámos determinar a localização de Algel recorrendo às imagens de satélite. Porém, tal como no caso de Agaballo, identificámos mais de quinze topónimos com o nome de "Aglagal". De todas estas, a que nos pareceu mais razoável encontra-se localizada a aproximadamente cento e oitenta e oito Km a sul de Safim e a aproximadamente cem Km a este de Tafetana[1453], o que constituiria um dos alvos mais longínquos atacados a partir de Safim. Seja como for, importa notar que as conjecturas avançadas para os casos de Amagor e Algel carecem de sondagens arqueológicas

---

[1450] Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XIX, p. 58.

[1451] Pierre de Cenival, *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, p. 756, nota de rodapé 1.

[1452] André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde et l'intervention portugaise à l'interieur des terres du Maroc", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, p. 105.

[1453] De acordo com o Mapcarta, esta "Aglagal" apresenta as seguintes coordenadas: 31° 0' 27" norte e 9° 7' 41,8" oeste. Refira-se ainda que uma outra "Aglagal" chamou a nossa atenção. Esta outra "Aglagal" encontra-se situada a trezentos e quinze Km a sul de Safim e a apenas vinte e cinco Km de Santa Cruz do Cabo de Gué (30° 29' 26,2" norte 9° 28' 10,1" oeste).

indispensáveis à sustentação destas hipóteses ou à constituição de outras hipóteses de localização.

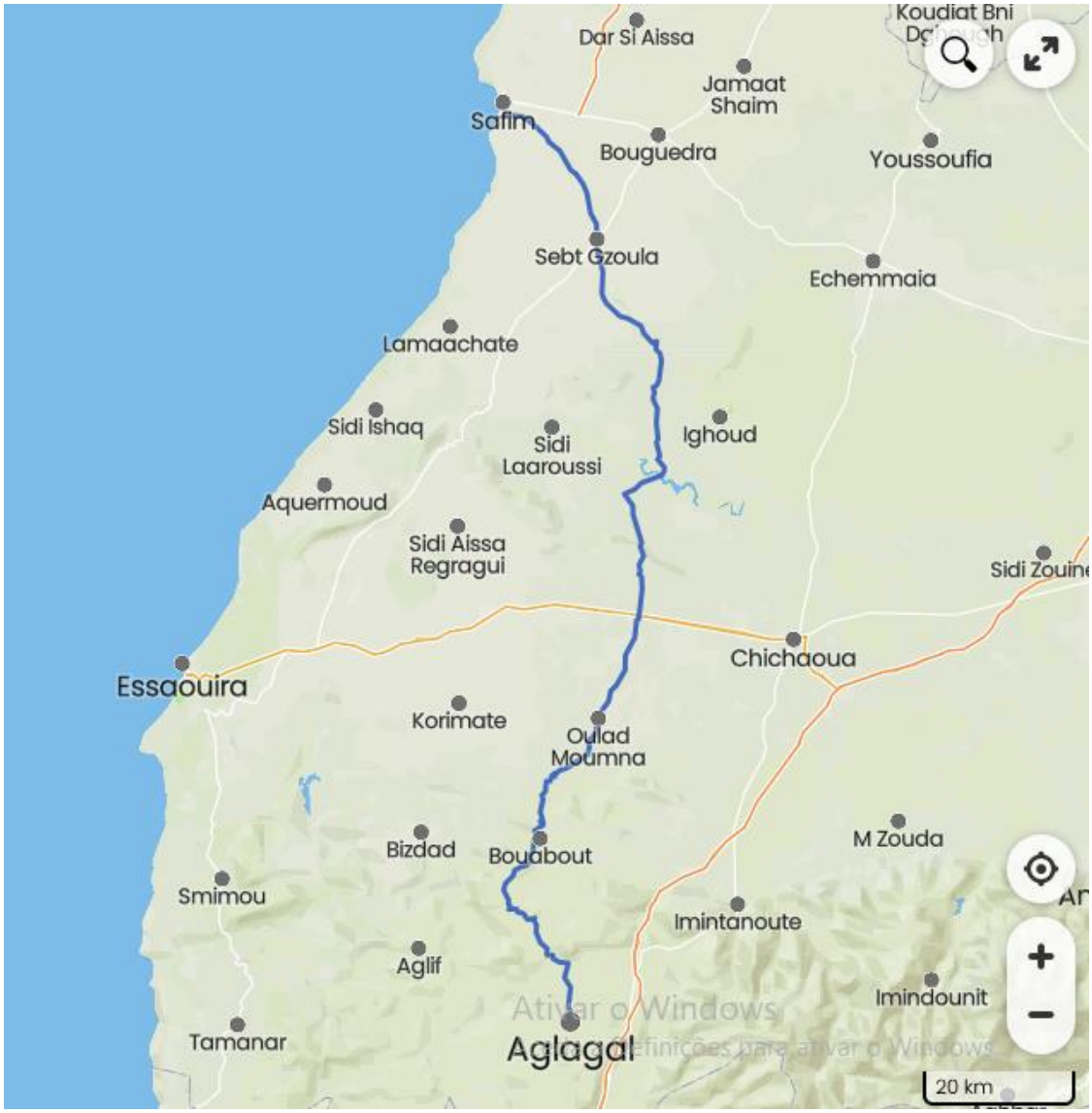


Fig. 129 - Rota por estrada entre Safim e Aglagal. (On line) Disponível em: https://mapcarta.com/pt/34643748/Bicicleta (Consultado em 25 de Setembro de 2021).

Avisado Ataíde de que o xerife se encontrava refugiado no castelo de Algel, não tardou a partir de Safim com a gente de guerra que se encontrava na cidade e com o capitão de Mazagão Martim Afonso de Melo, que consigo levou alguns cavaleiros daquela praça[1454]. Ao chegarmos a este ponto e antes de continuarmos importa notar

[1454] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXIII, p. 422. Curiosamente, os cronistas que se seguiram a Damião de Góis não referem a participação de Martim

que, à semelhança do que acontece com as narrativas de D. Jerónimo Osório e Manuel de Faria e Sousa quanto à expedição contra Agaballo, também Damião de Góis refere a participação de Bentafufa na expedição contra Algel. De facto, diz-nos o grande humanista português que Nuno Fernandes de Ataíde e Martim Afonso de Melo "*chegaram onde estauão Iheabentafuf, & Lopo barriga, que todos juntos aballaram ao outro dia contra o Castello de Algel*"[1455]. Do mesmo modo, também Luis del Mármol Carvajal menciona que Nuno Fernandes de Ataíde foi acompanhado de "*Yaha y Aben Tafuf, y a Cidi Bugima, con toda la gente de Abda y Garbia*"[1456]. Ora, como anteriormente referimos, Bentafufa regressou ao reino em 1514, onde permaneceu pelo menos desde finais de Agosto desse ano até Junho de 1516[1457]. Uma vez que Mármol Carvajal alude à participação dos mouros de pazes dos Abda e dos Garbia nesta expedição, depreende-se que quem acompanhou o capitão de Safim foi Said, ou Çaide Tafuu[1458], o sobrinho de Bentafufa que ficou a substituí-lo durante a sua permanência em Portugal.

Seja como for, toda esta força de gente acabou por não chegar ao castelo de Algel. De facto, dizem-nos os cronistas portugueses que Ataíde, chegando a duas léguas de distância de Algel, voltou para trás, sendo que Nuno Fernandes tomou essa decisão "*sem que se saiba por que razão o fêz*"[1459]. Este comentário de Góis levou a que investigadores como André Teixeira afirmassem que o capitão voltou

---

Afonso de Melo na expedição contra Algel. O seu envolvimento é, no entanto, mencionado noutras obras. Vejam-se, a título de exemplo, Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 62; Augusto Ferreira do Amaral, in *História de Mazagão*, pp. 91-92.

[1455] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXII, p. 422.

[1456] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. IIII, fl. 7v.

[1457] Maria Augusta Lima Cruz, "Mouro para os cristãos e cristão para os mouros: o caso Bentafufa", in *Anais de História de Além-Mar*, vol. III, pp. 55-56.

[1458] Pierre de Cenival, *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, p. 725., nota de rodapé 1.

[1459] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 212. Veja-se também Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXII, p. 422; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 125.

"*inexplicavelmente para trás*"[1460]. Consideramos, porém, que a questão não pode ser analisada de forma tão linear. Como vimos noutras situações, como a entrada realizada em Outubro de 1511, em que o capitão libertou parte da "*prêsa de gados*"[1461] para não correr o risco de ser atacado, as opções estratégicas de Ataíde sempre primaram pela avaliação ponderada das situações e por uma manifesta prudência nos momentos de decisão. Os cronistas portugueses não o referem, no entanto, diz-nos Luis del Mármol Carvajal que, aquando desta primeira expedição contra Algel, o "*nunca esta quedo*" optou por não avançar mais ao receber a notícia de que o xerife tinha fugido para o Suz ao ser avisado de que os portugueses vinham atacá-lo[1462]. Dadas as circunstâncias, Nuno Fernandes terá concluído que não seria prudente deixar Safim pouco guarnecida quando o objectivo principal da expedição (a morte ou a captura do xerife) tinha ficado comprometida. De facto, refere Góis que Ataíde tinha abalado "*de Çafim com a mais gente de guerra que ficara na cidade*"[1463]. Quer isto dizer que, a comprovar-se a localização de Algel por nós proposta, Nuno Fernandes se encontraria então a aproximadamente cento e setenta Km de Safim, vendo-se impossibilitado de defendê-la caso a praça fosse sujeita a um ataque. Quanto a Muley Ahmed Aláreje, deixou em Algel um dos seus irmãos e vinte homens de cavalo com instruções para partirem ao seu encontro, caso os cristãos atacassem o castelo[1464]. Porém, ao tomar conhecimento do regresso de Ataíde a Safim, "*tornou a recolher-se nêle*"[1465].

Parte dos recursos reunidos para esta expedição foram, ainda assim, utilizados para acometer um sítio fragoso chamado Miatbir[1466], que ficava próximo do caminho

---

[1460] André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, quadro 2, p. 203.

[1461] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VII, p. 158. Segundo Pedro de Mariz, "*foram aprisionadas quinhentas e sessenta e sete almas e mortos trezentos*". Ver Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 721.

[1462] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. IIII, fl. 7v.

[1463] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXII, p. 422.

[1464] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXII, p. 422.

[1465] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 212.

[1466] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LX, fls. 60v-61.

para Safim e onde se tinham refugiado muitos partidários do xerife. Diego de Torres, que mais uma vez erra ao situar esta ofensiva em 1516, regista esta expedição contra Miatbir de forma isolada, não esclarecendo que se deveu a um aproveitamento dos recursos reunidos para a expedição contra Algel[1467]. Segundo Luis del Mármol Carvajal, Miatbir quer dizer "*ciepozos*"[1468], topónimo ao qual Leão-o-Africano faz referência na sua *Descripción General del África*[1469]. Com efeito, Ataíde mandou Lopo Barriga atacar esta vila, no entanto, era tal a quantidade de mouros recolhidos nas grutas desta "*cumbre peñascosa*"[1470] que o adail não teve a mesma sorte que em Agaballo, vendo-se obrigado a retirar para junto do capitão com algumas baixas. Foi, portanto, sem glória nem proveito que os portugueses regressaram a Safim.

Oito dias volvidos sobre este primeiro intento, os mouros aliados voltaram a convidar Lopo Barriga para nova expedição contra o castelo de Algel. A referência de Damião de Góis ao adail ter sido "*chamado pelos mesmos Arabes*"[1471] leva-nos a depreender que a convocatória terá partido dos Abda e Garbia. Luis del Mármol Carvajal, por outro lado, afirma que a ordem partiu de Ataíde, ao tomar conhecimento de que o xerife tinha voltado a ocupar aquele castelo[1472]. Seja como for, rapidamente o adail juntou cento e cinquenta de cavalo e vários besteiros e espingardeiros de pé[1473],

---

[1467] Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XVI, pp. 49-52.

[1468] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LX, fl. 60v. Veja-se também Mercedes García-Arenal (publ.), *Diego de Torres. Relación del origen y suceso de los xarifes y del estado de los reinos de Marruecos, Fez y Tarudante*, p. 70, nota 111.

[1469] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, pp. 182-183.

[1470] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 125.

[1471] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXIII, p. 422. Veja-se também Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 125.

[1472] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. IIII, fl .8.

[1473] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXIII, p. 422. Veja-se também Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 737. Luis del Mármol Carvajal refere serem apenas centro e trinta portugueses de cavalo. Ver *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del*

enquanto os mouros de pazes "*tenian 800 cavallos y 400 infantes capitaneados de Cide Buxima*"[1474], número seguramente exagerado. Partindo de Safim, foram acampar junto a uma ribeira, que Damião de Góis localiza a três léguas do castelo[1475] e que Luis del Mármol Carvajal situa nas proximidades de Miatbir[1476]. Foi, portanto, a esta distância de Algel que os portugueses e os seus aliados ouviram "*um sôlto alarido*"[1477], que os fez inspeccionar de que se tratava. Chegando a este momento, as narrativas dos cronistas apresentam-se algo confusas. Damião de Góis, que constitui a fonte cronologicamente mais próxima dos acontecimentos, refere que "*eram alguns dos Aduares do Serife, que se vinham lançar com os nossos*"[1478]. Luis del Mármol Carvajal, que se baseou no cronista anterior, interpretou a narrativa de Góis considerando que estes aduares "*de los del Xerife, que se venian a meter de pazes con los de Yahaya Abé Tafuf*"[1479], enquanto Manuel de Faria e Sousa, a fonte mais tardia por nós utilizada, refere que os "*Aduares de los Xarifes (…) venian a ofrecerse a Lope, y a unise com él*"[1480].

Fosse qual fosse a verdadeira intenção destes aduares, as crónicas coincidem quanto a estes estarem a ser perseguidos pelos cavaleiros do xerife[1481], "*que vinham cortando nêles*"[1482], o que fez com que Lopo Barriga e os mouros de pazes os fossem combater e se lançassem em sua perseguição até às proximidades de Algel. O

---

mahometismo hasta el año 1571, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. IIII, fl. 8. D. Jerónimo de Osório, por seu lado, não apresenta quaisquer números para esta expedição.

[1474] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 125.

[1475] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXII, p. 422.

[1476] Luis del Mármol Carvajal refere serem apenas centro e trinta portugueses de cavalo. Ver *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. IIII, fl. 8.

[1477] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 212.

[1478] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXII, pp. 422-423.

[1479] Luis del Mármol Carvajal refere serem apenas centro e trinta portugueses de cavalo. Ver *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. IIII, fl. 8.

[1480] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 125.

[1481] Segundo Luis del Mármol Carvajal, os cavaleiros do xerife, seriam cem, pretendiam roubar os aduares. Ver Luis del Mármol Carvajal refere serem apenas centro e trinta portugueses de cavalo. Ver *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. IIII, fl. 8.

[1482] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 212.

avistamento do castelo parece ter sido o motivo que levou a que muitos dos cavaleiros comandados pelo adail saíssem da formação e se envolvessem em combate com os mouros do xerife que, saindo da vila, foram em auxílio dos seus. Foi necessário que Lopo Barriga fosse em socorro dos que saíram da formação, envolvendo-se numa perigosa escaramuça, em que morreram vários mouros de pazes e dezasseis portugueses, entre os quais Sebastião Matoso, natural de Castelo Branco[1483]. O adail foi mesmo atirado do cavalo, "*muito mal ferido*"[1484] e preso pelos adversários, conseguindo libertar-se a muito custo e escapar num dos cavalos de um dos inimigos falecidos. Vale a pena recordar as laudatórias palavras que Manuel de Faria e Sousa dedicou ao adail de Safim a propósito deste episódio:

"*Lope Barriga fue cogido a las manos, porque de una lanzada uvo de venir al suelo, y pareció milagro que saliesse dellas puesto en un cavallo de los mismos que le mataron el suyo, despues de aver arrancado de las manos una lanza a uno de los que tenian preso, y hecho entre ellos com ella cosas que parecieron más de Leon que de Hombre*"[1485].

Segundo as crónicas, os portugueses e os mouros de pazes recolheram ao acampamento depois de Lopo Barriga conseguir libertar-se dos inimigos. Luis del Mármol Carvajal é mais detalhado ao referir de que o adail, depois de escapar aos adversários, recolheu a sua gente o melhor que pode, regressando depois ao local onde tinha deixado Side Bogima[1486]. Ainda que as crónicas não o refiram, parece-nos altamente provável que os mouros de Algel tenham procurado atrair a cavalaria comandada por Lopo Barriga para uma cilada. Estratégia, aliás, bastante frequente no tipo de guerra praticada no Norte de África e bem conhecida do adail[1487]. Por outras

---

[1483] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXII, p. 423.

[1484] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 738.

[1485] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 125.

[1486] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. IIII, fl. 8.

[1487] Veja-se, a título de exemplo, a cilada montada por Nuno Fernandes de Ataíde em 1513, que que o capitão "*mandou Lopo Barriga com 150 de cavalo e logo depois Nuno Mascarenhas com 100, que*

palavras, um típico caso de "*tornafuy*" bastante representativo do tipo de "*guerra guerreada*" que muçulmanos e portugueses praticavam desde os tempos da Reconquista, na Península Ibérica, e abordado por João Gouveia Monteiro em *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*[1488]. De facto, é mais que provável que o xerife, ao tomar conhecimento do acampamento dos portugueses e dos seus aliados nas proximidades de Miatbir, tenha procurado dividir as forças adversárias, atraindo a cavalaria inimiga em direcção ao castelo de Algel, de onde poderia lançar uma carga de cavalaria. De resto, perece-nos evidente que a perseguição dos cem cavaleiros do xerife aos aduares que alegadamente pretendiam juntar-se aos mouros de pazes constituiu uma manobra de diversão, que acabou por separar as forças que pretendiam sitiar Algel. O facto de a cavalaria comandada por Lopo Barriga ter sido atacada nestas circunstâncias enquanto Side Bogima e os homens de pé se encontravam no acampamento é, portanto, sugestivo de uma tentativa de emboscada concebida pelo xerife. Porém, o plano não terá corrido de acordo com as expectativas deste, já que os portugueses e os mouros de pazes acabaram por reagrupar e recolher ao acampamento nas proximidades de Miatbir, de modo a preparar nova ofensiva contra Algel.

Logo no dia seguinte determinou Lopo Barriga de ir colocar cerco ao castelo, ainda que estivesse ferido do combate do dia anterior. Pelo caminho ainda roubou alguns lugares, até montar o acampamento não muito longe do castelo, onde durante três dias esperou que o xerife lhe viesse dar combate[1489] "*sin q el enemigo le buscasse*"[1490]. Ao fim deste tempo saíram finalmente alguns homens de cavalo, que segundo Luis del Mármol Carvajal seriam duzentos[1491]. Do combate que seguiu, e do

---

fizessem suas ciladas em sítios oportunos. Vinha Ataíde mais atrás com o resto da gente, para dar socorro. Lopo Barriga, pelas ordens dadas, acometendo os mouros desacautelados lhes matou 5, cativou 14 e preou imenso gado". Ver Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 179; Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém-mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, p. 145.

[1488] João Gouveia Monteiro, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, pp. 373-378.

[1489] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXII, p. 423.

[1490] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 126.

[1491] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. IIII, fl. 8v.

qual resultou a morte de sete ou oito mouros e a captura de vinte cinco cavalos, os portugueses colocaram os adversários em fuga, perseguindo-os "*ate o pe do castello, onde se recolheram em as tendas que alli tinhaõ assentadas*"[1492]. Porém, os homens de Lopo Barriga não atacaram o local, calculando tratar-se de uma cilada.

No dia seguinte pela manhã, foram os portugueses assentar as suas tendas tão perto do castelo "*que no auia mas de vn pequeño cerro, y vna ribera, entre ellas y los muros*"[1493]. O cronista não o refere, porém, como bem observou João Gouveia Monteiro, a escolha dos locais para acampar recaía tendencialmente "*sobre o condestável da hoste*" ou, como no presente caso, sobre o "*próprio adail*"[1494], não só em "*virtude do seu bom conhecimento do terreno*"[1495] como também em função das suas responsabilidades a nível da escolha dos itinerários e da condução das tropas.

Ao chegarmos a este ponto da narrativa, diz-nos Damião de Góis que saíram então os mouros do castelo, à procura de escaramuça com os sitiadores. Porém, a maior parte dos mouros de pazes colocou-se em fuga ao perceberem que o senhor da serra[1496] vinha em pessoa com "*cento de cauallo socorrer o castello*"[1497]. Segundo Luis del Mármol Carvajal e Manuel de Faria e Sousa, os mouros de pazes que se colocaram em fuga estavam convencidos de que quem vinha em auxílio do castelo de Algel era o próprio xerife[1498]. Diego de Torres, que se engana claramente ao remeter este episódio

---

[1492] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXII, p. 423.

[1493] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. IIII, fl. 8v.

[1494] João Gouveia Monteiro, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, p. 245. Sobre a montagem dos acampamentos de campanha veja-se também Elise Cardoso, *A logística militar na Cronística Portuguesa de Quatrocentos*, dissertação de mestrado em História Militar apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 58-67.

[1495] João Gouveia Monteiro, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, p. 226.

[1496] D. Jerónimo Osório apelida-o de "*príncipe-dos-montes*". Ver Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 212.

[1497] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXII, p. 423.

[1498] Segundo Luis del Mármol Carvajal, "*teniendo entendido que era el proprio Xerife que venia a socorrer la villa*". Ver Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. IIII, fl. 8v. Segundo Manuel de Faria e Sousa, "*Si bien entonces creyeron que*

para Janeiro de 1517, não faz qualquer referência ao senhor da serra, afirmando que quando "*Lope Barriga fue a saquear la villa de Anega, y tenicndola cercada los Xarifes fueron aviſados de ello. Y juntando la mas gente que pudieron fueron a focorrerla*"[1499]. Independentemente de quem comandou as forças que desceram da serra em socorro do castelo de Algel, a debandada dos mouros de pazes, que na fuga abandonaram as suas tendas, deixou os portugueses sozinhos com poucos mouros aliados, aguentando Lopo Barriga a sua posição até à noite, num caminho apertado "*per onde esta gente de cauallo auia de passar*"[1500]. Dali foram os portugueses acampar a meia légua de distância, nas tendas que os mouros de pazes abandonaram no campo aquando da debandada. Diz-nos Luis del Mármol Carvajal que os mouros aliados ficaram pesarosos quando tomaram conhecimento de que afinal tinham fugido de apenas "*ciento de a cauallo que venian com Muley Idris el Heteti señor de Annimey, y no el Xerife como ellos pensaron*"[1501]. Os cronistas portugueses, por outro lado, procuraram colocar em evidência a desgraça ocorrida aos mouros de pazes como consequência da covardia demonstrada na fuga atabalhoada. De facto, diz-nos Damião de Góis que, dos mouros aliados que bateram em retirada, morreram de frio mais de quinhentos naquela noite por lhes faltarem tendas onde se abrigar, o que constitui um claro exagero, principalmente se atendermos não só aos números, como também à resistência dos mouros daquela região, habituados ao clima. D. Jerónimo Osório, manifestamente literário no seu relato, apresenta o fim dos fugitivos do seguinte modo:

---

venian alli los Xarifes con mayor mano". Ver Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 126.

[1499] Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XIX, p. 59.

[1500] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXII, p. 423. Segundo Luis del Mármol Carvajal, os portugueses "*pelearon com los que venian de la sierra toda aquella tarde, hasta que la noche los despartio*". Ver Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. IIII, fl. 8v.

[1501] Ver Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. IIII, fl. 8v.

"*Os que tinham fugido, pela chuva que caíu e o frio que sobreveio, como não tinham tendas com que pairar ao mau tempo, morreram regelados. Que não são aquelas gentes afeitas às geadas; sobejava-lhes já a fadiga e a penúria de tudo: de maneira que o frio daquela noite matou para cima de 500 que, vilmente desamparando com mêdo da morte os alojamentos em que podiam guarnecer-se, foram encontrar com morte mais vil, trajada das insígnias da desonra*"[1502].

D. Jerónimo Osório e Manuel de Faria e Sousa não o referem, mas diz-nos Damião de Góis que os mouros de pazes que sobreviveram ao frio foram ainda corridos por trezentos de cavalo na manhã do dia seguinte. Quanto aos portugueses, diz-nos o grande humanista que foram ter a Calcate, onde Lopo Barriga reuniu os que andavam espalhados pelo campo. Foi, portanto, com menos "*dezaseis de cauallo Portugueses*", que morreram no primeiro combate com os mouros de Algel, e com menos "*hum besteiro de pe Portugues*", que morreu durante a carga do senhor da serra, que Lopo Barriga e os seus homens regressaram a Safim[1503], depois de três tentativas falhadas contra o castelo de Algel.

Apresentados os combates mais expressivos da guerra contra o xerife entre finais de 1514 e inícios de 1515, importa tecermos algumas breves considerações, nomeadamente, no que respeita ao desbarato de Muley Ahmed Aláreje nas terras da Xiátma, e às expedições contra Amagor, Agaballo e Algel, na região de Heha. Antes de mais, importa notar que as acções militares ordenadas por Nuno Fernandes de Ataíde a sul do rio Tensift, a partir de 1512, denunciam a clara intenção de expandir a área de influência de Safim para a Xiátma e para a região de Heha. Deste modo, o embate entre

---

[1502] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 212. Segundo Manuel de Faria e Sousa, "*de los Arabes huidos tan infelizmente que temorosos de morir a hierro, murieron a frío (haziale grande) màs de quinientos*". Veja-se Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 126.

[1503] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXII, p. 423. Para além dos cronistas mencionados, este combate foi também referido, embora de forma bastante sucinta, por Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, pp. 62-63; André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, quadro 2, p. 203. Do mesmo autor veja-se ainda "Nuno Fernandes de Ataíde et l'intervention portugaise à l'interieur des terres du Maroc", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, p. 112; Fernando Pessanha, "O adail Lopo Barriga e a expedição contra o castelo de Amagor", in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3366, 30 de Setembro de 2021, p. 6.

as forças de Nuno Fernandes de Ataíde, que procurava estender a soberania portuguesa para sul, e as forças do xerife, que procurava estender os seus domínios para norte, apresentava-se manifestamente inevitável. A sujeição de Tednest ao velho xerife e a necessidade de Nuno Fernandes de Ataíde expulsá-lo da cidade, em Fevereiro de 1514, indica claramente que o seu filho Muley Ahmed Aláreje pretendia transpor o Tensift para fazer guerra aos mouros de pazes dos Abda e assim enfraquecer o protectorado português na região. Derrotados os exércitos do rei de Fez e do vice rei de Méknes e estendida a área de influência portuguesa até às portas de Marraquexe, Ataíde parece ter percebido que uma eventual aliança entre os hintatas e os xerifes inviabilizaria, desde logo, o projecto da conquista da "cidade vermelha", pelo que não tardou em lançar-se na perseguição de Muley Ahmed Aláreje, que em finais de 1514 chegou a solicitar a paz a Ataíde[1504]. É nesse sentido que as expedições militares contra Amagor, Agaballo e Algel se revestem de particular interesse, já que são manifestamente representativas da estratégia do capitão de Safim no que se refere ao isolamento político e militar de Marraquexe através da pressão exercida contra as forças dos xerifes, no sentido de expulsá-las para a região do Suz, de onde eram originárias.

Para além disso, as expedições militares contra Amagor, Agaballo e Algel revestem-se de redobrado interesse, já que constituem ofensivas militares lançadas a partir de Safim contra vilas fortificadas/acasteladas localizadas a grandes distâncias, no interior do sul marroquino. Como sabemos, o poder militar português fazia-se sentir principalmente no mar, de onde se tornava possível desembarcar homens, artilharia e material de guerra, tal como atesta a operacionalidade evidenciada em teatros de operações como Ceuta, Alcácer Ceguer, Anafé, Arzila, Safim, Azamor, etc. Os castelos de Amagor, Agaballo e Algel, pelo contrário, encontravam-se localizados no interior, na região meridional que Vitorino Magalhães Godinho classificou de "*escabrosa e áspera*"[1505] e onde os portugueses, desprovidos da artilharia tantas vezes determinante nos sucessos militares, apenas contavam com a audácia das arrojadas iniciativas praticadas por reduzidos esquadrões de cavalaria contra adversários que combatiam em

---

[1504] "*Oje me chegou aquy hum recado do Xaryfe, pidymdo me paz; ao qual eu nam quis responder sem primeiro me dyzer como a pede*". Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 27 de Dezembro de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 19, Nº 58. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CXXXII, p. 668.

[1505] Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, p. 109.

casa, profundamente conhecedores do território e manifestamente superiores em número. Dadas as circunstâncias, não será exagerado afirmar que estas incursões em território longínquo e inóspito, comandadas pelo adail Lopo Barriga, terão representado um esforço assinalável por parte dos portugueses de Safim, conscientes de que o seu poderio militar tinha uma natureza essencialmente costeira.

Em traços gerais, podemos concluir que estas acções militares, lançadas contra alvos longínquos, localizados no interior marroquino e onde os portugueses se viam privados da sua força naval, constituíram sucessos militares do ponto de vista da sagacidade e do esforço dos esquadrões de cavalaria, que se arriscavam em território inóspito com incursões rápidas contra alvos cirurgicamente seleccionados[1506]. Contudo, a eficácia da cavalaria, denunciada nos sucessos contra Amagor e Agaballo, assim como a persistência e o espírito de sacrifício manifestados nas três tentativas contra o castelo de Algel, não se revelaram suficientes para travar o avanço de um adversário numericamente esmagador e movido pela filosofia da guerra-santa contra o cristão invasor. Por outras palavras, podemos considerar que os resultados inconclusivos e até mesmo as vitórias sofridas contra o adversário - que acabaria por, nas décadas seguintes, subjugar a esmagadora maioria do território que na actualidade constitui o Marrocos contemporâneo – já denunciavam a incapacidade lusa em manter várias frentes de guerra em simultâneo e espalhadas um pouco por todo o império português, situação que acabaria por se tornar insustentável e conduzir à denominada reformulação da estratégia norte-africana de 1542, ocorrida já durante o reinado de D. João III.

6.7 – O Ataque a Marraquexe

Como anteriormente vimos, imposta a autoridade de Nuno Fernandes de Ataíde como principal chefe militar da Duquela e constituída a confederação de mouros de pazes que se estendia ao longo de uma vasta área que ia desde o rio Morbeia, localizado a norte de Safim, e que se alastrava para sul desta praça até à região da Xiátma e para leste, até às proximidades de Marraquexe, o "*nunca esta quedo*" não tardou a pretender isolar política e militarmente os hintatas, de modo a dar largas aos seus planos de conquista da "cidade vermelha". Para tal, uma vez desbaratados os exércitos de Fez e de

[1506] Usando as palavras de Diogo do Couto: "*assalto repentino, chegar e fugir*". Diogo do Couto, *O Soldado Prático*, Segunda Parte, Cena IV, p. 135.

Méknes e de modo a evitar uma eventual aliança entre o xerife e o rei de Marraquexe, Nuno Fernandes rapidamente se predispôs a empurrar Muley Ahmed Aláreje para a região do Suz, mandando contra ele Lopo Barriga com o apoio dos mouros de pazes. Porém, e ainda que o adail de Safim não tenha conseguido capturar o xerife, Ataíde não se coibiu de dar continuidade aos seus planos para tomar Marraquexe, principalmente depois de o almocadém Diogo Lopes ter comandado uma entrada que chegou às portas da cidade, em Outubro de 1514. De facto, é o próprio Damião de Góis a referir a persistência de Ataíde em tomar a "cidade vermelha":

"*depois que o almocadem Diogo lopez chegou as portas de Marrocos, como já tenho dito Nuno fernandez buscaua todolos modos, & meos pera fazer o mesmo, com tenção de tomar esta cidade*"[1507].

Para tal, o capitão de Safim foi preparando terreno, não só no sentido de isolar o adversário, como também de reunir apoios, de modo a constituir uma grande força de combate. Com certa frequência, mandava Lopo Barriga com alguma gente de cavalo visitar os mouros de pazes, solicitando aos seus xeques que estivessem preparados para um grande empreendimento do qual haveriam de tirar grande honra e proveito. Outras vezes dava instruções aos cavaleiros de Safim e às forças dos mouros de pazes para procurarem os aduares que se moviam pelo sul marroquino, tal como aconteceu em Novembro de 1514, aquando da perseguição aos sete aduares situados nas imediações de Marame, em que o contador Nuno Gato referiu "*que foy a mor coryda que eu nunca vym, e ver corer duas mill e tamtas lamças hera hüa fremosa cousa*"[1508]. Referência, aliás, que denuncia claramente o labor de Ataíde no sentido de constituir uma grande força de ataque, sem a qual seria inexequível a realização de qualquer iniciativa militar de maior envergadura. Foi, portanto, a pressão resultante destas cavalgadas no interior marroquino, nomeadamente nas proximidades de Marraquexe, a fazer com que muitos

[1507] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXII, p. 420. Usando as palavras de Osório, "*a gentileza com que Diogo Lopes, singelamente acompanhado, cavalgara até às portas de Marrocos o solicitava a ir acometer Marrocos*". Ver Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 211.

[1508] Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 14 de Novembro de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 16, Nº 111. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXIX, p. 656.

líderes tribais preferissem aliar-se a Ataíde, em vez de resistir-lhe. Note-se, aliás, que no mês seguinte a esta entrada registada por Nuno Gato, é o próprio capitão de Safim a escrever ao monarca português afirmando estar "*em muita amizade com Molei Maffamede, o senhor da Sserra, por muitas cartas que me tem mandadas e rrecados, e prazera a Deos que neste casso ele sservira bem Vossalteza*"[1509]. Por outras palavras, a acção intimidatória de Nuno Fernandes fazia com que outras tribos se juntassem à confederação de mouros de pazes, o que não só reforçava o poder do "*nunca esta quedo*" a nível de recursos humanos, como simultaneamente isolava cada vez mais o reino de Marraquexe. De resto, as palavras do capitão de Safim nessa mesma missiva são manifestamente claras quanto à intenção de realizar uma expedição contra a "cidade vermelha" ainda durante esse inverno:

"*ssegundo o despejo que acho em todolos Alarves das pazes, e prencypallmente Olei Dambrão que he mais perto de Marrocos, a mim me pa(rece) que, sse tevera mais duzentas lanças do que tenho, que nos vyramos bem Marrocos a nossa vontade, e tanto o dessejo que não quero dyzer mais que cento, e prazeraa Deos que este ynverno algûa coussa sse fará d'ysto*".

Como adiante veremos, Marraquexe era uma cidade enorme e extremamente populosa, ainda que algo decaída do seu antigo esplendor. Capital dos impérios almorávida e almóada, perdeu a supremacia quando os merínidas transferiram a capital para Fez. Ainda assim, assumia-se como a maior cidade de todo o sul marroquino, "*tão grande e tão populosa e ua das principais de África*", de acordo com Duarte Pacheco Pereira[1510], e "*entre las mayores ciudades del mundo y de las más nobles del África*", segundo Leão-o-Africano[1511]. Face às circunstâncias, qualquer projecto que visasse um eventual ataque a Marraquexe, cidade protegida por uma muralha com doze Km de perímetro, passava não somente por reunir grande número de recursos humanos e materiais, como também pela realização de uma meticulosa prospecção de terreno e por

[1509] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 12 de Dezembro de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 17, Nº 12. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXX, p. 663.

[1510] Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Capítulo 18, p. 67.

[1511] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 164.

isolar a cidade política e militarmente. É, portanto, nesse sentido que, após a inesperada expedição do almocadém de Safim, encontramos Nuno Fernandes a dirigir ataques a alvos estrategicamente localizados a poucas léguas da "cidade vermelha", tal como aconteceu em 22 de Janeiro de 1515, quando Ataíde reuniu trezentas lanças de cristãos e mil e trezentos mouros de pazes e atacou uns aduares localizados poucas léguas além de Marraquexe. Com efeito, diz-nos o *récit d'une expédition aux portes de Marrakech* que desta expedição resultaram cento e sessenta cativos e quatro mil cabeças de gado grosso[1512]. Para além deste *récit*, também Álvaro de Ataíde refere a sua participação nesta expedição em carta ao rei de 25 de Janeiro de 1515:

"*vy ja Marrocos e a tore omde dizem que estam as maças, aimda que eramos tres legoas poucos mais ou menos alem (…) eu esprevi algüas vezes a Vosa Alteza e asy digo agora que, com ajuda de Noso Senhor, pase Vosa Alteza e traga hum imfante: fa-lo-a rrey ou senhor desta terra e coroar-lo-a em Marrocos, e isto esta feito com ajuda do muito alto Senhor Deoz, se Vosa Alteza quiser*"[1513].

Note-se que estas palavras redigidas pelo tio de Nuno Fernandes, que bem fazem lembrar as palavras Diogo de Azambuja sobre a "*fé (…) em pôr bandeira em Marrocos e por isto, Senhor, vos da muitos filhos pêra que façaaes huum rrey de Marrocos*"[1514], denunciam mais uma vez fez a convicção dos *bellatores* portugueses na conquista de Marraquexe, convicção denunciada não só na epistolografia dos capitães de Safim Diogo de Azambuja e Nuno Fernandes de Ataíde, como também na epistolografia de capitães como Rui Barreto[1515] ou D. João de Meneses[1516].

[1512] Relato de uma expedição às portas de Marraquexe, em 22 de Janeiro de 1515. B.N.P., MS 7638, Nº 79, fl. 136. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXXV, p. 676.

[1513] Carta de Álvaro de Ataíde a D. Manuel, em 25 de Janeiro de 1515. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 17, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXXVI, pp. 678-679.

[1514] Carta de Diogo de Azambuja a D. Manuel, em 13 de Dezembro de 1507. A.N.T.T., *Corpo Cronologico*, Parte I, maço 6, Nº 69. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXVII, pp. 139-144.

[1515] Carta de Rui Barreto a D. Manuel, em 21 de Fevereiro de 1514. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 114. Ver também Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na

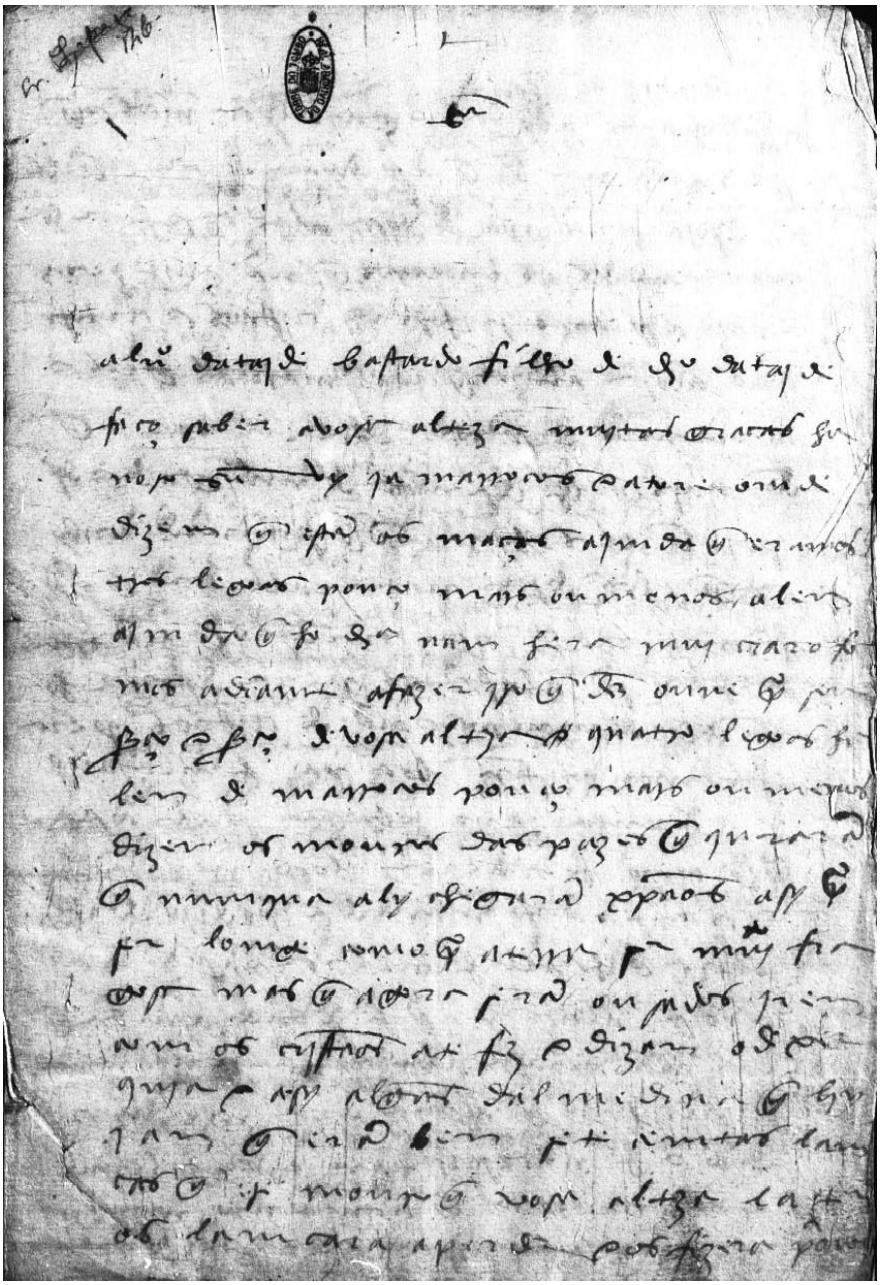


Fig. 130 - Carta de Álvaro de Ataíde a D. Manuel, em 25 de Janeiro de 1515. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 17, Nº 61.

Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 270. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. XCI, pp. 489-501 e por Jorge Correia in *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África*, pp. 493-498. Sobre a posição de Rui Barreto face à conquista de Marraquexe veja-se Fernando Pessanha, "Rui Barreto: a capitania do alcaide-mor de Faro em Azamor", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLI, pp. 137-138.

[1516] Carta de D. João de Meneses a D. Manuel, em 18 de Fevereiro de 1514. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 422. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. XC, p. 487.

De facto, esta carta de Álvaro de Ataíde reveste-se de grande interesse, não só por facultar informações pertinentes quanto à abundância de recursos naturais e à fertilidade dos solos da região de Marraquexe, como também pelas recomendações sobre as obras de fortificação em Safim. Com efeito, o testemunho de Álvaro de Ataíde poderá dar-nos algumas pistas quanto ao objectivo desta expedição. É certo que o documento não é claro quanto ao motivo que levou os portugueses algumas léguas além da "cidade vermelha". A esse respeito diz-nos apenas: "*Fomos adiamte a fazer isso que Deoz ouve por seu serviço e serviço de Vossa Alteza quatro legoas halem de Marrocos pouco mais ou menos*", a um sítio onde, de acordo com os mouros de pazes que integravam a expedição, nunca tinham chegado cristãos "*asy por ser lomge como por a terra ser muito fragosa*". Não é de desconsiderar, portanto, que esta expedição de Janeiro de 1515 atendesse a motivos manifestamente estratégicos, nomeadamente, no que se refere ao reconhecimento dos terrenos que circundavam Marraquexe, à obtenção de despojos e ao aliciamento das tribos locais para o lado português. Com efeito, David Lopes chega a levantar a hipótese de se tratar de uma expedição secreta, de modo a convocar os mouros daquelas partes para o grande ataque que andava a ser projectado por Ataíde[1517].

De resto, estas expedições em redor da "cidade vermelha" acabavam por ter um importante papel de desgaste em contexto de guerra: debilitar psicologicamente o adversário[1518]. Refira-se, aliás, que esta expedição de Janeiro de 1515 parece ter sido exímia no cumprimento desse objectivo, na medida em que ambas as fontes conhecidas aludem o abalo psicológico do rei de Marraquexe face às movimentações dos portugueses nos arredores da cidade: "*El rey de Marrocos vendo que os Cristãos se chegavam ousadamente nas portas da cidade (...) e não lhes podendo resistir,*

[1517] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos…", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 501, nota 1.

[1518] Trata-se de uma estratégia usada pelos portugueses no Além-mar desde a conquista de Ceuta. Vejam-se, a este propósito, Gomes Eanes de Zurara, "Chronica do Conde D. Pedro de Menezes", in *Collecção de livros inéditos de Historia Portugueza, dos reinados de D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, e D. João II*, Tomo II, pp. 213-635 ou "Chronica do Conde D. Duarte de Menezes", in *Collecção de livros inéditos de Historia Portugueza, dos reinados de D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, e D. João II*, Tomo III, pp. 7-85.

encerrou-se em suas cassas por tres dias, nos quaes chorou sua perdição"[1519], testemunho algo romântico reforçado por Álvaro de Ataíde ao escrever que "*el rey de Marrocos (...) toda aquela noyte nam fez senam chorar e dizer mal a sua vyda*"[1520].

Curiosamente, Damião de Góis não refere esta expedição na sua *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, o que fez com que os cronistas que se lhe seguiram, como D. Jerónimo Osório, Pedro de Mariz ou Manuel de Faria e Sousa também não o fizessem. Note-se, aliás, que o mesmo se passou com outros investigadores que se dedicaram ao estudo da História da Expansão em Marrocos, como Durval Pires de Lima, António Dias Farinha ou André Teixeira, aparecendo David Lopes como o único a ter em consideração esta expedição "*quatro legoas halem de Marrocos*". Consideramos, porém, que esta acção militar bem merece ser considerada. Aliás, não só esta expedição, como também as pazes com "*com Molei Maffamede, o senhor da Sserra*", ou "*Olei Dambrão que he mais perto de Marrocos*"[1521], entendimentos que indicam claramente a estratégia de Ataíde em isolar Marraquexe, de modo a aumentar a sua vulnerabilidade e a impedir a cidade de receber reforços em caso de assédio.

Realizada a expedição de Álvaro de Ataíde a aproximadamente vinte e quatro Km a oriente da "cidade vermelha", em Janeiro de 1515, assim como as já referidas expedições contra os castelos de Amagor, Agaballo e Algel, que tiveram lugar entre Março e Abril do mesmo ano, Nuno Fernandes de Ataíde ordenou a realização da mais pretensiosa acção militar não só da sua capitania como também da História da Expansão Portuguesa em Marrocos. Empreendimento militar que, usando as palavras de Meyrelles do Souto "*não constituiu o facto façanha de pequena monta*"[1522]. Referimo-nos, desde logo, ao tão almejado ataque português a Marraquexe, que Damião de Góis

---

[1519] Relato de uma expedição às portas de Marraquexe, em 22 de Janeiro de 1515. B.N.P., MS 7638, Nº 79, fl. 136. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXXV, p. 676.

[1520] Carta de Álvaro de Ataíde a D. Manuel, em 25 de Janeiro de 1515. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 17, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXXVI, pp. 678-679.

[1521] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 12 de Dezembro de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 17, Nº 12. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXX, p. 663.

[1522] Ver Meyrelles do Souto, *Portugal e Marrocos (factos e notícias)*, p. 63.

apelida de "*tam memorauel cidade*"[1523]. Porém, antes de abordarmos esta arrojada iniciativa militar, torna-se pertinente debruçarmo-nos brevemente sobre as informações facultadas pelas fontes quatrocentistas e quinhentistas quanto à região que envolve a "cidade vermelha", de modo a termos uma perspectiva global no momento de problematizarmos este empreendimento militar.

Confessa o geógrafo Abu-l-Abbas Ahmad al-Qalqasandi, que descreveu Marraquexe no início do século XV, que "*no sé si yo lograría hacer una descripción auténtica de esta moderna ciudad, que es una de las maravillas concebidas por la mente de los príncipes*"[1524]. São o *Esmeraldo De Situ Orbis*, de Duarte Pacheco Pereira, e a *Descripción General de África*, de Leão-o-Africano, que se destacam como as fontes descritivas cronologicamente mais próximas da Marraquexe atacada por Nuno Fernandes de Ataíde em 1515. Se Duarte Pacheco Pereira, que redigiu o *Esmeraldo De Situ Orbis* por volta de 1506, destaca Marraquexe como a maior cidade de todo o sul marroquino, "*tão grande e tão populosa e ua das principais de África*"[1525], Leão-o-Africano, por seu lado, destaca Marraquexe não apenas como a maior cidade de todo o sul marroquino, mas como das "*mayores ciudades del mundo y las más nobles del África*"[1526]. O certo é que, ainda que algo decaída do seu antigo esplendor, Marraquexe era uma cidade enorme e extremamente populosa. Capital dos impérios almorávida e almóada, a "cidade vermelha" viu os seus soberanos embelezarem-na com grandes e nobres edifícios[1527], de entre os quais se destaca a grande mesquita e o minarete da Koutobia, contemporânea da Giralda de Sevilha e da torre Hassan de Rabat, "*cuya longitud alcanza a ciento diez brazas*"[1528], segundo estimou Abu-l-Abbas Ahmad al-

---

[1523] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 426.

[1524] Luis Seco de Lucena, *Marruecos a comienzos del siglo XV, según Abu-l-Abbas Ahmad al-Qalqasandi*, p. 29.

[1525] Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Capítulo 18, p. 67.

[1526] Leão-o-Africano, *Descripción General de África*, Segunda Parte, p. 164.

[1527] Segundo Diego de Torres, "*Marruecos era antiguamenteel más principal, assí por la grandeza de la ciudad, como por averse desde allí hecho la empresa de España*". Veja-se Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo I, p. 3.

[1528] Luis Seco de Lucena, *Marruecos a comienzos del siglo XV, según Abu-l-Abbas Ahmad al-Qalqasandi*, p. 31.

Qalqasandi. De resto, Marraquexe foi descrita por geógrafos muçulmanos como Al Idrisi, no séc. XII, ou Ibn Batuta, no séc. XIV[1529].

Antes de avançarmos no presente subcapítulo, detenhamo-nos brevemente sobre a realidade geográfica de Marraquexe. Diz-nos a *Descrição de Marrocos* de um anónimo português, de1596, que "*De Marrocos a sidade de Safim, sâo vinte e sinco legoas*"[1530]. De facto, Marraquexe se encontra localizada a aproximadamente cento e quarenta Km de Safim, em linha recta, e a aproximadamente cento e cinquenta e três Km, em automóvel, como podemos observar pela imagem de satélite do Mapcarta. Quer isto dizer que Elaine Sanceau não errou por muito, ao escrever que:

"*ficou célebre na história a espantosa galopada, conduzida pelo capitão Nuno Fernandes de Ataíde por 157 quilómetros através do deserto até às portas da grande cidade berbere de Marrocos*"[1531].

[1529] Sobre as descrições de Marraquexe por parte destes geógrafos veja-se Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, pp. 104-105.

[1530] *Descrição de Marrocos – Copia do emperio e reinos dos xarifes na Berberia em Africa, & de algumas terras de negros, comessando na emperial sidade de Marrocos, cabessa do dito emperio, e sua comarca*, de um anónimo português em 1596. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliotèques de France, Vol. II, Doc. LXXXVII, pp. 254 e 307.

[1531] Elaine Sanceau, *Os portugueses em Marrocos*, pp. 132-133.

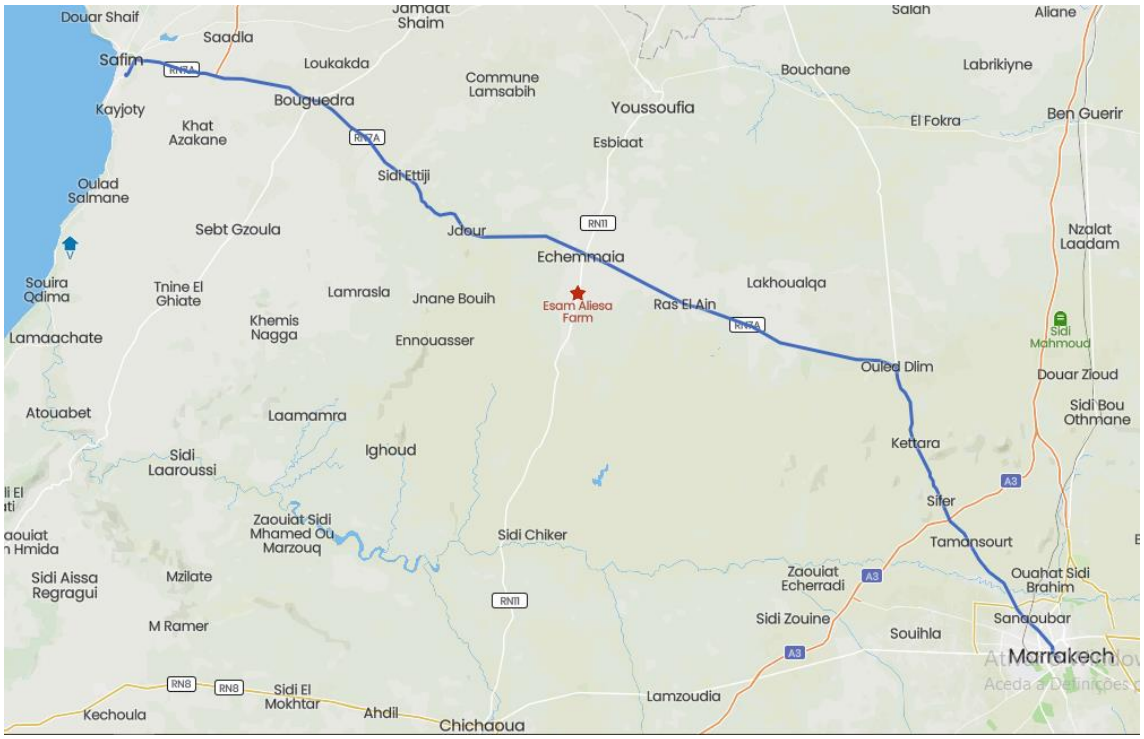


Fig. 131 - Rota de automóvel entre Safim e Marraquexe, de acordo com o Mapcarta. (On line) Disponível em: https://mapcarta.com/pt/Mapa (Consultado em 1 de Janeiro de 2022).

Situado num enorme território chão denominado Hauz, que se estende no sentido Norte-Sul desde o rio Morbeia até ao Atlas, a planície de Marraquexe apresenta algumas elevações a norte da cidade e do rio Tensift. A terra é avermelhada, sendo que é com esta que se produz a taipa, o principal material de edificação das muralhas e do casario. É, portanto, devido à tonalidade da terra que Marraquexe é conhecida por "cidade vermelha". Como observou David Lopes,

"*são terras de aluvião, muito permeáveis, as águas filtradas por elas, formam uma toalha subterrânea de direcção S-N, que é a do declive do terreno e diminui gradualmente nessa direcção, mínimo do termo de Marrocos: assim as águas escoam-se para esse lado e vão perder-se no Tencifte*"[1532].

[1532] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 502.

Entre este rio e o perímetro amuralhado da cidade de inícios do séc. XVI estendia-se um enorme palmar, ao longo de cinco Km[1533] e que ocupava uma superfície de treze mil hectares[1534]. Apesar do enorme crescimento do tecido urbano da cidade, o registo fotográfico que documenta a Marraquexe das primeiras décadas do séc. XX permite-nos ter uma ideia aproximada do palmeiral que se estendia entre o rio Tensift e as muralhas da cidade quinhentista.

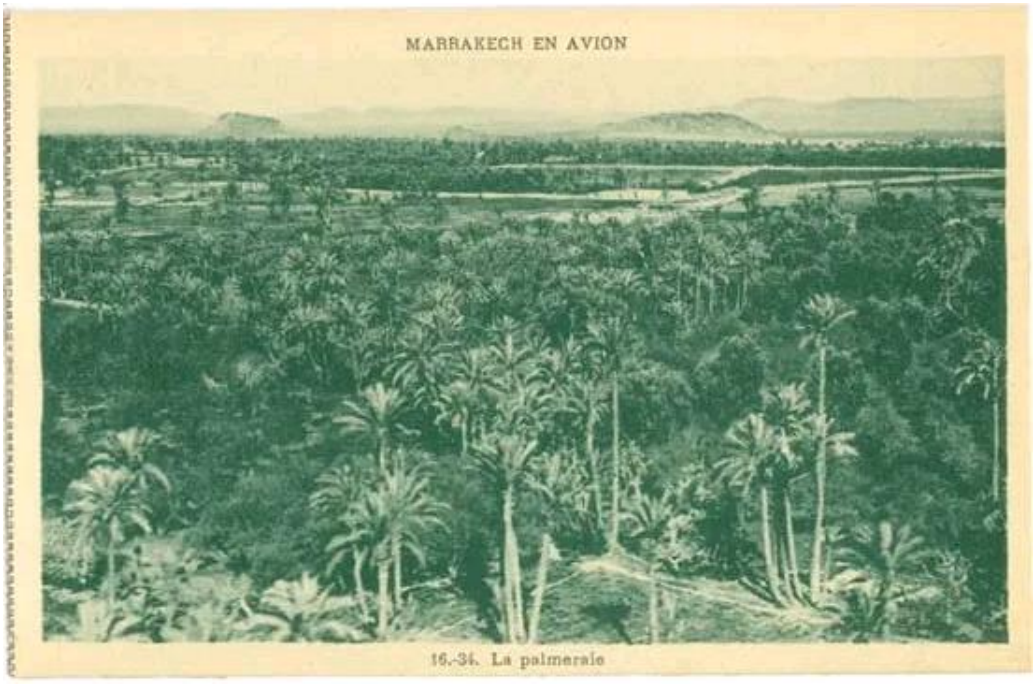


Fig. 132 - *Marrakech, en avion, La palmeraie, Flandrin*. (On line) Disponível em: https://maisondelaphotographie.ma/portfolio/marcelin-flandrin/ (Consultado em 31 de Dezembro de 2021).

[1533] Segundo Leão-o-Africano, o rio Tensift passava a seis milhas da Marraquexe dos inícios do séc. XVI. Veja-se Leão-o-Africano, *Descripción General de África*, Segunda Parte, p. 165. Segundo a *Descrição de Marrocos* de 1596, "*A ribeira de Tansifite esta de Marrocos huma legoa*". Ver *Descrição de Marrocos – Copia do emperio e reinos dos xarifes na Berberia em Africa, & de algumas terras de negros, comessando na emperial sidade de Marrocos, cabessa do dito emperio, e sua comarca*, de um anónimo português em 1596. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliotèques de France, Vol. II, Doc. LXXXVII, p. 243.

[1534] Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, p. 105.



Fig. 133 - *Maroc, (Scènes et Types) L'Oued Tensif, Tensift*. (On line) Disponível em: https://maisondelaphotographie.ma/portfolio/de-dion-bouton/ (Consultado em 31 de Dezembro de 2021).

Da realidade socio-económica da Marraquexe de então pouco se sabe. Segundo Leão-o-Africano, a sua província era muito abundante em trigo e outros cereais, gado e fruta, nomeadamente, tâmaras, uvas, figos, maçãs e pêras[1535], bem como de oliveiras[1536]. Álvaro de Ataíde, na já referida carta a D. Manuel de 25 de Janeiro de 1515, atesta a fertilidade da região classificando-a como "*a mais fremosa terra e rrica que numqua se vyo e a mais sameada do que a cem anos que numqua se vyo*"[1537], sendo que era na planície, que Damião de Góis apelida de *"terra cham de moutas, & mato raro*"[1538], que

[1535] Leão-o-Africano, *Descripción General de África*, Segunda Parte, p. 166.

[1536] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 502.

[1537] Carta de Álvaro de Ataíde a D. Manuel, em 25 de Janeiro de 1515. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 17, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXXVI, p. 679.

[1538] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 424. Usando as palavras do autor da *Descrição de Marrocos* de 1596, "*Esta situada em terra campina muilo salilrada, e sem rienhum mato*". Ver *Descrição de Marrocos – Copia do emperio e reinos dos xarifes na Berberia em Africa, & de algumas terras de negros, comessando na emperial sidade de Marrocos, cabessa do dito emperio, e sua comarca*, de um anónimo português em 1596. Documento publicado in

eram cultivados os cereais, as favas e lentilhas, as leguminosas, o cânhamo e a criação de gado[1539]. De acordo com David Lopes, estas culturas eram favorecidas pelas inúmeras acéquias que recebiam recursos hídricos do Tensift e do Tessaute (que corre para o Morbeia) e de muitas ribeiras que saem do Atlas e vão confluir nestes rios.

"*E não só as acéquias, mas todo um sistema de «cótaras» que levam o precioso líquido a toda a parte e formam um engenhoso meio de irrigação das terras. São galerias subterrâneas abertas na base do terreno permeável para escoamento das águas filtradas; elas escoam-se no sentido S-N, que é a do declive do terreno, como dissemos, na direcção do leito do Tencift*"[1540].

Diz-nos a *Descripción General de África* que na parte anteriormente habitada desenvolviam-se as vinhas, as árvores de fruto e as palmeiras-tamareiras, já que as tribos nómadas pareciam dificultar a lavoura aos citadinos[1541]. Como anteriormente referimos, da cidade amuralhada até ao rio Tensift, o palmeiral ocupa uma superfície de treze mil hectares[1542]. No entanto, as tâmaras que produz não são comestíveis[1543]. A grande riqueza da região constituía, portanto, nos vastos campos de "*muito trigo e cevada*"[1544] referidos por Álvaro de Ataíde, sendo que na cidade havia enormes celeiros para os armazenar[1545].

Que se sabe sobre a demografia da Marraquexe de então? Segundo a *Descripción General de África*, Marraquexe contava na primeira metade do séc. XII

Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc, Archives et Bibliotèques de France, Vol. II, Doc. LXXXVII, p. 243.

[1539] Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, p. 104.

[1540] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 502.

[1541] Leão-o-Africano, *Descripción General de África*, Segunda Parte, p. 166.

[1542] Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, p. 105.

[1543] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 502.

[1544] Carta de Álvaro de Ataíde a D. Manuel, em 25 de Janeiro de 1515. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 17, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, *Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXXVI, p. 680.*

[1545] Leão-o-Africano, *Descripción General de África*, Segunda Parte, p. 170.

com cem mil fogos "*y hasta más*"[1546], número manifestamente sobredimensionado. Duarte Pacheco Pereira, apoiando-se na tradição oral, refere que no tempo da sua prosperidade havia na cidade vinte e quatro mil homens de cavalo[1547]. Quatro séculos volvidos, a cidade estava muito diminuída de casas, estimando Leão-o-Africano que dois terços se encontravam desabitadas[1548]. Já Duarte Pacheco Pereira, sobredimensionando vertiginosamente os números, afirma que "*das trinta partes da sua pouoaçam nam he hua parte pouoada*"[1549], o que é manifestamente inaceitável, como Vitorino Magalhães Godinho bem observou[1550]. De acordo com Duarte Pacheco Pereira, o despovoamento verificável em inícios do séc. XVI deveu-se à morte dos seus soldados na Batalha do Salado[1551]. No entanto, é sabido que a perda da sua supremacia deveu-se às lutas internas pelo poder e, principalmente, à transferência da capital para Fez, durante a dinastia merínida[1552]. É, portanto, tendo em consideração a diferença entre o período de maior prosperidade e os finais do séc. XVI que o autor da *Descrição de Marrocos* de 1596 refere, de forma aparentemente ambígua, que a Marraquexe de então estava "*mal povoada*", aludindo de seguinda que "*com tudo isto, tem muita gente*"[1553].

No que respeita às defesas e à arquitectura militar da Marraquexe de inícios da centúria quinhentista, também pouco se sabe. É certo que as já mencionadas instruções secretas de D. Manuel para Fernão Dias, entre 8 e 10 de Agosto de 1514, determinavam que o emissário português recolhesse informações sobre os recursos humanos (gente de cavalo e de pé) existentes na cidade, assim como as suas fortificações, torres, muralhas

---

[1546] Leão-o-Africano, *Descripción General de África*, Segunda Parte, p. 165.

[1547] Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Capítulo 18, p. 67.

[1548] Leão-o-Africano, *Descripción General de África*, Segunda Parte, p. 166.

[1549] Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Capítulo 18, p. 67.

[1550] Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, p. 105.

[1551] Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Capítulo 18, p. 67. Note-se que este autor refere o mesmo relativamente a Anafé (Casablanca). Ver Fernando Pessanha, "A conquista e destruição de Anafé (Casablanca) pelo Infante D. Fernando (1468) – Considerações sobre uma pouco conhecida operação anfíbia", in *Revista de História, Sociedade e Cultura*, Nº 19, p. 102.

[1552] Leão-o-Africano, *Descripción General de África*, Segunda Parte, pp. 166-168.

[1553] *Descrição de Marrocos – Copia do emperio e reinos dos xarifes na Berberia em Africa, & de algumas terras de negros, comessando na emperial sidade de Marrocos, cabessa do dito emperio, e sua comarca*, de um anónimo português em 1596. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliotèques de France, Vol. II, Doc. LXXXVII, pp. 242-243.

e alcáçova[1554]. Como anteriormente referimos, desconhecemos se Fernão Dias chegou a cumprir a sua missão, já que até ao momento não é conhecido qualquer documento que ateste a realização destas negociações. Mais uma vez, as únicas informações de que dispomos são facultadas pelos autores quatrocentistas e quinhentistas em que nos temos vindo a basear. Abu-l-Abbas Ahmad al-Qalqasandi regista, que a cidade tinha, em inícios do século XV, dezassete portas[1555]. Já Leão-o-Africano menciona a existência de vinte e quatro portas[1556], informação que é atestada por Duarte Pacheco Pereira[1557] e mais tarde por Luis del Mármol Carvajal, que já publicou a sua *Descripción general de África…* em 1571[1558]. Segundo Abu-l-Abbas Ahmad al-Qalqasandi, a extensa muralha de Marraquexe "*alcanza a siete millas*"[1559], enquanto David Lopes, calculou doze Km de perímetro, com cinco metros de altura e dois metros de espessura[1560]. Outros autores, no entanto, referem que as muralhas chegaram a atingir oito metros de altura, com um estreito caminho de ronda que apenas servia à circulação de homens a pé[1561]. A *Palatium magni. Regis Maroci in Barbaria*..., vista de Marraquexe de 1641, da autoria de Adrien Matham[1562], permite-nos ter uma ideia de como seriam as muralhas da

---

[1554] Instruções para Fernão Dias, entre 8 e 10 de Agosto de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 107. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CXIII, pp. 590-595.

[1555] Luis Seco de Lucena, *Marruecos a comienzos del siglo XV, según Abu-l-Abbas Ahmad al-Qalqasandi*, p. 29.

[1556] Leão-o-Africano, *Descripción General de África*, Segunda Parte, p. 165.

[1557] Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Capítulo 18, p. 67.

[1558] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XL, fl. 28.

[1559] Luis Seco de Lucena, *Marruecos a comienzos del siglo XV, según Abu-l-Abbas Ahmad al-Qalqasandi*, p. 29.

[1560] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 501. Veja-se também Fernando Pessanha, "23 de Abril de 1515 – O ataque dos portugueses a Marraquexe", in *Jornal do Baixo Guadiana*, Nº 143, Abril de 2012, p. 26. Do mesmo autor veja-se também *Subsídios para a História do Baixo Guadiana e dos Algarves Daquém e Dalém-mar*, pp. 43-44 e "Os 500 anos do ataque português a Marraquexe e a acção do capitão Nuno Fernandes de Ataíde", in *Jornal do Algarve*, Nº 3030, 23 de Abril de 2015, p. 21.

[1561] Rui Rasquilho, "Vestígios portugueses em Marrocos", in *Portugal e o Mundo: o futuro do passado – 3. Marrocos*, p. 183.

[1562] Trata-se do autor do célebre *Voyage d'Adrien Matham au Maroc (1640-1641): journal de voyage*.

Marraquexe de inícios do séc. XVI, assim como a vista estilizada, que Johann Christoph Homann apresenta em *Statuum Maroccanorum regnorum nempe Fessani, Maroccani, Tafiletani et Segelomessani*, publicada já em 1728.

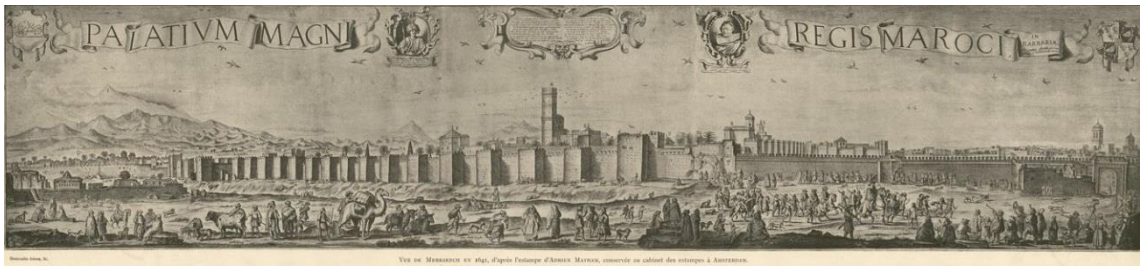


Fig. 134 - *Palatium magni. Regis Maroci in Barbaria*..., vista de Marraquexe de 1641, da autoria de Adriaen Matham. B.N.F., *Département Cartes et plans*, GE D-21463.
(On line) Disponível em:
https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b530573367/f1.item#
(Consultado em 25 de Abril de 2022).



Fig. 135 - Vista estilizada de Marraquexe em *Statuum Maroccanorum regnorum nempe Fessani, Maroccani, Tafiletani et Segelomessani*, da autoria de Johann Christoph Homann, em 1728. B.N.F., *Département Cartes et Plans*, GE DD-2987 (8045).
(On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8595421w/f1.item
(Consultado em 25 de Abril de 2022).

Diz-nos Abu-l-Abbas Ahmad al-Qalqasandi que as "*sólidas murallas*"[1563] da cidade foram levantadas "*en el año 514 / 1129-1121*". Às "*hermosas murallas*" que Leão-o-Africano afirma terem sido construídas em taipa "*y cal viva*"[1564], acrescenta

[1563] Luis Seco de Lucena, *Marruecos a comienzos del siglo XV, según Abu-l-Abbas Ahmad al-Qalqasandi*, p. 30 e p. 29, respectivamente.

[1564] Leão-o-Africano, *Descripción General de África*, Segunda Parte, p. 165.

Luis del Mármol Carvajal, com certo exagero, a aplicação de "*vna argamasa tan rezia, que si dan com vn pico en ella, salta fuego como si diesen en vna peña viua*"[1565]. Estas alusões à qualidade e à robustez das muralhas da "cidade vermelha" acabam, portanto, por contrariar o autor da *Descrição de Marrocos* de 1596, que afirma ser "*esta sidade de grande serca, antiga e fraca*"[1566]. Na actualidade ainda se conservam vários panos de muralha de largas dimensões, que a evolução do tecido urbano não ousou destruir[1567].



Fig. 136 - *Marrakech, Les Remparts, Roudnev Edit*. (On line) Disponível em: https://maisondelaphotographie.ma/portfolio/roudnev/ (Consultado em 9 de Março de 2022).

[1565] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XL, fl. 28.

[1566] *Descrição de Marrocos – Copia do emperio e reinos dos xarifes na Berberia em Africa, & de algumas terras de negros, comessando na emperial sidade de Marrocos, cabessa do dito emperio, e sua comarca*, de um anónimo português em 1596. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliotèques de France, Vol. II, Doc. LXXXVII, p. 242.

[1567] Rui Rasquilho, "Vestígios portugueses em Marrocos", in *Portugal e o Mundo: o futuro do passado – 3. Marrocos*, p. 183.

Em 1931, David Lopes publicou um mapa do que seria o perímetro amuralhado da Marraquexe de 1515, baseando-se num croquis de Pierre de Cenival[1568] e, em 1934, foi a vez de o próprio Pierre de Cenival também publicar uma planta da cidade onde igualmente identifica algumas das principais portas[1569]. Tal como podemos comprovar através de plantas como o *Plan de la ville de Maroc (la Rouge),* de 1868[1570], o perímetro amuralhado de inícios do séc. XVI assinalado por David Lopes e de Pierre de Cenival correspondem, em traços gerais, aos croquis publicados por estes autores. Aliás, as plantas turísticas da actualidade indicam claramente que as muralhas de Marraquexe do tempo de Ataíde correspondem, *grosso modo*, ao centro histórico e à medina da "cidade vermelha", sendo que algumas das vinte e quatro portas referidas por Leão-o-Africano, Duarte Pacheco Pereira e Luis del Mármol Carvajal continuam a subsistir, tal como se verifica nos mapas dos historiadores acima referidos.

[1568] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 497.

[1569] Pierre de Cenival, "Expédition contre Marrakech, 23 avril 1515", in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, p. 691.

[1570] B.N.F., GED-7990.

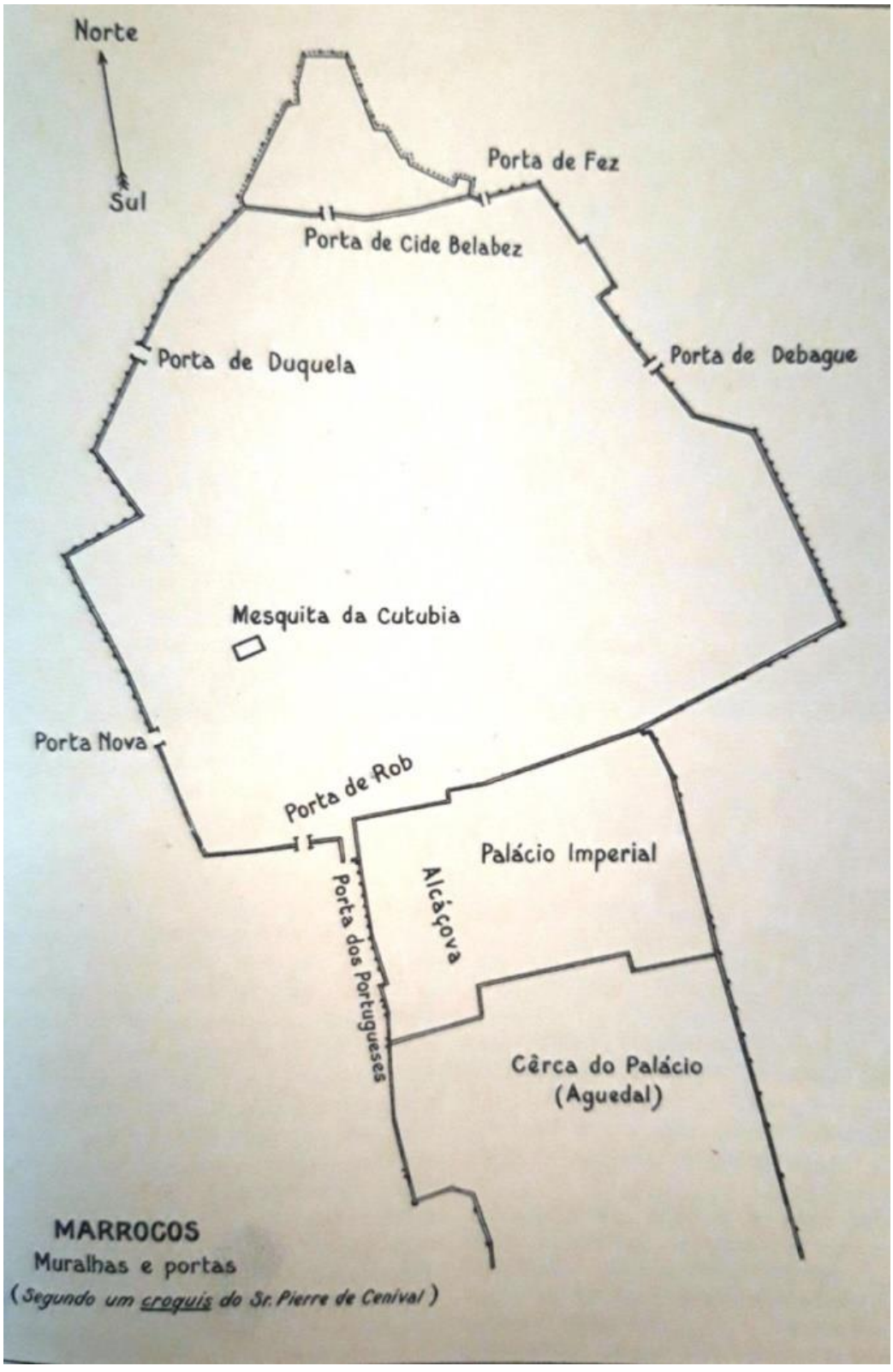


Fig. 137 - Planta de Marraquexe em 1515, segundo David Lopes. Documento publicado em "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel ", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 497.

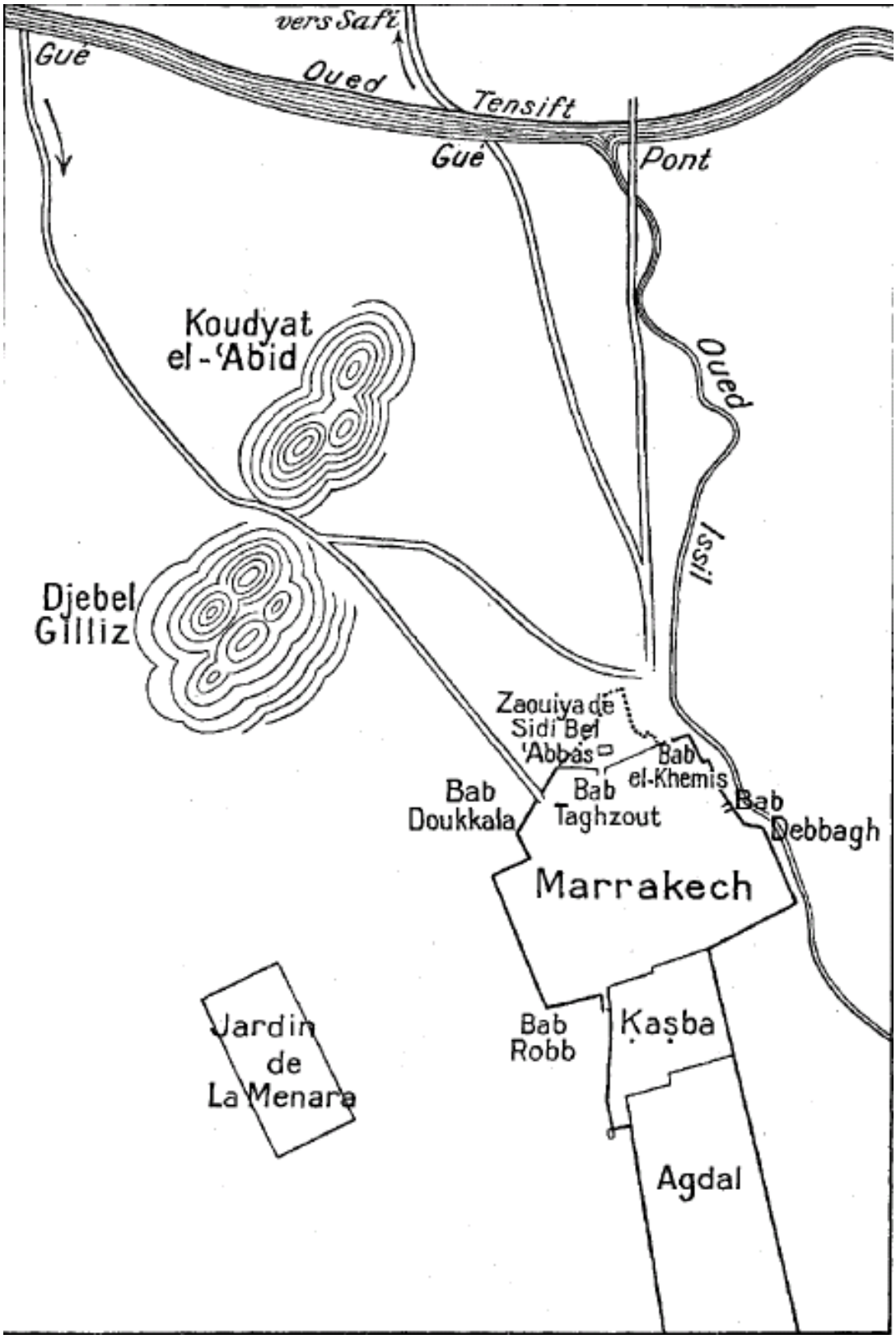
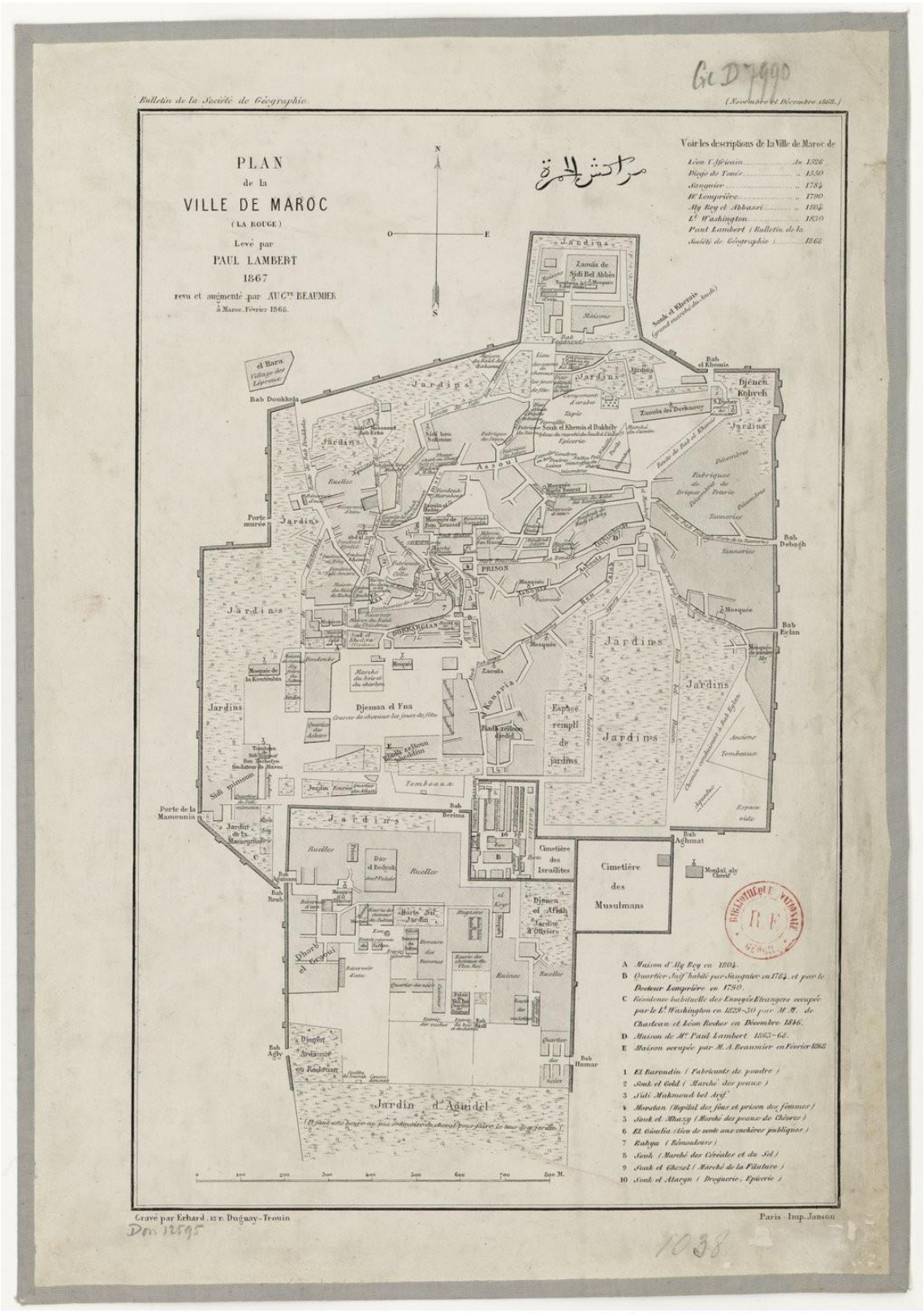


Fig. 138 - Planta de Marraquexe em 1515, segundo Pierre de Cenival. Documentos publicado em "Expédition contre Marrakech, 23 avril 1515", in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, p. 691.



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Fig. 139 - Plan de la ville de Maroc (la Rouge) / levé par Paul Lambert; 1867, revu et augmenté par Augte Beaumier, à Maroc, février 1868. B.N.F., GED-7990. (On line) Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8446712n.r=marrakesh?rk=772536;0# (Consultado em 25 de Abril de 2022).

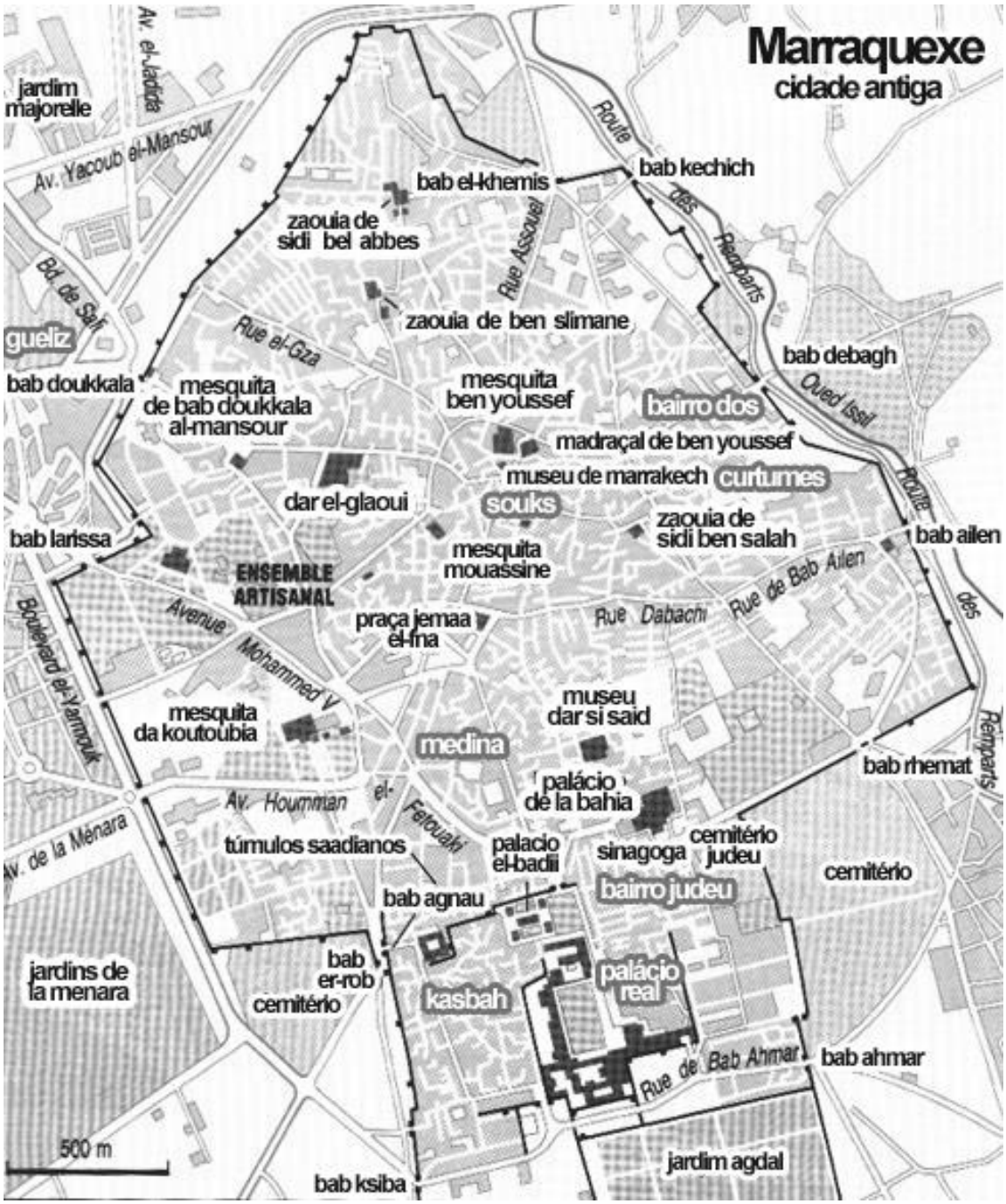


Fig. 140 - Planta actual da Medina de Marraquexe.

De resto, e tal como o fez David Lopes aquando da recolha de elementos para escrever sobre a expedição de Nuno Fernandes contra Marraquexe, também nós realizámos trabalho de campo, no sentido de documentarmos a realidade actual do perímetro amuralhado, assim como das portas que, segundo Damião de Góis, foram atacadas em 1515. Pesquisa, aliás, fundamental para compreendermos a distribuição das forças comandadas por Nuno Fernandes de Ataíde ao longo do perímetro amuralhado.

Entre as instruções secretas que D. Manuel deu a Fernão Dias encontrava-se a incumbência de o emissário português recolher informações sobre as fortificações da cidade, nomeadamente, sobre a alcáçova[1571]. Mais uma vez, é Leão-o-Africano a informar-nos sobre esta fortificação, descrevendo-a como uma "*alcazaba cuyas murallas son muy gruesas y fuertes, com hermosas puertas de piedra tallada, de batientes guarnecidos de hierro*"[1572]. De acordo com o viajante mourisco, a alcáçova albergava onze ou doze palácios, ricamente decorados e guarnecidos no tempo de Almançor. Porém, apenas dois se encontravam então ocupados, ou seja, o que alojava a família do monarca e um segundo onde se encontravam aquartelados os besteiros. Já Luis del Mármol Carvajal, que escreve sobre Marraquexe meio século depois do tempo de Ataíde, refere uma grande e bela alcáçova, capaz de albergar quatro mil casas, cercada de muros fortes e torres "*y tiene su reuellin y fosso, y solas dos puertas*"[1573].

Apresentada em traços gerais a realidade geográfica, sócio-económica e demográfica de Marraquexe, assim como as suas defesas e arquitectura militar, concentremo-nos na expedição comandada por Nuno Fernandes contra a "cidade vermelha". Para tal iremos basear-nos em Damião de Góis, já que se apresenta como a fonte conhecida mais próxima desta acção militar e na qual se basearam os cronistas que se lhe seguiram, como D. Jerónimo de Osório, Luis del Mármol Carvajal, Diego de Torres, Pedro de Mariz ou Manuel de Faria e Sousa. De facto, diz-nos o *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, que:

"*No anno seguinte de mil quinhentos e quinze chegou a tanto o forte, e invencivel animo de Nuno Fernandes de Ataide, que desprezando os evidentes perigos, que no sertão de Africa cada dia se achão, e superando todas as cilladas, a que os*

[1571] Instruções para Fernão Dias, entre 8 e 10 de Agosto de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 107. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CXIII, pp. 590-595.

[1572] Leão-o-Africano, *Descripción General de África*, Segunda Parte, p. 168.

[1573] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XL, fl. 28.

Mouros della são muito affeiçoados, passou por tudo, até chegar á populosa Cidade Marrocos"[1574].

O que a resumida e laudatória narrativa de Pedro de Mariz não explica é como se decidiu o capitão de Safim a lançar-se sobre Marraquexe nesse ano de 1515. Com efeito, é através da *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, que ficamos a saber que Nuno Fernandes, depois de Lopo Barriga o informar de que todos os mouros de pazes se encontravam preparados para o tão aguardado empreendimento do qual haveriam de tirar grande honra e proveito[1575], enviou o seu tio Álvaro de Ataíde com cartas para D. Pedro de Sousa, o capitão de Azamor. É muito provável que a missiva de Ataíde tenha impressionado D. Pedro de Sousa, já que Góis refere que "*por lhe o negocio parecer de muito peso pera tratar per cartas, se veo ver com elle a Çafim, onde assentaram o que aviam de fazer, o que concluido dom Pedro se tornou pera Azamor*"[1576]. O projecto de Ataíde não era empreendimento militar para ser tomado com ligeireza, portanto, é compreensível que D. Pedro de Sousa se tenha deslocado propositadamente a Safim para ouvir o plano pelo próprio capitão de Safim e assim combinarem em que medida seria a colaboração dos cavaleiros de Azamor[1577].

Note-se que, ao chegar a este ponto da narrativa, Góis faz uma referência que despertou a nossa atenção, ainda que praticamente não tenha sido reproduzida pelos cronistas que se lhe seguiram: que passados alguns dias sobre a reunião de Ataíde com D. Pedro de Sousa, o capitão de Safim soube que o xerife se encontrava em Marraquexe através de "*Ineet banzamarro judeu, & Francisco Dias Atalaia*", que tinham sido enviados aos com "*negocios dissimulados*"[1578]. Desta brevíssima alusão podemos retirar três ideias principais: em primeiro lugar a confirmação de que Ataíde recorria a intérpretes judeus para contactar com as tribos mouras, prática, aliás, atestada por tantos

---

[1574] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, Capitulo XIX, p. 738.

[1575] Usando a expressão usada por D. Jerónimo Osório, "*Xeques Mouros que a esse efeito estavão já alvoraçados pelo Adail*". Ver Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 212.

[1576] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 423.

[1577] Cf. David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 497.

[1578] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 423.

outros documentos[1579]. Em segundo lugar a percepção de que, para além das visitas de Lopo Barriga, Ataíde procurava efectivamente manter a postos os líderes dos mouros de pazes para a iminência de um grande feito de armas do qual haveriam de "*ganhar gramde honra, com não pequena utilidade*"[1580]. A visita do intérprete judeu e do atalaia português[1581] aos Garbia numa altura em que o capitão de Safim enviava igualmente Álvaro de Ataíde a Azamor com cartas para D. Pedro de Sousa, sugere que os "*negocios dissimulados*" referidos por Góis tinham a clara intenção de informar discretamente o líder desta tribo - provavelmente Said, o sobrinho de Bentafufa que na altura detinha o cargo de alcaide dos Abda e dos Garbia[1582] - da proximidade do ataque a Marraquexe. Em terceiro lugar, mas não menos importante, a informação de que terá sido a alegada presença do xerife em Marraquexe a desencadear o tão almejado empreendimento contra a "cidade vermelha". É certo que os cronistas que se seguiram a Góis mencionam

[1579] Veja-se, a título de exemplo, o caso do judeu Dardeiro, que desempenhava as funções de intérprete em Safim. Ver Memória do Rabino Ibrahim Ben Zamirou, em 11 de Setembro de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte III, maço 5, Nº 75. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXII, pp. 619-629. Ver também Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em de Setembro de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 16, Nº 13. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CXXIII, pp. 630-637. Documento Igualmente publicado in David Lopes, *Textos em Aljamía Portuguesa*, Doc. VI, pp. 95-100.

[1580] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 211.

[1581] Os atalaias e os atalhadores eram frequentemente degredados ou gente de modesta origem que desempenhavam funções de grande risco. Como a área de ocupação portuguesa era restrita, a táctica militar impunha um sistema de vigias que possibilitava a organização da segurança nos arredores das praças. A obtenção de informações sobre as movimentações dos mouros era um elemento fundamental para o sucesso da segurança, daí que o domínio da língua árabe, de modo a comunicar com elementos locais exteriores às fortalezas, fosse indispensável ao desempenho das suas funções estratégicas. Por essa razão, muitas vezes os atalhadores eram mouriscos convertidos ao cristianismo, ou então portugueses de condição humilde que tinham passado pelo cativeiro, desenvolvendo assim grande fluência na língua árabe. Ver Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém-mar*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, p. 112.

[1582] Veja-se, a título de exemplo, a carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Agosto de 1515, em que refere ter mandado o adail visitar "*Çaide Tafuu*", o sobrinho de Bentatufa que o estava a substituir. Ver A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXLIV pp. 724-725. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 307-309.

a presença do xerife na cidade. Luis del Mármol Carvajal, por exemplo, refere que "*estaua dentro de Marruecos aql dia los Xerifes, y vn alcayde del rei de Fez com mucha gente de guerra*"[1583], tal como Manuel de Faria e Sousa que, já no séc. XVII, afirma que "*Un Alcayde delRey de Fez avia acompañado los Xarifes que alli fe hallavan agora*"[1584]. São estas alusões a fazer com que investigadores como Pierre de Cenival[1585] ou Maria Augusta Lima Cruz[1586] referiram que, aquando da expedição de Nuno Fernandes de Ataíde contra Marraquexe, o rei hintata contou com a ajuda do xerife de Suz e de um alcaide do rei de Fez. Porém, à excepção de Manuel de Faria e Sousa, que se baseia claramente em Damião de Góis ao afirmar que "*Nuño por sus inteligencias supo que el Xarife estava en Marruecos*"[1587], nenhum dos cronistas que se lhe seguiram, como D. Jerónimo Osório, Luis del Mármol Carvajal, Diego de Torres ou Pedro de Mariz referem ter sido a presença do xerife em Marraquexe a desencadear esta ofensiva militar. Recorde-se, aliás, que se os portugueses e os mouros de pazes não conseguiram capturar o xerife nas várias tentativas contra o castelo de Algel, era expectável que menos o conseguissem caso este se encontrasse efectivamente na monumental cidade de Marraquexe, onde alegadamente se encontrava com as suas forças, com as forças do hintata e com as forças do já referido alcaide do rei de Fez.

Com efeito, pode parecer algo inverosímil que os xerifes, que há vários anos pregavam a guerra santa contra os portugueses[1588] e que se assumiam como os *"campeões da fé muçulmana contra os cristãos invasores*"[1589], se dirigissem à Marraquexe que pouco antes tinha equacionado tornar-se tributária de Portugal com

---

[1583] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XL, fl. 35.

[1584] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 127.

[1585] Pierre de Cenival, *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, pp. 695-702.

[1586] Maria Augusta Lima Cruz, "Mouro para os cristãos e cristão para os mouros: o caso Bentafufa", in *Anais de História de Além-Mar*, Vol. III, p. 58.

[1587] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 126.

[1588] De facto, após abandonarem a corte do rei de Fez, os xerifes "*fueron pregonando la gazua* contra los *cristianos*". Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo X, pp. 27-31.

[1589] António Dias Farinha, *Os Portugueses em Marrocos*, p. 40.

outro propósito que não fosse submetê-la. E, de facto, foi isso que veio a acontecer quando, em 1524, as forças do xerife se apoderaram da "cidade vermelha". Mohamed el Attar, baseando-se em *Nozhet-Elhâdi Histoire de la Dynastie saadienne au Maroc (1511-1670)*, do cronista Mohammed Esseguir Ben Elhadj Ben Abdallah Eloufran[1590], afirma que a guerra que os xerifes faziam aos portugueses tornou-os tão famosos que os próprios hintatas lhes declararam vassalagem, entregando-lhes a cidade de Marraquexe[1591]. Porém, esta versão dos acontecimentos não é consonante com a historiografia ibérica. Segundo António Dias Farinha, as forças sádidas, depois de entrarem na cidade, fizeram assassinar o governante hintata, proclamando em seguida Muley Ahmed Aláreje como rei de Marraquexe[1592]. E em que circunstâncias terá o exército sádida entrado na cidade? De acordo com Paulo Vicente, as tropas do xerife entraram na "cidade vermelha" a pretexto de uma expedição conjunta contra os portugueses de Safim[1593]. E, de facto, o cronista Diego de Torres, cronologicamente mais próximo dos acontecimentos do que Eloufran, é contundente a registar como o xerife Muley Ahmed Aláreje se apoderou de Marraquexe à traição, assassinado o rei hintata para depois se proclamar rei da cidade no capítulo intitulado "*los xarifes embiaron un presente Rei de Marruecos y le mataron a traición y se levantaron com la ciudad*"[1594].

[1590] Mohammed Esseguir Ben Elhadj Ben Abdallah Eloufran, *Nozhet-Elhâdi Histoire de la Dynastie saadienne au Maroc (1511-1670)*, 1889. Sobre a imagem dos portugueses na cronística marroquina veja-se, a título de exemplo, Otmane Mansouri & Awad Belcadi Zineb, "L' image des Portugais dans l' historiographie marocaine à l' époque moderne", in *D' Aquém, D' Além e D' Ultramar. Homenagem a António Dias Farinha*, Vol. I, pp. 567-588.

[1591] Mohamed el Attar, *Os portugueses na região meridional de Marrocos 1505-1541*, dissertação de mestrado em História, Especialidade História dos Descobrimentos e da Expansão, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, p. 148.

[1592] António Dias Farinha, *Os Portugueses em Marrocos*, p. 62. Segundo Mercedes García-Arenal, "*Muley Nacer Buxentuf (...) Muhammad ibn al-Nasir ibn Yusuf, apodado Abu Suntuf, de la familia Hintata (...) Gobernó desde 1520 hasta ser depuesto y muerto por los Xarifes en 1525*". Veja-se Mercedes García-Arenal (publ.), *Diego de Torres. Relación del origen y suceso de los xarifes y del estado de los reinos de Marruecos, Fez y Tarudante*, p. 37, nota 6.

[1593] Paulo David Vicente, "Marráquexe", in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. II, p. 683.

[1594] Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XXVI, pp. 89-91.

Quanto à alusão de Damião de Góis em "*como estaua o Serife em Marrocos*"[1595] em Abril de 1515, é certo que Diego de Torres refere que estes, após abandonarem a corte do rei de Fez, começaram a pregar a guerra santa contra os cristãos, "*hasta que llegaron a Marruecos, donde fueron bien recebidos del Rei*"[1596], sendo que, aquando do ataque a Marraquexe comandado por Nuno Fernandes de Ataíde, encontravam-se "*dentro de Marruecos los dos hermanos Xarifes y un alcaide del rey de Fez com mucha gente de guerra*"[1597]. Note-se, no entanto, que Diego de Torres falha frequentemente nas datas avançadas por Góis e corroboradas pelas fontes epistolográficas, trocando mesmo a ordem dos acontecimentos. Aliás, o caso da expedição contra Marraquexe, que remete erroneamente para Abril de 1514[1598], apresenta-se como um bom exemplo, já que a situa antes da conquista de Tednest e das expedições contra Amagor, Miatbir ou Algel.

Seja como for, e independentemente da eventual presença dos xerifes na "cidade vermelha", em 1515, Ataíde rapidamente mandou recado a D. Pedro de Sousa e aos mouros de pazes da Abda, Garbia e Xerquia, para que em determinada data se encontrassem com as suas forças no designado sítio das "*Salinas*", lugar que David Lopes localizou a sessenta e sete Km de Safim[1599]. Segundo Damião de Góis, Nuno Fernandes de Ataíde apresentou-se com trezentas e dez lanças e doze soldados de pé; D. Pedro de Sousa com duzentas lanças e vinte soldados de pé; Abda com seiscentas lanças; Garbia com mil lanças e Xerquia com oitocentas lanças[1600], ou seja: um total de duas mil novecentas e dez lanças e trinta e dois soldados de pé. Curiosamente, os cronistas que se seguiram a Góis apresentam quantitativos algo diferentes. Se D.

[1595] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 423.

[1596] Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo X, pp. 27-31.

[1597] Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XI, pp. 33-34.

[1598] Também Mercedes García-Arenal regista este erro de Diego de Torres. Veja-se Mercedes García-Arenal (publ.), *Diego de Torres. Relación del origen y suceso de los xarifes y del estado de los reinos de Marruecos, Fez y Tarudante*, p. 58, nota 84.

[1599] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 497. Segundo Durval Pires de Lima, o sítio das Salinas parece ter sido, "*nesses remotos tempos, o campo de concentração de portugueses e mouros, quando planeavam algum fossado*". Ver Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 68.

[1600] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 424.

Jerónimo Osório, por exemplo, não menciona a participação das lanças dos Garbia, referindo apenas "*o xeque de Dabida com 1:000 e o de Xerquia com 800*"[1601], Luis del Mármol Carvajal, por outro lado, refere a utilização de "*cien peones arcabuzeros*"[1602], quando Góis refere que apenas eram doze peões de Safim e vinte de Azamor. Quer isto dizer que, segundo os cronistas quinhentistas, o quantitativo total de combatentes reunidos para o empreendimento contra Marraquexe oscilaria entre os mil e oitocentos homens contabilizados por D. Jerónimo Osório e os três mil combatentes contabilizados por Luis del Mármol Carvajal. Ora, seguramente o "Cícero português" terá confundido os números, baralhando as lanças dos Abda com as dos Garbia e calando a participação destes últimos[1603]. Aliás, não faria qualquer sentido a utilização de mil e oitocentos combatentes contra uma cidade como Marraquexe quando, em Novembro de 1514, Nuno Fernandes reuniu duas mil lanças em Sidi Chiker, para dar caça a sete aduares localizados em Marame, em terras da Xiátma[1604]. Por outro lado, parece-nos que Luis del Mármol Carvajal, pretendendo arredondar o número de combatentes reunidos, sobredimensionou o número de soldados de pé, de modo perfazer os três mil homens referidos. Não nos parece verosímil, portanto, os quantitativos avançados por D. Jerónimo Osório, Luis del Mármol Carvajal ou mesmo Durval Pires de Lima, que menciona a utilização de três mil e quatrocentos combatentes contra Marraquexe[1605].

Note-se que, tal como se verificou em algumas narrativas sobre as expedições contra Agaballo e Algel, também no presente caso existem referências quanto à participação de Bentafufa no ataque a Marraquexe. De facto, diz-nos Luis del Mármol Carvajal que o capitão de Safim, "*Teniendo gran desseo de hazer aquella empresa*,

---

[1601] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 212.

[1602] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XL, fl. 35.

[1603] Note-se que Robert Ricard, ao escrever sobre os Garbia, alude às mil lanças com que estes participaram no ataque a Marraquexe de 1515. Veja-se Robert Ricard, "Garbia", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. III, p. 104.

[1604] Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 14 de Novembro de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 16, Nº 111. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXIX, p. 656.

[1605] Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 63.

auiso a Yahaya Abe Tafuf"[1606], tal como Durval Pires de Lima, ao referir que "*Nuno Fernandes partia, de novo sobre Marraqueche. Nas salinas juntou-se a D. Pedro de Sousa, capitão de Azamor, e os auxiliares mouros Tafufa e Cidi Bozime*"[1607]. Ora, como anteriormente vimos aquando da alegada participação de Bentafufa no ataque a Agaballo e a Algel, o alcaide mouro tinha regressado ao reino em 1514, onde permaneceu pelo menos desde finais de Agosto desse ano até Junho de 1516[1608]. Não se comprova, portanto, a participação de Bentafufa no ataque a Marraquexe de 1515. Aliás, nem a participação de Bentafufa, nem a de "*Cidi Bozime*" referida por Durval Pires de Lima[1609], isto é, o xeque Side Bogima que participou nas expedições contra o castelo de Algel[1610].

Se não se comprova a participação de Bentafufa e de Side Bogima naquele que foi o empreendimento militar mais arrojado da História da Expansão Portuguesa em Marrocos, o mesmo não podemos dizer de um outro líder mouro. Com efeito, para além do recado enviado a D. Pedro de Sousa e aos mouros de pazes de Abda, Garbia e Xerquia, Damião de Góis especifica outro dos "recados" ao referir que "*o mesmo mandou dizer a Cide meimam*"[1611]. Quem é este homem que Góis não se coíbe de individualizar na *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*? Ainda que anteriormente tenhamos feito referência a "Cide meimam" (ou Cide Alimeimam) enquanto alcaide de Almedina, o facto de ter sido informado pelo próprio Nuno Fernandes de Ataíde acerca dos seus planos para o ataque a Marraquexe justifica, desde logo, uma explicação mais esclarecedora.

Se as crónicas não são muito elucidativas, as informações facultadas pela epistolografia permite-nos conhecer um pouco do percurso deste indivíduo. Ao seguirmos as fontes publicadas em *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*

[1606] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XL, fl. 35.

[1607] Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 63.

[1608] Maria Augusta Lima Cruz, "Mouro para os cristãos e cristão para os mouros: o caso Bentafufa", in *Anais de História de Além-Mar*, Vol. III, pp. 55-56.

[1609] Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 63.

[1610] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIII, pp. 422-423.

[1611] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 424.

apercebemo-nos de que a primeira referência a "Cide meimam" surge em 6 de Dezembro de 1509, ainda antes da capitania do "*nunca esta quedo*". Como anteriormente referimos no capítulo dedicado a Safim entre a conquista portuguesa e a capitania de Nuno Fernandes de Ataíde, o governo do capitão interino Pedro de Azevedo foi pautado pela normalização das relações e alianças entre os portugueses e alguns líderes tribais, de modo a atenuar o descontentamento provocado pela polémica capitania de Diogo de Azambuja. Foi nesse sentido que o capitão interino, ao tomar conhecimento dos rumores relativos aos preparativos mouros para a reconquista de Safim, constituiu uma rede de informadores de modo a mantê-lo actualizado quanto às intenções dos seus adversários, tal como podemos ver por documentos como a ordem de pagamentos de Pedro de Azevedo, de 6 de Dezembro de 1509, que revela a identidade de informadores pagos pelo feitor de Safim a mando do capitão, como o supracitado Meimam:

"*dareys a Meymam, morador em Allmedyna, cynquo covodos de pano de Condado, d'esse que tendes na feytoryacento oy tenta reis covodo, por muytos avysos que a mym dá que ssam sservyço de S. A*"[1612].

Se Meimam aparece referido como simples morador em Almedina em 6 de Dezembro de 1509, o mesmo não acontece na carta de Nuno Gato a D. Manuel de 4 e 5 de Dezembro de 1510, em que já é mencionado como "*hum Mouro principal d'Almedina*"[1613] que procura sujeitar a sua cidade ao poder de Safim, fazendo com que esta pagasse tributo aos portugueses. Mais tarde, em 19 de Agosto de 1512, é o próprio Nuno Fernandes de Ataíde que, em carta ao rei, reconhece o papel de Meimam em fazer prevalecer os interesses portugueses, quando afirma que "*hos Mouros d'Almedina, que mui bem serviram en folguarem muito de paguar e trabalharem pollos houtros*

[1612] Ver Ordem de Pedro de Azevedo, de 6 de Dezembro de 1509. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 19, Nº 114. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXXV, pp. 221-222.

[1613] Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 4 e 5 de Dezembro de 1510. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 5, Nº 38. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLIII, pp. 259-264. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 448-451.

paguarem, he Meymam e ssua paremteira"[1614]. Ao seguirmos a epistolografia percebemos que o estatuto social de Meimam foi aumentando com a afirmação da soberania portuguesa na região. De facto, na carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. João de Meneses, de 28 de Março de 1514, afirma o capitão de Safim que "*vyerâo alevantar pâo Almedyna, e Meymãoí não lhe deu lagar nysso e dysse que prymeyro ouvesem lycença de mym*"[1615], o que denuncia o papel de chefia já então exercido por Meimam em Almedina. Do mesmo modo, diz-nos Góis que quando o exército do vice-rei de Méknes foi sobre Almedina, já depois da Batalha dos Alcaides, "*Almeimam, que sabendo o poder com que el Rei vinha, se acolheo com hum seu filho, mulheres, & casa a Çafim*"[1616].

A proximidade entre Nuno Fernandes e Meimam é, aliás, afirmada pelo próprio capitão de Safim quando, na carta a D. Manuel de Setembro de 1514, em que acusa Bentafufa de traição e do despovoamento de Almedina, refere que "*era competyção que tynhão huns amigos de Yhea com outros meus qu 'eu la tynha e hera Meimão huum d'eles*"[1617]. Refira-se, aliás, que Ataíde não se coibiu de envolver Meimam no seu intento de prejudicar Bentafufa, tal como se pode ver pela carta enviada a D. Manuel, em 16 de Outubro de 1514, onde o capitão de Safim acusa Bentafufa de "*dizer a Vossalteza que Meimão não mandava bem Xarquia*"[1618]. De resto, é através desta missiva que ficamos a saber que uma parte do saque obtido pelo almocadém Diogo Lopes na entrada realizada às portas de Marraquexe ficou para Meimam: "*na cavalgada*

[1614] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 19 de Agosto de 1512. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 317. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LX, pp. 337-353.

[1615] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. João de Meneses, em 28 de Março de 1514. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 301. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. XCIV, pp. 512-513.

[1616] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LI, p. 380.

[1617] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em de Setembro de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 16, Nº 13. Documento publicado in David Lopes, *Textos em Aljamía Portuguesa*, Doc. VI, pp. 95-100 e em *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXIII, pp. 630-637.

[1618] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 16 de Outubro de 1514. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 15, maço 16, Nº 32. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXV, pp. 642- 648. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. V, pp. 42-45.

que agora sse ffez as partes de Marrocos e de como o Almocadem quintou nos sseus gados pera mim, de que dou d'isso algua parte a Meymão".

De modo geral, as informações facultadas pela epistolografia revelam que a ascensão social de Meimam, que antes da capitania de Nuno Fernandes de Ataíde aparece referido como um mero informador, foi aumentando à medida que o capitão de Safim ia afirmando a sua autoridade como principal chefe militar na região. Assim sendo, não será de estranhar que, aquando dos preparativos para o ataque a Marraquexe, Nuno Fernandes tenha mandado avisar Meimam, já que por então Góis se refere a ele como o capitão da Xerquia[1619]. Trata-se, portanto, de um indivíduo que, percebendo que poderia beneficiar favorecendo os interesses portugueses no sul marroquino, optou por alinhar ao lado dos cristãos, mediante pagamento pelos seus serviços. O facto de Luis del Mármol Carvajal se referir a "*Cidi Maymon*" como "*otro alcayde Affricano que tambien siruiu al rey Don Manuel*"[1620] não deve ser entendido como uma vassalagem movida por convicção, mas antes por uma questão de benefício pessoal. Tal como referiu Maria Augusta Lima Cruz relativamente a Bentafufa, "*o mais provável é que, muito pragmaticamente, tenha apostado no lado daqueles que, na ocasião, lhe parecia reunirem melhores condições para dominar*"[1621]. Parece-nos também ser o caso de Meimam ou mesmo de Side Bogima, ainda que estes estivessem longe de granjear a fama, a importância e o prestígio do alcaide da Duquela.

Se continuarmos a seguir a narrativa de Damião de Góis depreendemos que as forças portuguesas devem ter partido de Safim e de Azamor no dia 21 de Abril de 1515, pernoitando nas salinas. Concentradas as forças portuguesas e as dos aliados, Nuno Fernandes comunicou "*aos mouros onde os leuaua (do que forão mui alegres)*"[1622].

[1619] "*Xerquia de que era capitam Side Meimam*". Ver Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 424.

[1620] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XL, fl. 35.

[1621] Maria Augusta Lima Cruz, "Mouro para os cristãos e cristão para os mouros: o caso Bentafufa", in *Anais de História de Além-Mar*, Vol. III, p. 62.

[1622] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 424. Usando as palavras de Luis del Mármol Carvajal, "*dello fueron contentos y alegres*". Ver Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XL, fl. 34.

Partindo com as tropas no domingo, dia 22 de Abril, foram jantar a Bosdam[1623], localidade situada a dez Km. Tal como David Lopes[1624], também não conseguimos identificar este topónimo. Seja como for, é de supor que aqui tenham pernoitado, já que o cronista refere que, pelas dez horas do dia, seguiram a marcha com as oitocentas lanças da Xerquia à esquerda de Nuno Fernandes, e as seiscentas lanças dos Abda e as mil dos Garbia à sua direita, "*ficando a gente Portuguesa entrelles*"[1625].

Finalmente, chegaram com três horas de sol a Mezerete, localidade que Luis del Mármol Carvajal designa de "*Mascarotan*"[1626] e Manuel de Faria e Sousa designa de "*Mezecret*"[1627]. Note-se que, segundo a reconstituição que David Lopes faz desta expedição, Mezerete era um lugar de paragem, com um poço de boa água[1628], próxima dos montes Jabilete[1629]. De facto, a *Descrição de Marrocos* de 1596 refere que "*ao pe de huns dos montes* esta *hum posso d'agoa dosse; chamasse este lugar Menserte*"[1630]. No entanto, as crónicas contrariam o historiador português, nomeadamente Damião de Góis, ao referir que nesta localidade se "*achou alguns xarquos dagoa roim, de que*

[1623] "*Bozdá*", segundo Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XL, fl. 35.

[1624] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 503.

[1625] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 424.

[1626] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XL, fl. 35. Também Diego de Torres utiliza a mesma designação. Veja-se Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XI, p. 32.

[1627] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 126.

[1628] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 503. Segundo Mercedes García-Arenal, trata-se de "*Wadi Mesred*", o aluente da margem direita do rio Tensift. Veja-se Mercedes García-Arenal (publ.), *Diego de Torres. Relación del origen y suceso de los xarifes y del estado de los reinos de Marruecos, Fez y Tarudante*, p. 59, nota 87.

[1629] Rui Rasquilho menciona igualmente os montes Jabilete. Ver Rui Rasquilho, "Vestígios portugueses em Marrocos", in *Portugal e o Mundo: o futuro do passado – 3. Marrocos*, p. 182.

[1630] *Descrição de Marrocos – Copia do emperio e reinos dos xarifes na Berberia em Africa, & de algumas terras de negros, comessando na emperial sidade de Marrocos, cabessa do dito emperio, e sua comarca*, de um anónimo português em 1596. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliotèques de France, Vol. II, Doc. LXXXVII, p. 243.

todos beberam"[1631]. Luis del Mármol Carvajal, sem fazer alusão à qualidade da água, diz-nos apenas que neste local "*se refresco la gente com el agua de algunos charcos q alli allarõ*"[1632]. Como adiante veremos, a alusão que Damião de Góis faz à água encontrada Mezerete acabará por revelar-se um elemento de grande importância para a compreensão desta expedição militar. De resto, foi nesta localidade que o capitão de Safim e o capitão de Azamor se reuniram com os xeques dos mouros de pazes, de modo a combinarem qual a porta de Marraquexe para onde deveria ser direccionado o ataque. Inicialmente se optou por atacar a porta de *Side Belabeceti*[1633], isto é, a porta do santo patrono de Marraquexe, Abú Alabeç Cepti, que nasceu em Ceuta, em 1130, e veio a falecer em Marraquexe, em 1204. Segundo David Lopes, Abú Alabeç Cepti foi enterrado na parte de fora da "*porta de Tagzute*"[1634], então exterior e hoje interior, devido ao desenvolvimento do tecido urbano da cidade para norte[1635]. Por esse motivo, a porta de *Side Belabeceti* referida por Damião de Góis, é também conhecida por "*porta de Tagzute*", referida por David Lopes, ou Bab Taghzout, como aparece na toponímia actual.

[1631] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 424.

[1632] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XL, fl. 35.

[1633] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 424.

[1634] Ver David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 501.

[1635] Veja-se o já referido mapa de Pierre de Cenival publicado em *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, p. 691.



Fig. 141 - A porta de Side Belabeceti, em Marraquexe, também conhecida por Bab Taghzout. Fotografia: Jihane Taha, 2022.

Tal como é dado a entender por Damião de Góis, é possível que a porta de *Side Belabeceti* tenha sido considerada como a opção mais segura, já que esta porta, voltada para Ceuta, dava para um terreno que se estendia entre o limite norte das muralhas de Marraquexe e o rio Tensift, como podemos verificar pelo mapa publicado por Pierre de Cenival. Os registos fotográficos da Marraquexe de inícios do séc. XX poderão dar-nos uma ideia da natureza deste terreno.



Fig. 142 - *Marrakech, Le Pont sur l'Oued Tensift, Flandrin*. (On line) Disponível em: https://maisondelaphotographie.ma/portfolio/marcelin-flandrin/ (Consultado em 31 de Dezembro de 2021).

O plano que, teoricamente, parecia oferecer menos perigo foi, no entanto, contestado por D. Garcia de Eça, alegando que a disposição daquele terreno dificultaria a movimentação da cavalaria, uma vez que os atacantes "*auião dachar muitas açequias, & matamorras que lhes auiam dempedir o caminho*"[1636]. Por esse motivo, sugeriu este fidalgo que fosse atacada a porta de Fez, já que estava mais próxima do ponto em que se encontravam e que o terreno parecia mais apropriado às suas intenções, opinião com a qual todos concordaram. Posto isto, torna-se pertinente questionar a identidade de D. Garcia de Eça. Na realidade, pouco sabemos sobre este indivíduo. De acordo com genealogistas como Alão de Morais ou Felgueiras Gayo, a D. Garcia de Eça, filho bastardo do clérigo D. Cristóvão de Eça, "*chamarãolhe de alcunha o Suleima servio em Affrica E casou em Çafim com D. Fran^ca^ de Souza (...)*"[1637]. Diz-nos o *Livro de Linhagens do século XVI* que "*Este Dom Garcya Coleyma foy casado em Cafim com Dona Francisca de Sousa molher baixa de que ouue a Dom Garcya dEça o Esquerdo e*

[1636] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 424.

[1637] Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo V, Vol. II, p. 115. Veja-se também Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo XIII, p. 36.

a Dona Joana molher de Dom Vasco Coutinho"[1638]. A primeira alusão a D. Garcia de Eça em Safim surge quando Damião de Góis escreve sobre o ano de 1508, nomeadamente, quando o cronista refere que este fidalgo já se encontrava naquela praça com Diogo de Azambuja ainda antes de D. Manuel ter enviado os reforços com que se haveria de tomar a cidade pelas armas[1639].

Aquando do grande cerco de Safim de 1510, Nuno Gato e Nuno Fernandes de Ataíde referem D. Garcia como responsável por uma das estâncias, "*em que avia seis torres e setenta braças de muro*"[1640] e onde se encontrava acompanhado por "*Pero Lourenço de Mello e Fernam d'Alvarez d'Alvim, e Jam de Freitas, e Gonçalo Nunez Pyreira e assi houtros criados de V. A.*"[1641]. O facto de Nuno Fernandes de Ataíde, Nuno Gato e Damião de Góis referirem-se a ele como "*dom Garcia deça çuleima*"[1642] indica tratar-se de um fidalgo de destacada posição social, condição, aliás, atestada pelo facto de integrar uma reunião constituída pelos altos comandos militares de Safim, Azamor e onde estavam presentes os xeques dos Abda, Garbia e Xerquia. A pertinência da sua observação quanto à escolha do terreno onde a cavalaria deveria operar demonstra, desde logo, tratar-se de um fidalgo experimentado nas artes bélicas[1643]. Para além disso, o facto de recomendar o ataque através da "*milhor terra*", fronteira à porta de Fez, indica que este fidalgo já conhecia o terreno em questão. Assim sendo, não será de desconsiderar que D. Garcia tenha acompanhado Álvaro de Ataíde na expedição de Janeiro de 1515, realizada a aproximadamente vinte e quatro Km a oriente da "cidade

---

[1638] António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, p. 239.

[1639] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, II, Capítulo XVIII, p. 188.

[1640] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a el-rei, em 4 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, p. 287. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, p. 84.

[1641] Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 3 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 41. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLV, p. 274. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 149-153.

[1642] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 424.

[1643] Fernando Pessanha, "O cavaleiro D. Garcia de Eça, «chamarãolhe de alcunha o Suleima, servio em Affrica…»", in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3409, 28 de Julho de 2022, p. 3.

vermelha"[1644], ou que se tenha previamente informado junto dos cavaleiros que em Outubro de 1514 acompanharam o almocadém Diogo Lopes na entrada realizada às portas da Marraquexe[1645]. De facto, a experiência militar de D. Garcia de Eça Çuleima é atestada pelo próprio Damião de Góis noutros momentos da *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*. Veja-se, a título de exemplo, a sua participação na entrada que Nuno Fernandes comandou contra os aduares de Almedina, em 22 de Janeiro de 1511, dias depois do término do grande cerco a Safim de Dezembro de 1510[1646], ou a já referida situação em que Ataíde, temendo a traição de Bentafufa face à notícia de um ataque do rei de Marraquexe, em 1512, ordenou a Lopo Barriga que todos os portugueses que se encontrassem em Aguz regressassem a Safim, à excepção do adail e de sessenta homens de cavalo. Tal como podemos ler na crónica, entre os homens que então ficaram com o adail encontravam-se "*dom Rodrigo de Castro, & dom Garcia deça çuleima, & outros filhos, & caualleiros que se não quiseram ir*"[1647] ou, usando as palavras de Manuel de Faria e Sousa, "*Entre los que se quedaron com Lope Barriga fueron Don Hodrigo de Castro, D. Garcia Deza Zuleynia*"[1648]. Esta presença de D. Garcia ao lado de Lopo Barriga é, de resto, justificada pela relação familiar que os unia. De facto, é Nuno Fernandes de Ataíde que, em carta a D. Manuel de 17 de Agosto de 1515, relata uma expedição protagonizada pelo adail, em que foi acompanhado por "*Dom Garcia d'Eça, sseu cunhado*"[1649]. Pouco tempo depois, é o próprio Lopo Barriga que, em carta ao rei de 22 de Agosto, se refere à mesma expedição referindo ter sido acompanhado por "*Dom Garcia meu cunhado*"[1650]. Sabemos que em 10 de Dezembro

---

[1644] Carta de Álvaro de Ataíde a D. Manuel, em 25 de Janeiro de 1515. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 17, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXXVI, pp. 678-679.

[1645] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LIV, p. 384.

[1646] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIII, p. 289.

[1647] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXV, p. 342.

[1648] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 105.

[1649] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 17 de Agosto de 1515. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXLVIII, p. 738.

[1650] Carta de Lopo Barriga a D. Manuel, em 22 de Agosto de 1515. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 51. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CL, pp. 747.

de 1515 foi passado alvará "*para se dar a D. Garcia de Eça 175.858 reais do último terço de seu casamento*"[1651] e que em 15 de Abril de 1516 foi passado outro alvará "*para se dar a D. Garcia de Eça, Fidalgo da Casa* (Real), *9.000 reais de mercê*"[1652]. Ao contrário do que se poderia pensar, D. Garcia de Eça não faleceu na malograda entrada em que Nuno Fernandes de Ataíde e muitos outros cavaleiros portugueses perderam a vida. De facto, voltamos a encontrá-lo referido numa entrada sobre os Abda, na qual acompanhou Bentafufa e D. Rodrigo de Noronha, "o aravia"[1653], assim como numa outra entrada realizada em finais de 1519 e comandada por D. Nuno Mascarenhas - o capitão que veio a substituir Ataíde - em que D. Garcia foi ferido de três lançadas[1654]. Finalmente, em 13 de Agosto de 1524, foi passado alvará de D. João III de Portugal para o feitor de Safim não constranger a mulher e herdeiros de D. Garcia de Eça, "*que morreu na dita cidade, pelos 12.740 reais que devia à Fazenda Real*"[1655] e em 3 de Setembro de 1524 houve provisão "*para se dar a D. Francisca, viúva de D. Garcia de Eça, 20.000 reais de mercê*"[1656].

Retomando a expedição contra Marraquexe, e como anteriormente referimos, a ideia de se dirigir o ataque para a porta de Side Belabeceti foi contestada por D. Garcia de Eça, alegando que terreno fronteiro àquela porta dificultaria a movimentação da cavalaria, que haveria "*dachar muitas açequias, & matamorras que lhes auiam dempedir o caminho*"[1657]. Note-se que David Lopes duvidou que Damião de Góis estivesse realmente a referir-se a "matamorras", já que estas eram silos destinados ao armazenamento de cereais e que a toalha aquosa subterrânea da planície de Marraquexe a tornava imprópria para esse fim[1658]. O historiador e arabista português supôs, portanto, que Góis estaria a referir-se às cótaras, a que Vitorino Magalhães Godinho também se

---

[1651] A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 19, Nº 51.

[1652] A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 20, Nº 15.

[1653] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte IV, Capítulo LVI, pp. 551-552; Fernando Pessanha, "O cavaleiro D. Rodrigo de Noronha: «o aravia» de Safim, nos Algarves de Além-mar, in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3445, 6 de Abril de 2023, p. 7.

[1654] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte IV, Capítulo XLIV, p. 534.

[1655] A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 118, Nº 27.

[1656] A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 118, Nº 169.

[1657] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 424.

[1658] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 501.

referiu em *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*[1659]. De facto, é possível que as acéquias e as cótaras que eventualmente se estendiam pelo terreno a norte da porta de Side Belabeceti dificultassem as operações de cavalaria, o que levou D. Garcia de Eça a sugerir o ataque à Porta de Fez[1660], tradicionalmente conhecida como porta do "*mercado da quinta-feira*"[1661] ou Bab el Khemis. Os registos fotográficos do solo fronteiro a esta porta, de inícios do séc. XX, poderão dar-nos uma ideia da natureza geo-topográfica do terreno em questão.

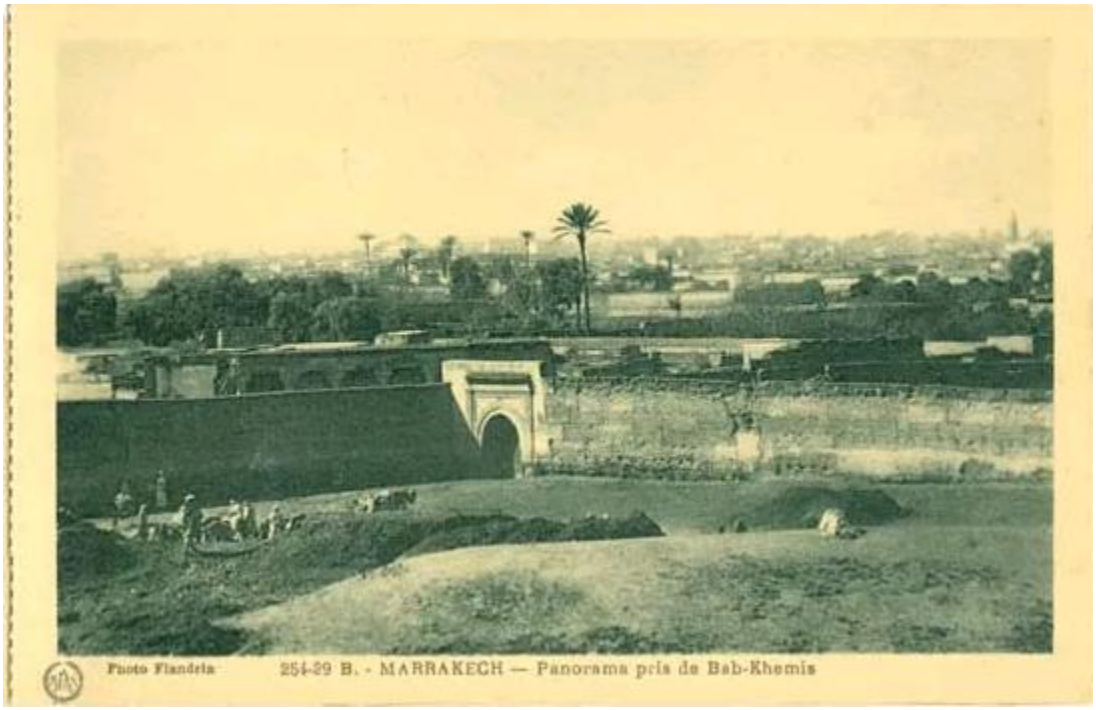


Fig. 143 - *Marrakech, Panorama pris de Bab Khémis, Flandrin.* (On line) Disponível em: https://maisondelaphotographie.ma/portfolio/marcelin-flandrin/ (Consultado em 6 de Fevereiro de 2022).

[1659] Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, p. 104.

[1660] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 424.

[1661] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 502.



Fig. 144 - *Marrakech, Porte de Bab Khémis, LL.* (On line) Disponível em: https://maisondelaphotographie.ma/portfolio/l-l/ (Consultado em 6 de Fevereiro de 2022).

Consertado o plano de ataque, diz-nos Damião de Góis que os portugueses e os seus aliados partiram de Mezecrete depois do jantar, tendo ido pernoitar a cinco Km do rio Tensift[1662]. Ao amanhecer, no dia 23 de Abril, atravessaram o rio na seguinte ordem: primeiro os portugueses e logo a seguir os Xerquia, comandados pelo já referido Cide Meimam. Uma vez que naquele dia tinham havido desentendimentos entre aqueles mouros, Nuno Fernandes mandou que Luís Gonçalves e alguns portugueses os acompanhassem, de modo a evitar desacatos. Medida preventiva, aliás, igualmente aplicada aos Abda e aos Garbia. Finalmente, avistaram do cimo de um monte, que David Lopes identificou como o "*Gueliz*"[1663], "*hum Alcorão dos da cidade de que dizem que a nella mais de cento*"[1664]. Damião de Góis refere-se, portanto, ao minarete

[1662] Luis del Mármol Carvajal chama este rio de "*Xauxaúa*". Ver Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XL, fl. 34v.

[1663] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 503.

[1664] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 424.

da grande mesquita da Koutobia, a "*tore omde dizem que estam as maças*"[1665], que Álvaro de Ataíde avistou a três léguas de distância, aquando da expedição de 22 de Janeiro de 1515, e sobre a qual Leão-o-Africano escreveu de forma detalhada na sua *Descripción General de África*[1666].



Fig. 145 - *Marrakech, un coin du Guéliz, Flandrin.* (On line) Disponível em: https://maisondelaphotographie.ma/portfolio/marcelin-flandrin/ (Consultado em 9 de Março de 2022).

[1665] Carta de Álvaro de Ataíde a D. Manuel, em 25 de Janeiro de 1515. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 17, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXXVI, pp. 678-679.

[1666] Leão-o-Africano, *Descripción General de África*, Segunda Parte, pp. 165-166.



Fig. 146 - *Marrakech, La Koutoubia, Photo Albert*. (On line) Disponível em: https://maisondelaphotographie.ma/portfolio/photo-albert/ (Consultado em 9 de Março de 2022).

É ao chegarmos a este ponto da narrativa que é revelada a formação adoptada pelos atacantes. Diz-nos o grande humanista português que Nuno Fernandes entregou o guião ao seu genro, D. Afonso de Noronha, e a bandeira ao seu tio, Álvaro de Ataíde. D. Pedro de Sousa dividiu as suas tropas em dois azes e colocou-se à direita da cavalaria de Safim, enquanto os Xerquia se posicionaram à esquerda e os Abda e os Garbia seguiram na vanguarda. Foi, portanto, com esta formação que os atacantes cavalgaram em direcção a "*huma terra cham de moutas, & mato raro*"[1667]. Note-se que, antes do ataque à cidade, Ataíde voltou a dar mostras da sua prudência. De modo a certificar-se sobre a natureza do terreno, mandou primeiramente o almocadém Diogo Lopes explorá-lo juntamente com dois mouros, seguindo atrás destes Fernão Domingues com alguns besteiros e espingardeiros. Diogo Lopes chegou até uma mesquita defronte da porta de Side Belabeceti, ou Bab Taghzout, onde constatou que, tal como alertou D. Garcia de Eça, o terreno era impróprio para manobrar a cavalaria. Comunicada esta informação a Nuno Fernandes, este optou, por fim, em dirigir o ataque para a porta de Fez, também conhecida por Bab el Khemis, tal como se tinha previsto em Mezerete. Diz-nos Damião de Góis que os portugueses e os seus aliados deram continuidade à cavalgada passando entre dois outeiros que, de acordo com David Lopes, seriam o "*Gueliz*" e o outeiro "*dos Escravos*"[1668]. Foi, portanto, quando a "cidade vermelha" surgiu diante dos atacantes que, usando as palavras de Manuel de Faria e Sousa,

"*En viéndola nuestros Arabes que precedían, en sancharon el animo, dieron de si tales muestras de bizarría militar, que los Portugueses fe mostraró satisfechos; y fue mucho, porque no abaratan los Portugueses fatisfaciones semejantes*"[1669].

A "*fermosa mostra*"[1670] que os mouros de pazes protagonizaram diante de Marraquexe foi o quanto bastou para que os adversários saíssem das muralhas. Porém, ao verem tanta gente, voltaram a recolher à cidade, receando que os atacantes fossem muitos mais. Usando as eloquentes palavras de D. Jerónimo Osório, "*os inimigos se*

[1667] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 424.

[1668] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 503.

[1669] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 127.

[1670] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 424.

turvárão na imaginação de que pelas costas os seguia maior exercito"[1671] ou, como escreveu Pedro de Mariz, "*fechárão as portas, e se pozerão em armas, cuidando, que toda a Christandade sobre eles hia*"[1672]. Ataíde, uma vez mais, voltou a mostrar prudência, mandando Luís Gonçalves e Lourenço Mendes explorarem o terreno, temendo que os adversários tivessem armadilhado o caminho. Ao chegarmos a este ponto da narrativa, autores como David Lopes ou Rui Rasquilho referem que Ataíde montou acampamento num terreiro a pouca distância da porta de Fez[1673]. É possível que estes autores tenham considerado que o comandante da expedição tenha assentado arraiais no compasso de tempo compreendido entre a partida e o regresso de Luís Gonçalves e Lourenço Mendes. Como adiante veremos, não nos parece que os atacantes tenham tido tempo para montar qualquer acampamento, dada a rapidez do desenrolar de acontecimentos nesse dia 23 de Abril.

Comprovada a segurança do percurso, o capitão de Safim não avançou sem antes mandar doze cavaleiros dos Garbia correrem até às portas da cidade, para "*ver si saldria alguna géte a ellos*"[1674] e, despachados estes corredores, os portugueses e os seus aliados começaram a tomar posições. Segundo nos diz o cronista, D. Pedro de Sousa seguiu pela estrada com as suas tropas. Quanto a Nuno Fernandes de Ataíde, vale a pena transcrevermos o que refere Góis, de modo a percebermos como estava montado o fornecimento de água que vinha do rio e que constituía o sistema de rega compreendido entre o Tensift e as muralhas da cidade:

"*& Nuno fernandez dataide por cima de hum pam muito fermoso, que se regaua de agoa de dous canos que vem do rio, os quaes passaram per humas quebradas que*

[1671] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 212.

[1672] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, pp. 738-379.

[1673] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 503; Rui Rasquilho, "Vestígios portugueses em Marrocos", in *Portugal e o Mundo: o futuro do passado – 3. Marrocos*, p. 182.

[1674] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XL, fl. 34v.

tinha per que cabiam dous a dous, tres a tres de cauallo, ate se poerem em hu rosio duas carreiras de cauallo da porta de Fez"[1675].

Como adiante veremos, esta alusão de Damião de Góis à água proveniente do rio acabará por revelar-se um elemento de interesse para a compreensão desta expedição militar. Quanto à distribuição das tropas pelo perímetro amuralhado, diz-nos a crónica que D. Pedro de Sousa colocou os seus homens perto da muralha, seguindo-se depois as forças de Safim e os Xerquia à esquerda de Ataíde, junto à porta dos curtidores, isto é, a Bab Debagh.

[1675] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 424.



Fig. 147 - *Marrakech, Porte Bab Debagh.* (On line) Disponível em: https://maisondelaphotographie.ma/portfolio/l-l/ (Consultado em 3 de Fevereiro de 2022).

Um pouco mais longe e à direita, junto à porta de Side Belabeceti, que era mais perigosa pelos motivos que D. Garcia de Eça apontou, estavam os Garbia. Quanto aos Abda, colocaram-se muito mais longe, perto da Porta de Rob, situada a pouca distância da Bab Agnau, também conhecida por Porta dos Portugueses[1676].



Fig. 148 - *Marrakech, Vers Bab Rob, Edition Willemses.* (On line) Disponível em: https://maisondelaphotographie.ma/portfolio/willemse/ (Consultado em 6 de Fevereiro de 2022).

[1676] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 501.

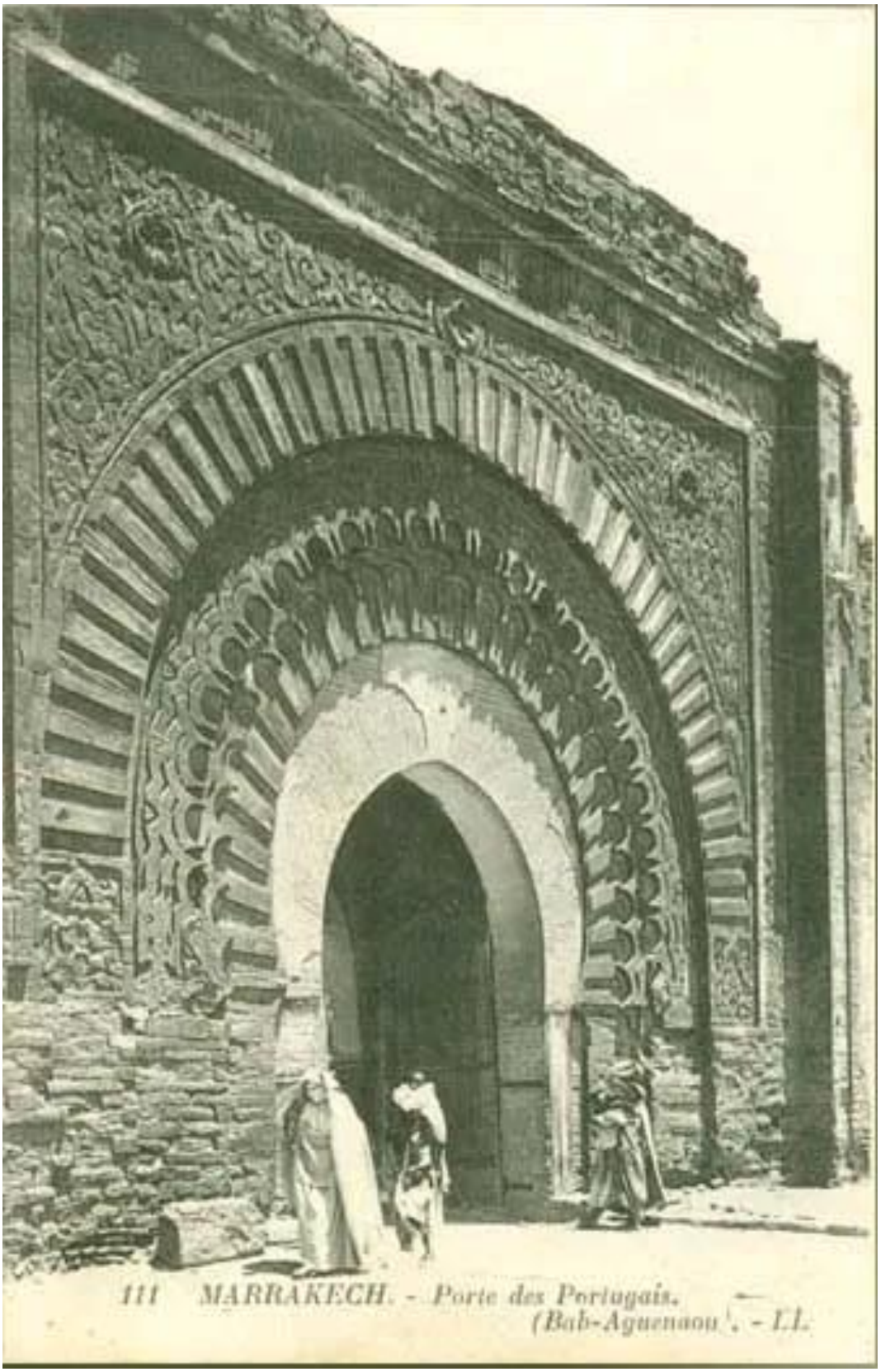


Fig. 149 - *Marrakech, Porte des Portugais, Bab Aguenaou, LL.* (On line) Disponível em: https://maisondelaphotographie.ma/portfolio/l-l/ (Consultado em 6 de Fevereiro de 2022).

Como anteriormente referimos, antes de os portugueses e os seus aliados começarem a tomar posições junto às já referidas portas da cidade, tinha Nuno Fernandes mandado doze cavaleiros dos Garbia correrem até às portas de Marraquexe, para "*ver si salen de dentro a buscarlos*"[1677]. Luís del Mármol Carvajal, talvez inspirado na corrida do almocadém Diogo Lopes às portas da "cidade vermelha", refere que um dos doze mouros enviados por Ataíde "*llego tan adelante q dio com la láça en la propiá puerta*"[1678]. Seja como for, e independentemente do eventual exagero do autor da *Descripción general de África,* refere Góis que em resposta à corrida destes cavaleiros saíram os adversários pela porta de Fez "*& o mesmo se fezeram pelas outras tres portas, em tanta cantidade que tiveram os nossos assaz de trabalho em soster o peio da gente, & reuolta da escaramuça*"[1679]. O combate que se seguiu durou mais de quatro horas, tendo sido tanta a multidão de gente de pé e de cavalo a sair da cidade, que Ataíde temeu não conseguir aguentar a pressão dos mouros e sofrer um "*grande desastre*"[1680]. O capitão de Safim e o de Azamor optaram então por recolher-se em boa ordem a um porto do rio, juntamente com os mouros de pazes, não sem grande perigo e muitas investidas de ambas as partes, das quais resultaram vários mortos e feridos para os dois lados. De facto, revelam as crónicas que entre os agredidos no combate encontraram-se Cide Meimam, ferido numa perna[1681], e o adail Lopo Barriga, "*lançado do cavallo mal ferido*"[1682], tendo sido auxiliado pelo seu sobrinho Pero Barriga[1683]. Dos

---

[1677] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 127.

[1678] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XL, fl. 34v.

[1679] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 425.

[1680] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 503.

[1681] Engana-se Luis del Mármol Carvajal ao referir-se a Cide Meimam enquanto "*capitan de los de Abda*". Ver Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XL, fl. 35.

[1682] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 379.

[1683] Usando as palavras de D. Jerónimo Osório, *"Lopo que cerrou com os inimigos menos precatado, foi derribado do Cavallo, e alli jazêra morto, se Pedro Barriga o não livrára*". Ver Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 213. Segundo o *Catálogo dos Cavaleiros da Ordem de*

portugueses não faleceu nenhum, mas morreram dez ou doze dos mouros de pazes, já que, como Góis bem observou, "*estes se meteram na escaramuça mais que os Christãos, & ferezam o mais do negocio*"[1684].

Porém, depois de concentradas as tropas no referido porto do rio, o caminho para se bater em retirada era tão estreito que não havia espaço para passarem dois ou três cavaleiros em simultâneo, pelo que os da cidade, em perseguição dos portugueses e dos seus aliados, fizeram tal pressão que Nuno Fernandes e os seus homens tiveram de voltar à retaguarda, "*el qual resistio la furia de los enemigos com harto trabajo hasta que passaron todos los otros*"[1685]. Contudo, ainda que já na outra margem, o perigo ainda não tinha passado. Os mouros da cidade, indignados com o desplante de Ataíde em atacar Marraquexe, também atravessaram o rio em perseguição dos portugueses e dos seus aliados, sendo que entre os perseguidores ofendidos se encontrava "*um alcaide que alli estaua del rei de Fez*"[1686], que Manuel de Faria e Sousa ironiza como "*un Alcayde delRey de Fez (...) y más zeloso dela honra de los Marroqueses que ellos mismos*"[1687]. Foi preciso que as forças que iam em retirada, já meia légua além do rio, fizessem uma volta súbita sobre os perseguidores. Primeiro os Adda e os Garbia, e depois os Xerquia e alguns cristãos, saíram da formação e "*se desmandaron de los esquadrones*"[1688], provocando duas baixas entre os perseguidores e matando dez cavalos, entre os quais o cavalo do alcaide do rei de Fez[1689], o que fez com que os

---

Christo existente num manuscrito da Geral da Universidade de Coimbra, Pedro Barriga veio a ser investido nesta Ordem Militar em 22 de Setembro de 1521. Ver António Machado de Faria, "Cavaleiros da Ordem de Cristo no séc. XVI", in *Arqueologia e História*, Vol. VI, p. 64.

[1684] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 425.

[1685] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XL, fl. 35.

[1686] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 425.

[1687] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 127.

[1688] Ver Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XL, fls. 35-35v.

[1689] Baseámo-nos em Damião de Góis e em Luis del Mármol Carvajal. Manuel de Faria e Sousa, por outro lado, refere que entre os mortos contava-se "*la del Alcayde de Fez que los incitó al passaje, si bien otra memoria dize que la muerte fue en su cavallo*". Ver Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 128.

mouros da cidade fossem repelidos até ao rio. Concentradas de novo as forças comandadas por Ataíde, a cavalgada tomou finalmente o caminho do regresso, tendo ido cear a uma ribeira que Góis chama de Ihenim Lubem hahabra[1690], situada a quatro léguas do rio[1691], seguindo depois caminho até Hagosdem, onde passaram a noite. Ainda segundo este cronista, no dia seguinte foram todos "*jantar a Tazarote*"[1692], onde os de Oledambrão[1693] os presentearam com vacas, carneiros, galinhas, pão e frutas. Porém, e uma vez que nessa noite foram dormir a Almedina, o mais provável é que Góis se tenha enganado, pelo que não terão jantado em Tazarote mas sim almoçado, tal como sugere David Lopes na reconstituição que faz desta expedição[1694].

Como anteriormente referimos na noite de dia 24 de Abril foram todos dormir a Almedina na companhia de Cide Meimam, "*que posto que viesse ferido festejou a todos mui magnificamente*"[1695]. Está claro que este caminho rumo a Almedina afastava Ataíde de Safim. Segundo David Lopes, Ataíde fê-lo para honrar D. Pedro de Sousa e a sua gente[1696], mas é possível que o tenha feito igualmente por reconhecimento ao aliado Cide Meimam, que regressava a Almedina "*ferido em huma perna*"[1697].

No dia seguinte, 25 de Abril, D. Pedro de Sousa e as suas forças partiram para Azamor. As crónicas não o dizem, mas também o capitão Martim Afonso de Melo, que Góis refere entre os participantes nesta campanha, terá regressado a Mazagão "*com*

[1690] Luis del Mármol Carvajal chama este rio de "*Ain Iuben*". Ver Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XL, fl. 35v.

[1691] Segundo David Lopes, esta ribeira estaria localizada a vinte Km do referido rio. Ver David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 504.

[1692] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 425.

[1693] "*Vled Ambram*", no dizer de Luis del Mármol Carvajal. Ver Ver Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XL, fl. 35v.

[1694] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 504.

[1695] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 425.

[1696] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 504.

[1697] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 425.

outras forças deste castelo"[1698] que participaram na expedição a Marraquexe. Nuno Fernandes de Ataíde e os seus homens seguiram para Safim, onde chegaram às cinco da tarde, quatro dias depois de partirem[1699]. De resto, Damião de Góis termina este capítulo da *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel* discriminando alguns dos participantes nesta campanha e esclarecendo que os que não foram mencionados deve-se à

"*negligencia dos que tinham a cargo descrever estas cousas a el Rei cegou a gloria que eles juntamente merecerão com os nomeados, são tam bem dignos de muito louuor, por chegarem per terra de tantos imigos a huma tal, & tam memorauel cidade, & tam metida no sertam como o esta de Marrocos he, de quem os scriptores antigos & modernos, Gregos, Latinos, & Arabios, tantas, & tam memoraueis cousas tem ditas, do que tudo he igna de muitos mais louvores, se os della mores quisessem poer escripto*"[1700].

As laudatórias palavras que Góis dedicou aos anónimos que participaram nesta campanha denunciam, desde logo, que os documentos consultados pelo grande humanista português omitiam a identidade de muitos dos participantes no ataque a Marraquexe. Situação eventualmente determinada pela vaidade daqueles que tinham a obrigação de informar o rei e não o fizeram da melhor maneira. Lamentavelmente, e tal como acontece noutras situações, a crónica de Damião de Góis surge como única fonte para o conhecimento de determinados acontecimentos. As crónicas de D. Jerónimo Osório, Luis del Mármol Carvajal, Pedro de Mariz ou Manuel de Faria e Sousa apenas seguem de perto o relato de Damião de Góis, muitas vezes a fonte exclusiva para o nosso conhecimento de situações como o ataque a Marraquexe. Como bem observou

---

[1698] Augusto Ferreira do Amaral, in *História de Mazagão*, pp. 91-92; Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém-mar*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, p. 60.

[1699] Note-se que o geógrafo Abu-l-Abbas Ahmad al-Qalqasandi situou Marraquexe a quatro jornadas de distância de Safim. Uma vez que as forças de Nuno Fernandes de Ataíde fizeram a viagem de ida e volta em apenas quatro dias, é de supor que o geógrafo árabe se estivesse a referir ao tempo que demoraria a deslocação entre Safim e Marraquexe a pé. Veja-se Luis Seco de Lucena, *Marruecos a comienzos del siglo XV, según Abu-l-Abbas Ahmad al-Qalqasandi*, p. 39.

[1700] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 426.

Pierre de Cenival, "*les lettres originales qui ont servi de sources à Góis ont malheureusement disparu*"[1701] e, ainda que investigadores como António José Saraiva ou Óscar Lopes incluam Góis no séquito dos historiadores dominados por um "*sentimento muito vivo da veracidade histórica*"[1702], não deixa de ser lamentável a impossibilidade de se confrontar esta narrativa do grande humanista com as fontes primárias em que se baseou[1703]. De facto, e tal como aconteceu em situações como o grande cerco a Safim de 1510, seria expectável que Nuno Fernandes de Ataíde ou até mesmo o contador Nuno Gato escrevessem a D. Manuel relatando esta expedição militar. Essa missiva é, porém, desconhecida, pelo que é bastante provável que se tenha perdido. A única alusão presente na epistolografia conhecida aparece numa carta que Nuno Fernandes de Ataíde escreve ao monarca português, em que refere "*Ho dia que sse Dom Pedro se apartou de mim e foi dormir a Tarter e Çais ho gramde e o piqueno*"[1704]. Uma vez que esta carta é de 3 de Maio de 1515, o dia em que D. Pedro de Sousa e Nuno Fernandes se despediram foi, portanto, na semana anterior, mais concretamente no dia 25 de Abril, quando ambos partiram de Almedina.

Apresentada a expedição contra Marraquexe de acordo com as fontes e a bibliografia especializada, não podemos passar sem tecer algumas considerações sobre esta campanha militar. Susannah Humble Ferreira, no seu livro *The Crown, the Court, and the Casa da Índia. Political centralization in Portugal 1479-1521*, considera que "*Nuno Fernandes de Ataide's brazen attack on Marrakech was to fail (...) the*

[1701] Pierre de Cenival, *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, p. 335, nota 1.

[1702] António José Saraiva; António Lopes, "A evolução da historiografia", in *História e Antologia da Literatura Portuguesa – Século XVI*, Vol. II, p. 11.

[1703] De acordo com Joaquim Romero de Magalhães, a qualidade de Damião de Góis nem se revela especialmente notada em *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*. Veja-se Joaquim Romero de Magalhães, "Em torno da crónica de D. João III por Francisco de Andrade", in *D. João III e o Império - Actas do Congresso Internacional comemorativo do seu nascimento*, pp. 139-140.

[1704] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 3 de Maio de 1515. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 81. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CXXXVIII, pp. 693-694. Pedro Pinto intitulou este documento como "*carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel I sobre uma diferença mantida com D. Pedro de Sousa, pedindo ao Rei que Diogo de Azambuja não aceite nenhum homem em Aguz sem assinado seu*". Ver Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 267.

portuguese failed to take the city"[1705]. Como veremos, esta afirmação algo simplista e precipitada só faz sentido caso a intenção de Ataíde fosse, efectivamente, a conquista da cidade. Sê-lo-ia realmente? Se retrocedermos ao início da narrativa de Damião de Góis, apercebemo-nos de que há elementos que, desde logo, se apresentam como motivo de reflexão e apreciação crítica. Porém, e antes de problematizarmos este empreendimento militar, não podemos passar sem recordar que Ataíde dirigiu esta ofensiva nove meses após tentar a sujeição de Marraquexe através da via diplomática. Como anteriormente vimos, a carta de Nuno Fernandes a D. Manuel, em 29 de Junho de 1514, denuncia o estabelecimento de contactos com Muley Naçer para o "*feyto de Marrocos*"[1706], através da acção de Yssaque Bem Zamerro, o médico e rabino dos judeus de Safim. E, efectivamente, o hintata Muley Naçer procurou pouco depois tornar-se vassalo do rei de Portugal, tal como refere a missiva enviada para o reino, em 8 de Agosto de 1514, e que teve como portador Fernão Dias[1707]. Desconhecemos o resultado das negociações sobre as condições de vassalagem[1708] ou se estas chegaram mesmo a existir. Seja como for, parece evidente que à falta de resultados a nível diplomático seguiu-se a adopção da tradicional estratégia de intimidação. Foi nesse sentido que, em Outubro de 1514, o almocadém Diogo Lopes realizou uma expedição às proximidades de Marraquexe[1709] ou

---

[1705] Susannah Humble Ferreira, *The Crown, the Court, and the Casa da Índia. Political centralization in Portugal 1479-1521*, p. 146.

[1706] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 29 de Junho de 1514. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 5, Nº 12. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CX, p. 573.

[1707] Carta de D. Manuel ao rei de Marraquexe, Moulay en-Naçer, em 8 de Agosto de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 107. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CXII, pp. 587-589.

[1708] Instruções para Fernão Dias, entre 8 e 10 de Agosto de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 107. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CXIII, pp. 590-595.

[1709] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LIV, p. 384. Veja-se também Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 199; Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…,* Tomo I, p. 735; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 121.

que, em Janeiro de 1515, Álvaro de Ataíde participou numa expedição "*tres legoas poucos mais ou menos alem*"[1710] desta cidade.

Como anteriormente referimos, se retrocedermos na *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel* apercebemo-nos de que há elementos que, desde logo, se apresentam como motivo de reflexão e apreciação crítica, nomeadamente, a nível dos recursos humanos e materiais disponibilizados para esta expedição. Com efeito, diz-nos Damião de Góis que Nuno Fernandes, entre cavaleiros de Safim, Azamor, Abda, Garbia e Xerquia juntou quase três mil homens para a expedição contra a "cidade vermelha"[1711]. De facto, o número de cavaleiros reunidos por ordem do "*nunca esta quedo*" para este empreendimento contra Marraquexe destaca-se, desde logo, por constituir a maior força de combate comandada por Ataíde durante toda a sua capitania no Norte de África. No entanto, seria este número apropriado para viabilizar uma iniciativa contra Marraquexe, "*tão grande e tão populosa e ua das principais de África*"[1712]? A resposta a esta questão acaba por prender-se directamente com o real objectivo de Ataíde, ou seja, seria a sua intenção a realização da típica entrada rápida e inesperada contra um alvo previamente estudado de modo a roubar gado e fazer cativos ou passaria antes pela eventual conquista seguida de ocupação militar? A resposta a esta questão implica, desde logo, que confrontemos os recursos humanos e materiais usados nesta campanha militar com os recursos disponibilizados contra outros alvos dos portugueses no Norte de África.

Repare-se que em 1515, para a conquista de Ceuta - que Leão-o-Africano denomina de "*grandísima ciudad*"[1713] - revelam as fontes que foram utilizados vinte mil homens, distribuídos por aproximadamente duzentas e quarenta embarcações[1714]. No caso de Alcácer Ceguer, vila de "*homens de guerra, principalmente no negócio do*

[1710] Carta de Álvaro de Ataíde a D. Manuel, em 25 de Janeiro de 1515. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 17, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXXVI, pp. 678-679.

[1711] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 424.

[1712] Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Capítulo 18, p. 67.

[1713] Leão-o-Africano, *Descripción General de África*, Segunda Parte, p. 165.

[1714] Sobre a contabilização das embarcações usadas na conquista de Ceuta veja-se José Virgílio Amaro Pissarra, "A Conquista de Ceuta (1415)", in *Viagens e Operações Navais 1139-1499*, p. 123, nota 139.

mar"[1715], refere Rui de Pina que para o empreendimento de 1458 foram reunidos vinte e cinco mil homens de armas embarcados em duzentas e vinte velas[1716], enquanto Damião de Góis contabiliza vinte e seis mil homens distribuídos por duzentas e oitenta e nove naus, galés e outros navios de carga[1717]. Isto, note-se, não obstante tratar-se de uma vila de pequenas dimensões[1718]. Quanto à "*vila de Arzila*"[1719], urbe de maiores dimensões comparativamente a Alcácer Ceguer[1720], refere Rui de Pina que em 1471 foram usados trinta mil homens distribuídos por quatrocentos e setenta e sete navios[1721], enquanto Damião de Góis refere vinte e quatro mil homens distribuídos por trezentas e trinta e oito velas[1722]. Não iremos aqui considerar o caso de Safim, já que, como humoristicamente observou Vergílio Correia, a cidade foi conquistada com um misto de "*heroicidade e (...) velhacaria, com que os nossos guerreiros quinhentistas procediam*"[1723]. Note-se, porém, que para a conquista de Azamor, cidade que Leão-o-Africano denomina de "*muy populosa*"[1724], diz-nos Damião de Góis que em 1513 foram reunidos vinte e cinco mil homens e mais de quatrocentos navios[1725]. Portanto, se tivermos em consideração que para as expedições militares contra alvos costeiros como

---

[1715] Damião de Góis, *Chronica do Principe Dom Joam*, Capítulo XI, p.43. Veja-se também Fernando Pessanha, "A conquista e destruição de Anafé (Casablanca) pelo Infante D. Fernando (1468) – Considerações sobre uma pouco conhecida operação anfíbia", in *Revista de História, da Sociedade e da Cultura*, Nº 19, p. 103.

[1716] Rui de Pina, *Chrónica d'El-Rei D. Affonso V*, Vol. III, Capitulo CXXXVIII, p. 146.

[1717] Damião de Góis, *Chronica do Principe Dom Joam*, Capítulo X, p. 41.

[1718] Sobre a Alcácer Alcácer Ceguer anterior à conquista portuguesa veja-se Jorge Correia, *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África - Da tomada de Ceuta a meados do Séc. XVI*, pp. 142-149.

[1719] Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Capítulo 14, p. 65.

[1720] Sobre a Arzila anterior à conquista portuguesa veja-se Jorge Correia, *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África - Da tomada de Ceuta a meados do Séc. XVI*, pp. 173-180.

[1721] Rui de Pina, *Chrónica d'El-Rei D. Affonso V*, Vol. III, Capitulo CLXIII, p. 59.

[1722] Damião de Góis, *Chronica do Principe Dom Joam*, Capítulo XXI, p. 97. Sobre os recursos usados contra Arzila veja-se Paulo Alexandre Mesquita Dias, *A conquista de Arzila pelos Portugueses – 1471*, dissertação de mestrado em História apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, pp. 12-79.

[1723] Vergílio Correia, *Lugares Dalém, Azamor, Mazagão, Safim*, p. 75.

[1724] Leão-o-Africano, *Descripción General de África*, Segunda Parte, p. 165.

[1725] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XLVI, pp. 367-368.

Ceuta, Alcácer Ceguer, Arzila ou Azamor foram utilizados uma média de vinte e quatro mil homens, rapidamente chegamos à conclusão de que os três mil combatentes comandados por Nuno Fernandes na expedição contra Marraquexe eram claramente insuficientes, caso o objectivo fosse efectivamente a conquista e ocupação da cidade.

Note-se, por outro lado, que o número de homens utilizados na expedição contra a "cidade vermelha" aproxima-se mais dos recursos utilizados em operações anfíbias cujos objectivos passavam por acções punitivas ou destruição de bases corsárias. De facto, se exceptuarmos os dez mil homens reunidos pelo infante D. Fernando para a conquista e destruição de Anafé (Casablanca), em 1468[1726], vemos que na acção punitiva lançada em 1487, nas proximidades da mesma cidade, foram utilizados dois mil cento e cinquenta homens[1727], ou o ataque a Targa comandado por D. Fernando de Meneses, em 1490, em que foram utilizados dois mil homens[1728]. No entanto, nem Marraquexe é uma cidade costeira, o que impedia os portugueses de se valerem da sua experiência a nível da guerra anfíbia, nem a esmagadora maioria dos recursos humanos reunidos para a expedição eram portugueses. Como bem observou Pedro de Mariz, o "*fortissimo Ataide*" juntou "*quinhentos Portuguezes de cavallo (que he a gente, com que naquelas partes se peleja)*"[1729], ou seja, a cavalaria de Safim e de Azamor constituía

---

[1726] Damião de Góis, *Chronica do Principe Dom Joam*, Capítulo XVII, p. 81. Veja-se também Fernando Pessanha, "A conquista e destruição de Anafé (Casablanca) pelo Infante D. Fernando (1468) – Considerações sobre uma pouco conhecida operação anfíbia", in *Revista de História, Sociedade e Cultura*, Nº 19, p. 108.

[1727] Rui de Pina, *Crónica de D. João II*, Capítulo XXVII, p. 59. Ver também Garcia de Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânia*, Capítulo LXVII, p. 58. Gomes Eanes de Zurara, por seu lado, refere apenas "*cento e cinquoenta de cavalo (...) e com elles mil homés de pee antre espingardeiros, beesteiros, e lanceiros*". Ver Gomes Eanes de Zurara, "Chronica do Conde D. Pedro de Menezes", in *Collecção de livros inéditos de Historia Portugueza, dos reinados de D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, e D. João II*, Tomo II, Capitulo XXVII, pp. 76-77.

[1728] Rui de Pina, *Crónica de D. João II*, Capítulo XLI, p. 81; Garcia de Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Capítulo CXI, p. 82. Veja-se também Fernando Pessanha, "D. Fernando de Meneses, capitão de Ceuta e 1º Conde de Alcoutim: exemplo da relação entre os serviços no Norte de África e a atribuição de títulos nobiliárquicos", in *XIX Jornadas de Historia de Ceuta – La dimensión humana. Biografías en Ceuta, el Norte de África y el Estrecho de Gibraltar*, p. 37. Do mesmo autor veja-se também *D. Fernando de Meneses – Capitão de Ceuta, 1º Conde de Alcoutim e 2º Marquês de Vila Real*, pp. 41-43.

[1729] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal...*, Tomo I, p. 738.

apenas a sexta parte dos recursos humanos utilizados na expedição, sendo a grande força de cavalaria constituída por mouros de pazes. Por outras palavras, a ofensiva comandada por Ataíde não contava com quaisquer recursos enviados do reino, o que demonstra que a intenção subjacente a este ataque estava longe de ser a conquista de Marraquexe, contrariamente ao que sugere Susannah Humble Ferreira ao afirmar que "*Nuno Fernandes de Ataide made a surprising and daring attempt to conquer Marrakech*"[1730]. Somos, portanto, inclinados a concordar com Pierre de Cenival ao escrever "*Il est difficile de penser que Nuno Fernandes de Ataide ait pu songer à s'emparer de Marrakech avec 3000 hommes*"[1731].

Problematizados os recursos humanos reunidos para este empreendimento, importa tecermos algumas considerações acerca dos recursos materiais. Com efeito, a narrativa de Damião de Góis denuncia alguns elementos fundamentais para a compreensão dos reais objectivos desta expedição. Como anteriormente referimos, Marraquexe encontra-se localizada a aproximadamente 140 Km de Safim, em linha recta. Quer isto dizer que a expedição contra a "cidade vermelha", ao contrário das entradas rápidas e cirúrgicas que os portugueses faziam contra aduares desprevenidos, envolvia algumas noites de pernoita em campo, o que acarretava implicações a nível da logística, nomeadamente, a nível da montagem do acampamento[1732]. Note-se que o já mencionado Estêvão Rodrigues Bérrio, em carta a D. Manuel de 19 de Maio de 1514, considerava que um ataque contra Marraquexe só resultaria se os portugueses fossem auxiliados pelos mouros, utilizando as suas tendas para as deslocações,

---

[1730] Segundo esta autora, "*Nuno Fernandes de Ataide made a surprising and daring attempt to conquer Marrakech*". Ver Susannah Humble Ferreira em *The Crown, the Court, and the Casa da Índia. Political centralization in Portugal 1479-1521*, p. 145.

[1731] Pierre de Cenival, *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, p. 689. Veja-se também Torquato de Sousa Soares, "Algumas observações sobre a política Marroquina da Monarquia Portuguesa", in *Revista Portuguesa de História*, Tomo X, p. 38.

[1732] Sobre as implicações inerentes à montagem de um acampamento de campanha veja-se João Gouveia Monteiro, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, pp. 244-247; Elise Cardoso, *A logística militar na Cronística Portuguesa de Quatrocentos*, dissertação de mestrado em História Militar apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 58-67.

"*pois os homens não podem sofrer andar três noites no campo, nem menos os cavalos, senão nas próprias alcaimas, que são as tendas dos mouros. E, sse quysserrem ir a Marrocos e aliem, pode a vossa gemte ir com os Mourros nas dytas temdas e assy os cavallos e assy llevam sseus mamtymentos muyto bem guardados*"[1733].



Fig. 150 - *Marrakech, Un campement près de la Palmeraie, P. Grébert.*
(On line) Disponível em: https://maisondelaphotographie.ma/portfolio/grebert-p/
(Consultado em 9 de Março de 2022).

Ainda que Damião de Góis não o refira, o mais certo é que a logística relativa à montagem dos acampamentos e à pernoita fosse assegurada pelos mouros de pazes que, enquanto guerreiros nómadas, se encontravam melhor preparados e apetrechados para o efeito. Refira-se, aliás, que aquando do último intento contra o castelo de Algel, os

[1733] Carta de Estêvão Rodrigues Bérrio a D. Manuel, em 19 de Maio de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 39. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CVI, p. 556. Também o autor da *Descrição de Marrocos* de 1596 refere que as designadas "alcaymas" dos "*Alarves*" são "*tendas de lam negra*". Ver *Descrição de Marrocos – Copia do emperio e reinos dos xarifes na Berberia em Africa, & de algumas terras de negros, comessando na emperial sidade de Marrocos, cabessa do dito emperio, e sua comarca*, de um anónimo português em 1596. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliotèques de France, Vol. II, Doc. LXXXVII, p. 250.

portugueses abrigaram-se nas tendas que os mouros de pazes abandonaram no campo, ao baterem em retirada por temerem um ataque por parte do xerife[1734].

Como anteriormente referimos, a *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel* faz alusão a um elemento de grande importância para a compreensão desta expedição militar, durante a deslocação das tropas rumo a Marraquexe. Referimo-nos, desde logo, à referência que Damião de Góis faz à água encontrada em Mezerete, localidade que Luis del Mármol Carvajal designa de "*Mascarotan*"[1735] e Manuel de Faria e Sousa designa de "*Mezecret*"[1736]. De facto, revela o grande humanista português que nesta localidade se "*achou alguns xarquos dagoa roim, de que todos beberam*"[1737]. Curiosamente, David Lopes refere-se a Mezerete como lugar de paragem, com um poço de boa água[1738]. No entanto, as palavras de Góis, assim com a alusão de Luis del Mármol Carvajal à "*agua de algunos charcos q alli allarõ*"[1739], denunciam que as tropas comandadas por Ataíde tiveram necessidade de se hidratarem com água de má qualidade antes de tomarem posições junto às muralhas de Marraquexe. Esta situação sugere, deste logo, que a força de cavalaria comandada por Nuno Fernandes não ia munida de um bem absolutamente indispensável à colocação de um cerco, o que revela que o objectivo do capitão de Safim não passava por qualquer ataque que durasse mais do que algumas horas. É certo que Góis faz alusão ao sistema de rega que irrigava o terreno compreendido entre o Tensift e as muralhas da cidade. Porém, não sabemos se

---

[1734] Segundo Luis del Mármol Carvajal, "*teniendo entendido que era el proprio Xerife que venia a socorrer la villa*". Ver Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. IIII, fl. 8v. Segundo Manuel de Faria e Sousa, "*Si bien entonces creyeron que venian alli los Xarifes con mayor mano*". Ver Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 126.

[1735] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XL, fl. 35.

[1736] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 126.

[1737] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 424.

[1738] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 503.

[1739] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. XL, fl. 35.

Ataíde teria conhecimento deste sistema de irrigação nem se estes "*dous canos que vem do rio*"[1740] conseguiam atender às necessidades de um exército sitiador composto por milhares de homens e que, como observou D. Jerónimo Osório, não ia provido de "*artilheria, petrechos, e munições que se carecem para combater huma Cidade fortissima, e povoadissima de homens*"[1741]. Note-se, por outro lado, que a alusão de Pedro de Mariz:

"*Nuno Fernandes de Ataide, que desprezando os evidentes perigos, que no sertão de Africa cada dia se achão, e superando todas as cilladas, a que os Mouros della são muito affeiçoados passou por tudo, até chegar á populosa Cidade Marrocos*"[1742].

Como tivemos oportunidade de verificar, as românticas e laudatórias palavras deste cronista também não correspondem à narrativa de Damião de Góis. Com efeito, o grande humanista português não alude a qualquer cilada ou armadilha deixada pelos habitantes de Marraquexe. Pelo contrário, o facto de os cavaleiros da "cidade vermelha" não terem armadilhado o percurso e não saírem ao encontro das forças comandadas por Ataíde revela que não tinham conhecimento do plano do "*nunca esta quedo*" e que tiveram necessidade de se organizarem ao perceberem de que não se tratava de uma razia aos campos limítrofes, mas sim de uma força que vinha procurar combate às muralhas da cidade. É, portanto, a súbita necessidade de se organizarem ao avistarem a aproximação dos adversários que permite aos portugueses e os mouros de pazes tomarem posições junto às muralhas. Não se verifica, portanto, que "*the enemy was prepared*"[1743], como afirma Susannah Humble Ferreira ao referir-se a esta acção bélica.

Quanto à distribuição das tropas pelo perímetro amuralhado, diz-nos a crónica que D. Pedro de Sousa colocou os seus homens perto da muralha, seguindo-se depois as forças de Safim e os Xerquia à esquerda de Ataíde, junto à porta dos curtidores, isto é, a

---

[1740] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 424.

[1741] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 212.

[1742] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 738.

[1743] Susannah Humble Ferreira, *The Crown, the Court, and the Casa da Índia. Political centralization in Portugal 1479-1521*, p. 146.

Bab Debagh. Segundo David Lopes, a colocação dos Abda perto da Porta de Rob obedecia a uma manobra de diversão, para obrigar os adversários a dividirem as suas forças[1744]. É possível que assim fosse, uma vez que, de acordo com Damião de Góis, os Abda contavam apenas com seiscentas lanças, ou seja, eram a força mais diminuta no conjunto das tribos de mouros de pazes que contribuíram com recursos militares para a realização desta campanha. Note-se que, se as seiscentas lanças dos Abda foram acometer a Porta de Rob, as mil lanças dos Garbia foram acometer a porta de Side Belabeceti, também conhecida por porta de Ceuta ou Bab Taghzout. Por outras palavras, para a porta mais perigosa de atacar reservou Nuno Fernandes a força mais numerosa, de modo a compensar eventuais baixas. Góis não o diz, mas se os Garbia se posicionaram em frente à Bab Taghzout e os Xerquia "*a mam ezquerda*"[1745] de Ataíde, em frente à Bab Debagh, a cavalaria de Safim e de Azamor ficou, portanto, frente à Bab el Khemis (Porta de Fez), tal como sugerido por D. Garcia de Eça. De resto, o facto de não ter morrido nenhum dos portugueses - para além de alguns feridos, como Lopo Barriga – sugere que a cavalaria de Safim e de Azamor pôde, efectivamente, manobrar com maior segurança.

Resumidamente, e em resposta à questão anteriormente colocada, nem a expedição contra Marraquexe se enquadra na tradicional entrada rápida e inesperada contra um alvo previamente estudado, com o intuito de roubar gado e fazer cativos, nem se enquadra no modelo de campanha destinada a conquista seguida de ocupação militar. Se esta expedição de Nuno Fernandes não tem enquadramento em nenhum destes modelos, parece óbvio que a motivação que o movia não era algo tão linear. Como anteriormente referimos, esta iniciativa teve lugar nove meses após Ataíde tentar a sujeição de Marraquexe através da via diplomática. Porém, se esta via não vingava, havia que mostrar aos hintatas que todas as tribos no triângulo compreendido entre Azamor, Aguz e Marraquexe se encontravam sob a autoridade do capitão de Safim, pelo que importava demonstrá-lo ao adversário, aterrorizando-o na sua própria casa,

---

[1744] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 503. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 81. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXXVIII, p. 693.

[1745] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 424.

debilitando-o psicologicamente e pressionando-o a submeter-se[1746]. Por outro lado, se importava fragilizar a força anímica do adversário, importava igualmente manter as forças dos portugueses e dos mouros de pazes motivadas, procurando a iniciativa intimidatória e ditando o ritmo dos combates. Por fim, mas não menos importante, há que recordar que Ataíde procurava manter-se como "*pessoa priçipal, & ficar nessa reputação entre os mouros*"[1747]. Aliás, não só entre os mouros, como também entre os outros capitães portugueses, como vimos através das rivalidades mantidas com D. João de Meneses ou com Rui Barreto. De facto, as acções de Nuno Fernandes de Ataíde denunciam, desde logo, o desejo de afirmar o seu poder e de aumentar o seu prestígio pessoal. E que melhor meio para alcançar a tão almejada glória do que comandar pessoalmente um ataque contra a monumental Marraquexe, das "*mayores ciudades del mundo y las más nobles del África*"[1748]? Vemos, portanto, que esta expedição militar foi despoletada por uma exclusiva decisão estratégica e pessoal de Ataíde, feita à revelia de D. Manuel e com a manifesta intenção de afirmação do seu prestígio social junto não só dos demais capitães portugueses, mas também dos alcaides mouros, a quem importava demonstrar a sua força e poder. Não podemos, portanto, concordar com o historiador espanhol León Vera y Galindo ao afirmar que "*el capitán Atayde (...) corrió la tierra hasta cerca de Marruecos, com gran reputación suya, si com dudosa utilidad para su pátria*"[1749], já que a afirmação do poder de Nuno Fernandes cumpria escrupulosamente os interesses do projecto imperial manuelino para Marrocos. Vale a pena transcrever as palavras que D. Jerónimo Osório dedicou a esta expedição de Nuno Fernandes de Ataíde nesta acção contra a "cidade vermelha":

"*nem parecia ter commettido aquella cavalgada com mais pretexto, que a vangloria de virem com sua gente até ás portas de Marrochos sem algum estorvo, e com aquella bravata quebrantarem os animos dos inimigos*"[1750].

[1746] Usando as palavras de João Paulo Oliveira e Costa, Marraquexe "*sentia que os Portugueses apareciam nas suas imediações cada vez mais poderosos*". Ver João Paulo Oliveira Costa, *D. Manuel I*, p. 244.

[1747] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo L, p. 377.

[1748] Leão-o-Africano, *Descripción General de África*, Segunda Parte, p. 164.

[1749] Ver León Vera y Galindo, *Las Posesiones Hispano-Africanas*, p. 85.

[1750] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 212.

6.8 – O falecimento do capitão

Finda a expedição comandada por Nuno Fernandes a Marraquexe, os mouros de pazes regressaram aos seus aduares, assim como os portugueses às praças de Safim e de Azamor. Com efeito, a epistolografia revela o regresso a uma normalidade que, no caso de Ataíde, passava pelas tradicionais rivalidades mantidas com os outros capitães, como revela a carta de Nuno Fernandes a D. Manuel, em 3 de Maio de 1515, em que aquele alude às diferenças tidas com D. Pedro de Sousa quanto à cobrança dos tributos aos "*Mycemjaia*", que "*ssão tão perto de Çafim como d'Azamor*"[1751], ou a solicitação ao monarca para Diogo de Azambuja (que em Janeiro desse ano tinha sido nomeado capitão de Aguz[1752]) não acolher nenhum homem no castelo sem o seu consentimento.

Esta aparente normalidade seria, no entanto, interrompida por um desaire que acabaria por ter profundas consequências relativamente ao projecto imperial manuelino para o Norte de África. Referimo-nos, desde logo, ao desastre de Mamora, local que dispunha de um amplo porto num rio navegável entre o norte e o sul marroquino. Contrariamente ao sucedido na Graciosa, em 1489, de onde os portugueses puderam retirar levando consigo armas, artilharia e cavalos[1753], o mesmo não aconteceu em

---

[1751] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 3 de Maio de 1515. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 81. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Tomo I, Doc. CXXXVIII, pp. 693-694. Pedro Pinto intitulou este documento como "*carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel I sobre uma diferença mantida com D. Pedro de Sousa, pedindo ao Rei que Diogo de Azambuja não aceite nenhum homem em Aguz sem assinado seu*". Ver Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 267.

[1752] Ver Carta patente de D. Manuel, em 18 de Janeiro de 1515. A.N.T.T., *Chancelaria de D. João III*, liv. 47, fl. 127. Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CXXX1V, pp. 672-675. Segundo Pierre de Cenival, este Diogo de Azambuja é o filho do Diogo de Azambuja construtor do Castelo da Mina, do Castelo Real de Mogador e primeiro capitão de Safim, que em 1510 regressou ao reino "*para vir repousar e descansar dos trabalhos e serviços passados (...) havendo respeito à sua idade e disposição*". A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 15, fl. 55. Ver *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CXXX1V, pp. 672-673, nota 1.

[1753] Rui de Pina, *Crónica de D. João II*, Capítulo XXXVIII, pp. 74-78; Garcia de Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Capítulo LXXXI, pp. 68-70; Ver também David Lopes, "Os portugueses em Marrocos no tempo de D. Afonso V e de D. João II", in *História de Portugal*, Vol. III, pp. 450-452;

Mamora[1754]. A campanha, comandada por D. António de Noronha (filho do marquês de Vila Real[1755] e mais tarde conde de Linhares) acabou por resultar num verdadeiro desastre. Diz-nos Damião de Góis que, das duzentas velas da expedição, se perderam cem, e dos oito mil homens lá ficaram quase quatro mil. Foi, portanto, "*a mor perda de gente & munições de guerra que el Rei D. Emanuel ouue em todo ho tempo de seu regnado*"[1756]. Um duro golpe na política de D. Manuel com um grande efeito moralizador por entre os adversários mouros. Como anteriormente referimos, a presença portuguesa era vista com manifesta resistência pelos marabutos do sul[1757], que apelavam à guerra santa contra o cristão invasor e que, paulatinamente, conseguiam congregar cada vez mais recursos.

É nesse sentido que Nuno Fernandes, informado do mau sucesso que estava tomando a situação de Mamora, mandava reforços a Azamor para o caso de ser necessário socorro, e em carta datada de 15 de Agosto de 1515 – antes de se saber que se largara Mamora – insistia com o rei para não abandonar a fortaleza, não obstante as perdas já sofridas, afirmando "*comporte-sse nesta pequena perda e trabalhe de sse rremedehar*", chegando mesmo a defender a construção de "*hüa torre, hou hum par*

António Dias Farinha, "O Norte de África", in *História da Expansão Portuguesa*, Vol. I, pp. 127-128; Luís Miguel Duarte, "África", in *História Militar de Portugal*, Vol. I, pp. 437-439; Maria Augusta Lima Cruz & António Manuel Lázaro, "A política marroquina de D. João II a propósito da Graciosa", in *A Península Ibérica e o Norte de África (séculos XV a XVII). História e Património The Iberian Peninsula and North Africa (15th to 17th centuries). History and Heritage*, pp. 77-106; André Filipe Serra Ingrês, *O Projecto da Graciosa: Construção e Demonstração de um sonho expansionista no Norte de África*, dissertação de mestrado em História. Especialização em História Moderna e dos Descobrimentos, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2021.

[1754] Sobre a tentativa de construção de fortaleza em Mamora veja-se "Relação da expedição a Mamora, depois de 10 de Agosto de 1515". B.N.P., MS 7638, Nº 40, fl. 73. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXLVI, pp. 728-731; David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 533; Jorge Correia, *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África…,* pp. 343-346.

[1755] Sobre o então marquês de Vila Real veja-se Fernando Pessanha, *D. Fernando de Meneses – Capitão de Ceuta, 1º Conde de Alcoutim e 2º Marquês de Vila Real*, 2018.

[1756] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXVI, p. 429.

[1757] António Dias Farinha, "Os Marabutos e a Presença Portuguesa em Marrocos (Nótulas)", in *Colectânea de Estudos em Honra do Prof. Doutor Damião Peres*, pp. 299-308.

d'ellas (...) na boqua do rrio", de modo a "*soster-sse este castello*"[1758], tal como o fez o próprio D. António de Noronha em carta a D. Manuel de 30 de Julho desse ano[1759]. De facto, o capitão de Safim defendia acerrimamente a defesa da fortaleza de Mamora - tal como em 1513 tinha criticado não se ter conservado Larache[1760], que em 1505 tinha sido atacada por Garcia de Melo[1761]. Numa carta onde evidenciava notável capacidade de análise e invocava argumentos de peso, Ataíde alertava para o efeito desmoralizador que o abandono teria nos portugueses e o impacto que teria nos adversários e na lealdade dos mouros de pazes, situação que acabaria por se evidenciar na carta de Álvaro do Tojal a D. Manuel, de 21 de Agosto de 1515, que regista como "*esta terra esta toda revolta e nos parece que, tamto que a elles acheguar esta nova da Mamora, que ainda a de ser mais revolta*"[1762] ou na carta de Lopo Barriga a D. Manuel, de 22 de Agosto de 1515, onde afirma que "*esta gente anda toda danada, e segundo esta nova*

[1758] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 15 de Agosto de 1515. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Doc. CXLVII, p. 734. Documento igualmente publicado in *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 303-305.

[1759] Carta de D. António de Noronha a D. Manuel, em 30 de Julho de 1515. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 306. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXL, pp. 707-712. Pedro Pinto intitulou este documento como "*Carta de D. António de Noronha, conde de Linhares, a D. Manuel I sobre a empresa de Mamora. São João de Mamora*". Ver Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 287.

[1760] "*E lenbro-vos, Senhor, o que sse errou em não ssoster Larache*". Ver Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 13 de Maio de 1513. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 331. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LXX, p. 388. Veja-se também Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 290.

[1761] Sobre Garcia de Melo e este ataque a Larache veja-se Fernando Pessanha, "Garcia de Melo - Bellator da Expansão Portuguesa nos Algarves de Aquém e de Além-mar", in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3392, 30 de Março de 2022, p. 13.

[1762] Carta de Álvaro do Tojal a D. Manuel, em 21 de Agosto de 1515. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 12. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXLIX, p. 742.

que agora ca temos da Mamora, compre que andemos sobre avisso"[1763]. De facto, a leitura geo-estratégica que Nuno Fernandes faz dos perigos inerentes ao eventual abandono de Mamora é digna de registo, nomeadamente, ao afirmar:

"*E allem de comprir muito soster-sse este castello, pollo que cumpre aquelle castello e aquella terra, muito tãobem cumpre, pollo que toqua ha questa terra, porque, sse aquelle castello sse desfizesse loguo, que não havia Halarves de pazes, nem Allmedina; e ysto, Senhor, porque estes Allarves, nem Almedina não havião de samehar a terra, porque averão por certo que ei rei de Fez hou os sseus allcaides verião qua cadãno que quiserem; e eles não hão de querer ter guerra com el rei de Fez, porque ho não hão de poder ssofrer. E por ysso leyxarão esta terra, não porque não ssejão mais comtentes de voso ssenhorio que de nenhum rrey de Mouros, pollo que tem visto atee qui, mas mudar-ss-ão porque não poderão ali fazer, e não quererão llavrar em terra domde cadano lho comera a jemte d'el rei de Fez sse quiser*"[1764].

E, de facto, a documentação indica que enquanto o exército de Muley Naçer, o vice-rei de Méknes, foi colocar cerco a Mamora, o rei de Fez entrou na Duquela, com intenção de guerrear os portugueses. De acordo com a carta do mestre Duarte a D. Manuel, de 19 de Julho de 1515, por então já as forças de Muley Naçer se tinham feito fortes na barra do rio, sendo "*toda artelharia grosa dos Mouros*"[1765], enquanto o rei de Fez pretendia ir sobre Safim. Durval Pires de Lima, em traços manifestamente gerais, apenas refere que "*o rei de Fez preparou-se a vir correr Safim. Em Julho entrou na Duquela e, depois de uma pequena demora, encaminhou-se, para outra comarca*"[1766].

[1763] Carta de Lopo Barriga a D. Manuel, em 22 de Agosto de 1515. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 51. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CL, pp. 745-749.

[1764] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 15 de Agosto de 1515. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXLVII, p. 734. Documento igualmente publicado in *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 303-305.

[1765] Carta de mestre Duarte a D. Manuel, em 19 de Julho de 1515. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 18, Nº 39. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXXIX, p. 704.

[1766] Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, pp. 63-64.

No entanto, a análise atenta das fontes primárias demonstra uma situação bem mais complexa.

Antes de avançarmos, convém esclarecer que a documentação produzida em Safim indica que o ataque do rei de Fez era esperado por Nuno Fernandes de Ataíde pelo menos desde 20 de Junho, tal como podemos ver pela ordem para o feitor Álvaro do Tojal dar a Henrique de Parada cem pregos para o concerto das estâncias[1767]. Note-se que a epistolografia mostra bem a actividade administrativa do capitão de Safim no sentido de preparar a cidade para o cerco que se esperava por parte do rei de Fez, nomeadamente, a nível das instruções dadas ao feitor João Cotrim para o apetrecho das estâncias com pregos[1768], madeira[1769] e até vinho para os soldados[1770], para além de outras medidas[1771]. Sabemos, por exemplo, que no dia seguinte à redacção da já referida carta do mestre Duarte a D. Manuel, de 19 de Julho de 1515, ordenou Nuno Fernandes que o feitor pagasse a João Álvares, mestre do navio Santa Maria da Luz, oito mil réis por ter trazido homens da ilha da Madeira para o cerco do rei de Fez[1772], o que indica que o "*nunca esta quedo*" pediu reforços à Madeira assim que teve conhecimento das intenções do adversário. Aliás, é o próprio Ataíde que, em carta a D. Manuel de 4 de Agosto de 1515, faz alusão aos "*corenta hou cincoemta homeens da Ilha*"[1773] que vieram para Safim com Pedro Afonso de Aguiar[1774], missiva em que Ataíde, "*aimda*

[1767] A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 58, Nº 102.

[1768] A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 58, Nº 182.

[1769] A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 58, Nº 183. Pouco tempo depois, em 8 de Agosto, mandava Nuno Fernandes que Álvaro do Tojal fornecesse a madeira contida no dito mandado para a escada de uma cisterna. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 59, Nº 149.

[1770] A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 59, Nº 13.

[1771] Veja-se, a título de exemplo, o "*mandado de Nuno Fernandes de Ataíde, por que ordena a Álvaro do Tojal dê a Miguel Alemão, bombardeiro, uma berçada para a espera do rei de Fez*". A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 59, Nº 18.

[1772] A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 59, Nº 50.

[1773] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Agosto de 1515. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXLIV, p. 723. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 307-309.

[1774] Algum tempo depois, em 15 de Agosto de 1515, despachava Nuno Fernandes "*huns cemto homeens, que me haqui vierão do Fumchall, que me mandou Manuell de Loronha*", pedindo Ataíde o monarca português lhe mandesse muitos aguardecimentos. Ver Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel,

que nos el rey de Fez não viesse combater", explica ao monarca português como ordenou a defesa da cidade em várias estâncias, onde os combatentes "*trinta noytes dormirão todos*"[1775], enquanto aguardam o inimigo.

De resto, a documentação do *Corpo Cronológico* assinada por Nuno Fernandes ao longo do restante mês de Agosto de 1515 revela a criteriosa gestão administrativa do capitão de Safim a nível da preparação para o cerco. Note-se, a título de exemplo, os mandados diversos de Nuno Fernandes para o feitor Álvaro do Tojal[1776], assim como as ordens para pagar as despesas relativas ao "*vinho que lhe mandou comprar para as estâncias*"[1777] ou a "*carne e coiros de vaca e sal*"[1778]. De facto, a supracitada carta de Ataíde a D. Manuel, de 4 de Agosto de 1515, denuncia as fragilidades das fortificações da Safim de então, principalmente da alcáçova, "*porque he mui verguonhosa couza as torres e os muros que tem*", como também os "*maos muros que temos*"[1779]. Nesse

---

em 15 de Agosto de 1515. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXLVII, p. 735. Documento igualmente publicado in *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 303-305.

[1775] Noutro ponto do mesmo documento, Ataíde afirma que as estâncias estiveram guarnecidas durante trinta e três ou trinta e quatro dias: "*E nestes trinta e três, ou trinta e catro dias, que estivemos nas estamcias*". Ver Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Agosto de 1515. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXLIV, p. 724. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 307-309.

[1776] Veja-se, a título de exemplo, o "*mandado de Nuno Fernandes de Ataíde, por que ordena a Álvaro do Tojal, dê a Lourenço Rodrigues, treze mil e quinhentos réis que lhe manda dar por serviço de sua majestade, pelas razões conteúdas no dito mandado*". A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 59, Nº 65; Veja-se ainda o "*mandado de Nuno Fernandes de Ataíde para Álvaro do Tojal pagar a Diogo Fernandes seiscentos réis, por vinte bandeiras que deu para o cerco de Fez*". A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 60, Nº 14.

[1777] A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 59, Nº 97. Veja-se também A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 59, Nº 93.

[1778] A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 59, Nº 140.

[1779] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Agosto de 1515. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXLIV, p. 723. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 307-309. Algum tempo depois, em 15 de Agosto de 1515, escrevia Ataíde ao rei que "*ha hi mui fracos muros e pouca jemte, e ssobre estes muros não fallo nada, porque loguo espero demandar a Vossa Alteza rrequado ssobrysso*". Ver Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a

sentido a documentação mostra que Ataíde procurou reforçar as defesas da cidade, nomeadamente, ao mandar Álvaro do Tojal pagar cestos, alcofas e "*uma dúzia de cordas para subir pedra acima dos muros por causa do cerco do rei de Fez*"[1780], assim como pagar a Henrique de Parada, vedor da fazenda e das obras, seiscentos réis "*para se fazer uma casa para armazenar a pólvora na dita fortaleza*"[1781]. Do mesmo modo, também em 15 de Setembro de 1515 mandava Nuno Fernandes que o feitor Álvaro do Tojal pagasse ao mesmo Henrique de Parada, "*que tinha cargo das obras dos baluartes da cidade, 16 terçadas para as portas da cidade e o mais que consta no dito mandado*"[1782].

Para além da organização das tropas em várias estâncias, tal como aconteceu aquando do grande cerco de 1510[1783], e das medidas relativas às obras de fortificação, Nuno Fernandes tomou igualmente providências a nível da artilharia, como podemos ver pela ordem a Álvaro do Tojal para se pagar a Manuel Álvares, mestre da artilharia, "*1.200 réis para as coisas de que necessita a dita artilharia*"[1784] ou pela distribuição de bombardas pelos navios que se encontravam a guardar a praia[1785]. É, aliás, o próprio Álvaro do Tojal que, em carta a D. Manuel, já em 21 de Agosto de 1515, afirma que

---

D. Manuel, em 15 de Agosto de 1515. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXLVII, p. 735. Documento igualmente publicado in *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 303-305.

[1780] A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 59, Nº 99.

[1781] A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 60, Nº 19.

[1782] A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 60, Nº 118.

[1783] Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 3 de Janeiro de 1510. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 41. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, doc. XLV, pp. 273-275; Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511. A.T.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, pp. 287-289. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 82-91.

[1784] A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 59, Nº 173.

[1785] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Agosto de 1515. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXLIV, p. 723. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 307-309.

"*d'este dinheiro que qua tenho gastou o Capitam allgum neste ssoquoro*"[1786], o que bem reflecte o empenho de Ataíde nos preparativos para a defesa da cidade.

Note-se, de resto, que as medidas de Nuno Fernandes para a eventualidade de um cerco colocado pelo rei de Fez visaram não somente a cidade de Safim, mas também a tributária Almedina. Num mandado datado de 13 de Agosto de 1515, o "*nunca esta quedo*" ordena que Álvaro do Tojal dê a Meimão madeira para se fazerem as portas de Almedina[1787], tal como no dia seguinte, em 14 de Agosto de 1515, ordena que o mesmo Álvaro do Tojal "*dê a Meimão, alcaide de Almedina, os pregos conteúdos no dito mandato para as portas da dita cidade*"[1788]. Duas semanas depois, em 27 de Agosto de 1515, refere Ataíde que "*Agora, Senhor, lhe mando la outro par de portas, e ho mestre para lhas fazer*"[1789]. Quer isto dizer que Almedina foi atacada pelo rei de Fez como retaliação pela sua lealdade aos portugueses? Em 19 de Julho de 1515 escrevia o mestre Duarte que os

"*Mouros das pazes lhe derão hüa curreada boa* (às tropas do rei de Fez), *em que lhe mataram dous allcaides principaes, e que agora estava em Tite; e que domingo este pasado, xb d'esté mes, hia poer cerquo na cidade d'Azamor ou Mazagam, e que tinham rrecado do capitam de Mazagam que nam tenha necesidade de mais que de mantimentos*"[1790].

[1786] Carta de Álvaro do Tojal a D. Manuel, em 21 de Agosto de 1515. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 12. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXLIX, p. 742.

[1787] A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 59, Nº 161.

[1788] A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 59, Nº 170. Veja-se também o "*mandado de Nuno Fernandes de Ataíde para Álvaro do Tojal dar cinquenta pregos para as portas que se queimaram na vinda do rei de Fez, e outras coisas que do mesmo mandado constam*". A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 60, Nº 35.

[1789] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 27 de Agosto de 1515. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CLI, p. 753.

[1790] Carta de mestre Duarte a D. Manuel, em 19 de Julho de 1515. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 18, Nº 39. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXXIX, p. 704.

É certo que o mestre Duarte não discrimina qual a tribo dos mouros de pazes que deu uma "*curreada boa*" às tropas do rei de Fez. Note-se, no entanto, que segundo a carta de Nuno Fernandes de Ataíde de 4 de Agosto de 1515, "*el rey de Fez*" se encontrava por então "*em Aurara, nüa alaguoa grande que estaa quatro leguoas d'Almedina*"[1791]. Uma vez que as forças de Mohamed "al Portugali" se encontravam por então na zona norte da Duquela e não havendo registo de qualquer cerco por então colocado a Azamor ou a Mazagão, tudo indica que o rei de Fez se tenha lançado realmente sobre Almedina, a cidade tributária de Portugal cujo alcaide era o já referido Meimão, um dos mouros que ganhou estatuto e poder graças à proveitosa colaboração com Ataíde. Refira-se, aliás, que logo após a Batalha dos Alcaides, em que a coluna do exército do rei de Fez foi destruída, o vice-rei de Méknes deu com o seu exército "*sobre a comarca de Almedina, & destruir de todo a cidade*"[1792], como retaliação pelo apoio aos portugueses. Porém, Almedina não só recuperou do ataque do vice-rei de Méknes – cujas tropas foram desbaratadas à traição pelos mouros da Xerquia[1793] - como se manteve tributária do monarca português, continuando a dar apoio às acções militares concebidas por Nuno Fernandes. Era, portanto, altamente expectável que Almedina figurasse como um dos principais alvos de Mohamed "al Portugali".

Seja como for, e independentemente da acção de retaliação movida pelo rei de Fez contra Almedina, é o próprio Ataíde que, fazendo uso da sua rede de informadores, denuncia os meandros das movimentações políticas entre o soberano de Fez, o xerife e os mouros de pazes. De facto, o capitão de Safim revela o alegado motivo pelo qual Mohamed "al Portugali" não foi atacar os portugueses:

"*ssua detemça foi, porque espera que ho Xerife lhe mamde quinhemtos camellos d'Abeda de presemte porque has neguoceações que ho Xerife tinha com Abeda era dizer-lhe que ho rrecebessem em ssua companhia, e que lhe dessem aquellos quinhentos camellos pêra lhe llevar de presente, e qu'elle faria com el rey de Fez que sse fosse*

[1791] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Agosto de 1515. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXLIV, p. 724. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 307-309.

[1792] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LI, p. 380.

[1793] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 184.

ssem lhes fazer nenhum nojo; e polia nececidade d'Abeda, comcedeo haquillo, mas não hos camellos que ateguora aimda sse não derão"[1794].

Por outras palavras, afirmava o "*nunca esta quedo*" que o xerife, que andava em negociações com os mouros dos Abda, tinha ficado de enviar ao rei de Fez quinhentos camelos daquela tribo, o que parece representar um tributo para os Abda serem poupados a uma potencial retaliação por parte de Mohamed "al Portugali". Com efeito, o xerife procurava demandar aos Abda "*requerimentos*" a que estes não aquiesceram, concordando, por fim, em irem assaltar os Xiatima, já que esta tribo os tinham, alegadamente, roubado aquando da anterior vinda de Muley Naçer à Duquela. Ao tomar conhecimento desta situação, o capitão de Safim não tardou em tomar providências, enviando o adail Lopo Barriga, juntamente com o xeque Side Bogima e com Çaide Tafuu, o sobrinho de Bentafufa que então o substituía como alcaide dos Abda e dos Garbia, com o intuito de apaziguarem a situação. Embora o "*nunca esta quedo*" refira na mesma carta que o rei de Fez "*mudou ho consselho que trazia de nos combater, porque ssoube como estávamos hordenados*", em 15 de Agosto acabaria por reconhecer como o rei de Fez "*bem danada nos leixou esta terra*"[1795], o que revela como a simples aproximação deste soberano muçulmano podia destabilizar o labor político e militar de Nuno Fernandes de Ataíde no sul marroquino, quer ao nível da sempre frágil fidelidade dos mouros de pazes, quer ao nível de outros constrangimentos, como a devastação dos campos de trigo. De facto, a destruição das áreas cerealíferas era uma efectiva preocupação dos portugueses de Safim, tal como podemos comprovar pela carta de Álvaro do Tojal a D. Manuel, em 21 de Agosto de 1515:

"*A terra, Senhor, ficou ainda com muito pam, e el rrey de Fez nom destroyo tamto quanto cuidavam, que das sete partes nom destroyo as tres e alem d'ysto os*

[1794] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Agosto de 1515. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXLIV, p. 724. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 307-309.

[1795] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 15 de Agosto de 1515. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXLVII, p. 735. Documento igualmente publicado in *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 303-305.

Barbaros de Binimagre se foram todos, homde fiqua pam, e atambem estes nossos Allavees trazem de Xiathima, domde agora vem, muito pam; assi, Senhor, a terra tem ainda muito pam"[1796].

Poucas semanas depois, em 19 de Setembro de 1515, escrevia o capitão de Safim que:

"*depois da yda d'el rrey de Fez. Garabya tenho aquy por Cernu e derrador de Cafy e tras muyto pam; e porque ho pam nam vem senam de Garabya, nam ousamos dabayxar destas quatro dobras qu'eu mandey Alvaro Togall que comprase por este preço, porque me parecer asy servyço de Vosalteza; e a causa d'esté preço me parece que vem tamto pam mais que dyzerem que o vemdem todo, com medo d'el rrey de Fez. Álvaro Togall me dysse que terya ja comprado sseysçemtos moyos de tryguo e çemto de cevada e a cidade esta farta de quam famynta estava*"[1797].

De resto, Nuno Fernandes relatava ao rei como as relações entre os mouros de pazes se estavam a normalizar após o alvoroço e as rebeliões provocadas pela vinda do rei de Fez e até manifestava o seu contentamento relativamente a Side Bogima, projectando expulsarem *"este Xarife fora d'aquele castelo*", numa clara alusão ao castelo de Algel, onde o xerife se tinha refugiado depois de fugir de Amagor[1798].

[1796] Carta de Álvaro do Tojal a D. Manuel, em 21 de Agosto de 1515. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 12. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXLIX, p. 742.

[1797] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 19 de Setembro de 1515. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 18, Nº 100. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CLII, p. 755.

[1798] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXII, p. 422; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 212; Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XIX, pp. 58-59; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 125.

Durante o fim desse ano, Ataíde deu continuidade à sua actividade administrativa nos mais diversos domínios[1799], como as diligências relativas ao abastecimento de Safim[1800], ou a atenção dispensada aos assuntos relacionados com a lavoura[1801]. O belicoso capitão não descuidou os assuntos relativos à guerra e à sujeição das tribos mouras, como podemos ver pela *Proclamação de Nuno Fernandes de Ataíde às tribos*, documento redigido em data posterior a 19 de Setembro de 1515, onde Nuno Fernandes regulariza a paz com os mouros de pazes e entre "*todolos Barboros que ssâo trabutaryos a ell Rey nosso senhor*"[1802]. No entanto, e apesar do labor político de Ataíde, alguns mouros de pazes da Duquela começavam a passar-se para o lado do adversário. Disso nos dá conta, por exemplo, a carta que a guarnição militar de Azamor mandou a D. Manuel, em 30 de Setembro de 1515:

"*tanto que hos Mouros vyriam que ho Contador nom trouxe jente nenhüa de cavalo, como lhes nos tynhamos dyto, loguo se alevantarom e foram todos com seus aduares, a saber: huns pêra a Emxouvya e outros pêra ho senhor da Sera e pêra Marrocos e esperam cada dya por el rey de Fez*"[1803].

[1799] Veja-se, a título de exemplo, A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 61, Nº 127; A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 61, Nº 129; A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 61, Nº 153; A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 62, Nº 4; A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 62, Nº 100; A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 62, Nº 105; A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 60, Nº 110; A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 62, Nº 135.

[1800] Veja-se, a título de exemplo, a "*Carta de Nuno Fernandes de Ataíde para o rei sobre as notícias que tinha de Salé e das provisões que necessitava*". A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 19, Nº 72.

[1801] Veja-se, a título de exemplo, a "*Ordem de Nuno Fernandes de Ataíde, Governador de Safim, a Gonçalo Fernandes para que lhe mandasse 6 onças, para comprar uns arados para a sementeira*". A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 61, Nº 161. Veja-se também o "*mandado de Nuno Fernandes de Ataíde por que ordena a Gonçalo Rodrigues, dês a uns mouros, 300 réis para as suas lavouras*". A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 62, Nº 37.

[1802] Proclamação de Nuno Fernandes de Ataíde às tribos, depois de 19 de Setembro de 1515. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 18, Nº 100. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CLIII, p. 759.

[1803] Carta da guarnição de Azamor a D. Manuel, em 30 de Setembro de 1515. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 18, Nº 108. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CLIV, pp. 762.

Importava, portanto, dar continuidade à política de intimidação em que Nuno Fernandes era exímio. Foi nesse contexto que, ainda em Dezembro do mesmo ano, o capitão de Safim mandou o seu genro D. Afonso de Noronha e o seu tio Álvaro de Ataíde "*com toda a jemte, fydalgos e cavaleyros que nesta cydade estam (…) yryam trezentas e trynta lanças e Gide Bogima co ele*"[1804] contra dez ou doze aduares dos "*Oley Çobea*", que nunca tinham sido mouros de pazes[1805] e que se encontravam "*na faldra de hüa serra, junto com dous castelos que estam no mais fragoso da serra*"[1806]. Castelos, aliás, que Pierre de Cenival arrisca serem os "*d'Algel (Aglagal)*" e "*d'Agaballo (Aghbalou)*"[1807], ou seja, dois dos alvos atacados pelo adail Lopo Barriga na Páscoa desse mesmo ano de 1515[1808]. Curiosamente, nem Damião de Góis nem os cronistas que se lhe seguiram referem esta expedição, tal como André Teixeira, no quadro relativo às acções militares que tiveram lugar durante a capitania de Ataíde[1809]. Porém, a carta de Nuno Fernandes a D. Manuel, em 15 de Dezembro de 1515, revela que o capitão de

---

[1804]Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 15 de Dezembro de 1515. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 19, Nº 55. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CLV, p. 766. Sobre o estado de guerra que o capitão de Safim então mantinha com os mouros veja-se também a "*carta de Nuno Fernandes de Ataíde para orei, da guerra que tem com os mouros*". A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 19, Nº 58.

[1805] Os "*Oley Çobea*" referidos por Ataíde são, aparentemente, os "*Ole Çobeth*" que também participaram no grande cerco a Safim de 1510. Ver a Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 3 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 41. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLV, p. 278. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 149-153.

[1806] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 15 de Dezembro de 1515. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 19, Nº 55. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CLV, p. 765.

[1807] Pierre de Cenival, *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CLV, pp. 765-766, nota 4; Pierre de Cenival, *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. II, p. 1.

[1808] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXII, pp. 422-423; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 212; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. IIII, fls. 7-8v; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, pp. 125-126.

[1809] André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão Portuguesa. Estudos Biográficos*, quadro 2, p. 203.

Safim ordenou que as forças se concentrassem em Tednest, de modo a iludirem os adversários quanto ao potencial alvo a atacar. Segundo o "*nunca esta quedo*", juntaram-se aos cavaleiros de Safim mais quatrocentas lanças dos Xiátma e cento e cinquenta de Abda, partindo contra o alvo duas horas antes do pôr do sol, no dia 3 de Dezembro de 1515. Ao amanhecer, o genro de Nuno Fernandes dividiu as forças em três "*batalhas*": o adail na vanguarda com oitenta ou cem lanças, o próprio Álvaro de Noronha com outra e Álvaro de Ataíde com os guerreiros experientes, "*e la pos hüa bandeyra de hüa cruz de Cristo*"[1810]. Correndo o risco de perdermos, por momentos, o fio condutor desta acção militar, abramos um parêntesis, de modo a debruçar-nos sobre esta última referência. Segundo Pierre de Cenival, a "*bandeyra de hüa cruz de Cristo*" referida por Nuno Fernandes era "*La croix de l'ordre du Christ*"[1811]. Porém, o *Catalogo dos Cavaleiros da Ordem de Christo que tomaram o habito no reynado dei Rey D. Manoel e nos seguintes reinados* não refere Nuno Fernandes de Ataíde como cavaleiro da Ordem, contrariamente ao que acontece com outros indivíduos que com ele serviam em Safim, casos de Álvaro de Ataíde, Álvaro de Faria ou Lopo Barriga[1812]. Ainda que o capitão de Safim não seja mencionado na relação dos "Cavaleiros da Ordem de Cristo no séc. XVI", publicada por António Machado de Faria em 1955, António Maria Falcão Pestana de Vasconcelos, em *Nobreza e Ordens Militares. Relações Sociais e de Poder (séculos XIV a XVI)*, identifica-o claramente como "*comendador da Moxoeira na Ordem de Cristo*"[1813]. Uma vez que o *Catalogo dos Cavaleiros da Ordem de Christo que tomaram o habito no reynado dei Rey D. Manoel e nos seguintes reinados* só

[1810] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 15 de Dezembro de 1515. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 19, Nº 55. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CLV, p. 766.

[1811] Pierre de Cenival, *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CLV, p. 766, nota 3.

[1812] António Machado de Faria, "Cavaleiros da Ordem de Cristo no séc. XVI", in *Arqueologia e História*, Vol. VI, pp. 21 e 55.

[1813] António Maria Falcão Pestana de Vasconcelos, *Nobreza e Ordens Militares. Relações Sociais e de Poder (séculos XIV a XVI)*, dissertação de doutoramento em História Medieval e do Renascimento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 260-261.

discrimina os cavaleiros que tomaram o hábito a partir de 1510, é possível que Nuno Fernandes de Ataíde tenha sido investido nesta Ordem em data anterior[1814].

Retomando a expedição no ponto em que nos detivemos de modo a aferirmos a ligação de Nuno Fernandes de Ataíde à Ordem de Cristo, foi ao romper do dia que a força portuguesa constituída pelo "*Adayll co a jemte que levava e Dom Afomso nas costas d'ele e Alvaro d'Atayde pegado co ele*"[1815] dirigiram a cavalgada em direcção aos aduares. Porém, quando lá chegaram, já estes se tinham recolhido à serra, pelo que o despojo, essencialmente constituído por algum gado e poucos camelos, não foi significativo. Porém, apesar dos adversários terem conseguido escapar sem grandes baixas (apenas quatro cativos e cinco mortos), esta expedição serviu para pôr em evidência a posição de comando granjeada pelo genro de Nuno Fernandes, a continuidade do apoio de "*Cide Bugima*" e, finalmente, a facilidade com que o Ataíde lançava expedições contra alvos situados a grandes distâncias de Safim, no interior marroquino, chegando mesmo ao "*mais fragoso da serra*".

O fim de 1515 e inícios de 1516 evidenciam a continuidade da actividade administrativa de Ataíde. O capitão, sempre atento ao que se passava no teatro de operações norte-africano, escreveu ao rei em 31 de Dezembro de 1515 sobre as notícias que tinha de Salé e solicitava o envio das provisões que considerava necessárias[1816].

[1814] Sobre esta Ordem Militar veja-se, a título de exemplo, Isabel L. Morgado de Sousa e Slva, *A Ordem de Cristo (1417-1521) - Revista Militarium Ordium Analecta*, Nº 6, 2002.

[1815] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 15 de Dezembro de 1515. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 19, Nº 55. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du aroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CLV, p. 766.

[1816] "*Carta de Nuno Fernandes de Ataíde para o rei sobre as notícias que tinha de Salé e das provisões que necessitava"*, em 31 de Dezembro de 1515. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 19, Nº 72.



© The Hebrew University of Jerusalem & The Jewish National & University Library

Fig. 151 - Gravura da cidade de Salé em inícios do século XVI. Gravura de Georg Braun, publicada no *Civitates Orbis Terrarum* (1572).
(On line) Disponível em:
http://historiccities.huji.ac.il/morocco/sale/maps/braun_hogenberg_I_56_5_b.jpg
(Consultado em 28 de Fevereiro de 2023).

Simultaneamente, não descurou as campanhas de obras em Safim, dando ordens ao feitor Álvaro do Tojal para dar a Pedro Álvares de Faria, vedor das obras na fortaleza, dinheiro para acomodar os doentes que trabalharam nas ditas obras[1817] ou para efectuar pagamentos com vista ao reparo dos muros da alfândega da cidade[1818]. Preocupações, aliás, que não se circunscreveram às obras na fortaleza e na alfândega,

[1817] "*Mandado de Nuno Fernandes de Ataíde, capitão de Safim, para Álvaro do Tojal dar a Pedro Álvares de Faria, vedor das obras da dita fortaleza,3 camas etc., para os doentes que trabalharam nas ditas obras*", em 29 de Fevereiro de 1516. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 63, Nº 147.

[1818] "*Mandado de Nuno Fernandes de Ataíde, governador de Safim, para Álvaro do Tojal dar 20.000 réis a Pedro Gomes, para reparo dos muros da alfândega da dita cidade*", em 28 de Março de 1516. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 63, Nº 181.

estendendo-se também às obras na casa de audiência[1819] e na casa do conselho[1820]. De igual modo, o capitão ordenou ao feitor que pagasse soldos[1821], géneros alimentares[1822], quantias em dinheiro[1823] e até peças de vestuário como marlotas[1824] e barretes[1825], a mouros e cristãos.

Entretanto, decorria Maio de 1516[1826] quando, serenado o desassossego provocado pelo insucesso de Mamora, Ataíde concebeu nova expedição audaciosa, além

---

[1819] "*Mandado de Nuno Fernandes de Ataíde para o feitor Álvaro do Tojal dar 300 pregos de soalhar para a casa de audiência*", em 24 de Abril de 1516. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 64, Nº 88.

[1820] "*Mandado de Nuno Fernandes de Ataíde para o feitor Álvaro do Tojal dar pregos, e outros, para a casa do conselho*", em 7 de Maio de 1516. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 64, Nº 119.

[1821] "*Mandado de Nuno Fernandes de Ataíde, governador de Safim, para Álvaro do Tojal, feitor, pagar a Álvaro Gomes, 4. 160 réis de soldo de 5 meses e 4 dias que serviu na dita cidade*", em 12 de Janeiro de 1516. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 62, Nº 200.

[1822] "*Mandado de Nuno Fernandes de Ataíde, para Gonçalo Fernandes, rendeiro que foi da alfândega, pague a Pardo Judeo, 400 réis do pão que lhe mandou tomar para 30 homens*", em 2 de Janeiro de 1516. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 62, Nº 152; "*Mandado de Nuno Fernandes de Ataíde, capitão e governador de Safim, para o feitor Álvaro do Tojal entregar ao almoxarife Sebastião Lopes 8 moios e 22 alqueires de trigo para despesa de seu ofício*", em 16 de Abril de 1516. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 64, Nº 49.

[1823] "*Mandados de Nuno Fernandes de Ataíde para Álvaro do Tojal dar às pessoas neles declaradas certas quantias de dinheiro, como nos ditos se declara*", em 16 de Maio de 1516. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 64, Nº 137.

[1824] "*Mandado de Nuno Fernandes de Ataíde, por que ordena a Gonçalo Rodrigues, para que dê a um mouro 1.000 réis para uma marlota*", em 31 de Dezembro de 1515. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 62, Nº 135; "*Mandado de Nuno Fernandes de Ataíde por que ordena a Gonçalo Fernandes que lhe mande 14 onças e meia de prata, que são para 4 marlotas que prometeu ao adail*", em 3 de Janeiro de 1516. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 62, Nº 167.

[1825] "*Fragmento de ordem de Nuno Fernandes de Ataíde, capitão de Safim, ao feitor Álvaro Tojal, para dar um barrete de remilho a um mouro*", em 13 de Abril de 1516. A.N.T.T., *Fragmentos*, cx. 9, maço 4, Nº 43; "*Mandado de Nuno Fernandes de Ataíde para Álvaro do Tojal dar a dois mouros, que tinham ido à guerra do xarife, 4 bordates, 2 marlotas e 2 barretes*", em 15 de Maio de 1516. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 64, Nº 136.

[1826] Diego de Torres volta a equivocar-se ao remeter esta expedição para 1517. Veja-se, Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XX, p. 60. Também Mercedes García-Arenal reparou neste

da "cidade vermelha". O motivo que esteve na origem deste novo empreendimento é-nos relatado por Damião de Góis e pelos cronistas que se lhe seguiram. Com efeito, revela o grande humanista português que os mouros de Olei de Meta, que eram tributários dos portugueses e tinham as suas terras nas proximidades de Marraquexe[1827], protestaram junto do capitão de Safim, alegando serem hostilizados pela cabilda dos Vleidambram, da Xerquia. De facto, refere Góis que estes últimos "*tratauam mal*"[1828] os Olei de Meta, enquanto D. Jerónimo Osório arrisca que "*lhes tinhão de vastado os campos, e feito injúrias graves*"[1829] e Luis del Mármol Carvajal comenta que "*les corrian la tierra, haziendo les gran daño en los ganados*"[1830]. Foi nesse sentido que, tal como aconteceu em 1512, em que os aduares dos Abda tributários de Portugal pediram auxilio a Nuno Fernandes para se defenderem dos mouros da Xiátma que "*faziam muitos agravos aos de Dabida*"[1831], ou em 1514, quando os mouros tributários da Xiátma pediram a Ataíde "*alguma gente pera os defender*"[1832] do xerife, também os mouros de Olei de Meta solicitaram, em 1516, o apoio do capitão de Safim contra os de Vleidambram. Posto isto, convém clarificarmos quem eram estes mouros que afrontavam os tributários dos portugueses. De acordo com os cronistas quinhentistas, estes Vleidambram, a que David Lopes se refere como "*Olede Ambrão*"[1833] e Mercedes García-Arenal como "*Walad Amrán*"[1834], eram gente nobre, "*exercitados na guerra*"[1835]

---

erro de datação. Veja-se Mercedes García-Arenal (publ.), *Diego de Torres. Relación del origen y suceso de los xarifes y del estado de los reinos de Marruecos, Fez y Tarudante*, p. 77, nota 132.

[1827] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte IV, Capítulo VI, p. 456. Usando as palavras de Jerónimo Osório, estavam "*situados nos confins do reino de Marrocos*". Veja-se Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 222.

[1828] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte IV, Capítulo VI, p. 456.

[1829] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 222.

[1830] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 48.

[1831] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 178.

[1832] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo LXXI, p. 420.

[1833] Veja-se David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 504.

[1834] Veja-se Mercedes García-Arenal (publ.), *Diego de Torres. Relación del origen y suceso de los xarifes y del estado de los reinos de Marruecos, Fez y Tarudante*, p. 78, nota 134. Luis del Mármol Carvajal denomina-os de "*Vled Ambran*". Veja-se Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de*

e "*mui esforçados caualleiros*"[1836] que já tinham sido tributários de D. Manuel. Tal como podemos aferir pelos registos de Nuno Gato[1837], Nuno Fernandes de Ataíde[1838] e Damião de Góis[1839] estes Vleidambram foram uma das tribos que foram colocar cerco a Safim em 1510, e que se tornaram tributárias de Portugal após as incursões de Ataíde conta Almedina e Conte[1840]. De facto, em 12 de Dezembro de 1514 referia-se Nuno Fernandes ao rei sobre "*todolos Alarves das pazes, e prencypallmente Olei Dambrão que he mais perto de Marrocos*"[1841]. Porém, tendo estes sofrido os efeitos da incursão do rei de Fez na Duquela, abandonaram as suas terras e foram acampar cinco léguas além de Marrocos[1842], junto aos Montes Claros. Mármol Carvajal, por seu lado, refere que

---

África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 48. Diego de Torres, por seu lado, refere-se aos Olei de Meta como "*Uled Motaha*" e aos Vleidambram como "*Uled Habran*". Veja-se Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XX, p. 60.

[1835] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 222.

[1836] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte IV, Capítulo VI, p. 456.

[1837] Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 3 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 41. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLV, pp. 277-278. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 149-153.

[1838] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 11. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XLVII, p. 285. Documento igualmente publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 82-91.

[1839] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XII, p. 284.

[1840] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIV, pp. 291-292. Ver também Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 99; Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 46v. Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo VI, pp. 15-17.

[1841] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 12 de Dezembro de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 17, Nº 12. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXX, p. 663.

[1842] Segundo David Lopes, vinte e cinco Km, ao pé da serra. Veja-se David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 504.

"*como erã gente bellicosa, y hauia entre ellos muchos y muy valientes caualleros, no pudiendo comportar en sus animos feroces, y inquietos, que los otros moros les dixessen que eran vasallos de rey Christiano, se auian leuantado: y metiendose la tierra a dientro pacían todas las yeruas hasta cerca de los confines de Escura, mas de catorze leguas a Levante de la ciudad de Marruecos*"[1843].

Fora do alcance directo dos portugueses, não só deixaram de pagar tributo como também causavam danos às outras tribos vizinhas que se mantinham fiéis a D. Manuel, com os Olei de Meta, que estavam assentados aquém de Marrocos. Tal como determinado pelos acordos de paz, era obrigação do capitão de Safim proteger as tribos de mouros de pazes que se viam hostilizadas pelos adversários, como a exemplo do que aconteceu em tantas noutras ocasiões que tiveram lugar durante a capitania de Ataíde. Foi, portanto, como resposta à reivindicação dos Olei de Meta que o capitão de Safim se predispôs a ir "*a castigar alguns rebeldes*"[1844].

Segundo Damião de Góis, localizado o alvo junto aos Montes Claros[1845], aprontou o capitão quatrocentas e trinta lanças de cristãos e alguns besteiros e espingardeiros de pé, partindo no dia 19 de Maio de 1516 e fazendo circular a notícia de que "*hia comer as reuas com os Alarues*"[1846]. Oito léguas além de Safim, atravessando

---

[1843] Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 48.

[1844] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 740.

[1845] "*Athalante Mayor*", no dizer de Mármol Carvajal. Veja-se Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 48.

[1846] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte IV, Capítulo VI, p. 456. Mármol Carvajal sobredimensiona estes números, referindo que Ataíde reuniu quatrocentos e cinquenta cristãos a cavalo e sessenta espingardeiros e besteiros de pé. Veja-se Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 48. Já Diego de Torres refere quatrocentos cristãos a cavalo e sessenta espingardeiros a pé. Veja-se Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XX, p. 62.

a Serra de Benimagra onde Nuno Fernandes desbaratou o rei de Marraquexe em 1512[1847], juntaram-se aos portugueses mais quatro mil mouros de cavalo das cabildas de Abda e de Garbia[1848].

Ao seguirmos a reconstituição que historiadores como Pedro de Mariz ou Mármol Carvajal fizeram desta campanha, somos induzidos a pensar que o "nunca esta quedo" abalou então rumo ao alvo a atacar com os quatro mil mouros acima referidos. Número, aliás, que levou David Lopes a afirmar que, para este empreendimento, Ataíde "*reuniu mais gente do que nunca teve sob o seu comando*"[1849]. No entanto, Damião de Góis revela que ao chegarem a Alguz, "*que he hua terra chãa atraues de Marrocos*"[1850], deixou as mulheres e outra gente que designa de fraca. D. Jerónimo de Osório, por seu lado, refere que "*alli deixou as mulheres, e mais fraqueza do exército*"[1851], enquanto Manuel de Faria e Sousa diz que "*dexó alli las mugeres y la gente inútil*"[1852], antes de partir rumo ao objectivo. Estas alusões dos cronistas revelam, portanto, que aos quatro mil mouros anteriormente contabilizados pelos cronistas (número manifestamente sobredimensionado), devemos deduzir as mulheres, os idosos, as crianças e todos os restantes homens que não se encontravam em condições de combater mais os que se tornavam necessários para proteger o acampamento, o que

---

[1847] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXIV, pp. 340-341; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 179; Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, pp. 724-725; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 103. Para além de estes cronistas veja-se também Fernando Pessanha, "Nuno Fernandes de Ataíde, «*o que nunca está quedo*» - De alcaide de Alvor e capitão e governador de Safim", in *Anais do Município de Faro*, Nº XXXIX, p. 55.

[1848] Baseámo-nos em Damião de Góis. À excepção de Mármol Carvajal e de Diego de Torres, que referem três mil e quinhentos mouros dos Abda e de Garbia, todos os outros cronistas reproduzem os números avançados por Góis. Veja-se Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 48; Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XX, p. 62.

[1849] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 504.

[1850] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte IV, Capítulo VI, p. 456.

[1851] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 222.

[1852] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 136.

reduziu substancialmente o número de lanças usadas para esta acção militar. Recorde-se, aliás, que para o ataque à monumental cidade de Marraquexe foram utilizadas seiscentas lanças dos Abda e mil dos Garbia[1853], pelo que não nos parece verosímil que, para uma acção punitiva contra uns aduares rebeldes, Nuno Fernandes tenha reunido um número de mouros superior, como precipitadamente sugere David Lopes[1854].

Se continuarmos a seguir as fontes narrativas, vemos que a força comandada por Ataíde partiu de noite, atacando de madrugada o aduar de Raho Benxamut que, como vimos, se encontrava cinco léguas além de Marrocos. Porém, antes de continuarmos a seguir esta expedição militar, convém esclarecermos uma referência que pode induzir-nos em erro, tal como aconteceu com outros historiadores contemporâneos que se referiram a esta expedição. Com efeito, diz-nos Damião de Góis que, reunidas as cabildas de Abda e de Garbia, Ataíde partiu com os portugueses e com os mouros de pazes até chegar a Alguz, onde ficaram todos os que não iam integrar a expedição juntamente com as suas tendas e o gado. Esta referência a Alguz levou Durval Pires de Lima a afirmar que os homens comandados por Ataíde "*dormiram em Aguz e na madrugada foram dar no aduar de Raho, um dos mais esforçados inimigos de Portugal*"[1855], o que não é certo. Como vimos anteriormente, Aguz era uma fortaleza satélite originalmente construída em 1508[1856], na foz do rio Tensift[1857], a "*oito legoas de*

[1853] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LXXIV, p. 424.

[1854] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 504.

[1855] Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 65.

[1856] A carta de nomeação de Diogo de Azambuja para a capitania de Safim e para o castelo de Aguz é de 25 de Agosto de 1508. Ver Carta patente de D. Manuel, em 25 de Agosto de 1508. A.N.T.T., *Leitura Nova*, liv. 2 de Reis, fls. 212v-213v. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXXI, pp. 169-173.

[1857] Duarte Pacheco Pereira e Valentim Fernandes não referem o forte de Aguz, certamente inexistente aquando da produção dos seus trabalhos. Sobre este castelo veja-se David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, pp. 540-542 e "A Expansão em Marrocos", in *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Vol. I, p. 156; Pedro Dias, *A Arquitectura dos Portugueses em Marrocos 1415 – 1769*, pp. 189-192 e *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415 – 1822)*, p. 49; Jorge Correia, *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África*, pp. 334-336; Fernando Pessanha, *As guarnições militares na região da Duquela, nos Algarves Dalém-mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da

Çafim"[1858] e onde, em 1512, "*entam estaua por capitam hum Francisco mendez com cincoenta besteiros de pe portugueses*"[1859]. Quer isto dizer que se Ataíde tivesse realmente pernoitado com as suas tropas em Aguz, nunca poderia ter partido "*a boca da noite*"[1860] e atacado o aduar de Raho de madrugada, já que "*Aguz, he huma aldeia*"[1861] que se encontra a mais de cento e setenta Km de Marraquexe (como podemos constatar pelo Mapcarta) e que os aduares dos Vleidambram estavam acampados cinco léguas a oriente de Marrocos[1862]. Por outras palavras, a crer na afirmação de Durval Pires de Lima, a força comandada por Ataíde teria de ter empreendido durante a noite uma cavalgada de aproximadamente duzentos Km, entre a foz do rio Tensift e o sopé dos Montes Claros, o que é manifestamente inaceitável.

Universidade do Algarve, pp. 41-43; Paulo David Vicente, "Aguz", in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. I, p. 40.

[1858] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, IV, Capítulo LXXXV, p. 601.

[1859] Damião de Góis, *Chronica do Sereníssimo Senhor Rei D. Manoel*, III, Capítulo XXXV, p. 342. Sobre a guarnição militar de Aguz veja-se Fernando Pessanha, *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém Mar*, dissertação de mestrado em História do Algarve apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, pp. 84-89.

[1860] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte IV, Capítulo VI, p. 456.

[1861] Ver Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 180.

[1862] Segundo David Lopes, vinte e cinco Km, ao pé da serra. Veja-se David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 504.

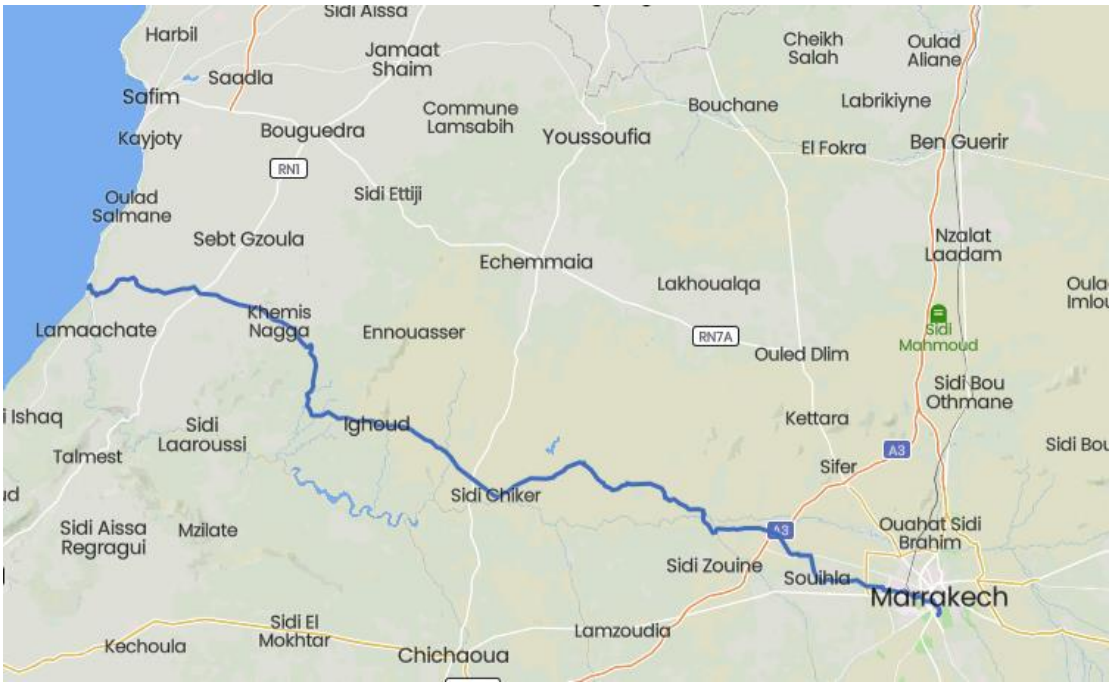


Fig. 152 – Actual rota entre Aguz (actualmente Souira Kedima) e Marraquexe, segundo o Mapcarta.
(On line) Disponível em: https://mapcarta.com/pt/Bicicleta
(Consultado em 20 de Dezembro de 2022).

Se a cavalgada não partiu de Aguz, de onde terá então partido? Diz-nos Damião de Góis que a Alguz, onde ficaram as mulheres e os demais homens que não integraram a expedição, era "*hua terra chãa atraues de Marrocos*"[1863]. D. Jerónimo Osório, por seu lado, localiza estas "*terras chãs e muito fértiles, perto de Marrocos, e são lavadas da corrente do rio Alguz*"[1864]. Se tivermos em consideração que na origem desta expedição militar estão os protestos dos mouros de pazes dos Olei de Meta, que tinham as suas terras nas proximidades de Marraquexe, somos levados a deduzir que a Alguz referida por Góis ficava na margem norte do rio Tensift, alguns Km a ocidente de Marraquexe e a aproximadamente trinta Km do alvo a atacar.

Se continuarmos a seguir as crónicas, verificamos que as tropas comandadas por Nuno Fernandes atacaram de madrugada o aduar de Raho Benxamut, que Góis classifica de um dos mais esforçados cavaleiros da cabilda de Vleidambram[1865]. Note-se

[1863] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte IV, Capítulo VI, p. 456.

[1864] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 222.

[1865] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte IV, Capítulo VI, p. 456. Diego de Torres refere-o como "*Arraho Abenxamot*". Veja-se Diego de Torres, *Relacion del Origen y*

que, para além de Góis, também os outros cronistas quinhentistas não poupam elogios a Raho, casos de Jerónimo Osório, que se refere a ele como "*Mouro muito valente, que entre os Arabios lograva a reputação de grande General*"[1866] ou Pedro de Mariz, que o designa como "*o mais esforçado, que naquelle tempo se sabia em toda Mauritania*"[1867]. Seja como for, a alegada reputação de Raho não foi o suficiente para livrar o seu aduar do ataque de Nuno Fernandes. De facto, referem os cronistas que à ofensiva dos portugueses e dos seus aliados só escapou o próprio Raho com alguns dos seus homens, "*que tenian sus cavallos con las sillas puestas*"[1868].

Feita esta presa, o "nunca esta quedo" e as suas tropas tomaram o caminho para Safim em boa ordem, com o adail Lopo Barriga na vanguarda e com Álvaro de Ataíde a levar a bandeira. Como estava muito calor, as forças comandadas por Ataíde detiveram-se para fazer uma sesta junto a uma pequena lagoa do Algauz, a quatro léguas de Marraquexe[1869]. Mármol Carvajal, que designa esta Algauz de "*Xeriz*", localiza-a a "*Poniente de Marruecos*"[1870]. Foi então que apareceu Raho com oitenta homens de cavalo, que conseguiu juntar[1871]. A partir de então a narrativa de Damião de Góis ganha uma dimensão algo romântica, que foi explorada pelos cronistas que o seguiram e até

Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados, Capitvlo XX, p. 62.

[1866] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 222.

[1867] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 740.

[1868] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 136.

[1869] Teria esta Algauz relação com a Alguz onde Nuno Fernandes deixou as mulheres e os demais homens que não integraram a expedição?

[1870] Veja-se Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 48v.

[1871] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte IV, Capítulo VI, p. 456. Segundo Mármol Carvajal, Raho "*llegó (…) con hasta ciento de cauallo*". Veja-se Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 48v. Como observou Mercedes García-Arenal, Damião de Góis não menciona o nome do lugar onde os portugueses pararam para descansar. Mármol menciona "Xerix", o que parece ser uma deformação de "*sihriy*", ou seja: "*canal*" ou "*poza*". Veja-se Mercedes García-Arenal (publ.), *Diego de Torres. Relación del origen y suceso de los xarifes y del estado de los reinos de Marruecos, Fez y Tarudante*, p. 79, nota 138.

mesmo por David Lopes, que não se coibiu de reconstituir a acção com um certo dramatismo literário. Diz-nos Góis, o cronista cronologicamente mais próximo dos acontecimentos, que Raho dirigiu-se aos mouros de pazes, seus irmãos de sangue e de crença, falando-lhes "*primeiro ao coração*"[1872], que "*nam quisessem perder tam boa ocasião que se o ajudassem esparaua em Deos que naquele dia fariam os Christãos fim de os guerrear*"[1873]. O "cícero português", fazendo uso da sua prosa tão característica, chega mesmo a idealizar o que teriam sido as palavras de Raho, colocando na boca do mouro o seguinte discurso:

"*Se mataes esses Portuguezes (lhes bradava) grande serviço fazeis a Mafamede, levantaes o jugo á vossa nação, e lavaes com sangue Christão as nodoas que tem lançado na lei do Profeta, e seria proeza tal que vos merecesse prepétuo nome de valorosos. Eia, Camaradas; Irmãos Eia! Que ámanhá recobraremos Safim, e no outro dia Azamor; e degradada para sempre dos limites da Mourama a memoria dos Lusitanos, se encherão de vossa fama as terras de toda a Africa*"[1874].

Mas as palavras de Raho não tiveram impacto nos mouros de pazes que, carregando os despojos, se foram colocar na dianteira, onde seguida Lopo Barriga, para irem mais seguros. "*Agudo puñal de dolor penetró las entrañas a este barbaro viendo que no pudo ni cobrar lo perdido, ni vengarse*"[1875], registou metaforicamente Faria e Sousa. Não sessando de perseguir a coluna que levava a presa, avistou Raho entre os cativos Hota[1876],uma das suas mulheres, aquém muito queria por ser "*muito*

[1872] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 504.

[1873] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte IV, Capítulo VI, p. 456.

[1874] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 222.

[1875] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 137.

[1876] É o nome referido por Damião de Góis, D. Jerónimo Osório e Manuel de Faria e Castro. Pedro de Mariz e David Lopes referem-na como Hora. Vejam-se Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 740; David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 504. Mármol Carvajal e Diego de Torres referem-na como "*Yoto*". Vejam-se Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 48v; Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso*

fermosa"[1877]. Vendo-o a mulher, pediu ao almocadém e a alguns fidalgos que a guardavam que lhe dessem licença para falar ao seu marido, ao que eles consentiram. Damião de Góis apresenta-nos então um diálogo que, ainda que certamente extrapolando a veracidade dos factos, denuncia a clara intenção de atribuir um ambiente manifestamente dramático aos momentos que antecederam a morte de Nuno Fernandes de Ataíde. Com efeito, diz-nos o grande humanista que a mulher bradou ao marido: "*Raho nam me dixestes muitas vezes que se me visseis leuar os captiua dos christãos que morreríeis por mim*", ao que o mouro respondeu: "*o dia he grande, & o vencimento esta em Deus, e o esforço em meu braço*"[1878]. Porém, a mulher em aflição tomou uma mão cheia de terra e atirou-a ao ar, alegando que tudo era vento e rogando ao marido que se fosse embora, já que ainda tinha outra mulher. Ouvindo isto, Raho descalçou um sapato e o atirou à esposa, alegadamente em sinal do que lhe tinha prometido. Usando as palavras de Pedro de Mariz, "*tanto se inflamou o Mouro em o amor da mulher, que fazendo huma notavel prática aos seus, logo se começárão a mover em vingança, e pelo livramento da formosa Hora*"[1879].

Independentemente da narrativa romanceada que os cronistas atribuíram à situação, todos coincidem em ter sido este o momento em que Raho e os seus homens deram na retaguarda da coluna em que seguia D. Afonso de Noronha, colocando-a em dificuldades. De facto, diz-nos Góis que foi tal o ímpeto dos atacantes que o genro do capitão sentiu dificuldade em repeli-los, o que levou a Álvaro de Ataíde a avisar Nuno Fernandes para a necessidade de acudir a D. Afonso de Noronha, já que estavam longe de Safim e que não era tempo de se deterem. O capitão, confiado na boa fortuna que sempre o tinha acompanhado em tantas outras ocasiões, foi então apoiar o seu genro, a quem comentou num misto de humor e displicência que "*nam matasse os seus mourinhos que ele criaua com muito trabalho*"[1880]. Mal sabia o "nunca esta quedo" que pagaria com a vida o seu comentário jocoso. Mandando D. Afonso de Noronha para a frente, ficou Nuno Fernandes na retaguarda, sem deixar ninguém sair da formação.

---

de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados, Capitvlo XXI, p. 63.

[1877] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte IV, Capítulo VI, p. 456.

[1878] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte IV, Capítulo VI, p. 457.

[1879] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 740.

[1880] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte IV, Capítulo VI, p. 457.

Escreveu David Lopes que fazendo passar o genro para a dianteira, ficou o capitão no seu lugar, ainda que contrariado: "*o velho foi tomar o lugar do moço onde maior era o perigo e o esfôrço pedido*"[1881]. Porém, não podemos concordar com o arabista português. Nem Ataíde era velho (era certamente quadragenário) nem tomou o lugar do genro contrariado, como podemos aferir pelo comentário humorístico que lhe dirigiu. Seja como for, os adversários apertaram tanto a perseguição que o obrigaram a fazer uma volta com alguns cavaleiros. Foi então que Raho, ao reconhecê-lo, vendo-o com o gorjal desapertado em virtude do muito calor que se fazia sentir, lhe atirou uma zagaia tão certeira que lhe atravessou a garganta, e "*assim cahio a hum só arremesso quem tanto estrago fizera nos inimigos*"[1882]. Usando as eloquentes palavras de Pedro de Mariz,

"*logo cahio morto o grande Nuno Fernandes de Ataide; o mais industrioso cavalleiro, que em seu tempo houve em Africa, e tão incansavel em os negocios da guerra, que de amigos, e inimigos era chamado commummente, nunca está quedo. Porque commettia tantas emprezas, por caminhos tão incognitos, e desacostumados, que nem os Mouros sabião, onde estivessem delle seguros, nem os Christãos podião conjecturar, onde havião de pelejar. No qual trabalhoso exercicio, mas de muito proveito, e honra, continuou com igual curso ao de sua vida, até que morreo, como agora ouviste*"[1883].

A morte inesperada do capitão provocou tal tumulto entre o exército, que acabou por ser a causa da sua perdição. Enquanto uma facção reclamava a entrega do comando a D. Afonso de Noronha, genro de Ataíde, outros apoiavam o tio de Nuno Fernandes,

---

[1881] David Lopes, "Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Vol. III, p. 505.

[1882] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 223. Usando as palavras de Meyrelles do Souto, "*caiu sob azagaia lançada com pontaria certeira ao seu pescoço, desgraçadamente, por momentos, deixado a descoberto pelo gorjel*". Veja-se Meyrelles do Souto, *Portugal e Marrocos (factos e notícias)*, p. 97.

[1883] Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 741. Engana-se claramente Frei João de Sousa quando situa a morte de Nuno Fernandes de Ataíde em 1506. Veja-se Frei João de Sousa, *Documentos Arabicos para a Historia Portugueza copiados dos Originais da Torre do Tombo*, Doc. XXXVII, p. 135.

Álvaro de Ataíde, "*que era já homem de dias, & bom caualleiro*"[1884]. Tal como André Teixeira bem observou, poderá parecer estranho que o comando de D. Afonso de Noronha tenha sido contestado, dada a sua superior posição social, no entanto, a idade e a experiência do tio do falecido capitão terão lançado a dúvida e a divisão entre os portugueses[1885]. De resto, esta situação é bem representativa do quão problemática podia ser a ausência de uma hierarquia militar clara e objectiva em inícios do século XVI. Condição herdada, desde logo, da tradição das fidelidades feudais que podiam conduzir a este tipo de divergências, nomeadamente, em situações críticas, em que o exército perde subitamente o seu comandante supremo.

Refere Durval Pires de Lima que D. Afonso de Noronha e Álvaro de Ataíde insultaram-se e ameaçaram-se[1886]. Góis e os outros cronistas não o referem, mas é possível que assim tenha sido. De facto, coincidem os cronistas em que a discórdia foi tal que os portugueses estiveram para "*darse batalla los unos a los otros*"[1887] ou, como escreveu D. Jerónimo Osório, ficaram os portugueses tão "*loucos, e furiosos*" que estiveram prestes a *"ferirem entre si cruelissima contenda*"[1888]. Foi, portanto, face à discórdia evidenciada pelos homens de Nuno Fernandes que os mouros de pazes, presenciando a situação e aliciados pelos despojos e "*pareciendoles que que auia buena conyuntura para efectuar lo que Xahamot les auia dicho*"[1889], começaram a misturar-se com os mouros de Raho, acabando por caírem todos juntos sobre os portugueses. Foi grande a mortandade. Para além do "nunca esta quedo", pereceram D. Álvaro de Noronha, seu genro, Álvaro de Ataíde, seu tio, Álvaro de Faria, seu cunhado, Álvaro Mendes Cerveira e Emanuel Cerveira, seus sobrinhos, Jorge Mendes de Ataíde e os seus

---

[1884] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte IV, Capítulo VI, p. 457.

[1885] André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, p. 192.

[1886] Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 65.

[1887] Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 137. No dizer de Diego de Torres, "*sobre ello llegaron a las armas*". Veja-se Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XXI, p. 65.

[1888] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro X, p. 223.

[1889] Veja-se Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fl. 49.

irmãos, entre muitos outros registados por Góis[1890]. Apenas ficaram cativos trinta e cinco[1891], entre os quais o adail Lopo Barriga[1892], sendo que das quatrocentas e trinta

[1890] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte IV, Capítulo VI, p. 458.

[1891] Baseámo-nos em Damião de Góis. Pedro de Mariz regista que "*ficárão cativos cincoenta Cavalleiros Portuguezes*". Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…*, Tomo I, p. 742. Diego de Torres refere terem sido cinquenta e cinco cativos. Veja-se Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XXI, p. 66.

[1892] Quanto a Lopo Barriga, Luis del Mármol Carvajal e Diego de Torres explicam que foi aprisionado, tendo ficado em poder dos xerifes. Segundo estes cronistas cronistas, a grande fama do adail fez com que muitos mouros viessem de longe para o ver, chegando mesmo a matar um, que se atreveu a pegar-lhe na barba. Vejam-se Luis del Mármol Carvajal, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Libro Tercero y segvndo volumen de la primera parte, Cap. LIII, fls. 49-49v; Diego de Torres, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Capitvlo XXXI, pp. 95-97. D. Nuno Mascarenhas, em carta a D. Manuel, em 9 de Setembro de 1517, refere ter cativado um alcaide, "*o qual não tinha o xarife dúvida em trocar pelo Adail Lopo Barriga, que lá tinha cativo, no caso que o dito senhor disso fosse servido*". A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 28. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. II, première partie, Doc. XLV, pp. 168-170. Veja-se também Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 260. No entanto, tal não aconteceu, como podemos comprovar pelos "*apontamentos das queixas que Cristóvão Freire, Diogo Lopes almocadém, Lopo de Melo, Lopo Barriga, Manuel da Silveira, e Luís Gonçalves, que estavam cativos em poder do xarife, fizeram de Rabi Abrahão pela deslealdade que tivera sendo encarregue dos seus resgates*", em 9 de Outubro de 1523. A.N.T.T., *Colecção de cartas*, Núcleo Antigo 878, Nº 212. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. II, première partie, Doc. LXXXII, pp. 323-328. Com efeito, Lopo Barriga só veio a ser resgatado no reinado de D. João III, tal como podemos comprovar pela "*carta de rei D. João III para o almoxarife de Safim dar 1.400 onças de prata para o resgate de Lopo Barriga*", em 5 de Maio de 1526. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 34, Nº 52, e pelo "*conhecimento de Abrão Bezemedo em que recebeu do feitor de Safim João Peres 1400 onças de prata para o resgate de Lopo Barriga*". A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 142, Nº 108. Sobre a libertação de Lopo Barriga veja-se Pierre de Cenival, *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. II, première partie, p. 372, nota 1.

lanças que partiram de Safim com Nuno Fernandes, em 19 de Maio, apenas regressaram uns cem, entre gente de cavalo e de pé[1893].

Assim terminava a extraordinária capitania de Nuno Fernandes de Ataíde, que David Lopes designou de "*a página mais assombrosa da história luso-marroquina*"[1894]. A sua acção não teve paralelo a nível de todas as outras capitanias que marcaram os mais de três séculos e meio que durou a presença militar portuguesa em Marrocos. Talvez por isso a sua acção sobreviveu à passagem do tempo, tendo sido imortalizada pelas crónicas, pela literatura e até mesmo pela poesia. Vale a pena recordar a antístrofe e o epodo que o poeta neoclássico Elfino Nonacriense, pseudónimo de António Dinis da Cruz e Silva, dedicou ao fim de Nuno Fernandes de Ataíde, na sua ode, publicada já em 1801 e dedicada ao "nunca esta quedo":

"*A um só aceno da pezada lança,*
Féz, e Marrocos pallidos tremiaõ;
Xerquia e Garabia á sua voz corriaõ,
Temendo as furias da cruel vingança:
E Uled-ambrám, a quem deixa rendida,
Uled-ambrám lhe tira a ilustre vida.

Inveja á tua sorte,
E naõ pranto he devida,
Famoso heroe, se a vida,
Remataste na mais honrada morte;
Onde aos mares marciaes podia alçarte
O braço do destino
Hum mausoleu mais dino,
Do que entre as lanças do brioso Marte"[1895].

[1893] Engana-se Durval Pires de Lima ao referir que "*apenas escaparam cincoenta e tantos Portuguêses dos quinhentos que tinham partido*". Veja-se Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, p. 66.

[1894] David Lopes, *A Expansão em Marrocos*, p. 31 e "A Expansão em Marrocos", in *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Vol. I, p. 158.

[1895] Elfino Nonacriense, *Odes Pindaricas, Posthumas*, p. 114.

CONCLUSIONES

Terminado el análisis de la capitanía de Nuno Fernandes de Ataíde en Safi, entre 1510 y 1516, es pertinente que hagamos algunas consideraciones finales destacando, desde luego, creer haber alcanzado los objetivos que nos marcamos para la realización de esta tesis. Conscientes de que sería metodológicamente incoherente realizar una apreciación crítica de la capitanía del "*nunca esta quedo*" sin antes analizar sus orígenes sociales y familiares, procuramos seguir una metodología de investigación que, desde un primer momento, clarificase el concepto de "familia" en la transición de la Edad Media a la Edad Moderna, analizando enseguida el cuadro familiar y social de este hidalgo. Es en ese sentido que, reconstruida la genealogía de Ataíde a través del cruce de información entra las fuentes epistolográficas, la cronística y los estudios genealógicos, hemos caracterizado su patrimonio familiar de cara a comprender cómo su matrimonio, su descendencia y su red clientelar, así como sus servicios como "*fronteiro*" en el Norte de África, han contribuido al engrandecimiento de su casa y de la perpetuación de su nombre.

En ese contexto, es importante concluir que, al contrario de la condición de otros capitanes que también sirvieron en el teatro de operaciones norteafricano (como los marqueses de Vila Real, que ostentaron la capitanía de Ceuta o los condes de Redondo, que capitaneaban Arzila), e incluso de otros capitanes con quien Ataíde se relacionó (como los capitanes de Azamor D. João de Meneses o D. Pedro de Sousa), el que "nunca está quieto" era originario de la pequeña "*nobreza de função*", grupo social agraciado con señoríos modestos y cargos relativos a la oficialidad regia. En otras palabras, el cuadro familiar y social de Nuno Fernandes se encuadraba en la designada pequeña "nobleza de función", umbilicalmente conectada a la figura del soberano y extremadamente dependiente de los favores regios. Se trataba, sin embargo, de un grupo social de importancia capital, puesto que se destacaba como el ejecutor por excelencia del proyecto manuelino para Marruecos. Téngase en cuenta, en honor a la verdad, que

Nuno Fernandes no era, en el ámbito de su contexto familiar, el único *"*noble de función", al servicio de la Corona. De hecho, otros familiares suyos, como su medio hermano Tristão de Ataíde, capitán de Maluco, Cananor y Mazagão[1896], aparecen como protagonistas de cierto relieve en el proceso expansionista portugués. La figura de Nuno Fernandes se destaca en el ámbito de su contexto familiar, tanto a través de las mercedes con las que fue agraciado –donde sobresale su nombramiento para la capitanía de Safi–, como por su acción militar en el teatro de operaciones norteafricano, por lo cual no llegó a ser debidamente recompensado ante su inesperada muerte. Igualmente, la elección de un individuo como Nuno Fernandes para la capitanía de Safi no deja de ser extremadamente representativa de la estrategia de la Corona portuguesa en disponer de un fiel cumplidor de la voluntad regia en el sur marroquí, espacio de la expansión al que el rey D. Manuel siempre dedicó particular atención. Además, entre las razones que motivaron esta elección del "Afortunado", estaría no solo el hecho de que este linaje no hubiera apoyado las pretensiones de D. Jorge al trono (tras de la muerte de D. João II), sino que además, los atributos militares de Nuno Fernandes, evidenciados durante su reconocida frontería en Arcila, donde consiguió una primera gran victoria matando a un alcaide moro y aprisionando a otros quince adversarios, fueron los que llevaron al conde de Borba a enaltecerle: *"este feito do (fronteiro) Nuno Fernândez de Taide, por ser um dos maiores e milhores que em toda a Africa se fez*"[1897].

Analizando el contexto social y familiar de Nuno Fernandes hasta su nombramiento para la capitanía de Safi, también buscamos contextualizar histórica y geográficamente la región de Duquela y Safi en el marco de la Expansión Portuguesa en el Norte de África, prestando especial atención a la ocupación portuguesa hasta 1510, año en que Nuno Fernandes asume la capitanía de la ciudad. Brevemente, podemos concluir que el análisis de fuentes árabes y cristianas nos permite determinar que la región de Duquela fue, al menos desde el siglo XII, una de las regiones más ricas de Marruecos, con la ciudad de Safi funcionando como puerto de Marrakech siendo uno de los principales puertos de salida para los productos de la región. Por tanto, no es de extrañar que el interés portugués por la ciudad de Safim se remonte a mediados del siglo

[1896] Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Tomo IV, Vol. II, p. 27 y p. 28; António Machado de Faria, *Livro de Linhagens do século XVI*, p. 220.

[1897] Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, Vol. I, Capítulo VI, p. 31.

XV y que los monarcas D. João II y D. Manuel pretendieran mantener la ciudad como tributaria de la Corona portuguesa hasta que fue tomada por armas en 1508.

Aunque la actuación de Nuno Fernandes como frontero fuera reconocida por Damião de Góis, Bernardo Rodrigues y otros cronistas del siglo XVI, fue en calidad de capitán de Safim cuando Nuno Fernandes inscribió su nombre como una figura ineludible en la expansión de Portugal en el Norte de África, conduciendo las armas portuguesas hasta las puertas de Marrakech y el Gran Atlas. De ahí que uno de los principales objetivos del presente trabajo recayera, inevitablemente, en analizar la labor política, militar y administrativa del que "nunca está quieto". Para ello, procuramos seguir una metodología de trabajo basada en el análisis crítico y cruce de las informaciones proporcionadas por la epistolografía y por las crónicas, con la información proporcionada por la geografía, y por los estudios realizados en el ámbito de la arqueología y la arquitectura. En este contexto, buscamos identificar y corregir los errores perpetuados por las crónicas y la historiografía contemporánea, así como realizar una apreciación crítica de las opciones tácticas y estratégicas de Nuno Fernandes de Ataíde, que corresponden al apogeo de la presencia militar portuguesa en Marruecos.

Al igual que, primero, Durval Pires de Lima[1898] y posteriormente André Teixeira[1899], también consideramos nosotros que la capitanía de Nuno Fernandes comprende dos momentos distintos, a saber: un primer momento entre 1510 y 1513 dedicado a la afirmación de su poder en la región y durante el cual se impuso como principal líder militar en el sur de Marruecos, sometiendo a las tribus moras en torno a Safi; y un segundo momento, entre 1513 y 1516, dedicado a la consolidación de su poder en torno a esta plaza y a la expansión de su área de influencia hacia el interior marroquí. De esta manera y tomando como punto de partida estos distintos momentos de la capitanía del que "nunca está quieto", procuramos corregir, analizar criticamente y esclarecer episodios bélicos a los que la historiografía se ha venido refiriendo de modo poco preciso, a veces ambiguo y hasta contradictorio, sobre el período comprendido entre 1510 y 1516, correspondiente al apogeo de la presencia militar portuguesa en Marruecos. De esta forma, las opciones tácticas, estratégicas y políticas de Ataíde

[1898] Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, pp. 33-55 y 55-66.

[1899] André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", en *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, p. 178.

fueron objeto de un proceso de reflexión, concretamente, en lo que se refiere a las situaciones bélicas cuyo estudio permanecía inédito hasta ahora. En este sentido, destacamos el ataque al castillo del "*Mouro Sancto*", en 1510, o el gran asedio de Safi en el mismo año, episodios bélicos nunca antes debidamente analizados, ni sujetos a una cuidadosa apreciación crítica. También fue objeto de reflexión el proceso de maduración que subyace en la forma en que Nuno Fernandes teorizaba y practicaba la guerra, teniendo como punto de partida las expediciones contra Almedina y Conte, en 1511. Asimismo, se aplicaron criterios similares a los actos de represalia y a la política de acción punitiva de de Ataíde, de las que son claros ejemplos las incursiones contra los territorios de Xiátma/Regraga y Almedina, en 1512. Finalmente, para poner fin a la primera etapa de la capitanía de Ataíde, dedicada a la afirmación de su poder en la región y en la que se impuso como principal líder militar del sur de Marruecos, se hizo inevitable reconstruir con criterio los episodios que constituyeron las victorias sobre el rey de Marrakech, en la Sierra de Benimagra y en los campos de Aguz.

Sin embargo, fue al abordar el segundo período de la capitanía de Nuno Fernandes, dedicado a la consolidación de su poder y a la expansión hacia el interior marroquí, cuando el presente trabajo permitió corregir y esclarecer algunos episodios referenciados de forma ambigua e incluso contradictoria por la historiografía portuguesa. Nos referimos, concretamente, al ataque a Aleborge que tuvo lugar a principios de 1514 y no a principios de 1515, como se ha venido refiriendo hasta ahora, rectificación que nos permite comprender el motivo de la conquista de Tednest, acaecida el mismo año. Asimismo, se corrige y aclara la idea errónea de la destrucción del ejército del virrey de Méknes por las fuerzas de Bentafufa, tras la Batalla de los Alcaides en 1514, ya que tras un análisis cuidadoso de las fuentes se comprueba que esta hazaña no se atribuye al alcalde de Duquela, sino a los moros de la Xerquia, arrepentidos por haber quebrantado la paz con los portugueses y seducidos por el botín resultante del ataque al ejército del virrey de Méknes, que "*traicionado por los árabes, hubo de volver a Fez*"[1900]. Además, el análisis del segundo período de la capitanía de Nuno Fernandes nos permitió reconstituir críticamente las ofensivas militares dirigidas contra el xerife del Suz, particularmente, contra Amagor, Agaballo y Algel, en 1515, así como la hazaña de armas más destacada de la capitanía del "*nunca esta quedo*": el

[1900] Leão-o-Africano, *Descripción General del África*, Segunda Parte, p. 184.

célebre ataque a Marrakech que, curiosamente, nunca fue estudiado académicamente y sujeto a una atenta apreciación crítica.

Como consideración final, debemos recordar que Nuno Fernandes fue, ante todo, un guerrero a la imagen de su tiempo, un *bellator* del expansionismo portugués y el gran paladín del proyecto imperial manuelino en el Norte de África. Esto significa que su acción política y militar no puede ni debe ser apreciada al abrigo de los valores morales contemporáneos. De hecho, es el propio Ataíde quien recuerda al rey su condición de *bellator*, cuando escribe:

"*Lembramdo-me das paxões da guerra e dos trabalhos d'ella, nam posso neguar a Vossalteza que nam folguey muyto co ha paz, porque esse heho fim pêra que me Vossalteza qua mandou, posto que no tempo d esta paz tenho mais emvelhecido que na guerra, em rreger e concertar as cousas d'Alarves e Barbaros*"[1901].

Realmente, la acción militar de Nuno Fernandes no tuvo comparación en relación a las otras capitanías que configuraron la presencia militar portuguesa en Marrocos[1902]. De hecho, durante su capitanía, entre 1510 y 1516, contabilizamos al menos treinta y nueve situaciones bélicas, entre cabalgadas y entradas en territorio enemigo, incursiones en Safi, la llamada "guerra guerreada", o el gran asedio a la que esta plaza fue sometida en 1510, lo que constituye un promedio de más de seis situaciones de guerra por año, o sea, un promedio de más de una situación de guerra por cada dos meses[1903]! Cabe señalar también que, de las treinta y tres entradas más representativas que contabilizamos, al menos la mitad estaban comandadas por el propio capitán, lo que revela, desde luego, el claro objetivo de Ataíde de intervenir con determinación en el territorio e imponer su autoridad como principal comandante militar

[1901] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, el 19 de Agosto de 1512. Documento publicado en *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Doc. LX, p. 338.

[1902] Como tímidamente observó Mercedes García-Arenal, Nuno Fernandes de Ataíde "*fué el más célebre de los capitanes de Safi y probablemente de toda la historia de los portugueses en Marruecos*". Véase Mercedes García-Arenal (publ.), *Diego de Torres. Relación del origen y suceso de los xarifes y del estado de los reinos de Marruecos, Fez y Tarudante*, p. 44, nota 31.

[1903] Véase anexo I.

de la región, es decir, la confirmación de Nuno Fernandes como *"a pessoa priçipal, & ficar nessa reputação entre* os *mouros*"[1904].

André Teixeira, al comparar el número de ofensivas realizadas durante la capitanía de Ataíde con las realizadas entre 1516 y 1521, durante la capitanía de su sucesor, comprueba que D. Nuno Mascarenhas no ordenó más de seis ataques (habiendo comandado personalmente sólo dos), lo que supone una media de algo más de una entrada al año[1905]. Cabe señalar, sin embargo, que la capitanía de D. Nuno Mascarenhas aún procuró mantener el proyecto imperial manuelino en Marruecos, concretamente a través de la acción de Bentafufa, que consiguió sustentar el protectorado de los *"mouros de pazes"* hasta el año de su asesinato, en 1518. Esto quiere decir que, si ampliamos el término de comparación teniendo en cuenta la proactividad militar de Ataíde y las capitanías comprendidas entre la de Diogo de Azambuja (primer capitán de Safi) y la de Luís de Loureiro (último capitán de Safi), encontramos rápidamente que Nuno Fernandes fue, con gran margen de diferencia, el capitán de Safim que más entradas realizó por año. Condición, además, imprescindible para infundir temor a las tribus autóctonas y garantizar su permanencia en la confederación de los *"mouros de pazes"*. Cabe señalar, además, que el gran número de expediciones militares concebidas por Ataíde resultaron casi siempre victoriosas, a pesar de la desproporción numérica entre los portugueses y sus adversarios, lo que se explica, claramente, por la superior tecnología bélica de los primeros y por las elecciones tácticas y estratégicas de su capitán. Además, también fue el comandante que logró reunir la mayor cantidad de recursos humanos en combate y quien lanzó expediciones militares contra los objetivos más lejanos[1906].

En cuanto a la participación directa de Nuno Fernandes en las ofensivas militares, es pertinente señalar que más de la mitad de sus presencias (nueve, en concreto), se producen durante la primera mitad de su capitanía, es decir: hasta su nombramiento definitivo para el gobierno de la ciudad de Safi, el 2 de julio de 1513[1907].

[1904] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo L, p. 377.

[1905] André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", en *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, p. 178.

[1906] Véase anexo II.

[1907] Carta Patente de D. Manuel, el 2 de Julio de 1513. A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 42, fl. 78. Documento publicado en *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. LXXIII, pp. 391-392.

Así, tras la entrada en la que Nuno Fernandes derrotó al rey de Marrakech y a la que siguió su nombramiento definitivo para el gobierno de la ciudad de Safi, solo lo encontramos de nuevo combatiendo en empresas bélicas de mayor envergadura, donde su mando constituyó un recurso estratégico de distinción, como en la conquista de Tednest (situada aproximadamente a *"dieciocho leguas de Çafim*"[1908]) o en el ataque a Marrakech (localizada a aproximadamente ciento cincuenta y cuatro kilómetros de Safi). Estos objetivos, como las expediciones contra los Montes Claros ("*vinte e seis legoas de través de Marrocos*"[1909]) o la participación en la Batalla de los Alcaides, (que tuvo lugar a más de ciento setenta kilómetros de Safi) se sitúan a grandes distancias en dirección a tierras del interior marroquí, donde los portugueses se vieron privados de su poder naval y dependían del esfuerzo y la sagacidad de sus escuadrones de caballería, que se adentraban en territorio inhóspito con rápidas incursiones contra objetivos especificamente estudiados.

A pesar de la participación del capitán en más de la mitad de las situaciones bélicas identificadas, cabe señalar que su *modus operandi* en los combates fue relativamente reservado. Si el perfil de Ataíde no se corresponde con la imagen del comandante distante, que ordena los movimientos en el campo de batalla desde una cota más alta del terreno, también es cierto que su responsabilidad en los combates no era pelear con el adversario en la batalla, como si fuera un simple caballero. De hecho, el mando del que "nunca está quieto" se destacó principalmente por su capacidad para dirigir, ordenar y motivar a las tropas, interviniendo directamente solo cuando las circunstancias lo requerían. Como hemos podido comprobar en varias ocasiones, el proceder de Ataíde tendía a situarse en la retaguardia, tras organizar las tropas según sus opciones estratégicas, para intervenir sólo con su fuerza de reserva donde y cuando lo considerara pertinente. Así sucedió en situaciones como el gran asedio de Safi en 1510, en el que el capitán, después de organizar las defensas en los diferentes puestos, se quedó en la retaguardia con su fuerza de apoyo, acudiendo a todos los puestos para animar a los combatientes y ayudar a las estancias que tenían mayores dificultades.

[1908] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XLIX, p. 375.

[1909] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, en Febrero de 1514. B.N.P., MS 7638, Nº 64, fl. 123. Documento publicado en *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. LXXXVIII, p. 481.

Es cierto que el capitán no siempre necesitó entablar combate, como en la conquista de Tednest, en la que quedó como el "*espectador da ferocíssima peleja, em que Jabentafuf desbaratou o xerife*"[1910], pero también es cierto que Ataíde no se cohibía a la hora de pelear cada vez que las circunstancias lo exigían. Así sucedió, por ejemplo, en Almedina, donde después de colocar "*toda ha gente em mui boa ordenança pera pelejar*" e "*estando (...) a batalha duvidosa, tornou a entrar nella*", tuvo que "*bradar tres, ou quatro vezes mui alto*", en el sentido de alentar a sus hombres, "*com que cobraram tanto animo, que (...) mataram deles mais de trezentos*"[1911]. Además, fue precisamente su disposición para entrar en combate lo que lo llevó a la muerte, cuando, al regresar de la entrada de 1516 en los Montes Claros, tomó el lugar de su yerno para proteger la retaguardia, donde acabó muriendo a causa de una lanzada certera que le atravesó el cuello. Era natural que así fuera. Dado que Nuno Fernandes fue un guerrero y él mismo afirmó que "*a guerra he joguo e no joguo há hi guanho e perda*"[1912], es natural que tenga una muerte acorde con su naturaleza y convicciones. De hecho, Nuno Fernandes, más que un guerrero, se destacó como un acérrimo defensor de los planes de D. Manuel de Portugal para la conquista de Marruecos, no sólo apoyando y persuadiendo al "Afortunado" en el proyecto de conquista de Azamor[1913], sino llegando incluso a reprenderlo por no haber conservado Larache ("*E lenbro-vos, Senhor, o que*

[1910] D. Jerónimo Esório "*com que cobraram tanto animo, que (...) mataram deles mais de trezentos*"[1910]. mo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 196.

[1911] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XIII, p. 288.

[1912] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, el 15 de Agosto de 1515. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61. Documento publicado en *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Doc. CXLVII, p. 734. Documento igualmente publicado en *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 303-305.

[1913] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, el 13 de Mayo de 1513. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 331. Documento publicado en *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Doc. LXX, pp.387-388. Véase también Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", en *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 290. Ver también Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, el 13 de Mayo de 1513. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 353. Documento publicado en *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Doc. LXXI, p. 389. Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", en *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 293.

sse errou em não ssoster Larache"[1914]) y recomendándole que insistiera en el proyecto de Mamora ("*comporte-sse nesta pequena perda e trabalhe de sse rremedehar*"[1915]), a pesar de las pérdidas ya sufridas. Vemos, pues, que Nuno Fernandes llevó hasta sus últimas consecuencias el proyecto imperial manuelino para el Norte de África, no sólo desarrollando extraordinarios esfuerzos bélicos, sino también luchando de forma intransigente y obstinada por la conservación y expansión de la ocupación militar portuguesa en Marruecos.

Consciente de que la perpetuación de su nombre y de su legado estaba totalmente ligada a la gesta marroquí, no rehusó ensayar el que sería el logro de su vida: el sometimiento de Marrakech. Cabe señalar que, desde el momento de la conquista de Azamor, la idea de conquistar la "ciudad roja" comenzó a consolidarse en la mente de los capitanes portugueses, especialmente, en el espíritu de Nuno Fernandes, que siempre evitaba acompañar a otro comandante en tal empresa, "*receoso de que o maior quinhão de glória coubesse a D. João de Meneses*"[1916]. Naturalmente, Ataíde era consciente de que la realización de este proyecto no sólo coronaría de indiscutible gloria al comandante de dicha expedición, sino que, dadas las exigencias de tal misión, podría llevar a la Corona portuguesa a implantar en Marruecos el modelo adoptado en la India, donde los capitanes respondían a un poder intermediario, un gobernador que coordinaba *in loco* todas las acciones militares y administrativas[1917]. Pues bien, ante este hipotético escenario, ¿quién mejor que el conquistador de Marrakech para desempeñar tal papel?
Es, por tanto, en este contexto donde Nuno Fernandes se presentaba en una posición más claramente privilegiada, no solo por su proximidad al monarca, sino también por

---

[1914] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, el 13 de Maio de 1513. A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 331. Documento publicado en *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Doc. LXX, p. 388. Véase también Pedro Pinto, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", en *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, p. 290.

[1915] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, el 15 de Agosto de 1515. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61. Documento publicado en *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Doc. CXLVII, p. 734. Documento igualmente publicado en *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 303-305.

[1916] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 196.

[1917] Mafalda Soares da Cunha & Nuno Gonçalo Monteiro, "Vice-Reis, Governadores e Conselheiros de Governo do Estado da Índia (1505-1834). Recrutamento e Caracterização Social", en *O Imaginário do Império*, pp. 94-100.

ser el responsable de la creación de un protectorado de *"mouros de pazes"*, lo que incluso le permitió posicionarse en un plano superior en relación con los demás capitanes de las plazas norteafricanas, aunque fueran individuos de superior condición social. Es en este sentido que, habiendo conquistado Azamor, derrotado los ejércitos del rey de Fez y del virrey de Méknes, y tras la muerte de D. João de Meneses, Nuno Fernandes se dio cuenta rápidamente de lo favorable que era la situación, por lo que de inmediato encomendó a Yssaque Bem Zamerro, médico y rabino de los judíos de Safi, iniciar contactos con Muley Naçer para "*este ffeyto de Marrocos*"[1918], contacto al que siguieron negociaciones entre el embajador portugués, Fernão Dias, y el soberano musulmán, con el cometido de acordar las condiciones de vasallaje[1919].

Es cierto que no sabemos el resultado de estas negociaciones, ni tan siquiera si llegaron a realizarse. Si realmente se produjeron, la incursión del "*almocadem*" Diogo Lopes a las puertas de Marrakech, en octubre de 1514, demuestra que el sometimiento por medios políticos no tuvo éxito, por lo que se hizo necesario aislar al oponente y presionarlo mediante la intimidación militar. Es, por tanto, bajo el abrigo de esta estrategia como, en enero de 1515, Nuno Fernandes lanza un ataque "*quatro legoas halem de Marrocos*"[1920], que, supuestamente, provocó que

"*El rey de Marrocos vendo que os Cristãos se chegavam ousadamente nas portas da cidade (...) e não lhes podendo resistir, encerrou-se em suas cassas por tres dias, nos quaes chorou sua perdição*"[1921].

[1918] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, el 29 de Junho de 1514. A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 5, Nº 12. Documento publicado en *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Tomo I, Doc. CX, p. 573.

[1919] Instrucciones para Fernão Dias, entre el 8 y el 10 de Agosto de 1514. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 107. Documento publicado en *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tomo I, Doc. CXIII, pp. 590-595.

[1920] Carta de Álvaro de Ataíde a D. Manuel, el 25 de Enero de 1515. A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 17, Nº 61. Documento publicado en *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXXVI, p. 679.

[1921] Relato de una expedición a las puertas de Marrakech, el 22 de Enero de 1515. B.N.P., MS 7638, Nº 79, fl. 136. Documento publicado en *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. CXXXV, p. 676.

Del mismo modo, y bajo esta misma estrategia, en abril de 1515, Nuno Fernandes atacó Marrakech sin otro fin que el de demostrar a su adversario que, sólo con el apoyo de los *"mouros de pazes"* y sin recurrir a las fuerzas enviadas desde Portugal, podía atacar perfectamente "*ás portas de Marrochos sem algum estorvo*"[1922]. Todos estos indicadores demuestran que, al no lograr someter a Marrakech a través de la diplomacia, la intención del que "nunca esta quieto" fue aislar y presionar militarmente a Muley Naçer, obligándolo a convertir la ciudad en tributaria del rey de Portugal. Nos vemos, pues, impulsados a deducir que, si Nuno Fernandes no hubiera muerto en mayo de 1516, habría seguido luchando por el sometimiento político de Marrakech, aspirando a obtener del rey D. Manuel la honrosa recompensa por sus servicios en el teatro de operaciones norteafricano.

Como es sabido, esto no sucedió, pero parece innegable el papel arrollador de Ataíde en la Expansión Portuguesa en el Norte de África. De hecho, el "*nunca esta quedo*" tuvo la capacidad de transformar a Safi en el baluarte cristiano más temido e importante del dispositivo portugués en el sur de Marruecos. Sometiendo a las tribus autóctonas de su alrededor, Ataíde constituyó, con el apoyo de Bentafufa, una confederación de moros tributarios en un radio de más de ciento cincuenta kilómetros alrededor de Safi, que en el momento de mayor extensión alcanzaba la vasta zona situada desde el río Morbeia, que desemboca en Azamor, hasta la región del Castelo Real do Mogador[1923]. De hecho, Ataíde era consciente de que ese era su gran poder frente a los capitanes de las otras plazas norteafricanas. De ahí que no pudiera dejar de ocultar su resentimiento cuando, tras la conquista de Azamor, el monarca le retiró su autoridad sobre los *"mouros de pazes"* de Xerquia, poniéndolos bajo la dependencia del gobernador de aquella plaza[1924]. Sin embargo, como acertadamente señaló Damião de Góis, los *"mouros de pazes"* "*nam conheciam outro capitão em nome del rei dom*

[1922] Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 212.

[1923] Nótese que, en 1512, los moros de Xiátma hicieron las paces con Bentafufa *"& assi tornaram a pagar as páreas acostumadas*". Véase Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo XXXII, p. 338; Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro VIII, p. 178.

[1924] Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, el 19 de Diciembre de 1514; A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 17, Nº 26. Documento publicado en *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Tomo I, Doc. CXXXI, pp. 664- 666.

Emanuel senam Nuno fernandez dataide"[1925], lo que ya sugería que la desaparición de este capitán podría afectar gravemente al proyecto imperial manuelino en Marruecos.

En realidad, eso fue lo que sucedió. La inesperada muerte de Nuno Fernandes tuvo un efecto desmoralizador en los portugueses, así como en la lealtad de los *"mouros de pazes"*. Bentafufa, enviado de nuevo a Marruecos, logró mantener el protectorado dos años más, hasta que fue asesinado en 1518, pero lo cierto es que la muerte del que "nunca esta quieto" supuso el fin de las aspiraciones norteafricanas del rey D. Manuel. De hecho, no sería exagerado equiparar la acción militar de Nuno Fernandes de Ataíde con la acción militar de Afonso de Albuquerque, en Oriente. Con las debidas diferencias, impuestas por las limitaciones inherentes a los distintos teatros de operaciones, ambos se destacaron como los grandes paladines del proyecto imperial de D. Manuel. Sin embargo, cabe señalar que el Oriente sobrevivió en la memoria colectiva, como consecuencia de una ocupación territorial que duró medio milenio. El recuerdo de la acción de Nuno Fernandes de Ataíde, ciertamente condicionado por la reformulación de la estrategia norteafricana del rey D. João III y por la desinversión en Marruecos, sólo pervivió en los ámbitos académicos especializados en Historia de la Expansión. Es, por esto, por lo que el estudio de la acción militar de Nuno Fernandes de Ataíde en el apogeo de la presencia militar portuguesa en Marruecos se vuelve central para la comprensión de lo que efectivamente constituyó la capitanía del "*nunca esta quedo*" en el contexto global de la gesta marroquí y, en consecuencia, en el proyecto imperial manuelino.

[1925] Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Parte III, Capítulo LIV, p. 384. Según D. Jerónimo Osório, "*diziam eles que não conheciam D. Pedro de Sousa, mas sim a Nuno Fernandes de Ataíde, que com êste e não com o Sousa pactearam a trazida do trigo*". Ver D. Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Livro IX, p. 199. Ver también Pedro de Mariz, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal…,* Tomo I, p. 735; Manuel de Faria e Sousa, *Africa Portuguesa*, Capítulo VII, p. 121.

GLOSSÁRIO

Adail – Em árabe Dalil, do verbo Dalla, quer dizer mostrar, indicar o caminho. Segundo a hierarquia militar, era o adjunto militar directo e mais próximo do capitão. De modo geral, era um militar da classe dos oficiais, a quem pertencia guiar e conduzir o exército por caminhos ocultos e não trilhados, à maneira de um batedor.

Aduar – Plural do árabe dar (no singular dur) cujo significado lato é "casa". Designa um aglomerado de tendas. Devemos compreender por um grupo de tendas das populações nómadas berberes, formando um acampamento ou mesmo povoação temporária.

Alardo – Do árabe ard (al-ard). Significa parada ou revista militar.

Alarve – Do árabe al-arab. Termo para designar as populações de língua e cultura árabe.

Alcáçova – Do árabe al-qâsaba. Palácio fortaleza do rei ou senhor, geralmente num dos ângulos interiores das muralhas de uma cidade e com uma porta para o exterior.

Alcaide- Juiz islâmico. Deu origem à palavra portuguesa "alcalde". Também se associa a um cargo honorífico, comandante de tropas.

Alcaide do Mar – oficial responsável pela segurança dos locais de desembarque e pela guarda das portas do mar (ou da ribeira).

Alfaqueque - Era o resgatador dos cativos. O resgate era um dos principais objectivos de guerra entre os mouros e os cristãos, do qual se obtinha uma grande fonte de receita.

Este desiderato pressupunha a existência de estruturas organizadas para se estabelecerem negociações entre os adversários. Em árabe, fakka significa libertar, dar liberdade a um prisioneiro, resgatar.

Almocadém – Do árabe al-mukaddam (pessoa que marcha em frente). Cabia-lhe guiar e encaminhar o exército e os capitães nas suas corridas. Eram, por vezes, mouros naturais da região, conhecedores da orografia local, que, entretanto, se converteram ao cristianismo.

Al-Mahala – Do árabe al-Mahalla. Em Marrocos significa exército ou corpo expedicionário. Pode ser também associado ao local onde se encontra o sultão e a sua guarda.

Almazém – Conjunto de armas ou munições de guerra, em especial as destinadas a transporte individual para cada combatente, tais como setas, dardos, pelouros, metralhas, munições, etc. Também havia um almoxarife e um escrivão para o almazém.

Almogávar – Do árabe al-mugauir. É o soldado que faz entregas e correrias em terras de mouros que eram comandadas por adaís.

Almoxarife – O almoxarife era um tesoureiro. Competia-lhe receber o dinheiro, o trigo, as roupas, os materiais e munições, velar pela sua guarda e efectuar os pagamentos conforme as ordens das competentes autoridades e as listas da vedoria. Era um cargo importante não somente pela remuneração mas também pelo poder que assegurava. Este ofício era exercido por mandatos de três anos.

Anadel – Cargo militar. Era o oficial que dirigia os besteiros e os espingardeiros em serviço nas praças.

Atalaia – Do verbo árabe talaa (subir, procurar). Aquele que se encontra num posto de vigia. Também se chama atalaia a uma torre assente em alguma eminência ou elevação donde se observa ao longe o mar ou a terra.

Atalhador – Militar encarregado de observar o terreno de potencial conflito. Em Marrocos, os atalhadores eram as atalaias que, enquanto os companheiros estavam de vigia, percorriam os caminhos que levavam às atalaias. Inspeccionavam os campos, os trilhos dos mouros, e examinavam aos lugares potencialmente perigosos ou propícios a ciladas.

Arraial – Alojamento de um exército.

Baluarte – Elemento arquitectónico característico da fortificação abaluartada. Apresenta planta pentagonal com três ângulos salientes e dois reentrantes. Funciona como uma pequena fortificação situada num ângulo saliente dos muros. Cada baluarte era concebido em função dos baluartes que lhe estavam mais próximos para no seu conjunto assegurarem entre si o fogo cruzado, pelo que tinha como função albergar o dispositivo da artilharia de fogo, de modo a possibilitar o tiro cruzado. Na planta de um baluarte definen-se três elementos: a gola, os flancos e as faces.

Berbere – População autóctone do Magrebe anterior à conquista árabe, que permaneceu na respectiva área linguística e cultural depois de islamizada. Etimologicamente, o termo berbere designa "bárbaro".

Borge – Deriva do árabe *burj*. Bastião ou torre de uma fortaleza.

Cadi – Do árabe *qâdi*. Juiz nos tribunais muçulmanos, especialmente no que se refere aos assuntos religiosos. Vocábulo que deu origem à palavra portuguesa alcaide.

Cáfila – Do árabe *qâfila*. Devemos compreender por caravana ou grupo de viajantes.

Castelejo – Reduto defensivo situado tendencialmente na parte mais alta do castelo.

Condestável – Posto militar responsável pelo comando da artilharia.

Canhoneira – Intervalo entre os merlões de uma fortificação abaluartada para dar passagem à bolada da artilharia. Na sua fase final podia apresentar-se com uma configuração rectangular.

Contador – Responsável pela administração da fazenda. Hierarquicamente, era a segunda figura na administração da praça. Competia-lhe substituir o capitão nas suas ausências.

Capitão – Cargo militar atribuído pelo monarca aos cavaleiros escolhidos para chefiarem as praças do Norte de África. Para além de comandantes do exército, competia-lhes também a responsabilidade do governo civil das praças.

Capitão de Campo – Oficial encarregue da organização do exército. Devia supervisionar a construção dos acampamentos, e a disposição das tropas no terreno para dar batalha. Contudo, estas tarefas recaiam a maior parte das vezes, sobre o sargentomor, que de um modo geral não tinha ascendente nobre mas era, frequentemente um veterano experiente.

Elche – Do árabe ‘ilj “estrangeiro”. Alguém que abandonou a sua religião original. Designa frequentemente os renegados que atraídos pelas riquezas oferecidas pelos reis marroquinos, estavam dispostos a servir nos seus exércitos ou que possuíam habilitação técnica para uso e fabrico de armamento.

Espahia- Do turco sipâhi. Corpo de cavalaria do exército marroquino.

Fronteiro – Classe militar aplicada aos fidalgos que serviam temporariamente nas praças portuguesas do Norte de África e que eram acompanhados por grupos de soldados seus servidores.

Físico – Designação que denominava o médico. Era um dos funcionários mais bem remunerados das praças. A sua tença anual era ultrapassada apenas pelas do capitão, do contador e do escrivão dos Contos.

Gomia – Do árabe kummiyya. Punhal curvo usado em Marrocos.

Mazagania – Do árabe mahzaniyya. Corpo da guarda ou do exército do sultão.

Metical – Moeda de ouro usada em Marrocos.

Mexuar – Casa ou sala de audiências no palácio do sultão de Marrocos.

Mouriscos – Designação atribuída aos mouros baptizados e convertidos ao cristianismo. Acompanhavam as almogavarias em território marroquino. Quando apanhados pelos muçulmanos eram severamente castigados.

Muley – Do árabe Mawlay. Significa "meu Senhor". Título frequentemente atribuído aos xerifes.

Morábito/Marabuto – Homem cuja existência era inteiramente dedicada à religião muçulmana. Os morábitos eram homens santos, que no Norte de África deram origem a muitas confrarias como a *yazullyya*, a irmandade que havia apoiado os sádias desde o início da ascenção desta dinastia durante a primeira metade do séc. XVI. Isolavam-se em pequenos ermitérios que, geralmente, atraiam discípulos que davam origem a confrarias com maior ou menos número de aderentes.

Muezin – Homens encarregados de anunciar as horas canónicas das orações aos muçulmanos. O apelo destes homens à oração era proclamado do alto dos minaretes das mesquitas.

Sádida – Dinastia oriunda do sul de Marrocos que emergiu da obscuridade através da luta contra os portugueses. Chegaram ao poder após deporem a decadente dinastia uatássida.

Seteira – Do latim *sagittaria*. Abertura estreita nas muralhas, pela qual se disparavam setas contra os sitiadores.

Xerife – A palavra sarif significa nobre, ilustre, pelo cargo ou nascimento e aplicou-se aos descendentes de Maomé. É frequente esta designação entre os líderes tribais das populações islamizadas do Norte de África.

Xeque – Do árabe *shayqh*. Significa chefe, ancião responsável.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Arquivos

ARCHIVO GENERAL DE INDIAS (A.G.I.):

ES.41091.AGI//MP-EUROPA_AFRICA,125.

ARCHIVO GENERAL DE SIMANCAS (A.G.S.):

CCA,CED,6,147,10; A.G.S., CCA,CED,6,158,7; A.G.S., CCA,CED,6,129,2; A.G.S., CCA,CED,6,55,3; A.G.S., CCA,CED,6,171,5; A.G.S., CCA,CED,6,137,4; A.G.S., CCA,CED,7,43,4; RGS,LEG,149410,586.

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO (A.N.T.T.):

Bulas:

Maço 16, Nº 21.

Casa Real, Cartório da Nobreza:

Livro 16, fl. 26 e fl. 39; Livro 19, fl. 49v; liv. 20, fl. 12; liv. 21, fl. 52.

Chancelaria de D. Afonso V:

Liv. 1, fl. 82; liv. 2, fl. 121v; liv. 9, fl. 119; liv. 12, fl. 24; liv. 12, fl. 110; liv. 13, fl. 31; liv. 15, fl. 30v; liv. 26, fl. 179; liv. 31, fl. 116; liv. 33, fl. 156; liv. 33, fl. 164; liv. 33, fl. 202v.

Chancelaria de D. João II:

Liv. 8, fl. 166; liv. 8, fl. 167; liv. 12, fl. 41; liv. 16, fl. 12; liv. 16, fl. 41.

Chancelaria de D. Manuel I:

Liv. 3, fl. 6; liv. 3, fl. 21v; liv. 6, fl. 8v; liv. 6, fl. 23; liv. 6, fl. 93; liv. 7, fl. 6v; liv. 7, fl. 15; liv. 8, fl. 105v; liv. 9, fl. 119; liv. 11, fl. 16; liv. 11, fl. 30; liv. 11, fl. 48v; liv. 11, fl. 67; liv. 13, fl. 9; liv. 13, fl. 31; liv. 13, fl. 35v; liv. 15, fl. 55; liv. 15, fl. 118; liv. 15, fl. 148; liv. 16, fl. 60; liv. 17, fl. 35; liv. 20, fl. 10; liv. 21, fl. 8; liv. 22, fl. 8; liv. 25, fl. 98v; liv. 28, fl. 112v; liv. 29, fl. 25v-52; livro 29, fl. 51v; liv. 29, fl. 78v; liv. 30, fl. 25v; liv. 30, fl. 37v; liv. 30, fl. 38; liv. 30, fl. 51; liv. 31, fl. 55; liv. 31, fl. 61; liv. 31, fl. 61v; liv. 31, fl. 76; liv. 31, fl. 76v, liv. 31, fl. 77; liv. 31, fl. 77v; liv. 31, fl. 120v; liv. 32, fl. 10v; liv. 32, fl. 82; liv. 32, fl. 113v; liv. 33, fl. 86; liv. 34, fl. 1; liv. 34, fl. 46; liv. 38, fl. 54v; liv. 40, fl. 6; liv. 41, fl. 21; liv. 41, fl. 24; liv. 41, fl. 31; liv. 41, fl. 34v; liv. 41, fl. 35; liv. 41, fl. 36; liv. 41, fl. 40; liv. 41, fl. 50v; liv. 41, fl. 57; liv. 41, fl. 61; liv. 41, fl. 62; liv. 41, fl. 110v; liv. 42, fl. 25; liv. 42, fl. 53; liv. 42, fl. 78.

Chancelaria de D. João III:

Livro 7, fl. 169; liv. 7, fl. 169v; liv. 8, fl. 34; liv. 14, fls. 37v-38; liv. 47, fl. 127; liv. 48, fl. 105; liv. 48, fl. 105v; liv. 48, fl. 108; liv. 72, fl. 70v; liv. 72, fl. 169v; liv. 72, fls. 170-172v.

Corpo Cronologico:

Parte I, maço 1, Nº 43; Parte I, maço 2, Nº 123; Parte I, maço 3, Nº 123; Parte I, maço 5, Nº 12; Parte I, maço 5, Nº 28; Parte I, maço 6, Nº 69; Parte I, maço 8, Nº 9; Parte I, maço 8, Nº 86; Parte I, maço 9, Nº 96; Parte I, maço 11, Nº 75; Parte I, maço 13, Nº 60; Parte I, maço 13, Nº 62; Parte I, maço 13, Nº 87; Parte I, maço 13, Nº 88; Parte I, maço 14, Nº 4; Parte I, maço 14, Nº 19; Parte I, maço 14, Nº 24; Parte I, maço 14, Nº 50; Parte I, maço 15, Nº 18; Parte I, maço 15, Nº 31; Parte I, maço 15, Nº 39; Parte I, maço 15, Nº 97; Parte I, maço 15, Nº 118; Parte I, maço 15, Nº 100; Parte I, maço 15, Nº 107; Parte I, maço 15, Nº 131; Parte I, maço 16, Nº 13; Parte I, maço 16, Nº 99; Parte I, maço 16, Nº 111; Parte I, maço 17, Nº 12; Parte I, maço 17, Nº 26; Parte I, maço 17, Nº 61; Parte I, maço 18, Nº 39; Parte I, maço 18, Nº 100; Parte I, maço 18, Nº 108; Parte I, maço 19, Nº 51; Parte I, maço 19, Nº 55; Parte I, maço 19, Nº 58; Parte I, maço 19, Nº 72; Parte I, maço 20, Nº 15; Parte I, maço 22, Nº 40; Parte I, maço 22, Nº 41; Parte I, maço 22, Nº 46; Parte I, maço 34, Nº 52.

Parte II, maço 2, Nº 98; Parte II, maço 2, Nº 101; Parte II, maço 6, Nº 149; Parte II, maço 8, Nº 67; Parte II, maço 13, Nº 97; Parte II, maço 14, Nº 144; Parte II, maço 15, Nº 2; Parte II, maço 15, Nº 37; Parte II, maço 15, Nº 44; Parte II, maço 15, Nº 55; Parte II, maço 15, Nº 80; Parte II, maço 15, Nº 108; Parte II, maço 15, Nº 113; Parte II, maço 15, Nº 137; Parte II, maço 15, Nº 139; Parte II, maço 15, Nº 156; Parte II, maço 15, Nº 157; Parte II, maço 16, Nº 65; Parte II, maço 16, Nº 131; Parte II, maço 18, Nº 85; Parte II, maço 18, Nº 127; Parte II, maço 18, Nº 134; Parte II, maço 19, Nº 13; Parte II, maço 19, Nº 21; Parte II, maço 19, Nº 114; Parte II, maço 21, Nº 6; Parte II, maço 23, Nº 13; Parte II, maço 24, Nº 115; Parte II, maço 48, Nº 80; Parte II, maço 58, Nº 102; Parte II, maço 58, Nº 182; Parte II, maço 58, Nº 183; Parte II, maço 59, Nº 13; Parte II, maço 59, Nº 18; Parte II, maço 59, Nº 50; Parte II, maço 59, Nº 65; Parte II, maço 59, Nº 93; Parte II, maço 59, Nº 97; Parte II, maço 59, Nº 99; Parte II, maço 59, Nº 140; Parte II, maço 59, Nº 149; Parte II, maço 59, Nº 161; Parte II, maço 59, Nº 170; Parte II, maço 59, Nº 173; Parte II, maço 60, Nº 14; Parte II, maço 60, Nº 19; Parte II, maço 60, Nº 35; Parte II, maço 60, Nº 110; Parte II, maço 60, Nº 118; Parte II, maço 61, Nº 127; Parte II, maço 61, Nº 129; Parte II, maço 61, Nº 153; Parte II, maço 61, Nº 161; Parte II, maço 62, Nº 4; Parte II, maço 62, Nº 37; Parte II, maço 62, Nº 100; Parte II, maço 62, Nº 105; Parte II, maço 62, Nº 135; Parte II, maço 62, Nº 152; Parte II, maço 62, Nº 167; Parte II, maço 62, Nº 200; Parte II, maço 63, Nº 147; Parte II, maço 63, Nº 181; Parte II, maço 64, Nº 49; Parte II, maço 64, Nº 88; Parte II, maço 64, Nº 119; Parte II, maço 64, Nº 136; Parte II, maço 64, Nº 137; Parte II, maço 65, Nº 154; Parte II, maço 66, Nº 71; Parte II, maço 67, Nº 42; Parte II, maço 68, Nº 134; Parte II, maço 68, Nº 14; Parte II, maço 69, Nº 2; Parte II, maço 70, Nº 17; Parte II, maço 73, Nº 71; Parte II, maço 80, Nº 15; Parte II, maço 82, Nº 103; Parte II, maço 90, Nº 11; Parte II, maço 118, Nº 27; Parte II, maço 118, Nº 169; Parte II, maço 142, Nº 108.

Parte III, maço 5, Nº 75.

Gavetas:

Gav. 2, maço 1, Nº 7; Gav. 2, maço 1, Nº 16; Gav. 2, maço 2, Nº 3; Gav. 2, maço 2, Nº 30; Gav. 15, maço 1, Nº 52; Gav. 15, maço 5, Nº 18; Gav. 15, maço 9, Nº 3; Gav. 15, maço 16, Nº 2; Gav. 15, maço 16, Nº 32; Gav. 15, maço 18, Nº 28; Gav. 17, maço 7, Nº 19; Gav. 20, maço 1, Nº 11; Gav. 20, maço 1, Nº 21; Gav. 20, maço 1, Nº 41; Gav. 20,

maço 2, Nº 12; Gav. 20, maço 2, Nº 51; Gav. 20, maço 2, Nº 61; Gav. 20, maço 5, Nº 12; Gav. 20, maço 5, Nº 14; Gav. 20, maço 5, Nº 38.

Leitura Nova:
Livro 1 de Odiana, fl. 4; livro 1 de Odiana, fl. 4v; livro 1 de Odiana, fl. 67v; livro 1 de Odiana, fl. 84v; livro 1 de Odiana, fl. 94v; livro 1 de Odiana, fl. 261v; livro 1 de Odiana, fl. 288v; livro 5 de Odiana, fl. 64v; livro 5 de Odiana, fl. 252v; livro 7 de Odiana, fl. 12.

Livro 2 de Reis, fls. 212-213.

Livro 3 da Beira, fls. 10-10v.

Livro 1 de Místicos, fl. 244; Livro 4 Místicos, fl. 89; Livro 5 de Místicos, fls. 91v-96v.

Livro das Ilhas, fls. 23-23v; fls. 49-50; fls. 63v-64v; fls. 65v-66; fl. 127; fls. 129-129v; fls. 133v-135; fl. 136; fls. 137-137v; fl. 138; fls. 141v-142; fls. 179-179v; fl. 195v.

Leis e Ordenações:
Leis, maço 2, Nº 7.

Cartas dos Governadores de África:
Nº 2; Nº 8; Nº 28; Nº 38; Nº 39; Nº 54; Nº 60; Nº 69; Nº 72; Nº 81; Nº 89; Nº 98; Nº 101; Nº 102; Nº 105; Nº 114; Nº 301; Nº 306; Nº 309; Nº 317; Nº 320; Nº 323; Nº 329; Nº 330; Nº 331; Nº 333; Nº 337; Nº 353; Nº 422.

Colecção de cartas:
Núcleo Antigo 878, Nº 212;
Núcleo Antigo 879, Nº 204;
Núcleo Antigo 891, maço 2, Nº 1; Nº 43; Nº 48; Nº 50; Nº 51.

Contos do Reino e Casa, Núcleo Antigo, 618.

Fragmentos, caixa 9, maço 4, Nº 43.

ARCHIVO DE LA REAL CHANCILLERÍA DE VALLADOLID (A.R.C.V.):

ES.47186.ARCHV//PLANOS Y DIBUJOS,DESGLOSADOS,190.

BRITISH LIBRARY (B.L.):

Catalogue of the Manuscript Maps, Charts, and Plans, and of the Topographical Drawings in the British Museum, Add MS 5415 A.

BIBLIOTECA NACIONAL DE ESPAÑA (B.N.E.):

GMG/795; GMG/802; GMG/1025.

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE (B.N.F.):

Département Cartes et Plans:

GE C-5096 (RES);

GE D-21463;

GE DD-2987 (8043);

GE DD-2987 (8044);

GE DD-2987 (8045);

GE DD-2987 (8049);

GE DD-2987 (8079);

GE SH 18 PF 224 DIV 2 P 16/1 D;

GED-7990.

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL (B.N.P.):

Cartografia:

C.A. 43 V. CFH11;

C.A. 117 V. CFH11.

Manuscritos Reservados:

IL. 171 CFK;

MS 7638, Nº 40, fl. 73;

MS. 7638, Nº 63;

MS 7638, Nº 64, fl. 123;

MS 7638, Nº 65;

MS 7638, Nº 79, fl. 136.

STANDFORD DIGITAL REPOSITORY (S.D.R.):
purl.stanford.edu/cf043dn8189;
purl.stanford.edu/nr252tw6479.

COLECTÂNEAS DOCUMENTAIS

As Gavetas da Torre do Tombo, 12 Vols., Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1960-1977.

Archivo Historico Portuguez, 11 Vols., Lisboa, Câmara Municipal de Santarém, 1903-1916.

AZEVEDO, Pedro de, *Documentos das Chancelarias Reais anteriores a 1531 relativos a Marrocos*, Tomo I (1415-1450) e Tomo II (1450-1456), Lisboa, Academia das Ciências, 1915-1934.

BAIÃO, António, *Documentos do Corpo Cronologico relativos a Marrocos (1488 a 1514)*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1925.

CENIVAL, Pierre de, *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vols. I - II, Archives et Bibliotèques de Portugal, Paul Geuthner, 1934-1939.

CASTRIES, Henri de, *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. II, Archives et Bibliotèques de France, Paris, Ernest Leroux Éditeur, 1909.

COELHO, Laranjo, *Documentos Inéditos de Marrocos: Chancelaria de D: João II*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1943.

CRUZ, Maria Augusta Lima & TEIXEIRA, André (coords), *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. II - Documentos, Lisboa / Guimarães, CHAM / Lab2PT, 2021.

FREIRE, Anselmo Braamcamp (Dir.), *Archivo Historico Portuguez*, 11 Vols., Lisboa, Câmara Municipal de Santarém, 1903-1916.

LOPES, David, *Textos de Aljamía portuguesa: Documentos para a História do Domínio Português em Safim Extrahidos dos Originaes da Torre do Tombo*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1897.

MARQUES, João Martins da Silva (publ.), *Descobrimentos Portugueses*, Vol. III (1461-1500), Lisboa, Edição do Instituto de Alta Cultura, 1971.

Monumenta Henricina, 15 Vols., Coimbra, Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960-1974.

SOUSA, Frei João de, in *Documentos Arabicos para a Historia Portugueza copiados dos Originais da Torre do Tombo*, Lisboa, Na Officina da Academia Real das Sciências, MDCCXC.

GENEALOGIAS

FARIA, António Machado de, *Livro de Linhagens do século XVI*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1956.

FREIRE, Anselmo Braamcamp, *Brasões da Sala de Sintra*, 3 Vols., Coimbra, Impresso em Coimbra, na Imprensa da Universidade, 1921-1930.

GAYO, Felgueiras, *Nobiliário das famílias de Portugal*, Tomos I - XXXIII, Braga, Agostinho de Azevedo Meirelles e Domingos de Araújo Affonso, 1938-1942.

MORAIS, Alão de, *Pedatura Lusitana*, Porto, Livraria Fernando Machado, 1943 – 1948.

SOUSA, António Caetano de, *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, Tomos I-XII, Lisboa, Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, MDCCXXXV – MDCCXLVIII;

- *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza,* Tomos I-VI, Lisboa, Na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, MDCCXXXIX-MDCCXLVIII.

- *Memórias históricas, e genealógicas dos grandes de Portugal, que contém a origem, e antiguidade de suas famílias: os estados, e os nomes dos que actualmente vivem, suas árvores de costado, as alianças das casas, e os escudos de armas, que lhes competem, até o ano de 1754*, Lisboa, Na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, MDCCLV.

- *Agiologio Lusitano, dos Santos, e Varões Illustres em Virtude do Reino de Portugal, e suas Conquistas*, Tomo IV, Lisboa, Na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, MDCCXLIV.

FONTES IMPRESSAS

AFRICANO, Leão-o, *Descripción General del África*, Granada, Fundación El Legado Andalusi, s/d.

ÁLVARES, João (impr.), *Tratado da vida e martyrio dos cinco Martires de Marocos enviados per São Francisco*, Coimbra, 1568.

ANDRADA, Francisco de, *Choronica de D. João III*, Coimbra, Na Real Officina da Universidade, 1796.

BAIÃO, José Pereira, *Portugal, cuidadoso, e lastimado, com a vida, e perda do senhor rei Dom Sebastião, o desejado de saudosa memoria*, Lisboa Occidental, Na Officina de Antonio de Sousa da Sylva, MDCCXXXV.

BORGES, José Calvão Borges, *Livro do Armeiro-Mor*, Lisboa, Academia Portuguesa de História / Edições Inapa, 2000.

COUTO, Diogo do, *O Soldado Prático*, Mem-Martins, Publicações Europa-América, 1988.

Chronique de Santa-Cruz du Cap de Gué (Agadir), texte portugais du XVI Siègle, traduit et annoté par Pierre de Cénival, Paris, Paul Geuthner, 1934.

"*Descrição de Marrocos – Copia do emperio e reinos dos xarifes na Berberia em Africa, & de algumas terras de negros, comessando na emperial sidade de Marrocos, cabessa do dito emperio, e sua comarca*", in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc,* Archives et Bibliotèques de France, Vol. II, Doc. LXXXVII, Paris, Ernest Leroux, 1909, pp. 242-313.

ELOUFRAN, Mohammed Esseguir Ben Elhadj Ben Abdallah, *Nozhet-Elhâdi Histoire de la Dynastie Saadienne au Maroc (1511-1670)*, Paris, Ernest Leroux, 1889.

FERNANDES, Valentim, *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénegal par Valentim Fernandes (1506/1507). (A Descripçam de Ceuta por sua Costa de Mauritania e Ethiopia pellos Nomes Modernos Prosseguindo as Vezes Algũas Cousas do Sartão da Terra Firme)*, traduction par Pierre de Cénival et Th. Monod, Paris, Librairie Larose, 1938.

FRANCA, Alejandro Correa de, *Historia de la mui noble y fidelíssima ciudad de Ceuta*, Ceuta, Ciudad Autónoma de Ceuta Consejería de Educación y Cultura, 1999.

JOSÉ, Frei João de São, "Corografia do Reino do Algarve (1577)", in *Duas Descrições do Algarve do Século XVI*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1983, pp. 21-132.

GÓIS, Damião de, *Chronica do Principe Dom Joam*, Lisboa, 1724.

- *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Lisboa, 1749.

LEÃO, Duarte Nunes de, *Cronicas Del Rey Dom João o de Gloriosa memória, o I, deste nome, dos reys de Portugal X., D. Duarte e D. Afonso o V,* Tomo I, Lisboa, Na Offic. De Joze de Aquino Bulhoens, MDCCLXXX.

- *Crónicas e vidas dos Reys de Portugal D. Duarte, undécimo, e D. Affonso o V, duodécimo*, Tomo II, Lisboa, Na offic. de Joze de Aquino Bulhoens, MDCCLXXX.

- "Cronica, e Vida Del Rey D. Duarte", in *Crónicas, e vidas dos Reis de Portugal*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1975, pp. 735-780;

- "Cronica, e Vida Del Rey Dom Affonso V", in *Crónicas, e vidas dos Reis de Portugal*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1975, pp. 781-1001;

- *Descripção do Reino de Portugal*, Lisboa, 1610.

MARIZ, Pedro de, *Dialogo de varia historia: em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal com os seus retratos, e noticias dos nossos, reinos, e conquistas, e vários sucessos do mundo*, Tomo I, Lisboa, Na Impressão Regia, MDCCCVI.

MÁRMOL CARVAJAL, Luis del, *Descripción general de África, sus guerras y vicisitudes, desde la fundación del mahometismo hasta el año 1571*, Granada, en casa de Rene Rabut impressor de libros, 1573.

MASCARENHAS, Jerónimo de, *Historia de la Ciudad de Ceuta*, Lisboa, Academia das Sciências de Lisboa, 1918.

MENDONÇA, Agostinho de Gavy de, *Historia do famoso cerco qve o xarife pos a fortaleza de Mazagam deffendido pello valeroso Capitam Mor della Aluaro de Carualho governãdo neste Reyno a Serenísima Rainha Dona Catherina, no anno de 1562*, Lisboa, Em casa de Vicente Aluarez, Anno 1601.

MENESES, D. Fernando de, *História de Tânger que compreende as noticias desde a sua primeira conquista ate a sua ruina*, Lisboa Occidental, 1732.

NONACRIENSE, Elfino, *Odes Pindaricas, Posthumas*, Coimbra, Na imprensa da Universidade, 1801.

ORTELIUS, Abraham, *Theatrum orbis terrarum*, Antuérpia, 1571.

OSÓRIO, Jerónimo, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Biografias da História de Portugal, Volume XXVII, Matosinhos, QuidNovi, 2004.

PEREIRA, Duarte Pacheco, *Esmeraldo de Situ Orbis*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1954.

PINA, Rui de, *Chronica D'el Rey D. Duarte*, Porto, Renascença Portuguesa, 1914.

- *Chronica de El-Rei D. Afonso V*, 3 Vols., Lisboa, Scriptorio, 1901-1903;

- *Crónica de D. João II*, Lisboa, Publicações Alfa, 1989.

PISANO, Mateus de, *Livro da Guerra de Ceuta*, Lisboa, Academia das Sciências de Lisboa, 1915.

RESENDE, Garcia de, *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Biografias da História de Portugal, Volume XXIX, Matosinhos, QuidNovi, 2004.

RODRIGUES, Bernardo, *Anais de Arzila*, 2 Vols., Lisboa, Academia das Sciências de Lisboa, 1915-1919.

SARRÃO, Henrique Fernandes, "História do Reino do Algarve", in *Duas Descrições do Algarve do Século XVI*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1983, pp. 133-174.

SOUSA, Frei Luís de, *Annaes de El Rei Dom João Terceiro*, Lisboa, 1844.

SOUSA, Manuel de Faria e, *Africa Portuguesa*, Lisboa, A costa d' Antonio Craesbeeck de Mello, impressor de su Alteza, 1681.

SILVA, José Soares da, *Memórias para a Historia de Portugal, que compreendem o governo Del Rey D. João I*, Tomo III, Lisboa Occidental, MDCC XXXII.

TORRES, Diego de, *Relacion del Origen y Sucesso de los Xarifes y del Estado de los Reinos de Marruecos, Fez, Tarudante, y los de mas que tienen usurpados*, Sevilla, 1586.

VICENTE, Gil, "Auto da Exortação da Guerra", in *Autos e Farsas*, Vasco Graça Moura (Dir.), Lisboa, Planeta DeAgostini, 2002.

WAGHENAER, Lucas Jansz, (1533-1606), *Spieghel der Zeevaerdt vande navigatie der Westersche Zee, Innehoudende alle de Custen van Vranckrijck Spaignen ende t'principaelste deel van Engelandt, in diversche Zee Caerten begrepen, met den gebruijcke van dien, nu met grooter naersticheijt bij een vergadert ende ghepractizeert; (Spieghel der Zeevaert, inhoudende de gheheele Noordtsche ende Oostersche Schipvaert, beghinnende vande hoofden oft Voorlant van Enghelant, tot Wyburch ende der Nerue in verscheyden Caerten begrepen, Midtsgaders t'gebruyck van dien): Teerste deel vande: (Het tweede deel vanden) / door Lucas Iansz Waghenaer. - Ghedruct tot Leyden: Christoffel Plantijn*, 1585.

ZURARA, Gomes Eanes de, *Chronica de El-Rei D. João I*, 3 Vols., Lisboa, Escriptorio, 1897-1899;

- *Crónica da Tomada de Ceuta*, Mem-Martins, Publicações Europa-América, 1992.

- "Chronica do Conde D. Pedro de Menezes", in *Collecção de livros inéditos de Historia Portugueza, dos reinados de D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, e D. João II*, Tomo II, Lisboa, Na oficina da mesma academia, M.DCC.XCII, pp. 213-626.

- "Chronica do Conde D. Duarte de Menezes", in *Collecção de livros inéditos de Historia Portugueza, dos reinados de D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, e D. João II*, Tomo III, Lisboa, Na oficina da mesma academia, M.D.CCXCIII, pp. 7-385.

ESTUDOS

AAVV, *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa / Braga, Centro de História de Além-Mar / Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2011.

AFONSO, Jorge, "A Marinha de Guerra Portuguesa e o Magrebe: os cativos, o corso e a importância do poder naval na definição da política externa do reino", in *A Guerra Naval no Norte de África (séculos XV – XIX)*, Lisboa, Edições Culturais da Marinha, 2003, pp. 187-227;

- "Os negócios dos ahl Al-Kitãb. O caso especídico dos judeus magrebinos", in *Anais de História de Além-Mar*, Vol. XIV, Lisboa / Ponta Delgada, Centro de História de Além-Mar / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa / Universidade dos Açores, 2013, pp. 249-273;

- "Hamidou Ibn Ali: a jihad, o fim do corso e o equilíbrio naval nas Águas do Estreito", in *D' Aquém, D' Além e D' Ultramar. Homenagem a António Dias Farinha*, Vol. I, Francisco Contente Domingues; José da Silva Horta; Paulo David Vicente (org.), Lisboa, Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2015, pp. 301-317.

AGUIAR, Miguel, *Ideologia Cavaleiresca em Portugal no Século XV*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2016.

- "As crónicas de Zurara: a corte, a aristocracia e a ideologia cavaleiresca em Portugal no século XV / The chronicles of Zurara: royal court, aristocracy and chivalry in fifteenth-century Portugal", in *Medievalista on line*, Nº 23, Lisboa, Instituto de Estudos Medievais, Janeiro-Junho de 2018, (On line) Disponível em: http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA23/aguiar2304.html (Consultado em 11 de Agosto de 2022).

Al FIGUIGUI, Hassan, "Toponymie des sites dans le Nord-Oest marocain d'aprés les sources portugaises", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, Maria Augusta Lima

Cruz & Rui Manuel Loureiro (coord.), Lagos, Câmara Municipal de Lagos, 2010, pp. 67-78.

ALBERTO, Edite Maria da Conceição Martins, "Resgatar cristãos em terras no Norte de África – O ofício de Alfaqueque no século XV", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, Maria Augusta Lima Cruz & Rui Manuel Loureiro (coord.), Lagos, Câmara Municipal de Lagos, 2010, pp. 41-50;

- *Um Negócio Piedoso: o Resgate de Cativos em Portugal na Época Moderna*, tese de doutoramento em Historia - Área do conhecimento de Idade Moderna - apresentada à Universidade do Minho, Braga, 2010;

- "No contexto de um resgate geral de cativos: Diogo Correia da Mota – Embaixador de D. João V na corte de Marrocos (1728-1729", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa / Braga, Centro de História de Além-Mar / Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2011, pp. 311-319;

- "A conquista de Ceuta: contexto e preparativos", in *Expedición a Ceuta – Expedição a Ceuta*, Ceuta / Lisboa, Ciudad Autonoma de Ceuta – Consejería de Educación y Cultura / Câmara Municipal de Lisboa - Direção Municipal de Cultura, 2015, pp. 22-25.

- "Nas fronteiras entre o mundo cristão e muçulmano. O Convento da Trindade de Ceuta. On the borders between the christian and the muslin worlds. The Trinity Convento f Ceuta", in *A Península Ibérica e o Norte de África (séculos XV a XVII). História e Património The Iberian Peninsula and North Africa (15th to 17th centuries). History and Heritage*, Jorge Correia & André Teixeira (coord.), Lisboa / Braga, CHAM / Lab2PT, 2019, pp. 175-190;

- "Mazagão e os resgates gerais de cativos de 1689, 1718 e 1729. Mazagan et les rachats collectifs de captifs de 1689, 1718 et 1729", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et*

Conflits (XVe-XVIIIe siècles), Vol. I – Estudos, Maria Augusta Lima Cruz & André Teixeira (coord.), Lisboa / Guimarães, CHAM / Lab2PT, 2021, pp. 323-357.

ALBUQUERQUE, Luís de, "Cartografia portuguesa (séculos XV-XVII)", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 213-217;

- "Cresques, Abraão", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 327-328;

- "Dourado, Fernão Vaz", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 359;

- "Pereira, Duarte Pacheco", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 880-883;

- "Safim", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 959-960.

ALEGRIA, Maria Fernanda; GARCIA, João Carlos; RELAÑO, Francesc, "Cartografia e Viagens", in *História da Expansão Portuguesa – Volume I - A Formação do Império (1415 – 1570)*, Lisboa, Círculo dos Leitores, 1998, pp. 27-61.

ALMEIDA, Fortunato de, *História de Portugal*, Vols. III-VII, Lisboa, Promoclube, s/d.

- *História da Igreja em Portugal*, Vol. III, Porto, Portucalense Editora, 1967.

AMADO, Maria Teresa,"Cantino, Planisfério de", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 191-192.

AMARAL, Augusto Ferreira do, *História de Mazagão*, Lisboa, Publicações Alfa, 1989.

- Mazagão, *A Epopeia Portuguesa em Marrocos*, Lisboa, Tribuna da História, 2007.

- "O terramoto de 1755 em Mazagão", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa / Braga, Centro de História de Além-Mar / Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2011, pp. 245-255;

- "Toponímia de Mazagão, in *D' Aquém, D' Além e D' Ultramar. Homenagem a António Dias Farinha,* Vol. I, Francisco Contente Domingues; José da Silva Horta; Paulo David Vicente (org.), Lisboa, Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2015, pp. 35-74.

AMARAL, Ilídio do, "Do «Esmeraldo de situ orbis» de Duarte Pacheco Pereira, segundo Joaquim Barradas de Carvalho", in *Finisterra,* Vol. 18, Nº 36, 1983, pp. 393-402.

AMARAL, Clinio de Oliveira, *O culto ao infante Santo e o projecto político de Avis (1438-1481),* tese de pós-graduação em História Social e das Ideias apresentada à Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008;

- "As discussões historiográficas em torno do Infante Santo", in *Medievalista online*, Lisboa, Instituto de Estudos Medievais, Ano 7, Nº 7, 2009.

AMENDOEIRA, Rui, "Andrade, Francisco de", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses,* Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 66.

- "Arzila", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 93;

- "Azamor", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 105-106;

- "Arguim, ilha de", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 83-84.

ANDRADE, Maria Filomena, "Tratado da vida & martyrio dos cinco Martires de Marocos enviados per São Francisco. Coimbra: por João Alvarez, 7 de Fevereiro de 1568", in *Anões às costas dos grandes gigantes do passado. Poder mitos e memórias na sociedade medieval. Contributos de Luís Krus*, Amélia Aguiar Andrade & João Luís Inglês Fontes (coord.), Lisboa, Instituto de Estudos Medievais / Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2015, p. 34.

ANTÓNIA, Natália Maria, "Ceuta: muy bom sumydoiro de gente de uossa terra e darmas e de dinheiro", in *Cadernos do Arquivo Municipal*, 2ª Série Nº 4, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 125-152.

ARAÚJO, Inês Filipa Meira, "As representações da guerra medieval. As Tapeçarias de Pastrana como ponto de partida", in *Cadernos de História da Arte*, Nº I, 2013, pp. 43-56.

- *As Tapeçarias de Pastrana. Uma Iconografia da Guerra*, dissertação para mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012.

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de, "As Misericórdias de Marrocos na época moderna: contributo para o seu estudo. Les Misericórdias du Maroc à l'époque moderne: contribution à l'étude", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, Maria Augusta Lima Cruz & André Teixeira (coord.), Lisboa / Guimarães, CHAM / Lab2PT, 2021, pp. 191-204.

ARRUDA, Fabiana dos Santos, *A representação do martírio do Infante Santo em Portugal nos séculos XV e XVII - um exercício reflexivo sobre a história comparada*, dissertação de mestrado em História apresentada ao Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2016.

AVELAR, Ana Paula, "Damião de Góis e os cronistas da Expansão: esboços de uma presença", in *Damião de Góis na Europa do Renascimento - Actas do Congresso Internacional*, Braga, Universidade Católica de Braga, 2003, pp. 295-306.

AZEVEDO, Mateus Soares de, "A hora e o lugar das Ordens Sufis na tradição islâmica", in *Araucaria*. *Revista Iberoamericana de Filosofía, Política, Humanidades y Relaciones Internacionales*, ano 21, Nº 41, 2019, pp. 395-414.

BAÊNA, Miguel Sanches de, "A artilharia moderna", in *Portugal no Mundo: História das fortificações Portuguesas no Mundo*, Rafael Moreira (Dir.), Lisboa, Publicações Alfa, 1989, pp. 73-90.

BARATA, Filipe Themudo, "Ceuta: da organização de uma máquina de guerra à eficácia de um instrumento de política externa", in *XVII Jornadas de Historia de Ceuta – Portugal y el Norte de África. Historias d'aquem e d'alem-mar*, Ceuta, Instituto de Estudios Ceutíes, 2016, pp. 65-73.

BARATA, Manuel Themudo & TEIXEIRA, Nuno Severino (Dir.), *Nova História Militar de Portugal*, Vols. I-II, António Manuel Hespanha (coords.), Lisboa, Círculo de Leitores, 2004.

BARROCA, Mário Jorge, "Tempos de Resistência e de Inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manuel I (1495 - 1521) ", in *Portvgalia*, Vol. XXIV, 2003, pp. 95-112.

BARROS, Amândio, "A preparação das armadas no Portugal de finais da Idade Média", in *Revista da Faculdade de Letras. Historia*, 2ª Série, Nº VII, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1990, pp. 101-131;

BASTO, Rafael Eduardo de Azevedo (ed.), *Esmeraldo de Situ orbis por Duarte Pacheco Pereira*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892.

BEBIANO, Rui, "A Guerra: o seu imaginário e a sua deontologia", in *Nova História Militar de Portugal*, Vol. II, Manuel Themudo Barata & Nuno Severiano Teixeira (Dirs.), Lisboa, Circulo de Leitores, 2004, pp. 36-62.

- "A legitimidade da guerra", in *Nova História Militar de Portugal*, Vol. II, Manuel Themudo Barata & Nuno Severiano Teixeira (Dirs.), Lisboa, Círculo de Leitores, 2004, pp. 52-62.

- "A Arte da Guerra", in *Nova História Militar de Portugal*, Vol. II, Manuel Themudo Barata & Nuno Severiano Teixeira (Dirs.), Lisboa, Circulo de Leitores, 2004, pp. 112-151.

BEJARANO ROBLES, Francisco, *Documentos para el estúdio del abastecimento y auxilio de las plazas portuguesas en Marruecos desde el sur de España – Aportación del concejo y la ciudad de Málaga esta empresa a instancia de los factores portugueses, durante el siglo XVI (1513-1574)*, Tanger, Instituto General Franco, 1941.

BENHIMA, Yassir, "Fortifications et formes de l'habitat: deux exemples de la région de Safi", in *Ruralia* III, 2000, Prague, pp. 106-119;

- *Espace et société rurale au Maroc médiéval: stratégies territoriales et structures de l'habitat, l'exemple de la région de Safi*, tese de doutoramento apresentada à Universidade de Lyon, 2003;

- "Pratiques de l'espace et gestion des territoires des tribus arabes au Maroc (12e–16e siècle): l'exemple de la région de Safi", in *La tribu dans le monde arabo-islamique: état de la question et nouvelles perspectives*, Revue tunisienne des sciences sociales, 127, 2004, pp. 221-241;

- “Conséquences de l’occupation portugaise sur le peuplement de la région de Safi”, in *Du Nord au Sud du Sahara. Cinquante ans d’archéologie française*, A. Bazzana & H. Bocoum (eds), Paris, Sepia, 2004, pp. 239-245;

- “L’évolution du peuplement et l’organisation du territoire de la région de Safi à l’époque almohade”, in Los Almohades: problemas y perspectivas, Vol. II, P. Cressier; M. Fierro; L. Molina (eds.), Madrid, 2005, pp. 651-684;

- Safi et son territoire. Une ville dans son espace au Maroc (11ème – 16ème siècle), Paris L’Harmattan, 2008;

- “Activités pastorales et produits de l’elévage dans l’économie des places portugaises du sud du Maroc (première moitié du XVIe siègle), in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa / Braga, Centro de História de Além-Mar / Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2011, pp. 101-108;

- “Tafadna: Histoire d’un Port de la Région de Haha au début du XVI siègle”, in *Études et Documents Berbéres*, Nº 43, 2020, pp. 49-66.

BERTOLI, André, “A natureza narrativa da Crónica da Tomada de Ceuta”, in *Revista Cantareira – Revista Electrónica de História*, Vol. 3, Nº 2, Ano 4, 2007;

- “Uma Leitura Possível da Crônica da Tomada de Ceuta, levando em conta a Representação do Infante D. Henrique nessa obra de Zurara”, in *Sociedade em Estudos*, Curitiba, V. 2, Nº 2, 2007, pp. 89-102;

- *O Cronista e o Cruzado: a revivescência do Ideal Cavaleiresco no Outono da Idade Média Portuguesa (Século XV),* dissertação de mestrado em História apresentada à Universidade Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009;

- “Modelos de acção bélica na Crónica de D. Duarte de Meneses - Texto, Contexto e Representação”, in *Mirabilia,* Nº 15, Junho/Dezembro de 2012, pp. 171-201, URL: http://www.revistamirabilia.com/nova/images/numeros/2012_15/09.pdf

- “Guerra, Legitimação e Poder no norte da África. As fontes portuguesas (1415-1471) / War, Legitimation and Power in North Africa. The Portuguese documents (1415-1471)”, in Actas del I Congreso de Jóvenes Medievalistas Ciudad de Cáceres, *Roda da Fortuna - Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo*, Vol. 2, Nº 1-1 (número especial), 2013, pp. 335-353;

- *Guerra, Violência e Cavalaria em Portugal, 1367 – 1481*, tese de doutoramento em História Medieval apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2016.

BETHENOURT, Francisco, “As Capitanias”, in *História da Expansão Portuguesa*, Vol. I, Lisboa, Circulo de Leitores, 1998, pp. 341-352;

- “A Administração da Coroa”, in *História da Expansão Portuguesa*, Vol. I, Lisboa, Circulo de Leitores, 1998, pp. 387-412.

BORGES, Marco Oliveira, “D. Álvaro de Castro (1.º conde de Monsanto) perante os desafios da Expansão Portuguesa do século XV”, in *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, Nº 14, Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura / Universidade de Coimbra, 2014, pp. 97-98.

BOUCHARB, Ahmed, “A importância de Safi no império comercial português”, in *Mare Liberum*, Nº 7, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Nº 7, Março de 1994, pp. 193-201;

- “Le contrebande portugaise le long de la côte atlantique marocaine au XVIe siècle d’après le procès de l’inquisition de Lisbonne”, in *Actas do Colóquio Internacional: Portugal, Espanha e Marrocos, O Mediterrâneo e o Atlântico*, Faro, Universidade do Algarve, 2004, pp. 225-235;

- *Os Pseudo-Mouriscos de Portugal no Século XVI – estudo de uma especificidade a partir das fontes inquisitoriais*, Lisboa, Hugin, 2004;

- “La vision des marocains dans les «Anais de Arzila» de B. Rodrigues”, in *Estudos de História Luso-Marroquina*, Maria Augusta Lima Cruz & Rui Manuel Loureiro (coord.), Lagos, Câmara Municipal de Lagos, 2010, pp. 165-178;

- “La course au Maroc pendant la première moitié du XVIe Siècle: une autre forme de résistance?”, in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa / Braga, Centro de História de Além-Mar / Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2011, pp. 353-357;

- “L’ouverture d’une factorerie à Asilah (1520), d’aprés le témoignage de Bernardo Rodrigues. The opening of a factory in Asilah (1520), according to the testimony of Bernardo Rodrigues”, in *A Península Ibérica e o Norte de África (séculos XV a XVII). História e Património The Iberian Peninsula and North Africa (15th to 17th centuries). History and Heritage*, Jorge Correia & André Teixeira (coord.), Lisboa / Braga, CHAM / Lab2PT, 2019, pp. 139-150;

- “A relevância da Duquela no império comercial português a partir das «cartas de quitação de D. Manuel I». La place de Doukkala dans l’empire commercial portugais à partir des « cartas de quitação de D. Manuel I»”, in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, Maria Augusta Lima Cruz & André Teixeira (coord.), Lisboa / Guimarães, CHAM / Lab2PT, 2021, pp. 99-111.

BRAGA, Isabel Mendes Drumond & BRAGA, Paulo Drumond, *Ceuta Portuguesa (1415 – 1656)*, Ceuta, Instituto de Estudios Ceutíes – Ciudad Autónoma de Ceuta, 1998.

BRAGA, Isabel Mendes Drumond, *Entre a Cristandade e o Islão (séculos XV-XVII) – Cativos e Renegados nas Franjas de duas Sociedades em Confronto*, Ceuta, Instituto de Estudios Ceutíes / Ciudad Autónoma de Ceuta, 1998;

- *Mouriscos e Cristãos no Portugal Quinhentista – duas culturas e duas concepções religiosas em choque*, Lisboa, Hugin, 1999;

- "As viagens de Frei João de Sousa ao Magrebe no século XVIII: percursos, alojamentos e práticas alimentares", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa / Braga, Centro de História de Além-Mar / Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2011, pp. 277-289.

BRAGA, Paulo Drumond, "A Expansão no Norte de África", in *Nova História da Expansão Portuguesa - Vol. II - A Expansão Quatrocentista*, Joel Serrão & A. H. de Oliveira Marques (Dir.), Lisboa, Editorial Estampa, 1998, pp. 237-401.

- "Bombardeiros alemães do Portugal de D. Manuel I", in *Portugal-AlemanhaBrasil: Actas do VI Encontro Luso Alemão*, Braga, Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos, 2003, pp. 49-56.

- "Mazagão no Tribunal do Santo Ofício", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa / Braga, Centro de História de Além-Mar / Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2011, pp. 237-244.

BRANDÃO, Augusto Pereira, "O Oriente", in *Portugal no Mundo: História das fortificações Portuguesas no Mundo*, Rafael Moreira (Dir.), Lisboa, Publicações Alfa, 1989, pp. 159-187.

BUESCO, Ana Isabel, *Catarina de Áustria (1507-1578). Infanta de Tordesilhas, Rainha de Portugal*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2007;

- *D. João III*, Lisboa, Temas e Debates, 2008.

CALDEIRA, Arlindo Manuel Caldeira, "Da costa ocidental africana a Lisboa: o comércio de escravos nos séculos XV e XVI", in *Rossio: Revista de Estudos de Lisboa*, Vol. 7, Lisboa, 2016, pp. 63-79.

CALVO, Margarita García, *Tapices de Pastrana*, tese de doutoramento apresentada à UNED de Madrid, 1995;

- “Dos Tapices Flamencos «De Cruzadas» en la Iglesia Parroquial de Pastrana”, in *Goya. Revista de Arte*, Nº 293, Março – Abril, 2003, pp. 81-90;

- “Tapices de las conquistas africanas de Alfonso V de Portugal. Tapicerías de Pastrana”, in De *Flandes a Extremadura. Humanismo y naturaleza en los tapices de Badajoz & Adenda - Ponencias y anejos del Encuentro Internacional de Flandes a Extremadura, Badajoz 21 y 22 de febrero de 2019*, Colegio Oficial de Farmacéuticos de Badajoz Ignacio López Guillamón y César Chaparro Gómez (Dirs.), Fundación Academia Europea e Iberoamericana de Yuste, 2020, pp.18-32;

CAMPOS, João dos Santos de Sousa Campos, *Arquitectura Militar Portuguesa no Golfo Pérsico – Ormuz, Keshm e Larak*, tese de doutoramento na área da História, especialidade de História da Arte, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2008.

CAMPOS, Nuno Silva, *D. Pedro de Meneses e a Construção da Casa de Vila Real (1415-1437)*, Lisboa, Colibri, 2004;

- *D. Pedro de Meneses. O primeiro capitão de Ceuta*, Lisboa, Sete Caminhos, 2008;

- *Don Pedro de Meneses y la fundación de la casa de Vila Real, Ceuta*, Instituto de Estudios Ceutíes, 2011.

CARABELLI, Romeo, *L’héritage Portugais ao Maroc – un patrimoine d’actualité*, Mutual Heritage, 2012.

CARDOSO, Elise, *A logística militar na Cronística Portuguesa de Quatrocentos*, dissertação de mestrado em História Militar apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2015.

SILVA, Carlos Guardado da, "La ciudad de Lisboa en la preparación de la conquista de Ceuta", in *Portugal y el Norte de África: historias d'aquem y d'além mar: XVII Jornadas de Historia de Ceuta*, Ceuta, Instituto de Estudios Ceutíes, 2017, pp. 9-26.

CARRIAZO RUBIO, Juan Luis (ed.), *El triunfo de la pólvora – Artilhería y fortificaciones a finales da la Edade Media*, Huelva, Universidad de Huelva, 2020.

CARNEIRO, Roberto & MATOS, Artur Teodoro de (Dir.) *D. João III e o Império. Actas do Congresso Internacional comemorativo do seu nascimento*, Lisboa, CHAM / CEPCEP, 2004.

CARITA, Rui, "A Arquitectura Abaluartada de Origem Portuguesa", in *Revista Camões*, Nº17/18, Lisboa, 2004, pp. 135-148.

CARMONA PORTILLO, Antonio, "Un contencioso entre Málaga y el Reino de Portugal en el contexto del abastecimiento de las plazas portuguesas del Norte de África desde el puerto de Málaga", in *Isla de Arriarán*, XX, 2002, pp. 23-40.

CARVALHO, Alberto Martins de, "Andrade, Francisco de", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. I, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, p. 150.

CARVALHO, Andreia Martins de, *Nuno da Cunha e os Capitães da Índia* (1529-1538), dissertação de mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (séculos XV-XVIII), apresentada à Universidade Nova de Lisboa, 2006.

CARVALHO, Andreia Martins de & PELÙCIA, Alexandra, "Os Primeiros Fidalgos na Costa da Guiné", in *Anais de História de Além-Mar*, Nº 2, Lisboa / Ponta Delgada, Centro de História de Além-Mar / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa / Universidade dos Açores, 2002, pp. 127-138.

CARVALHO, Andreia Martins de & PINTO, Pedro, "Da caça de Mondragón à guarda do Estreito de Gibraltar (1508-1513): os guardiões da memória de Duarte Pacheco Pereira e a economia da mercê nos séculos XVI-XVII", in *Anais de História de Além-mar*", Vol. XIII, Lisboa / Ponta Delgada, Centro de História de Além-Mar / Faculdade

de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa / Universidade dos Açores, 2012, pp. 221-332.

CARVALHO, Cândida Sofia de Matos, *O castelo de cima de Tânger, entre quatrocentos e seiscentos: de paço a cidadela*, dissertação de mestrado apresentada à Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, Braga, 2018.

CARVALHO, Otávio Pais de, "Azambuja, Diogo de", *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 105;

- "Cantim, Cabo de", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 191.

CARVALHO, Vasco de, *La Domination Portugaise au Maroc 1415-1769*, Lisboa, Editions SPN Lisbonne, 1934.

CASTILLO FERNÁNDEZ, Javier, *Entre Granada y el Magreb. Vida y obra del cronista Luis del Mármol Carvajal (1524-1600)*, Granada, Universidad de Granada, 2016.

CASTRO, Tiago Machado de, *Bombardeiros na Índia. Os homens e as artes da artilharia portuguesa (1498-1557)*, dissertação de mestrado em História Marítima apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

CENIVAL, Pierre de, "Les émirs des Hintata, rois de Marrakech", in *Hespéris*, Vol. XXIV, Paris, Librairie Larose, 1937, pp. 245-257;

- "La cathédral portugaise de Safi", in *Hespéris*, Tomo IX, Paris, Librairie Larose, 1929, 1-27;

- "La conquete de Safi", in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Tomo I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Première Série, Paris, 1934, pp. 151-161.

CHAVES, Rute Correia, *Cerâmicas Medievais e Modernas de Azamor (Marrocos) – Análise textural, mineralógica e química*, dissertação de mestrado em Ciências da Conservação apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015.

CHEBRI, Aboulkacem, *O Património Arquitectónico Luso-Marroquino*, Al Jadida, Centro para o Património Luso-Marroquino, s/d.

CHEMSI, Said, *Castello Novo de Safi dit Château de mer portugais, étude archéologique et perspective de salvaguarde*, Marrakech, Association Assif, 2002;

- "Castello Novo, approche historique & architecturale", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa / Braga, Centro de História de Além-Mar / Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2011, pp. 165-176.

CID, Pedro de Aboim Inglez, "As fortalezas manuelinas do Índico: características e antecedentes", in *Anais de História de Além-Mar*, Vol. XII, Lisboa / Ponta Delgada, Centro de História de Além-Mar / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa / Universidade dos Açores, 2011, pp. 9-42.

COELHO, António Borges, *Raízes da Expansão Portuguesa*, (5ª Edição), Lisboa, Livros Horizonte, 1985;

- *História de Portugal – A Largada das Naus*, Vol. III, Lisboa, Caminho, 2011.

COELHO, Maria Helena da Cruz, "Morrer Pela Fé e Pela Pátria: Um Modelo Hagiográfico", in *Revista Portuguesa de História*, Tomo XL, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2008/2009, pp. 213-226.

COLIN, Georges S., "Des juifs nomades retrouves dans le sahara marocain au XVIe siecle", in *Melages d'études luso-marocains dédiés à la mémoire de David Lopes et Pierre Cénival*, Lisboa, Portugália, 1945, pp. 51-66.

CORDEIRO, Luciano, *Diogo d' Azambuja*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892.

CÔRTE-REAL, Miguel Maria Teles Moniz, "Para o estudo das elites do Algarve no Antigo Regime, fidalgos, nobres e demais privilegiados no poder concelhio", in *Tabardo* Nº 2, Lisboa, Universidade Lusíada/Centro Lusíada de Estudos Genealógicos e Heráldicos, 2003, pp. 51-100.

CORREIA, Jorge, "Urban models and concepts in Portuguese Tangier (1471-1661)", in *Planning History. Bulletin of the International Planning History Society*, s/l., IPHS, 26: 3, 2004, pp. 11-16;

- "Mazagão: A última praça Portuguesa no Norte de África", in *Revista de História da Arte*, Nº 4, Edições Colibri / Instituto de História da Arte – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / UNL, 2007, pp. 184-211;

- *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África - Da tomada de Ceuta a meados do Séc. XVI*, Porto, FAUP Publicações, 2008;

- "Dimensões da castelogia portuguesa no Norte de África entre Quatrocentos e meados de Quinhentos", in *Anais de História de Além-Mar*, Vol. IX, Lisboa / Ponta Delgada, Centro de História de Além-Mar / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa / Universidade dos Açores, 2008, pp. 9-36;

- "Portuguese cities unveiled: interpreting the present medina in the Maghreb", in *Proceedings of 12th International Conference on Urban History: Cities in Europe, Cities in the World*. Lisboa, FCSH-UNL / EAUH, 2014. (On line);

-"Early 16th century mercantile structures in Northern Africa: the portuguese city of Safim", in *SOCIETY OF ARCHITECTURAL HISTORIANS ANNUAL*

MEETING, 60, Pittsburgh, USA, 2007 – "Proceedings of the SAH Annual Meeting". (S.l: Society of Architectural Historians, 2007).

CORREIA, Jorge & LOPES, Ana, "L'espace Urbain d'Azemmour pendant la domination portugaise: bilan de la première mission", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa / Braga, Centro de História de Além-Mar / Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2011, pp. 199-212;

- "Azemmour, Morocco: early sixteenth-century portuguese defences", in *FORT Journal*, Nº 42, edited by John Harris. Oxford, England, 2014, pp. 3-29;

- "Azamor entre 1513 e 1541: arquitectura e urbanismo. Azemmour entre 1513 et 1541: architecture et urbanisme", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, Maria Augusta Lima Cruz & André Teixeira (coord.), Lisboa / Guimarães, CHAM / Lab2PT, 2021, pp. 485-537.

CORREIA, Jorge & TEIXEIRA, André (coord.), *A Península Ibérica e o Norte de África (séculos XV a XVII). História e Património. The Iberian Peninsula and North Africa (15th to 17th centuries). History and Heritage*, Lisboa / Braga, CHAM / Lab2PT, 2019.

CORREIA, Jorge & PEIXOTO, Indira, "Da arquitectura militar do período português em Arzila, Marrocos. Momentos, intervenientes, significados", in *A Península Ibérica e o Norte de África (séculos XV a XVII). História e Património. The Iberian Peninsula and North Africa (15th to 17th centuries). History and Heritage*, Jorge Correia & André Teixeira (coord.), Lisboa / Braga, CHAM / Lab2PT, 2019, pp. 107-138.

CORREIA, Vergílio, *Lugares Dalém, Azamor, Mazagão, Safim*, Conferências realizadas em Lisboa, Porto e Coimbra, Lisboa, 1923.

CORTE-REAL, Manuel Henrique, *A Feitoria Portuguesa na Andaluzia (1500-1532)*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura / Centro de Estudos Históricos Faculdade de Letras de Lisboa, 1967.

CORTESÃO, Jaime, *História dos Descobrimentos Portugueses*, 3 Vols., Lisboa, Cículo de Leitores, 1979-1980.

COSME, João, "Alcácer Quibir", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 41-42;

- *A Guarnição de Safim em 1511*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2004;

- "Tratado de paz entre Portugal e o reino de Fez - Arzila – 8 de Maio de 1538", in *Arquipélago * História*, 2ª Série, XIV – XV, 2010-2011, pp. 11-29;

- "O tratado de paz entre Portugal e o reino de Fez (Arzila, 8 de Maio de 1538)", in *D' Aquém, D' Além e D' Ultramar. Homenagem a António Dias Farinha*, Vol. I, Francisco Contente Domingues; José da Silva Horta; Paulo David Vicente (org.), Lisboa, Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2015, pp. 249-263;

- "Os homens de ciência", in *História de Portugal*, Vol. V, João Medina (Dir.), Amadora, Ediclube, 2004, pp. 91-97;

- "Arguim", in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. I, Francisco Contente Domingues, (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 2016, pp. 79-80.

COSTA, António Martins, *A Batalha de Toro e as relações entre Portugal e Castela – dimensões políticas e militares na segunda metade do século XV*, dissertação de mestrado em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011.

- "D. Duarte de Meneses (1414-1464): o sangue e as armas no final da Idade Média", in *e-Strategica - Revista da Associação Ibérica de História militar (séculos IV-XVI). Revista de la Asociación Ibérica de Historia Militar (siglos IV-XVI),* Nº 2, Francisco García Fitz (Dir.), Chernache / Cáceres, 2018, pp. 25-47;

- "A Guerra aos Olhos de um Cronista Tardo-Medieval: Rui de Pina e a Cronica de D. Afonso V", in *Revista Portuguesa de História Militar - Dossier: Da Fundação à Expansão, Séculos XII-XVI*, Ano II, Nº 2, 2022, (Em linha) https://doi.org/10.56092/JHHF9692

COSTA, Avelino de Jesus da, "Anafé", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. I, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, p. 145.

COSTA, Fernando Dores, "Milícia e Sociedade", in *Nova História Militar de Portugal*, Vol. II, Manuel Themudo Barata & Nuno Severiano Teixeira (Dirs.), Lisboa, Circulo de Leitores, 2004, pp. 68-101.

COSTA, João Paulo Oliveira e, (coord.), *Descobridores do Brasil – Exploradores do Atlântico e Construtores do Estado da Índia*, Lisboa, SHIP, 2000;

- *A Nobreza e a Expansão – Estudos Biográficos*, Cascais, Patrimonia, 2000;

- *D. Manuel I*, Lisboa, Temas e Debates, 2001;

- "O Império em meados do século XVI", in *Anais de História de Além-Mar*, Vol. III, Lisboa / Ponta Delgada, Centro de História de Além-Mar / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa / Universidade dos Açores, 2002, pp. 87-121;

- "A formação do aparelho central da administração ultramarina no século XV", in *Anais de História de Além-Mar*, Nº 2, Lisboa / Ponta Delgada, Centro de História de Além-Mar / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa / Universidade dos Açores, 2001, pp. 87-102;

- "Os Capitães-mores das Armadas da Índia no Reinado de D. João III" in *A Carreira da Índia, V Simpósio de História Marítima*, Lisboa, Academia de Marinha, 2003, pp. 213-231;

- *Henrique, o Infante*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2009.

COSTA, João Paulo Oliveira & RODRIGUES, Vítor Luís Gaspar (coords.), *A Alta Nobreza e a Fundação do Estado da Índia. Actas do Colóquio Internacional*, Lisboa, CHAM/IICT, 2004;

- *A Batalha dos Alcaides – 1514. No Apogeu da Presença Portuguesa em Marrocos*, Lisboa, Tribuna da História, 2007;

- "O Condado de Vila Nova de Portimão", in *A Alta Nobreza e a Fundação do Estado da Índia. Actas do Colóquio Internacional*, João Paulo Oliveira e Costa & Vítor Luís Gaspar Rodrigues (coord.), Lisboa, CHAM/IICT, 2004, pp. 229-238.

CRUZ, Abel dos Santos, *A Nobreza Portuguesa em Marrocos no século XV (1515-1464)*, dissertação de mestrado em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1995;

- "«Como El-Rey Emuiou Noteficar Ho Boom Aqueeçimento» Da Conquista de Ceuta", in *XII Colóquio "Laços Histórico Militares Luso Magrebinos. Perspectivas de Valorização*, Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar, 2003, pp. 79-91;

- "A guerra de corso e a pirataria no Mediterrâneo Ocidental ao tempo do conde D. Pedro de Meneses (1415-1437)", in *A Guerra Naval no Norte de África (séculos XV – XIX)*, Lisboa, Edições Culturais da Marinha, 2003, pp. 57-99;

- "A Guerra naval no «Mediterrâneo Atlântico» (1415-1437): relatos do corso português no texto literário de Gomes Eanes de Zurara", in *Estudos em homenagem ao Prof. Doutor José Marques*, Vol. I, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, pp. 35-58.

CRUZ, João Sérgio Sequeira Rodrigues Braga da, *O castelo português de Alcácer Ceguer: transformações morfológicas nos sécs. XV e XVI*, dissertação de mestrado em História da Arquitectura apresentada à Universidade do Minho, Braga, 2015.

CRUZ, Maria Augusta Lima, "Documentos inéditos para a história dos portugueses em Azamor", in *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, pp. 104-179;

- "O Trigo açoriano em Marrocos no século XVI", in *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira,* Vol. XLI, Angra do Heroísmo, 1983, pp. 625-650;

- "Os Portugueses em Marrocos nos séculos XV e XVI", in *História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1990, pp. 55-125;

- "Marrocos", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 694-702;

- "Tânger", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 1014-1017;

- "Os cronistas do império: da gesta das armas aos heróis do mar", in *Outro mundo novo vimos,* Ana Maria Rodrigues & Joaquim Soeiro de Britto (coords.), Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001;

- "Mouro para os cristãos e cristão para os mouros: o caso Bentafufa", in *Anais de História de Além-Mar*, Vol. III, Lisboa / Ponta Delgada, Centro de História de Além-Mar / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa / Universidade dos Açores, 2002, pp. 39-63;

- "A propósito da conquista de Azamour: do discurso eufórico à realidade À propos de la conquête d'Azemmour: du discours euphorique à la réalité", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, Maria Augusta

Lima Cruz & André Teixeira (coord.), Lisboa / Guimarães, CHAM / Lab2PT, 2021, pp. 456-483;

- "Os moradores de Azamor. Les moradores d'Azemmour", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, Maria Augusta Lima Cruz & André Teixeira (coord.), Lisboa / Guimarães, CHAM / Lab2PT, 2021, pp. 595-649.

CRUZ, Maria Augusta Lima Cruz & LOUREIRO, Rui Manuel (coord.), *Estudos de História Luso-Marroquina*, Lagos, Câmara Municipal de Lagos, 2010.

CRUZ, Maria Augusta Lima & TEIXEIRA, André (coords), *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, Lisboa / Guimarães, CHAM / Lab2PT, 2021.

CRUZ, Maria Augusta Lima & LÁZARO, António Manuel, "A política marroquina de D. João II a propósito da Graciosa", in *A Península Ibérica e o Norte de África (séculos XV a XVII). História e Património The Iberian Peninsula and North Africa (15th to 17th centuries). History and Heritage*, Jorge Correia & André Teixeira (coord.), Lisboa / Braga, CHAM / Lab2PT, 2019, pp. 77-106.

CRUZ, Maria Leonor Garcia da, "Portugal e o Norte de África no Séc. XVI – a intervenção de Lourenço Pires de Távora, diplomata e homem de guerra, no problema da manutenção ou abandono das praças portuguesas", in *Actas das 1ªs Jornadas de História Moderna*, Vol. II, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 1986, pp. 1061-1073;

- "Portugal no jogo de poderes do Norte de África no segundo quartel do século XVI", in *Cadernos Históricos*, Nº IV, Lagos, Comissão Municipal dos Descobrimentos, 1993, pp. 113-128;

- *Lourenço Pires de Távora e a política portuguesa no Norte de África no século de quinhentos*, dissertação de mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1989;

- "As controvérsias ao tempo de D. João III sobre a política portuguesa no Norte de África", in *Mare Liberum*, Nº 13, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997, pp. 123-199;

- "Resumo da tese de doutoramento em Letras / História Moderna: A Governação de D. João III: a Fazenda Real e os seus Vedores", in *Clio – Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Nº 4, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 1999, pp. 179-183;

- "A Governação de D. João III: a fazenda real e os seus vedores, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2001;

- "Tavira no processo de abandono de praças de praças portuguesas do Norte de África no século XVI – abertura de um estudo", in *Espirito e Poder – Tavira nos Tempos da Modernidade*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 2006, pp. 21-45;

- Lourenço Pires de Távora, militar, diplomata e conselheiro de Estado, na Índia e em Marrocos, in *Retratos do Império. Trajetórias individuais no mundo português nos séculos XVI a XIX*, Guilherme Pereira Neves; Georgina S. Santos; Ronaldo Vainfas, (orgs), Niterói / Rio de Janeiro, Editora da Universidade Federal Fluminense, 2006, pp. 357-373;

- "As controvérsias ao tempo de D. João III sobre a política portuguesa no Norte de África. Les controverses au temps de D. João III sur la politique portugaise en Afrique du Nord", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, Maria Augusta Lima Cruz & André Teixeira (coord.), Lisboa / Guimarães, CHAM / Lab2PT, 2021, pp. 205-268.

CUNHA, Mafalda Soares da & MONTEIRO, Nuno, "Vice-reis, governadores e conselheiros de governo do Estado da Índia (1505-1834). Recrutamento e caracterização social", in *Penélope*, Nº 15, Lisboa, Edições Cosmos, 1995, pp. 91-120.

CURTO, Diogo Ramada, "Clientelas", in *História de Portugal, Vol. 3 – No Alvorecer da Modernidade*, José Mattoso (Dir.), Lisboa, Editorial Estampa, 1993, p. 133-134.

DAVEAU, Suzanne, "A propósito das "pinturas" do litoral marroquino incluído no Esmeraldo de Situ Orbis", in *Mare Liberum*, Vols. 18-19, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999-2000, pp. 79-132.

DAVID, Dionísio, "Armas, Duarte de", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 85-86.

DÁVILA, Maria, "O Conde de Arraiolos e a política expansionista em Marrocos", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa / Braga, Centro de História de Além-Mar / Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2011, pp. 69-74.

DIAS, Isabel, "D. Pedro Sanches e a lenda dos cinco mártires de Marrocos", in *O Imaginário Medieval*, Carlos Guardado da Silva (coord.), Torres Vedras, Edições Colibri, 2014, pp. 123-131.

DIAS, Isabel Barros, "Os primórdios do reino de Portugal. Argumentação e Política no «Diálogo Segundo», de Pedro de Mariz", in *Limite: Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía*, Vol. 10.2, 2016, pp. 77-107.

DIAS, Maria Margarida Lacerda Pinto, "Tetuão", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 1028.

DIAS, Paulo Alexandre Mesquita, *A conquista de Arzila pelos Portugueses – 1471*, dissertação de mestrado em História apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015.

DIAS, Pedro, "As fortificações portuguesas na cidade magrebina de Safi", in *Oceanos*, Nº 28, António Manuel Hespanha (Dir.), Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1996, pp. 10-22;

- *A Arquitectura dos Portugueses em Marrocos 1415 – 1769*, Coimbra, Livraria Minerva Editora, 2000;

- "As Construções Portuguesas na Cidade Magrebina de Azamor", in *Revista Camões*, Nº 17-18, Coimbra, Universidade de Coimbra, 2004, pp. 126-134;

- *História da Arte Portuguesa no Mundo – O Espaço Atlântico (séculos XV – XIX)*, Lisboa, Círculo dos Leitores, 2008.

DINIS, António Dias, "Carta do Infante Santo ao Regente D. Pedro Datada da Masmorra de Fez a 12 de Junho de 1441", in *Anais da Academia Portuguesa da História*, Série II, Vol. 15, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1965, pp. 149-174;

DOMINGUES, Francisco Contente, "Bérrio, Estêvão Rodrigues", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 132;

- "Passando além a grandeza do mar oceano: a viagem de Duarte Pacheco Pereira em 1498", in *Stvdia*, Vols. 58-59, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 2001-2002, pp. 113-130;

- "A Guerra em Marrocos", in *Nova História Militar de Portugal*, Vol. II, Manuel Themudo Barata & Nuno Severiano Teixeira (Dirs.), Lisboa, Circulo de Leitores, 2004, pp. 224-230;

- *A Travessia do Mar Oceano: A Viagem de Duarte Pacheco Pereira ao Brasil em 1498*, Lisboa, Tribuna da História, 2012;

DORNELAS, Affonso de, "O custo das Praças do Norte de África no século XVI – Subsídios Históricos", separata de *História e Genealogia*, Vol. V, Lisboa, 1919;

- "Mais Tapeçarias de Pastrana referentes a Portugal. A Tomada de Alcacer Ceguer por D. Affonso V", in Apontamentos de Affonso de Dornellas, Vol. II, Lisboa, Centro Tipografico Colonial, 1931, pp. 11-16.

DUARTE, Luís Miguel, "Garcia de Melo em Castro Marim (a actuação de um alcaide mor no início do século XVI)", in *História: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, série II, Vol. 5, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1988, pp. 131-149;

- "1449-1495: o triunfo da pólvora", in *Nova História Militar de Portugal*, Vol. I, Manuel Themudo Barata & Nuno Severiano Teixeira (Dirs.), Lisboa, Círculo de Leitores, 2003, pp. 347-301;

- "África", in *Nova História Militar de Portugal*, Vol. I, Manuel Themudo Barata & Nuno Severiano Teixeira (Dirs.), Lisboa, Círculo de Leitores, 2003, pp. 392-441;

- "A Morte do Capitão (veteranos e "maçaricos" na guerra marroquina no séc. XV", in *XII Colóquio Laços Histórico Militares Luso Magrebinos. Perspectivas de Valorização*, Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar, 2003, pp. 93-109;

- *Ceuta 1415. Seiscentos anos depois*, Porto, Livros Horizonte, 2015;

- "Tudo aquilo que sempre quisemos saber e nunca ousámos perguntar", in *XVII Jornadas de Historia de Ceuta – Portugal y el Norte de África. Historias d'aquem e d'alem-mar*, Ceuta, Instituto de Estudios Ceutíes, 2016, pp. 75-88.

EL ATTAR, Mohamed, *Os portugueses na região meridional de Marrocos 1505-1541*, dissertação de mestrado em História, Especialidade História dos Descobrimentos e da Expansão, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2016.

EL MOSTAFA, Fayad, *A Região de Arzila na Época da Expansão Portuguesa*, dissertação de mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1992.

ENCARNACÃO, Marcelo Augusto Flores Reis da, *A Batalha de Toro*, 2 Vols., dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011.

EVIN, Paul-Antoine, *L'Architecture Portugaise au Maroc el le Style Manuelin*, Lisboa, Institut Français au Portugal, 1942.

FATHA, Mohammed, "Le Maroc avant la conquête portugaise: Structures et réalités" in *Estudos de História Luso-Marroquina,* Maria Augusta Lima Cruz & Rui Manuel Loureiro (coord.), Lagos, Câmara Municipal de Lagos, 2010, pp. 15-22.

- "Savant et mystiques face à la conquête portugaise", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, Maria Augusta Lima Cruz & Rui Manuel Loureiro (coord.), Lagos, Câmara Municipal de Lagos, 2010, pp. 59-66.

FARIA, António Machado de, "Cavaleiros da Ordem de Cristo no séc. XVI", in *Arqueologia e História*, Vol. VI, Lisboa, 1955, pp. 12-73.

FARINHA, António Dias, "História de Mazagão Durante o Período Filipino", in *Stvdia*, Nº 26, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1969, pp. 179-343;

- "Os Marabutos e a Presença Portuguesa em Marrocos (Nótulas)", in *Colectânea de Estudos em Honra do Prof. Doutor Damião Peres*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1974, pp. 299-307;

- "Os Xarifes de Marrocos (Notas sobre a Expansão Portuguesa no Norte de África)", in *Estudos de História de Portugal – Homenagem a A. H. de Oliveira Marques*, Vol. II, Estampa, 1983, pp. 57-68;

- "O Interesse pelo Norte de África", in *Portugal no Mundo*, Vol. I, Lisboa, Alfa, 1989, pp. 101-112;

- "Características da presença portuguesa em Marrocos", in *Portugal no Mundo*, Vol. I, Lisboa, Alfa, 1989, pp. 113-124;

- "O Declínio da Política Africana: de Alcácer Quibir ao Abandono de Mazagão", in *Portugal no Mundo*, Vol. I, Lisboa, Alfa, 1989, pp. 125-136;

- "A Madeira e o Norte de África nos Séculos XV e XVI", in *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, Vol. I, Funchal, Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração, DRAC, 1989, pp. 360-377;

- *Portugal e Marrocos no século XV*, dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Vol. II, Lisboa, 1990;

- "O conceito de «império português»", in *História de Portugal – Os Descobrimentos (II)*, Vol. V, João Medina (Dir.), Lisboa, Ediclube, s/d, pp. 445-457;

- "O Norte de África", in *História da Expansão Portuguesa*, Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri (coord.), Vol. I, Lisboa, Circulo de Leitores, 1998, pp. 118-133;

- "Marrocos", in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Carlos Azevedo (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 2001, pp. 174-178;

- *Os Portugueses em Marrocos*, Lisboa, Instituto Camões, 2002;

- "Prólogo", in *A Guerra Naval no Norte de África (séculos XV – XIX)*, Lisboa, Edições Culturais da Marinha, 2003, pp. 9-12;

- "As Relações Luso-Marroquinas - Identidade e História", in *Revista Camões*, Nº17/18, Lisboa, 2004, pp. 8-16;

- "Tânger", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. VI, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, pp. 114-116;

- "Mazagão", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. IV, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, pp. 231-232;

- "Mogador", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. IV, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, p. 324;

FARINHA, Maria do Carmo J. D., "As relações entre Portugal e Marrocos – uma cronologia", in *Revista Camões*, Nº17/18, Lisboa, 2004, pp. 200-205.

FEIO, Gonçalo Couceiro, "Azamor", in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. I, Francisco Contente Domingues, (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 2016, pp. 151-152;

- *A Guerra no Renascimento. O ensino e a aprendizagem militares em Portugal e no Império - de D. Manuel I a Felipe II*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2018.

FERNANDES, Dina Amorim, "E Depois de Tânger? O Cativeiro do Infante D. Fernando: A Construção da Imagem de um Santo", in *Omni Tempore. Encontros da Primavera 2014-2015*, Porto, Biblioteca Digital da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017, pp. 8-32.

FERREIRA, Carlos Antero, *Castelo da Mina. Da fundação às representações iconográficas dos séculos XVI e XVII*, Lisboa, Livros Horizonte, 2007.

FERREIRA, João José Brandão, "A Conquista de Ceuta: Aspectos Políticos e Estratégicos", in *Revista Portuguesa de História Militar - Dossier: Da Fundação à*

Expansão, Séculos XII-XVI, Ano II, Nº 2, 2022, (Em linha) https://doi.org/10.56092/SQJZ9787

FERREIRA, João Pedro Rosa, "Ataíde, D. Álvaro Gonçalves de (1.º Conde de Atouguia", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 95-96.

FERREIRA, Leandro, *De homens-comuns a força de elite: os besteiros do conto em Portugal na Idade Média (1385-1438)*, dissertação de mestrado em Estudos Medievais apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2015;

- "Os besteiros do conto em Portugal na Idade Média (1385-1438): contextualização historiográfica, metodologia e objectivos de uma dissertação de mestrado", in *Incipit 4. Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto*, Filipa Lopes; André Silva; Miguel Aguiar (coords.), Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Biblioteca Digital), 2015, pp. 21-30.

FERREIRA, G. L. Santos, *Descripção Methodica dos Brasões d' Armas das Famílias Nobres de Portugal dedicada aos estudiosos e artistas a quem particularmente interésse o seu conhecimento*, Lisboa, Typ. Da Livraria Ferin Baptista, Torres & C. ta, MCMXII;

- *Armorial Português*, I Parte, Lisboa, Livraria Universal, 1920.

FERREIRA, João, "Ósório, Jerónimo", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. IV, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, pp. 487-488.

FERREIRA, Susannah Humble, *The Crown, the Court, and the Casa da Índia. Political centralization in Portugal 1479-1521*, Leiden / Boston, Brill, 2015.

FIGANIER, Joaquim, *História de Santa Cruz do Cabo de Gué (Agadir) 1505 – 1541*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, MCMXLV.

FIGUERAS, Tomás Garcia & SANCHO, Hipólito, *Dos Expedientes de abastecimiento de Mazagán, Tánger y Ceuta, por factores portugueses del Puerto de Santa Maria, (1563-1567),* Tânger, Instituto General Franco para la Investigación Hispano-Árabe, 1939.

FIGUERÔA-RÊGO, João, *O Algarve e as Praças Marroquinas – nos Livros das Portarias e de Matrícula da Casa Real (séculos XVI – XVIII),* Lagos, Câmara Municipal de Lagos, 2007.

FLORES, Jorge, "Expansão portuguesa, expansões europeias e mundos não-europeus na época moderna", in *Ler História*, Nº 50, Lisboa, ISCTE, 2006, pp. 23-43.

FONSECA, Luís Adão da, *D. João II*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005.

FONTOURA, Otília Rodrigues, *Portugal em Marrocos na Época de D. João III - Abandono ou Permanência?*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura & Centro de Estudos de História do Atlântico, 1998.

FREIRE, Anselmo Braamcamp, *Armaria portuguesa*, Lisboa, 1908.

GARCIA, José Manuel, "Mina, São Jorge da", in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. 2, Francisco Contente Domingues, (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 2016, pp. 720-721.

GARCÍA-ARENAL, Mercedes, (publ.), *Diego de Torres. Relación del origen y suceso de los xarifes y del estado de los reinos de Marruecos, Fez y Tarudante*, Madrid, Siglo Ventiuno de España Editores S. A., 1980.

GASPAR, Maria Teresa Rabaça, *A Circulação de Cereais entre Portugal e o Norte de África no século XV*, dissertação de mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1997. Exemplar policopiado.

GINZBURG, Carlo, *A Micro-História e Outros Ensaios*, Lisboa, Difel, 1991.

GODINHO, Rui Landeiro, "A armada do estreito de Gibraltar no século XVI", in *A Guerra Naval no Norte de África (séculos XV – XIX)*, Lisboa, Edições Culturais da Marinha, 2003, pp. 117-137.

GODINHO, Vitorino Magalhães, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, Lisboa, Terra Editora, 1947;

- *Sobre as Sociedades e Economias do Noroeste Africano*, Lisboa, Terra Editora, 1947;

- *"Mediterrâneo" Saariano e as Caravanas do Ouro – Geografia Económica e Social do Saara Ocidental e Central do XI ao XVI Século*, São Paulo, 1956;

- "Les Présides Portugais au Maroc", in *Homenaje a Jaime Vicens Vives*, Vol. II, Barcelona, 1967, pp. 183-198;

- "Redescobrir os Descobrimentos e a Expansão Portuguesa", Afredo Pinheiro Marques, *Guia de História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1988;

- *Mito e Mercadoria, Utopia e Prática de Navegar. Séculos XIII-XVIII*, Lisboa, Difel, 1990;

- "A Tradição do Ouro e as Caravanas Saarianas", in *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, Vol. I, Lisboa, Presença, 1999, pp. 65-94;

- "A Pesca e o Sal", in *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, Vol. IV, Lisboa, Presença, 1999, pp. 119-149;

- *A Expansão Quatrocentista Portuguesa*, (2ª Edição), Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2008.

GOMES, Saul António, *D. Afonso V*, Lisboa, Temas & Debates, 2009.

GOULVEN, Joseph, *La Politique indigène du Roi Manuel Ier dans le Sud Marocain*, s/l, s/d;

- GOULVEN, Joseph, *La Place de Mazagan sous la Domination Portugaise (1502-1769)*, Paris, 1917;

- *Safi – au Vieux Temps des Portugais*, I Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo, Lisboa, 1938.

GOZALBES BUSTO, Guillermo, "al-Mandari y al-Mandar al-Manziri y al-Manzar", in *MEAH, Sección Árabe-islam*, Nº 45, 1996, pp. 75-96.

GUERREIRO, Inácio, "A Cartografia Portuguesa dos séculos XV e XVI", in *História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1999, pp. 237-265.

GUIMARÃES, J. Vieira, *Marrocos e Três Mestres da Ordem de Cristo*, Lisboa, Academia das Sciências de Lisboa, 1916.

GRAVE, Lígia; BAÍA, Pedro; CRUZ, Sérgio Braga da, "Arzilla – A gravura incompleta de Georg Braun. Apontamentos para o entendimento do processo de ocupação portuguesa no século XVI", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa / Braga, Centro de História de Além-Mar / Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2011, pp. 213-220.

HALBARTSCHLAGER, Franz, "«Bombardeiros e Comerciantes» Dois exemplos pela colaboração dos alemães na expansão portuguesa no ultramar durante a época de D. João III", in *D. João III e o Império - Actas do Congresso Internacional comemorativo do seu nascimento*, Lisboa, CHAM/CEPCEP, 2004, pp. 661-682.

HESPANHA, António Manuel, "Fundamentos antropológicos da família de Antigo Regime: os sentimentos familiares", in *História de Portugal - Vol. IV – O Antigo*

Regime (1620-1807), José Mattoso (Dir.), Lisboa, Editorial Estampa, 1993, pp. 273-279;

- "A família", in *História de Portugal Moderno, político e institucional*, Lisboa, Universidade Aberta, 1995, pp. 99-119;

- "Carne de uma só Carne. Para uma Compreensão dos Fundamentos Histórico-Antropológicos da Família na Época Moderna", in *Análise Social*, Vol. XXVIII, Nº 123-124, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 1993, pp. 951- 973;

- "Introdução", in *Nova História Militar de Portugal*, Vol. II, Manuel Themudo Barata & Nuno Severiano Teixeira (Dirs.), Lisboa, Circulo de Leitores, 2004, pp. 9-33;

- "A Administração Militar", in *Nova História Militar de Portugal*, Vol. II, Manuel Themudo Barata & Nuno Severiano Teixeira (Dirs.), Lisboa, Circulo de Leitores, 2004, pp. 169-176.

HENRIQUES, Rui Jorge Ferreira, *"Quão grande trabalho é viver!" António Leite – circuitos da nobreza portuguesa no sul de Marrocos (1513-1549)*, dissertação de mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos apresentada à Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2012;

- "Os capitães de Azamor e Mazagão (1513-1541). Les capitaines d'Azemmour et de Mazagan (1513-1541)", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, Maria Augusta Lima Cruz & André Teixeira (coord.), Lisboa / Guimarães, CHAM / Lab2PT, 2021, pp. 573-594.

HITA RUIZ, J. M., y VILLADA PAREDES, Fernando, "Entre el Islam y la Cristiandad: cerámicas del siglo XV en Ceuta. Avance preliminar", in *Cerámicas islámicas y cristianas a fines de la Edad Media. Influencias e intercambios*, Granada, Museo de Ceuta, 2003, pp. 367-405.

HUMBLE, Susannah Charlton, "O fardo do patrocínio real: o caso do conde de Tarouca, mordomo-mor da Casa Real", in *A Alta Nobreza e a Fundação do Estado da Índia. Actas do Colóquio Internacional*, João Paulo Oliveira e Costa & Vítor Luís Gaspar Rodrigues (coord.), Lisboa, CHAM/IICT, 2004, pp. 101-108.

INGRÊS, André Filipe Serra, *O Projecto da Graciosa: Construção e Demonstração de um sonho expansionista no Norte de África*, dissertação de mestrado em História. Especialização em História Moderna e dos Descobrimentos, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2021.

JUNQUEIRA, Clara, "Marrocos na política da expansão portuguesa (1481-1578)", in *História de Portugal*, José Hermano Saraiva (Dir.), Vol. VI, Lisboa, Alfa, 1988, pp. 93-126.

JUSTEN, Helga Maria, *Valentim Fernandes e a Literatura de Viagens*, dissertação de mestrado em Estudos Portugueses apresentada à Universidade Aberta, Lisboa, 1999.

KAFAS, Samir, "Taroudant (al-Muḥammadiyya), capitale du Souss et ville fortifiée aux XVIème-XVIIème siècles", in *Hespéris-Tamuda*, Nº LVI (2), 2021, pp. 337-373.

KARRA, Azzedine, *Cidade Portuguesa de Mazagão – El Jadida*, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), 2005;

- "A Cidade Portuguesa de Mazagão – Medidas de Protecção e Gestão", in *Reunião Internacional Sobre Património Mundial de origem Portuguesa*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 2006, s/p;

- "Note sur les ruines de la cathédral Portugaise de Safi", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, Maria Augusta Lima Cruz & Rui Manuel Loureiro (coord.), Lagos, Câmara Municipal de Lagos, 2010, pp. 85-96;

- "A intervenção portuguesa na zona rural de Duquela (Marrocos): o caso de algumas aldeias fortificadas. L'intervention portugaise dans la campagne de Doukkala (Maroc): cas de quelques villages fortifiés", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos*

e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles), Vol. I – Estudos, Maria Augusta Lima Cruz & André Teixeira (coord.), Lisboa / Guimarães, CHAM / Lab2PT, 2021, pp. 113-123.

KARRA, Azzeddine & TEIXEIRA, André, "Fouilles archéologiques à Azemmour (2008): Questions historiques et premières constatations", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa / Braga, Centro de História de Além-Mar / Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2011, pp. 177-198.

LACERDA, Teresa, *Os Capitães das Armadas da Índia no reinado de D. Manuel I – Uma análise Social*, dissertação de mestrado em História e Arqueologia da Expansão e dos Descobrimentos Portugueses apresentada à Universidade Nova de Lisboa, 2006;

- "D. João de Meneses. Um retrato da Nobreza Portuguesa em Marrocos", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, Maria Augusta Lima Cruz & Rui Manuel Loureiro (coord.), Lagos, Câmara Municipal de Lagos, 2010, pp. 117-140.

LAGARTO, Maria, "Mazagão", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 716-718.

LARA MARTÍNEZ, Laura & LARA MARTÍNEZ, María, "Descripción general de África y origen del nombre del continente según León el Africano y Luis del Mármol Carvajal", in *Archivo de la Frontera: Banco de recursos históricos*, (On line), Disponível em http://www.archivodelafrontera.com/clasicos-minimos/descripcion-general-de-africa-y-origen-del-nombre-del-continente-segun-leon-el-africano-y-luis-del-marmol-carvajal/

LÁZARO, António Manuel, "A presença portuguesa nas imediações do rio dos Sáveis: Aguz. La présence portugaise dans les environs du fleuve des Aloses: Agûz", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, Maria

Augusta Lima Cruz & André Teixeira (coord.), Lisboa / Guimarães, CHAM / Lab2PT, 2021, pp. 125-168.

LETAN, Robert, *Azzemour et Mazagan – Deux places fortifies marocaines au XVI Siècle*, Association des Auteures Autoédités, Paris, 1996.

LEITE, Duarte, *História dos Descobrimentos*, Vol. I, Vitorino Magalhães Godinho (org.), Lisboa, Edições Cosmos, 1958.

LIMA, Durval Pires de, *História da Dominação Portuguêsa em Çafim (1506 – 1542)*, Lisboa, Imprensa Lucas & C.ª, 1930;

- *Azamor - os precedentes da conquista e a expedição do duque Dom Jaime*, Lisboa, 1931;

- *Portugal em África*, Parte I, Lisboa, 1931.

LISBOA, João Luís, "Africano, Leão", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 30.

LOPES, Ana, *(A)cerca de Azamor. Estruturas militares ao manuelino*, dissertação de mestrado em História da Arquitectura apresentada à Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, Braga, 2009.

LOPES, Ana, & CORREIA, Jorge, "Mascate, cidade ou território: para uma interpretação da sua defesa ao tempo português", in *Revista de História da Arte – Cidade (In)Defesa / Defence(less) city*, Nº 13, Margarida Tavares da Conceição & Renata Malcher Araújo (eds.), Lisboa, Instituto de História da Arte, 2018, pp. 68-89.

LOPES, David, *História de Arzila durante o domínio português (1471-1550 e 1577-1589)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924;

- "Os Portugueses em Marrocos: Ceuta e Tânger", in *História de Portugal*, Damião Peres (Dir.), Vol. III, Barcelos, Portucalense Editora, 1931, pp. 385-432;

- "Os Portugueses em Marrocos no tempo de D. Afonso V e de D. João II", in *História de Portugal*, Damião Peres (Dir.), Vol. III, Barcelos, Portucalense Editora, 1931, pp. 433-452;

- "Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel", in *História de Portugal*, Damião Peres (Dir.), Vol. III, Barcelos, Portucalense Editora, 1931, pp. 453-544;

- "A Expansão em Marrocos", in *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, António Baião; Hernani Cidade; Manuel Múrias (Dirs.), Volume I, Lisboa, Editorial Ática, 1937, pp. 131-192;

- "Les Portugais au Maroc", in *Revue d'Histoire Moderne*, Tomo XIV, Nº 29, Paris, Librairie Félix Alcan, 1939, pp. 337-368;

- "Cousas Luso-Marroquinas – Notas filológicas sobre particularidades vocabulares do português das praças de África", in *Boletim de Filologia*, Vol. VII, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1940-1944, pp. 245-259;

- *A Expansão em Marrocos*, Lisboa, Teorema, 1989.

LOPES, Francisco Fernandes,"Azambuja, Diogo de", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. I, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, pp. 261-262.

LOPES, Marília Simões, "Góis, Damião de", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses,* Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 464-467.

LUGAN, Bernard, *Histoire du Maroc*, Paris, Critérion, 2000.

LUZ, Francisco Mendes da, "Arguim", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. I, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, p. 182.

MACHADO, João Pedro, "Leão, Duarte Nunes de", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. III, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, pp. 443-444;

- "Mariz, Pedro de", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. IV, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, p. 201.

MADAHIL, António Gomes da Rocha, (intr. e notas), *Tratado da vida e martírio dos Cinco Mártires de Marrocos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928;

MAGALHÃES, Alfredo Coelho de, "A tragédia do Infante Santo", in *Chronica d'El-Rei D. Duarte*, Porto, Edição da Renascença Portuguesa, 1914, pp. 41-66;

- "O Norte de África", in *História de Portugal, Vol. 3 – No Alvorecer da Modernidade*, José Mattoso (Dir.), Lisboa, Editorial Estampa, 1993, p. 48;

- "A Guerra: os Homens e as Armas", in *História de Portugal, Vol. 3 – No Alvorecer da Modernidade*, José Mattoso (Dir.), Lisboa, Editorial Estampa, 1993, pp. 105-109;

- "Em torno da crónica de D. João III por Francisco de Andrade", in *D. João III e o Império - Actas do Congresso Internacional comemorativo do seu nascimento*, Roberto Carneiro (Dirs.), Lisboa, CHAM / CEPCEP, 2004, pp. 140-141;

- *O Algarve na Época Moderna*. *Miúnças: 2*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012;

MANSO, Visconde de Paiva, *História Eclesiástica Ultramarina. África Setentrional: Bispado de Ceuta, Tânger, Safim e Marrocos*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1872.

MANSOURI, Otmane & ZINEB, Awad Belcadi, "L' image des Portugais dans l' historiographie marocaine à l' époque moderne", *D' Aquém, D' Além e D' Ultramar.*

Homenagem a António Dias Farinha, Vol. I, Francisco Contente Domingues; José da Silva Horta; Paulo David Vicente (org.), Lisboa, Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2015, pp. 567-588.

MARINHO, Elby Aguiar, *Imaginário e experiência no Esmeraldo de Situ Orbis de Duarte Pacheco Pereira (séculos XV-XVI)*, dissertação de mestrado em História apresentada à Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

MARQUES, A. H. Oliveira, "A Expansão no Atlântico", in *Nova História da Expansão Portuguesa - Vol. II - A Expansão Quatrocentista*, Joel Serrão & A. H. Oliveira Marques (Dirs.), Lisboa, Editorial Estampa, 1998, pp. 11-233;

- "Ceuta", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. II, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, pp. 46-47.

MARQUES, Alfredo Pinheiro, *A Cartografia Portuguesa e a construção da imagem do Mundo*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1001;

- "Reinel, Pedro e Jorge", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 940-941;

- "Resende, Garcia de", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 943-944.

MARQUES, João Francisco, "Os Mártires de Marrocos e Raimundo Lulo e a evangelização portuguesa no Norte de África até ao século XVI", in *Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a sua época – Vol. V – Espiritualidade e Evangelização*, Porto, Universidade do Porto / Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1989, pp. 343-368.

MARQUES, João Martins da Silva (publ.), *Descobrimentos Portugueses*, 3 Vols., Lisboa, Edição do Instituto de Alta Cultura, 1944-1971.

MARTINS, António Coimbra, "«O Primeiro Soldado Prático» de Diogo do Couto", in *História e Antologia da Literatura Portuguesa – Século XVI,* Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, pp. 19-24.

MATTOSO, José, "Antecedentes medievais da Expansão Portuguesa", in *História da Expansão Portuguesa – Volume I - A Formação do Império (1415 – 1570),* Lisboa, Círculo dos Leitores, 1998, pp. 12-25.

MATOS, José Manuel Barros, *A Fortaleza de Mazagão. Bases para uma proposta de recuperação e valorização*, dissertação de mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico, apresentado à Universidade de Évora, Évora, 2001;

- *Do mar contra terra. Mazagão, Ceuta e Diu, primeiras fortalezas abaluartadas da expansão portuguesa. Estudo arquitectónico*, tese de doutoramento em Teoría y Práctica de la Rehabilitacíon Arquitectónica y Urbana apresentada à Escuela Técnica Superior de Arquitectura da Universidad de Sevilla, 2012;

- "A fortaleza de Mazagão e a porta do mar", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa / Braga, Centro de História de Além-Mar / Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2011, pp. 221-228;

- "As fortalezas abaluartadas de Mazagão, Ceuta e Diu. Implantação e relação com o território", in *XVII Jornadas de Historia de Ceuta – Portugal y el Norte de África. Historias d'aquem e d'alem-mar*, Ceuta, Instituto de Estudios Ceutíes, 2016, pp. 45-53.

MAURO, Alessandra, "Ósório, Jerónimo", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses,* Vol. II, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 839-840.

MELLO, João Mascarenhas de, *O Combate da Campina entre Melos e Pessanhas – Cenas da vida algarvia do século XVI. Genealogias*, Edição do autor, 1942.

MENDES, Ana Carolina Rocha, *O castelo novo de Tânger: resgate da arquitectura militar portuguesa entre os séculos XV e XVII*, dissertação de mestrado apresentada à Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, Braga, 2017.

MENDES, António de Almeida, "Portugal e o tráfego de escravos na primeira metade do séc. XVI", in *AFRICANA STUDIA*, Nº 7, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, pp. 13-30.

MENDONÇA, Manuela, "D. João II e o seu tempo", in *História de Portugal – Portugal Medieval (II) Os Descobrimentos (I)*, Vol. V, João Medina (Dir.), Lisboa, Ediclube, s/d, pp. 451- 477;

- "O estatuto de cavaleiro no início do séc. XVI – Significado social da participação nos feitos bélicos no Norte de África", in *XII Colóquio "Laços Histórico Militares Luso Magrebinos. Perspectivas de Valorização"*, Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar, 2003, pp. 451-487.

MICAEL, Cristina Marina Vieira Carvalho, *O sal no estuário do Tejo. Plataformas de transporte e estrutura comercial (séculos XIV – XVI)*, dissertação de mestrado em História Marítima apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

MIGUEL, Carlos Frederico Montenegro de Sousa, "Baião, José Pereira", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. I, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, p. 273.

MIGUEL, M. Ângela Montenegro, "Resende, Garcia de", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. V, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, p. 306.

MONTEIRO, João Gouveia, "Cavalaria montada, cavalaria desmontada e infantaria – Para uma compreensão global do problema militar nas vésperas da expansão portuguesa", in *Revista de História das Ideias*, Nº 14, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1992, pp. 143-194;

- *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998;

- *Os Castelos Portugueses dos Finais da Idade Média. Presença, Perfil, Conservação, Vigilância e Comando*, Coimbra, Colibri / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1999.

MONTEIRO, João Gouveia & SILVA, Vasco J. Rosa da, "A vivência da guerra no Outono da Idade Média", in *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 5, Manuel Themudo Barata & Nuno Severiano Teixeira (Dirs.), Lisboa, Círculo dos Leitores, 2004, pp. 12-44;

- "A Campanha Militar de Ceuta (1415) Revisitada", in *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, Nº 17, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017, pp. 63-78.

MONTEIRO, João Gouveia & COSTA, António Martins, *1415 – A Conquista de Ceuta*, Lisboa, Manuscrito, 2015.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo, "Os sistemas familiares", in *História de Portugal - Vol. IV - O Antigo Regime (1620-1807)*, José Mattoso (Dir.), Lisboa, Editorial Estampa, 1993, pp. 279-285;

MOREIRA, Fernando Alberto Torres, "Góis e Osório, cronistas de D. Manuel I", in *Damião de Góis na Europa do Renascimento - Actas do Congresso Internacional*, Braga, Universidade Católica de Braga, 2003, pp. 419-430.

MOREIRA, Hugo Daniel Rocha Gomes da Silva, *A Campanha Militar de Tânger (1433-1437)*, dissertação de mestrado em História Medieval e do Renascimento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2009.

MOREIRA, Rafael (Dir.), *Portugal no Mundo: História das fortificações Portuguesas no Mundo*, Lisboa, Publicações Alfa, 1989.

- "A época manuelina", in *Portugal no Mundo: História das fortificações Portuguesas no Mundo*, Rafael Moreira (Dir.), Lisboa, Publicações Alfa, 1989, pp. 91-142;

- "A arte da guerra no Renascimento", in *Portugal no Mundo: História das fortificações Portuguesas no Mundo*, Rafael Moreira (Dir.), Lisboa, Publicações Alfa, 1989, pp. 143-158;

- *A Construção de Mazagão. Cartas inéditas 1541-1542*, Lisboa, IPPAR/CPML, 2001;

- "História – Histoire", in *Arzila, Torre de Menagem – Le Donjon d'Asilah*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1995;

- "O tesouro de Mazagão. Le trésor de Mazagan", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, Maria Augusta Lima Cruz & André Teixeira (coord.), Lisboa / Guimarães, CHAM / Lab2PT, 2021, pp. 359-375.

MORENO, Humberto Baquero, *A Batalha de Alfarrobeira - Antecedentes e Significado Histórico*, 2 Vols., Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1979.

MOTA, Avelino Teixeira da, "O Noroeste Africano na Cartografia Portuguesa Antiga", in *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, Nº 9, Bissau, 1949, pp. 173-199;

- "Nota sobre os vestígios portugueses na Cartografia francesa do noroeste africano nos séculos XVII e XVIII", in *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, Nº 14, Bissau, 1949, pp. 273-287;

- "Duarte Pacheco Pereira, capitão e governador de S. Jorge da Mina", in *Mare Liberum*, Vol. I, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1990, pp. 1-27;

- "Mina, Castelo de S. Jorge da", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. IV, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, pp. 302-304.

NADIR, Mohamed, *Santa Cruz do Cabo de Guer (Agadir) e a região de Sus. Presença Portuguesa (1505-1541)*, dissertação de mestrado em História da Expansão Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2004.

NASCIMENTO, Paulo, "Aguiar, Jorge de*",* in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 30-31.

NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa, *Os privilégios e os abusos da nobreza em um período de transição: o reinado de D. Afonso V em Portugal (1448-1481)*, tese de doutoramento em História apresentada à Universidade Federal do Pananá, Curitiba, 2005;

- "O martírio do Infante Santo e a Expansão Portuguesa (século XV)", in *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, Julho 2011, pp. 1-10;

- "Um perfil de fidalguia: Elementos para o estudo da estrutura nobiliárquica portuguesa no século XV", in *Notandum*, Nº 32, Porto, CEMOrOC-Feusp / IJI-Universidade do Porto, 2013, pp. 125-149.

NIMER, Miguel, *Influências Orientais na Língua Portuguesa: os vocábulos árabes, arabizados, persas e turcos: etimologia, aplicações analíticas*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

NUNES, Maria Teresa Alvarez, "Ceuta", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 235-236.

OJEDA-MATA, Maite, "Jews under Islam in early modern Morocco in travel Chronicles", in *Jewish Culture and History*, Vol. 21, Nº 2, pp. 104-130 (On line) Disponível em: https://doi.org/10.1080/1462169X.2020.1739888

OLIVAL, Fernanda, "Norte de África ou Índia? Ordens Militares e serviços (século XVI)", in *As Ordens Militares e as Ordens de Cavalaria na construção do Mundo Ocidental - Actas do IV Encontro sobre Ordens Militares*, Lisboa, Colibri / Câmara Municipal de Palmela, 2005, pp. 769-795.

OLIVEIRA, Francisco X. d' Athaíde, *A Monografia de Alvôr*, Porto, Livraria Figueirinhas Editota, 1907.

OLIVEIRA, Luís Filipe, "A expansão quatrocentista portuguesa: um processo de recomposição social da nobreza", in *1383-1385 e a Crise Geral dos Séculos XIV-XV – Actas das Jornadas de História Medieval*, Lisboa, História e Crítica, 1985;

- *A Casa dos Coutinhos: Linhagem, Espaço e Poder (1360-1452)*, Cascais, Patrimonia, 1999.

OLIVEIRA, Luís Filipe & RODRIGUES, Miguel Jasmim, "Um processo de reestruturação do domínio social da nobreza. A titulação da 2.ª dinastia" in *Revista de História Económica e Social*, Nº 22, Lisboa, Sá da Costa, 1989, pp. 77-114.

OLIVEIRA, Luís Filipe & FERNANDES, Isabel Cristina, "A conquista de Ceuta e o caminho de Jerusalém: acerca de um horizonte perdido", in *XVII Jornadas de Historia de Ceuta – Portugal y el Norte de África. Historias d'aquem e d'alem-mar*, Ceuta, Instituto de Estudios Ceutíes, 2016, pp. 27-43.

OLIVEIRA, Vânia; PREGO, Marta Mota; SILVA, Joana Rocha, "Mazagão: cidade quase ideal", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa / Braga, Centro de História de Além-Mar / Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2011, pp. 229-234.

OSÓRIO, Baltazar, *Ceuta e a Capitania de D. Pedro de Meneses, 1415-1437*, Lisboa, Academia de Ciências de Lisboa – Comissão dos centenários de Ceuta e Albuquerque, 1933.

PACHECO, Milton Pedro Dias, "Os proto-mártires de Marrocos da Ordem de São Francisco «muy suave odor de sancto martyrio»", in *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Ano VIII, Nº 15, Paulo Mendes Pinto & Alfredo Teixeira (Dirs.), Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2009, pp. 85-108.

PAULA, Frederico Mendes, *Portugal em Marrocos. Olhar sobre um património comum*, Lisboa, Argumentum, 2016;

- *Histórias de Portugal em Marrocos*, Lisboa, Argumentum, 2019.

PEDROSA, Fernando, "A Artilharia Naval Portuguesa no Séc. XVI", in *Actas do XXIV Congresso Internacional de História Militar*, Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar, 1998, pp. 329-334.

PEDREIRA, Jorge, "Gibraltar, Estreito de", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 461-463.

PEREIRA, João Cordeiro, "A estrutura social e o seu devir", in *Nova Historia de Portugal* - Vol. V - Portugal do Renascimento à Crise Dinástica, Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques (Dirs.), Lisboa, Editorial Presença, 1998, pp. 277-283.

PEREIRA, José António Rodrigues, "Actividades Marítimas no Reinado de D. João II", in *Viagens e Operações Navais 1139-1499*, José António Rodrigues Pereira (coord.), Lisboa, Academia de Marinha, 2020, pp. 223-262;

PEREIRA, Isaías da Rosa, "Achegas para a História do comércio entre Lisboa e o Norte de África nos meados do século XVI", in *Presença de Portugal no Mundo (Actas do Colóquio)*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, MCMLXXXII.

PERES, Damião, *Conquista de Azamor pelo Duque de Bragança D. Jaime e 1513. Seguida duma nota Explicativa dos Três Painéis, que, Sobre o Assunto, Ornam a Escadaria do Paço Ducal de Vila Viçosa*, Vila Viçosa, Fundação da Casa de Bragança, 1951.

PÉREZ GARCÍA, Rafael M., *El tráfico de personas entre Ceuta y la Península Ibérica en el siglo XVI: esclavos africanos y cautivos europeos*, Ceuta, Instituto de Estudios Ceutíes, 2022.

PÉRIALE, Marise, *Promenade a travers l'histoire et les vestiges de la domination portugaise au Maroc*, Lisboa, I Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo, 1938;

- *Maroc Lusitanien 1415-1769*, Paris, Editions de la revue des independants, 1938.

PESSANHA, Fernando, "1562 – O Triunfo Português no Grande Cerco a Mazagão", in *Jornal Barlavento*, Nº 1807, 10 de Maio de 2012, p. 20;

- *As Guarnições Militares nas Praças Portuguesas da Região da Duquela, no Algarve Dalém-mar*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, Faro, 2012;

- "23 de Abril de 1515 – O Ataque dos Portugueses a Marraquexe", in *Jornal do Algarve*, Nº2873, 19 de Abril de 2012, p. 19;

- *Os 500 Anos da Fundação de Arenilha – Memórias de uma «vileta» nascida no decurso da Expansão Portuguesa*, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, Maio de 2014;

- "Os mouriscos nos Algarves portugueses – uma perspectiva generalista sobre uma minoria étnica", in *Congreso Internacional Los Descendientes Andalusíes "Moriscos" en Marruecos, España y Portugal*, Tânger, Fundación al-Idrisi Hispano Marroquí para la investigación Histórica, Arqueológica y Arquitectónica, 2014, pp. 245-254;

- *Subsídios para a História do Baixo Guadiana e dos Algarves Daquém e Dalém-mar*, Olhão, Edições Mandil, 2014;

- "V centenário da fundação de Santo António de Arenilha e a sua relação com Ayamonte", in *Jornadas de Historia de la muy noble y leal ciudad de Ayamonte*, Vol. XVIII, Ayamonte, Ayuntamiento de Ayamonte, 2014, pp. 77-95;

- "Nuno Fernandes de Ataíde – Alcaide-mor de Alvor e capitão de Safim", in *Jornal do Baixo Guadiana*, Nº 178, Abril de 2015, p. 21;

- "Os 500 anos do ataque português a Marraquexe e a acção do capitão Nuno Fernandes de Ataíde", in *Jornal do Algarve*, Nº 3030, 23 de Abril de 2015, p. 21;

- "Nuno Fernandes de Ataíde, Alcaide-mor de Alvor e Capitão de Safim, comandou o ataque português a Marraquexe, há exactamente 500 anos", in *Jornal Barlavento*, Nº 1955, 23 de Abril de 2015, p. 12;

- "Ayamonte na Expansão Portuguesa para o Norte de África", in *Jornadas de História de la muy noble y leal ciudad de Ayamonte*, Vol. XXI, Ayamonte, Ayuntamiento de Ayamonte, 2017, pp. 111-179;

- "Nuno Fernandes de Ataíde, «*o que nunca está quedo*» - De alcaide de Alvor a capitão e governador de Safim", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XXXIX, Faro, Câmara Municipal de Faro, 2017, pp. 43-59;

- "D. Fernando de Meneses, capitão de Ceuta e 1º Conde de Alcoutim: exemplo da relação entre os serviços no Norte de África e a atribuição de títulos nobiliárquicos", in *XIX Jornadas de Historia de Ceuta – La dimensión humana. Biografías en Ceuta, el Norte de África y el Estrecho de Gibraltar*, Ceuta, Instituto de Estudios Ceutíes, 2017, pp. 27-62;

- *D. Fernando de Meneses – Capitão de Ceuta, 1º Conde de Alcoutim e 2º Marquês de Vila Real*, Olhão, Gente Singular, 2019;

- "Ataques da pirataria à foz do Guadiana e a acção de António Leite, alcaide-mor de Arenilha", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XL, Faro, Câmara Municipal de Faro, 2018, pp. 63-94;

- "Cristóvão de Mendonça, navegador no oriente e capitão de Ormuz – um desconhecido comendador de Arenilha", in *e-Strategica - Revista da Associação Ibérica de História militar (séculos IV-XVI). Revista de la Asociación Ibérica de Historia Militar (siglos IV-XVI)*, Nº 2, Francisco García Fitz (Dir.), Chernache / Cáceres, 2018, pp. 165-203;

- "A Andaluzia na Expansão Portuguesa em Marrocos: Espaço de mobilidade e oportunidade nos alvores da Idade Moderna", in *Movilidad, interacciones y espacios de oportunidade entre castilla y Portugal en la Edad Moderna*, Manuel F. Fernández Chaves & Rafael M. Pérez García (coords.), Sevilla, Universidad de Sevilla, 2019, pp. 209-229;

- "Rui Barreto: a capitania do alcaide-mor de Faro em Azamor", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLI, Faro, Câmara Municipal de Faro, 2019, pp. 63-44;

- "A Pirataria na foz do Guadiana na primeira metade do séc. XVI", in *Jornadas de Historia de la muy noble y leal ciudad de Ayamonte*, Vol. XXIII, Ayamonte, Ayuntamiento de Ayamonte, 2019, pp. 72-93;

- "A conquista e destruição de Anafé (Casablanca) pelo Infante D. Fernando (1468) – Considerações sobre uma pouco conhecida operação anfíbia", in *Revista de Historia da Sociedade e da Cultura*, Nº19, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019, pp. 97-123;

- "A Pirataria no extremo sudeste algarvio, nos alvores da Idade Moderna", in *Academia de Marinha. Memórias 2019*, Vol. XLIX, Lisboa, Academia de Marinha, 2019, pp. 445-472;

- "A venda de escravos mouriscos/berberiscos em Arenilha, na foz do Guadiana. Século XVI", in *La esclavitud en el sur de la península Ibérica. Siglos XV al XVII*,

Rafael M. Pérez García & Manuel F. Fernández Chaves (coords.), Madrid, Catarata, 2021, pp. 264-282;

- "O adail Lopo Barriga e a expedição contra o castelo de Amagor", in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3366, 30 de Setembro de 2021, p. 6;

- "Garcia de Melo - Bellator da Expansão Portuguesa nos Algarves de Aquém e de Além-mar", in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3392, 30 de Março de 2022, p. 13;

- "O corso e a pirataria no golfo luso-hispano-marroquino: da conquista de Ceuta (1415) à morte de D. Manuel (1521)", in *Revista Portuguesa de História Militar – Dossier: Da fundação à Expansão (séculos XII-XVI)*, Nº 2, Ano II, Lisboa, ISSN 2795-4323, Junho de 2022, https://doi.org/10.56092/WPEY6057

- "O corso francês no Mar das Éguas: o caso dos ataques aos mareantes de Faro, em 1538", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLIV, Faro, Câmara Municipal de Faro, 2022, pp. 175-208;

- "D. Fernando de Noronha: 2.º capitão da Ceuta portuguesa", in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3400, 26 de Maio de 2022, p. 7;

- "O cavaleiro D. Garcia de Eça, «*chamarãolhe de alcunha o Suleima, servio em Affrica…*»", in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3409, 28 de Julho de 2022, p. 3;

- "Álvaro de Ataíde, guerreiro do século XV e alcaide-mor de Alvor", in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3413, 25 de Agosto de 2022, p. 9;

- "O cavaleiro D. Rodrigo de Noronha: «*o aravia*» de Safim, nos Algarves de Além-mar, in *Jornal do Algarve Magazine*, Nº 3445, 6 de Abril de 2023, p. 7.

PINHEIRO, Magda, "A biografia em Portugal – uma agenda", in *Ler História*, Nº 50, 2006, pp. 67-80.

PINHO, Sebastião Tavares de, "D. Jerónimo Osório, «o Cícero Português» e bispo do Algarve", in *O Algarve da Antiguidade aos nossos dias: elementos para a sua história*, Maria da Graça Maia Marques (coord.), Lisboa, Colibri, 1999, pp. 219-223.

PINTASILGO, Joaquim, "Fernandes, Valentim", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 411-412;

- "Zurara, Gomes Eanes de", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 1096-1097.

PINTO, António Guimarães, "Damião de Góis e D. Jerónimo Osório: a *Crónica de D. Manuel* e o *De rebus Emmanuelis gestis*", in *Damião de Góis na Europa do Renascimento - Actas do Congresso Internacional*, Braga, Universidade Católica de Braga, 2003, pp. 307-348.

PINTO, Paulo Jorge Pinto, "O *Esmeraldo de Situ Orbis*, de Duarte Pacheco Pereira – uma abordagem económica", in *Vértice*, Nº 9, II série, 1988, pp. 35-40.

PINTO, Pedro, "Índice Analítico das Cartas dos Governadores de África na Torre do Tombo", in *Anais da História de Além-Mar*, Vol. XI, 2010, pp. 249-380.

PINTO, Vítor Manuel da Silva Viana, *De Olhar atento e Ouvidos à escuta… A espionagem militar na cronística portuguesa de Quatrocentos: Fernão Lopes e Gomes Eanes de Zurara*, dissertação de mestrado em História Militar apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2015.

PIRES, Pedro, "O sal e as pescas na economia da raia algarvia", in *Promontoria – Revista de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, Ano 13, Nº 13, Faro, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, 2020-2021, pp. 91-116.

PISSARRA, José Virgílio Amaro, "Vasco Fernandes César, capitão da Armada do Estreito", in *A Guerra Naval no Norte de África (séculos XV – XIX)*, Lisboa, Edições Culturais da Marinha, 2003, pp. 139-156;

- "A Conquista de Ceuta (1415)", in *Viagens e Operações Navais 1139-1499*, José António Rodrigues Pereira (coord.), Lisboa, Academia de Marinha, 2020, pp. 113-126.

RACINE, Mathew T., "Service and Honor in sixteenth-century portuguese North Africa: Yahya-u-Tafuft and portuguese noble culture", in *The Sixteenth Century Journal*, Nº 32, Santa Barbara, University of California, 2001, pp. 67-90;

- *A most opulent Iliad. The Portuguese occupation of Southern Morocco (1505-1542): the fortune of a frontier society*, Santa Barbara, University of California, 2003.

RADULET, Carmen, "Pina, Rui de", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 903-904.

RASQUILHO, Rui, "Vestígios portugueses em Marrocos", in *Portugal e o Mundo: o futuro do passado – 3. Marrocos*, Lisboa, Centro Nacional de Cultura, 2008.

REBELO, António Manuel Ribeiro, "O verdadeiro carácter de D. Fernando, o Infante Santo", in *Humanitas*, Nº 58, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Nº 58, 2006, pp. 199-227.

REIS, Maria de Fátima, *Campanhas do Norte de África*, Lisboa, QuidNovi, 2006.

RESENDE, Vasco, "Os Portugueses em Marrocos e a guerra no mar no princípio do século XVI", in *A Guerra Naval no Norte de África (séculos XV – XIX)*, Lisboa, Edições Culturais da Marinha, 2003, pp. 101-116;

- *A Sociedade da Expansão na época de D. Manuel I: mobilidade, hierarquia e poder entre o Reino, o Norte de África e o Oriente*, Lagos, Câmara Municipal de Lagos, 2006;

- "Barberousse et les portugais: la course barbaresque vue des places luso-marocaines et d'ailleurs", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa / Braga, Centro de História de Além-Mar / Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2011, pp. 359-365.

RIBAS, Rogério de Oliveira, "«Cide Abdella»: um marabuto na corte de D. João III" in *D. João III e o Império. Actas do Congresso Internacional comemorativo do seu nascimento*, Artur Teodoro de Matos e Roberto Carneiro (coord.), Lisboa, CHAM/CEPCEP, 2004, pp. 621-626;

- "Mouriscos cavaleiros e mouriscos de bens no império português", in *D' Aquém, D' Além e D' Ultramar. Homenagem a António Dias Farinha*, Vol. I, Francisco Contente Domingues; José da Silva Horta; Paulo David Vicente (org.), Lisboa, Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2015, pp. 607-615.

RIBEIRO, Madalena Ribeiro, "O conde D. Henrique de Meneses, capitão de Alcácer Ceguer e Arzila", in *A Nobreza e a Expansão – Estudos Biográficos*, Cascais, Patrimonia, 2000, pp. 145-58.

RICARD, Robert, "Les dernières publications portugaises sur l'Histoire du Maroc", in *Hesperis*, Tomo VII, Paris, Librairie Larose, 1927, pp. 33-51;

- "La côte atlantique du Maroc au début du XVI siècle, d'aprés des instructions nautiques portugaises", in *Hesperis,* Tomo VII, Paris, Librairie Larose, 1927, pp. 229-265;

- "Les portugais et le Sahara atlantique", in *Hesperis*, Tomo XI, Paris, Librairie Larose, 1930, pp. 97-110;

- “Notes de bibliographie Luso-Marocaine”, in *Hesperis,* Tomo XVII, Paris, Librairie Larose, 1933, pp. 149-152;

- “Le Commerce de Berbérie et l’Organisation économique de l’Empire Portugais aux XVe e XVIe siècles (avec une note annexe de P. Ricard sur les “hanbels” nord-africains), in *A. I. E. O. – F. L. U. A.*, Paris, 1936;

- “Le transport ao Brésil de la viile portugaise de Mazagan”, in *Hesperis,* Tomo XXIV, Paris, Librairie Larose, 1937, pp. 139-142;

- “Contribution à l’étude du Commerce génois au Maroc durant la période portugaise (1415-1550)”, in *A. I. E. O. – F. L. U. A.*, Paris, 1937;

- *Les Portugais au Maroc de 1495 à 1521 extraits de la Chronique du roi D. Manuel de Portugal, de Damião de Góis*, Rabat, Publications de l’Institut des Hautes Études Marocaines, Tome XXXI, 1937;

- “Les Portugais et l’Afrique du Nord sous le Règne de Jean III (1521-1557) d’après la Chronique de Francisco de Andrade”, in *Hesperis,* Tomo XXIV, Paris, Librairie Larose, 1937, pp. 259-345;

- “La Factorerie portugaise d’Oran (1483-1487)”, in *A. I. E. O. – F. L. U. A.*, Paris. 1939-1941;

- *Les Portugais et l’Afrique du Nord de 1521 à 1557. Extraits des* “*Annales de Jean III*” *de Luís de Sousa,* Lisboa, 1940;

- “Sur les facteurs portugais d’Andalousie”, in *Melages d’études luso-marocains dédiés à la mémoire de David Lopes et Pierre Cénival,* Lisboa, Portugália, 1945, pp. 391-400;

- “Les Facteurs Portugais d’Andalousie (1509-1588)”, in *Les Sources Inédites de l’histoire du Maroc,* Tomo II, seconde partie, Paris, Paul Geuthner, 1946, pp. 564-573;

- “L’Évêché de Safi”, in *Les Sources Inédites de l’histoire du Maroc*, Tomo III, Paris, Paul Geuthner, 1948, pp. 75-82;

- “Les Places Luso-Marocaines et les Iles Portugaises de l’Atlantique”, in *Anais da Academia Portuguesa da História,* Vol. 2, Lisboa, 1949, pp. 401-410;

- “L’évacuation des places portugaises du Maroc sous Jean III”, in *Les Sources Inédites de l’histoire du Maroc*, Tomo IV, Paris, Paul Geuthner, 1951, pp. 335-349;

- *Études sur l’Histoire des Portugais au Maroc,* Coimbra, AUC, 1955;

- “Bastião Vargas agent de Jean III de Portugal au Maroc et le project d‟alliance entre le Portugal et le Royaume de Fés (1539-1541)”, in *Les Sources Inédites de l’histoire du Maroc*, Tomo III, Archives et Bibliothèques de Portugal, Paris, Paul Geuthner, 1948, pp. 176-102;

- *Notes Luso-Marocains*, Tirage à part de Bulletin des Etudes Portugaises, Tomo XXIII, Lisboa, Livraria Bertrand, 1961;

- “Alcácer Ceguer”, in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. I, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, p. 79;

- “Alcácer Quibir”, in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. I, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, pp. 79-80;

- “Arzila”, in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. I, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, p. 216;

- “Azamor”, in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. I, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, pp. 262-263;

- “Duquela”, in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. II, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, p. 344;

- “Fez, Paz de”, in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. II, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, p. 574;

- “Garbia”, in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. III, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, p. 104;

- “Larache”, in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. III, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, pp. 434-435;

- “Marrocos”, in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. IV, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, pp. 204-205;

- “Meça”, in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. IV, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, p. 237;

- “Mouros de Pazes”, in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. IV, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, p. 354;

- “Safim”, in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. V, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, p. 413;

- “Tetuão”, in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. VI, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, pp. 167-168;

- “Xeque, Moâmede Mulei”, in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. VI, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, p. 354;

- “Xerquia”, in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. VI, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, p. 354;

- “Xexuão”, in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. VI, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, pp. 354-355.

RICARD, Robert & FARINHA, António Dias, "Les Documents sur le Maroc dans le Volume IV de "As Gavetas da Torre do Tombo»", in *Stvdia*, Nº 16, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1965, pp. 167-177.

RODRIGUES, Fernando, "Larache", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 585;

- "Xexuão", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 1090.

RODRIGUES, José Damião, "O abastecimento de Mazagão no século XVIII: o papel do Açores, in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa / Braga, Centro de História de Além-Mar / Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2011, pp. 257-264;

- "O eixo insular. Açores e Marrocos: relações sociais e económicas (séculos XV-XVIII). L'axe insulaire. Açores et Maroc: relations sociales et économiques (XVe-XVIIIe siècles)", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, Maria Augusta Lima Cruz & André Teixeira (coord.), Lisboa / Guimarães, CHAM / Lab2PT, 2021, pp. 169-190.

RODRIGUES, José Damião & GALAMA, Maria de Fátima, "Os açorianos em Marrocos no século XVI: o testemunho de Gaspar Frutuoso", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa / Braga, Centro de História de Além-Mar / Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2011, pp. 109-116.

RODRIGUES, Maria Isabel Tavares, *O Códice de Valentim Fernandes: um texto de discursos marcados pela modernidade*, dissertação de mestrado em Estudos Portugueses apresentada à Universidade Aberta, Lisboa, 2000.

RODRIGUES, Miguel Jasmins, "Câmara, João Gonçalves da", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 168-169;

- "Câmara, Rui Gonçalves da", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 169;

- "Câmara, Simão Gonçalves da", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 169-170;

- "Zarco, João Gonçalves", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 1092.

RODRIGUES, Vítor Luís Gaspar, "O «grupo de Cochim» e a oposição a Afonso de Albuquerque", in *Stvdia*, Nº 51, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1992, pp. 119-144;

- "Sebastião Lopes Lobato: de soldado anónimo a Ouvidor-Geral da Índia", in *Mare Liberum*, Nº5, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Julho 1993, pp. 93-100;

- "As companhias de Ordenança no Estado Português da Índia 1510 – 1580 – Ensaios de criação, razões do insucesso", in *Indo-portuguesmente*, Nº 19 / 29, Set. / Dez. 1994, pp. 212-218;

- "A organização militar da «Província do Norte» durante o séc. XVI e princípios do séc. XVII", in *Mare Liberum*, Nº9, Junho de 1995, pp. 147-265;

- "Os capitães-mores da carreira do Japão: o esboço de caracterização sócio-económica", in *Arquipélago*, Nº 1, 2ª Série, Vol. I, Ponta Delgada, 1995, pp. 141-159;

- “A acção reformadora dos Filipes no seio da estrutura militar do Estado da Índia: A persistência do modelo tradicional de organização dos homens de armas (1584-1622) ”, in *Actas do IX Colóquio Os Militares na Sociedade Portuguesa*, 1999, pp. 65-74;

- “Da Goa de Albuquerque à Goa Seiscentista: aspectos da organização militar da capital do «Estado da Índia»”, in *Revista Militar*, Vol. 51 do II século, 1999, pp. 59-93;

- “Organização Militar e Práticas de Guerra dos Portugueses em Marrocos no Século XV, Princípios do Século XVI: sua Importância como Modelo Referencial para a Expansão Portuguesa”, in *Anais de História de Além-Mar*, Nº 2, Lisboa / Ponta Delgada, Centro de História de Além-Mar / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa / Universidade dos Açores, 2001, pp. 157-168;

- “As Companhias de Ordenanças em Marrocos nos reinados de D. Manuel I e D. João III”, in *D. João III e o Império*. Actas do Congresso Internacional Comemorativo do seu Nascimento (Lisboa e Tomar, 4 a 8 de Junho de 2002), Lisboa, CHAM-CEPCEP, 2004, pp. 185-195;

- “As Linhagens Secundárias dos Coutinhos e a Construção do Império Manuelino”, in *A Alta Nobreza e a Fundação do Estado da Índia. Actas do Colóquio Internacional*, João Paulo Oliveira e Costa & Vítor Luís Gaspar Rodrigues (coord.), Lisboa, CHAM/IICT, 2004, pp. 177-80;

- “Techniques et pratiques militaires portugaises au Maroc: adaptations et inovations”, in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa / Braga: Centro de História de Além-Mar / Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2011, pp. 75-82;

- “Portugueses Militar and Naval Innovation in Asia (16º Century), in *Refletions on 500 Years of the Thai-Portuguese Relations*, Bangkok, Centre for European Studies at Chulalongkorn University, 2015, pp. 32-42;

- “A coabitação das armas de propulsão neurobalística e das armas de fogo na primeira fase do processo expansionista português em Marrocos (1415-1458)”, in *e-Strategica - Revista da Associação Ibérica de História militar (séculos IV-XVI). Revista de la Asociación Ibérica de Historia Militar (siglos IV-XVI)*, Nº 1, Francisco García Fitz (Dir.), Chernache / Cáceres, 2017, pp. 39-61;

- “A fortaleza de Cranganor (Kodungallor) sob domínio Português (1507?-1662)”, in *Promontoria – Revista de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, Ano 13, Nº 13, Faro, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, 2020-2021, pp. 189-206;

- “Organização militar e práticas de guerra dos portugueses em Azamor. L’organisation militaire et les pratiques de guerre des portugais à Azemmour”, in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, Maria Augusta Lima Cruz & André Teixeira (coord.), Lisboa / Guimarães, CHAM / Lab2PT, 2021, pp. 539-572.

RODRÍGUEZ GÓMEZ, María Dolores, “La influencia de León el Africano (ss. XV-XVI) en la obra de Luis del Mármol (s. XVI): Descripción de los núcleos de población costeros del Rif”, in *En el epílogo del islam andalusí: la Granada del siglo XV*, Granada, Ciudades Andaluzas bajo el Islam, 2002, pp. 359-396.

- “Do «santo conde» ao mourisco mártir: usos da santidade no contexto da guerra norte-africana (1415-1521)”, Discurso proferido no simpósio internacional *«Novos Mundos – Neue Welten. Portugal e a Época dos Descobrimentos» no Deutsches Historisches Museum*, em Berlim, 23 a 25 de Novembro de 2006, s/p.

ROSA, Maria de Lurdes & AGUIAR, Miguel, “La noblesse dans la frontière nord-africaine (Portugal, 1415-1515): guerre, chevalerie, croisade”, *e-Spania* (En ligne), 31 | octobre 2018, mis en ligne le 15 octobre 2018, consulté le 28 juin 2022. URL : http://journals.openedition.org/e-spania/28615 ; DOI : https://doi.org/10.4000/e-spania.28615

ROSENBERGER, Bernard, "Le Portugal et l'Islam maghrébin (XV-XVI siècle)", in *Histoire Européenne. Actes du Colloque*, Paris, Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, pp. 59-83;

- "Mouriscos et Elches: conversions au Maroc au début du XVIe siècle", in *Relaciones de la Península Ibérica com el Magreb (siglos XIII-XVI)*, Madrid, 1988, pp. 621-664;

- "Yahya U Ta"fuft (1506.1518). Des ambitions déçues", in *Hespéris Tamuda*, Vol. XXXI, Rabat, Faculté des Letres et des Sciences Humaines / Université Mohammed V, 1993, pp. 21-59;

- "Relations entre portugais et musulmanes au Maroc au XVI siècle", in *O Rosto feminino da Expansão portuguesa. Congresso Internacional realizado em Lisboa, Portugal, 21-25 de Novembro de 1994. Actas. Vol. I*, Lisboa, Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres / Presidência do Conselho de Ministros, 1995, pp. 375-386;

- "Aspects du commerce portugais avec le Maroc (XV-XVI siècle)", in *Aquém e Além da Taprobana. Estudos Luso-Orientais à Memória de Jean Aubin e Denys Lombard*, Lisboa, Centro de História de Além-Mar/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa, 2002, pp. 71-84;

- *Le Maroc au XVIème siècle. Au seuil de la modernité*, Casablanca, Fondation des Trois Cultures, 2008;

- "Retour sur la conquête de Safi par le Portugal en 1508", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa / Braga, Centro de História de Além-Mar / Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2011, pp. 83-97;

- "O pão, préoccupation constante dans les places portugaises du Maroc pendant le règne de D. Manuel", in *D' Aquém, D' Além e D' Ultramar. Homenagem a António Dias Farinha*, Vol. I, Francisco Contente Domingues; José da Silva Horta; Paulo David

Vicente (org.), Lisboa, Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2015, pp. 75-94;

- "O Suz na História de Marrocos (finais do século XV – inícios do século XVI). Le Sous dans l'Histoire du Maroc (fin du XVe – début du XVIe siècle)", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, Maria Augusta Lima Cruz & André Teixeira (coord.), Lisboa / Guimarães, CHAM / Lab2PT, 2021, pp. 27-97.

RUAS, Henrique Barrilaro, "D. Afonso V e o seu reinado", in *História de Portugal – Portugal Medieval (II) Os Descobrimentos (I)*, Vol. V, João Medina (Dir.), Lisboa, Ediclube, s/d, pp. 428-451.

SAENS-LOPEZS PEREZ, Sandra, "La carta náutica de 1563 de Mateo Prunes" ("The 1563 Nautical Chart of Mateo Prunes"), in *Ros Togores*, Ana (ed.), Madrid, Piezas del Mês / Museo Naval de Madrid 2003-2005, 2006, pp. 176-192.

SANCHO, Hipólito, *La colonia Portuguesa del Puerto de Santa Maria. Siglo XVI*, Jerez de la Frontera, s/d.;

- "Un foco de cooperación española a la obra portuguesa en África: Jerez de la Frontera y el Puerto de Santa Maria, 1500-1550", separata de *Mauritania*, XXI, Tânger, Mauritania, 1943.

SARMENTO, Alberto Artur, *A Madeira e as Praças de África*, Funchal, 1932.

SEBASTIÃO, Pedro Filipe Fernandes, *Os espingardeiros. Um corpo militar no alvor da Modernidade (1437-1495)*, dissertação de mestrado em História, ramo da Idade Média, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2018.

- "O estudo de um corpo militar: os espingardeiros (c.1437- 1518). Metodologias, abordagens e hipóteses de um projecto de dissertação de mestrado", in *Incipit 7 Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto*, 2018, Porto,

Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto / Biblioteca Digital, 2019, pp. 89-100.

SECO DE LUCENA, Luis, *Marruecos a comienzos del siglo XV, según Abu-l-Abbas Ahmad al-Qalqasandi*, Tetuán, Editora Marroquí, 1951.

SEIXAS, Margarida, "Cativos e resgate em Portugal – Do Direito Medieval ao Direito Moderno. Algumas notas", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa / Braga, Centro de História de Além-Mar / Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2011, pp. 293-310.

SERRÃO, Joel, "Abda", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. I, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, p. 4;

- "Abdalaque, ou Abde Alaque", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. IV, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, p. 4;

- "Abderramão", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. I, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, p. 4.

SUBRAHMANYAM, Sanjay, *A carreira e a lenda de Vasco da Gama*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.

SANCEAU, Elaine, *Os portugueses em Marrocos*, Porto, Livraria Cicilização Editora, 1964.

SANTOS, Ana Maria dos, "A Nobreza e a Expansão no Norte de África (o caso de Ceuta)", in *Omni Tempore. Encontros da Primavera 2014-2015*, Biblioteca Digital da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017, pp. 124-152.

SANTOS, José Alberto Loureiro dos, *Ceuta 1415 – A Conquista*, Lisboa Tribuna da História, 2004.

SANTOS, Catarina Madeira, "Expansión y descubrimientos portugueses: problemática y líneas de investigación", in *Cuadernos de Historia Moderna*, Nº 20, Madrid, Servicio de Publicaciones – Universidad Complutense, 1998, pp. 111-128.

SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos, "A entrada dos Jesuítas em Marrocos no século XVI", in *Melanges d'études luso-marocaines dédiés à la mémoire de David Lopes et Pierre Cénival*, Lisboa, Portugália, 1945, pp. 225-282;

- "A Última Carta do Infante Santo e a Falência do Seu Resgate", in *Anais da Academia Portuguesa da História*, Série II, Vol. 7, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1956, pp. 9-32;

- *D. Duarte e as Responsabilidades de Tânger: 1433-1438*, Lisboa, Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960.

SANTOS, João Marinho dos; NADIR, Mohammed; SILVA, José Manuel Azevedo e, *Santa Cruz do Cabo Gué D'Agoa e Narba: Estudo e Crónica*, Viseu, Palimage & Centro de História da Sociedade e da Cultura, 2007.

SANTOS, João Marinho dos Santos, "Ceuta não foi conquista, mas começo dela", in *Revista Portuguesa de História*, Nº 46, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, pp. 35-46.

SARAIVA, António José, "Zurara", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. VI, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, pp. 358-359.

SARAIVA, António José; LOPES, António, "A evolução da historiografia", in *História e Antologia da Literatura Portuguesa – Século XVI*, Vol. II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenbian,1996, pp. 11-14.

SELVAGEM, Carlos, *Portugal Militar – Compêndio de História Militar e Naval de Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1991.

SILVA, Vasco Jorge Rosa da, *Contributo Para o Estudo da Artilharia no Norte de África. Séculos XV-XVI*, Ermesinde, Edições Ecopy, 2009.

SERRÃO, Joel (coord.) s/d. *Dicionário de História de Portugal*, 9 Vols., Porto, Figueirinhas.

SERRÃO, Joel & MARQUES, Oliveira, *Nova História de Portugal - Vol. V, - Portugal do Renascimento à Crise Dinástica*, Lisboa, Editorial Presença, 1998.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *Cronistas do século XV posteriores a Fernão Lopes*, Lisboa, Bertrand, 1989;

- *História de Portugal*, Vols. II-III, Editorial Verbo, 2001;

- "Góis, Damião de", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. III, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, pp. 123-125.

SOARES, Torquato de Sousa, "Algumas observações sobre a política Marroquina da Monarquia Portuguesa", in *Revista Portuguesa de História*, Tomo X, Coimbra, 1962, pp. 509-555.

SOTTOMAYOR, Pedro, "Mina, feitoria e fortaleza da", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. II, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 738-740.

SOUSA, Armindo de, "A sociedade (estruturas, grupos e motivações)", in *História de Portugal, Vol. 2 – A Monarquia Feudal*, José Mattoso (Dir.), Lisboa, Editorial Estampa, 1993, pp. 391-481;

- "Realizações", in *História de Portugal, Vol. 2 – A Monarquia Feudal*, José Mattoso (Dir.), Lisboa, Editorial Estampa, 1993, pp. 483- 556.

SOUSA, Luís Costa e, *A Arte na Guerra. A Arquitectura dos Campos de Batalha no Portugal de Quinhentos*, Lisboa, Tribuna da História, 2008;

- *Construir e desconstruir a guerra em Portugal 1568-1598*, Lisboa, IESM, 2015;

- "Da teoria militar à prática do campo de batalha: o exército de D. Sebastião na segunda jornada a África de 1578", in *D' Aquém, D' Além e D' Ultramar. Homenagem a António Dias Farinha*, Vol. I, Francisco Contente Domingues; José da Silva Horta; Paulo David Vicente (org.), Lisboa, Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2015, pp. 413-428;

- "Alcácer Quibir", in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. I, Francisco Contente Domingues, (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 2016, pp. 49-51;

- "Revisitar a Batalha de Alcácer Quibir", in *e-Strategica - Revista da Associação Ibérica de História militar (séculos IV-XVI). Revista de la Asociación Ibérica de Historia Militar (siglos IV-XVI)*, Nº 1, Francisco García Fitz (Dir.), Chernache / Cáceres, 2017, pp. 111-159;

- "O caminho de Alcácer Quibir: Plano, marcha e batalha, ou a dinâmica da forma militar", in *e-Strategica - Revista da Associação Ibérica de História militar (séculos IV-XVI). Revista de la Asociación Ibérica de Historia Militar (siglos IV-XVI)*, Nº 2, Francisco García Fitz (Dir.), Chernache / Cáceres, 2018, pp. 49-61;

- "Na outra margem de Alcácer Quibir. A guerra dos sádidas, 1546-1613. On the opposite bank of Ksar El-Kebir. The saadi wars, 1546-1613", in *A Península Ibérica e o Norte de África (séculos XV a XVII). História e Património. The Iberian Peninsula and North Africa (15th to 17th centuries). History and Heritage*, Jorge Correia & André Teixeira (coord.), Lisboa / Braga, CHAM / Lab2PT, 2019, pp. 215-242;

- "A mobilização, recrutamento e guerra durante a monarquia dual (1581-1640), in *O recrutamento no exército português, do Condado Portucalense ao século XXI*, Lisboa, Exército de Portugal, 2020, pp. 151-187.

SOUSA, José António Conceição de, *"Gente" na Expansão portuguesa: gestão de recursos humanos nos séculos XV e XVI*, dissertação de mestrado em História e Arqueologia da Expansão e dos Descobrimentos Portugueses apresentada à Universidade Nova de Lisboa, 2010.

SOUTO, Meyrelles do, "Pedro de Mariz - qual o seu valor historiográfico?", in *Anais da Academia Portuguesa da História*, Série II, Vol. 15, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1965, pp. 252-286;

- *Portugal e Marrocos* (factos e notícias), Lisboa, Agência Federal do Ultramar, 1967;

- "O abandono das Praças do Norte de África", in *Stvdia*, Nº 33, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1971, pp. 251-339.

SILVA, Isabel L. Morgado de Sousa e, *A Ordem de Cristo (1417-1521) - Revista Militarium Ordium Analecta*, Nº 6, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 2002.

SILVA, Josette, "Pisano, Mateus de", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. V, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, p. 102.

SOUSA, Ana Madalena Trigo de, "A feitoria de Safim: subsídios para a História de um entreposto comercial no Magreb (1421-1521)", in *Islenha*, Nº 40, Jorge Pestana (Dir.), Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 2007, pp. 139-161.

TABORDA, Maria Piedade, "Fez", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 419-420.

TAHIRI, Ahmed Tahiri (coord.), *Itinerários e Reinos. Uma descoberta do mundo. O Gharb al-Andaluz na obra do Geográfo al-Idrisi*, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António / Fundação al-Idrisi Hispano-Marroquina, 2011.

TAVARES, Maria José Ferro, "Judeus de sinal em Portugal no século XVI", in *Cultura – História e Filosofia*, Vol. V, Lisboa, INIC/Centro de História e Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 1986, pp. 339-363.

TAVIM, José Alberto Rodrigues da Silva, "Abraão Benzamerro, 'Judeu de Sinal', sem sinal, entre o Norte de África e o Reino de Portugal", in *Mare Liberum*, Vol. 6, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1993, pp. 115-141;

- *Os Judeus na Expansão Portuguesa em Marrocos durante o século XVI – origens e actividade de uma comunidade*, Braga, Edições APPACDM Distrital de Braga, 1997;

- "Judeus entre Portugal e Marrocos nos séculos XVI e XVII – Páginas de controvérsias e entendimentos", in *Revista Camões*, Nº17/18, Lisboa, 2004, pp. 149-165;

- "Fortunas Judaicas de Salé. Contribuição para o estudo dos negócios da «nação portuguesa» (século XVII)", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa / Braga, Centro de História de Além-Mar e Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2011, pp. 117-128;

- "Judeus de Marrocos em viagem pela Europa, Oriente e Novo Mundo (séculos XVI-XVII): O exemplo de Mazagão como «porto de passagem». Les juifs du Maroc en voyage à travers l'Europe, l'Orient et le Nouveau Monde (XVIe-XVIIe siècles): L'exemple de Mazagan comme «port de passage»", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, Maria Augusta Lima Cruz & André Teixeira (coord.), Lisboa / Guimarães, CHAM / Lab2PT, 2021, pp. 295-322;

- "Judeus de Azamor e Mazagão: um diálogo permanente. Juifs d'Azemmour et de Mazagan: un dialogue permanente", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits*

(XVe-XVIIIe siècles), Vol. I – Estudos, Maria Augusta Lima Cruz & André Teixeira (coord.), Lisboa / Guimarães, CHAM / Lab2PT, 2021, pp. 651-671.

THOMAZ, Luís Filipe, "Le Portugal et l' Afrique au XV ème siècle: les débuts de l´expansion", in *Arquivos do Centro Cultural Português*, XXVI, Paris, 1989, pp. 161-256;

- *De Ceuta a Timor*, Lisboa, Difel, 1994;

- *A Expansão Portuguesa – um prisma de muitas faces*, Lisboa, Gradiva, 2021.

TEIXEIRA, André, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão Portuguesa. Estudos Biográficos*, João Paulo Oliveira e Costa (coord.), Cascais, Patrimónia, 2000, pp. 161-205;

- "Uma Linhagem ao Serviço da «Ideia Imperial Manuelina»: Noronhas e Meneses de Vila Real em Marrocos e na Índia", in *A Alta Nobreza e a Fundação do Estado da Índia. Actas do Colóquio Internacional*, João Paulo Oliveira e Costa & Vítor Luís Gaspar Rodrigues (coords.), Lisboa, CHAM/IICT, 2004, pp. 109-174;

- "Nuno Fernandes de Ataíde et l'intervention portugaise à l'interieur des terres du Maroc", in *Estudos de História Luso-Marroquina*, Maria Augusta Lima Cruz & Rui Manuel Loureiro (coord.), Lagos, Câmara Municipal de Lagos, 2010, pp. 97-116.

TEIXEIRA, André; VILLADA PAREDES, Fernando; SILVA, Rodrigo Banha da (coord.), *Lisboa 1415 Ceuta. Historia de dos ciudades – história de duas cidades*, Ceuta / Lisboa, Ciudad Autonoma de Ceuta / Consejería de Educación y Cultura - Câmara Municipal de Lisboa / Direção Municipal de Cultura, 2015.

TEIXEIRA, André & LACERDA, Teresa, "La Noblesse Titulaire et le Nord de l'Afrique", in *La présence portugaise au Maroc et les relations actuelles entre les deux pays*, Mohammed Salhi (ed.), Rabat, Faculté des Lettres-Université Mohamed V-Agdal /Anajah Al Yadidah, 2009, pp. 23-44.

TEIXEIRA, André; LOPES, Ana; CORREIA, Jorge; KARRA, Azzeddine, "As fortificações portuguesas de Azamor: contributo para a actualização do seu conhecimento", in *Fortificações e território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*, Vol. II, Isabel Cristina Ferreira Fernandes (coord.), Edições Colibri / Campo Arqueológico de Mértola, 2013, pp. 627-638.

TEIXEIRA, André; EL-BOUDJAY, Abdelatif; LOPES; Gonçalo C., TORRES, Joana Bento, FONSECA, Cristóvão, "A ribeira de Alcácer Ceguer. Estruturas militares e vida marítima nos séculos XIV-XVI. The ribeira of Ksar Seguir. Military structures and maritime life in the 14th to 16th centuries", in *A Península Ibérica e o Norte de África (séculos XV a XVII). História e Património. The Iberian Peninsula and North Africa (15th to 17th centuries). History and Heritage*, Jorge Correia & André Teixeira (coord.), Lisboa / Braga, CHAM / Lab2PT, 2019, pp. 9-36.

TEIXEIRA, André, KARRA, Azzedinne, CARVALHO, Patrícia, TORRES, Joana Bento, "Azamor medieval: uma aproximação arqueológica. Azemmour médiévale: une approche archéologique", in *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos (séculos XV-XVIII). Le Portugal et le sud du Maroc: Contacts et Conflits (XVe-XVIIIe siècles)*, Vol. I – Estudos, Maria Augusta Lima Cruz & André Teixeira (coord.), Lisboa / Guimarães, CHAM / Lab2PT, 2021, pp. 379-463.

TEIXEIRA, André; GIL, Luís; KARRA, Azzeddine, "L'appropriation portugaise des villes marocaines atlantiques à la fin du Moyen Âge: Fortification et espace urbain à Safi et à Azemmour", in *Hespéris-Tamuda*, Nº LVI (2), 2021, pp. 177-205.

TEIXEIRA, Nuno Severiano (coord.), *História Militar de Portugal*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2017.

TERRASSE, Henri, *Histoire du Maroc: des origines à l'établissement du protectorat français*, 2 Vols., Casablanca, Editions Atlantides, 1949-1950.

TORRES, Ruy d' Abreu, "Silva, José Soares da", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. V, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, p. 580.

- "Sousa, Frei Luís de", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. VI, Joel Serrão (coord.), Porto, Figueirinhas, pp. 73-75.

VARGAS, José Manuel, "Alcácer Ceguer", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, Luís de Albuquerque (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 41.

VASCONCELOS, António Maria Falcão Pestana de, *Nobreza e Ordens Militares. Relações Sociais e de Poder (séculos XIV a XVI)*, dissertação de doutoramento em História Medieval e do Renascimento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2008.

VALENTIM, Carlos Manuel, "Duarte Pacheco Pereira. Saber e experiência", in *Revista da Armada*, Nº 365, Ano XXXII, Lisboa, Junho de 2003, pp. 12-15.

VERA Y GALINDO, León, *Las Posesiones Hispano-Africanas*, Málaga, Editorial Algazara, 1993.

VICENTE, Paulo, *A violência na cronística sobre Marrocos nos séculos XV e XVI*, Lagos, Câmara Municipal de Lagos, 2009;

- "Falar de Violência em Marrocos nos Séculos XV-XVI. A Perspectiva dos Cronistas Portugueses", in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa / Braga, Centro de História de Além-Mar e Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2011, pp. 347-352;

- "«muito fermosas e tanto damas»: mulheres e violência nos *Anais de Arzila* de Bernardo Rodrigues", in *D' Aquém, D' Além e D' Ultramar. Homenagem a António Dias Farinha*, Vol. I, Francisco Contente Domingues; José da Silva Horta; Paulo David Vicente (org.), Lisboa, Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2015, pp. 589-605;

- "Agadir", in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. I, Francisco Contente Domingues, (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 2016, pp. 38-39;

- “Aguz”, in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. I, Francisco Contente Domingues, (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 2016, p. 40;

- “Alcácer Ceguer”, in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. I, Francisco Contente Domingues, (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 2016, pp. 48-49;

- “Anafé”, in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. I, Francisco Contente Domingues, (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 2016, pp. 71-72;

- “Arzila”, in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. I, Francisco Contente Domingues, (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 2016, pp. 133-134;

- “Ceuta”, in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. I, Francisco Contente Domingues, (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 2016, pp. 271-273;

- “Marráquexe”, in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. II, Francisco Contente Domingues, (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 2016, pp. 682-683;

- “Mazagão”, in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. II, Francisco Contente Domingues, (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 2016, pp. 699-702;

- “Safim”, in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. II, Francisco Contente Domingues, (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 2016, pp. 151-152;

- “Tânger”, in *Dicionário da Expansão Portuguesa 1416-1600*, Vol. II, Francisco Contente Domingues, (Dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 2016, pp. 971-973;

- “A Expedição a Tânger (1437), in *Viagens e Operações Navais 1139-1499*, José António Rodrigues Pereira (coord.), Lisboa, Academia de Marinha, 2020, pp. 143-153;

- “ Descobrimentos Henriquinos a Sul do Bojador (1438-1460)”, in *Viagens e Operações Navais 1139-1499*, José António Rodrigues Pereira (coord.), Lisboa, Academia de Marinha, 2020, pp. 155-198;

- “Actividades Navais e Descobrimentos no Reinado de D. Afonso V (1461-1480”, in *Viagens e Operações Navais 1139-1499*, José António Rodrigues Pereira (coord.), Lisboa, Academia de Marinha, 2020, pp. 199-222;

VILA-SANTA, Nuno, “Uma linhagem, duas casas: em torno dos Ataídes e das origens das casas de Atouguia e da Castanheira (séculos XV-XVI)”, in *Fragmenta Historica – Revista do Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa*, Nº 4, João José Alves Dias (Dir.), Lisboa, Centro de Estudos Históricos, pp. 13-45.

VILLADA PAREDES, Fernando, “Excavaciones arqueológicas en la Muralla Real de Ceuta. Persistencias y rupturas (1415-1668), in *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna / Old and New Worlds. Studies on Early Modern Archaeology*, A. Teixeira & J. A. Bettencourt (coords.), Lisboa, Centro de História de Além-Mar, 2012, pp. 375-384;

- “Construyendo la ciudad portuguesa en el Norte de África (siglos XV-XVI). El caso de Ceuta. Building the portuguese city in North Africa (15th-16th centuries). The case of Ceuta”, in *A Península Ibérica e o Norte de África (séculos XV a XVII). História e Património. The Iberian Peninsula and North Africa (15th to 17th centuries). History and Heritage*, Jorge Correia & André Teixeira (coord.), Lisboa / Braga, CHAM / Lab2PT, 2019, pp. 37-76;

- “Desvelar la Ceuta medieval. La aportación de la arqueologia”, in Hespéris-Tamuda, Nº LVI (2), 2021, pp. 377-414.

VILLADA PAREDES, Fernando; RUIZ, Jose M. Hita; PADILLA, José Suárez, “Vestigios arqueológicos del periodo português (1415-1668) en Ceuta”, in *Portugal e o Magrebe. Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, Lisboa / Braga, Centro de História de Além-Mar / Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2011, pp. 131-151.

VILLADA PAREDES, Fernando; FERNÁNDEZ GALLEGO, Cibeles; HITA RUIZ, José. Manuel, "Por quamto hua das principaes cousas que som necesarias pera prouymento dos que estam en Ceuta asy he louca... The Supply of Pottery to Ceuta during the Portuguese period (1415-1668)", in *Proceedings of the first international conference of portuguese faiance (16th-19th centuries)*, Rosa Varela Gomes; Tânia Manuel Casimiro; Mário Varela Gomes (eds.), IAP, 2016, pp. 355-364.

VOGT, John, *Saint Barbara's Legion: Portuguese Artillery In the Struggle For Morocco, 1415-1578*, in *Military Affairs*, Vol. 41, Nº 4, Society for Military History, 1977, pp. 176-182.

XAVIER, Ângela Barreto, "Tendências na Historiografia da Expansão Portuguesa. Reflexões sobre os destinos da história social", in *Penélope*, Nº 22, Lisboa, Editora Celta, 2000, pp. 141-179.

XAVIER, Ângela Barreto & HESPANHA, António Manuel, "As redes clientelares", in *História de Portugal - Vol. IV - O Antigo Regime (1620-1807)*, José Mattoso (Dir.), Lisboa, Editorial Estampa, 1993, pp. 381-393.

ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins (coord.), *Armorial Lusitano – Genealogia e Heráldica*, Lisboa, Representações Zairol, 1961.

ANEXOS

Anexo 1 - Tabela das situações de guerra mais expressivas durante a capitania de Nuno Fernandes de Ataíde

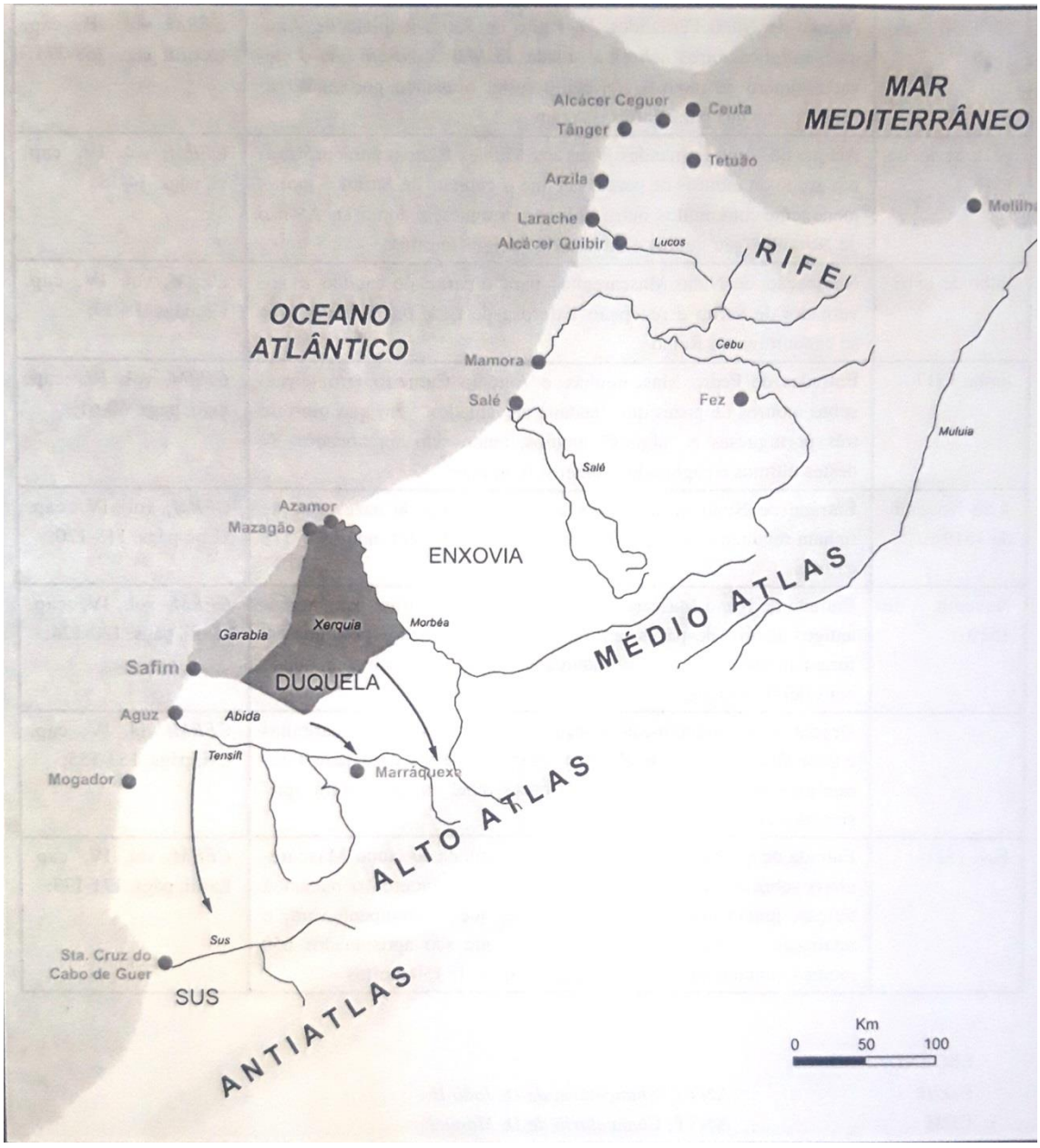
Segunda metade de 1510	Entrada de Nuno Fernandes sobre o castelo do "*mouro sancto*";
Finais de 1510	Entradas de Nuno Fernandes em que são mortos e aprisionados muitos mouros de Azamor;
Dezembro de 1510	Vitória de Nuno Fernandes no grande cerco a Safim;
22 de Janeiro de 1511	Entrada de Nuno Fernandes sobre Almedina;
22 de Outubro de 1511	Entrada de Nuno Fernandes sobre Conte;
1512	Entrada de Lopo Barriga nos campos do rio de Aguz, nas proximidades do território onde se encontrava o Azemel de Abda;
1512	Entrada vitoriosa de Bentafufa nos arredores Miravel, contra 800 cavaleiros dos Xiátma;
1512	Entrada de Lopo Barriga e de Bentafufa sobre a aldeia de Azeze, nas fraldas da Serra de Ferro;
1512	Vitória de Nuno Fernandes sobre os mouros de Tazarot, que vieram correr Safim;
1512	Entrada de Nuno Fernandes sobre Almedina. Resultado inconclusivo;
1512	Assalto de Nuno Fernandes, Lopo Barriga e D. Nuno Mascarenhas sobre um arraial mouro localizado a 3 léguas de Safim;
1512	Assalto de Nuno Fernandes ao arraial do rei de Marraquexe, no cabo de Cantim (o "*assalto das pedradas*";

1512	Assalto de Nuno Fernandes ao arraial do rei de Marraquexe, na Serra de Benimagra. Primeiro desbarato do rei de Marraquexe;
1512	Vitória de Lopo Barriga sobre os mouros da Xerquia, que vieram correr Safim;
1512	Entrada de Lopo Barriga e de Bentafufa sobre nove aduares Doledemita, nos campos de Alehanz, nas proximidades do Atlas;
1512	Entrada de Lopo Barriga e de Bentafufa nos campos de Metreza, em terras da Xiátma. Combate com os homens do xerife;
1512	Entrada de Lopo Barriga campos de Tanly, em terras da Xiátma;
1512	Vitória de Bentafufa sobre do rei de Marraquexe. Segundo desbarato do rei de Marraquexe;
1512	Entrada de Lopo Barriga e de Nuno da Cunha em terras da Xiátma, além da Serra de Ferro;
Fevereiro de 1514	Entrada de D. Afonso de Noronha juntamente com o adail Lopo Barriga e Bentafufa nos Montes Claros.
Inícios de 1514	Entrada de D. Afonso de Noronha, Lopo Barriga e Bentafufa sobre Aleborge;
Fevereiro de 1514	Entrada vitoriosa de Nuno Fernandes sobre Tednest;
Primeiro trimestre de 1514	Entrada de Nuno Fernandes e D. João de Meneses sobre um lugar da serra situado a três léguas de Tednest;
Abril de 1514	Participação de Nuno Fernandes da Batalha dos Alcaides;

1514	Combate inconclusivo entre Bentafufa e o exército do vice-rei de Méknes;
Outubro de 1514	Entrada do almocadém Diogo Lopes sobre uns aduares localizados a mais de uma légua de Marraquexe;
Novembro de 1514	Entrada improdutiva de Nuno Fernandes em Marame, a oito léguas de distância de Sidi Chiker;
Dezembro de 1514	Entrada vitoriosa de Lopo Barriga e de Jorge Mendes de Ataíde para favorecer os mouros tributários da Xiátma. Foi morto o xeque Bentagomim e um seu filho;
22 de Janeiro de 1515	Entrada vitoriosa de Nuno Fernandes e Álvaro de Ataíde sobre aduares situados quatro léguas além de Marraquexe.
Março de 1515	Entrada vitoriosa de Lopo Barriga sobre o castelo de Amagor;
Março de 1515	Entrada vitoriosa de Lopo Barriga sobre o castelo de Agaballo;
Março de 1515	3 Entradas falhadas de Lopo Barriga sobre o castelo de Algel. Nuno Fernandes participa na primeira mas volta para trás, ao saber da fuga do xerife.
Março de 1515	Entrada falhada de Lopo Barriga sobre Miatbir;
Abril de 1515	Entrada de Nuno Fernandes sobre Marraquexe;
Dezembro de 1515	Entrada de D. Afonso de Noronha e Álvaro de Ataíde contra dez ou doze aduares dos *Oley Çobea* que se encontravam "*na faldra de hüa serra*".
19 de Maio de 1516	Entrada de Nuno Fernandes sobre aduares localizados nos Montes Claros. Morte do capitão.

Anexo II - Mapa de Marrocos com a sinalização do território sob influência portuguesa e incursões feitas a partir de Safim,

entre 1510 e 1516.



Publicado por André Teixeira, "Nuno Fernandes de Ataíde, o *nunca esta quedo* capitão de Safim", in *A Nobreza e a Expansão: Estudos Biográficos*, p. 204.

Anexo III – Fontes transcritas

Carta de doação dos bens de David Malon, que avisou o alcaide de Çafim dos intentos de el-Rei sobre ela, a Vasco Esteves, em 26 de Fevereiro de 1456.

A.N.T.T., *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 13, fl. 39.
Documento publicado in Pedro Azevedo, *Documentos das chancelarias reais anteriores a 1531 relativos a Marrocos*, Vol. II, Doc. CCCX, p. 324; *Monumenta Henricina*, Vol. XII, pp. 250-251; Vitorino Magalhães Godinho, *Documentos sobre a Expansão Portuguesa*, Vol. III, pp. 228-229; António Dias Farinha, *Portugal e Marrocos no século XV*, dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Vol. II, Doc. 68, p. 199.

Dom Afonso etc. A quantos esta carta virem fazemos saber que a nos disseram que huum Davy Malom judeu morador em Lagos enviou ao alcayde dos mouros de Çafy huua carta per que fezese poer avisamento em elle de ser bem guardado porquanto fosse certo que nos enviávamos la huua caravela mais por os que nela hiam veerem o lugar como era fundado e as fortalezas delle e per honde se milhor poderia filhar pera se logo poer em obra mais que por outra alguua cousa pella qual razom se asi he por fazer tam grande falsidade em tanto nosso desserviço aalem da outra pena que por ello merece todos seus bens movees e de raiz pertencem a nos e os podemos de direito dar. E ora querendo fazer graça e mercee a Vasco Estevez escudeiro do ifante Don Enrrique meu muyto prezado e amado tyo se asi he como nos foi dicto e que por a dicta razom os dictos beens pertencem a nos e os podemos dar de direito temos por bem e fazemos-lhe deles mercee. E porem mandamos e etc Carta em forma que seja citado e ouvido dando apelaçom e etc.

Dada em Evora, xxbj dias de Fevereiro, el-rey o mandou per Dom Fernando de Castro do seu conselho e vedor de sua fazenda, Gonçalo Annes a fez, ano de Nosso Senhor Jhesu Christo de mil III^{c} Lbj.

Carta de D. João II aos habitantes de Azamor, em 3 de Julho de 1486.

A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fls. 49-50; A.N.T.T., *Chancelaria de D. João II*, Livro U, fol. 89 v.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. I, pp. 4-8.

Comtrauto sobre o senhorio d'Azamor, feito amtre el Rey e o povo dos Mouros da dita cidade.

Dom Joham, per graça de Deos Rey de Portugual e dos Alguarves d'aquem e d'allem maar em África, Senhor de Guiné, fazemos saber a vos homrrados amtre os Mouros, velhos e regedores da cidade d'Azamor, e asy a todollos outros moradores e pavoadores da dita cydade presemtes e vimdoiros, que nos somos ora certificado por duas vosas cartas que vos tinhees acordado amtre vos de nos tomar por senhor e de estardes sempre de boons coraçõees e vomtades a comprirdes as cousas de nosso serviço como nossos boons e leaees servidores, em cujo sinal e reconhecimento nos darees em cada huum anno dez mil saves carreguados em nossos navios fora de toda costumagem e trebuto e de todos direitos que se soem hy de paguar d'emtrada e de saida, e que bem asy nam paguaram nenhuuns trebutos todollos navios nossos que nossa mercadoria levarem pêra esa cidade ou delia mercadaria e cousas de qualquer sorte que sejam per nosso mandado trouverem pêra nossos regnos e senhorios, paguamdo porem os outros todos, asy dos nossos naturaees como estrangeiros, o que se hy soee de paguar, ficamdo vos obriguados de dar emtrada e sayda segura asi a huuns como a outros; e que yso mesmo vos obriguaraees acolher e receber demtro da dita çydade nossos feitores e estamtes e seus servidores que nella mandarmos estar, os quaees muyto homrrarees e acatarees e farees todo o que da nossa parte diserem e mandarem; e que bem asy vos prazeria que os ditos nossos feitores podesen comprar cavallos e nollos enviar, fazemdo-se per nossas cartas asinadas e aselladas que pêra ello lhe mandarmos, as quaees cousas todas vos obriguastes todos jeralmente de teer e comprir e guardar muy imteiramente, segumdo mais larguo e decrarado per as ditas duas cartas vossas se comtinha. O qual todo visto per nos e ouvydos Joham Froeez, cavaleiro de nosa casa, e Martim Reynel noso escu deiro, que davosa parte sobre o dito caso a nos vieram, pellos quaees soubemos a boa vomtade que tiinhees de nos servir com que a iso vos movestes, tomando nossas bamdeiras e as temdo pêra por nos as allçardes quamdo comprir, vos gradeçemos muyto e temos muyto em serviço todo o que nos asy mandastes dizer e o

com que vos oferecestes e vos obriguaees de nos aver de servir e reconhecer, e nos ho aceitamos nessa maneira e forma em que todos dizees. E pera se bem e seguramemte poderen os ditos nossos feitores trautar e negoçear as ditas mercadarias e cousas susoditas, vos serees obriguados de lhe dardes hùua casa booa e segura, em que se possam recolher suas pesoas e servidores e nossas mercadarias, e nam avemdo hy tal, de que nossos feytores sejam comtemtes, vos lhe darees luguar pera mandarem elles semelhante fazer; e fazemdo vos todo asy como em cima dito he, nos vos recebemos e avemos por nossos e vos teremos d'aquy em diamte em nossa guarda e emcomemda, e como nossos naturaees e vassallos vos mandaremos sempre bem trautar e guardar e defemder, e per esta presemte o noteficamos asy a todollos capitães de nossos regnos e ao nosso almiramte e sotaalmiramte e capitães do mar e asy a todollos outros nossos vassallos e naturaees e capitães e mestres de navios que d'armada ou merchantes forem, que topando com quaeesquer vezinhos e pavoadores da dita cidade, lhe nam façam nenhuum mal nem dano, asy em suas pessoas como em suas mercadarias, e os leixem livrememte fazer suas viageens, nam os empedimdo em nenhüua maneira, mas amtes os trautem e favoreçam como cousas nossas e como se faz aos nossos vasallos e naturaees; e asy nos praz que elles venham e possam vir a qualquer luguar e luguares de nossos regnos e senhorios com suas mercadarias que elles quiserem, os quaees mandamos que sejam sempre bem trautados, e em seus trabutos nam lhe seja posta nenhüua emnovaçam, mas paguaram asy soomente como os ditos nossos vassallos e naturaees paguam, e asy seram em todo trautados e favorecidos como os sobreditos; e em qualquer caso comtrairo que sobrevir lhes possa per maar ou per terra, vos prometemos de niso trabalhar por vos remedear a todos e a cada huum de vos e asy fazer todo o que em nos for, como fazemos e somos obriguado de fazer por quaeesquer outros nossos propios naturaees e vasallos; e vos sobreditos, quamdo em maar ouverdes d'emtrar, sera somente em nosos navios e de nossos sobdictos e naturaees, porque mais seguramente vos posam levar, e nelles emtrarees per mãao dos ditos nossos feitores e nam d'outra guisa, pêra que mais emcarregados sejam eses capitães dos navios nosos que vos levarem, quamdo da mãao de nosos feitores vos receberem. E por esta rogamos e emcomendamos muyto aos capitães e vasallos e naturaees dos reis (de Castella), nossos muy caros e muy amados primos, e asy de quaeesquer outros regnos com que tenhamos paz e amizade, que por nosso respeito e por nos niso comprazerem e servirem, topamdo com os sobreditos, lhe nam façam mal, semrezam nem alguum desaguisado, asy em suas pessoas como em suas mercadarias, e os trautem bem e os deixem

livrememte hyr, asy como servidores nossos e pesoas que estam sob nosso senhorio e defensam e de que simgullar carguo temos, o que receberemos e istimaremos em gramde serviço, e os que o asy fezerem de nos averam por ysso sempre homrra e merçee e lhes ficaremos por ello em gramde emcarguo. E em cuja fee e testemunho de verdade, lhe mandamos pasar esta nossa carta patemte per nos asinada e asellada do nosso sello do chumbo.

Dada a três dias do mes de julho, anno do nacimento de Nosso Senhor Jhezus Christo de mil iiijc lxxxvj annos.

Ratificação do tratado entre D. João II e os habitantes de Azamor, em 16 de Agosto de 1486.

Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. II, pp. 17-24.

L'interprète Mohammed ben Kasem er-RouVini, serviteur de Notre Seigneur, dit que Notre Seigneur le Roi vous demande d'approuver le texte suivant:

Louange à Dieu seul! A Lui tout fera retour; il n'y a pas d'autre maître que Lui, point d'être adorable si ce n'est Lui! Au Roi grand, honoré, élevé, excellent, illustre, du sang le plus noble de la Chrétienté; plein de mérites et de loyauté; le plus juste des hommes, qui a été le plus complètement doué de cette qualité; par la vie duquel vit le monde qui, grâce au rayonnement de sa justice, lui est entièrement soumis; la plus accomplie des créatures par la raison, la meilleure par le caractère et l'intelligence; qui gouverne son royaume, récompensant généreusement par sa bienfaisance et qui joint, dans sa religion, la pureté des mœurs au savoir (théologique); refuge du pauvre, soutien de l'opprimé, père de l'étranger; héros intrépide, chevalier valeureux, dont l'impétuosité a fait ses preuves à Zamora dans le tumulte du combat; sans égal parmi les potentats, son nom s'est élevé dans le monde à cause de son amour extrême pour la justice, (tel qu')en l'exerçant il ne connaît absolument plus parent ni fils ; le meilleur de tous les Chrétiens sans exception, qu'il éclipse tous par (sa) force d'âme.

Un noble salut, plein de majesté, empreint du respect dû à la grandeur, à la supériorité et au mérite, est adressé particulièrement à ce soutien, à cet objet de la suprême foi, Notre Seigneur Dom João — que Dieu le dirige dans la voie droite! — roi de Portugal, des

deux Algarves et de la Guinée, pays de l'or. Vos serviteurs, qui vous consacrent leur âme, leurs biens et leur famille, la tribu des Béni Henna tout entière — les notables comme le peuple et la foule —, habitants de la ville d'Azemmour — que Dieu les garde et veille sur eux, et améliore leur situation et leur fortune! — baisent vos mains et vos pieds généreux.

Nous vous faisons savoir, ô Notre Seigneur, que nous vous avons envoyé par votre chevalier Martin Reynel, puis par João Froes, votre chevalier qui est arrivé chez nous, deux lettres, par lesquelles nous vous avons appris que nous étions tout dévoués à votre service et désireux d'obtenir votre amitié et votre protection, et cela en toute sincérité de cœur et pureté d'âme, afin que la considera tion dont vous jouissez rejaillisse sur nous et sur toute notre tribu et notre ville, et que vous soyez notre refuge, notre soutien, notre ami et notre seigneur.

En conséquence, nous nous obligeons à vous honorer et à vous respecter et à vous servir, et nous nous efforcerons toujours d'accomplir vos désirs.
Vous, ô Notre Seigneur, vous avez accepté cela et vous nous avez agréés comme partisans et comme serviteurs.

Nous vous écrivons donc maintenant cet acte, d'une manière aussi complète qu'il convient et avec tout le caractère de certitude désirable, revêtu de notre seing connu et timbré de notre sceau, de manière à authentiquer toutes nos conventions, à les affermir, les consolider et les préciser.

Nous disons donc: nous n'avons tous (ici) qu'une seule voix, une voix qui les contient toutes et à laquelle on se reportera toutes les fois qu'on reviendra (sur l'objet de la présente convention). Sachez donc que nous sommes tombés d'accord pour être avec vous en bons rapports et en paix, et que, dans ce dessein, nous avons désiré et préféré que vous soyez notre ami et notre maître. Nous nous y sommes obligés et engagés de bon gré et en toute pureté d'intention, à l'exclusion de toute tromperie, perfidie, trahison ou corruption.

Nous nous sommes engagés à accomplir tous vos désirs lorsque vous nous ordonnerez quelque chose que ce soit, et à vous honorer et servir comme font les habitants de votre royaume et de vos pays; et afin de corroborer et de confirmer cette entente, ô Roi généreux, nous vous donnerons tous les ans dix mille aloses, chargées sur vos vaisseaux, exemptes de tous droits: aucun droit ne les frappera et aucune obligation ne vous incombera de leur fait.

De même, nous avons résolu et accepté, de bon gré et sans qu'il nous en ait coûté, que tous ceux de vos navires qui nous viendraient de chez vous, avec (quelque) sorte (que ce soit) de marchandises vous appartenant, — et de même tout ce que (les gens du bord) vendront et achèteront chez nous et embarqueront à destination de chez vous, — ne seront soumis à aucune taxe ni coutume, et seront simplement exemptés de tous droits et taxes. Tout cela dans le cas où ce sera pour votre compte; quant au cas où ce sera pour d'autres que vous, sujets de votre gouvernement ou d'un autre, ils nous paieront la coutume connue et courante entre nous et seront taxés: pour toutes ces (marchandises), l'usage connu en matière de droits sera suivi et ils nous paieront cela comme nous avons dit. Et nous nous sommes engagés, en ce qui concerne tous ces navires venant chez nous, que ce soit avec de la marchandise vous appartenant ou avec (toute) autre, à les faire entrer dans le fleuve et à les y laisser mouiller.

De même, nous nous sommes engagés aussi à faire entrer dans notre pays et notre ville votre feitor, vos commerçants, vos sujets, vos secrétaires et quiconque viendra de votre part pour faire du commerce, à les entourer des plus grands égards et à les traiter avec la plus entière bienveillance par honneur pour Votre Majesté, et à exécuter tout ce qu'ils nous ordonneront de votre part et en votre nom, sans nous opposer à eux pour une (seule) parole ni une (seule) action; et aussi, s'ils veulent embarquer des chevaux de chez nous, à le leur permettre; cela dans le cas où nous sera parvenu votre ordre par votre lettre portant votre sceau.

Nous nous sommes engagés à accomplir et exécuter intégralement toutes les conditions, articles et clauses (susdites) et à ne pas les altérer, et ce en tout honneur et loyauté, comme nous avons dit dans cet écrit ainsi que dans les autres qui l'ont précédé, et (comme vous l'avez entendu) aussi (par) ce qui est revenu à Votre Altesse de nos conversations avec les deux excellents chevaliers, vos sujets João Froes et Martin Reynel.

Nous avons su que vous aviez consenti à tout ce que nous avons écrit et dit et qui vous est parvenu de notre part, et, le cœur content, nous avons pris vos bannières, que vous voyez (presente ment) chez nous honorées et respectées, si bien que nous les élèverons et les dresserons pour vous de la manière qui conviendra à votre gloire et à votre bien.

Vous, ô notre Seigneur, — que Dieu augmente votre puissance! — vous avez pris connaissance de nos engagements, les avez agréés sous la forme indiquée et les avez acceptés de nous sans qu'(aucune) autre condition y ait été stipulée ni introduite, et sans

que vous y ayez ajouté (aucune) addition. Vous avez dit que tout cela serait ferme et solide et ne serait pas effacé.

Augmentant nos obligations, nous nous sommes engagés — et ce (pour tous) vos sujets et vos agents, — à leur affecter une maison et un logement où ils seront en sécurité, corps et biens, à l'endroit qui leur conviendra, et, si cela ne leur convient pas, à les laisser se bâtir pour eux-mêmes un local à l'intérieur de la ville, où ils demeureront et seront en sûreté.

Vous avez dit qu'en raison et en échange de tous ces engagements et conditions, vous nous avez acceptés et pris pour vos amis et vos serviteurs et que, dorénavant, nous serions sous votre protection, tutelle et garde et que vous nous accorderiez votre sollicitude, ainsi qu'à tout notre parti et qu'à quiconque s'est mis sous notre protection et s'est rattaché à notre groupe, sans que vous nous fassiez subir ni tort ni dommage ni quelque sorte de mal que ce soit, ni vous, ni les habitants de votre royaume, ni tous ceux qui sont vos amis et sont en paix avec vous.

Ce que nous vous demandons, c'est de faire savoir cela aux habitants de votre pays et de votre royaume, à vos gouverneurs, à vos comtes, à vos grands, à vos armées, à vos capitaines, à l'Amiral (nous voulons dire le chef de votre marine), aux capitaines des mers, à tous ceux qui sont sous vos ordres et soumis à votre autorité, aux capitaines et maîtres de votre marine et de vos navires, de guerre comme de commerce: que s'il arrive qu'ils se rencontrent avec nous ou avec quelqu'un des nôtres, en quelque lieu que ce soit, sur terre comme sur mer, ils ne nous fassent subir ni tort ni dommage, ni dans nos biens ni dans nos personnes, et que, s'ils nous trouvent en mer, ils nous laissent terminer notre voyage et nous respectent par égard pour vous de la même manière qu'ils respectent vos sujets.

(Nous vous demandons) aussi que tout habitant de notre ville qui voudra, s'il désire se rendre dans votre pays, soit en commerçant, soit pour son plaisir, soit pour rendre visite (à quelqu'un), (y) soit protégé et en sûreté, sans qu'il lui soit fait aucun mal: (ceux qui s'y rendront) recevront là-bas chez vous le meilleur accueil et le meilleur traitement. Si quelqu'un d'entre nous est victime d'un dommage ou de quelque mal, de quelque manière que ce soit, sur terre ou sur mer ou dans votre royaume, vous vous emploierez à nous en obtenir réparation comme vous feriez avec les habitants de votre pays: naus ferons partie de leur nombre et vous serons comme tels tout dévoués. Mais nous désirons que notre embarquement et notre voyage sur mer s'effectuent par

l'intermédiaire de voire agent ou de vos commerçants, sur vos vaisseaux, afin que celte manière de procéder soit plus propre à (assurer) notre sécurité et notre conservation.
Nous vous demandons d'écrire à vos cousins les rois «Alphonsins», ainsi qu'aux autres rois Chrétiens et à d'autres ayant la paix avec vous, et aussi à tous les habitants de votre pays qu'ils ne nous fassent ni mal ni tort, ni sur terre ni sur mer, et qu'ils soient, tous certains que vous nous prenez sous votre protection, et que nous sommes (maintenant) des vôtres; recommaiidcz-(leur), par un effet de votre grâce, de veiller à notre conservation, et (ditesleur) que tous ceux qui nous protégeront et veilleront sur nous par égard pour Votre Majesté, vous les respecterez et leur en saurez gré et leur donnerez satisfaction en tous leurs besoins ; mais que ceux qui chercheront à nous nuire, vous les combattrez par votrejustice, comme c'est la coutume des rois tels que vous.

Nous susdits, tribu des Beni Henna et toute la ville d'Azemmour — notables, peuple, cheikhs, chefs, foukaha et tolba, et la foule — nous témoignons sous notre responsabilité de ce que nous avons dit et nous nousengageons à (respecter) toutes les conditions. Nous avons ordonné la rédaction de cet acte et nous y avons apposé notre signature, et notre témoignage y a été homologué par notre cadi, notre khatib, et la bénédiction de notre ville, notre fakir, et les autres tolba, tout cela conformément à notre loi.

A écrit ce texte le serviteur de Notre Seigneur, par son ordre, votre frère sincère qui est loin de vous, Mohammed ben Kasem er-Rou'aïni, présentement khatib de vos frères qui vivent hors de leur patrie (un mot illisible) — que Dieu lui pardonne et améliore sa situation! — qui vous salue.

Alia mana: Louange à Dieu seul et bénédiction sur notre Seigneur Mohammed et sa famille!

La réponse à ce que vous avez dit à notre frère Abou 'Abd Allah Mohammed ben el-Kasem er-Rou'aïni, serviteur du roi illustre, le roi de Portugal — que Dieu pardonne à tous par un effet de sa bonté! — est que tous les Beni Henna — notables et peuple — et tous les habitants de notre (ville d') Azemmour ont pris connaissance de ce que leur a écrit votre représentant, auquel vous aviez donné pleins pouvoirs. Il a déjà été chez nous et nous avons donné notre assentiment précédemment aux conditions qu'il nous a faites. Nous en avons rédigé un acte en présence de toutes les tribus ci-dessus mentionnées et d'autres, sur lequel ils se sont tous mis d'accord. Cet acte, dont la teneur est connue, vous a été envoyé : il n'est rien qui n'y ait été indiqué, si ce n'est le poisson, qui n'y avait

pas été mentionné. Mais à présent nous l'avons accepté et avons décidé de l'exécuter et nous sommes mis d'accord à son sujet: votre désir y est le nôtre; que rien de ce qui y figure ne vous inquiète.

Louange à Dieu! Et voilà (ce que) nous avions (à vous dire). Notre salut répond au vôtre.

Ont témoigné de cela: Sa'ïd (bem) Haddou; Mohammed ben Abd er-Rahman (?); Sa'ïd ben 'Ali ben Sa'ïd el-Younsi; Mohammed ben 'Abd Allah el-Younsi; el-Hasan ben 'Abd Allah el-Younsi; Ahmed ben el-Kasem; Sa'ïd ben Issou ben 'Ali el-Hennaï; le cheikh Sa'ïd ben Mohammed el-Hennaï; Mohammed ben Mohammed ez-Zayyat; Mohammed ben 'Abd el-'Aziz; Mohammed ben 'Abd er-Rahman el-Hennaï; et toute la population d'Azemmour, tous, les notables comme le peuple; Mohammed ben Ibrahim ben Gharrou; Sa'ïd ben el-Kasem; le taleb Mohammed ben 'Ali es-Sa'ïdi; le cheikh 'Abd el-Malek; 'Ali ben Mansour el-Hennaï; Yousof ben 'Ayli (?) es-Sa'ïdi; 'Ahmed ben 'Ali el-Hennaï: el-Hasan ben Houseïn; el-Hasan Ahessar el-Hennaï; 'Ali ben Sa'ïd el-Hennaï; Mohammed ben Ibrahim el-Hennaï; Mohammed ben Abi Sa'ïd el-Hennaï; 'Abd Allah ben Bou Rochdin; 'Abd Allah A'essou el-Hennaï; Ahmed ben Boulman; le taleb Mohammed ben el-Hasan el-Hennaï; Mohammed ben Yahya el-Hennaï; 'Ali ben Haddou; Mohammed ben Ouekran el-Hennaï; Mansour ben el-Kasem; El-Kasem ben 'Ali; Mas'oud es-Sarradj. Tout cela est tenu par nous pour établi et authentique, à la date du seize du mois de Dieu, août, de l'an (huit) cent-quatre-vingtonze — que Dieu Très-Haut nous le fasse connaître heureux par sa grâce et sa générosité!

'Abd Allah ben 'Ali ben 'Abd Allah; Sa'ïd ben Yousof; Sa'ïd ben Mohammed ben 'Ali; Mohammed ben 'Abd er-Rahman

Carta de D. Manuel aos habitantes de Meça, em 11 de Janeiro de 1497

A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fl. 50.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. IV, pp. 31-35.

Dom Manuell, per graça de Deos rey de Purtugall e dos Alguarves d'aquem e d'alem mar em África, Senhor de Guiné, fazemos saber a vos homrrados amtre os Mouros, velhos e regedores e cabeceiras das villas e lugares da terra de Meça, e assy a todollos outros moradores e povoradores d'ella presemtes e vimdoiros, que o homrado Velavizize vosso xeque e Mafamede Bembarca e Çide Aya, vossos mesageiros, vieram ora a nos em seus nomes e de todos vosoutros, e per virtude de hüua vossa carta de creçemça e de hüua procuraçam abastamte que trouveram e nos apresemtaram, falaram comnosco e os ouvimos de todo o que nos da vosa parte e da sua diseram, dizemdo-nos como todos tinhees acordado amtre vos de nos tomar por senhor e d'estardes sempre de boons coraçõoes e vomtades a cumprir as cousas de nosso serviço como nossos boons e leaaes servidores e vasallos, em cujo sinall e rreconhecimento nos da(r)yees em cada huum anno dous cavallos embarcados em nossos navios e forros a todollos direitos; e que bem assy nom pagaram nenhuuns trabutos todollos navios nossos que nossa mercadoria levarem pêra estos lugares de Meça ou de lia mercadoria e cousas outras de quallquer sorte que seja per nosso mamdado, e trouverem per nossos regnos e senhorios, pagamdo porem os outros navios todos, assy dos nossos naturaaes como estramgeiros, os direitos que se hy soem de pagar, fîcamdo vos obrigados de dar emtrada (e) saida segura assy a huuns como a outros; e que isso mesmo vos obrigares acolher e receber demtro nas ditas villas nossos feitores e estamtes e seus servidores que nos lá mamdamos estar, os quaaes muyto homrrares e acatares e fares todo o que da nossa parte vos diserem e mamdarem; e que bem assy vos prazera que os ditos nossos feitores posam comprar cavallos e nollos emviar, fazemdo per nossas cartas asynadas e aselladas que pêra ello lhe mandamos; e que bem assy nos leixares hy fazer hüua fortaleza, em quallquer lugar que nos hordenarmos e quizermos e da gramdeza que bem parecer, pêra fazimento da quall nos poeremos os mestres e a call e vos dares a servemtia d'acarretar a pedra e área e auguoa e servir os mestres em toda a obra, atee seer acabada; e isso mesmo que aos ditos mestres e pessoas que Ia esteverem, por seus dinheiros e pollo preço que se na terra acustumar, dares è fares dar os mantimentos e todallas outras cousas necesarias que lhe cumprirem; e bem assy, depois da dita

fortaleza ser feita, nom comsimtares que nenhuum estamte amtre vos, assy de nossos rregnos como de quaaesquer outras partes, sem nossa liçemça que per nossa carta levaremi; nem iso mesmo em nossos portos nom trautares com nenhuum navio de nossos naturaaes nem de nenhua's outras pessoas, salvo per licemça de nosso feitor, que na fortaleza estever. As quaaes cousas todas vos obrigastes todos jerallmente de teer, cumprir e guardar imteiramente. O quall todo visto per nos e ouvidos os sobreditos, pollos quaaes soubemos a booa vomtade que elles e vos tinhaees de nos servir, com que a isso vos movestes tomando nossas bamdeiras e as temdo para por nos as alçardes quamdo comprir, vos agardeçeremos muyto e teremos muyto em serviço todo o que nos assy mandastes dizer e com que vos oiïereçestes e obrigares de nos aver de servir e reconhecer, e nos o açeptamos nessa maneira e forma em que todos dizes. Emquamto a dita fortaleza nom for feita, pêra se bem e seguramente poderem nossos feitores agasalhar, trautar e negociar nossas mer cadorias e cousas sobreditas, vos serees obrigados de lhe dardes hüua cassa boa e segura, em que se posam rrecolher suas pessoas e servidores e nossas mercadorias, e fazemdo vos todo assy como em cima dito he, nos vos rreçebemos e avemos por nossos e vos teremos d'aqui em diamte em nossa guarda e emcomenda e como nossos naturaaes et vasallos vos mandaremos bem trautar, guardar, defemder; e per esta presemte o notificamos assy a todollos capitãaes de nossos regnos e a nosso almiramte e sotaalmirante e capitãaes do mar, e assy a todollos nossos vasallos e naturaaes e capitãaes e mestres de navios que d'armada ou merchamtes forem, que topamdo com quaaesquer vizinhos e povoradores das ditas villas e lugares, lhe nom façam nenhuum mall nem dampno, assy eem suas pesoas como em suas mercadorias, e os leixem livremente fazer suas viageens, nom os empedindo em nenhüua maneira, mas amtes os trautem e favoreçam como cousas nossas e como se faz aos nossos vasallos e naturaaes. E assy nos praz que elles venham e posam vir a quallquer lugar ou lugares de nossos regnos e senhorios com suas mercadorias que elles quiserem, os quaaes mandamos que sejam bem trautados, em seus trabutos nom lhe seja posta nenhüa emnovaçam, mais pagaram assy soomente como os ditos nossos vasallos e naturaees paguom, e assy seram em todo trautados e favorecidos como os sobreditos. E em quallquer causo comtrayro que sobreviir possa per mar ou per terra, vos prometemos de nisso trabalhar por vos rremedear a todos e a cada hum de vos, e assy fazer todo o que em nos for, como o fazemos e somos obrigados fazer por quaaesquer outros nossos propios naturaaes e vasallos; e que vos sobreditos, quamdo em mar ouverdes de emtrar, seraa soomente em nossos navios e de nossos sobditos e naturaaes, porque mais

seguramente vos posam levar e nelles emtrares per mandado dos ditos nossos feitores e nom d'outra guissa, pêra que mais emcarregados sejam esses capitãaes dos navios nossos que os levarem, quamdo da mãao de nossos feitores vos rreceberem. E mandamos aos nossos feitores e capitãaes e mestres dos ditos navios que, quamdoquer que alguums de vos quiserdes vir a nossos regnos, vos tragam nelles atee bj (6) pessoas sem paguardes nenhuum frete de vossas pessoas, e assy vos dem de comer no mar a nossa custa. E per esta rrogamos e emcomendamos muyto aos capitãaes, vassalos e naturaaes (dos reis) de Castella nossos muy caros e muy amados primos, e assy de quaaesquer outros regnos corn que tenhamos paz e amizade, que por nosso rrespeito e por nos nisso comprazerem e servirem, lopamdo corn os sobreditos, lhe nom façam mail, semrrazam nem alguum desaguisado, assy em suas pesoas como em suas mercadorias, e os trautem bem e os leixem livremente hiir assy como servidores nossos e pesoas que estam sob nosso senhorio e defemsam e de que simgular carreguo temos, o que rreçeberemos e extimaremos em gramde serviço, e os que o assy fizerem de nos averam por isso homrra e merçee e lhe ficaremos por ello em gramde emcarrego. Em cuja fee (e) testemunho de verdade, lhe mandamos pasar esta nossa carta patemte per nos assynada e asellada do nosso sello do chumbo, dada em a nossa villa d'Estremoz a xj dias do mes de janeiro, Gill Alvarez a fez, anno do nacimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mill iiijc e lRbij (1497) annos. C Outrosy nos diseram os ditos vosos precuradores que, rnandamdo nos fazer a dita fortaleza e emquamto se ella fizesse e nom fosse acabada, nos daryes quimze pesoas filhos de vosoutros mais primcipaees em arrefeens por seguramça da jemte que ella a isso for, com a quall coussa nos ouvemos prazer e nos parece que o fares como quem folgua de nos servir. E com esta comdiçam e com as outras acima contheudas, vos aceitamos no modo sobredito; as quaaes arrefeens nos mamdaremos bem trautar e agasalhar em nossos regnos, emquamto nelles esteverem.

Carta de Diogo Borges à rainha D. Leonor, em 28 de Setembro de 1498

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 2, Nº 123.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. V, pp. 36-42.

A Raynha nossa Senhora.

Senhora,

Vossa Alteza saberá como nos chegamos a esta vosa cidade de Çaíim aos sete dias d'esté mes de setenbro; e tanto que chegamos, eu me fuy logo a terra, a falar ao senhor; e lhe dey as cartas de Vosa Alteza, que biam sobre Çyda Abodarraman, seu sobrinho ; e lhe dixe de parte de Vosa Alteza todo o que Vosa Alteza me mandou, pollo quali elle folgou muito, mas nom ho pos por obra: e isto, Senhora, nom polio dicto senhor nom ter boa vontade, mas polios contrairos de Gide Abodarramem, que bem se doyam do que lhes veo despois; de maneira, Senhora, que nom quiseram que elle entrase na çydade, senom que se fose ha vylla que lhe dado tynha, e que lhe mandaria dar todo o que lhe mister fizese. E eu, Senhora, tanto que vy suas vontades, desumuley ha cousa e dixe lhes que ho dicto Abodarramem faria toda sua vontade d'elles, e que ho mandasem deçer em terra. E tanto, Senhora, que elle deçeo em terra, logo seu tyo mandou que se fose pêra ho lugar que dado lhe tynha; e elle, Senhora, asy ho fez. E tanto que no dicto lugar esteve, nom curaram mais d'elle, nem lhe deram o que lhe avyam prometido, e todo o que espreveram a Vosa Alteza nom lho quiseram conprir: de maneira, Senhora, que elle me mandou dizer que eu oulhase polio que compria a voso serviço e que oulhase como esta çidade nom era de Vosa Alteza, et das couzas que nella se faziam; ev mais que oulhase por sua honrra e de como lhe nom davam nada do que a Vosa Alteza aviam esprito. E entam, Senhora, vendo eu quanto era voso serviço elle ser senhor d'esta çidade, porquanto seu tio he homem muito velho, e nada ja nom mandava, salvo os contrairos d'ele dicto Abodarramem; e tambe(m) soube como elles detriminavam de darem esta terra a el-Rey Dom Fernando, e de como ha terra se perdia. Entam, Senhora, ouve por voso serviço que o dicto Abodarramem fose senhor d'esta çidade e terra, pois que seu tyo ja nom mandava nada, e que era mandado por estes que queriam fazer traiçam a Vosa Alteza. E porque, Senhora, todollos prinçypaes da terra me vieram dizer que mandase dizer a Çide Abodarramem que entrase e que alevantase vosa bandeira reall e fizese apregoar, de parte de Vosa Alteza, que todos que estavam a voso serviço que nom ouvesem medo, e os que se temiam que se fosem, e que nom

averia nenhum que fose contra elle; e eu, Senhora, vendo como era voso serviço e vendo seu dizer d'elles, entam lhe esprevy hüa carta por hum seu criado, e lhe mandey dizer que elle se vyese de noyte muito secretamente, e que se vyse meter nestas casas de Vosa Alteza, e que outro dia polia manhan mandaríamos chamar ho princypall seu contrayro, que se chama Achia Ziet, e que entam ho mataria; e que sairia a cavallo das casas fora, apregoando de parte de Vosa Alteza paz com vosa bandira alevantada.

C Senhora, tanto que elle vyo meu recado, veo logo de noyte, entrou nas casas de Vosa Alteza, e eu faley corn elle e trouxe-o pêra ha pousada do esprivam d'esta feytoria, o quall esprivam e eu fomos falar com ho feytor; e ho feytor nem ho esprivam nom saybam parte de sua vynda, porque, Senhora, eu nom lho dixe por se ha cousa non descobrir; nem mouro nem christão ho nom sabia, porque, Senhora, nos nom hia senom ha vyda.

C Senhora, tanto que Çyde Abodarramem e ho esprivam e eu falamos com ho feytor e lhe contamos de como ha cousa estava muito bem ordenada pêra que matasemos ho dito Achia Ziet dentro nesta casa, porque, tanto que elle fose morto, logo toda ha terra era alevantada por Çyda Abodarramem, como elle bem veria, e elle dicto feytor dixe que nom queria nem nunqua quis consentyr que tall cousa se fizese, pollo quall nos ouvera de lançar a perder; e quando isto vyo Çide Abodarramem, esteve em ponto de ho fechar dentro em hüa casa ou matai-lo, se lhe nom fora por Vosa Alteza nom ho aver por tredor, que tam desperado se vio d'elle; e nestas estórias este vemos atee que começava a rronper alva sem nada fazer.

C Senhora, vendo Çyde Abodarramem como ja começava a ronper alva, e que ho feytor nom lhe quis deixar fazer o que elle queria, mandou selar seu cavallo e tomou-nos as fees ao esprivam e a mim lhe abrisemos as portas d'esta casa de Vosa Alteza, e que fosemos em sua aguda, e que lhe desemos costas e favor, e nos lhe demos nosas fes de todo o que elle quiseselhe fazermos por voso serviço.

C Senhora, tanto que nos este guramento tomou, cavalgou em seu cavallo, e nom levava comsygo mais de três Mouros a pee desarmados, senom espadas e adargas, e dous Christãaos no(m) mais que com duas bestas e bem pouquas setas; e elle soo a cavalo com hüa lança e espada e(m) punha e hüa adarga, sem mais outras armas. Asy, Senhora, sayo da casa de Vosa Alteza, levando a vosa bandeyra alevantada, e dizendo: «Vyva el-Rey Dom Manuell e ha Senhora Rinha Dona Lianor, meus senhores, cuyjo vasalo eu sou». Asy, Senhora, que elle nom sayo ha peleja com mais armas, nem mais homens, salvo estes cynquo que aquy nomeo, e elle seis; e logo que foy manhã,

andando elle correndo a terra, se lhe viriam obra dez Mouros pêra elle bem desarmados, e da parte de seu tyo se aguntou grande cantydade de gente e d'elles bem armados, e ho tyo com os contrairos do dicto Abodarramem a cavalo, antre os quaes veo hum seu irmãao d'elle dicto Abodarramem, e lhe dixe que se sayse fora da cidade, e dizendo-lhe muitas mas razões Abodarramem, dizendo-lhe que se fose emboora, que lhe nom queria fazer mall, de maneira, Senhora, que tanto ho afadigou que Abodarramem remete a seu irmâao e a toda a gente que com elle vynham, que me parece que seriam mais de trezentos homens; e tanto que lho vyram aremeter, fazem todos a volta ante elle, asy como ovelhas ante lobo, asy os de pé como os de cavalo; e alcançou a seu irmãao, e dey-lhe hüaa grande lançada no cavalo e outra no corpo, que nom pode tyrar a lança d'elle, e cayo do cavalo case morto, de maneira, Senhora, que cuydo que nom vyvera; e se tornou pêra as casas de Vosa Alteza, porque nellas fazia costas e nos lhas tynhamos as portas abertas, e estávamos a porta armados e a bom recado e ha bandeira de Vosa Alteza alevantada.

C Senhora, tanto que elle ferio ho irmãao e desbaratou toda a gente, era aynda soo; e seu tyo que isto vyo foy-se logo pêra sua casa a gran presa e deçe-se de seu cavalo e meteo-se dentro em sua casa; e entam a gente, quando isto vyram, de como elle soo ferio seu irmãao e desbaratou tanta gente, e que ho tyo e seus contrairos eram ga fugidos e fora da cydade, e ho senhor em sua casa e portas fechadas, veo-se todo o povo pêra elle e alevantaram-no por senhor da terra, dizendo que vivese Vosa Alteza.

C Senhora, tanto que ha peleja foy acabada e todos seus imigos fogidos fora da cidade e elle alevantado por senhor, mandou logo roubar-lhes as casas e derribai-las, e logo todo foy feito; asy, Senhora, que me parece que elle fez o que compria a voso serviço e como muito valente cavaleiro que elle he, porque me parece, Senhora, que Çyde Abodarramem he hum dos boons cavaleiros do mundo, porque elle gaynhou esta cydade por sua lança, e agora pode bem Vosa Alteza chamar que esta cydade está a voso serviço e que he de Vosa Alteza, e asy a casa, e os que nela estam e esteverem, como, Senhora, Lopo d'Azevedo pode dizer a Vosa Alteza das desonras e injurias que os vosos feytores e esprivães reçebyam em poder de Achia Ziete; e porque, Senhora, isto nos pareceo muito voso serviço, se fez asy d'esta maneira.

C Senhora, outro dia, despois da terra estar ja em paz, mandou ho senhor muitos casises e homens santos e os velhos princypaes da terra que metese(m) paz antre elle e seu sobrinho e que os íizesem amigos ; aos quaes elle respondeo que lhe prazia e que elle nom era vyndo pêra ho tyrar de sua honrra, mas pêra honrrar e servir, et como ha

senhor e pay, e pêra lançar fora da terra os maaós e que eram trredores a Vosa Alteza e roubavam o povo, e que elle era seu vasalo e estava a seu serviço; e entam me mandou que eu fose com toda aquella gente que lhe ho tyo mandou e que falase com elle e que os conçertase ; e todos dixeram que era muito bem, e asy ho fiz.

C Senhora, tanto que eu fuy com todos cacises e princypaes da terra ante ho tyo, eu lhe dixe em como seu sobrinho Abodarramem era muito a serviço de Vosa Alteza, e porque elle vya que Achia Ziet e os outros eram tredores a Vosa Alteza e asy a elle dicto senhor, que elle dicto Abodarramem doendo-se de voso serviço e de sua honrra, por quanto era ja muito velho e que faziam d'elle escárnio, que elle os viera castigar e lançar fora d'esta terra, e que queria ser muito seu amigo, e lhe queria ser muito leall vasalo e fazer todo o que elle quisese, como seu senhor, por quanto Vosa Alteza asy lho avya mandado, mas que elle lhe fizese e dese todo seu comprido poder, asy como ho tynha dado a tredor de Achia Ziet, pêra que mandase a terra e fizese a justiça, e que tudo faria com seu conselho, por quanto elle era ja homem muito velho, e que todos os oficyaes que elle de sua mãao tynha postos que asy estevesem; e ho dicto senhor de to(do) foy muito contente ; entam mandou logo ser feyto hüa carta asynada por elle e por todos os princypaes da terra, em que mandava que todos obedeçesem ao dicto Çyde Abodarramem, seu sobrinho, em todo quanto lhes mandase, asy como a elle mesmo, e asy ho mandou logo apregoar por toda ha terra, e eu, Senhora, trouxe a carta e paz ao dicto Abodarramem, com que muito folgou.

C Senhora, tanto que eu dey a carta do senhor e paz a Çide Abodarramem, mandou logo selar hum cavalo e cavalgou, e muita gente com elle, e foy-se a casa de seu tyo, ao quall fez muito acatamento e honrra, e ho tyo quando ho vyo, chorrando grandemente com elle e beijando nos faces e olhos, lhe dixe que ma dest(r)uyçam veese pollos que tanto mall meteram antre elles, tanto semrazam, e neste recebymento esteveram muito. E ho tyo lhe deu grandes vistidos de sedas de cores e muito dinheiro. Entam se foram anbos a cavalo, com toda a gente da cydade a pee, a sua mesquyta grande e aly fizeram sua oraçam, e ante elles ha grandes pregões e tronbetas e atabaques, e toda a gente da terra; e despois de feyta sua oraçam, fez ho senhor hüa grande arrenga a todo o povo, dizendo-lhes em como elle era ja homem tam velho e Deus lhe avya trazido asy seu sobrinho, e que elle lhe dava todo seu comprido poder; que o que elle fizese que elle ho avya por feyto; e que asy ho gurase(m) por seu senhor verdadeyro, e que lhe fosem senpre leaes, porque asy era muito serviço de Vosa Alteza e bem d'elles; e que desse(m) todos muitos louvores a Deus por lhes dar tam vertuosso

senhor e por os meter em tanta amizade e paz: asy, Senhora, que agora me parece, e assy he verdade, que esta terra he de Vosa Alteza, e agora se pode chamar de Vosa Alteza e se fazer nella todo o que Vosa Alteza mandar, e d'antes nom. Eu, Senhora, porque os feytores me mandaram fazer algüas cousas pêra a casa de Guiné nom vou; entam detriminey per esta fazer a saber a Vosa Alteza as forças deste causo ao que Vosa Alteza me mandou com Çida Abodarramem, easy da sua entrada nesta cydade, de tudo avyso Vosa Alteza como pasou.

De Çafim, aos xxbiij0 dias do mes de setenbro de iiijc lRbiij (498) anos.

Diogo Borjes.

Carta de quitação para Lopo de Azevedo, em 7 de Maio de 1499

A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fls. 63v-64v.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal; Doc. VI, pp. 43-47.

Dom Manuell etc.

A quamtos esta nossa carta virem, fazemos saber que por Afomsso de Vivar, comtador de nossa casa, foy ora tomada comta a Lopo d'Azevedo, cavaleiro de nosa casa e feitor que foy por nos em a nosa cidade de Çafym dous annos e sete meses e meo, que começaram em primeiro de julho de mill e quatrocemtos noventa cinco e acabaram em quimze de fevereiro de mill quatro cemtos noventa oito, pella quall se mostra elle rreceber novemta e sete mill e trezemtas e satemta sete dobras, sete tomiins da moeda da dita cidade; e cemto vimte e sete quimtaaes, três arrobas, trimta e liuum arratees d'algodam; e cimquoemta e hüua algafaras de lomdres e amtona guarneçidas; e seis cemtas sasemta alcarzias de lãa; e quinhemtos e oytemta e sete alambees da dita cidade de Çafym; e vimte e très alquiçes cardões de lacar; e sete mill e quinhentos e coremta e quatro alquiçees cardões comuns; e hüua ancora; e quoremta e quatro alquiçees meos tascomtes de lacar; e duas jarras d'alcatram; e cemto e çimquoemta alquiçees abanees; e très quimtaaes d'anill nadador; e vimte e oyto alcatifas de Marrocos; e duas jarras d'alcaparas; e quatro bestas com duas armatostes; e três barras de ferro; e seis balamças

de pesar, a saber: cimquo de cobre e hüua gramde de paao; e cimquo emxadas; e dous ferrolhos; e hüua guydaresa; e cemto e vimte cimquo covodos de lomdres de cores: e trimta e três covodos de mea grãa; e hüua medida de paao d'alqueire e outra de meo alqueire; e hüua medida de vara e outra de covodo; a duzemtos e treze marcos, seis omças e seis oitavas de prata mar cadoira; e quatro polees de paao com suas rroldanas; e três alferções; e dez peças de pessos destes rregnos em que ha sete arrobas e mea de metall e doze arratees e meo de ferro: e quatro peças de pesos mouriscos de ferro em que ha seis harrobas e mea; e hüua pilha de pesar em que ha dezaseis marcos; e quatro rrodas de carro; e dous trados; e huum tromco com quatro bramcos; e dous quimtaaes e hüua arrova de turcajemte: e hüua toalha d'altar de lemço framçees de três varas; e hüua vestimenta de chamalote preto novo; e quatro caldeiras; e duzemtos e huum covodos e terça d'amtona; e quimze lambees outros de rrecames rricos d'Almedina; e quinhemtos e cimquo alquiçees tascomtes de lacar largo; e nove quimtaaes e três arrovas d'outro anill; e cemto e satemta três dúzias e nove barretes berberiscos; e huum braço de ferro pera balamças; e duzemtos e dous quimtaaes e hüua arroba e mea d'emxofre; e vimte e três covodos e meo de panno de grãa; e setecemtas e vimte cimquo varas de lemço de Barbamte B; e setecemtas e vimte duas varas de lemço framçees; e cemto e quoremta varas de mea olamda; e dous mill e oytocemtos e vimte e oyto pemtees berberiscos: e çemto e setemta e nove covodos e quarta de panos largos sem nome; e três arrobas trez omzenas de tarçall de pesso de Çafym; e trimta livras e cimquo omças de çafram; e doze omzenas de borras d'azeile; e dez mill e quatrocemtas e sasemta aljaravias; e seis aldrabas de ferro; e setecemtas e quinze peças d'alquiçees outro haiques; e quatro mill e quinhemtas e sasemta peças e cemto vimte e nove varas de bordates; e quinhemtas e oytemta e oyto peçetas de cores; e vimte maços de comtas vidraças de milheiro cada maço; e cemto e sasemta e duas mill e quatro cemtas comtas cristalinas; e sasemta e sete varas de canhamaços grosos; e vimte e dous covodos de çatym verde; e quimze covodos e quarta de damasco verde e vermelho; e quatro quimtaaes e duas arrovas e seis arratees de grãa em folhelho; e dous quimtaaes e hüua arrova e nove arratees e cimquo omças de lacar; e vimte e três varas de lemço de Bretanha; e omze lamças comtando hüua d'armas; e oyto quimtaaes e hüua arrova e oyto arratees de malagueta; e huum moo de barbeiro; e seis quimtaaes e hüua arrova e mea de pedra ume; e huum picam; e oytocemtos e quoremta e três rroles e trinta e três canas de galvey; as quaaes novemta e sete mill e trezemtas satemta e sete dobras e sete tomiis e cousas sobreditas, elle despendeo todas, que cousa algüa lhe nom ficou por despemder; amtes de todo se

mostra dar booa comta com emtrega, a quall foy vista em nossa Fazemda e acabada peramte nos. E alem das sobreditas cousas, se mostra despender mais, que nom eram carregadas sobre elle em rreçepta, estas que se seguem, a saber: hüua arca de paao com sua fechadura; e hüua cunha de ferro gramde; e oyto couçeiras de ferro; e huum calez de prata com sua patena, dourado de demtro e de fora, que pesou dous marcos e hüua omça quatro oitavas e mea; e hüua cruz de latam dourada; e dous castiçaaes gramdes d'estanho; e hüua campainha de metall; e hüua escada gramde; e hüua estamte de paao; e huum frontall de lemço pimtado de imageens; e duas galhetas d'estanho; e hüa caldeira de latam pêra augua bemta; e novemta e quatro tareas de lãai; e huum livro misall; e huum martello e hûuas obradeiras de fazer osteas; e hüua pedra d'araa; e hûua porta paz de latam esmaltada: e huum rretavollo em três peças, pimtado de imageens; e hûua tavoa d'acemder camdeas; e hüua caixinha de paao, corn os pesos de hûua balança: polio quall damos por quite e livre d'esté dia pêra sempre ao dito Lopo d'Azevedo e a todos seus erdeiros e socesores que depos elle vierem, que, por as sobreditas cousas nem cada hüua d'ellas, nam posam ser mais demandados na dita nossa Fazemda e Comtos, nem em outra nenhûua parte, por quamto se de todo mostra dar booa comta com emtrega como dito he; e por sua guarda e nosa lembramça, lhe mandamos dar a presemte carta de quitaçam, per nos assinada e assellada do nosso sello pendemte. Dada em a nossa cidade de Lixboa a bij dias do mes de mayo, Joham de Bairros a fez, anno do nacimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mill e quatrocentos e noventa e nove annos. E as cousas que assy mais despemdeo, de que nom tem rrecepta, sam nossas e portamto lhas mandamos pagar.

Bula de Alexandre VI,
em 17 de Junho de 1499

A.N.T.T., *Bulas*, maço 16, Nº 21.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal; Doc. VII, pp. 48-50.

Alexander, episcopus, Servus Servorum Dei, ad perpetuam rei memoriam. In apostolice dignitatis fastigio constitutus, Romanus pontifex, circa ecclesiarum omnium, presertim cathedralium, statum diligenter attingit, idque sollicite cogitât; et quantum sibi ex alto conceditur intensius curat, ut ecclesiis ipsis eisque presentibus pastoribus honor

et venustas acrescat, ac, prout decens est, dioceses debite assignentur, prout earundem ecclesiarum statui et animarum saluti conspicit in Domino salubriter expedire.

Sane pro parte venerabilis fratris nostri Johannis, episcopi Zaphiensis, nobis nuper exhibita petitio continebat, quod cum tempore quo ecclesia Zaphiensis, in par tibus Africe constituía, in cathedralem ecclesiam erecta fuit, civilas Zaphiensis, cum omnibus locis circumadjacentibus ab infidelibus occuparetur, prout adhuc occupatur, eidem ecclesie diocesis assignata hactenus non fuit. Verum quia contingere posset quod, concedente Domino, dicta civitas cum locis predictis a christianis recuperaretur, si predicte ecclesie loca hujusmodi pro diocesi assignarentur, profecto id in ipsius ecclesie decorem et amplitudinem cederet, ac ex hoc animarum saluti incolarum dictorum locorum consuleretur; quare pro parte ipsius Johannis episcopi nobis fuit humiliter supplicatum, ut in premissis oportune providere de benignitate apostolica dignaremur.
Nos igitur eundem Johannem episcopum a quibusvis excommucationis, suspensionis et interdicti, aliisque ecclesiasticis sententiis, censuris et penis a jure vel ab homine quavis occasione vel causa latis, si quibus quomodolibet innodatus existit, ad effectum presentium dumtaxat consequendum, harum serie absolventes et absolutum fore censentes, hujusmodi supplicationibus inclinati, de Azamor et Almedine ac Titi (et) Maguazan loca, dicte civitati circumadjacentia, cum omnibus juribus et pertinentiis suis, predicte ecclesie pro diocesi, auctoritate prefata, tenore presentium perpetuo assignamus, appropriamus et concedimus, non obstantibus constitutionibus et ordinationibus apostolicis, ceterisque contrariis quibuscumque.

Nulli ergo omnino hominum liceat hanc paginam nostre absolutionis, assignationis, appropriationis et concessionis infrangere vel ei ausu temerário contraire. Si quis autem hoc attemptare presumpserit, indignationem omnipotentis Dei, ac beatorum Petri et Pauli, apostolorum ejus, se noverit incursurum.

Datum Rome apud Sanctum Petrum, anno Incarnationis Dominice millesimo quadringentesimo nonagésimo nono, quintodecimo kalendas julii, pontificatus nostri anno septimo.

Carta de D. Manuel para Ali Ben Ouachman,

em 15 de Julho de 1500

A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 15, maço 9, Nº 3.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal; Doc. VIII, pp. 51-56; *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. IV, pp. 202-204.

Repostas de Auda Rahamam. A xb dias de junho de mil quynhentos.

O que vos Ale Xemene de nosa parte direes Audella Raman, alcaide da nosa çidade de Çafy, em reposta do que nos per vos emviou falar, he o seguimte:

C Primeiramente que a booa vontade que tem pêra noso serviço lhe agradecemos e estimamos muyto; e que assy he rezom de o ele fazer, porque senpre tivemos e temos muyta vontade de lhe fazer mercee e honrra e darmos ordem como seja acrecemtado.

C Quamto ao que nos emvia dizer, em reposta do que per Vicemte Sodre lhe emviamos apomtar que nossas mercadarias fosem em esa çidade framcas de pagar nenhuum direito, que, pois a çidade estava por nos e elle noso alcayde, nom parecia rezom de lhe pagarmos trabuto; e diz que seja como Nossa Mercee for e que nos lenbre que por Diego Borjes, noso criado, lhe emviamos dizer que, nom pagamdo nosas mercadarias nenhuum direito d'emtrada nem sayda, nos prazeria lhe relevarmos os trezentos meticaes que nos paga de trabuto e somente ficar por trabuto os dous cavalos por que he cousa com que folgamos; dir-lhes que asy he verdade que lho emviamos dizer e em esa era muyto nosa temçom, pero agora comsiramos outra cousa que nos parece que elle deve aver por bem e lhe rogamos que o queira fazer, a quall he que nos queira leixar as dizimas da entrada e sayda de todollos Christãos que na cidade trautarem, que nos as mandemos recadar por nosos oficiaes e este em nos darmos licemça a quem ouvermos por bem que nella trautar; porque folgaremos que os naturaes de nosos regnos sejom os premcipaes do trauto d'ella e levem e tragam tantas mercadarias per que os direitos rendam mais do que ora fazem, a cidade se nobreça e seja muy mais abastada das mercadarias necesarias do que ora he; e que se veja per verdadeira comta o que ora lhe rendem os direitos do mar que os Cristãos pagam, e que nos prazera por elles lhe asemtar e dar em cada huum anno o que seja rezom d'acostamento e tença e lho dar dentro em sua casa muyto bem pago; e que, os direitos de portas e outras cousas que os Mouros lhe pagam, elle os mande recadar e aja. E que nisto elle nom perde, ante terá o seu junto fora das duudas e imcertidões que ha nas cousas do mar; e nos averemos

proveyto pollo aviamento que daremos ao trauto ser mor; e que, se ouvermos proveyto, que sempre folgaremos de lhe dar d'elle algüua parte, alem de seu acostamento que lhe logo a sentaremos.

C Quamto ao que nos envia requerer que mandemos ver a comta dos lambees que ouvermos em tempo de seu tyo e o que se acha por pagar queiramos mandar pagar, lhe dizee que nos praz e que logo mandaremos vereíicar a comta, e o que acharmos que devemos mandaremos com muy booa vontade pagar a elle ou a quem pertenceer, porque, posto que nollo elle nom mandara requerer, por noso descarrego tenhamos preposito de o fazer.

C Quamto a licença que nos manda pidir pêra mandar em cada huum anno huum navio de roupa a Argim e que Estevom Vaaz vos disse que lho tinhamos outorgado, lhe dizee que, ao dicto tempo, lhe davamos lugar pêra mandar algüua roupa a Argim porque o trauto estava d'outra maneira, e que agora he nossa temçom arendal-lo e que, por este respeito, se nom pode fazer; que aquelles a quem o arrendarmos nom queirom que nele emtre outra roupa senom a sua.

C Quamto aas armas que mandou conprar ao Cabo de Guer, e que huum seu Mouro que as conprou as meteo em huum navio de nosos regnos pêra lhas poer em Çafy, e com o tempo nom pode e veo ter a Tavilla, domde lhas nom quiserom leixar tirar, e se foy sem ellas, que, pois do seu dirreito e em terra de Mouros forom compradas, nos pede que lhas mandemos entregar pêra lhas levar, vos lhe dizee que nos prouvera de o fazer, senom fora cousa defessa per o Samto Padre; mas que, polia dicta defessa, al nom posso fazer senom mandar-lhe pagar o que lhe custaram, porque nom temos pêra elo licemça do Samto Padre; pêro que precurarei de a aver e, ávida como espero, emtom poderá ser tempo de lhe fazer mercee de milhores armas do que nos diserom que estas erom.

C Quamto ao que nos emviou dizer de sua estada nas nosas casas, lhe responderes que em toda cousa que ele aja prazer e lhe parecer que recebe favor e segurança, nos folgaremos de o fazer; en pêro que, segundo a emformação que temos das dietas casas, som tam pequenas que, estamdo elle nellas com nosso feitor e mercadarias e esprivom nom poderia asy estar apousentado como nos queríamos que o fosse, quamto mais agora se ele comceder de nos leixar as dizimas dos Christãos como esperamos e nos parecee que lhe vem bem e deve fazer, porque entom ficarom as dietas casas por alfândega e seram mais pejadas, e conprira ter mais homens pêra arrecadaçom e nom se poderá nellas todo alojar. En pêro que, se a elle bem parecer, a nos prazera

mandar fazer as dietas casas mayores e milhores e mais fortees, de maneira que elle posa pousar e estar nellas como lhe conpre, e os dictos oficiaes e mercadarias se aloiarem e todo estar asy agaselhado e seguro como deve. E ainda serem as dictas casas asy grandes e de tal maneira feitas que, semdo lhe a elle necesario de lhe mandarmos algüa jente de cavallo e de pee, pêra fazer guerra a Almedina ou a outra terra e a fazer traubutar e meter a nosa obidiemcia, se posa nas dietas casas agaselhar e estar segura e arredada de noite da conversaçom dos Mouros, pollos imcomvenientes que se dello podem seguir.

E que nos folgaremos muyto de esgar bem isto, porque noso fundamento he lhe darmos ajuda e ordem com que elle em noso nome e como nosso alcayde sogiuge mais lugares e faça que se trabutem a nos, de maneira que nos e elle recebamos proveyto e elle ganhe honrra, mostramdo niso seu esforço e boom coraçom, que avemos por certo que ele tem.

C Lhe dizee que, posto que agora per vos lhe nom mandemos a carta das pazes, que lhe nom pareçea que he por outro respeito, senom por primeiro avermos sua reposta d'estas cousas e emtom se asemtar todo, de maneira que as cousas grandes e pequenas fiquem craras e certas e antre nos e elle e os moradores d'esa çidade nom possa aver duvida algüua, amtes muyta concordia e boom trauto, semdo per nos primeiro todo asentado e decrarado como deve. E he nosa tamçom empero que, antre tamto, elle e a çidade poderom estar descamsados e seguros, que lhe nom sera feito nenhuum dano per nosos vasallos e naturaes, nem outros se antremeterom de lho querer fazer, porque, alem de os Rex de Castella meus padres, por sua vertude e polo amor que me tem, asy averem de gardar as vosas cousas como nos mesmos, ainda per detriminaçom e convemça he asentado antre nos que, nesa çidade nem em todollos outros lugares a redor, elles nem seus naturaes nom posom entender per guerra nem per prazer dos moradores d'elles, salvo que todo fique a nos e este a nosa desposiçam de lhe fazermos guerra ou dar paz como nosa merçee for.

C Mais lhe dizee que nos parece que elle nom se deve chamar senhor de Çafy nem querer que lho chamem, pois o senhorio he nosso e a çidade esta per nosa; soomente deve aver por bem de se chamar xeque e alcayde por nos da dicta çidade; e que asy lhe emcomendamos que o faça, porque o contrayro nom he rezom nem se deve fazer.

Carta dos xeques dos Mechenzaya a D. Manuel,
em 4 de Novembro de 1502

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 15, Nº 139.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal; Doc. XIII, pp. 70-71.

Esta outra carta escprivem as cabeceyras e xeques de Mecem geya, senhores que sam da cidade d'Almidina de Duquella, a el Rrey nosso senhor.

C Ao gramde e muyto honrrado el Rrey D. Manuell, rrey de Portugal e dos Algarves e senhor de Guenea.

Da cabilda de Mecengea, asy dos especiaes como dos geraes, a saber de Brafome filho de Bo Gelem, e de Alle filho de Yacoo, e de Alle filho de Mafomede bem Caçome, e de Alaçem filho de Çayde, e de Jufiz filho de Adella Auderramam, e de Mafomede filho de Alaçem, e de Mafomede filho de Adella, e de Alaçem filho de Brafome, e de Adella bem Çayde, e de Mafomede b(em AJziz o qual vos fazemos a saber como aqui achegou Aya Zeyet e me disy algüas cousas de vosso serviço, e nos disy que, sse estevessemos ao vosso servyço, que elle nos averia de vos ho sseguro rreal, com certas condições que nos disy e a nos aprouvy, conprindo nos com elle o que vos elle rrequere. E a nos apraz de vos dar a obedencia de esta cidade e de toda sua comarca; e vos mandarees vossas mercadorias e homeens a esta cidade, e nos faremos ssempre todo o que mandardes, como vossos vassalos e naturaes ; e esto vos pidimos todos que asy ho façaes e conpraes.

Esprita na cidade de Duquella3 aos iij dias de jumede primeiro, que foram ij dias4 de novembro de ixc e biij anos.

Carta de D'En-Nacer Ben Yussuf a D. Manuel,
em 16 de Novembro de 1502

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 15, Nº 139.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XIV, pp. 72-73.

Esta he a emtrepeção da carta do rrey e xeque de Marrocos a el Rrey Nosso Senhor, o quai ho teor d'ella he este que se segue.

Ajuntamentos de louvores sejam dados a onidade de Deos! Do servo de Deos, ho esperante que sse afyuza em Deos aquello que todolos sseus cassos poem em elle, Hanacer, filho de Jufiz, filho de Ome Almumem hena Alle Alintety — este Alintety he ho alcunha dos rreys da casa de Marrocos — apyade Deos sobre elle, senhor dos juyzos rreaes! D'alcaçova da cidade de Marroquos e da sua província. Ao grande rrey de Portugal D. Manuel — honrre-o Deos com sua justificaçam e ho menistre pera as cousas de sseu amoor e contentamento. E, depoys d'esto, lhe faço a saber como me foy dada vossa carta, com que muyto prazer ouvy, e todo ho conteúdo em ella bem emtemdy e ho bom desejo que nos temdes. Quanto ao que dezees que folgarees de teer conosco amizade, e de mamdardes vossos mercadores com suas mercadorias a tratar a esta nossa cidade, e que nos emviarees vosso servydor de Meça, de que muyto contentamento e prazer ouvemos e o esperamos que viesse, pêra vos com elle rrespondermos, e nom veo.

E ora nos escpriveo do porto de Mazagam vosso servydor Ruy Gil; o qual lhe emviamos esta nossa carta pera vola emviar, pera que Vossa Grandeza seja certificada que todos os que de vossa parte nos forem emviados seram de nos rrecibydos com muyta honrra e tratados com muyto amoor e sso nosso siguro e ho de Deos. E, todo ho mays que vos de nos conprir, ho faremos com muyto amor e boa vomtade, como todo seja a vosso contentamento e prazer.

Esprita aos xb dias de jumede primeiro, que foram a xiiij dias de novembro, era de ixc e biij.

Nestas ij regras de bayxo, vem dezendo que sse emcomenda muyto a mym, e que, ho que me dele conprir, que com muyto boa vomtade ho fará e etc.

Carta de Bou Sba' et de Salem a D. Manuel,
em 2 de Dezembro de 1502

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 6, Nº 149.

Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XV, pp. 74-76.

Senhor,

Bosyba e Selme, vosos alformas e servidores, beyjamos mãaos de Vosa Senhorya. Senhor, ca receimos hüa carta de Vosa Seenhorya, corn que muuito folgamos, em que per ella me mamdastes dizer que tomasamos carguo de vosas cousas; e nos, Senhor, como aquelles que desejamos de servir Vosa Senhorya, tomamos carguo de vosos navios he cousas vosas. Senhor, saberra Vosa Senhorya que Ruy Gyll, que qua mamdastes, vos tem ho porto todo vago polias cousas que nelle faz, asy, Senhor, com Mouros, como com Judeos e asy mesmo com todollos Cristãaos e asy com noshoutras alformas, porque contradyzemos algüas cousas que cumprem a voso serviço, as quaes Vosa Senhorya saberá per eses Cristãaos que esta vos daram. Senhor, saberá Vosa Senhorya como todollos Cristãaos de Portugall prymcypallmente hos gardamos mays que nenhuns houtros, por sabermos que sam vosos. Senhor, quando Ruy Gyll aquy achegou e vymos vosa carta, loguo demos muyto aviamento pera se carreguarem todollos navyos que aquy vysem de vosos rreynos, ho quall elle conpeçou1 de tomar loguo cargua, a saber: a omça e meia por camello, a metade em roupa e a metade em prata. Elle se deu tam mall toda gente d'esta terra que desfez ho porto em maneyra que dai aguora duas honças menos quarta, a metade em roupa e a metade em prata, nam lho querem dar, polias cousas qu'elle fez he faz; e as cousas por omde nos crebramos sam estas: saberra Vosa Senhorya como vyrem aquy dous navyos de Tavylla, ho quall he hum de Fernam Rodrigues Berryo e outro de Dioguo Estevez, e lhes tomou ho triguo de demtro dos navyos, estando ja prestes pera partyr e estes Cristãaos erram vosos e nos avyamos de sayr por elles porque asy e dado aos cavaleyros, como nos a, Senhor, que vos teremos muyto em merçe de nos emvyardes outro homem quallquer que Vosa Senhorya quyser e nam seja este, e sayba a pratyqua desta terra por qu'ese, Senhor, por muytas vezes ho apedregaram he o quyseram matar hos Mouros, e nos, tomando por yso como cousa vosa, numca ho consemtymos e estamos mall corn hos Mouros por amor d'elle; asy, Senhor, que vos teremos em merçe de mandardes que se va loguo de

qua, amtes que mays mall faça e vos mandaremos maa comta de nos, poys que a senpre demos booa, como saberá Vosa Senhorya, por todollos de vosos reynos. Beygamos as mâaos de Vosa Senhorya.

De Mazagam, aos dous dyas de dezzembro de quintos e dous anos; de servyço, de Vosa Senhorya.

Bocyba.

Carta de Yahya Aziate a D. Manuel, em Dezembro de 1502

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 15, Nº 139.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XVI, pp. 77-78.

Esta outra carta he de Aya Zeyete, que esprive a ei Rrey nosso senhor.

Ajuntamentos de louvores sejam dados a onidade de Deos!

Ao muyto (honrado) el rrey dos Christãos, senhor de sua rreligiao e coroa d'elles, Dom Manuell, rrey das terras portogalezas e habridor e achador das Persias e das Hyndias.
Do servo de Deos que nelle se afyuza, Aya filho de Mafomede Zeyete, ho rregedor do xeque de Açafy, que Deos apyede.

O qual faço saber ao vosso grande estado e grande poder como a mym achegou a rreposta do que avya esprito ao vosso feytor de Meçe, Joham Lopez, e do que lhe apontey das coussas de vosso servyço, segundo o que nos espriveo que todo vos avia falado e dito e declarado. O qual volo asy tornamos a notificar e certificar de todo fazermos e conprirmos no modo que lhe esprivemos. E esto que vosso grande poder me torne, poys pode rrestutuyr me as mynhas casas e lugar e as mynhas cabildas de Açafy.
E parecera emtam a verdade e muyto vos aproveytara ho meu servyço em todo o que vos conprir. Porque, louvo muyto a Deos, eu sey servyr, quanto mays que no servyço de vossa casa rreal e eu fuy ho primeiro e ho primeiro que conhecee aos vossos amtecessores; e nos fomos os que alegamos e atamos com os grandes de vossos rregnos. Esto polo presente abasta, e ho rreceba vosso rreal estado asy; e nos mande sseu siguro rreal per terra e per maar, per hyrmos estar e falar com vosso rreal estado e etc. Finda.

Carta de Pero Mendes a D. Manuel,

em 6 de Dezembro de 1502

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 3, Nº 123.
Documento publicado por António Baião in *Documentos do Corpo Cronológico relativos a Marrocos (1488 a 1514)*, pp. 11-12; *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XVII, pp. 79-82.

A el Rey nosso senhor.

Senhor,

Vosa Senhoria saberá como nos chegamos a este porto de Mazagam a xxij d'outubro de Mbcij anos, onde achamos este porto hum pouco desvalyado. Porem, Deos seja louvado, concertammol-lo em maneyra que começamos a tomar trigo. E porque elles faziam suas sementeyras, nom se pode mais fazer que caregarmos esta nao que ora lla emvyamos caregada de trygo. E agora, da feytura d'esta em diante, com ajuda de Deos, queremos caregar pêra os nosos lugares d'aliem como per rygymento de V. S. traz Ruy Gill.

Senhor, V. S. sabera que, nos chegando a este porto, nos foy dito como hum Mouro que esta desterado de Çafy, que se chama Heha Ziate, vyera aquy a este porto ver se achava per quem escrevese a V. S. Tanto que o soubemos, lhe emvyamos hum troteiro que, se elle algüa cousa queria que fose voso serviço, que vyese ao dito porto e que o fariamos saber a V. S. E tanto que elle lia vyo minha carta e ouvyo dizer que eu aqui estava, veo e nos requereo que escrevesemos a V. S. o que se sege:

Prymeyramente, que V. S. lhe mamde dar hum alvara de seguro de yda e vynda e estada e tornada pêra lhe ir falar.

Item. Que elle quer dar a V. S. que lhe page Moley Naçar, senhor de Maroquos, pareas.

E que asy fara que pagem pareas a Y. S. Augor e Gym, que sam dous castelletes na Casa do Cavaleiro, e que abrira o dito porto da Casa do Cavaleiro a V. S. em maneira que seja servido.

Item. Os de Almedina yso mesmo estam d'acordo com elle dito Heha Ziate pera servir V. S., e que, polio mail que os ditos d'Almedyna querem a Audarramam, consytyram quallquer cousa que lhe per V. S. for mandado; e cada dia agardamos per dous outros d'elles prymcypaes, que vem a dizer o dito caso.

Diz que elle se quer obrigar a tudo ysto se V. S. lhe quiser fazer hüa mercê, a quall he que mande a Audarramam, alcayde de Çafy, que o deixe vyver em sua casa como amtes vyvya; e que, quamdo nom quyser, que elle dira a V. S. como vollo dara preso em voso poder pera o castygar sem nenhum trabalho nen despesa, e que pera tudo ysto elle dara a V. S. sua cabeça em penhor de tudo.

E mais que elle se obrigarara de nos deyxar fazer hüa fortaleza em Çafy, onde ora estam as casas, e que elle nom quer mais que ser alcayde de V. S. e entender somente nos Mouros e nem em Cristãos nem em ali.

Item. Que quando V. S. ysto ouver por seu serviço, que mande logo hum navyo por elle a este porto; e que eu lhe mande d'aquy hum troteyro, que logo sera commigo.
E que V. S. me dê lycença pera yr e vyr com elle, por quamto ha dias que me conhece, e tambem sera serviço de Y. S. ir eu lia por vos dizer cousas que conprem a voso serviço.
Do dito Heha Ziate nom digo ora mais.

Senhor, asy me parece que diz Celeme bem Ornar, alforma vossa, que he primo de Bu Xiba, que elle se atreve a fazer hüa fortaleza a V. S., se lhe der pera certas cabeceyras prymcipaes algüas cousas, pera lhe dar e os contentar em quanto se a casa ou fortaleza fyzer e pera os fazer rehalar sobre o dito porto. E que a elle ha V. S. de poer hüa tença cada ano, se a dita fortaleza vos fyzer, e mais que o aja por alforma d'ella e de vosos navios.

Dos d'Azamor nom digo nada, porque ja V. S. sabe que sam çabyllas, e mays nos nom temos entrado em o ryo, salvo lhe emvyou Ruy Gill as cartas que lhe V. S. mamdou; e segumdo parece, elles estam mall contentes com o dito Ruy Gill. Se hy ha niais, nom o sey; Ruy Gill o escrevera a V. S. E elles dizem que tudo faram, senam fortaleza.

Feyta em Mazagam ôje bj dias de dezembro de 1502. Eu escrevo a Rodrigo Afomso que requeyra V. S. sobre este caso e asy que me mamde recado, do que V. S. he servido.

Pero Mendez.

Instruções para Sancho Tavares,

em 22 de Abril de 1504

A.N.T.T., *Leis*, maço 2, Nº 7.
Documento publicado in *Archivo Historico Portuguez*, Vol. VII, pp. 301-302; *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal; Doc. XIX, pp. 87-91.

Au dos: Ystruçom do que ha de fazer Sancho Tavares sobre as cousas d'Azamor.
Sancho Tavares, ysto avees de fazer no que toca as cousas d'Azamor:

C Tamto que fordes em Mazagam, mandarees logo voso recado aos xeques, cabeceiras e pryncipaes d'Azamor, e lhe farees saber como estaees aly e que lhe levaaes nossa carta de rreposta do que agora derradeiramente nos spreveram sobre suas coussas e asy outros rrecados nossos que vos mandamos que lhe fales; e que, por Ia nam poderdes hyr, por hy em Mazagam vos mandarmos fazer allgüuas coussas de noso serviço que nam podees leixar, elles vos venham hy fallar, asy como ho fezeram a Álvaro da Costa, pera nosa carta lhe dardes e asy os outros nossos rrecados que pera elles levaaes. E, como hy forem, lhe darees a dita nosa carta, e, per vertude da crença d'ella, lhe dires as cousas seguyntes:

C Lhe dires que vymos sua carta, pella qual, com imteiro conheçimemto de seus erros e culpas passadas, ssegundo que por ella ho mostram todos jumtos e de huum coraçam, nos pediram por merçee que lhe quissessemos perdoar e os rreceber a noso serviço, emparo e defenssam, como d'amtes estavam, porque, como verdadeiros e leaaes nosos servidores, em todo nos servyryam e satisfaryam ynteiramente todo aquello que no porto d'Azamor foy tomado os dias pasados de nossos navyos que hy sse perderam e assy de nossos naturaes, com outras mays pallavras e coussas comthyudas em sua carta. E que nos tynhamos acerqua d'eles e de suas coussas outro preposyto e tall per que elles foram beem castigados, aveemdo rrespeyto ha como conheceram mal a Noso Senhor Deos quanto beem e quamta merçee lhe tinha feyta por os trazer e estarem a nos chegados e sob noso emparo e defemsam, e assy mesmo por nas cousas de noso serviço tam mal gardarem e fazerem ho que devyam e eram obrigados, per omde suas culpas e erros eram mais dynos de castigo do que d'outra merçee nem favor. E por ysso ateequy em suas cousas nom quiseemos olhar neem fazer o que per allgüuas vezes nos spreveram e emviaram pedir, por aimda emtam estar mais fresco o desprazer e descomtentamento que deles tynhamos e nossa vomtade pera elles mais dura. Pero que,

veemdonos agora como eles se conhecem das cousas pasadas e como d'elas se mostram amte nos conhecidos e arrepemdidos e se sometem, como queem de sseus erros estaa com inteiro conhecimento, e como taaes nos pedem merçee e perdam, e primcipalmente por em sua carta nollo pedyrem pello da Raynha, minha sobre todas muyto amada e preçada molher, a nos praz os tornar e rreceber em nosa primeira graça e nos esquecermos de seus erros e culpas e lhas perdoarmos e recebermos em nosa garda e defemsam como d'amtes estavam. E que eles devem receber ysto de nos en tam grande e assynada merçee, como nos aveemos que nisso lhe fazeemos, porque, segundo o preposyto que tynhamos de seu castiguo, he muyto grande. E que elles satisfaram todo aquello que aly em Azamor se tomou aos ditos nosos navyos e de nosos naturaes, asy ynteiramente como per sua carta noilo ofereceram e sse obrygaram e ssem ficar coussa algüua, e asy bem como de todos elles o deveemos esperar. E vos receberes d'elles tudo, e pello rroll que das ditas cousas vos sera dado em nosa fazenda e per, que comvosco d'aquy vay, poderes ser enformado das cousas quaes e quamtas sam, pêra todas as cobrardes e das que fallecerem vos seer feita imteira paga e satisfaçam.

C Lhe dires que, quanto a seus presemtes e serviços que por sua carta nos ofereçem, e vymda a nos com ysso d'allgùuas pessoas prymçipaaes deles, que nos recebemos em prazer suas booas vontades que pêra ello mostram e que nisso eles poderam fazer o que por milhor ou verem, porque do que nisso lhes prouver rreceberemos nos prazer.

C Lhe direes que elles nos devem ha paga do trebuto que nos sain obrigados dar em cada huum anno de dous annos pasados; e que folgaryamos que, ho que vallerem os ditos trebutos dos ditos dous annos, nollo pagasem agora em triguo, que lhe encomendamos muyto que, por nisso nos servirem, ho queyram assy fazer. E trabalhares quanto posyvel vos seja por a ysso os trazerdes.

C Lhe direes como nos, por seu beem e por suas coussas rreceberem favor e a seus imiguos e que mail lhe dessejam quebrarem com isso os corações, mais do que por outro alguum rrespeito, folgaryamos de elles nos servirem agora em algüua cousa tal, per que fosse de todos sabido como elles eram tornados a nossa primeira graça e rrecebidos a noso serviço e postos comnosco como d'antes estavam. E que, por tamto, nos lhe gradeceremos e frecé-" beremos d'eles em serviço quererem dar naquele porto d'Azamor a nosos navyos que aly foreem dous mil moyos de triguo e os leixarem d'aly tirar. E que seram muy beem pagos e a preços yguaaes e que rreceberam d'isso muito proveito, alem dos outros beem s que d'isso se lhe sygiram; e a nos faram prazer e

serviço. E que lhe encomendamos muyto que isto folguem agora de fazer com aquela booa vontade que confyamos que pêra outras cousas mayores de noso serviço tenham, por asy folgarmos de lhe fazer merçe e nos esquecer de suas culpas e lhas perdoar, em que eles de nos tamta merçe rrecebem. E que, com estas cousas asy feitas como as queremos e que sam ta m leves pêra elles fazerem e emvyando eles a nos pessoa ou pesoas suas, per que d'ellas possamos teer seguramça, ffolgaremos de satisfazer a todo o que per nosa carta lhe spreveemos e per vos de nosa parte lhe he dyto, e aliem d'isso emviar Azamor nosso feytor, como por eles nos he pedido. E vos trabalhares quanto poderdes por os trazer a o fazerem assy como ho queremos, por que nos farees nisso muyto serviço, pella necesydade do pam que hy ha. Pero, em vossas falias, nam mostrares soomente que nos movemos a isto pêra mais seu beem, pellos respeitos que ditos ssam.

Sprito em Lixboa a xxij dias d'abril, Antonio Carneiro o fez,

E, por que saybaes a regra que avees de teer na avaliaçam da vallia dos saves de que nos he devydo o dilo trebuto, parece-nos que se devem comtar ao preço que eles la os vendem, e d'hy pera cyma aproveytardes o mais que com nosso serviço poderdes; e o triguo ao preço que la valer e d'hy pera baixo, quanto vos por noso serviço mais ho poderdes fazer.

Rey.

Carta de D. Manuel aos habitantes de Azamor, em 22 de Abril de 1504

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 8, Nº 67.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XX, pp. 92-94.

Xeques velhos, cabeceiras e primcipaaes da cidade d'Azamor, nos, Dom Manuel, per graça de Deus, rey de Portugall e dos Algarves d'aaqueem e d'aaleem maar em África, sennor de Guynee e da comquista, navegaçam e comercio de Etiopia, Arabia, Persya e da Imdia, vos fazemos saber que vymos vossa carta que agora derradeiramente nos scprevestes, pella quai muyto aficadamente e com imteiro conhecimento de vossos erros e culpas pasadas e todos jumtos e de huum coraçam, segundo que per vossa carta

ho mostraaes, nos pediis por merçee que vos queyramos perdoar e vos recebamos a nosso serviço, emparo e defemssam como d'amtes estáveis, porque, como verdadeiros e leaaes servydores em todo nos servyres e satisifares imteyramente todo o que hy nesse porto foy tomado os dîas pasados de nossos navyos que hy sse perderam e assy de nossos naturaes, corn outras mays pallavras e coussas comthyudas em vossa carta.

E posto que, por tam mal conhecerdes a Nosso Senhor Deus quamta merçee tynheys d'elle recebida por estardes a nos chegados e sob nosso emparo e defenssam, e assy mesmo por nas cousas de nosso serviço tam mal gardardes e fazerdes ho que devyees e ereys obrigados, vossas culpas e erros merecessem e fossem mais dynos de castiguo do que d'outra merçee nem favor, e ateequy por isso em vosas coussas nam quisesemos olhar neem fazer o que por algüas vezes nos emviastes requerer e pedyr, por aimda emtam estar mais fresco o desprazer e descontentamento que de vos tynhamos, e teermos mais vomtade de receberdes castiguo como ho merceyres do que outro alguum beem, veemdo agora como vos conheces das cousas passadas, e como d'ellas vos mostraes amte nos conhecidos e arrependydos e vos sometes como queem de seus erros estaa com ymteiro conhecymento e como taes nos pediis merçee e perdam, e prymcipalmemte porque em vossa carta nollo pediis pello da Rainha, minha sobre todas muyto amada e preçada molher, a nos praz vos tornar a receber em nossa primeira graça e nos esquecermos de vossos erros e culpas e volas perdoarmos e recebermos em nossa garda e defeemssam como damtes estaveys: o que todos vosoutros devees receber de nos em tamanha merçee, como nos aveemos por certo que nisto vos fazees e vos satisfarees todo aquello que hy se tomou aos ditos nossos navyos e de nosos naturaes assy ymteiramente como per vosa carta vos ofereces e obrigaes o fazer, e assy beem como de todos vosoutros agora ho deveemos esperar.

E quamto a vossos pressemtes e serviços que nos ofereces e vymda a nos d'alguuns dos principaes de vosoutros, recebemos em prazer vossa booa vomtade e nisto poderes fazer o que vos beem parecer e por milhor ouverdes, porque do que nysso vos prouver receberemos nos prazer.

E sobre o que toqua a paga dos trebutos dos anos pasados que nos sam devydos, e assy em saca de dous mil moyos de triguo que folgaryamos que d'hy sse tirassem pêra nosos reynos, mais por sse saber que vos recebeemos e que estaees a nosso serviço e seer quebra pêra aqueles que mal vos dessejam e com isto vossas coussas se ííavorecerem e aproveytarem do que por outro alguum respeito, Sancho Tavares, cavalleiro de nossa cassa, que agora la emviamos, vos fallara de nosa parte.

Emcomemdamos-vos e vos rogamos que ho creaaes e lhe dees acerqua d'isso imteira fee e crença, e o façaes asy como por elle vos sera da nossa parte fallado. E, fazeemdo vos asy e emvyamdo a nos pessoa ou pessoas pêra que com ellas posamos teer d'isso segurança, folgaremos de satisfazer todo o que nesta carta dizeemos e emviar hy a Azamor nosso feitor, como nolo pediis, e vos deves nisto folgar de nos servir, pois pêra este e outros mayores serviços teemdes tamta rezam e obrigaçam.

Esprita em Lixboa, a xxij de abril 1504.

El Rey.

Que houvera de levar Sancho de Tavares e levou-a da minuta velha; e levou Diogo da Mouta esta em lympo a xxx de junho de 1504.

Carta Patente de D. Manuel, em 21 de Maio de 1505

A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fls. 133v-135; A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 42, fl. 25.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XXI, pp. 108-113.

A Jorge de Mello, doaçam e rnerçee da fortaleza que, com licença d'el Rey, a de hyr fazer aho porto e lugar de Marzagam, e lhe faz merçee e senhorio da dicta capitania de juro d'erdade pêra sempre, com as comdições aqui decraradas, etc.

Dom Manuel etc. A quantos esta nossa carta virem, fazemos saber que Jorge de Mello, fidalgo de nossa cassa e nosso capitam dos besteiros de cavallo, nos disse como elle, assim por nos servir como pello proveito que d'isso esperava receber, folgaria, damdo-lhe nos pêra isso licemça e auctoridade e fazemdo-lhe nisso aquella homrra e merçee que fosse gozante pêra elle e seus descemdentes, de hir fazer a sua propria custa e despessa em Marzagam hüa fortaleza, no porto e lugar que elle ja por nosso mandado fora, e em que pêra ello avia milhor dispossiçam, assi pêra bem de proveito que d'aquella terra se podia tirar, como pêra mais segurança se poder fazer. E visto por nos depois de nisso bem consirarmos, por sintirmos por coussa muy proveitossa pêra nossos

reynos e nosso serviço se fazer alli a dieta fortaleza, nos prouve, como de feto apraz, (d)e dar licemça e auctoridade pêra no dicto porto de Mazargam elle hir fazer a dieta fortaleza assi a sua propria custa e despessa, com algüuas ajudas que, pêra ysso lhe faremos mais merçee, nos prove de lhe dar. E por esta presemte carta, avemdo respecto a como elle se despõe com sua pessoa e gasto de sua fazemda nisso nos hir servir e fazer a dieta fortaleza, da quall se pode seguir nosso serviço, assi na saca do pam que alli sempre avera pêra nossos regnos, como em outros muitos proveitos de mercadorias da terra e outras coussas, de que com ajuda de Deus se poderá seguir muito seu serviço e nosso, e por nisto lhe fazermos graça e merçee, lhe fazemos pura e yrrevogavell doaçam pêra sempre, pêra elle e todos seos herdeiros decemdentes per linha dereicta, do senhorio e capitania da dieta fortaleza, na maneira (e) com has cousas e condiçõoes abaixo decraradas, a saber: elle dicto Jorge de Mello avera e terá em sua vida ho senhorio e capitania da dieta fortaleza e per seu fallecimento vira aho seu filho mayor barãao lidimo que aho tempo de seu fallecimento ficar d'elle per linha dereicta a sua dereita socessam ; e semdo casso que ho dicto seu filho nam aja filho varãao lidimo, praz nos que venha esta merçee e doaçam a qualquer filha mayor das que aho tempo de seu fallecimento ficarem d'elle, sem embargo da ley mentall, a quall queremos que em esta doaçam e merçee nam aja lugar; e d'ella viira aho seu filho mayor barãao lidimo que ao tempo de seu fallecimento ficar, e d'elle ahos que d'elle decenderem por sua dereicta socessam; e nam avemdo filho barãao, vimra a sua filha mayor que aho tempo de seu fallecimento ficar d'ella por sua dereicta socessam, em maneira que, em quanto hi ouver filhos barrõoes d'aquelle ou d'aquella que herdar, sempre vimra a elles per sua dereicta soçessam; e nom os avemdo, vinrra a as filhas no modo que dicto he, sem embargo da dieta ley mentall; e sendo caso que ho filho barão lidimo do dicto Jorge de Melo. a que esta merçee e doaçam a de vir como dicto he, nam aja filho nem filha pera ysto aver d'erdar, em tall casso nos praz que passe esta doaçam e merçee aho seu filho segundo, e d'elle aho seu filho mayor barãao lidimo que d'elle ficar aho tempo de seu falecimento, e d'elle a seus herdeiros e socessores per sua dereicta socessam de filhos e filhas, no modo acima decrarado. E assi corra todollos outros filhos barõoes do dicto Jorge de Mello, como aquelle que esta merçee e doaçam herdar nam ouver filho nem filha, como dicto he, pera a elles virem, segundo que lhe outorgamos. Item nos praz que elle dicto Gorge de Mello e seus deçemdentes, que a dieta fortaleza herdarem no modo que aqui he decrarado, ajam ho dizimo de todo pam e mercadorias e todas outras cousas, de quallquer gênero ou calidade que seiam, que do dicto porto se tirarem, e assi

pera nossos regnos e fora d'elles hora seja d'elle tirado por nossos naturaaes, hora por estrangeiros, porque este trebuto queremos que paguem soomente da sacada do dicto porto todos hos que d'alli forem resgatar; e se elle, dicto Jorge de Mello, e seus herdeiros que isto herdarem, virem que convem ali empoerem outros dereictos mais, assi ahos Mouros e gentes da terra como ahos Christãos que alli forem comprar e vemder, nam hos poderam empoer, e soomente ho faram saber a nos e nos declararam ho que d'isso lhes parecer e apomtaram has rezões que tem pêra isso, pêra nos todo veremos e fazermos nisso ho que mais nosso serviço for e o averemos por bem. Pero decraramos que, sendo casso que emponhamos outro tributo e dereictos a dieta dizima das sacadas, no modo que dicto he, elle dicto Jorge de Mello e seus herdeiros e socçessores a que esta doaçam e merçee vier, ho ajam livremente pêra sy, assi como am d'aver dicta dizima na maneira que aqui he decrarada. E decraramos mais que, semdo casso que elle dicto Jorge de Mello e seus decemdentes que isto herdarem, façam tributar hos Mouros da terra de junto da dieta fortaleza até seis legoas, elles ajam livremente pêra si todollos dictos tributos e dereictos, em que elles hos fizerem tributaires e lhe pagarem, assi como ham d'aver a dieta dizima. Item: elle dicto Jorge de Mello e seus descemdentes a que esta doaçam e merçee vier, poderam ter na dieta fortaleza suas cassas de mercadorias quaes e quantas lhe aprouver, tiramdo aquellas que sam defessas pello Sancto Padre e per nos, e se aproveitaram d'ellas em suas vemdas e resgates, como lhe milhor vier. Item: a todos hos que alli forem aho dycto porto comprar e vemder, assi nossos naturaes como estrangeiros, sera ho dicto porto franco, e pagaram a dieta dizima soomente do que dalli sacarem e tirarem; e (de) quaaesquer outros dereyctos que per hos tempos por nos e por nossos socçessores lhe forem empostos, e de todo mais seram frameos e livres. Item: elle, dicto Jorge de Mello, e seus deçendentes seram obrigados de teer e manteer a dieta fortaleza a sua propria custa e despessa, sem nos seremos obrigado, nem nossos socçessores, a nenhüa coussa da mantença d'ella, e seram obrigados ho diclo Jorge de Mello e seus herdeiros e socçessores a que a dieta doaçam e merçee vier, de nos fazer e faram e assi a todos nossos socçessores preito e menajem pella dieta fortaleza e capitania, segundo foro e huso e foro e custume d'estes nossos regnos. Item: damos aho dicto Gorge de Mello e a todos seus descemdentes que a dieta forta leza herdarem, todo aquell poder, jurdiçam e alçada que tem e de que hussam nossos capitãaes dos nossos lugares d'allem, e assi ha dada dos officios da dicta fortaleza, como hos dictos capitãaes o tem por nossas cartas e doações; e hos dictos oficios que assi posser levaram e poderam levar hos dereictos de

seus ofícios, assi como alevam, per nossos regimentos e hordenações, hos officiaes dos dictos lugares. Item: semdo casso que nos ou nossos socçesores queiramos tomar aho dicto Jorge de Mello ou a seus herdeiros e socçessores a dieta fortalleza, podel-lo-emos fazer, com todallas rendas e dereictos que ouver, e fazemdo, quando lha assi tomaremos, lhe sera paga a honrra d'ella e proveito que ali tinha aho tempo em que lhe assi foy tomada, per verdadeira e justa estimaçam que d'isso se fará por pessoas que pêra ysso se tomaram, que ho bem entendam. A quall paga e satisfaçam lhe ficaram assi e pella propria forma, modo e maneira em que esta doaçam e merçee tinhamos fêta a elle Jorge de Mello e a seus socçessores que aviam d'erdar primeiro; se amtes o dicto Jorge de Mello ou seus herdeiros quiserem que lhe seiam pago em dobro aquello que, até ho tempo em que lhe assi for tomado, tiverem gastado no fazimento da dieta fortaleza, ficara em sua escolha tomarem quall d'esta mais quisserem e virem que lhe milhor vem, e aquella parte d'estas duas escolherem lhe sera pago em cada hüua das dietas maneiras; e tomando nos a dieta cassa, ou nosso(s) socçessores, em vida d'elle dicto Gorge de Mello, praz nos que, posto que assi lhe tomemos e aja d'aver por ysso sua satisfaçam e paga, commo dicto he, lhe fique em sua vida e de seu filho mayor barãao lidimo que aho tall tempo tiver a dieta capitania da dieta fortaleza com aquello que com ella lhe hordenaremos. E semdo casso que seia a dieta cassa tomada per nossos socçessores a quallquer dos herdeiros do dicto Jorge de Mello que a te ver, serlhe-a feto ho pagamento em cada huum dos modos que dicto he, quall elle escolher, e mais lhe ficara, em vida d'aquelle em cujo tempo for tomada, a dieta fortalleza e capitania d'ella com aquello que com ella lhe for hordenado. E porem lhe mandamos dar esta carta por nos assignada e assellada do nosso seello, a quall mandamos que em todo lhe seia comprida e guardada, como nella he contheudo, porque asi he nossa merçee. E queremos e nos praz que se nam possa comtra ella hir em maneira algüa, nem em temp alguum, e que valha sem embargo de quaaesquer lex e hordenaçõoes e dereictos (e) qualquer outra coussa que contra esta doaçam se possa allegar, porque todo cassamos, anullamos e avemos por nenhum, em quamto comtra esto for, em parte ou em todo; e queremos que todo seia de nenhum vigor e força, e todavia esta doaçam valha e seia firme e se cumpra e guarde como nella he contheudo, porque assi he nossa merçee.

Dada em a nossa villa de Sanctarem, a xxj dias de mayo, Antonio Carneiro a fez, de mill e quinhentos e çinco annos.

Instruções para Garcia de Melo,
em 18 de Junho de 1505

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 5, Nº 28.
Documento publicado in *Documentos do Corpo Cronológico relativos a Marrocos (1488 a 1514)*, pp. 20-23 *e Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XXII, pp. 114-119.

Regimento de Garcia de Mello.

Nos el Rey fazeemos saber a vos, Garcia de Mello, fidallguo de nosa cassa, que ora hirees com a armada ao Estreyto, que este he o regymento que vos mandamos que guardes e tenhaes em vosa ida a Çafy com Aya Ziet, que comvosco levaaes.

C Primeiramente, porque ho negocio pera que o dito Aya Ziet vay, ssegundo que sabees, he de tall calidade que comveem sseer feito com muy grande resgardo, asy pera o que compre ha beem do negocio como pera mais segurança de noso serviço, teres esta maneir.a, a saber: vos yrees diamte com os navyos da vossa comserva que mais jeente levarem, e com estes chegares d'avante a cidade tamto como posa booamente chegar a vos quallquer recado que da cidade quisser vyr ou vos a ella emviar e que estees em segura amcoraçam. Trabalhares de tomar o porto amtes da noite huum pouco, tanto como posaes sser vistos da cidade, e os outros navyos leixares detrás vos quanto vos parecer necessaryo, asy pera poderem ficar mais seguros, como pera se chegarem a vos mais prestes, se convyer. E leixares, nos navios que asy leixardes atras, hüa pessoa que d'eles tenha careguo primcipall até convosco se ajuntarem, a qual pesoa seja tall como pera tall careguo comveem.

E seemdo vos d'avamte da cidade com os navios com que asy primeiro ouverdes d'achegar, emtam trabalharees como ajaes falia com allguns da cidade. E a esses com que fallardes direes como vos amdaes aly com a nosa armada que levaaes, e que vos mamdamos que chegaséis d'avante a cidade pera saberdes como os Mouros d'ela estam, porque, pellos recados que teemos de como sam mall tratados d'Audarrahaman e lhe faz muitos agravos e ssemrezõoes, nos recebemos d'isso muyto desprazer, por os teermos e suas coussas como coussas nossas, e asy folgarmos que sejam trautados e favorecidos; e que aimda muyto mais nos despraz por o dito Audarraman tam mall se lembrar, pera nos conhecer e servyr, a mercee e favor que lhe fezeemos, com a qual aly emtrou e foy recebido, como eles sabem.

E que, por estarmos certeficados das semrezõoes que ally a todos faz e pouca justiça que nele sse acha, nos emviamos aly comvosco Aya Ziet, que nos pedio muito por mercee que comvosco o emviasemos, o qual nos tem certeficado que os Mouros d'aquela cidade èstam em detryminaçam de o dito Audarraman lançarem fora e receberem a elle dito Aya Ziet, e que queremdo elles assy fazer, nos averemos d'isso prazer; e levaaes noso mamdado pêra ao dito Audarraman dizerdes de nosa parte que se saya da cydade e sse vaa pêra ahomde lhe beem vyer, e, queremdo elles receber o dito Aya Ziet e lançar fora o dito Audarraman, vos lho mandares asy da nosa parte; o que asy farees, poemdo-sse elles nyso; e, pello mandado noso que levaaes, os ajudares com todo o que vos for posyvel, seemdo com tall segurança que sem pejo posaes fazê-lo, provocamd-os com estas pallavras a yndynaçam comtra o dito Audarraman, pêra poherem em obra ho lançamento d'elle fora e recebimento do dito Aya Ziet. O quall tanbem fallara com elles no modo que lhe bem parecer e segundo que sentyr que aproveytara pêra bem do negocio.

E no começo d'esta falia ou no fim d'ella, como milhor vos parecer, darees aos ditos Mouros a carta que lhe emvyamos, que levaaes.

E dir-lhe-es mais como, sse o quizerem fazer, vos levaaes muyta geente, com a qual e com a artelharya e toda outra cousa de vossa armada os favoreceres e ajudares, porque sabees que nos receberemos muito prazer de elles ficarem descaregados do maao trauto e semrezoes que do dito Audarraman recebem, e de ficar o dito Aya Ziet.

C Poemdo-sse os Mouros em lançarem fora o dito Audarraman e receberem o dito Aya Ziet, neste casso, aveemd-os vos d'ajudar, nam sayres vos nem gente allgüa em terra pêra os ajudardes, salvo com toda segurança, a saber d'arefeens principaes que vos sejam dadas e que vos tenhaes nos navios, e damdo-vos a tore e a porta que estaa mais junto das nosas casas, e ssemdo bem apoderados d'ella e seguros, de maneira que com todo resgardo posaes sayr e, se comvyer, vos recolherdes aos navyos, o poderdes fazer ssem impydymento allgum. E sayndo, ajudarees os ditos Mouros comtra o dito Audarraman ho milhor que poderdes.

Pero, acerqua d'esté sayr em terra, vos mandamos que estees a detryminaçam das mais vozes, a saber vossa e de Joham Lopez de Sequeira e Ruy Fernamdez e Dioguo da Mouta; e o que pellas mais vozes nesta sayda e em toda outra cousa do negocio se detrymynar, se gardara. E, quando fosem as vozes yguaes, a nam sayr e a sayr, aveemos por bom e mandamos que amtes sse tome a parte do nam sayr que ha do sayr, por esta ser mais segura em semelhante negocio, e pêra que, pella veemtura, nom levaaes tanta

força como en semelhante cousa comveem pêra sem pejo se emtemder neella. Pero, quando asy fose, ssera com desymulaçam tall que nam desconfiem os Mouros de vosa ajuda e favor.

C Se caso fosse que ho feito se fezesse, a saber que os Mouros, com vosa ajuda ou sem ella, lançassem fora o dito Audarraman e recebessem ao dito Aya Ziet, e o negocio com ele ficasse aseemtado, emtam veres se logo sse pode comcertar que se faça porta no muro pêra aas nosas cassas da parte do mar, naquele lugar que mais comvenyente for, mostrando que, pêra mais segurança sua d'elles, sse deve fazer, e com quaesquer outras booas rrezões que bem parecerem. E asy mesmo vos trabalharees de se fazerem as ditas nosas casas mais fortes, podemdo logo seer feyto.

E fazemdo-sse ambas estas cousas e com ellas ficasem asy fortes as ditas nosas casas que com toda segurança podesem nellas ficar xxb até xxx bornées com allgüa artelharya e armas, leixal-los-es, fycando com elles o dito Aya Ziet. E leixares com elles hüa pesoa das que comvosco vãao, com ho careguo principall, tall em que bem cayba e que dee de ssy toda booa comta e recado, até nos hordenarmos ho que se ffaça.

E nam se podemdo estas duas cousas fazer, entam ssoomente leixares o dito Aya Ziet apoderado na dita cidade com a governança e mando d'ella, e farees vosso caminho do fundamento que levaaes, a saber yrdes corn Yoham Lopez ajudai-lo ao outro negocio seu, asy como elle neste o fez a vos, e depois ao ai pêra que hys ordenado.

E nam fazemdo nada em Çafy, em tal casso tomares a trazer comvosquo Aya Ziet, porque asy o aveemos por mais noso serviço, antes que leixal-lo la em parte algüa; e asy vos mandamos que ho façaes.

C No outro negocio de Larache, depois de aquel em Çafy acabado, emtemderes segundo que comvosquo o praticamos, podemdo-se com toda segurança fazer, praticamdo vos porem primeiro que nenhüua cousa façaes ssobre yso com o comde de Tarouca e dom Joham de Meneses; e com seu parecer e comselho farees o que nisso for pêra fazer, olhamdo senpre que aquillo que ouver de sser feyto, ho façaes com tall resgardo e recado qual comveem por noso serviço.

C A carta que levaaes pêra Audarraman lhe emviares se os Mouros se poserem em se levantarem contra elle e o lançarem fora; e em outra algüa maneira lha nam darees.

Porem vos mamdamos que vejaaes muy bem este regymento; e o compry e garday como nelle he comtyudo, porque asy nos praz.

Sprito em Lixboa, a xbiij dias de junho, Amtonio Carneiro o fez, 1505.

E direes aos ditos Mouros que, recebemdo elles Aya Ziet, nos averemos muyto prazer com ysso, e os receberemos em nosa guarda e emcomemda e emparo pera senpre, gardados e defemdidos como cousas nossas; e que o prymcipal fumdamento que tomamos pera vos emviarmos foy por sseu bem e descamsso, pellas muytas semrezõoes e agravos que d'Audarraman tem recebidos e recebem, de que muyto nos despraz. E avemos por beem que a pessoa que ouver de ficar em Çafy, no casso que o feyto se faça, sseja Ruy Fernamdez, pello conhecimento e pratica que mais teem da terra; e asy o fares.

Rey.

Alvará de D. Manuel,
em 5 de Setembro de 1506

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 5, Nº 112.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XXIII, pp. 128-129 e António Dias Farinha, "A Madeira e o Norte de África nos Séculos XV e XVI", in *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, Vol. I, p. 366.

Nos el Rey mamdamos a vos, nosos almoxarifes ou recebedores da nosa ilha da Madeira, asy na parte do Fumchall como de Machiquo, e aos scpryvães dos ditos almoxarifados, que todas aquelas cousas que vos mandar requerer por seus asynados Dioguo d'Azambuja, do noso comsselho, que mamdamos fazer a forteleza do Mogador, pêra as obras da dita forteleza e quaesquer outras que lhe comprirem, vos lhas mandées todas, e despendaaes nisso o dinheiro que compryr, e com toda diligencia lhas emviees, por que releva asy muyto a noso serviço. E, por este noso alvará, com os asynados do dito Diogo d'Azambuja e conhecimentos d'aqueles a que por seu mamdado as entregardes, mamdamos aos comtadores que vos levem em comta todo o que nisso despenderdes com aseinto de voso sprivain em seus livros, e asy o façam em todo o que antes d'esté lhe teenides cmviado.

Feyto em Coinbra, a b dias de setembro, Amtonio Carneiro o fez, 1506.

Rey.

Pêra os almoxarifes da ilha da Madeira, que emviem a Dioguo d'Azambuja o que lhe mandar requerer.

Carta patente de D. Manuel, em 27 de Junho de 1507

Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XXIV, pp. 130-132.

Dom Manuel, per graça de Deos, rrey de Purtugual e dos Alguarves d'aquem e d'alem mar em Africa, senhor de Guiné e da comquista, navegaçam, comercio d'Etiopia, Arabia, Persia e da Imdia, a quuamtos esta nossa carta virem fazemos saber que, esgoardando nos aos muitos syrviços de Diogo d'Azambuja, do nosso comselho, e como nos tem muito bem servido no fazimento do noso Castelo Rreal do Mogador quue lhe mamdamos fazeer em Africa, em quue levou muito trabalho, com rrisquo de sua pesoa e muita despesa de sua fazemda, e como por ysso e rrezam quue rreçeba de nos homrra e merce, e queremdo-lha fazer como he cousa justa quue a façamos aqueles quue nos bem servem, asy como ho ele tem ffeito, e por comfiarmos d'ele que nisto e em toda outra cousa de quue o emcarregarmos nos saberá mui bem servir e dara dy sy mui boa comta e rrecado, e por esta presente carta lhe fazemos merce da capitania e alcaidaria moor do dito noso Castello Rreal do Mogador; com a quual capitania quueremos e nos praz quue aja em cada huum anno, pêra sua mantença e dos moradores e pesoas quue ordennamos quue no dito Castello aja de ter pêra guoarda e defemsam d'ele e do quue lhe mandamos quue faça por noso serviço, e aquuelo quue por noso regimento e hüua nosa carta de ditriminaçam sobre elo ffeita temos hordennado quue aja d'aver.

E camto a jurdiçam e poderes da dita capitania e guovernança do dito castello, pola muita comilança quue d'ele temos quue em tudo fará o que deve por noso serviço, booã governança e bem das cousas da justiça, praz-nos e lhe outorguamos quue ele tenha sobre todos os moradores, fromteiros e pesoas, de quualquuer comdiçam e calidade quue sejam, quue ao dito castello por noso mandado e serviço ou por quualquuer outra maneira forem estar, toda a jurdiçam, poder e alçada de eivei e crime quue temos dada aos nosos capitães dos nossos luguares d'alem maar; e que posa huusar

e huuse d'ela em todos os casos asy eives como crimes naquela propia foorma, modo e maneira quue da dita jurdiçam e poder e alçada huusam os capitães dos ditos lugares, porquue, asy como a eles o temos dado e outorgado e eles d'ela husam e podem huusar, ho outorguamos e damos ao dito Dioogo d'Azambuja no dito castello.

Porem o notificamos asy aos fidalguos, cavaleiros e escudeiros, moradores e pesoas quue no dito castello viverem e a ele forem estar, e ao nosso contador, almoxarife e feitor quue y tevermos e a todos outros nosos oficiaes e pesoas a quee esta nosa carta for mostrada e o conhecimento d'ela pertencer, e lhe mandamos quue ajam ho dito Diogo d'Azambuja por noso capitam e lhe hobedeçam e acatem e cumpram seus mandados em todos os tempos quue por noso serviço e da nosa parte lho rrequerer e mandar e asy como o fariam se por nos em pesoa lhe fose dito e mamdado, porque asy he nosa merçe, sob as pennas eives e crimes quue por elo lhe poser, as quuaes mandara emxecutar naqueles que forem rrevees e nigrigentes, o quue d'eles nam esperamos, e gardamdo niso porem as lemitações da dita jurdiçam, poder, alçada quue lhe outorgamos, segundo que o gardam e devem gardar os capitães dos ditos nosos lugares. O quual Diogo d'Azambuja noos fez preyto e menajem pela capitania e alcaidaria moor do dito castello, segundo custume d'estes nosos rregnos, a quual fica asemtada e por elle asynada no lyvro das menajems.

Dada em a villa d'Abrantes, a xxbij dias do mez de junho, ano do nacimento de Noso Senhor Jesu Cristo de mil e quuinhentos e sete.

Évora. Archivo da Misericordia.

Carta dos habitantes de Safim a D. Manuel, em 13 de Agosto de 1507

B.N.P., Ms. 7638, Nº 63.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XXVI, pp. 136-138 e *Textos em Aljamía Portuguesa*, Doc. I, pp. 82-83.

O louvor seja dado a Deos somente e ao poderoso seu, e a elle se torne finalmente ao noso senhor e ao noso senhorio, do qual e nosa honrra e defensor, em que todo o bem e esperança nosa e de todolos nosos casos estaa, rey dos reys, noso senhor ei

rey D. Manoel, prospere-o Deos, os vosos servidores beijâo vosas mãos e a terra que esta debaixo de vosos pees.

Os Mouros moradores na vosa cidade de Çafim, e asi a cabilda de Lagrega, e a de Aduquela, e os Alarves da vosa villa, os quaes asy beijão vosas mãos, e asi os adiantados nosos, que são vinte, a saber Gide Çaide, Yjuiz, Gide Celacem, Abeniacos, Mafamede Bem Abrahim, Anajar, e outros que aquy não nomamos, os quaes sobretodos estamos a voso serviço e obediência, não moramos nista vosa cidade, senão com confiança que temos de Deos e do voso grande estado.

Este voso capitão Diogo d'Azambuja não quer entender na povoação d'esta cidade, mas antes a quer vacar e despovoar, que, com a espada e per força, quer que obedeçamos e amemos Ale Xinem, que ele nos julgue e mande: o que certo não podemos aver por bem ser noso adiantado, tam mao e tam traidor e tão enganador malicioso, e que ele rretraio a seu senhor, e fez tam grande treição a seu amigo sem caso Aia Tamfit, efez traição aos da cidade, que meteo os ladrões que matarão e roubarão os da dita cidade sem razão. Somente por estes feitos mais ho não podemos ver, nem somente olhar seu rostro; e, se dentro no paraiso nos achasemos com ele, nos sairíamos d'ele, e não estaríamos nelle, por o não vermos, por o que supricamos e pedimos a Deos e a vosas grandes verludes que nos proveja e olhe, porque queremos viver em nosas casas e no noso, e que nos mande com que vivamos em descanso e com verdade, que não achamos milhor que nosas moradas. E vos, Senhor, se quereis povoar vosa cidade com Mouros, mandai nos vir Hayan Tanfut; e, se a quereis povoar com Christãos, vosa he e em vosa mão esta.

O que se dise que este povo dos Mouros de Çafim não queriamos a este Hai Tanfut, senão pêra nos com elle alçarmos contra os Christãos, Senhor, nos não amamos este homem senão por suas vertudes, e por sua verdade, e por sua bondade, e por seu boom zello, e todos por seu bem fazer, que faz sem nenhuum interese, que, do que d'ele conhecemos, morrera por manter sua fee e palavra, e, se, com vosa grandeza ele fiquar algüa cousa, até morte a manterá.

E nos, Senhor, estamos em vosas mãos, e nos encomendamos ao voso conselho, e aos senhores vosos capitães e a todos.

Esprita a treze dias d'agosto da naçenea de Mafamede de novecentos e treze annos.

Carta de Diogo de Azambuja a D. Manuel,
em 13 de Dezembro de 1507

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte 1, maço 6, Nº 69.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XXVII, pp. 139-144.

Senhor,

Dias ha que isto se devera de fazer, e, por os muitos desvayrados tempos que correram, se não pode fazer; e asy como os tempos foram trabalhosos, asy os nosos trabalhos vieram tantos que nam se poderyam mais aventurosos dizer, que, se nam fora a Vosa Alteza Jorje da Maya, que a todo foy presente, nam poderá acabar d'escrever as cousas que se ofereceram em todos os negócios d'esta cidade, e a eíe rreporto muitas d'elas que volas diga, que eu nam tenho o esprito pêra tanto escrever.

Porem do movimento d'estes rrejedores he necesaryo dar conta a V. A. que me moveo consentir em ele, por conhecer d'ele que outro Agoa Derrahman se fazya, e asy nos querya sopear, principalmente em desfazer quanto os Mouros Ia foram fazer, porque seu fundamento foy e era estarem aquy os Cristâaos encuarrelados e a todos se quebravam os olhos em leixarem esta rrua, que na verdade era grande servintya sua.
E per aquy vera V. A. quanta ocupaçam trazyam de matar e rroubar huums a outros que perderam todo cuidado de nos outros; e, quando andavam em suafurya, eu nam cesava fazer meus rrepayros com madeyra que tinha muita que viera da Ilha, e asy trigosamente se fez, que, quando veo a se querendo poer ei sol, eu estava ja çarrado coo muro e duas torres d'ele tomadas. E toda aquela noute se trabalhou em abrir a porta no muro, que nunca se partyo a jente d'ela ataa que se pos em ponto de se asentar o portado, o qual no dia seguinte se asentou e fechou com chave. E d'outra parte nam cesavam de fazer-se as paredes do atalhamentoda rrua, que. quando veo o terceyro dya, eu nam temya ja nenhuum poder dos Mouros.

Nam porem que nam seja neçesaryo fazer-se muita obra pêra seer feyta forteleza de verdade. E nam tarde V. A. se quer segurar a cidade, a qual ja per toda a comarca d'arredor se chama Çafy dos Cristãaos, e asy prometem dar dinheiro pola cabeça do Mouro de Çafy como pola do Cristão; e compre a V. A. que se desacupe d'algûa parte e poer has mãaos a esta terra, que tam gançada esta pêra nos seer trabutarya em muita cantidade. Almedina espera primeyro veer ho asento que fazees com esta cidade pêra hir estar com V. A. e fazer ho seu, e asy me tem escrito que lhe dê embarcaçam pêra a

entrada do verãao; esta he a coroa de Çafy em que se toda vosa mercadarya se espera de fazer.

He rrezam que sayba V. A, como Deos acorreo a nosa necesydade, que foy muita, que ha bem cinquoenta dias pouco mais ou menos que a jente nam comeo senam trigo cozido e agoa frya, do que nos adoeceo muita jente e faleceo algüa. Com esta mudança dos rrejedores cada huum dava maneyra avermos trigo pêra comer, e com sua morte ouvemos vida, e Deos nos sosteve atagora. Ale Ximam he rrejedor por seer pesoa mais aceyta a V. A. que outra algüa trás este; ele manda a V. A. aviar seus feytos, porque eu peço a V. A, que com ele se queyra aver nobremente, porque sendo ei contente sera nosa vizinhança mais certa e segura.

Item. O que se rrequere pêra se fazer tal obra principalmente he jente, pêra que prestesmente se posa despachar este verão, e asy todas outras pertenças, pêra fazer como ja mandey dizer a V. A. per os mestres que de ca foram, que V. A. deve de mandar a esta obra, porque com eles m'entendo e tenho todo praticado; e alem da que lhe mostrey he neçesaryo fazer-se hüa das torres mais poderosa que toda a casa e cisterna dentro nela. A cal venha em navyos pequenos pêra se milhor descarregar; a camtarya ca a tiraram, e também se fará muito tejelo com que se poderá escusar muita dela.

Parece-me, Senhor, que esta obra se deve fazer nobre, porque a cidade he tal que o merece; eu veio nela pasear Vosa Alteza, e estes sam os campos pêra que se fezeram as carretas andarem. E a se de comprir o que estes Mouros acham que os Cristãos ham d'aver esta terra ceedo, e asy espero eu em Deos que eu ey de seero que ey de poer a bandeyra em Marrocos; e por isto, Senhor, vos da muitos filhos pêra que façaaes huum rrey de Marrocos.

E pêra estas obras mande-me V. A. alguum boom homem que entenda niso e ande sobrelas, porque eu canso; e, se cava se ouver de fazer, boons cavouqueyros; e os omens de servyço sejam besteyros e espimgardeyros d'antre Tejo e Odiana, enlegidos per voso mandado e nam per voso anadel moor que, em cousas que a mym toquem, peço a V. A. ho aparte d'elas por me fazer mercee. E asy peço a V. A. que proveia esta jente de serviço de vinho, porque estas agoas de cisternas os matam, que nam a quy nenhuums que a corrença nam persyga, e os que morrem ela os leva, e asy de todos outros mantimentos.

Item. Nam tenho huum corregimento pêra misa, senam huum que me prestaram em Lagos, que he rrezam que mande tornar; V. A. me mande outro, e asy mande ao capeiam seu ordenado do que ha d'aver.

Item, o que ha d'aver o fisyco.

Item, o barbeyro; e se os pagara o feytor.

Item. Despois que ando nestas partes, tenho gastado da vosa feytorya pouco menos de noventa mil reaes da feytoria de Castelo Rreall, no qual castelo estive acerca d'uum anno; e agora vay em cinquo meses que estou aquy gastando o que tenho e o que nam tenho. V. A. olhe isto com conciemcia e dê-me rremedyo; nam me leyxe-o perder de todo. As carnes gastem-se por voso esperar tal galardam. V. A. m'ordene que coyma.

Item. Dos cento e cinquoen(ta) mil rreis que eu pedy em Abrantes pêra comprar mantimento pêra Castelo Rreali, como aquy nam achey pam, mandey o dinheiro a Ilha ao voso almoxyryfe, que ho empregase em mantimento e ho mandase emtregar ao feytor em Castelo Rreal, pêra dar aqueles que aly quisesem ficar, e Cascaes de Tavila o trouve e d'ele comem agora. Isto pasa per esta manayra e nam ho dem a emtemder a Y. A. per outra. E mande tomar conta ao feytor que ora he, e achar-se-am estes cento e cimcoenta mil rreis em seu poder comprados em mantimento que se gastam com os que estam oje em dya na forteleza; e, porque fez ordenança pêra aquele Castelo, mande Sua Alteza quem entenda em pagar este livramento, pois que ho anno he ja pasado.

Item. Se obra se ha de fazer, venham ferreyro;

item, fragoa de todo comprida;

item, ferro;

item, aço;

item, picaretes;

item, lavancas;

item, cunhas marras;

item, enxadas alferces, porque esta cava ha de seer maa de fazer e a de gastar muita ferramenta.

Per o mesejeyro d'Ale Xyman, escreverey ho mais que sobrevier ou esquece.

Item, Senhor, eu sey quo vos am de pedir alguuns oficios ou carregos. Peço a V. A. que se lenbre que eu tenho sobrinhos e criados que vos serve(m) cada dya, que me proveia d'eles pêra os rrepartir per eles, principalmente adail pêra Francisco d'Almeyda e alfaqueque pêra Francisco d'Abreu, que sam homens que ho merecem, asy os de Çafy como os de Castelo Rreal, e nisto me fará mercee.

De Çafy, xiij (?)1 de decembro em bcbij annos.

Beyjo as mãos de V. A.

Diogo d'Azambuja.

Carta de João Lopes de Alvim e de Cristóvão de Almeida a D. Manuel, em 25 de Dezembro de 1507

A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 39.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XXVIII, pp. 145-148.

A el Rey nosso senhor.

Senhor,

Johaam Llopez, feytor de Vossa Alteza e Christovam d'Allmeyda, vosso esprivam em a feytorya de Çafym, beyjamos as rreaes maaos de V. A., e fazemos ssaber a V. A. em como esta terra nam estaa na maneira que deve de estar pêra as cousas que cumprem a V. A. de vosso sservyço, polia pouca justyça que nella haa e estar, Senhor, muy destroyda e roubada e despovoada de todollos mercadores e ofycyães que na cydade ssaam necessários pêra o que cumpre a vosso servyço, como V. A. mylhor pode saber.

E o que todos pedem juntamente he esperão que per V. A. am de ser remedyados com justyça, porque d'outra maneira a terra sera perdyda sem nenhuum remedyo. E o que pedem, Senhor, he que querem amtes estar amte debaxo da mãao de V. A. que da maneyra que estam ; e isto, Senhor, ss' entende nos de fora como nos de demtro. E o que pedem a V. A. he que todo rremedyo que se poder ter pêra se tornarem a suas casas sseguramente, que V. A. lho dee, como elles esperam que V. A. sellembre d'elles como de vossos vaassallos; porque, até que V. A. os nam ssegure, elles dyzem que nam ousaram de tornar a esta cydade.

E creya V. A. que a terra sem mercadores e assy sem hofycyaes nam se pode fazer trauto, como V. A. deseja. E pomdo V. A. rremedyo a isto, a terra sse nobrecera e bem, como V. A. milhor saberá polias cartas do Capitam. E por Jorge da Maya, Senhor, pode V. A. ssaber a verdade.

E acerca d'ysto, Senhor, nam dyzemos mays: somente fazemos (saber) a V. A. que Joham Lopez d'Allvim chegou aquy com estes navios com byzcoyto e trygo que V. A. mandou, e nom trouxe mays mercadarya que quoarenta rollos de gallueus e treze quimtaes d'allaqre, e huum quimtall d'allaquecas muyto baxas.

E o allaqre veo, Senhor, sem suas pertemças, a saber tartall e pedra hume; e este, Senhor, ssera llogo despachado numa cafylla de Marrocos que aqui esta, nam com tanto proveito como fora trazendo ho necessaryo. E o pesar que os mercadores tem he por vyr tam pouco como veo, porque, creya V. A., Senhor, que he hüa ssoo mercadarya pêra esta terra, porque nam pode vyr tamto da Imdya que sse mays aqui nam gaste e com mais proveito de V. A. que em outras partes. E Vossa Alteza devia de mandar que nam sse vendesse allaqre nenhuum, ssenam que todo vyesse a esta cydade, pêra que de todas partes ho vyessem aqui buscar; e aqui sse vendera de ssetenta metycaes pêra cima, nom vymdo, Senhor, per outros mercadores.

E, camto aos llambeys que V. A. quer que se aquy façam, eu tenho jaa mandado fazer os que V. A mandou e dizem, Senhor, que os farão d'aquella perfeyçâo e d' aventajem. E a mym me parece, Senhor, que V. A. pode d'aquy fornecer todo trauto da Mina e Argym, e com mais proveito de V. A. E proveja nos V. A. com mercadarya, a saber com muytos bordâtes, e pecetas, e panos llargos fynos aparelhados, e gallueus, e allaquecas fynas, e alljoufar grosso como coentro sseco e nam como o que trouxe Joham Lopez. E elle lleva certos allquices e alljaraviasii; e mande V. A. aos feytores que esprevam a comtya que querem e de que sorte querem mais. Beyjarei as mãos de V. A. mandar-me meu rejymento do que devo de fazer e assy os preços d'esta rroupa decraradamente, e iso mesmo, Senhor, de nosso hordenado, que ja e certo dos que d'amte aquy estyveram.

Beyjaremos, Senhor, as mãaos de V. A. descanssar sobre nos nas cousas que tocam a nossos hofycyos, porque em nos, Senhor, nam ha mais hem que sservir lleallmente V. A., como ao dyamte, Senhor, sse vera per obras. E nam esprevemos mais pello meudo as cousas passadas a V. A. nem sabemos neste caso ho de que V. A. e mays sservido.

Esprita em esta feitoria de Çafym de V. A., domde fycamos rrogamdo a Nosso Senhor que acrecente ho estado e vyda de Vossas Altezas a sseu ssamto sservyço, e dê graça a V. A. com que todas estas partes ssejam a vosso serviço, a vymte e cymquo de dezembro.

Beyjamos as reaes mãaos de V. A.

Christovam d'Almeyda. — Joam Lopes.

Carta patente de D. Manuel I,
em 25 de Agosto de 1508

A.N.T.T., *Livro 2 de Reis*, fl. 212 v.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XXXI, pp. 169-173.

Dom Manuell, per graça de Deos rey de Portugall e dos Algarves d'aquem e d'alem mar em Africa, senhor de Guinee e da comquista, navegaçam, comercio d'Etiopia, Arabia et Persia e da Imdia, a quantos esta carta virem fazemos saber que, esguardando nos muitos serviços que Diogo dAzambuja, do nosso comselho e capitam do nosso Castello Rreall do Mogador tem fectos a ell Rey D. Afomso, meu tio, e a ell rey D. Joham, meu primo, que sancta gloria aja, e a nossos regnos, assi no fazimento do castello da cidade de Sam Jorge da Mina de que tamto serviço e proveito redondou a nosos regnos e senhorios e com ajuda de Nosso Senhor pêra sempre redondara, como ysso mesmo em outros muitos servyços asy de paz como de guerra em que, semdo emcarregado pellos dictos reys nosos antecessores, deu de sy sempre tall comta como perteecia a esforçado e homrrado cavalleiro e leall criado e vassallo de seu rey; esguardamdo como, semdo elle enviado por nos, conhecendo ser elle muyto aucto pera nos semelhantes carreguos, como per esperiencia elle sempre mostrou, a fazer a fortaleza do Castello Reall do Mogador, elle a fez com todo esforço, cuidado, siso e diligencia, como a noso servyço e bem de nosos regnos cumpria, avemdo respecto ysso mesmo como nos ho enviamos a fazer hüua fortaleza nas nossas cassas da nossa cidade de Çafim, e, estando demtro em ellas, hos Mouros da dieta cidade vieram sobre elle e ho cercaram nas dietas cassas, temdo elle comsiguo pouca gente e hos Mouros semdo muitos, elle, semdo assy cercado, se pos em tall hordem que, não soomente se defemdeo de que alguns pareciam que tinham rrazam de se comeertar, mais aimda saio a pellejar com hos dictos Mouros, o que foy fecto assy esforçadamente e com tall rrecado d'elle e de nossa gemte e criados nossos que com elle estavam, que desbarataram hos dictos Mouros e em tall maneira que lhes comveo emtregarem logo a elle dicto Diogo d' Azambuja, em nosso nome, a fortaleza, chaves das portas, justiça e remdas da dieta

cidade, pera, d'aquelle dia por diamte em que se acabou de ganhar, como em lugar nosso e como tem e como em cada huum de nossos regnos mandaremos, de todo usar como, louvores a Nosso Senhor, em todas as outras cousas se faz: pello quall, a vendo nos respecto a todos os dictos serviços e como sam dignos de muita mercee, por serem em cossas principallmente que foram e sam acrecentamento de nossos regnos e, com ajuda de Nosso Senhor, o fruito d'elles pera sempre em nossos regnos durara, queremdo hos em parte agalardoar, como a nos cabe fazer a aquelles que nos assi bem e homrradamente servem, e por lhe fazermos graça e mercee, temos por bem e fazemol-lo capitam e regedor in solido da dieta nossa cidade de Çaíi e damoslhe pera ello todo nosso livre, comprido, inteiro poder, assi e tam compridamente como nos temos. E mandamos a todos aquelles que na dieta cidade de Çafim forem e em ella viverem e esteverem, de qualquer estado e comdiçam que seiam, asy Cristiãos como Mouros, que façam e cumpram todo aquello que per elle lhe for mandado e lhe sejam em todo obediemtes, assi e tam corapridamente como ho fariam e devem fazer, se nos presente fossemos e que por nos lhe fosse mandado.

E queremos e mandamos que, se algum fidalguo, capitam, cavalleiro, escudeiro e quaaesquer outras pessoas, de quallquer estado e priminencia que sejam, lhe forem desobedientes a seus mandados, ho que non esperamos que fazam, ou fezerem ho que non devem, que elle dicto capitam hos possa apenar nos corpos e fazendas, assy e tam compridamente como ho nos fariamos, se presente fossemos. E outorgamos-lhe pêra ello e damos-lhe pêra ello todo nosso comprido e perfecto poder e toda nossa jurdiçam, civell e crime, alta e baixa, mero, misto império, e queremos que elle possa apenar cada huum dos sobredictos, fazemdo o que nom devem, em todo casso que lhe bem parecer, assi e pella guissa que hos nos fariamos se presemte fosemos, assy nos corpos como nos beens e até morte naturall inclusivell, sem d'elle aver apellaçam nem agravo pêra nenhüua parte, mas todo queremos e nos praz que faça em elle fim.

Outrosi temos por bem e queremos e nos praz que elle dicto Dioguo d' Azambuja, nosso capitam da dieta cidade, aja os quintos das cavalgadas e pressas do mar e da terra que se fezerem.

Outrosi queremos que aja outra tamta temça, soldo e mantimento de sua pessoa como a cada huum dos nossos capitães dos nossos lugares d'allem, e que lhe seja paguo na dieta cidade naquella forma, modo e maneira que per nosa hordenança se paga mesmo aos nossos capitãaes nos dictos lugares.

Outrosi, porque ho dicto Dioguo d' Azambuja aja de nose receba mais mercee e fique em mayor lembrança hos asinados serviços que nas cousas sobreditas d'elle temos recebidos, temos por bem e per esta presente carta lhe fazemos ysso mesmo pura, irrevogável doaçam, de juro e de herdade, pêra elle e todos seus filhos decemdentes per linha dereicta masculina, da capitania do nosso castello d'Arguz com todollos poderes, jurdiçam e alçada que lhe damos e outorgamos com a capitania da dicta cidade de Çafi, da quall em todo e por todo elle e seus soccessores, a que esta mercee dereictamente vier, husaram como em cima he contheudo.

E quanto aa rremda, temça, soldo e mantymento de sua pessoa que avera ho dicto Dioguo d' Azambuja e aquelles que a dicta capitania da Aguz socederem, esto decraramos per outra nossa carta; e aquello que por ella lhe hordenamos averam segumdo que em ella he comtheudo e decrarado, e mais nam.

Porem o notefîcamos assy todo e mandamos a hos veadores da nossa fazemda, comtador da dicta cidade e a todos os outros nossos officiaaes d'ella, juizes, fidalgos, cavalleiros, escudeiros, moradores e povo da dicta cidade e do dicto castello d' Aguz, e a quaesquer outros a que esta nossa carta for mostrada e o conhecimento d'ella perteecer per qualquer guisa que seja, que aho dicto Dioguo d' Azambuja leixem em todo e por todo usar da capitania e rregedoria d'ella, e assi do dicto castello da Aguz, e a todos seus socessores, com todollos poderes, jurdiçam e alçada e priminen cias que por esta, com as dictas capitanias e regedorias, lhe damos e outorgamos, e lha cumpram e guardem e lha façam comprir e guardar sem minguoamento alguum, porque asi he nossa mercee.
E praze-nos e mandamos que por esta nossa carta soomente, sem mais outra auctoridade, possa tomar e tome da dieta capitania, regidoria, governamça, poderes e cousas aqui decraradas, e pessue e de todo use como aqui he decrarado.

Dada em Simtra, a vimte e cinco dias do mes d 'agosto, anno de Nosso Senhor Jhesus Christo de myll e quinhentos e oyto.

E em quanto ho dicto seu filho nam for em hidade pêra poder servir e estar na dieta capitania do dicto castello d' Aguz, nos porremos em elle quem nos aja de servir. Porem sem embargo do dicto Diogo d' Azambuja nem ho dicto seu filho servirem per ssi a dieta capitania, queremos que aja a temça que aa dieta capitania d' Aguz temos hordenada.

Carta Patente de D. Manuel,

em 4 de Maio de 1509

A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fls. 179-179v.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XXXII, pp. 174-176.

A cidade de Çafim, privilegio pêra que os Judeus que nella viverem, que em nenhuum tempo sejam lançados fora da dita cidade contra suas vontades, nem os mandarem tornar christãos por força.

Dom Manuel etc... A quantos esta nossa carta virem, fazemos saber que, por avermos assi por nosso serviço e bem e proveito das cousas da nossa cidade de Çafim, por esta presente carta nos praz e outorguamos aos Judeus que ora vivem e estam em a dita nossa cidade, e ao diante nella viverem e estiverem, que em tempo alguum os nam mandaremos lançar nem por maneira algüua seram lançados fora da dita cidade de contra suas vontades, nem isso mesmo os mandaremos tornar christâos por costrangimento nem per outro modo per que seja contra seus prazeres; e se alguum ou alguuns de suas vontades se quizerem converter e tornar a a fé de Nosso Senhor Jesus Christo, queremos e mandamos que se guarde com os taes aquello que he mandado, acerqua dos dias que primeiro han de estar que lhe seja dada a aguoa do santo bautismo. E sendo caso que polia ventura cumpra a nosso serviço de todavia os Judeus, que na dita cidade viverem, serem lançados fora da dita cidade e nella nom estarem, em tal caso lho mandaremos notefiquar pêra se aparelharem pêra sua saída e ida pêra qualquer outra parte que lhe bem vier ; teram tempo e espaço de dous annos primeiros seguintes, que começaram a correr do dia da notificaçam em diante, e elles poderam estar na dita cidade assi seguros como d'antes da notificaçam de sua saida por nos estavam; e acabados os ditos dous annos, se sairam com todas suas fazendas e cousas que tiverem sem nellas lhe ser feito nem em ninhüuas pesoas danno nem semrezam algüua, porque assi he nossa mercê. Porem, por sua guarda e nossa lembrança, lhe mandamos dar esta carta per nos asinada e sellada do nosso sello, a qual mandamos a Dioguo d'Azambuja, do nosso conselho e capitam da dita cidade, e a todollos outros capitães que ao diante nella tiveremos e assi aos capitães do mar, corregedores, juizes e justiças, a que for mostrada, que em todo lhe cumpram e guardem e façam comprir e guardar sem minguamento nem duvido alguum (o conteúdo) nella, e porem porque assi ho sentimos

por muito nosso serviço e nossa merçe. Dada en a nossa cidade d'Evora, aos quatro dias de mayo, anno de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e b^{c} e nove.

Ordem de Pedro de Azevedo,
em 6 de Dezembro de 1509

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 19, Nº 114.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XXXV, pp. 221-222.

D. Pedro d'Azevedo, fydallgo da casa d'el Rey nosso senhor e seu capitão e governador em esta cydade de Çafym, mando a vos, Eytor Gonçallvez, feytor, deys Açum, xeque d'Abyda, dons myll e quoatrocemtos xx reis, hos quos lhe mando dar por allguns avysos e cousas que comprem a sservyço de Sua Alteza. E assy lhe dareys mais pêra comvydar esses Mouros de Ule Dambram, camdo fyzeram a paz, dez pecos de fygos e quoarenta reis de pão, por quoanto Sua Alteza ho ha assy por seu servyço.
E mais dareys a Meymam, morador em Allmedyna, cynquo covodos de pano de Condado, d'esse que tendes na feytorya, de cento oy tenta reis covodo, por muytos avysos que a mym dá que ssam sservyço de S. A.

E assy dareys cyde Audarramão de Çorgedym' meyo arratell de cravos, as quoaes cousas lhe mando dar por sser sservyço de Ssua Allteza.

E per este mando e rrequyro, da parte do dito senhor, aos contadores que vollo llevem em conta.

Feyto per mym, Christovam d'Allmeyda, esprivâo, hoje bj de dezembro de bcix.

Dom Nuno Gato. — Dom Pedro. Cristóvão d'Allmeyda.

Carta de Estêvão Vaz a D. Manuel,

em 7 de Fevereiro de 1510

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 8, Nº 86.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XXXVI, pp. 223-225.

A el Rey, nosso Senhor.

Senhor,

Vosaltezam'escpreveo que, do dinheiro da pimemta molhada que tem em Framdes, queria mamdar vyr d'Imgraterra huum milham de reis em panos, pêra se venderem em Çafy e Berberia; que soubese as ssortes, fineza e cores que os Mouros lia querem e lho scprevese, e a soma d'elles que coubese na dita contya, e o que achase de ser muita ou pouca, e quamta devia mandar vyr e se pode ally gastar em huum anno.
As ssortes e cores de panos que sempre mais queseram e querem naquelas partes ssam boas amtonas azues muito escuras e algüas poucas vermelhas, e peçetas que chamam aquy anseses, de cores azues, verdes, vermelhas e algüas poucas amarelas.

Gastar-se-am por anno em Çafy das ditas amtonas noventa tee cem, por setenta ou oitenta das azuees, quynze tee vymte vermelhas.

E das peçetas tee duas mill, pouco mais ou menos, semdo as mais d'ellas azuees.
A mayor parte dos panos d'Imgraterra, nas sortes e cores, nam tem a certeza e rezam de preços como os panos de Framdes que, pouco mais ou menos, amdam sempre redomdos na vallia; e nos d'Imgraterra ha gramdes deferemças de preços em cada sorte. Ha tam boas amtonas e tam baixas que se vemdem aquy mais e menos a terça parte hüas que outras, e tudo sam amtonas. E tomando o meo, que os mercadores chamam panos redomdos, que nam sam altos nem baixos e ssam os que custumam na Berberya, podem custar em Ymgraterra a oyto cruzados peça, pouco mais ou menos. E, com dez por cemto de direitos que pagam os estramgeiros, custara cada peça três myl quatrocentos trinta reis, nom comtamdo frete e risco de lia pêra qua.

As peçetas vallem rezoadamente a trezentos reis, e, com direitos, a trezentos e trinta.

Ha gramdes enganos no comprar e vemder com estramgeiros, e d'esta causa tratam poucos em Ymgraterra; per omde lhe convem elles mesmos levarem suas mercadorias fora e as manearem per sy, que os faz muitas vezes vemder mais barato nos lugares a que as levam, que la em sua terra omde as tem.

Vemdem-se em Çafy rezoadamente as amtonas da dita sorte e cores de quymze tee desoito miticaes e algüas vezes a vymte, segumdo os tempos; e a quatrocentos vymte reis myticall1, levamdo as amtr'estes preços em desaseis myticaees, vali cada peça seis mil setecentos vinte reis; ganha-se por peça três mil dusentos noventa reis, de que se ham dabater os custos e risco d'aquy pêra Çafy e direitos, que nam sey agora o que sam.

As peçetas se vendem a miticall e meo e a miticall e três quartos e a dous algüas poucas vezes. E, comtamdo-as a miticall e meo, sam seiscentos trinta reis, e ganha-se em cada hüa trezentos reis, de que também se ham d'abater os custos e direitos, como dito he.

No dito milham de reis aos ditos preços d'Imgraterra cabem justamente as cem peças d'amtonas e duas mill peçetas que se gastaram por anno em Çafy, e mas por que de Caliez e outros lugares de Castella omde d'alguuns annos a esta parte custuma ir muita mercadaria d'Imgraterra e se leva dally aa dita cidade de Çafy e a todos outros lugares d'aquela costa de Berberya.

E sse Vosalteza quer estes panos pêra Çafy ssoomente, me parece que a metade da dita soma ou ao mais tee dous terços devia mandar vyr, tee aver mais certeza o que d'elles se poderam gastar e asy dos preços de hüa parte e da outra; e porem estes que diguo sam os per que conpram e vendem mercadores que o fazem per asy.

Scprita em Lixboa, a xxbij de fevereiro 1510.

Estevam Vaz.

Carta patente de D. Manuel, em 12 de Maio de 1510

A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fls. 129-129v.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Archives et Bibliothèques de Portugal, Vol. I, Doc. XXXVII, pp. 226-229.

A Nicolao de Sousa, carta da capitania da fortaleza e Castello Rreal, com rregimemto e condiçõoes declaradas e com duzentos mill reis de tença pera elle e huum seu filho, etc. D. Manuel etc., a quantos esta nosa carta virem fazemos saber que,

esguardando nos como Nicolao de Sousa, fidalgo de nosa cassa, he tall pessoa que nisto nos servira bem e como deve e dara de si aquella conta e rrecado que a nosso serviço e a sua homrra cumpre, hordenamos hora de o emcarregar de capitam da nossa fortaleza do Castello Rreall. E elle, por nos servir, ho acetou asy com as condiçõoes e maneira adiamte decraradas.

C Primeiramemte elle sera obrigado a teer e guardar sempre ho dicto castello com aquella gente que bem parecer e necesarea for, com que possa estar bem guardado, estamdo nelle em pessoa. Emperoo, querendo elle leixar, em qualquer tempo que quiser, podel-lo-a fazer, fazendo nollo primeiro saber huum anno; e nos nom seremos por ysso obrigado a lhe darmos nenhüa satisfaçam.

C Nos lhe daremos em cada huum anno, pera sua mantença e das pessoas que hi tiver, duzentos mil reis, hos quaaes começara d'aaver do dia que Ia chegar em diamte e ser-lhe-am pagos pella maneira e hordenança em que se fazem as pagas a hos outros nosos capitãaes dos lugares d'allem maar. E, todo ho que se nisso mais despender e gastar, elle sera obrigado de o poer de sua casa. E asi sera obrigado a ho corregimento do dicto castello de muros e casas e outras coussas necesareas e de ter sempre todo melhorado e nam pejorado. E, sendo ho danificamento tall que valha de vimte myll reis pera cima, e nam semdo por sua culpa, nos ho mandaremos correger a nossa custa.

C De todalas mercadorias que a ho dicto castello forem, asy d'estes regnos como de quaaesquer outras partes, elle avéra pera sy hos dereytos da emtrada que lhe a elle bem parecer, nam passando do dizimo.

C Das mercadarias que pera este regno sairem, nam pagaram Ia nenhuum dereicto; e qua pagaram dizima em nosas alfândegas omde forem ter, como se paga de todallas outras cousas que vem de fora dos regnos.

C Das mercadorias que sairem do dicto castello pera hos regnos de Castella ou pera outras partes fora de nosos regnos, se pagara no dicto castello ho dizimo.

C A baya do dicto castello queremos que nam possa yr nem estar nenhuum navio a resgatar, sem lhe pagar hos dereitos hordenados, sem sua licença.

C Sy, pella ventura, alguns Mouros até três legoas em roda do dicto castello hos fazer trebutar, que hos trebutos que derem sejam pera elle duas partes e hüua pera nos, nam emtrando aqui ho castello da Pena, em caso que fique demtro das dictas três legoas.

C Qualquer mercadoria ou outra cousa que nos la mandarmos nossa, nam pagaram nenhuum dereicto.

C A artelheria, polvora, almazem e armaria que la estever a ho tempo da sua chegada, aquella que cumprir pera guarda do dicto castello e for necessaria mandamos que lhe seja emtregue; e os nossos oficiaes em cujo poder estas cousas esteverem lhas emtregaram, e cobraram d'elle seu conhecimento pera le serem levados em comta, com ho trellado d'este capitollo. E elle sera obrigado de as ter sempre guardadas e em boom recado. E nos nom seremos ysso mismo obrigado a lhe fornecer mais nenhüa outra cousa, salvo vimte berços, seis cemtos pellouros, seis quimtaes de pólvora, que lhe hora mandamos emtregar em Lixboa. Emviando nos de qua algüa pessoa a ho dicto castello com algüa mercadoria nossa, e asi a comprar pam ou outra coussa, e asi pera arrecadar nossos trebutos, elle sera obrigado a lhe dar casa domde se todo agasalhe e recolha.

C O dicto castello, pella manera e condições aqui decraradas, avera assi em sua vida e de huum seu filho, semdo ho filho pera ysso aueto e perteecemte. E ysto porem de vir a ho filho nam se emtendera ho leixamdo elle em seus dias, porque, se ho leixar emtam, nam avera hy obrigaçam pera ficar a ho dicto seu filho. Da quall fortaleza elle nos fez preito e menajem, segundo husso e custume d'estes regnos. E por firmeza d'ello lhe mandamos dar esta carta por nos asignada e aseellada do noso seello pemdemte, a quall mandamos que em todo e por todo lhe seja cumprida e guardada, como nella he contehudo. E elle, dicto Nicolaao de Sousa, em seu nome e do dicto seu filho, se obrigou de ho asy cumprir e manter, sob obrigaçam de todos seus beens e rrendas, ávidos e por aver.

Dada em Almerim, a doze dias de mayo, Afomso Figueira a fez, anno de mill e quinhemtos e dez annos.

Carta de Ignácio Martins a D. Manuel I, em 5 de Novembro de 1510

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 9, Nº 96.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XLII, pp. 555-558.

Para el Rey noso senhor.

Senhor,

Parece-me servyso de Vosa Alteza fazer-lhe saber ho que soube por hüa carta de hum ornem que esta em Taludamte. Diz que o Xaryfe mandou chamar os dyas pasados

seu filho rey de Sus e o fez yustyça maor de Fez, e deu o reyno de Çuz a outro filho mays pequeno de ydade dezaseys anos, e que lyvou toda a gemte boa que na terá avya, de maneyra que ficou o reyno sem gemte de guera e mall regido. E diz que no Quabo de Guel eslam duas feytoryas, hüa de Framceszes e outra de Castelhanos, muyto cheas de mercadoryas, fora da vyla, e que na vyla nam estam mays de cem omens, os mays d'eles do mar, que amdam a deseargua, e no Pyquo estam dez ou doze Mouros que o guardam, que o pode Vosa Alteza mandar tomar com muito pouquo gasto e que sera muito gramde servyso de Deus e de Vosa Alteza, polo prouveyto que nele fará e por avytar quamtas cousas a ele vam defesas, e mays que teria V. S. nele gramde trato, porque os dyas pasados fezeram huums mercadores de Burguos, que chamam os Pardos, huum contrato de seyscemtos myll cruzados e que lhe avyam de dar todo o açuquar e a mays mercadorya que ouvese. E crea Vosa Alteza que tomando este porto ou avytamdo que dara muyto trabalho aos Mouros, tamto que façam o que Vosa Alteza quyger, porque tem em seus feytysos que aquela tera aja Vosa Alteza de mandar tomar. Em toda a terá do Xaryfe nam a outro trato tamanho como a naquela, e que os dyas pasados que se tolheo os portos obra de tres mezes, cheguou a valer a duzya de baretes doze cruzados e o covado de pano azul quatro cruzados e o pano de vylatim e asym vale aguora.

Asim diz que la foy hüa urqua careguada de cousas defezas que lyvou mays de mea cargua de estanho para bombardas e outras muytas cousas e íiqua caregamdo d'açuquare e lyvou lymcemça do Emperador dyzemdo que nam levava senam panos.

C Diamte danosa armada que daquy partio, em que ya o filho de Fernam Perez d'Amdrade por capytam, foy hüa nao frameeza, a qual careguou oyto dias prymeyro e foy careguada d'espeçarya e d'alaqure e cravo e outras muitas cousas defezas. Foy entregue a huum cryado de huum mercador que chamão Duarte Alvarez. O cryado he de Tavyla. Chama-se Lopo Martinz. Fiqua caregamdo d'açuquare pera Framça. O mercador he d'esta cydade e fez ysto outras vezes.

C Também dyz que, ao tempo que a nosa armada chegou, estava no porto hüa nao que vay cada mes la com cousas defezas e lyvou a vemder ho fato que tumou de navyo d'armada de Vosa Alteza, em que andava por capytam o Casquo e dyzyam que a todos cortaram as cabeças senão a huum neto de mestre Rodriguo. Por ser cryamça ho levaram a Framça e artelharya tomaram. Eram duas naos: esta he da Rochela e o capytam chama- se o Barbote d'alcunha.

Esto tudo me foy dyto por verdade e asym ho dyguo a Vosa Alteza como quem sempre dezeyou de o servyr com muyto amor.

Noso Senhor a vyda he estado acrecemte de Vosa Alteza por muytos annos.

De Lyxboa a cymquo de novembro de mill bcx.

Signé: Inacyo Martinz.

Carta de Nuno Gato a D. Manuel,
em 4 e 5 de Dezembro de 1510

A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 5, Nº 38.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XLIII, pp. 259-264; *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 448-451.

Senhor

Da corrida d'Almedina nom esprevo a Vosalteza largamente, porque o Capitão ho tinha ja esprito a V. A. Porem, despois da corrida, veo aquy Meimom, hum Mouro principal d'Almedina, e quis saber quanto aviam de pagar os de Almedina por casa; e o Capitão lhe respondoo que aviam de pagar a camelo de triguo por casa. E elle foy com determinaçam de fazer com a sua cabila que pagasem a V. A.; e levou pêra isso seguro pêra virem alguns principaes a cinco dias de prazo. E nom veo ao tempo que ficou, e respondeo com hüa carta, que, em quanto elle viera a esta cidade, mandarom os de Almedina a Azamor a pedir conselho ou favor a Mole Aziam, e que, tanto que viese, determinariam o que ouviesem de fazer. Até aguora nom temos ávido mais reposta, senom temos sabido que ouve orriom antre elles, porque huums dezianque pagasem, e os outros que nom. E parece me, senhor, que os nom sostem aguora senom este cerco, que orderrom de pôr a esta cidade, de que prazera a Deos que elles iram tam bem castygados como cumpre a serviço de Deos e de Vosalteza.

E Xerquia toda se achega pêra esta cidade, e estão ja sete leguoas d'ella; vem Ole Dabrão cedo, e Ole de Bo Haziz e Ole Çobeth, e estes Alarves todos que sam antre esta cidade e Azamor com Almedina. E de Marrocos dizem que vem o senhor d'ele, e o senhor de fora com todolos primos, e Ole de Acaraa. E destoutra parte vem todo Xeadema, Barbaros e Alarves. E vem com determinaçam de trabalharem quanto poderem, e sobre isto morrerem quantos poderem morrer, e, quando nom poderem,

entom asentarem paz com os Christãos, porque lhe parecera que Deos quer que a terra seja sua. E prazera a Deos, que nos dará vitoria, que quantos mays vierem, tantos mais morreram. E parece-me que, se Almedina nom esperera por isto, que ja aguora estevera asentada em tributo.

E despois, Senhor, de ter esprito a Vosa Ateza, se vyerom asentar hüas vinte tendas, que estão apegadas com Tazarote nos tributo se ham de pagar a camelo de triguo per tenda asy como paga Tazarote. E asy veo huum Mouro a fazer partido pela aldeã de Agoxdam, que he d'aqui xbj legoas e seis de Marrocos, e esta nela seis afaqueres; e pagam por cada casa duas alcolas de mel, da qual paga tem ja parte em Tazarote pêra áverem de trazer. E este trebuto asentou asy o Capitão, porque esta tam fora de mão, que era bem tomarmos lhe qualquer cousa, com que viesem obedecer a Vosa Alteza.

E parece-rne, Senhor, que quaesquer dez de cavalo que ora viesem desembarcar a esta cidade, que lhes parecese que mandava V. A. algüa gente novamente, que todos estes castelejos de redor viriom a tributar, porque, senom fora o que por nosos pecados acontece em Castelo Real, parece-me, que, segundo a quebra eles tinhom, que V. A. tevera mais gente asemtada em trebuto. Prazera a Deos que, d'esta vinda que elles aguora vierem, que eles averam sua emmenda e tornaram a sua quebra.

A Deos louvores, esta esta cidade agora bem provida de mantimentos, e muito minguada de dinheiro. Terei em mercê a Vosa Alteza prover com dinheiro, porque a maior parte dos pagamentos que se aguora fazem de junho e julho e agosto e setembro, de que fiz hum roll, se paga em bordates. E recebe d'iso o povo perda e escan dalo; e os bordates de V. A., porque eu lhe pus o preço, com os ofïiciaes, que me parecia onesto pêra o que compria a serviço de V. A., que era os bordates milhores a quatrocentos e cincoenta (reis), e os baixos a quatrocentos e vinte: e comtudo, Senhor, os andam dandos por esta cidade, os boms a quatrocentos, e os outros a trezentos e oitenta, e menos: asy, Senhor, que V. A. nisto nom gainha muito. E os homems, que gastam suas fazendas e poem suas pesoas por serviço de V. A., eses quatro reis que V. A. lhe ha de dar serem paguos com tempo e em dinheiro, obriga mais os homems, e fazem com milhor vontade as cousas que comprem a serviço de V. A.; porque os que estão por soldo grande, ainda que se paguem d'eles em mercadorias, compom-se. E deve V. A. de prover sobre isto, pois se ha de pagar, pagar-se com tempo e com gosto d'aquelles que servem e o merecem; porque, Senhor, os oito centos mil reis que trouxe André Caldeira, acerca todos se despenderem em moradias e em soldos da guarda, e em cento e tantos mil reis com que se comprarom sessenta e dous moios de triguo, como ja tenho esprito a

Y. A., a razam de vinte e sete o alqueire da craveira, em descarregas de navios, e em algüas outras despesas que todolos dias sobrevem. E o que d'isto sobejou, com algüa cousa que rendem as vendas do laçar, agua-se neses mantimentos e soldos com dos bordates, o milhor que se pode fazer por serviço de Vosa Alteza.

O feitor Estevom d'Aguiar trouxe aqui dezoito quintaes e hüa arroba de laçar, que era a maior parte d'ele varreduras das casas da India. E venderom-se os oito quintaes, que era vermelho e muito roim, a quarenta e dois miticaes sem caçua, e os dez e hüa arroba, que era preto e bom, a sessenta e dois miticaes sem caçua.

Esta ainda na feitoria de V. A. muito lacar roim, e asy trinta e tantos quintaes que vierom em pão; a este nom temos ainda aberta venda, porque nom querem entrar nele ainda agora. Nom ha agora nesta terra nenhum lacar, somente este de Vossa Alteza; pareceme, Senhor, que senom vier algum, que se abrira venda a ele.

O gemgivre, nunca se vendeo d'ele nada; o cravo tambem se vende floxamente algüas livraszinhas, que se gastam aquy na terra; e de pimenta também se vende pouca cousa; as alaquecas ninguem nom pergunta por elas. Prazera a Deos, Senhor, que se asentara ora a paz com a terra, e entam se gastaram as mercadarias mais largamente.
Joham Lopez trouxe aguora dez quintaes de chumbo, com que folgamos muito. Afirmo a V. A. que d'Almedina me trouxerom dezasete livras por dezasete vinteens, que nom tinhamos nenhuum, e estávamos pêra desfazer os picheis. E asy entreguou seis quintaes de polvora de espingarda, que nos alegrou bem, e asy três bariis d'outra polvora de bombardas, e lhe tomamos a caravela seis berços e huum falcam, e lhe metemos dentro dois falcões que arrebentarom aqui, e huum sino quebrado; e outro sino fica ainda quebrado, por nom avermos vagar de o trazer do castelo. E mandenos V. A. prover com chumbo, porque se gasta todalas oras, e com polvora e dinheiro, como tenho dito a V. A.

As cousas, Senhor, da fazenda de V. A. todas andam bem e como compre a seu serviço, porque cada hum ou lha pelo que carrega sobre ele, e espera de dar cada hum aquela conta que a V. A. deve, posto que se faça com muito trabalho com as cousas da guerra.

Nom ha hi aguora nesta terra mais que esprever a V. A., que tudo se revolve sobre este cerco, e o Capytam bem asy o exercita em pôr pedras pelo muro velho e fazer ruas antre ele e a cidade, porque prazera a Deos que nos nom entraram pelos muros dentro, ainda que são roims.

Terey em mercê a V. A. lembrar-se que rezo a a Ordem, e nom tenho nada d'ella; e asy se lembrar das despesas da guerra, porque nem pêra armas nom avonda o meu ordenado.

De Çafy, a quatro de dezembro de mil e quinhentos e dez.

Beijo as mãos a V. A.

Nuno Gato.

Senhor,

Dypoys de ter esprito a Vossa Alteza, espriveram ao Capitão como ho cerquo, de que nos rryamos ategora, que era certo, e que vynha toda a jente dos Montes Craros pêra baxo, que he grande ssomaa de jente; ha quoall novaa fez mudar a muitos homens... E porque, Senhor… es homens nam llevam ssuas cores… a batalha vaam com menos… e provendo V. A. com gente… hos homens a ssua cor, e pe… como cumpre a sserviço (de Deos e) de V. A. Porem parece-me… de V. A. De… muito ryjo, porque as vezes… mente cousas, que sse nam comete… vendo provymentos, ssegundo haqueceram a tam pouco tempo per nossos pecados. E porque, Senhor, ho Capitam espreve isto muito ryjo a V. A., ei por esscuzado dar mais conta a híia cousa de tamanho peso. Fycamos houlhando todallas horas pollo cabo do Canaveall, se vira ssocorro. Ho que mais largamente dará conta d'ysso Joam Lopes a Vossa Alteza,

De Çafim, ao b de dezembro de bcx. Beijo as de Vossa Alteza.

Nuno Gato.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel,
em 5 de Dezembro de 1510

A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 5, Nº 12.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XLIV, pp. 265-270; *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 410-413.

Senhor,

Ha dez dias que tenho escrito a Vosa Alteza por Fernam Negram, que d'aqui partio num barco que por acertamento aqui veo ter, em que lhe fazia saber como nos vinham cercar; e este mesmo rrequado tinha ja mandado por terra ao castello de Jam Lopez, que de Ia o fizessem saber a Vossalteza e ao Allguarve; e assi escrevi outra carta ha Jam Lopez, que estava em Zamor, que loguo mandasse as minhas cartas a Vosaltera. e assi ao Alguarve ; e elle as leva, e assi esta, que chegou aguora haqui. Por esta faço saber a Vossalteza em como este cerco he mui certo; ja começam abalar por todas lias partes, e vem-se cheguando. Por isso compre que Vosalteza acuida a isso rrijamente, sse acorrido nom tem, porque assi he serviço de Deos e de V. A., porque, ao mais que hi pode aver, sam novecentos omeens de peleja, e o muro he mui grande de guardar e he mui roto. Parece-me que seram haqui comnosco antes de quinze dias, e porque este cerco hei por mui certo, he porque a nova quada vez dobra mais, e também porque ontem, antes ssol posto hüa mea ora, me correram aqui obra de cem lanças. E nam vieram peguar com o guado, senam obra de trinta de quavallo; levaram dez ou doze bois, e alguns asnos. Saindo eu fora, dixeram, a porta do castello, que nos levavam a mor parte do nosso guado. Detriminei, Senhor, com ajuda de Deos, de lho tirar. Acheguei a gente a mim com ho guiham, e fui coella em corpo a trote e a gualope quaminho dos Zambujeiros, por onde elles hiam. E, porque eram diante de mim obra de corenta ou cinquenta de quavallo, em que alguns d'elles hiam mais cerqua dos Mouros, mandei la Alvoro de Taide, e Alvoro de Faria coelle e catro ou cinquo de quavallo, que me tomasse a dianteira dos nossos, para que nam fossem desmandados, e que trabalhasse de lhe tomar a quavalguada; e, tomando-lha, que nam corresse mais. E euacerqua dos Zambujeiros, qu'é pouco mais de mea leguoa, veo D. Rodriguo a mim, e disseme que hos Mouros nom nos levavam nenhum guado. Parey loguo com a jente, e mandei Pedro Botelho a Alvoro de Taide, que parasse. E, posto qu'elle hia mui hacerqua de mim, nom no pode tomar com meu rrequado ssenam mui longe; e, quando lho

deram, ia nam tinha tempo para volltar, porque hos nossos eram ja peguados com os Mouros. Os quais Mouros nom cornam quanto puderam correr, porque levavam quavalos mui ligeiros, e também tinham obra d'ums corenta de quavallo duas leguoas da cidade em cilada. Quando ssella descubrio, voltaram os Mouros com os nossos; e nesta dianteira hera ja o dahil, que Alvoro de Taide tinha ja mandado que sse detivesem, pois ja lhe tínhamos tomado a quavalguada, que heram mui poucos bois e asnos. O adaill quando chegou, saio a cillada; e, em ssaimdo, os Mouros, com que a nossa dianteira hia, voltaram. Loguo hos nossos lhe tiveram rrostro; mas durou-lhe pouco, porque algums, que bem nom puderam ssoster o medo, puseram-sse em fugida, e os Mouros carreguaram ssobre elles, em que lhes mataram loguo dous. E hum d'elles era Afonsso Vaz, em que me muito pesou, por quam boom ornem elle era, e pola nececidade que d'ele tinha; morreo como valente ornem na traseira. Devia-sse Vossalteza de lenbrar de sua molher e de seus filhos, porque elle o tinha qua bem merecido a Vossalteza e aquabou em sseu serviço; e pois V. A. custuma de fazer estas mercês, beijarh-ei has mãos pola fazer a molher e filhos d'Afonsso Vaz. E o outro era hum Guodiimz, de Beja, que aqui estava com Cristovam Freire e Alvoro Rodriguez, da Ilha; veio ferido em tall maneira que morreo no quaminho. E vieram feridos ho dahill, e Francisco d'Abreu, e Pedro Lourenço de Mello com três lançadas, e Guonçalo Alverez; e feriram hum quavallo a Cristovam Freire. Era hi Dom Bernalldo e Antonio de Lima, e assi outros, que estes todos o fizeram bem, mas nom puderam ssoportar o peso dos Mouros, que sseriam cento cinquoenta, e fizeram na vollta; e ssenam acudira Alvoro de Taide com quinze ou vinte de quavallo, e coelle hiam Alvoro de Faria, e Jam d'Ornelas, e Jam Nomem, e Pedro Botelho, que lhe eu tinha mandado com hum rrecado, e assi Jam de Lisboa, e Cristovam Rraposo. e Jorge da Maia, e assi outros, perderam-sse todos haqueles qu'eram diante, porque d'elles vinham ja três ou quatro a pee. E, como elle chegou, tiveram-sse os Mouros, e fez quavalguar aqueles que ha pee achou. E, estamdo assi a falla com os Mouros, disse Alvoro de Taide que dessem nelles. Abalou coesses que hahi tinha, ainda que alguns se deixaram fiquar, mas nam nenhum d'estes que aqui tenho nomeado; e assi voltaram os Mouros a fugir, e chegou Alvoro de Taide ao capitam d'eles e a por-lhe ha lança; e elle saio-sse-lhe mui rrijo, porque todos levavam os quavallos mais folguados que hos nossos. Eu, Ssenhor, vinha nas costas d'Alvoro deTaide, pollo rrecado que m'elle mandou que me cheguasse mais, e fui mais rijo, e corremos passante de quatro leguoas, e por noite hos perdemos; onde foram feridos três hou quatro Mouros, e hum d'elles ferio Espinosa com hüa seta, e também morreo hum

quavallo sseu. E ali ystive hüa mea hora no quabo d'esta corrida, rrecolhendo a jente; e isto sseria hüa ora da noite quando habalei, e cheguariamos ha Çafim antre has honze e as doze. E porque, Ssenhor, temos rrecebido esta perda, hainda que nam ssejam mais que três omeens, ssegundo a vaidade dos Mouros, ey por mais certo sseu cerco e mais triguossamente do que elles tinham d'antes hordenado. E por ysso, Ssenhor, compre que o ssocorro de Vossalteza seja mui depressa. Has cartas, Ssenhor, que eu tinha escritas por Azamor e pollo castello de Jam Lopez, hiam escritas com favor vosso, por causa que has podiam os Mouros ver. Nam lenbro mais a V. A. a nececidade que temos de jente, porque Ia estam omeens, que diram a V. A. que muros temos. Antes d'isto ssete ou oito dias, ssoube d'üa quafüla, que vinha de Tedenez para Almedina, e mandei Alvoro de Taide com cento trinta de quavallo e que sse fosse pôr junto d'Almedina ha duas ou três leguoas ali, onde me a mim parecia que lhe podia hamanhecer. Estiveram ali até duas horas de ssoll vendo Almedina; quando viram que nam vinham, vieram-sse coese quampo de Duquella, que he mui famosa cousa de ver. Nom acharam Mouro neem Moura per todo esse quaminho, ssenam muitas vaquas bravas, que haguora handam a sua vontade. Mas a três ou quatro dias que tenho sabido que Oulle Danbram e Oule Çubeta sam ja na Duquella com todas suas halhellas1, e isto he cheguar-sse para o cerquo; e assi começa Xiatima haballar. E d'esté cerquo nom tenho mais que escreva a V. A., porque ja o tenho feito por quatro partes, e aguora por esta sam cinquo. E a hüa leguoa e mea me mandou Alvoro de Taide dizer, que andasse rrijo, porque os nossos andavam emburilhados com os Mouros, porque elle detriminava de dar nelles com ajuda de Deos. E ssolteey entam Dom Guarcia Coutinho com dez de quavallo, que fosse a todo correr, porque eu, Ssenhor, levava hum gualope tam larguo, que nam podia ser mais; e Dom Guarcia chegou a bom tempo, em que aproveitou, e fel-lo como filho de quem he.

Senhor, Manuell Cirveira tem falado a Vossalteza, e eu, sobre sua moradia, em que elle, Ssenhor, esta agravado, porque lhe foi posta por Alvoro Mendes Cirveira, irmão de Pedro Vaz de Palma; cuidando qu'era este seu pai, lhe puseram mill e trezentos reis de moradia de quavaleiro. E elle rrequere a V. A. que a moradia de Rruy Mendez Cirveira, irmão de sseu avo, lhe ponha, que esta nos livros d'el Rrey D. Afonsso. E elle rrecebera nisto mercê, avendo que tem justiça; e eu o averei que ha faz a mim, poys o haqui esta servindo em luguar que me V. A. tem por sseu quapitam. E lembro a V. A. que cinco anos esteve em Tamgere, he haqui estará o tempo que V. A. quizer; e, sse lio aqui nom tenho nomeado nesta carta, he por fiquava comiguo, porque he homem pêra

me ajudar a ter a jente e pêra falar coele nas tais neceçidades, porque ssei que he pêra isso, e por isto fallo mais em sseu rriquirimento que polo parentesco que tenho coelle. Por ocupações de qua nom escrevo a ninguém, o que a V. A. isto lenbre; a V. A. beijarei has mãos por se d'isto lenbrar, que nos faça esta mercê que lhe pidimos.

Veo-nos, Ssenhor, a mui boom tempo Jam Lopez, que nos leyxou aqui mui boom guolpe de polvora e de chumbo, e algua artelharia e bonbardeiros também, que lhe tomey. E Rrabi Abram ficou por ssua vontade, que nam he tam pouco, pêra Judeu, ficar, avemdo hi nova de cerco.

De Çafim, cynco dias do mes de dezenbro. Beijo as rreays mãos de Vossalteza.

Nuno Fernandez da Tayde.

Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 3 de Janeiro de 1511

A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 41.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XLV, pp. 271-280; *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 149-153.

A el Rey noso senhor.

Senhor,

Posto que seja com muita oppresam, he necesario que dee conta a Vosa Alteza das cousas tanto de seu serviço, e tocaremos o que podermos nas da fazenda. E diguo, Senhor, que o Capitão esperava por cerco, como d'antes tiinha esprito a V. A. E aos treze dias de dezembro se asentou cerco derredor desta cidade da parte de Almidina, e aos xxiij do dito mes se pos o cerco de mar a mar. E aos xxij saiu o Capitão fora com toda a gente de cavalo e esteve em hüa atalaia perto da cidade, com muita gente de pé e de cavalo derredor de sy de Mouros, sem quererem pelejar, senom per bicos; e esteve até sol posto no campo, e, despois que viu que nom queria conclusam, entam se recolheo a pôr recado em suas estancias, segundo tiinha jaa feita sua repartiçam em esta maneira:

C Da banda da porta de Guarniz1, des a torre d'à caram do mar, tiinha Francisco d'Abreu, filho de Joham Fernandez do Arco, o qual tiinha cinco torres, em que avia oitenta braças de muro.

CE D'ahi pêra cima, com a porta de Guarniz, tiinha Ghristovom Freire, em que avia oito torres, com a da porta, e cento e xiiij braças de muro.

C De Ghristovom Freire pêra cima contra Alcaçava, tiinha Joham Esmeraldo, em que avia nove torres e cento e xxxb braças de muro.

C Acima d'ele, tiinha Luis d'Atouguia, em que avia nove torres e cento e três braças de muro.

C D'ali até Alcaçava tiinha D. Rodrigo de Noronha, em que avia doze torres e duzentas e quatro braças de muro; na quall estancia estavom todolos Judeus d'esta cidade, e por capitães Isaque ben Zamerro e Mail, e D. Rodrigo com outros cavaleiros sobre eles.

C Da primeira torre da Alcaçava até a torre grande, era estancia de Joham de Freitas e d'Antam de Freitas, filhos de Joham de Freitas, da Ilha.

C A torre grande, estava nela Gonçalo Mendez Çacoto \ alcaide mor.

C No baluarte do pee d'esta torre estava Joham Homem, em que estava a artelharia grossa.

CL Da torre grande até a torre que esta sobre a porta d'Almidina tiinha Gonçalo Martinz Valente.

C Da porta d'Almedina pêra cima, era estancia de D. Bernardo, que tiinha doze torres e cento e quarenta e sete braças de muro.

C Aguora nos deradeiros dias que Pero de Brito, da Ilha, veo, o meteo o Capitão antre D. Garcia e D. Bernardo, e lhe tomou das suas estancias três torres, as quaes teve duas noites.

C D'ali pêra baixo era estancia de D. Garcia, em que avia seis torres e setenta braças de muro, e com ele estavom Pero Lourenço de Melo e Joham de Freitas.

C D'ali pêra baixo era estancia d'Álvaro de Faria, em que avia cinco torres e sesenta braças de muro.

C D'aly até o mar era estancia de Manoel Cerveira, com a porta dos Gafos, em que avia cinco torres e satenta braças de muro, entrando hy o baluarte novo de Abdaroman.

C Da parte da praia, estava hum Nuno Vaz, de Beja, com seis homens por hüa vela.

C Ha, da porta dos Gafos até a casa de V. A., doze torres e duzentas e dez braças de muro.

C Tem esta cidade pelo sertão, de mar a mar, mil e cento e dezasete braças, entrando aqui cento que ha no lanço da Alcaçava, afora toda a parte do mar ; e asy tem pelo sertão setenta e cinco torres.

C E asy estavom com estes capitães das estancias fidalguos e cavaleiros, cada hum segundo tiinha seus amiguos e besteiros e espingardeiros, segundo a grandeza da estancia e periguo d'ela; de maneira que tudo estava provido, como conpria a serviço de Deos e de V. A. e de suas honrras, dormindo dezasete noites no muro, sem se nunca desarmarem, levando tanto trabalho quanto era necesario pêra boa guarda, de noite e de dia.

E o que nos pareceo da gente, he que poderiom bem ser ao menos cinco mil de cavalo e de hy pêra cima; e os piães nom he rezam que nomee, porque nom tem conto e parecera a V. A. fabula; mas lançando o conto as quebilas, segundo dito dos que sabem a terra, dizem que podiam ser bem seiscentas mil almas, de que podiam sair mais de duzentos mil homens de peleja. E isto, Senhor, diguo a V. A. menos do que se afirmam todos os que a terra sabem e mais o que pareceo de batalhas e a grosura d'ellas e a grandura do canpo que ha derador d'esta cidade, que era tudo cuberto. Parece-me que era a mais fremosa cousa do mundo pêra ver. porque todo o campo a vista da cidade era grosura de Mouros, que nom poderia hüa pedra cair antre eles que nom ferise.

Nom diguo a V. A. do gado que paceeo no campo., os dias ante dos combates, porque era a mais fremosa cousa que nunca se vyu; e créa V. A. que nom tiinha numero. E posto, Senhor, que, antes que viese o socorro, os fidalguos e cavaleiros que em esta cidade estavom, vendo tanta multidam todolos dias e tantas mostras quantas davom a esta cidade; que per razam deviam de mudar as cores, todos, Senhor, com muito gentil vontade e diligencia, exer citavom aquilo que pêra bem de seu defendimento lhe era necesario, e o Capitão, que de noite e de dia senpre andava sobre iso provendo, como conpria a serviço de Deos e de V. A.

E as gentilezas e galantarias com que se mostrarom no combate da parte da porta d'Almedina até porta dos Gafos, porque eram Mecenjas com os Alarves da parte de Zamor, corn capelhares de ezcarlata e adargas de cordões e camisas mouriscas e muitos corsoletes muito luzentes e seus capacetes e seus besteiros e espingardeiros, e tirarem com hüa bonbarda, parece-me que lhe nom levaria aventagem as canas de Belem, e d'armas brancas, Barquerena; em que entrava hum Mouro de cavalo acubertado: que foy

hüa grande façanha, onde, a Deos louvores, ouverom tal varejo que nom ousarom chegar ao muro a picar, porem chegarom muito perto dele, e forom mui bem ospedados de muita artelharia que avia nas estancias, porque nos parecia que, por aquela parte dos Micenjaes, avia de ser o mais forte combate, porque estavom mais magoados. E o socorro começou de chegar sábado xxbiij de dezembro, a saber: Pero de Brito e Dom Francisco, filho de Dom Joham de Noronha, da Ilha, e parece-me que poderiam tirar corenta homens, pouco mais ou menos.

E ao domingo logo seguinte, chegou Manuel de Noronha, com hüa nao, que me parece que traria setenta homens, pouco mais ou menos; e foi no combate presente com ho Capitão.

E ese mesmo dia, veo a caravela de Francisco Alvarez, provedor da Ilha, com algüa gente. E no dito dia, veo Diogo Sanchez Bernai, com cincoenta e hum homens de soldo, besteiros e lanceiros, que Nuno Fernandez lhe tiinha esprito que viese com eles ou lhos mandase.

E a terça feira, veo outra nao com D. Joham Anrriquez e algüa gente da Ilha. E até guora, non temos sabido a soma da gente que veo da Ilha, mas parece-me que seram até ijc homens, porque mais gente era em mar, que até agora nom chegou.

E ao derradeiro de dezembro, cheguou aqui Lopo Fernandez Merinho com cem espingardeiros, os quaes fiz asentar em livro, segundo ordenança de V. A.

E porque, Senhor, o Capitão espreve a V. A. mais larguo e pelo meudo as cousas do cerco, nom diguo aqui mais.

E torno-me a fazenda de Vosa Alteza. E quanto he a despeza dos mantimentos, em algüa cousa, Senhor, se gastou mais do ordenado; porque, os dias da necesydade, mandava o Capitão carregar azemalas de bizcoito e andar pelas estancias e dar aos que nelas estavom; e asy mandava dar jarras de vinho per esas estancias, pera suprir o trabalho dos homens, e peças de figos porque os frios eram tamanhos e a tromenta pelo Natal d'agoas e ventos, que me parece que, se o Capitão os nom provera com mantimento e vinho, que nom poderam aguardar nas estancias; e porque era muito serviço de V. A. fazer-se asy, se fez.

E asy estavom as estancias providas de muitas panelas de polvora e fachos de cedro e dorguens, porque esperávamos que fose o combate de noite, segundo tiinhamos por novas, com grandes lumieiras pera fora, de maneira que se vya todo o campo; e por ventura com este provimento mudaron o conselho, pera darem o conbate de dia.

E as cabilas da gente que veo ao cerco sam estas:

C Ole de Anbram, de cima e de baixo.

C OledeAcob.

C E Ole de Bo Haziz, que sam os Alarves de Azamor.

C Ole Zobeth.

C Garabia.

C Os Celalins.

C Ole de Ceja.

C Os Barbaros que ha de Azamor até Almedina.

C Os de Almedina,

C Os Barbaros e Alarves do Castelo Real até Aguz.

E a repartiçam d'esta gente era esta: da porta dos Gafos até alcaçava, todolos de Almedina, com todolos Bárbaros de Azamor pera ca e parte de Ole Çobeth.

C Da outra parte d'alcaçava até o mar, pera Guarniz, Ole Danbram corn Ole de Bo Haziz e com algüa parte de Ole Çobeth e com os Barbaros de Xeadema.

C Os combates que se derom, foi o primeiro sesta feira xxbij de dezembro, que foy hum comitimento em que morrerom muitos Mouros sem chegarem ao muro; e logo ao sabado seguinte, o Capitão saiu com oito de cavalo pela porta d'Almidina e matou dous Mouros de pé, acima das ortas, em que foy grande quebra nos Micengeas.

C Segunda feira xxx de dezembro, do meo dia até hüa ora, se deu o combate rreal, em que pegarom rijo com ho muro, espicialmente da banda de Guarniz, na estancia de Francisco d'Abreu pêra carão do mar, em que apertarom tam rijo que as pedras e azagaias que vinham per o ar tolhiam a vista ao sol.

E demos graças a Deos, porque se achou o Capitão presente ao tempo do conbate, donde eles mais apertarom da parte do mar, porque eu afirmo a V. A. que em algüa maneira enrarecia ja a gente no muro, e elle se deceo com alguns sobresalentes, com que se remedeou tudo; porque alguns, com sua vista, acudirom mais rijo e pelejarom com milhor vontade. E comtudo durou o combate duas oras, em que, a Deos louvores, morrerom muitos Mouros e foi gran soma d'eles feridos; e dos nosos nom perigou nynguem, somente dalgüas pedradas, que nom foy quasy nada.

E asy, Senhor, se gastaron algüas onças, por mandado do Capitão, com Mouros que traziam avissos, porque conpria asy a voso serviço. E isto, Senhor, ateguora se nom pode saber, porque se gastou per partes. E, por ter outras cousas de serviço de V. A. que mais relevom, em que ora entendemos, o nom tenho sabido; porem, tudo se faz quanto conpre a servyço de V. A.

E porque, Senhor, estas cousas sam extraordinarias e se gastam por mandados do Capitão, terey em mercê a V. A. mandar que se levem em conta.

Quanto he a polvora e almazen, se gastou razoadamente.

A misericordia de Deos e de V. A. foy a que nos socorreo com os seis quintaes de polvora d'espingarda e chumbo; porque, sem ela nom teveramos com que nos remediar.

E quanto as cousas da fazenda de V. A., elas andam providas todas como conpre a seu serviço.

Eu beijo, Senhor, as mãos a V. A. pela mercê que me fez em me mandar os xijm reis de tença do abito. Terei, Senhor, em mercê a V. A. lenbrar-se dos meus serviços e miricimentos e das despesas, e me acrecentar mais aquilo que vir que he seu serviço; e isto receberey em mercê.

De Çafy, a iij de janeiro de 1511 annos.

Beijo as mãos de V. A.

Nuno Gato.

Carta de Ibrahim Bem Zamirou a D. Manuel I, em 3 de Janeiro de 1511

A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço I, Nº 21.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XLVI, pp. 281-283; *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 104-106.

Senhor,

Por el cerco que se puso a esta cibdade non pude yr a dar quenta a Vosa Alteza como era oblygado: mas esqrevy lo que me parecio tocava a serviço de V. A.; e porque, a la ora de mi partyda, me mando V. A. que lo tocase a su serviço que supyese o ovyese de nuevo, embyo esta a V. A., fzendole saber como los de Almedyna vynyeron a este cerco e fueron mucha causa del. Y esto non aquerdo de todos, porque las cosas de las cabylas non se pueden fazer como donde ay una cabeça. Entre ellos a avydo diferencia acerca del tributo e paga que V. A. demanda, e los mas e los sesudos dellos qyeren obedecer, e los malos dellos, en espeçaal los que oyen a Gide Brahym, non han querido

e han llamado valyas, asi del senor de Marrueqos como de todos los Alaraves de os derredores. E vynyeron sobre esta cibdad ynfyndas jentes, asi de Barbaros como de Alaraves, y estuvyeron sobre esta cibdad un mes. Y estando aqy en ei dicho cerco, se movya de parte de los principales de Almedyna ei partido e que daryam rrefenes dellos, e los que heran en estorvar qysieron prevar sus fuerças; e Nuestro Senor, que ay.uda e favorece y esfuerça las cosas de V. A., dyo vytoria a los Cristianos. El sea loado!

Despues d'esto, han enbyado a demandar ei partido, y el Capitan, fasta les byen quebrar la cabeça, no se lo quyere otorgar, porque vengan a mayor partido. Ellos rrequyeren yr dos o très de los principales dellos, a besar las manos a V. A. Ya lo esqrevy con Juan Lopez a V. A.; vea lo que ovyere por su serviço. Estos, Senor, me han enbyado a llamar, parecyendo-les que yo fue en el trato de Azamor, e vyve con favor de V. A., e asi les parece faré e conqluyré algo en las suyas.

E porque, Senor, yo oy a V. A. mucho preguntar por el castillo de Tarter, el quai es de una de las cabylas de Almedina, e yo tengo começado un trato con uno de los principales, que en ella mora con mujer e fijos, y me dize la manera que en ello traera e como la entregara una noche, con ciertas condiciones que demanda y dineros por esto fazer. Yo non he estado en ello a tornar de fablar fasta saber lo que V. A. qyere o manda 'que se faga con este caso. He sido ja tornado a rrequeryr despues que a V. A. esqrevy; e, porque son cosas de Moros y a las vezes faltan, he decido de mas en ello fablar con nynguno, fasta ver mandado de V. A.

Este castelo ja sabe V. A. como estaa cinco léguas de Almedyna, y la fortaleza, que es y, esta a quatro léguas da Casa del Cavalleros; y, se V. A. manda tanbyen en esta Casa de Cavallero, por ser puerto, se ter na manera como su dueño la venda, que ya estuvo en partido con Diego de Azanbuja, e fue yo contratador entre ellos, y al fyn non se concertaron; e si fuere servido V. A., todo se fara; a my me parecio este es caso de serviço de V. A. E por ysto aventure yr mi irmano para que el dara algo de quenta de lo que aca ha pasado, asi de Çafy como de todo lo de los derredores, y con el me mandara V. A. en lo que le serva, que yo non busco sienpre salvo servir a V. A.

Diego de Ellcaçaba me esqryvyo aqy como estava mucho a su voluntad, e que los Moros lo tratan muy byen, e como todos los principales le dizen que non esperan salvo al recado de V. A., para que si todavya es servydo de lo de Muley Zyen yr fuera, que lo pornan en obra, y que V. A. esqryva al feitor largamente.

Los Alaraves de Mazagam estan mui mal con Muley Zyen, sobre la trayçam que les fizo. Estan todos en concierto de enbyar a V. A. les mande como a sus vassalos e

que daran rrefenes para fraguar Mazagan, se V. A. manda. E, porque delante Diego d'Elcaçaba lo reqyryeron, non alargo a V. A., salvo que aqy vynyeron dos principales dellos, e dizen estan esperando repuesta de V. A.

Beyjaré las manos rreales de V. A. me mande una carta de qrrença, si en algo V. A. me mandaré lo serva, non porque yo aya de fazer cosa sin mandado del Capytan, salvo para entre los Moros, porque mas largamente pueda servir a V. A. E asi me mande V. A. encomendar a Nuno Fernandes me trate como a servidor de V, A., y en isto recebyré mucha merced de V. A.

De Çafy, a iii dias de janeyro.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Janeiro de 1511

A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço I, Nº 11.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XLVII, pp. 284-296; *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 82-91.

1511, 4 de janeiro

Senhor,

Eu escrevi a Vossalteza pollo castello de Jam Lopez, e assi por Zamor, a nova que tinha do cerco; e assi escrevi per Fernam Negram esta mesma nova; e muito mais çedo a pudera escrever, mas, por lhe nom dar ocupaçam senam sobollo mais certo, o fiz tam tarde; e porque Vossalteza me nom creo este requado meu, me nom mandou este ssocorro a tempo, porque avia ja hum dia qu'era alevantado.

E aos oito dias do mez de dezenbro sse vieram pôr todos os aduares d'Oulle Dambram e de Ole Çubeta, e de Oulle de Acoob e Guarbia, e toda Xarquia, e os Alarves de Zamor, que ssam três quabilldas, a saber: Oulle de Bohazis e Gelalim, Çeja, e estes com todos sseus Barbaros de Zamor até qui; e destoutra parte, todolos os Barbaros de Castello Reall até Aguz; e quanto sse mais vinham cheguando a esta cidade, tanto mais recrecia a gente de todollas partes a elles.

E quando veo aos dez dias do dito mes, puzeram-sse tres leguoas d'esta cidade, e aos doze chegaram-se mais preto. E quando veo aos quatorze dias chegaram-sse hüa

legoa da cidade. E dia de Ssanto Tomé, xxj d'esté dito mes, sse juntaram duas mill e quinhentas lanças, e muita gente de pee, e cheguaram os de pee preto da cidade, que era tiro de bonbarda grossa, e o guado em par d'elles, he handariam ssoltas bem quatrocentas ou quinhentas lanças pollo quampo soltas; e detrás d'estos de pee, num valle, que se hi faz grande, estavam dous mill de quavallo.

Quando me disseram d'esta jente que era no canpo e deu o rrapique, harmamo-nos todos mui de vaguar e mui bem, e nam sahio ninguém primeiro qu'eu, porque nom havia nada no campo; e ssahi com trezentas e ssetenta lanças com a bandeira e com guinam, e com quatro carretas d'artelharia, e obra de cem piheens besteiros e yspinguardeiros e lanceiros. Ha houtra jente de pé que fiquava, leixey polas estancias; quatrocentos ou quinhentos omeens, afora hos Judeus. Pus-me fora da cidade polia porta d'Alquaçava hum tiro de besta; ali pus Alvoro de Taide co guiham nüa batalha, e eu pus-me co ha bandeira nüa hilhargua sua, e hos pihães detrás de mim quo hartelharia. E aos primeiros tiros que tiraram, arrebentaram loguo duas bonbardas, em que mataram hum omen de pee meu. Estando asy em minhas batalhas concertadas, andavam os Mouros escaramuçando derredor de nos, afastados de tiro d'espinguarda. Soltei o Dahil com ssete de quavallo, que esquaramuçassem coelles; alguns omeens me vieram atentar que desse naquelles pihaeens, e eu, Ssenhor, louvo Deos de nom no querer fazer, porque ssegundo a çilada que tinham detras dos sseus pihaens, que eram dous mill de quavallo, milagrosamente hos venceramos.

Depois d'estar ali posto, pareceo bem a Alvoro de Taide e a mim de hirmos tomar hum outeyro, em que elles tinham suas atalaias, e fomo-lo tomar: ali andaram escaramuçando comnosco, em que lhe ferimos hum, dous ou tres de bestas e espinguardas, e porque o nosso outeiro era junto co sseu, arredaram-sse loguo os seus de pé mais per atras; comesaram-se os Mouros d'ir rrecolhendo, que me pareceo a mim que ss'iham de todo, porque era ja tarde, que nom haveria mais d'üa ora e mea de ssoll. Ajuntaram-sse alguns da cilada sem nos nos vermos nem hos outros que andavam escaramuçando, que sseriam oitocentas lanças per todos, e habalarram e viheram a todo correr a nos com grandes gritas. E nos estivemos assosseguados com nossas lanças nas coxas, e tanjendo as trombetas, e dando algüas gritas; e aquelles que me aconselhavam que desse nos pihaens, ja entam lhe pareceo boom conselho non no fazer, e hum de quavallo, que mandava por pólvora pêra hos tiros, hatalharom-no e tornou-sse pêra nos. Andaram por hi esquaramuçando com huns ssete ou outo nossos, a que eu dey luguar, e assi sse foram e nos viemo-nos pêra ha cidade.

E mandei loguo aos fidalguos que sse fossem has estancias, que lhe ja tinha hordenadas; e os que has tinham sam estes: ha da banda da porta dos Guafos até alquaçava ssam estes que sse seguem, que tinham estancias. E do baluharte do mar co ha porta dos Guafos até hum halcoram tinha Manuell Cirveira, e tinha Alvoro Mendez seu irmão comssiguo, e Francisco de Sousa o creliguo, e Antonio Barreto, e assi estava Garcia da Cunha e outros quavaleiros, que sseriam té obra de xxb até trinta e d'estes criados de Vossalteza; e assi lhe dey doze besteiros e sseis espinguardeiros, e quinze panellas de polvora, e dous tiros de foguo, e dous bombardeiros.

C Alvoro de Faria tinha do alquoram té torre do Canto, em que tinha hum lanço dirribado, que nom sse pode correjer, porque nom ouve hi tempo, e assi hüa torre quebrada no quabo d'esté mesmo lanço; e estava quoelle Jorje Mendez de Taide, e Bastiam dOuliveira, filho de Dioguo Delguado, e Fernam d'Alvarez d'Egua, e Vasco de Pina, e Rodriguo Rabello, e Gil de Vilalobos, e Pedralverez, filho de Lourenço Mendez, e Pero Soharez e Rrui Guomçallvez, por amizade e por verem que aquelle muro era alli dirrubado, e assi outros xx omeens, e doze besteiros, e seis (es)pinguardeiros; tinha duas bonbardas.

C Dom Garcia tinha d'aquella torre qu'estava no canto até quasi o meo do muro que vai emtestar nalquaçava; estava coelle Pero Lourenço de Mello e Fernam d'Alvarez d'Alvim, e Jam de Freitas, e Gonçalo Nunez Pyreira e assi houtros criados de V. A., em que averia obra de trinta omeens e doze besteiros e sseis espinguardeiros e duas bonbardas e hum bonbardeiro.

C A estancia de Dom Bernalldo era de Dom Guarcia até alcaçava; e porque Pero de Brito chegou antes do conbate derradeiro dous dias, miti-o antre Dom Guarcia e D. Bernalldo e elle coube alli mui bem com obra de xxb omeens que trouxe da Ilha. Dom Bernaldo tinha consiguo Antonio Mendez e seu irmão, filhos de Rrui Mendez, e Eytor Guomçalvez, e Afonsso Rrodriguez e Jann Alverez, e Alvoro de Pohares, e Francisco Diaz e Maletra, Antonio Tinoquo, e Alvoro do Porto, e Jam Cordeiro, qu'era o porta sua, e sseriam obra de trinta criados de Vossalteza e doze besteiros e espinguardeiros seis e hüa bonbarda.

C Nalquaçava, estava Gonçalo Valente nüa torre ssobola porta d'Almedina, e Jam Nomem estava no balugarte do quastello, qu'era mui baixo da parte de fora, com bombardeiros e besteiros e espinguardeiros; e crea Vossalteza que Jam Nomem tinha mui boom cuidado da sua estancia; e crea Vosalteza que lhe nom faziham nojo anos pera dormir nella de noite. E na torre do Quanto estava Jurdam de Freitas e sseu irmão,

e Manuell Quabral. E nalcaçava averia bem cem omeens, em que haveria xxb besteiros e espinguardeiros, e Gonçalo Mendez estava na torre e provia estas cousas d'alquaçava co esta gente.

C Dom Rodriguo tinha d'alquaçava contra Guorniz hum grande lanço; e, posto que todollos Judeus estavam coelle, qu'eram muitos, dei-lhe ssete hou outo quavaleiros e escudeiros, e doze besteiros e seis espinguardeiros, e hua bombarda e hum bonbardeiro.

C Do quabo da estancia de Dom Rodriguo, que he a torre da Vella, até o meo d'üa quebrada d'um muro que corregemos, dey a Luis d'Atouguia; e, afora trinta omeens qu'elle tinha seus, lhe dei obra de xx criados de Vossalteza, qu'era Rrui de Sousa hum d'elles, e Ssimam Aurulho e seu irmão, e Antonio Lanprea, e Jorge Rrodriguez, e Luis de Loureiro, e assi outros; nam lhe dey besteiros nem espinguardeiros, porque elles tinha d'estes omeens de sua caza, he hum dia antes d'esté combate derradeiro, veo hüa quaravella que mandou o Provedor sseu pay com corenta besteiros e espinguardeiros, e Fernam Varella por capitam d'elles, e traz quatro sseus a custa sua por serviço de Vossalteza; e o Provedor mandou toda esta jente a sua custa, ssem lhe paguarem embarquaçam nem ssoldo nem mantimento, e vem paguos por dous mezes.

C D'esta mea quebrada até cerqua da porta de Guorniz, tem Jam Esmeralldo con sua jente, que teria acerca de quorenta omeens sseus; e assi lhe dei alguns criados de Vossalteza, a saber Pero Botelho e Jam do Rreguo da Modoreira, Alvoro Rodriguez d'Azeredo e Dioguo Guomez, criado que foi do viguairo de Tomar, e Anrrique Guomez, criado que foi do conde de Feria, e assi outros omeens, que bem teria per todos ssetenta omeens; e assi tinha hüa bonbarda.

C Cristovam Freire tinha, d'esta estancia de Jam Esmeralldo até alem da porta de Guorniz, sseis torres, e comssiguo tinha Cristovam d'Andrade, e Jam Paiiz, e Antonio Carvalho, Rruy Freire e Jam da Banhadeira, e assi tinha outros criados de Vossalteza, e assi doze besteiros e sseis espinguardeiros, e hua bonbarda e assi bonbardeiro.

C Francisquo d'Abreu, da estancia de Cristovam Freire té o mar, e coelle dous irmãos sseus, e coelle Lopo da Guama; e haíirmo a Vossalteza que ho fez muito bem, porque ho vi ; e Manuel de Maihorqua, e Guaspar de Figueiro, e outros quavaleiros criados de Vossalteza, e assi quinze ou dezasseis de sua caza, e doze besteiros e espinguardeiros sseis.

Em quada hüa destas estancias, tinha quada hüa suas quinze panellas de polvora, e quada hüa sua tocha, e assi fachas, de maneira que todos tinham luminárias pêra a

banda de defora; e quando os Mouros viham que tinha este provymento ssobre has estancias de noite, mudaram o consselho, que era combater de noite, a conbater de dia.
E porqu'eu, Ssenhor, tinha esta nova de cerco, chamei todollos fidallgos e quavalleiros que haqui estam, e lhe pergumtei ho que lhe parecia, se guardaríamos o muro, ou ha casa he alquaçava, fazendo repairos polias rruas. A todos, hou a maihor parte d'elles, pareceo bem nom sse guardarem os muros, porque ssam mui grandes e mui rotos, e que nas rruas, e na casa, e nalquaçava nos defendiriamos milhor. A mim Ssenhor, me pareceo o contraire porque hahinda que os muros fossem roiims, eram milhores pêra guardar que lios repairos que nos podíamos fazer, que haviam de ser muy grandes; e nos nom tínhamos tenpo pêra isso, porque era grande obra, e nam tinha jente pêra ho fazer nem oficihaies, e em caso que arrezoadamente se pudera fazer, eu nam fizera, porque, como lhe deixara os muros, con fama qu'era Çafim entrado, viheram d'aqui a mill leguoas. E por isto, e por houtras rrezoens que pêra isto hi ha, o leixei de fazer, e dou muitas graças a Deos de o eu fazer assi, e todos aquelles qu'eram comtra isso, lhe parece aguora mui bem guardarmos os muros, e antes de nos combaterem lhes parecia jasy, porque viham ja estar tudo mui bem hordenado.

E detriminei loguo, Ssenhor, de dirrubar todas as casas e pardiheiros qu'estavam a quaram dos muros, e fiz bem trinta ou corenta pasadas de largura, ssendo quatro ou cinquo no mais; e pusemos muita pedra ssobre ho muro, e nas torres fiz sseteiras, e as que eram vazias té fundo, em que sse nom podia fazer sseteira, alevantavam-na com ssobrado; e outras correji, em que sse punha hum berço e dous; e dous lanços de muro, qu'eram derribados de torre, mandey coreger, hum sse fez de taipa, e outro de pedra e barro; e pêra a chuva sse quobriram algüas torres. E nisto tudo que fizemos, trabalharam bem estes fidalguos e quavaleiros, hainda qu'alguns tem muita avantajem ha outros; e assi Vicente Ribeiro, cos besteiros que Vossalteza mandou de ssoldo, e Andre Qualldeira, cos espingardeyros, trabalhou mui bem.

E antes, Ssenhor, que fosse fora este dia de Ssam Tomé, avia bem ssete ou outo dias que dormiam os fidalguos nas estancias com sua jente; e eu rroldava com Alvoro de Taide e co Contador \ e com quinze ou vinte de quavallo até ha mea noyte, e começavam hos capitães, ssol posto hum ora hou duas, pêra concertar os omeens das estancias, porque ssenpre sam mãos de cheguar ao muro, e trazia has tronbetas comiguo; e halva dava a Jam d'Ornellas com quatorze ou quinze de quavallo. E em quanto tive nova que me aviam de combater de dia, mudei-me ha hallva, e deyxey Jam d'Ornellas pêra a prima, e coelle o feitor Estevam d'Aguihar, e que trabalhou mui bem

todo este cerquo, e assi Nuno Vaz Pereira, que todas as noites rroldava, hou ha prima hou halva. E assi Francisco de Velosa me ajudou mui bem, e Antonio Correa, e Barnaldim de Brito, e Anrrique de Betancor, e Anrrique de Parada, e assi houtros de quavallo, que leyxei fora das estancias pêra esta rrolda e pêra o que pudia ssobrevir.

E has noites qu'estes omêes dormiram nas estancias foram dezassete ou dezoito noites; e afirmo a Vossalteza qu'elles e os que rroldavamos nom tinhamos tempo de comer nem dormir, e sempre andar harmados, porque, como era manhãa, vinham loguo hos Mouros com suas batalhas carradas contra ho muro, afastados de tiro de bonbarda, ainda que alguns lhe matávamos coellas, e o guado diante, e assi pionajem, e punham-sse hos de quavallo por encuberta perto do muro pêra ssegurar o seu guado e a ssua pionagem, que nos punham mui preto da cidade. E de noite senpre os sseus tambores tamjiam, e vinham dar muitos rrebates ao muro, e por isso compria-nos que estivéssemos mui precebidos, e pêra isto compria hos omëes estarem harmados, assi hos das estancias, como hos que rroldavam, como hos que estavam em casa. E certefiquo a Vossalteza que todos estes fidalguos e quavalleiros e toda ha outra jemte tem levado muito trabalho neste cerco; e se eu nom fosse ssospeito, emquareceria isto mais a Vossalteza, e dir-lhe-ia verdade. E das vezes que m'esta jente de pee cheguava ao muro e o guado, nom sahia a elles, porque receava de perder algum ornem, que fora grande quebra pêra nos e muito favor per elles; e, fazendo algüa couza de que nos contentasemos, era pequena quebra per elles, qu'eram muitos; e ssegumdo hos muros de Çafim e socorro que nam viamos, conpria-nos mais guardar hum ornem que os holhos da quabeça.

E andando eu rroldando alva, ssabado amanhecente, correndo eu has hestancias de dia, fui-me halquaçava, e dela vi hos de quavallo como se cheguavam por todas has partes, e o guado diante; vi andar huns tres ou quatro Mouros de pee antre huas hortas da porta d'Almedina entre has pedras, donde lhe elles parecia qu'andavam sseguros. Estava comiguo Alvoro de Taide e o Contador, e ho Adaill e Jam d'Ornellas, e Dom Francisquo d'Eça, e Antonio Corrêa, e Jam de Lisboa, e Jorge da Maia, e Jam Nalverez, quavalleiro que mora em Lagos, e Guonçallo Mendez, e Francisco de Velosa, Bento Guonçalvez, besteiro de quavallo. E pus ho Hadaill diante con ssete d'estes de quavallo, e eu loguo peguado coele, e matamos hi dous Mouros; e fiquaram-nos hi houtros dous nüa nora ssem nos vermos. Recolhemo-nos ssem nenhua paixão.

Doze ou quinze Mouros de quavallo acuderam, e fomos de lomguo das estancias contra a porta dos Guafos; e vimos vir hüa quaravela, com que ahos nossos nom pesou nada. Hera Pero de Brito, que trazia xxb omens, que vinha na conserva de Manuel de

Lhoronha. He antes que a quaravella cheguasse, estando nos no meo do comer, repiquaram. Saímos por hi harmados, e mandei Alvoro de Taide com quinze ou vinte de quavallo a porta dos Guafos, e mandei Jam d'Ornellas ha porta de Guorniz corn houtros tantos de quavallo; e depois que me trouxeram rrecado que ha parte de Guorniz sse chegava jente, abalei de qua com toda a jente que tinha, e fui por esses altos da banda de Guorniz, de longuo das estancias, donde davamos mostra aos Mouros, como elles davam a nos, com has tronbetas e com guiham. Cheguaram-sse os Mouros de pee muito a cidade sem chegarem ao muro, e parece-me que nam chegaram porque começaram loguo a matar nelles com espinguardas e bestas e bonbardas, posto que todollos dias hartelharia matava nelles, e este dia morreram de trinta pêra riba, onde morreram três principais. Arredaram-sse, e neste mesmo dia a tarde recolhemos Pero de Brito e Dom Francisquo, filho de Dom Joham, que vinham da Ilha com obra de corenta omêes, pouco mais ou menos. E ao domingo ha tarde, chegou Manuel de Loronha com Ima náo e coha quaravella do Provedor; e ha náo de Manuel de Lhoronha trazeria setenta ou outenta homêes. E Dioguo Sanches cheguou naquella mesma hora com cyncoenta e hum homêes, hos mais d'elles besteiros, e houtros homëes d'armas, os quaes deram grande aviamento pêra naquelle dia desembarquarem.

E a ssegunda feira, ante manhãa três horas, me alevantey e chamei Alvoro de Taide e o Contador e estes que haqui estavam na quasa, meus criados, e dey hüa vollta has estancias, e achei nova como, toda aquella noite, temjeram hos Mouros hos seus tambores, respondendo huns hos houtros com almeneras. E como foy manhãa crara, vimos ha suas gentes, assi de pé como de quavallo, todas postas em batalhas, e em redondo de toda a cidade; e deixeime estar assi em vista d'elles e elles de mim, até has dez horas viemos comer.

E em começando de comer, rripicou alquaçava, porque via aballar toda a jente pera ho muro, e posto que has estancias estavam bem providas dos quapitães e gente que ha ellas estavam hordenadas, e nos, que eramos ssobrasalentes, estávamos armados, e amdamos muy prestes, pus-me na praça e ali me acudiu loguo a gente mui prestes. E mandey loguo Jam d'Ornellas ha porta dos Guafos com vinte de quavallo; e eu tinha ja dito a Manuel de Lhoronha que se fosse a porta de Guorniz coessa gente que trazia, porque morava perto. E, porque eu tinha mui provido a porta dos Guafos, porque cria que la avia de ser o combate, pus la Vicente Ribeiro cos trinta besteiros, porque os mais estavam polas estancias rrepartidos, e assi Amdré Qualdeira com dez espinguardeiros, e Dioguo Sanches com todos hos besteiros e homêes d'armas que trouxe. E porque esta

parte me parecia, Ssenhor, qu'estava favorecida, me fui a banda de Guorniz. E tambem me dezyam que sse cheguava Ia mais a gente aquelle quabo, fui de longuo da estancia de Dom Rrodrigo, por favorecer os Judeus que tinha cosigo, e também porque era hahi halto, e dava vista has nossas estancias, pus-me num alto a par da estancia de Jam Esmeralldo, que no meo da porta de Guorniz esta, e vyo-sse a gente dos Mouros de longuo do mar vir pera ha estancia de Francisco d'Abreu. E entam leixey ali Alvoro de Taide com trinta ou corenta de quavallo quo guiham; e eu levei comiguo o Contador e o Adaill e Espynosa e Fernam Dominguez, besteiros de quavallo, e a Ssimão da Sylveira, e outros dous de quavallo.

Quando Ia cheguei em baixo, eram ja os Mouros peguados no muro; eram has pedradas e has hazaguaiadas tantas nos nossos, porque era o muro mui baixo, que não tinham os nossos tempo pera lhe poderem tirar com setas nem pedras. Corri o muro duas ou tres vezes a quavallo, falando aos nossos que lhe tirasem; e entam os nossos, que estavam a quavallo ssobolo mar em hum alto, me chamaram, onde eu andava ao longuo do muro, e hamostraramme os Mouros qu'estavam peguados na torre qu'estava ha par do mar. Fez-sse ali hüa ponte, onde estavam boom golpe d'elles e tinham-a ja piquada, de maneira que tinham ja tirados huns sete ou hoito quantos da torre. E, porque da torre nam despejavam estes Mouros com pedras, nem do pano do muro lhe nom podiam tirar com nenhuas bestas, porque a torre os escudava, mandei entam decer o Contador e o hachei com mui boa espinguarda e mui boa vontade pêra isso, e assi Fernam Dominguez, besteiro de quavallo, que ho acompanhasse. Puseram-sse de dentro do cham, que dos Mouros a elles nom havia mais que ha torre em meo, porque alli era pena talhada té o mar, e puzeram-sse em luguar que bem sse tiravam huuns hos houtros; e o Contador co ha espinguarda e Fernam Rodriguez co ha besta mataram alguns d'elles, que hos fizeram desapeguar da torre.

E eu, como os deixei postos naquelle luguar, fui-me acima ao muro, em que achei Francisco d'Abreu mui bem posto na torre a par d'ystoutra, lançando pedras abaixo e mui discuberto; e hafirmo a Vossalteza que me pareceo mui bem, e assi Lopo da Guama, qu'estava em pé entre has hameas, tirando mui boas pedradas. E assi ho Hadahill sse deceo diante de mim e o fez mui bem, que sse pos nua torre em que era ho mor combaute; he hassi Estevam Rrodriguez, criado do Balio; e assi Espinossa, besteiro de quavallo, o fez mui bem e foi ferido no rrostro d'üa pedrada; e assi Dioguo Gill, d'Arzilla, besteiro de quavallo, mandei decer; e assi mandei decer Antonio Correa; e

Manuel de Maihorgua, que tinha carreguo d'esta torre onde foi o conbate, fel-lo mui bem.

E dipois que fui em rriba do muro, mandei decer estes omêes que me pareciam necessários, e polia ventura durara mais o combate, sse sse assi nom fizera. Como eu, Ssenhor, fui no muro, deceo-sse loguo Manuell de Loronha, e Ssimão da Ssilveira, que nam andamdo, Ssenhor, mui sam d'üa doença que qua teve, servio mui bem assi de noite como de dia em todallas as cousas de serviço de Vossalteza, e sem dar nenhüa paixam, que he gram guabo pêra hum fronteiro que não passa de trinta anos. Cristovam de Mello nom era d'estancia, e leixe-o com Alvoro de Taide: nom no podia ter, ssenam que queria fugir pêra donde o quambate era mais azedo. Depois que hos Mouros se foram d'ali bem escuzidos, foram-sse arredando d'esta parte, mas por todas has partes do muro acheguaram, nam que pusessem as mãos nelle, porque foram escrizidos d'artelharia, d'espinguardas e bestas e bombardas. E os Mecejãees, em que os Mouros tinhão mayhor eomfiança, acharam nas estancias tara providas de besteiros e espinguardeiros que nom ousaram acheguar co has esquadas que traziham, porque morreram muitos d'elles; e muitos tiros, que tiraram a quebrada d'Alvoro de Faria, nom fizeram nenhum dano, porem tiravam com mui booms pilouros. E o que té guora temos ssabido de fora sam hos mortos bem quatrocentos, e os feridos muito mais.

Aquella noyte nos guardamos muito bem como soiamos. Quando veo pola manhãa a parte de Oulle Çobeta e Mecenjaem se levantaram, e assi todos hos houtros. Ho conbate que deram tam cedo me pare que foi porque nos viram vir ssocorro, porque, sse o nam viram, aguardaram por ei rey de Marrocos, porque estava ja em quaminho; e hum seu filho acheguaram h'Almedina ao primeiro deste mes, e também hum seu sobrinho, com jente pêra ho cerco, e besteiros e espinguardeiros e quatro bonbardas. E todos hos Alarves estam inda juntos cinquo leguoas, e os d'Almedina estam em suas casas. Nom tenho ssabido inda o consselho que tomaram co filho e ssobrinho d'el rey de Marrocos, porque o pay he ja fora de Marrocos em quaminho pêra qua.

Ha Manuell de Lhoronha, Ssenhor, e estes fidalguos e quavalleiros que da Ilha vieram coelle, devia Vossalteza d'estimar muito este serviço, e beijarey as mãos de Vossalteza em lhe querer mandar d'isto algum agradecimento, porque o menos qu'elles nisto fazem he guastarem sua fazenda he virem pelejar cos Mouros, pois partem na metade do inverno ha demendar a costa de Çafim; e afirmo a Vossalteza que milagrosamente desembarquaram, porque nunqua vi em hagosto tam cham mar como

fazya; e correram tal tromenta que hainda qua nom hee hüa náo e hua caravella da companhia, e estes que qua veheram sse tornaram de ssobre Qualez.

E eu, Senhor, porque receey de me socorro de Halguave nom vir tam asinha, tendo tamanha certeza do çerquo, me comveo mandar Lourenço Mendez com hüa carta ao feitor de Vossalteza a Quallez, e houtra a Dioguo Chanches; e o feitor de Vossalteza deu pouco por isso; e, quando Dioguo Chanches aquillo vio, emtam com muita diligencia sse fez prestes em dous dias com cincoenta e hum omêes, besteiros e omêes d'armas, e cheguaram ao quabo de Quamtim, he d'ahi tornou com tenpo a Tavilla; e contudo veo aqui antes do combate grande, ao tenpo que chegou Manuell de Loronha. Beijarei has mãos de Vossalteza, pois he Castelhano e serve como mui boom Purtuguez, lhe mandar d'isto agradecimentos; e quem a tal tenpo acuidio he dino de mercê e pêra estimar seu serviço.

Bastiam Guomez, Senhor, ssobre hüa doença que qua tem, íiquando mui fraquo d'ella, trabalhou mui bem neste cerco, e assi foi em todallas cousas em que eu qua foi; e elle dara conta a Vossalteza larguamente, porque foi testemunha de vista de como este cerco passou.

De Çafim, quatro de janeiro.

Beijo as rreaes mãos de Vossalteza.

Nuno Fernandez da Tayde.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel,
em 17 de Março de 1511

A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 60.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XLVIII, pp. 297-299.

A el Rey nosso senhor.

Senhor,

Sse Affomso Rrodriguez não ffosse co esta nova que mando a Vossalteza, eu mamdara huum omem a pedyr a Vossalteza que nos mamdesse mamtymentos, porque o que ca temos aynda nos não abastou até o mes de ffevyreiro. Beyjarey as mãos de Vossalteza por nos loguo mamdar a grão pressa iijc moys de pão, porque ja não temos nenhuum, e os Mouros agora não no trazem, porque leva jeyto de ma novydade par não lhover. E asy tem em mercê a Vossalteza mamdar-nos loguo dinheiro, porque não ha nenhuum e toda a jenle tem d'ysso muyta nessecydade, porque certeffyco a Vossalteza que sse aquy tevesemos dinheiro, que algüa parte da jente que sse me ffoy fficara aquy. Eu escrevi a Vosalteza, na carta das novas, em que me parecya que nos não comerya Xarquia os pays d'Abyda; e oje me veyo recado, e creyo que he certo, que sse tornão aparelhar pêra nolos vyrem comer, e ysto por consselho e hemdustrya dos Misenjys. D'ysto, Senhor, ssera o que Deos quysser, mas, em canto eu poder, nolo torvaremos coa ssua ajuda, porque compre muito abastamça d'esta cydade guardarem-sse os pays d'Abyda.

Eu escrevy a Vosalteza por Rodrigo Rabelo, que escrevesse alguuns omens que aquy estão e assi hüua carta em jerall, pêra que estevessem aqui até ceyffa, porque abryll e mayo ssão os milhores dous messes do ano pêra ffazer a guerra. E porqu'eu, Senhor, vejo neles muyta nessecydade, porque não tem que comer, não nos poso deter, e vam-sse canto poder; e pareçe-me que neste mes d'abryll ss'yrao d'aqui dusentas lamças. E veja Vosalteza o que he seu servyço e assi ho faça. Affomso Rodriguez dara de tudo ysto conta a Vosalteza, porque ja tem rrezão de ssaber a terra e he omem que o ssabera dar.

Lembro a Vosalteza o atalho d'esta cydade que tanto nos compree e tanto trabalho nos da; e lembro a Vosalteza que, yndo-se a jente como sse começa d'yr, que não ssera muyto cometerem-nos; e seremos muytos pêra guardar as ffortalezas e poucos

pêra guardar a cydade, e poys lhe temos ffeito muyto dano, não ssera semrezão, cando nos virem descubertos, ffazerem-se alguum tyro.

Vosalteza me escreveo que mamdasse os espymgardeyros e besteyros que mamdou pêra o cerco, e porque, Senhor, sse me despeja toda a jente, não me parece qu'é vosso sservyço deyxa-los yr; e, sse Vosalteza quer que sse vam, mamde-me outra jente, porque a guarda da cydade e o ffazymento do atalho não se pode ffazer ssem ele.
Oje pos o Contador o ffogo no fforno e ffaçe o azo. Parece-me que sse a de ffazer nysto hüua obra muyto boa e bem a servyço de Vosalteza, ssem dar aprissão1 ao Algarve, nem a offeciays, nem perda de ssacos.

Vosalteza me mamdou, em sseu regimento, que não conssentisse que aquy sse vendesse Mouro que de ffora vyesse a vender; e, porque eu tenho ssabydo que ssão escravos os que trazem a vender, eu dou lugar a ysso, porque me parece que vosso sservyço é rrepart-os com cryados de Vosalteza assi como me bem parece. E, se nysto pasey o mamdado de Vosalteza, ffoy por me parecer qu'era vosso sserviço. Mamde-me nysto o que quer que ffaça e ja ysto escrevy a Vosalteza e numca vy rreposta.

De Çafym, a dezasete de março.

Beyjo as rreays mãos de Vossalteza.

Nuno Fernandez da Tayde.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 20 de Julho de 1512

A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 333.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. LIX, pp. 335-336.

Senhor,

Ategora aymda me não alevantey de a cama e certeffyco a Vosalteza que nunca me tão bem curey de nenhüa cousa. Ponho ysto a esta cydade ser ma de pernas, mays que a fferyda ser grande. Espero em Deos, tanto que me levantar, ffazer hüua entrada, e prazera ele que ssera do gosto de Vosalteza e dos que ca estivermos honrra e proveyto.

Estão aqui os de cavalo que a Vosalteza tenho escryto, e assi a jente de pé; e os mamtymentos que ca avya acabão-sse este mes, que he a dada de julho, que ffycão os cyleiros varrydos. E poys Yossalteza aqui tem tanta jente, não queyra, por nos fazer mercê, verem nessecydade de mantymentos, poys aqui não ha porto d'ynverno nem calheta a tres legoas, e, se nos não vem o mamtimento a tenpo, perde-sse esta jente e o que sse pode fazer coela. Pedymos por mercê a Vosalteza que nos queyra mamdar mamtimentos e assy dinheiro que ca não ha ja nenhuum. Não ffalo nas cousas de ca, porque esta que escrevo he a que nos agora mays rreleva e porque d'aqui a quatro dias hey d'escrever a Vosalteza mays largo; por ysso não escrevo agora.

De Çafym, a xx de julho. Beyjo as rreays mãos de Vosalteza.

Nuno Fernandez da Taide.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 19 de Agosto de 1512

A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 317.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. LX, pp. 337-353.

A el Rey nosso senhor.

Lembramdo-me das paxões da guerra e dos trabalhos d'ella, nam posso neguar a Vossalteza que nam folguey muyto co ha paz, porque esse heho fim pêra que me Vossalteza qua mandou, posto que no tempo d esta paz tenho mais emvelhecido que na guerra, em rreger e concertar as cousas d'Alarves e Barbaros. E, por omde me pareceo que, em trazer Hehea Tafut pêra Çafim a sser terceiro nestas pazes d'emtre mym e hos Mouros, com que ao presente foram muy comtentes todos, nam ouvera mais que fazer ssomemte arrequadar hos trebutos descansadamente. E loguo como veo a Çafim, lhe causey ter muitos amyguos, assi Cristãos como Mouros e Judeus, e eu ho fuy muito mais de ho cheguar a ser leall e fiell servidor a Vossalteza.

E ssegundo m'aguora parece, nam he tall como atequi cuidava, ssegumdo por estes apomtamentos paressia, em que loguo como sse começaram has pazes ha fazer tocou ha cobiça como nam devia, e depois qu'obrou gramde alteraçam, tamta que sse

deixou chamar rei, ssem dizer qu'era dei rey de Purtuguall, como eu tenho escrito a Vossalteza, com tamta força que castiguava has cousas presentes e passadas dos tempos que foram hos ssenhores mouros, e d'isto que veo a minha notycia, eu lhe pus rremedio, e lhe mamdei que nam curasse de nenhüa cousa das passadas; por tall maneira que emgrossou tamto que sse meteo a privar, ho que Vossalteza por esta presente vera.

E, posto que de meu naturall nam sseja ha larguar em escretura, ssam tamtas as cousas que até a feitura d'esta tenho houvidas, que nam poderei tudo escrever, porque terra que com tamto trabalho sse guaynhou doi-me muito por cousas ssoliçitadas e acomsselhadas quer ella pôr em balamça e nam no cuidar em bem; que, com hajuda de Deos, nam no ssera. Somente escrevirei a Vossalteza ho que faz a bem defeito. E, por me parecer que nisto emtravam alguns amiguos cristãos do dito Hehea, que quereram escrever, da sua parte d'esté Mouro ou por ssi como em algüa maneira ao sseu emtender, nam ssabendo ho que eu neste caso ssei, nam faço o que devo em sospensar a sua ida fora ao azemell, porque ssecretamente sse me haqueyxaram d'ello, como Vossalteza por esta presente vera, e eu, com muita desemulaçam, rrodehei como vihesse pêra Çafim, e haqui esta. E quero que ssaiba Vossalteza lias cousas todas que pasam, e veja o que nisso manda que sse faça.

E, posto que noutras cousas de mor sustameia a que heu tenha feytas, com poder de Deos e de Vossalteza, ssem ver ssua detriminaçam, foi por nam haver hi tempo pêra has poder rrepresemtar a Vossalteza assi como estam. E, pois hahi ha tempo pêra ho Vossalteza detriminar, beijarei as mãos de Vossalteza mamdar-me o que ssobrisso sse faça, ssendo hos hapontamentos tirados por emquiriçam por pessoas certas e principais que nisso amdavam e ssabem bem parte d'isso; e todavya me deyxara amdar té sse fazer a ssementeira, como de feyto sse fará, prazemdo a Deos, com muito mais comtentamento que hâté qui tinham, porque isto ham hos Mouros comportado, parecemdo-lhes qu'era mamdado por Vossalteza hou por sseu quapitam que ho hasi fizesse, e nam housavam de sse queixar, haté que foi tamto que ssobejou.

Comtudo, ao que parece ao mundo, estamos mais hamiguos que numqua fomos, posto que nam poderá sser menos qu'elle aver sentido allgüa cousa, por Mouros nam sserem de tanto aviso que lhe nam tenham dito que sse quereram aqueixar d'elle.

E assi com favor de Vossalteza elle foy em Duquella aquatado e temido; assi comprimdo, ssera ho que hera e muito menos; e por isso sse nom despovohara nenhüa tenda da Duquella, nem ha pagua e trebutos de Vossalteza deyxara de vir, hajuda de Deos.

E sse eu, Senhor, pudesse achar prova certa dos que neste desconcerto ho meteram, eu ho mandaria preso a Vossalteza, por honrrado que fosse, porque, em tall feito como este, nam lh'a de parecer que ssabe nem emtende mais qu'eu, nem que deseja mais vosso serviço, nem que mais folgue de ter esta horta bem hortada, poys que fui ho primeiro que ha comecey pêra dar fruto.

C Cometeo ho dito Hehea nas pazes d'Oulle Dambram d'Ezcahum qu'emtrassem co elles cinquo alldeas, e que a elle paguassem o trabuto; e isto lhe foy loguo privado por meu mandado a Ule Dambram, e ficaram pêra Vossalteza. E foram hos tratadores disto Dia e Bedegerill que levaram disso prêmio, e as fizeram loguo começar a paguar e acrecemtar mais três quavallos, hos quais sse paguaram loguo.

C Ouve d'estes ditos Alarves d'Escahum dous cavalos e certos carneiros e mamteigua por lhes fazer dar três quativos que levaram.

C D'Oulle Dambram de Heitahelli ouve, de quada haduhar, por trebuto, em nome de Vossalteza hou de seu capitam, carneiros e manteigua muita ssoma, que sse bem pode ssaber, ssenam por nam alvoroçar a isto ser ssabido. E tem maa vomtade a estas duas quabilldas tam grosas por sse virem co ha pagua direitamente ha nosso cilleyro, e nam na dar em sseu nome; e nam se ousam hos ditos Alarves d'isto aqueixar, parecemdo-lhe que he por vosso mandado.

C Levou, dos quativos que sse deram em Almedina pêra has pazes, duzentas honças em meu nome, e ysto soube por quem esteve ao peso das ditas homças, cousa que sse nam pode neguar; donde aguora me parece que por aver este prêmio foy causa d'ysto o dito Hehea dos Mesenjays pedir estas peças.

C Dos quativos d'Olle Çubeta levou o dito Hehea o dito prêmio e mais ssete quavallos em nome de Vossalteza; hos quais Alarves hajumtavam certa manteigua e triguo pêra hajuda do comer de ssuas arrefêes, e por aver o prêmio de Vossalteza pêra os manter, nam quis que fosse apanhado em tall nome he ho levou a elle; do quall sse fez aguora queixume com noutras cousas.

C Hapartou hûa linajem de Guarbia dos ditos Oulle Çobeta, depoys de feito co elles ho comcerto do que lh'aviam de paguar, e, como os teve cheguados, demandou a pagua que a dessem a elle; na quall pagua montaram cento cimcoenta quamellos de triguo. E nam fora tamto dano lleval-los pêra ssi quamto foy lleval-los ha Almedina a emcerrar; polia quall causa foy toda a Duquella espantada, assi hos de Mecemjaiha, de como descomfihou, e a mim pareceo muito pihor pêra o caminho que queriamos levar de termos maneira de emcerrar aqui Guarbia e Abida, como espero em Deus

qu'emcerrem, parecendo-lhe que sse nisto avia demcobrir. E loguo lhe quisera mandar que hos trousese a Çaíim, e nam no fiz por nam fazer escamdollo.

C Tem levado de penas e rroubos e adiafas, de que eu teguora numqua fui ssabedor, de todas as quabilldas, de que sse muito aqueixam, assi d'Abida como Guarbia, Oulle Dambram, Xerquia, Bárbaros, passante de sseis mill honças, a dito d'alguns Mouros principais, em boys, camellos, cavalos, manteigua, guado meudo, alquicees e dinheiro; e isto parecera zombaria, mas a Duquella e tam grossa e, em ventura de Vossalteza, foi tam grosso e tam bom ano que sse deve crer mais qu'isto. E quer pôr ympidimento ha hüa migualha que ssera, pêra dar a Duquella ha Vossalteza dous carneiros he hüa alcola de manteigua de quada haduhar, posto que ssera grave de comcertar emtre Mouros, quamto mais sser empedido por elle. Com tamto dinheiro como este Mouro houve has mãos, danou muitos principais; e ssabido tenho homde tem parte d'isto couve.

C Faço ssaber a Vossalteza que tem dadas cartas hahallcaides, postas da ssua mão em nome de rei muito bastantes, ssem em ellas nam nomehar nenhum poder de Vossalteza nem de sseu quapitam; por honde sam quaides em houpiniham, pêra sse todos perder, que querem ver quall tem mais poder pêra valler suas cartas, a do rrei mou(ro) hou lias do rrei cristam. He, ha meu ver, ainda que fosse a ssua houpiniham muito booa, a quall a mim parece polio contrairo, ssam Mouros de tam pouquo ssaber que muitos o tem asi crido; tamto que Benamira, hum Mouro que em a menos guerra quer a amdar has lamçadas, em rrespeito d'esta, como ja dito tenho, que ssempre amdou comiguo em ella e lho paguei muito bem, disse, querendo eu mamdar Garbia que fosse em favor d'Abida, qu'estam ao presemte d'esta parte de Marrocos, rrispondeo que, sse nam fossemos de comcerto, que nam hiriam; e hassi ho dessimoley e passou, posto que fora muito folguamdo por meu mamdado sse hy houvera tanta neçecidade.

C Quamto pode defemder que nam venha nenhüa pagua, defemde que nam venha, ssenam em sseu nome, até allguns tardar até ver sse ssua rezam vall. E, louvado sseja Deos, que ssempre as cousas de Vossalteza vam e yram ao diamte, que loguo em sso os oyto dias que ha qu'estaa em Çafim, que nam amda no hazernell, he tam esquecido que nam conhecem a verdade lios Mouros, e vem co ha sua pagua direitamente.

C Estou aguora em lhe mamdar, pêra tirar ha hopfinião) dos Mouros, que cuidam que tem alguum poder hafora ho que per vosso capitam lhe for dado, que nam ponha hüua nota que hachey nas cartas que deu aos alcaides que tinha postos, (mas) que porya em

suas cartas por ssua mão (outra nota), ha quall he esta, que lhagora quero dar: «Hehea Tafut, xeque em Duquella por mão de Nuno Fernandes d'Ataide, capitam na cidade de Çafim por ell Rey nosso ssenhor, a vos fulano, asi mamdo, da parte do Capitam do dito ssenhor, façays o que ao hodiante em ssua carta disser... »

C Sse me Vossalteza per ventura quiser culpar de deixar isto hir em cricimento, porque ho nam poderey desfazer, nam ssera, prazemdo a Deos, tam grave como sse qua pinta; e mais que sse nam podo ssaber até aver hi causa que por mim nam foi movida ha quall foi a vinda de Dia e de Gide Hahedu e de Abedejarill, que foram com gramde pressa a querer rrecolher de ssuas linhajeens hos trebutos que fiquavam por paguar, e rrespomderam-lhes que nam dariam esta pagua, e isto allguns d'elles, ssenam ha Hea Tafut; eu lhe fiz escrever que hos desemganasse.

Senhor, a vontade d'esta jente de Duquella tenho bem ssabida; tamto que Vossalteza não tiver booa força dejente corn booas arrefeens, ao menos por hum par d'anos até que se vam, fazemdo ha conhecerem e guosterem o bem da paz, nam ham de ser fiheeis; que, pois Hehea, que tamto beneficyo en este tempo tem rrecebido de Vossalteza, hahimda ha nisto ser mais emssinado e nam se quis emmendar em sse vemdo em algum favor, quanto mais hos muitos estranhos que ho mais averam nysto, em espiciall co esta nova que dizem que vem Molle Naçar a comir hos pahêes das haldeas das pazes de Habida, do que prazera a Deos elles tornaram, sse viherem, asi como ja foram, temdo mais por nossos contrairos, Hehea esta em esperança de ho heu tornar a mamdar fora; e ss'isto for certo, como me dizem, farei como me Deos der ha hemtender.

E quamdo, Senhor, estas cousas nam toquassem mais que na cobiça, bem passaria ornem co ellas, nam toquamdo nas pessoas, porqu'emtam tocava em todo o guanhado e o qu'elle apanha co esta cobiça, guastamdo-sse amtre hos Mouros. Por tornar as paguas e trebutos de Vossalteza, e isto por fazer que venha por ssua mão, esto poderá fazer muito dano, porque nas cousas que leva poderá fazer muito dano, porque tem com que peitar; e levar esta neguocehaçam tam hordenada nam he de Mouro, mas cuido qu'é de Judeus sseus amiguos, que de parte d'esta fazenda sse logram; e de todas estas cousas que tenho ssabidas, numca me descobriram nada.

E assi mando aqui hos ditos d'allguas pessoas que sobreste caso me diseram algüas cousas, ho qu'elles escreveram, e o propio com sseu assinado me fiqua na mão.
E hassi mamdo ho trellado das cartas qu'ele dava, em que fazia allcaides d'alldeas, e me fiqua a mesma carta qu'elle deu na mão.

E este primeiro dito he do Rrabii Mossee, fissico, morador em Marrocos, que ha mor parte do tempo sempre ho haqui tivemos, e aqui chegou de Marrocos, e o qu'elle disse que toca ha Hea é isto que sse segue:

C Chegou a minha noticia como Hehea Tafut escreveo ao dito rrei de Marrocos, e lhe mandou hum presente de huum pedaço de grâa e beijojim e especeharias, e dizem que hüa espada, esta nam ssei muyto certa; dizemdo qu'elle lhe fazia ssaher como era Mouro, e que nam podia ali fazer ssenam ho que fazia, e que dando-lho tempo luguar, o que Deos nam mamde, qu'elle veria o qu'elle fazia.

E este he, Senhor, o dito de Cide Abdalla, Mouro principall Çobete, de que todas estas cousas me fyquao sseu assinado, e sam, Senhor, estas:

Dominguo, dia de Nossa Senhora d'aguosto, veo ha mim Cide Abdalla, Mouro Çobete, que me queria dizer allgüas cousas que Hehea fazya no azemell de Guarbia; e, pêra houvir ho que o dito Mouro queria dizer, mamdey chamar ho Comtador, qu'esteve presemte, e assi Dardeiro por limguoa, ho quall Mouro disse isto que sse ssegue:

C Diz que Hehea pedira a elle Cide Abdalla algüa manteigua. Elle, cuidamdo qu'era pêra ei Rey nosso ssenhor como trebuto, foi arrecadar pêra o dito Hehea por Olle Çobeta e Oulle de Yaco e Olle de Boazis e parte d'Oulle Dambram de Heitahelly e d'Ezcahum, e todos estes paguaram nesta pagua.

C O qu'este Mouro Cyde Abdalla arrequadou d'Oulle Çobeta foram duzentas e cincoemta allcollas de mamteygua.

C Mais lhe trove o dito Mouro, na ceifa que guarramou, pêra adiafa, cymcoenta allcollas de mamteigua.

C Mais disse o dito Cide Abdalla que, quamdo ss'apartou Guarbia d'Oulle Çobeta, lhes dyse, paguai-me a mim; e Oulla Çobeta, cuidamdo qu'eram pêra Vossalteza por meu mamdado, lhe deram cento e cincoemta camellos de triguo, que emçarrou em Almedina.

C De penas sseram em Oulle Çobeta que levou, que lhe paguaram em bois duzentos e cincoemta hou trezemtos, e de carneiros mill ao menos. Aos Mouros parecia qu'era isto per meu mamdado.

C Elle dito Cide Abdalla lhe disse : «Leva d'isto ao Capitam cincoenta bois e cem allcollas de mamteiga». E elle Hehea lhe disse: «Nam quero habrir-lhe hos holhos do qu'elle tem esquecido».

C Mais disse o ssobredito que lh'ouvira dizer que dissera aos Mouros d'Ailmedina que trouvessem a pagua a elle, porque elle m'a entreguaria hou nam,

porqu'eu estava por quapitam ssobre hos Cristãos, e elle por quapitam ssobre os Mouros.

C Disse que, quamdo aqui viheram hos d'Almedina, que per sseu comsselho sse pediram hos quativos, dos quais quativos houvera isto que se segue: dum quativo meu que sse chamava Alie Benazaque, cyncoemta honças.

C Mais houve d'Allhacen Homajota quativo qu'era do Contador, cincoenta honças, a saber trinta e tantas nüa marllota, e has houtras em prata.

C Mais houve por hum ssobrinho e hüa ssobrinha d'Aile Abedi, qu'estavam em poder do Comtador, cyncoenta homças.

C Mais houve de Bujsta de duas ssuas filhas que tinha ho Comtador, vinte cinquo homças.

C Mais houve o dito Hehea de Bujsta bem Caceme, quativo que foy meu, quimze homças.

C Disse que lhe dariam hos Mouros d'Almedina bem duzemtas homças (mais) que estas qu'aqui estam escritas.

C Mais disse couve dos quativos d'Oulle de Fregi cincoenta camellos de triguo; e assi todollos noutros quativos d'Oulle Dambram d'Ezcahum, e assi todos hos d'Ole Dambram de Eytahelli, todos lhe deram, e nam ssabe quamto nem quamto nam.

C Mais disse que ssabia couvera pagua d'Oulle Dambram carneiros e manteigua, e nam sabe camta nem quamta nam.

C Mais disse couve hoyto quavallos d'oito quabillas, a saber hum de Hole de Ocef, e outro d'Oulle de Fregi, e houtro d'Oulle d'Amar bem Çaleme, e houtro de Houlle de Yça bem Daguo \ e houtro d'Oulle de Hu, e houtro d'Oulle de Cija, e houtro d'Oulle de Rrehalla, e houtro d'Oulle bem Hamet bem Rrehall.

C Mais diz que, alem da pagua de Vossalteza, lhe deram hos de Ceja e d'Oulle Çobeta cymcoemta quamellos de triguo.

C Disse que tudo islo ssabia Benamira e Horrahe.

C Mais diz o dito Gyde Abdalla que ssabe que mamdou ho dito Hehea a el rey de Marrocos hum presente, e diz ho Mouro que vio parte d'elle, em que vio panos vermelhos de grãa, e não vio ssenam esta grãa, a quall lhe levou hum Mouro que sse chama Hallhehan, morador que foy em Çafim e aguora he de Marrocos.

C O Comlador qu'emtendia ho que o Mouro dezia, e Dardeiro, limguoa, eram presemtes ao dizer de todas estas cousas.

C Senhor, a omze dias do mez d'aguosto, ssendo presemte o Comtador e Dardeiro, linguoa, disse hum Mouro principall d'Abida, que sse chama Habet Benabet isto que sse segue:

C Disse o dito Habet Benabet que amtre ssi hordenavam pera darem aos rrefëes de quotenda hum çaa e quarto de triguo, e, depois do triguo ser hassi jumto, que ho rrepartiram antre ssi, porque vieram a ssaber que o tomava e ho nam dava aos harrafães; e diz que lhe trouveram quatro hallcollas de mamteigua de quatro aduares, e quada hüa de sseu haduhar, e has deram ha Hehea; o quall Hehea, diz o dito Abet Benabet que pedio mamteigua, e elles amtre ssi lamçaram hüa terça de çaa em quada temda, que sseriam bem de quada haduar duas allcollas, e ssam cemto cyncoenta haduares, e assi que ssam trezemtas allcollas de manteygua has que deram ha Hea.

C Disse mais o ssobredito que, de todas has hallhellas d'Ouïe Çobeta, lhe dariam de penas bem trezemtos touros, e de guado meudo que nam tem comta, afora muitos allquicees, e de dinheiro, ho quall arrequadavam por sseu mamdado do dito Hehea.

Eu mandei, Senhor, Lopo Fernandez ao primeiro dia d'aguosto hallhella d'Oulle Dambram d'Ezcahum, e assi ha de Ole Dambram de Heitahelli, a neguocehar cousas que compriam a cerviço de Vossalteza, o quall m'escreveo de lia hüa carta aos nove dias d'aguosto, he ho trelado d'ella e este que sse ssegue:

Ssabera Vossa Merce que hoje ssegumda feira, nove dias d'aguosto, veo Dia com sseu haduhar, e deceo aqui amtre estas alldeas omde me deyxou a dez dias d'elle; e nam ssey mais que vos digua senam da vida que qua passamos, que ha houvera por muito bem empreguada, assi maa como he, s'aaproveitara, segundo meu desejo he.

Faço ssaber a Vossa Merce que certos quavaleiros d'Almedyna passaram dominguo a oyto d'aguosto pêra Marrocos, e mais ssabera Vossa Merce que Duquella esta doente, assi Alarves como Barbaros, de muitas malldades, ha quall doemça causa este corvo: e nam he mister mais prova, pêra que crehais isto que vos diguò ser ao pee da lletra, que emcerrar em Allmedina este pam couve dos Halarves. E elle manda dizer aos Barbaros de Duquella que nam paguem a mim, nem aos Mouros que me qua trouxeram.

A feitura d'esta, nos partimos pêra Houlle Dambram, e sse Holle Dambram nos derem o que devem, tornar-nos-hemos aos Bárbaros houtra vez, e sse nos derem o trebuto, lexa-lo-emos, e ssenam, hir-nos-hemos quo que Houlle Dambram nos der.

E diz Dia que, sse hos d'Oulle Dambram nam fizerem o qu'elle quer, que rehalera o sseu haduar, e que sse hira assentar a par dos muros de Çafym.

Senhor, mamday-me hum par de borrachas de boom vinho e hüa mão de papell, e tomai bem o tento d'estes procesos que vos, Senhor, escrevo, e vam emborilhiados por mingoa de papell, que eu nam ssam Judeu nem Mouro, ssenam hum naturall Cristão purtugues, criado d'el-Rey nosso ssenhor.

Este, Senhor, he ho trellado d'üa carta que Hehea deu a hum allcaide e fez ssem meu mamdado, e he esta que sse segue:

Louvado sseja Deos hum. Fez allcaide Abu Ezecri ben Famede ben Tafut, que Deos guarde, por hüa mercê a Amar Acaros ssobre ssua quabilla. Em tudo o que lhe dixer, sejam prestes hassi ho fazer em penas, e aquelle que nam quiser obedecer seja obriguado a pena crime, e Deos quererá que sse assi cumpra como ho eu mamdo, e assi averam sseu mamdado do dito Acaros e sseus acheguados, ho quall pos el Rey ssobredito por sseu mandado:

Quem for tomado em casa alhea, paguara cimcoenta dobras;

quem furtar, paguara doze dobras;

quem ferir houtro, dez dobras;

quem doestar ou emjurihar houtro, paguara doze dobras;

quem ferir molher, paguara dez dobras;

a molher que doestar ornem, paguara dez dobras.

He ha quem quiser pôr o dito meus allcaide (pêra) arrecadar as ditas penas, ho sseja por mandado do dito ssenhor, que Deos emxallce; e isto em as alldeas do Rrio ssobre Alarves e Bárbaros.

Testemunhas: Huçam bem Braheu, Amar Hu, Hamet Anbran, Hallahacem ben Tabet, Allibellquaçi.

E o dito ssenhor assinado abaixo; he com houtras quatro testemunhas.

Quem comprar carneyro, que pague dous tomyyns, e ssenam, que pague cimquo. Este he, Senhor, ho trelado d'outra carta que deu a houtro allcaide ssem meu mamdado, he he esta que sse ssegue:

Graças a Deos hum. Em nome de Deos, o piadoso dador, por mandado de Deos e sseu querer e dito, haquelle que tem o mamdo e a justiça, e que tem ho reinado da cidade de Çafym, o xeque honrrado, o bom, o comprido e perfeyto, ho abastado honrradissimo, o alto, o verdadeiro, o emxalçado Abi Zequaria Yhya bem Mamed, acrecente Deos ssua homrra e de todos os Mouros com ssua vida, e nos dee força e favor com ssua vyda, e ho tenha em sseu poder e guarda, e acrecemte sseu estado, e o emquaminhe ao caminho da ssua verdade, e ssostenha seu comselho ho boom e bem

avemturado e dytoso ssobr'este que põe ssobre a quabilla de Hartea, o principall he homrrado Abdalla bem Mehamed bem Ajes e lhe da poder bastante em toda sua jente.
Depois de visto sseu querer nisto, elle demanda ajuda de Deos pêra comprir sseu mandado neste poder que lhe dam, e lhe demandou ajuda pêra sojiguar esta jente, e lhe desse omêes dos que elle escolhesse queho ajudassem, dos que quiser o dito ssenhor honrrado que lhe ajudem pêra fazer sseu mandado e obra, e o que houver mister pêra seu serviço e o que mandasse.

He deyxou o dito senhor rey ssobredito todos sseus poderes e mandados em a mam do dito Mafamede ssobredito, e (o) pos em sseu luguar como ssua pessoa propia e que nam aja quem ssaia de sseu mamdado, em ho que hobrar he mandar, e que sseu rnamdado sse cumpra; e quem nam obedecer e for comtra seu mamdado sseja castiguado, castiguo forte como merece ho que desobedece, e sera castiguado com feridas polia justiça nossa e dos Moros todos, pollo custume e uso qu'é acustumado dos passados, e sseus direitos.

Lhe seja feito, a saber:

Quem matar sseu irmão, lhe ssera feita ha justiça que marnda nossa lley de Deos, he ho que esta escrito por mamdado do Profeta.

E quem matar ho houtro de propósito, lhe sera feyto ho que nos mamdou o Profeta em suas escreturas has homrradas, que «quem matar, hallma por alma, e olho por olho, e nariz por nariz; e orelha por orelha, e dente por dente, he has feridas quada hüa por sseu direito, he ho ladram que lhe cortem a mão». E quem fezer quallquer cousa por que mereça castiguo, lhe sseja feito pelo direito que Deos manda e sseu Profeta.
Faça nos Deos dos que estam a sseu serviço, e os comtrairos d'elle convertaha'os, e os leve Deos pollo caminho verdadeiro, polia bomdade do Profeta Mafamede, o escolhido de Deos, sobrelle paz!

E d'isto tudo sseram testemunhas os que ss'acharam a isto, e ssouberam e diguam tudo ysto como he rezam, e sseja recebida sua testemunha.

Feita no primeiro dia do mes de (rabe) o derradeiro, ano de novecentos e de(zoi)to. Amostre nos Deos sseu bem he ho que (vem) depôs elle.

Estas ssam has penas de que: quemquer que fizer por furtar, paguara dez homças de prata, hou cem dobras, ou lhe cortaram ha mão.

C Quem demamdar allgüa demamda do passado, e quiser ssobrisso pôr força, paguara duas homças, ou vymte dobras, hou hum boy.

C Quem sse queixar d'elle algüa molher, busque testemunhas que lhe pos mão e assi o jure, paguara cyncoenta dobras, ou cinquo honças.

C Quem for comdenado por justiça e tornar ha demamdar, paguara vinte dobras de pena, hou hum boy.

C Ho que ferir ha houtro Mouro, que de pena pague duas honças e um carneyro pêra ho ferido.

C A molher que doestar algum homem, pague de penacymquo dobras, hou hum carneiro.

C Quem tornar huum por houtro, que pague de pena vynte dobras, ou duas onças.

C Quem fugir com molher casada, que lhe comam tudo o que tiver e sseja queimada ssua casa ou tenda, e sseja desterrado da terra, e lleve sseu marido o direito da fugida de sua molher da dita fazemda, que ssam doze quamellos, e sse o matar, que nam tenha pena, e o tragua preso ha el Rey.

C Quem ferir ha houtro com pedra ou pao, que de pena pague dez dobras, hou hüa honça de prata.

C Quem for acha(do) em casa ou tenda alhea, que pague de pena cem dobras ou dez homças.

C Quem quebrar alforma d'outro, que de pena pague cem dobras pêra o mazaguani3 do senhor, e mais pague emjuria do dano d'alforma.

C Quem tomar a fazenda d'outro por força, dizemdo que lhe deve, ssem lha demamdar por justiça, paguara cincoenta dobras; he se ha levar furtada, paguara cem dobras.

C Quem levarem a direito ssobre divida va ao allquaide e façalhe prazo; e, sse nam paguar ao tempo que lhe puser o allcaide, qu'estea nelle levar-lhe a pena que quizer.

C A quaisquer que lhe demandarem dividas hou houtra cousa, vam citados diamte do alquaide.

Em estas cousas todas amdou Dardeiro muy diligente e verdadeiro, e como boom servidor de Vossalteza, e bem exercitou em tudo ho que compria sseu hoficio; e Rrabi Habram tem muy bem servido neste caso e em todollos houtros; e assi hum Judeu d'Allmedina que nos neguocios d'ella servio mui bem; he hos Mouros d'Almedina, que mui bem serviram en folguarem muito de paguar e trabalharem pollos houtros paguarem, he Meymam e ssua paremteira.

E d'estas culpas, Senhor, qu'eu dou ha Hehea, muito mais qu'estas pudera ssaber, mas nam quis por isto ser mais dessimulado. Mas... he por certo que, sse ho la mamdasse , que haviam de descobrir muitos erros d'elle, e creo que de mor ssustancia que hos de cobiça. E s'esta cobiça nam trovesse mais mall comssyguo que sser cobiça, nam me daria nada, mas trás dano aos trabutos e em mais, Vossalteza nam sse apassione d'isto, porque, quem tem tam grande terra guanhada en tam pouquo tempo, nam pode ser tam asinha esta chãa, ssendo-ho esta mais que pude ser, porque, com todas estas voltas, temos aquy mais de quatro mill quamellos de pam, Deos seja louvado; e os d'Allmedina ssam os mais pouquos e que mais brigua tem e, prazendo a Deos, elles paguaram a sua pagua tee ho derradeiro grão. Mas he neceçario dar-lhe-sse d'ella, porque hassi he mais vosso serviço que d'outra maneira, ha meu emtemder.

E mui cedo espero em Deos ajuda, que qua tem mui grande medo a vossa jente e ao vosso poder, que ho ham de ter muito mor pollo ano e pollo tempo; e escusara omem tamtas gemetrias como qua comvem a omem de fazer. E assi espero nelle, pola sua piadade, queho capitam que haqui ystever mande cartas haZamor por hum omem de pee sem nenhüa allforma ao nosso quapitam que lia ystiver. E nam ssera muyto fazer-sse isto d'aquy ha dez meses, pois ha dois meses que mamdey d'aqui Llopo Fernandez ssem alforma nenhüa a Olle Dambram: fazemdo-ss'isto d'aqui Azamor, nam ssera muito fazer-sse houtro tamto d'aqui a Marrocos, co ajuda de Deos.

Ho ssenhorio he a grossidam d'esta terra e tam gramde que sse nam pode escrever, e Vossalteza deve de levar d'isto mui gramde guosto e do qu'esta por fazer, porque mui ligeiramente, co hajuda de Deos, sse pora ao guanhado, e, tendo mais terra guanhada. com menos jente a ssostera.

E, por eu mandar estes apomtamentos e culpas em que eu tenho hachado Hehea, nam cuide Vossalteza que por isso lh'ey loguo de dar ho castiguo; mas hantes crea qu'ei de dessimuUar co elle o mais qu'eu puder, s'asy comprir a serviço de Vossalteza.

Mas prazera a Deos que, por muitas hamoestesçõees e estas derradeiras que lh'eu tenho dado, qu'elle ss'emmendara, e fiquara toda esta lleitura em vam, corn qu'eu muito folguaria. Mas, porque sse natn pode escusar de dar esta conta a Vossalteza, lh'a dey, mas eu amtes quisera mamdar-lhe hum fallcam nebril.

Nosso Senhor acrecente a vida e reall estado de Vossalteza.

De Çafim, aos dezanove dias d'aguosto.

He d'omêes, Senhor, diligentes em vosso serviço e aos mamdados de vosso quapitam, nam nos hei d'aqui havante de guabar, ssenam a modo de França. Tall Dia amdou f… am bem. Isto, Senhor, diguo por estes… que m'aguora parece que servem bem… houtros que hassi começaram, e aguora acho muito pollo contrairo; e também diguo isto por allguns Cristãos.

E o muito favor, Senhor, qu'este Mouro qua tomou demasiado, que nam compre a vosso serviço, de lia me parece, Senhor, que lhe veo e lho trouxeram estes Judeus sseus hamiguos. Beijo as rreays mãos de Vossalteza.

Nuno Ffernandez da Tayde.

Carta do rabino Ibrahim bem Zamirou, em 12 de Outubro de 1512

A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 69.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. LIX, pp. 357-361.

Senhor,

Hüa carta rreceby de Vosa Merce, con que muyto demasyado prazer uve, e beyjo vosas mãos por la merce que nyso me fez, a quai he reposta do que esprivy a V. M. acerca dos casos d'esté Moro tocantes a servyço de Sua Alteza.

E porque cada vez se ofrecem casos novos, he bem de todo contar a V. M., porque sam cosas de servyço de Sua Alteza, as quaes eu sey V. M. deseja muyto. Sabra V. M. como ei rey de Marrocos ajunto jentes de todas esas partydas dos montes Qraros e das terras do anill, que se chama terra de Dara, que he jumto corn ho deserto, e veo pregoando algazu, que he gerra contra Cristãos, e veo-se por la fralda da serra dos montes Qraros, e apaño todos hos Moros Barbaros, asy jente de cavalo como jente de pé, e todos hos Alaraves que estam sobre Marrocos e seus derredores, asy os de Acara como os de Uled Matah, que som ynfynda jente.

E veo ata os Alaraves de Xatyma, que tomam desde ho Castelo Real fasta Aguz, que he terra de Abeda e de Çafy. E vynham com tençam de destruyr a Abeda, porque dezyam que, se dystruyesem a Abeda y Garbya, que logo poderyam com Çafy e corn os

Cristãos. E oje a feytura desta, a trynta dyas que se chego perto de donde estava Abeda, y aly estyve bem vij o viij dyas, dyzendo oje dam batalha o amaña.

E o Capytam enbyo la logo o Adayll e D. Garcya de Meneses com setenta lanças, porque Abeda y Garbya avyam medo, por a grande moltytud de jente que vynham, e vyerom demandar socorro ao Capytam. E despues do Adayll ydo, que pensarom ser la batalla, logo mando o Capytão a Nuno da Qunha com cl^{ta} lanças otras e como tornarom a esprever, torno mandar Manuel de Cervera com cinquenta otras. Em fyn, Senor, eles estyverom la oyto dyas o mais; e, todo tempo que suberam estar so Cristãos ay, nom osarom achegar, por saber como estavam a bom recado.

E despuys de venido Nuno da Qunha com toda a jente, como porque o Capytão foy la e os fez vyr por cosas que supe, fyco Lopo Barryga com cinquenta lanças e estyve asy otros dos dyas; e, por certo desconcerto que Ia se ofreçou entre eles, veo-se Lopo Barriga com toda sua jente.

E como as espyas dyxerom al rey de Marrocos, logo se moverom e asentarom junto com eles; e logo esa noyte vyeron os Moros pedyr socorro; e, por ser de noyte, nom mando o Capytam senom doze de cavalo, besteros e espingardeyros, e com otros sete o oyto que la estavam con D. Rodrigo, seryam xxij Cristãos, que la se acharom, nom mais.

E asy como foy de dya, a batalla de rey de Marrocos moverom pera contra os nosos, e como eles moverom e os nosos os vyram, desmayarom, por ver tanta suma de jente, em que dyzem os nossos nom eram a terça parte. E, como chegarom aos nosos, quebrarom hua parte dos nosos, donde Yhya vinha, que se chama a Garbya; y os de Abeda bolverom sobre sy, e trabalharon como jente quey todo era por eles, e levaron-os de vencida, e mataron neles passante trezentos.

E entam bolveron Garbya, que yvanja de quebra, y ajudaron bem, e juntamente todos desbarataron el-rey de Marrocos e toda suafamylla, e prenderon bem quatrocentos e mataron mays de otros tantos, e a tenda d'el-Rey e otra de un seu primo que com ele vynha, e robarom muytas mulas e azemelas, e tomaron bey trezentos cavalos e muytos camelos, e muyto desbojo otro; todo ysto com ventura de S. A., que Noso Senhor Deos tey prometydo lle dar todas estas terras, sy poy a yso a vontade.

Mays a de ser corn que S.A. determine este Moro tyrar-lo d'esté mando en que esta, como ya esqrevy a Vosa Mercê, que, sy podese alargar a V. M. partyqularmente todo como pasa, se maravyllarya; por que a de saber V. M. que, por dyto de muytos Moros que sabem bem o que dyzem, que suberom parte do seqreto d'eles, dyzey que

toda a vynda de Muley Naçar el-rey de Marrocos foy por seu consello e concerto; e o conselho era que eles vyesem, como vyerom, e que desem sobre Abeda y a dystruysem, e que bolveryam sobre Çafy, e que, vendo como venciam, todos os Moros da Duquela e de Almedyna e de Uled Abran e de toda Ia terra se ajuntaryam sobre Çafy; y sy o Capytam pudesen tomar fora, que lle fyzesem trayçam. Y esto foy consello muyto seqreto, e quey ysto dixe foy seqreto; e o Capytam tyve d'ysto algum receo, porque era cosa tal que era razom de atontar nyso, e truxo seu avyso, como era razom, de manera que nom tyvesem lugar pêra fazer ruyndas.

Em fyn, Senor, por o fyn vera V. M. que pensamento era o seu, que em o acometymento primero, ondée les estavam, fujyram e se fyzerom quebrados, porque fose causa de fujyr os otros; y ele nom entro em a peleja, mas antes se escondeu. E despoys do vencimento fez vn caso por que merecia He qytar a cabeça, que solto todos os catyvos que se tomarom em a peleja, e mando pregoar que, qualquer que tyvese Moro preso, que morrese por yso; e solto mays de trezentos Moros, como rey moro, e nom como quey esta a mandado del-Rey ny capytam.

E despoys d'ysto a seydo causa que algüos lugares que se vynham a trebutar e fazer de pazes, de medo de vencimento, que vyrom a se, sabydo çierto ele estorvar no caso, e amènorar os partydos e sacar cosas pêra sy seqretas. E ysto falo qraro, porque la anduvo Nuno da Qunha despoys do vencimento, y entrarom por terra de Xatyma dos ymigos, e lles destruyrom aldeãs, e robarom pães encovados, e estyverom donde nunca pensarom Cristãos estar, e vyerom com muyto vencimento. E, Ia estando, vynham os Moros a demandar paz e levava-os a sua tenda, e la concertava o qu'elle a ei parecia como rey y senor, e nom chamava Nuno da Qunha a cosa nynüa.

E ysto ceso de mas largar, porque la sabra S. A. mas que ysto otras muytas cosas. E digo todo ysto porque V. Mercê diga a S.A. nom he cosa que qunpre a seu servyço teher Moro senhorio nynhum, e mais este que ja rreyna nele muytas cosas; e convey a S. A. esprever ao Capytam sobre ysto, sabendo ysto, como o sabera de otros muytos.

Eu como servydor verdadero e de muyto de boa vontade digo o que digo, e nam com otro respeyto nynhum; e ysto digo como quey fala com seu senor ; e V. M. (dira) o que for necesaryo dezyr a S. A., que si eu osara ysto descobryr a mellor esprivão que eu, muytas cosas de seu servyço espreverya a S. M.

Fyco rogando a Noso Senhor Deos a vertuosa e nobre e prezada pesoa de V. M. guarde e prospere, e aqrecente seu estado como V. M. deseja.

De Çafy, a doze dyas do mes de otubro.

Servydor de V. M.

Carta de Heitor Fernandes a D. Manuel, em 15 de Dezembro de 1512

A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 105.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. LXIV, pp. 366-369.

Pêra el Rey noso senhor.

Senhor,

Eu tenho escryto a Vossa Alteza cerqua da despesa que tem nesta cidade, asy de moradyas, como de ssoldos e mantimentos. Por cada quartell sam mester seis centos mill reis, nos quaes emtram todolos pagamentos, nam entrando aquy as despesas que ho Capytam faz com os Mouros, que he voso serviço fazerem-se por bem das pazes e pagamentos dos trabutos. Terá ho Capytam gastado, desde junho até este mes de dezembro, duzentos mill reis em dadyvas d'Alarves e gasto dos arrafêes, os quaes arrafees sam trinta e três e gastam cada mes seis mill reis; e tenho dado a Nuno Gato ssete centos mill reis pêra pagamento das obras.

C Tenho mandado de rroupa pêra Arguim nove centos mill reis.

C Mais, Senhor, cerqua dos alambees que Mayr faz, sam muito bons e muyto fynos, e vay em grande crecymento de soma d'eles e terá feytos cento ; e os nam quer mandar, senam que va m a rysco de V. A., por medo das armadas. Mande V. A. provisam pêra eles yrem, e asy dinheyro pêra llee pagarem, que m'o rrequere.

E todos estes pagamentos que tenho feytos foram ssem ninhum dinheyro, ssenam com os panos baxos dous que trouxe e certo pano de lynho e alguum laquar, que vendey a preço de cynquoenta e çynquo miticaes o preto, e ho vermelho a trinta e sete, ainda que agora nam tem muyta ssayda, porqu'é a menos cousa que se agora qua vende. E asy que V. A. me deve mandar prover com dinheyro e com algüas boas mercadaryas, bordâtes que he a princypall mercadarya que se nesta terra vende, e panos de lynho muyta soma, e asy panos de cor, porque nisto ganha V. A. e sse faz proveyto em vossa fazenda muyto.

C Senhor, acerqua da alfandegua, tem rendido ah sseis meses duzentos mill reis, nam entrando bordâtes nem laquar que V. A. defendeo, nem menos dizima de vynhos que se nam paga, que sam as princypaes mercadarias que vem a esta terra, de que V. A. ah de rreceber proveito; e V. A. devia dar lugar que todo mercador troxese bordâtes, porque V. A. nam porve a terra d'eles. Perde os dyreytos d'eles, que he hüa grande soma, e muytos mercadores deyxam de vir a esta terra por este caso, asy os mercadores por mar como as cafylas por terra, e açudem a Meça e ah Azamor e outras partes. E os vynhos Vossa Alteza devia mandar levar dizima d'eles, porque a terra esta ja segura e çerquada e os homens trazen-os por sseu proveito, e a maior soma d'eles vem de Castella, e perde V. A. por ano ssasenta e satenta mill reis por ano na dizima d'eles.

C Senhor, acerqua das pazes, quanto he aos Alarves, Abeda e Garbya ssameam derrador da cidade. Estes tem V. A. da ssua mam pêra nos pagarem todo trabuto que sam obrygados, porque Yhye Tafu anda em companhia d'eles e he homem que faz qua as cousas de vosso serviço muyto enteiramente, porque lhe tem os Mouros muyto acatamento, porque he Mouro como eles.

Acerqua d'Almedyna, ainda tem por pagar do ano passado quatro centos camelos, e esta senpre em de visão huns com outros ; e ssenpre a paga d'Almedyna vem mais por manha que por força.

Senhor, os de Uled Ambram devem a mor parte do trabuto que eram obrygados do ano passado, e estam arredados d'esta terra e parece-me que am de semear muyto lonje d'aquy, que he mao synall.

E os de Uled Çubeta pagaram ja, e sameam em suas terras, que he junto com Almedyna.

Sy a terra tiver paz, grande parte d'ela paga, asy Alarves como seus Barbaros, e he a grande soma de jente.

Senhor, ssabera V. A. que Dardero, judeu, lyngua, mataram em Almedyna os Mouros; e fyqua este ofycyo pêra Y. A. Fazer merce d'ele a Joham Cutrym, que tem cargo dos arrafeens por mandado de V. A. e he homem que sabe muyto bem as lynguas d'esta terra e serve V. A. com armas e cavalo, e he homem auto pera yso.

O Senhor Deos acrecente o rreall estado de V. A.

De Çafym, xb dias de dezembro.

Beyjo as rreaes mãos de V. A.

Heytor Gonçalves.

Alvará de D. Manuel,
em 25 de Janeiro de 1513

A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 15, maço 5, Nº 18.
Documento publicado in Les *Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. LXVI, pp. 374-377.

Contrauto que el-Rey noso Senhor Dom Manuel fez corn Joham Lopez de Sequeira sobre o castelo de Santa Cruz.

Treladada e comcertada.

Contrato pera a Torre do Tombo.

A el Rej, compra que fez a Joham Lopez de Sequeira e a dona Briatyz, sua molher, do castelo de Santa Gruz no cabo de Gee, corn todollas cercas e apousemtamentos e pertemças, por preço de bm cruzados e c m reis de temça e mais etc.

Nos el Rey fazemos saber a quamtos este nosso alvara de compra e comtrato virem, que Joham Lopez de Sequeira, fidalguo de nossa casa, por sua parte e de Dona Briatiz sua molher e em seu nome, como seu procurador abastamte, per vertude de hüa sua procuraçam que pêra elo apresemtou, que parecia ser feita nesta cidade aos xxij dias do mes de novembro d'esté anno passado de bc xij per Diogo Gonçalvez, pruvico tabaliam, pela quall a dita Dona Briatiz dava ao dito Joham Lopez, seu marido, todo sseu comprido e inteiro poder que elle por sua parte e em seu nome d'ella podesse vender a nos o seu castello Samta Cruz, que per nosso prazer e licemça fizerom no Cabo de Guee , com todo seu assemto e cerco d'ele d'alto e baixo, asy como ho ambos tinham e pessoiam e com todalas cousas que no dito castello avia de torres, cerqua e apousentamentos, pertemças e servintias e tratos d'elle, pello preço e partido que lhe prouvesse, e com as clausulas e condições de renumciaçam e deroguaçam que necessárias a nos fosem pêra a dita vemda ser mais firme e valiosa, e se obrigava per todos sseus beens avidos e por aver de todo aver sempre por firme e valioso, e prometia de nunca o comtradizer per modo alguum que fosse, segundo mais largamente se na dita procuraçâm continha.

Pello quall o dito Joham Lopez, em seu nome e da dita Dona Britiz, sua molher, disse que a elle prazia, como loguo de feyto aprouve, de nos vemder o dito castello asy imteiramente como o elles tinham e possoyam de torres, cercas e apousentamemtos, emtradas e saydas e tratos d'elle e todallas outras cousas e pertenças d'elle que de demtro ou de fora ouver e ora tem pêra serventia e uso d'elle; tiramdo soomente as alcaçarias que ora tem feitas no dito castello ao prezemte, porque estas avemos por bem que sejam e fiquem ao dito Joham Lopez e sua molher, pêra elles e pêra todollos que d'elles descemderem per linha direita masculina, regulados segundo a ley memtal, sem mais podeerem fazer outras nem acrecemtar; e queremdo-as nos mamdar fazer pera nos, pode-lo-emos fazer, se quisermos, ou nossos sobcessores. E todo asy vemdiam pera nos e pera nossos herdeiros e descemdentes pera sempre, por preço e conthia de cimquo mill cruzados, paguos nesta maneira: a saber, très mil cruzados nos nossos asemtamemtos d'estanno presemte de quinhentos e treze; e dous mill cruzados no anno seguimte de quinhentos e quatorze; e, sse amtes quiser estes dous mil em pimemta, mandar-lhos-emos dar loguo nestano de quinhentos e treze na dita pimenta; e mais çem mill reis de temça que lhe damos em suas vidas d'ambos e de hum filho ou filha que d'amtrambos ficar, quall elles nomearem a ora de seu falecimemto, do primeiro dia d'esté mez de janeiro da dita era presemte de bc xiij em diamte. E mais lhe quitamos en pagamemto d'isso trezemtos quoremta sete mill iic lj reis que valem certas armas, artelharia, polvora, almazem e muytas outras cousas d'obras e servintia d'ellas de muytas sortes, e hüa villa de madeira que lhe mandamos emprestar nas nossas tereçenas e almazem do regno; comtamto que aquellas armas e artelharia que aimda te ver e ouver no dito castelo fiquem pera nos, e as mais lhe quitamos em comprimemto do dito pagamemto, como dito he; e porque de todollos ditos cimquo mil cruzados, e bem asy dos ditos cem mil reis de temça, o dito Joham Lopez e sua molher ouverom de nos sseus despachos pera lhe todo sser paguo na forma atras decrarada, e yso mesmo mandado nosso pera nossos comtadores levarem en conta ao nosso almoxarife das terçeenas as ditas armas e artelharia, cousas sobre ditas que lhe asy forom emprestadas pera o dar em pagamento ao dito almoxarife, elles sse ouverom de todo loguo por pagos e satisfeitos e nos deerom d'isso por quite pêra sempre.

E mais disse o dito Joham Lopez em nome e por parte da dita sua molher que, por quanto o dinheiro de sseu dote ou parte d'elle se gastara no fazer e repairar do dito castello e cousas d'elle, que a ella prazia tomar os ditos cem mil reis de temça e os ditos cinco mil cruzados e dividas sobreditas em pagamemto e satisfaçam do dito dote,

comfiamdo do dito Joham Lopez, seu marido, que elle empregaria a valia da dita temça e os ditos cinco mil cruzados em beens que fossem dotaes…

E disseerom os ditos vendedores que, por quanto nos nam podíamos loguo mamdar tomar posse do dito castello, que elles vemdedores se constituíam, como loguo de feito comstituirom, com toda a gemte que de sua maão no dito castello tinham e teem, por possuidores e teedores do dito castello e pertemças d'elle em nosso nome, atee nos mandarmos tomar e aver realmente e com efeito a posse do dito castello e cousas e pertemças d'elle.

E, porque de todo asy aprouve aos ditos vemdedores e a nos na forma e maneira e com as condições e decrarações sobreditas, mandamos disso pasar este nosso comtrato, que ficara e se lançara na nossa torre do Tombo, e outro que mamdamos dar ao dito Joham Lopez.

Feito em Evora a xxb dias de janeiro de mil e bc xiij.

E mais lhe quitamos alem d'esto très mil arrobas d'açucar que lhe mandamos emprestar, todo em pagamento do dito castello, das quaes ouve logo desembargo pêra seerem levadas em conta ao oficial sobre quem careegam.

Rey.

De Castelbranco

Depoimentos contra Bentafufa, em inícios de 1513.

A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 330.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Docs. LXVII, pp. 378-380.

C oyto d'agosto do ano pasado, vinham quatro mulheres de quatro xeques de Ule Darnbram de Ytahely e vierom dormir a Garbya, que vinham ver seus filhos a Çafym e ao Capitam. E sayo a ellas ho xeque de Garbya, que se chama Bem Yuda, e hum seu primo e dixerom-le: «Honde ys?» e lhes le dixeram que vinham a ver seus filhos a Çafy e ao Capitam, e asy agardar seus marydos e a eses xeques de Ule Dambram pera que pidisem a ho Capitam terra honde labrasem. Ho qual Bem Yuda le dixe que tornasem

atras, que alhe fyquava Haya Tafut, que era el-rey, que ho Capitam no estava aquy por nada, que elhe les rrepartirya suas terras. As quaes le pareceo aquilo mal dito e nom leyxarom de vir ver a ho Capitam e contar-lhe aquilo; e asy le dixeram que aquilo hera maldito e, comoqer que hos Alarves eram ynoramtés, que se yryam a que lhe viam. E ho Capitam les agradeceo muyto aquelho.

C Mas, a xb do dito mes, veo Mançor bem Aly, Mycenjaya d'Almedina, que tinha seu filho em arrefem, que era hum das cinquo cabilas d'Almedina; e ho Capitam le dixe: «Porque nom pagays as paryas?». E lhe le dixo que elhes ca tinham seus filhos, que elhes pagaryam, y estes eram as cabilas de Itacem; que as outras cabilas deziam que nom queriam pagar, porque Haya Tafut dezia que non pagasem e que nom ovesem medo, que elhe hos levantava sobre sua cabeça, que no eram poderosos de lhes fazerem pagar hos Cristãos. Ho qual dito Mançor ben Aly le veo a fazer saber a ho Capitam todo ho que se pasava.

E mays le dixe que ouvera dezer a eses prencipales de sua cabila que o dito Haya Tafut esperava em Deos que elhe tornarya Açafym de Moros, como fora, e que deyxasem fazer a elhe. E elhe, como que eu tinha seu filho, que le dolia, e asy aqueles homes homrrados d'aquela cabila, se lo fazia saber, pera que vese ho que le compria a ho Capitam fazer, porque esta cousa y va de peor em peor; ho qual se pareceo por obra e despobrar-se Almedina e Sua Allteza recebeo gramde perda. E elhe dito Haya de cada vez furgicava has cousas que mas podia em serem-contra servyço d'el Rey a seu proveyto. E asy dezia a todos hos Mouros: «Lexay fazer a mim, que eu espero em Deos, asy como aganharom esta cidade Christãos, que asy a torne eu a ganhar e eu vos tornare vosos filhos». E asy outras cousas em desservyço do dito Senhor, que sam prolexidade falar etc.

Illisible.

Depoimentos contra Bentafufa,
após 28 de Janeiro de 1513.

A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 320.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. LXVIII, pp. 381-384.

Azedor, Mouro principall e verdadeiro, ssoube ysto e aqui esta escrito muyto certo:

C Aos cinco dias do mes de dezenbro, veo hüm faquir de Teroguim ha fazer queixume ha Hea, dizendo que hos Mouros d'Abida lhe tinham hüa eguoa tomada. O quall Mouro esteve com Hehea hüa noyte he hum dia, té que lhe fez tornar a sua eguoa; e neste tenpo, que co elle esteve, pasou estas cousas:

Dyse-lhe o faquir que se espantava d'elle ser Mouro e servyr aos Cristãos. Rresponde-lhe Hehea que, tudo ho que ha elle comprisse, que lho rrequeresse, he qu'elle veria a quem servia e a quem fazia a vomtade, sse aos Mouros, sse aos Cristãos. E mays disse Hea que, ss'elhe servia aos Cristãos, nam era por outra cousa senam pêra que sse filiassem d'elle e hos hacolher e vinguar-sse d'elles a sua vomtade; e que cresem que per esta vya servya aos Cristãos, (e nam) por houtra nenhüa, qu'elle era Mouro e mais que Mouro. E pêra este mesmo faquir, mandou hüa carta a el-rei de Marocos e houtra pêra ho ssenhor de Draa, fazendo-lhes ssaber estas cousas e mais outras que em rriba. Este faquir, a quem yso disse Hehea, per quem mandou ssuas cartas, veo pousar, hindo de caminho, com Adalazis bem Bollcaçem e comtou-lhe tudo ysto que lhe Hehea dissera e assy has cartas que mandava, nam ssabendo qu'este Adelazis bem Bollcaçem era gram servidor e amyguo do Capitam, ho quall tudo veo comtar ao Capitam.

C Estamdo Hehea neste azemell d'Abida, amtre Benymagre e Tazarote, mandou dar hum preguam aos vinte e cinquo dias de janeyro, ao quall preguam era jumtamente jemte de Mouros e Mouras (e fa)queres, omens qu'elles dizem que (são) samtos. Amtre os quais faqueres estava hum de Benymagre, parente d'Azedor. E ho preguam qu'elle Hehea mandou dar foy este: que ssoubessem todos qu'elle nam amdava em houtra cousa nem trabalhava, senam que Deos ajudase hos Mouros, e ysto lhe pedia ssenpre; e que todos hos que alli eram jumtos rogassem que Deos lhe deyxase comprir sseus desejos; que sua vontade nam era houtra, senam acrecentar a lley de Mafamede, e qu'elles todos roguasem a Deos que ho hajudasse pera elle ysto comprir. Hos quaes Mouros, que ha esta rromarya vieram, trouveram ha Hea muytos carneyros, vacas e presentes. E ho

faquir que alli estava, parente d'Azedor, tudo lhe veo comtar; e Azedor lho comtou ao Capitam.

Aos xx de janeyro, vyeram a esta cydade hüs Mouros d'allem de Marrocos a fazer pazes comyguo, aos quais eu dei hüa bandeyra e levou-ha hum Mouro principall d'elles que se chama Lahacem Bennalli. E aos xxbiij d'esté mesmo mes tornaram e trouveram dous cavallos em começo das pazes e me disseram que lloguo tornaryam polios arrefeens; e, d'esta vimda qu'elles fizeram cos cavallos, vieram ter ao azemell d'Abida e trazyam muytas allcatifas pera vemder nesta cidade e muytas pelles e assy houtra mercadarya e muyta fruta. E, tamto que cheguaram ao azemell, veo loguo a elles Çoleyma he Haçum, e começaram-nos ambos de dous a doestar e dizer que quem nos mandava levar cavallos a el Rey nem ao seu capitam nem menos merquadarya nem nenhüas houtras cousas, pois tinham rrei, qu'era Hehea, e nynguem nam era rrei d'elles senam elle, e que ssoubessem certo que nam avyam de fazer houtra cousa senam ho que lhes ho sseu rrei mandasse. Rresponderam elles, Mouros d'Oulle de Meta, qu'elles nam conheciam ninguém ssenam ho capitam de Çafim e que a elle aviam de vir e que co elle aviam de fazer pazes, e qu'elle capitam de Çafim lhes dera hüa bamdeyra pera yrem e virem sseguros. Respomdeo-lhes Çolleyma que aquella bamdeyra que nam vallia nada e qu'elle podia tomar aquella bandeyra e levai-la ao sseu rrei d'elle, qu'era Hehea, e que podia d'elles, Mouros d'Oulle de Metaa, fazer ho que quisese sem lho ninguém comtradizer sse nam sse fosse o sseu rrey. E assi lhes disse houtras pallavras, de que estes Mouros tornaram quasy todos com toda a merquadarya que traziam a Çafim. E os que alli vyeram, que nam quiseram houlhar a estas cousas de Çolleyma, foram oyto Mouros e vyeram ter a Benimagre com Azedor e lhe contou hum d'elles Azedor tudo ysto, e todos vieram co Azedor a Çafim, e este Azedor o comtou ao Capitam, qu'era Mouro principall a que se deu a bamdeyra, quamdo da primeira vez vieram, que sse chama Lahacem Benalli.

Depoimento de Ahmed el-Hadjdj,
em 6 de Fevereiro de 1513

A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 72.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. LXIX, pp. 185-186.

Em seys dyas andados de fevereyro, veo a esta çedade de Çafyn un Moro morador de Almedyna, por nome chamado Hamede Ulhache, e dyxe que hera verdade que ele avia sydo rrequerido, por parte de Heatafud e de Mahomede Alhache, que sy queria ayudar a matar um Judeu de Çafyn, por nome chamado Dardero, dysendo que, sy este Judeu fose morto, toudos os Micenjayas fariam em a Duquella ho que quisesem, porque este era quem hos estorvava; que nam trazia em houtra cousa cuydado senam em avisar o Gapilam de ho que ei rey Ahea contra hos Grystãos querya fazer, e que, alem de tantos proveytos como de matar este Judeu lhe vinham a ele e a elles Micenjayas, qu'el rey Ahea lhe darya setemta honças da prata pêra qu'elle e Ben Jamilay e Alhacem bem Carama e Tuneit partysem, e que estavan ja aparelhados pera ysyo, e que se fysese ele logo prestes. E ele respondeu que lhe prazia, eco esta reposta se foy em busca de Mayman pera se aconselhar co ele, e nam ho achou em sua casa, porque aquela noyte era partydo pera Çafyn. Desque, ho nam hachou, volveu-se a sua casa, e dyse a sua may que sy alguém viese em cata d'ele, que lhe dysesem que nam era ay. Eles vierom em cata d'elle aquella noyte, as unze. Cando pola manhã ho encomtraron, lhe dyseron como ho foran catar, e que jaa tynham morto Dardero, que crese que sem ele avia outros omes.

E ele lhes preguto de que maneyra ho mataram. E eles lhe contarom como Cide Mahomede Alhache, que estava por alcayde por Hea em Almedyna, veera con Dardero e con outro Judeu a porta, e que eles estavam de fora; e, tanto que Dardero sayu fora, que lhe dysse Cede Mafomede que se dese presa em yr con aquele recado aos Crystãos, porque estyvesem sobre aviso; e, se lardase e alguum mal viese a ho azemel, que a ele fose ho carrego, e Hea quedarya sem culpa. E Dardero sendo ja fora da vila, sayrom tras ele ta porta de Marocos, e Cedy Bemjamila lhe deu a primera lançada por a ylharga. Em ysto chego Hea Tafue e Mahomede Alhache; e Hea lhe dyxo: «Onde he teu re de Purtugal, e teu Nuno Fernandez, capitam de Çafyn; chama-os agora, que te tyrem de minhas mãos». E ho mismo Hea co suas mãos lhe cortou a cabeça.

E ysto e o que este Mor d'este caso save.

Eu, Alvaro Mendiz Cervera, traladey e asyney ysto por Manuel Cerveyra que hera em Almedyna per mamdado (do) Capitam.

Alvaro Mendys Cervera.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 13 de Maio de 1513

A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 331.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. LXX, pp. 387-388.

Senhor,

Ssegundo m'esle moço meu que agora de la veyo dysse, em Portugall se não ffala em nenhüa armada; e, poys ysto assy he, não quer Yosalteza emtender em Azamor, o que ssera mui gram mail. E por ysso peço a Vosalteza, por amor de Nosso Senhor, que nisto queyra atentar. E prazera ele que vos ajudara, e per estas coussas não sse dever o rreyno o que pode ffazer, ssenão sse a ay coussa nos emigos pêra sse ffazer, e, sse parece que se pode acabar bem, deve-sse de cometer. E provo-ho comigo: e não quero yr mays lonje que, com oytocentas lanças e mays qu'eu aqui tyve, não comety o que com trezentas e trynta e com quatrocentas comety, porque vy o tenpo desposto. E, sse ca ysto esta desposto, estay-o vos, Senhor, la; e sse não sepodesse ffazer, senão com vosa pessoa, assy ho farya, e d'ysso levarya muyto contentamento.

E, sse deyxays de ffazer ysso com soberba, não ffazes bem. E lembro-vos, Senhor, ei rey Dom Afonso, voso tyo, que sse contentou de tomar Alcácer, muy pequeno lugar, e assy tomou Arzyla que não he tamanho com'este, nem tam lonje do rreyno, e por todalas vyas he mays onrra toma-lo que Arzyla.

E não desputo nisto, ssomente lembro a Vosalteza que, sse ca ha despoçyção pêra sse este lugar tomar, que ha hele d'aver, aynda que ho não aja. E tall empressa com'esta não he pêra errar agora, porque pode meter nisso mão ei rey de Ffez, e depoys não sse poder tomar. E sse ele aly metesse o pé, o que ca temos ganhado quiçá sse perderya, o que prazera a Deos que não ssera.

E, tomando Vossalteza este lugar, a Enxouvya he loguo vossa, ou a mor parte d'ela. E lenbro-vos, Senhor, o que sse errou em não ssoster Larache, e a payxão que agora dá.

Este he o meu conselho verdadeyro e muyto ssão, e parece-me que o emtendo, e aynda qu'entenda mail muitas coussas, esta me parece que entemdo bem.

Noso Senhor acrecente a vyda e o rreall estado de Vosalteza a sseu sservyço.

De Çafym a treze de mayo.

Beyjo as rreays mãos de Vossalteza

Nuno Fernandez da Tayde.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 13 de Maio de 1513

A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 353.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. LXXI, p. 389.

A el Rrey nosso senhor.

Senhor,

Eu escolhy Manuell de Ssande pera ho mamdar a Vossalteza coesses Mouros, porqu'ele ho tem ca tam bem fïeyto em tudo que merece buscar-lh'eu todolos camynhos pera lhe Vosalteza ffazer merce. E, posto que o ele ja ca tenha muy bem achado, quis-lhe aynda buscar este, em qu'eu rreceberey grande merce de Vossalteza lhe ffazer ffavor e merce.

E prencypallmente o mamdo a Vossalteza co esa carta que mamdarão d'Azamor a est'omem que aquy esta a espertar vir outra vez, que tome Azamor est'ano "'; porqu'eu espero em Deos que o tomares e com pouco trabalho; mas, de meu consselho, leve-sse muyta jente. A Manuell de Ssande dará Vossalteza credyto neste casso, eheu lhe dey juramento que o não dysesse a nynguem.

De Çaffym, a xiij de mayo. Beyjo as rreays mãos de Vossalteza.

Nuno Fernandez da Tayde.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel,

em 13 de Maio de 1513

A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 329.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. LXXII, p. 390.

A el Rey nosso senhor.

Senhor,

Cuydey, Senhor, que por agora tynha ja acabado d'escrever neste casso d'Azamor; e, hem queremdo embarcar Manuel de Ssande, me derâo hessa carta de um Mouro d'Azamor, a que Moley Zyem comeo a cassa, porque ca vejo ffalar comiguo; o quall esta em Tyte corn alguuns parentes seus. Veja Vossalteza e hescreva-me ssobr 'ysto ssua tenção, e não m'estarey asy desfazendo ssobre amarra, ou esganiçando-me na trela ssem nessecydade.

Nosso Senhor acrecente a vyda e o rreall estado de Vossalteza.

De Çafym a treze de mayo.

Beyjo as rreays mãos de Vossalteza.

Nuno Fernandez da Tayde.

Carta Patente de D. Manuel,

em 2 de Julho de 1513

A.N.T.T., *Leitura Nova*, Livro das Ilhas, fl. 136; A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manue Il*, Livro 42, fl. 78. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. LXXIII, pp. 391-393.

A Nuno Fernandez d'Ataide, do comselho d' ell Rey nosso senhor, rnercee da capitania e gouvernamça da cidade de Çafim, com hos privilégios, mercês e etc, como tem os outros capitãaes das partes d'allem e etc.

Dom Manuel e etc. A quarntos esta nossa carta virem fazemos saber que, esguardando-nos como Nuno Fernandes d'Ataide, do nosso comselho, nos tem muyto bem servido e com muyto nosso contentamento no cargo da capitania e gouvernança da nossa cidade de Çafim, de que ho emcaregamos; e como nas cousas da guerra Nosso Senhor sempre lhe deu victoria, na qual, per muitas vezes e com muito risco de sua pessoa, hos Mouros foram por elle desbaratados e vencidos e mui gramde numero d'elles mortos e cativos; e mui em especiall no desbarato que fez em ell rey de Marrocos, que em pessoa e com gramde poder de gemte vinham sobre a dieta nossa cidade de Çafim, ho quali nam soomente foy d'el todo vemeido e desbaratado e muita da sua gemle morta e cativa e tomadas suas temdas ë vamdeiras, mais ainda em sua propria pessoa foy ferido e se salvou soo, fogimdo em huum cavallo; nas quaaees coussas Nosso Senhor foy e he muito servido, e esperamos, com sua ajuda, que aimda muy mais seia e se sygua naquellas partes muito acrecentamento de sua sancta fee, como nos por seu serviço ho deseiamos; e esguardando assi mesmo como, pello grande cuidado e diligencia que teve de nos servir, muy gramde gemte e povos de Mouros da Duquella e d'outras partes muito alongadas e apartadas da dicta cidade se vieram asemtar e estam asemtados em nosso serviço, e nos sam tributarios e pagam hos tributos que corn elles foy assemtado, de que recebemos mui gramde serviço; e pellos merecimentos d'estes serviços que sam dignos de honrra, mercee e acrecemtamento, e por outros muytos que d'elle temos recebidos d'amtes de na dicta capitania ho emcaregarmos, e por folgarmos de lhe fazer mercee e acrecentamento, como he coussa justa que façamos aquelles que nos asi bem servem, e por ha booa vomtade que lhe temos, lhe damos e fazemos mercee da capitania e gouvernança da dieta cidade, com aquelles poderes, jurdiçam e alçada com que hos capitãaes dos nossos lugares d'allem

tem as capitanias dos dictos lugares e com todas as homrras, privilegios, priminenças, graças, mercees, liberdades e framquezas que temos outorgadas e de que husam e de dereicto devem hussar hos dictos capitãees dos lugares d'allem com suas capitanias.
Das quaaes e de cada hüua d'ellas e de todo o que a dieta capitania e gouvernança da dieta cidade tocar, assi nas coussas da guerra como gouvernança, em todas e quaaesquer outras coussas, em qualquer maneira que seia, queremos que hussem inteiramente asi como se faz pellos dictos nossos capitãaes dos dictos lugares d'allem, e como atee qui elle dicto Nuno Fernandez de todo husou.

Outrossi nos praz que elle tenha e aia o resgardo e ternça ordenada a dieta capitania pêra sua messa, como atee hora ho tem e ha, e todos outros proveitos, remdas e coussas de que hos capitães dos lugares d'allem hussam e por bem de suas capitanias lhe pertençam; porque todo ho que elles tem e de que hussam por bem de suas capitanias de dereicto pertemcer, como dicto he, outorgamos e damos a ho dicto Nuno Fernandez, corn a dicla capitania e gouvernança da dicta cidade.

Porem ho noteficamos assi a hos juizes, justiças da dicta cidade, e a todas as outras pesoas da dicta cidade, e a outras quaaesquer a que esta nossa carta for mostrada. E lhe mandamos que d'aqui em diamte ajam ho dicto Nuno Fernandez por nosso capitam e gouvernador da dicta cidade, e como tall lhe obedeçam e cumpram todos seus mandados, assi nas coussas da guerra como da guarda e gouvernança da dieta cidade, e em todas as outras de quallquer callidade que seiam, como de todo hussam hos capitãaes dos nossos lugares d'allem, e ho leixem de todo hussar e assim inteiramente como devem e sam obrigados fazer a seu capitam, como nos de todos e de cada huum em especiall esperamos que o façam. E naquelles que forem revés e negrigentes, que nam esperamos, lhe mandamos que dee a emxucuçam que lhe pusser e por dereicto merecerem, segundo forma do poder, jurdicam, alçada que de nos tem, porque seia castiguo aquelles que nos (nam) bem servirem ou fizerem o que nam devem, e pêra os outros emxempro. Em todo mandamos que muy inteiramente se cumpra e guarde esta carta como em ella he conteúdo, sem duvida nem embargo que a ello seia posto, porque assi he nossa mercee.

E ho dicto Nuno Fernandez nos fez preicto e menajem pella capitania da dieta cidade, segundo husso, custume d'estes nossos regnos, o quall fica assemtado nos livros das menajes.

Dada em Lixbooa, a dous de julho, Amtonio Fernandez a ffez, anno de myll e quynhemtos e treze.

Carta de Jorge Pires a Fernando de Castro,
em 4 de Setembro de 1513

A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 102.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. LXXIV, pp. 403-409.

Ao muito prezado senhor, o senhor D. Fernamdo de Crasto.

Senhor,

Eu dyse a Vosa Merce que vos avya d'escrever o que ca pasase, y aynda que nam sera tanto polo myhudo, dyrey o que me alembrar. Noso camyno foy este: chegamos a ylha dos Cays junto com a barra de Faram quynta feyra a tarde. Cuarta pola manam se ajuntaram os capytays na nao do Duque e d'ay em bateis se foram a ylha que tem dyto; y o conde de Borba, que ja ay era, e toda outra jente ay estyvemos este dya com a mor calma que podya ter, em nenhüa sombra, sem se fazer mays que quadahum adevenar o que o Duque quererya. Gomo veyo a tarde, nos recolhemos aos navyos.

Sesta feyra se tornaram a juntar na nao do Duque, me no sse determynou nenhüa co(usa). Fycou pêra sabado, o cual dya o Duque devulgou sua vynda a Zamor, y o mays se dyrya cuando se hovese de fazer. Y asy estyvemos o domyngo.

Partyo a segunda feyra, y eram Azamor sesenta leguas, na(s) cuaes se errarão vynte cynco. Achegamos a barra quynta feyra sobre a tarde, domde estyvemos a vysta da cydade até outro dya a tarde, dezendo que, por a fraqueza das mares e por gramde cerramçam de nevoeyros, nam se podya entrar no rryo para desembarcar. Acordaram de desembarcar em Mazagam, que e alem duas léguas; e asy alevamtamos amcora a sesta feyra, a meyo dya. Achegamos a Mazagam cedo, domde se nos mostraram muytos Mouros na praya. Ao sabado, pola manam, saymos em terra. A maneyra do desembarcar foy esperar pelo Duque que se metese no bragamtym e cada um no seu batel day avante, queem prymeyro podya chegar a terra, na cual nam parecya Mouro.
E depoys de todos asy ser em terra e sem bryga, desembarcamos os cavalos y asentamos o arreal com alguns tyros de fogo. Donde esty vemos lio sabado que saymos e domyngo e segunda y a terça, dezyam que por D. Juam de Menes(es) nam querer partyr ; y asy cuarta nam partymos. Partymos a quynta pola manam: nos cuaes dyas e noytes nos nam desarmamos y esty vemos com muytos rrebates. Ja, senhor, vedes como se tomarya o sono nestes dyas. Vyeram alguns Mouros das pazes de Çafym y outros que os vyram

demandar y oulhavam bem o arreal; y eles algüa cousa se aproveytaram, que foy d'alguns cavallos, e mataram dous ou tres omeys dentro no arreal.

Quynta feyra pola manhã partymos caminho de Zamor, que foy premeyro de setembro, y com nosas batalhas ordenadas nas ylhargas da jente de pé, que algüas bombardas também ya em sua ordenaçam. Y as batalhas eram estas: Dom Juam (de) Meneses na dyanteyra com a bandeyra rreal, y as outras como ja dyse. Com a batalha do comde de Tentugal ajuntaram Alvaro Carvalho; a do Capitão dos jynetes e do capytam da Ylha y a de Dom Juam Lobo jumta, que y(aj o conde de Borba por capylam mor d'elas. Sobre ysto algo se pasou coo Duque que sera Beryo para escrever ; e no que mays pasou la, Senhor, o sabereys do senhor Baram. A de Juam da Sylva se ajunto com a do Duque ; Dom Francisco fylho do Byspo foy na sua com mays jente que lhe o Duque deu, que fez duzentas lanças; y asy vyemos noso camynho até a chegar sobre Azamor, que serya cerca de sol posto.

Ay pareceram alguns Mouros; achegados mays a cydade, foramse mays descobryndo, que parecyam ser até cuatrocentas lanças em duas batalhas. Pusemo-nos em outeros todas as batalhas que ay o podya aver. Dom Juam de Meneses, que se achou mays perto, começou-se-lhe a jente a desmandar e travar com eles por vyces; mataram-lhe alguns cavalos. Andavam de maneyra embaraçados y os Mouros tam quentes que mando o Duque ao conde de Borba que os fose rrecolher com alguns cobertados que y éramos. Achamos-los tam rremexidos que nam aproveyto meter-nos antreles e foy necesaryo fazer volta com eles: com a cual nos alargamos, y asy nos fomos bem noyte asemtar noso arreal.

Sesta pola manham se tyro arthelharya dos navyos. Neste tempo começaram a parecer Mouros. Mando o Duque cavalgarem. Serya oras de vespora cando pareceryam no campo cuatro ou cymco myl lanças de Mouros y alguns parecyam mays; e parece-me que seryam mays perto de cynco, y em este meyo tempo artelharya começou de jugar. Y algüa jente d'ordenança se apegou com os muros com duas mamtas. Jorge Barreto levou hüa y outra jente outra. De cyma os servya(mj bem, como jente que estavam detremynados de morrer ; deytariam-lhe muytas colmeas , que lies sahya mel no ralo , e fogo, que lhe queymo as mantas, e setas e tyros de fogo, que nam eram muytos. Comtudo lles feryeram cuarenta omeys, y alguns morreram nas escaramuças no campo, como dyse.

Os Mouros se achegaram com suas batalhas ordenadas, de maneyra que cuydamos pelejar; y en esta detremynaçam estaryamos duas oras, esperando que se

achegasem mays, nosas batalhas comcertadas como o dya d'antes. E depoys que ja pareceu que nam se achegarya mays, o conde de Borba quysera que os fôramos demandar: e porque era sobre a tarde se nam fez. Como se pos o sol, se foram tam bruscamente e, como vyram ja algüas batalhas rrecolhydas, tornaram, y alguns deles tam perto que foram muyto necesaryos espymgardeyros, de maneyra que algüa jente que ja estava no arreall torno hy. Era ja tam noyte que nos nam vyamos y arthelharya sempre fazya o seu e derrubava bem dos muros. Hoveram por bem de se rrecolher, e nos para nosas estancyas, corn ho arreai muyto mays apertado.

A meya noyte se começou despejar a cydade, da cual sayram certos Judeus, que o vyeram fazer saber ao Duque. Asy estyvemos até pola manam, que nos vyemos apousentar a ela, cada hum donde podia, sem mays proveyto, senam d'algua cevada e trygo que acharom polas casas, que se come. Até qu'ella tomey, a jente de pé ouve algum proveyto de algüas cousas que nam puderam levar, prencypalmente Berryo com que veyo prymeyro a cydade.

Asy, Senhor, estamos e nam desejosos de nos armar tam cedo. A cydade parecya mylhor de fora que dentro: é muyta grande.

Oje domygo deu Ruy Barreto üa carta ao Duque, d'el Rey, em que lle mandava entregar a capytanya a sua merce y o Duque lla entregou.

Este-me, Senhor, de vos dezer como hum dya d'ante que partysemos de Mazagam, veyo Garcya de Melo com os besteyros d'Afonso d'Agyar e Berryo com sesenta velas a entrar polo rryo; y asy o fyzeram e lhe queymaram as alnadyas que yvam para nos lamçar fogo.

Na fim de tudo, Senhor, vos dygo que me parece, Senhor, de Joam Lobo muyto bem o dya que esty(vemos?) para pelejar, porque o pelejar fora ja o menos que como, Senhor, sabeys que o melor e detremyna-lo.

Beyjo as mãos de Vosa Merce e da senhora Dona Lyanor.

Segunda (feira) cuatro de setembro.

A voso servyço.

Jorge Pirez

Carta do Duque de Bragança a D. Manuel,
em 6 de Setembro de 1513

Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. LXXV, pp. 410-429.

Louvores a Nosso Senhor, Azamor he de V. A. sem morte nem ferida de homem fidalgo, salvo algumas feridinhas que alguns houverão em hum desmando de huma escaramuça, o dia que aqui chegámos; mas de quantas feridas o meu coração a sido trespassado pelo mau aviamento que trazemos das couzas necessarias, não o poderá crer senão quem me vee lançar os bofes, que tal officiai ha hi que trás as couzas que nom comprem, que até o porto de Mazagão o não vi. Supposto que muita culpa elles tenhão na froxidade com que usão de seos officios, eu torno a maior culpa ao mar, porque as vezes anda homem buscando hum navio dois e tres dias na frota e não o acha. Crea V. A. que bem se conforma agora o credito que homem tem que todas vossas couzas fectas por Deos e quasi milagrosamente que nossas forças não podião la abranger, sem embargo de dizerem os que virão toda Europa que nunca tão formosa frota nem gente se vio em nossos dias.

Com tudo haja V. A. que eu tenho bebido o derradeiro cales de fFadiga de mil maneyras de couzas que me impedirão non gostar inteiramente de quanta mercê nos Deos tem feita se a Y. A. ser assi servido, em especial a fadiga que ha levado a minha gente de pee com fome de lhe non podermos dar mantementos nem baldados, sendo huma gente que sem duvida me prezo mais de ser senhor, para vos ella servir, que das villas em que vivem.

Que non saera tão meudamente V. A. as cousas que passamos, leve-me V. A. em desculpa, que non he por me lançar cedo nem alevantar tarde, como Y. A. algum dia saberá. Tanto que V. A. nos leixou e lançou a benção ern Restello, fizemos vella e o vento nos escascou de tal feição que, ao virar que fizemos, fomos duas vezes sobre a terra d'Almada. Alguns se tornarão já amarellos, e o mestre se apressava já de tal feição que o Comendador mor, Deos lhe perdoe, se fora vivo, non fora ali com muito dezenfadamento, e já alguns se contentavão de tornarmos a tomar o pouzo que tivéramos a noute passada, mas por não parecer a gente tão maa d'arrancar de Lisboa, que o que o fazia era negassa e não verdade, mas mandei poor todalas forças porque vingacemos Restello e fossemos pousar a Santa Catharina. Seguir-me-hia a metade da frota que em Restello estava. Ali lhe mandei dar hum pequeno de regemento da maneira

que havião de ter em sua navegação aos capitães principais, porque non créa V. A. que em três dias pode correr hum batel todolos navios desta frota. Terça feira, as oito horas do dia, demos vella e seguirammos aqui os que comigo estavão, como a mayor parte dos que estavão em Restello. Deu-nos Deos muy prospero tempo até dobrarmos o cabo de São Yicente, duas horas ante manhãa, e eu hia tão bom marinheyro que com agulha diante de mim mandava fazer a via. Quarta feira amanhecemos com tanta calma que até as duas horas depoys do meyo dia não passámos através de Toralta, huma legoa alem de Lagos, e porque muitos navios se me vierão diante e non sabiamos se se me acolherão a Lagos, e principalmente por não saber d'armada de D. Luis se era já d'ali partida, me meti no barganti grande e fuy ao porto de Lagos, e non sai en terra, onde achei que D. Luis avia posto muita boa deligencia e que era já partido. Fis dezamarrar huns poucos de navios que ahi achey da nossa companhia e tornei-me á nau que ainda á boca da noite apanhámos. Era passada por Lagos. Andámos assi aquelle dia todo e a noute.

Quinta feira seguinte apenas por noute tomámos o cabo de Santa Maria. Achei ainda a Ruy Barretto em Faram, que não podia acabar de meter a gente no mar. Sexta feira pela manhan e todo o dia trabalhey em remediar de fazer tornar de Faram muitos navios que se nos lá fogirão em Atavila, com este negro dezejo de refrescos. Non abastavão pregões nem mil maneiras que homem tinha, porque a frota he tão grande que non ha cousa que a possa abranger, nem em toda ella se pode saber o que homem quer.
Não nos podemos aviar mais prestes do cabo de Santa Maria que segunda feira á tarde, onde depois de na minha nau pubricar á mor parte dos capitães d'esta frota e lhe fazer algumas amoestações que me parecerom necessárias para vosso serviço, mandei levantar as amarras e com hüa viração, que aquella hora nos chegou sobre tantas calmarias passadas, démos vella e andámos aquella noute muy bem e fizemos a rota por o conselho de todos os pilotos non ao sul, como Y. A. nos mandava, mas a sudoeste até o meyo do caminho, com intenção d'ali por diante irmos ao sul, cuidando ainda, segundo as cartas mostravão, que non fossemos tomar senão o cabo de Suçor, que he huma legoa acima da fíbs d'Azamor, e parece que as aguas que correm neste meyo mar pêra o estreito nos abaterão tanto que dezatinarão quantos pilotos avia narmada, senão a João de Lisboa e a Pedro Affonço d'Aguiar, que pola altura se íizerão quinta feira a tarde através de Salé. Mandámos sondar sem achar fundo tantas vezes até que mandámos diante huma caravella de Berrio, e tornou a nos com recado que d'ahi a duas legoas achara fundo de cxx braças, e sem embargo de sermos sempre com o prumo na mão, supitamente démos em LXXX braças, de maneira que em quanto nos amarrámos

nos achámos em LXX, e com a vista de terra. Mandámo-la reconhecer por Pedro Affonço d'Aguiar e os pilotos e acharão que era Almaçora, que he... legoas abaixo de Salé, e por alguns fogos que em terra virão, e quam presto nos achámos outro dia pela manhan de terra, ouvemos por certo que éramos vistos, em especial depois que démos vella e andámos meya legoa. Pareceo ao conde de Borba e a Diogo de Mendonça e a todos esses fidalgos que estavão na minha nau, que pões éramos vistos, fossemos ao longo da terra por lhe quebrar mais os corações com a vista de tão formosa armada, que, segundo João de Lixboa diz, éramos ccccxxx e tantas vellas, em que entravão mais de xxx de gavea, e mais trazíamos tão gentil vento que nos pareceo que nos podia fazer pouco damno sermos vistos, porque cuidámos que sabado pela manhan podessemos entrar na fos d'Azamor. E andámos até as nove horas da noute e surgimos por não passarmos com escuro, e quis Deos que em tantas vellas non ouve perigo nem se encontrarão, senão a nau de D. João com outra, mas non foi nada. Prove a Nosso Senhor, que todalas couzas fas por melhor, que nos amanheceo tanto mar de levadia com calmarias, que nos destruio a todos aquelles que cuidávamos que éramos bons marinheiros, e com a calma nunca podemos chegar á barra d'Azamor senão ao meyo dia, onde nos achegarão Pedro Affonço d'Aguiar e Birrio e outras fustas castelhanas que em nossa companhia vinhão, que a barra se não podia então entrar. E sobre isso saltou tanta nevoa comnosco que não víamos hum navio d'outro, e fomos todos atromentados de tal feição que por conselho de todos e por assinado d'estes, com que V. A. manda que se comuniquem todalas cousas principais, visto como éramos já descobertos avia dois dias e os cavalos se perdião com sed, e nos corn aquelle mar non tinhamos siso nem razão para fazer couza nenhüa, determinámos que se o outro dia domingo non desse lugar a barra de entrar, nos fossemos a Mazagão a sair em terra por remediar-nos e a nossos cavalos, que se mais hum dia ali estivéramos, fôramos bem maltratados. Domingo amanheceo tanta névoa e mais que a do sabado, de maneira que ainda para Mazagão não démos vella senão depois de véspera, chegámos ali tão tarde que nos não pareceo ora para sair, e o outro dia a vontade que todos trazião para sairem em terra causou alguns se desmandarem a sairem primeiro que eu; porem, louvores a Deos, non ouve ahi quem nos impedisse e como os bateis erão menos vistos e tomarão largo dezembarcadoiro, podemos mal recolher nosso arrayal, como devia de ser, em especial porque a noute se anticipou mais do que compria. Ouve aquella noute alguns rebates de alguns Mourinhos que andavão a furtar. Ouverão alguns sinco ou seis cavalos de alguns homens que de enjoados e de mau recado os prenderão por mal terem carrego de

recolherem á ponta do arrayal que hia para Azamor Ayres Telles e o coronel Moraes, e teve-se nisso tão bom recado, que emquanto ali estivemos, roguey a Ayres Telles que o fizesse, e me pareceo que não era necessário outro mais velho. D. Luis também teve cuidado d'outro tanto, também o fez muito bem; Gaspar Vas, e João Rodriguez outro pedasso do arrayal e Jorge Barretto outra ponta e em fim non podemos aquelia noyte bem cercar. Outro dia mais, terça feira, entendi em dar de comer á gente, e assim em acabarem de dezembarcar alguns cavalos, e com a desordem dos officiaes que trazem esses mantimentos e petreixos, apenas podemos dar biscouto e vinho em terça e quarta feira á gente para três dias a esmo, enchendo-lhe as borraxas e taleigas. Essa noite seguinte, tevemos outros maiores rebates que andarão já xxx ou xxxx de cavallo ao redor do arrayal. Também desmandarão-se alguns fidalgos. Apozentaram-se fora do cerco do arrayal, que eu asinaley, de maneyra que comprio a Ayres Telles estar tão longe do arrayal que recebeo farta afronta, e eu a maior parte da noute a cavallo, fazendo-os recolher e meter para dentro. Os Mouros das pazes d'Olei Doy vi, que senhoriavão esta terra de Mazagão, me trouxerão domingo, como dezembarquey, Lopo Fernandes Aravia e se me vierâo oíFerecer, porem non uzarão de vir ao arrayal sem seguro. Trabalhavão por salvar Titi e que seria de pazes e pagaria tributo assi como elles. Dissimuley com elles, dizendo-lhe que trouxessem por escrito o partido que querião fazer. Assertou-se ser isto quarta feira á tarde, que eu mandava cavalgar toda a gente de cavallo, para ver quantos éramos, porque diziâo que éramos menos do que cuidávamos. Elles como non segurarão com o que lhe eu disse, aquella noite despejarão a cidade. Quinta feira em rompendo alva nos pozemos todos em ordem de caminhar, nesta maneira: pareceo-me pelos respeitos que V. A. ás vezes me dizia de D. João de Menezes, e porque nenhum creado meeu no mar aguardou melhor minha nau, nem na terra tinha tão boa maneyra, que me parece que lhe são em muita obrigação, e por lhe V. A. ter dado carrego da entrada pelo rio, dei-lhe carrego da vanguarda da gente de cavallo com a sua soo capitania, e fis-lhe logo duas alas de gente de pee pegadas com elles, saber: 14 bandeiras da minha gente d'ordenança da parte dereita contra o sertão, com catorze berços encarretados, e sinco ou seis carretas de munição, e da parte esquerda contra o mar D. Luis com sua gente e com outra gente solta, que lhe fazia dous mil homens. Após estes hia logo na ala dereita da gente de cavalo o conde de Borba, e com elle o Capitão dos Ginetes e D. João Lobo e João Gonçalves, que nos parece que serião muito boas quatrocentas lanças, e na ala esquerda o conde de Tentugal e com elle D. Francisco com a sua gente e cem lanças minhas, de que lhe eu dey carrego, e Alvaro

Carvalho e Anrique Pereira, que serião outras cccc lanças, e antre esses ia a recova, que faria soma de huma batalha de dois mil de cavallo, porque hião antre elles alguns de cavallo e piais com as bestas que ião antre elles, e ao longe parecia tudo outra couza. Após estes hia da parte dereita o coronel Leitão com cccc homens que lhe eu dey da minha gente, que tirey dos outros coroneis e da gente solta hum esquadrão muy formoso, que me parece que serião dois mil homens, ainda que elle dizia que serião dois mil e quinhentos; e da outra banda do mar ia Jorge Barreto com sua gente e com outra gente que lhe eu cheguey, que serião mil e seiscentos homens. Todos estes quatro esquadrões de gente de pee hião semiados de besteiros e espingardeyros, como compria. Minha batalha hia detrás na reguarda, com essa gente minha que me ficou e mais meu sobrinho, que trás muito boa gente, e João da Sylva e Ayres Telles e alguns outros fidalgos, posto que os mais dos fidalgos soltos hião na dianteira com D. João de Menezes. Haja V. A. por certo que ordenar isto assi foi o maior trabalho e affronta que em toda minha vida me vi, e cando acabey de fazer, pareceo-me que seria fácil tomar o Cairo, porque d'elles non querião que lhes tomassem os homens de pee, d'elles não querião ajuntar-se com ninguém, d'elles buscavão todalas destemperas do mundo, que non havia guota de sangue en mim que non fosse tudo peçonha, nem tinha outro remédio senão fazer andar os alferes a poder de pancadas e contoadas e ajunta-los onde eu queria. E d'esta maneira hião os capitães e gente com elles mal, que lhes pezava estes capitães; non os podia ver juntos com o conde de Borba, nem elle non se queria juntar com elles, por causo do descontentamento de seu genro. Dei entonces carrego d'aquella batalha a Ruy Barreto, e mandei-lhe da parte de V. A. sob grandes penas, que tomasse cargo d'ella. Elle o fes bem e ajuntou como compria a vosso serviço. Dei entonces cargo de minha batalha ao conde de Borba, e assim fis o sinal da e comessei andar. Se a saca de que V. A. me fes mercê non fora, cré que non poderá sofrer estes trabalhos. Por mar enviei Garcia de Mello com essas poucas barcas que podemos haver, porque aquello de que se os mariantes oflerecerão a V. A. foi tudo riso, e mandei com elle minhas 1res fustas, e mais sinco fustas de Castelhanos e outros bateis de nãos e de navios, para que fossem quei mar as balsas diante da frota que havia dentro, como V. A. lhe tinha ordenado. Mandei também Pedro Affonço d'Aguiar por capitão da frota, e fas todalas couzas que homem manda tão levemente e tão sem paixão e tão bem que não se pode mais fazer nem dizer. Créa V. A. que ver-se a frota por mar e a gente por terra, nunca se vio couza mais formoza. Eu não fazia senão exclamar e dexejar que a vira V. A. Indo nos pelo caminho, torney a apaziguar o Capitão dos Ginetes que avia deixado a gente e

viera-se para minha batalha, e como foi apaziguado, disse o conde de Borba que lhe tornasse sua batalha, que non queria chegar a Azamor sem ella. Torney-o entonces e Ruy Barreto a minha batalha, porque eu non podia ir nella, por acodir a tudo, e as mais daas vezes hia com D. João de Menezes; e os capitães que eu tinha ordenados ao conde de Borba ficarão muy ledos e muy contentes do Conde, por escapar de Ruy Barreto. Nisto me mandou Dom João de Menezes dizer que lhe parecia que levava pouca gente, que lhe mandasse mais. Mandei-lhe entonces da minha batalha Ayres Telles e Ruy Vas Pinto, e então ficaria, segundo dizião, em quinhentas lanças e a minha batalha em bij. Pus todolos meos acubertados detrás, que serão obra de lx, e porque alguns moços e homens se leixarão ficar atras mariscando e fazendo outras semsaborias, dei des de cavallo a Pedro de Mendonça para que os recolhesse todos e viessem atras de nos. Esta ordenança d'esta gente créa V. A. que nem meu siso, nem de quantos capitães honrados aqui tendes a isso poderá abranger, se Deos non espirara, e sem embargo de ter o mundo todolos capitães gente de cavallo e de pee, quando veyo sesta feira pela manhan ainda non tinha determinado de ordenar como o avia d'ordenar; e estando eu já a cavallo o acabei de determinar, e assi a esmo reparti a gente de tal feição que parecia que em cada huma das batalhas ia aquella gente que compria, e não mais nem menos. O Adail mor ia diante de D. João com suas atalayas e descobridores. Fomos hum grande pedasso ao longo do mar, e tanto que huma legoa tivemos andado, começou a gente da ordenança de cançar com a artelharia, e levámos com ella tanta fadiga que eu já dera bom preço por a non ter trazida. E já meia legoa de Azamor, porque viamos a frota entrar por o rio acima e ouviamos as bombardas que se tiravão de parte a parte, e porque haviamos já vista da gente de cavallo dos contrairos, mandou-me dizer Dom João de Menezes que lhe parecia que era bem que elle se adiantasse a dar vista á cidade por favor da frota. Pareceo-me que era bem que elle se adiantasse a dar vista á cidade. E porque Gaspar Vas vinha já fora d'artilharia, que ha sua gente avia já cançado com ella, á primeyra mandey que andasse quanto podesse na ordenança em que hia, e assim o conde de Borba a par d'elle, e do outro cabo D. Luis e o conde de Tentugal; e ficou a recova com Leitão de hum cabo e Jorge Barretto d'outro, e minha batalha detrás, e diante com artelharia João Rodriguez e Moraes.

E eu fui-me para D. João, e alargámos o passo mais, e assi o conde de Borba e de Tentugal com todas três batalhas démos a muy bom tempo vista á cidade. Pareceron já pelos oiteyros da mão direita alguns 5 ou 6^{c} lanças de Mouros em batalhas. Ali estivemos hum pedaço, aguardando pela nossa trazeira, donde vimos subir os fumos e

as chamas das balsas que se avião queimado, porque como Garcia de Mello non ouvesse bom aviamento das barcas e d'aquillo que lhe compria, se detinha algum tanto em se aparelhar, pelo mau aviamento que trazia, passou Pedro Affonço d'Aguiar adiante em huma caravella armada, e surgio sobre as balsas e começou d'esbombardiar a cidade, e esteve assi até que Garcia de Mello veyo e lhe pos o fogo, ajudando nisso tudo o que podia, de maneyra que ambos de dois tem nisso servido a V. A. bem como bons criados, e Birio non fica de fora, que em seo gênero he merecedor de muita mercê por sua viveza e bons dezejos, e obra tam bem como compre, como V. A. sabe.

Nisto parecendo-nos que se fazia tarde, pêra vermos onde nos haviamos d'alojar, posto que nossa recova non vinha, por cauza da tardança d'artelharia, passámos outro oiteiro sobre a cidade. E já alguns Moirinhos se começavão de chegar a escaramuçar, e porque me pareceo que nos alongámos muito da nossa gente, não consenti que passassem nossas batalhas mais adiante. E pedi-me entonces licença D. João de Menezes para com sua batalha ir descobrir: non me pareceo bem, dizendo-lhe que receava de travarem com elles escaramunça. Disse-me então que o leixasse ir com xx de cavallo a tomar hum oiteyro, que elle me segurava que non ouvesse hi desmando. Entonces o soltei; ficando D. Garcia com sua batalha, que me parece que tem nisso muy bom geito, e eu tornei atras a mandar dar preça á gente que andasse. Entretanto parece que da batalhado Adail, que hia diante, segundo D. João dis, que era lá diante, se desmandarão alguns com os Mouros que com elles travavão, e os Mouros pega vão com elles tão rijo que D. João mandou dizer a D. Garcia que andasse com sua batalha para lhes dar favor, e quem trouxe o recado parece que non acertou bem a da-lo, e D. Garcia, a quem eu tinha ditto que pola vida não andas hum passo sem mim, não se achou naquella parte da batalha. Soltouse toda a gente a soccorrer D. João. Vio-se Dom João em tanta afronta por recolher a gente que me disse que em toda sua vida nunca se em tal vira. Acodi eu a ter mão na gente que não se me soltasse mais, e estive naquelle oiteyro com as batalhas do conde de Borba e Tentugal, mandando recado a D. João que se recolhesse em toda maneyra. E nisto me vierom pedir hum cavallo da sua parte, que trazia já o seu muy cançado. Mandei-lho, mandando-lhe requirir que se recolhesse em toda maneira. Tornarão-me reposta que se eu não fosse e ás lançadas os não recolhesse, que não havia ahi remédio. Quando vi que D. João andava tão cançado, e que o não podia fazer, fis lá ir o conde de Borba com sette ou oito, dizendo elle que loguo os recolheria. A cabo de pouco, mandou-me dizer que andava já tão cançado que non podia comsigo, que se eu non fosse, que já non havia remédio. Nisto abaley mandando estar

quedas totas as batalhas, e eu hia com sette ou oito, e andando três ou quatro passos vi a gente de feição que me parecia que toda se soltaria após mim e que com a gente de cavallo se accenderia mais o fogo e non se mataria, porque os Mouros começavão já de recrecer. Mandey entonces chamar Gaspar Vas, que andasse com seu esquadrão, e nisto me mandarão pedir o Conde e D. João besteiros e espingardeiros. Mandei-lhe obra de sincoenta do esquadrão de Leitão que já estava pegado comnosco, e não quis mandar o Leitão, porque a sua gente non era destra como a de Gaspar Vas, por ser gente nova e ser aquelle o primeiro dia que na ordenança entrara. E eu a remeti a Gaspar Vas e mandei-lhe que fosse pela ilharga de D. João e se metesse antre elle e os Mouros e m'o trouxesse diante de si. Fe-lo assi e troxe-m' o tão pacifico como que non ouvera escaramunça no mundo. Sahio d'ali ferido D. Bernaldo Coutinho em hum pee e Ruy Dias do Pao no rostro e perderão-se da nossa parte sinco ou seis cavallos. Morrerão oito ou des Mouros antre os quais morreo hum grão servidor que suya servir a V. A. em outro tempo. E nisto era já posto o sol cazi noite, que me dava farta pena. Perguntei entonces ao conde de Tentugal e a Jam Patalim e a Christovão Leitão polas aguas abaixo da cidade, e como fui delias informado, mandey a Leitão que m'as fosse tomar, para alojarmos ali. E eu cré que esta foi huma das mercês que nosso Senhor neste cazo nos fés, permitir este desmando por nos determos por sermos forçados alojar ali e não da parte de cima, que era couza muy fora de mão. E nisto tanto que se recolheo Dom Joam, chegou o coronel João Rodriguez e mandei-ho hir a elle de hum cabo e a Gaspar Vas d'outro detrás de nos, e vinhamos com elles tão pacificos como por nossas cazas. E porque entretanto que eu recolhi a D. João, mandey andar toda a gente de pee e de cavallo : e ali se soltarão Jorge Barreto hum pouco que chegou com a sua gente a hüas fontes muy perto do muro, e D. Luis que vinha após elle se passou diante a huns pardieyros e alguns alferes de Morais sem nenhuma ordenança se forão arranhar no muro. Tanto que eu vi que era já a noite, fis ficar o conde de Borba em guarda do campo e João Rodriguez com seu esquadrão até nos alojarmos. Alojamo-nos pegado com o rio, e tanto que a jente foy começada d'alojar, andei-a recolhendo por a pôr em lugar securo dartilharia dos contrários. Andei assi recolhendo D. Luis e Jorge Barretto e andei nisto três ou quatro horas da noite, que já non avia ombros que com a cargua podessem. Então fui pelo conde de Borba e por aquelles capitães que corn elle andavão, e os trouxe ás suas pousadas, e pus João Rodriguez aonde havia de estar. Então vi comer hum bocado e entanto adormeci hum pouco. Mandei a D. Francisco por huma ves a vizitar o arrayal e a Jeronymo Soares por outra.

Sesta feira em amanhecendo levantando-nos d'esse chão aonde jaziamos, vimos correr huma estrella da parte trazeira do arrayal até sobre a cidade, a qual correo com tanto vagar e resplandor que aos que bons agoireiros fossem poderá dar boa esperança de vitoria; alegrou-se tanto toda a gente com ella que lhes parecia que tinhão já o feito acabado. Comecei entonces a mandar tirar os petreixos, posto que com muita pena se fazia por os muitos navios que avia, que enchião desde a paar da fos até á cidade com três ou quatro dobraduras. Non se achavão os navios que os trazião, nem alguns dos homens, nem outros navios nam erão entrados e avião de entrar aquella maré. Cauzou isto entrarem dentro os navios em que vinhão os cavallos, que eu quizeraa estrovar e mandar que ficarão em Mazagão, mas porque a gente alli trazia seos mantimentos e couzas necessárias, não o pude estorvar. E fui ver com esses principaes como nos chegariamos ao muro e assentaríamos nosso arrayal pegado com elle. Determinou-se que tomássemos todo aquelle lanço que vay contra o mar e que nos cercássemos da parte de fora de escudada e paliçada até o rio, de maneira que o que mais longe de nos ficasse do muro forão cem passos, posto que d'alli tiravão espingardadas e berços e espingardões, mas a polvera non me parece que era boa, nem os pelouros erão feitos os mais d'elles senão assi a machamartilho; e tornamonos a beber para dar preça para o tirar d'estes petreixos e artilharia, para como elles fossem fora poer manos a lavor. E começando a comer, me deron recado que parecera gente grossa de Mouros. Cavalguey e subi a hum outeirinho, onde tinhamos os berços que aviamos trazido polo caminho. Vi no oiteiro onde havia sido a escaramunça de D. João huma batalha, esmey em bij ou biijIcl lanças. Disse-me Peligrim que mais contra nos vinha outra batalha muito maior per detrás de hum oiteiro que contra nos estava. Paa receo-me bem mandar sair a gente fora do arrayal a pee por d'alli ordenar dela o que me parece que convinha; e mandey ao Adail que tomasse aquelle oiteiro com alguns de cavallo para descobrir. Pus entonces do cabo d'escontra a cidade o esquadrão de Gaspar Vas e d'outro cabo contra a fos certas capitanias de João Rodriguez, porque se nos avia estendido a gente após os navios, e por esse meio esoutraa gente d'ordenança posta em seus esquadrões, e a gente dos cavaleyros a pee em suas batalhas com suas bandeyras, porque com esta seguridade podia tomar conselho do que me parece de devia fazer. Minha tenção era á verdade de non mandar cavalgar gente grossa por escuzar desmando: porem comunicando fis cavalgar D. João de Menezes com a sua gente e o conde de Borba com aqu elles capitães que com elle vieron o dia d'an tes, e fi-los poer naquelle oiteiro que a V. A. nomeey, porque d'alli parecia a meya legoa a gente dos Mouros pelos muy formosos

chãos que alli estão. E Gaspar Vas mandey ir para elles com o seu esquadrão, e a João Rodriguez mandey estar do outro cabo do arrayal contra o mar, e a Moraes mandey que descançasse para depois trabalhar, porque o tinha desaviado de alguns capitães e officiaes que lhe avia mandado prender pelo desmando da noite passada. E começámos a trabalhar em tirar os petreixos e artilharia grossa, a qual se não pode tirar logo até ser preemar, segundo todos esses que d'isso sabião affirmaron. Tiraron-se huns poucos de escudos e d'escalas e duas mantas, e veyo-nos nova que a gente dos Mouros recreei a mais. Minha tenção era não nos chegarmos mais ao muro até non termos todalas couzas necessárias comnosco, e alguns erão d'esté parecer; porem, porque ao conde de Borba e D. João de Menezes pareceo que sem embargo d'isso nos começacemos logo chegar, porque se a gente recrecia de fora, como parecia, não o poderíamos depois fazer, e a mim parecia que tendo nos o aparelho concertado non avia quem nolo podesse tolher, e comessado assi com desaviamento podia-nos trazer algum dano, porem por parecer bem a tais duas pessoas, fui-me com elles e disse a Dom João que pois lhe parecia bem que tomasse elle d'isso cuidado e desse ordem onde se pozesse, que eu o ajudaria. Disse elle entonces onde lhe parecia que se assentaria e estreitou-se mais dos terços do que antes estava determinado, porque non tomámos fora d'alcaçova senão hum pano de muro. Deci-me eu entonces a pee e tomey hum escudo para o levar para que alguns se apeassem a toma-los, e tomaron logo senhos Antonio de Almada e Chrestovâo de Mello, que hi estavão comigo; e porque a gente que isso avia de fazer non se achegava a isso bem, porque andava espalhada e sem capitães porque D. Luis andava tirando os pavezes dos navios e Jorge Barretto artelharia, torney a cavalgar para ajuntar a gente e a fazer levar os pavezes, e levámos até obra de lxxx passos do muro, ali onde lhe a D. João pareceo que se assentasse, e assentámos d'elles contra o muro em defenção, e d'elles para cercar o arrayal que aviamos alli d'assentar. Deci-me eu a pee a lhes ordenar como assentassem os pavezes, e a isso me ajudaron muy bem Antonio d'Almada e Christovão de Mello; e nesto chegou D. Luis a ver o que eu mandava, e mandey que me fezessem trazer mais pavezes, e mandey a D. Francisco, que hi estava, que dessem ordem de assentar aquelles escudos assi por onde D. João de Menezes mandasse pola maneyra que eu assentara os primeiros. Entonces nos serviron com humas poucas de espengardas e bombardas, de que cayo hum besteiro ou dois que os pavezes trazião, e tal veyo que deu em hum pavés e não ho passou, e d'ellas hião muy furiosas por a par de nos.

Porem Nosso Senhor nos guardou, que nenhum d'aquelles nobres que alli estavão non ouve perigo. E porque a gente dos Mouros recrecia mais e se achegava para nos, fuy eu mandar cavalgar a gente de cavallo e dar preça a tirar os petreixos, o qual cuidado tinha D. Luis e Jorge Barretto com aquelles capitães do Algarve que com elle vinhão. E tanto que mandey cavalgar toda a gente de cavallo e poer em ordem o escuadrão de Moraes, subi arriba a ver os Mouros, e vi que era mais gente e achey o conde de Borba dezejoso de hir pelejar com elles, e eu lhe disse que em nenhuma forma do mundo os hiria buscar, que nosso fio non era senão tomar Azamor, que pois nolo elles non tolhião que nos leixassemos estar. E olhey e vi contra a fos se fazia huma ponta, que atalhando por qua ficava antre nos e o mar estreito e era comprida contra a fos, para onde se estendia o nosso arrayal, e pareceo-me que, se elles aquelle cabo acodissem, que os tinhamos na mão. Mandey entonces dezemparar o arrayal d'aquella ponta da gente da ordenanza, e chega-la para nos para os engodar a entrarem alli, e andando dando este aviamento, veyo a mim Ruy Barreto e João Soares, dizendo que lhes matavão a gente que levavão os berços da cidade que eu mandava poer a par dos escudos, que lhe desse besteiros e espingardeiros para despejar aquelle muro dos Mouros. E eu estava avorrecido de se aquello começar sem ordem, como eu quizera que se fezera outra dia pola manhan, tendo tudo prestes: porem pareceo-me que era necessário acodir aquello, e mandei-lhe que os levassem. Tinha eu também posto huma manta a par dos escudos, e a gente com aquelle favor tomaron os escudos e as mantas e forão-nas poer ao pee do muro. Veyo-me recado como arranhavão o muro com os punhais, que lhes mandasse picois e enxadas. Créa Y. A. que nunca tamanha dor senti por me parecer que era combate que avia d'afrouxar de necessidade, e que ficaríamos em quebra e poderia-nos matar hum golpe de gente com pouco nosso proveito, por o dezaviamento de non haver hi picois nem as outras couzas necessárias. Quis então tamanho mal a D. João de Menezes e ao conde de Borba, polo conselho que me avião dado, como se foron emmiguos.

Dei-lhes preça a levar alguns poucos picois e enxadas e assi andei lastimado n'aima, ora dando aviamento aos petreixos que lhos levassem, ora indo a ver os Mouros para ver o que nos cumpria fazer. Previa o que podia com farta pena, porque aos homens de guerra antigos que comiguo estavão da gente da ordenança lhes parecia que era a couza de que se podia seguir muito inconveniente. Hum so conforto me ficava, este desprezo da gente de cavallo contraria, que sendo elles presentes combatião a cidade. Jorge Barretto com sua gente tenhão huma manta e aquelles fidalgos capitães do

Algarve com elle, em que trabalharão muy bem, e tinhão o muro quazi picado e queymarão-lhes a manta de sima, e mandey-os arredar afora. D. Anrique com a gente de D. Luis tinhão outra, que também o fizerão muy bem. E Dom Luis andava ao arredor d'elles, dando-lhes aviamento, e achegando-lhe gente, e a bandeira de João da Silva também estava pegada com o muro com a gente do Bispo e elle que os bem atiçava. E nisto me mandavão pedir escalas, porque do muro non tirava já ninguém, senão pedras soltas. E Ayres Telles que andava comigo me pedio loguo que lhas mandasse dar, que elle as levaria. Fi-lo assi e elle la com ellas. Mandei-lhe que non uzasse disso sem meu mandado ou de D. João de Menezes, que do combate tinha careguo, posto que o combate se achegou sem seu mandado, como já disse, o que elle fes tam bem como soe fazer a semelhantes cousas, andando sempre a cavallo ao pee do muro, tirando o fogo de sima das mantas com a lança e fazendo outras mil gentilezas. Entonces me mandou dizer que tivesse eu seguro o campo e que do alem perdesse cuidado, e por abreviar já miudezas, durou aquelle combate até á noute, começando já tirar com as esperas e com hum pilicano, o qual do segundo tiro que tirou matou Cidi Mansor, senhor da cidade, que este tinhaa Muleisiam posto de suaa mão e o tinha como seu asoldadado, e ouvirão grande grita naa cidade de choros, de que a gente tomou muito boa esperança. Estiverão os Mouros em suas batalhas até á noite, que parecia três mil lanças, e huma batalha d'elles grande se achegava para aquella ponta que eu a V. A. disse que mandava dezemparar, e alli anoiteceo. Mandey entonces recolher a gente para o arrayal e achegar muito para a cidade; e eu tomey para a minha estancia a de que avia tirado a noite d'antes. A Jorge Barreto deixei no outeiro, por segurança do campo, a minha batalha que seria obra de oitocentas lanças e D- Francisco com ella e Moraes com seu esquadrão e João Rodriguez mandey poer em guarda d'artelharia, que estava ao combate em defensa D. Luis e Jorge Barretto e Ayres Telles, e a Gaspar Vas mandey alojar no cabo do arrayal contra fora, e a Leitão mandei que me tirasse a artelharia e ma levasse aonde estava a outra, que se bem esganiçava por chegar ao muro, se lhe eu dera licença.

E em consertar isto tudo tardaria até x oras da noite: e fui comer huns bocados e mandey vir D. Francisco e Moraes, e depois d'elles alojados tomey a minha noite e comigo Simão de Souza e D. Alvaro de Noronha e Luis da Silveira e D. Luis, a prover como estava o arrayal, e achamo-lo rozoadamente, e mandey ainda mudar algumas capitanias a Moraes para melhor guarda, e tor namo-nos a lançar nesse chão aonde jouveramos as outras noites, e mandey Alvaro Carvalho que todavia cavalgasse com a sua gente e se pozesse nas fraldas do arrayal de fora. Isto seria já ás duas oras, e eu

queria toma-la vés encostar-me, chega Birrio altas vocês a pedir alviçaras que a cidade se despejara, que Adibe lho viera dizer.

A primeyra quezera dissimular, porque a gente se me non alvoraçasse, mas porque o Adibe veyo também a dar brados ao muro sobre o nosso arrayal, não se pode esconder. A todos mandey apregoar que ninguém non entrasse sob grandes penas até que eu non viesse, e deixei-me estar até pola manhan. Entonces mandey João Soares, Ruy de Farão e Sebastião Pequeno meu criado para nos apozentarem, e o Corregedor para defender os Judeos que os non roubassem. Sem embargo de tudo, os Castelhanos que vinhão nos barcos com mantimentos a vender e os das fustas mariantes saltarão na cidade e roubarão todos esses farrapos e couzas que os Mouros non poderão salvar. João Soares achou-se tão dezatinado com as rois mostras que as cazas fazião, postoque algumas d'ellas sejão muy gentis de dentro, que dezesperou e deixou tudo a beneficio da natura, de maneyra que, quando eu entrei, cada hum se apozentou por onde pode, e estamos todos tão desconsertados que nenhum capitão pode ajuntar sincoenta lanças em quatro horas. Se as outras couzas nos dessem lugar, trabalharíamos por nos poer em bairos, posto que ha de ser farta afronta de dezapozentar os homens de como elles estão, porem se homem non tem esse propósito de entender nas outras cousas que V. A. me tem mandado azinha éramos remediados, ainda que a mengoa dos mantimentos e as difficuldades que temos conhecido me fas hum pouco emborrilhar a esperança de tão azinha e boamente nos podermos dezatar. Porem trabalhara homem o possivel, ainda que ategora o faço tanto que ei grande medo d'adoecer. E já agora os Mouros das pazes, que nos quizeron ser contrários, vem requerer remédio, e a mor parte dos que sairão d'aquém d'Azamor que querem estar em algumas aldeãs d'aqui ao derredor, e que todos non recebemos na villa, e duas cabulas da Enxovia mandarão hoje requerer que os recebesse, dizendo que como estes passassem, todolos outros estavão em esperança de se virem. Espero em Nosso Senhor que muy sedo seja toda a Enxovia a serviço de V. A. Esta cidade he muy grande para se sofrer sem toda esta gente. Avemos qua praticado em atalho d'ella se com este ser poder: ira a pintura d'isto a V. A. que a mandey fazer a Francisco Dansilha, como nos pareceo aquellas pessoas com quem V. A. mandou que isso comunicasse. A igreja he formoza couza. Tem oito naves. Achamos tanta sugidade nella e em toda a cidade que he huma vergonha de ver, e he tão fea de dentro que non parece senão o mais mal curral de cabras do mundo, e de fora dos muros tão formoza e tão forte e tão intulhada pelos mais dos cabos e tão desviada do que a V. A. la

enformavão, que se algum tanto se quizesse conter ouvera d'aver grande golpe de carapuças vermelhas antes que se tomasse.

Porque em cima non faço menção d'isto, faço saber a V. A. que no cabo de Santa Maria adoeceo o conde de Tentugal de febres e sempre as teve e tem agora, e comtudo non se quis tornar, senão servir V. A., nem teve creo o outro dia melhor que o dia que aqui chegámos. Lembre-se V. A. de lho mandar agradeser.

Do pão dizem estes Judeos que averá aqui xx m moyos; non tivemos inda tempo d'entender nisso. Da igreja tomamos três naves para a... Entretanto muy assinha escreveremos a V. A. o certo de tudo.

A igreja pozemos nome Santo Espirito por amor do conde de Borba que sempre disse que o Espirito Santo nos mexericava todas estas cousas. Mande-nos V. A. loguo hum cino muito grande para o repique e outras que lhe parecer seu serviço que nos serão necessários, e engenhos, e para que nolo ponha hem cima da torre, e assi atafonas e amaçadeyras, porque non comecemos a comer trigo cozido loguo como V. A. dizia. Nesta mesquita achamos dous sinos de obra de dois palmos em alto, que ficarão do tempo dos Christãos.

Relato da conquista de Azamor, em 19 de Setembro de 1513

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 13, Nº 60.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. LXXVI, pp. 430-433.

Vendo el Rey, noso Senhor, cam grande cousa e cam honrada era a cidade d'Azamor, e cam comvinyemte pêra a gera e comquista que manda fazer no regno de Maroquos, e nam menos pêra a gerra do regno de Feez, e yso mesmo cam proveitosa era pêra estes regnos por muitas callidades grandes e booas que nella ha, detriminou de a mandar tomar. E mandou o duque de Bragança, seu sobrinho, como a todos he sabydo, com sua armada, em que yriam acerqua de quinhentas vellas e pasante de dous mill de cavallo e xiij mill homens de pee, caisy todos armados, antre gente d'ordenança, beesteiros, espimgardeiros, toda gente tam utille e proveitossa, como, llouvores a Nosso Senhor, em seus feitos grandes se sempre mostra, asy nas partes da Imdia como em

todas as outras partes em que se acha, com muita artelharia grosa et meuda e outros petrechos, segundo com vinha a tall exercito.

E pollo recado que agora Ssua Allteza ouve, soube que o Duque chegou, ao porto de Mazagam, que he três llegoas d'Azamor, segunda feira a xxix dias d' agosto; e que ally mandou dessembarcar toda a geemte, onde esteve atha quinta feira segimte; nos quaes dias e nas noites que hy esteve ouve alguums rebates pela muita gente de cavallo e de pee dos Mouros que no campo eram. E quimta feira partio com toda sua gente em ordem e mandou hir parte da frota pelo rio; e no caminho ouve allgüas escaramuças, em que allguns Mouros foram mortos e asy cavallos dos nosos; no qual dia nom fezeram outra cousa soomente asemtarem seu arraiall muy perto da cidade.

E a sesta feira seguinte se deu conbate, sem embargo de no campo ser muita gemte de cavallo, que se afirma serem nove ou dez mille com muita gemte de pee, e dentro na cidade passante de xj ou xij^{M} homeens de pelleja; no quall combate foram mortos alguns Mouros dentro na cidade com tiros e asy derribado allgüa parte do muro, e dos nosos allguns poucos feridos e mortos. E, posto que naquelle dia a cidade nom ffose entrada, ella foy asy apertada que os Mouros que dentro estavam, posto que muitos fosem, lhes pareceeo que nam convinha esperar o segumdo combate, e mais temdo a esperança perdida da muita gemte que no campo tinha de cavallo e de pee, em que a maior parte de sua comfiamça estava.

E a noyte de sesta feira leixaram todos a cidade; e ao sabado, sabendo o Duque, se foy apousentar dentro com toda a geemte; e foy tomar pose d'aquella cidade, em que acerqua de mil anos avia que ho nome de Noso Senhor era brasfamado onde foy logo ouvir misa a mizquita maior. E agora esperamos em Noso Senhor que até fim do mundo, sendo tomada per nosas gemtes e per mandado d'ei Rey nosso senhor por seus capitães, sera senpre em ella louvado e a sua fee naquellas partes por ella muito acrecentada.

E devemos todos dar muytas graças a Noso Senhor por huum feito tam grande e tam honrado e tam perigosso, tam sem dano de nosas gemtes tam honradamente ser acabado, e hüa tamanha cidade asy ser tomada das mãaos dos imfiees. E sua grandeza amostra as muitas mizquitas grandes e honradas e de grandes edeficios que nella ha, as quaees pasam de xxviij^{0}, estas todas d' allcoram, afora outras. Foram achados e tomados nesta cidade pasante de vinte mill moios de pam, que os Mouros nella tinham ençarrados, e outras mercadorias, e oytemta peças d' artelharia grosa e meuda, afora

muitas espimgardas e beestas. E os muros desta cidade sam muy fortes e ha nelles lxxx torres de gramde alltura e forteleza.

E sabendo os Mouros da cidade d'Allmedina, quo he xvj legoas da cidade d'Azamor e de povoraçam de iiij^{M} ou v^{M} vizinhos, como a dita cidade era tomada per nosas geemtes, a dessempararam e leixaram ssoo.

E asy deveemos dar muytos louvores a Nosso Senhor por aquelle reino de Marroquos, que foy o principall emperyo d'antre os Mouros e cabeça casy de toda Africa, que tanto dano e tantos derramamentos de samge na nosa Espanha fez e asy em outras partes da Chrystandade, e asy tantos doestos a fee de Noso Senhor, agora seja por nosas gemtes casy todo conquistado. E deveemos esperar em Noso Senhor que muy cedo de todo sera acabado de conquistar, o quall como a nosa propia herdade ja o podemos aver, e que de quamtos males aquelle reino e ymperio na Chrystandade tem feitos, agora por mãao de nosas gentes e mandado de S. A. aja satisfaçam e d'eles se tome a vingamça.

Tanto que ha dita cidade d'Azamor foy tomada, logo vieram os Mouros da cidade de Tyte et asy doutras villas e lugares d'arredor e asy os da Enxouvya e d'outros muytos Allarves a pedir paz ao senhor Duque, capytam gerall de S. A., dizemdo que queriam ser seus vasallos et pagar-lhe seus trebutos, e em tudo fazerem o que S. A. ordenar, soomente receberem sua paz e suas gentes serem seguros.

E por tudo deveemos dar muitos e muuy grandes louvores a Noso Senhor, por vermos cada dia tam grandes e novas cousas feitas pella gemte portuguesa, por mandado de S. A. e seus capitães, asy nas partes da Imdia, como nas d'Afryca, e por elle ser a fee de Noso Senhor tam estendida e acrecentada em todas as partes.

Carta do Duque de Bragança a D. Manuel,
em 30 de Setembro de 1513

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 13, Nº 62.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. LXXVIII, pp. 438-442.

Senhor

Nam temos aimda tomado conclusam con os Enxouvios, nem ainda ouvemos recado nenhum seu, nem reposta dos nosos. Andam em seus conselhos e estam tam arredados d'aquy, que lhe nam pode homem fazer nojo. Temos nova certa que sam muy requeridos de Muley Maffamede e Muley Nacere, offerecendo-sse-lhe que vira qua Muley Nacere.

Estoutros Mouros que temos tomado as pazes também nos andam mentindo alguum tamto com este pouco de pãao que nos aviam de dar, que por tudo podiam ser iiijc ou bc moyos, ainda nos deveram acerqua da metade. Nos avemos mester cada mes acerqua de biijc. Gom alguum pouco de pãao e de cevada que a gemte por aquy amdou esgaravatamdo, se ha mantido ategora, que nos nam pudemos recolher por myngoa de ssacos, e porque a gente tanbem o esconde, porque conhece a riecessydade em que estamos. Nos nam oussamos bolir com estes Mouros, porque, com este çoquo, nos mantém de carnes, palhas e lenhas, e porque tenho escrito a Nuno Fernandez que nos envie o pãao do concerto d'Almedina por terra; e mais andamos a ver se podemos com eles que nos tragam pãao de hüuas aldeãs que os Enxouvios aquy deixaram. Emquanto estamos nesta necesydade, ey que temos as mãaos atadas, até que tenhamos de comerpera dous ou três meses. Poremos a mãao por nos d'outra maneira, ainda que he farta ffadiga ver a gemte como anda esperecida por myngoa de moendas, e adoecenos muyta, e nam a podemos fazer trabalhar ern nenhuuns repairos e defensas, nem ainda a do ssoldo; qua dizem que andam buscando em que moyam quatro grãaos.

Dê V. A. grande presa atalhar esta cidade, e estará aquy a gemte de melhor vomtade, porque esta barra atromenta todos, que, des canto ha que aquy estamos, aimda nam ouve mais marées pêra sairem navios grandes senam hüua soo, e em outras duas sayram navios pequenos; e o dia que aquy chegamos, tendo muyto boa maree, ainda ficaram muytos de fora que nam puderam emtrar.

Segunda feira, fizemos alardo e nam se pode acabar de fazer a gemte dos capitães e criados de V. A. Temdo eu feito ssabado a minha gemte pêra lhes mandar dar

dinheiro, achei quynhemtos e cinquoentae tamtos de cavalo, sem enbargo de ter dado licemça (a) alguuns que adoeceram e lhe morreram cavalos, affbra os da minha estrebarya e os que neles amdam, que nam foram contados; e, segunda feira, diz que acharam acerqua de biijc e ficaram ainda huum bom golpe d'eles por escrever. De cavalo bem estamos, a Deos graças. De pee temos pouca gemte pêra a que homem qui sera; achamos menos muyta que fogio de mestura com a do Algarve e corn estes que se fforam, que, como viam a myngoa dos mantimentos furtavan-sse grandemente; e, (em) tanta multidam de navios, nam sse podiam buscar. Alguuns ffidalgos e cavaleiros se fforam também sem licemça. Dos do roi, se la parecerem, mande-lhes V. A. tomar conta se levam minha licemça por escrito. Aos que nam vinham em rol, deixey ir como V. A. me tem mandado. A D. Pero Mazcarenhas dey licemça, por me certeficar seu irmãao que nam vinha em rol; e, quando o fuy ver e que o achei, era ja partido.

Parece-me que, com esta gemte que aquy estamos, nam avemos de ter guera, senam d' asuadas, porque, como se nam ajumtarem muytos, ham d'estar tam arredados de nos os que em guerra ficarem que lhes nam possamos chegar. Nisto dos Emxouvios, me parece que vay mais a vosso serviço que em nenhüua coussa d'esta terra; por iso amorosamente os queryamos a trazer, se ffosse posyvel, porque se nam ffaçam vassalos d'el rey de Ffez, porque, se sse ffazem, a mester de V. A. ter muyto cuydado d'esta cidade, porque, com esta barra, casy se pode dizer que esta em sartãao. Ha mester muy bastecida e íFortalecida e que este nela muy boa gemte de guarda, por estes primeiros dous annos ao menos. Porem, despois de atalhada, parece que mil e quinhentos homens a poderam guardar, ainda que Dom Joham de Meneses diz que avera mester mais, se ahi ou ver receo d'el rey de Fez; e por iso se apresava ele Ia muyto que V. A. tivese tratado com os Enxouvios, amtes que de la viesemos.

Espanto-me nam ter V. A. sabido la que Muley Nacer tinha duas molheres filhas de Xu, que he huum principal homem d'esta Enxouvia, que soe a morar antre esta cidade e Anafe, que ffoy cousa que ao que nos conpre bem enbarga.

O comde de Borba detenho até que tomemos conclusam com esta Enxouvia, porque, se ffica a vosso serviço, temos pouco que ffazer, e, senam, temos fadiga. Emquanto nam temos mantimento com que a gemte se posa remedear, nam se esqueça V. A. de prover de tudo o que lhe tenho mamdado pedyr.

C Espamtar-s-ya V. A. como estes Mouros tinham perdida a esperança d'esta cidade, porque nam corregiam pedra que cayse em casa nenhüua, e casy a mayor parte he pardieiros, e os que o nam ssam o parecem. Receo temos, se ouver muyta chuyva, de

nos cayrem muytas este imverno. Mande-nos V. A. todavia a telha e a madeira, e remedear-nos-ernos emquanto que nos V. A. mandar servir.

C Queixam-se estes criados de V. A. que os mandaes estreitar muyto nos soldos, e estamos qua em duvida como se entemdera que manda V. A. que aos vossos moradores nem aos seus nam dem soldo. E dizem eles que, aos que trazem continos em sua cassa, que sam contentes de o nam levar, mas que trazem xx, xxx, 1 homens de cavalo de suas cassas, que parece semrezam nam lho mandar V. A. pagar. Mande V. A. todavia dinheiro, porque a gemte nam vive qua em ai, porque estes barcos que vem de Castela com alguuns vinhos e fruytas vendem tudo bem caro, e, com myngoa das moendas, lançan-se os homens a outras viandas, que lhes custa dinheiro; e a mester que lhe pagem seus soldos, asy aos besteiros e espimgardeiros como aos de cavalo.

Daquy por diamte escreverey a V. A. mais a meudo, porque mando ter navios em Mazagam, honde he neçesario hüua fortaleza mais que a vida pêra este lugar, e tam grande que possamençarrar nela dous ou três mil moyos de pãao, se conprir. Aja V. A. que he o melhor porto do mundo.

Nosso Senhor a vida e real estado de V. A. guarde e acrecemte a seu santo serviço.

D'Azamor, a xxx dias de setembro 1513.

Beijo as reaes mãos de V. A.

O Duque

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel,
em 29 de Outubro de 1513

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 13, Nº 87.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. LXXIX, pp. 443-445.

A el Rey noso senhor.

Senhor Ja tenho sprito a Vosa Alteza, em que lhe dey conta de como apanhávamos o mais pam que podíamos d'Almidina, asy pera Azamor como pera qua. Agora torney a mamdar lia Ysaque corn alguns Cristãaos outra vez, e que nam emtendese em Garabia qua trazer nemhum pam, se yso empidia a Ule Temym ho levar a Azamor, porque, aliem de ser muito voso serviço hir elle pera llaa, sey que leva o Duque disso muito contentamento, porque me mostra que tem d'elle muyta necessidade. E alem do pam que eu tenho sprito a Vosa Alteza que la sera, agora lhe vam outras cafillas, que nam sey ainda quanto sera, e sera ho mais que nos podermos. E conpre pêra isso que venha hüa carta d'agradecymento pera Aya e asy pêra Ysaque, porque ysto he necesaryo pera os homens servirem bem e fazerem os mandados do Capitãao.

Mandey lançar em Almidina que avia Vosa Alteza por seu serviço povoar-se por bem dos Alarves, salvante alguns culpados nesta paz que contra voso serviço andaram e contra ho bem do povo; e este pregam seu no coco d'Almidina, com a bandeira de V. A. posta na torre; e Ysaque me levou d'isto cuydado e escreveo-me que foram os Alarves disso muito contentes.

Esta toda a terra mui bem, Deos seja louvado, e vam daquy os homens pera Azamor como de Santarem pera Lixboa; mas eu mamdo que nam vam sem minha licença; e vam com alformas, e os que vam sem ellas vam muito seguros. Hontem me diseram como ho Duque era entrado, e nam me souberam dizer se fora terça feira se quarta; mas nam deve de ser senam quarta, porque Dom Joham de Meneses esta hy. Prazera a Noso Senhor que, qualquer dia que for, que sera muy bom e a seu serviço e acontentamento de Vosa Alteza, porque, pera nos os de Çafy, asy he muy grande, por pendença que qua temos com Xiatema e corn ho Xaryfe, e ja co elles nos ouveramos de ver ou mandar ver polios vosos Alarves d'Abida e de Garabia e com alguns Cristãaos; e ho pam d'Almidina torva todo ysto, porque a elle he necesaryo que se acuda por respeyto d 'Azamor e por m'o Duque ter muito encomendado.

Noso Senhor acrecemte a vida e real estado de V. A. a seu santo serviço.

De Çafy, a xxix d'outubro de bc xiij.

Beijo as rreays mãos de V. A.

Nuno Fernandez da Tayde

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel,
em 29 de Outubro de 1513

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 13, Nº 88,
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. LXXX, pp. 446-447.

Senhor, Vosa Alteza me escreve que os Mouros e Mouras que qua mandou pello partido que la asentou polios carneiros e manteiga com os Mouros d'Ale Danbram, que la foram com Dardeiro, eu, Senhor, os nam mandey até agora polios acabar d'emsacar em suas bulrras, as quaes eu sey qu'elles conpriram se poderam as quaes não podem polias deferenças que tem com os outros. E por conprir, Senhor, com Dia, que me parece que he mui bom servidor, se ho hy ha em Alarves, os nam mandey até agora a Vosa Alteza; e asy lhe peeço por merce que ho aja por bem até esta sementeira acabada, porque quero ter contente Dia, porque asy he a voso serviço pêra as cousas d'Ale Danbram, porque antre elles vali muyto. E d'aquy a lia ha muito pouco tenpo, emtam mandarey os escravos a Vosa Alteza ou ho concerto acabado, e porque me ysto parece voso serviço ho faço asy.

Os cavallos d'artelharya, que agora eram três, fogiram com elles dous Mouros cativos; hum era do alcayde mor e outro era de Christovam Correa. E ho outro cavallo que ficou, mando entregar ao feytor pêra se fazerem qua nossas despesas.

Nosso Senhor acrecente a vida e rreal estado de V. A. a seu santo serviço.

De Çafy, aos xxix d'outubro de bc xiij.

Beijo as reaes mãos de V. A.

Nuno Fernandez da Taide.

Carta de Nuno Gato a D. Manuel,
em 5 de Dezembro de 1513.

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 14, Nº 19.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc.LXXXII, pp. 453-456.

A el Rey noso senhor.

De Nuno Gato.

Senhor,

O moço d'estrybeira me deu hüa carta em que Vosa Alteza mamdava que me nam fose d'esta cyda(de) sem seu mamdado. Eu beyjo as mãos de Vosa Alteza em se lenbrar e em me mamdar as cousas de seu serviço. E Deos sabe, Senhor, como eu leyxey minha fazenda desconcertada, e nam dygo a V. A. o proveyto que poderá fazer, porque, ho dya que se despovoou Almedina, eu pasey por ella, em que achava bandos de molheres que bem poderá escolher, moças muyto formosas, e tornar coelas a Çafym muyto a meu salvo, afora a fazenda que nyso poderá tomar. E porem, Senhor, porque vynha a serviço de Vosa Alteza, nam me lenbrou nenhüa cousa, somente chegarão cabo, porque, Senhor, espero que V. A. se lenbre de me fazer mercê, pois em outra fazenda eu nom faço.

E porque, Senhor, eu estas cousas de serviço de V. A. nam poso pasar senam com perygo meu e de meus parentes, que sam os com que eu mais servo V. A., nesta jornada veo comigo Manuel da Sylva, tyo de minha molher, e dous meus sobrynhos; e eu nam tenho com que lhe sastyfaça, senam com pedir a V. A. mercê pêra elles, a qual peço, que Manuel da Sylva, pois V. A. ho mamdou vir de Castela por me fazer mercê pêra Çafym, e com elle trouxe outro seu irmão com sua molher, avendo rrespeyto alguns serviços que elle tem feito a V. A. em estar em Tamgere muytos anos, e asy por fazer a mim muyta mercê, lhe perdoar alguns defeytos a que he obrygado a vosas justiças, pois, Senhor, nam foram vylezas nem tem parte que ho acuse; e hele servira ho tempo que Vosa Alteza ouver por seu serviço naqueles lugares que lhe ordenar. E asy,

Senhor, terey em mercê a V. A. de me tomar, este janeiro, hum d'estes meus sobrynhos que vyeram comigo por escudeiro, porque ja o outro he de V. A.; e a elles e a mim fará V. A. muyta mercê, pois a tempos que servem e am de servir.

Co a nova do cerquo me nana contemtam estes Alarves, porque ategora, que sam cynquo dias de dezembro, nam tem sameado nada, posto que dizem que d'aquy avante samearão.

Almedina dizem que se povoa muyto rryjo. Ainda devem setecentos camelos dos que avyam de trazer aquy. Abeda e Garabya me dizem que tem muyta cousa sameada. Xauia esta inda hum pouco emdurecyda; prazera Deos que lhe daremos hüa sangradoura; emtão heles averão por bem de vir a serviço de V. A.

Aos vymte e seis dias de novembro, chegou Diogo d'Arruda a Mazagam, e veo a esta cydade. E com as cartas que tynha ho moço d'estribeyra, me parece que asentarâo em fazer primeiro alcaçava d'esta cydade que nenhüa outra cousa. Mamdam vyr todalas caravelas com a cal e com todos os outros petrechos a esta cydade.

Quynta feyra primeiro dia deste mes, começamos a cava derrador d'alcaçava, a qual prazera Deos que se fará por muytos anos, a emxalxamento da fé catolyca e serviço de V. A., a qual Deos acrecemtara muytos dias a seu serviço e dará graça com que tome outras muytas cydades e as mamde cerquar.

Tegora, se nam paga nenhum trebuto de nenhüa cousa pêra V. A.; de janeiro avante, me parece que sera seu serviço começarem a pagar. Deve V. A. de mamdar regymemto pêra que logo começasemos a poer mão nyso; e, se for polo de Çafym, me parece que estará bem; e deve V. A. de mamdar ho que se pagarão dos saves, porque jagora começam.

A fazenda de V. A. esta em ordem como conpre a seu serviço; de mamtymento, esta esta cydade bem, Deos seja louvado; somente de carnes que nam acodem agora bem, porque dizem que querem agora começar suas sementeyras.

Começamos qua a fazer algüa cal, porque dey huns fornos d'enpreitada que aquy estavam; cedo lhe poremos ho fogo, prazendo a Deos.

Ho Corregedor me espreveo que carregava ja a cal que avya de vir pêra esta cydade, que com ho primeiro tempo serya aquy. Oje parecerão seis navios sobre Mazagam; parece-me que serão de cal.

Qua ha hüas vozes de doutores sobre o fazymento de Mazagam ou sobre o castelo da barra da parte da Xauia. Conpase V. A. seu serviço, e, se se esta cydade ouver

d'atalhar, seja pequeno ho atalho, porque, eses moradores que dizem que vem, tudo he alvoroço de terra nova; e olhe Vosa Alteza ao dyante.

D 'Azamor a cynquo de dezembro de bc xiij.

Beyjo as mãos de Vosa Alteza.

Nuno Gato.

Carta de D. João de Meneses a D. Manuel, entre 1 e 9 de Dezembro de 1513

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 14, Nº 4.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. LXXXIV, pp. 459-467.

A ell Rey noso senhor.

Senhor,

Vosa Alteza me mamda tomar carreguo d'esta cydade e da jemte que hordena que nela fique, que sam myll omeis de soldo e oito cemtos de cavalo; e fara fumdamento que nas oitocemtas lamças avera o menos outros tamtos piaois; e asy, com alguns moradores, se hira pomdo em très myll omeis pêra a guarda d'esta cydade. E histo tudo, aimda que fose verdade, seria muy pouca jemte, porque este lugar, como jaem outras cartas dise, he muyto pouco menos de Evora e tam chaam que per todalas partes se pode muy bem combater e rromper em três oras, porque hee de terra tall. E, se estivera em feiçam pêra se combater per hum lugar ou dous, ou ho muro fora mais forte, poderá hy aver tempo pêra se rrepairar o dano que se fezera, porque fora com mais espaço ou per menos partes. Mas asy creia Vosa Alteza que tudo esta em defemder que nam cheguem ao pee do muro, ou ter jemte pêra saltar fora quamdo cheguasem. E esta nam quer Vosa Alteza que asy aja, porque fiquamdo os fidalguos e jemte homrrada em oitocemtas lamças, despejam-se da mayor parte dos escudeiros que sam de lamça em punho, em que nam haa quebra, e fiquam com os cavalos de suas pesoas; e, quamdo vierem em alardos, apresemtaram omeis de pee muy bem armados neles, que se nam sabem ter a cavalo. E d'esté engano se terá aimda outro, que hee nam aver em

oitocemtas lamças trezemtos omeis de pee, e estes aimda de cachopos e dos que nam sam bõos para nada, porque os que valem algüa cousa vão comtados por de cavalo. E se Vosa Alteza faz fumdamento de moradores, sayba que os nam ha hy até aguora senam quatro Cristãaos novos e alguns omeis d'alguns fidalgos ou criados de Vosa Alteza que querem ficar aquy que ao presente vaam comtados nas capitanyas. E eu vy hum rroll que Ruy Barreto apresemtou ao Duque de mais de trezentos e tamtos moradores pêra a rrepartiçam das casas, os quaeis estam aimda por vir. Pois, se íaa ha alguém que digua que com myll e oitocemtos omeis guardara esta cydade, bem lha pode Vosa Alteza emquarregar, que eu nam m'atrevo a o fazer; ou mamde-o qua, e vera como se lhe muda o parecer.

E a nova de Moley Mafamede, que Vosa Alteza la tem por bulrra, ja parece a Pero Correya que pode ser; e, o capeiam que de laa trouxe comsygo lhe screveo hüa carta de Tite, homde esta, porque foy ter Ia a Pascoa cos Mouros, em que diz que veyo hum omem de Fez, o quall da a nova que lhe deixou pagos doze myll besteiros, a saber tamtos pola mezquyta, e tamtos pelos mercadores da cydade, e tamtos per seus irmãaos e per ele. E asy veyo por Cale, domde também achou gramde nova de ser logo. E asy os Emxouvios que comigo falaram a hum omem que coeles falou, o quall lhes meteo em quabeça que hera Mouro e que se queria lamçar coeles; todos lhe diseram que se deixase estar, porque loguo vynha Moley Mafamede e que emtam o poderia fazer a tempo que mays prestase. E asy todos os xeques das pazes de Vosa Alteza lh'escrevem e se carteam co ele e o esperam, temdo sua vymda por muyto certa; e hum xeque de Banahamed, que he hüa parte d'Oley Dambram, he laa com très cavalos de serviço. E nam a hy nenhum que queira lavrar, semdo ja passado o tempo da sementeira ou ha mayor parte d'ele. E asy d'Alexymãao me foy dada hüa carta, que vynha pêra o Duque, em que diz que, aos sete dias depois d'esta Pascoa que ora pasou, ha de partir Moley Mafamede de Fez. E asy huns Judeus, que hontem cheguaram d'Escura e de Marrocos, dizem que vay la gram nova per toda a terra que fojem os Cristãaos d'esta cydade, co a vymda de Moley Mafamede; e histo polos navios e jemte que vem partyr. Se, por cyma de tudo histo, Vosa Alteza sabe que nam ha de ser, com menos jemte se pode guardar; e praza a Noso Senhor que aimda me corra co histo que agora digo, que eu amtes queria que me corresem qua, que me cerquasem, e que me parece que naam ha de ser, polas rezoeis que Vosa Alteza daa, que eu hey por muy boas; aimda hey por milhor nam fiar de todo d'elas, comtra o dito de tamtos e no que tamto rreleva.

Item. Vosa Alteza, mamda a Pero Correia emtender no hatalho d'esté lugar; e ele e Ruy Barreto estavam de parecer que o atalho devia de fazer hüa pomta pera a cydade, pêra tomar algüas casas demtro em sy que ficavam de fora, e nam haam por imconvynyente nam hir o pano do muro direito. E eu, Senhor, sarna hiso muy comtrairo, porque o queria tam direito que, se nele ouvese dez traveses ou baluartes, que todos se ajudasem pola cava ou ao menos per fora d'ela; e vejo que, em fazer esta volta, pode o muro crecer ao menos trimta ou quoremta braças, e, com suas altura e grosura d'ele crece muyto mais, e asy a cava; e, de pura necesydade, haa de ter mais hum baluarte, e, co a custa que asy hemtra de mais, se faram casas de novo pera todos os moradores. Asy que, de meu comselho, nam faria o muro senam todo direito do castelo a mezquyta ou hygreija. È, perque aguora nam se poey mãao senam hem fortalecer o castelo, pode, Vosa Alteza, mamdar o que ouver por seu serviço.

Item. Se Vosa Alteza detremyna fazer obra em Mazagam, havemdo de ser aquy vila e laa fortaleza, heu o faria amtes ao comtrairo, porque Mazagam tem muyta lenha e muito perto e muita erva e mylhores agoas, e desposisam pêra se fazerem muitos poços, e jaz em meyo d'estes dous lugares e mais metido nos Alarves. E esta cydade, com hûa soo fortaleza, sosteria ho trato d'ela e da Emxouvia sem perigo nenhum, e emche-la-hia de Mouros, os quaeis pagariam por cabeças. E asy levaria Vosa Alteza os dereitos todos que d'amtes sohiam a pagar, e seria mais remdosa e de muyto menos perigo; porque, na verdade esta lomje da barra, afora nam ser boa, e asy tem a lenha lomje e maa. E de fortaleza em Mazagam de pouca jemte nam farya fumdamento, porque ha de ser tam metida n'aguoa que se danara o trigo co a muita humydade do mar; e semdo cousa maior, poder-se-haa lojar na parte do sartam.

Item. Vosa Alteza memcomemda Ruy Barreto e amyzade sua e d'estes fidalguos. Co ele e co eles eu a tenho quamto cumpre a voso serviço. E no que mamda que lhe deixe do asemto d'esta cydade, eu o tynha feito mais largamente do que na carta se comtem, e creio que ele de my se avera por bem satisfeito. Porem creia Vosa Alteza que nam podem estar tamtos capitãeis nua cydade, porque ele cuyda que tem a justiça dos moradores; e, em dous dias que pasaram, hum porteiro, dizemdo que hera morador, nunqua per meus mamdados nem do Gorrejedor quys emtregar a hum cirieiro do Duque hüa pipa de cera que lhe roubava a olhos vistos, a quall lhe hera tomada por dizerem que fora aqui achada e que hera cousa da cavalgada. E eles ambos, asy o autor como o rreeo, heram d'armada e nam moradores; e Ruy Barreto imsistia em que avia de ser histo ouvido peramt'ele. E asy em apousemtar e desapousemtar orneis homrrados, dizemdo

que a apousemtodaria he cousa da cydade. E, em outros pregoeis e cousas que lhe nam… mãaos por a merce que lhe nyso e em tudo ali fezer, porque hele he tall que o merece; e eu ho rreceberey em muyta merce, e asy em lhe tomar hum seu irmãao, que também o veio servir nesta armada e fiqua qua servymdo.

Alvaro Barreto tynha carta de Vosa Alteza pera se hir, e estava nyso com fumdamento de se hir aperceber pera a Imdiax, homde diz que lhe tynha feito algüa merce. Aguora, pois Vosa Alteza o mamda ter, nam sera rrezam que ha perqua, mas que amtes lha acrecemte.

Item. Senhor, aquy foy preso hum escravo de Bastiam Lopez, almoxarife de Çafim, com dizemdo que se tornara mouro. O quall lhe fogio pera os Mouros por se forar, e negua, posto que se chamava per nome de mouro amtr'eles. Parece-me que sera mylhor torna-lo a seu dono, pois diz que e Cristam e o pode ser boom; porem, eu nam no quys fazer sem ho fazer saber a Vosa Alteza, cuja vyda e reall estado Noso Senhor acrecemte.

D'esta cydade o primeiro de dezembro de 1513.

Senhor, hoje, nove dias d'esté mes, cheguou aquy hüa cáfila de Targa e hüa carta d'Alexymãao pera mym, em que diz que se as novas dos Mouros foram verdadeiras, ja Muley Mafamede fora comygo; mas que ele tem que esta aimda em Fez, e que hum alcayde veyo a Çalee. E na mesma cafila veyo hum Judey mourisco, o quall diz que Moley Mafamede hera ja em Cale e que em Anafee estavam dous outros alcaydes seus; e que Moley Naçar hera acyma comtra Tedula a meter jemte da Emxouvia nesta Aduquela; e que ele sabe que os Emxouvios sam pasados todos acyma, huns dizem que por lhe dar camynho a Moley Mafamede, outros que a se ajumtarem co dito Moley Naçar. Abry esta carta pera fazer saber a Vosa Alteza quam maa he saber a verdade amtr'esta jemte.

Ho servidor e feytura de V. A., que suas reaes mãos beija.

D. João de Menezes.

Item. Aquy ficam aimda aguora muytos dos fidalgos do Duque, porque a embarquaçam heera ja dada per ele aduzemtos e novemta de cavalo, d'eses lavradores e

omeis mais baixos que co ele vieram e asy com alguns de fidalguos, a que ele deu lecemça per mamdado de Vosa Alteza. E creyo que d'esté ferro se hiram perto de quynhemtos de cavalo e outros tamtos piaeis afora os marynheiros. Quamdo se for a outra jemte do Duque, que fica, parece-me que se poderá mail comprir o que Vosa Alteza mamda, de me ajumtar corn Nuno Fernamdez. O que me a hiso rrespomdeo, Duarte Rodriguez o leva. Nem sey pera que Vosa Alteza me mamda ficar aquy corn jemte que nam pode fazer nada, emquamto a Emxouvia se tamto hafastar que aguora lavra de Tegeste pera cyma, que sam dezoito leguoas d'aquy, e eu nam tenho que fazer senam guardar os muros alheios, emquamto hy ha algum perigo. E despois da obra acabada e a cydade segura e os Emxouvios camsados de se guardarem, vira tempo de se fazerem algüas cousas, o quall lograra Ruy Barreto ou quem vier, e eu ficarey por omem que o nam sabia fazer, quamdo qua estava. E quem ha de lograr o proveito d'emtam devra de lograr o trabalho d'aguora, e Vosa Alteza aver por bem que eu me fora, pois se foy a jemte corn que aguora poderá servir e aproveitar.

Carta de D. Manuel a D. João de Meneses, em 5 de Janeiro de 1514

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 14, Nº 50.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. LXXXVII, pp. 477-479.

Dom Joham amiguo, nos el Rei vos emviamos muyto saudar. Despois de teermos despachado Duarte Rrodriguez, noso moço da câmara, e ser de nos partydo, ouveemos hüua carta vosa, que nos trouxe o Guerreiro, noso moço d'estribeira, pella qual nos fezestes saber a geemte de cavallo e asy de pee que avia neesa cidade. E, porque, pello dito Duarte Rodriguez, vos mamdavamos detryminaçam da geemte de cavalo e de pee que aviamos por noso serviço que vos ficase de garniçam, parece-nos necesareo, veemdo agora esta vosa carta, vos darmos outra, e he a seguinte, a saber: que, da geemte de cavallo se veenha todavya toda a do Duque, meu sobrinho, como vol-lo teemos esprito, e que toda a outra que mais ficou vos fique, salvo aquelles a que teemos dado lugar que se veenham e que vyrdes por nosas cartas que mamdamos vyr, porque, na geemte de cavallo, nam vos podeemos dar mais certa detryminaçam. E a eses fydallguos e cavalleiros e criados nosos dizee, de nosa parte, que lhe emcomendamos

muyto que folguem de nos ainda ficar servymdo com aquelas booas vomtades com que sabeemos que o fazeem, e que lh'o gradeceremos muyto, e que, prazeemdo a Deos, seera por pouco tempo, e que, aimda que muyto tenham trabalhado, o sofram aimda por mais allguum pouco teempo, por nos mais servirem, e que ho façam asy beem como d'elles confiamos.

C Da geemte de pee aveemos por bem que se veenha toda a que aimda laa estever do Duque; e, pêra vos ficar de geente de solido, aveemos por bem que sejam myl homens, dos quaaes sejam duzemtos beesteiros e cem espimgardeiros, e os mais pêra comprymento dos ditos mil homens de solido sejam o mais autos e mais abilles. E, por esta comta, fazemos fumdamento, levamdo os de cavallo, em seiscemtos de cavallo ao meenos, e dos seus homens de pee trezemtos asy ao menos, e mill homens de solido, que vos ficaram mill e novecentos homens ao menos, nam comtando pedreiros nem bombardeiros neem os moradores da cidade, que ainda nestes avera booa soma. E parece-nos que he asaz geente pêra ficar e asy pêra a garda da cidade, como pêra o que, prazeemdo a Deos, ouverdes de fazer na gueerra; e mais, porque esperamos que muy em breve vos façaes seguros e fortes, asy no castello como no atalho que mamdamos que se faça, e tanbeem porque nos parece que Molley Mafamede nam vyraa demandar Azamor, ainda que tanto vol-lo afyrmem; e, se vyer, esperamos em Noso Senhor que ache em vos o que sempre acharam.

E, acerqua da geemte que vos aja de ficar, esta he nosa detryminaçam, a quai vos emcomendamos e mamdamos que ymteiramente gardées. E, toda a outra mais geente de pee que sobejar, espedy e emviay de laa, mamdando-lhe la pagar o que lhe for devido de seus soldos, e despachay primeiro os Castelhanos como vollo spreveemos.

Sprito em Almeirym a b dias de janeiro, o secretario a fez, 1514.

Reposta a D. Joham de Meneses sobre a gente que lhe ha de ficar.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel,
em 15 de Fevereiro de 1514

B.N.P., Ms 7638, Nº 64, fl. 123.

Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. LXXXVIII, pp. 480-481.

Carta que foy dada a el rey Dom Manuel, de Nuno Fernandez de Taide, capitão de Çafim, de hüa cavalgada que fez.

A hüa segunda feira, vinte sete de fevereiro de quinhentos e quatorze escreveo Nuno Fernandez de Taide a el Rey noso senhor que ele dera licença a Don Afonso seu genro pêra fazer algüa cavalgada.

Eu dey licença a D. Affonsso, meu genrro, para fazer algüa cavalgada contra os Mouros. Saio d'esta cidade con trezentas lanças nossas e mil d'estes Mouros de pazes. Entrou vinte e seis legoas de través de Marrocos, ao pee dos montes Claros. Deu em huns aduares de Mouros, que se hião ajuntar com o Xarife. Prouve a Nosso Senhor de os favoresser. Matarão quinhentas e sessenta almas e cativarão quatrocentas e vinte, as quais trouxerão a esta cidade, e dez mil cabeças de gado meudo e seis mil de vacuum e quinhentos camelos e seisentos asnos e sesenta cavalos e sete egoas. Morreo na briga hum morador e ferirão treze. Escrevo a V. A. esta nova para que lhe lance muitas bençois por este feito.

Nosso Senhor acressente a vida e real estado de V. A.

E no dito dia lhe foy dada ao dito Senhor outra carta de Don João de Meneses, capitão d'Azamor.

Carta de D. João de Meneses a D. Manuel,
em Fevereiro de 1514

B.N.P., Ms 7638, Nº 65.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Tomo I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. LXXXIX, pp. 482-484.

Por não estarmos ociossos, cavalgamos Ruy Barreto e eu com novecentas lanças e mil piães e entramos ao lomguo do rio com escalas contra duas villas cercadas que estão onze leguoas d'esta çidade e aas oito oras do dia demos na primeira, por nome Beurugez, em que avia três cercas e quatrocentos homens de peleja, e vivem sob a bamdeira d' el rei de Feez, e muito soberbos por a fortaleza da villa. Forão logo combatidos pellos de cavallo, porque os piães não poderão tanto andar. A primeira porta foy emtrada por força e os Mouros recolhidos a outra çerqua: os nossos emtrarão de volta com elles, os quaes pelejando os fezerão fogir por outra porta contra o rio, e a nado se salvarão muitos con molheres e filhos, e outros se afogarão. E era piedade ver morer molheres e meninos.

Emquanto se isto passava, alguns dos nosos até çimcoenta de cavallo se forão mais adiamte contra outra villa que estava logo açerqua, por nome Tanfut. E em chegando a ella, acharão os Mouros tam quebrados pola tomada da outra que setn nenhûa resistencia a entrarão e tomarão e matarão très Mouros e outros se salvarão a nado. E assi forão estas duas villas tomadas em espaço de três oras, e mortos noventa e quatro, e cento e noventa cativos e grande despojo; e com esta vittorea se tornarão a Zamor.

Carta de D. João de Meneses a D. Manuel,
em 18 de Fevereiro de 1514

A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 422.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XC, pp. 485-488.

A el Rey noso senhor.

De Dom Joham de Meneses.

Senhor, Per Mouros de Bulahaam, soube que dous lugares acyma d'estes que se aguora tomaram, hos quaeis se chamam hum Tejeste, que hee demtro na Emxouvia, e o outro Çeita, que hee d'esta parte do rryo, vynham a pedir paz; e asy a queriam pedir os mesmos lugares que se aguora tomaram e tornar-se a povorar; e hiso mesmo que Audellnunar, com muyta parte de Çeneta, lhe vieram dizer que, se Moley Mafamede loguo nam vinha, que se queryam fazer de paz.

E hiso mesmo m'escreveeo Amaco, que he o principall d'Allfemiz, que todos os Emxouvios principaeis vieram a falar co ele e a lhe dizer que queriam ser de pazes, e que outro tamto foram falar com Alexymãao. O quall veyo aquy e nam me deu tall rrecado, amte me dise que os Emxouvios hiam pêra sobre Çalee, pêra se comeertar ou descomeertar com Moley Mafamede, e, segumdo de laa viesem, asy o fariam comygo. Mas eu, Senhor, tenho neste caso a famtesia mai imcrynada a cuydar que aquy, nesta cydade, o emsynam a temporizar comygo fazendo comta que, depões de mynha hida, se fará nas pazes o que se nam faz aguora. E, pera ornais afirmar, a noite que aquy cheguou, esteve duas oras soo com hum Judeu e co a parte domde eu cuydo que histo vem ; e, ao outro dia, falou comigo bem desviado do que diz esa carta que laa mamdo a Vosa Alteza e mesturamdo novas de novo da vymda de Moley Mafamede e outras muytas cousas que verdadeiramente eu cuydo que aquy lhas emsynam.

E, por avitar histo, eu ouvera por voso serviço partir-me, seja pudera fazer; mas os navios nam acabam de vir, nem o castelo esta como Vosa Alteza cuyda, nem estará per todo este mes que vem. Porem eu, Senhor, estou pera me hir com os primeiros, se algum trato dos em que estava com Nuno Fernandez me nam detiver, ou algüa cousa muyto de voso serviço; e nenhüa d'elas nam creio que me tolhera a partida em fim d'esté mes ata dez do outro, co ajuda de Noso Senhor.

E nam deixarey por hiso de trabalhar por mamdar algüas novas a Vosa Alteza demtro neste tempo de muyto serviço de Deos e seu. Porque Duarte Rodriguez dará

todas estas comtas, deixo de as por aquy mais mehudamente (escrever) a Vosa Alteza, cuja vyda e reall estado Noso Senhor acrecemte.

D'esta cydade, oje xbiij de fevereiro.

E se nam tenho feito ataguora em Marrocos ou em Xyatyma algüa cousa de muyto voso serviço, he porque Nuno Fernandez nam quis, mas a mym me parece que se podia muy bem fazer. E muytas vezes lho tenho escryto, e sempre m'o desviou com rezoeis que ja aguora confesa o contrairo d'elas. E oje me deram hüa carta sua, que lhe mamdase até oitemta lamças pera emtrarem Xiatyma comtra o Xerife; e laa hera outra mynha em que lhe fazia saber que, ata quarta feira que vem, que seram xxij d'esté mes, parteria d'aquy camynho d'Almedyna, pera nos ajumtarmos a fazer em Marrocos ou em Xiatyma o que nos parecese serviço de Deos e de Vosa Alteza.
Nam sey o que me rrespomdera; mas a mym certo, Senhor, me parece que sumos senhores do campo per omdequer que quysermos amdar. E, o emcomvinyemte que ele punha de se nam fiar dos Mouros das pazes, ja confesa que he muy pequeno, mostrando que nesta hida de seu jemrro a os esprementou, a quall espiriencia fora escusada ha muytos dias, se eu fora crido.

Aquy senhor, até agora nam he chegada embarcaçam pera trezemtas lamças nem pera duzemtas e cymquoemta, de maneira que eu nam poso deixar a Ruy Barreto menos de setecemtos ou oitocemtos cavalos; e creyo que os mais d'eles ficaram sem donos, per que todas estas pesoas homrradas, ou as mais d'elas, estam por que meu nam vou.

Ho servidor e feytura de V. A., que suas mãos beiga.

Dom Joam de Menezes.

Carta de Rui Barreto a D. Manuel I,

em 21 de Fevereiro de 1514

A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 114.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Tomo I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XCI, pp. 489-501; Jorge Correia, *Implantação da Cidade Portuguesa no Norte de África*, pp. 492-498.

A el Rey nosso senhor.

Senhor, Estevam Rodriguez Berrio chegou a esta cidade a oyto dias do mes de fevereiro, com recado de Vossa Alteza a Dom Joam que se fosse e que me deixasse trezentas lanças e trezentos besteiros e cem espimgardeiros. E, porque Dom Joam dizia que Vosa Alteza lhe espreve que esta jente me leixe, depois de toda ser despidida, fazendo fundamento d'estar atee derradeira embarquaçarn, e mais que ho castelo nom era ainda forte que Vossa Alteza o mandava a ese, fazendo fundamento que estava jaa acabado, de que me muyto espantey, porque atee este rrecado de Vossa Alteza nunqua me dezia ssenam que sse avia d'ir loguo, porque nom era qua necesario e que asy o pedia a Vossa Alteza em suas cartas. E mais, com ssuas doenças, nom estava em disposyçam pêra fazer nada, como de feito numqua sse com esta jente bolio atee hüua legoa da cidade, ssenam agora que fomos dar n'huas aldeãs, como elle a Vossa Alteza esprevera mais largamente; e nom ssey sse diraa, sse eu nom fora, que de très legoas o quiseram fazer correr a ellas, duas oras ante soll posto, ssem saberem onde eram. Deos me nam faça bem, se a jente ssoltaram d'aquela maneira, sse ao outro dia poderam achar a meetade d'ela: onde algüas pessoas lhe diseram que eu lhe dizia aquilo por elle perder aquela honrra; e ainda que lhe isto digam e outras cousas muitas, quando se ele acha nestes tenpos, numqua põoe pedra em nada ssenam por meu parecer. Aquela tarde, depois de per meu conselho elle nom soltar a jente, preguntou que me parecia. Eu lhe disse que, pois jaa hy estávamos e nam éramos sentidos e as aldeãs nom podiam ser ssenam muy acerqua, como saisse a luua, mandase velas, e sse nam fossemos sentidos, como de rrezam ho parecia, nom podíamos leixar de as tomar anbas, e que eu tomaria carreguo d'aquilo em que parecesse que mais podia aproveitar naquele feito. Ficamos nisso; como saio a luua, levantamo-nos, começamos d'andar. Pedi-me que tomasse carrego da jente toda, porque elle nom tem condiçam pêra mamdar vinte de cavalo. O que eu fiz por sse nom hyr tudo a perder mais que por folgar de tomar aquele carrego, porque jente d'outrem e de tanta pressunçam como esta nom sse pode mandar ssem

muytas paixõoes, como Vosa Alteza ho pode preguntar. A quall jente eu tive elevey em tanto concerto que por nossa parte nom falleceo hüa palha por fazer, nam tam ssoomente teelas condiçõoes e pressunçõoes d'esta jente era necesario Vossa Alteza ser pressente, mas ainda porque Joam da Silva avia de correr diante. Hiam todos tam alvoraçados a quem hiria primeiro, que nom avia hy rremedio de os poder teer, que me foy necesario nesta pressa asacar a Aires Telez e a Dom Bernaldo e a Dom Francisco que hos chamava Dom Joam laa diante, e, como estes foram fora da sua jente, pedy a Joam da Sylva e ao capitam da Ilha e a Dom Garcia que ajudassem a teer a jente e asy ative. Deran-sse na dianteira tanto a vagar por onde chegamos a oras e em tam maao concerto que sse foram os Mouros. Ssoomente tomamos duzentas e sassenta almas, com que me nam pessou, porque melhor estaram aquelas aldeãs depaazes e pagaram trebuto a Vosa Alteza que destruidas.

Da tornada, Senhor, que tornamos, faley a Dom Joam, pressente Joam Ssoarez que lhe pedia que holhasse bem quam pouca necessydade avia d'ele aquy estar, e quamtas perdas rrecebia esta cidade, e quam pouco era serviço de Vossa Alteza dous capitâaes nhüa parede; que bem sabia que sse quisesse catar rrazõoes pêra estar aquy, nam dizia elle; mas eu, que sabia bem pouco, sse quisesse catar achaques e dar-lhe entendimentos as cartas de Vosa Alteza, nenhüa cousa poode vir tam decrarada que lhe nom achem rrezõoes pêra o que homem quiser fazer; e que eu nom lhe achava nenhüa pêra sse elle nom hyr, ssenam nom abastar minha pessoa pêra ficar em guarda d'esta cidade antes de ficar este castelo de todo forte; pois despidia a jente, em ssua pessoa ssoo parecia que estava a nosa necessydade; que lhe pedia por mercee que holhasse bem tudo, porque elle bem sabia que eu era homem que abastaria pêra outro maior carreguo qu'este, porque milhor seria hyr elle nesta primeira embarquaçam pêra Vosa Alteza, por elle saber as cousas d'esta cidade e se ssera vosso serviço leixar mais jente nela em quanto a Enxovia sse nom detrimina, o que Vossa Alteza nom poderá fazer, ss' ele levar a jente toda diante ssobre sua ida.

Pasamos muitas praticas, sendo Joam Ssoarez a isto pressente, que pêra isto chamey. A que me rrespondeo que lhe parecia rrezam tudo ho que eu dizia e que asy ho queria fazer. Faço saber a Vossa Alteza como isto passa. Nom ssey sse em suas cartas dará outro jeito pêra que fure isto per outra parte. Vosa Alteza aja por certo que eu ey jaa de sofrer tudo o que me Dom Joam fizer e tudo o que me, Senhor, quiserdes fazer, pois a isso me despus. Certefico a Vossa Alteza que, por nenhuum bem do mundo, o fizera nem o quisera ter feito, sse nom fora ver o Duque doente partir-sse e Dom Joam

dizer que, sse lhe nom deixavam o carreguo tam inteiro como ho Duque, que sse hyria. Deixo isto, Senhor, pêra em algum tempo lhe eu dizer quanto nisto vos servy, e que neste trato sam pasadas cousas que as lagrimas apunhadas me tem saltado pelos holhos muitas vezes.

Ssoomente quero falar na maneira de que a terra estaa, pêra que Vosa Alteza ssaiba ho que compre a sseu serviço e d'ahy avamte mamde o que lhe parecer. A Enxouvia, Senhor, me parece que sse faraa depaazes, ainda que nom queira; laa sabem ter ssuas maneiras que lhe fundem mais do que he rrezam, por hum pouco nos avermos com elles mais cortesmente do que a nossa força demanda. Jente estamos aquy pêra, bem mandada e bem hordenada, hyrmos a Çalee; e, asy como estaa, Deos me nam faça bem sse he pêra cometer com ela cousa que antes nom cometesse com quatrocentas lanças concertadas como ham de ser. Esta culpa he de Vossa Alteza, porque Dom Joam nom negua que nom tem condiçam pêra mandar jente pêra outras cousas. He o mais espiciall homem que ha no mundo, e outros, que nam sam pêra o que elle he, sseram pêra isto. Certo, Senhor, esta jente hyra a Marrocos, como elle diz que quer fazer, mas pêra isso he necesario mandar Vossa Alteza de la quem a mande e a governe, porque certefico a Vosa Alteza que aquele pedaço de tempo que aly teve carreguo de a levar, eu vy bem que a culpa de nom sserem hordenados nom he neles. Isto diguo, nom deixamdo de me lenbrar que Vosa Alteza poderá cuidar que parte d'esté parecer meu me fara meu descontentamento de ssua estada aquy. Nom olhe Vosa Alteza a isso; pregunte que homens tendes qua que vos diram a verdade.

Quanto, Senhor, as nosas paazes, as arrafeens que tem dadas sam filhos d'omens baixos e nenhúa domem principall, pagadas por ovelhas e vacas a seus paays. Fez-sse asy na primeira, por hüa vez começarem de gostar de nos e nom fazerem de ssy outros partidos que nom fosem vosso serviço que estem huum pouco mail inssynados, e mingoa d'alguum pequeno de castiguo, por nom quererem guardar ho que comiguo e corn Pero Gorrea asentaram. Estam porem tam meus amiguos todos estes xeques que creo que, toda cousa que por vosso serviço lhe mandar, a faram, se a força d'aquy nom for tam pouca que hos faça mudar em outra maneira. Por isso, nom deve Vossa Alteza d'apertar tanto a mãao na jente por huuns dias, porque Çafim tem quatrocentas lamças e parece-lhe que estaa ssoo, tendo-nos diante. Tomara Vosa Alteza Çalee e nom averes qua mester nenhüa jente. Pois isto ha de ser por poucos dias, nom aja Vossa Alteza por mall gastado ho que aquy for necesario. Agora eu ey por certo que, sse Vossa Alteza visse esta terra, que huum ssoo dia que estivesse em Lixboa e em Portugall averia por

mall gastado; quanto mais, pela ssegurar e asentar, alargar mais algüa cousa, que nom pareça que ficamos horfãaaos, porque, tirando os olhos de duas mill lanças e em tanta jente de pee, como agora aquy esteve, que pareceram trezentas lanças!

Azamor, Senhor, nom he o que nos parecya, porque em ssua tomada sse descobrio ei rrey de Fez nom poder viver; porque, tomando Çalee, ficara esta jente toda, asy a Enxoviia como istoutra, pêra com ella e muy pouca da nossa Vosa Alteza mandar a Fez se quiser. Marrocos, que pode fazer de ssy, ssenam estar a ordenança de Vosa Alteza?

Os trebutos que agora pagam nom vem a conto, porque sseram aqueles que lhe Vosa Alteza hordenar, pois a jente he tanta que ssoo hüa alheela d'Oley de Farax, que he a mais pequena que a nesta terra, he mais pêra ver que Lisboa, quando a cafila d'eles vem com lenha pêra os fornos de call.

Nam tomando Vossa Alteza Çalee, as cousas de ssua vinda parecem moodos pêra deteer a Enxoviia e alvoraçar estes nossos Alarves, como de feito faz. Porem esta bulrra nom pode muito durar; e porem, quanto ella asy anda, nom deve Vosa Alteza d'aver por mall enpregado algum mais gasto do que parecera necesario a quem nom vee as cousas de qua; porque tall mercadaria com esta deve-sse ssenpre de ssegurar.

Eu creo, Senhor, sse Vossa Alteza visse o que qua tem, que teeria d'isso tanto gosto e contentamento que ho quereria antes soster com hüa capa de pardo, que com todolos brocados do mundo tirar hum ponto do que qua conpre, em casso que isto nom fosse mais que por serviço de Deos e por honrra; quanto mais que, sse isto for granjeado, como ha de ser, eu nom ssey nenhüa coussa no mundo que posa vir a ser de mais proveito que o d'esta terra, depois que for asentada, como de rrezam nom poode leixar de ser. Aquy, Senhor, nom avees de teer gastos de jente que vos ajam qua de matar nem cativar, antes esta terra ha de fazer muitos ricos e o reino muito abastado. E nom duvidarey, antes de pouco tenpo, sse a Vosa Alteza conprir, tirardes d'aquy com os capitãaes d'estes lugares dous mill de cavalo mouros e mais, pêra vos irem laa servir, sse conprir, e os mais valentes homens e despachados e guerreiros que sse poderam achar. Os quaes sam estes d'esta Duquela, o que pêra os outros lugares d'alem he pelo contrairo, que vos ssera entam necesario mandardes a elles jente e mantimento, com que estes entam acudiram a vosos reinos. Pêra quem sse d'isto espera, devem de ssegurar ssua mercadaria e nam estar Vossa Alteza apertando em mais quatro homens, por quatro dias em que estas cousas todas sse decrararam e acabaram d'asentar estas paazes e as

cousas d'esta terra. Sse a Vosa Alteza lhe parecer d'outra maneira, depois de lhe dizer meu parecer, farey o que mais ouver por seu serviço.

C Quanto a Vosa Alteza mandar hyr todalas sseis bonbardas grossas e toda outra muniçam, ainda que Vosa Alteza digua porquanto a forteleza jaa ssera forte, ainda que ho ela nam sseja, bem me parece que podemos escussar très d'elas, as quaes vam com todas as outras cousas que Vosa Alteza manda, tirando algüa mais pólvora que pareceo necesaria ao Condestabre pêra estas bonbardas grosas que ficam. Sse per ventura Vosa Alteza quiser que sse vam depois da cidade forte, sseraa mais no verãao e iram mais sseguras, ainda que eu nom ssey como Vosa Alteza quererá tirar de huum baluarte que se faz no canto do castelo da parte de dentro da cidade muy grande e muy fremosso, a que chamam Sam Cristovam, hum par de bonbardas grosas; e ao canto onde o muro da cidade vem entestar, onde foy o conbate, se faz outro, a que chamam o baluarte do Rayo (onde veio cair huum rayo de foguo do ceeo, o dya que conbatemos pela menhãa cedo, que verdadeyramente nunqua vy maior milagre, e em memória d'isto lhe pus este nome), também muy fremosso, que, com outras duas bonbardas grosas d'aly, aja Vosa Alteza por certo que em toda a cidade nom poderá entrar nenhüa jente com estes dous baluartes, ainda que lbe abram as portas da cidade. E tanto necesario me parecem, que ho capitam que aquy estiveras deve de pagar porás nom tirarem d'aquy; pois, pêra as verem jente estranjeira, nom sey tracenas em que milhor posam estar, pois, guardadas onde as cousas servem, aly as estimam mais.

C Quanto he esprever a Vossa Alteza por meudo as cousas que Estevam Rodriguez leva, a Nuno Gato, que ho entregua, dey carrego de ho fazer.

C Quanto aos cristãaos novos que Vosa Alteza nom ha por seu serviço viverem qua, eu nom tinha mais nesta cidade por vizinhos que atee dez cristãaos novos, a saber: huum cerieiro e huum tentureiro e dous alfaiates e huum tosador e huum sserralheiro; e este nom he cristãao novo n'arte nem no coraçam, que ho conheço, que hee de Laguos. Os outros sam mercadores, aos quaes nom dey ssenam chãaos pêra fazerem cassas e dous ou três pardieiros; alguns d'eles tem ssuas cassas feitas. Nom me parece que podemos escusar hoficiaaes d'estes hoficios, que nom temos cristãaos velhos pêra estes, deve Vosa Alteza de dar lugar, e mais d'eles foram na tomada d'esta cidade e ficaram loguo aquy. Sse Vosa Alteza ha por que lhe parece que nom seram qua tam boons cristãaos por respeito dos Judeus, onde eu estiver, aja Vosa Alteza por certo que o ham de parecer mais que llaa, onde nom olhara ningem por elles. Sse he pela rraçam estarem fora de la, sse Vosa Alteza mandar, nom nos mandey logo, Senhor, que he inverno e

tem qua ssuas molheres e mais nom hay enbarquaçam pêra jente que Vosa Alteza manda hyr. Veja Vosa Alteza sse ha por bem que fiquem e estes hofyciaaes, como diguo, e os mercadores hyr-sse-am, que hy a cristãaos que traatem, e hoficiaes nom nos temos.

C Quanto aos três moesteiros que Vosa Alteza quer que sse façam nesta cidade, far-sse-a como Vosa Alteza manda, mas eu nom sey como poderá ser, Senhor, ssenam meteren-sse de cada hordem nuas cassas huum golpe de frades pêra andarem toda a noyte pela vila, como agora fazem estes poucos que qua estam; e estes sseram aqueles que em Portugall nom podem estar em ordem. Cassas pêra igreja nom ha nenhüas, em feiçam que nom aja mester gastar-sse muito dinheiro nelas. As esmolas de qua sam muy poucas, pois pêra Vosa Alteza gastar dinheiro nisso, nom me parece cousa que tanto cumpra, principallmente nestas partes, onde o sseu maior os nunqua vee pêra correger ssuas dessordes e desconcertos. Pois os capitãaes tem tanto que fazer, que lhe nom deve Vosa Alteza dar trabalho d'entender neles. Parrece-me que nom avera mester nesta cidade outra gerra, ssenam a que eles faram. E mais as cassas em que pousa Dom Francisco, que estavam hordenadas pêra huum moesteiro, manda-as Vossalteza agora tomar per alfandegua; e eu tinh'as dadas a Nuno Gato per carta, sse nam ouvessem de ser moesteiro, estando aquy quatro annos primeiro, porque com esta condiçam dou as cassas. Veja Vosa Alteza bem ssobre estes moesteiros, sse sse ham de fazer todos três, e mande dar maneira de como sse façam, pêra os fraades andarem soltos pela cidade, ssem cousa azada em que sse rrecolham, sseraa hüua desordem muy gramde. Depois da cidade ser atalhada ou aver de ficar toda como Vosa Alteza ordenar, e depois de tudo asentado, entam devia Vosa Alteza ordenar os moesteiros, ssegundo a jente nela vivesse. Decraradamente me mande Vosalteza dizer o que ha por serviço de Deos e vosso neste casso, porque a minha tençam era huum moesteiro de Santo Agostinho, pois he naturall d'esta terra, laa perto d'alcaçova, n'üa mezquita que hy estaa; e isto abastava com a see. Ssera necesario, sse hy ouver tantos moesteiros, nom ser tan bem provida, e ela he hüa peça muy to espiciall e tem necessydade de corregimento de muytas cousas. Por enxempro, Senhor, teemos que a cera ssobeja queima a igreja.

C Quanto as cassas que Vosa Alteza manda que sse façam no castelo, sse me parecer bem, ssera muy bom fazerem-sse; mas ainda ningem no cometer quera hy fazer nada, ssenam Dioguo d'Arruda, que me disse que queria hy tomar huum chãao pêra fazer hüas cassas. Poderam dentro, Senhor, viver trinta moradores, depois do castelo acabado ; que antes d'ysso nom sse poderá fazer. Darey chãaos aos que quiserem fazer

hobra dentro, ainda que nisto nom sse devia de fazer nada, atee Vosa Alteza nom detriminar o atalho ou de que maneira esta cidade ha de ficar. Como as cousas sse nam fazem por ordem, hüas apoias outras, de muitas se arrepende o que as faz d'outra maneira.

C Senhor, quanto aos celeiros e cassa d'artelharia que Vosa Alteza manda fazer no castelo, jaa hos teemos Nuno Gato e Dioguo d'Arruda e Francesco d'Arruda e eu asynados onde ham de ser; e a grandura mostrey-o a Dom Joam e Joam Ssoarez e pareçeo-lhe que estavam aly bem. Mande Vosa Alteza loguo vir telha e madeira, porque oje xx dias do mes, sse põoe foguo a huum forno muy grande que fizemos; d aquy avante me parece que avera hy call, efar-sse-ha prestesmente toda cousa. As cassas do Capitam nom mandou Vossa Alteza rrecado pêra sse fazerem; ainda que sse nam façam loguo, ssenam pêra rrecolher no castelo cousas necesarias pêra sse comprir, sse deviam loguo fazer, porque o castelo he ermo, ssem nenhüa cousa, ssenam hüas cassas que hy estavam descubertas, pêra sse rrecolher fazenda de Vossa Alteza. Nuno Gato e Dioguo d'Arruda esprevem a Vosa Alteza a grandura dos celeiros e ho que he necesario pêra elles.

C Quanto a Vossa Alteza mandar dar ssaca a todos os que quyserem levar triguo, pagando vossos direitos, nom me pareceo vosso serviço, nem Vosa Alteza nom deve de dar licença a nyngem, porque Almedina e Tite e todas estas vilas e aldeãs derredor com nossa chegada foram dessemparadas, as quaes todas foram roubadas e do que lhe ficou pagaram sseus trebutos. E, com alvoroços d'el rey de Feez, que nunqua cessa d'isso, nom lavraram ssenam muito tarde e pouco. Achamos as ssuas ssementeiras agora, por onde fomos a estas aldeãs, o pãao tamanino e com tanta erva que me pareceo que nom ha de prestar pêra nada, ainda que eles o principal adobio que dam ao pãao he mondar o menos até homem ver os sseus pãaes onde sse põoe. Nom deve Vosa Alteza neste lugar dar ssaca, e eu por este rrespeito tenho mãao nela, atee Vosa Alteza me mandar o que faça.

C Quanto ao castelo de Mazagam, que Vosa Alteza manda que sse ponha logo mãao nele, acabando-sse o castelo d'alcaçava, eu certefico a Vosa Alteza que nom digo isto por nenhum rrespeito, ssenam por me parecer asy vosso serviço, e asy he o parecer de quantos homens ho qua praticam; nom ssey como laa dizem outra cousa. Vosa Alteza nom devia de mandar alevantar mãao das obras d'esta cidade atee a pôr naquela força e ssegurança que he neçesaria e d'aquy atee laa olhar-sse-ha bem a obra de Mazagam quam necesaria he e onde sse fará, porque, pêra ssegurança d'esta terra,

Azamor seguro e forte, d'aquy pêra Çafim nom hay empedimento, ainda que a Enxovia sse nom fizesse de paaz, quanto mais que de rrezam nom pode leixar de a fazer, salvo sse ficar esta cidade com tam pouca jente que de todo lhe percam a vergonha. Pois, pêra carrega de trigo, em que parte pode ser no mundo milhor que aquy? Carregam os navios a porta do castelo em sseco ssem lhe roerem amarra nem nenhüa outra opresam, pois a barra nenhüa he milhor pêra mercadores e homens que agardam tempo. A call fa-sse-a a grande presa e quanta poder ser, que ssera quanta quiser, como Vosa Alteza manda.

C As moradias que Vosa Alteza diz que qua mandara pagar aos cortesãaos, e asy quallquer outro ordenado que tiverem, mande Vosa Alteza loguo rrecado disso, porque os mais d'eles nom tem mais de que viver que da merçe que lhe Vosa Alteza faz. D'estes Mouros, Senhor, que sse tomaram nestas aldeãs, tomou Dom Joam ho quinto e laa teve ssuas maneiras atee gora em muitas cousas que podia fazer que os moradores nom sse assentassem por moradores, por eu ter pouca jente, asy pêra vos servir com ella, como pêra os quintos, porque diz que Vosa Alteza lhe manda que eu nom levasse quintos ssenam dos moradores asentados. D'isto e d'outras cousas me ouvira Vosa Alteza com elle e me fará justiça, porque nunqua comiguo fala nenhüa cousa, nem de guerra nem de paaz, ssenam quando tem neçessydade de mym; e quando a tem, a mim ss'encomenda, como agora eu levey o trabalho de todo e elle rrecolheo o quinto; e de trinta e sseis almas escolhydas que ouve, como por me fazer merçe me deu três; as quaes eu nom tomara nem tentara nisso senam fora por me serem necesarias pêra me ficarem pêra algüas cousas que conprem pêra guerra e paz desta cidade. E pêra Vosa Alteza ver quanto proveyto sse fizera com esta jente, sse sse com ela bolira e sse trilhara a terra como sse bem poderá fazer, esta ssoo vez que fomos fora, loguo os Mouros começaram a vir com mill tratos de paazes que nom ssoiam, pois as nam fizeram por guerra, nam nas ham de fazer jaa, ssenam depois de nos verem aquy estar fortes, e que per tempo pagaram, ainda que ajentesseja pouca, o que nam pagaram agora com ela muyta. E este rreçeo ey por certo que os faraa aver ssysso pêra virem a o que he vosso serviço.
D'Azamor aos xxj dias do mes de fevereiro. Beyyo as mãos de Vosa Alteza.

Ruy Bareto.

Carta de Rui Barreto ao rei D. Manuel,
em 10 de Março de 1514

A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 8.
Documento publicado in *Les* Sources inedites de l´Histoire du Maroc, Tomo I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XCII, pp. 502-503.

A el Rey noso senhor.

… grandes despessas. Depois de ter esta esprita, aguardey dous dias sem partir o navio por esperar reposta de D. Joam de três ou quatro rrecados que lhe tenho mandados des que sse d'aquy foy, dos quaes o primeiro devera aquy de ser o(n)tem oyto dias do mes de março pêra mandar a Vosa Alteza certo do que laa antre eles passa, e Dom Joam tem parece tam pouco cuydado de m'avissar do que sseria bem necesario, que despois d'esta carta ssua que a Vosa Alteza mando, que m escreveo d' Almedina, que me foy dada quarta feyra primeiro de março, numqua mais ssoube d'ele nem de Nuno Fernandez nenhum recado certo, ssenam o(n)tem que me mandaram os xeques de Tite huum Mouro com esta carta que a Vossa Alteza mando, em que veraa como dos nossos Alarves devemos d'estar confiados se ei rey de Fez vier com pontes que dizem que traz pêra o rio, num lugar que dizem que he muy estreito, do quall lhe levaram as medidas Mouros de Targa, dos quaes me diseram o nome d'uum d'eles que sse chama Ale Benamacor e que lhe dera ei rrey de Fez cinquo onças.

Bem creio que sera isto fontes d'aguoa nas mantas, como nos ja aquy diseram que trazia, porem dous principaes da Emxovia estarem com ele e lhe ter feito mercês e Moley Naçar (estar) em Çalee. Ysto nom aja Vossa Alteza por duvyda e de os Mouros terem por certo aver de vir ssobre esta cidade. E asy dizem que Moley Ziem sse contrata agora com elle, que se quiser dar-lhe no reyno de Fez aquela parte em que elle possa viver, ssenam que se fará vassalo de Vossa Alteza e lhe dará sseus filhos e que Vossa Alteza o metera de posse do sseu.

Estas novas todas sam aquy vimdas muyto certeficadas e tem asy mãao depois de Dom Joam ser d'aquy ido e ssem mais poder aver nova d'ele.

D'Azamor aos ix dias do mes de março.

Beyjo as mãos de Vossa Alteza.

Ruy Barreto.

Carta de Rui Barreto a D. Manuel,
em 14 de Março de 1514

A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 1, Nº 39.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XCIII, pp. 504-511; *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 144-147.

Senhor,

Oje, terça feira xiiij0 dias do mes de março, tinha determinado mandar hüa caravela ao Algarve, pêra a jente que a Vosa Alteza esprivy que mandava chamar que ssocorresse a esta cidade, da parte de Vossa Alteza, sse leixasse estar; e isto, por oje cheguar hüa cafila de Targua com a pagua que sam hobriguados d'esté anno, que creio que por aqui acabam, em que vinha huum criado d'Ale Ximam, em que elle muito confia, o quall me tinha mandado dizer, que mandaria com cousa certa acerqua d'el rrey de Feez, e me disse da sua parte, que ei rrey de Feez era em Çalee e Moley Naçar hüa jornada pêra qua de cinquo ou sseis leguoas, e que este sseu alcaide, que veio com Mafomede Mafomede, vinha aparelhar as nosas paazes, que tivesse maneira como d'elas nom fosse contente, porque nisto estava a pasada d'el rrey de Feez qua, e ainda que d'elle estava avisado por Hamaco, dizendo-me que elle era o que fazia vir el rey de Feez mais que ningem, e que ho veeria a elle em pessoa com mill e quinhentas lanças d'el rrey de Feez, como com ele tinha tratado, antes de sseis dias diante d'esta cidade, e Dom Joam atalhado ao caminho, que nam podesse vir, como a Vosa Alteza tenho esprito; e por também esta tarde me chegarem trinta besteiros e espingardeiros donde Dom Joam estaa, que he pêra Vosa Alteza muito louvar Deos, veer homem vir trinta homens a pee quarenta e cinquo legoas daquy por toda essa terra estando com estes alvoroços; o que me faz a mim alargar a vontade mais huum pedaço, ainda que a muito apertada tenho nas cousas em que tanto vay, como he na guarda de hüa cidade tall como esta, cousa que tanto conpre a serviço de Deos e vosso, porque certeíico a Vosa Alteza que as vidas dos que nela estamos nom estimo em nada a rrespeito d'isto, os quaes me nam trouveram nenhüa nova de Dom Joham mais que leixarem-no em Tedenez de vagar asentando paazes d'aquela serra como a Vossa Alteza tenho esprito, com a jente muy

cansada e mui afadiguada, dormindo todos de volta com esses Alarves nas suas tendas e nos com alcaide d'el rrey de Feez nas nossas paazes alevantando-as e conçertando-as pera contra nos, e Çafim ssem nenhüa jente e nos corn muy pouca, como a Vosa Alteza tenho esprito, e pera o que compre pera estar a boom recado.

E estando neste prepossyto de mandar a Vossa Alteza e assym ao Bispo e a estes fidalguos a que tinha esprito, chegou Içа, hum Mouro que sabe aljemia, que se quer mostrar gram servidor de Vossa Alteza, e alguns Mouros me dizem o contrairo d'elle, ainda que eles sam tam mexiriqueiros e tam bulrrõoes, e tiranos, que todos huuns dos outros sse gabam d'esta maneira. Nas taaes cousas, estando esta cidade como estaa, ey por vosso serviço, pera guarda d'ela, e pera sse poor todo bom recado avelas ssuas cousas por Evanjelho. Ao quall Yça eu tinha mandado, d'aqui avéra oyto dias, a Bulauam, donde ele he, pera que d'aly me mandasse logo hum Mouro d'estes sseus caçizes dentro ao arraiall d'el rrey de Feez, e me trouvesse nova certa donde estava e do que fazia.

O quall Mouro chegou dominguo xij dias do mes e diz que ei rrey de Fez estava hüa jornada de Çalee e o irmãao sseis legoas pera qua, e que ao arraiall chegou nova que o alcaide d'Alcacere Quibir e de Larache entraram a Tanjere e que Dom Joam o ssoubera em Arzila, e sse fora ajuntar aquella noyte com Dom Duarte, e que ao outro dia pelejaram com elles e os desbarataram em que mataram quarenta e cinquo e cativaram cincoenta e lhe tomaram noventa e cinquo cavalos, e que elles mataram alguns Christãaos e cativaram dous fidalguos, que diziam que dariam por ssy todolos Mouros que aly foram cativos; e que com esta nova el rrey de Fez mandara loguo recado a seu irmãao Moley Naçar que, pela bençam de sseu pay e pelo leite que mamara de ssua may, nam passasse d'aly hüa ssoo pasada, e que assy ficava ao tempo que elle partio, e corn mais de très mill camelos mortos d'estas agoas pasadas, que diz que foy laa cousa de nom crer, com valer o trigo antre eles a dous mill reis ho moio, o quall lhe levavam de qua desta parte.

Antes d'esta nova, era partido este alcaide, que aquy teemos nove legoas de nos, nas tendas e aduares de Mafomede Mafomede, que tem feito todas estas revoltas, que, sse eu aquy tivera as trezentas lanças que Vossa Alteza me mandava ficar, poderá ser que pagarem ele e o alcaide estas malfeitorias e as pasadas, porque per as taaes couzas loguo he per aventurar hüa noyte, e nam tantas quarenta e cinquo legooas d'aquy, a fazer sserras de paazes nom dando as nossas por nos nada, estando na meetade do canpo em coviis.

Este Içа me contou do que dixera em Bulauam ao Alcaide e que o preguntasse e acharia que era asy, que sse espantava muito dele fiar-sse el rrey de Feez em palavras d'Alarves, que nam eram tudo ssenam bulrras os quaes nunqua estavam nua coussa que sse tornasse, que tudo eram mentiras, e outras muitas cousas, que lhe eu jaa todas creo: e com estaar atee meio dia da parte d'aalem ssem ho quererem passar, por antre eles aver ssobrisso debaates, e com nom no virem rreceber d'estoutra parte muitos dos nossos Alarves, e eles nom quererem teer ssua tenda dentro em Bulauam, nem nenhum dos principaaes o querer agassalhar, ssoomente huns parentes d'esté Mafomede Mafomede, diz que hya muy descontente.

E mais diz que Algoromate, o quall he d'Oley d'Anbram, d'estes de Mafomede Mafomede, e he a parenteira d'ele, disera que era servidor de Vossa Alteza e que, quando visse el rrey de Fez em pessoa, entam o serviria ou sse arradaria d'ele; ssua determinação nom avia de dizer a hum alcaide com trinta lanças, e que nisto estavam muitos xeques dos nossos, que naquela parte d'al Hemiz estam juntos, estam d'aquy oyto ou nove legoas.

Tenho esprito alguns d'eles que compre a serviço de Vossa Alteza e a seus proveitos virem falar comiguo loguo, pêra ver sse tratarey com elles algüa cousa por dinheiro, por jeito que sseja vosso serviço, porque a força nom quis Vosa Alteza que a tivesse, nem na tive atee quy mais que pêra poder comiguo. Sse esta nova que este Mouro traz he assy, tudo sse fará como Nosso Senhor atee quy quer que ssejam as cousas de Vossa Alteza feitas, ainda que Dom Joãm determine da vinda que vyer, que prazera a Deos que sseraa tam sseguro, como vem poucos e poucos dir caminho de Çalee com carouchas carregadas de triguo, asy como agora foy com asninhos carregados de bizcoito ajudando a isso o gram poder, e de boa jente nossa, que com ssyguo leva, a quall he tam boa que disso lhe tive ssenpre grande reçeo, porque quanto os bois, Senhor, sam mais fortes o apeiro carregado os segura, e com o contrairo nam tam ssoomente nom fazem proveito, mas perdensse. D'estas novas todas, Senhor, tiro parecer-me que Dom Joãm poderá vir sseguro, ou, asy como agora vieram estes trinta homens, poderam vir alguuns mais ainda que ele nom venha.

Sse esta nova da largua dei rrey de Fez nom he verdadeira e vier mais cedo qu'ele, parece-me que nos, segundo jaa estamos aparelhados, e estes fidalgos que aquy ficaram e a jente tem boa vontade que com ajuda de Deos nos defenderemos e ainda que neste tempo he tam lonje o socorro, pode mall vir, e a jente pouca, e cerqua grande he e

maa de soster, com ajuda de Nosso Senhor, e com a boa ventura de Vosa Alteza nos esforçaremos.

Da jente de ssoldo, Senhor, era despedida hüa parte d'ela, d'ela ficou aqui, e algüa foy com Dom Joam; nom quis Dom Joam que sse fosse, nem eu o conssentira, depois de ssua ida. Os que aquy ficaram velam e rroldam e servem em encher baluartes de terra, que tínhamos feitos e fazemos, e outros serviços que comprem pêra nossa defensam. Nom ha y dinheiro pêra lhe pagarem e asy pêra outras muitas cousas. Mande-o Vossa Alteza a grande pressa, porque afora eles nom poderem viver ssem isso, as obras tardaram mais, e far-sse a muito mais custa, porque, de hüa maneira, serve a jente com ho dinheiro na mãao e sse fazem as couzas, e d'outranom no avendo hy.

Dom Joam, Senhor, a feitura desta nam tenho nenhüa nova d'elle, ssenam de dez dias, por estes que agora vieram, como em cima diguo; os quaes me diseram que partia de Tedenez pêra mais adiante, a fazerem paazes nessa sserra, estando nas nossas alcayde d'el rrey de Feez, ssete legoas de nos, e ele que também poodya estar aquy; mas sam Mouros de Feez, que sam muito menos do que Vosa Alteza ainda cuida, pois acharam tall despossyçam, e nam sam jaa aqui, avendo trinta dias que sam certeficados d'esta ida de Dom Joam e nos d'eles sserem, pouco mais ou menos, onde aguora estam. Sse isto he verdade que este Mouro diz, averey por muito certo, ou que a costolaçam de Vossa Alteza ssobre eles he tamanha, que cedo nom hay d'aver maçãas em Marrocos, nem espada em Feez que tudo Vosa Alteza nom mande trazer pêra ssua guarda-roupa. Esta nova mando loguo a Dom Joam.

Antes d'esta carta cerrar, me chegaram duas cartas dos Xeques de Tite, em que me faziam saber que certos moçaferes de Buïauam foram aguardar ao caminho esla jente que vem asy perdida donde Dom Joam estaa, e que mataram hum homem ou dous e levaram hum; foy o rrepique hy em Tite, e quavalgaram todos, e foram apos elles, e os nom poderam achar, ou o que for achado em booa verdade, ainda que elles certo sse mostram agora milhores servidores que todos, certefico a Vosa Alteza que com esta ida de D. Joam he a deshordem tanta, e as novas antreles mesturado a isto tudo com a nosa necessydade, que nom ssey quem abaste a dar saida a tantos rrastros, cruzados huns por cima dos outros, ssenam quem tem muito poder, porque este faaz tudo chãao. E por estes respeitos, epor esta hyr esprita muito depressa e ssobre cousas de pessoas de tanto desconcerto, lhe beijarey as mãaos me perdoar o nom hir muito ordenada e comprida.

D'Azamor aos xiiij0 dias do mes de março.

Beyyo as mãaos de Vosalteza.

Ruy Barreto.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. João de Meneses, em 28 de Março de 1514

A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 301.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XCIV, pp. 512-513.

Ao muyto manyfyco senhor o senhor Dom Joam de Meneses, capytão jerall do exersyto d'Azamor.

Senhor.

Depoys de ter escryta esta carta grande a Vosa Mercê, me chegou aquy huum Judeu, que me disse que oyto aduares de Gyde Abedela que estavam junto d'Almedyna sse levantarão e sse florão pêra os outros Alarves que estão esperando el rey de Ffez ou hos sseus alcaydes, e prazera a Deos que todas estas voltas e payxões se tornarão ssobreles, e heu dygo este Gyde Abedele, porque o tynha por muyto meu e haquy tenho seu filho, aynda que por rroym o tenho; e o Contador ho conhece bem.

Emcomendo-me, Senhor, em vossa mão muytas vezes.

De Çafym oje xxbiij a tarde.

Nuno Fernandes da Tayde.

E muytos Alarves de Oley Çobete vyerâo alevantar pâo Almedyna, e Meymãoí não lhe deu lagar nysso e dysse que prymeyro ouvesem lycença de mym, avendo que andavam ja com mao preposyto; e heles sse forão ssem nenhuum pão e não quyserão esperar meu rrecado e heu lhe dava lycença pera ysso e sseguro, assy como Vossa Mercê vê na carta que vos mandey.

Carta de Bentafufa ao seu tio Yahya Bem Abd Allah e aos habitantes de Cernu, em Março de 1514

Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XCV, pp. 516-517.

(Cette lettre parviendra) aux mains de notre oncle paternel Yahya bem Abd Allah à Sernou — que Dieu l'assiste I Louange à Dieu seul, et bénédiction sur notre Seigneur Mohammed son prophète! Ce que Dieu a voulu a été, ce qu'il n'a point voulu n'a pas été; (II est l') Ordonnateur de toutes choses, et II les connaît avant qu'elles n'existent.

De la part de l'esclave de Dieu, qui espère la miséricorde de son Maître, qui se passe grâce à Lui de quiconque n'est pas Lui, Abou Zakariya Yahya Ben Mohammed Ou TVfouft, — que Dieu l'assiste! —; à notre oncle paternel Yahya Ben 'Abd Allah et à la djema'a des habitants de Sernou.

Que le salut soit sur vous, ainsi que la miséricorde et les béné dictions de Dieu — qu'il soit exalté! —-, dans le bien, la paix, et la louange à Dieu! Votre lettre nous est parvenue, et nous en avons examiné la teneur. Vous nous y parlez de ce «mauvais vent » qui vous est venu de la part du Maître du Gharb, et de votre grande frayeur à Sernou : sachez que seuls nos visages sont loin de vous, mais que nos esprits sont auprès de vous, et que nous sommes informés de ces nouvelles mieux que vous.

Quant à nous, nous sommes dans le Haouz, campés au bord du fleuve, attentifs à ces nouvelles. Nous voulons traverser par Taouzert, et notre retour de ce pays se fera, — si Dieu veut! — (en passant) au-dessus des villages (qui se trouvent) au-dessus d'Es-Soubeit, le long du cours du fleuve.

Pour vous, n'envisagez en vous-mêmes que du bien et ne vous mettez en tête que du bien. Toute notre attention est retenue par vous. Nous ne nous attarderons point en ce pays, et nous n'avons été retenus loin de vous que parce que nous avons dû nous occuper d'acheter des chevaux autant qu'il a été possible. A nouveau, salut, miséricorde et bénédiction!

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. João de Meneses,
em 28 de Março de 1514

A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 2.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XCVI, pp. 518-519.

Senhor.

Esta carta mando Çady Yeheatafuft a otro Moro que esta en Çarno, en que le dize que no aya miedo d'estas nuevas que dizen dei rrey de Fez e que el corta el rryo por çirca de Marruecos e de ay se viene con las alheias por cima de Çabit e asentar sobre Bulaguan. Sy asy for, conpre, Senhor, que vos carteys con ele, pêra verdes o favor que le aveys de dar e tanbien el que del reçebireys, e lo que en eso determinardes, faze-me-lo saber e asy tanbyen lo que yo devo de hazer; e lenbros, Senhor, que tengo aqui poça jente de pie, e de Portogall me la deviades de mandar, e asy vos pido, Senhor, por merced que la mandeys pedir pêra my, porque la he bien menester, e asy vos podré mejor ayudar e servir en yr con la jente de cavallo fuera, porque dexare la cidade con jente. E la nueva que Vuestra Merced tyene de pasar jente del rey de Fez en Duquela, asy la tengo yo por Tazarote e sy el rey de Fez todavia pasa e verdes, Senhor, que non va sobre vos, non seria maio mandardes aqui nombres por mar.

Encomiendo me, Senhor, en vuestra (mercê).

De Çafy, terça feira xxbiij de março.

Nuno Fernandez da Tayde.

Carta de Francisco de Pedrosa a D. Manuel,

em 30 de Março de 1514

A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 337.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. XCVII, pp. 520-521.

A el Rey noso senhor.

Senhor.

Porque me parece que V. A. ha de crer que vos escrevo verdade nesta, como vos sempre escrevy e dyse nas cousas de voso servyço, ho faço. Eu, senhor, ouve senpre, polo que d'esta terra sey, por facyl ha empresa de Marrocos i aver muy hasynha concrusam co a jente que Vosalteza ca teve estes dyas nestes lugares e com vosos vasalos, esperando huum pouco de tenpo que era necesareo. E porque me asy pareceo, senpre yncytey Dom Joam pêra iso, ho que era escusado pela vontade que lhe senpre vy, hatee que ho pos em hobra; e nam se fez, Senhor, ho que estava feyto e bem ordenado, e nam se leyxou de fazer por myngoa d'alguuns nosos capytãaes e de vosa jente, ha quai Vosalteza mays pode chamar fylhos que vasalos, e ha outros lenbro pouco que este jogo era voso e nam de capytãaes; e canto nele hya e como se desviou, eu cuydo que ha Vosalteza sera dada conta muyta e per muytos de como pasou. Ha mynha leyxo pera cando ho Vosalteza quyzer saber de mym, porque nam he pera dar ha papel.

Noso Senhor acrecente a vyda e estado de Vosa rreal Alteza.

D'Azamor, a xxx dias de março.

Feytura de Vosa rreal Alteza.

Ho Adayl Moor.

Carta de D. João de Meneses a D. Manuel, em Abril de 1514

Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CII, pp. 540-541.

Outra de Dom João de Menezes, capitão de Azamor, da victoria que Nuno Fernandez de Ataide, capitão de Safim, e elle ouveram de Mulei Nacere, irmão d'el rey de Fez. Sesta feira de Endoenças, nos ajuntamos, Nuno Fernandez de Ataide e eu, com mil lanças de Christãos e mil dos Mouros de pazes e mil piõis e ouvimos batalha com Muley Nacere, irmão d'el rey de Fez, oito legoas de Azamor, para onde vinhão a o tomar, com cuatro mil lanças e novecentos espingardeiros vestidos de libre e dez mil piõis. Da nossa gente fizemos très batalhas, e elles da sua sinquo da gente de cavalo e très dados piois, e os espingardeiros detras d'elles. E d'esta maneira abalarão contra nos. Prouve a Nosso Senhor que os rompemos e com tamanha furia que dos espingardeiros não trarão cento, por não terem para isso vagar, e huns aos outros ho medo se acabarão de desbaratar e pôr em fugido. Seguimos-lhe o alcansse por espasso de hüa legoa. Ouve muitos mortos, passarião de quatro mil e dos nossos trinta e dous de cavalo, em que entrarão esses doze fidalgos, de que aqui mando os nomes a V. A. Ouve arezoado despojo de armas e cavalos somente e muitos capacetes, e alguns de prata, e espingardas. Nosso Senhor guarde a pessoa e real estado de V. A.

Carta de D. Manuel a D. João de Meneses, em finais de Abril de 1514

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 15.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CIII, pp. 542-544.

Dom Joham amigo, nos el Rey vos emviamos muyto saudar. Vymos vosas cartas feitas de xxbj dias de março e de deradeiro do dito mes e do primeiro dia d'abrill, pellas quaes nos destes conta, depois de vosa tornada a esa cidade, das novas que achaseis da vymda de Moley Mafamede, e despois de hy serdes, as que mais ouvestes e do que tynheys sabido dos Mouros que se ajumtavam com hos seus alcaides e da esperança que

tynheys de todavia vyr, e d'homde ja estava e asy Moley Nacer, e voso parecer acerqua do que se devya fazer co esa gente que laa esta e provecermos corn outra, com todo o mais em vosas cartas declarado; e asy o que se pasara e pasava d'amtre vos e Nuno Fernamdez e tambem o que tocava a noso serviço acerqua de Ruy Bareto.

E nam ficou por veer nada de todas vosas cartas, as quaes, segumdo o tempo a que espeeraveis que ouvese de vyr Moley Mafamede, que era aos dez da lüua, nom nos parece que comvem outra reposta soomente que, se elle se veyo, como se esperava, que nos esperamos em Noso Senhor que vos leixaria obrar asy como elle fose muyto servido e nos comtemte, nem ficarya por fazer cousa algüa d'aquelas que nos sabemos que por serviço de Deos e noso desejamos. E parece-nos que, se vio, que sera tornado com sua paga e nom muy comtemte e se nom he vyndo, que nam deve vyr, pois lhe nom serve o tempo.

E aimda que noso parecer he mais chegado ha nom vyr que ha outra cousa, porem o que sobre tudo avemos por mais noso serviço he que vos vos veenhaees em booa ora, asy como vollo temos esprito e mandado, e que se venham todos eses fydallguos e gente que Ia estaa, asy como tendes nosa detryminaçam por nosas cartas, e nam fiquem mais gente nesa cidade, asy de cavalo como de pee, besteiros e espimgardeiros que os que vos temos spryto e mandado, porque asy o aveemos por noso serviço; nem esperes por outro noso recado acerqua de vosa vynda nem d'esa geente, e vymde-vos em booa ora e asy a dita gente, e nom ha detenhaes Ia mais, e venha-se cada hum como milhor poder e achar a embarcaçam; e encomendamos-vos e mandamos que asy ho façaes e, como dizemos, nom esperes mais por outro noso recado, porque, aliem de o avermos asy por muyto noso serviço, folgaremos de vyrdes ho mais em breve que seja posyvel pera nos dardes por vos mais inteira conta de todas as cousas, e porque folgaremos muyto praticar e falar comvosquo em todo ho de laa.

E vos mandamos agora quatro mil cruzados, dos quaes se pague todo o devido a gente de solido, e logo se espeça e despache e primeiro que nenhüa outra, e asy vos emcomendamos que logo se faça; e porque esperamos que venhaes muy cedo, prazendo a Deos, nom avemos por necesaria a vosas cartas outra reposta.

Do que nos esprevestes de Joham da Sylva ouvemos muyto prazer, e asy esperamos d'elle nas cousas de noso serviço, nam fez niso cousa que nom deve de folgar de ter feita e asy lho dise de nosa parte, se aimda la estever, e de Dom Francisco certo somos do que nos dizees, nem esperamos d'elle senom que fará tudo muy bem feito. Esprito...

Carta de D. João de Meneses a D. Manuel,
em 6 de Maio de 1514

A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 15, maço 1, Nº 52.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CIV, pp. 545-549.

Senhor,

Despois de ter esoutra carta esprita a Vosa Alteza ata oje sabado, seis dias do mes de mayo, nom me veyo nenhum recado de Çafym per mar nem per terra; e a caravela, em que foi Nuno Gato, que avya logo de tornar com rrecado, nom tornou. E hos Mouros de Tyte me espriveram que Gide Ahea ou vera hüa peleja ou esquaramuça com Moley Nacer sobre Gernu; em que morrera muita jente d'ambas as partes, e que Moley Nacer fycara no mesmo Cernu, que ssam quatro leguoas de Çafym, e Cyde Ahea se rrecolhera pêra junto de Çafym, homde ja tynha seu arrayal em hüa terra forte. E isto foi ja a segunda feira pasada, domde he de crer que, se Nuno Fernandez tevera necesydade, bem me poderá mandar rrecado, porque os tempos deram logar a ysso, e mais nos vymos pasar por aqui per vezes navyos, os quais hyam na volta de Çafym, e parece que avyam de ser de soccorro do Algarve.

Eu, Senhor, tenho mandado per terra açaz de Mouros, e até oje nenhum veyo, senam hontem vieram aqui os de Tyte a vemder, e disseram que tinham nova que Moley Nacer se hya na volta de Marroquos, e que lhe nam acudyra o Xaryfe, nem o mesmorre y de Marroquos, nem a mais jente por que esperava; e porem nam davam d'isto mais certeza que ouvyrem-no dizer, e a mim me parece, que, se tall fora, ouvera ja muitos rrecados de sua hyda. E também me parece que, se Nuno Fernandez tevese algüa necesydade, que cada dya o rrecado seu me verya per mar; asy que amtre estas duvydas estou esperando em Noso Senhor por algüa boa nova. E se tardar d'oje até menhãa, sera necessaryo mamdar outros dous navyos com mais jente, porque me parecera synall de cerco tamta tardamça; e se esta barra nam fosse tam maa d'emtrar e de sair, eu, Senhor, fora ja ver o que era; mas nam querya que, sem la aver necesydade, m'acolhese o tempo fora d'esté logar com metade da jemte d'ele, pois toda camta he nom abasta pêra o guardar, se o cercassem.

Berryo afirma-se que os tempos sam muito bõos pêra me vir recado, e que cada dous dias me podya vyr, s'eles tevesem necesydade, e mais, Nosso Senhor seja louvado, afora a jemte do logar, eles tem mais de seis cemtos omens de fora, a saber: da Ylha,

dozentos besteiros ou pouco menos, e d'aqui foram com Nuno Gato bem cemto e corenta besteiros, e alguns omens homrrados; e de cyncoenta navyos que estavam no porto fazya-sse fundamento de tyrarem quatro centos omens, e fycarem mareados; e de caravelas, que nos despois vymos pasar, temos esperamça que avéra mais jemte, porque deviam de ser de socorro, a segundo o tempo que ha que o mandou pydir ao Algarve.

E isto, Senhor, he o que sse pode espriver a Vossa Alteza acerca do que agora pasa. Ao porvyr, nom sey que rremedyo Vosa Alteza ordena de dar a esta terra e a esta cydade, porque a jemte, que ateguora nela esteve, em nenhüa maneira pode mais estar. E os fydalguos e pessoas homrradas, posto que pêra hum dia valham muito, pêra todos os outros tempos da guerra, que nam ssam combater e peleijar, desaproveytam porque, se dous perdem a verguonha a se quererem hir, todos a perdem, e sam cryados e acustumados a menos sojeyçam que os outros omens, e nom querem nem podem assi sofrer as necesydades. Dizem aguora todos abertamente que nom ham de ficar aqui a começar guerra de novo; e ainda que Moley Nacer sse ssegue nesta terra, se ham d'yr todos, como os nam cercarem, e que mande Vossa Alteza outros que venham estar outro tamto tempo. E aguora se poderá Vosa Alteza lembrar de quamtas vezes lhe pydi por merçe e acomselhey que nom curase de mais fydalguos na guerra c' aqueles que abastasem pêra ter algum carreguo nela. Nam dyguo isto poios omens de sua lamça, posto que sejam fydalgos, mas por os que, como tem mais quatro omens, sam alevantadores d'ouniõees, e fazem saltar os outros por homde eles saltam; asy que comveem que Vosa Alteza sayba que nom tem ca dous omens que ajam de ficar aqui.

E se cuyda que hahy moradores, nam o créa: esses que hy avya, a mayor parte d'eles se querem hir, porque vem esta cydade muy gramde, e que a nom atalham e ham medo de ficar nela asy como estaa; e pêra se acolherem ao castello, tinham ja feitas algüas casas, e outras avydas por homde cuydavam que o atalho avya de ser, e aimda mais largas do que eu quisera, ha maneira que Pedro Correa e Roy Barreto o ordenavam. E sobre tudo isto vyeram de la dous rrejymentos asynados por Vosa Alteza, em que lhe manda dar o solido que suyam d'aver os outros logares, que he menos a metade do que aguora todos tem, e parece-lhes tamanho agravo. Juntando estas rrezoes com outras, avera muy poucos que queiram ficar aqui.

Por isto desengano Vosa Alteza que faça fundamento de mandar que lhe garde este logar; e que com Roy Barreto eu poderey deixar até as trezentas lamças que Vosa Alteza hordena de besteiros de cavalo, e de muyto poucos cryados de Vosa Alteza que ao presemte nam poderam aver embarcaçam, e d'alguns moradores, e d'ele e d'alguns

paremtes e omeens seus, mas estes nom creo que o aturaram muitos dias; e este logar, assy como esta, nam ha mester menos de dous mill omeens pêra o gardarem da jemte da terra, ata o Vosa Alteza nom atalhar, e isto nom cuyde que pode deixar de ser, porque nom vyvera nenhum ornem neste logar.

Carta de António Correia a D. Manuel, em 10 de Maio de 1514

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 31.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CV, pp. 549-551.

Do Coregedor do Algarve, das novas que vieram de Çafy e d'Azamor por Antonio da Sylva.

Senhor

Oje dez dias de mayo chegou a esta cidade huum navyo, oras de meo dia, que vinha d'Azamor, em o quall veo Antonio da Sillva da Chamusqua, que vem doente; o quall deu nova e contou como, a outra somana pasada, esperaram toda per cerquo, e que lhe viera requado como Molle Nacer era pasado caminho de Çafim e fora ter em Almidina e que Dom Joham mandara loguo Nuno Guato em huum navio avisar a Çafim e dar-lhe aquella nova; e que depois lhe viera requado como Molle Nacer sua detrimanaçam era ir destruir Cide Ea e huum lugua(r) seu que se chama Çernu; e que Cide Ea, com alguuns Christãos de Çafim, lhe vieram dar na dianteyra de sua gente e lhe fezera huum grande desbarato e se tornara a recolher. E que depois Mole Nacer lhe mandara cometer que se alevamtase das pazes e quisese ser com elle e que lhe perdoaria o mall que tinha feito aos Mouros e lhe faria muito bem; e que elle lhe respondera que lhe nom mandase mais tall requado, senam que mataria quem lho trouxese, porque elle nom avia de ser senam vasallo de Vosa Alteza; e que aguora viera nova que Mule Nacer estava seys ou sete leguoas de Çafim e ja com detriminaçam de nom ir a elle, somente que se hya caminho de Maroquos, pêra ser senhor de Maroquos e d'ahy senhorear toda a terra; e que esta era a nova e que Azamor nem Çafim nom eram cerquados a sua partida; e que partira de lia sabado, que foram seys dias d'esté mes de mayo, e que até entam nom avia outra nova.

Eu, Senhor, polia carta que me Vosa Alteza escpreveo que, se tevese requado certo que Azamor nom era cerquado, nom mandase nenhüa gente, cesey loguo com esta nova de mandar dous navios que ja estavam prestes pera corn esta mare d'aquy partirem carreguados de gente; e asy o mandarey loguo per todo este Algarve que cesem outros que aviam de partir: porque, ante que a carta de Vosalteza viese, em que esto mandava, que me foy dada dominguo a noute, polia primeira carta que me Vosa Alteza mamdou que mamdase socorro, era ja partido, como ja a Vosa Alteza escprivy, Garcia de Mello, e depois foy apos elle outro navio de besteiros, e asy partio também Jorge Vieguas com dous navios d'espinguardeyros, e asy partio Joham de Mello com os cem homes e asy a gente do Bispo, e sam ja la; e Garcia de Mello achou este navio sobre a barra d'Azamor e os outros nam topou no mar; e asy dominguo sete d'esté mes partio Dom Bernalldo de Vila Nova, onde veo ter. A mais gente que estava pera ir cesara, como acima digo a Vosa Alteza, até ver o que Vosa Alteza niso ha mais por seu serviço, porque de Dom Joham nom veo requado nenhum…

De Tavilla, a x de mayo de 1514,

C Senhor, hos maços das cartas que me Vosa Alteza mamdou que mamdase, huum a Dom Joham, outro a Nuno Fernandez, logo lhas mandey per dous navios, huum que hya pera Azamor e outro pera Çafim, e ja la sam.

Ho voso corregedor do Algarve.

Ho bachaler Antonio Correa.

Carta de Estêvão Rodrigues Berrio a D. Manuel,
em 19 de Maio de 1514

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 39.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CVI, pp. 552-558.

Senhor

Estevam Rrodrigues Berryo com aquelle acatamento que devo, beijo mãos de Vossarreal Allteza. Eu achegey a esta cydade de Tavila, oje dezanove de mayo, da cydade de Azamor; e por quamto a llomgos tempos que amde ffora de mynha cassa e quys descamçar nella allguns dez dyas, quys fazer a saber a Vossa Allteza da booa nova que em a Ducella ja, porque Vossa Alteza ssoubesse toda a nova; ssabera Vossa Alteza que, depoys d'este Mouro ir dar com cyde Haha, hum filho de Allgromte espreveo pera hum espravo sseu a Dom Joham de Menesses que lhe mandasse hum sseguro, porque querya vyr fallar com elle; e porque este Mouro erra dos Delley Dambrram e tynha catyvo em Azamor ssua molher e irmãos e toda ssua cassa, e comtamto lhe mandou Dom Joham ho sseguro; e tamto que ho Mouro vyo ho seguro, veyo llogo. E porquamto ho pay d'este Allgrromate era morto em a batalha de ssesta feyra de Emdoemças, quedou este sseu filho por cabyceyra dos Delley Dambrram; e Dom Joham ffallou com elle e lhe dyxe que, poys elles eram arrapemdydos do allavamtamento que cometerrom, que agorra, poys vyam a verdade dos Crystãos, fïyzessem como fïossem lleaes pera os Crystãos e que lhe trrouxesse Molley Nasserre catyvo, por mays sse lhe mostrar a verdade. E ho Mouro lhe rrespomdeo que elle nom podya mays que com ssua cabylla servyr Ssua Allteza, que a gemte da Duquella nom ssabya que detremynava toda, porrem que Dom Joham verya ho que elle fïarrya nysso; como de ffeyto llogo partyo e com a ssua gemte e com a da Duquella e derrom em Molley Nacerre e lhe tomarrom mill e quynhemtos cavallos e lhe tomarrom gram ssoma de espravos e espravas que vynham em ho arraall pera sservyrrem essa gemte de Molley Nasserre, e lhe tomarrom muyto despojo outrro; e Moley Nasserre ffogyo porque sse ouve por perdydo e foy pasar por Escurra per hum llugar que tem hüa pomte, e aquyllo ffoy comcelho, porque de outra arte sse perderrom sse cometerrom ho ryo de Azamor, porque ho trrazyam ja os Allarves amtrre os demtes, porque nom podyam amyzynhar este jogo ssem fazerrem ma obrra a Molley Nasserre. Estes novas ssoubemos por Targa e pera outros muytos Mourros de as pazes, e isto he assy ssem nenhüa duvyda.

E Exu, hum Allarve da Emxouvya, ssogrro de Molley Nasserre, veyo com muyta gemte ssobrre Targa pera a tomar, porquamto Aile Xymam vay catyvo em poder de Molley Nasserre e assy quatro ou cymquo Allarves da Duquella os prrymcypaes; e os de Targa sse pusserrom em armas comtrra ho Exu Allarve, dyzemdo que ho Mexyas por que elles agardarrom ategorra hya mail trratado, que elles ffycavam em poder dos Crystãos e que lhe comvynha sserrem Crrystãos como elles e que nyso estavam, e fyzerrom a ssaber ao dyto Exu Allarve que, sse sse nom comssertava com os Grrystãos em booa paz, que elles os irryam buscar e trrazel-los a vemder aos Grrystãos, porque elles lhe chamassem d'aquy avamte Grrystãos, porque ho erram, e d'esté bordo queda toda a terra da Duquella.

Ffaço a ssaber a Vossa Alteza que ho senhor de Marocos e ho senhor da Sserra nom quysserrom vyr a chamada do Molley Nasserre. Parresse-me que estam mays do bordo de Vossa Alltezaa querrerrem comssertassom mays que outrra coussa nenhüa.

Ffaço ssaber a Vossa Alteza que temdes hum grramde servydor em Gyde Haha Taffu, porque ffez a este Mourro muyta gerra e com muyta ssagydade, topymdo-lhe as agoas da Duquella pera homde vynha ho arraall pera homde ho arraall passava. Grram ffortuna a Gyde Haha Taffu deve Vossa Alteza de ho acrrecemtar e de lhe dar rremta por emxemprro e porque elle merresse tudo; porque, em a pelleja que ffez com Molle Nasserre, lhe matou sacemta de cavallo, em que morreo hum alcayde homrrado de Ffez, e como boom servydor deffemdeo a terra de Vossa Allteza e, pera hum homem mourro que tam bem tem servydo Vossa Allteza, he nessessarryo de lhe dar Vossa Allteza cemto de cavallo pera ssua guarda, porque Vossa Allteza sserra servydo e ho Mourro sserra estymado amtrre os Allarrves, e as coussas que comprrem a vosso servyço sserram ffeytas, porque este Mourro he Barbarro e nom sse ffaz as vezes ho que elle mamda pêra isto. Oulhe Vossa Allteza quam pouco lhe custarram cem llamças de Mourros emtrrege a elle, porque as pazes que vos elle ssozygar mays das que temdes, poderra Vossa Allteza tomar hüa ssoma pera as dytas cem llamças e sserra hum gramde emxemprro pera os Mourros.

Senhor, nesta Ducella, na parte d'Azamor e comarca, deve Vosa Allteza poor outrro allcayde d'arte de Cyde Haha Tafïu que mamde estes Allarves da prropya maneyra de Cyde Haha. E emcovando os d'Abyda e Garrabya em Allmedyna ho sseu pam, e temdo ally Vossa Allteza hüa fortelleza com Crrystãos pera guarda do pam dos dytos Allarves, nos sserremos ssemprre senhorres d'elles e Vossa Allteza lhe poderra ter os sseus cavallos gordos ou magrros, como elle quysser. E em a parte de Azamor, deve

Vosa Allteza mamdar que emcovem sseu pam em Tyte; e ally fFeyta outrra ffortelleza por guarda do dyto pam, sserra Vosa Allteza senhor da Duquella, porque estas duas cydades, que he Allmedyna e Tyte, estam pavoadas de Mourros e ssam ospedes dos Allarves, e guardar-lha-am bem sseu pam, porque elles comffyarram mays nos Mourros que nos Crrystãos e ho averram por bem, porque a gerra d'esta Duquella he lomge, que os homens nom podem ssoffrryr amdar trres noytes no campo, nem menos os cavallos, ssenam nas prropyas hallgamas, que ssam as temdas dos Mourros. E, sse quysserrem ir a Marrocos e aliem, pode a vossa gemte ir com os Mourros nas dytas temdas e assy os cavallos e assy llevam sseus mamtymentos muyto bem guardados, e os Mourros llevam sseus gados e ssuas molherres e ffylhos… am de deffemderrem hos sseus e tam bem gosta… em ssenhorres dos pastos da terra. E d'esta maneyra deve Vossa Allteza ffazer, sse quer ganhar toda a tera de Mourros, porque outrra maneyrra nom na ay; porque Nuno Fernamdez teve ja mill llamças em Ssaffym e nom ouzou ir cometer Xatyma, ssemto tam pouca gemte em Xatyma; e agorra que estava ho Xarryffe com grram poder em Xatyma, ffoy Nuno Fernamdez e desbarratou com dozemtos e cymquoenta llanças e ffez pazes toda a tera. Isto caussou ir metydos nas temdas d'Abyda e Garrabya e asy fforrom aos momtes Cr(rarro)s e podem ir a quall parte que Vossa Allteza quysser. E desta maneyra sserra Vosa Allteza senhor de toda esta terra com muy pouca despessa.

Senhor, temdo Vosa Allteza ho trrygo em Allmedyna e em Tyte, ho de Allmedyna pode vyr a Tyte; e cada vez que Vossa Allteza quysser comprrar trrygo aos Allarves, e a s s'y ho das vossas parryas, podel-lo-es ter todo em Tyte, e de ally tem muy bom porto de verram pêra ho embarcarrem e de imverno pode-o Vosa Allteza mamdar llevar por terra ao porto de Mazagam, que he muyto perto. Em Tyte tem Vossa Allteza muyta pedrra de call e muyto booa e muyta llenha a porta pêra os ffornos da call. Em Mazagam parresse-me que Vosa Allteza nom deve de ffazer nada, porque ífarres gasto cada hum ano de hum comto de reaes, ssem averdes nenhum prroveyto. Parresse-me que Vosa Allteza a de ffazer em Magezam hüa vemda nova, pêra os que vyerrem de Tyte e da Duque(lla) terem ally hum rresfollegadorro, e assy pêra os navios que vem buscar ho boom porto, e outra cousa nom ffaça Vosa Allteza, porque ffazendo ffarres gasto escussado ssem averdes nenhum prroveyto.

Senhor, lla ssam ssertos navios carregados de polvorra e de outrros artyffycyos da gera, tudo ho que nom erra nessessarryo em Azamor, isto comtrra vomtade de Rruy Barreto e Nuno Gato.

Ffaço ssaber a Vosa Allteza que estou aquy… cydade de Tavila pêra rrepousar allguns dyas com (minha molher e) meus fylhos e Vossa Allteza, sse allgüa nessecydade… portador me pode Vosa Allteza mamdar.

Das coussas da Emxovya nom esprrevo a Vosa Allteza por… que grramdes contrratos de pazes, ho quall pêra my vos sserra llargamente contado tudo por ho meudo como passa, e assy de outrras coussas d'essa Berberrya que cumprrem a vosso servysso, e assy da cydade d'Azamor dos grramdes agrravos que ffazem aos morradores, ho quall pêra my vos sserra comtado.

Ffyco rrogamdo a Deos pêra vyda e acressemtamento de vosso rreall estado.

De Tavilla oje xix de mayo de bc xiiij.

Estevam Rodrigues Beryo.

Carta de D. Manuel a D. João de Meneses, em 24 de Maio de 1514

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 8, Nº 9.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CVII, pp. 559-560.

Por el Rey. A Dom Joham de Menezes do seu conselho e camareiro moor do Principe.

Dom Joham amiguo, nos el Rey vos emviamos muyto saudar. Despois de vos teermos sprito que vos emcomemdavamos que aceitaseys o careguo da capitania d'esa cidade por os dous meses que vos teemos sprito que la estees, por mandarmos vyr Ruy Bareto, detryminamos de emviar por o capitam a esa cidade Dom Pedro de Sousa do nosso comselho, o qual sseera nesa cidade, prazeendo a Deos, em fim do mes de junho que ora vem. Noteficamos-vo-lo asy pêra o saberdes e até este tempo, como vos esprevemos, teerdes o dito cuydado.

Sprita em Lixboa a xxiiij dias do mes de maio, o secretario a fez, 1514.

Rey.

Pêra Dom Joham de Meneses, de noteficaçam da ida de Dom Pedro de Sousa.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 29 de Junho de 1514

A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 5, Nº 12.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CX, pp. 572-574.

Senhor,

A mim me parece, com ajuda de Deos, que as coussas sse despoem ca ategora como compre a seu serviço e contentamento de Vossalteza porque esta vinda de Molei Naçer por conta de Vossalteza vyo, porque Xarquia esta agora mays assegada que nunca e mays mendada; porque, em caso que não sseja pera me sservyr d'ele, porque me não fiarei d'elles, al de menos estarão onde lh'eu ordenar para as coussas de Marrocos.

E coesta enpressa de Marrocos, eu mando la Yssaque Bem Zamerro, a ffalar nisso com Vossalteza, para que veja o que compre a seu serviço, Eu, Senhor, ho escolhy per este negocio, porque lie pessoa em qu'eu muito confyo nas coussas de vosso serviço, e tenho nessecydade d'ele per estas coussas, e tem descryção pêra ysto, e ssabe bem as coussas de ca; e tambem por muita amizade que tem com Ihea, de quallo eu tenho desobrigado que yndo Ehea em alguum erro mas eu ssei bem qu'ele fez canto pode porque elle não caya nele. E assi, Senhor, lhe descobri o ssegredo qu'eu tynha sabido de Vossalteza pêra a tomada de Zamor, porque comprya assi a vosso serviço pêra as negociações dos Alarves de Xarquia os desviarmos d'Azamor, e assy tãobem fazer as tregoas d'ei rey de Marrocos, pêra que sse não chegasse pêra ca, em quem sey qu'ele gastou alguns dinheiros de sua cassa pêra se fazerem. E assy elle foi caussa, sem nenhüa duvyda, pêra eu ir ao Xariffe, e hele foy comiguo, porque me descarregou por então de duvidas, qu'eu tynha de muitos dias. E por estas coussas vera Vossalteza se tenho eu rrezão de comffyar d'ele este ffeyto de Marrocos, e mays, sse eu mais ouvesse; e Vossalteza tem mays rrezão de confyar d'ele qu'eu, poys tudo isto he por vosso servyço, e a Vossalteza sse ffaz, e o qu'ele ssobreste casso lhe disser, beijarey as rreaes mãos de Vossalteza dar-lhe credyto, porque em tudo tenho ffalado coele largo; e assy nos termos d'antre Çaffym e Azamor. Eu, Senhor, nomeei aqui a Vossalteza estes coussas em que tem servido

Issaque Bem Zamerro a Vossalteza, e são de sostancya, e assy tem sservydo em outras coussas, que tãobem o são, e sserve cada dia, e por lhe ffazer ffavor e mercê, eu a rreceberey mui grande, porqu'eu afyrmo a Vossalteza qu'ele a merece, e hespero em Deos de rreceber d'ele ao diante mores servyços qu'estes ja ffeitos. Nosso Senhor acrecente a vyda e o rreal estado de Vossalteza a sseu ssanto sservyço.

De Çaffym, a xxix de j'unho de bcxiiij. Beijo as rreaes mãos de Vossalteza.

Nuno Ffernandez da Taide.

Carta de António Leite a D. Manuel, em 27 de Julho de 1514

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 97.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, doc. CXI, pp. 575-586.

Senhor,

Pesa-me de en tam curto tenpo fazer cousa em que Vossa Alteza fosse deservido, como me mostrou per sua carta sobre a gente quue se tomou pêra Mazaguam, e eu estava niso emguanado, que crya quue nunca a Vossa Allteza fezera servyço por quue tamta merçee mereçese como pelo quue niso fiz, usando do quue me Vosa Alteza mandou, porquue eu tenho carta de Vosallteza, em quue me mandou que requerise besteiros e espimgardeiros ao Capitam pêra seguramça d'aquella obra. E pareceo-me que, segundo me Vosa Allteza mandou emcaraguadamente, se ho eu assy nam fezera, que me dera Vosa Allteza por ysso castigo; e pois eu em fazer bem o que me Vosa Allteza mandou errey, nam seey no quue poderey acertar. Isto mande Vosa Alteza de mim jullguar a quallquer pessoa que disso quiser que thome conhecimento, porque eu me quero sem cullpa mostrar. E nam hei de pidir por merçee a Vosa Allteza que me quite a pena que por yso mereço, mas quue me emmende a culpa que sem rezam me daa. E mais Vosa Alteza saberaa per outrem o que se perdeo e perde no que mais sobe a despesa pollo tenpo que a obra mais haa de durar sem a gente que de lia tirei, como Vosa Allteza mandou, ou se fora sem ella feito a obra quue se ffez em tam pouquo tenpo, e crea Vosa Allteza quue, se a gemte se nam tirara de como andava, ho castello fora acabaado de todo na fim d'esté mes de julho; e oito fornos de call que se fezerom e

cozerom se foram ffeitos sem a jemte quue llaa amdou, ou se foraam abertos os aliceses com tanta presteeza como tudo ouve efeito com a mayor dilligemcia. quue nunqua se pos em obra, e asy todolos outros maneos. Amdava tudo em taal concerto que eu me afirmo quue nunqua em semelhante obra se pos tall dilligemcia, porque a gemte era toda que servia em todollos maneos e serviço, e se Vosa Allteza quuizer ver solido a livra a despesa homde sobe pela via que hordenou, he cousa crara, quanto mais que pollo despacho da obra ho devera Vosa Allteza de querer, e ssem ysso era neçesario aquela jemte pêra seguramça da obra, ainda que em ali nam servira, porquue nam estavom seguros nem era rezaam que ho estevesem em tall lluguar com Mouros darredor de sy, (n)em nenhüuas rrefens d'elles teem e com muitos emconvenientes outros pêra terem rezam de se guardar ; e hum dia d'amtes que sobre iso Vossa Allteza me escrevese, me mandarom de lia pedir mais gente, a quall lhes eu nam mandei. E mande Vosa Allteza saber dos mestres se começarom aquella obra sem lhes darem aquella gemte, que elles ouveram por pouca, e se haa quaa homem de boom comselho, a que pareçese bem de se começar com tam pouca força como se começou, e isto se haa de jullguar pellos que ho quua vêem e ho intendem. E créa V. A. que pêra as cousas de voso servyço eu traguo os olhos abertos e ponho-as em pesso que nam tem ofiçiall quue milhor tento tragua nas cousas de voso serviço, nem que milhor as proveja e o que eu niso tenho ffeito, Deus o sabe e me jullgue segumdo minha tençam. E em satisfaçam de meu trabalho, me manda V. A. quue pague o solido da jemte que lia foi, a quall foy hordenada pello Capitam a requerimento dos mestres.

E parecer de pesoas que bem emtemdem tanto a servyço de V. A. compria de ser asi, como foy, tiramdo aimda do que mais fora necesaryo. E quanto aos bonbardeiros, hiam pera as caravellas que levavom artelharya e fustas, e passados sseis dias, foy ffeito obra em terra que foy necesaryo asentarem artelharya, a quall nom era bem que estevesse sem bombardeiro. E quando fuy fazer ho despidimento, os mestres e todallos pedreiros quiseram leixar a obra e Diogo d'Aruda se quisera hir a V. A. E Rui Bareto, visto a neçesydade e descomçerto e desserviço de V. A. quue recrecia nyso, quisera tornar a meter a gemte e Allvaro do Cadavall dizia que a tornassem a meter e que careguasse sobre sua fazenda, e eu ho nam quis comsemtir, em que me pareceo que errava e em a tirar, e porque vi o mandado de V. A. tam apertaado, damdo-me tanta cullpa, nam ousei de comsemtir nisto.

Item. Em oito dias d'esté mes de julho, comcertou Rui Barreto com Joham Soarez de irem tomar huuns aduares d'Ollei de Farax que tinham dessobedecido e

emcorrido em muitas cullpas; e amtes quatro dias tinha lla mamdado Rui Barreto Pero Lourenço de Mello com ijc lanças, e os Mouros tiveram maneyra de se defemder d'elles. E elle hia pera os adquerir a paz, e de hüa nem d'outra maneira os nam poderam entrar e mandarom para iso pidir socorro a Ruy Barreto; ao qual socorro foy Joham Soarez com outras ijc lanças. E himdo-nos desta cidade seis leguaas a hüua auguada que se chama Moguaruz, achamos Pero Louremço que se viera donde os Mouros estavom alem outro tanto; ho quall Pero Lourenço dise quue fiquara com elles concertado nesta maneira, comvem a saber quue os Mouros fyquavom pera paguarem a pena que lhes era posta per Rui Bareto; e que este concerto fezera com elles pelos deteer, atee nos hirmos, porque seu propósito era acolherem a serra.

E comtudo eu dise a Joham Soarez que me parecia que nam devia pasar d'ally: a hüua, porque os Mouros teveram tenpo de se allevamtar, e a outra por aquelle concerto em quue ficavom, que poderiam aleguar que ficavom de paz, e mais que nos metíamos muyto demtro honde de hüua bamda e d'outra avia muitos aduares, e que nam sabia bem quaes lhe queririam guardar verdade, e com sermos semtidos avia seis dias, nom era bem que se cometese aquelle ffeito e quue olhase bem a serem Mouros e nam muy firmes na paz e quue a cidade ficava sem gente. Todos estes emcoveniemtes lhe apresentei perante fidallguos e cavaleiros que me ouvyram; e comtudo fomos, e amanhecemos sobre o luguar honde Pedro Lourenço os leixava asemtados, e achamos que eram allevamtados e hiam-se pêra a serra, ao pee da quual estavom, e alguuns d'eles travarom com os nosos e os nosos com eles, honde morreo huum fidalgo que avia nome Diogo de Sousa e alguuns outros homês ferydos, e depois quaa nesta cidade se acharom menos seis besteiros e hum cryado de Joham Soarez. Da qual emtrada vyerom a esta cidade bc allmas e ijm ijc e tantas cabeças de guado vaquum e cemto e sesemta (ca)mello(s), pouquo mais ou menos.

E em cheguando a esta cidade como Joham Soarez... va ser feito isto per mandado de Rui Bareto, eu lhe fiz hum requerimento sobre o dito casso, de que mando com esta carta ho trellaado e a reposta que me deu Rui Bareto.

Item. Respomdendo a hüua carta que me V. A. mandou, cosida como caderno, com certos apontamentos, feita pelo sacretairo a oito de junho, e foy-me dada per hum homem que V. A. mandei a xxbiij do dito mes:

C Quanto aas casas d'allfamdegua e feitorya e comtos que V. A. mandou dar, ja se faz nellas o que V. A. manda, em que saeem pequenas pêra tudo e compriraa fazer-se huum sobraado emcima de hüa açotea ssomente pêra os comtos e alfamdegua e feitoria

se poderaa servir no baixo do amdar das casas, e isto veja Vossa Alteza se haa por seu serviço.

C Quanto aos escrivães dos ofícios que V. A. diz que nam tardarom, conpre muito a vosso serviço mandai-los e Bastiam Gonçallvez que escrepvia nos comtos se vaai agora de quaa des contente, como a Yosa Alltesa diraa, se lhe d'iso tomar conta, e eu pus em seu luguar outro que haa nome Vicente Pirez, que ora de V. A. he e foy do Baram, e nam quis Joham Soarez que escrevese sem que se leixar de servir hy o officio; e mais por quue em hüua referta quue Joham Soarez teve com Rui Bareto, sobre a emtregua da cidade, disse a todolos ofîciaes e a mym que, em que lhe Rui Barreto nam entreguasse a cidade, se lhe nos nam obedecesemos, que nos mandarya meter em hüua masmorra; e correo nos asy tanto de rosto que nam esperariamos de V. A. ser tam mal tratados em caso que ho merecêramos. Em cousas da emtregua d'esta capitanya pasarom de hüua parte e d'outra cousas em quue sera bem que V. A. atemte e dee castiguo a quem o merecer.

C Ao que V. A. diz que folguaraa de lhe eu mandar outro caderno mais decrarado dos soldos que quua ssom devydas, eu mandei a conta d'iso meudamente a V. A. per Antonio Fernandez.

C Quanto ao trigo que V. A. diz que faça toda deligemcia que for possivel, eu nam poso fazer outra senam mandar navios a Çafim com mando pello que V. A. mandou que de Ia viese, e quanto ao que d'esta terra se pode aver, por agora nam estaa nada certo nem assentado com os Mouros pêra acudirem com nenhüa pagua, e o pam que estaa em Tite, que he bem pouco, nam sei se aimda ho terço d'elle poderemos aver roguamdo muyto os Mouros, e Joam Soarez tem llaa mandaado. E nam cuide V. A. que esta terra estaa asemlada como por suas cartas mostra que lhe laa fazem crer, nem pêra mais ao presente que pêra os Mouros virem a esta cidade vemder suas llãas e mercadoryas que follguam de llamçar de sy, de que lhes vêem bem, e pêra paguarem, nem quem lho quaa hordene nam vejo muyto certo. Isto diguo porque ha de ser feito pelo Capitam, e porque também os Mouros estam esquivos e nesta cidade se nom acha ja nenhum trigo nem cevada.

C Quanto ao que V. A. diz que lhe mande o que levam aguora os oficiaaes, comvem a saber ho allquaide do mar e allmotacelll e alcaide do çoco o que levam como o que parece bem que deveem levar, tudo mandarei a V. A. com parecer de pesoas que se escolherom de boom emtemder e saber niso. E por mais certo, me parece que V. A. devia de mandar levar a hordenamça amtigua de Ceyta, que foy o primeiro luguar, e per

hy ememdar e correjer o que a V. A. parecer seu serviço. Eu não pude ao presente nisto emtemder nem em algüuas outras cousas d'esta qualidade que toquam a serviço de V. A. e bem d'esta cidade, porque com cartas testemunhaves e requerimentos d'amtre Joham Soarez e Rui Bareto, de noite nem de dia nunqua me leixavom. E tem ffeito sobre isso processos que avera bem que ver na casa da Sopricaçam huums (deles) se tudo a V. A. ffor.

C V. A. me escreveo que eu nam queria dar a Joham Soarez hüua carta testamunhavel que me ele pedira; e ssegundo me parece, ele hy o terá asy escrito a V. A. E ele nunca me tall carta pidio nem cousa que em tal caso lhe deneguasse de meu ofycio; e a falia que elle ffez a Rui Bareto na igreja, em que lhe requeria que lhe entreguasse a cidade, pidio d'isso hum estromento, mas o pidio ao Prior, o quall lhe respomdeo que nom era de sseu officio; e depois, meteo nisso ho tabeliam da cidade, pêra que me pedirom respostas e testemunhos meus, que eu nam deneguei nem tinha rezam pêra ysso; e nas coussas que a serviço de V. A. toquam, eu nom tenho afeiçam com nenhüa parte.

C Quanto aos bombardeiros e jemte, tenho espedida como me V. A. mandou.

C E V. A. me escpriveo per Antonio do Couto sobre o concerto que Rui Barreto fez com hos Mouros da Xerquya, que eram das pazes de Çafim e que Nuno Fernandez diz quue sam da sua comarca. Eu requery a Rruy Bareto que fezese e conprise assy tudo como V. A. mandava e que eu nom avya d'estar pello com certo que elle com eles tinha ffeito, mas que antes o noteficarya assy aos ditos Mouros. E Rui Bareto me respondeo que eu nom fezese fazer nenhüa mudança, porque compria asy a voso serviço, e que elle hia dar a V. A. comta. E quanto ao que os Mouros tem paguo, foy recolhido a esta cidade certo trigo e cevada que elles trouxerom de penas e nam de pagua. Isto se recolheo no celeyro de V. A. e assy trouxerom certos cavallos e guado, e dos cavalos e guaado leva Rui Bareto pêra sua casa parte, do que diz que haa d'estar com V. A. ssobre isso, porque lhe parece que as penas sam suas. E em meu poder fficam.trinta cavallos e dozentas e ssesemta cabeças de guado vaquun e cento e sesemta carneiros. E d'isto mande V. A. o que ha por seu serviço que se faça.

C Quamto aos trezemtos de cavalo que V. A. diz quue fiquem nesta cidade, como Rui Bareto sahir, e os que estaam aguora pêra embarcar, eu tenho ja sobre ysso requerido a Joham Soarez que faça alardo e o ffaça assy como V. A. manda; e loguo poderey escrever a V. A. (os) moradores de sua casa que quaa ficam servindo, de que V. A. quer saber, pêra qua lhes mandar paguar suas moradias.

Item. Eu tenho escripto a V. A. sobre hum Guomez Aranha que aqui achei que fazia certidões falsas e as vemdia e premdi-o com o outro que pelo semelhante fazia pproes, de que huum e ho outro eram concertados, e os mando ambos a V. A. pressos, com hüua enquiriçam que de suas culpas fiz tirar. V. A. mande d'elles fazer o que for justiça, e estas cousas e outras per semelhante manheira assy ffeytas pola mayor parte passaam quando nam haa quem lhes corra. Isto créa V. A. que ho faziam com tam sotil arte que ffoy maravilha pode-los alcamçar.

Item. Pêra estes comtos, deve V. A. de mandar huum homem bem aucto por escrivam, porquue em que eu sempre este sobre obras, poderaa ele em hum soo ponto danar ou aproveitar muito em vosa fazemda, sem ser ffeito com malicia. E a Bastiam Gonçallvez deve V. S. quaa de mandar tornar pêra algüuas duvidas quue acho em verbas postas por ele, quue nom fiquam bem craras e poder-se-a logo tornar, se V. A. ouver por bem. E se V. A. quiser emcarreguar este oficio a Duarte Rrodriguez, que he escripvarn das obras de Mazaguam, emcareguamdo outra pesoa do seu, seria muito voso serviço, porquue eu conheço d'elle ser pêra ysso bem aucto. E o emcareguei aqui d'escprivam do almoxarifado do almazem, emquanto nam servia nas obras, e vio ter tam boom cuidado e com tanto avisso que me parece que, em hüua cousa que tanto releva a vossa fazemda como a d'estes comtos, ho deve V. A. d'encareguar ao menos emquanto durarem estes solldos; e no seu careguo qualquer homem poderaa fazer, que nom he mais que receita e despesa e avisso a V. A. d'isto, por quue conpre muyto a voso serviço, e eu nom poso ser boom oficiall se nam tever tall escrivam asy pêra o despacho das partes como de vosa fazemda, ou mande V. A. d'eses contos outra qualquer pesoa que pêra isto lhe parecer tall, em que eu sei que se nam poderaa laa milhor escolher que este que a V. A. digo.

Item. Joham Soarez me dise que V. A. mandava fazer hüua cerqua da bamda da Emxouvya e que queria ahi mandar poer hum escudeiro, e porque aquy esta um cavaleiro morador nesta cidade, que haa nome Joham Follguaado e he alquaide do çoquo d'aquela bamda e he homem que tem feito muito serviço a V. A. na guera d'Arezilla, merece que lhe faça V. A. mercê e homra d'aquele careguo sem outro mantimento somente com o percallço do seu oficio. Lembro isto a Y. A., porque me parece voso serviço.

Item. Quanto aas pazes da Emxouvia nom haa com eles feito nelmm comcerto, somente com dous luguaretes que vierom aqui concertar com Rui Bareto e estam ao lomguo deste rio vinte leguoas, e hum haa nome Tageste e outro Benagure; e

comcertarom em hum camello por cada casa e averaa cento xx casas em ambos e nom derom reféns, dizemdo que queriam logo vir com a pagua; e hum d'elles haa tem ja nesta cidade. E segundo me parece que a Emxouvia ao presente esta alevamtaada, nom viraa o outro; e vem nos correr da bamda d'allem. E a xx d'este mes, emtrarom cincoenta de cavallo e se vierom lançar bem junto dos nosos fachos d'esta bamda e foram sentidos e sahirom-se em salvo; e oje, xxiiij d'esté mes, levarom cinquo Christãos de junto com esta cidade que andavom a pesquar d'esta bamda. Asy com toda a paz que haa nesta terra, nunqua me tantas vezes armei nem tam ameude a repiques en Tanjere e em Arzilla, honde estive muito tempo.

Item. Quanto ao escripvam dos contos, em que aqui a V. A. fallo, hee vimdo a feitoria d'esta Martim Vaz de Tangere, a que V. A. d'isto fez mercê. Porem cumpre com todo vyr Bastiam Gonçallvez como a V. A. digo e a mim cumpriraa, se bem ouver de olhar pelo que conpre a fazemda, ser contador e escrivam.

Item. Pêra esta feitorya, devia V. A. de mandar vyr panos de coor e de lynho, pêra se darem as moradias aos moradores de V. A. que os tomarom, e asy gente de soldo, assy moradores como toda a outra jemte.

Item. Em xxbj d'este mes, cheguou ao porto de Mazaguam Lopo Cabreira e Estevom Rodriguez Birrio, e me mandarom chamar a esta cidade e Birrio me deu hüa carta de V. A., em que me mandara que lhe dese as duas caravellas que aqui esteverom d'armaada, e asy certidom do tempo que aqui servirom e loguo o ffiz, como me V. A. mandou; e assy me pidirom xxx besteiros pêra irem com eles nas ditas caravellas, e porque me diseram e requereram estremadamente que cunpria muito a voso serviço, eu previ nyso, como a Vosa Alteza dirom, e asy lhes fiz dar allguum mamtimento que tambem me requereraam, e isto fiz, posto que de V. A. pêra ysso nam vi mandaado, somente por me certificarem que relevava muyto a voso serviço, o que eu per semelhante maneira mais nam farei sem de V. A. ver seu especiall mandado, porque nas cousas de vosa fazenda extrahordenaryas nam me cumpriraa fazel-lo d'outra maneira.

Item. Mando a Vosa Alteza ho aucto que fiz da noteficaçam aos oficiaaes que nesta cidade servem, convem a saber alcayde do mar, porteiros das portas e almotace e allcayde do çoquo, asy como me V. A. mandou per sua carta: e o que parece que devem de levar, e asy a barca da pasajem1, mandarei a V. A. na primeira passajem, e hey-o de fazer com pesoas quue antigamente tem servido nas partes d'Africa, respeitamdo mais ou menos o que seraa bem e voso serviço.

Feito em Azamor, a xxbij de julho de bc xiiij.

Antonyo Leite.

Carta de D. Manuel ao rei de Marraquexe, Moulay en-Naçer, em 8 de Agosto de 1514

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 107.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXII, pp. 587-589.

Muito honrrado amtre os Mouros rrey de Marocos, nos Dom Manuel, etc., vos fazeemos saber que vimos vosa carta, que nos emviastes per Fernam Diaz, noso cavaleiro, e ouvemos prazer de ver por ella vosa booa vomtade que temdes pera as cousas de noso serviço e as obras com que vos oferecees a nos servir, e tudo recebemos de vos em muyto serviço. E çerto, llouvores a Noso Senhor, nunqua aqueles que a noso serviço s'achegaram, se segio de o fazerem senam todo prazer, descanso e segurança de suas vydas e fazemdas e de todas suas cousas, nem d'iso teveram numqua outro arrepemdimento, salivo de o fazerem tarde, e creemos que, com ajuda de Deos, que vos asy o sentirees, asentando nas cousas de noso serviço, pois d'iso todo beem vos pode vyr; e porque por vosa carta nos pidiis por merce que vos emvieemos noso seguro pera emviardes a nos vosos embaixadores com voso poder pera comnosco asemtarem em voso nome, a nos nos pareçeeo melhor vos emviarmos pelo dito Fernam Rroiz (sic) allguns apontamentos da maneira em que averemos por beem vos rrecebeer em nosa paz e serviço, os quaees lhe mamdamos que vos mostrasse, podel-los-es ver, e parecendo vos que vos vem beem asemtar comnosco na maneira que he decllarado nos ditos nosos apomtamentos, poderees emviar-nos os ditos vosos embaixadores, pera os quaes elle lleva o dito noso seguro; os quaees emviay com voso poder abastamte pera afirmarem e aseemtarem em voso nome com todas as obrigações em nosos apontamentos declarados e esperamos em Noso Senhor que de o fazerdes se vos sigua todo bem e proveito e descanso e seguramça de todas vosas cousas com todos os outros beens que se seguem aos reis, principes e senhores que comnosco tem paz e amizade, asy nas partes da Imdia

como em Guinee e em Africa, segundo que a todo ho mundo, louvores a Deos, he notoryo.

Scripta em Lisboa a biij dias d'agosto de 514.

Dom Manuell, etc., fazemos saber a todos nosos capitães das nosas cidades, villas e llugares d'Africa e aos capitães de nosos eixercitos e geemtes d'armas e a nosos capitães do mar e a todas outras nosas gemtes de geerrà a que esta nosa carta for mostrada, que el rey de Marroquos nos scpreveo e fez saber por sua carta que elle desejava muito e estava em detrymynaçam de sse aseemtar em noso serviço e nos ser fiell e verdadeiro servidor; e que, pera se comclludir e acabar aseenío d isso, nos pidia por mercê que lhe emviasemos noso seguro pera com elle poder emviar a nos seus embaixadores seguramente e comnosco asemtareem em seu nome todas aquellas cousas que fosem necesareas ao dito aseento, asy pera seguramça de noso serviço como pello que a elle comprise; pela quall cousa nos emviamos a ele Fernam Diaz, noso cavaleiro, com nosa reposta do que acerqua de seu requyrimento avemos por noso serviço. Poreem, por esta presemte carta por nos asynada e aseellada do sseello de nosas armas, seguramos e avemos reeallmente por seguros dous embaixadores do dito rei de Marocos, que ele a nos emviar, e todos os servidores mouros que consigo quiserem trazer e todas suas cousas que trouxerem; e queremos e nos praz que livre e seguramente posam vyr a nos; e reeallmente os seguramos em sua vymda, estada e tornada, que nam receberam de nosas geemtes, asy na terra como no mar, nenhum dano neem semrezam, amtes seram honrados, favorecidos e bem tratados, como sempre follgamos que seja feito aos embaixadores e misygeiros que os reis a nos emvyam. Porem vollo noteficamos asy e vos mamdamos a todos em gerall e a cada huum de vos em espiciall que, emviamdo o dito rey de Marroquos a nos os ditos seus embaixadores, em todo lhe cumpraees e gardees este noso seguro reall que lhe damos, e lhe nam façaees nem comsemtaees fazer nenhum mall nem dano, amtes vos mamdamos que sejam de vos honrrados, favorecidos e beem trautados e em todas suas cousas recebam honrra e favor, como aos taees se deve fazer, creemdo que, de asy o fazerdes, receberemos muito prazer e serviço; e do contrairo, que nam esperamos que façaees, vos dariamos por yso tall castigo como merecem aqueles que nam cumprem os mamdados de seu rey e senhor. E por esta yso mesmo rogamos e emcomendamos a quaeesquer capitâees do mar, asy d'el Rey meu muito amado e preçado padre, como de

quaeesquer outros reis cristãos, que sendo casso de toparem no mar o navio em que asy vierem a nos os ditos embaixadores, lhe nam façam mall nem dano allguum e livremente os leixem pasar e vyr e lhe façam honra e favor, crendo que aliem de fazerem o que devem e sam obrigados fazer a nosas cousas e especiallmente aos embaixadores que a nos sam enviados e comprirem niso a obrigaçam que tem pela paz e amizade que, llouvores a Noso Senhor, com todos os reis cristãaos teemos, o receberemos d'elles em muito prazer e serviço e cousa que lhe muito gradeceremos.
Dada em a nosa cidade de Lisboa, a biij^{0} dias d'agosto, Antonio Fernandez a fez, de mil b^{c} xiiij^{0}.

Instruções para Fernão Dias,
entre 8 e 10 de Agosto de 1514

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 107.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXIII, pp. 590-595.

O que vos, Fernam Diaz, noso cavaleiro, avees de fazer em Marroquos, onde vos ora emviamos a el rey de Marroquos com nosos recados, he o segimte:

C Como em booa ora fordes em Azamor, darees llogo como chegardes nosa carta ao capitam da dita cidade, pella quall lhe noteficamos como emviamos ao dito rey e que a vosa ida vos dee todo boom aviamento, asy pêra llogo pasardes como pêra irdes seguramente. E vos nam farees nenhüa detemça, e com toda brevidade vos despachay e ffazee voso caminho o mais em breve que poderdes e em tall maneira que, o mais cedo que vos sseja posyvell, sejaees com o dito rey.

C Logo como chegardes a ele, lhe darees nosa carta que lhe llevaees em reposta da sua que nos trouxestes, e aliem do que por ella lhe scpreveemos, vos lhe dizee, da nosa parte, que com sua carta ouvemos prazer por vermos a booa vomtade que nos mostra pêra follgar de nos servir e se asemtar em noso serviço e que nos avemos por certo que Noso Senhor lhe mostrara o melhor e mais seguro caminho pêra todo seu bem, descanso e seguramça de todas suas cousas, e que, llouvado seja Deos, numqua nymguem em noso serviço se aseemtou que lhe nam viese d'iso todo bem, como esperamos que a elle se siga, fazemdo-se as cousas a noso prazer e contentamento e em tall maneira que nos follgeemos de ho receber em nosa booa vomtade e no conto de

nosos vasallos e servidores; e que, pois isto estaa em sua mãao e Noso Senhor lhe mostra o melhor e mais seguro, elle o deve fazer, de modo que ganhe nosa booa vomtade, com a quall ganhada, de todo m ali, com ajuda de Deos, poderá ficar seguro, e sem ella, pella ventura do bem e seguramça de sua vyda e de todas suas cousas, muyto dovidoso.

C Lhe direes que, por nosa carta que lhe llevaees, pode veer nosa vomtade acerqua do que por vos nos scpreveo de sse querer asemtar em noso serviço e nos ser fiell vasallo e servidor, e que, por nos pareceer melhor pêra elle nestas cousas se tomar logo conclusam pêra mais seu descanso, ouvemos por noso serviço lhe apomtar logo por vos as cousas e comdiçõees com que nos prazera o receber em noso serviço por noso vasallo e fiell servidor, as quaees ssam estas, a saber:

C Que ele se asemtara e obrigara de nos servir como noso vasallo e naturall e fiell servidor, e pêra synall d'iso tomara nosa bandeira e com ella fará aquellas obrigações e juramentos em sua lley que costumam fazer e nos fazem aquelles que em noso serviço se aseemtam por nosos vasalos e servidores.

C Que, como noso vasallo e fiell servidor, fará gerra aquelles Mouros que fora de noso serviço estevereem e que nos lhe mamdarmos e por nosos capitães da nosa parte for requerido que há faça, e mamlera e gardara paz aquelles que em nosa paz e serviço esteverem.

C Que, de cada casa de Mouros e Judeus que viverem em a cidade de Marroquos, nos pagara em cada huum anno hüa omça.

C Que, em cada huum anno, nos pagara e dara, por reconhecimento de sua vasalajem e de ser asy noso fiell servidor, cinquo cavallos os melhores que se poderem aveer e taees quaees se requerem pêra d'elles nos servirmos.

C Que nos leixara, lyvremente e sem impidimento allgum, fazer hüa forteleza a nosa vomtade de muro em Marroquos e no lugar omde nos ou vermos por mais noso serviço, a qual mamdaremos fazer a nosa propia custa e despesa, e soomente elle dará toda ajuda e boom aviamento que de nosa parte lhe for requerida, pêra niso podermos ser melhor servido e com mais brevidade.

C Que, pêra seguramça de todas estas cousas, ele nos dará e emtregara por arrefem hum seu filho, quail nos lhe nomearmos, e mais três ou quatro outros arefeens, quaees por nosa parte lhe forem requeridos. E que, asemtando elle nestas cousas e segurando-as com os ditos arrefeis e em quallquer outra maneira em que lhe for apontado e em tall modo que nos posamos ficar de todo seguro das ditas cousas, a nos

nos prazera o receber em noso serviço e por noso vasallo e fiell servidor; e como noso vasallo e naturall o recebemos em nosa garda, emparo e defensam, e asy o defenderemos de todo o mall e dano, como noso vasallo e naturall, naquela propia forma e com a obrigaçam que teemos aos nosos vasallos e naturaes, e d'iso lhe mamdareemos dar nosa carta patente por nos asynada e asellada do noso seello. E esta propia istruçam poderees mostrar ao dito rey e aquellas pesoas com que elle sobre estas cousas fallar e as praticar. Scprito em Lixboa, a x dias d'agosto, o secretario o fez, de 1514.

Lenbranças que leva (Ferna)m Diaz

Fernam Diaz, aliem das cousas que llevaees por outra nosa istruçam do que avees de fallar a el rey de Marocos. Sobre seu asemto em noso serviço, ou vemos por bem vos dar mais estas lenbranças. C Quamto em vos fo(r, faree)s entender ao dito rrey quanto bem e segurança (pros)egue a sua vida e a todas suas cousas de se (asemjtar em noso serviço e quamto mall e dano (nam) fazendo ; e asy mesmo o direes aquelles pr(imci)paees, com que elle estas cousas fallar, poemdo (em) diamte noso poder e a detriminaçam que tem(os to)mada nas cousas da guerra e lembrando lhe (como) pouco agora aproveitaram as cousas de M(ole)y Naçar, pera daneficarem a noso serviço, e o (po)uco que pode fazer ei rrey de Feez nas cousas (de) esas partes; e que. olhamdo bem ca por as suas, homde comtenuadamente lhe he feita a gerra, nam faz pouco ; e dizendo-lhe como os nosos capitães de Tanjeer e Arzilla coreram agora as partes d'Allcaçeer e ha gramde cavallgada que trouxeram e annoestamdo que procure d'assemtar em nosso serviço e que, pois Noso Senhor lhe abryo seu coraçam pera tomar caminho de seu descansso e segurarnça de sua vida e de todas suas coussas, o nam leixe de tomar, pois, leixando-o, nam deve esperar senam toda sua perdiçam, com todas outras pallavras comformes a este fim.

C Aseemtando elle nas cousas que lhe requeremos que faça e com que ho receberemos a noso serviço, se pella vemtura vissees que elle se pejava em nos dar hüa onça por casa, como lho requeremos, trabalhay por toda via o asemta(rdes…) e asemtando, dize-lhe que a nos praz (ele) dar cada anno a metade das onças qu(e…) se recadarem, e esto porem asemtando… em todas as outras cousas.

C Se pella vemtura… asemtar em todas as cousas que por no(s) sam apomtadas, e pera se fazer e asemtar a capitollaçam d'isso, quiser emviar a nos seus embaixadores

com seu poder abastamte, em t(all) caso lhe dares o seguro que llevaees e viram comvosco, avisamdo ao dito rey que os emvie com seu poder e procuraçam abastamte, no quall vinha decllarado o seu maior juramento, pera por elle todo conprir e manter asy como for capitollado e asemtado. E dizendo o dito rey que elle quer emviar a nos todavia seus embaixadores, posto que logo comvosco nam asemte e afirme as cousas por nos apom(tad)as, pera ca comnosco ho asentarem e pera yso os (mandar) com seu poder, em tall caso avemos por noso serviço que vinham comvosco per vertude do dito seguro que lhe darees.

C Vos emformay dos f(ilhós) que tem o rey de Marocos e as idades d'elles e quaees (tem) em maior ystimaçam.

C Ssabee quaees sam (os) primcipaees ante elle e quaes sam os (com que) estas cousas falia e d'anbas estas cousas trazee recado, e os nomes dos filhos e d'es(tes princijpaes de que queremos saber.

C Saberees do poder (do di)to rrei, e que jemte pode ajuntar e como he obe(decido) na cidade e se fora mamda allgüa cousa.

C Sabee como estaa o senhor de fora e este que jente pode ajuntar, asy de cavallo como de pee.

C Olhay mui bem por todas as cousas da cidade, a saber da gente que ha nella e homde he a maior povoraçam, e das casas do Rei, a que parte sam e se sam fracas se fortes, e se tem a cidade forteleza e como repairada e a que parte estaa; e pellas tores da cidade quamtas sam e quaees sam mais fortes e (se es)tam tores sobre as portas da cidade; e os muro(s co)mo estam repairados e tudo muy parti(cular)mente, pera de todas as cousas nos saberdes dar rezam.

Sprito em Lixboa a biij dias d'agosto, o secretario o fez, de 1514.

E asy olhares por o llugar onde vos parecer que se podera fazer forteleza que seja forte e seguro.

Carta de D. Manuel a Bentafufa,

em 25 de Agosto de 1514

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 18.
Documento publicado in David Lopes, *Textos em Aljamía Portuguesa*, Doc. VII, pp. 100-102; *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXIV, pp. 601-602.

Yhea Tafuu, Nos, Dom Manuell, per graça de Deos rey de Purtugall e dos Allgarvees d'aquem (e d'allem) mar em Africa, sennor de Guinee e da comquista, navegaçam, comercio d'Eeteopia, Arabya, Persya e da Imdia, vos fazeemos saber que, pollo bõo começo que vymos de vosas obras e serviços em todas as coussas em que nos começastes a servir, e pollo que depois vymos e conheceemos de vosa pessoa, quando a nos viestes, seenpre teveemos imteira confiamça que aviamos de teer em vos muy fieel e verdadeiro vasallo e servidor, e teemos recebydo muito prazer de veermos que comrespomderam atee quy vosos serviços com a comfiança que de vos ssenpre teveemos, nos quaees nos teendes mostrado coraçam linpo e de muyto leall e verdadeiro vassalo.

E certo que, alleem de conprirdes corn vosa obrigaçam e como que os cavalleiros honrrados e esforçados, como vos ssoees, devem, asy mesmo compristes tambem como que nos devees, polla booa vomtade que senpre vos teveemos e teemos e desejo de vos acrecemtar e fazer honrra e mercee. E posto que todos vossos serviços fosem muito asynados e amte nos dignos de grande merecimento, e por taees os tenhamos rrecebydos e d'elles esteemos lenbrado como he rezam, o grande e asynado serviço que nos fezestes, quando Molley Naçar, os dias pasados, emtrou na Duquella, pellejamdo com sua geemte e corn aquelles Mouros que emtam o segiam, o desbarato que nelles fizestes foy pera nos de tam gramde contentamento, e o ystimamos tamto que muy mais nos teem acrecemtada a booa vomtade que vos teemos e a comfiança de vosa llealldade.

E prazera a Noso Sennhor que ordenara as cousas d'esas partes em tall maneira que, com mercees e acrecemtamento, conheçaees que teemos muita llenbrança de vosos merecimentos, e pera começo d'iso vos emviamos nosa carta da mercee e doaçam que vos fazeemos de Cernaum pera vos e vosso filho, com todas as remdas e direitos, asy como nollo emviastes pidir; mas porque conheçaees o desejo que teemos de vos acrecentar e fazer mercee, como prazera a Nosso Senhor vollo fazer em outras cousas

maiores, as quaees, nam soomente pollos serviços feitos, mas pollo que esperamos que ainda vos façaees, aveemos por certo que vos mereceeres, sem isto agora vos pidirdes, neem outreem por vosa parte, mas lenbramdonos de vos e de vosos serviços, como he rezam e como seenpre follgamos de o fazer a quelles que nos beem e lleallmente servem, como vos teendes feito e esperamos que vos e todos os que de vos deçenderem por vosso emxempro seenpre façam, nam soomente nos praz vos fazer a dita mercee de Gernaum, pera vos e voso filho, como nollo pidistes, mas aimda nos praz volla fazer e de ffeito fazeemos de juro e d'erdade pera vos e pera todos os que de vos descendereem per linha direita de barõees lydymos, asy e naquella maneira que aguora vos fazeemos a dita mercee pera vos e pera vosso filho, e por vosa guarda e nosa llenbramça ouveemos por beem vollo fazer asy ssaber por esta nosa carta.

Scprita em Lixboa, a xxb dyas d'agosto de 514.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 30 de Agosto de 1514

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 129.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXVII, pp. 603-605.

Senhor,

Vossalteza me mandou hüua carta sobre os cavalos, que lhe não mandasse estes que ca ouve das penas de Xarquia. Porque este rrecado me chegou depoys de ter embarcados estes cavalos, lhe os mando; e aymda que não ssejam pêra amostrar agora, aymda o sserão, e bem nos ha V. A. la mester pêra caçadores; e por yso os não mandey desenbarcar, polas despessas que ja tynha ffeytas e polos fretes que ja tynha comcertados de muitos dias. E hentreygei-os a Tomas de Bayrros, porque ssei que os ssabera muy bem levar, e hoj lhe dey licemça que sse ffosse, porque não tem ca que ffazer, no que lhe Vossalteza ca encarregou na compra do trygo, por não ter dinheiro e por vir agora mui pouco a esta cydade. E hesse que lhe aqui ffycou, que creyoque ssão huuns oytenta moyos, calhe mandey que os emtregasse no almoxariffe, porque nos estano não temos de Xarquia nenhuum pão.

Do ai que devem a Vossalteza os Alarves de Xeatyma, huuns ssão aymda de guerra que erão de paz, que sse lançarão co Xariffe, e os das pazes ficou-lhe tão pouco pão, polo nos comermos estano qu'eu la ffuy, que d'esta parte de Xeatyma temos tão bem estano pouco pão, d'Almedina nada e d'estes lugarinhos por aqui de rredor, ja pagarão e mui bem. Oley de Meta, que he ao pé dos Montes Craros, espero em Deos que pagem mui bem por sua vontade; e por sser tão lonje não sey sse pagarão tudo em pão. E tãobem eu espero em Deos de mandar la Cristãos co estes alheias de Vossalteza e heles ho emprestarão Abyda e Garabya, e heles m'o pagarão ca co ajuda de Deos.

Tomas de Bairos tem mui bem ca sservido e com boa delyjencia, como Vossalteza ssabe que o ele avya de ffazer, e hele lhe dyra das novas que ca temos d'el rei de Fez, que ssão aquelles propryas e mays vyvas huum pouco que eu escrevy por Alvaro de Faria, e depoys por huum moço meu a Vossalteza e ysso escrevo agora. E ssayba Vossalteza e aja por certo que me doi n'aima e na vida ffazer-lhe mandar gente a ssocorro, porque gasta nisso muito e helhe trabalho de falar a omems que o venhão ca sservir, e pêra eu ffazer ca alguum ffeito co ela não na ey de mandar pedyr por esta galezya ssenão muito lympa e dizer-lhe o pêra que a quero, e ffara Vossalteza nisso o que quisser; e ja lhe asy mandey pydyr, e Vossalteza me deu nysso credito e per hüua soma de jemte que lhe manday pedyr, me mandou duas vezes mays; e, poys eu seo em conhecimento de tamanha mercê, com esta, mal a servyrya em pedyr jemte por engano. E se V. A. la ssabe esta nova d'el rey de Fez mays certa que nos ca, e que não vem, não m'a mande nem eu não na quero; e sse esta em duvyda asy o estou ca, mas nestas duvidas vay tamto que sse devem de ssegurar, porque o mar não tem prazo e por(que) he mui longe d'aqui a Portugall e mays a emtrada d'imverno e porque não temos hos mares d'Arzyla e mui pouca jente.

E Hadibe me trouve agora hüua carta de Jam Soarez com nova muito certa d'el rey de Ffez que lhe derão huums almogaveres de pé qu'ele tomara em Azamor, em que sse afyrmão todos da vynda d'el rey de Ffez este ssetembro, e porque me escreveo que la mandara a Vossalteza esta nova, nam mando as suas cartas.

Noso Senhor crecente a vyda e o rreall estado de Vossalteza a seu santo servyço.

De Çaffym, a xxx d'agosto de h° xiiij anos.

Beijo as mãos de Vossalteza.

Nuno Fernandez da Tayde.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 31 de Agosto de 1514

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 131.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXVIII, p. 606.

Senhor,

Eu mando la Yhea Tafïuu, porque me pareceo assy vosso sservyço. Depoys mandarey dyzer ho porque. Mande-o Vossallteza guardar bem e trata-lo bem. E do sseu bem tem que comer, do que lhe Vossalteza tem ffeyto mercê.

De Çaffym, no derradeyro d'agosto de bc xiiij anos.

Beijo as rreaes mãos de Vossalteza.

Nuno Fernandez da Tayde.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 31 de Agosto de 1514

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 15, Nº 100.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXIX, pp. 607-608.

Senhor,

Eu não pude ffazer ail ssenâo deyxar yr Soleyma com Yhea, porque ele foy lingoa antre nos e hoffereceo-sse a yr co ele, porque ja vyveo com ele. Porem, Senhor, mande-m'o logo Vossalteza, porque me he ca muito nesseçaryo nallhela d'Abyda, e hassy lhe encarregue Vossalteza o sseu sservyço e dê-lhe boa palavra, porqu'ele, Senhor, sserve mui bem, e hentendem os anbos. E mande-m'o, Senhor, loguo, e mande

hüa carta Abyda d'encomenda sobre Çoleima, e que façâo o que lhele dysser, porque eu lho mando, e mandando-lho eu, Vossalteza ho manda.

E mande-me Vossalteza loguo Çoleima e hassy mande outra carta a Garabya, encomendando-lhe que ffação o que lh'eu disser, e que rrecebam com boa vontade quem lh'eu aly posser, porque eu não lhe porey aly senão pessoa que os trate bem, porque Vossalteza os estyma como verdadeyros vassalos de seu reyno, e que asy ha d'oulhar por eles.

Noso Senhor acresente a vyda e o rreal estado de Vossalteza a seu santo servyço.

De Çaffym, no derradeyro dya d'agosto de quinhentos e xiiij anos.

Beijo as rreays mãos de Vossalteza.

Nuno Fernandez da Tayde.

Memória do Rabino Ibrahim Ben Zamirou, em 11 de Setembro de 1514

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte III, maço 5, Nº 75.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXXII, pp. 619-629.

Depues que este Moro foy posto por alcayde, logo determino de fazer entender aos Moros que ho mando era seu, e que nom avyam de conecer ao Capytam senom a ele, e logo se começo a chamar rey, e que lhe beijasem todos ha mão e ho pé, e estando o Capytam dyante, lhe beijavam a ele a mão e nom ao Capytam; e logo começo a dezir aos Moros que ele hera o senhor, e que ho Capytam se avya de yr, e ele avya de ficar por senhor em Çafy e que nom avya de aver mais de xxx Cristãos em a casa, e que ele y os Moros avyam de fycar na terra, e ysto muito dito e pregoado na terra.

C Asy lies dezia que ele era Moro, e que tynhom feito hum pecado grande em matar a Abedarramam, por a qual morte hos Cristãos avyam tomado a terra, e que ele avya de trabalhar e a tornar aos Moros, como de antes, e que por yso avya tomado este cargo de servyr aos Cristãos, pêra que se fyasem nele, e que entrasem com ele a terra de

Moros pêra poder tomar la ho Capytam e hos fydalgos queyvam com ele, e que com eles sacarya sua molher e fylhos e todos os arrefes que em Çafy estavam, e que, fasta ysto fazer, trazya barva, e que nunca a avya feyto nem a farya fasta ysto conqruyr; e asy he verdade que nunca fez a barva, pensando o que Deos nom amostrara.

C Quando o mando ho Capytam com Nuno da Qunha e com Abeda e Garbia, pêra yr a terra de Xatma todos hos Moros que vynham demandando paz e trazyam adiafos de mel e mantega e gado e trigo e cevada, a ele vynham a sua tenda, e ele dava paz a quey querya, e gerra a quey querya, sem demandar parecer de Nuno da Qunha, que ya por capytam, nem de nenhum Cristão otro dos que com ele yvam, mays antes a alguns dos Moros, que vynham a someter-se e com medo, dezya que porque vynhom com tanto medo, que davam favor e punham fantasya aos Cristãos, e asy o dyra Nuno da Qunha e eu tenho cartas de Moros de alem Tedeneçte que lie espreverom sobre ysto pêra se dar, e nom os rrecebeu por a causa dyta, pesando-lhe porque se vynhom a dar tam asynha.

C Asy mesmo quando veo el rey de Marrocos ao rryo de Aguz, que mando o Capitam otra vez Nuno da Qunha e Dom Garcya de Meneses e o Adayl, e depoys muitos fidalgos otros, Álvaro de Tayde por si e Manuel de Cervera por si e otros muitos, foy dyto por muitos Moros estar determinado de fazer aly trayçam aos Crystãos, e cartear-se de seqreto com el rey de Marrocos, e de noyte ho acharom muitas vezes fazendo conselhos em o canpo e vyr-le mensajeros faqueres com cartas de noyte donde estava.

E ysto dixo Azedor ao Capytam perante my, que ele dito Azedor avya achado os alfaqueres de noyte, andando ele velando ho campo, e que conoceu dos o três que vynham, e que lhes pregunto, e se fez de sua parte d'eles, e que lle dixerom que vynham a Cide Hya com cartas de Muley Naçar e do Moro santo de Gamat pêra concertar a gazua. E ysto foy muito certo. E prova pêra ysto que, quando foy a batalla de rey de Marrocos com Abeda e Garbya, ele se fez quebrado e abaxo sua bandera, e fujyam ele e a Garbya que vynham com ele, e senom foram Abeda, que pelejarom de verdade sobre seus lugares e eles foram causa de vencer la batalla, nunca por ele se vencera; e depoys todos hos presos que se tomarom dos de Dara, solto mas de quynhentas almas sem mandado de seu capytam e senhor, senom como presoa que ele era o rey, e nom tinha mando nem sojuçam de nymgem.

C Quando as pagas de Almedina do tributo d'el Rey noso senhor, es certo provado com todos hos Moros, ansi hos de Almedyna mesmos, como hos Moros de

Çafy, que ele foy causa de nom pagar, e que lles dezya a todos que trouxesem a paga a ele e nom ao Christâo, e que uvesem medo de ningem, que ho mando era seu e nom do Capytam; e pêra ysto achego asy Moros principaes de Almedyna, e lies dava peytas porque estorvasem a paga, e asy o fazyam que, quando se apannava a paga d'el rey, deostavam estes que eram de sua parte a Maymom e a seus parentes e aos que andavam achegando a paga, chamando-lles queferes cristãos, servos dos Cristãos, e os deostavam, e nom lle queryam pagar, e dezyam muito a vozes: «Deos nos guarde a Cide Hya, que nom conecemos ao Cristão». E quando algüa vez por muitas cartas do Capytam que lies mandava sobre a paga, e determynavam trazer algüa cafyla, vynham por donde ele estava pêra obedecer a ele primero.

Ysto nom tam somente fez fazer ysto aos de Almedyna, mays a todos os lugarinhos de Duquela. Dixo que nom conocesem senam a ele e pos os alcaydes de sua mão, e deu-lles suas alvarás e levava as penas d'eles e as adiafas, e quando lias nom davam, esyqutava rryjo comtra eles; e, sy algum d'eles se vynha a queyxar ao Capytam de algüa symrrazam, levava-le muito boa pena, porque se avya aquexado ao Cristão, de manera que toda a terra a ele chamava rey. E porque Almedina era de muita jente, e nom podia com todos que levasem seu camynho, ordeno de pôr nela hum alcayde de sua mão, e tomo as chaves das portas de Almedyna e entrego-llas, e fez pregoar que todos lhe obedecesem. E levava o dereyto das portas de trigo e cevada, e garramava o coco, e lanço peyta sobre os Judeus, e demando dereyto dos que faziam a moeda e a cera e de todas as otras cosas, e com todo ysto aqu dya o Alcayde a ele; e pêra fazer qrer a todos que todo era em sua mão, veo ao Capytam com engano, e demando-lle o fyllo d'esté Alhaje seu alcayde, que estava por arrefem aqy, pêra que fose ver sua may, e que logo o trazerya. E o Capytam duvydo, e ele dyse que ele o fyava, e quando nomvyese que darya seu fyllo por ele, e quando depoys o demando ho Capytam ao tempo, nego que ele nom o avya fyado, e nunca ho qys bolver: e ysto pêra dar a qrer a todos que ho poder era seu.

C Quando ho Capytam ho mandou com ho zemel a Zerge, pêra cobrar a paga de Almedyna, e Nuno da Qunha com ele com os Cristãos, determyno ahy atentar ruyndad, e tynha fala com alguns de Almedyna, que hüa noyte desem no arreai dos Cristãos, e com a rrebolta grande dando de noyte fariam gazua nos Cristãos. E ysto he muito certo, e se provara.

C Mando o Gapytam antes disto que nom asentase em Zerge, nem achegase la, e contra seu mandado foy no mostrar.

C Quando entro em Almedyna d'esta vez, entro com muita jente de cavalo e com muitos tangeres de buzamares e suas bandeyras tendidas, e os de Almedyna o sayrom receber, e pregoavam Deos: «Enxalce el rey Cide Hya». E davam dinheiro aos que tamjyam por amor de Cide Hya. E o meçqynho de Dardero, como servidor leal, saco dinheros, e com grandes brados pregoo: «Estes som por el rey de Portugal, noso senhor, quja he a terra». E quando entrarom por as portas de Almedyna, e pregoavam os Moros: «Deos enxalce a el rey cide Hya», Dardero se puso a a porta, e a grandes brados dixo-os de pregoar como a terra he de rey de Portugal, nosso senhor, que Deos enxalce e guarde, e Cide Hya he seu alcayde. E ele, como ysto uvyu, demudo-se muyto como quey lie peso, e guardo ysto en sy, e ordeno de o matar de ay a três o quatro dyas, nom mais. E ele o despediu de sua casa, e mando trás ele quey o matase, que forom Bem Janylla, qryado do Alhaje, e otro com ele e ho Alhaje; e antes que o atymasem de matar, o truxerom muyto ferydo dyante Cide Hya, e ele o degolo por sua mão, e antes que ho degolase lhe dixo: «Dardero, dy a ei rey que tu pregoavas que te tyre de minha mão, o dy ao Capytam, teu senhor, que te escape de my poder». E degolo-ho por sua mão e despyron-o os Negros e lançaron-o em hum poço encondydo, donde non se podere achar, e a seu cavalo lançarom em hüa matamorra, porque nom se achase em poder de nyngem, e que nom se subese quem o fez. Ysto todo se provara muito larga e craramente.

C Quanto Almedyna se perdeu, de que ele foy causa por seus mãos conselhos que lles deu, e por as trayções que em seus corações enqryno, ele os avyso e lles dixo que fujysem, que eram vendidos, e que o Duque nom vinha senom pêra tomara Almedyna, e por seu comselho se vazo a cidade: ysto dito por eles mesmos oje.

C Quando o Duque veo a Azamor, ele dise a Cide Amyra Cebyty que fose a a gazua a Mazagam, e que levase comsygo os que pudese, e por seu mandado foy. E ysto dixo o dito Cide Amyra quando ho Gapytam ho prendeu e lhe lanço os ferros; e depoys que pago a pena ao Capytam e se rreconcillo com ele, comfeso como por mandado de Gide Hya ho avya feyto. Ysto também se provara.

C Agora estes dias com o pensamento mao que trazya, dise ao dito Cide Amyra que esperase e calase que presto se avya de achar com ele em hüa boa gazua, e quando se dize gazua por a aravya nom se entende senam em Cristão.

CE Mato a Abedal Jelyl, alcayde de dez o doze lugares de Duquela, com hum syguro d'el Rey noso senhor, aselado com o selo de sua camara, em que asygurava a ele e a seus parentes e fazenda de todos os Cristãos e Moros que estavam debaxo de sua bandera, e mandava nela a todos seus capytães e alcaydes e justiças e de toda otra jente

que a este Moro guardasem e anparasem, por quanto ho tomava em seu syguro. Y asy tynha syguro do capytam de Çafy; e também tynha syguro de Dom Juam de Meneses, que Deos aja. E com todos estes syguros ho mando.matar, porque dezya que nom coneçia senam a el rey de Portugal e ao capytam de Çafy.

C Mays porque este Moro descobryu ao Capytam cinco lugares q'ele tynha, sem esprever d'os que pagavam a el Rey, y elle tynha estes pera sy, e porque este os descobryu Ile tuvo esta tema, e mays porque era alcayde per alvara d'el Rey e de seu capytam, e nom tynha alvara sua.

C Todas as alvaras de syguro o de alcaydes que ho Capytam dava, nunca as guardava, como fez a Tarter, que ho rrobo sobre syguro do Capytam, e lle tyro as portas de ferro que tynham e as truxo a Çerno, e asy fez a Çays e Çaiz, que corn syguro do Capytam os rrobo.

C Asy rrobo a Almedina, e lles fez comer os pães, mandandolle o Capytam que nom achegase a ela; e todos os lugares otros d'el derredor de Almedyna, a Conty e Ugerez, Çorjydid e Ayer e Anamar, porque tynham seu syguro, nom achego a eles, asy que ho qu'ele asegurava era seguro, e nom ho do Capytam.

C Quando foy a Azamor e lhe fyzerom os Cristãos muita honrra, e ho receberom como a gran senhor, cudando hera grande servidor d'el Rey, e quando se despediu de Azamor de hüa légua de Azamor pera aca, puso fogo a todo ho pam de Uled Boazyz e de todos os Alaraves dos derredores de Azamor, porque nom vyesem aa terra, e parecendo que a ele avyam de obedecer, e nom aos Cristãos.

C Quando Xarqya vierom das portas de Marrocos com syguro do Capitam e sua bandera pêra vir syguros, que lles mando per Maymon, ele mando muitas cartas aos prencipaes d'eles que vyesem por sua mão e fyzesem a paz com ele, e que nom quracem de vyr por mão do Cristão, e que eles lles relevarya as penas que ho Capytam lles demandava per a trayçam que avyam feyto. E pêra ysto gasto muito, e enbyo muitos mensajeyros; e nom pudo com eles, que lhe rresponderom que nom achavam verdade nynhüa senam a do Capytam, e que a ele avyam de servir, que nunca acharrom falta em palavra sua. E de que vyu que os não pode trazer a sy, alevanto gerra com eles, e cada dia os fazya correr sobre achaques que lles buscava, e ysto todo pêra ensenhorar sobre todos os Alaraves. E de que nom pudo a trazer-los a sy, amaneçeu sobre eles hüa manhã, estando sobre syguro e apregoada paz por mandado do Capytam, e tomo-lles cinco o seis aduares com gado e todas suas fazendas, porque toda sua tençam era fazer todo hum zemel, e meter o Xarqya comsygo, e ser senhor sobre toda a terra.

C He certo que tynha determynado de se yr a terra de Xatma, e meter-se em hüa o dos fortalezas, e ajuntar asy muita jente e levar todo ho que pudese de fazenda. E pêra ysto robava e depeytava os Alaraves sym rrazom nem justyça, por apanhar pêra levar, e tynha feyto ja mais de cento de cavalo seus, e cada dia comprava cavalos quantos podia, com tençam de se yr e muyto prestes, e pêra ysto demandava cola ao Capytam que querya yr com Abeda e Garbya sobre Xarife, e sua tençam era fycar-se la.

C Todos hos pregões e mandados que se davam em Çerno, nom era senam de seu nome como rrey, e quando enforco hum Moro em Çerno, nom querya dezyr por mandado d'el Rey, fasta que Dom Rodrygo brado, e ele mesmo dixo ao pregoero que dixese por mandado dei rey de Portugal. E quando dizem por mandado do Rey, era por ele que asy se chamava ele antre os Moros.

C He certo pesal-le muito com quey se nomeava do Capytam, e com quey trazia algüa cosa presentada pera o Capytam; e hum Moro, que se chama Bem Abara, que trazya hum dia dos alcolas de mel pera ho Capytam, uvo nojo d'yso; e quando este Moro veo a ele a demandar-le hum poco de trigo que tynha em Almedyna, lhe rrespondeu: «Va ao Cristão que t'o mande dar, poys a ele levaste ho presente». E ysto avya cada dia com queyquer que achegava ao Capytam.

C Se carteava com hos Moros, fazendo-lles saber como ele era Moro, e que ho que fazya por os Cristãos era porque se fyasem nele, pera ver se poderya rremedyar seu pecado, que tynham feyto contra os Moros.

C E eu tenho hüa carta do Moro santo de Gamat, agradecendolle muito ho que avya feyto em a de Aguz e hos Moros que avya soltado, que Deos lle pagase o galardom de sua boa obra, e que agora qreya que era Moro verdadero e santo, e qreya ho que ele dezya que nom servya aos Cristãos senom pera rremediar ho que tynham feyto, e que, asy como ele qreya, asy ho pregoarya a todos, e que Deos lhe dese lugar e manera pera compryr sua vontade.

C Agora quando vyerom aqy Uled Ambram e Xarqya, me dixo Çehid bem Elhacem, que tem aqy seu filho em arrefem, que hum dia, estando muitos ornes prencipaes com Hya, que lhe dixerom, fazendo ele oraçam; «Sy he verdade que tu, senhor, es Moro, que fazes oraçam como bom Moro, como vas com os Cristãos a.gerrear contra hos Moros, e trazes os Moros catyvos?» Y que ele rrespondeu: «Nom som eu Moro, porque nom acho Moros em quem me fyar, que ja eu averya tomado meu pago dos Cristãos, e farya ho que eu tenho em meu coraçom. Mays confyo em Deos, que ele me dara lugar pera yso».

C Haçem bem Zuaor e Roho bem Xahmot envyarom aqy a dyzer ao Capytam que, estando eles Ia sobre Marrocos, como agora estam, forom muitas cartas de Yehya pera el rey de Marrocos, e que eles as vyrom e llas mostro el rey de Marrocos; as quaes eram pera se concertar com ele de seqreto. E que el rey de Marrocos rrespondera que nom se avya de fyar d'ele, que era traydor, que mato o seu senhor dentro em a aljama, e que nom guardarya fyaldade a nynhum, nym era rrazom de se fyar d'ele. E que ysto eles lio dyryam a ele diante o Capytam, as cartas que mando e com quey as mando.
C Todos os logares da beyra do mar pagavam a ele como a seu senhor, asy paga como adyafas, e seus alcaydes postos de sua mam.

C Çuleyma me dise muytas cousas que a ele lhe parecyam contra serviço d'el Rey; e asy lhe escreveio Çayde que nom conhece senam a Cidy Yhya, que era rey dos Moros e dos Grystãos; e este Çayde he seu sobrynho de Yhya, o que agora tem cargo por ele, a quall carta esta em meu poder.

Feyto a xj de setembro de mil bc xiiij0 anos.

Raby Abrão.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em de Setembro de 1514

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 16, Nº 13
Documento publicado in David Lopes, *Textos em Aljamía Portuguesa*, Doc. VI, pp. 95-100 e *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXXIII, pp. 630-637.

Senhor. Ha dyas ou messes ou ano qu'eu mandey pedyr a Vossalteza hüa carta em que mandasse chamar Ehea Taffuu, porque ssuas coussas yam muy pessadas e muy mail asombradas, pêra o homem ter por vesynho d'ante a porta, asy em Çaffym dentro como no campo. E depoys de me Vossalteza mandar esta carta, eu não meti mão nele a o mandar, por não ffazer novidade em coussa de Vossalteza, porque, não sse acertando bem, tynha eu a paixão dobrada; mas, sse este casso ffora meu propyo e que não ouvera d'yso de dar conta, ja dias que heu não soffrera o sseu modo de mandar, porque ssempre ffoy ffeyo e mall ordenado pêra o que compre a serviço de Vossalteza.

E por ysso, Senhor, muitos dias ha que trago Ehea as costas por ver sse podya escussar de vyr a ysto, ou polo matarem sseus pecados, ou por sse emmendar do que cada dya ffazia, o que não podya sser nem levava camynho, porque tocava ja em Luçaffell. E hentanto o não matasse ou ho não mandasse a Vossalteza, comprya-me mostrar a ele e a todos que era muy comtente d'ele, e que não emtemdya sseus erros, e hysto me comprya ffazer assy porque ele sse não chamava Pere Anes , porque toda ssua tenção e modo qu'ele tynha era ffazer emtemder a todolos Mouros que o que Vossalteza tynha ganhado que ele o avya de governar, e que a ele avyam de conhecer por sseu rrey, e asy se mostra, poys não podya Dom Rodrigo nem Mayll que dessem os pregões da parte de Vossalteza, cando em Çernu eu mandey enforcar hum Mouro. E assi mandou matar Dardeyro por os mandar dar em Almedyna da parte de Vossalteza, camdo ele entrou co ele dentro por mandado de Nuno da Cunha, que emtão estava sobrele pêra arrecadar os trebutos.

E por estas coussas e porque pelejou com Xarquia com cilada e corredores comtra meu mandado, e ysto porque não vyerão por ssua mão a paz; e assy tãobem por comprar muitos cavalos e fazer muitos mazagamis que pasavam de cemto tantos, sobre o eu avysar dessemuladamente que os não tevesse, nem comprasse tantos cavalos, o fazya; e disse a Mayll e a Yuçe em segredo que ele que sse querya yr com toda ssua jente, ainda que lh'eu não desse lycença, e que hüa noute tyrarya ssuas molheres e sseus filhos, e que sse yrya pôr num castelo d'esses de Xeatyma, e tãobem me disserâo que tynha esperança de levar algüa parte de Garabya e alguns d'Abyda comsiguo.

E porque ysto estava ja assy abalado e com mui mão propossyto e assy cavado, eu detremynava de o mandar a Vossalteza como agora mandey; mas pola ventura ffora mays tarde algüa dya ou dias ssenão coussas derão nisso lugar. Mas ssegundo a nova que me trouve o Almocadem, eu não pude ai ffazer ssenão manda-lo, e posto que o rrecado que m'ele trouve era pêra o eu atanazar, eu não quis niso entender nada, porque se avya de ffazer por jostyça ordenada, poys não tynha mays testemunhas que hüa soo. E não quis andar nesses processos ssenão manda-lo loguo, porque, polas mill culpas qu'eu ja d'ele tynha, abastava pêra o mandar; e por ysso o mandey ssem lhe descobryr nada dos sseus erros, somente amostrey-lhe a carta de Vosalteza e que o mandava chamar; e hele ffycou d'yso muy cortado.

E dysse-me o Almocadem com aquele Mouro Garaby que trouve pola mão, que soubesse certo que Yhea me querya ffazer trayção, e que havya de sser pola ssesta, cando ay ouvesse pouca jente pola cydade e comygo, e que ele avya de vir com corenta

ou cincoent' omens a falar-me dos sseus, e com quatro prencypays, a quem ele tynha dado comta do casso e hum d'eles sse chama Benahuda e heste Mouro he parente d'esté que m'o veio dizer, e disse ao Almocadem que ele sse movya a me dizer ysto e a me avyssar polo bem que lhe eu a todos ffazya e por minha verdade.

E cando eu, Senhor, vy tall nova com'esta, detremynei de logo o mandar, e mandey chamar Alvaro d'Atayde e o Contador, e disselhe mynha detremynação. Pareceo-lhe bem, e mandey-o a Vosalteza logo aquela ora que lho disse. E agora, Senhor, compre que Vossalteza tenha nele muy grande guarda, porque ele tem dinheiro pêra prometer e pêra dar mays de três ou quatro mill onças, e a guarda sseja mui boa e dessemulada por agora, mas prouvesse a Deos que morresse duas ffebres, e sseryamos ffora destes acupações.

E carido eu ffuy prender Cyde Amyra, porque foy comtra o Duque cando tomou Azamor, Cyde Amyra disse que não ffora ssenão por mandado de Yhea; e a pena que lh'eu pus, a quall ainda não pagou, que ssão corenta vacas, Ehea fficou em pagar quinze por ele; e asy lhe deu agora poucos dias ha dous camelos e disse-lhe que estevesse prestes porque cerca era a gazua.

E asy disse Duma, hum Mouro que esta no azemell, que he seu mazagany, que sse aparelhesse com alguns pêra matar Meimão que estava aqui comygo e com Xarquia agora cando vyerão concertar as pazes; e heste Duma dyse ysto a molher de Dom Garcya d'Eça que la he, porqu'ele he grande amigo de Dom Garcya, e hela m'o mandou dizer e assi ho disse a minha molher. Eu pus niso boa guarda até os pôr em Almedyna, e sse ysto não he trayção, he querer poder mays que o capytão de Vosalteza.

E asy mandou matar Abedel Jely, hum Mouro que la ffoy com Dia que hera muyto meu amigo, e que sservya bem hüas aldeãs de que ele tynha carrego e hera apartado d'ele; e hos Mouros dizem por ysto que morrem os amigos do Capytão e os sseus não.

E asy me pedyo o filho de Mafamede Alhache, prencypall d'Almedyna, qu'eu aquy tynha em arrafen, que lho desse, e que ele deixava sseu filho por ele e que logo o tornarya. Nunca o mays tornou, e dysse, cando lh'eu pedy este arraffen que não lhe desse eu, e meteo por alcayde em Almedyna com achaque de sse arrecadar por aquela vya mylhor a paga, e ho achaque foy pôr aquele Mouro aly por meter os pes em Almedyna, porque aquele Mouro era toda ssu alma e as portas sse arrecadavam por le, porque todo o seu fundamento hera meter os pes em Almedyna, porque, afora a ganhar, parecya-lhe que tãobem por aly ganhava Xarquia. E depoys que desbaratamos os

alcaydes d'el rey de Ffez e Xarquia, eu disse a Dom Rodrigo : «Mail me parece o que ffez Ehea, porque o ffez tão mall que sse não podya mays dizer e assy de Garabya». Ele me respondeo que nunca mays sse meterya em peleja com Mouros, e que sse Ehea o ffezera aly mail, que era omem que trazya bem suas rrehalas e que andava bem co as alheias, que os mandava bem. E Dom Rodrigo he, Senhor, tão amigo de Ehea que não tenha nenhüa duvida a desculpar a ele e culpar a mym, ssendo eu Christão e hele Mouro e devendo mays a mym ca ele, e d'ysto he Vosalteza boa testemunha.

E a Dom João, que Deos aja, pareceo ysto muito mail, e assy a nos todos, porque naquele ffeyto não ouve ay caussa de mostrar Ehea tamanho medo, porque parecya mays outra coussa que medo, e assi o dysse Dom João a Lourenço Martinz outro sseu amigo.

E depoys que sse Dom João veyo, e me deixou em Xeatyma, estando eu no azemell ao pé dos Montes Craros, ouve hüa demanda Crystovam Correa, escudeyro de Vosalteza que foy cryado do Capytão, hüa briga com huum Mouro do azemell por hüas cabeçadas que lhe achara que lhe furtarão, e pegou nele pêra m'o trazer, e ho Mouro disse que não avya d'yr ssenão prazese Ehea. E trazendo assy o Mouro a mim, topou Ehea no caminho, e ho Mouro disse-lhe o negoceo como passara. Day-lhe Ehea huum empuxão muito grande, e dysse-lhe Cristóvão Correa que o ouvisse. Dey-lhe houtro muito mor com palavras denjurya, e veyo sse logo a me ffazer queixume do que pasara, do que me muyto pezou, porque poys eu aquylo avya de dessemular não quyssera que m'o dyssera na praça.

E hestando o azemell de Garabya em Huumger, eu lhe mandey dizer por o Contador que o não mudasse d'aly pêra Almedyna ssem mynha lycença, e hele o mudou e puso em Zerque por compryr ssua palavra que ele tynha dito, e asy sseus amigos qu'ele tynha em Almedyna, que ho azemell que sse avya aly de pôr pêra a paga d'Almedyna, porque era competyção que tynhão huns amigos de Yhea com outros meus qu 'eu la tynha e hera Meimão huum d'eles, porque querya ja ganhar este credyto.

Eu, Senhor, não acabarya de contar cousas d'esta arte e muito mor sostancya ou tamanhas, mas he nunca acabar, e ysso que Bem Zamerro dysse a Vossalteza o que lhe parece e parecya de Ehea, e ssendo ele grande sseu amigo eu me fyo do qu'ele nyso dysser, porque o tenho por ornem de verdade e havissado.

E creo que lhe lembrara o que m'ele dyse, cando eu estava pêra yr ao Xeriffe, que receava muito mays este Mouro, porque avya de querer tomar esta terra pêra ssy e

pôr aly sseus alcaydes, que o perygo que nos podja vyr do Xariffe, ou cando menos por Mouro em briga.

E hassi pasou muita payxão co ele em Ehea e heu partyrmos o quinto do desbarato do Xariffe como sse lhe aquylo fficara de sseu pai.

E assy me dysse Manuell de Melo que Çeba e Haçam Bem Barqe, Mouros que andão no azemell d'Abyda, qu'eu acho grandes servidores de Vossalteza, que Ehea estava muito merrencoreo d'eles, porque me avisserão por hüa carta qu'eu não devya d'entrar nem mandar entrar nenhuns Cristãos, porque aquela entrada era alem de Marrocos atravez, e que fycava o senhor da Sserra através da nosa jente. E asy me derão outras rrezões como boons vasalos, per onde eu não quiz que entrassem, andando ja Dom Affonso, meu jenro, e todolos ffydalgos e jente que aquy esta armada por este terreiro, e ja não faltava ssenão lançasem-lhe a bençã̃o e tomar ssua agoa benta. E porque esta carta veio a mym d'este s Mouros e não veyo nele, dysse-lhe a todo Abeda muitas palavras d'injuria e d'escandolo, em que lhe meteo que tynhão eles de ver co Capytão ssenão coele e que coele avyam de falar aquelas coussas e não comigo.

E la esta Çoleyma, que então estava no azemell d'Abyda, e hele foy o pryncipall que aquela carta me ffez mandar; e Hehea foy todavya, que estava com os Alarves de Garabya, e não forão la Abyda ssenão muy poucos, e Çoleima ffycou, e contara todo ysto como pasou a Vossalteza.

Peço por mercê a Vossalteza que lo(go) como esta minha carta vyr, me queira logo mandar Çoleima, porque compre muito a vosso sserviço, e mande-o com contentamento sseu e com mercê e com boa palavra, e asy venha carta d'encomenda a Habyda do que esta pera ffazer, e agardecymentos do que fezerão. E assy a Garabya, e a Çeja mesturado na carta com Garabya, e anbas sejam d'ûa forma, e a carta de Garabya pode Çayde vir nomeado na carta com toda Garabya, porque nele tenho eu aly posto depois que sse seu tyo ffoy.

Noso Senhor acrescente a vyda e o rreall estado de Vossalteza a seu santo serviço.

De Çaffym a xij de ssetembro de bc xiiij.

Beijo as rreaes mãos de Vossalteza.

Nuno Fernandez da Tayde.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel,
em 16 de Outubro de 1514

A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 15, maço 16, Nº 32.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXXV, pp. 642- 648; *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. V, pp. 42-45.

Senhor,

Grandes pecados sseryam os meus sse açerca d'esté Mouro cresseeis a outrem mais ca mim, e poys ho eu, Senhor, mando de Çaffym ssendo ele comigo no desbarato do Xariffe, parece que o ffyz por bem e por me parecer assy bem e poys, Senhor, ysto assy ffaço, deves-me de dar credyto que ho ffaço porque me parece assy sservyço de Deos e vosso; e sse o não ffaço por este caminho ffyco o mais ffalsso omem do mundo e, hem lugar d'ele yr presso, eu mereço de o sser, e cando eu, Senhor, tall coussa como esta fíaço, nenhum cryado de Vossalteza, do mayor até o menor, não devya de dizer ssenão que eu ssei o que ffaço e que a mim sse deve de dar credito, porque dizendo bem do vosso capytão, dyzem bem de vossa verdade, qu'eu devo de guardar, e quem ffor contra isto não no ffaz polo que compre a vosso sservico, porque eles não ssabem o qu'eu ca ssei, poys ffazerem-no polo Mouro isso he contra natureza, ssenão sse ffaz por yrem contra mim, pois eu juro a Nosso Senhor que não esta nenhum omem em Portugall a que queira mall, nem por nimguem não deixo de commungar, Deos sseja louvado.

Esse Mouro, Senhor, não venha ca em nenhüa maneira do mundo, nem nisso, Senhor, não aja nenhua outra novidade, nem diga o Mouro la algüas bulrras, porque eu ssei que elle diz ca muito grandes. E coreo isto mays assentado e mays dessemulado que no mundo pode sser, por que veyo d'Almedina cando Nuno da Cunha eu tinha as portas pêra me trazerem de la a paga e hele veyo de la con contentemento de o rreceberem coma soltão, e não trouxe quatro cavalos de paga, e matou-me la Dardeyro dentro em Almedyna ou as porias; e cando lh'eu preguntei por Dardeyro, disse-me que sse embebedara e que com abebado morrera. E sse esta terra ffora minha assolutamente, eu ho mandara logo enfforcar, mas porque vos avia de dar conta e as coussas estavam então rrevoltas, dessemulei, como outras coussas que lhe dessemulei, e tanto, Senhor, lhe dessemulei que a Yossalteza não oussava de dizer as coussas d'ele, porque la tem amigos e não de verdade, mas não no ssão meus, nem amão dereitamente vosso serviço,

nem temem parece a Deos em pequenas coussas. E por que ssei que estes logo lhe aviam de ffazer ssaber o que lh'eu escrevo, o que traria grande inconveniente, por isso lhe não oussava d'escrever, porque mais assinha cay hüa carta da mão; canto mays nas novas em qu'eu não podya dyzer ssenão muito bem, pois ssão coussas pruvicas, e por isso, Senhor, correm-sse de vos ffallarem por este Mouro. E ssempre, sse ja ffosse, ninguém não ffalaria, e não por medo de mim, mas por vergonha de Vossalteza polo que de mim ouviryam que ssei milhor as coussas de ca que os que ffalam por Ehea. E das coussas de Ehea la não esta ninguém que as milhor ssaiba qu'eu.

E não dygo, Senhor, que venha Ehea a Çaffym porque nisso ja não he pera ffalar, mas não ha de pôr os pes em toda Affrica, porque co a vossa gente e co a s sua barba e com faquer ter cá credito, e heste credito não vem a Vossalteza bem, mas não no tem ele comigo, porque na do Xariffe ele ffogyo e assi Grabia primeiro que Abyda, e ssendo eles tanta jente e com mais lanças que Abyda, Abyda o ffez muito milhor, e hera acerca de duas oras da noute cando ele fFoy dar comigo; e no ffeito dos Alcaydes, nisso ja não ffalo, porque ffoy tão ffeyo o sseu ffogyr e de todo Garabya que ali vinham mui poucos d'Abyda, que nos não pareceo ssenão traição, e assi o cuidou Dom João de Menesses.

E afora isto, Senhor, matou sseu Senhor com muita dessemulação, como vos Yssaque contara sse quisser, que ja ele m'o contou, e assi me Deos ajude que, cando me isto contou, qu'eu o notey pera eu sser o que desemulasse co elle, porque ja então avya coussas para nysto cuydar, mas esperava sseu tempo, o quall foy agora que volo mandei, porque me parecya que estava bem a terra, mas antes outras coussas muitas ssabya que ele torvava que não vyessem a paz, dizendo aos Mouros que sse não dessem tão assinha. E alem de o ca mandar a boom tempo e que tynha bem ssabydo ssuas culpas, mandey-o agora por a terra estar bem desposta pera isso e pera não darem mays por ele que por nada como não dam, e porque me disse o Almocadem a trayção que me tynha ordenado. E se Vossalteza quer desculpar a ssi mesmo de ter la esse Mouro, ou a mim de o mandar la, polo que la pode dizer Dom Rodrigo, mande ca tyrar hüa emquerição por pessoa que seja pera ysso e creyo que lhe parecerão mais ffeyas ssuas coussas do que lh'eu escrevo. E mande Vossalteza ter bom rrecado nele, porque me disserão que daria esse Mouro duas mill onças polo porem em terra de Mouros e pode-as mui bem dar, que tem muito mais qua isto. E hele tem hum grande amigo em Tavila, a que chamão Diogo Esteves, e d'esté tenho eu rreceyo de o levar no sseu navyo, porque ja assi levou alguns chrystãos novos sobre deffessa, como ffazem alguns. E pola

primeira, ponha-sse boom rrecado nele dessemuladamente, até que assentemos bem estes Mouros nesta Ia voeira d'estano. O Çoleima me tem a mim dito d'ele algüas coussas; d'elle diga as tãobem a Vossalteza e assi o diga Yssaque, que creio que dirão assi como m'o ca tem dito, e Çoleima mande Vossalteza logo, porque compre assi a sseu sservico e por bem d'esta sementeira, e porque não cuidem os Mouros que o mandei presso. E porque me disserram que esse Mouro mandou dizer a Vossalteza que Meimão não mandava bem Xarquia, nem eu Abyda nem Garabya, poys não hião onde os eu mandava, ffaço ssaber a Vossalteza que nunca tão bem mandey estes Mouros como agora, nem fforão assi mandados como agora, Deos seja louvado, e heles o mays descanssados omens do mundo e assi o dizem. E na cavalgada que agora sse ffez as partes de Marrocos e de como o Almocadem quintou nos sseus gados pera mim, de que dou d'isso algua parte a Meymão, sse mostra; e assi em nos ter todos juntos a duas ou tres legoas de Baluam pera levarem o trigo Azamor sse mostra, e com rrecados de Dom Pedro m'os espalhou, porque lhe mandou ssatenta lanças, e como estão asombrados d'Azamor, não ouvirão mays rrezão boa nem ma ssenão forrem-sse. E sse diz que Abyda nem Garabya não quisserão yr correr a Marro(cos) : nunca tall mandei, porque pola nessecydade do pão, que não temos, não quis d'aqui tyrar parte de Garabya d'esta cidade; e Habyda mandei-a aos pes dos Montes Craros arrecadar a paga de Oley de Meta, a quall tem acerca toda rrecebida em ssi. E isto dos Alarves que erão de pazes e assi sse me vierão fazer outros, depoys d'esse Mouro la sser, que são huns dez aduares, em que traz o Senhor da Sserra sseu azemell, e tenho mill rrecados dele e quartas e assi tãobem os de Xeatyma e alguns Alarves que estavam afastados de mim ha dias sse vierão agora concertar comiguo e que querem que lhe faça azemell coestes poucos que ssão e que esperão que todos os que andão da parte do Xariffe sse venhão par eles e dei-lhe por sseu xeque d'esté azemell a Bogima. Prazera a Deos que yra ysto em crecymento e todos estes de ca. E eu mandei ao Contador que tomasse a conta Abede Mula e a Çum bem Barca, Mouros d'Abyda, aquilo que receberão dos de Olei de Meta. Estes estavam no azemell e hassi, depoys que vier Açum, me dara conta o que eles rreceberão com outros Aduares que estavam a outra parte, porque eu mandei que Olei de Meta trouxe(se) a paga ao azemell ou aqueles aduares onde estava Açum e ho que por sseus assinados me mostrassem, qu'eu lhe levarya em conta o que devessem; e hestes dous lugares dei a Oley de Meta que trouvesem ssuas pagas per que acodyssem aos que estevessem mays perto de ssi, pêra sseu descansso e pêra o nosso tãobem que ha pagarem-nos. E heu mandei ao Contador, que isto escrevesse a Vossalteza. E heu tenho

mandado Manuell Cyrveira a Xarquia a ver sse m'os pode ajuntar contra a parte das Ssalynas e assy ei de pôr aly Abyda e Garabya pêra ver sse pode ffazer algüa coussa em Marrocos, com ajuda de Deos, mas ey medo da muita fome que tem Xarquia nâo sse poder assi menear, ou que nos torne a chuva, porque estamos ja em tempo de ssementeira. Nosso Senhor governe pola ssua missericordea. O que d'isto sse passar eu ho escreverei a Vossalteza.

Nosso Senhor acreccente a vida e o rreal estado de Vossalteza a sseu ssanto sserviço.

De Çaffim, a xbj d'outubro de bc xiiij anos.

Beijo as rreays mãos de Vossalteza.

Nuno Fernandez da Taide.

Alvará de D. Manuel,
em Novembro de 1514

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 16, Nº 99.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXXVII, pp. 651-652.

Nos elRey, mamdamos avos Ruy Leite, recebedor do noso tesouro, e ao sprivam de voso oficio que dees a Yhea Tafut, noso cavaleiro e alcaide, hum balandram de lemiste ou fyna mercha de preço de…;

E hua marlota de çatim ou damasquo da cor que elle quiser, de preço de reis covodo…;

E sejam ambas as ditas peças garnecidas de seus retrós, como comvem a feiçam dos vestidos, e a marllota com seus bocaes d'outra seeda quai vos a vos melhor parecer e todo feyto e tirado da costura. E mais lhe day duas peças d'olamda de preço de duzemtos reis vara; e despachai-o loguo. E por este alvara com seu conhecimento mamdamos aos contadores que vos levem todo em conta. Sprito em Lixboa a quatro dias de novembro, o secretario o fez,

E dar-lhe estes vestydos do preço que vos bem parecer, posto que em cyma nom vaa declarado e dar-lho sem esperardes pella folha.

Rey.

O vestido de Yhea Tafu e duas peças d'olanda.
Sentado na folha do tesoureiro.
Registado.

Joam da Fonseca.

Recebeo o dito Yahea Tafut de Ruy Leite duas peças d'olamda, em que ouve sesenta varas duas terças da vara, de dozemtos reis vara ; e asy o ballandram e marlota feytos e tirados da costura e guarnecidos de retroses e caires, a saber o balandram de lemiste e a dita marlota de çatym preto e roxo.

Em Lixboa a xib dias de novembro de myl bc xiiij.

Jorge Correa.

Carta de Nuno Gato a D. Manuel, em 14 de Novembro de 1514

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 16, Nº 111.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXXIX, pp. 655-657.

Senhor,

Os hofiçyaes da Casa da Yndia mamdaram qua muito de presa que lhe fose roupa d'Arguim, e loguo com muita delygencya se buscou toda ha que se pode aver, e se achou em poder de Mayr e de Hyiuda, yrmão d'Ysaque Benzamero, perto de dous mill abanes e de tascomtes e meios tascomtos e sardos, muito espycyall roupa de Marocos, que me parece que ha dias que tall roupa nom foy d'aquy abaxa, e a outra he de receber; e Mayr ha de mamdar cem alambes corn ella. E esta roupa nom na quiryam nenhum

d'eles dar, porque nom havya na feyturya cousa de que lhe pagasem, e eu lha tomey e lhe fiquey por ella ordene Vosa Alteza de que se lhe pagem. E ha roupa emfardelada e comcertada pera se embarquarem na taforea de Vosa Alteza, saltou hüa levadia que se nom pode embarquar, e ao outro dia saltou vendavall, por omde se alevamtou ha taforea e perdeo ho governalho e foy através haho cabo de Canaveall e salvou-se a yente, por omde demos muitas graças a Deos em non ser embarquada a roupa e salvar-se a yemte. Ho primeiro navyo que vyer, prazemdo a Deos, loguo se embarquara, e prazera a Deos que tudo sera bem.

Ho Capitam espreve a Vosa Alteza sobre o fazymento da see. Beyjaremos todos as mãaos ha Vosa Alteza em no haver asy por bem e nos hajudar ha hysso e mandar hum omem que ho sayba bem fazer, porque nos he muito neçesayryo hüa igreya em baxo, porque nenhüa yente nom vay acyma. E também, Senhor, lembro a Vosa Alteza Sam Francysco que esta começado, que s'acabe hasy como ya la tenho esprito ha Vosa Alteza.

Aos dous dias deste mes, emtrou ho Capitam em Syatema e tirou d'esta cydade trezemtos e tamtas lamças e fomos ter ha Ruduam ha par de Cyqre, domde nos ayuntamos com Abeda e Garabya, que heram bem duas mill lamças e tornamos atras bem oyto legoas caminho de Marame, omde estavam sete aduares aho pé düa sera, e amaneçemos bem duas leguoas, que foy a mor coryda que eu nunca vym, e ver corer duas mill e tamtas lamças hera hüa fremosa cousa, e amdamos la quatro dias, e por ser dia escaparam os aduares, soomente as temdas e alguum gado que troxe Habeda e Garabya. Ha tera, Deos seja louvado, esta em paz. Ho triguo vall agora aqui por nosos pequados a vymte reaes o alqueyre de Lysboa, e cevada a nove reaes ho alqueyre. Parece-me que, como Abeda abryr a semear, que valera mais de barato, prazendo a Deos. No celeyro nom ha nenliuum triguo.

De Çafim a xiiij dias de novembro de bc e xiiij anos.

Beijo as mãos a Vossa Alteza.

Nuno Gato.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel,
em 12 de Dezembro de 1514

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 17, Nº 12.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXXX, pp. 658-663.

A el Rey noso senhor.

Senhor,

Oje chegarão a este porto três caravelas, e hem hua d'eles, que vinha de Tavila, me deu nova como Ehea chegava a Tavila; a quall eu vynda não creio por rrezão, poys tall sostancya sse não consultou comigo. Eu sei outra que veyo d'alem, em que veo huum moço meu, que ha vinte dias que veyo de Lixboa, em que me diz, e comcerta coa nova de Tavila, dyzendo que Vossalteza manda este Mouro pêra Azamor, porque o Mouro diz que vos há de dar Marrocos e tantos mill cruzados de rrenda e ai. Não pode sser mor dessastre nem mores pecados meus que sser este Mouro crydo e heu não. Sse não crerdes, Senhor, a mim, a quem creres sobre as coussas de Çaffym, poys eu certefFyco a Vosalteza e bem poderei jurar que não he ysto ssenão por meus pecados ou quiçá polos vossos, e prazera a Deos que não ssera pêra mays que pêra mester de sse gardecer meus serviços e lançar-los a outrem. E poys ja toco nesta materya, eu ffalarya mays largo sse tevesse lycença de Vosalteza em provar polas armas a quem vos ffala neste Mouro que não dyz bem e que ffalssamente o ffala e que o cega sseu joyzo pola enveja que me tem mays que polo dessejo que tem de vosso serviço, e não de baixelas nem de pedraryas, porque eles as tem, ssenão polas mercês que me Deos ca tem ffeytas, e assi lhe ffaria conhecer que nenhuum sserviço vos não tem ffeito este Mouro, que tão bem e milhor não ffezese quallquer outro Mouro que eu possera nestas alheias. E ha terra não se ganhou ssenão polos ffydalgos e cavaleiros vosos que vos ca mandastes e que vos aqui estamos servindo, e falsos omens e mãos omens que isto querem apagar. Espero eu que nunca ante Deos ysto sseja apagado, nem antre os omens de ffora da terra. E apagar-sse antre os Portugeses, eu lho não mereço e muito menos lho merece Vosalteza, a quem eles devem de dizer a verdade.

E mandar-sse este Mouro a terra de Mouros ssem meu consselho, poys o mandey, craramente sse mostra que conselho ffalso derão a Vosalteza; porque quem tem mays rrezão de ssaber ysto milhor q'eu não ssei, nem entendo por que caminho isto vay. Praza a Deos que nos ponha no milhor. Soltar-sse est'omem e mandar-sse ca, eu ho

não crerei aynda que o veja, porque em costume este e modo de jostyça que, sse hum juiz prende huum ornem, ele mesmo ho a de soltar e não outrem, porque ssabe a caussa. Ser alguum ornem em ajuda de soltarem este Mouro Ehea não ffaz-me torvar-o meu joyzo e crer que não he ysto so por meus pecados, mas por pecados de todo o reyno. E dyzerem qu'este Mouro ffez ca algüa valentya, ele nunca ca ffez no meu tempo, e heu o provarey, e o mays que tenho dito, por cassi dyzem os Mouros que a ffé não se de(ve) pôr em desputa ssenão polas armas, porque, tendo eu arrezão verdadeyra, querem me fïazer mentyrossa, porque a mor valentya que ca ffez, ffoi matar sseu senhor. E assi me matou ca por mão d'outrem por sseu mandado Abedel Jely, e Dardeyro dyzem que por ssua mão, porque ssequia o caminho de Vossalteza e não o sseu. E assy mandava matar Çoleima por esta mesma vya. E agora ssei que não diz ele la ysto e Yssaque Benzamerro me contou ysto.

E cando ss'ysto ouvese d'errar, antes ele venha pêra Çafym, porque ou ho ca matarei ou matara ele a mim. E yndo pêra Azamor nos ffara aquecer ysto antre Dom Pedro e mim, polas defferenças que nos pode pôr nos Alarves.

E pêra Vossalteza ver o em quele ja andava d'estados e de manhas, fazya entender aos Mouros qu'eu tynha assentado que a garrama de Vossalteza vynha nele, e não ha quatro dias que huum Mou(ro) que aqui esta, que tem carrego de ssua cassa, me tomou em Guamiz trynta carregas de cevada que vynha de Sayta, hüa aldeã que esta em Xeatyma, da paga de Vosalteza, e de cem carregas que erão, tomou trynta. E ainda o não emfforquei por iso, porque aguardo que me caya em outra.

Não ssei porque la dão paixão a Vosalteza co este Mouro, nem porque lembra mays que em cando volo eu lembrei, porque assi he nesseçaryo que eu faça a quallquer Mouro que trouxer nestas alheias, que sempre m'ey de mostrar que são contente de sseu(sj sserviços, até lhe dar a pena, a quall não ha de sser ssenão enfforca-lo ou manda-lo la, e, cando la ffor, não ha dandar banqueteado, ssenão mui sseguro pêra não ffogir, e posto em parte que ca não lembre, nem eu pêra me empeçere coele. Quemquer por ele ffaz, nem he por amor do Mouro, nem por ssua amizade, nem ssera tanto por seu dinheiro, como por sser contra mim, e heu juro a Noso Senhor que a ninguém não mereço esta ma obra.

A meu entender, esta terra nunca esteve tão bem assentada como agora esta, Deos seja louvado, não conhecendo outrem ningem senão Vossalteza e lavrando ja todos com mays obedyemcya do que nunca vy nenhüa jente, porque hüa so tenda não bole Xarquia ssem minha lycença, canto mays Abeda e Garabya, e as terras que toda

sua vida lavrarão deyxão hüas aas outras, por me fazerem prazer, porque este concerto compre así pêra vosso serviço, e de defferenças que antreles ha, todas vem ante mim, porque sempre esta cassa de Vossalteza he cheia de todolos prencipays de Abyda e de Garabya e Xarquia, e hemtanto ffor d'esta maneira, conhecerão eles o poder de Vossalteza e não atrebuyram a nenhum Mouro. E d'ysto sse prezão eles mays que de os querer ssenhorear Mouros, como este jagora ffazya em todolos Mouros que, pola guerra da vossa jente, tynhamos ffeyto de pazes, e descanssão, porque não tem agora as rroubaryas que esse Mouro antreles ffazya com cem mazaganis que ja tynha, de que tem avydo mays de dez mill onças de prata, ssegundo me dyzem, com que m'ele agora Ia ffaz a guerra ou ha ffaz a Vossalteza, e a terra que ca tem ganhada mais ca mim, qu'eu aqui não tenho mais que dessejar vosso servyço e não lhe conssentyr o maao caminho qu'esse Mouro levava, por que o caminho qu'ele leva era pôr-sse em credyto em toda a terra que com a vossa ffeiçam alcançava pêra cando lhe bem vyera fycar-lhe tudo nas mãos; dyzendo que vos tynha comprido Çaffym e que não avya outrem ssenão ele e que os Cristãos a ele sservyão, e ysto antre os Mouros ffaz gramde emprissão, poys antre os Cristãos gabam Jam de Rrabyetes como dezya meu pai, que Deos aja.

E sse alguém disser: porque este Mouro nos não ffez traição, não ssabe com'eu cantas ondas sobryso ca dya passavão, e que tãobem e mays prencypalmente não quis Deos nem a ele não parecerya que por pequeno preço nos podya levar, mas guardavou pêra tempo em que mays senhor ffosse da terra e hem que mays ffracos nos achasse, em que milhor o ffessesse, e halem dos perygos da guerra neste nos ponhamos por vosso sservyço. E ysto tudo provarey a Vossalteza cando compryr, e lembro-lhe que não queira tentar a Deos; e boa prova he que hay omens que ffalem por esse Mouro, alem de dom Rodrigo que pos nele toda ssua esperança e não lhe diz a verdade, mas antes dira que por seu serviço ffala bem nele.

As coussas de Xeatyma e de Moley Maffamede, o senhor da Sserra, sse me vem de maneira, depoys d'ese homem la sser, milhor do que nunca vyerão, de que deu muitas graças a Deos; e ssegundo o despejo que acho em todolos Alarves das pazes, e prencypallmente Olei Dambrão que he mais perto de Marrocos, a mim me pa(rece) que, sse tevera mais duzentas lanças do que tenho, que nos vyramos bem Marrocos a nossa vontade, e tanto o dessejo que não quero dyzer mais que cento, e prazeraa Deos que este ynverno algûa coussa sse fará d'ysto ; e ysto fará omem mays sseguramente de nos não ffazerem trayção porque ja não tenho nenhüa cabeceira antre os Alarves das pazes, poys la tenho mandado ese omem. E heu estou em muita amizade com Molei Maffamede, o

senhor da Sserra, por muitas cartas que me tem mandadas e rrecados, e prazera a Deos que neste casso ele sservira bem Vossalteza.

Nosso Senhor acrecente a vyda e rreall estado de Vossalteza a seu samto serviço.

De Çafym, a xij de dezembro de bc xiiij anos.

Beijo as rreaes mãos de Vossalteza.

Nuno Fernandez da Taide.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 19 de Dezembro de 1514

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 17, Nº 26.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXXXI, pp. 564- 666.

A el Rrey noso Senhor.

Senhor,

Por memorea dos gramdes serviços que lhe eu tenho ffeylos e gramde terra e jemte que lhe tenho ganhado e muitos trebutos que lhe lenho ffeyto pagar, eu cuydava que sse me matarão os Mouros no campo em batalha, que Vosalteza por ssy ou por ssua jente o mandase vingar, canto mays d'um sso Mouro que me querya ffazer traição ho dya que o embarquei, que tenho mui privado, e asy algûas outras vezes que a mim e a toda a vosa jemte a quissera ffazer. E assy, como lh'eu ssoffry outras coussas que vy por meus olhos e me dysserão, ffezera nesta sse me parecera vosso sserviço, mas, porque o não hera nem era ja ca nesseçaryo, o mandey la, o que me ssayo mui mall, porque mays vosso sservyço ffora emfforca-lo ca. E sse ele de muitos dias andava co esta trayção ordenada pêra a executar a sseu tempo, e heu, Senhor, d'essa mesma maneira tão bem andava dobrado sobrele, pêra, no tempo que me parece bem e voso sserviço, o mandar ou o emforcar. E ho qu'eu, Senhor, esperava, que me ffez não ffazer execução d'ele, hera o asessego de todos os Alarves que agora tenho, Deos sseja louvado. E s'outrem o contrairo de tudo isto que aqui dyguo tem dito a Vosalteza por parte d'esté Mouro, não

ama vosso servyço comeu e ss'eu de Vosalteza tevesse lycença, eu lhe ffarya conhecer que he verdade ysto que aqui dygo, e muita esperança terya de me Deos ajudar contra pessoas que querem tyrar o sserviço que lhe temos ffeyto e a Vossalteza, e ssange que temos derramado, e lança-lo a hum Mouro. E os omems que o ffavorecem mais offendem a Vosalteza ca mim.

E agora, Senhor, vem estes navios cheios de novas de o Vosalteza mandar pêra Azamor; e poys, Senhor, o mando he de ssaber que me não ffezesem jostyça como a hum provomem, asy sayba que não tomarey armas pêra sair polas portas d'esta cydade ffora, porque não oussarey com medo das treyções deste Mouro e não de ssuas valentyas, e tãobem com medo e vergonha dos Alarves, pola pouca conta em que me terão, e muyto mais polos de Çaffym, por que pouca esperamça lhe ffycara em lh'eu poder aproveytar com Vossalteza. E por isso peço por mercê a Vosalteza que asy m'o mande que o ffaça.

Terão, Senhor, os Portagesses em muito a batalha de sesta feira d'Emdoemças, porque morrerão mais ffidalgos e mais jemte nela que em toda a guerra de Çaffym, Deos sseja louvado; poys sse dysserem que a jente de Ffez matou e não os Alarves com que ca temos pelejado, dirão o que lhe praz, porque os Alarves os matarão e nosoutros, os de Çaffym, malamos a mor parte da jente de Ffez e isto he assy.

E não ffalo, Senhor, aqui nos Alarves que me queres tyrar e dar Azamor, porque ffyca esta petrita muito alta em respeito d'isto agora. E sse nas coussas de ca não tenho dado a Vossalteza esperanças de meryades, e, por vos ffalar verdade, porque não ssão ornem mais que d'uum caminho e Vossalteza bem o ssabe. Dygo ysto asy a Vosalteza porque pouco me ffyca ja que lhe ffale nem que hescreva.

Noso Senhor acreçente a vida e o rreall estado de Vossalteza a seu santo serviço.

De Çaffym, a xix de dezembro de bc xiiij anos.

Beijo as rreays mãos a Vosalteza.

Nuno Fernandez da Taide.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel,
em 27 de Dezembro de 1514.

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 19, Nº 58.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXXXII, pp. 667-669.

A El Rey noso senhor.

Senhor,

Eu não quis ver as culpas de Yhya juntamente, senam por pedaços pera asy ho fazer mais secretamente; porque, quando mandey Alvaro de Tayde a Almedyna, la tyrou hüas poucas de testemunhas de que Maill fuy lymgua, e sey que nisso avia de falar verdade polo que conpre a voso serviço, e foy feyto por hum escryvam mouro que esta em Almedyna por esprivam, e estas culpas suas mandey a Vosa Alteza avera oyto dias. E agora mando estotras que depos tyrey, aas quaes dou muito credito, e principallmente ao Roho, que he toda sua aima e todo seu bem, e este Mouro he Garby dos prinçipaes. E asy mamdo outro testemunho d'outro Garby, que fuy chamado e cometido pera aquele dya que se aviam de fazer a treiçam. E asy mando ho testemunho de Lopo Fernandez, que ainda que nam seja tam aspero como este, abasta pera porem este Mouro em lugar domde perqua a esperamça de nam tornar mais a terra de Mouros.

E eu esprevi a Vosa Alteza que lhe dese esperança d'ele vir logo qua, parecemdo-me que podia fazer algüa mudança por sua yda la. Faço saber a Vosa Alteza que nam fez ninhüa mudança senam pera bem, porque numqua a terra fuy tam lavrada nem tam asentada como agora esta a serviço de Vosa Alteza, Deos seja louvado pera senpre. E a nova que a my qua dam d'esté M(o)uro vir por minha fraqueza, Senhor, lhe dou algum credito, mas nam por razam nem justiça, porque mais devo eu de saber o que conpre a voso serviço nesta terra que ninhum homem de Portugall, e vay-me, Senhor, mais niso. E por ysto esta nova que qua soa deste Mouro vir, eu creo que Vosa Alteza a lance polo que lhe eu tynha esprito. Porque eu, Senhor, sam homem apaxonado, dou algum credyto a esta nova, principallmente por nam me vir recado de Vosa Alteza antes desta nova qua ser, e asy por me nam mandar Çuleyma, que eu esprevy a Vossa Alteza que o mandase por asy conprir asy a voso serviço.

Oje me chegou aquy hum recado do Xaryfe, pidymdo me paz; ao qual eu nam quis responder sem primeiro me dyzer como a pede.

E asy neste dia me chegou hum mouro principall de Tafetana, hüa aldeã de quinhentos vezynhos qu'é alem do Castelo Reall très legoas e junto ao mar hum quarto de meia legoa, pedymdo-me que lhe desse quatro navios com duzentos homens, pêra os favorecer d'aquele porto pêra eles correjerem hum par de torres naquela aldeã que tem, pêra se poderem defemder do Xaryfe; e querem dar seus arafês e pagarem trabuto a Vosa Alteza; e parece-me bem fazer yso por apasyonar ho Xaryfe da outra parte com os Mouros, e asy pêra os ensynar e por-mo-los em huso a virem buscar a Vosa Alteza e os Cristãos e fugyrem dos Mouros e do Xaryfe. E ysto, Senhor, nam he por sua vertude nem por sua verdade, mas porque as acham qua mais, e eles, Senhor, querem pagar esta despesa.

E oje parte o Adayll com cymquoenta de cavalo a favorecer ho azemell de Syatema, de que tem cargo Bujuma, os quaes lavram, Senhor, ao lomgo d'essa rybeyra d'Aguz, e por Aljuma ata Meramer, que sam bem cymquoenta aduares.

Noso Senhor acrecente vida e reall estado de Vosa Alteza a seu sam to serviço.

De Çafy, xxbij de dezembro de b^{c} xb^{3}.

Beijo as reays mãos de Vosalteza.

Nuno Fernandez da Tayde.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 31 de Dezembro de 1514

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 19, Nº 72.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Tomo I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXXXIII, pp. 670-671.

A el Rey noso senhor.

Senhor,

Ah tres dyas que me aquy mandou pidir Sarquia seguro pera vyr pera sua terra, e eu lho dey a Ole Dambram d'Ezcaum e Oled Yaco e alguns de Ole Dambram de Ayte el

Haly. Espero que sejam aquy d'aquy a cynquo o ses dyas e creo que vem semear, porque nam tem semeado la na terra donde estavam.

Estando esprevendo esta carta, chegou hum Mouro que dyz que aos quinze dyas que partyu de Çalé e dyz que Moley Zyam esta em Çalé por mam dei rey de Fez, e omde nos tynhamos por nova certa que Muley Naçar era morto, este Mouro afyrma que he vyvo e mais dyz que o rey de Fez vem a esta terra por março. E a vynda de Ssarquia a esta terra ao tempo que aquy dyguo me faz duvidar da vynda d'el rey de Fez.

Esprevo a Vosa Alteza as novas segumdo as sey nesta praça, pera que veja como a de prover esta cidade e a provisam que por esta cidade he neseçarya; e pera as novas que aquy mando, ainda que nam sejam verdadeiras, o que praza a Deos que nam sejam, he (necessário) mandar-nos Vosa Alteza dinheiro, asy como pede Pero Alvares, porque, com o dinheiro em abastança fazem-se as obras e mandamos os homens sem medo e sem vergonha, e com necesydade de rogo, nam se querem mandados.

Noso Senhor acrecente a vida e reall estado de Vosa Alteza a seu santo serviço.

De Çafy derradeiro de dezembro de bc xb anos.

Beijo as reas mãos de Vosa Alteza.

Nuno Fernandez da Taide.

Carta patente de D. Manuel, em 18 de Janeiro de 1515

A.N.T.T., *Chancelaria de D. João III*, liv. 47, fl. 127.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXXXIV, pp. 672-675.

Dom Manuell etc, a quamtos esta nosa carta virem fazemos saber que nos, por os muitos servyços que temos rrecebidos de Dyoguo d'Azambuja, do noso comselho, lhe fazemos mercê de juro e herdade da capitania d'Aguz, segundo conpridamente he conteúdo na carta que da dita capitania lhe demos, e porque ho dito Dyoguo d'Azambuja, por servyr a Deos e a nos se vay ora pêra o dito lugar d'Aguz, de que he

noso capitam, pêra nelle nos servir na dita capitania, porque se nam movesem duvydas nem debates dantre ele e o capitam danosa cidade de Çafim, e ele dito Dyoguo d'Azambuja soubese a maneyra em que ha dita capitanya ha de servyr, lhe mamdamos asentar nesta carta a maneira em que avemos por bem que ha dita capitanya syrva e o que com hela ha de ter de jurdiçam, com todalas outras declarações que nos pareceram neçesarias, as quãaes sam as seguintes:

C O dito Dyoguo d'Azambuja terá jurdiçam, poder e alçada sobre os Mouros que vyverem dentro no dito lugar d'Aguz e em seus arabaldes, se nos ditos arabaldes do lugar alguns vy verem, em todos os casos asy eives como crimes e até morte naturall inclusyve, sem d'ele aver apelaçam nem agravo, asy como a dita jurdiçam tem os nosos capitãaes dos nosos lugares d'Afriqua; nos praz outorgar e de feyto outorgamos ao dito lugar d'Aguz de lymyte mea legoa de terá em redomdo do dito lugar, pêra se aproveytarem os moradores do dito lugar, asy Christãaos como Mouros, em suas lavouras e criações e no que lhe bem vyer, com declaraçam que d'aquela parte que do dito lymite nam aproveytarem aqueles que no dito lugar vy verem, se poderam aproveytar e aproveytaram os Moiros d'Abida em suas criações e lavouras e no que lhe bem vyer como d'antes faziam; lhe outorgamos que ho dito Diego d'Azambuja posa fazer gerra aos lugares e gentes que esteverem de guera com Safim; lhe outorgamos que os lugares e terras que em Xyetema ganhar e trouxer a nosa paaz o dito Diego d'Azambuja fyquem da jurdiçam d'Aguz e sogeytos a gente d'eles ao dito lugar, como cousa de sua jurdiçam, sendo porem a tall paz e asento que sobre ela for feyto pelo dito Dieguo d'Azambuja aprovado e comfyrmado por nos. E em outra maneira nam avera isto lugar o dito Dieguo d'Azambuja, nam emtendera em cousa algüa sobre Moiros de pazes que até aguora sejam asentados ou ao diante forem pelos capitãaes das nosas cydades de Çafim e d'Azamor, em qualquer parte em que por eles ou cada hum d'eles for asentada paaz, nem sobre eles terá mamdo nem jurdiçam allgüa, porque asy o avemos por bem das cousas de noso servyço.

C O dito Dieguo d'Azambuja do emçaramemto que hos Moiros d'Abida fezerem do dito lugar d'Aguz e quaaesquer outros que aly emçararem nam levara dinheiro allgum e os ditos Moiros teram liberdade pêra lyvremente aly emçararem como sempre o fezeram, sem por iso lhe ser levado dinheiro nem direito allguum. Am tes lhe emcomendamos e mamdamos que pêra seu emçaramento aly fazerem dee toda ajuda e favor que lhe necesaria for, porque de asy lhe ser feyto seremos muyto servido. Declaramos que, quamdo allguum Mouro de Çafim ou da terra das pazes de Çafy se

aqueixar d'alguum Christão d'Aguz, conheça d'iso Dieguo d'Azambuja pêra ouvyr o tall Moiro com ho Ghristão d'Aguz de que se queyxar e fazer justiça antre eles, como por direito lhe parecer, porque por ser o Ghristão da jurdiçam d'Aguz queremos que asy se faça. E quando allguum Christão d'Aguz se aqueyxar de Moiro da terra e paaz de Çafy, conhecera d'iso o capitam de Çafy pêra fazer d'iso justiça como com direito lhe parecer. Com as quaaes declarações e lymytações mamdamos ao dito Dyeguo d'Azambuja que huse de sua capitanya do dito lugar d'Aguz e em todo cumpram o que por esta mamdamos sem outra allgüa cousa mais pasar, porque todo o mais que fezer e em que emtemder avemos por nenhum e de nenhum vigor nem força, nem queremos que ho poder de sua capitanya a mais se estenda, nem em mais aja lugar do que aquy he declarado, porque asy o sentymos por muyto noso servyço e bem do dito lugar d'Aguz. E o teor d'esta nosa carta mamdamos fazer outra tall, a quall mamdamos rregistar em nosos contos de Çafym, pêra sempre se saber o que nisto temos detremynado e asentado.

Dada em a nosa vila d'Allmeyrim, a xbiij0 de janeiro,

Antonio Fernandez a fez, ano de myl quynhentos xb.

Relato de uma expedição às portas de Marraquexe, em 22 de Janeiro de 1515

B.N.P., Ms. 7638, Nº 79, fl. 136.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXXXV, p. 676.

Do que aconteceo antes d'isto à Nuno Fernandez de Taide, capitão de Çafim, ho dito anno.

A vinte dous dias de janeiro do anno de quinhentos e quinze, escreveo Nuno Fernandez de Taide, capitão de Çafim, a el Rey dom Manoel, que fora com trezentas lanças de Cristãos e mil e trezentos Mouros de pazes e pasara por Marrocos a vista d'ele e derão em huums aduares que estavão ja alevantados e matarão alguuns pouquos de Mouros e cativarão cento sesenta almas e trouxerão quatro mil cabeças de guado grosso; e com esta presa se tornarão pera Çafim. El rey de Marrocos vendo que os Cristãos se

chega vão ousadamente as portas da cidade, porque alguums namorados se desmandarão em chegar as portas e com giz e carvão poserão motes huums seus nomes, outros os de suas damas, e não lhes podendo resistir, encerrou-se em suas cassas por três dias, nos quaes chorou sua perdição.

Carta de Álvaro de Ataíde a D. Manuel, em 25 de Janeiro de 1515

A.N.T.T., *Corpo Cronologico*, Parte 1, maço 17, Nº 61.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXXXVI, pp. 677-682.

A el Rey noso senhor

Senhor

Alvaro d'Ataide, bastardo, filho de Diogo d'Ataide, faço saber a Vosa Alteza, muitas graças ha Noso Senhor, vy ja Marrocos e a tore omde dizem que estam as maças, aimda que eramos três legoas pouco mais ou menos alem, aimda que ho dia nam hera mui craro. Fomos adiamte a fazer iso que Deoz ouve por seu serviço e serviço de Vossa Alteza quatro legoas halem de Marrocos pouco mais ou menos. Dizem os Mouros das pazes que juraram que numqua aly chegaram Cristãos, asy por ser lomge como por a terra ser muito fragosa, mas que agora seram ousados irem com os Cristãos até Fez. E dizem os de Xerquia, e asy alguns d'Almedina que hyiam, que eram bem sete cemtas lamças, que ese Mouro que Vosa Alteza la tem os lamçara a perder e os fizera piores, e que vyam Abyda e Garabya rricos, e que esperavam em Deoz que asy avyam de ser, e que eles nam desejam senam a paz de Vosa Alteza e fazer ha gera a todos os Mouros que nam quiserem a paz, asy como se fosem Cristãos. E certefiquo a Vosa Alteza que sam mais alegres e comtentes de sy com esta emcarna que Deoz quis que lhe desemos de muito gado e despojo que eles levaram, que, segumdo a cubyça que eles de seu naturall tem, que nam ficava cabrito nem curdeyro que nam trouxesem. Sam abastantes pêra destroir ho mundo de Mouros e nam de Cristãos. Pera estes Mouros terem boa paz, he necesario que nam tenha esteyo sobre quem se emcostem, porque, como ho tiverem, logo rreynam malicia, senam ho mamdo e poderio de Vosa Alteza, e ho ail he bulra; e asy ho digo a Vosa Alteza que asy he verdade, aimda que eu nam venha a comto nem tenho comtos, he necesario que algüa ora me des credito e he necesario que m'o dees.

Falemos em Marrocos que aqui tenho minha cremça. Aquele dya a tarde levaram novas a el rey de Marrocos, hüa ora amtes de soll posto pouco mais ou menos, e logo nam saio nenhüa gemte da cidade, e toda aquela noyte nam fez senam chorar e dizer mall a sua vyda, ho que prazera a Deoz que sera pouca a salvamento de todos os Cristãos. E esta nova foy com hum cavallo do Capitam, que he bom synall, pois que emtrou em Marrocos. Neste cavallo hia hum escudeiro do Capitam que cayo d'ele na sera, omde dizem que matou hum Mouro ou dous e ho cavallo levava hüa azagaada. Prazera a Noso Senhor que cedo ho iremos ver de mais perto, e se eu, Senhor, vyr as maças, lamber Alvaro que ho al he bulra.

Senhor, eu esprevi algüas vezes a Vosa Alteza e asy digo agora que, com ajuda de Noso Senhor, pase Vosa Alteza e traga hum imfante: fa-lo-a rrey ou senhor desta terra e coroar-lo-a em Marrocos, e isto esta feito com ajuda do muito alto Senhor Deoz, se Vosa Alteza quiser. Qua achara muito trigo e cevada e muitas carnes, que nam he necesario trazer. E tome Vosa Alteza ho emxempro da velha da Beyra que ia, nüa priciçam que se Ia fazia por gramde seqaa que ai avya, e iam pedimdo a Noso Senhor que lhe dese agoa, e aprouve a ele Deos que lhe deu logo agoa, e a velha ia muito detrás, que nam podia tamto amdar, muito esgorgomelada que parecia üa diaboa, e começou logo dar gramdes vozes: «Nam vos esqueça o vynho, filhos, nam vos esqueça ho vynho». E isto dizemdo muytas vezes, que quem nos da agoa asy nos dará vynho. Parece-me ora, Senhor, que a vejo. Isto, Senhor, nam sam graças, que majores as tenho eu na minha burgaca pêra quando eu quero, e asy digo, Senhor, que nam esqueça ho vynho. Se Vosa Alteza vyer, com ajuda de Noso Senhor, vera a mais fremosa terra e rrica que numqua se vyo e a mais sameada do que a cem anos que numqua se vyo, segumdo dizem estes Mouros e segumdo nos vemos.

E se nam aves, Senhor, de vyr, manday logo, Senhor, gente, porque aqui, Senhor, nam esta gemte, nem temdes muros, que as taypas sam caydas muytas d'elas e hum gramde lamço d'alcaçava, e esta ha mais fraca cousa que se pode dizer. E se Vosa Alteza ha de mamdar coreger alcaçava como he necesaryo, despemderes mais nele do que se a de despemder no que eu tenho esprito em outras cartas. E se outra cousa vos dizem perdoe-lhe Deos, que isto he verdade que eu digo. Mamde Vosa Alteza diribar alcaçava, que pouco ha hy que deribar, e mamde fazer no baluarte omde pousava Joam Nomem hüa tore foríe, porque aly vay emtestar ho muro novo, e outra no outro baluarte, omde ho outro muro vay emtestar, e boa cava chapada arredomda da cidade, e hum castelo sobre a calheta comtra Guarniz, omde se nam a de fazer senam hum muro de

sesemta ou setemta braças e hum baluarte, e d'aly sogigaram Guarniz e defemderam todo aquele lamço da cidade, que numqua ai chegara Mouro, e asy defemderam a praya e a chalheta, poderam embarcar e desembarquar cada vez que quiserem. Comtra ho mar, nam ha mister nada, que he tudo pena talha. E asy este castelo ajudara a cidade e a cidade a ele, sem nenhüa paixam. E certefiquo a Vosa Alteza que mais se ha de despemder na alcaçava, se se ouver de coreger como he rrezam que se corega; e esta muito lomge e muilo fora de comverçaçam d'esta cidade, posto que os muros vam emtestar nella. Ha mister ho terço d'esta gemte da cidade e asy da artelharia, e ela nam nos pode ajudar nenhüa cousa. E se for necesario darmos-lhe socoro, todo omem que la chegar nam sera omem, porque he muito lomge. E crea Vosa Alteza que isto he verda(de). Ho Capitam ha do(n)de despemder voso dinheiro: fazey os lugares que tomardes muito fortes, ho que aves de despemder em vymte anos, despemde-o em hum, e nam se perca ho muito por ho pouco, ho que prazera a Noso Senhor que se nam perdera e nam amdares cada dia, Senhor, em socoros e dar voltas na cama, que he necesario que as des e asy sospiros que se nam podem escusar.

Crea Vosa Alteza e aiya por certo que el rrey de Fez vem a esta terra; nam ponha Vosa Alteza duvida a isso, porque Mouros e Judeus que vem de Fez e Marrocos ho dizem e que lhe cortem as cabeças se asy nam for. Ora vede, Senhor, estes lugares como estam fortes e parelhados. Diz que vem ho mais poderoso que numqua foy, asy de gemte como d'artelharia, como de espimgardas e bestas. Nam he bem ter estas cousas em pouco e Vosa Alteza deve de mamdar logo socoro, porque nem tam solamemtes he bom pêra guardar estes lugares, mais aimda prazera a Deos que faram que nam venha a destroir tam rriqua terra como esta sameada, e tambem prazera a ele Deos que iremos fazer alguns saltos com ela ha seu serviço e de Vosa Alteza. Tomay, Senhor, a boa vemtura, pois esta aparelhada esta com os braços abertos pêra vos ajudar, com ajuda de

Noso Senhor, e asy sera com ajuda de Deos.

De Çafy, a xxb dias de janeyro de bcxb.

Deos acrecemte os dias e estado de Vosa Alteza, e asy aiya prazer e alegria em vosa casa rreall.

Alvaro d'Ataide.

Carta de nobreza para Lopo Barriga,
em 7 de Abril de 1515

A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 15, maço 18, Nº 28.
Documento publicado in Braamcamp Freire, *Armaria portuguesa*, pp. 65-66; *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXXXVII, pp. 683-686; *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. V, pp. 222-225.

Dom Manuel per graça de Deos rey de Portugal etc. — A todos os que esta nossa carta virem, ou o trellado d'ella autentico, seja sabido pêra sempre que, assi como Deos, por sua justiça e bondade infinda, aos que neste mundo temporal ben e honestamente vivem, daa no outro eterna gloria e galardam ynmortal, asy he cousa justa e mui razoada, que aos reys e principes, que na terra seu lugar tem, por seu exemplo, aos que corporalmente com fieldade e memoraves serviços virtuosamente os servem, nam soomente com graças, favores e mercês os satisfaçam e contentem em suas vidas, mas ainda por boom exemplo e virtuosos serviços e sua mais gloria agalardoem a elles e aos que d'elles descenderem com outros premios e homrras, que d'esta mortalidade sejam ysentos de todo. E portanto, sendo nos em conhecimento e certa sabedoria, que Lopo Barriga, cavalleiro fydalgo de nosa casa, nos tem servido em muitos serviços na guerra dos Mouros, imigos de nosa santa fee, por maar e por terra, e nas cidades e villas que temos nas partes d'Africa, e principalmente na nossa cidade de Çafim honde elle he adayl, e sob a capitania de Nuno Fernandez de Taide tem pellejado com os Mouros mui esforçadamente, e desbaratou o Xarife, que trazia muita gente, e depois, por força d'armas, entrou e tomou hum castello em Xiatima, em que se o dito Xarife fazia forte, honde morreram e captivaram muitos Mouros etc... E consyrando no(s o) meresamento de todos os ditos serviços, cujo galardam nom tam soomente deve ser temporal, mas merece seer, com acrecentamento de homrra e louvor, perpetuamente satisfeito, e vendo seer cousa justa ho fazermos asy ao dito Lopo Barriga, e pello amor que, por suas vertudes e bondades lhe temos, nos, de noso moto proprio e certa ciencia, como rey e supremo senhor nom conhecendo superioridade no temporal, com acordo e justo parecer dos do nosso conselho e de Portugal, noso rey d'armas principal, por renumeraçam do dito Lopo Barriga, gloria e homrra dos que d'elle procederem, ho fazemos por esta nossa carta fydalgo de cota d'armas, e asy aos que d'elle legitamente por linha direita descenderem para sempre, e os abelitamos para ysso, e seperamos e removemos do numero geral dos homeens e conto plebeyo, e os redozimos ao conto e estima e

principaçam dos nobres fydalgo s de limpo samgue, e sobre isso, porque a elle e ao merescimento de seus boons serviços seja com resplandor satisfeito, e os outros populares na vertuosa emveja de tal gloria se ascendam neste desejo com exercicio de semelhantes obras, nos lhe damos por armas e ornamento de nobreza, e synaaes d'ella, para elle e seus descendentes pêra todo sempre brasam d'armas, elmo e paquife e timbre na maneira seguinte, assaber : o campo vermelho, e hum castello de praia com as portas e frestas de negro, sobre pena talhada, cercado de agoa, elmo de prata cerrado, paquife de prata e vermelho, e por timbre o mesmo castello, o qual brazam d'armas, elmo, e timbre, o dito Portugal, noso rey d'armas, hordenou e logo registou por noso expresso mandado em seu livro do registo das armas dos fydalgos com sua cota d'armas que dos mesmos sinaaes lhe damos, segundo que em meo d'esta carta vesivelmente por arte e magisterio de pintor com cores e sinaaes he devisado e demostrado, ho qual escudo, armas e synaaes posa trazer e traga ho dito Lopo Barriga, e todos seus descendentes, em todos os lugares de homrra, em que os nobres e antigos fidalgos sempre costumaram as trazer, em tempo dos mui esclarecidos reys nosos progenitores, e com ellas posa entrar em batallas, campos, duelos, retos e escaramuças e desafios, e exercitar com ellas todos os outros autos licitos de guerra e paz, e assi as posa trazer em seus firmãaes, anes, e sinetes e devisas, e as poer em suas casas e edeficios, e leixa-las sobre suas proprias sepulturas, e finalmente se servir e honrrar, gouvir e aproveitar d'ellas em todo e por todo, como a auto e perogativa de sua nobreza convém, com a qual queremos e mandamos que aja elle e todos seus descendentes todas as honras, privilégios, liberdades, graças, e mercês, e ysençõoes, e franquezas, que ham e devem aver os outros fydalgos nobres e de antigua linhagem de nosos reinos, e segundo que as sempre ouveram dos gloriosos reis nossos antecessores. E porem mandamos ao dito noso rey d'armas, que as tenha em boa e devida guarda e assi aos outros que despois d'elle forem, e a quaaesquer arautos e passavantes, e a todos os que seguem a arte e exercício do nobre e real officio d'armas, a quem esto ao diante para sempre verdadeiramente pertencer, que registem estas armas e sinaaes, e as ponham asy mesmo em seus livros autênticos, para em todos tempos serem ávidas por aprovadas e verdadeiras, e lhes leixem lograr e pessuir e aos que d'elle por linha direita descenderem como cousa sua propria, e a outros alguns nam. E mandamos a todolos nosos coregedores, desembargadores, juizes, justiças, officiaaes e pesoas a que esta nosa carta for mostrada, que em todo lha cumpram e gardem e façam comprir e gardar as homrras, privilégios, graças, mercês, franquezas, e ysenções que de direito lhe pertencem, e como sempre

foram gardadas e se gardam aos nobres e antigos fydalgos de nosos reinos sem duvida nem embargo algum que a ello seja posto, porque asy he nosa mercê: e por lembrança e firmeza de todo, lhe mandamos dar esta carta, asynada por nos, e asyllada do nosso sello do chumbo.

Dada em a nosa mui nobre e sempre leal cidade de Lixboa, aos bij dias d'abril, Joãm a fez, anno de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e quinhentos e quinze.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 3 de Maio de 1515

A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 81.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXXXVIII, pp. 693-694.

Senhor,

Ho dia que sse Dom Pedro apartou de mim e foi dormir a Tarter e Çais ho gramde e o piqueno, disse aos Mouros d'aquelles luguares que a elle havião de conhecer e não a mim e que alie havyão d'acodir com ssuas paguas. (Pe)ço a Vossallteza que me llivre d'estas paixões, porque eu não me queria mais ver nellas com Dom Pedro, por ser asy vosso serviço. E estes luguares ssão de Mycemjaia e ssão tão preto de Çafim como d'Azamor.

Peço por merçe a Vossallteza que mande dizer a Dioguo d'Azãobuja que não hacolhe nenhuum homem em Aguz ssem meu assinado, e mande huum mandado d'isto a Dioguo d'Azaobuja e mande houtro a mym, porque aos homens apraz-lhe cohas cousas novas.

Nosso Senhor acreçemte a vida e ho rreall estado de Vossallteza a seu samto serviço.

De Çafim aos iij dias de mayo.

Beyjo as rreaes mãos de Vossalteza.

Nuno Fernandez da Tayde.

Carta de mestre Duarte a D. Manuel,

em 19 de Julho de 1515

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 18, Nº 39.
Documento publicado in *Les Sources inedites de l´Histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXXXIX, pp. 703-706.

A el Rey noso senhor.

De mestre Duarte.

Senhor,

Oje quinta feira chegou aqui hüa caravella de Villa Nova, que sse chama ho mestre Duarte Gonsalvez, a quall vem do castello de Sam Joham e partio de llaa terça feira esta pasada. A nova que conta he esta: que ho castello he feito da banda da terra alltura de dous homens e meio com sseus balluartes e hüa andaena de bombardeiras com ssuas bombardas, e da banda do mar pouco menos. Tem muita call llaa. Vieram muitos Mouros ssobre elles com muita artelharia, e nam fezeram nada ssoomente dyfenderem a barra muito rrijo; e porhem jaa, ao tempo que esta caravella partio, era toda artelharia grosa dos Mouros e nom íicavão senão huns yspingardões que, ao ssahir, a estes nom lhe fezeram ninhum dano.

Senhor, diz que a gente estaa toda muy contente do Capitam mor, e que lhe pesara por ho capitam mor nom tomara artelharia aos Mouros; e que estavão com muito esforço e muitos ssãos, Deos sseja llouvado, e que nom adoecia ninguém.

Senhor, também deu por nova que ell rrey de Fez foy sobre Çafim nem que chegasse llaa e que os Mouros das pazes lhe derão hüa curreada boa, em que lhe mataram dous allcaides principaes, e que agora estava em Tite; e que domingo este pasado, xb d'esté mes, hia poer cerquo na cidade d'Azamor ou Mazagam, e que tinthham rrecado do capitam de Mazagam que nam tenha necesidade de mais que de mantimentos; e que todos estavam com muito esforço e que esperavam em Deos de todalas partes llevar este perro a cabeça quebrada.

E depôs esta caravella dez que vem bem trimta, as quaes vem por call, e esta disse que era pêra Anafe1 segundo Ilaa deziam: prazeraa a Nosso Senhor que, ao tempo que esta lla for, seraa todo feito como he serviço de Deos e de Vossa Alteza.

Eu Senhor estou aqui ha biij dias carregando a call que ho Capitam mor mandou pidir, da quall nom tenho carregada mais que cento quarenta moios por myngoa de navios, que non ha hum em toda esta terra agora. Llogo, prazendo a nosso Senhor, tudo

sse faraa e despacharaa. E, pêra estas cousas sse fazerem com mais presteza, avia ssempre de estar qua muito dinheiro, porque agora, pêra pagar os mercadores, fretes pasados e estes de agora, e pêra a call, ha mister muito dinheiro. E crea Vossa Alteza que ho que estaa na minha mão que he como em tesouro e que iic mill reis na minha mão ssam bj° mill, porque, com minha fazenda e allguem pouco de credito, ssupryrey muito, e muyto mais com ho desejo que eu tenho do serviço de Vossa Allteza.

Senhor, esta nova me mandou Rui Barreto, que llogo a mandase a Vosa Allteza tanto que chegase. Por ysso bejarey as mãos de Vosa Allteza que na rreposta deste venha llogo declarando como lhe eu ysto esprevy, pêra que ssaiba elle que ho fiz asy.
Senhor, depois d'esta nova dada, me torna a dizer que aa ssua partida mandava ho Capitam mor a Mazagam duas caravelas, hüa de besteiros e outra de gente; e esta he grande nova, Deos seja llouvado.

Estando na ribeira ouvyndo esta nova e procurando hum homem pêra hir com esta nova a Vossa Allteza, este sse ofereceo pêra ysso; e me rrogou que lhe desse esta pêra Vossa Allteza, pello que receberia muita merce, quallquer que lhe Vossa Allteza a elle fezer, porque he homem de criação, e aceitou ysto com muito boa vontade.

Praza a Nosso Senhor que ssempre a Vossa Allteza lhe venham muito boas novas e de serviço de Deos, como estas ssam, e outras muito milhores que venham de Nafe.

De Villa Nova, a xbiiij de julho de mill bcxb, a 19 de julho de 1515.

Mestre Duarte.

Carta de D. António de Noronha a D. Manuel,
em 30 de Julho de 1515

A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 306. Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXL, pp. 707-712.

A el Rey noso senhor.

Carta de Dom Amtonio, de xxix (sic) dyas de julho, a que foy reposta na caravela em que vay Luis Afonso patram e despois outra tall per Fernam Caldeira.

Senhor,

Eu tenho mandado dezer a Vosa Alteza per Joam Seram o que me diseram estes pilotos e marynheyros e asy algüas pessoas omradas que tambem sam boms marynheyros do que lhe parece d'esta bara, e por yso o non torno a dizer nesta. E estes todos me tynham dyto o comtrayro quamdo aquy cheguey, e porem o meu parecer he que se nom pode tapar em nenhum modo do mundo a bara por ser d'area todo este canal, e o ryo ser da major coremte que numqua se vyo. E vymo-lo per esperyemcya, que trabalharam agora quamto poderam estes dyas que non emtraram navyos nem sayram em quamto se aparelhava a nao e com tudo non fizeram nada. Porem por rezam os marynheyros o emtemderam milhor. Joam Seram partyo d'aquy segunda feyra amte manhã, e a terça feyra ao meo dya nos vyeram combater muita gemte de pé e de quavalo. Non deçeo a bayxo com medo d'artelharya e a de pé tam sem medo como se foram Framçeses. E começou de jugar artelharya dos navyos por ser preamar, que de bayxa mar non jogaram bem, e começou-os de fustygar, de maneyra que non chegarem ao pé do muro. E quando vy que se detynham, mandey que tyrase artelharya da forteleza e matarya trymta Mouros que logo aly fyquaram estyrados a fora em fym dos ferydos. E como ysto vyram, aredaram-se a fora. E omtem detreminaram de nos dar outro combate, por se amostrar a gemte que vynha d'Alquaçer, que trazia outra bombarda grosa e fazya-os chegar hum omem omrrado a parecer de todos, e este foi loguo morto d'üa bombardada, e asy huns poucos e como ysto vyram, volveram-se loguo. E omtem a noyte, mamdey hyr a nao pêra a bara, a qual levava muytos marynheyros a solido, por serem muito escolhidos, e os repayros que levava eram a parecer de todos pêra os non passar hüa colobrynha, e mandey nela por capytam Gaspar de Payva e co ele hya Inaçeo de Bulhomes e Joam Rojim, cavaleyro de Vosa Alteza, e

Pero Colaço e outros omens de bem. E foe sorgyr a par das estamçeas dos Mouros e deyxaram-na estar aquela noyte e o outro dya sem lhe tyrar nenhüa bombarda grosa. E a outra noyte seguymte começou de jugar a sua artelharya tam fortemente que lhe meteo trymta e cymquo pelouros demtro na nao a espera. Pasava como se fora hüa folha de papel. Matou-lhe hum ornem e fyryo muitos das rachas do navyo, e asy feryo o mestre da não que he valemte ornem. E como o vyram os seus marynheyros ferydo, ouveram-se por perdydos e quyseram-se lamçar ao batel. E Gaspar de Payva mandou a Joam Rojim, meyrynho d'esta armada, que se posese nele, e asy o fez. E apertaram-no dahy avamte tam ryjo que foe neçeçareo alargar quamtas amcoras tynha a nao e se veo atocamdo a caravela de João Martinz e mandey-lhe co a major delygem(ciaj acodyr co estes bates que lhe levaram amcoras e cabres, e a remedyaram. E Gaspar de Payva o fez tam bem, e asy os outros, que homem lhe deve aver a vyta e Vosa Alteza lhe deve de mandar agardeçer o servyço que os fez, que he gramde. Asy, Senhor, que yagora tenho sabydo que nom ha repayro que haprovey nom se tenha a espera nem yso mesmo as outras bombardas grosas, porque esta nao levava quanta madeira veo de Portugal e asy quantos colchomes tynham estes fydalgos e cavaleyros: e tudo nom aproveytou nada. E porem nesta conjumçam quis Noso Senhor que emtrasem no qual tempo quatro ou cymquo navyos sem saberem o que qua avya, e trouve-os Nosso Senhor mylhor do mundo; e hum d'eles se ouvera de perder mas foe mui bem socorrydo dos bates que la mandey pêra yso, e prouve a Noso Senhor que nenhum d'eles nom recebeo dano e os Mouros muita payxam, porque cuidavam que tamto que ha não d'aly s'afastase que nom emtrarya nem sayrya nenhum navyo; como de feyto he cousa bem pêra arrecearem os navyos que ho souberem. Os que haqui estam avemturar-se-am a todas as cousas do mundo por se hyrem daquy, porque vem que estamos çerquados de Framçezes, e que tem esa artelharya que Vosa Alteza vera per estes pelouros, de que lhe mando esa mostra, e os seus bombardeiros sam bem desvyados dos nosos asy em despachados, como em darem quada vez omde querem.

A pedra nom se toma sem muito perygo, e area tambem e augoa yso mesmo, que pêra todas estas adyçomes tem bombardas e, se lhe nom tomaram as outras, teveram feyto muyto mays dano. Ora veja Vosa Altesa, com tal vyzynhança como este, como a gemte aqui ha de fyquar. E Dom Alvoro me dyse que alguns que lhe tynham dada palavra de fyquarem co ele, que ho desenganaram já que nom avyam de fycar por nenhum preço do mundo; polo qual me parece que de neçecydade Vossa Alteza ha de fazer hüa d'estas cousas; mandar gemte pêra se fazer hüa tore em cyma d'aquelas

estamcyas em que Moley Naçar tem postas as bombardas pêra os navyos que emtram e saem, pêra segurança d'eles, e nam dará lugar a Moley Mafamede que ha faça em mui pouco tempo, e fazemdo-ha, nom emtrara navyo nem sayra por esta bara que ho nom meta no fundo do mar e o capitam que he que estever, estará sempre çerquado, e custar-vos-ha mays a soster esta fortalesa que todolos outros lugares com socoros e despesas eytraordenaryas que ham de ser de mays custo que has ordenadas. E a gemte que Vosa Alteza ha de mandar pêra ha podermos bem fazer ham de ser dez mill omens e d'ahy pêra cyma, porque ha de fazer fundamento que, hao tempo que vyer, achara aquy Moley Mafamede e que ha avemos de fazer a dyta tore e cortyjo na metade das suas barbas e fazemdo-a, estará Vossa Altesa descamsado, e d'outra maneyra nom no deve d'estar. E se fose posyvel que Vosa Alteza mandase quymze ou vymte mil omens nesta comjumçam, tomaryam Çalé sem nenhüa comtradyçam, porque nom tem bombarda nem espymgarda nem ornem que ha defemda, e tomaryamos esta artelharya em que se toma outra çydade. E ysto se pode fazer d'alforge muito prestesmente, se ha Vosa Altesa parecer bem, e deve lho aparecer, pois em algum tempo se ha de fazer este, he a popa e se fará com mays quer outra e com menos despesa, pois de neçecydade ha de mandar gemte pêra fazer a dyta torre pêra segurar esta fortalesa, que esta ja em mui bom pomto, Deos seja louvado.

Os três lamços do muro seram oge aquabados d'altura que am de ser, e da bamda do mar esta ja hum pedaço feyto, asy que, pêra se aquabar a dyta forteleza, nom lhe myngoa mays que ho peytoryll e as ameas. Os baluartes seram d'alevantar quatorze pallmos; e se trouveremos feramenta em habastamça pêra a pedra, ha dez dias que a forteleza fora aquabada. E comtudo fes-se muita obra, porque ho muro he de doze palmos e meo de larguo e de milhor pedra que hos muros d'Obydos. E poys, Deos seja louvado, ele esta neste pomto, favoreça Vosa Alteza e aja por muito certo que hos omens omrrados que aquy estam e eu co eles vola defemderemos e gardaremos, co ajuda de Noso Senhor, de maneyra que sejaes bem servydo, e ysto quando Vosa Altesa nom ouvese por bem de mandar tomar Çalé ou fazer esta tore. E queremdo que se faça, mande trazer muita quantarya e a outra pedra temo-la ao pé da obra das estamcyas qu' eles tem feytas. E quanto ao que Vosa Altesa quer saber da nao em que mandey Dom Alvoro as estamçeas dos Mouros e da obra que nyso fez, eu lho tenho escryto largamente, e asy do que me pareçya d'aqueles começos e da estreytura do ryo, e estou maravylhado nom ser la primeyro que todos porque ho ornem que levou as cartas he

homizyado e eu espedy-o por alvytre, e porque nom pode deixar de ser la, escuso de o dizer nesta por nom perder esta mare.

Noso Senhor a vyda e real estado acreçemte a Vosa Altesa como ele deseja e a seu servyço.

D'esta fortelesa de Sam Joam da Mamora a xxx dias do mes de julho.

Bejo as mãos a Vosa Alteza.

Dom Antonio.

Carta de Diogo de Medina a D. Manuel,
Em 1 de Agosto de 1515

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 18, Nº 52.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXLI, pp. 713-716.

Muy alto e muy poderoso Senhor,

Bexando las manos de V. Alteza, le hago saber como per Afonso de Aguiar se quiso ynformar de mi de algunas cosas de las que son pasadas tanto d'este sitio deste castillo como de otras cosas que eran pasadas. En especial me pregunto que me parescia d'este rrio, que si se podia atajar por alguna manera y que aviamos heeho en muy mal sitio este castillo. A todo sepa V. Alteza que le rrespondi la verdad de todo lo que avia pasado sobre la edificacion d'esté castillo, que ellos lo an edificado contra di mi voto y de mi parescer, y porque no se si sera asi dicho a V. Alteza asi como a sido mi rrespuesta, me ha pareseido de le escrevir a V. Alteza, pêra que sepa por mi carta todo ei caso como es pasado.

Sepa V. Alteza que ai tienpo que el Capitan y Don Alvaro de Lorono y otros muchos hidalgos esta van en este mismo sitio, diziendo cada uno su parescer, me pregunto el Capitan que era lo que me parescia de la edificacion, si se haria alli: a lo qual le rrespondi que me parescia muy mal sitio, lo uno por estar sojuzgado a unas

montañnas que lo sojuzgan, y otra porque en ynvierno se cubre todo este sitio de agua, como claramente alli se lo hize ver, y de todo esto ay muchos hidalgos que pueden dar fe a V. Alteza. A lo qual me rrespondio don Alvaro de Loroño diziendo me que callase, que donde estava maestre Butaque que no havia de hablar. Yo le rrespondi que para aquello me avia enviado V. Alteza, mas pues que asi lo mandavan, que me plazia de no entender en aquello ni en otra ninguna cosa. A lo quai me rrespondio don Antonio, capitan de V. Alteza, y maestre Butaque, que en a quel mismo sitio mandava V. Alteza que se hiziese, para lo qual no era necessário mas rrespuesta y asi se començo a fazer el dicho castillo dia de san Pedro.

Sepa V. Alteza que tiene enderredor de si estas sierras que le sojuzgan de tal manera que, despues que avemos alçado los muros en la manera que agora estan, nos dan con el artilleria de dentro d'el patio (d'el) castillo y todos los que estaran en cima de los muros estaran descubiertos asi de la una vanda como de la otra, de manera que para estar cubiertos, sera de fuerça que se haga un pretil de la vanda de dentro, para abrigar la jente que estará em cima de los muros. Aliende d'esto, tiene estotro defeto que en ynvierno con el avenida estara cercado de agua como claro se paresce por la esperiencia alli a ellos mostrada.

Mas sepa V. Alteza que el dicho Pedro Afonso preguntando me que si me parescia si este rrio se podia atajar, a lo qual le rrespondi que sienpre me e rrecelado dello, segun la piedra que vimos echada de los Moros, quando lo fuymos arreconoscer Lançarote de Melo e yo y el coronel Leyton. Y despues de aver visto esto, en cuatro dias que le dimos enpacho a los Moros que no pudieron echar mas, hizo asiento toda aquella piedra y no parescio la mayor parte, y asi se dexaron de aquel enpreza. Y despues determinaron los Moros atravesar el rrio con unos cables y anelas y anegaron en medio una zabra cargada de piedras com anelas echadas de Ia una vanda y de la otra. E saliendo la fusta de noche, dio en los cables y los corto. Al presente y despues no se a proveydo por ellos otra cosa y aviendo buen rrecabdo en este rrio con barcas bien armadas y caravelones con rremos, no creo que le faran mas y les sera tirado su deseno. el qual creo, Senor, que tienen pensamento, segundo lo que avemos visto, que determinan de hazer dos puntas de caez, la una de la una vanda y la otra de la otra, y de punta a punta de los dichos caez atravesar las entenas y los arboles de ocho navios que se nos na perdido, estas entenas y arboles atravesadas com algunos rramales de cadenas y afirmadas con las anelas que avemos perdido. Todo esto fecho d'esta manera, nos meterian en mucha necesidad, quanto mas que ponyen sobre esto toda su artilleria como

la tienen puesta. No quiera Dios que esto alcançen a fazer y todo va en tener buen rrecabdo en este rrio con caravelones y varcas esquipadas de rremos, para que de noche y de dia no les consientan hazer lo que tengo dicho, y esto es lo que mas yo rrecelo. Portanto, my poderoso Señor, suplico a V. Alteza que mande que vengan los caravelones de Tavira y Faro, que llevo el Duque en Azamor, bien condicionados de rremos y de lo que es menester, los quales son muy necesarios para la guardia d'esté rrio y no seria mucho, Señor, si los Moros tienen lugar que hagan un bestion en el mismo lugar que V. Alteza avie de mandar hazer esta fortaleza que a que avemos hecho, por donde fueran escusados muchos ynconvinientes. Y Dios sabe quanto en ello trabaje y d'esto me son muchos testimunho, y lo mas d'esto alla e escrito a Don Luis de Meneses, para que de todo haga rrelaçion a V. Alteza, a la quai, Senor, le suplico que las cosas mias y de Jeronimo Esturial, tratador de los atunes de V. Alteza, nos haga merced que seamos bien tratados de ciertos agravios que tenemos rrecebido d'esté presente ano de Juane Mendez Gorrea, fator de V. Alteza, de los quales agravios hara rrelaçion el dicho Jeronimo Esturial, y asi lo suplico a V. Alteza que d'esto me haga merced, a la quai nuestro Senor acrescente su rreal vida y rreynos asi como por Su Alteza lo desea.

D'el rrio de la Mamora, primero de agosto de mill y quinhentos y quinze anos.

De Vuestra rreal Alteza servidor.

Dyego de Medyna

Carta de D. António de Noronha a D. Manuel, em 3 de Agosto de 1515

A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 8.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXLII, p. 717.

A el Rey noso Senhor.

Senhor,

Acerqua da forteleza d'Anafe, faley largamente com Afonso Lopez da Costa. Crea-o Vesa Alteza por me fazer mercê e aja por muito cerlo que nenhum tempo do mundo nom he mais desposto pêra se fazer que este, polas rezomes que ho dyto Afonso Lopez dira a Vosa Alteza.

Noso Senhor sua vyda e estado acrecemte, como ele deseja e a seu serviço.

D'esta fforteleza de San Joam a iij dias d'agosto.

Beijo as mãos a Vosa Alteza.

Dom Antonio.

Carta de D. António de Noronha a D. Manuel, em 4 de Agosto de 1515

A.N.T.T., *Colecção de cartas*, Núcleo Antigo 879, Nº 204.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXLIII, pp. 718-720.

A el Rey noso senhor.

De Dom (Antonio) que trouxe Pedro Afonso d'Aguiar e Afonso Lopez da Costa.

Senhor,

Esta forteleza he feyta, Deos seja muyto louvado, e de muytos mays largos do que Vossa Alteza ordenava e mandava. A obrygaçam que tynhes de a mandar ffazer,

Vosa Alteza o sabe mui bem, e nos tambem a vemos, pois com tamta despessa e rysquo de vossos cryados e vasalos, quysestes que se fyzese. Ya he feyta e bem feyta, louvores a Noso Senhor, no coraçam do reyno de Fez e apesar de Molei Mafamede. Folgue Vossa Alteza de a comservar, pois esta em sua mâoo a maor cousa do mundo e a que mays acrecemta seu estado e senhoryo, afora o gosto e comtemtamento que Vossa Alteza diz que tem com muyta rezam, e que ysto abastarya pera fazer hüa gramde armada quamto mays esta que nom he muy grandepera o vosso poder, poys ssabe que tem as milhores vasalos do mundo, que ha repyque vos tomaram mill Çaeles e mays nesta cumjumçam; e se isto nom pode ser, nem mandar os dez mil omens, como lhe tenho escryto, deve de querer deixar esta forteleza mui abastada de gemte e d'artelharya e de mamtymentos pera seis meses, e seys caravelas armadas e duas albetoças e de mea duzea de barquas d'açodares pera servyço da dyta forteleza, a saber pera lenha e pera pesquarem e pera augoa e as caravelas segurem todo este ryo de navyos de remo, que he certo que am de vyr muy tos, e nam consemtyram que na bara se façam tamtas paredes, posto que ha meu ver nom sam nada, pryncypalmente no imverno, porem danara o estomago aos que aquy esteverem e também poderam levar novas a Vossa Alteza d'esta forteleza e favoreçe-la-am muyto. A gemte que me parece que he que deve de fyquar sam oyto çemtos omens repartydos per esta maneyra: dozemtos besteyros e çem espymgardeyros e dozemtos pyames, porque os cemto se am d'ocupar nestes navyos e pola vemtura mays. E Dom Alvoro dyz que nom ha mester menos de myl e dozemtos, mas a mym me parece que estes abastaram e vola defemderam muy bem. E aquy ha muytas pesoas que me falaram que, se Vosalteza pola vemtura quysese que Dom Alvoro nom fyquase aquy, qu'eles vos serveryam, Vosa Alteza, nyso com boa vomtade: e estes sam Lançerote de Melo, Jorge Vyegas e Crystovam Leytam. Estes, Vosa Alteza os conhece bem e por yso nom dygo mays que he presemta-los. Ca nom despedy esta gemte d'ordenança, pois espero por outra, posto que este bem descomte d'ela. Veja Vosa Alteza o que nyso mandar e asy se fara. E quanto ao negoçeo de Nafe, nom dygo nada, senom que estarem prestes pera compryr voso regymento; e agora me parece que tenho milhor tempo do mundo por quam descuydados estam de lembrar neste tempo outra cousa senam esta. E da gemte que de la vyer, serya bem tomar-se algüa, porque estará mais folgada.

Beijo as mãos a Vosa Alteza pola merçe que fez a Joam da Costa, que eu receby por muy grande, e eu a servyrey.

Garcia de Melo chegou agora estas oras, da maneyra que Pedro Afonso e Afonso Lopez dyram a Vosa Alteza. Beyjar-lhe-ey as mãos por lho mandar agardeçer.

Noso Senhor a vyda e real estado acreçemte como ele deseja e a seu servyço.

D'esta forteleza de Sam Joam da Mamora, a iiij dias d'agosto.

Beijo as mãos a Vossa Alteza.

Dom Antonio.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 4 de Agosto de 1515

A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXLIV, pp. 721-725; *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, pp. 307-309.

Senhor,

Aimda que nos el rey de Fez não viesse combater, bem he que digua a Vossalteza como tínhamos as estancias hordenadas e hos homens que nisso ho servião, porque trinta noytes dormirão todos nas estamcias. A estamcia de Dioguo d'Azãobuja comesava da casa em qu' eu estou e cheguava tee ho baluarte de Santa Catrina, da bamda do mar e aquelle baluarte tinha Alvoro de Faria tee ho balluarte de Ssamtiaguo, que he ho moor lamço que ha em toda esta cidade. E ho balluarte de Ssamtiaguo tinha Alvaro Mendez Cerveira. E de jumto co elle tee porta d'Almedina tinha Manueli Cerveyra. E até alcaçava e nallcaçava tinha Antonio Barba a torre de Jão Nomem e duas torres aliem. E d'alli atee ha torre dos Cotellinos, que estaa ssobre has hortas, e d'aquella torre atee a torre gramde d'allcaçava, tynha Jorge de Brito. E na torre grande estava ho Allcaide moor; e ho balluarte que estaa ao pee d'ella, que e muy fraco e mui mail hordenado, estava Jorge Mendez d'Ataide. E de jumto co ha torre gramde atee ha houtra torre que estaa num canto, e d'aquelle camto tornando a virar comtra a cerqua nova atee catro cubellos, tinha Manuell de Mello. E Cristóvão de Mello tinha houtros très cubellos

atee dar na cerqua nova. E aquelle pano do muro novo até dar no primeiro balluarte, tinha Antonio d'Azevedo e Ssimão d'Azevedo co elle, e tinhão mais té hua guorita, que era ho meo do houtro pano. E d'aquella guorita atee ho balluarte da Pallmeira e houtro pano todo tinha Dom Francisquo d'Azevedo e Bastião de Boim. E ho houtro balluarte tinha Lourenço Mendez e todo ho outro pano. E ho houtro balluarte tinha Eytor Gonçalves, ho feitor, e ha porta de Guormiz e houtro balluarte ssobre a calheta.

A todos estes capitães eu tinha dado cavaleiros e assi homens de pee e besteiros e espingardeiros, ssegundo erão has estancias. He Pedr' Afonsso d'Aguihar, filho de Rruy Diaz d'Aguihar que trouve huns corenta hou cincoemta homeens da Ilha, e Balltesar Casco, ssemdo rrapique, havião d'acoder corn toda a jemte ao meo d'alcaçava; e Antonio Mendez e Frei Francisco havião d'acoder corn hos sseus homeens allcaçava. E Duarte Taaveira havia d'acudir corn trimta homeens que trouxe, que lhe deu sseu tio ho joiz da Ilha com consentimento de Manuell de Lloronha, tãohem alcaçava. E coremta besteiros e vinte lamceiros, que me vierão do castello de Ssão Johão, n'alcaçava hos tinha hapoussemtados, e ho Hadaill hia lia dormir com vinte homeens. E assi tinha hordenado Amrrique de Parada com cuidado d'emxadas e cestos, e catorze ou quinze pedreiros, que tivesse cuidado dos rrepairos, porque ssegumdo hos muros que ssão, d'isso aviamos de fazer fundamento, e muita madeira, que pera ysso lia tinhamos, que aquy temos de Vossalteza, que nos veo a mui boom tempo.

E todos estes homens e esta hordenança que pera alcaçava tinha, toda era mui necessária, e imda nos parece que fora mais necessária, porque he mui verguonhosa couza as torres e os muros que tem. E eu dormia no çoquo, e Alvoro d'Ataide, com outros fidallguos e cavalleiros que não tinhão estamcias; e naquella houvera d'estar minha molher, sse nos combaterão, e tãobem minhas filhas, para que não cuidasse nimguem, pollos mãos muros que temos, que fazia fumdamento d'esta casa. E ssegumdo o que me tem dito, elle mudou ho consselho que trazia de nos combater, porque ssoube como estávamos hordenados, e com muitos navyos neste porto, aos quaes eu tinha dado dez hou doze bombardas pera me guardarem esta praiha, que trazião nos sseus bateis.
E nestes trinta e três, ou trinta e catro dias, que estivemos nas estamcias, algüas botas de vinho sse guastarão apesar d'Alvoro Tojall e assi houtras cousas neçeçarias.

E oje me chegou o Almocadem Amrrique d'Ataide e três escudeiros meus, que mãodei ssaber homde era el rei de Fez, porque eu cuidava qu'era ja no rrio; e elles cheguarão ha Dinarte e a Heitiguornaz, homde acharão huns Mouros, que estavão nüa llapa, que sse d'ella defenderão, e disserão-lhe que el rey de Fez que estava em Aurara,

nüa alaguoa grande que estaa quatro leguoas d'Almedina, e lhe disserão que oje rrhehallava d'ahi**.** E esta nova me deu hum cativo, que d'alli fugio num quavallo, que aqui chegou a très dias do mes d'aguosto. E porque elle partio de Benimagre ssegunda feira, eu cuidava qu'era elle ja passado ho rrio, ssegundo a pressa qu'elle llevava; **e** ssoube que ha ssua detemça foi, porque espera que ho Xerife lhe mamde quinhemtos camellos d'Abeda de presemte porque has neguoceações que ho Xerife tinha com Abeda era dizer-lhe que ho rrecebessem em ssua companhia, e que lhe dessem aquellos quinhentos camellos pêra lhe llevar de presente, e qu'elle faria com el rey de Fez que sse fosse ssem lhes fazer nenhum nojo; e polia nececidade d'Abeda, comcedeo haquillo, mas não hos camellos que ateguora aimda sse não derão.

E espero em Deos que mui cedo lamçem ho Xerife fora de ssi, porque por sseu remedeo d'aquelle tempo ho tomarão. E allguns requirimentos fez o Xerife Abeda qu'elles não quiserão comceder; e comcederão-lhe, por derradeiro, hir pellejar com Xyatima pêra hos rroubar, porque esta he sua natureza, e porque estavão d'elles maguohados d'outros rroubos que lhe fizerão camdo aqui veo Mole Naçar.

Como eu, Senhor, ysto ssoube, mãodei lla ho Hadaill ha dous dias por paz he hassosseguo de todos elles, e Çide Bujimaa e Çaide Tafuu co elle, que haqui estavão. E ha metade de Xiatima estaa aqui ssobre Alljuma e ha houtra metade, que ss'apartou d'esta camdo elles pellejavão, estaa a paar do Castello Reall. E escrevo ho Hadaill que ontem pelejarão lla com hos que estão mais llonje d'elle, que lhe mãodasse allgüa jente pêra favor d'elles. E oje lhe mãodey cincoemta de cavallo com Manuel Cerveira, e que sse pusese em Aguz ssem passar ho rrio, e d'alli mãodasse requado ao Adahill e o Hadaill a elles. A tall novidade, como foi emtrar ei rey de Fez em Duquella, não he muito fiquarem houtros na terra allguns dias. Espero em Nosso Senhor, que, aimda que aguora ysto estee danado, que sse torne a correger hapesar d'assopradores que hahi ha para sse danar.

Nosso Senhor acrecemte a vida e o rreall estado de Vossa Alteza a seu santo serviço.

Di(o)guo Çollema, ainda que não fosse fronteiro ca muito tempo, elle saberá a dar conta a Vossa Alteza do que lhe preguntar.

Escrita de Çafim, aos iiij dias d'aguosto.

Beijo as reaes mãos de Vossa Alteza.

Nuno Fernandez da Taide.

Carta de D. Álvaro de Noronha a D. Manuel, em 5 de Agosto de 1515

A.N.T.T., *Cartas dos Governadores de África*, Nº 38.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXLV, pp. 726-727.

Ha el Rey noso senhor.

De Dom Alvaro de Loronha.

Senhor.

Vosa Alteza mandou qua Pedrafonso e Affonso Lopez, segundo me parece, pera com sua ida Vossa Alteza dar sentença sobre ha forteleza da Mamora. E se Vosa Alteza se lembrara que me tynha qua mamdado, quiça hos nam mandara qua. Ha entrada (do) ryo, Senhor, tem cento e trynta braças de largura, como eu disse a Vosa Alteza, e el rey de Fez tem cimquo bombardas groças com há espera, que habastão pera fazer tamtonojo que não house nenhum navio aqui entrar. E pera iso, Senhor, não ha houtro conselho que aver senão fazer hua forteleza na entrada da bamda de Larache, que me pareçe que sera mais proveitosa ainda e se fara mais levemente, porque hos Mouros todos estão da houtra bamda. E créa Vosa Alteza que sem esta forteleza que não achara quem aqui queira estar nem sera rezão por Yosa Alteza gemte eerquada por mar e por terá, poys Vosa Alteza niso levara pyor vyda que eles. E se Vosa Alteza esta forteleza mamdar fazer e logo, porque ho inverno he favorável pêra nos, porque estamos em ryo e eles não poderão estar no quampo, esta forteleza, Senhor, feyta, toma Vosa Alteza Çalé. Hora veja Vossa Alteza qual sera mays de fazer, tendo ja esta feita, louvado Noso Senhor, e vindo-se ho inverno que, como lhe digo, e favorável pêra nos; e estas forças feytas neste ryo, tem Vosa Alteza feito na gera d'Afryca ho que se ha de fazer. E em gramdes empresas ha, Senhor, mister pôr lhas mãos de verdade, porque emtão são logo mansos.

Mamde Vosa Alteza soquorer esta gemte, porque ha mor parte d'ela e roym e não sofre revés; e hainda que ha Vosa Alteza agora mamdase la yr d'aqui esta armada, pêra iso so avya mister soquoro pêra se desembaraçar.

Noso Senhor acrecemte vida e estado de Vosa Alteza.

Da Mamora b d'agosto.

Beygo as mãos a Vosa Alteza.

Dom Alvaro de Noronha.

Relação da expedição a Mamora, depois de 10 de Agosto de 1515

B.N.P., Ms. 7638, Nº 40, fl. 73.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXLVI, pp. 728-731.

Da armada que foy fazer hüa fortaleza a Mamora, de que foy por capitão moor Dom Antonio, filho do marques de Villareal, que ora he conde de Linhares.

No mes de junho do anno de quinhentos e quinze, el rey Dom Manuel noso senhor, desejando fazer alguum danno no reino de Fez, fez hüa armada de oito mil homens e Dom Antonio, filho do marques de Villa Real, por capitão moor d'ela, e com ele muitos fidalguos, a qual armada partio de Lixboa a treze dias do dito mes de junho do dito anno e chegou a Mamora huum sabado vinte tres dias d'ele, vespora de san João. E ao domingo saio em terra com toda a gente e meia legoa da foz do ryo, em lugar convinhante, pelo rio acima, armou hüa villa de madeira e fize-se forte. E porque isto foi sem resistencia, começou loguo sem impedimento lavrar hüa fortaleza e em mui pouquos dias a fez d'altura de hüa lança e a cerquou de cava chea d'agoa. E em estes dias que se isto fazia, não virão Mouro, nem quem lhes fose a mão. El rey de Fez era contra Azamor e Çafim talhar e queimar os pães e leixou seu irmão Molei Nacer por guarda do reynno, o qual adoeceo e estava doente a este tempo que os nosos lavravão a fortaleza; e por isto não acudio e também por segurar e guardar Çalee, de que elle temia

muito mais que de huum campo despovoado. Dahi a pouquos dias chegou Molei Nacer, com tres mil de cavallo e trinta mil piães, e a boca do rio, da parte da serra, asentou hüa estancia com seis bombardas, de que os nossos recebião muito nojo e os navios não podião entrar nem sair sem grande afromta e risquo de se perderem. Polo qual o Capitão moor mandou chegar hüa nao e tres caravellas a terra, junto da barra, e com muita artelharia que trazião começarão ajugar, de maneira que com morte de muitos Mouros os fizerão arredar e leixar a estancia, os quaes, vendo-se asi escandalizados, quiserão combater a fortaleza. E indo pêra isso os de cavallo lançavão os piães diante e os piães apreferirão que fosem os de cavallo, em maneira que sobre isto ouverão taes palavras e peleja que morrerão d'elles bem cento e corenta de hüa parte e da outra. Em fim, apacifiquados e concertados, tornarão a pôr suas bombardas e suas estancias a boqua do rio, onde as poserão a primeira, fortalecidas com palanquas e cavas e com tres mil homeis de guarda e todo o arraial logo junto, donde fazião muito nojo.

Ho Capitão moor mandou tres esquadrões de mil homeens cada huum a ordenança contra a serra a pelejar com os Mouros e por capitães Tristão da Silva, e Ruy de Melo e Cristovão Leitão, e per mar em bateis Antonio de Saldanha com quinhentos homeens, pêra, tanto que os da serra comecesem de pelejar, sair contra eles contra as estancias de bombardas e as tomar e trazer. Mas seus pensamentos sairão vãos, porque partidos huuns e outros se concertarão tam mal e com tanta desordem que os da serra sem afronta virarão as costas e se lançarão com os piques nas mãos per hüa rocha abaixo e morrerão ahi miseravelmente pasante de mil e duzentos. E foy o medo nelles de maneira que dous e tres se achavão espetados nos piques ao lançar da costa. Os dos bateis, vendo isto desbarato, não quiserão sair, antes se leixarão estar na praia e recolherão consigo todos estes gentis homeens; e alguns entravão na vasa armados de couraças de seda até os pescosos e foy necèsario, pêra os d'aly tirarem, lançar-lhes cordas per baixo dos braços; e asi honrrados e vittoriosos se tornarão a fortaleza.

Passado isto, avendo ja alguuns dias que os vittoriosos pareciam sem vergonha, sabendo el Rey do que aconteceria, mandou que se tornasem e leixasem a fortaleza. Mas tanto que souberão que os mandavão vir, posto que o Capitão moor mandase que nenhum sai se senão per rol, porque a barra he estreita e roym, por se não embaraçarem e com o desmancho se perderem, sem nenhum concerto nem ordem começarão de embarcar e sair nos navios com tanto medo e dezacordo como se os Mouros vierão nelles metendo as lanças, e causarão perderem-se oito navios, de que a gente pereceo e os Mouros ouverão cincoenta e duas bombardas, em que entrarão cinquo grossas, a

saber, huso, camelo, lião, falquão. E asi vitoriosos os que vierão se tornarão a suas casas.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 15 de Agosto de 1515

A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXLVII, pp. 732-735.

Senhor,

Quamdo nos aqui loguo chegou nova como morrera aquella jente do castello de São Johao, loguo escrevi a Vosallteza que havia de pôr muita força em sse aquillo acabar ha sua vontade, porque loguo me temi, que, por aquelle descomcerto que halli haqueceo, houvese la loguo algum consselho, que era bem que tall fortalleza sse não fizesse. He haguora, Senhor, por esta gente que de Lisboa veo, ssoube como craramente sse dezia na Corte de Vossallteza que este castello mandava Vossallteza derribar, e mandava hir a jente d'elle; mas histo não sse dezia por nova certa, mas que sse falava.
E inda que eu, Senhor, não sseja para lhe dar consselho ssem m'o elle pedir, eu, polo gramde desejo que tenho de sseu serviço, me atrevo a dizer isto, ssem m'o elle mandar. E lembro a Vosallteza que fez el rey Dom João, que Deos aja, a Graceosa, duas leguoas gramdes da barra, e ssem nenhuns muros e com valias e com omeens sse defenderão de todo o poder del rey de Fez, ssem nunqua ousar a os combater, e tapando lho rio que mim homem ha nado não podia pasar, d'alli assentarão ssuas pazes: do qual partido ho reyno ficou com muita honrra, e el Rei com muito contentamento, pois desviada he esta barra da houtra, porque esta nunqua sse pode tapar, ssegundo dizem, e desviada he esta fortalleza dessa, porque esta he ja acabada com formosos muros, e assi da jemte, porque ha houtra teria mill homeens, e esta tem cimco mill, e menos de mea leguoa da barra, e ha houtra estava duas leguoas, e ho poder de Vossallteza he muito moor do que tinha el rei Dom João, que Deos aja.

E por isto, e por todas has vyas do mundo, Vossallteza deve de poor todas ssuas forças e sseu poder para ysto que começou viraa bavamte, porque has vitorias, que lhe Nosso Senhor tem dadas polia ssua samta mizericordia, nenhüa d'ellas não lembrara amtre nos e amtre hos Mouros, camdo todos víssemos que, com rreceo d'el rey de Fez,

sse desfazya fortelleza que tão bem aquabada estaa. E sse elle, Senhor, cuida como ha de conbater esta fortelleza, e por ssuas estamcias para defemder ha emtrada do rrio, aparelhemos-nos para lha defender, e para lhe fazer hüa torre, hou hum par d'ellas, homde aguora tem suas estancias na boqua do rrio. E sse a vos parece que he trabalho fazer esta torre onde elle aguora tem suas estamcias, mais trabalhozo lhes parecera a elles de ho defemderem, e de terem alli aquella força muitos dias, porque ei rei de Fez pagua muito pouqua jemte, e elle para soster aquellas estamcias ha mister que tenha muita e mui boa. E a paixão que há nossa jente aguora tem nese castello, prazera e Deos que mui cedo terão muito prazer, porque a guerra he joguo, e no joguo ha hy guanho e perda, e poys Vossallteza tem muito guanho na guerra, louve Deos e comporte-sse nesta pequena perda e trabalhe de sse rremedehar. E ho rremedio por aguora eu não faria ali ssenão defender-me, e não trabalharia de hofemder por aguora, e depois tempo ha hi para ho que Vossallteza quizer.

E aliem de comprir muito soster-sse este castello, pollo que cumpre aquelle castello e aquella terra, muito tãobem cumpre, pollo que toqua ha questa terra, porque, sse aquelle castello sse desfizesse loguo, que não havia Halarves de pazes, nem Allmedina; e ysto, Senhor, porque estes Allarves, nem Almedina não havião de samehar a terra, porque averão por certo que ei rei de Fez hou os sseus allcaides verião qua cadãno que quiserem; e eles não hão de querer ter guerra com el rei de Fez, porque ho não hão de poder ssofrer. E por ysso leyxarão esta terra, não porque não ssejão mais comtentes de voso ssenhorio que de nenhum rrey de Mouros, pollo que tem visto atee qui, mas mudar-ss-ão porque não poderão ali fazer, e não quererão llavrar em terra domde cadano lho comera a jemte d'el rei de Fez sse quiser.

E allem d'estas perdas emcolhe Vossallteza os hanimos dos Purtugueses, que ateguora os tiverão mui gramdes, Deos sseja louvado, e prazera a elle que ssempre os terão, sse este castello mandardes fazer.

E porque has cousas do castello de São Johão homem não sabe certo ho que Vossa Alteza niso mandara fazer, detenho esta jemte que Vossallteza mandou, que serão cemto trimta homeens. Hehassi tenho aqui detidos coremla besteiros que me viherão do castello de São Johão; e huns cemto homeens que me mandou Dom Pedro d'Azamor, que lhe vierão do castello de São Johão. Como el rei de Fez sse de qua foi, loguo os mandei ao castello de São Johão, e Dom Pedro de Loronha coelles, e que toquassem em Azamor, para ver sse tinha Dom Pedro algua nececidade d'elles. E assi mandei huns cemto homeens, que me haqui vierão do Fumchall, que me mandou Manuell de

Loronha, ha que Vossa Alteza deve de mandar muitos aguardecimentos. E assi mandei huns trymta homeens, que me mandou Tristam Teixeira; peço a Vossalteza que lhe mande aguardecimentos.

He não leixo, Senhor, muita jemte para quem estaa em emtrada de imverno, deyxamdo el rei de Fez dito, como lla acabasse has cousas no castello a sua vontade, que loguo havia de fazer volta, ho que prazera a Deos que nunqua assi sera, mas que has aquabara Vossalteza a sseu prazer, e elle nunqua mais qua tornara, porque bem danada nos leixou esta terra, e compre a sseu serviço que haguora nos favoreça dobrado, porque ha hi mui fracos muros e pouca jemte, e ssobre estes muros não fallo nada, porque loguo espero de mandar a Vossa Alteza rrequado ssobrysso.

Nosso Senhor acrecemte a vida e rreall estado de Vossa Alteza a seu santo servyço.

De Çafim, aos xb dias d'aguosto.

Beijo has reaes mãos de Vossalteza.

Nuno Fernandez da Tayde.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 17 de Agosto de 1515

A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXLVIII, pp. 736-739.

Senhor,

Comtar a Vossalteza toda a neguoceaçâo que tive em comcertarmos Xiatima, pera a tirar das mãos do Xerife e d'Abeda, have-llohia por trabalho de ho lier, e por ysso, Senhor, o não faço, mas ho Hadaill ho podra bem contar a Vossalteza, que passou todas estas paixõees. E eu, Senhor, ho tinha la posto em Xiatima com coremta ou cincoemta de cavallo, estamdo tudo mui danado e mui emburilhado, e estava na Sserra do Ferro, e mãodou-me dizer que, pera elle arramcar em aquelles aduares d'os d'Abeda,

e pera Abeda não emtemder nelles outra vez, que devia d'ir com toda a gente Aguz, porque d'alli hos favoreceria e faria aquillo que me bem parecesse.

Partii loguo d'aqui com toda a jente, e cheguei a véspera Aguz, e não tive nenhum rrequado sseu aquelle dia; e quamdo veo ao houtro dia a vespora, mandou-me dizer, por hum Mouro e por hüa atallaya, que lhe fosse dar costas atee o porto, que ssão duas leguoas aliem d'Aguz caminho d'Alljuma, porque hos d'Abeda lhe querião levar hos aduares de Xiatima por força, como de feyto lhos tirarão por força. E comtudo allguns aduares levarão de Xiatima, que elles não puderão allcamçar.

E mãodey adiantar Dom Afomso meu jemrro com hobra d'outenta de cavallo, e foy diamte de mim, e foy-sse pôr no porto e eu fiquei detrás d'elle co ha houtra jemte, e mandey-lhe dizer que dahi não passasse. E hahi hachou rrecado do Adahill como ficava lla na traseira d'allhella, os aduares assemtados. E emtão nos tornamos dormir em Aguz, e elle ficou lla.

E ha ho outro dia, polia manhãa, veo-me faltar Guaneme, Mouro d'Abeda, que não deixasse passar Xiatima o rrio que lhe comeryão hos sseus paêes, he qu'elle passaria loguo hos sseus haduares e por isso me lleyxou dous Mouros em arrefeens; e pêra ysso lhe tomei tres dias d'espaço, e eu vym pêra a cidade, e ficarião co Hadaill coremta de cavallo. E camdo eu vi qu'elle não compria, tomei emtão Guaneme, e ssoltei hos outros, e que fossem fazer passar a sua cabillda que e a terça parte d'Abeda; e como elles la forão, loguo começarão a fazer passar hos sseus aduares d'Abeda.

E neste meo pareceo bem ao Adaill entrar co esses coremta de cavallo e com Xitima co esses poucos que ficarão; e foy entrada d'omem de guerra, porque, allem da boa avemtura que esperavão, aquillo era causa d'Abeda passar o rrio mais asinha pêra nos; levaria trezemtas lamças de Xiatima e mille quinhemtos homens de pee, e hia dar nua aldeã a que chamão Ytebuatimão que teria cemto cimcoenta vezinhos, he he da Rrehalla, e estava catro leguoas de Tedenez e aliem de Çifaluet. E quamdo chegou, era ja halldea allevamtada, porque foy avisada de noyte; e camdo chegou a ella, achou que a jemte hia aimda muito perto d'alldea, e sseguio apôs elles com toda a jemte, e por a névoa ser gramde e mato, espalhouse a jemte, e achou-sse ho Hadahill a hüa parte e rrecolheo dez hou doze de cavallo com catro ou cimco Mouros, etomou cincoenta e sseis almas. E Dom Garcia d'Eça, sseu cunhado, foy ha houtra parte e tomou vinte e hüa. E lhe morrerião quymze ou vimte allmas e nenhum Cristão, louvado sseja Nosso

Senhor, e nem foy ferido. E os Mouros trouverão muito guado e muito despojo, de que elles ficarão allgum tamto comtemtes da perda passada.

E vimdo com a cavalguada, vierão esses primcipais ao Adaill pedindo-lhe cincoemta allmas d'aquellas que trazya, que erão de Xiatima, das que o Xerife lhe tomara na pelleja passada, e elle lhas deu, com que eu muito follguei, que assi he serviço de Vossallteza oy mor feyto dar-lhas que traze-las, posto qu'elles d'y rrecebessem perda, acrecemtou muito em nossa verdade; e assim trouve vinte duas a cidade, Deos sseja louvado.

Leyxou o Adayll estes aduares de Xiatima comeertados com Abeda, e estão ssobre Aljuma, que sserão obra de sesemta aduares. Este feyto, Senhor, foy mui gramde, e que nos muito ystimamos; assi creo, que ho ystimara Vossallteza.

Nosso Senhor acrecemte a vida e o rreall estado de Vossallteza a sseu ssanto sserviço.

De Çafim, aos xbij dias d'agosto de bcxb annos.

Beijo as rreaes mãos de Vossallteza.

Nuno Fernandez da Taide.

Carta de Álvaro do Tojal a D. Manuel, em 21 de Agosto de 1515

A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 12.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CXLIX, pp. 740-744.

Senhor,

Domingo ssoll posto, xix dias d'agosto, achegou aquy Chrestopvam Nunes, moço da camara de Vossa Alteza, e me deu hüa carta em que me mandava que lhe mandase dizer meu parecer, de como a terra ficava e se poderia ainda servir de qua d'algum pam.

A terra, Senhor, ficou ainda com muito pam, e el rrey de Fez nom destroyo tamto quanto cuidavam, que das sete partes nom destroyo as tres e alem d'ysto os

Barbaros de Binimagre se foram todos, homde fiqua pam, e atambem estes nossos Allavees trazem de Xiathima, domde agora vem, muito pam; assi, Senhor, a terra tem ainda muito pam. Mes esta aqui hum reveis, que nam sabemos sse quereram vender, por os descomcertos de gueras que trazem consygo, e ssobre tudo Abida nom he ainda achegada; esta agora ssobre Manabre, e vinha toda asentar nestas suas terras, e agora nom sabemos se quererá andar por diamte ou tornar por detraz com esta nova da Mamora.

E Garabia esta hum terço d'ella asemtada ssobre Çarnom, e os principaes e os outros vem lla por cima por as Ssalinas e atambem vinham asemtar ssobre suas terras, e Cejay com elles de vollta, e atambem agora nom sabe homem qua o que faram com esta nova da Mamora. Mes ja agora Çarnom tem mais pam em covalho do que lhe comeo el rrey de Fez.

Oleyd Dambrão Thelym e Oley Zobeta e Oley Daquoo estam asemtados de Tazarrote athe Allmedina, e athe Tagarante, que são as seus terras; e Garabya correo a huns aduhares d'Oley Zobeta, que estavam asemtados juntos d'Allmedina, e roubarram-os, e queimaram-lhe as tendas d'aquelles aduares amboos, e amtre ellees a pergoado guerra. E o Capitão anda agora em ver se os poderá concertar, o que nom sei se o poderá fazer, porque estes Mouros vem quam pouquos ssomos e quam fraqua temos esta cidade; e depois como lhe acheguar esta nova da Mamora, nom sei quanto daram por os Cristãos.

E Xiathema, Senhor, esta junto d'Aguz d'alem do rio, e vem toda roubada, que a rroubou Abida com o Xarifee; amboos partiam o que asy lhe roubavam, e quando homem, Senhor, vio aqui agora Abida asy desmanchada, que nos aqui thevemos por fyell, nom no themos a boom synall. Allmedina tem ja mais de mill cassas e segundo a nova que aqui themos he que vem agora pêra ella muyto mais gemte do que estava, porque de demtro de Marroquos se vem, e d'outros lugares da sera. E atambem Garabia correo a huns Micenjaees e mataram hum Mycynjae, dizendo que os d'Allmedina que lhe hyão a roubar seus pãees.

E asy, Senhor, que esta terra esta toda revollta, e nos parrece que, tamto que a elles acheguar esta nova da Mamora, que ainda a de ser mais revollta, e nos theram aquy em muita pouqua conta, e nam daram nada por mandado e rogo do Capitão. E por todas estas cousas, eu nam saberrei dizer agora o certo a Vossa Alteza, athe que Abida e asy Garabia nom asentem em seus terras, e com ho assento com que vem, e como asemtam seus amizades huns com os outros; mes da terra ficar ainda com muito pam, nam haja

nysto nenhüa duvyda, e de o quererem vender ou nam nom no sei por respeito de seus gueras huns com os outros, e despois com esta nova da Mamora.

E por outra parte a aqui outra oupinyam de Judeos, e asy d'alguns Cristãos, que dizem que estes Alarvees am de vender todos seus pãees com medo del rrey de Fez aver de tornar a esta terra: asy, Senhor, que agora nam saberrey dizer o certo a Vossa Alteza; mes, se elle vyer, nam falera a boa deligencya e o mais que pera ysto for necessario; e pois, Senhor, allguns vam d'aquy, poder-lhe-aVossa Alteza atambem preguntar por desposyssam da terra quejanda esta.

E estes outros lugares de junto do mar que sam Comte e Haer e Oeres e Ssorgedim, todos ja ssam povorados, e os allcaydes d'estes lugares vieram fallar todos ao Capitam e asy o allcayde de Manabre, e asy Tazarrote, e asy outros lugares todos; ssobmemte Binynagre este todo foy com Allee Symão e Tythe todo foy; mes todos vem com medo d'el rrey de Fez tornar a esta terra; mes prazera a Nosso Senhor, que ainda peraquy lhe dara o pagamento de seus vindas.

Abida, Senhor, esta muy danada e amiga do Xarifee, de que temos maao synall tendo-a por a mais fiell que todos estes Allarvees; e se elles nam venderem allgum pam, esta cidade theria muita afromta de fome, se lho Vosa Alteza nam mandar.

Eu mando aqui a Vossa Alteza hum lanço, que llançaram huns Judeus nesta vossa allfamdaga: veja Vossa Alteza o que he mais seu servyço, e se quer abryr o lanço que Ysaque tem feito; e se o abrir e esta terra asemtar, mais a de crecer a meu entender.
E d'este dinheiro que qua tenho gastou o Capitam allgum neste ssoquoro e porque o outro esta mui bem guardado pera quada vez que Vossa Alteza o quyser mandar entreguer allguem ou mandar levar. E se Vossa Allteza houver de mandar aqui fazer obras, como o Capitão manda requerer a Vossa Alteza e como sam necessárias pera esta cidade, alembro que mande buscar hum muito boom mestre, e que nam seja d'alguns que hy ha que andam ja cevados a estas obras de longe de Vossa Alteza, e o que am de fazer com trezemtos millreis nam no fazem com quynhentos mill. Este mestre a V. A. de mandar escolher, e nom seja gordo; e asy hum muy vante homem por veador d'ella, em maneira que nam gastem mail vosso dinheiro, e que se doam d'elle.

Eytor Gonçalves, o feitor, ainda me nam entregou nada, anda agora nysso; tanto que entreguar espreverey a Vossa Alteza o que me entrega; e em cada navyo, que d'aqui for, espreverey a Vossa Alteza como (esta) a terra e se vem algum pam a vender.

Nosso Senhor acrescente os dias e rreall estado de Vossa Alteza.

De Çafin, xxj dias d'agosto de mil bcxb.

Allvaro do Tojal.

Carta de Lopo Barriga a D. Manuel, em 22 de Agosto de 1515

A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 51.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CL, pp. 745-749.

Senhor,

Heu nam respondi a Vossa Alteza, as cartas que me mandou, porque ho tempo nunqua mais deu vão pêra isso, porque, Senhor, despois que ei rey de Fez veo a esta terá, eu nunqua mais tirey as armas das costas em todo ho tempo que elle aqui andou. Eu, Senhor, fui quatro vezes ao seu arraal, e tantas vezes que nos aqui correram, ja Vossa Alteza terá sabido do Capitam como elles foram ferados do meu fero. E tanto, Senhor, que d'aqui abalou pêra a ribeira d'Aguz, eu fui logo ver onde estava asentado; e depois que dAguz se partyo, se foy pera Benimagre, donde estivemos sem termos nova pêra onde hya.

E neste meo tempo vieram dous Mouros principaes de Xeatema, e diseram ao Capitam como Abeda e Grabia, com ho Xerafiz, deram nelles heos roubaram, e que el rey de Fez era ja abalado de Benimagre, e que eles estavam na sera do Fero com vinte e tantos aduares, e a outra parte toda de Xatema estava sobre Tafetana, porque, cando deram neles, se ppartiram em duas partes; e que pêra isto lhe pediam que me mandasse com eles, amtes que sse acabasem de perder de todo. E o Capitam tinha por nova, que el rey de Fez era ja abalado seu caminho; entam me preguntou sse iria lla; e eu, Senhor, lhe respondi, sse lhe parecia serviço de Sua Alteza, que eu iria de mui boa vontade.

Entam me fiz prestes, e logo aquela noute meu sobrinho Pero Bariga partyo com cinco de cavalo, e foy amanhecer com elles, e eu parti logo pela menhã com trinta de cavalo, e Dom Garcia meu cunhado comigo; e eu, Senhor, alem d'Aguz dous legoas, achey hum espravo negro, que vinha fogido do arraal, e disse-me que el rey de Fez ficava ainda em Binimagre e a Enxouvia em Tazerote. E comtudo foy por diante, e foy

ter a ssera onde estavam estes aduares; e do dia que la chegei a cinquo dias se nam foy el rey de Fez de Binimagre.

E tanto que chegei aos aduares, mandei hum troteiro a Abida e Grabia, e outro tinha ja meu sobrinho mandado, e asy mandei outro a outra parte de Xeatema, porque se viese ajuntar comnosco; e elles, tanto que viram as cartas do Capitam e souberam que eu aly estava, abalaram logo pêra nos. Tanto que os d'Abida e Grabia souberam que elles abalaram, ajuntaram-se todos com o Xarife e tornaram a dar neles, e roubaram-nos de todo. E depois ao outro dia se fizeram prestes, e seus pregões dados pêra virem dar em mim, e nos outros aduares que tinha comigo. Quis Nosso Senhor que ouve desconcerto neles e nam vieram. Eu, Senhor, estive ali até que recolhese estes roubados a mym e abalei com elles, e vim-me asentar na ribeira d'Aguz, e fiz asaber tudo ao Capitam e estive aly dous dias. E entam me mandou o Capitam hum recado que foy neseçario vir-me; e tanto que os Alarves viram que me eu vinha, logo mandaram sseus recados aos d'Abida que viessem por eles, como de feito vieram logo bem trezentos de cavalo, e levaram-nos pêra onde elles estavam.

E eu, Senhor, tanto que chegey, dey toda a conta ao Capitam e fiz-lhe logo mandar tres de cavalo a mata cavalo, e foram alcançar os aduares e os que os levaram em Aljuma, e riqueri-lhe, da parte do Capitam, que os nam levasem, e que o Capitam vinha em pessoa, como de feito logo parti o outro dia pola manhã e foy ter Aguz, e d'aly me mandou com trinta da cavallo, e Dom Garcia comigo, e fomos dormer Aljyma, e outro dia pela menhã cavalgamos e fomos alcançar parte dos aduares duas legoas de Tedeneez, e herao com eles bem cento de cavalo, e tomamos-lhes bem corenta aduares por força, e os outros eram ja alem de Tedenez. E mandey recado ao Capitam que viese por diante pêra nos favorecer; e logo mandou seu jenro com cento de cavalo ao porto onde vinham os aduares, e esteve abi até noute e d'aly tornou a dormir Aguz; e eu, Senhor vim dormir Aljuma na treseira dos aduares. Aquelle dia veo hum principal d'Abida, e dise ao Capitam que nam deixasse pasar Xeatema o ryo, que elle trazeria sua cabilda d'aly a tres dyas; e pêra isto deixou dous de cavalo em arrafês. Entam, Senhor, se veo o Capitam pêra Çafym, e me mandou fyquar la, eestive cynqo dias; e o Mouro nunqua comprio, ssomente tinha sua tenda comnosco; e entam, Senhor, vym a cidade soo a falar com o Capitam, e fyz-lhe lamçar mão d'aquele principal, e soltar os outros. E tanto que lla foy, logo começaram de pasar alguns aduares; e tanto que vy que alguns aduares passavam, cavalgei com corenta de cavalo, que la tinha, e alguns Mouros de Xatma, e fomos a hüa aldeã, que se chama Telmez, e aly começamos de apartar os

aduares de Xeatema. E d'aly detreminey de entrar, com aqeles coremta de cavallo e alguns de Xatema, destes que escaparam, que seriam bem trezentos de cavalo, mãos e bons, e hobra de mil e quinhentos Mouros de pé; e hiamos dar em húa aldeã da Rregalla, que se chama Hiteboatimam, que he alem de Cifenoel, quatro legoas alem de Tedenez. E foy avisada por hos d'Abida que hiam comnosco, e tanto que demos naldea, achamos despejada. Achei nova que a gente hia preto, e cando chegamos aldeã fazia grande névoa, e espalhamo-nos cada hum por sseu cabo, e tiveram comigo doze de cavalo e alguns Mouros, e tomey cinqoenta e seis almas, e Dom Garcia tomou a outra parte vynte e tantas; e d'estas almas lhe demos cynqoenta e seis, que eram das que o Xarife lhe tinha tomadas, e os Mouros tomaram muito gado meudo e vacum, e muito despojo, que tapara algum da perda que receberam d'Abida. Dou toda esta conta a Vossa Alteza porque estes serviços a tall tempo alomiâo a terá.

Novas, Senhor, dos Alarves: algüa parte d'Abida he vinda, e asy de Garabia, e toda a gente principal esta por vir; dizem cadadia que vem; eu, Senhor, nam o ey de crer senam cando ho vir. Digo isto a Vossa Alteza pêra que saiba a verdade da tera; esta gente anda toda danada, e segundo esta nova que agora ca temos da Mamora, compre que andemos sobre avisso.

Canto he, Senhor, ao que Vossa Alteza diz acerqua d'ir por terra ao castelo de Santa Cruz, eu esperro em Nosso Senhor, se a terá torna assentar a vosso serviço como homem desseja, que Vossa Alteza seja servido como na sua diz.

De Çafim, a xxij dagosto.

Nosso Senhor acrescente a vida e real estado de Vossa Alteza a seu santo serviço.

Beyjo as reaes mãos de Vossa Alteza.

Lopo Barriga.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel,
em 27 de Agosto de 1515

A.N.T.T., *Gavetas*, Gav. 20, maço 2, Nº 61.

Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CLI, pp. 750-753.

Senhor,

Quamdo aquy chegou Crystovam Nunez, moço da câmara de Vosa Alteza, eu tynha ja Alvaro d'Atayde despachado co rrecado de como estava esta cidade e assy a terra; e por ysso, Senhor, o detyve estes poucos de dyas mais pera lhe escrever o que qua depois passou; e sse lhas ouvesse de dar todas polo meudo, emfadar-se-ya de as ouvyr porque sseryam muy largas.

Mas eu, Senhor, porque vy que Abyda nara passava o ryo ao tempo que fycou comygo, e eu nam tynha Xiatyma segura, qu' estava alem d'Aguz duas legoas, e asy o Adayll e os Crystãos qu'estavam co eles, mandey emtam o Adayll que pasase Xiatyma d'esta banda d'Aguz pera qua, por hüa revolta que ouveram o dya pasado corn Abyda; e asentaram aos poços qu'estam no meo camynho d'Aguz aquy, omde agora estam.

E ontem domynguo xxbj dyas d'esté mes, fuy la com toda a gemte a sosega-los e po-los em paz com dez ou quynze aduares d'Abyda e Gyja que junto d'aqueles poços estavam gardamdo sseus pães, que estavam nos ergens porque aly tynham seus emçarramentos. E quamdo la chegei, achey-os na peleja, Abyda e os de Xiatyma, polo pam que lhe levavam, em que mataram cynco ou seys de Xiatima. E parece-me que ss'eu aquele tempo nam chegara e o rapique fora nallhela, todos aqueles d'Abyda morreram porqu'eram poucos.

E depois que os apartey fuy-me allhela, omde nos receberam muy bem; e d'aly mandey Ganeme com hüa carta ao azemel d'Abyda, que, se dahy a quatro dyas nam pasassem o ryo, qu'eu porya Xatyma nas suas terras; porque nam estava em rezam os vasalos de Vosalteza qu'elesdestroyram e acolherem-sse ao Capitão de Vosalteza e nam lhe valer.

O recado, Senhor, sera quy quynta feyra com sua detrymynaçam; eu espero em Deos que sera a vontade de Vosalteza. E loguo fyz rahalar os aduares d'Abyda e Xiga, que ali estavam, para Çafi, pêra os tyrar de pendenças.

A mor parte de Garabya, que estavam com Abyda, ja pasaram o ryo e estam junto com Benimagre, e vem asentar em suas terras, e asy sam bem vynte aduares d'Abyda passados, e estam junto com Çafy; e dam nova que vem a outra alheia, e o azemell he traseyro de todos. Muy cedo, Senhor, saberemos a sua vontade e a detrimynaçam d'eles. Eles me tem escrito muytas cartas, em que dyzem qu'estam a servyço de Vosalteza mes que se detém la por pouparem sua terra e sseus pães, porque tudo ysso tem Xatima a sua vontade.

E por estas cousas que nam estavam bem asentadasnem seguras, eu não mandey jente a Benymagre a garda-los pães, pois que eirey de Fez levou os Barbaros, porque, mandando muita jente, nam tynham quem lhe dar de comer, e mandando poucos, nam estavam seguros. E depois que alguns aduares d'Abyda pasaram o ryo, mandey la o Contador, com dez ou doze de cavalo e outros tantos piães; e apos ele mandey algüas bestas d'aquy da cydade, a metade para o celeyro e a metade para eles. Foram la duas ou três vezes; e por as bestas serem poucas e ho caminho ser longe, pareceo-me que nam tyravamos dysso muito proveyto, nem qu' era bem qu'estevese aquela jente tanto fora. Por ysso mandey dyzer ao Contador, se podesse la fazer algum partydo co esses d'Abyda, porqu'esta Benymagre em suas terás, que ho fyzesse. Ele ho fez por trezentos camelos de cevada; aimda nam veo nenhüa ategora, porque, ao tempo que o Contador mandava polos camelos, o mandey eu vyr, porque mandey pasar Xatyma pêra qua, porque nysto tyve raceo d'Abyda receber algüa alteraçam; a quall, Senhor, nam recebeo. E outro dya, que ho Contador aquy chegou, mandey logo partyr o Almotace, qu'eu trago por Alcayde em Abyda, com outro de cavalo, a fazer vyr estes camelos do comcerto. Espero em Deos que os ajamos.

Xerquya estam em Uharar, hüa alagoa grande, e jaqui estevera em Almedyna, senam fora hüa roymdade que lhe fez Oarabya; mes agora, Senhor, espero aquy por Xerquya, e concertálos-emos.

Oley Dambrão esta hum pouco mays arredado polo erro que fez a Garabya e a mym co a vynda d'el rrey de Fez; e porque tudo anda revolto se sofrem estes erros, e porque sua terra esta muy comesta, e tem pouco que perder; mes a seu tempo os castigara omem, prazendo a Deos.

Almedyna a myll moradores ja nela, e esperamos que aja hy mais, se formos seguros da vynda d'el rrey de Fez. Agora, Senhor, lhe mando la outro par de portas, e ho mestre para lhas fazer; e se Çafy for forte e Azemor, espero em Deos que nunqua mays qua torne. Os lugarynhos da Duquela dos Barbaros ja sse começam a povoar, e assi

esoutros lugarynhos d'alem do ryo; somente Benymagre, que nam tem nenhüa pavoaçam. Espero em Deos que muy cedo mande outra nova da terra mylhor qu'esta.

Nosso Senhor, acrecente a vyda e real estado de Vosalteza.

De Çafy, a xxbij dias d'agosto de bcxb.

E o mays qu'eu aquy nam dygo das novas da terra e revolta dos Alarves, Crystovâo Nunez as dira a Vosalteza, que ja vyo parte d'ysso comnosco no campo.

Beijo as reaes mãos de Vosalteza.

Nuno Fernandez da Taide.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 19 de Setembro de 1515

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 18, Nº 100.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CLII, pp. 754-758.

Senhor,

Vosalteza me mandou dyzer que lhe mandasse dyzer como fycou a terra do prymeyro d'agosto, porqu'emtam lh'escrevy eu como ela fíycou depois da yda d'el rrey de Fez. Garabya tenho aquy por Cernu e derrador de Cafy e tras muyto pam; e porque ho pam nam vem senam de Garabya, nam ousamos dabayxar destas quatro dobras qu'eu mandey Alvaro Togall que comprase por este preço, porque me parecer asy servyço de Vosalteza; e a causa d'esté preço me parece que vem tamto pam mais que dyzerem que o vemdem todo, com medo d'el rrey de Fez.

Álvaro Togall me dysse que terya ja comprado sseysçemtos moyos de tryguo e çemto de cevada e a cidade esta farta de quam famynta estava, Deos seja louvado. E jagora estam todos muy ledos de Vosalteza aquy mandar comprar, porque lhe parece que lhe dará de comer o vosso çeleyro se o eles nam teverem, como nos jaquy deu Alvaro do Tojall as padeyras e ao povo que nam tynha ja nenhuum quando estava el

rrey de Fez em Çernu e sobre Aguz; e nam ganhou Vosalteza nada coeles, porque se lhe deu polo preço. Garabya me tem ja paguo tudo o que devyam d'estano e Abyda teram paguo açerqua a metade da divyda d'estano e ysto antes que se alevantasem com a vymda d'el rrey de Fez.

A metade d'Abyda esta do ryo pêra qua, de Benymagre pêra qua, e outros polas Salynas, e os outros alem do ryo junto com Oley de Meta. Aquy me vyeram ver os primçypaes d'eles e m'es crevem muito boas cartas e com boas palavras, dyzemdo que, por hy nam aver agoas, se nam achegam pêra qua; que como vyeram, loguo pagaram a Vosalteza. E eu, Senhor, tudo ysto lhe creo, s'el rrey de Fez nam vyer e na sementeyra veremos a verdade de tudo.

De Xiatyma, Senhor, estou muito contente et de Çyde Bugyma prynçipallmente. Prazera Deos que lançaremos este Xarife fora d'aquele castelo e tudo se fará bem.

Quanto he a parte de Xerquya, Oley Dambrâo, polo erro e trayçam que fez a Garabya, esta em Marrocos e sey que deseja bem sua terra. Sestoutros Alarves asemtarem, também cuydo que vyram. Garabya com Oley Zobeta estam descomcertados, por hum descomçerto que Garabya fez a Oley Zobeta nhuns três ou quatro aduares em qu'eles deram; e nysto, Senhor, muyto arraram contra mym, mes eu lho sofry por outros erros que ja Xerquya fez a Garabya. E também nam quys apertar coeles pêra lhe tornarem tudo o que lhe tomaram, por sse nam yrem de mym anojados porque nam teveramos emtam nenhum pam nem que menos desse de comer. E por esta vya e por outras muytas rezões qu'y ha pêra dar, sofry esta mascarra, porque me pareçeo asy vosso sservyço.

Amenha vem aquy Meymão coeles, pêra comcertarmos estas amyzades. E Almedyna esta ja muy bem pavoada de gemte e com pouco aseseguo coestas cousas d'el rrey de Fez. Os lugarynhos da Duquela contra o mar estam muy bem pavoados. Os quatro lugares de Benymagre estam sem nyngem, porque se foram com el rrey de Fez por sua vontade. Os lugares de Benamer levou ei rrey de Fez quasy toda a jente com emgano. Nam torn'ele qua mais e nos os pavoaremos, prazendo a Deos.

De Benymagre teremos aquy açerqua de duzentos camelos. Com trabalho se ouveram, porque tynha muytas acupações por lyvrar Xiatyma do Xeryfe e d'Abyda qu'estavam aimda abalados da gera que teveram. E d'estes lugarynhos d'aquy derrador, todos trouveram sua paga. De Xerquya aimda espero em Deos d'aver algüa paga com todo roubo que huns a outros fyzeram e co que lhe comeo el rey de Fez.

Nam saberey dyzer a Vosalteza o pam que se aquy poderá comprar estano, porque tudo he de revolta, mes conprar-s-a quanto podermos; e com medo de nos nam vyr, nam ouso de mandar abayxar o preço até qu'estemos tam fartos que quyzermos por onde quysermos. E com toda esta fartura, Vosalteza nam dê nenhuns alvaras a nyngem pera que tyre d'aquy nenhum pam, porque fartarmos-nos e acodyrmos Azemor com algüa cousa. Nam he tam pouco peragora e prazera Deos que faremos mais qu'ysto qu'eu aquy dygo.

Vosalteza mandou que soubese os xeques que ho bem fyzeram nesta vymda d'el rrey de Fez, pera lhe fazer algüa merçe. Eles, Senhor, tem nyso tam poucos prymores que bem se poderá passar por cyma d'ysso, mes fará ornem algüa graça aos que se chegarem pera Çafy e pagarem o que devem a Vosalteza, por ser neste tempo.

Eu mandey a Dom Pero de Ssousa as cartas que lhe Vosalteza mandou em logo aquy chegando. E o alcayde quele trazya cos sseus Alarves, nunqa o aquy mays vy d'ora a dous anos que sse d'aquy foy. Amtes me dyzem que se foy d'eles e qu'esta em Marocos. Estas, Senhor, sam as novas de como agora qua esta terra até feytura d'esta carta e prazera Noso Senhor pola sua meserycordya que de bem em mylhor yra sempre.

Bejjo as reaes mãos de Vosalteza por me tomar Bertolameu d'Oliveira portador desta por seu escudeiro e sey… pera ... estes camynhos quamdo comprir a seu servyço.

Nosso Senhor acreçemle a vyda e real estado de Vosa Alteza a seu samto servyço.

De Cafy a xix de setenbro de quynhentos bcxb anos.

Beyjo as reaes mãos de Vosa Alteza.

Nuno Fernandez da Tayde.

Proclamação de Nuno Fernandes de Ataíde às tribos,
depois de 19 de Setembro de 1515

Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CLIII, pp. 759-760.

Ouvydo mamdado do Capitão de Caffym por el Rrey noso senhor, a vos a cabylda de Abyda e Barboros de Benimagre e cabyla d'Oley Dambrão e os da cydade d'Almedyna e cabyla d'Oley Çobeta e cabyllda d'Oley Dambrão d'Escahuum com todos a vos achegados da nossa paz e assy a cabyllda d'Oley de Yça bem Dahuu e a todolos Barboros que ssâo trabutaryos a ell Rey nosso senhor e assy Alarves de Xatyma e lugares de Barboros que nos tem dados arrefens, mando que, de todalas cousas que ssâo passadas antr'os Alarves e Barbores que aquy ssão nomeados e que comnosco tem paz, assy de mortes d'ornens como de molheres fforçadas, bem casadas ou mail casadas, como dyvydas e assy erdades em campo, as que ao tempo que comigo ffezerão pazes erão ffeytas, eu as ey por passadas e por perdoadas que té o dya das pazes forão feytas, eu as ey por perdoadas, e assy me praz que nenhüa jostyça entr'eles não possa emtemder, salvo sse as partes de sua propya vontade não quisserem descarregar suas conçyençyas e ysto por atalhar demandas e por não gastar suas ffazendas e por a Duquela vyver em paz, e assy me apraz e hey por servyço d'el Rey noso senhor que nenhüa outra paga não fação as ditas cabyldas d'Alarves e Barboros, senão a que esta escryta nos lyvros dei Rey noso senhor. E porque asy o ey por bem o mandey apregoar por todalas ditas cabylldas e lugares da Duquela.

Carta da guarnição de Azamor a D. Manuel,

Em 30 de Setembro de 1515

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 18, Nº 108.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CLIV, pp. 761-763.

A el Rey noso senhor.

Senhor,

Os fydalguos, cavaleiros, moradores d'esta vosa cydade d'Azemor fazemos saber a Vosa Alteza de como pasa de dous annos que estamos nesta cydade servyndo, sem em todo este tempo nos prover Vosa Alteza de nenhüa cousa que a esta cydade comprise, asy de jente como de mamtymemtos, mamdamdo la Alvaro Cabrall a yso, e aguora ho Contador que nos esperávamos que trouvese jente e mamtymemtos, do quall, Senhor, nom vymos cousa nenhüa, somemte byzcouto; e tanto que hos Mouros vyriam que ho Contador nom trouxe jente nenhüa de cavalo, como lhes nos tynhamos dyto, loguo se alevantarom e foram todos com seus aduares, a saber: huns pêra a Emxouvya e outros pêra ho senhor da Sera e pêra Marrocos e esperam cada dya por ei rey de Fez e dyzem que tanto que pasar este mes de houtubro, em que se acaba seu romedam, que he logo conosco com cerco, por bem do quall pedymos a Vosa Alteza de mercê que se alenbre de Dom Joam de Meneses, que hera hum cavaleiro coall Vosa Alteza bem sabe, e que, estamdo nesta çydade com muyto mamtymento e com cinco hou seys myll homeys e com houto çemtas lamças, vos mandava, Senhor, pedyr socorro, sendo certo que nom vynha el Rey em persoa, somente Moly Naçer, e que estamos aqui muyto pouca jemte e tam pouca que ho nom pode Vosa Alteza bem crer, e hos Mouros das pazes todos de gera e alevamtados, e que temos hüa çydade muyto grande de goardar com hos muros derrybados per muytos logares e asy ho castelo, porque nom estaa da sorte que Vosa Alteza he emformado, e asy, Senhor, que as cousas d'esta terra estam de maneyra que se Vosa Alteza loguo as nom mandar prover com jente muyta e mamtymemtos, crea que nos verremos na mor neçesydade e afrronta do que se nunca vyo logar d'Afryqua. E portanto pydymos a Vosa Alteza que nos queyra loguo soquorrer, porque nom seja esta pyor do que foy ho de Arzylla, per bem do quall pydymos a Vosa Alteza que aja respeyto e hollhe a todas estas cousas com hos holhos d'alma e nam dê logar a se fazer quousa que depoys se nam posa emmemdar sem grande gasto e mor peryguo do que ao presente se faraa. E porque todas as cousas de que temos neçesydade nesta nam

podemos dezer, pydymos a Vosa Alteza que crea a Duarte Rodriguez que leva hos apontamentos que quumprem a goarda d'esta çydade e servyço de Deos et de Vosa Alteza.

Ho Senhor acrecente hos dyas e reall estado de Vosa Alteza.

D'Azemor, ho derradeiro dia de setembro de bcxb annos.

Afonso de Mello. — Anryque Vaz Lopes. — Afonso Vaaz Camynha. — Dyogo Jorge Caldeyra. — Silvestre Vaz de Proença. — Diogo Raposo. — Tomas Lobo. — Joham Pegado. — Ruy Garcia. — Symão de \ — Gonçalo Fernandez. — Gyll Afomso. — Lourenço Vaaz. — Joham da Sylva. — Alvaro Monteyo. — Antonio das Neves. — Martym Gill. — Luys Afonso. — Gomez Rarbudo. — Luis Mendez de Vasconcelos.

Carta de Nuno Fernandes de Ataíde a D. Manuel, em 15 de Dezembro de 1515

A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 19, Nº 155.
Documento publicado in *Les Sources Inédites de l'histoire du Maroc*, Vol. I, Archives et Bibliothèques de Portugal, Doc. CLV, pp. 764-767.

A el Rey noso senhor.

Senhor,

Eu tynha mandado dez ou doze de cavalo, e Pero Baryga co eles, ao azemell de Xiatima, que estava em Tacalyate, tres leguoas alem de Tedenes, pera os favorecer, e também pêra espiarem algua cousa d'aduares ou aldeãs; e pera ysso levaram cartas mynhas e asy de Cide Bugima, que fycou aquy emtam comygo; e nara no deyxey hyr por mays desemular a emtrada. Trouxera-me recado por hum Grystão e hum Mouro como estavam dez ou doze aduares d'Oley Çobea, que sam d'Ole de Meta, que numqa foram de pazes, na faldra de hüa serra, junto com dous castelos que estam no mais fragoso da serra.

Pareceo-me, Senhor, bem de mandar aos aduares, e mandey Dom Afomso com toda a jemte, fydalgos e cavaleyros que nesta cydade estam, e nam jemte de pé; yryam trezentas e trynta lanças e Cide Bogima co ele; e mandey que todos os Alarves do

azemell e os Crystãos que la estavam se ajuntasem em Tedenes porque, aimda que per aly torçeçem quatro ou cynqo legoas, mandey que fosem por aly, por parecerem qu'yham dar em outros aduares mais contra o mar.

E em Tedenes, se começou ajuntar a jemte e em Adeque foy toda junta, que he alem hüa leguoa; e d'aly partyram, que seryam duas oras ante soll posto, segumda feira três dias d'esté mes, e foram a fyo e os Mouros detrás, segumdo noso costume. E seryam de Xatima quatrocentas lanças e d'Abyda cento e cincoenta.

E em querendo, Senhor, amanhecer, pos Dom Afomso o Adayll com oytenta ou cem lanças dyante, e ele co a outra jente çogyam em outra batalha, e Alvaro d'Atayde fycou co estoutra jente costumada; e Ia pos hüa bandeyra de hüa cruz de Cristo que levava nhüa cevadeyra. E ao Adayll e ao guyam na dyanteyra, pareceolhe qu'eram os aduares mays perto, poios fogos que vyam na sera, e foram-se mays deteudo; e quando ronpeo alva, acharan-se hüa grande legoa d'eles. Correo emtam ho Adayll co a jemte que levava e Dom Afomso nas costas d'ele e Alvaro d'Atayde pegado co ele; e, quando chegaram, eram ja recolhydos a serra. Tomaram hüas quatro almas e mataram cinquo ou seys, e Antonyo Barba, com quatro ou cynquo de cavalo que se sayram da batalha do Adayll co ele, fyzeram ysto. Tomaram os Mouros as tendas d'estes três aduares qu'estavam aly juntos e algum despojo que ainda aly acharam e algum gado e poucos camelos.

E recolheo Dom Afomso toda a jemte dos Crystãos epouseram se em camynho; e quando vyo que os seus Mouros nam vynham, deteve-se emtam com suas batalhas, e mandou-lhe dyzer Cide Bugyma que se nam podya despedyr dos da gerra da sua jente de cavalo e de pee, e que lhe mandase algua jente pera se poderem despedyr. Ele emtam voltou com obra de cem lanças a troto e a galope a favorecer os nosos Mouros e todos eses fydalgos co ele; e quando os nosos vyram este favor, voltaram cos de guerra e mataram dous de cavalo. E asy os rrecolheo Dom Afomso todos, e eles vyeram-lhe beijar as rroupas e confesando qu'ele os tyrara d'aly corn omrra e sem peryguo, e os nosos Mouros se foram camynho do seu azemell e os d'Abyda pera seus aduares. Cyde Bugima veo sempre com Dom Afomso e veo por Abida, onde foy bem agasalhado d'Alarves. Chegaram aquy a esta cidade quynta feira a vespora.

Prazera Deos que, ainda que s'esta vez arrase, que outra ora se asertara a seu santo servyço e contentamento de V. A.; e pera ysto leva muito boa vontade Cide Bugima, por quam magoado fycou de se aguora nam acertar. E dyseram os Mouros a Dom Afomso que hum d'aqueles castelos fyzera o comde Dom Julyam; prazera Deos

que mays longe os fará Vosalteza nesta terra. E Crystovam Nunez dara comta a Vosalteza como isto pasou, porque foy neste feito, e asy ao qu'eu agora fuy a Garrabya com toda a gemte de cavalo e de pé.

Noso Senhor acrecente a vida e reall estado de Vosalteza a seu santo servyço.

De Çafy a xb de dezembro de bcxb.

Tenho aquy por nova certa que Mole Nacer, irmão d'el rrey de Fez, he morto, com que muito folgam os nosos Alarves.

Beijo as reaes mãos de Vosalteza.

Signé: Nuno Fernandez da Taide.